Ao nobre Amigo e eminente Collega
Prof. Samuel Pessoa,
homenagem cordial do

Oliv. Pinto

1 *Onychorhynchus swainsoni* ♂ n. 27625
2 *Ceratotriccus furcatus* ♂ n. 5382
3 *Pogonotriccus eximius* ♂ n. 28706
4 *Phylloscartes oustaletti* ♂ n. 28604
5 *Hemitriccus diops* ♂ n. 25557

CATALOGO
DAS
AVES DO BRASIL

— E —

LISTA DOS EXEMPLARES EXISTENTES
NA COLEÇÃO DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

POR

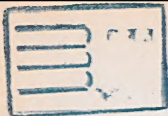
OLIVÉRIO MÁRIO DE OLIVEIRA PINTO, Dr. Med.
DIRETOR

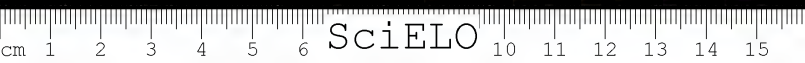
2.ª Parte

Ordem PASSERIFORMES *(continuação)*:

Superfamília TYRANNOIDEA e Subordem PASSERES

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SÃO PAULO — BRASIL

1 9 4 4

2.ª Parte

Ordem PASSERIFORMES *(continuação)*:
Superfamília TYRANNOIDEA
e
Subordem PASSERES

PREFÁCIO DA 2.ª PARTE

Já mais de um lustro se passou após a publicação da primeira parte dêste Catálogo, como volume XXII da série da Revista do Museu Paulista. Para tão grande demora contribuiram muitos fatores imprevistos, entre os quais a reforma que em janeiro de 1939 extinguiu a Seção de Zoologia do referido museu, criando às suas expensas o atual Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, e, consecutivamente, os encargos administrativos que em breve me foram cometidos na repartição recemfundada. Ademais, surgiram dificuldades de outra natureza, como resultado inevitável da grande calamidade que durante êsse período se abateu sobre o mundo civilizado, fechando grande número de nações ao convívio dos outros povos e, nas outras, suspendendo quase completamente as atividades científicas estranhas às necessidades de sua defesa e sobrevivência. Foi ainda em boa parte responsável por essa delonga o propósito de introduzir no trabalho várias modificações, tendentes a torná-lo mais completo e por conseguinte mais útil.

Em compensação, do imprevisto atrazo decorreram para o preparo desta segunda parte vantagens inestimáveis, bastando referir o impulso sem precedentes experimentado pelas coleções que servem de base ao trabalho, à custa de novas e importantes achegas. Fazendo abstração da grande série de material amazônico adquirido por compra, é esse progresso o fruto de numerosas expedições de coleta, empreendidas a princípio pelo Museu Paulista e depois pelo Departamento de Zoologia. Como nos anos anteriores, pude estar quase sempre à testa destas expedições, buscando antes de tudo orientá-las conve-

nientemente, no sentido não só de coligir as formas mais desejaveis, como ainda no de ampliar pela própria experiência o indispensável conhecimento da ecologia e distribuição das aves indígenas.

A despeito porem do que se tem conseguido realizar no campo da exploração avifaunística, há ainda no país extensíssimas zonas sem qualquer representação nas séries ornitológicas utilizadas na presente obra. De quase todos os estados do nordeste, nomeadamente Sergipe, Alagoas, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, a custo existirá uma só peça nas coleções do Departamento de Zoologia. Lacuna tanto mais sensível quanto relativamente à maioria destas províncias é igualmente muda a literatura do assunto. Daí não ser possível traçar em bases rigorosas o mapa completo da distribuição das aves do Brasil, as quais podem reservar ainda aos naturalistas interessantes novidades, no próprio terreno da sistemática. E', pelo menos, o que sugerem os resultados que obtive na breve expedição realizada em Pernambuco anos atraz.[1].

A necessidade de classificar os numerosos lotes incorporados incessantemente à coleção nêstes últimos anos tornou indispensável a revisão meticulosa do velho material. Isso, de par com as modificações taxinômicas introduzidas pelos que, com segura base, se vêm ocupando intensivamente da ornitologia sul-almericana, induziu-me a multiplicar as notas críticas e, eventualmente, a estender-me nos comentários justificativos do ponto de vista adotado em cada caso. Não obstante, afora pontos de pormenor, como a simplificação no inventário dos exemplares, foi mantido o mesmo plano traçado no começo. A aceitação dos nomes genéricos de Brisson, ponto sobre que incidiu a censura de acatado zoologista patrício[2], baseia-se nos motivos já claramente expostos no *Prólogo* da 1.ª Parte; são eles

(1) V. OLIV. PINTO, *Aves de Pernambuco*, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. I, pgs. 219-282 (1940).

(2) V. RODOLFO v. IHERING, *Dicionário dos Animais do Brasil*, p. 22, nota margin. (São Paulo, 1940).

ainda hoje vigentes, em que pese o exemplo contrário de grandes autoridades.

O desenvolvimento mais considerável e o particular carinho dispensados à distribuição das espécies e raças reflete a importância cada vez maior que adquire a zoogeografia no esclarecimento dos problemas ligados à origem e à mutabilidade das formas vivas, assunto relevante para cuja discussão a ornitologia concorre com brilhante subsídio.[1].

Algumas dificuldades, ligadas à deficiência de bibliografia ou de material, foram vencidas com o auxílio de distintos colegas de reconhecida autoridade em assuntos de ornitologia neotrópica ,entre os quais quero destacar os nomes de Alex. Wetmore, J. T. Zimmer e L. Griscom. Devo tambem muitos agradecimentos aos que se dignaram honrar a primeira parte com a sua crítica construtiva, contribuindo deste modo para o aperfeiçoamento da última. Assim é que a conselho de Arthur Neiva, grande amigo a cuja memória rendo sentida homenagem, incluí agora na sinonímia referência aos livros mais clássicos da literatura brasileira atinente à matéria[2].

As magníficas estampas intercaladas agora ao texto, obra do exímio artista holandês snr. G. Meissner, por mais que venham ferir a praxe seguida nos trabalhos deste gênero, contribuem para mitigar a aridez do livro, tornando-o, sem prejuizo para os especialistas da ornitologia, mais atraente e prestadio fora do círculo limitado destes últimos.

---

(1) Na abundante literatura do assunto merece destaque especial o admiravel livro de E. MAYR, *Systematics and the Origin of Species* (New York, Columbia University Press, 1942).

(2) Outra inovação foi introduzida no que toca à informação bibliográfica, incluindo-se tambem constantemente na sinonîmia a citação do Catálogo de Aves do Museu Britânico, ao passo que em chave à margem são indicados por simples números o volume (algarismos romanos) e a página (arábicos) onde a ave deve ser encontrada no grande *Catalogue of Birds of the Americas and adjacent Islands* (Publicação do Field Museum of Natural History), da autoria exclusiva de C. E. HELLMAYR, na parte referente aos Passeriformes.

Muito valiosa tambem foi a ajuda prestada no Departamento de Zoologia por dedicados auxiliares, nomeadamente o snr. Eurico A. de Camargo que tomou a seu cargo a compilação das listas de espécimes e largamente contribuiu na revisão das provas dactilográficas. Por fim, é justiça acentuar o interesse com que os dignos servidores da Imprensa Oficial do Estado contribuiram para a correta apresentação material da obra, por sua natureza de lenta e trabalhosa composição.

Olivério Pinto.

São Paulo, agosto de 1944.

ÍNDICE DAS FIGURAS *

(*) Os nomes em negrito correspondem às policromias. Obedecem todos à nomenclatura adotada no texto da obra e retificam, em alguns casos, as legendas das estampas, que não foi possível alterar

SINOPSE

Classe AVES

Subclasse NEORNITHES

Superordem NEOGNATHAE

Ordem PASSERIFORMES

Subordem TYRANNI

(Continuação)

Superfamília TYRANNOIDEA

Família COTINGIDAE

Família PIPRIDAE

Família TYRANNIDAE

Subfamília FLUVICOLINAE

Subfamília TYRANNINAE

Subfamília MYIARCHINAE

Subfamília PLATYRINCHINAE

Subfamília EUSCARTHMINAE

Subfamília SERPOPHAGINAE

Subfamília ELAENINAE

Família OXYRUNCIDAE

Subordem PASSERES

Família HIRUNDINIDAE

Família CORVIDAE

Subfamília GARRULINAE

Família TROGLODYTIDAE

Família MIMIDAE

Família PLOCEIDAE

Subfamília PASSERINAE

Subfamília ESTRILDINAE

Família TURDIDAE

Família SYLVIIDAE

Subfamília POLIOPTILINAE

Ordem PASSERIFORMES

Subordem TYRANNI

(*Continuação*)

Superfamília TYRANNOIDEA

Família COTINGIDAE[1]

Gênero RUPICOLA Brisson

Rupicola BRISSON, 1760, Ornith., IV, p. 437. Tipo, por monotipia, "Rupicola" (=*Pipra rupicola* LINNAEUS).

Rupicola rupicola (Linnaeus) [VI, 242]

Galo da serra, Galo da rocha, Galo do Pará.

Pipra rupicola LINNAEUS, 1776, Syst. Nat., I, p. 338 (com base em "Rupicola" de BRISSON): "Surinamo, Guiana" (pátria típica Guiana Francesa, sugerida por HELLMAYR).

Rupicola crocea[2] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 369.

Rupicola rupicola IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil.,

---

(1) O tipo de revestimento tarsal, dito picnaspídeo, está longe de oferecer base sólida para uma boa definição da família *Cotingidae*, que continua a ser, como muito bem disseram SALVIN & GODMAN (Biol. Centrali-Americana, II, p. 117, nota margin.), "um dos mais heterogêneos de todos os grupos de aves". O esforço de RIDGWAY (Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. IV, 1907, p. 769 e segs.) para melhor circunscrevê-la com base exclusiva naquele caráter não se poderia julgar bem sucedido; dir-se-ia, pelo contrário, ter demonstrado a dificuldade que há em utilizar aquele critério, não raro conducente a aproximações visivelmente pouco naturais. Continuam objeto de discussão não só os limites de *Cotingidae* com *Pipridae* e *Tyrannidae*, famílias entre as quais tem havido frequentes transposições, como ainda as próprias relações entre os gêneros correntemente admitidos na primeira. Os galos-da-serra (*Rupicola*), que os modernos ornitologistas geralmente separam em família distinta (*Rupicolidae*), não parece terem mais títulos a lugar independente do que alguns outros grupos genéricos cuja inclusão entre os cotíngidas não aparece discutida. Não menos difícil é, no estado atual dos conhecimentos, a satisfatória caracterização de subfamílias naturais em *Cotingidae*, motivo pelo qual aquí me abstenho de adotar as que vêm reconhecidas como tais por SCLATER (Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 326) e seus seguidores.

(2) *Rupicola crocea* BONNATERRE, 1792, Tabl. Encycl. Méth., Orn., I, p. 266 (com base em "Le Coc de Roche" de BUFFON): "dans la monta-

Aves, p. 312; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 355.

Distribuição. — Sudeste extremo da Colômbia (região do Uaupés)[1], sul da Venezuela (corredeiras de Maipures, montes a oeste de Suapure e das cabeceiras do rio Padamo) e da Guiana Inglesa (Camacusa, montes Merumé, Canuku e Avarimatta, rio Atapurow, rio Carimang, rio Wenamu, alto Cuyuní, rio Pirara, monte Roraima), interior da Guiana Holandesa, Guiana Francesa ("Cayenne", Ouanary, montes da região do Oyapock e do Approuague), regiões montanhosas do extremo norte do Brasil: alto rio Negro (serra de Cobatí[2], São Gabriel, Marabitanas, Cucuí) e rio Uaupés (Jauaretê, rio Papurí, Santa Luzia), alto rio Branco, campos de Ariramba (entre os rios Erepecurú e Curuá do Norte), rio Imerí, Catrimani[3].

BRASIL

Amazonas

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): 2 ♀ ♀, CAMARGO, dezembro (1936) e janeiro (1937).

Santa Luzia (rio Papurí, próx. de Jauaretê): 4 ♂ ♂, CAMARGO, janeiro 23 e 26 (1937); ♂ juv., CAMARGO, janeiro 22 (1937).

Rio Uaupés (alto rio Negro, marg. direita): ♂, pele obtida dos índios Tucanos (oferecida ao Museu).

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, dezembro 23 (1936).

Gênero PHOENICIRCUS Swainson

Phoenicircus SWAINSON, 1832, em RICHARDSON, Faun. Bor.-Amer., II, p. 491. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Ampelis carnifex* LINNAEUS (= *Lanius carnifex* LINNAEUS).

Phoenicircus carnifex (Linnaeus) [VI, 93]

Uirá-tatá, Saurá, Anambé.

Lanius carnifex LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 94 (com base em "Garrulus ruber surinamensis" de EDWARDS): Surinam (= Guiana Holandesa).

---

gne Luca, près d'Oyapock, et dans la montagne Courouaye, près de la rivière d'Aprouack").

(1) É fora de dúvida que a espécie, ainda bastante encontradiça nas vizinhanças de Santa Luzia (rio Papurí), deve existir na zona montanhosa do sudeste colombiano, confinante com o Brasil. Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 527 (1937).

(2) Cf. A. R. WALLACE, Travels Amaz. and Rio Negro, 1853, p. 474.

(3) Exemplares no Museu Nacional, colecionados por LAKO (1936, dezembro 23) e examinados pelo Autor.

Phoenicocercus[1] *carnifex* Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 367; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Braz., Aves, p. 312; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 354.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Demerara, Ourumu, Camacusa, Bartica Grove, Groote Creek), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne, Tamanoir, Pied Saut, rio Carsevenne), Brasil septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas: baixo rio Negro (Manaus), rio Anibá, Óbidos, rio Tapajoz (Santarém, Vila Braga, Caxiricatuba, Piquiatuba), rio Tocantins (Arumateua), ilha de Marajó, ilha Caviana, rio Guamá (Ourém), rio Acará (Ipitinga) e distrito este-paraense (Belém, Providência, Murutucú, Utinga, Benevides, Anindeua, Peixe-Boi).

Guiana Inglesa

Ourumu: ♂, Whitely, dezembro 12 (1890).

Brasil

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, Olalla, junho 28 (1936).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, Garbe, agosto (1920).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, Olalla, junho 17 (1936); 2 ♀ ♀, Olalla, julho 10 (1936) e março 28 (1937).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, Olalla, dezembro 18 (1936); ♀, Olalla, dezembro 15 (1936); 2 sexos ?, Olalla, abril 4 (1935) e dezembro 2 (1936).

Marajó: 1 ♂ e 1 ♀, F. Lima, outubro 9 (1921).

Murutucú (prox. de Belém): 2 ♂ ♂ juvs., F. Lima, março 5 e abril 6 (1924); ♀, F. Lima, março 6 (1924).

Phoenicircus nigricollis Swainson [VI, 94]

Phoenicircus nigricollis Swainson, 1832, em Richardson, Faun. Bor.-Amer., II, p. 491 (com base em *Ampelis carnifex* Spix[2], *nec* Linnaeus): Barcelos (Rio Negro).

Phoenicocercus nigricollis Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 368; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 312.

---

(1) *Phoenicocercus* Cabanis, 1847, Arch. Naturgesch., XIII, 1.ª parte, p. 236 (emenda de *Phoenicircus).*

(2) *Ampelis carnifex* Spix, 1825 (*nec* Linnaeus, 1758), Av. Bras., II, p. 4, tab. 5: "in sylvis fl. *Nigri* ad urbem *Barcellonam*" (= Barcelos). Cf. Hellmayr, Abh. K. Bayer, Akad. Wissens., II Kl., XXII, p. 639 (1906).

Distribuição[1]. — Leste do Equador (rio Napo, rio Copotaza, rio Pastaza) e do Perú (Pebas, Chamicuros, Santa Cruz, Xeberos, Sarayacu) e Brasil amazônico: rio Solimões (Tonantins, Manacapurú), alto rio Negro (Barcelos, Carvoeiro, São Gabriel, Tomar, Cucuí), rio Madeira (Borba, Calama), rio Tapajoz (Vila Braga, Miritituba, Caxiricatuba, Tauarí), rio Curuá, rio Xingú.

EQUADOR

"Equador": ♂ (compr. de ROSENBERG, 1906).

BRASIL

Amazonas

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, dezembro 11 (1936).

Gênero **LANIISOMA** Swainson[2]

Laniisoma SWAINSON, 1832, em RICHARDSON, Faun. Bor.-Amer., II, p. 492. Tipo, por monotipia, "*Lanius arcuatus*, Mus. Paris" (= *Ampelis elegans* THUNBERG)[3].

Laniisoma elegans (Thunberg) [VI. 95]

Ampelis elegans THUNBERG, 1823, Dissert. Tullberg Nov. Spec. Ampelis, p. 2: Brasil, col. por FREYREISS (localidade provavel, montanhas do Rio de Janeiro, que expressamente sugiro como pátria típica).

Ptilochloris[4] *squamata* SCLATER[5], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV,

---

(1) A área geográfica de *P. nigricollis*, em grande parte independente e mais ocidental do que a de *P. carnifex*, interfere todavia com a do último na região do baixo Tapajoz. HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., pte. VI, p. 94, nota 1) discute o assunto em pormenor, aventando a possibilidade de serem ambos raças geográficas de uma mesma espécie.

(2) Tem havido grande divergência no tocante às afinidades deste gênero, que SCLATER (Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 317) juntou aos *Pipridae*, ao lado de *Heteropelma* (= *Schiffornis*); o revestimento tarsal, de tipo diferente, levou RIDGWAY (Bull. Un. St. Nat. Mus., L., pte. IV, p. 723) a transferí-lo para *Cotingidae*, onde o situa também HELLMAYR.

(3) *Lanius arcuatus* LAFRESNAYE (*ex* G. ST. HILAIRE manuscr.), 1832, Magaz. Zool., II, cl. 2, pl. 12: "du Brésil... raportée au Muséum par Lalande" (= Rio de Janeiro). Pelo que se vê, *Lanius arcuatus* era simples *nomen nudum* ao tempo em que SWAINSON o mencionou como espécie tipo do gênero *Laniisoma*.

(4) *Ptilochloris* SWAINSON, 1837, Classif. of Birds, II, p. 250. Tipo, por monotipia, "*P. lunatus*" (= *Lanius arcuatus* LAFRES. — *Ampelis elegans* THUNB.), nome que deveria vir a lume com a pl. 95, nunca publicada, de "Birds of Brazil and Mexico".

(5) *Muscicapa squamata* WIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III 2, p. 814: localidade não especificada (= região litorânea do Brasil este-meridional).

p. 317; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 302.

Distribuição. — Brasil este-meridional: sul da Baía, Rio de Janeiro (Corcovado, Nova Friburgo, serra de Macaé), São Paulo (São Sebastião, Ipanema, Piracicaba, Ituverava, Itapura)[1].

BRASIL

Rio de Janeiro

Serra de Macaé: ♂, GARBE, novembro (1909).

São Paulo

São Sebastião: ♀, A. HEMPEL, setembro 2 (1901).
Itapura: ♀, GARBE, julho (1904).
Ituverava: ♂, GARBE, abril (1911).

Gênero PHIBALURA Vieillot

Phibalura VIEILLOT, 1816, Analyse d'une Nouv. Orn. Élément., p. 31. Tipo, por monotipia, *Phibalura flavirostris* VIEILLOT.

Phibalura flavirostris Vieillot [VI, 97]

Tesourinha

Phibalura flavirostris VIEILLOT, 1816, Anal. nouv. Orn. Elément., p. 68: "le Brésil" (sugiro como pátria típica o Rio de Janeiro); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 372; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 312.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Alto Paraná), ? oeste da Bolívia (dept. de La Paz)[2], sudeste do Brasil: Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, Terezópolis, serra do Itatiaia, Porto Real), São Paulo (Campos do Jordão, Alto da Serra, Mogí das Cruzes, Taipas, Campo Largo, Itararé, ilha da Queimada Grande, Rincão), Paraná (Castro, Cândido de Abreu, serra da Esperança), sul de Goiaz (rio Claro), Rio Grande do Sul (São Lourenço).

PARAGUAY

Puerto Bertoni: ♂, W. BERTONI, setembro 15 (1906).

BRASIL

São Paulo

Ilha da Queimada Grande: ♂, DR. A. DO AMARAL, novembro (1920).
Alto da Serra: ♂, A. HEMPEL, agosto 9 (1899).

---

(1) Não pode passar sem reparo a raridade da espécie, cuja distribuição aliás não é das mais restritas. Mais rara que ela é, todavia, *Laniisoma buckleyi* SCL. & SALV.) do Equador oriental, cujo macho consta ser até hoje desconhecido.

(2) Há grande probabilidade de pertencerem as aves da Bolívia, visto o seu isolamento geográfico, a raça particular.

Campos do Jordão: 2 ♀ ♀, H. LÜDERWALDT, dezembro 15 (1905).
Rincão: sexo?, W. EHRHARDT, fevereiro 18 (1900).
Itararé: ♂, GARBE, julho (1903); 3 ♀ ♀, GARBE, julho (1903).

Paraná

Castro: 2 ♀ ♀, GARBE, julho (1907); ♀, GARBE, junho (1914).

Goiaz

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, maio 14 (1941).

Gênero **TIJUCA** Férussac

Tijuca FÉRUSSAC, 1829, Bull. Sci. Nat., XIX, p. 324. Tipo, por monotipia, *Tijuca atra* "LESSON".

Tijuca atra Férussac [VI, 101]

Assobiador (serra dos Orgãos),
Saudade (Itatiaia).

Tijuca atra FÉRUSSAC (*ex* LESSON manuscr.), 1829, Bull. Sci. Nat., XIX, p. 324: "intérieur du Brésil" (como pátria típica sugiro a serra do Mar, Rio de Janeiro)[1].

Tijuca nigra SCLATER[2], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 373: IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 313.

Distribuição. — Cordilheira marítima do Brasil este-meridional, do Rio de Janeiro (serra dos Orgãos, Colônia Alpina, Nova Friburgo, Petrópolis, serra de Macaé, serra do Itatiaia) ao norte extremo de São Paulo (serra de Bananal, rio Paca)[3] e região adjacente de Minas Gerais (São Francisco).

BRASIL

Rio de Janeiro

Serra de Macaé: ♂, GARBE, novembro (1909).

São Paulo

Serra de Bananal (alto rio Paca, nos confins de Rio e São Paulo): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 28 (1941); ♂, OLIV. PINTO, agosto 28 (1941); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 28 (1941).

---

(1) Não há registro autêntico da ave fora destes três estados confinantes. Incluindo em sua área geográfica Santa Catarina, parece que se deixara BURMEISTER (Syst. Übers. Th. Bras., II, p. 435) influenciar pela circunstância de ter sido este o único estado visitado por LESSON. Por outro lado, a existência, próximo ao Rio de Janeiro, de bem conhecida montanha com o nome de Tijuca, é forte sugestão de que o tipo, levado provavelmente pelo viajante francês, fosse procedente das adjacências daquela cidade.

(2) *Tijuca nigra* LESSON, 1830, Cent. Zool., Livr. I, p. 31, pl. 6: "interieur du Brésil."

(3) Nas matas do alto rio Paca, perto do lugar chamado Brejão, o "assobiador" existe ainda hoje em abundância, como pude pessoalmente verificar (agosto de 1941). E. HOLT, que a colecionou na serra do Itatiaia, dá interessantes informes sobre sua biologia no Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, p. 310 (1928).

Gênero AMPELION Cabanis

Ampelion CABANIS, 1846, em TSCHUDI, Fauna Peruana, Aves, p. 137. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *"Ampelis cucullata"* (= *Procnias cucullata* SWAINSON).

Ampelion cucullatus (Swainson) [VI, 102]

Corocochó, Cavalo-frouxo (serra de Bananal), *Corocotéo, Rorocoré.*

Procnias cucullata SWAINSON, 1821, Zool. Illustr., I, pl. 37: "Brazil" (como localidade típica provavel, considero o Rio de Janeiro).

Ampelion cucullatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 374; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 313.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Espírito Santo (Braço do Sul, serra de Caparaó), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, serra de Macaé), São Paulo (serra de Bananal, Ubatuba, Alto da Serra, altos do Ipiranga, Santo Amaro, cabeceiras do Mboi-Guassú, Embura, Iguape, Cananéia), Santa Catarina (Blumenau, Águas Pretas, serra do Mirador, Laguna), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Poço das Antas).

BRASIL
Rio de Janeiro
Serra de Macaé: 2 ♂♂, GARBE, novembro (1909).
São Paulo
Iguape: ♀, R. KRONE, abril 10 (1898).
Santo Amaro: ♀, LIMA, agosto 1 (1898).
Ubatuba: 2 ♂♂, GARBE, junho (1905); ♀, GARBE, maio (1905).
Alto da Serra: ♂, H. SCHROEBEL, junho (1911); ♂, LIMA, agosto 1 (1899).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♀, CAMARGO, agosto 31 (1934).
Cabeceiras do Mboi-Guassú: ♂, OLALLA, outubro 11 (1940).
Serra do Mar (Embura): ♂, OLALLA, dezembro 17 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, nos confins de Rio e São Paulo): 2 ♂♂, OLIV. PINTO, agosto 24 e 26 (1941); 4 ♂♂, OLALLA, agosto 28 e 29 (1941).

Ampelion melanocephalus (Wied) [VI, 102]

Corocochó, Crocoió (Juquiá).

Procnias melanocephalus WIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 168 (p. 166 na ed. in-4to.): Quartel das Barreiras (na costa marítima do extremo sul do Espírito Santo, entre os rios Itabapuana e Itapemirim).

Ampelion melanocephalus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 374; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 313.

Distribuição. — Faixa litorânea de sudeste do Brasil: leste da Baía (Pitanga[1], Itabuna, Cachoeira Grande do Jucurucú), Espírito Santo (Barreiras, rio Doce, Santa Leopoldina, rio São José), Rio de Janeiro (Nova Friburgo), São Paulo (Alto da Serra, Alecrim, Juquiá, Iguape, Cananéia).

BRASIL

Baía

Itabuna: ♂, GARBE, julho (1919).
Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♂, W. GARBE, março 31 (1933).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, dezembro (1905).
Rio Doce: ♂, GARBE, setembro (1906); ♀, GARBE, abril (1906).
Rio São José: ♂, OLIV. PINTO, setembro 24 (1942); ♂, OLALLA, setembro 25 (1942).

São Paulo

Iguape: ♀, R. KRONE, maio 15 (1893).
Alto da Serra: ♂, LIMA, julho 15 (1906).
Alecrim (Iguape): ♂, LIMA, agosto 10 (1925).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, outubro (1934); 2 ♀ ♀, CAMARGO, setembro 29 e outubro 6 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 3 ♂ ♂, OLALLA, maio 15, 19 e 20 (1940); 3 ♀ ♀, OLALLA, maio 19 (1940).

Gênero PORPHYROLAEMA Bonaparte

Porphyrolaema BONAPARTE, 1854, Ateneo Italiano, II, p. 315 (= Consp. Voluc. Anisod., p. 5). Tipo, por monotipia, *Cotinga porphyrolaema* DÉVILLE & SCLATER.

Porphyrolaema porphyrolaema (Deville & Sclater) [VI, 103]

Cotinga porphyrolaema DEVILLE & SCLATER, 1852, Rev. Magaz. Zool., (2), IV, p. 226; Sarayacu (baixo Ucayali, Perú); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 386.

Distribuição. — Alto Amazonas, a leste do Equador (Sarayacu), nordeste do Perú (baixo Marañon, baixo Ucayali, Sarayacu) e noroeste extremo do Brasil: rio Purús (Arimã).

Gênero COTINGA Brisson

Cotinga BRISSON, 1760, Orn. II, p. 339. Tipo, por tautonimia, "Cotinga" BRISSON (= *Ampelis cotinga* LINNAEUS).

(1) Localidade pouco ao norte de Mata de São João (ao norte e não muito distante da cidade do Salvador). SWAINSON alí obteve exemplares no começo do século passado; não há, porem, notícia de que a espécie ocorra ainda hoje naquela região, a mais septentrional em que já fora encontrada.

Cotinga cotinga (Linnaeus) [VI, 104]

Anambé rôxo

Ampelis cotinga LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 298 (com base em "Le Cotinga" de BRISSON, Orn. II, p. 340, pl. 34, fig. 1): "Brésil" (como pátria típica sugiro a região de Belém do Pará).

Cotinga caerulea SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 382.

Cotinga cotinga IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 313; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 356.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa (Surinam) e Inglesa (Bartica Grove, rio Atapurow, rio Mazaruni, rio Carimang), Brasil oeste-septentrional, do rio Negro às margens ambas do baixo Amazonas: rio Negro (Manaus, rio Uaupés, rio Xié), rio Anibá, rio Atabaní, baixo rio Tapajoz (Santarém) e baixo rio Tocantins (Vista Alegre), distrito esteparaense (Belém, Utinga, Providencia, Murutucú).

GUIANA INGLESA

"Guiana Inglesa": ♂, WHITELY (1881).

BRASIL

Amazonas

Manaus (boca do rio Negro, marg. esquerda): ♀, OLALLA, junho 2 (1935).

Alto rio Negro: ♂, ofer. ao Museu (março de 1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 20 (1937).

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 10 (1937).

Pará

Providência (próx. de Belém): 1 ♂, 1 ♂ juv. e 2 ♀ ♀, F. LIMA, setembro 15 (1921).

Murutucú (próx. de Belém): 2 ♂ ♂ juvs., F. LIMA, março 17 e abril 25 (1924).

Utinga (próx. de Belém): 3 ♀ ♀, F. LIMA, fevereiro 17, março 23 e abril 23 (1924).

Cotinga maculata (Müller) [VI, 104]

Crejoá (Baía), *Quiruá, Catingá.*

Ampelis maculata P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 147 (com base em BUFFON & DAUBENTON, pl. enlum. 188): "Brésil" (pátria típica Rio de Janeiro, sugerida por HELLMAYR)[1].

Cotinga cincta SCLATER[2], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 383; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 356.

---

(1) Cf. Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII (Cat. Bds. Americas), pte. VI, p. 105 (1929).

(2) *Ampelis cincta* KUHL, 1820. Buffoni et Daubentoni Fig. Av. Nom. Syst., p. 4 (com base em DAUBENTON, pl. enlum. 188).

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil médio-oriental: sul da Baía (rio de Contas, rio Jequiriçá, rio Jucurucú, rio Mucurí), Espírito Santo (rio São Mateus, rio Doce) e porção adjacente de Minas Gerais (rio Sussuí), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo, Campos, morro do Frade).

BRASIL
- Baía
  - "Bahia": ♂ (col. antiga e incerta procedência).
- Espírito Santo
  - Rio Doce: ♂, GARBE, março (1906).
- Minas Gerais
  - Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLALLA, setembro 18 (1940).

Cotinga cayana (Linnaeus) [VI, 108]

Anambé azul, Bacaca (Manaus).

Ampelis cayana LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 298 (com base em "Le Cotinga de Cayenne" de BRISSON, Orn. II, p. 344, pl. 34, fig. 3): "in Brasilia, Cayana" (tipo de Cayenne, *ex* BRISSON, "d'ou il a été envoyée à M. RÉAUMUR par M. DES ESSARS").

Cotinga cayana SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 385; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 314; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 356.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá"), do Equador (alto rio Napo, Sarayacu) e do Perú (rio Marañon, Iquitos, Rioja, Chyavetas, Xeberos, Chamicuros), norte da Bolívia (baixo rio Beni, Yuracares), Guianas Inglesa (rio Demerara, Bartica Grove, rio Corentyne), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), Brasil amazônico: rio Negro (Manaus, rio Joanarí, Cachoeira São Jerônimo, rio Uaupés, rio Xié), rio Juruá, rio Madeira (Borba, Calama), lago do Batista, Óbidos, rio Tapajoz (Santarém, Boim), rio Tocantins (Mazagão), rio Acará, Ipitinga, rio Inhangapí e todo distrito este-paraense (Belém, Prata, Utinga, Mocajuba, Murutucú, Providência, Peixe-Boi, Benevides).

GUIANA INGLESA
- "Guiana Ingleza": 1 ♂ juv. e 1 ♀ (compr. de ROSENBERG, 1909).

BRASIL
- Amazonas
  - Rio Juruá: 3 ♂♂, GARBE, setembro e outubro (1902).
  - Alto rio Negro: ♂, ofta., março (1936).
  - Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 4 ♂♂, OLALLA, fevereiro 15 e maio 11 (1937) e abril 22 e 27 (1939); ♀, OLALLA, maio 10 (1937).

Pará

Utinga (próx. de Belém): 2 ♂ ♂ juvs., F. LIMA, março 21 (1923) e maio 27 (1924); 5 ♀ ♀, F. LIMA, fevereiro 21 e 24, março 22 e 29, abril 12 (1924).

Murutucú (próx. de Belém): 2 ♂ ♂, F. LIMA, fevereiro 5 (1924) e abril 6 (1926).

Cotinga maynana (Linnaeus) [VI. 107]

Anambé.

Ampelis maynana LINNAEUS, 1776, Syst. Nat., I, p. 298 (com base em "Cotinga mayanensis" de BRISSON, Orn., II, p. 341, pl. 34, fig. 2): "in Mayanensi regione" (= região dos Maynas, nordeste do Perú)[1].

Cotinga maynana SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 386; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 314

Distribuição. — Leste do Equador (rio Napo, San José de Sumaco, Sarayacu) e do Perú (rio Marañon, Pebas, Iquitos, Yurimaguas, Chamicuros), Brasil oeste-amazônico: rio Solimões (Tabatinga, Tefé, Manacapurú[2]), rio Negro (rio Joanarí), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 16 (1936); 2 ♀ ♀, CAMARGO, outubro 15 e 19 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto rio Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, outubro 29 (1936).

João Pessoa (alto rio Juruá, marg. esquerda): ♀, OLALLA, dezembro 21 (1936).

Gênero **XIPHOLENA** Gloger

Xipholena GLOGER, 1841, Gemeinnütz. Hand-und Hilfsbuch Naturg., I, p. 320 (definição pura do gênero, sem menção de espécies). Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Ampelis pompadora* LINNAEUS[3] (= *Turdus puniceus* PALLAS).

---

(1) Maynas eram chamadas certas tribus indígenas, que viviam outrora a leste do Equador e do Perú, na região banhada pelo Marañon e pelos rios Morona e Pastaza, seus afluentes pela margem septentrional.

(2) Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 590 (1937).

(3) *Ampelis pompadora* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 298 (com base em *Turdus puniceus* PALLAS, *Cotinga purpurea* BRISSON e "Pompadour" de EDWARDS): "Cayana" (*ex* BRISSON).

Xipholena punicea (Pallas) [VI, 109]

Anambé rôxo, Bacacú.

Turdus puniceus PALLAS, 1764, em Vroeg, Catal., Adumbrat., p. 2: "Zuyd America" (pátria típica Surinam, sugerida por HELLMAYR)[1].

Xipholena pompadora SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p 387.

Xipholena punicea IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 314; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 357.

Distribuição. — Guianas Inglesa (rio Demerara, Bartica Grove, rio Atapuraw, Camacusa, montes (Merumé), Holandesa (rio Maroni, Surinam) e Francesa (Cayenne). Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do médio Amazonas: rio Negro (Manaus, rio Içana, rio Uaupés, rio Xié), rio Atabaní, rio Jamundá (Faro), óbidos, rio Juruá, rio Madeira (Borba).

GUIANA INGLESA

"Guiana Ingleza": 1 ♂ juv. e 1 ♀ (compr. de SCHLÜTER, maio 1902).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 2 ♂♂ e 2 ♀♀, GARBE, setembro (1902).
Alto rio Negro: ♂, ofta., abril (1936).
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂ juv., OLALLA, julho 14 (1937).

Xipholena lamellipennis lamellipennis (Lafresnaye) [VI, 110]

Bacacú preto, Anambé branco

Ampelis lamellipennis LAFRESNAYE, 1839, Magaz. Zool., (2), I, cl. 2, pl. 9: "l'Amérique du Sud" (pátria típica, sugerida por HELLMAYR, "Pará", isto é, Belém do Pará)[2].

Xipholena lamellipennis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 389; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Aves, p. 314; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 357, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional, ao sul e a leste do estuário do Amazonas: rio Tocantins (Cametá, Mazagão, Baião), rio Acará (Ipitinga, Igarapé Assú), arredores de Belém

(1) Cf. SHERBORN & RICHMOND, Smiths. Miscell. Coll., XLVII, p. 344 (1905); H. BERLEPSCH, Novit. Zool., XV, p. 321 (1928).

(2) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XII, p. 295 (1905). Na literatura ornitológica estrangeira "Pará" é o nome dado à cidade de Belém; por outro lado toda porção oriental do estado, ao sul do estuário amazônico, é chamada pelos europeus distrito de Belém ("district of Pará"), que não vejo inconveniente em traduzir por distrito ou região este-paraense.

(Val de Cans, Pinheiro, Murutucú, Providência) e todo distrito este-paraense (Santo Antônio do Prata, Benevides, Peixe-Boi), norte do Maranhão (Miritiba).

Brasil

Pará

Murutucú (próx. de Belém): ♂, F. Lima, junho 2 (1926); ♀, F. Lima, março 10 (1926).

Maranhão

Miritiba: 2 ♂ ♂, Schwanda, junho 8 e agosto 1 (1907); 2 ♀ ♀, Schwanda, junho 10 e agosto 1 (1907).

Xipholena lamellipennis pallidior Griscom & Greenway

Xipholena lamellipennis pallidior Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Com. Zool., LXXXI, p. 433: Santarém (margem oriental da embocadura do rio Tapajoz).

Xipholena lamellipennis Snethlage (*nec* Lafresnaye), Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 357, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul do baixo Amazonas: rio Tapajoz (Santarém, Pinhí, Caxiricatuba, Boim, Itaituba).

Brasil

Pará

Itaituba (rio Tapajoz, marg. esquerda): ♂, Garbe, janeiro (1921).

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, Garbe, janeiro (1921).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 2 ♀ ♀, Olalla, abril 2 e julho 3 (1935).

Xipholena atro-purpurea (Wied) [VI, 111]

Ampelis atro-purpurea Wied, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 262 (p. 260 na ed. in-8vo.): Morro da Arara (junto ao rio Mucurí, nos limites de Espírito Santo e Baía).

Xipholena atropurpurea Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 388; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 314.

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil médio-oriental: Pernambuco[1], Baía (Santo Amaro, Ilheus, Belmonte, rio Mucurí), Espírito Santo (rio Doce), Rio de Janeiro (Nova Friburgo).

Brasil

Baía

"Bahia": ♀, Schlüter (1898).

Belmonte: ♀, Garbe, agosto (1919).

---

(1) Exemplares colecionados por Forbes e por Craven, mencionados por Sclater. Não tive mais notícia da ocorrência da espécie em Pernambuco, quando pela minha excursão a este Estado (cf. Arch. Zool. S. Paulo, I, p. 219, 1940). Com a destruição das matas, é de crêr tenha desaparecido no nordeste.

Ilheus: ♂, GARBE, maio (1919).
Espírito Santo
Rio Doce: ♀, GARBE, março (1906).

Gênero IODOPLEURA Lesson

Iodopleura LESSON, 1839, Rev. Zool., II, p. 45. Tipo, por designação original, *Pardalotus pipra* LESSON.

Iodopleura pipra pipra (Lesson) [VI, 125]

Pardalotus pipra LESSON, 1831, Cent. Zool., p. 81, pl. 26: "à Trinquemalé sur la côte de Ceylan", *errore* (Rio de Janeiro, pátria típica, sugerida por HELLMAYR)[1].

Iodopleura pipra SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 392; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 315.

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil médio-oriental: Espírito Santo (Braço do Sul), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo), São Paulo (ubi?)[2].

Iodopleura isabellae Parzudaki [VI, 126]
Anambé.

Iodopleurus isabellae PARZUDAKI, 1847, Rev. Zool., X, p. 186: alto rio Negro, "in Venezuela".

Iodopleura isabellae SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 393; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 315; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 358.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (Villavicencio), extremo sul da Venezuela (rio Negro), leste do Equador (rio Copotaza, rio Napo) e do Perú (Pebas, Yurimaguas, Chamicuros, Xeberos, Tarapoto), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: alto rio Negro e rio Uaupés (Jauaretê), rio Solimões (Tonantins), rio Javarí, rio Purús (Arimã), Óbidos, rio Tocantins (Cametá, Alcobaça), ilha de Marajó, região de Belém (Murutucú, Utinga, Providência) e distrito este-paraense (Benevides).

---

(1) Cf. HELLMAYR, Verhandl. Orn. Gesells. Bayer., XII, p. 139 (1915). A despeito do grande isolamento geográfico, *Iodopleura leucopyga* SALVIN, 1885 (Ibis, p. 305), da Guiana Inglesa, passa por simples raça de *I. pipra*.

(2) Deve-se a HARTERT (Kat. Vog. Senckenb. Mus., 1892, p. 106) a única referência a São Paulo, onde a ocorrência da espécie é muito provável ainda hoje nas grandes matas da serra, ao norte extremo do Estado (Bananal). Pelo contrário, parece duvidosa sua existência em Minas Gerais, não obstante a menção de Lagoa Santa, feita por BURMEISTER.

BRASIL

Amazonas

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, CAMARGO, dezembro (1936).

Pará

Utinga (próx. de Belém): ♀, F. LIMA, janeiro 4 (1921).
Murutucú (próx. de Belém): ♂, F. LIMA, setembro 21 (1923); ♂ juv., F. LIMA, outubro 21 (1923).

Gênero **CALYPTURA** Swainson

Calyptura SWAINSON, 1832 em RICHARDSON, Faun. Bor.-Amer., II, p. 491. Tipo, por designação original, *Pardalotus cristatus* VIEILLOT.

Calyptura cristata (Vieillot) [VI, 127]

Pardalotus cristatus VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXIV, p. 528: "Brésil, coll. DELALANDE, jr." (= arredores da cidade do Rio de Janeiro).

Calyptura cristata SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 394; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 315.

Distribuição. — Brasil este-meridional, na zona montanhosa do Estado do Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo) e do Distrito Federal.

Gênero **ATTILA** Lesson

Attila LESSON, 1830, Traité d'Orn., p. 360. Tipo, por monotipia, *Attila brasiliensis* LESSON (= *Muscicapa spadicea* GMELIN).

Attila spadiceus spadiceus (Gmelin) [VI, 128]

Muscicapa spadicea GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 937 (com base em "Yellow-rumped Fly-catcher" de LATHAM): Cayenne.

Attila spadiceus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 362, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 352.

Attila brasiliensis[1] IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 309; SNETHLAGE, 1914, op. cit., p. 352.

---

(1) *Attila brasiliensis* LESSON, 1830, Traité d'Orn., livrais. 5, p. 360: "Brésil" (o tipo é de Cayenne, *fide* HELLMAYR).

Temos na espécie nomeada por GMELIN um dos exemplos mais singulares de instabilidade no colorido da plumagem. Os estudos de HELLMAYR (Novit. Zool., XIII, p. 328) e de STRESEMANN (Journ. f. Ornithol., LXIII, 1925, p. 276) vieram efetivamente demonstrar que nada menos de uma dezena de nomes têm sido aplicados a diferentes variações de uma mesma unidade taxinômica, em cuja pluma-

Attila uropygialis[1] SCLATER, 1888, op. cit., p. 360.
Attila rufigularis[2] SNETHLAGE, 1914, op. cit., p. 353.

Distribuição. — Venezuela (rio Orenoco, rio Caura), Trinidad, Guianas Inglesa (Camacusa, Bartica Grove[3], rio Ituribisci, rio Mazaruni, rio Caramang), Holandesa (Surinam, Kwata) e Francesa (Cayenne, Roche-Marie, Saint Jean du Maroni, Tamanoir, Pied Saut), nordeste extremo do Perú (Iquitos, Yurimaguas, Moyobamba), norte da Bolívia (rio Surutú, rio Yapacani[4]), Brasil amazônico: rio Solimões (Olivença, Tonantins, Tefé), rio Negro (Manaus), Óbidos, Monte Alegre, Cussarí, rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Nova Olinda), rio Madeira (Salto do Girau), lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém, Diamantina[5], Itaituba, Miritituba, Vila Braga, Apací), rio Tocantins (Cametá, Alcobaça), leste do Pará (Belém, Providência, Benevides).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá marg. esq.): ♀, OLALLA, dezembro 19 (1936).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, maio 29 (1937).

Attila spadiceus uropygiatus (Wied) [VI, 133]

Muscicapa uropygiata WIED, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 868: rio Doce (estado do Espírito Santo).
Attila brasiliensis SCLATER (*nec* LESSON), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 359, parte.

gem ora predomina o verde (*A. brasiliensis, A. viridescens, A. wighti, A. neoxenus*), ora se misturam em proporções variaveis com esta côr o pardo ou o ruivo (*A. spodiostethus, A. uropygialis, A. arizelus, A. obscurus*), ora o ferrugíneo puro afoga todos os outros tons (*A. spadicea, A. rufigularis*). Infelizmente, a falta quasi absoluta de material priva-me de apreciar este assunto, de que em HELLMAYR (Catal. Bds. Américas, VI, 1929, p. 128, nota 3) encontramos uma clara e substanciosa síntese. Nosso exemplar de lago do Batista, que inequivocamente pertence à forma estudada, representa a fase descrita sob *A. brasiliensis*; a ♀ de João Pessoa, pelo contrário, quasi inteiramente ferrugínea, acomoda-se à descrição de *Muscicapa spadiceus.*

(1) *Dasycephala uropygialis* CABANIS, 1848, em SCHOMBURGK, Reisen Brit. Guiana, III, p. 686: Guiana Inglesa.
(2) *Attila rufigularis* PELZELN, 1870, Orn. Bras., II, pgs .96 a 170: Salto do Girau (alto rio Madeira).
(3) Pátria de *Attila spodiostethus* SALVIN & GODMAN, 1883 (Ibis, ser. 5a., I, p. 209).
(4) Pátria de *Attila arizelus* TODD, 1915 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXVIII, p. 169) e *A. neoxenus* TODD, 1917 (idem, XXX, p. 4).
(5) Localid. tipica de *Attila viridescens* RIDGWAY, 1888 (Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 522).

Attila spadiceus SCLATER (*nec* GMELIN), 1888, op. cit., p. 362, parte.
Attila uropygiata IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 310.

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil médio-oriental: sul da Baía (Caravelas), Espírito Santo (rio Doce, Água Boa), Rio de Janeiro.

BRASIL
Espírito Santo
Santa Cruz: ♂, GENTIL DUTRA, outubro 14 (1940).

Attila bolivianus bolivianus Lafresnaye [VI, 141]

Attila bolivianus LAFRESNAYE, 1848, Rev. Zool., XI, p. 46 — nome novo para *Tyrannus rufescens* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY (*nec* SWAINSON, 1826), 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 44: Guarayos (leste da Bolívia); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 310; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 353.
Attila validus[1] SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 364.

Distribuição. — Nordeste do Perú (rio Ucayali, Sarayacu), norte e leste da Bolívia (Guarayos, Moxos, Santa Cruz, Chiquitos), extremo oeste do Brasil (dos afluentes meridionais do rio Solimões ao alto rio Paraguai): rio Juruá (lago Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Cachoeira), rio Guaporé (Engenho do Gama, Vila Bela de Mato Grosso), alto rio Paraguai (São Luiz de Cáceres, Descalvados), rio Cuiabá (Santo Antônio) e zonas adjacentes do centro de Mato Grosso (Chapada).

BRASIL
Amazonas
Lago Grande (alto Juruá): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, outubro 17 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, outubro 31 (1936); ♀, OLALLA, novembro 8 (1936).

Mato Grosso
Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 9 (1937).

---

(1) *Attila validus* PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, pags. 95 e 169: Vila Maria (= São Luiz de Cáceres), Engenho do Gama e Mato Grosso (= Vila Bela de). A sinonímia de *A. validus* com *A. bolivianus*, defendida por HELLMAYR, não me parece todavia livre de objeção; o exemplar por mim colecionado em Santo Antônio, perto de Cuiabá, difere visivelmente dos do Amazonas em particularidades de colorido (a cauda é de côr ferrugínea mais clara) e principalmente pelas suas maiores dimensões (asa 102, cauda 87 e culmen 25 milims.).

Attila bolivianus nattereri Hellmayr [VI, 142]

Attila nattereri HELLMAYR, 1902, Verh. Zool. Bot. Gesell. Wien, LII, p. 95: Borba (marg. direita do baixo Madeira); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 311; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 353.

Attila bolivianus IHER. & IHERING (*nec* LAFRESNAYE), 1907, op. cit., p. 310, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, nas margens esquerda e direita do baixo Amazonas: rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, baixo rio Madeira (Borba), lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém), rio Curuá, distrito este-paraense (Belém).

BRASIL

Amazonas

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, julho 15 (1937).

Pará

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 20 (1936).

Attila rufus rufus (Vieillot) [VI, 142, **parte**]

Capitão de Saíra, Tinguassú.

Tyrannus rufus VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXV, p. 87: "Brésil d'où il a été apporté par M. DELALANDE fils" (= arredores da cidade do Rio de Janeiro).

Attila cinereus SCLATER[1], 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 363, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 310.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Espírito Santo (Porto Cachoeiro, Pau Gigante, rio São José), Rio de Janeiro (Sepitiba, Registro do Saí, Angra dos Reis, Cantagalo, Nova Friburgo, serra do Itatiaia), leste dos estados de Minas Gerais (rio Piracicaba, rio Matipoó), São Paulo (Cachoeira, Ubatuba, Iguape, Cananéia, rio Juquiá, Cubatão, Embura, serra da Cantareira, Ipanema, Mato-Dentro), Paraná (Paranaguá), Santa Catarina (Joinvile).

BRASIL

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (=Santa Leopoldina): 2 ♂♂, GARBE, novembro e dezembro (1905).

---

(1) *Muscicapa cinerea* GMELIN, 1789 (Syst. Nat., I, p. 933, *ex* BRISSON: Cayenne), nome precedido por *M. cinerea* P. L. S. MÜLLER, 1776. *Attila griseigularis* BERLEPSCH, 1885 (Ibis, 5a. ser., III, p. 290), de "Santa Catarina, Brazil (?)", entra na sinonímia de *A. r. rufus*.

Pau Gigante: ♂, L. C. FERREIRA, setembro 19 (1940).
Chaves (perto de Sta. Leopoldina): sexo?, OLALLA, agosto 31 (1942).
Rio São José: ♂, OLALLA, setembro 22 (1942).
Córrego do Sabiá (afl. do rio São José, marg. direita): ♂, OLALLA, outubro 1 (1942).

Rio de Janeiro

Nova Friburgo: 1 ♂ e 2 ♀ ♀, GARBE, outubro (1909).
Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 21 (1941)

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♂, PINTO DA FONSECA, julho 28 (1919).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 19 (1940).

São Paulo.

Cachoeira: ♀, LIMA, agosto 17 (1898).
Ubatuba: ♂, GARBE, abril (1905); ♀, GARBE, março (1905).
Itutinga (Cubatão): ♂, LIMA, setembro 23 (1923).
Serra da Cantareira: 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, maio 21 e junho 1 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 21 (1934); sexo ?, CAMARGO, outubro 2 (1934).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 24 (1940).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, OLALLA, maio 15 (1940).
Horto Florestal (serra da Cantareira): ♂ ?, JOSÉ LIMA, dezembro 7 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, nos confins de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 26 (1941); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 27 (1941).

Attila rufus hellmayri Pinto

Attila rufus hellmayri PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 231: Fazenda Santa Maria (margem direita do rio Gongogí, afluente meridional do rio de Contas, Baía).
Attila rufus SCLATER (*nec* VIEILLOT), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 363, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 310, parte.

Distribuição. — Brasil oriental, no sudeste do Estado da Baía (Ilheus, rio Gongogí).

BRASIL

Baía

"Bahia": sexo ? (adquirido, por permuta, do Mus. Berlepsch, janeiro 1905).
Ilheus: ♀, GARBE, abril (1919).
Faz. Sta. Maria (rio Gongogí): ♂, W. GARBE, dezembro 19 (1932).

Attila citriniventris Sclater [VI. 144]

Attila citriniventris SCLATER, 1859, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVII, p. 40: rio Ucayali (leste do Perú); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 363; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 311.

Distribuição. — Leste do Equador e do Perú (rio Ucayali, Yurimaguas), extremo noroeste do Brasil: alto rio Negro (rio Uaupés).

Attila cinnamomeus (Gmelin)[1] [VI, 145]

Muscicapa cinnamomea GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 937 (com base em "Cinnamon Flycatcher" de LATHAM, Gen. Syn. Bds., II, p. 354): Cayenne.
Attila thamnophiloides SCLATER[2], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 364; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 311; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 353.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Demerara, Bartica Grove, rio Mazaruni, rio Ituribisci, rio Bonasika, rio Abary, Supenaam), Holandesa (Paramaribo, Javaweg) e Francesa (Cayenne, Approuague), nordeste do Perú (rio Marañon, Elvira, Saimiria, baixo Ucayali, Sarayacu, baixo Huallaga), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Codajaz), rio Anibá, Itacoatiara, Silves, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, Arumanduba, igarapé Boiussú, lago Cuipeva, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), Amapá, rio Madeira (Borba), lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém, Pinhí, Itaituba, Goiana), rio Curuá, Cussarí, ilhas de Marajó, Mexiana e Caviana, distrito este-paraense (Belém, rio Inhangapí, Quatipurú), norte do Maranhão (Turiassú).

GUIANA HOLANDESA

Paramaribo: [illegible] (perm. Mus. Rothschild, 1907).

BRASIL

Amazonas

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLALLA, agosto 28 (1935).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 7 ♂♂, OLALLA, dezembro 14 e 29 (1936), março 3, 8 e 17, abril 5 (1937); 5 ♀♀, OLALLA, março 8, 11, 12 e 30, abril 5 (1937).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 3 (1937); ♀, OLALLA, janeiro 30 (1937).
Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 22 (1937).

---

(1) Defende ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N. 893, p. 6) a independência específica de *Attila torridus* SCLATER (Proc. Zool. Soc. Lond., XXVIII, p. 280), que HELLMAYR (Catal. Bds. of the Americas, pte, VI, 1929, p. 146) considera raça geografica de *A. cinnamomeus*.

(2) *Muscicapa thamnophiloides* SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 19 ,pl. 26, fig. 2: "in locis sylvaticis fl. Amazonum". Com HELLMAYR (op. cit., VI, p. 145, nota 1) concordam os autores modernos em reconhecer na espécie descrita por SPIX a mesma ave anteriormente nomeada por GMELIN.

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, julho 19 (1937).

Pará

Taperinha (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀ ?, GARBE, setembro (1920).

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 12 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 27 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 3 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 5 e 28 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 19 (1936).

Gênero **PSEUDATTILA** Zimmer

Pseudattila ZIMMER, 1936, Amer. Mus. Novit., N.º 893, p. 6. Tipo, por designação original, *Attila phoenicurus* PELZELN.

Pseudattila phoenicurus (Pelzeln) [VI, 144]

Attila phoenicurus PELZELN, 1868, Orn. Bras. II, pgs. 96 e 171: Mato-Dentro (margem do rio Paraíba, perto de Taubaté, estado de São Paulo); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 311.

Distribuição. — Brasil centro-ocidental e este-meridional: rio Guaporé (Vila Bela de Mato Grosso), sul de Goiaz (cid. de Goiaz), São Paulo (Mato-Dentro, Ubatuba, Embura), Paraná (Curitiba).

BRASIL

São Paulo

Ubatuba: sexo? juv., GARBE, março (1905).

Embura: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, dezembro 24 (1940).

Gênero **CASIORNIS** Des Murs

Casiornis DES MURS (*ex* BONAPARTE manuscr.), 1856, em Castelnau, Expéd. Amérique du Sud, Ois. p. 55. Tipo, por monotipia, *Casiornis typus* DES MURS[1] (= *Thamnophilus rufus* (VIEILLOT)).

Casiornis rufa (Vieillot) [VI, 147]

Thamnophilus rufus VIEILLOT, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 316 (com base em AZARA, N.º 218, "Batara roxo"): Paraguay.

---

(1) *Casiornis typus* DES MURS (*ex* BONAPARTE manuscr.), 1856, em Castelnau, Exped. Amér. Sud, Ois., p. 55, pl. 18, fig. 1: Goiaz.

Casiornis rubra SCLATER[1], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 365; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 311.

Distribuição. — Paraguay (Assunción, Sapucay, Puerto Pinasco, Las Palmas, San Rafael, Colonia Risso, baixo Pilcomayo), norte da Argentina (Jujuy, Salta, Chaco), leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos, Yungas, San Francisco), Brasil septentrional e centro-meridional: baixo Amazonas (Monte Alegre, lago Grande), Maranhão (Barra do Corda), Goiaz (rio Araguaia, rio Tesouras, rio Uruú, rio das Almas, Jaraguá, rio Claro, Catalão), Mato-Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama, Cuiabá, Santo Antônio, Chapada, Coxim, Corumbá, Urucúm, Salobra, Miranda, Piraputanga, Sant'Ana do Paranaíba), Minas Gerais (Mocambo, faz. da Roça), São Paulo (rio Grande, Ituverava, Bebedouro, Franca, Batatais, Rincão, Jaboticabal, Baurú, São Jerônimo, Lins, Avanhandava, Itapura, Porto Tibiriçá).

BRASIL

Pará

Lago Grande (baixo Amazonas): ♀, GARBE, agosto (1920).

São Paulo

Jaboticabal: ♀, LIMA, outubro 12 (1900).
Rincão: ♂, LIMA, fevereiro 24 (1901).
Avanhandava: sexo ?, GARBE, fevereiro (1904).
Bebedouro: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, março (1904).
Itapura: ♂, GARBE, agosto (1904).
Franca: ♀, GARBE, novembro (1910).
Ituverava: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, maio (1911); sexo ?, GARBE, abril (1911).
Porto Tibiriçá (rio Paraná): ♀, LIMA, agosto 25 (1931).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 29 (1941).

Mato Grosso

Corumbá: 1 ♂, 2 ♀ ♀ e 1 sexo?, GARBE, setembro (1917).
Miranda: ♂, LIMA, setembro (1930); ♂, JOSÉ LIMA, agosto 3 (1930).
Sant'Ana do Paranaíba: ♂, JOSÉ LIMA, julho 22 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 13 (1937).
Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, setembro 5 e 8 (1937).
Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 22 (1937).
Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, outubro 1 (1937).
Salobra: 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, julho 23 (1939); sexo?, CAMARGO, setembro (1940).

(1) *Muscicapa rubra* VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXII, p. 457 (com base em AZARA, N.º 188, "Suiriri roxo"): Paraguay. Sem discutir a matéria, não deixa de ser extranhável que houvesse AZARA descrito e nomeado o mesmo pássaro duas vezes.

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): 2 ♂♂, W. GARBE, agosto 23 e setembro 18 (1934); ♂, OLIV. PINTO, agosto 25 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 31 (1934); ♀, W. GARBE, setembro 7 (1934).

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, setembro 30 e outubro 9 (1934); ♀, OLIV. PINTO, outubro 10 (1934).

Faz. Transwaal (rio Claro): 2 ♂♂, W. GARBE, agosto 5 e outubro 24 (1941); ♀, W. GARBE, abril 27 (1940).

Casiornis fusca Sclater & Salvin [VI, 148]

Casiornis fusca SCLATER & SALVIN, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., pags. 57 e 159: "Bahia" (como pátria típica sugiro Vila Nova da Rainha, hoje Bonfim); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 366; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 312; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 354.

Distribuição. — Brasil este-septentrional (a partir da margem direita do baixo Amazonas): rio Tapajoz (Santarém, Boim, Pinhí), rio Xingú (Vitória), rio Tocantins (Arumateua), distrito de leste do Pará (Belém, Prata, rio Muraiteua, Benevides), Maranhão (São Bento, Anil, Miritiba, Primeira Cruz), Piauí (rio Parnaíba, lagoa Missão, Pintados, Ibiapaba), Ceará (Juá), norte da Baía (Bonfim, Santa Rita do Rio Preto, Pau de Canoa).

BRASIL

Maranhão

Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, setembro 12 (1906).

Miritiba: ♂, SCHWANDA, junho 18 (1907); ♀, SCHWANDA, novembro 10 (1907).

Baía

"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).

Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, março (1908); 2 ♀♀, GARBE, maio (1908).

Gênero LANIOCERA Lesson[1]

Laniocera LESSON, 1840, Rev. Zool., III, p. 353. Tipo, por monotipia, *Laniocera sanguinaria* LESSON[2] (=*Ampelis hypopyrrha* VIEILLOT).

---

(1) O revestimento exaspídeo do tarso fez com que RIDGWAY (Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. IV, pags. 723 e 772) advogasse a transferência de *Laniocera* para a fam. *Pipridae*, com que, todavia, não parece mostrar nenhum outro traço de semelhança.

(2) *Laniocera sanguinaria* LESSON, 1840 (Rev. Zool., III, p. 353), de habitat ignorado, baseou-se num exemplar jovem.

Laniocera hypopyrrha (Vieillot) [VI, 149]

Ampelis hypopyrra (sic) VIEILLOT[1], 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., VIII, p. 164: "La Guyane" (= Cayenne).
Aulia[2] *hypopyrrha* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 354.
Laniocera hypopyrrha IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 309; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 351.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, rio Approuague), Holandesa (Surinam) e Inglesa (Camacusa, Bartica Grove, rio Caramang), sul e leste da Venezuela (rio Orenoco, Nericagua, rio Caura), leste da Colômbia ("Bogotá"), do Equador (Sarayacu) e do Perú (Santa Cruz, Chyavetas, Puerto Bermudez), norte da Bolívia (San Mateo, Cochabamba, Yungas), Brasil amazônico e médio-oriental: rio Negro (Marabitanas), rio Anibá, rio Atabaní, rio Jamundá (Faro), Óbidos, igarapé Boiussú, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Juruá (João Pessoa), rio Madeira (Calama), rio Tapajoz (Santarém, Itaituba, Caxiricatuba), rio Tocantins (Arumateua), distrito este-paraense (Prata, Apeú, Peixe-Boi, Benevides), sul da Baía (Ilheus[3], Itabuna, rio Jucurucú).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♀, GARBE, novembro 27 (1901).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda: ♀, OLALLA, abril 20 (1937).
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, julho 10 (1937).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, OLALLA, jan. 28 (1937).

Pará

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, mar. esquerda): ♀, OLALLA, abril 8 (1935).
Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, março 19 (1937).

Baía

Itabuna: ♂, GARBE, julho (1919).
Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♀, OLIV. PINTO, abril 3 (1933).

---

(1) O nome *hypopyrrha* aparece corretamente grafado em VIEILLOT, Tabl. Encycl. Méth., Orn., II, p. 762 (1822).

(2) *Aulia* CABANIS & HEINE, 1859 — base em (*Aulea* BONAPARTE, 1854), Mus. Hein., II, p. 101. Tipo *Ampelis hypopyrrha* VIEILL.

(3) As aves desta região, que correspondem a *Muscicapa sibilatrix* WIED, 1831 (Beitr. Naturges. Brasil., III, p. 810: estrada do Capitão Felizberto, perto de Ilheus) e cuja separação como raça aparte tem sido às vezes discutida, têm-se atualmente como inseparáveis da forma amazônica. Cf. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.o 893, p. 8 (1936).

Gênero **RHYTIPTERNA** Reichenbach

Rhytipterna REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 65. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Tyrannus calcaratus* SWAINSON[1] (= *Muscicapa simplex* LICHTENSTEIN).

Rhytipterna simplex simplex (Lichtenstein) [VI, 152]

Muscicapa simplex LICHTENSTEIN 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 53: "Bahia".
Lipaugus simplex SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 356, parte.

Distribuição. — Porção intermédia do Brasil oriental: sul e leste da Baía (Santo Amaro, Itabuna, Cajazeiras, Belmonte, rio Jucurucú), Espírito Santo (Cachoeira do Itapemirim, Pau Gigante, rio Doce, rio São José, Chaves), leste de Minas Gerais (rio Doce, rio Sussuí, rio Piracicaba, rio Matipoó, São José da Lagoa), Rio de Janeiro (Cantagalo).

BRASIL

Baía

Itabuna: ♂, GARBE, julho (1919).
Belmonte: 2 ♀ ♀, GARBE, agosto (1919).
Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♂, OLIV. PINTO, março 21 (1933).

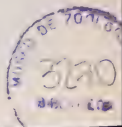
Espírito Santo

Rio Doce: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, abril (1906): sexo ?, GARBE, outubro (1905)
Pau Gigante: ♂, GENTIL DUTRA, outubro 8 (1940); ♀ juv., H. F. BERLA, setembro 26 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, setembro 5 (1942).
Rio S. José: ♀, OLIV. PINTO, setembro 24 (1942); ♀, OLALLA, setembro 14 (1942).

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): sexo ?, PINTO DA FONSECA, outubro (1919).
Rio Doce: 5 ♂ ♂, OLALLA, agosto 28 e 29, setembro 6 (1940); ♂, W. GARBE, setembro 5 (1940); ♀, OLALLA, setembro 2 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 6 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, W. GARBE, setembro 16 (1940).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 19, 21 e 24 (1940); 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, agosto 19 e 21 (1940); 2 ♂ ♂, W. GARBE, setembro 3 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 22 e 24 (1940); ♀, OLIV. PINTO, agosto 19 (1940); sexo ?, OLALLA, agosto 19 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e ♀, OLALLA, setembro 30 (1940).

---

(1) *Tyrannus calcaratus* SWAINSON, 1826, Quart. Journ. Sci. Litt. and Arts Roy. Inst., XX, p. 271: "Bahia".

Rhytipterna simplex frederici (Bangs & Penard) [VI, 153]

Lipaugus simplex frederici BANGS & PENARD, 1918, Bull. Mus. Comp. Zool., LXII, p. 71: vizinhanças de Paramaribo (Guiana Holandesa).

Lipaugus simplex SCLATER (*nec* LICHTENSTEIN), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 356, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 309, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 351.

Distribuição. — Guianas Francesa (alto Carsevenne, Camopi), Holandesa (viz. de Paramaribo) e Inglesa (Bartica Grove, Camacusa), Venezuela (rio Orenoco, Nericagua, rio Caura, monte Duida), leste da Colômbia (Bogotá, Florencia), do Equador (Sarayacu, rio Santiago) e do Perú (baixo Ucayali, Monterico, Huambo, Yurimaguas), norte da Bolívia (foz do rio Santo Antônio), Brasil oeste-septentrional, em toda bacia amazônica (incluso o norte do Maranhão e do Mato-Grosso): rio Solimões (Tefé), rio Negro (Manaus, Campos Sales, igarapé Cacau Pereira, São Gabriel, Tatú) e rio Uaupés (Tauapunto), rio Urubú, rio Anibá, rio Atabaní, rio Jamundá (Faro), Óbidos, igarapé Boiussú, rio Maicurú, rio Jarí, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Borba, igarapé Auará, Calama), lago do Batista, Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Diamantina, Boim, Vila Braga, Goiana, Vila Nova, Itaituba, Tauarí, Piquiatuba, Aramanaí, igarapé Brabo[1]), rio Xingú (Porto de Moz, Tapará, Vilarinho do Monte), rio Tocantins (Baião, Mocajuba), rio Guamá (Santa Maria do São Miguel), Belém do Pará e todo distrito este-paraense (Utinga, Prata, Quatipurú, Igarapé Assú, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú), noroeste de Mato-Grosso (rio Guaporé, Engenho do Capitão Gama, Vila Bela de Mato-Grosso).

---

(1) Pátria típica de *Rhytipterna simplex intermedia* ZIMMER, 1936 (Amer. Mus. Novit., N.º 893, p. 11). Com uma boa série de exemplares amazônicos não encontro, pelo menos no que toca ao colorido das partes inferiores, diferença constante capaz de permitir a separação das aves de uma e outra margem do rio. Numas como nas outras ocorrem lado a lado exemplares de abdomen cinzento puro *(frederici)* ou cinzento-amarelado *(intermedius)*. Entre cinco machos de Óbidos, três estão no primeiro e dois no segundo caso; os do rio Atabaní, afluente septentrional do Amazonas não têm menos amarelo do que os de lago do Batista e João Pessoa. Só a fêmea de Utinga se destaca de toda a série pelo intenso amarelado das partes inferiores. Estou, por tudo isso, de pleno acordo com as conclusões a que chegaram tambem recentemente GRISCOM & GREENWAY. (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 258).

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♀ ♀, OLALLA, junho 15 (1936) e abril 14 (1937).

BRASIL

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, outubro 27 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, OLALLA, dezembro 14 (1936).

Rio Urubú (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, maio 13 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, maio 26 e junho 3 (1937).

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): 1 ♀ e 1 sexo?. OLALLA, junho 24 (1937).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂ ♂, GARBE, novembro e dezembro (1920).

Utinga (próx. de Belém): ♀, F. Q. LIMA, setembro 29 (1923).

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, junho 15 (1934).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 11 (1935).

Rhytipterna immunda (Sclater & Salvin) [VI, 154]

Lipaugus immundus SCLATER & SALVIN, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., pags. 57 e 159: Oyapock (Guiana Francesa)[1]; SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 357.

Distribuição. — Guiana Francesa (Oyapock), sul da Venezuela (rio Guainia, junto ao Cassiquiare), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Negro (Javanarí), baixo Tapajoz (Santarém).

Gênero LIPAUGUS Boie

Lipangus (sic)[2] BOIE, 1828, Isis, XXI, p. 318. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Muscicapa plumbea* LICHTENSTEIN (= *Ampelis cineracea* VIEILLOT).

---

(1) Havia, até ha pouco, grande dúvida sobre a pátria típica desta espécie rara, de que HELLMAYR (Catal. Bds. of the Americas, VI, 1929, p. 154) refere apenas os dois exemplares originariamente descritos. Hoje, na falta embora de exemplares autênticos da Guiana Francesa, diante do que nos informa ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 893, p. 12) sobre a imprevista distribuição do pássaro na bacia amazônica, não ha motivo para impugnar a procedência dos tipos dada por SCLATER.

(2) *Lipangus*, erro tipográfico por *Lipaugus*, conforme a etimologia fornecida em nota pelo próprio autor.

Lipaugus vociferans (Wied) [VI, 157]

Cricrió, Seringueiro (Amazonia), *Bastião, Tropeiro, Guela d'Água* (Baía), *Poaieiro* (Mato Grosso).

Muscicapa vociferans WIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 242 (p. 240 na edição in-8 vo.): Fazenda Pindoba, pouco ao norte de Caravelas, no extremo sul da Baía).

Lathria[1] *cinerea*[2] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 352; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 309; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 351.

Distribuição. — Guianas Francesa ("Cayenne", Approuague, Ipousin, Regina, rio Lunier, rio Maroni, Camopi), Holandesa (Surinam, Javaweg, Lelydorp, próx. de Paramaribo) e Inglesa (Roraima, Camacusa, Bartica Grove, montes Merumé, rio Mazaruni), Venezuela (rio Orenoco, Nericagua, Munduapo, rio Caura, La Pricion), leste da Colômbia ("Bogotá", Florencia), do Equador (rio Suno, Sarayacu, rio Napo), e do Perú (Moyobamba, Rioja, Chamicuros, Puerto Bermudez), norte da Bolívia (San Mateo, Yungas de Cochabamba, Mapiri, Moxos), Brasil oeste-septentrional (Amazônia) e médio-oriental: rio Solimões (Manacapurú) e rio Amazonas (Itacoatiara, Silves, óbidos), rio Negro (Manaus, São Gabriel), rio Branco (serra Grande, Conceição), rio Anibá, rio Atabaní, rio Jamundá (Faro), igarapé Boiussú, Cunaní, rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar, Monte Verde), rio Madeira (Borba, Calama, Aliança, Humaitá), lago Batista, rio Tapajoz (Santarém, Aveiro, Prainha, Caxiricatuba, Vila Braga, Bela Vista) e rio Ja-

---

(1) *Lathria* SWAINSON, 1837, Classif. Birds, II, p. 255. Tipo, por monotipia "Le Cotinga cendré" de LEVAILLANT.

(2) *Ampelis cinerea* VIEILLOT, 1817 (Nouv. Dict. d'Hist. Nat., VIII, p. 162), com base em "Le Cotinga cendré" de LEVAILLANT (Hist. Nat. Ois. Nouv. et Rares Amér. et Indes, I, p. 98, pl. 44: Cayenne) é a denominação lineana mais antiga para a espécie; todavia, como adverte HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, 1929, p. 342, nota 2), força é rejeita-la, por homonimia com *Ampelis cinerea* LATHAM, 1890 (Index Orn., I, p. 367), anterior em data. Não compreendo, todavia, porque são unânimes todos os autores modernos em adotar para nome da espécie *Ampelis cineracea* VIEILLOT, 1822 (Tabl. Encycl. Méth., II, p. 761, — com base tambem em "Le Cotinga cendré" de LEVAILLANT), em vez de *Muscicapa vociferans* WIED, 1820, cuja prioridade está fora de discussão. A descrição fornecida pelo principe naturalista no relato de sua viagem, embora sucinta, é, como no caso de *Procnias melanocephalus* WIED, suficiente para determinar a ave (cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 230). Quanto à opinião, manifestada por BANGS & PENARD (Bull. Mus. Comp. Zool., LXII, 1918, p. 71), de constituirem as populações amazônico-guianenses raça aparte, não ouso discutí-la nesta emergência.

mauchim (Santa Elena), rio Xingú (Vitória), rio Tocantins (Mazagão), rio Guamá, rio Capim (Ressaca), rio Acará, rio Inhangapí e todo o distrito de leste do Pará (Santo Antônio do Prata, Utinga, Murutucú, Castanhal, Providência, Benevides, Peixe-Boi), norte do Maranhão (Turiassú), norte de Mato-Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama, Barão de Melgaço, Morrinho Lira), sul da Baía (Itabuna, Ilheus, rio Gongogí, rio Jucurucú, Caravelas), Espírito Santo (rio Doce).

BRASIL

Amazonas

Membeca (rio Manacapurú): ♂, CAMARGO, setembro 11 (1936); ♀, CAMARGO, setembro 17 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, outubro 31 (1936).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, novembro 19 (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 7 (1937).
Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, junho 28 e julho 19 (1937); ♀, OLALLA, junho 17 (1937).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 20, abril 15 e 19 (1937); 5 ♀ ♀, OLALLA, junho 28 (1936) e abril 15, 16 e 21 (1937).
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 18 (1937); ♀, OLALLA, junho 27 (1937).
Rio Juruá: 3 ♂ ♂, GARBE, dezembro 6 (1901), junho e outubro (1902).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 22 (1936) e janeiro 29 (1937).
Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, janeiro 25 (1937); ♀, OLALLA, janeiro 20 (1937).
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 27 e junho 4 (1937); ♀, OLALLA, março 5 (1937).

Pará

Murutucú (próx. de Belém): ♂, F. Q. LIMA, fevereiro 2 (1924).
Prainha (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, fevereiro 21 (1934).
Aveiro (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, março 3 (1934).
Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 31 (1936) e janeiro 13 (1937); ♀, OLALLA, abril 8 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 19 (1935).

Baía

Ilheus: 2 ♂ ♂, GARBE, abril e maio (1919).
Itabuna: ♀, GARBE, junho (1919).
Serra do Palhão: ♂, W. GARBE, novembro 29 (1932).
Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♀, W. GARBE, março 30 (1933).

Espírito Santo

Linhares (baixo rio Doce): ♂, E. G. HOLT, novembro 25 (1940).

Lipaugus lanioides (Lesson) [VI, 159]

Sabiá da mata virgem, Sabiá do mato grosso, Sabiá da serra (Juquiá), *Virussú.*

Turdampelis lanioides LESSON, 1844, Écho du Monde Savant, XI, p. 156: "Brésil" (para pátria típica proponho Rio de Janeiro)

Lathria virussu SCLATER[1], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 351; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 308.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Espírito Santo (Braço do Sul, Chaves), Rio de Janeiro (Cantagalo), leste de Minas Gerais (Mariana, São José da Lagoa), São Paulo (Ipanema, Mato-Dentro, Vitória, Iporanga, Juquiá, Franca), Santa Catarina (Joinvile).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, setembro 1 (1942); ♂, OLIV. PINTO, agosto 21 (1942); ♀, OLALLA, agosto 27 (1942); sexo ?, OLALLA, agosto 26 (1942).

Minas Gerais

Mariana: sexo ?, J. B. GODOY (1906).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLIV. PINTO, out. 3 (1940); ♂, OLALLA, setembro 28 (1940).

São Paulo

Iporanga: ♂, R. KRONE, julho 21 (1897).

Franca: ♂, GARBE, dezembro (1910).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♂♂, OLALLA, maio 13 e 18 (1940); 1 ♀ e 2 sexos?, OLALLA, maio 18 (1940).

Gênero PACHYRAMPHUS Gray

Pachyramphus GRAY, 1840, List. Gen. Bds., p. 31. Tipo, por designação original, *Psaris cuvierii* SWAINSON[2] (=*Tityra viridis* VIEILLOT).

Pachyramphus viridis viridis (Vieillot) [VI, 164]

Tityra viridis VIEILLOT, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 348 (com base em AZARA, N° 210, "Caracterizado verde y corona negra"): Paraguay.

Pachyrhamphus[3] *viridis* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 338; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 307.

---

(1) *Lipaugus virussu* PELZELN, 1868, Orn. Bras., págs. 122 e 184: Mato-Dentro e Ipanema.

(2) *Psaris cuvierii* SWAINSON, 1821, Zool. Illustr., I, pl. 32: "Brazil".

(3) *Pachyrhamphus* CABANIS, 1847 (Arch. Naturges., XIII, (1), p. 240), emenda de *Pachyramphus* GRAY.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Tucumán, Santa Fé, Misiones), Paraguay (Alto Paraná, Puerto Bertoni, Sapucay, baixo Pilcomayo, Lambaré), Brasil oeste-meridional e oriental[1]: Mato-Grosso (rio Guaporé, Sangrador, Cuiabá, Cáceres, Corumbá, Salobra, Miranda, Aquidauana), Piauí (Ibiapaba), Ceará (Juá, Baturité), Pernambuco, Baía (Santo Amaro, Madre de Deus, Curupeba, Camamú, cidade da Barra, Santa Rita do Rio Preto), Espírito Santo (Pau Gigante, rio Doce), Minas Gerais (Lagoa Santa, barra do Sussuí, São José da Lagoa), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo, Cardoso Moreira), São Paulo (Iporanga, Cananéia, Itararé, Bebedouro, Ituverava, Presidente Epitácio), Paraná (Curitiba, Roça Nova, Terezina, Cândido de Abreu, Invernadinha), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Taquara).

Brasil

Baía

"Bahia": ♂, Schlüter (1898).
Cidade da Barra: ♂, Garbe, janeiro (1908).
Curupeba: ♂, W. Garbe, janeiro 30 (1933).
Madre de Deus: ♀, Oliv. Pinto, janeiro 21 (1942).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, Garbe, janeiro (1906).
Rio Doce: ♀, Garbe, outubro (1906).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): sexo ?, Olalla, setembro 11 (1941).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, W. Garbe, agosto 21 (1940); ♀, W. Garbe, setembro 2 (1940); ♀, Olalla, agosto 22 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, Olalla, setembro 17 (1940); ♀, Oliv. Pinto, setembro 17 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, W. Garbe, setembro 28 e 29 (1940); 2 ♀ ♀, W. Garbe, setembro 29 e out. 2 (1940).

São Paulo

Iporanga: ♀, R. Krone (1898).
Ituverava: ♀, Garbe, julho (1903).
Itararé: ♂, Garbe, julho (1903).

---

(1) As aves do nordeste do Brasil a que corresponde *Psaris cuvierii* Swainson (Zool. Illustr., I, pl. 32), têm sido separadas às vezes como raça particular, sobre a base de apresentarem menor tamanho médio; esse proceder é todavia muito discutível, atenta a grande flutuação a que está sujeito o tamanho dos exemplares nas diferentes populações da espécie, como já o verificara Hellmayr (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, 1929, p. 340; XIII, pte. VI, p. 165, nota 1) e minha observação confirma.

Bebedouro: ♂, GARBE, abril (1904).
Presidente Epitácio (rio Paraná): ♀, LIMA, junho 4 (1926).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 26 (1934).

Mato Grosso

Miranda: ♂, LIMA, agosto 22 (1930).
Aquidauana: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 2 (1931).
Salobra: ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 30 (1941).

Pachyramphus viridis griseigularis Salvin & Godman [VI, 166]

Pachyrhamphus griseigularis SALVIN & GODMAN, 1883, Ibis, 5.ª Ser., I, p. 208: Roraima (Guiana Inglesa); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 339.

Distribuição. — Guiana Inglesa (monte Roraima) e Brasil septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas: ilha de Marajó, rio Tapajoz (Patauá)[1].

Pachyramphus surinamus (Linnaeus) [VI, 168]

Muscicapa surinama LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 325; Surinam.
Pachyrhamphus surinamus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 340.

Distribuição. — Guiana Francesa (Cayenne, Tamanoir, Pied Saut). Guiana Holandesa (Surinam), Brasil septentrional, ao norte do baixo Amazonas (Óbidos).

Pachyramphus rufus (Boddaert) [VI, 169]

Muscicapa rufa BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 27 (com base em "Le Gobe-mouche roux, de Cayenne" de DAUBENTON, pl. enlum. 453, fig. 1): Cayenne.

Pachyrhamphus cinereus[2] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 341; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 349.

Pachyrhamphus rufus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Aves, p. 307.

Distribuição. — Panamá (Gatún, Lion Hill, Paraiso), norte e leste da Colômbia (Magdalena, Santa Marta, "Bogotá"), Venezuela (estados de Caracas, Bermudez, Sucre, Zulia, Cara-

(1) Cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 259 (1941).
(2) *Pipra cinerea* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 43 (com base em "Manakin cendré de Cayenne" de DAUBENTON, Pl. enlum. 687, fig. 1): Cayenne. Como HELLMAYR foi o primeiro a demonstrar (Abh. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, 1906, p. 669), as figuras de DAUBENTON sobre que se basearam os nomes de BODDAERT, representam respectivamente a ♀ e o ♂ da espécie em estudo, prevalecendo o nome dado à primeira por precedência de página.

Pachyramphus polychopterus spixii ♂ n. 26 693 — *Tityra inq. inquisitor* ♂ n. 26.201
Ampelion melanocephalus ♂ n. 24.425 — *Attila rufus rufus* ♂ n. 27.113

bobo, Mérida, Lara, rio Orenoco), Guianas Inglesa (rio Mazaruni, rio Supenaam), Holandesa (Paramaribo, Kwata) e Francesa (Cayenne, rio Approuague, rio Oyapock, Pied Saut, rio Mana), nordeste do Perú (Sarayacu)[1] e noroeste do Brasil (Amazônia): rio Solimões (Tefé, Manacapurú) e rio Amazonas (Itacoatiara, Parintins, Óbidos, Monte Alegre, lago Grande), rio Negro (Manaus, Campos Sales, igarapé Cacau Pereira), rio Anibá, lago Canaçarí, rio Jamundá (Faro), rio Juruá e rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Borba, Rosarinho), rio Tapajoz (Santarém, Goiana, Vila Braga, Tauarí, Caxiricatuba, Miritituba), rio Curuá, rio Xingú (Vitoria, Tapará), rio Tocantins (Baião, Arumateua), ilha de Marajó (Chaves), ilha Mexiana, rio Capim (Aproaga), rio Mojú, distrito de Belém (Castanhal, Utinga).

Brasil

Amazonas

Rio Juruá: ♂, Garbe, agosto (1902)

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, Camargo, outubro 6 (1936); 2 ♀♀, Camargo, setembro 28 e outubro 12 (1936)

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, Ollala, outubro 29 (1936); ♀, Olalla, outubro 27 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, Olalla, janeiro 16 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 6 ♂♂, Olalla, março 1, 11, 16, 22, 23 e 29 (1937); 3 ♀♀, Olalla, março 24, abril 1 e 29 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, maio 24 (1937).

Pará

Lago Grande (baixo Amazonas): ♀, Garbe, julho (1920).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): sexo ?, Olalla, setembro 20 (1935).

---

(1) Até o recente estudo de Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.° 894, p. 2), que dá a conhecer um exemplar autêntico de Sarayacu (baixo Ucayali), era contestada a ocorrência de *P. rufus* na amazônia peruana, da qual a velha literatura ornitológica oferece todavia algumas referências (Chamicuros, Chyavetas), possivelmente corretas. Póde-se hoje, com abundância de provas, estender grandemente para o oeste a área da espécie, que Hellmayr (Cat. Birds Americas, pte. VI, p. 171), não obstante um exemplar do rio Juruá citado por Ihering (Rev. Mus. Paul., VI, p. 435), supuzera não ultrapassar, ao norte, o baixo Solimões (Manacapurú) e, ao sul, a margem esquerda do rio Tapajoz. Uma ♀ de Santa Cruz do rio Eirú (afl. do Juruá), localidade de que temos tambem um ♂ perfeitamente típico, chama a atenção pela cor acanelada quase uniforme das partes inferiores, o que a põe em vivo contraste com as de Manacapurú (marg. esquerda do rio Solimões), sugerindo tratar-se de duas raças distintas.

Pachyramphus castaneus castaneus (Jardine & Selby) [VI, 172]

Tityra castanea JARDINE & SELBY, 1827, Ilustr. Orn., I, pl. 10, fig. 2: "South America" (= Brasil)[1].
Pachyrhamphus rufus SCLATER (*nec* BODDAERT), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 343.
Pachyrhamphus castaneus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Braz., Av., p. 307.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), Brasil oriental e meridional: Baía (Bonfim, Ituassú), Espírito Santo (Pau Gigante, rio São José, Chaves, Baixo Grande, Santa Bárbara do Caparaó), Minas Gerais (rio Doce, rio Piracicaba, serra da Cacunda, serra do Caparaó, Água Suja), sul de Goiaz (rio das Almas, rio Uruú, Inhumas), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo), São Paulo (Ubatuba, Caraguatatuba, Piquete, Itatiba, Ipanema, Iguape, Cananéia, Salto Grande, Itararé, Juquiá, serra da Cantareira, Baurú, Valparaizo), Paraná (Curitiba, Roça Nova, Castro), Santa Catarina (Hansa, Cerro Verde).

BRASIL

Baía

"Bahia": ♂, SCHLÜTER (1898).
Vila Nova (= Bonfim): 2 ♂♂, GARBE, março (1908); ♀, GARBE, fevereiro (1908).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♀, GARBE, janeiro (1906).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 26 (1942).
Rio S. José: ♀, OLALLA, setembro 18 (1942).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, setembro 2 (1940); ♀, OLALLA, agosto 31 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 5 (1940).

São Paulo

Piquête: ♂, J. ZECH, dezembro 29 (1896).
Iguape: ♀, R. KRONE, agosto 10 (1897).
Itatiba: ♂, LIMA, novembro 7 (1899).
Baurú: ♂, GARBE (1901).
Itararé: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, junho (1903).
Ubatuba: sexo ?, GARBE, abril (1905).
Valparaizo: ♂, JOSÉ LIMA, julho 2 (1931).
Tabatinguara (Cananéia): 2 ♀♀, CAMARGO, setembro 19 e 23 (1934).

---

(1) Segundo HELLMAYR (Cat. Bds. Americas, VI, p. 172, nota 1), o tipo fazia parte do mesmo lote do de *Tityra viridis* JARD. & SELBY (= *Pach. v. viridis*), cujos autores davam-no como procedente do Brasil. A proveniência mais provável parece-me ser o Rio de Janeiro, que proponho como pátria típica.

Faz. Poço Grande (Rio Juquiá): 3 ♀ ♀, OLALLA, maio 12, 15 e 21 (1940); sexo ?, OLALLA, maio 21 (1940).
Serra de Caraguatatuba: sexo ?, OLALLA, setembro 25 (1941).
Horto Florestal (serra da Cantareira): 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 7 e 9 (1940) e abril 30 (1941); ♂, J. KÖNIG, dezembro 9 (1940).
Boracéa: ♂, E. DENTE, setembro 7 (1492).

Paraná

Castro: ♂, GARBE, junho (1914).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 10 (1934).
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♀, OLIV. PINTO, setembro 10 (1934).

Pachyramphus castaneus amazonus Zimmer [VI, 174]

Pachyramphus castaneus amazonus ZIMMER, 1936, Amer. Mus. Novit., N.º 894, p. 6: Rosarinho (margem esquerda do rio Madeira).

Pachyrhamphus castaneus SNETHLAGE (*nec* JARD. & SELBY), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 350.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Amazonas (Itacoatiara, Parintins, Óbidos, Monte Alegre), rio Negro (igarapé Cacau Pereira), rio Anibá, rio Jamundá (Faro), rio Madeira (Rosarinho, igarapé Auará), rio Tapajoz (Santarém, Urucurituba), rio Curuá, rio Tocantins (Baião)[1].

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, março 24 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, março 22 e 24 (1937).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA maio 7 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, GARBE, janeiro (1903).
Ilha de Urucurituba (baixo Amazonas): ♂, OLALLA, setembro 3 (1934); sexo ?, OLALLA, setembro 18 (1934).
Igarapé Bravo (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 6 (1935).

---

(1) ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 894, p. 8), discutindo os caracteres de um macho de Baião, equivalente, em dimensões, a outro de Ituassú (Baía), admite a possibilidade da existência de uma raça distribuida entre esses limites extremos, o que se me não afigura muito provável.

Igarapé Boiussú (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 23 (1935).
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 6 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 11 (1936).

Pachyramphus castaneus saturatus Chapman [VI, 173]

Pachyrhamphus castaneus saturatus CHAPMAN, 1914, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXIII, p. 628: La Morelia (rio Caquetá, sudeste da Colômbia).
Pachyrhamphus rufus SCLATER (*nec* BODDAERT), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 343, parte.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (La Morelia), leste do Equador (Sarayacu, rio Zamora, rio Santiago), nordeste do Perú (rio Marañon, Pebas, rio Tigre, baixo Huallaga, Yurimaguas, Anayacu, Lopuna), noroeste extremo do Brasil: rio Solimões (Olivença, Tonantins, Caviana, Tefé, Manacapurú), rio Juruá e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Hiutanaã).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, outubro 28 (1936).

Pachyramphus polychopterus polychopterus (Vieillot) [VI, 179]

Platyrhynchos polychopterus VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVII, p. 10: "Nouvelle Hollande" *errore* (a Baía é sugerida por HELLMAYR como pátria típica)[1].
Pachyrhamphus polychropterus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 179, parte: IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 308, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: sul do Maranhão (Barra do Corda), Piauí (Ibiapaba, Parnaguá, lagoa do Purgatório, Floriano), Ceará, Pernambuco (Tapera), Baía (Bonfim, rio Grande, ilha de Madre de Deus).

BRASIL

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 18 (1938).

Baía

"Bahia": ♂ (compr. de SCHLÜTER, 1898).
Vila Nova (= Bonfim): ♂ GARBE, fevereiro (1908); ♀ juv., GARBE, fevereiro (1908).

---

(1) Cf. Catal. Bds. of the Americas (Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII), parte VI, p. 179 (1929). A proveniência do tipo de *Pl. polychopterus*, ponto capital na sistemática da espécie, é discutida por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 894, p. 13).

Ilha de Madre de Deus (Recôncavo): ♂, Oliv. Pinto, janeiro 20 (1942).

Pachyramphus polychopterus spixii (Swainson) [VI, 177]
Caneleirinho (Itatiaia), *Caneleirinho preto* (Rio Grande do Sul).

Pachyrhynchus spixii Swainson, 1837, Anim. in Menager., p. 289: "Brazil?" (localidade típica Rio de Janeiro, sugerida por Hellmayr)[1].

Pachyrhamphus polychropterus Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 345, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 308, parte.

Distribuição. — Norte da Argentina (Buenos Aires, Chaco, Tucumán, Santa Fé, Cordoba), Uruguay (Montevideo, Concepcion, San Vicente), Paraguay (Sapucay, rio Negro, Trinidad), leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija, Sara, Yungas de Cochabamba), Brasil central e este-meridional: Espírito Santo (Pau Gigante, Guaraparí)[2], Minas Gerais (rio Piracicaba, São José da Lagoa), Rio de Janeiro (rio Muriaé, Cantagalo, Sepitiba, serra do Itatiaia), São Paulo (São Sebastião, Ubatuba, Iguape, Iporanga, Alto da Serra, Ipiranga, serra da Cantareira, Itatiba, Mogí das Cruzes, Bebedouro, Rincão, Parauna, Avanhandava, Lins, Itapura), Paraná (Curitiba, Guarapuava, Cândido de Abreu, Invernadinha), Santa Catarina, Rio Grande do Sul (Mundo Novo, Linha Pirajá, São Lourenço, Nova Wurttemberg), Goiaz (rio Araguaia), Mato-Grosso (Cuiabá, Chapada, Corumbá, Urucúm, Salobra, Descalvados, Barra do Jaurú).

Brasil

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂ Garbe, janeiro (1906).
Guaraparí: 1 ♂ e 1 ♀, Olalla, outubro 16 (1942).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 1 ♂ e 1 ♀, Olalla, setembro 11 (1941).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, Oliv. Pinto, agosto 18 (1940); ♀, Olalla, agosto 28 (1940).

(1) Cf. Catal. of Birds of the Americas, parte VI, p. 177, nota 1 (1929).

(2) São forçosamente convencionais os limites geográficos entre as duas raças este-brasileiras de *P. polychopterus*. Um ♂ de Espírito Santo, tanto nas medidas (asa 77½ mils., cauda 61 mils.), como no colorido, apresenta caracteres intermediários entre a raça típica e *P. p. spixii*, o mesmo podendo dizer-se dos de leste de Minas Gerais e de um do extremo norte do Rio de Janeiro (rio Muriaé).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♀, W. GARBE, setembro 28 (1940).

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE, outubro 9 (1893).
Iporanga: ♀, R. KRONE (1898?).
Itatiba: ♂, LIMA, novembro 7 (1899).
São Sebastião: ♀, H. PINDER, agosto (1900).
Rincão: ♀ juv., LIMA, fevereiro 26 (1901).
Alto da Serra: ♀, LIMA, agosto 24 (1904).
S. Jerônimo (Avanhandava): ♂ juv., GARBE, fevereiro (1904).
Itapura: ♀, GARBE, setembro (1904).
Ubatuba: 2 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀, GARBE, março (1905); ♂, GARBE, abril (1905).
Ipiranga (cid. de São Paulo): ♂, LIMA, fevereiro 13 (1912).
Horto Florestal (serra da Cantareira): ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 9 (1940).
Faz. Santa Rosa (Parauna): ♂, JOSÉ LIMA, abril 15 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♀, OLALLA, fevereiro 14 (1941).

Rio Grande do Sul

Nova Wurttemberg: 2 ♂ ♂, GARBE, março e abril (1915); ♀, GARBE, março (1915).

Mato-Grosso

Salobra: ♂, LIMA, janeiro 21 (1941).

Pachyramphus polychopterus tristis (Kaup) [VI, 181]

Psaris marginatus tristis KAUP, 1852, Proc. Zool. Soc. London, XIX, p. 48: nenhuma indicação de localidade (Cayenne, pátria típica sugerida por BANGS & PENARD)[1].

Pachyrhamphus niger SCLATER (*nec* SPIX), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 343, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 308, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 350, parte.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá", Buenavista, Villavicencio)[2], Venezuela (rio Orenoco, Ciudad Bolivar, Altagracia, rio Caura, Maipures, Valencia, Cumaná, Bermudez, Carabobo, Mérida), ilhas Trinidad e Tobago, Guianas Inglesa (monte Roraima, rios Essequibo, Supenaam, Ituribisci, Rupunnuni e Bonasica, alto Takutu, Bartica), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, rio Mana), Brasil septentrional, dos confins com a Venezuela e Guianas às margens ambas

(1) Cf. Bull. Mus. Compar. Zool., LXIV, p. 387 (1921).
(2) As aves dessa zona aproximam-se de *P. niger*, a que ZIMMER não hesita em referí-las, de par com as da região do Caquetá (Florência).

do baixo Amazonas[1]: rio Branco (Boa Vista, serra Caraumã), rio Surumú (Frechal), baixo rio Negro (Manaus), Itacoatiara, Parintins, rio Jamundá (Faro), Monte Alegre, igarapé Boiussú, Óbidos, Patauá, rio Maicurú, Arumanduba, rio Tapajoz (Santarém, Boim, igarapé Brabo, igarapé Amorim, Piquiatuba), rio Curuá, rio Xingú (Tapará, Porto de Moz), rio Tocantins (Arumateua, Baião, ilha Pirunum), ilhas do delta amazônico (Marajó, Mexiana), leste do Pará (Belém, Providência, Quatipurú, Benevides), norte do Maranhão (Miritiba, Rosário).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, outubro, 17 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, março 23 (1937).

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂ juv., OLALLA, janeiro 23 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 18 (1935); 2 ♀ ♀, OLALLA, abril 7 e 10 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 30 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 10 (1936).

Pachyramphus polychopterus niger (Spix) [VI, 180]

Pachyrhynchus niger SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 33, pl. 45, fig. 1 (= ♂ adulto): nenhuma indicação de localidade (pátria típica, por sugestão de BERLEPSCH & HARTERT, Fonte Boa, na marg. direita do rio Solimões)[2].

Pachyrhamphus niger SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 343, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 350, parte.

---

(1) A despeito do ponto de vista de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 894, 1936, p. 12), para quem, em desacordo com HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., VI, 1929, p. 183), as populações da margem direita do baixo amazonas (rio Tapajoz, rio Xingú) devem antes referir-se à raça nordestina, não vejo como separá-las das da margem septentrional. Os exemplares que tenho em estudo atestam a grande variedade do colorido das aves dessa região, confirmando o seu carater intermediário, já reconhecido por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 260). Em todos os machos adultos o abdomen é decididamente mais escuro do que em qualquer dos do nordeste, sem falar na coloração do peito e da garganta, francamente denegridos. Por coerência, faltando-me embora material, são tambem referidos a *P. p. tristis* as aves da grande floresta do norte do Maranhão, prolongamento natural da Hiléia.

(2) Cf. BERL. & HARTERT, Novit. Zool., IX, p. 56 (1902).

Distribuição. — Sudoeste da Venezuela (monte Duida, Caño Seco), sudeste da Colômbia (rio Caquetá, La Morelia, Florencia), leste do Equador (rio Napo, Archidona, Sarayacu), e do Perú (rio Marañon, Pebas, Nauta, rio Ucayali, Sarayacu, Yurimaguas, Lagarto, Chanchamayo, Huachipa), norte da Bolívia (rio Beni), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões e região adjacente do Amazonas médio[1]: rio Solimões (Olivença, Tefé, Caviana), rio Negro (igarapé Cacau Pereira), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar, Monte Verde, Hiutanaã, Arimã), rio Madeira (Borba, Calama, Humaitá, igarapé Auará, Rosarinho, Porto Velho, Santo Antônio de Guajará).

EQUADOR

"Ecuador": sexo ? (compr. de SCHLÜTER, maio 1902).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esq.): 3 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 5 (1936) e janeiro 27 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, janeiro 27 e 31 (1937).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, outubro 28 e 29 (1936); ♂ juv., OLALLA, novembro 16 (1936); ♀, OLALLA, novembro 17 (1936).

Pachyramphus marginatus marginatus (Lichtenstein) [VI, 186]

Todus marginatus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 51 (= ♀): Baía.

Pachyrhamphus atricapillus SCLATER (*nec* MERREM)[2], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 347, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catál. Fauna Brazil., Aves, p. 308.

BRASIL

Baía

"Bahia": ♂ (adq. por compra).

Itabuna: ♂, GARBE, julho (1919).

Distribuição. — Brasil oriental: Pernambuco (Macuca), Baía (Bonfim, Itabuna), Espírito Santo (rio Doce, rio São José, Santa Leopoldina), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio Piracicaba, rio Doce), Rio de Janeiro (Sepitiba), leste de São Paulo (São Sebastião).

---

(1) No tocante às relações geográficas entre *P. p. niger* e *P. p. tristis* as mesmas dificuldades existem entre esse último e *P. p. polychopterus;* assim é que ZIMMER prefere referir as aves do Jamundá (Faro) e "Vila Bela Imperatriz" (= Parintins) à forma amazônico-peruana.

(2) *Lanius atricapillus* MERREM, 1786 (Av. Rar. Icon., fasc. 2, p. 26, pl. 8: Surinam?), em que PELZELN e outros julgaram reconhecer a presente espécie, tem-se como inidentificável. Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XXXII, p. 16 (1925).

Vila Nova (= Bonfim): ♀, GARBE, fevereiro (1908).

Espírito Santo

Rio S. José: ♂, OLALLA, setembro 14 (1942).
Rio Doce: ♂ juv., GARBE, fevereiro (1905); 3 ♀ ♀, GARBE, março (1906).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 26 (1942).

Minas Gerais

Rio Doce: 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 28 e setembro 2 (1940); ♀, OLALLA, setembro 2 (1940).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 22 (1940).

Pachyramphus marginatus nanus Bangs & Penard[1] [VI, 187]

Pachyrhamphus marginatus nanus BANGS & PENARD, 1921, Bull. Mus. Compar. Zool., LXIV, p. 395: Xeberos (norte do Perú, próx. à marg. direita do rio Marañon).

Pachyrhamphus atricapillus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 347, parte.

Pachyrhamphus marginatus SNETHLAGE (*nec* LICHTENSTEIN), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 350.

Distribuição. — Guianas Francesa (Oyapock), Holandesa (Surinam) e Inglesa (Bartica Grove, montes Merumé, Camacusa), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, San Esteban, falda do monte Duida), leste da Colômbia (La Morelia), do Equador (rio Napo, Archidona, Sarayacu) e do Perú (rio Marañon, Pebas, Xeberos, Chamicuros, Chyavetas), norte e leste da Bolívia (Yuracares, Todos os Santos), Brasil oeste-septentrional (Amazônia) e centro-ocidental: rio Solimões (Manacapurú), rio Negro (Barcelos, Marabitanas, rio Içana), rio Anibá, rio Atabaní, rio Jamundá (Faro), Óbidos, rio Jarí, rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Borba) e rio Gi-Paraná (Maruins), rio Tapajoz (Santarém, Boim, Goiana, Vila Braga, Itaituba), rio Xingú (Forte Ambé), rio Tocantins (Cametá, Mazagão), rio Guamá (Ourém), distrito este-paraense (Utinga, Peixe-Boi, Santa Isabel, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú), noroeste de Mato-Grosso (Barão de Melgaço, Monte Cristo).

---

(1) O menor tamanho das aves de leste do Brasil, como já o evidenciara Mme. SNETHLAGE (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, 1930, p. 309) é carater de valôr muito relativo, pelo que se torna eminentemente discutível a validez de *P. m. nanus*. Isso se depreende das medidas dos exemplares de nossa série (cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, 1937, p. 599), a que ultimamente vieram juntar-se vários machos adultos da bacia Amazônica (no de igarapé Anibá, a asa não mede menos de 71 milim.).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂ juv. ?, CAMARGO, outubro 8 (1936); 2 ♀♀, CAMARGO, outubro 9 e 17 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 20 (1936); ♀, OLALLA, abril 16 (1937).

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂ OLALLA, julho 20 (1937).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, dezembro 23 (1936) e fevereiro 2 (1937); ♀, OLALLA, janeiro 27 (1937).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, outubro 29 (1936).

Igarapé Grande (alto Juruá): ♀, OLALLA, janeiro 15 (1937).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, GARBE, novembro e dezembro (1920).

Gênero **PLATYPSARIS** Sclater

Platypsaris SCLATER, 1857 (*ex* BONAPARTE, 1854)[1], Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 72. Tipo, por designação subsequente de SCLATER (1888), *Pachyrhynchus aglaiae* LAFRESNAYE[2].

Platypsaris rufus rufus (Vieillot) [VI, 193]

Caneleiro, Caneleira.

Tityra rufa VIEILLOT, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 347 (com base em AZARA, N.º 208, "Caracterizado canela y corona pizarra"): Paraguay.

Hadrostomus[3] *atricapillus*[4] SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 333.

Hadrostomus rufus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 306.

---

(1) *Platypsaris* BONAPARTE, 1854 (Ann. Sci. Nat., (4), Zool., I, p. 134) sendo, como nô-lo informa HELLMAYR, *nomen nudum*, em nada prejudica a validez de *Platypsaris* SCLATER, cuja prioridade sobre *Hadrostomus* CABAN. & HEINE não oferece dúvida.

(2) *Pachyrhynchus aglaiae* LAFRESNAYE, 1839, Rev. Zool., II, p. 98: México.

(3) *Hadrostomus* CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 84 — nome novo para *Pachyrhamphus* KAUP, 1852 (*nec* CABANIS, 1847). Proc. Zool. Soc. Lond., XIX, p. 45. Tipo, por designação subsequente de SCLATER (1888), *Tityra atricapilla* VIEILLOT (=*Tityra rufa* VIEILLOT).

(4) *Tityra atricapilla* VIEILLOT, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 347 (com base em AZARA, N.º 209, "Caracterizado canela y cabeza negra"): Paraguay. Sob os Ns. 208 e 209, descreve respectivamente AZARA a fêmea adulta e o macho imaturo da espécie de que tratamos.

Distribuição. — Norte da Argentina (Santa Fé, Chaco), Paraguay (Sapucay, Trinidad, San Rafael, Colônia Risso, Lambaré), leste da Bolívia (Chiquitos), Brasil central e oriental: Mato-Grosso (Chapada), Goiaz (Amaro Leite, rio dos Pilões, rio das Almas, rio Claro, Inhumas), sudeste do Pará (baixo Tocantins, Mocajuba), ilha de Marajó (São José, faz. Teso)[1], Maranhão (Turiassú), Piauí (Ibiapaba, Pedrinha, Deserto), Ceará (Juá), Baía (Cidade da Barra, Bonfim, rio Gongogí), Espírito Santo (rio Doce, rio São José), Minas Gerais (rio Doce, rio Sussuí), Rio de Janeiro (Sepitiba), São Paulo (Ubatuba, Iguape, Cananéia, Ipanema, Taipas, Mato-Dentro, Itapira, Piquete, Itatiba, Mogí das Cruzes, serra da Cantareira, Una, Campinas, Franca, Ituverava, Barretos, Itapura, Presidente Epitácio), Paraná (Curitiba, Castro), Santa Catarina.

BRASIL

Baía

"Bahia": ♂ (adq. por compra de SCHLÜTER, 1898).
Vila Nova (=Bonfim): 2 ♂♂, GARBE, março e maio (1908); ♀, GARBE, abril (1908).
Cidade da Barra: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, janeiro (1908).
Rio Gongogí: ♀, W. GARBE, dezembro 24 (1932).

Espírito Santo

Rio Doce: ♀, GARBE, fevereiro (1906).
Rio São José: ♀, OLALLA, setembro 21 (1942).

Minas Gerais

Rio Doce: ♂, OLALLA, setembro 2 (1940); ♀, OLIV. PINTO, setembro 2 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, margem esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 14 (1940).

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE, outubro (1893).
Rio Grande (Barretos): ♂ juv., GARBE, março (1904).
Itapura: 2 ♂♂, GARBE, agosto e setembro (1904); ♂ juv., GARBE, agosto (1904); ♀, GARBE, setembro (1904).
Ubatuba: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, março (1905).
Franca: ♂, GARBE, novembro (1910).
Ituverava: ♀, GARBE, maio (1911).
Presidente Epitácio (rio Paraná): ♂, LIMA, junho 21 (1926).
Rio Mogí Guassú: ♂, C. VIEIRA, setembro 25 (1933).
Itatiba: ♂, JOSÉ LIMA, outubro 2 (1933); ♀, LIMA, dezembro (1922).
Cananéia: ♂, CAMARGO, outubro 6 (1934).

---

(1) As referências ao baixo Amazonas (rio Tocantins, ilha de Marajó) encontram-se em ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 894, p. 19) e, segundo informa o mesmo autor, abrange exemplares que Mme. SNETHLAGE determinara como *Platypsaris minor*

Rio Una (Una): ♀, José Lima, fevereiro 21 (1937).
Horto Florestal (serra da Cantareira): ♀, José Lima, dezembro 7 (1940).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. Garbe, novembro 6 (1934).
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, W. Garbe, setembro 2 (1934); ♀, José Lima, setembro 11 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. Garbe, maio 15 (1940).

Platypsaris minor (Lesson) [VI, 197]

Querula minor Lesson, 1830, Traité d'Ornithol., p. 363: Cayenne.
Hadrostomus minor Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 337; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 307.
Platypsaris minor Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 349.

Distribuição. — Leste e norte da Bolívia (Santa Cruz, Guarayos, rio Japacani, Yuracares), leste do Perú (rio Ucayali, Saimiria, Yurimaguas, Chamicuros, Iquitos), do Equador (Sarayacu, rio Suno, Archidona) e da Colômbia (rio Caquetá, La Morelia, Florencia, Bogotá), Venezuela (rio Caura, Suapure), Guianas Inglesa (Bartica Grove, Camacusa), Holandesa (Surinam, Lelydorp) e Francesa (Cayenne, rio Oyapock, Pied Saut, Tamanoir), Brasil amazônico: rio Solimões (Olivença, Tonantins, Tefé), rio Negro (São Gabriel), rio Anibá, óbidos, lago Cuipeva, norte do Pará (alto Rocana, Caiarí), rio Purús (Bom Lugar, Ponto Alegre, Nova Olinda, Arimã, Hiutanaã), rio Madeira (Calama, Manicoré), rio Tapajoz (Santarém, Colônia do Mojuí, Pimental, Vila Braga), rio Tocantins (Baião, Arumateua), rio Acará (Ipitinga) e todo o distrito esteparaense (Belém, Utinga, Providência, Peixe-Boi), norte do Maranhão (Turiassú) e noroeste de Mato-Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama).

Brasil

Amazonas

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, Camargo, novembro 19 (1936).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, Olalla, junho 24 (1936) e abril 22 (1937); 2 ♀ ♀, Olalla, junho 20 (1936) e abril 17 (1937).

Pará

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): [illegible] juv., Olalla, fev. 17 (1934); ♀, Olalla, fevereiro 10 (1935).

Gênero **TITYRA** Vieillot

Tityra VIEILLOT, 1816, Analyse d'une Nouv. Ornith. Élément., p. 39. Tipo, por monotipia, "Bécarde" de BUFFON (= *Lanius cayanus*. LINNAEUS).

Tityra cayana cayana (Linnaeus) [VI, 204]

Anambé branco.

Lanius cayanus LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 137 (com base em *Lanius cayanensis* de BRISSON)[1]: Cayenne.
Tityra cayana SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 328; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 304; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 347.

Distribuição — Guianas Francesa (Cayenne, Roche Marie, rio Oyapock, Pied Saut, rio Mana), Holandesa (Paramaribo, Javaweg, Lelydorp) e Inglesa (rio Demerara, Camacusa, Bartica Grove, montes Merumé, monte Roraima), Venezuela (rio Orenoco, Maipures, Caicara, Suapure, rio Caura, serra de Carabobo, rio Catatumbo, Cumaná, penins. de Paría, Bermudez), ilha Trinidad (Caparo, Princestown), leste da Colômbia ("Bogotá", Florencia, La Morelia, Palmar), do Equador (alto Napo, rio Suno, rio Coca, Sarayacu) e do Perú (Iquitos, rio Ucayali), norte e leste da Bolívia (Santa Cruz, Buenavista, Guarayos, rio Palácios), Brasil oeste-septentrional (Amazônia): rio Solimões (Tonantins), rio Negro (Manaus, Barcelos, São Gabriel), rio Branco (Forte do Rio Branco), rio Jamundá (Faro), norte do Pará (Amapá, Cunaní), rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Arimã), rio Madeira (Borba), rio Tapajoz (Santarém, Diamantina), rio Tocantins (Baião), rio Mojú, rio Acará (Ipitinga, Igarapé Assú) e todo distrito este-paraense (Belém[2], Prata, Providência, Anindeua, Utinga, Pinheiro, Apeú, Marco da Legua, Val de Cans, Peixe-Boi).

---

(1) "La Pie-grièsche grise de Cayenne", BRISSON, 1760, Ornithologie, II, p. 158, pl. 14, fig. 1 (descrição do macho adulto).

(2) Pátria de *Tityra intermedia* CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 81. Como adverte HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, parte VI, p. 206, nota 1), fêmeas do baixo Amazonas (Belém, Santarém, Manaus) não se podem distinguir das de *Tityra brasiliensis;* não obstante, estes casos excepcionais abstraidos, conclue o mencionado ornitólogo pela estabilidade, por êle próprio a princípio (Abhandl. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 667) posta em dúvida, dos caracteres de coloração de plumagem e bico, em que se baseia a separação entre as raças amazônica e leste-brasileira. No material ao meu dispôr, pobre embora em exemplares da forma típica, é facil discriminar, à primeira vista, os representantes das duas raças.

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 1 ♂ e 2 ♀ ♀, GARBE, setembro (1902).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, CAMARGO, novembro 2 (1936); ♂ juv. ?, CAMARGO, novembro 19 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 9 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 9 (1936).

Pará

Val de Cans (Belém): ♂, F. LIMA, setembro 13 (1920).

Tityra cayana braziliensis (Swainson) [VI, 207]
Araponguinha, Araponguira, Canjica.

Psaris[1] *braziliensis* SWAINSON, 1837, Anim. in Menager., p. 286: "northern Brazil" (como pátria típica sugiro Pernambuco).
Tityra brasiliensis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 329.
Tityra braziliensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 305.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sul do Paraguay (alto Paraná, Sapucay, Lambaré, rio Negro, Bernalcué, Itapé), Brasil centro-ocidental e oriental: Mato-Grosso (Corumbá, Urucúm, Água Branca de Corumbá, Coimbra, Retiro, Chapada, rio Guaporé, Engenho do Gama), Goiaz (próx. cid. de Goiaz, rio das Almas e córrego da Formiga, Inhumas, rio Claro), Piauí, (rio Parnaíba, Santa Filomena, Santa Maria, Burití, Pé do Morro), Pernambuco, Baía (rio Preto, Macaco Seco, rio Gongogí, Itabuna), Espírito Santo (rio São José), Minas Gerais (Lagoa Santa, Curvelo, Teófilo Otoni, rio Piracicaba e córrego do Pissarão, rio Doce, rio Sussuí), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, serra do Itatiaia), São Paulo (Mato-Dentro, Butujurú, Orissanga, Ipanema, rio Mogí Guassú, Cananéia, ilha da Queimada Grande, Itararé, Vitória, São Carlos do Pinhal, Franca, Bebedouro, Jaboticabal, Olímpia, rio Feio, Macaúbas, Valparaizo, Itapura), Paraná (Curitiba, Fernandes Pinheiro, Cupim, Marechal Mallet, Fazenda Dursài), Santa Catarina (serra do Mirador), Rio Grande do Sul (Taquara, Nova Hamburgo, Poço das Antas).

BRASIL

Baía

Itabuna: ♂, GARBE, julho (1919).
Rio Gongogí: ♂, CAMARGO, dezembro 17 (1932).

(1) *Psaris* CUVIER, 1816, Règne Animal, I, p. 340: tipo, por monotipia, *Lanius cayanus* LINNAEUS. *Tityra* VIEILLOT, proposto em abril, tem prioridade sobre o nome de CUVIER, vindo a lume em dezembro do mesmo ano.

Espírito Santo

Córrego do Sabiá: ♀, Olalla, outubro 1 (1942).
Rio São José: ♂, Olalla, setembro 20 (1942).

Minas Gerais

Teófilo Otoni: ♂, Garbe, setembro (1908).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e 1 ♀, Olalla, outubro 3 (1940).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 1 ♂ e 1 ♀, W. Garbe, agosto 23 e 27 (1940); ♂, Olalla, agosto 26 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, Olalla, setembro 18 (1940).

São Paulo

São Carlos: ♂, Zech, setembro (1895).
Jaboticabal: ♀, Lima, setembro 26 (1900).
Itapura: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, setembro (1904).
Rio Feio: ♂, Franz Günther, outubro 5 (1905).
Franca: ♂, Dreher, novembro (1902); ♂, Garbe, setembro (1910).
Ituverava: ♀, Garbe, maio (1911).
Olímpia: ♀, Garbe, novembro (1916).
Ilha da Queimada Grande: ♂, Dr. A. Amaral, novembro (1920).
Valparaizo: ♂, Lima, julho 2 (1931).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, Camargo, outubro (1934).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): 2 ♂ ♂, José Lima, abril 5 (1940); 2 ♀ ♀, José Lima, março 27 (1940).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♂, A. Schwartz, novembro 17 (1898).
Nova Wurttemberg: 2 ♂ ♂, Garbe, fevereiro e abril (1915).

Mato-Grosso

Corumbá: ♀, Garbe, outubro (1917).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. Garbe, novembro 16 (1934); ♀, José Lima, novembro 14 (1934).
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, Oliv. Pinto, setembro 13 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, José Lima, outubro 18 (1934); ♀, W. Garbe, outubro 17 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): 2 ♂ ♂, W. Garbe, março 26 (1940) e outubro 1 (1941); ♀, W. Garbe, outubro 8 (1941).

Tityra semifasciata semifasciata (Spix) [VI, 208]

Urubùzinho (Amazonas), *Anambé branco* (Pará).

Pachyrhynchus semifasciatus Spix, 1825, Av. Bras., II, p. 32, pl. 44, fig. 2: "in provincia Pará" (sugiro a região de Belém como pátria típica).

Tityra semifasciata Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 330, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 306, parte; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 348.

Distribuição. — Guiana Francesa (rio Carsevenne), leste da Colômbia (Buenavista), do Equador (rio Napo, Coca, rio Suno, Gualaquiza, San José) e do Perú (rio Marañon, Iquitos, rio Ucayali, Xeberos, Huambo, Yurimaguas), noroeste do Brasil, oeste-septentrional (ao norte e ao sul do rio Amazonas) e centro-ocidental: rio Solimões (Tonantins, Tefé, Manacapurú), rio Negro (Manaus, igarapé Cacau Pereira), Itacoatiara, Silves, lago Canaçarí, rio Anibá, rio Atabani, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Cachoeira), rio Madeira (Borba, Calama, Aliança, igarapé Auará, Rosarinho, Santo Antônio do Guajará), Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba, Piquiatuba, igarapé Amorim, igarapé Brabo, Tauarí), Cussarí, rio Xingú (Vilarinho do Monte, Forte Ambé), rio Tocantins (Arumateua), ilha de Marajó (Soure), ilha Mexiana, costa septentrional do Pará (Maracá) e faixa costeira do distrito este-paraense (Belém, rio Muriá), norte e centro de Mato Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama, Vila Bela de Mato Grosso, Caiçara, Tapirapoã, rio Juruena, Chapada)[1].

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, CAMARGO, setembro 29 e outubro 3 (1936); 3 ♀♀, CAMARGO, outubro 8, 12 e 15 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, março 11 e 24, junho 5 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, março 9, 11 e 24 (1937).

Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, julho 1 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 7 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, novembro 17 (1936) e janeiro 15 (1937); ♀, OLALLA, abril 25 (1937).

---

(1) Pelas suas proporções, algo mais avantajadas do que na generalidade das da bacia Amazônica (machos com 120 a 127 mil. de asa, em vez de 110 a 124), as aves da região central de Mato Grosso são referidas a *Tityra semifasciata fortis* BERLEPSCH & STOLZMANN (Proc. Zool. Soc. Lond., 1896, p. 369), peculiar ao Perú centro-oriental, norte e leste da Bolívia (Chiquitos, Santa Cruz, alto Madeira). Diante, porém, dos estudos ulteriores de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 894, 1936, p. 21), que demonstraram a dificuldade de, com base naquele critério, esclarecer as relações zoogeográficas das duas raças, parece que as aves da Chapada matogrossense, equivalentes em tamanho, segundo àquele autor, às do baixo Tapajoz, devem ser atribuidas à forma amazônico-guianense. Quanto às do noroeste de Mato Grosso, seria necessário revêr o material existente à luz dos novos estudos, para decidir si pertencem ou não à forma típica.

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, julho 15 (1937).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 31 (1937).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♂ juv., GARBE, dezembro (1920); ♀, GARBE, dezembro (1920).
Lago Cuipeva (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, fevereiro 8 e 12 (1935).
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 2 ♂ ♂, GARBE, agosto (1920).
Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, julho 4 (1936); ♀, OLALLA, julho 1 (1936).
Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, abril 2 (1935).

Tityra inquisitor inquisitor (Lichtenstein) [VI, 216]
Araponguinha.

Lanius inquisitor LICHTENSTEIN (*ex* OLFERS manuscr.)[1], 1823, Verz. Doubl. Berl. Museum, p. 50: São Paulo.

Tityra inquisitor SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 331, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 305.

Distribuição. — Sul do Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), nordeste extremo da Argentina (Misiones), Brasil centro-oriental e meridional: sul do Piauí (Burití), interior da Baía (Macaco Seco, perto de Andaraí), Espírito Santo (rio Doce, rio São José, Pau Gigante), Rio de Janeiro (Cantagalo), Minas Gerais (rio Jordão, São Francisco, Água Suja), Goiaz (rio das Almas, córrego da Formiga, rio Claro, Nova Roma), São Paulo (Ubatuba, Goiaba, Orissanga, Ipanema, Salto Grande, Vitória, Alambarí, Ituverava, Rincão, Glicério), Paraná (foz do rio Iguassú, salto de Ubá), Santa Catarina (Joinvile, São Francisco).

BRASIL

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, GARBE, fevereiro (1906).
Rio Doce: ♂, GARBE, agosto (1906); ♀, GARBE, julho (1906).
Rio São José: ♂ ad., OLALLA, setembro 20 (1942).
Córrego do Sabiá: ♂, OLALLA, outubro 1 (1942).

---

(1) *Erator* KAUP, 1852 (Proc. Zool. Soc. Lond., XIX, p.47), com *Lanius inquisitor* LICHT. por tipo (desig. subseq. de GRAY, 1855) é tido como gênero autônomo por RIDGWAY (Bull. Un. St. Nat. Mus., L., parte IV, p. 863) e outros.

São Paulo

Rincão: ♂, Lima, fevereiro 17 (1901).
Ubatuba: ♀, Garbe, abril (1905).
Ituverava: 3 ♀ ♀, Garbe, maio (1911).
Glicério: 1 ♂ e 1 ♀, Lima, julho 20 (1928).
Faz. Varjão (Lins): ♂, Olalla, fevereiro 20 (1941).
Silvânia: 1 ♂ ad. e 1 ♀ ?, Oliv. Pinto, janeiro 3 (1943).

Goiaz

Cana Brava (pto. de Nova Roma): ♂, José Blaser, novembro 6 (1932).
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, W. Garbe, setembro 9 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, Oliv. Pinto, setembro 30 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. Garbe, maio 18 (1941).

Tityra inquisitor pelzelni Salvin & Godman [VI, 218]

Tityra pelzelni Salvin & Godman, 1890, Biol. Centrali-Americana, Aves, II, p. 120 "Matto Grosso" (= Vila Bela de Mato-Grosso); Iher. & Ihering, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 306.

Tityra albitorques Sclater (*nec* Dubus), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 332, parte.

Tityra erythrogenys Snethlage (*nec* Selby), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 348, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Buenavista, Chiquitos, rio Quisera, Palmarito) e região adjacente do Brasil centro-ocidental, até a margem direita do médio e baixo Amazonas: Mato Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama, Vila Bela de Mato Grosso, São Luiz de Cáceres, Chapada, Corumbá, Urucúm), margem direita e esquerda do rio Madeira (Santo Antônio do Guajará)[1], Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Diamantina, Colônia do Mojuí, Aramanaí), distrito este-paraense (Utinga, Prata, Peixe-Boi), norte do Maranhão (ilha Mangunça).

Brasil

Mato-Grosso

São Luiz de Cáceres: ♂, Garbe, nov. (1917).

---

(1) Zimmer (Amer. Mus. Nov., N.º 894, p. 23) menciona um exemplar da margem esquerda do baixo Madeira (próximo à foz) e discute pormenorizadamente as relações da raça presente com *T. i. albitorques*, salientando as dificuldades, já postas em evidência por Hellmayr (Catal. Bds. Americas, parte VI, p. 218, nota 1), que frequentemente oferece a sua determinação. Doutro lado, não menos obscuras se mostram as relações de ambas com *T. i. erythrogenys*, raça cuja grande variabilidade testemunham numerosos exemplares de Faro, estudados por Zimmer.

Tityra inquisitor albitorques Dubus [VI, 222]
Urubúzinho.

Tityra albitorques DUBUS, 1847, Bull. Acad. Roy. Belg., XIV, p. 104: Perú (localidade?); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 332; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 305.

Distribuição. — Panamá (Darién, Tapalisa), Colômbia, a leste e oeste dos Andes (Bogotá, Remédios, Santa Marta, Valência, rio Magdalena, rio Tamaná, El Tigre, Nóvita, Chocó, Yuntas), oeste do Equador (Guayaquil, Daule, Bacay, Milagro)[1], leste do Perú (Yurimaguas, Chyavetas) e Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões (incluso o baixo rio Negro): rio Juruá (João Pessoa), Tefé, baixo rio Negro (Manaus).

COLÔMBIA

Bogotá: 1 ♂ e 1 ♀ (adq. por compra de v. BERLEPSCH, janeiro 1905).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 2 (1937); ♀, OLALLA, dezembro 31 (1936).

Tityra inquisitor erythrogenys (Selby) [VI, 220]
Anambé branco.

Psaris erythrogenys SELBY, 1826, Zool. Journ., II, p. 483: "Pernambuco", *errore* (Cayenne, pátria típica proposta em substituição, por HELLMAYR)[2].
Tityra inquisitor SCLATER (*nec* LICHTENSTEIN), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 331, parte.
Tityra erythrogenys SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 348, parte.
Tityra inquisitor erythogenys (sic) IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Braz., Aves, p. 305.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá"), Venezuela (Mérida, Carabobo, rio Orenoco, Suapure, Maipures, rio Caura, Puerto Cabello, rio Cayuni), Guiana Holandesa (prox.

---

(1) Merece reparo a estranha distribuição da raça *albitorques*, que, no Equador, contra toda expectativa, se restringe à vertente ocidental da cordilheira dos Andes, enquanto é na vertente oriental substituida por *T. i. buckleyi* SALVIN & GODMAN, comum na região de sudeste da Colômbia (rio Caquetá). Cf. HELLMAYR, Catal. Bds. Amers., parte VI, p. 222, nota 1.

(2) Cf. Catal. Bds. of the Americas, parte VI, p. 220, texto e nota 2 (1929).

de Paramaribo), Guiana Francesa (Cayenne, Oyapock, Pied Saut), Brasil septentrional, ao norte do baixo Amazonas: rio Jamundá (Faro)[1].

Tityra leucura Pelzeln[2] [VI, 225]

Tityra (Erator) leucura PELZELN, 1868, Orn. Bras., págs. 120 e 183: Salto do Girau (alto rio Madeira).

Tityra leucura IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Av., p. 306.

Distribuição. — Só conhecida, até hoje, pelo exemplar típico, um macho imaturo, colecionado por NATTERER no Salto do Girau (alto Madeira).

Gênero **HAEMATODERUS** Bonaparte

Haematoderus BONAPARTE, 1854, Ateneo Italiano, II, p. 314. Tipo, por monotipia, *Haematoderus militaris* "Gm." (=*Coracina militaris* SHAW).

Haematoderus militaris (Shaw) [VI, 225]
Anambé.

Coracina? militaris SHAW, 1792, Mus. Lever., N.º 2, p. 61, com pl. color: Cayenne.

Haematoderus militaris SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 395; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 315; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 358.

Distribuição. — Guianas Inglesa (rio Demerara, Tiger Hill, montes Canuku), Holandesa (Surinam) e Francesa ("Cayenne"), Brasil septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas: Óbidos[3], rio Tocantins (Cametá), leste do Pará (Igarapé Assú).

---

(1) ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 894, p. 23) confirma a identidade dos exemplares de Faro, que SNETHLAGE foi a primeira a noticiar.

(2) Sobre os caracteres desta espécie singular, muito relacionada com *Tityra inquisitor albitorques*, cf. HELLMAYR, Novit Zool., XVII, p. 312 (1910) e Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII (Cat. Bds. Americas), parte VI, p. 225, nota 1 (1929).

(3) Dois casais do Carnegie Museum, referidos por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 262). Aventou HELLMAYR (Novit. Zool., XII, 1905, p. 295) a possibilidade de constituirem as aves do este paraense raça diferente das da Guiana, o que não tem sido possível apurar até hoje, em virtude da extrema raridade da espécie.

Gênero **QUERULA** Vieillot

Querula VIEILLOT, 1816, Analyse d'une Nouv. Ornith. Elément., p. 37. Tipo, por monotipia, "Piauhau" de BUFFON (= *Muscicapa purpurata* P. L. S. MÜLLER).

Querula purpurata (Müller) [VI, 226]

Anambé-una, Anambé preto, Mãe de tucano.

Muscicapa purpurata P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 169 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 381, "Gobe-Mouche noir à gorge pourpre de Cayenne"): Cayenne.
Querula cruenta[1] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 396.
Querula purpurata IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 315; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 358.

Distribuição. — Sul da América Central, em Costa Rica (Angostura, Payua, Salamanca, Pacuaré) e Panamá (istmo de Panamá, Darién, Lion Hill) e noroeste da América Meridional, desde a Colômbia, a leste e oeste dos Andes (Turbo, rio Magdalena, Puerto Berrio, rio Cauca, Puerto Valdivia, Medellín, Bogotá, La Morelia, Nóvita, Choco, Buenaventura), a Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, La Prición, Suapure) e as Guianas Inglesa (rio Demerara, Bartica Grove, montes Canuku), Holandesa (prox. de Paramaribo, Javaweg, Lelydorp, Rijsdijkweg) e Francesa (Cayenne, rio Approuague, Ipousin, Camopi), até o leste do Equador (Sarayacu, rio Suno, rio Peripo, montes Balzar) e do Perú (rio Ucayali, rio Huallaga, Chamicuros), inclusive quase todo o Brasil oeste-septentrional, no norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Tonantins), rio Branco (Forte do Rio Branco, serra Grande, serra Caraumã, Conceição), rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Cachoeira), rio Tapajoz (Santarém), margem septentrional do baixo Amazonas (Óbidos), rio Guamá (Ourém), rio Capim, rio Acará (Ipitinga) e todo leste do Pará (Belém, Castanhal, Peixe-Boi, Maguarí, Benevides), até o norte extremo de Goiaz, no rio Tocantins (Santo Antônio, perto de Boa Vista).

PANAMÁ

Almirante: ♂, H. WEDEL, maio 29 (1927); ♀, W. WEDEL, fevereiro 23 (1927).

---

(1) *Muscicapa cruenta* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 23 (baseada em DAUBENTON, Pl. enlum. 381).

COLÔMBIA

Puerto Valdivia (rio Cauca): ♀, MILLER & BOYLE, dezembro 17 (1914).

Puerto Berrio (rio Magdalena): ♂, CHAPMAN & CHERRIE, Jan. 28 (1913).

EQUADOR

"Equador": ♂, SCHLÜTER, maio (1902).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, dezembro 5 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 5 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, outubro 26 e novembro 7 (1936).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 2 ♂ ♂, GARBE, julho e agosto (1920); 2 ♀ ♀, GARBE, fevereiro (1903) e julho (1920).

Gênero PYRODERUS Gray

Pyroderus GRAY, 1840, List Gen. Birds, p. 38. Tipo, por designação original, *Coracias scutata* SHAW.

Pyroderus scutatus scutatus (Shaw) [VI, 228]

Pavoa (Esp. Santo), *Pavão, Pavó* (São Paulo), *Pavão do mato* (Rio Gr. do Sul).

Coracias scutata SHAW, 1792, Mus. Lever., N.º 4, p. 109, com prancha colorida: "native country.... not certainly known" (pátria típica, sudeste do Brasil, sugerida por HELLMAYR).[1]

Pyroderus scutatus SCLATER, 1888 Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 397; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 315.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Corrientes, Misiones), sudeste do Paraguay (Alto Paraná), sudeste do Brasil: sul da Baía (Ilhéus, rio Jucurucú), Espírito Santo (rio Doce, rio São José), leste de Minas Gerais (rio Doce, barra do Sussuí, baixo Piracicaba, Lagoa Santa, Uberaba), sudeste de

(1) SHAW, na Gen. Zool., VII, p. 401, acrescenta "native region supposed to belong to South America", o que apoia a designação feita por HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., parte VI, p. 228). A raça brasileira é representada por nada menos de quatro formas, distribuidas pelos paises do extremo norte (Venezuela, Guiana Inglesa) e noroeste da América do Sul, a leste dos Andes (Colômbia, Perú).

Goiaz (Inhumas), Rio de Janeiro (Registro do Saí, Nova Friburgo, Cantagalo), São Paulo (Mato-Dentro, Ipanema, Campos do Jordão, Cananéia, Vanuire, Valparaiso, rio Paraná, Porto Cabral), Paraná (Jacarèzinho, Invernadinha, Vermelho), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Arroio Grande, Poço das Antas).

Brasil

Baía

Ilhéus: ♂, Garbe, maio (1919).
Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♂ ?, Oliv. Pinto, abril 4 (1933); ♂, W. Garbe, março 28 (1933).
Rio Jucurucú (Braço do Sul): ♀, Oliv. Pinto, abril 1 (1933).

Espírito Santo

Rio Doce: ♂, Garbe, abril (1906); sexo ?, Garbe (1906).
Rio São José: 3 ♂ ♂, Olalla, setembro 25 (1942).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♀, Oliv. Pinto, janeiro 27 (1936).
Rio Doce: ♂, Olalla, agosto 28 (1940).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, Oliv. Pinto, setembro 4 (1940); 2 ♀ ♀, Olalla, agosto 19 e setembro 3 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 2 ♀ ♀, Olalla, setembro 18 e 20 (1940).

São Paulo

Campos do Jordão: sexo ?, H. Lüderwaldt, janeiro 13 (1906).
Vanuire: ♂, Lima, agosto 21 (1918).
Valparaizo: ♀, Heitor Serapião, julho 26 (1931).
Tabatinguara (Cananéia): sexo?, Camargo, outubro 2 (1934).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, José Lima, outubro 12 (1941); 2 ♀ ♀, E. Dente, outubro 11 e 12 (1941).

Paraná

Jacarèzinho: ♂, Lima, abril 2 (1901).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, José Lima, novembro 6 (1934); ♀, Garbe, novembro 23 (1934).

Gênero **CEPHALOPTERUS** Geoffr. St. Hilaire

Cephalopterus Geoffroy Saint-Hilaire, 1809, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, XIII, págs. 235 e 238. — Tipo, por designação original (e monotipia), *Cephalopterus ornatus* Geoffroy St.-Hilaire.

Cephalopterus ornatus ornatus Geoffr. St.-Hilaire [VI, 232]

Uiramembí, Guiramombocú, Toropiche, Anambé preto, Pavão do mato (Amazônia), *Pavão preto* (Mato-Grosso).

Cephalopterus ornatus GEOFFROY SAINT-HILAIRE, 1809, Ann. Mus. d'Hist. Nat. París, XIII, p. 238, pl. 15: "Brésil" (como localidade típica sugiro Barcelos, na marg. direita do rio Negro)[1]; SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 398; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 316.

Distribuição. — Sul da Guiana Inglesa (montes Canuku) e da Venezuela (alto Orenoco, acima do rio Meta, Nericagua, Samborge), sudeste da Colômbia (Florencia, Buenavista, "Bogotá"), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, rio Santiago, Zamora, San José, Mendez, Mapoto) e até o extremo sul do Perú (rio Ucayali, Cashiboya, Chyavetas, Ayacucho, Monterico, região do rio Urubamba e do rio Cadena, Huambo, Chanchamayo, Chaquimayo, Poco Tambo, Nuevo Loreto), norte da Bolívia (rio Beni, Tilotilo, Apolobamba), Brasil oeste-septentrional e centro-ocidental, do extremo norte do Amazonas ao sudoeste de Mato Grosso: rio Solimões (Fonte Boa, ilha Catauá, perto de Tefé), rio Negro (ilhas fluviais pto. de

---

(1) A HELLMAYR (Catal. Bds. of the Americas, VI, p. 232, nota 1) assiste toda razão quando refuta a designação de Cayenne para pátria típica desta espécie notável, feita por BERLEPSCH & HARTERT (Novit. Zool., IX, 1902, p. 58), com o fito de corrigir a indicada pelo próprio descritor original. Diante da informação, encontrada em DES MURS (em CASTELNAU, Expéd. Amer. du Sud, Oiseaux, p 62), de que o tipo foi trazido por GEOFFROY SAINT-HILAIRE, dos "rayons poudreux du musée de Lisbonne", pode afirmar-se, com segurança quasi absoluta, ter ele provindo das coleções feitas no Amazonas, em fins do século XVIII, por ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, que a mando do governo de Portugal viajou pelos rios Madeira, Branco e, principalmente, rio Negro (sobre o que foi o saque do Museu de Lisboa, pelas tropas de Napoleão cf. ROD. GARCIA, Hist. das Expl. Scient., no Dicc. Hist. Geogr. e Ethn. Bras., Introd., I, pags. 875-78; A. NEIVA, Esboço Hist. Bot. Zool. Bras., São Paulo, 1929, pags. 14 a 17; V. CORRÊA FILHO, Alex. Rodr. Ferreira, São Paulo, 1939). Entre os documentos, até hoje na maior parte inéditos, deixados pelo celebrado viajante-naturalista, figura um perfeito desenho do "toropichi" (reproduzido no livro de MELO-LEITÃO, Zoogeografia do Brasil, Cia. Edit. Nac., São Paulo, 1937, p. 290), nome local de *Cephalopterus ornatus* dado pelos índios. WALLACE, no relato de sua viagem ao Amazonas (tambem em Proc. Zool. Soc. Lond., 1850, p. 206), ocupa-se detalhadamente com o "Umbrella-bird", que ainda existia em regular abundância nas ilhas do baixo rio Negro (não porem na terra firme), perto de Manaus, onde o conheciam os índios por "uira-membí" (que o autor escreve "ueramembé"), isto é, pássaro-flauta. A possível verificação, em nossos dias, da sobrevivência do nome indígena registado por RODRIGUES FERREIRA, viria lançar grande luz sobre a controvertida questão da pátria típica da ave.

Manaus e da foz do rio Branco), rio Uaupés, rio Branco (Forte do Rio Branco, Conceição), rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa), rio Purús *(ubi?)*, baixo rio Madeira (ilhas próximas à foz), rio Guaporé (Engenho do Gama, Forte do Príncipe da Beira, Vila Bela de Mato Grosso, São Vicente), alto rio Paraguai (Vila Maria, rio Cabaçal)[1].

COLÔMBIA

"Nova Granada": ♂ (adq. por compra de SCHLÜTER, Jan. 1906).

EQUADOR

"Equador": ♂ (adq. por compra de ROLLE, Maio 1902).

Gênero **PERISSOCEPHALUS** Oberholser

Perissocephalus OBERHOLSER, 1899, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., p. 209, nome novo para *Gymnocephalus* GEOFFROY SAINT-HILAIRE, 1809 *(nec* BLOCH & SCHNEIDER, 1801), Ann. Mus. His. Nat. Prais, XIII, p. 237. Tipo, por designação original, *Corvus calvus* GMELIN.

Perissocephalus tricolor (Müller)[2] [VI, 234]

Urutauí, Maú.

Corvus tricolor P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p 85 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 521, "Choucas chauve de Cayenne"): Cayenne.

Gymnocephalus calvus[3] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 401.

Calvifrons[4] *calvus* IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 316; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 359.

---

(1) NATTERER colecionou *Cephalopterus ornatus* em várias localidades do Guaporé e em Vila Maria (hoje São Luiz de Cáceres), onde, como em outros pontos do alto Paraguai, tambem a encontrara mais tarde o conde CASTELNAU. Hoje, todavia, em qualquer parte é da mais alta raridade; sua ocorrência no rio Cabaçal foi-me verbalmente atestada pelo naturalista colecionador sr. ESTANISLAU PRZYJENSKI, que alí o encontrara entre junho e agosto de 1931.

(2) Sobre a nomenclatura desta espécie cf. CASSIN (Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., 1864, p. 242), talvez o primeiro a reconhecer a espécie presente na ave descrita por MÜLLER, opinião que HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., parte VI, 1929, p. 234, texto e nota 2) enfàticamente defende, divergindo de BERLEPSCH (Novit. Zool., XV, 1908, p. 143) e da generalidade dos autores modernos.

(3) *Corvus calvus* GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 372 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 521): Cayenne.

(4) A despeito de RICHMOND (Proc. Un. St. Nat. Mus., XXIV, 1902, p. 671), conclue HELLMAYR (op. cit., p. 234) pela invalidez de *Calvifrons* DAUDIN, 1804 (Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, III, p. 146, *nomen nudum* proposto para "Chauvard", expressão vernácula insusceptível de determinação inequívoca.

Distribuição. — Guianas Inglesa (rio Demerara, Annai, montes Canuku, Camacusa, Bartica Grove, monte Roraima), Holandesa (Surinam, prox. de Paramaribo, rio Maroni) e Francesa (Cayenne, rio Approuague, Ipousin, rio Lunier, Camopi) e região adjacente do Brasil, até a margem esquerda do rio Amazonas: rio Negro (Cobatí), rio Uaupés, rio Branco (Forte do Rio Branco), rio Anibá, rio Atabaní, Óbidos, Monte Alegre, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

GUIANA INGLEZA

"Annai": ♀, WHITELY (ex Mus. Boucard).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, abril 13 e maio 24 (1936).

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, julho 11 (1937).

Gênero **GYMNODERUS** Geoffroy Saint-Hilaire

Gymnoderus GEOFFROY SAINT-HILAIRE, 1809, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, XIII, p. 237. Tipo, por designação original, *Corvus nudus* GMELIN (=*Gracula foetida* LINNAEUS).

Gymnoderus foetidus (Linnaeus) [VI, 235]

Anambé-assú, Anambé pombo (Pará).

Gracula foetida LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 108: "*in America. Rolander*" (pátria típica Surinam, sugerida por HELLMAYR)[1].

Gymnoderus foetidus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Aves, p. 316; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 359.

Distribuição. — Sul da Venezuela (alto Orenoco, Munduapo, Bichaco) e da Guiana Inglesa (montes Canuku e Takutú, rio Berbice, Blairmont), Guiana Holandesa (viz. de Paramaribo), Guiana Francesa (Cayenne), leste do Equador (rio Coca, Sarayacu) e do Perú (Yurimaguas), Brasil oeste-septentrional (Amazônia) e centro-ocidental (oeste de Mato Grosso): rio Solimões (Manacapurú) e rio Amazonas (Itacoatiara, Silves, lago Canaçarí, Monte Alegre), rio Javarí, rio Juruá, rio Purús (Monte Verde), rio Madeira (Borba, Humaitá, Cala-

---

(1) A informação de LINNAEUS (op. cit., pág. A, verso), ao nomear os discípulos que lhe trouxeram material de viagens a países remotos, abona a escolha da localidade típica ("Rolandri in Surinamum & Eustatium").

ma), lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém, Tauarí, Apací, Caxiricatuba, Piquiatuba), ilhas do delta amazônico (Mexiana, Caviana), distrito de leste do Pará (Belém, Quatipurú), rio Guaporé (Engenho do Gama, Vila Bela do Mato Grosso), alto rio Paraguai (Vila Maria, Caiçara, rio Cabaçal, Descalvados).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 3 ♀♀, GARBE, novembro (1902).
Lago Tapaiuna (rio Amazonas): ♀, OLALLA, abril 21 (1936).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♂ juv., CAMARGO, outubro 6 (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, abril 6 e junho 21 (1937); 6 ♀♀, OLALLA, fevereiro 26, março 10 e 12, abril 30 (1937).
Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, junho 17, julho 5 e 16 (1937); 8 ♀♀, OLALLA, junho 3, 17, 18, 19 e 22, julho 5 e 19 (1937); sexo ?, OLALLA, junho 3 (1937).
Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♀♀, OLALLA, abril 7 e maio 8 (1937).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, janeiro 31 e fevereiro 19 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, novembro 27 (1936) e janeiro 31 e fevereiro 1 (1937); 2 sexos ?, OLALLA, novembro 4 (1936) e julho 13 (1937).
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, janeiro 20, abril 17 e julho 17 (1937); 7 ♀♀, OLALLA, fevereiro 10, março 8 e 15, abril 1, 3 e 20, junho 1 (1937); sexo ?, OLALLA, fevereiro 6 (1937).

Pará

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, janeiro 22 (1936).
Aruã (rio Arapiuns): ♂, OLALLA, maio 9 (1936).
Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 2 ♀♀, OLALLA, junho 26 e julho 10 (1936).

Gênero **PROCNIAS** Illiger

Procnias ILLIGER, 1811, Prodr. Syst. Mamm. Av., p. 228. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), "*P. variegatus* (L.) Ill." = *Ampelis variegata* GMELIN (=*Ampelis averano* HERMANN).

Procnias alba (Hermann) [VI, 237]

Gainambé.

Ampelis alba HERMANN, 1783, Tab. Affin. Anim., p. 213, nota (com base em "Le Guira Punga ou Cotinga Blanc" de BUFFON): Cayenne.

Chasmorhynchus[1] *niveus*[2] SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 403; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 316.

Distribuição. — Guianas Inglesa (rio Demerara, rio Carimang, rio Atapurow, montes Merumé, montes Canuku, Berbice, monte Roraima, Bartica Grove), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), região subjacente do norte extremo do Brasil: rio Negro (Barcelos)[3].

Procnias nudicollis (Vieillot) [VI, 238]

Guiraponga (nome indígena), *Araponga, Ferreiro.*

Ampelis nudicollis VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., VIII, p. 164: "le Brésil"[4].

Chasmorhynchus nudicollis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 404; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 316.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Puerto Bertoni), Brasil médio-oriental e este-meridional: Baía (Vila Nova, rio Pardo, Barra da Vereda), Espírito Santo (rio São José), Rio de Janeiro (serra de Inoã, Gurapina, Nova Friburgo, Cantagalo, Cabo Frio, Angra dos Reis), Minas Gerais (nascentes do rio São Francisco, rio das Velhas, Lagoa Santa), São Paulo (Alto da Serra, Embura, serra da Cantareira, Mato-Dentro, Ipanema, Itú, Juquiá, Iguape, Alecrim, Cananéia, Lins, rio Paranapanema, Porto Alvorada, rio Paraná, Porto Cabral), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Poço das Antas, linha Pirajá, Nova Hamburgo).

---

(1) *Chasmarhynchos* TEMMINCK, 1820, Man. d'Orn., 2ª ed., p. LXIII. Tipo, por designação subsequente de SCLATER (Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, 1888, p. 403), "*C. variegatus*" = *Ampelis variegata* GMELIN (= *A. averano* HERMANN). Sobre *Procnias* ILLIGER versus *Casmarhynchos* TEMMINCK, cf. RIDGWAY, Bull. Un. St. Nat. Mus., L, parte IV, p. 880, nota b (1907).

(2) *Ampelis nivea* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 49 (com base em "Cotinga Blanc, de Cayenne" de DAUBENTON, Pl. enlum., 793 (macho) e 794 (fêmea).

(3) A ocorrência no baixo Amazonas ("Pará"), assinalada por alguns autores (cf. SCLATER & SALVIN, Proc. Zool. Soc. Lond., 1867, p. 580), carece ainda de confirmação.

(4) A identidade da espécie foi apurada por HELLMAYR mediante o exame dos tipos, no Museu de Paris (cf. Catal. Bds. Amers., VI, p. 238).

BRASIL

Baía

Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, fevereiro (1908); ♀, GARBE, maio (1908).

Espírito Santo

Córrego do Sabiá: ♂, OLALLA, outubro 1 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 25 (1941).

São Paulo

Alto da Serra: ♂ juv., LIMA, agosto 9 (1899); ♀, H. HEMPEL, agosto 9 (1899).
Alecrim (Iguape): ♀, LIMA, agosto 10 (1925).
Cananéia: 2 ♂♂, CAMARGO, setembro 25 e outubro 2 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, OLALLA, maio 21 (1940).
Horto Florestal (serra da Cantareira): ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 6 (1940).
Embura: ♀, OLALLA, dezembro 20 (1940).
Faz. Varjão Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 6 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♀, E. DENTE, novembro 3 (1941).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, novembro (1897).

Procnias averano averano (Hermann) [VI, 239]

Ampelis averano HERMANN, 1783, Tab. Affin. Anim., pp. 211 e 214 (com base em "L'Averano" de BUFFON): nenhuma indicação expressa de localidade (a pátria típica foi fixada no nordeste do Brasil por HELLMAYR)[1].

Distribuição. — Nordeste do Brasil, onde, com segurança, ocorre ainda no interior do estado do Maranhão (Grajaú, Tranqueira).

---

(1) HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, 1929, p. 239), apoiando-se com certeza numa nota de BUFFON ("le nom bresilien... de guira punga, que les mêmes sauvages donnent à l'averano"), admite que a descrição de "L'Averano" se baseia exclusivamente na de "Guirapunga" fornecida por MARCGRAVE, não citado todavia pelo autor francês. Isso justifica a aceitação do nordeste do Brasil como pátria típica da espécie, que no norte da Venezuela e na Guiana Inglesa é representada por *P. averano carnobarba* CUVIER, raça muito melhor conhecida que a brasileira, e que se tinha inteiramente perdido de vista, até que a reconhecesse HELLMAYR em dois ♂♂ e uma ♀ colecionados recentemente (1924 e 1925) no interior do Maranhão, por H. SNETHLAGE. Nos tempos modernos nenhum documento há sobre a ocorrência de qualquer araponga no estado de Pernambuco, onde todavia parece existir. Cf. PINTO, Arquivos de Zoologia de São Paulo, I, p. 223 (1940).

Família PIPRIDAE

Gênero PIPRITES Cabanis

Piprites CABANIS, 1847, Arch. Naturgesch., XIII, (1), p. 234. Tipo, por monotipia, *Pipra pileata* TEMMINCK.

Piprites pileatus (Temminck) [VI, 4]

Pipra pileata TEMMINCK (*ex* NATTERER manuscr.), 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 172, fig. 1 (macho): Curitiba (estado do Paraná, sul do Brasil).
Piprites pileatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 284; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 297.

Distribuição. — Faixa costeira do Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Nova Friburgo)), São Paulo (Campos do Jordão), Paraná (Curitiba, Castro, Invernadinha, Cara Pintada, Vermelho).

BRASIL

São Paulo
Campos do Jordão: 2 ♂ ♂, H. LÜDERWALDT, fevereiro 21 (1906).
Paraná
Castro: ♂, GARBE, junho (1914).

Piprites chloris chloris (Temminck) [VI, 4]

Pipra chloris TEMMINCK (*ex* NATTERER manuscr.), 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 172, fig. 2: "Brésil" (= Ipanema, no estado de São Paulo).
Piprites chloris SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 284; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 297.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), sudeste do Brasil: Espírito Santo (Braço do Sul)[1], São Paulo (Ipanema, Iguape, rio das Pedras, Salto Grande do Paranapanema, rio Feio), Paraná (salto de Ubá, rio Ivaí, Porto Mendes).

BRASIL

São Paulo
Rio das Pedras: ♂, J. ZECH, julho 13 (1897).
Rio Feio: ♂, FRANZ GÜNTHER, setembro 18 (1905).

Piprites chloris chlorion (Cabanis) [VI, 4]

Hemipipo chlorion CABANIS, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 234: Cayenne.

---

(1) Cf. HELLMAYR, Verh. Orn. Gesellsch. Bay., XII, p. 137 (1915).

Piprites chlorion Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 5; Iher. & Ihering, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 297, parte; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 361.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Bartica Grove, Quonga, rio Supenaam, rio Ituribisci, montes Merumé, monte Roraima), Holandesa (Surinam, Lelydorp) e Francesa (Cayenne), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Negro (Manaus), Óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), baixo rio Madeira (Borba), rio Tapajoz (Santarém, Goiana, Vila Braga, Tauarí, Caxiricatuba, Miritituba), Cussarí, rio Guamá (Santa Maria do São Miguel) e distrito este-paraense (Quatipurú, Utinga) até a porção adjacente do norte do Maranhão (Turiassú).

Brasil

Pará

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 2 ♀ ♀, Olalla, março 17 (1937).

Piprites chloris bolivianus Chapman [VI, 5]

Piprites chloris bolivianus Chapman, 1924, Amer. Mus. Novit., N. 138, p. 6: Mision San Antonio (rio Chimoré, Bolívia).

Piprites chlorion Iher. & Ihering (*nec* Cabanis), 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 297, parte.

Distribuição. — Norte da Bolívia (rio Chimoré, Quebrada Onda, Yungas de Cochabamba) e porção adjacente do Brasil centro-ocidental: alto rio Juruá (rio Eirú, Santa Cruz), alto Madeira (Salto do Girau)[1], rio Guaporé (Engenho do Gama).

Brasil

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, Olalla, novembro 8 (1936).

Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, Olalla, janeiro 18 (1937).

Piprites chloris tschudii (Cabanis) [VI, 6]

Hemipipo tschudii Cabanis, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 99: "central Peru" (= Minabamba, dept. de Junín).

Piprites tschudii Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 284.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia ("Bogotá"), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Sarayacu, Zamora, San José),

---

(1) Cf. Hellmayr, Novit. Zool., XVII, p. 302 (1910).

centro e leste do Perú (dep. de Junín, Minabamba, La Gloria, La Merced, alto Ucayali, Yurimaguas, Huambo), extremo noroeste do Brasil, ao norte do rio Solimões: alto rio Negro (Marabitanas), rio Xié, rio Içana, rio Manacapurú (Membeca)[1].

BRASIL

Amazonas

Membeca (rio Manacapurú): ♂, CAMARGO, setembro 11 (1936).

Gênero PIPRA Linnaeus

Pipra LINNAEUS, 1764, Mus. Adolph. Frid., II, Prodr., p. 32. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Parus aureola* LINNAEUS.

Pipra aureola aureola (Linnaeus) [VI, 8]

Uirapurú, Uiramirí.

Parus aureola LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 191 (com base primordialmente em "Parus niger & fulvus" de EDWARDS)[2]: "in America" (pátria típica Surinam, sugerida por HELLMAYR)[3].

Pipra aureola SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 283; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 363, parte.

Distribuição. — Nordeste da Venezuela (delta do Orenoco, Las Barrancas, El Pilar, perto de Carúpano), Guianas Inglesa (rio Demerara, Bartica Grove, Bonasica, rio Anarica, rio Abary, foz do Barima, montes Merumé, Roraima), Holandesa (proxim. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, rio Approuague, rio Mana), região adjacente do Brasil septentrional, até ambas as margens do delta e da mais baixa porção do rio Amazonas: Maracá, Arumanduba, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Curuá do Sul (foz do Curuá), rio Xingú (Tapará), rio Tocantins (Baião, Mocajuba, ilha Taiuna), Marajó (Palheta, Chaves, São Natal) e mais ilhas do delta amazônico (Mexiana, Caviana), rio Mojú.

VENEZUELA

"Venezuela": ♂, SCHLUTER, maio (1902).

---

(1) No ♂ de Membeca (rio Manacapurú, não longe da marg. esquerda do baixo Solimões), o verde da nuca é muito fracamente acinzentado, sugerindo transição com *R. c. bolivianus*.

(2) EDWARDS, Nat. Hist. Birds, II, p. 83, pl. 83, fig. 2: "from some part of South America, near the equinoctial line".

(3) Cf. HELLMAYR, Ibis, 1906, p. 6.

BRASIL

Pará

Foz do Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 23 e 30 (1936); ♂ juv., OLALLA, dezembro 15 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 5 (1936).

Pipra aureola aurantiicollis Todd [VI, 9]

Pipra aureola aurantiicollis TODD, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 96: Santarém (margem direita da boca do Tapajoz).

Pipra aureola IHER. & IHERING (*nec* LINNAEUS), 1907, Cat. Faun. Braz., Aves, p. 298, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 363, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, em ambas as margens da porção intermédia do baixo Amazonas: Monte Alegre[1], rio Maicurú, igarapé Boiussú, igarapé Bravo, lago Cuipeva, Patauá, rio Tapajoz (Santarém, Taperinha, igarapé Amorim, Inajatuba), Tamucurí.

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, GARBE, janeiro (1903).

Taperinha (baixo Tapajoz, marg. direita): 2 ♂ ♂, GARBE, setembro (1920).

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 2 (1935).

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 2 (1935); ♀, OLALLA, fevereiro 7 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, abril 11 e 22 (1935); ♂ juv., OLALLA, abril 25 (1935); sexo ?, OLALLA, abril 5 (1935).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 11 (1935).

---

(1) As aves de Monte Alegre são referidas por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 889, p. 7) a *P. aureola flavicollis*. De qualquer modo, é sobremaneira difícil traçar limites à distribuição de *P. aureola aurantiicollis*, que os autores têm restringido à margem direita do baixo Amazonas. Suas características fazem insensível transição, de um lado com as da forma típica e de outro com as de *P. a. flavicollis*. A julgar pela série presente, as aves da margem septentrional do baixo Amazonas oposta ao rio Tapajoz (igarapé Boiussú, Patauá, etc.) apresentam este carater intermediário, sendo muito difícil em regra distinguí-las das de Santarém; não obstante, os exemplares de igarapé Boiussú já se aproximam visivelmente dos de *flavicollis*, em particular dos de Silves, dando a impressão de que a transição entre as duas raças é muito mais gradativa do que no sul. É ainda singular, que no presente caso, o largo rio Amazonas se mostre um divisor menos importante do que fatores geográficos outros, ainda não determinados.

Pipra aureola flavicollis Sclater [VI, 10]

Pipra flavicollis SCLATER, 1851, Contrib. Orn., p. 143: Barra do rio Negro (= Manaus); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 294.
Pipra aureola SNETHLAGE (*nec* LINNAEUS), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 363, parte.

Distribuição. — Brasil, ao norte e ao sul da primeira porção do baixo amazonas: baixo rio Negro (Manaus), Itacoatiara, Silves, rio Jamundá (Faro), Óbidos, margens direita e esquerda do baixo rio Madeira (Rosarinho, Santo Antônio do Guajará), lago do Batista, Parintins.

BRASIL
Amazonas
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, fevereiro 26 (1936), maio 12 e 30 (1937).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, janeiro 9 e 11, março 16, abril 4 (1937); 4 ♂♂ juvs., OLALLA, março 1, 3 e 17, abril 5 (1937); ♀, OLALLA, dezembro 11 (1936); 2 sexos ?, OLALLA, março 1 (1937).
Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂♂, OLALLA, junho 18, 19 e 29, julho 1 e 4 (1937); ♂ juv., OLALLA, junho 30 (1937); ♀, OLALLA, junho 28 (1937).

Pipra aureola borbae Zimmer

Pipra aureola borbae ZIMMER, 1936, Amer. Mus. Novit., N.º 889, p. 5: Borba (margem direita do baixo rio Madeira).

Distribuição. — Margem direita do rio Madeira (Borba, igarapé Auará), cruzando para a direita na porção alta do mesmo rio (Humaitá, Marmelos).

Pipra fasciicauda[1] scarlatina Hellmayr [VI, 11]
Uirapurú.

Pipra aureola scarlatina HELLMAYR, 1915, Verh. Orn. Gesells. Bay., XII, p. 122: Fazenda Caioá (perto de Salto Grande do Paranapanema, estado de São Paulo).

---

(1) *Pipra fasciicauda* HELLMAYR, 1906, Ibis, 8 va. Ser., VI, p. 9 (nome novo para *Pipra fasciata* LAFRESN. & D'ORBIGNY, nome anteocupado). Ha entre esta espécie e *Pipra aureola* afinidades muito estreitas, sugerindo a possível conveniência de tratá-las ambas como parte de uma só unidade específica, a exemplo do que já HELLMAYR, transitoriamente (Novit. Zool., XVII, 1910, p. 303; Verh. Orn. Gesells. Bay., XII, 1915, p. 123), não hesitara em praticar. Em abono deste modo de vêr, que em data recente vemos discutido por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 889, p. 3, 1936), encontram-se frequentemente em *P. aureola* exemplares com manchas brancas nas barbas externas das rectrizes laterais.

Antilophia galeata ♂ n. 4.405
Manacus manacus gutturosus ♀ n. 24.039

Chiroxiphia caudata ♂ n. 26.974
Manacus manacus gutturosus ♂ n. 27.390
Pipra fasciicauda escarlatina ♂ n. 17.363

Pipra fasciata[1] Sclater (*nec* Lafresn. & d'Orbigny), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 294, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 298.
Pipra fasciicauda Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 364.

Distribuição. — Sudeste do Paraguay (Alto Paraná, Puerto Bertoni, Sapucay), Brasil centro-meridional e septentrional (margem esquerda do baixo Amazonas): Mato Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama, Vila Bela de Mato-Grosso, rio Sepotuba, Tapirapoã, rio Paraguai, São Luiz de Cáceres, Descalvados, Santo Antônio do Rio Abaixo, Chapada, Corumbá, rio das Mortes) e região adjacente do Amazonas (rio Gi-Paraná, Maruins), Pará, nos rios Tapajoz (Vila Braga, Miritituba, Itaituba), Jamauchim, Curuá do Sul e Tocantins (Arumateua, ilha Pirunum), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Uruú, rio das Almas, Jaraguá, rio Claro), Minas Gerais (rio Jordão, Lagoa Santa), São Paulo (rio Paraná, Itapura, Porto Epitácio, rio Tietê, Avanhandava, Lins, Bebedouro, Ituverava, Salto Grande do Paranapanema).

Brasil

São Paulo

Faz. Caioá (Salto Grande do Paranapanema): ♂, Hempel, setembro 18 (1903); ♀, Hempel, setembro 22 (1903).
Avanhandava: 1 ♂ e 1 ♂ juv., Garbe, novembro (1903).
Bebedouro: ♂ juv., Garbe, março (1904).
Itapura: ♀, Garbe, setembro (1904).
Ituverava: ♂, Garbe, abril (1911); 2 ♀ ♀, Garbe, abril e maio (1911).
Porto Epitácio (rio Paraná): ♀, José Lima, setembro (1935).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♀, José Lima, abril 4 (1940).
Faz. Sta Rosa (Paraúna): ♂, José Lima, abril 16 (1940)
Faz. Varjão (Lins): sexo?, Olalla, fevereiro 18 (1941).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, José Lima, agosto 23 (1934); ♀, José Lima agosto 20 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, José Lima, outubro 19 (1934); ♂ juv., José Lima, outubro 11 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. Garbe, maio 22 (1940); ♀, W. Garbe, maio 18 (1940); ♂ ?, W. Garbe, abril 9 (1940).

Mato Grosso

Chapada: ♂, H. H. Smith, maio 18 (1883); ♂, Oliv. Pinto, setembro 28 (1937); ♂ juv., José Lima, outubro 3 (1937); ♀, Oliv. Pinto, outubro 3 (1937).
Corumbá: 2 ♂ ♂, Garbe, setembro (1917).
São Luiz de Cáceres: ♀, Garbe, novembro (1917).

---

(1) *Pipra fasciata* Lafresn. & d'Orbigny, 1837 (*nec* Thunberg, 1822), Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 38: Yuracares (Bolívia).

Vila Sto. Antônio (prox. de Cuiabá): ♂, José Lima, setembro 7 (1937).
Rio das Mortes (marg. direita): ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 24 (1937).

Pipra fasciicauda calamae Hellmayr [VI, 13]

Pipra aureola calamae Hellmayr, 1910, Novit. Zool., XVII, pgs. 303 e 306: Calama (alto rio Madeira, margem direita).

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, na margem direita do alto rio Madeira (Calama, Aliança) e seu afluente rio Preto (Santa Isabel).

Pipra fasciicauda purusiana Snethlage [VI, 13]

Pipra fasciicauda purusiana Snethlage, 1907, Ornith. Monatsber., XV, p. 160: Ponto Alegre (margem direita do alto rio Purús).

Distribuição. — Leste do Perú (rio Ucayali, Lagarto, Santa Rosa, foz do Urubamba, Chuchurras, rio Palcazú), noroeste extremo do Brasil, ao sul do rio Solimões: rio Purús (Bom Lugar, Ponto Alegre, Monte Verde).

Pipra anomala Todd [VI, 13]

Pipra anomala Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 97: Santarém (margem direita da foz do rio Tapajoz).

Distribuição. — Apenas conhecida pelo exemplar tipo (macho adulto), de Santarém, na margem direita do baixo Amazonas (junto à embocadura do rio Tapajoz).

Pipra coronata coronata Spix [VI, 18]

Pipra coronata Spix, 1825, Av. Bras., II, p. 5, pl. 7, fig. 1: São Paulo de Olivença (margem direita do alto rio Solimões)[1]; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 299.

Distribuição. — Noroeste extremo do Brasil, ao sul do alto rio Solimões (São Paulo de Olivença) e respectivos afluentes: rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa, lago Grande).

---

(1) Como, por exame direto dos tipos, revelara Hellmayr (Abh. 2 Kl. Bayer. Akad. Wissens., XXII, 1906, p. 640), Spix nomeou e descreveu independentemente o ♂ e a ♀ desta espécie dimorfa, respectivamente sob os nomes de *Pipra coronata* (p. 5, pl. 7, fig. 1) e *Pipra herbacea* (p. 6, pl. 8a, fig. 1). Cf. tambem Hellmayr, Cat. Bds. Amers., pte. VI, 1929, p. 18, nota 1.

Brasil

Amazonas

Rio Juruá: ♂, Garbe, dezembro 16 (1901).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, Olalla, dezembro 12 (1936).

Lago Grande (alto Juruá): 2 ♂ ♂, Olalla, janeiro 5 e 18 (1937); ♀ juv., Olalla, janeiro 8 (1937).

Pipra coronata hoffmannsi Hellmayr [VI, 18]

Pipra hoffmannsi Hellmayr, 1907, Novit Zool., XIV, p. 49: Tefé (margem direita do baixo Solimões).

Pipra cyaneocapilla Sclater (*nec* Hahn ?), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 299, parte.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao sul (margem direita) do médio Solimões (Tefé, Caviana).

Pipra coronata chloromelaena Todd [VI, 19]

Pipra chloromelaena Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 97: Nova Olinda (margem esquerda do baixo rio Purús).

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao sul (margem direita) do baixo rio Solimões, na margem esquerda do baixo rio Purús (Nova Olinda).

Pipra coronata arimensis Todd [VI, 19]

Pipra chloromelaena arimensis Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 98: Arimã (margem direita do baixo Purús).

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao sul do baixo Solimões, da margem direita do baixo rio Purús (Arimã) à esquerda do rio Madeira (Humaitá).

Pipra coronata caelesti-pileata Goeldi [VI, 20]

Pipra caelesti-pileata Goeldi, 1905, Compt. Rend. Six. Congr. Intern. Zool. Berne, p. 549: Cachoeira do Ubí (alto rio Purús); Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 366.

Pipra coronata Iher. & Ihering (*nec* Spix), 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 299, parte.

Distribuição. — Sudeste extremo do Perú (serra de Carabaya, Yahuarmayo) e região adjacente do Brasil oeste-septentrional, na margem direita do alto Juruá (rio Chiruã) ao alto Purús (cachoeira do Ubí, Hiutanaã)[1].

(1) É digna de nota a riquesa de mutações experimentadas por *Pipra coronata* na região oeste-amazônica, nada menos de três formas sendo

BRASIL

Amazonas

Rio Chiruã (alto Juruá, marg. direita): 2 ♂♂ juvs., GARBE, outubro e novembro (1902).

Pipra coronata carbonata Todd [VI, 16]

Pipra carbonata TODD, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 98: Tonantins (margem esquerda do alto Solimões).
Pipra cyaneocapilla[1] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 299, parte.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Caquetá, Florencia, La Morelia), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, San José) e do Perú, ao norte do rio Marañon (Pebas, Nauta), noroeste extremo do Brasil, da margem esquerda do rio Solimões (Tonantins, Codajaz, Manacapurú) ao alto rio Negro (São Gabriel, Marabitanas, São Pedro, Cucuí, rio Içana).

COLÔMBIA

Florencia (rio Caquetá): ♂, LEO E. MILLER, junho 28 (1912); ♀, LEO E. MILLER, junho 25 (1912).

BRASIL

Amazonas

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, julho 2 e agosto 28 (1935).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 7 ♂♂, CAMARGO, agosto 25, setembro 26 e 30, outubro 1, 6 e 14 (1936); 3 ♀♀, CAMARGO, agosto 24, setembro 26 e outubro 5 (1936).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, setembro 19 (1936).

Pipra iris iris Schinz [VI, 22]

Uirapurú, Rendeira, Cabeça de prata.

Pipra iris SCHINZ, 1851, Naturges. Vögel, 2a. ed., livr. 7, p. 91, pl. 39, fig à esquerda (= Macho): "Guyana", *errore* ("Pará", isto é, Belém, pátria típica sugerida por HELLMAYR)[2].

---

reconhecidas na bacia do Purús. Suas verdadeiras relações zoogeográficas, apenas esboçadas no estado atual dos conhecimentos, aguardam ainda, para serem satisfatoriamente conhecidas, abundância de material e ulteriores estudos.

(1) *Pipra cyanocapilla* HAHN, 1826, Vögels aus Asiens etc., Lief, 15, pl. 3, fig. 2: "Brasilien". Perdido o tipo, e dada a estreita semelhança entre as raças da espécie, é impossível decidir-se com segurança à qual corresponderia o nome de HAHN, o qual, excetuado o de SPIX, teria prioridade sobre qualquer outro.

(2) HELLMAYR, Catal. Bds. of the Americas (vol. XIII de Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.), pte. VI, p. 22. Veja-se tambem ZIMMER, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 87 (1925).

Pipra opalizans[1] IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 300; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 367, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, a leste do estuário amazônico (distrito este-paraense): rio Guamá (Ourém), rio Acará (Igarapé Assú), região de Belém (Utinga, Providência, Mocajatuba, Anindeua) e da estrada de ferro de Bragança (Castanhal, Santa Isabel, Benevides, Apeú, Peixe-Boi, Prata).

BRASIL

Pará

Utinga (prox. de Belém): ♂, F. Q. LIMA, janeiro 4 (1921).

Pipra iris eucephala Todd [VI, 23]

Pipra iris eucephala TODD, 1928, Proc. Biol. Soc. Wash., XLI, p. 112: Mirituba (margem direita do baixo Tapajoz).
Pipra opalizans SNETHLAGE (*nec* PELZELN), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 367, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita do baixo Amazonas (Cussarí) e a leste (margem direita) do baixo Tapajoz (Santarém, Colônia do Mojuí, Aveiro, Miritituba), ? rio Jamauchim (Tucunaré)[2].

BRASIL

Pará

Aveiro (baixo Tapajoz, marg. direita): 1 ♂ ? e 1 ♀, OLALLA, março 10 (1934).

Pipra nattereri Sclater [VI, 23]

Uirapurú.

Pipra nattereri SCLATER, 1865, Proc. Zool. Soc. Lond., "1864", p. 611, pl. 39: Borba (margem direita do baixo Madeira); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 302; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 366; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 366.

Distribuição. — Brasil septentrional ao sul da porção intermédia do baixo Amazonas, da margem direita do rio Madeira e do rio Guaporé (no extremo noroeste do estado de Mato-Grosso) à esquerda do rio Tapajoz: rio Madeira (Borba,

(1) *Pipra opalizans* PELZELN, 1868, Orn. Bras., pags. 128 e 186: "Pará" (= Belém).

(2) Um exemplar desta procedência, referido por Mme. SNETHLAGE (Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 366) a *Pipra nattereri* pertencerá com grande probabilidade a *P. i. eucephala.*

Calama, Aliança, Santa Isabel do Rio Preto), rio Gi-Paraná (Jamarizinho), rio Guaporé (Engenho do Gama)[1], rio Tapajoz (Boim, Vila Braga, Itaituba) e seus formadores, no extremo norte de Mato Grosso (rio Burití, Mutum Cavalo, Morrinho Lira, Paca Atirada).

Pipra serena serena Linnaeus [VI, 24]

Pipra serena LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 340 (com base em "Manacus alba fronte" de BRISSON): Cayena (pátria típica aceita), Surinam; SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 300.

Distribuição. — Guiana Holandesa (?), Guiana Francesa (Cayenne, rio Approuague, Ipousin, Tamanoir, rio Oyapock, Pied Saut) e região adjacente do norte extremo do Brasil (alto Rocana)[2].

Pipra erythrocephala erythrocephala (Linnaeus) [VI, 27]
Uirapurú.

Parus erythrocephalus LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 191 (com base em "Parus niger, capite fulvo" de EDWARDS, Nat. Hist. Birds, I, p. 21, figura infer.): "America australi" (= Surinam).
Pipra auricapilla[3] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 296, parte.
Pipra erythrocephala IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 299; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 365.

Distribuição. — Panamá (Darién, Chepo, monte Sapo[4], Chimán), norte e centro da Colômbia (vale do Magdalena, rio Cauca, Antioquia, Remedios, Santa Marta, Bonda), Trinidad (Princestown, Caparo), Venezuela (rio Orenoco, Nericagua, Maipures, rio Caura, San Esteban, Carabobo, pen. Paría), Guianas Inglesa (Georgetown, rio Demerara, Camacusa, Barti-

---

(1) Pátria de *Pipra gracilis* HELLMAYR, 1903 (Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 202), que corresponde à ♀ de *P. nattereri*.

(2) Cf. HELLMAYR, Cat. Bds. Amers., pte. VI, p. 24, nota 1 (1929). Na Guiana Inglesa e partes adjacentes da Venezuela (distr. de Yuruari) a forma típica é substituida por *P. serena suavissima* SALVIN & GODMAN, 1882 (Ibis, 4a. ser., VI, p. 79, pl. I: montes Merumé e Bartica Grove), raça a que BEEBE (Zoológica, Nov. York, II, 1916, p. 91) referiu um exemplar de Utinga (leste do Pará, não longe de Belém), mas cuja ocorrência no Brasil aguarda ainda definitiva confirmação.

(3) *Pipra aurocapilla* LICHTENSTEIN (*ex* BRISSON), 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 29: "Brasilien".

(4) Pátria de *Pipra erythrocephala actinosa* BANGS & BARBOUR, 1922 (Bull. Mus. Compar. Zool., LXV, p. 214), que HELLMAYR reputa inseparável da forma típica.

ca Grove, montes Merumé, Roraima, rio Atapurow), Holandesa (proxim. de Paramaribo, Lelydorp) e Francesa (Cayenne, rio Approuague, Ipousin, rio Mana, Tamanoir, rio Oyapock, Pied Saut), Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas: margem esquerda do baixo Solimões (Codajaz, Manacapurú) e do Amazonas (Itacoatiara, Silves, Óbidos, Monte Alegre, igarapé Bravo, igarapé Boiussú)[1], rio Negro (Manaus, São Pedro, Barcelos, São Gabriel, Marabitanas) e seus altos afluentes (rio Içana, rio Xié), rio Branco (Conceição), rio Anibá, rio Atabaní, rio Jamundá (Faro), rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Maicurú, alto Rocana.

COLÔMBIA

"Bogotá": ♂ (compr. de v. BERLEPSCH, 1905).
Bonda: sexo?, H. H. SMITH, novembro 24 (1898).

TRINIDAD

"Trinidad": 1 ♂ e uma ♀ (compr. de von BERLEPSCH, 1905.)

BRASIL

Amazonas

Bosque (Manaus): 6 ♂ ♂, OLALLA, maio 20 e junho 1, 6, 9, 10 e 15 (1935).
Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): 42 ♂ ♂, OLALLA, junho 26, 27, 28 e 29, julho 1, 2, 5, 9, 10, 17, 20, 22, 25 e 27, agosto 21 (1935).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 7 ♂ ♂, CAMARGO, outubro 14 e 19 (1936); ♀, CAMARGO, agosto 27 (1936).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, CAMARGO, novembro 19 (1936).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, abril 19 e 20 (1937).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 31, junho 17 (1937).
Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 19 (1937); ♂ juv., OLALLA, julho 4 (1937); 5 ♀ ♀, OLALLA, junho 19, 29 e 30, julho 4 e 5 (1937).
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 26 (1937): 2 ♀ ♀, OLALLA, julho 13 e 18 (1937).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂ ♂ e 1 ♀, GARBE, dezembro (1920).
Patauá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, janeiro 19 (1935).
Igarapé Boiussú (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 4 (1935); 4 ♀ ♀, OLALLA, abril 4, 20 e 23 (1935); 2 sexos ?, OLALLA, abril 4 e 11 (1935).
Igarapé Bravo (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 14 (1935).

---

(1) Os machos de Óbidos, em tudo semelhantes aos do igarapé Bravo e igarapé Boiussú, destacam-se de todo o restante da nossa série pela tonalidade mais intensamente alaranjada (menos amarela) da cabeça, com abundância de vermelho na orla posterior.

Pipra erythrocephala berlepschi Ridgway [VI, 30]

Pipra erythrocephala berlepschi Ridgway, 1906, Proc. Biol. Soc. Wash., XIX, p. 117: Nauta (nordeste do Perú, na margem esquerda do rio Marañon).
Pipra auricapilla Sclater (*nec* Lichtenstein), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 296, parte.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Caquetá, La Morelia, Florencia, Villavicencio, Buenavista, Boyacá), leste do Equador (Gualaquiza, Zamora, rio Suno, San José), norte extremo do Perú (baixo Marañon, Nauta, rio Tigre, Pebas, Chyavetas, Yurimaguas, Moyobamba) e região adjacente do Brasil, ao norte do rio Solimões (Tonantins)[1].

Pipra erythrocephala rubrocapilla Temminck[2] [VI, 31]

Uirapurú, Atangará, Cabeça encarnada (Amazônia).

Pipra rubrocapilla Temminck, 1821, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 54, fig. 3 (macho): "Brésil" (pátria típica Baía, sugerida por Hellmayr); Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 299; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 365.
Pipra rubricapilla Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 295.

Distribuição. — Nordeste do Perú (rio Huallaga, Santa Cruz), Brasil septentrional (da margem direita do rio Amazonas ao norte de Mato Grosso) e oriental: margem direita do rio Solimões (Tefé, Manaquerí), rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Castanhal, Cachoeira), rio Madeira (Borba, Calama, Aliança), rio Gi-Paraná (Maruins), lago do Batista, lago Tapaiuna, rio Tapajoz (Santarém, Boim, Vila Braga, Aveiro, Itapoama, Piquiatuba), Tamucurí, rio Xingú (Vitória), rio Tocantins (Arumateua), rio Guamá, rio Capim (Aproaga), rio Acará (Ipitinga), rio Mojú, rio Inhangapí e toda a região este-paraense (Belém, Utinga, Providência, Anindeua, Pinheiro, Maguarí, Mocajatuba, Santa Isabel, Castanhal, Prata, Benevides), norte

(1) Tonantins, na margem esquerda do alto Solimões, é a única localidade brasileira que encontro mencionada na distribuição da raça peruana de *P. erythrocephala*. Na baixa porção do rio já a substitue a forma típica, visto como os exemplares de Codajaz e Manacapurú não se podem distinguir dos de Manaus e Itacoatiara.

(2) O fato, testemunhado por Hellmayr (Catal. Bds. of the Americas, VI, p. 32, nota 1), de que "certain skins from Pará exhibit a decided tendency toward *P. e. erythrocephala*", parece justificar o ponto de vista daquele ornitólogo, ao tratar esta última e *Pipra rubrocapilla* como raças geográficas de uma mesma espécie.

de Mato Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama, rio Roosevelt, Utiariti), Pernambuco (Caxangá, Beberibe, São Lourenço), Baía (Ilheus), Espírito Santo (rio Doce, Porto Cachoeiro, Água Boa, Santa Cruz, Barra do Jucú), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 1 ♂ juv. e 1 ♀, GARBE, outubro (1902).

Lago Tapaiuna (rio Amazonas): ♀, OLALLA, abril 27 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 17 (1936).

Igarapé Grande (alto Juruá): 4 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 19, 22, 24 e 25 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, janeiro 12 e 24 (1937).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, OLALLA, fevereiro 4 e 5 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 5 ♂ ♂, OLALLA, abril 11, 14 e 16 (1936) e junho 6 (1937); 3 ♀ ♀, OLALLA, abril 11 e 12 (1936) e junho 6 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903); 2 ♂ ♂, OLALLA, março 5 (1935); 2 ♂ ♂ juvs., OLALLA, maio 3 e 6 (1935); 2 ♀ ♀, OLALLA, maio 4 e 6 (1935).

Aveiro (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, março 8 (1934).

Itapoama (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂ juv., OLALLA, março 31 (1934).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, julho 8 (1936).

Baía

"Bahia": ♂, SCHLÜTER (1898).

Ilheus: 3 ♂ ♂, GARBE, abril e maio (1919); 2 ♀ ♀, GARBE, maio (1919).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): 1 ♂ e 1 ♂ juv., GARBE, novembro (1905).

Rio Doce: ♂, GARBE, outubro (1906).

Santa Cruz: ♂, E. G. HOLT, outubro 16 (1940).

Pipra pipra pipra (Linnaeus) [VI, 34]

Uirapurú, Atangará, Cabeça branca.

Parus pipra LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 190 (com base em "Cacototototl" de Seba, Thes., II, p. 102, pl. 96, fig. 5: "in Indiis" (= Surinam).

Pipra leucocilla[1] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 297, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 365, parte.

---

(1) *Pipra leucocilla* LINNAEUS, 1764, Mus. Ad. Frid., II, p. 33: localidade não indicada (Surinam foi sugerida como pátria típica por BERLEPSCH & HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 53). Sobre a con-

Distribuição. — Sudeste extremo da Colômbia (rio Uaupés), sul e leste da Venezuela (rio Cassiquiare, Buena Vista, faldas do monte Duida, rio Caura, Suapure, Nicare, La Prición, rio Mato, confl. Ocamo e Orenoco), Guianas Inglesa (Camacusa, rio Demerara, rio Caramang, Bartica Grove, montes Merumé, Rockstone, Hyde Park, Wismar), Holandesa (proxim. de Paramaribo, Lelydorp, Rijsdijkweg) e Francesa (Saint Laurent du Maroni, rio Approuague, Ipousin, Camopi, Mahury) e norte extremo do Brasil, até a margem esquerda (septentrional) do rio Amazonas: rio Solimões (Manacapurú), rio Negro (Manaus, igarapé Cacau Pereira, Santa Maria, Tabocal, São Gabriel, Tatú, Marabitanas), rio Uaupés (Tauapunto, Jauaretê), rio Içana, rio Branco (Conceição), Itacoatiara, Silves, rio Anibá, rio Atabaní, rio Jamundá (Faro), Óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

BRASIL

Amazonas

Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, junho 25 (1934).

Bosque (Manaus): ♂, OLALLA, junho 15 (1935).

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 3 ♂♂, CAMARGO, agosto 24 e 28, setembro 26 (1936).

Membeca (rio Manacapurú): ♂, CAMARGO, setembro 16 (1936); 2 ♀♀, CAMARGO, setembro 11 e 13 (1936).

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, CAMARGO, dezembro 16 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂ juvs., OLALLA, abril 15, 20 e 26 (1937).

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, junho 26 (1937).

Pipra pipra microlopha Zimmer [VI, 35]

Pipra pipra microlopha ZIMMER, 1929, Proc. Biol. Soc. Wash., XLII, p. 85: Puerto Bermudez (sobre o rio Pichis, tribut. do Ucayali).

Pipra leucocilla SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1888, Cat. Bds. Brit Mus., XIV, p. 297, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 209, parte.

Distribuição. — Nordeste extremo do Perú (baixo Ucayali, Sarayacu, rio Pachitea, Puerto Bermundez, Orosa, Chuchurras)[1] e Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Solimões:

---

trovércia a que tem dado lugar o primeiro nome de LINEU, veja-se tambem ZIMMER (Proc. Biol. Soc. Wash., 1929, XLII, p. 86).

(1) A distribuição geográfica de *P. p. microlopha* nesta parte de sua área oferece ainda bastantes obscuridades, só possíveis de esclarecer quando melhor se conheçam as suas relações com as novas raças

São Paulo de Olivença, Tefé[1], rio Juruá (igarapé Grande) e rio Eirú (Santa Cruz).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♂ juv., GARBE, junho (1902); ♂, GARBE, outubro (1902).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 3 ♂ ♂, OLALLA, novembro 9 e 17 (1936); ♀, OLALLA, novembro 3 (1936).

Igarapé Grande (alto Juruá): 2 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 15 (1937).

Pipra pipra separabilis Zimmer[2]

Pipra pipra separabilis ZIMMER, 1936, Amer. Mus. Novit., Nº 889, p. 14: Tapará (rio Xingú).

Pipra leucocilla SNETHLAGE (*nec* LINNAEUS), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 365, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita do baixo Amazonas e a leste do estuário: rio Tapajoz (igarapé Brabo), rio Xingú (porto de Moz, Tapará, Vilarinho do Monte), rio Tocantins (Cametá, Baião, Mocajuba, Recreio), rio Capim e todo distrito este-paraense (Belém, Murutucú, Utinga, Providência, Mocajatuba, Santa Isabel, Ipitinga, Igarapé Assú, Peixe-Boi, Magųarí, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú).

BRASIL

Pará

Utinga (prox. de Belém): ♂, F. Q. LIMA, março 26 (1924); ♂ juv., F. Q. LIMA, dezembro 3 (1926); ♀, F. Q. LIMA, outubro 21 (1923).

Pipra pipra cephaleucos Thunberg [VI, 37]

Pipra cephaleucos THUNBERG, 1822, Mém. Acad. Sci. St. Petersb., VIII, p. 286: "Brasil" (para pátria típica proponho Baía)[3].

Pipra leucocilla SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 297, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 299, parte.

Distribuição. — Faixa costeira do Brasil médio-oriental: sul da Baía (Ilheus), Espírito Santo (Barra do Jucú, Pau Gi-

---

reconhecidas últimamente no Perú por J. T. ZIMMER (cf. Amer. Mus. Novit., N.º 889, pags. 7-16, 1936).

(1) ZIMMER (op. cit. pags. 7-16), prefere referir exemplares de Tefé à raça típica, comum na margem esquerda do rio Solimões.

(2) Discutível ainda esta raça, apenas separável de *P. p. cephaleucos*, de que fora desmembrada.

(3) Sobre o tipo cf. LÖNNBERG, Ibis, 1903, p. 241.

gante, Colatina, Guaraparí), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo).

BRASIL
Baía
"Bahia": ♂, SCHLÜTER (1898).
Ilheus: 1 ♂ ad. e 1 ♂ juv., GARBE, abril (1919); ♀, GARBE, maio (1919).
Espírito Santo
Pau Gigante: ♂ juv., GENTIL DUTRA, setembro 13 (1940).
Colatina: ♂, E. G. HOLT, novembro 25 (1940).
Guaraparí: ♂, OLIV. PINTO, outubro 16 (1942); ♂ juv., OLALLA, outubro 16 (1942).

Gênero **TELEONEMA** Reichenbach

Teleonema REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 63. Tipo, por monotipia, *Pipra filicauda* SPIX.

Teleonema filicauda filicauda (Spix) [VI, 38]

Irapurú.

Pipra filicauda SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 6, pl. 2, figs. 1 e 2: São Paulo de Olivença (margem direita do alto rio Solimões).
Cirrhipipra[1] *filicauda* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 289, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 297.
Cirrhopipra filicauda SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 362.

Distribuição[2]. — Sudeste da Colômbia (rio Caquetá, Florencia, La Morelia, "Bogotá"), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Archidona, Sarayacu), nordeste do Perú (rio Marañon, Iquitos, Pebas, Loretoyacu, rio Ucayali, Yurimaguas, rio Tigre, rio Javarí) e Brasil oeste-septentrional extremo: alto Solimões (Olivença, Manaquerí), alto rio Negro (Marabitanas,

---

(1) *Cirrhipipra* BONAPARTE, 1850, Consp. Avium, I, p. 172 (tipo, por monotípia, *Pipra filicauda* SPIX). A prioridade de *Teleonema* parece suficientemente demonstrada por HELLMAYR, em que pese o longo uso do nome conferido por BONAPARTE (Catal. Bds. of the Americas, pte. VI, p. 38, nota 2).

(2) As aves da região costeira da Venezuela, que HELLMAYR considera inseparáveis da forma típica, reconhecendo-lhes embora algumas diferenças, correspondem a *Teleonema filicauda subpallida* TODD, 1928 (Proc. Biol. Soc. Wash., XLI, p. 112), com Las Quiguas (Carabobo) por localidade típica. Quanto a *Pipra heterocerca* SCLATER, 1860 (Proc. Zool. Soc. Lond., XXVIII, p. 313), com base apenas num exemplar de incerta procedência ("Amazonum sup."), permanece espécie muito problemática.

rio Amajaú), rio Branco (Conceição), alto Juruá (João Pessoa, lago Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Cachoeira).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 2 ♂ ♂, GARBE, novembro 15 e 21 (1901).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 5 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 1, 6 e 13 (1936), janeiro 26 e fevereiro 4 (1937); ♂ juv., OLALLA, janeiro 26 (1937); 5 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 29 (1936), janeiro 27 e 29, fevereiro 3 e 4 (1937); 2 sexos ?, OLALLA, dezembro 20 e 26 (1936).

Lago Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, outubro 17 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 5 ♂ ♂, OLALLA, outubro 24 e novembro 17 (1936); 5 ♂ ♂ juvs., OLALLA, outubro 25, novembro 11, 17, 19 e 23 (1936); 8 ♀ ♀, OLALLA, outubro 22 e 28, novembro 7, 11, 16, 17 e 19 (1936); 2 sexos ?, OLALLA, outubro 26 e novembro 29 (1936).

Gênero MACHAEROPTERUS Bonaparte

Machaeropterus BONAPARTE, 1854, Ateneo Italiano, II p. 316 (= Consp. Voluc. Anisod., p. 6). Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Pipra strigilata* WIED[1] (= *Pipra regulus* HAHN).

Machaeropterus regulus regulus (Hahn) [VI, 40]

Pipra regulus HAHN, 1819, Vögel aus Asien, África, etc., Lief. 4, pl. 4, figs. 1 e 2: "Brasilien" (Baía, pátria típica, por mim sugerida)[2].

Machaeropterus regulus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 304; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves. p. 300.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: Baía (Aratuípe), Espírito Santo (Barra do Jucú, Porto Cachoeiro), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo).

BRASIL

Baía

"Bahia": 1 ♂ e 1 ♀ (compr. Mus. Umlauff, Hamburg, 1901).

Aratuípe: ♂, CAMARGO, novembro 11 (1932).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, GARBE, novembro (1905).

---

(1) *Pipra strigilata* WIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 187 (p. 184 na ed. in 4to.): Barra do Jucú (Esp. Santo). Os tipos de WIED foram figurados por TEMMINCK (Pl. Color., pl. 54).

(2) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 223 (1935).

Machaeropterus regulus striolatus (Bonaparte) [VI, 41]

Pipra striolata BONAPARTE, 1838, Proc. Zool. Soc. Lond., V, p. 122: "from that portion of Brazil, pordering Perú".
Machaeropterus striolatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 304.

Distribuição. — Oeste da Venezuela (vale do Apure, Barinas)[1], sudeste da Colômbia (rio Caquetá, La Morelia, Florencia, rio Putumayo, Cuembi), norte e leste do Equador (Quito, Zamora, rio Napo, rio Suno, foz do rio Curaray), nordeste do Perú (Pebas, Iquitos, Nauta, Chamicuros, baixo Ucayali, Chyavetas, Yurimaguas) e região adjacente do extremo oeste do Brasil (rio Javarí).

COLÔMBIA

"Nova Granada": ♂, SCHLÜTER, maio (1902).

Machaeropterus pyrocephalus pyrocephalus (Sclater) [VI, 42, pte.]

Pipra pyrocephala SCLATER, 1852, Rev. Magaz. Zool., (2), IV, p. 9: localidade ignorada (pátria provável rio Ucayali, a leste do Perú).
Machaeropterus pyrocephalus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 305; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 300; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 368.

Distribuição. — Leste do Perú (rio Ucayali, Santa Rosa, rio Huallaga, Rioja, Moyobamba, vale do Marcapata), Brasil septentrional (ao sul do baixo Amazonas)e centro-ocidental: rio Tapajoz (Santarém, Boim, Caxiricatuba, Tauarí, Apací. Piquiatuba), norte e centro de Mato Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama, Utiarití, Tapirapoã, Chapada), Goiaz (rio das Almas, rio Uruú)[2].

---

(1) A ocorrência de *M. regulus* na Venezuela, onde a espécie era até então de todo ignorada, foi reconhecida ùltimamente por PHELPS & GILLIARD (Amer. Mus. Novit., Nº 1153, pags. 7 e 8, 1941), que reconhecem *M. r. striolatus* nas aves do vale do rio Apure, ao passo que descrevem como raças novas *M. r. obscurostriatus*, de El Vigia (Mérida) e *M. r.* aureopectus, das nascentes do rio Venturi, não longe da fronteira do Brasil.

(2) Penso ter sido o primeiro a notificar a presença de *M. pyrocephalus* em Goyaz (cf. Rev. Mus. Paul., XX, 1936, p. 123), onde, quase pela mesma época, dá tambem notícia ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 889, p. 17, 1936) de um exemplar colecionado na Faz. Esperança (rios Uruú e Canastra). As aves da Venezuela (rio Caura), em que já HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., pte. VI, p. 42, nota 1, 1929) notara alguma diferença, foram ao mesmo tempo separadas por ZIMMER sob o nome de *M. pyrocephalus pallidiceps*, com base em dois machos de La Prición.

BRASIL

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, setembro 1 e 13 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 23 (1934).

Mato Grosso

Chapada: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 30 (1937).

Gênero CERATOPIPRA Bonaparte

Ceratopipra BONAPARTE, 1854, Ateneo Italiano, II, p. 316 (= Consp. Voluc. Anisod., p. 6). Tipo, por monotipia, *Pipra cornuta* SPIX.

Ceratopipra cornuta (Spix) [VI, 46]

Pipra cornuta SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 5, pl. 7, fig. 2; "in sylvis flum. *Amazonum*".

Ceratopipra cornuta SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 288.

Ceratopipra iracunda[1] SCLATER, op. cit., XIV, p. 288, pl. 19, parte.

Distribuição. — Leste da Venezuela (rio Caura, El Llagual, Yuruari), Guiana Inglesa (Roraima) e Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas: rio Negro (rio Marou)[2], baixo Amazonas (Óbidos).

Gênero XENOPIPO Cabanis

Xenopipo CABANIS, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 235. Tipo, por designação original, *Xenopipo atronitens* CABANIS.

Xenopipo atronitens Cabanis [VI, 47]

Xenopipo atronitens CABANIS, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 235: Guiana Inglesa; SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 287.

Distribuição. — Guianas Inglesa (montes Merumé, monte Roraima, rio Demerara, rio Abary, rio Berbice, rio Rupununi), Holandesa (Lelydorp) e Francesa (Oyapock), Brasil oeste-sep-

---

(1) *Pipra iracunda* SALVIN & GODMAN, 1884, Ibis, 5a. Ser., II, p. 447: Roraima (sul da Guiana Inglesa). HELLMAYR (Cat. Birds of the Americas, VI, p. 46, nota 1) reduz esta espécie a simples sinônimo de *C. cornuta* SPIX, de que representaria apenas uma variação individual.

(2) Rio Marou, onde NATTERER obteve em 1832 um de seus exemplares, não aparece no "Itinerarium" organizado por PELZELN (Orn. Bras., Itin., p. XIX), nem me foi possível encontrá-lo nos mapas. Presumo, todavia, situar-se não longe de Manaus.

tentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Negro (Manaus, rio Içana), rio Branco (Forte de São Joaquim), rio Anibá, lago Canaçarí, rio Madeira (Borba).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 25 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, maio 7 (1937).

Gênero **TYRANNEUTES** Sclater & Salvin

Tyranneutes SCLATER & SALVIN, 1881, Ibis, 4a série, V, p. 268. Tipo, por monotipia, *Tyranneutes brachyurus* SCLATER & SALVIN[1] (= *Pipra virescens* PELZELN).

Tyranneutes virescens (Pelzeln) [VI, 47]

Pipra virescens PELZELN, 1868, Orn. Bras., pags. 128 e 187, parte (descrição do macho adulto): Barra do rio Negro (=Manaus); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 300, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 367.

Pipra virescens subsp. *brachyura* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 303.

Distribuição. — Guiana Inglesa (Camacusa, Bartica Grove, rio Caramang) e Brasil septentrional, ao norte do baixo Amazonas: baixo rio Negro (Manaus), rio Jamundá (Faro), óbidos, Patauá.

BRASIL

Pará

Patauá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, janeiro 23 (1935).

Tyranneutes stolzmanni (Hellmayr) [VI, 48]

Pipra stolzmanni HELLMAYR, 1906, Ibis, 8va. Ser., VI, p. 44: Marabitanas (alto rio Negro); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 367.

Pipra virescens subsp. *typica* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 302.

Pipra virescens IHER. & IHERING (*nec* PELZELN), 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 300, parte.

---

(1) *Tyranneutes brachyurus* SCLATER & SALVIN, 1881, Ibis, 4a. ser., V, p. 269: Bartica Grove (Guiana Inglesa).

Distribuição. — Sul da Venezuela (rio Caura, Suapure, rio Orenoco, Nericagua), sudeste da Colômbia (Villavicencio), leste do Equador (rio Napo, Santiago, Sarayacu, rio Suno, Zamora) e todo leste do Perú (rio Ucayali, Xeberos, Chamicuros, Chyavetas, Yurimaguas, Puerto Bermudez, Carabaya), Brasil oeste septentrional, nas margens ambas do rio Solimões e ao sul do baixo Amazonas: alto rio Negro (Marabitanas), rio Juruá (lago Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Borba, Paraizo) e rio Gi-Paraná (Maruins), rio Tapajoz (Santarém, Boim), rio Jamauchim (Tucunaré), Cussarí, rio Tocantins (Cametá) e distrito este-paraense (Belém, Providência, Anindeua, Peixe-Boi, Benevides).

COLÔMBIA

"Bogotá": ♂ (comp. de v. BERLEPSCH, 1905).

BRASIL

Amazonas

Lago Grande (alto Juruá): ♀, OLALLA, outubro 17 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 3 ♂ ♂, OLALLA, novembro 7 (1936).

Gênero **ANTILOPHIA** Reichenbach

Antilophia REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 63. Tipo, por monotipia, *Pipra galeata* LICHTENSTEIN.

Antilophia galeata (Lichtenstein) [VI, 51]

Pipra galeata LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 28: São Paulo.
Metopia[1] *galeata* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 290.
Antilophia galeata IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 298.

Distribuição. — Brasil central e meridional (planalto central do Brasil): Mato Grosso (rio Cuiabá, Santo Antônio, Chapada, Coxim, rio Cristalino, Sant'Ana do Paranaíba, Porto Faia), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Uruú, rio das Almas, Jaraguá, Inhumas), sul do Maranhão (Ponto, Inhuma) e do Piauí (Santa Filomena), oeste da Baía e Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo), interior de São Paulo (Borda do Mato, Paciência, Orissanga, rio das Pedras, Porto Ferreira, rio Grande, Franca, Batatais, rio Mogí-Guassú, Avanhandava).

(1) *Metopia* SWAINSON, 1850 (*nec* MEIGEN, 1803), em RICHARDSON, Fauna Bor.-Amer., II, p. 491 (tipo, por design. original, *Pipra galeata* LICHT.).

Brasil

São Paulo

Batatais: ♀, Lima, dezembro 12 (1900).
Franca: 2 ♂♂ e 1 ♀, Garbe, setembro (1910).
Avanhandava: ♂, Garbe, janeiro (1920).
Porto Ferreira: 2 ♂♂, E. Dente, maio 11 e 16 (1941).

Goiaz

Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♂, W. Garbe, setembro 20 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, W. Garbe, outubro 6 (1934); ♂ juv., José Lima, outubro 5 (1934).
Inhumas: (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, José Lima, outubro 29 (1934); ♀, W. Garbe, novembro 1 (1934).

Mato Grosso

Chapada: ♂, H. Smith, abril 10 (1882); 2 ♂♂, José Lima, setembro 28 e 30 (1937); ♂, Oliv. Pinto, setembro 30 (1937); ♂ juv., Oliv. Pinto, setembro 28 (1937); ♀, Oliv. Pinto, setembro 30 (1937).
Porto Faia: ♂, Garbe, outubro (1904).
Coxim: ♀, Lima, junho 21 (1930).
Faz. Monte Verde (Coxim): ♂ juv., Lima, junho 27 (1930).
Sant'Ana do Paranaíba: ♂ juv., José Lima, agosto 23 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, José Lima, agosto 18 (1937).
Rio Cristalino (afl. do Araguaia): ♂, Bandeira Anhanguera, agosto 29 (1937).
Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): ♂ juv. ?, Oliv. Pinto, setembro 6 (1937).

Gênero CHIROXIPHIA Cabanis

Chiroxiphia Cabanis, 1847, Arch. Naturges., XIII, pte. 1a., p. 235. Tipo, por designação subsequente de Gray (1885), *Pipra caudata* Shaw.

Chiroxiphia pareola pareola (Linnaeus) [VI, 55]

Uirapurú (Pará), *Rendeira*, *Cabeça encarnada*, *Tangará* (Pernambuco).

Pipra pareola Linnaeus, 1766, Syst. Nat., I, p. 339 (com base primordial em "Manacus cristatus niger" de Brisson): "in Brasilia, Cayana" (pátria típica Cayenne, *ex* Brisson).

Chiroxiphia pareola Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 307, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 300; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 369.

Distribuição. — Guianas Inglesa (rio Demerara, rio Rupununi, rio Mazaruni, alto Takutu, rio Abary, Annai), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Roche-Marie), Brasil septentrional (do alto rio Branco às margens ambas do baixo Amazonas) e oriental: rio Branco (forte de São Joa-

quim, serra Grande, serra da Lua), Óbidos, Monte Alegre, lago Grande, serra de Paituna, margem direita do rio Tapajoz (Santarém, Piquiatuba, Aveiro, Caxiricatuba), rio Tocantins (Cametá, Baião, Arumateua, Mazagão), ilha de Marajó (Soure, Sant'Ana), rio Guamá (Ourém), rio Capim, rio Inhangapí, rio Acará (Ipitinga), cercanias de Belém e localidades outras do distrito este-paraense (Utinga, Providência, ilha das Onças, Prata, Quatipurú, Benevides), norte do Maranhão (Anil, Primeira Cruz, Miritiba, Turiassú), leste de Pernambuco (Tapera) e da Baía (Santo Amaro, Ilheus, Caravelas, rio Mucurí), Espírito Santo (Barra do Jucú), Rio de Janeiro (Nova Friburgo).

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, janeiro (1903).
Lago Grande (baixo Amazonas): ♂, GARBE, agosto (1920).
Taperinha (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, setembro (1920).
Utinga (prox. de Belém): 1 ♂ ad. e 1 ♂ juv., F. Q. LIMA, janeiro 4 (1921).
"Pará": ♂, F. Q. LIMA, fevereiro 1 (1927).
Maraí (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, fevereiro 6 (1934).
Aveiro (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, março 14 (1934).
Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, julho 8 (1935).
Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, julho 4 (1936).

Maranhão

Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, setembro 13 (1906).
Miritiba: ♂ juv., SCHWANDA, dezembro 12 (1907); ♀, SCHWANDA, setembro 10 (1907).

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 17 (1938); 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, dezembro 19 (1938).

Baía

"Bahia": ♂ juv. (compr. Mus. Umlauff, Hamburg, 1901).
Caravelas: ♂, GARBE, agosto (1908).
Ilheus: ♂, GARBE, maio (1919).

Chiroxiphia pareola regina Sclater [VI, 57]

Chiroxiphia regina SCLATER (*ex* NATTERER manuscr.), 1856, Ann. Magaz. Nat. Hist., 2a. Ser., XVII, p. 469: Borba (margem direita do baixo Madeira); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 308; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 301; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 369.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, no alto rio Negro (São Gabriel)[1] e na margem direita (meridional) dos rios Solimões e Amazonas, até a margem esquerda do rio Tapajoz: rio Javarí, rio Juruá (igarapé Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Redenção, igarapé do Castanha), rio Madeira (Borba), rio Tapajoz (Boim, Vila Braga).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, novembro 7 e 17 (1936); ♀, OLALLA, novembro 17 (1936).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, dezembro 5 (1936).
Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, janeiro 9 (1937); sexo ?, OLALLA, janeiro 7 (1937).

Chiroxiphia pareola alicei Hellmayr

Chiroxiphia pareola alicei HELLMAYR, 1937, Arkiv för Zoologi, XXIX, Nº 6, p. 3: Codajaz (margem esquerda do baixo Solimões).

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, na margem esquerda (septentrional) do baixo Solimões (Codajaz)[2].

BRASIL

Amazonas

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLALLA, agosto 27 (1935).

Chiroxiphia caudata (Shaw & Nodder) [VI, 58]

Tangará, Dansador, Dansarino, Fandangueiro.

Pipra caudata SHAW & NODDER, 1793, Natur. Misc., V. pl. 153: "in the warmer parts of South America" (sugiro o Rio de Janeiro para pátria típica).

---

(1) Um macho desta procedência, à falta de exemplares de *C. p. regina* com que pudesse ser confrontado, foi por mim anteriormente (Rev. Mus. Paul., XXIII, 1937, p. 524) referido a *C. p. alicei*, notado todavia "o fato de ter o azul do dorso mais escuro, com uma tonalidade levemente violácea". Hoje, com vários machos daquela raça, procedentes do rio Juruá, verifico que a diferença apontada no macho de São Gabriel fá-lo em tudo semelhante a estes últimos, o que me leva a concluir, contra toda expectativa, pela extensão da área geográfica de *C. p. regina* até o alto rio Negro, através, provavelmente, do alto Solimões.

(2) Só se conhecem até aquí os exemplares da localidade típica, colecionados por A. M. OLALLA em 1935, e o primeiro dos quais foi por mim determinado como *C. p. regina* (Rev. Mus. Paul., XX, 1936, p. 237). A ocorrência desta última no alto rio Negro, sugere para a raça de Codajaz uma área singularmente circunscrita, cujas rela-

Chiroxiphia caudata Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 310; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 58.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sul do Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, Ajos, Villa Rica), Brasil este-meridional: sul da Baía (Jiboia), Espírito Santo (Sta. Leopoldina, Sta. Tereza, Guaraparí), Minas Gerais (rio Doce, rio Piracicaba, serra da Cacunda, Lagoa Santa, rio das Velhas, Santa Fé, Vargem Alegre, Maria da Fé), Rio de Janeiro (serra do Itatiaia, Cantagalo, Nova Friburgo, Porto Real, Angra dos Reis, Registro do Saí, Corcovado), São Paulo (Piquete, serra de Bananal, São Luiz do Paraitinga, Ubatuba, Campos do Jordão, altos do Ipiranga, Alto da Serra, serra da Cantareira, rio das Pedras, Monte Alegre, Ipanema, Itatiba, Mogí das Cruzes, Embura, Juquiá, Iguape, Cananéia, São Miguel Arcanjo, Itararé, Vitória, Silvânia, Matão, Franca, Ituverava, Cajurú, Vanuire, Lins, Valparaizo, Porto Epitácio, Porto Cabral), Paraná (Castro, Vera Guaraní, Vermelho), Rio Grande do Sul (Taquara, Porto Alegre, Arroio Grande, Linha Pirajá, Nova Wurttemberg).

Brasil

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, Olalla, agosto 22 e setembro 3 (1942); ♀, Olalla, agosto 28 (1942).

Santa Tereza: ♀ p., Oliv. Pinto, outubro 5 (1942).

Guaraparí: ♀ p., Olalla, outubro 17 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 2 ♂ ♂, José Lima, junho 20 e 28 (1941); 3 ♀ ♀, José Lima, junho 22, 27 e 28 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: ♂, J. Godoy (1900).

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂, Oliv. Pinto, janeiro 10 (1936); ♀, Oliv. Pinto, janeiro 7 (1936).

Baixo Piracicaba (rio Doce): ♂, Olalla, agosto 23 (1940); ♂, Oliv. Pinto, agosto 23 (1940); ♂, W. Garbe, agosto 31 (1940); sexo ?, Olalla, agosto 22 (1940).

Rio Doce: ♂, Olalla, setembro 5 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, Oliv. Pinto, outubro 3 (1940); ♀, Olalla, outubro 2 (1940).

São Paulo

Rio das Pedras: ♂, J. Zech (1897); ♂ juv., J. Zech, julho 13 (1897).

Iguape: ♀, R. Krone (1898?).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, Lima, julho 27 (1898).

ções com a de sua correlata, só futuras explorações poderão esclarecer, notando-se que entre Codajaz e Óbidos nenhuma forma do grupo *parvola* tem sido registrada na margem esquerda do Amazonas.

Alto da Serra: 2 ♂ ♂ juvs., LIMA, agosto 11 (1899) e julho (1904); ♂, LIMA, junho (1909).
Franca: ♂, DREHER, julho 17 (1902).
Itararé: ♂, GARBE (1903); ♂ juv., GARBE, abril (1903).
Matão: ♂, GARBE, janeiro 3 (1905).
Ubatuba: ♂, GARBE, março (1905); ♂ juv., GARBE, abril (1905).
Campos do Jordão: 2 ♂ ♂, H. LÜDERWALDT, janeiro 29 e fevereiro 24 (1906).
São Luiz do Paraitinga: ♂, GARBE, agosto 8 (1909).
Ituverava: ♂ juv., GARBE, abril (1911); ♀, GARBE, agosto (1911)
Vanuire: ♂, LIMA, agosto 16 (1928); ♂ juv., LIMA, agosto 28 (1928); 2 ♀ ♀, LIMA, agosto 20 (1928).
São Miguel Arcanjo: ♂, LIMA, setembro 2 (1929); ♂ juv., LIMA, agosto 29 (1929).
Valparaizo: ♂, OLIV. PINTO, junho 23 (1931).
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, agosto 23 (1932).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, março 23 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, março 21 (1933).
Itatiba: ♂, JOSÉ LIMA, outubro 17 (1933); ♂ juv., JOSÉ LIMA, setembro 30 (1933); ♀, LIMA, junho (1900).
Tabatinguara (Cananéia): 3 ♂ ♂, CAMARGO, setembro 24 e outubro 2 (1934); 2 ♀ ♀, CAMARGO, setembro 29 e 30 (1934).
Porto Epitácio (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 18 (1935).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 4 ♂ ♂, OLALLA, abril 9, maio 12 e 15 (1940); 1 ♂ e 1 ♂ im., OLIV. PINTO, maio 14 e 20 (1940); ♂ juv., OLALLA, maio 18 (1940); ♀, OLALLA, maio 13 (1940).
Horto Florestal (serra da Cantareira): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 6 e 7 (1940); ♂, JOÃO KÖNIG, dezembro 6 (1940); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 8 e 9 (1940) e abril 30 (1941).
Ingazeiro: ♂, C. VIEIRA, dezembro 13 (1940).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 16 (1940).
Lins: ♂, OLALLA, janeiro 20 (1941).
Faz. Varjão (Lins): ♂ juv., OLALLA, fevereiro 14 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, nos confins de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 25 (1941); ♂, OLIV. PINTO, agosto 31 (1941); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 26 e 27 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♂ ♂, E. DENTE, outubro 26 (1941); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 21 (1941); ♂ juv., JOSÉ LIMA, outubro 27 (1941); ♀, JOSÉ LIMA outubro 27 (1941).
Monte Alegre: ♀, OLIV. PINTO, maio 11 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, maio 13 (1943).
Cajurú: ♂, E. DENTE, maio 11 (1943).

Paraná

Castro: ♂ juv., GARBE, maio (1914).

Rio Grande do Sul

Nova Wurttemberg: ♂, GARBE, março (1915); 3 ♀ ♀, GARBE, março e abril (1915).

Gênero ILICURA Reichenbach

Ilicura REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., p. 63. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Pipra militaris* SHAW.

Ilicura militaris (Shaw & Nodder) [VI, 60]

Tangaràzinho.

Pipra militaris SHAW & NODDER, 1808, Natur. Misc., XX, pl. 849: "South America" (Rio de Janeiro, pátria típica sugerida por HELLMAYR).

Helicura[1] *militaris* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 311; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 301.

Distribuição. — Sudeste do Brasil: Espírito Santo (Braço do Sul, perto de Vitória), Rio de Janeiro (Corcovado, Nova Friburgo, Colônia Alpina, Capivarí, Porto Real, Cantagalo, Angra dos Reis), Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas, serra da Cacunda, rio Jordão, perto de Araguarí), São Paulo (Ubatuba, Alto da Serra, altos do Ipiranga, Juquiá, Alecrim, Iguape, Iporanga, Cananéia, Ipanema, Lins), Santa Catarina (Blumenau).

BRASIL

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, junho 18 e 23 (1941).

Minas Gerais

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, outubro 3 (1940).

São Paulo

Iporanga: ♂, R. KRONE, abril 10 (1898).
Iguape: ♀, R. KRONE, julho 10 (1898).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, H. PINDER, agosto 3 (1898); ♀, JOSÉ LIMA (1923).
Ubatuba: 3 ♂ ♂, GARBE, abril (1905); ♀, GARBE, maio (1905).
Alto da Serra: ♂, LIMA (1907); 2 ♂ ♂ juvs. e 1 ♀, LIMA, julho (1904).
Lins: ♀, LIMA, maio 25 (1914).
Alecrim (Iguape): ♂, JOSÉ LIMA, julho 25 (1927).
Tabatiguara (Cananéia): ♀, CAMARGO, outubro 3 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 4 ♂ ♂, OLALLA, maio 17 e 18 (1940); ♂ juv., OLALLA, maio 20 (1940); ♂, OLIV. PINTO, maio 14 (1940); 3 ♀ ♀, OLALLA, maio 13, 17 e 21 (1940).

Gênero **MANACUS** Brisson

Manacus BRISSON, 1760, Orn., IV, p. 442. Tipo, por tautonimia, "Manacus" de Brisson (= *Pipra manacus* LINNAEUS).

---

(1) *Helicura* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 311 (emenda, por *Ilicura*).

Manacus manacus manacus (Linnaeus) [VI, 65]

Rendeira, Bilreira.

Pipra manacus LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 340 (com base em BRISSON e, primordialmente, em EDWARDS, Glean. Nat. Hist., I, p. 107, pl. 260, fig. super.): "in America" (pátria típica Surinam, *ex* EDWARDS).

Chiromachaeris[1] *manacus* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 313, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 301, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 369, parte.

Distribuição. — Guianas Inglesa (rio Demerara, rio Mazaruni, Bartica Grove, Camacusa), Holandesa (Paramaribo, Lelydorp, Rijsdijkweg) e Francesa (Cayenne, rio Approuague, Ipousin, Roche Marie, Saint Jean du Maroni, St. Georges d'Oyapock) e região adjacente do extremo norte do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas: baixo rio Negro (igarapé Cacau Pereira, Manaus), Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, lago Cuipeva, Patauá. Cunaní).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, fevereiro 15 e junho 2 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, abril 1 e junho 3 (1937).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, GARBE, novembro e dezembro (1920); 1 ♂ juv. ? e 1 ♀, GARBE, dezembro (1920).

Patauá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 11 (1935).

Lago Cuipeva (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂ ♂, OLALLA, fevereiro 4, 6, 14 e 19 (1935).

Manacus manacus purus Bangs [VI, 66]

Rendeira.

Manacus manacus purus BANGS, 1899, Proc. Engl. Zool. Club, I, p. 36: Santarém (margem direita da boca do rio Tapajoz).

Chiromachaeris manacus SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 313, parte.

Chiromachaeris manacus purus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 302, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 370, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, na porção intermédia da margem direita do baixo Amazonas: baixo rio Madeira

---

(1) *Chiromachaeris* CABANIS, 1847, Arch. Naturges., XIII, pte. 1a., p. 235. Tipo, por monotipia, *Pipra manacus* LINNAEUS.

(Borba), Parintins, Tamucurí, rio Tapajoz (Santarém, igarapé Brabo, igarapé Amorim, Aramanaí, Tauarí, Piquiatuba, Caxiricatuba).

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, GARBE, janeiro (1903).

Manacus manacus purissimus Todd

Rendeira, Bilreira, Atangará-tinga.

Manacus manacus purissimus TODD, 1928, Proc. Biol. Soc. Wash., XLI, p. 111; Benevides (leste do Pará, ao norte de Belém).

Manacus manacus SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 313, parte.

Manacus manacus purus IHER. & IHERING (*nec* BANGS), 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 302, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 370, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul e a leste da mais baixa porção do rio Amazonas: rio Xingú (Porto de Moz, Tapará[1]), rio Tocantins (Baião, Cametá, Mocajuba, Arumateua), rio Guamá, rio Capim (Santo Antônio), rio Muraiteua, rio Acará, cercanias de Belém, localidades outras do distrito este-paraense (Utinga, Providência, Santa Isabel, Marco da Legua, Maguarí, Prata, Quatipurú, Benevides) e ao norte do Maranhão (Miritiba, Turiassú, Rosário, Maiobá).

BRASIL

Pará

Utinga (prox. de Belém): 2 ♂♂, F. Q. LIMA, fevereiro 10 e julho 20 (1926).

Maranhão

Maiobá: ♂, SCHWANDA, setembro 30 (1906).
Miritiba: 2 ♂♂, SCHWANDA, agosto 14 e novembro 10 (1907); 2 ♀♀, SCHWANDA, novembro 10 (1907).

Manacus manacus subpurus Cherrie & Reichenberger [VI, 67]

Manacus manacus subpurus CHERRIE & REICHENBERGER, 1923, Amer. Mus. Novit., LVIII, p. 4: Tapirapoã (rio Sepotuba, afluente do alto Paraguay, estado de Mato-Grosso).

---

(1) Pátria de *Manacus manacus longibarbis* ZIMMER, 1936 (Amer. Mus. Novit., Nº 889, p. 19), raça que se me afigura muito problemática, já pela natureza do caracter em que quase exclusivamente se baseia a sua separação ("barba" mais longa), já pela sua coexistência com *M. m. purissimus* na margem direita do baixo Tocantins (Baião).

Distribuição. — Brasil centro-ocidental, no sul do estado do Amazonas e a oeste de Mato Grosso: alto rio Madeira (Calama, Humaitá, Jamarìzinho, Santa Isabel do Rio Preto), rio Guaporé (Engenho do Gama), rio Sepotuba (Tapirapoã), rio Burití (Mutum Cavalo).

Manacus manacus expectatus Gyldenstolpe

Manacus manacus expectatus GYLDENSTOLPE, 1941, Ark. för Zoologi, XXXIII, Nº 12, p. 4: João Pessoa (antiga S. Felipe, na margem esquerda do alto rio Juruá).

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Solimões: rio Juruá (João Pessoa).

Manacus manacus interior Chapman [VI, 67]

Manacus manacus interior CHAPMAN, 1914, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXIII, p. 624: Villavicencio (leste da Colômbia).
Chiromachaeris manacus SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 313, parte.

Distribuição. — Nordeste do Perú (rio Marañon, Pebas, Nauta, Iquitos, Yurimaguas, Chyavetas), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, foz do Curaray, Zamora, Sarayacu) e da Colômbia (Villavicencio), Venezuela (rio Orenoco, Maipures, rio Caura, Maripa, La Unión) e Brasil oeste-septentrional extremo, na região do alto e médio rio Negro (Barcelos, Jucabí, São Gabriel).

BRASIL

Amazonas

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): 2 [illegible], CAMARGO, novembro 19 e 27 (1936).
Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): [illegible], CAMARGO, dezembro (1936).

Manacus manacus gutturosus (Desmarest) [VI, 71]

Rendeira (Baía), *Rendeiro*, *Barbudinho* (S. Paulo), *Monge*, *Mono.*

Pipra gutturosa DESMAREST, 1806, Hist. Nat. Tang. Manakins et Todiers, livr. 6, pl. 58: nenhuma indicação de localidade (proponho o Rio de Janeiro como pátria típica)[1].

(1) O tipo da espécie, embora nenhum esclarecimento positivo se possa obter sobre sua procedência, deveria provir com toda probabilidade de leste do Brasil, que foi, entre nós, a primeira região de onde seguiram aves empalhadas para os gabinetes de História Natural europeus.

Chiromachaeris gutturosa SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 313.
Chiromachaeris gutturosus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 302, parte.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (rio Paraná, Puerto Bertoni), Brasil este-meridional: Baía (Santo Amaro, Ilheus, Caravelas), Espírito Santo (Vitória, Pau-Gigante, Porto Cachoeiro, Sta. Leopoldina, Guaraparí), leste de Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas, Mariana, rio Doce, rio Piracicaba, serra da Cacunda, rio Matipoó, rio Sacramento), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, Porto Real, Angra dos Reis, Sepitiba, serra do Itatiaia), São Paulo (Piquete, serra de Bananal, Ubatuba, São Sebastião, Cachoeira, Juquiá, Alecrim, Iguape, Cananéia, rio Paranapanema, Itatiba, rio Grande, Barretos, Jaboticabal, São Jerônimo, rio Feio, Lins, Vanuire, Avanhandava, Valparaizo, rio Paraná, Porto Cabral) e região adjacente do extremo sudeste de Mato Grosso (rio Paraná, córrego do Paredão), norte do Paraná (Jacarèzinho).

BRASIL

Baía

Caravelas: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1908).
Ilheus: 4 ♂ ♂, GARBE, abril (1919).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (=Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, novembro (1905),
Pau Gigante: ♂, E. G. HOLT, outubro 24 (1940); ♀, GENTIL DUTRA, outubro 21 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 31 (1942).
Guaraparí: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, outubro 19 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 5 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, junho 18 e 19 (1941); 4 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, junho 18, 20, 24 e 25 (1941).

Minas Gerais

Mariana: ♀, J. GODOY (1905).
Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): 2 ♂ ♂, PINTO FONSECA, junho 22 e julho 18 (1919).
Rio Sacramento: ♂, PINTO FONSECA, julho 20 (1919); ♀, PINTO FONSECA, julho 3 (1919).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 22 (1940); 4 ♀ ♀, OLALLA, agosto 18, 22 e 31 (1940); ♂ juv., W. GARBE, agosto 22 (1940).
Rio Doce: ♂, OLALLA, agosto 29 (1940).
Alto rio Doce: 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 5 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLALLA, setembro 16 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, setembro 30 (1940); 2 ♂ ♂ juvs., OLIV. PINTO, outubro 3 e 5 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 28 e outubro 4 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♀, PINDER, outubro (1896).
Piquete: ♂, J. ZECH, dezembro 21 (1896).
Iguape: ♂, R. KRÖNE (1898?).
Cachoeira: ♀, LIMA, agosto 17 (1898).
Jaboticabal: 3 ♂♂ juvs., LIMA, outubro 8 e 10 (1900).
Rio Paranapanema: sexo ?, LIMA, março 27 (1901).
São Jerônimo (Avanhandava): ♂, GARBE, março (1904).
Rio Grande (Barretos): ♀, GARBE, maio (1904).
Ubatuba: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, abril (1905).
Rio Feio: ♀, F. GÜNTHER, agosto 13 (1905).
Itatiba: ♀, LIMA, março 16 (1926).
Alecrim (Iguape): ♂, LIMA, julho 25 (1927).
Vanuire: ♀, LIMA, agosto 26 (1928).
Valparaizo: ♂, OLIV. PINTO, julho 7 (1931).
Porto Tibiriçá (rio Paraná): ♂, LIMA, agosto 24 (1931); ♀, LIMA, agosto 20 (1931).
Tabatinguara (Cananéia): 2 ♀♀, CAMARGO, setembro 22 e 29 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 3 ♂♂, OLALLA, maio 13, 14 e 15 (1940); ♀, OLALLA, maio 13 (1940); 5 sexos ?, OLALLA, maio 13, 16, 18 e 19 (1940); sexo ?, OLIV. PINTO, maio (1940).
Faz. Varjão (Lins): 1 ♂ ad. e 1 ♂ juv., OLALLA, janeiro 29 (1941).
Lins: ♂, OLALLA, maio 8 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, nos conf. de Rio e S. Paulo): ♀, OLIV. PINTO, agosto 28 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 14 (1941).

Paraná

Jacarèzinho: ♂, EHRHARDT (1901).

Mato Grosso

Córrego do Paredão (rio Paraná, marg. esquerda): ♂, OLIV. PINTO, novembro 8 (1939).

Gênero NEOPIPO Sclater & Salvin

Neopipo SCLATER & SALVIN, 1869, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 438. Tipo, por designação original, *Neopipo rubicunda* SCLATER & SALVIN (= *Pipra cinnamomea* LAWRENCE).

Neopipo cinnamomea cinnamomea (Lawrence) [VI. 75]

Pipra? cinnamomea LAWRENCE, 1868, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., p. 429: "Upper Amazon".
Neopipo cinnamomea SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV p. 76.

Distribuição. — Leste do Equador (Sarayacu, rio Suno) e do Perú (Chamicuros, Xeberos, Yahuarmayo) e Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas: alto rio Madeira (Humaitá)[1], rio Tapajoz (Vila Braga)[2].

(1) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XIV, p. 361 (1907).
(2) Cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 268 (1941).

Gênero SCHIFFORNIS Bonaparte

Schiffornis BONAPARTE, 1854, Ateneo Italiano, II, p. 314 (= Consp. Voluc. Anisod., p. 4). Tipo, por virtual monotipia, *Muscicapa turdina* WIED.

Schiffornis major major Des Murs [VI, 77]

Schiffornis major DES MURS[1], 1856, em CASTELNAU, Expéd. Amér. du Sud, Ois., livr. 18, p. 66, pl. 18, fig. 2: Sarayacu (baixo rio Ucayali, no nordeste do Perú); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 323; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 304.

Schiffornis rufa[2] SCLATER, 1888, op. cit., XIV, p. 323; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 371.

Distribuição. — Leste do Perú (rio Marañon, Nauta, baixo Ucayali, Sarayacu, Saimiria, Puerto Indiana, Anayacu) e Brasil amazônico: rio Solimões (Fonte Boa), rio Negro (rio Amajaú), rio Jamunda (Faro), óbidos, rio Juruá (São Felipe) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Borba, Rosarinho, Calama, igarapé Auará) e rio Gi-Paraná (Jamarizinho), rio Tapajoz (Santarém).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♂, GARBE, novembro (1902).

João Pessoa (alto Juruá, margem esquerda): ♂, OLALLA, outubro 15 (1936); ♀, OLALLA, janeiro 31 (1937).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 4 ♂♂ e 1 ♀, OLALLA, novembro 13 (1936).

Schiffornis virescens (Lafresnaye) [VI, 78]

Ptilochloris virescens LAFRESNAYE, 1838, Rev. Zool., I, p. 238: "Brésil" (= Rio de Janeiro, col. DELALANDE).

---

(1) Tipo, por designação original, do gênero *Massornis* OBERHOLSER, 1920, Auk, XXXVII, p. 455, — nome novo para *Schiffornis* DES MURS, 1856 (*nec* BONAPARTE, 1854), em CASTELNAU, Expéd. Amér. du Sud, Oiseaux, livr. 18, p. 66. Pelo estudo comparativo de *Schiffornis major* com as diferentes formas de *Sch. turdinus* concluíra ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 889, p. 26) pela inseparabilidade dos dous supostos gêneros, cujo único carater permanente reside na diferença de côr.

(2) *Heteropelma rufum* PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, pags. 124 e 185: Borba (margem direita do baixo rio Madeira) e rio Amajaú. Segundo, de longa data, verificára HELLMAYR (cf. Novit. Zool., XIV, 1907, p. 362; Genera Avium de WYTSMAN, pte. IX, 1910, p. 25) e foi ultimamente confirmado por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 899, 1936, p. 25), esta suposta espécie significa tão somente uma variação individual de *S. major;* em compensação, as aves do extremo sul da Venezuela aparentam formar uma raça, a que chama ZIMMER *S. m. duidae* (tipo das visinhanças do monte Duida).

Heteropelma[1] *virescens* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 321.
Scotothorus[2] *unicolor*[3] IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 303.

Distribuição. — Sudeste do Paraguay (Alto Paraná, Sapucay) e Brasil este-meridional: sul da Baía (Conquista), Minas Gerais (rio São Francisco, rio Piracicaba), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo, serra do Itatiaia), São Paulo (Campos do Jordão, Itatiba, Alto da Serra, altos do Ipiranga, Jundiaí, Monte Alegre, Osasco, Ipanema, Ubatuba, Juquiá, Iguape, Cananéia, Itararé, Lins, Valparaizo, Itapura, Porto Cabral), Paraná (Curitiba, Vermelho, Terezina, Cândido de Abreu, Salto de Guaira, Cara Pintada), Rio Grande do Sul.

BRASIL
Minas Gerais
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLIV. PINTO, setembro 30 (1940); 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 30 e outubro 3 (1940).
São Paulo
Iguape: sexo ?, R. KRÖNE (1898?)
Osasco: ♂, LIMA, julho 14 (1899).
Itatiba: sexo ?, LIMA, junho 17 (1902).
Itararé: 2 ♂ ♂, GARBE, julho e agosto (1903).
Alto da Serra: 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, julho (1904).
Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904).
Ubatuba: ♂, GARBE, março (1905); ♀, GARBE, abril (1905).
Campos do Jordão: sexo?, juv., H. LÜDERWALDT, fevereiro 21 (1906).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): sexo ?, H. SCHWEBEL, abril 23 (1912).
Valparaizo: ♂, LIMA, junho 22 (1931).
Tabatinguara (Cananéia): 3 ♂ ♂, CAMARGO, setembro 20, 21 e 24 (1934); ♀, CAMARGO, setembro 29 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 14 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 6 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 11 (1941); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, outubro 9 e 14 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, maio 10 (1943).

---

(1) *Heteropelma* BONAPARTE, 1854 (*nec* WESMAËL, 1840), Ateneo Ital., II, p. 314 (= Consp. Voluc. Anisod., p. 4). Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), "*Pipra unicolor* MENETR." (= *Heteropelma unicolor* BONAPARTE).
(2) *Scotothorus* OBERHOLSER, 1899, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., p. 207, — nome novo para *Heteropelma* BONAPARTE.
(3) *Heteropelma unicolor* BONAPARTE, 1854, op. cit., p. 314, — nome novo para *Ptilochloris virescens* LAFRESN., na base de sua suposta invalidez. Entretanto, como adverte HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., VI, p. 78, nota 2) *Muscicapa virescens* WIED, 1831 (Beitr. Naturg. Bras., III, p. 802: Arraial da Conquista), anteocupado por *M. virescens* TEMMINCK, 1824, não invalida *Ptilochloris virescens* LAFRESNAYE, cunhado de modo independente do primeiro para espécie tida como nova.

Schiffornis turdinus turdinus (Wied) [VI, 79]

Muscicapa turdina WIED, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 817: nenhuma localidade especificada (o tipo é da Baía, teste HELLMAYR).

Heteropelma turdinum SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 319.

Scotothorus turdinus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 302.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: leste da Baía (Ilheus), Espírito Santo (Linhares, Colatina, rio S. José), leste de Minas (confl. dos rios Doce e Piracicaba)[1].

BRASIL

Baía

Ilheus: ♂, GARBE, maio (1919); ♀, GARBE, abril (1919).

Espírito Santo

Colatina: ♂ im., E. G. HOLT, novembro 11 (1940).
Rio S. José: ♂, OLALLA, setembro 22 (1942).

Minas Gerais

Baixo Piracicaba (rio Doce): ♂, W. GARBE, agosto 27 (1940).

Schiffornis turdinus wallacii (Sclater & Salvin) [VI, 79]

Heteropelma wallacii SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 579: "Pará" (= Belém do Pará); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 319, pl. 20, parte.

Scotothorus amazonum wallacei IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 303, parte.

Scotothorus wallacii SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 370.

Distribuição. — Guiana Holandesa (proxim. de Paramaribo), Guiana Francesa (Saint Jean du Maroni, rio Oyapock), Brasil septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas (incluso o norte extremo de Mato Grosso): rio Anibá, rio Jamundá (Faro), óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), margem direita do Tapajoz (Santarém, Limoal, igarapé Brabo, Tauarí, Caxiricatuba), rio Xingú (Vitória, Porto de Moz), rio Tocantins (Alcobaça, Baião), distrito este-paraense (Utinga, Providência, Anindeua, Prata, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú).

---

(1) A distribuição da espécie é ainda mal conhecida, em vista de sua relativa raridade; os exemplares acima alistados ampliam notàvelmente sua área, que se estende dà Baía (provàvelmente desde o Recôncavo da baía de Todos os Santos) ao vale do rio Doce.

BRASIL

Amazonas

Rio Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, abril 15 (1937).

Pará

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, março 25 (1937).

Schiffornis turdinus amazonus (Sclater) [VI, 81]

Heteropelma amazonus SCLATER, 1860, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVIII, p. 466: Chamicurus (rio Huallaga, Perú); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 320, parte.

Scotothorus amazonum IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 302, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 371.

Distribuição. — Leste do Perú (rio Marañon, Lagarto, baixo Ucayali, rio Huallaga, vale do Urubamba, Huanuco, Huachipa), leste extremo do Equador (boca de Lagarto Cocha)[1], sul da Venezuela (alto Orenoco, Nericagua, Munduapo, rio Guainia, foz do rio Ocamo, Solano, faldas do monte Duida), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões e margem direita da porção intermédia do baixo Amazonas (incluso o noroeste de Mato Grosso): alto rio Negro (Marabitanas, rio Xié), rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar, Hiutanaã[2]), rio Madeira (Borba, Calama, Aliança, igarapé Auará, Humaitá) e rio Gi-Paraná (Maruins), Parintins, margem esquerda do rio Tapajoz (Vila Braga)[3], noroeste de Mato Grosso (rio Roosevelt, Morrinho Lira).

---

(1) Localidades da encosta cisandina do Equador mencionadas na literatura (Zamora, Sabanilla, San José de Sumaco), correspondem à nova raça *S. turdinus aeneus* ZIMMER, 1936 (Amer. Mus. Novit., Nº 899, p. 22), descrita com base num macho de Chaupe (Perú, ao norte do rio Marañon, na tombada oriental da cordilheira dos Andes).

(2) Pátria de *Schiffornis turdinus intercedens* TODD, 1928 (Proc. Biol. Soc. Wash., XLI, p. 113), inseparável de *S. t. amazonus* (SCLATER).

(3) De acordo com o testemunho de GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 269), últimas autoridades a rever o assunto, o limite oriental da área geográfica de *Sch. turdinus amazonus* é o rio Tapajoz, a partir de cuja margem direita a raça oeste-amazônica é substituida por *Sch. turdinus wallacii*. As aves do rio Madeira, não representadas na coleção em estudo, apresentam caracteres bastante intermediários, a ponto de a seu respeito haver grande discordância entre os autores. ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 889, pags. 21 a 24), reconhecendo-lhes embora grande semelhança com *amazonus*, preferiu referí-las à forma guiano-paraense, ao passo que GRISCOM & GREENWAY voltaram a adotar o ponto de vista contrário seguido sempre por HELLMAYR.

Brasil

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, Olalla, outubro 27 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, Olalla, dezembro 12 (1936).

Igarapé Grande (alto Juruá): 2 ♂♂, Olalla, janeiro 8 e 25 (1937).

Gênero **NEOPELMA** Sclater

Neopelma Sclater, 1860, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVIII, p. 467. Tipo, por monotipia, *Muscicapa aurifrons* Wied.

Neopelma aurifrons aurifrons (Wied) [VI, 87, pte.]

Muscicapa aurifrons Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 829: Camamú (leste da Baía).

Neopelma aurifrons Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 304, parte.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: Baía (Camamú, serra do Palhão[1], rio Gongogí), Espírito Santo (Santa Tereza, Porto Cachoeiro, Sta. Leopoldina), leste de Minas Gerais (vale do rio Doce, rio Sussuí, São José da Lagoa).

Brasil

Baía

Serra do Palhão (Jequié): ♂, Oliv. Pinto, dezembro 2 (1932).

Faz. Santa Maria (rio Gongogí): ♂, W. Garbe, dezembro 24 (1932); ♀ ?, W. Garbe, dezembro 20 (1932).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♀ ?, Garbe, dezembro (1905).

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♀♀, Olalla, agosto 21 e 27 (1942).

---

(1) Serra do Palhão (entre a margem direita do rio de Contas e o rio Gongogí, seu afluente) é a pátria de *Neopelma inornata* Pinto, 1933 (Boletim Biológico, Nova Série, I, p. 12), com base num macho aparentemente adulto, embora sem qualquer vestigio de mancha amarela no alto da cabeça. Em tudo semelhante são os de rio Gongogí e Espírito Santo; mas, numa série do médio rio Doce, a leste de Minas Gerais, observa-se em alguns exemplares (no ♂ Nº 26.011 da coleção em estudo, em particular), nítido esboço de mancha coronal, com terem as penas da porção anterior do vértice a base amarelo-clara, carater que, com toda probabilidade, deve apresentar-se ainda mais definido no de Camamú, descrito por Wied. Como é isso o que se observa tambem nos jovens da forma sulina, e ambas possuam domínio geográfico próprio, parece efetivamente tratar-se de duas formas estreitamente aparentadas, das quais a do príncipe de Wied seria a primeira descrita. *Muscicapa brevipes* Wied, 1831 (Beitr. Naturges. Bras., III, p. 831), cuja localidade não foi precisamente indicada, deve ser um jovem de *N. aurifrons*.

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 21 e 31 (1940).

Rio Doce: ♂, OLALLA, setembro 14 (1940).

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 14 e 18 (1940); sexo ?, W. GARBE, setembro 16 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 4 ♂ ♂, OLALLA, setembro 30, outubro 2 e 3 (1940).

Neopelma aurifrons chrysolophum nom. nov. [VI, 87, pte.]

Fruchú (Nova Friburgo).

Neopelma luteocephala LAFRESNAYE, 1833 (*nec* LESSON, 1830), Magaz. Zool., III, cl. 2, pl. 13: localidade não indicada (o tipo é de Minas Gerais, teste HELLMAYR)[1].

Neopelma aurifrons SCLATER (*nec* WIED), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 223; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 304, parte.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, serra do Itatiaia), sul de Minas Gerais (Maria da Fé), São Paulo (Itatiba, Ipiranga, Santo Amaro, Mogí das Cruzes, Pilar, Alto da Serra, Ipanema, Vitória).

BRASIL

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂ juv., OLIV. PINTO, janeiro 5 (1936); sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 10 (1936).

São Paulo

Itatiba: ♂, LIMA, julho 13 (1900).

Alto da Serra: ♂, FRANZ GÜNTHER, outubro 25 (1905); ♀, LIMA, agosto 12 (1899).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂ ♂, LIMA, setembro (1906) e outubro 9 (1906); ♂, JOSÉ LIMA (1923); sexo?, LIMA, julho 23 (1902).

Pilar: 2 ♂ ♂, LIMA, junho 6 (1920).

Mogí das Cruzes: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, março 16 e 20 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, março 22 (1933).

Neopelma sulphureiventer (Hellmayr) [VI, 88]

Scotothorus sulphureiventer HELLMAYR, 1903, Verh. Zool. Bot. Gesells., LIII, pags. 202 e 203: "Villa Bella" (= Mato Grosso, na margem direita do alto rio Guaporé).

---

(1) O tipo de *Muscicapa luteocephala* LAFR., segundo o Dr. HELLMAYR, que poude examiná-lo no Museu de Paris, foi levado por AUGUSTE SAINT HILAIRE e concorda com os exemplares de Rio de Janeiro e São Paulo (cf. Catal. Bds. of the Americas, pte. VI, p. 87, nota 1). Que a raça sulina ocorre em Minas Gerais prova-o um exemplar de Maria da Fé (sul de Minas, perto de Itajubá), por mim próprio colecionado, indistinguível dos de São Paulo.

Heteropelma chrysocephalum SCLATER (*nec* PELZELN), 1888, Cat Bds. Brit. Mus., XIV, p. 322.

Distribuição. — Norte da Bolívia (rio San Mateo, rio Chaparé, Todos os Santos) e região adjacente do Brasil ocidental: rio Guaporé (Vila Bela de Mato Grosso).

Neopelma chrysocephalum (Pelzeln) [VI, 88]

Heteropelma chrysocephalum PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, pags. 125 e 185 (excetuado um suposto juv., de Vila Bela de Mato Grosso): San Carlos, no rio Guainia (localidade típica), Marabitanas e rio Içana.
Heteropelma igniceps SCLATER[1], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 322, pl. 22.
Scotothorus chrysocephalus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 303.

Distribuição. — Sul extremo da Venezuela (rio Guainia, San Carlos), Guianas Inglesa (Camacusa, Roraima, rio Rupununi), Holandesa (Lelydorp) e Francesa ("Cayenne"), Brasil oeste-septentrional, do alto rio Negro (Marabitanas, rio Içana) à margem esquerda (septentrional) do rio Amazonas (igarapé Anibá).

BRASIL

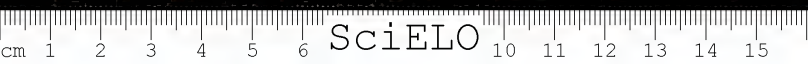
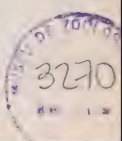
Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 17 (1936).

Neopelma pallescens (Lafresnaye) [VI, 89]

Tyrannula pallescens LAFRESNAYE, 1853, Rev. Magaz. Zool., (2), V, p. 57: Baía.
Heteropelma flavicapillum SCLATER[2], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 321, pl. 21.
Scotothorus pallescens IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 303; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p 371.

Distribuição. — Brasil central, este-septentrional e centro-meridional: Mato Grosso (Chapada, São Vicente, Engenho do Gama, Utiarití, Sant'Ana do Paranaíba), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Araguaia, rio Tesouras, rio das Almas, rio Claro), baixo Amazonas, em ambas as margens (serra de Paituna,

(1) *Heteropelma igniceps* SCLATER, 1871, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 750: Oyapock, "Cayenne". Cf. HELLMAYR, Verh. Zool. Bot. Gesell., LIII, pags. 202 e 203 (1903).
(2) *Heteropelma flavicapillum* SCLATER, 1860, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVIII, p. 466: "southeastern Brazil". Cf. HELLMAYR, op. cit., pp. 202 a 204 (1903).

igarapé Boiussú), rio Tapajoz (Santarém, Itaituba), Maranhão (Miritiba, Rosário, Cachoeira, Tranqueira, rio Parnaíba), Piauí (São Martim), Pernambuco (Tapera, ilha de Itamaracá), Baía (zona do Recôncavo, Santo Amaro, ilha da Bimbarra), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio das Velhas, rio Jordão, Água Suja), São Paulo (Lages, rio das Pedras, Paraúna, Lins, rio Paraná, Porto Tibiriçá).

BRASIL

Pará

Igarapé Boiussú (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 20 (1935).

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, maio 4 (1935); ♀, OLALLA, maio 3 (1935).

Maranhão

Miritiba: ♂, SCHWANDA, agosto 1 (1907); ♀, SCHWANDA, outubro 11 (1907).

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 22 (1938).

Itamaracá: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 5 (1939).

Baía

"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).

Ilha da Bimbarra: ♂, CAMARGO, fevereiro 21 (1933).

São Paulo

Porto Tibiriçá (rio Paraná): ♀, LIMA, agosto 24 (1931).

Faz. Santa Rosa (Paraúna): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, abril 12 (1940).

Faz. Varjão (Lins): ♀, OLALLA, fevereiro 20 (1941).

Lins: ♂, LIMA, maio 27 (1914); ♀, OLALLA, junho 4 (1941).

Goiaz

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, W. GARBE, setembro 30 (1934).

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, abril 6 (1940).

Mato Grosso

Chapada: ♂, H. H. SMITH, agosto 9 (1883); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 28 (1937); ♂, OLIV. PINTO, outubro 4 (1937); ♀, H. H. SMITH, abril 30 (1883); sexo?, JOSÉ LIMA, setembro 30 (1937).

Sant'Ana do Paranaíba: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, julho 25 (1937).

Gênero **HETEROCERCUS** Sclater

Heterocercus SCLATER, 1862, Catal. Coll. Amer. Birds, p. 245. Tipo, por monotipia, *Elaenia linteata* STRICKLAND).

Heterocercus linteatus (Strickland) [VI, 90]

Elaenia linteata STRICKLAND, 1850, Contrib. Orn., p. 121, pl. 63, fig. esquerda (♂ suposto): "Upper branches of the Amazon River" (= provàvelmente ao baixo Marañon, no Perú).[1]

(1) Cf. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.º 889, p. 28 (1936).

Heterocercus linteatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 324; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 304; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 372.

Distribuição. — Nordeste extremo do Perú (baixo Marañon, Puerto Indiana) e Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas[1]: margem direita do rio Solimões (Tefé), rio Juruá (igarapé Grande), rio Madeira (Borba, Aliança, Humaitá) e rio Gi-Paraná (Maruins), rio Tapajoz (Santarém, ilha Goiana, ilha do Papagaio, ilha do Coatá, Vila Braga, igarapé Brabo, igarapé Amorim, Limoal, Aramanaí, Tauarí) e rio Jamauchim (Viração), Cussarí, rio Irirí (Santa Julia), noroeste de Mato Grosso (rio Roosevelt).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Grande (alto Juruá): ♀, OLALLA, janeiro 15 (1937).

Heterocercus flavivertex Pelzeln [VI, 91]

Heterocercus flavivertex PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, pgs. 125 e 186: rio Negro, Marabitanas, rio Xié, rio Içana, rio Uaupés, Barcelos (como pátria típica sugiro Marabitanas); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 325; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 304.

Distribuição. — Venezuela (alto Orenoco, Maipures, Perico, rio Ocamo, Esmeralda, Ayacucho, San Fernando de Atabapo, rio Cassiquiare, rio Guainia, rio Pescada, monte Duida)[2] e norte extremo do Brasil oeste-amazônico, até a margem septentrional do Amazonas médio: rio Uaupés, rio Içana, rio Negro (Marabitanas, São Gabriel, Camanaus, Jucabí, Tatú, Muirapinima, Barcelos), rio Jamundá (Faro).

BRASIL

Amazonas

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, CAMARGO, novembro 18 e dezembro 15 (1936); 2 ♀ ♀, CAMARGO, novembro 25 e 27 (1936).

---

(1) É reputada duvidosa a ocorrência da espécie em Monte Alegre, a despeito da referência feita por Mme. SNETHLAGE, para significar talvez algum ponto da margem direita oposto a essa localidade (Cussarí?). O único exemplar existente na coleção do "Museu Paulista", segundo o colecionador uma fêmea, provém do alto Juruá e concorda bem com as descrições dos autores (cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XIV, 1907, p. 362), com a diferença de ter a garganta quase perfeitamente branca, com as bordas das penas levemente acinzentadas.

(2) Tem-se como provàvelmente errônea a localidade Oyapock (Guiana Francesa), a que são atribuidos vários exemplares do Britsh Museum, referidos por SCLATER (cf. HELLMAYR, Catal. Bds. of the Amer., VI, p. 91, nota 1).

Família TYRANNIDAE

Subfamília FLUVICOLINAE

Gênero **XOLMIS** Boie

Xolmis BOIE, 1826, Isis, I, p. 973 (nome genérico para as "Pepoazas" de AZARA). Tipo, por tautonimia, "Le Pepoaza" propriamente dito, de AZARA (=*Tyrannus cinereus* VIEILLOT).

Xolmis cinerea (Vieillot) [V, 10]

Pombinha das almas (S. Paulo), *Maria branca* (Minas), *Mocinha branca* (Mato Grosso), *Primavera* (Rio Gr. do Sul).

Tyrannus cinereus VIEILLOT, 1816, Analyse d'une Nouv. Ornith. Élément., p. 68: "l'Amérique méridionale" (pátria típica o interior do Rio de Janeiro, sugerida por HELLMAYR)[1]

Taenioptera[2] *nengeta*[3] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 11; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 256.

Taenioptera cinerea SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 377.

Distribuição. — Norte e leste da Argentina (Tucumán, Corrientes, Entre Rios, Chaco, Formosa, Misiones, Santa Fé, Buenos Aires), Uruguay (Santa Elena, Arroyo Grande, rio Negro, San Vicente, Maldonado, Canelones, Treinta y Tres, Cerro Largo, Quebrada de los Cuervos), Paraguay (proxim. de Assunción, Concepción, Sapucay, Puerto Bertoni, Lambaré), leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos), Brasil central e oriental: Mato Grosso (Chapada, Aquidauana, Três Lagoas), Goiaz (cid. de Goiaz, Jaraguá, Pilar, rio Tesouras, rio Claro), leste do Pará (baixo Tapajoz, rio Irirí, lago Grande, ilha de Marajó,

---

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 305 (1929).

(2) *Xolmis* BOIE antecede a *Taenioptera* BONAPARTE, que só em 1830 (Ann. Stor. Nat. Bologna, IV, p. 194) parece ter sido usado genèricamente. Cf. HELLMAYR, Cat. Bds. of the Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., vol. XIII), parte V, p. 10, nota c (1927).

(3) Os autores modernos, a exemplo de BERLEPSCH (Ornis, XIV, 1907, p. 467), impugnam *Lanius nengeta* LINNAEUS, 1766 (Syst. Nat., ed. 12.ª, I, p. 135) como nome do pássaro em questão. De fato, não é possível identificar com segurança "Guira-nhengeta" de MARCGRAVE, base primordial da espécie lineana. Diga-se, de passagem, que em qualquer hipótese, a presente espécie nada tem que ver com os pássaros descritos com os nomes tupís de "Uranhengatá" e "Uraenhangatá" por GABRIEL SOARES (Tratado Descritivo do Brasil em 1758). Do último que outro não é senão o "canário da terra" (*Sicalis flaveola* LINN.), tambem MARCGRAVE se ocupou, sob o nome de "Guiranheengatá". Cf. G. MARCGRAVE, Hist. Nat. do Brasil (Impr. Ofic. do Est. de S. Paulo, 1942), págs. 211 e LXXIV.

Caviana), Maranhão (Miritiba, Primeira Cruz, Codó), Piauí (Amarração, Várzea Grande, Gilboez), interior da Baía (rio Preto, São Marcelo[1]), Minas Gerais (Lagoa Santa, Paracatú, Barbacena, Água Suja, Maria da Fé), Rio de Janeiro (Porto Real), São Paulo (Batatais, Franca, Caconde, Campos do Jordão, Porto Ferreira, Itapetininga, São Miguel Arcanjo, Itararé, Iguape, Porto Epitácio), Paraná (Invernadinha, Guarapuava)[2], Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Taquara, Santo Angelo, Viamão, Uruguaiana).

BRASIL

Maranhão

Primeira Cruz: ♀, SCHWANDA, setembro 13 (1906).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 14 (1936)

São Paulo

Caconde: ♀, SCHROTTKY, maio 12 (1900).
Batatais: sexo ?, LIMA, dezembro 10 (1900)
Franca: ♀, DREHER, julho 20 (1902)
Iguape: ♂, R. KRONE, agosto 28 (1902)
Porto Epitácio (rio Paraná): ♀, LIMA, maio 28 (1926).
Itapetininga: ♂, LIMA, julho 24 (1926)
São Miguel Arcanjo: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 26 (1929)
Porto Ferreira: ♀, E. DENTE, maio 15 (1941)

Rio Grande do Sul

Uruguaiana: ♀, GARBE, julho (1914)

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♀, W. GARBE, agosto 31 (1934)
Faz. Transwaal (rio Claro): 2 ♀♀, W. GARBE, outubro 21 e novembro 20 (1941)
Pilar: sexo?, P. SESTER, abril 19 (1932)

Mato Grosso

Três Lagoas: ♂, LIMA, julho 11 (1931)
Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 3 (1931)
Chapada: ♂, H. H. SMITH, julho (1883); ♂, OLIV. PINTO, outubro 6 (1937)

Xolmis velata (Lichtenstein) [V, 12]

Pombinha das almas, Mocinha branca, Lavandeira (Maranhão).

Muscicapa velata LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 54: São Paulo (Brasil).

---

(1) Pátria de *Taenioptera cinerea obscura* CORY (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., I, 1916, p. 341), inseparável.
(2) Cf. SZTOLCMAN, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 151 (1926).

Taenioptera velata Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 12; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 257; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 377.

Distribuição. — Bolívia (Santa Cruz), Paraguay[1] e Brasil: Pará (lago Grande, rio Maicurú, ilha de Marajó, ilha Mexiana), Maranhão (Codó), Piauí (Várzea Grande), oeste da Baía (São Marcelo, Santa Rita), Minas Gerais (Pirapora, Lagoa Santa, Água Suja, Maria da Fé). Rio de Janeiro, São Paulo (Campos do Jordão, rio Mogí-Guassú, Barretos, Franca, Batatais, Vitória, Baurú, Lins), Mato Grosso (Porto Faia, Três Lagoas, Campo Grande, Piraputanga, Miranda, Salobra, Chapada).

Brasil

Minas Gerais

Pirapora: ♀, Garbe, julho (1912)
Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♀, Oliv. Pinto, janeiro 7 (1936)

São Paulo

Batatais: ♂, Lima, dezembro 9 (1900)
Franca: sexo?, Dreher, julho 19 (1902)
Barretos (rio Grande): ♂, Garbe, maio 2 (1904)
Vitória (perto de Botucatú): ♂, H. Pinder, maio 2 (1904)
Baurú: sexo?, F. Günther, maio (1905)
Campos do Jordão: ♂, H. Lüderwaldt, dezembro 6 (1905); ♂ juv., H. Lüderwaldt, dezembro [illegible] (1905); ♀, H. Lüderwaldt, dezembro 7 (1905)
Rio Mogí-Guassú: ♀, José Lima, setembro 25 (19[illegible])
Faz. Varjão (Lins): ♀, Olalla, fevereiro 14 (1941)

Mato Grosso

Porto Faia (rio Paraná): ♂, Garbe, outubro (1904)
Campo Grande: ♂, Lima, junho 1[illegible] (1930)
Miranda: ♂, Lima, agosto 7 (1930)
Três Lagoas: ♀, Lima, julho 11 (1931)
Salobra: 2 ♂ ♂, C. Vieira, julho 2[illegible] e 27 (19[illegible]); sexo?, Camargo, setembro (1940)

Xolmis dominicana (Vieillot) [V. 13]

Lavandeira

Tyrannus dominicanus Vieillot, 1823, Tabl. encycl. méthod., Orn., [illegible], p. [illegible] ([illegible] Azara, N.º [illegible], "Pepoaza [illegible]"): Paraguay.

Taenioptera dominicana Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. [illegible]; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 257.

---

(1) Cf. A. Laubmann, Anz. Orn. Ges. Bayer., II, p. 2[illegible] ([illegible]).

Platyrinchus m. mystaceus ♂ n. 27.593
Myiobius barbatus mastacalis ♂ n. 5.478
Camptostoma obsoletum cinerascens ♂ n. 26.452

Distribuição. — Norte e leste da Argentina (Chaco, Tucumán, Corrientes, Santa Fé, Buenos Aires), Uruguay (Montivideo, Maldonado, Paysandú, Cerro Largo), Paraguay (Chaco, rio Pilcomayo), sul do Brasil: Paraná (Castro, Curitiba, Murungaba, rio Jaguaraíba, Boa Vista[1]), Rio Grande do Sul (Viamão, Taquara).

Brasil
Paraná
Castro: 2 ♂♂ e 1 ♀, Garbe, julho (1907)

Xolmis coronata (Vieillot) [V, 14]

Tyrannus coronatus Vieillot, 1823, Tabl. encycl. méth., Orn., II, p. 855 (com base em Azara, N. 202, "Pepoaza coronada"): Paraguay (pátria típica) e La Plata.
Taenioptera coronata Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 12.

Distribuição. — República Argentina (Tucumán, Santa Fé, Salta, Entre Rios, Buenos Aires, Cordoba, Mendoza, rio Negro), Uruguay (Canelones, Florida, rio Negro), Paraguay, leste da Bolívia (Santa Cruz), extremo sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Uruguaiana, Itaquí).

Argentina
Buenos Aires: ♂, perm. Museo de La Plata (1899)
Tucumán: ♀, perm. Museo Nacional de Historia Natural (1925)

Brasil
Rio Grande do Sul
Uruguaiana: ♀, Garbe, julho (1914)
Itaquí: sexo?, Garbe (1914)

Xolmis irupero irupero (Vieillot) [V, 15]

Noivinha (Rio Grande do Sul).

Tyrannus irupero Vieillot, 1823, Tabl. enc. méth., Orn., II, p. 856 (com base em Azara, N.º 204, "Pepoaza irupero"): Paraguay.
Taenioptera irupero Sclater, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 13; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 257, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos), Paraguay (Puerto Pagani, Villa Franca, Sapucay, Concepción), Uruguay (Canelones, Flores, Cerro Largo), norte e leste da Argentina (Entre Rios, Corrientes, Tucumán, Misiones, Cordoba, Buenos

---

(1) Pátria de *Tyrannus albogriseus* Lesson, 1831 (Trait. d'Orn., p. 353), cujo tipo foi colecionado por Aug. St. Hilaire.

Aires, etc.), Brasil central e meridional: Mato Grosso (Miranda, Salobra), Rio Grande do Sul (Uruguaiana, Pelotas, Viamão).

ARGENTINA

Tucumán: ♀, SILLO, abril 24 (1900)
Cordoba: ♂, Perm. Museo Nacional de Buenos Aires, agosto (1905)

BRASIL

Rio Grande do Sul
"Rio Grande do Sul": ♂, C. RITTER (1899).
Uruguaiana: 1 ♀ e 2 sexos?, GARBE, julho (1914)

Mato Grosso
Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1930)
Salobra: ♂, C. VIEIRA, julho 26 (1939)

Xolmis irupero nivea[1] (Spix) [V, 17]

Muscicapa nivea SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 20, tab. 29, fig. 1: "in campis fl. St. Francisci prope pagum Joazeiro".
Taenioptera irupero IHER. & IHERING (*nec* VIEILLOT), 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 257, parte.

Distribuição. — Ceará (*teste* HELLMAYR) e região oeste-septentrional da Baía (Joazeiro, Cidade da Barra, Chique-Chique, Queimadas).

BRASIL

Baía
Joazeiro: ♂, GARBE, dezembro (1907): ♀, GARBE, novembro (1907)
Cidade da Barra: 2 ♂ ♂, GARBE, setembro e outubro (1913).

Gênero MUSCISAXICOLA Lafresnaye & d'Orbigny

Muscisaxicola LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Avium, I, Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 65. Tipo, por designação de GRAY (1840), *Muscisaxicola rufivertex* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY[2].

Muscisaxicola fluviatilis Sclater & Salvin [V. 33]

Muscisaxicola fluviatilis SCLATER & SALVIN, 1866, Proc. Zool. Soc. London, p. 187: baixo Ucayali (leste do Perú); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 59.

---

(1) Muito duvidosa a validez desta raça, não obstante o seu grande apartamento geográfico. Cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 306 (1929); A. LAUBMANN, Wissenschaftliche Ergebn. der Deuts. Gran Chaco-Expedit., p. 206 (1930).

(2) *Muscisaxicola rufivertex* LAFRESN. & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1 em Magaz. Zool., VII, cl. 2, pag. 66, parte: Cobija (Chile, prov. Antofagasta).

Distribuição. — Leste do Perú (rio Ucayali, rio Huallaga, Moyobamba, Vista Alegre), norte da Bolívia (Yuntas) e da Argentina (Tucumán) e noroeste do Brasil, ao sul do rio Amazonas: alto Madeira (abaixo de Crato), rio Gi-Paraná (Maruins)[1].

Gênero **LESSONIA** Swainson

Lessonia SWAINSON, 1832, em RICHARDSON, Fauna Bor.-Americana, Birds, p. 490. Tipo, *Anthus sordidus* LESSON (= *Alauda rufa* GMELIN).

Lessonia rufa rufa (Gmelin) [V, 34]

Alauda rufa GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 792 (baseada em DAUBENTON, Planche enlum. 738, fig. 2): Buenos Aires.
Centrites[2] *niger*[3] SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 61; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 262.
Lessonia rufa rufa HELLMAYR, 1923, Novit. Zool., XXX, p. 222; WETMORE, 1926, Bull. Un. St. Nat. Mus., CXXXIII, p. 307.

Distribuição. — Chile (excet. a parte septentrional), Argentina (Salta, Tucumán, Buenos Aires, Terra do Fogo), Uruguay, extremo sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Uruguaiana)[4].

ARGENTINA
Barracas al Sud (prov. de Buenos Aires): ♂, MITRE, setembro II (1901).

BRASIL
Rio Grande do Sul
Uruguaiana: 3 ♂♂ e 3 ♀♀, GARBE, julho (1914).

Gênero **COLONIA** Gray

Colonia J. E. GRAY, 1829 (?)[5], em GRIFFITH, Cuvier's Animal Kingdom, VI, p. 336. Tipo, por monotipia, *Muscicapa colonus* VIEILLOT.

---

(1) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, p. 285 (1910).
(2) *Centrites* CABANIS, 1847 (Arch. f. Naturges., XIII, p. 256), proposto em substituiçao a *Centrophanes* CABANIS, 1845 (preocupado por *Centrophanes* KAUP, 1829) e, como os últimos, posterior em data ao nome dado por SWAINSON.
(3) *Alauda nigra* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 46 (bas. em DAUBENTON, N.º 738), invalidada por homonimia com *Alauda nigri* (sic) BODD., op. cit., p. 40.
(4) Annuario do Estado do Rio Grande do Sul, XVI, p. 125 (1899).
(5) Cf. J. T. ZIMMER, Catal. of. Ayer Libr. (Publ. 239 do Field Mus. Nat. Hist.), pp. 153-155 (1926).

Colonia colonus colonus (Vieillot) [V, 60]

Viuva, Viuvinha.

Muscicapa colonus VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXI, p. 448 (baseado em AZARA, N.º 180, "Colon"): Paraguay.
Copurus[1] *colonus* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 50, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 262, parte.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Sapucay), Brasil central e oriental: ilha de Marajó (Ararí), Maranhão (São João dos Patos)[2], Baia (Jequié, Jaguaquara), Esp. Santo (serra do Caparaó), Rio de Janeiro (serra da Estrela, Cantagalo, Nova Friburgo, rio Muriaé), São Paulo (Alecrim, Juquiá, Cananéia, Alto da Serra, Cachoeira, serra de Bananal, Itatiba, Cajurú, Itapetininga, Franca, Silvânia, Rincão, Icatú), Paraná (Jacarezinho, Iguassú, Guaira, Vera Guaraní, rio Claro), Santa Catarina (Blumenau, Palmital)[3], Mato Grosso (Chapada, Coxim, Tapirapoã, rio Guaporé, Sant'Ana do Paranaíba), Goiaz (Jaraguá, cid. de Goiaz, Inhumas), Minas Gerais (rio Jordão, Vargem Alegre, Mariana, rio das Velhas, rio Piracicaba, São José da Lagoa).

BRASIL

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 26 (1941)
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♀, OLALLA, setembro 10 (1941)

Minas Gerais

Vargem Alegre: ♀, J. B. GODOY (1900)
Mariana: ♂, J .B. GODOY (1900)
Barra do Piracicaba (rio Doce): sexo?, OLIV. PINTO, agosto 27 (1940)
Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, setembro 28 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 27 e 28 (1940).

São Paulo

Cachoeira: ♂, H. PINDER, agosto 13 (1898).
Itatiba: ♂, LIMA, julho 11 (1900); 1 ♂ juv. e 1 sexo ?, LIMA, março (1926); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 26 (1933)
Franca: ♂, DREHER (1902)
Alto da Serra: ♀, HAMADOLFF, julho 15 (1906).
Alecrim (Iguape): ♂, LIMA, agosto 10 (1925); 2 [illegible], JOSÉ LIMA, julho 25 (1927).

---

(1) *Colonia* GRAY antecede a *Copurus* STRICKLAND, 1841 (Proc. Zool. Soc. Lond., p. 28), que tem a mesma espécie por tipo.
(2) São João dos Patos (sul do Maranhão?), local. referida por ZIMMER (Am. Mus. Novit., N.º 930, p. 28, 1937).
(3) Da ocorrência do pássaro no Rio Grande do Sul não encontro outra testemunha além de SCLATER, que no Cat. das Av. do Mus. Brit. refere um exemplar de "Pelotas", colecionado por JOYNER.

Itapetininga: ♂, Lima, julho 27 (1926).
Icatú: 2 ♂♂, Lima, julho 13 e 15 (1928).
Silvânia: ♂, Oliv. Pinto, agosto 27 (1932).
Cachoeirinha (Cananéia): ♂, C. Vieira, agosto 17 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): 2 sexos ?, Camargo, setembro 26 (1934); ♀, Camargo, setembro 20 (1934)
Rincão: ♂, C. Vieira, novembro (1936).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): 2 ♂♂, José Lima, março 25 e abril 3 (1940).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, Olalla, maio 12 (1940); sexo?, Olalla, maio 13 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, Olalla, fevereiro 14 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e São Paulo): 2♂♂, Olalla agosto, 24 e 25 (1941).
Cajurú: ♂, E. Dente, maio 15 (1943).

Paraná

Jacarèzinho: ♂, Lima, março 27 (1901).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, W. Garbe, setembro 22 (1934); ♀, W. Garbe, setembro 10 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. Garbe outubro 31 (1934); ♀, José Lima, novembro 6 (1934).

Mato Grosso

Sant'Ana do Paranaíba: ♂, José Lima, julho 22 (1931).
Ribeirão Preto (Coxim): ♂, Oliv. Pinto, agosto 6 (1937).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, José Lima, agosto 16 (1937).

Colonia colonus niveiceps Zimmer

Colonia colonus niveiceps Zimmer, 1930, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XVII, p. 368: Poco Tambo (= Pucatambo, norte Perú).
?*Copurus colonus* Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 377.

Distribuição[1]. — Norte e centro do Perú (rio Ucayali, rio Colorado, Moyobamba), norte da Bolívia (rio Beni) e, provavelmente, o extremo oeste do Brasil (?alto Purús)[2].

Gênero GUBERNETES Such

Gubernetes Such, 1825, Zool. Journ., II, p. 114. Tipo, por monotipia, *Gubernetes cunninghami* Such[3] (= *Muscicapa yetapa* Vieillot).

---

(1) Veja-se, sobre a distribuição desta raça e afins, J. T. Zimmer, Amer. Mus. Novit. N.º 930, p. 22 e ss. (1937).
(2) Posto que se restrinja *C. colonus fuscicapillus* Sclater à Colômbia e Equador, parece lícito filiar a *niveiceps* os exemplares de Bom Lugar e Monte Verde, referidos por Snethlage (Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 377).
(3) *Gubernetes cunninghami* Such, 1825, Zool. Journ., II, p. 114, pl. 4: vizinhanças de Goytacazes (= Campos, estado do Rio de Janeiro).

Gubernetes yetapa (Vieillot) [V, 64]

Tesoura, Tesoura do brejo.

Muscicapa yetapa VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nov. ed., XXI, p. 460 (baseado em AZARA, N.º 75, "Yiperu"): Paraguay.

Cybernetes[1] *yetapa* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 40.

Gubernetes yetapa IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 259.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Chaco, Misiones), Paraguay (Sapucay, Villa Rica, Mandaih), leste da Bolívia (Chiquitos), Brasil central e este-meridional: sul de Mato Grosso (Miranda, Aquidauana, Sant'Ana do Paranaíba[2], Piraputanga) e Goiaz (Jaraguá, Inhumas, rio Claro), Minas Gerais (Vargem Alegre, Sete Lagoas, Lagoa Santa, São José da Lagoa), sul da Baía (Caravelas), Rio de Janeiro (Campos, Cantagalo), São Paulo (Mogí das Cruzes, Olímpia, Barretos, Rincão, Lins, Itapura).

BRASIL

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900)

Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 4 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 27 e outubro 4 (1940).

São Paulo

Rincão: ♀ juv., EHRHARDT, fevereiro 27 (1901).

Itapura: ♀, GARBE, setembro (1904).

Barretos (rio Grande): ♂, GARBE, maio (1905)

Olímpia: ♂, GARBE, novembro (1916).

Faz. Varjão (Lins): ♀, OLALLA, fevereiro 12 (1941).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♂ ?, OLIV. PINTO, agosto 24 (1934); ♀, OLIV. PINTO, setembro 18 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 28 (1934).

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, abril 18 (1941); 2 ♀ ♀, W. GARBE, maio 3 (1940) e agosto 14 (1941).

Mato Grosso

Miranda: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1930).

Gênero **ALECTRURUS** Vieillot

Alectrurus VIEILLOT, 1816, Analyse d'une nouv. Ornit. élément., p. 39. Tipo, por monotipia, *Gallita*[3] *tricolor* VIEILLOT.

---

(1) *Cyberneetes* CABANIS & HEINE (1859), emenda por *Gubernetes*.
(2) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª parte, p. 763 (1932).
(3) *Gallita*, só à página 68 do citado trabalho é, pelo próprio VIEILLOT usado como nome genérico, em substituição a *Alectrurus*.

Alectrurus tricolor (Vieillot) [V, 65]

Galito.

Gallita tricolor Vieillot, 1816, Anal. nouv. Orn. élément., p. 68 (com base em Azara, N.º 225, "Gallito"): "Amérique méridionale" (= Paraguay)[1].

Alectrurus tricolor Sclater, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 39; Iher & Ihering, 1907, Catal. Faun. Braz., Aves, p. 259.

Distribuição. — Norte da Argentina (Corrientes, Misiones), Paraguay, leste da Bolívia (Guarayos, Moxos), Brasil meridional e ocidental: Mato Grosso (Chapada, Campo Grande, Miranda), Minas Gerais (São Romão, Sete Lagoas, Vargem Comprida, Uberaba)[2], Rio de Janeiro (Cantagalo)[3], Paraná (Jaguaraíba), Rio Grande do Sul (*teste* Ihering).

Brasil

São Paulo

Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, Lima, julho 26 (1901); ♀, Lima julho 18 (1901).

Franca: 2 ♂♂ e 3 ♀♀, Garbe, setembro (1910).

Cumbica (Guarulhos): 5 ♂♂ e 3 ♀♀, Olalla, dezembro 9 (1940)

Mato Grosso

Faz. Carrapatos (Campo Grande): 2 ♂♂, José Lima, setembro 1 (1938).

Gênero YETAPA Lesson

Yetapa Lesson, 1831, Traité d'Orn., p. 387. Tipo, por monotipia, *Muscicapa psalura* Temminck[4] (= *Muscicapa risora* Vieillot).

Yetapa risora (Vieillot) [V, 66]

Galito, Tesoura do campo (R. G. do Sul).

Muscicapa risora Vieillot & Oudart, 1824, Galerie d'Ois., I, p. 209, pl. 131: "Brésil" (sugiro o Rio Grande do Sul como pátria típica).

---

(1) *Alectrurus tricolor* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XII, p. 408 (com base em Azara, N.º 225).

(2) Freyreiss parece ter sido o primeiro naturalista a observar este curioso pássaro no estado de Minas Gerais (entre o rio São Francisco e Indaiá), quando, por meiados de setembro de 1814, viajava com Eschwege para o distrito diamantino. Seu manuscrito, cheio de notas interessantes, permanecera todavia inédito até o momento em que Löfgren o traduziu e publicou na Rev. do Inst. Hist. Geogr. de São Paulo (tomo XI, 1906, p. 186).

(3) Pelzeln (Orn. Bras., p. 98, nota 2) refere um exemplar colecionado por Beske, que residia em Nova Friburgo.

(4) *Muscicapa psalura* Temminck, 1824, Nouv. Rec. Pl. Color., livr. 48, pl. 286 (= ♂) e livr. 50, pl. 296 (= ♀): "Brésil" (Rio Grande do Sul, pátria provavel.

Alectrurus risorius SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 39; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 259.

Distribuição. — Norte e leste da Argentina (Formosa, Entre Rios, Buenos Aires, Santa Fé), Uruguay (Maldonado, Paysandú, Flores), Paraguay (Villa Rica, Sapucay) e regiões adjacentes do Brasil: Rio Grande do Sul (São José do Norte), oeste de Mato Grosso (Pau-Seco, perto do rio Jaurú).

Gênero KNIPOLEGUS Boie

Knipolegus BOIE, 1826, Isis, I, p. 973. Tipo, por monotipia, *Muscicapa cyanirostris* VIEILLOT.

Knipolegus lophotes Hellmayr [V, 67]

Maria preta (Minas).

Knipolegus lophotes HELLMAYR (ex TEMMINCK, manuscr.), 1927, Catal. Birds of the Americas, V (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII), p. 67 — nome novo em substituição a *K. comatus* auctorum (=*Muscicapa comata* LICHTENSTEIN)[1]: São Paulo.

Cnipolegus comatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. [illegible].

Knipolegus comatus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 260.

Distribuição. — Uruguay (Quebrada de los Cuervos), Brasil central e meridional: Mato Grosso (Chapada)[2], Goiaz (rio São Miguel, Certeza, rio Claro), Minas Gerais (Vargem Alegre, São José da Lagoa, serra da Mantiqueira, Lagoa Santa, Congonhas), Rio de Janeiro (campos do Itatiaia, Benfica)[3], São Paulo (Franca, Araraquara, Itararé), Paraná (Jaguaraíba, Curitiba, Castro, Lança), Rio Grande do Sul (Taquara, Pelotas).

[illegible]

Rio de Janeiro:

Campos do Itatiaia: ♀, H. Lüderwaldt, abril [illegible] ([illegible]).

Minas Gerais:

Vargem Alegre: [illegible] J. B. Godoy ([illegible]).

---

(1) *Muscicapa comata* LICHTENSTEIN, 1823 (nec GMELIN, 1789), Verz. Doubl. Berlin Mus., pag. 55: São Paulo (Brasil).

(2) Parece-nos duvidosa a validez de *Knipolegus lophotes* [illegible] NEUMANN, 1931 (Mitteil. a Zool. Mus. Berlin, XVII, p. 445). Um exemplar de Chapada, que geograficamente deveria pertencer a essa raça, não difere em tamanho dos do Brasil meridional.

(3) Sobre a situação geográfica dos "records" referentes ao Itatiaia cf. E. G. HOLT, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., LVII, p. [illegible] (1928).

Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, setembro 27 (1940); ♀, OLALLA, outubro 4 (1940).

São Paulo
Franca: ♂, DREHER, julho 18 (1902); ♀, GARBE, setembro (1910).
Itararé: ♂, GARBE, maio (1903); ♀, GARBE, agosto (1903).

Paraná
Castro: ♂, GARBE, junho (1914).

Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, abril 24 (1941).

Mato Grosso
Chapada: ♂, OLIV. PINTO, outubro 6 (1937).

Knipolegus nigerrimus (Vieillot) [V, 68]

Maria preta, Viùvinha (Itatiaia).

Muscicapa nigerrima VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Naturelle, XXI, p. 453: Rio de Janeiro (vizinhanças da cidade, col. DELALANDE)[1].

Cnipolegus nigerrimus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 43.

Knipolegus nigerrimus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 260.

Distribuição. — Sudeste do Brasil: Rio de Janeiro (Corcovado, Terezópolis, campos do Itatiaia), Minas Gerais (Itatiaia, São José da Lagoa), São Paulo (Campos do Jordão, Itararé, ilha dos Alcatrazes).

BRASIL

Rio de Janeiro
Campos do Itatiaia: ♂, H. LÜDERWALDT, maio 5 (1906); ♀, H. LÜDERWALDT, abril 16 (1906).

Minas Gerais
Faz. Bôa Esperança (alto rio Pissarrão, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, setembro 27 (1940).

São Paulo
Itararé: ♂, GARBE, abril (1903); ♀, GARBE, agosto (1903).
Campos do Jordão: ♂, H. LÜDERWALDT, janeiro 16 (1906).
Ilha dos Alcatrazes: ♂, PINTO DA FONSECA, outubro 27 (1920).

Knipolegus aterrimus franciscanus Snethlage

Knipolegus aterrimus[2] *franciscanus* SNETHLAGE, 1928, Bol. Mus. Nac. do Rio de Janeiro, IV, 2, p. 1: rio São Francisco.

---

(1) VIEILLOT omitira qualquer indicação de localidade. Os exemplares que serviram à sua descrição, existentes ainda no Museu de Paris, foram porem examinados por HELLMAYR, que lhes atesta a procedência (cf. Catal. Bds. Americas, V, p. 68).

(2) *Cnipolegus aterrimus* KAUP, 1853, Journ. f. Orn., I, p. 29 (com base em *Fluvicola nigerrima* LAFRESN. & D'ORB., *nec* VIEILLOT; Cochabamba (pátria design. por HELLMAYR, 1925).

Distribuição. — Brasil centro-oriental, nas margens do alto São Francisco: Baía (Bom Jesus da Lapa), Minas Gerais (Brejo Januaária.

BRASIL

Minas Gerais
Pirapora: ♂, GARBE, agosto (1912).

Knipolegus cyanirostris (Vieillot) [V, 72]

Maria preta.

Muscicapa cyanirostris VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXI, p. 447 (baseado em AZARA, N.º 181, "Suiriri negro pico celeste"): Paraguay.
Cnipolegus cyanirostris SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 46.
Knipolegus cyanirostris IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 261.

Distribuição. — Leste da Argentina (Misiones, Corrientes, Buenos Aires, etc.), Uruguay, Paraguay, centro e sudeste do Brasil: Espírito Santo (Braço do Sul, serra do Caparaó), sudeste de Minas Gerais (Maria da Fé, Lagoa Santa, Pirapora), Rio de Janeiro (Itatiaia, Nova Friburgo), São Paulo (Itatiba, Campos do Jordão, Ituverava, Cajurú, Vitória, Itararé, Juquiá, Bebedouro, Itapura, Icatú, Salto Grande, Baurú, rio Paca, serra de Caraguatatuba), Paraná (Castro, rio Ivaí, rio da Areia), Rio Grande do Sul (Itaquí, Uruguaiana, Pelotas), Mato Grosso (Urucúm).

BRASIL

Rio de Janeiro
Nova Friburgo: 2 ♂ ♂, GARBE, setembro e outubro (1909); 2 ♀ ♀, GARBE, outubro (1909).

Minas Gerais
Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 19 (1936).

São Paulo
Vitória (Botucatú): ♂, A. HEMPEL, julho 14 (1900).
Baurú: sexo ?, GARBE (1901).
Salto Grande do Paranapanema: ♀, A. HEMPEL, junho 18 (1902).
Itararé: 3 ♂ ♂, GARBE, maio e agosto (1903); 3 ♀ ♀, GARBE, maio (1903).
Bebedouro: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, abril (1904).
Itapura: sexo ?, GARBE, agosto (1904).
Campos do Jordão: ♂, H. LÜDERWALDT, dezembro 3 (1905).
Ituverava: 1 ♂ e 1 ♂ juv., GARBE, maio (1911).
Itatiba: ♂, LIMA, abril 21 (1927); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 25 (1933); 2 ♀ ♀, LIMA, julho 11 (1900) e junho 13 (1902).
Icatú: ♂, LIMA, julho 15 (1928).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): sexo ?, OLALLA, maio 21 (1940).

Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 3 ♂♂, OLALLA, agosto 24 e 26 (1941); ♂, OLIV. PINTO, agosto 26 (1941).
Serra de Caraguatatuba: ♂, OLALLA, setembro 24 (1941).
Cajurú: ♂ juv., E. DENTE, maio 10 (1943).

Paraná
Castro: 2 ♂♂ e 1 ♂ juv., GARBE, maio e julho (1907).

Rio Grande do Sul
Pelotas: ♂, C. RITTER (1899).
Itaquí: 1 ♂ e 1 ♂ juv., GARBE, agosto e setembro (1914); 3 ♀♀, GARBE, agosto (1914).
Uruguaiana: ♂, GARBE, julho (1914).

Knipolegus orenocensis xinguensis Berlepsch [V, 74]

Knipolegus orenocensis[1] *xinguensis* BERLEPSCH, 1912, Orn. Monatsb., XX, p. 19: Santa Julia (rio Irirí); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 378.

Distribuição. — Brasil septentrional: Pará (rio Irirí, Santa Júlia), Goiaz (rio Araguaia).

BRASIL

Mato Grosso
Pontal da Serra Azul: ♂, BANDEIRA ANHANGUERA, setembro 12 (1937); ♀, BANDEIRA ANHANGUERA, setembro 14 (1937).

Knipolegus orenocensis sclateri Hellmayr [V, 74]

Knipolegus sclateri HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 318: rio Madeira (abaixo da foz do Maissí); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 261; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 378.

Cnipolegus unicolor SCLATER[2], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 47.

Distribuição. — Nordeste do Perú (Pebas) e Brasil amazônico: rio Madeira, rio Tapajoz (Caxiricatuba, Pinhí)[3].

Gênero PHAEOTRICCUS Ridgway

Phaeotriccus RIDGWAY, 1905, Proc. Biol. Soc. Wash., XVIII, p. 209. Tipo, por designação original, *Cnipolegus hudsoni* SCLATER.

---

(1) *Cnipolegus orenocensis* BERLEPSCH, 1864, Ibis, Ser. 5.ª, II, p. 433, pl. 12: Angostura (rio Orenoco, Venezuela).

(2) *Cnipolegus unicolor* PELZELN, 1868 (Orn. Bras., II, p. 99: rio Madeira) é anteocupado por *Knipolegus unicolor* KAUP, 1853 (Jour. f. Orn., I, p. 29), sinônimo de *K. cyanirostris* (VIEILL.).

(3) Cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 271 (1941).

Phaeotriccus hudsoni (Sclater) [V, 75]

Cnipolegus hudsoni SCLATER, 1872, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 541, pl. 31: rio Negro (Patagônia); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 45.

Distribuição. — República Argentina (rio Negro, Entre Rios, Buenos Aires, etc.), leste da Bolívia (Santa Cruz de la Sierra) e região adjacente do Brasil: oeste de Mato Grosso (Descalvados)[1].

Phaeotriccus poecilocercus (Pelzeln) [V, 76]

Empidochanes poecilocercus PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, pp. 116 e 181: rio Amajaú (afl. do baixo rio Branco, marg. dir.); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 292.
Cnipolegus pusillus SCLATER[2], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 47.
Knipolegus pusillus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 261; SNETHLAGE 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 378.

Distribuição. — Venezuela (rio Orenoco, Perico), Guiana Inglesa (Ourumee), Brasil amazônico: rio Branco (serra da Lua), rio Negro (rio Amajaú), rio Solimões (Manacapurú), rio Jamundá (Faro), Monte Alegre, Cussarí, rio Madeira e rio Gi-Paraná (Jamarizinho), rio Tapajoz (Itaituba, Pinhel, Pinhí, Caxiricatuba), rio Irirí, rio Tocantins.

BRASIL
Amazonas
Membeca (rio Manacapurú): ♀, CAMARGO, setembro 17 (1936).
Pará
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 9 (1935).

Gênero ENTOTRICCUS Wetmore & Peters

Entotriccus WETMORE & PETERS, 1923, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVI, p. 144. Tipo, por designação original, *Muscisaxicola striaticeps* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY.

Entotriccus striaticeps (Lafresnaye & d'Orbigny) [V, 77]

Muscisaxicola striaticeps LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, p. 66: "La Paz", *errore*, Chiquitos (leste da Bolívia).

---

(1) Cf. WITMER STONE & RADCLYFFE ROBERTS, Proceed. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVI, p. 387.
(2) Conforme concluiu HELLMAYR (Novit. Zool., XX, 1913, p. 240), *Cnipolegus pusillus* é mero sinônimo de *E. poecilocercus* PELZ.

Cnipolegus cinereus Sclater[1], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 47.

Knipolegus striaticeps Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 261.

Distribuição. — República Argentina (Chaco, Formosa, Tucumán, Salta, Jujuy, Cordoba), Paraguay (Assunción, Puerto Pinasco), leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija, Chiquitos) e regiões adjacentes do Brasil: sudoeste de Mato Grosso (Corumbá).

Gênero LICHENOPS Sundevall

Lichenops Sundevall, 1836, Vetenskaps Akad. Handl., "1835", p. 88. Tipo, por monotipia, "Le Clignot" de Buffon (= *Motacilla perspicillata* Gmelin).

Lichenops perspicillata perspicillata (Gmelin) [V, 78]

Viuvinha.

Motacilla perspicillata Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 969 (com base em "Le Clignot ou traquet à lunette" de Buffon): Montevideo.

Lichenops perspicillata Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 261, parte; Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 361.

Distribuição. — República Argentina (Entre Rios, Buenos Aires, Corrientes, Tucumán, Jujuy, Cordoba, Chubut), Uruguay (Montevideo, Maldonado, Treinta y Tres), Paraguay (Sapucay, Paraguarí, Encarnación, Villa Rica), leste da Bolívia (Tarija, Santa Cruz), sudoeste e extremo sul do Brasil: oeste de Mato Grosso (Pau Seco, perto do rio Jaurú), Rio Grande do Sul (Taquara, Viamão, Itaquí, Uruguaiana).

Argentina

Punta Lara (prov. de Buenos Aires): ♂, Carlos Bruch, novembro 10 (1905).

Tucumán: ♂, perm. Museo Nacional de História Natural (1898).

Concepción: ♀, perm. Museo Nacional de História Natural (1915).

Brasil

Rio Grande do Sul

Uruguaiana: 2 ♂ ♂, Garbe, julho (1914).

Itaquí: ♂, Garbe, outubro (1914); 2 ♀ ♀, Garbe, [illegible] (1914).

---

(1) *Cnipolegus cinereus* Sclater, 1870, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 58 (Corumbá, Mato-Grosso). Cf. Hellmayr, Novit. Zool., p. [illegible] ([illegible]); Wetmore, Bull. 133, Un. St. Nat. Mus., p. 318 (1926).

Gênero **MUSCIPIPRA** Lesson

Muscipipra LESSON, 1831, Traité d'Orn., p. 387. Tipo, por monotipia, *Muscipipra longipennis* LESSON[1] (= *Muscicapa vetula* LICHTENSTEIN).

Muscipipra vetula (Lichtenstein) [V, 80]

Papa-mosca (Rio Grande do Sul).

Muscicapa vetula LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 53: "São Paulo".
Muscipipra vetula SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 49; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 262.

Distribuição. — Paraguay (rio Paraná), nordeste da Argentina (Misiones), sudeste do Brasil: Rio de Janeiro (Terezópolis, Itatiaia, Cantagalo), Espírito Santo (serra do Caparaó), Minas Gerais (Lagoa Santa), São Paulo (São Sebastião, Alto da Serra, serra de Bananal, Itararé, Rio Claro), Paraná (Vera Guaraní), Santa Catarina[2], Rio Grande do Sul[3].

BRASIL

São Paulo

São Sebastião: ♂, H. PINDER, julho 22 (1901).
Itararé: 3 ♂♂, GARBE, maio e agosto (1903); ♀, GARBE, julho (1903).
Alto da Serra: ♀, LIMA, junho (1904).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♀, E. DENTE, agosto 24 (1941).

Gênero **FLUVICOLA** Swainson

Fluvicola SWAINSON, 1827, Zool. Journ., III, p. 172. Tipo, por subsequente designação de SWAINSON (1831), *Fluvicola cursoria* SWAINSON (= *Oenanthe climazura* VIEILLOT).

Fluvicola pica pica (Boddaert) [V, 81]

Muscicapa pica BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 42 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 675, fig. 1): Cayenne (Guiana Francesa).

---

(1) *Tyrannus longipennis* SWAINSON, 1826, Quart. Journ. Sci. Litt. and Arts. Roy. Inst., XX, p. 283: "Brazil" (= São Paulo, col. NATTERER).
(2) Depois de LESSON (Traité d'Ornith., p. 387, 1831) a espécie parece não ter sido colecionada em Santa Catarina.
(3) RUD. GLIESCH (Lista de Aves col. e obser. no Rio Grande do Sul, vol. XV de "Egatea") menciona interrogativamente exemplares de Santo Angelo.

Fluvicola pica SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 35; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 258.

Distribuição. — Colômbia (Bogotá, rio Magdalena, rio Caquetá, Honda, Santa Marta, rio Atrato), Venezuela (Encontrados, Zulia, rio Orenoco, Altagracia, Guanoco, lago Valencia, Maracay, rio Catatumbo), ilha de Trinidad (rio Cipero, Princestown), Guianas Inglesa (Georgetown, rio Abary, Bonasika, Bartica Grove, alto Takutu), Holandesa (prox. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Macouria), norte do Perú?[1], norte extremo do Brasil: rio Branco (serra da Lua).

COLÔMBIA

Bogotá: ♂ (comp. de v. BERLEPSCH, 1905).

Fluvicola pica albiventer (Spix) [V, 82]

Muscicapa albiventer SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 21, pl. 30, fig. 1, parte (♂): "in campis Brasiliae" (proponho para pátria típica o norte da Baía).

Fluvicola albiventris SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 36.

Fluvicola albiventer IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 258; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 379.

Distribuição. — Norte e leste da Argentina (Formosa, Entre Rios, Buenos Aires, Tucumán, Cordoba, Santa Fé), Paraguay (Baía Negra, rio Pilcomayo, Colonia Risso, Assunción, Villa Concepción), leste da Bolívia (Chiquitos), Brasil septentrional e central: baixo Amazonas (óbidos, Monte Alegre, Arumanduba), rio Maicurú, rio Madeira (Calama), rio Tapajoz (Santarém, Pinhel), rio Irirí, ilha de Marajó (Chaves, São Natal), ilha Mexiana, ilha Caviana, Maranhão (Boa Vista), Piauí (Arara, Terezina, Amarração), Ceará (Quixadá), Baía (Queimadas, Joazeiro, Cidade da Barra, Santa Rita do Rio Preto), Minas Gerais[2], Goiaz (rio Araguaia, rio Meia Ponte), Mato Grosso (Corumbá, Cáceres, Santo Antônio, Coxim, Carandàzinho).

ARGENTINA

Barracas al Sud (prov. de Buenos Aires): ♂, VENTURI, novembro 10 (1899).

---

(1) Não há certeza quanto à raça de que se colecionaram exemplares no nordeste do Perú (rio Ucayali).

(2) IHER. & IHERING (Catal. Faun. Braz., Aves, p. 258) incluem o estado de Minas Gerais, sem menção de localidade nem do autor. É porem fora de dúvida a ocorrência da espécie naquele estado.

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 2 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, janeiro (1903); ♂, OLALLA, maio 3 (1935).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): sexo ?, OLALLA, julho 4 (1936).

Maranhão

Bôa Vista: ♀, SCHWANDA, dezembro 6 (1906).

Baía

Cidade da Barra: ♂, GARBE, outubro (1913).

São Paulo

Faz. Varjão (Lins): ♀, OLALLA, fevereiro 13 (1941).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, novembro 7 e 8 (1934).

Mato Grosso

Corumbá: ♂, GARBE, setembro (1917).

Rio Piquirí (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, julho 7 (1930).

Pontal da Serra Azul: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 12 (1937).

Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 19 (1937).

Fluvicola climazura climazura (Vieillot) [V, 83]

Lavadeira (Baía).

Oenanthe climazura VIEILLOT, 1824, Galer. d'Ois., I, pág. 255, pl. 157. "Brésil" (pátria típica, sugerida por PINTO, Recôncavo da Bahia)[1].

Fluvicola climacura SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 36.

Fluvicola climazura IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 258.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Maranhão (Barra do Corda, Codó), Piauí (Parnaguá), Ceará (Quixadá, Juá), Rio Grande do Norte (Natal)[2], Paraíba (Cabedêlo), Pernambuco (Recife, Beberibe, Pau d'alho, Tapera), Baía (cidade do Salvador, Madre de Deus e outras ilhas do Recôncavo, Santo Amaro, Aratuípe, rio Gongogí, rio Belmonte, Cidade da Barra, Joazeiro), leste de Minas Gerais (baixo Piracicaba, rio Doce, Derribadinha).

---

(1) Cf. PINTO, Arch. Zool. São Paulo, I, p. 259 (1940); idem, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 200 (1935).

(2) Natal (Rio Grande do Norte), Cabedêlo (Paraíba), rio Piracicaba e rio Doce (Minas Gerais), são registros de minha observação pessoal. O passarinho, que é comum, de modo geral, em toda a faixa litorânea do Nordeste a partir da Baía, não consta ter sido antes notificado no estado de Minas Gerais, onde, pela viagem que fiz em agosto e setembro de 1940, vi-o vezes várias, nas margens do rio Doce, e com particular abundância na estação de Derribadinha (pouco abaixo de Figueira).

BRASIL

Pernambuco

Tapera: 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, dezembro 15 e 18 (1938).

Baía

Joazeiro: 2 ♂ ♂, GARBE, novembro (1907).
Cidade da Barra: ♀, GARBE, outubro (1913).
Aratuípe: ♂, CAMARGO, novembro 11 (1932).
Rio Gongogí: sexo ?, OLIV. PINTO, dezembro 21 (1932).
Madre de Deus: sexo ?, W. GARBE, janeiro 22 (1933); 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, janeiro 27 (1942); sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 20 (1942).

Gênero **ARUNDINICOLA** d'Orbigny

Arundinicola D'ORBIGNY, 1839, Voy. Amér. Mérid., Oiseaux, p. 334. Tipo, por designação de GRAY (1841), *Pipra leucocephala* LINNAEUS.

Arundinicola leucocephala (Linnaeus) [V, 85]

Pipra leucocephala LINNAEUS, 1764, Mus. Ad. Frid., II, Prodr., p. 33: local. não indicada (= Surinam)[1].
Arundinicola leucocephala SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 37; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Aves, p. 258; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 379.

Distribuição. — Colômbia (baixo Magdalena, Santa Marta), Venezuela (Orenoco, rio Catatumbo, etc.), Trinidad, Guianas, leste da Bolívia (Chiquitos, Reyes)[2], Paraguay, norte da Argentina (Formosa, Corrientes), Brasil: Amazonas (Itacoatiara, rio Branco), Pará (Monte Alegre, Santarém, ilha de Marajó, ilha Mexiana, Peixe-Boi), Maranhão (Bôa Vista, Turiassú), Ceará (Várzea Formosa), Pernambuco (Recife, Caxangá, Tapera), Baía (Curupeba, Santa Rita), Espírito Santo (Sta. Teresa, Guaraparí), Rio de Janeiro (Cantagalo, Sepitiba), São Paulo (Iguape, Monte Alegre, Bebedouro, Avanhandava, Olímpia), Paraná (Invernadinha)[3], Mato Grosso (Carandàzinho, Aquidauana, Corumbá, Palmeiras, Cuiabá), Goiaz (rio Araguaia, Inhumas), Minas Gerais (rio Matipoó, Lagoa Santa).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, setembro 25 (1936); ♀, CAMARGO, setembro 28 (1936).

---

(1) Cf. LINNAEUS, Syst. Nat., ed. 12, I, p. 340 (1766).
(2) Cf. ALLEN, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, p. 85 (1890).
(3) Cf. SZTOLCMAN, Anal. Zool. Mus. Polon., V, p. 158 (1926).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, março 6 e 9 (1937); ♂ juv., OLALLA, junho 1 (1937); ♀, OLALLA, março 19 (1937).
Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 23 (1937).

Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, abril 22 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 29 (1935); 2 ♀ ♀, OLALLA, abril 6 e 9 (1935).
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 11 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 11 e 20 (1936).

Maranhão
Bôa Vista: ♂, SCHWANDA, fevereiro 5 (1907); ♀, SCHWANDA, março 2 (1907).

Pernambuco
Tapera: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, dezembro 15 e 18 (1938); ♀, OLIV. PINTO, dezembro 14 (1938).

Baía
Curupeba: 2 ♂ ♂, W. GARBE, fevereiro 9 e 11 (1933); ♀ W. GARBE, fevereiro 3 (1933).

Espírito Santo
Pau Gigante: ♂, H. F. BERLA, novembro 6 (1940).
Santa Tereza: ♂, OLALLA, outubro 3 (1942).
Guaraparí: 2 ♂ ♂, OLALLA, outubro 13 e 19 (1942); ♀, OLALLA, outubro 13 (1942).

Rio de Janeiro
Lagoa Feia (Ponta Grossa): 1 ♂ e 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 7 (1941).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, OLALLA, setembro 11 (1941).

Minas Gerais
Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♂, PINTO DA FONSECA, junho 19 (1919); 2 ♀ ♀, PINTO DA FONSECA, junho 20 e 21 (1919).

São Paulo
Iguape: ♂, R. KRONE (1893).
Piquete: ♀, J. ZECH, janeiro 14 (1897).
Cachoeira: ♂, LIMA, agosto 11 (1898).
"São Paulo": ♀, A. HAMMAR, março (1901).
Avanhandava: ♂, GARBE, novembro (1903).
Bebedouro: 1 ♂ juv. e 1 ♀, GARBE, março (1904).
Olímpia: ♂, GARBE, novembro (1916).
Barra do rio Dourado (Lins): ♀, OLALLA, fevereiro 4 (1941).
Monte Alegre: 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 25 (1942), janeiro 24 e 27 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 26 (1943).

Goiaz
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, novembro 3 (1934); ♂, JOSÉ LIMA, novembro 12 (1934).

Mato Grosso
Aquidauana: ♂, OLIV. PINTO, agosto 4 (1931).
Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 22 (1937).
Faz. Viramão (Campo Grande): ♂, MARIO LIMA, julho 26 (1939).

Gênero PYROCEPHALUS Gould

Pyrocephalus GOULD, 1839, Voy. of Beagle, Zool., III, ptc. 9a., p. 44. Tipo, por monotipia, "*Pyrocephalus parvirostris* GOULD[1] and *Muscicapa coronata* auct." (=*Muscicapa rubinus* BODDAERT).

Pyrocephalus rubinus rubinus (Boddaert) [V, 86]
Príncipe, Verão (Rio Gr. do Sul).

Muscicapa rubinus BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 42 (com base em DAUBENTON, pl. enlum. 675, fig. 2 e "Le Rubin, de la rivière des Amazones" de BUFFON): rio Amazonas (pátria típica Tefé, sugerida por ZIMMER)[2].
Pyrocephalus rubineus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 211, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 380.
Pyrocephalus rubinus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 291.

Distribuição.[3] — Norte da República Argentina (Entre Rios, Misiones, Formosa, Tucumán, Cordoba, Mendoza, Buenos Aires, rio Negro), Uruguay (Montevideo, Santa Elena, Maldonado, Flores, Florida, Canelones), Paraguay (Villa Rica, Ytapé, Concepción, Puerto Pinasco, Colonia Risso), leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija, Chiquitos, Moxos, quedas do Madeira), nordeste do Perú (rio Marañon, Iquitos, Pebas, Xeberos, baixo Ucayali, Puerto Indiana, rio Tavara, Yurimaguas, foz do Urubamba) e, como emigrante, leste do Equador e sudeste da Colômbia (Caquetá), Brasil central e este-meridional (incluso o vale do Amazonas): rio Solimões (Tefé) e rio Amazonas (Manaus, Itacoatiara, Monte Alegre), rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Calama, Hu-

---

(1) *Pyrocephalus parvirostris* GOULD, 1839, em Darwin, Zool. of Beagle. III, ptc. 9, p. 44, pl. 6: La Plata (República Argentina).
(2) Cf. J. T. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.º 1126, p. 16 (1941). O tipo, que serviu à descrição de BUFFON, e é representado por DAUBENTON, devia ser imigrante do sul. De acordo com as conclusões a que chegara ZIMMER à luz dos dados que hoje se possuem, *Pyrocephalus rubinus rubinus*, ao inverso do que é regra em suas correlativas, possue hábitos eminentemente migratórios, parecendo só ocorrer nas porções septentrionais de sua área de dispersão, como, no Brasil, além da Amazônia, os estados de Mato Grosso e Goiaz, durante os meses menos quentes do ano, entre maio e outubro. Seja como for, pelo mês de setembro (1937), tive ocasião de observá-lo, com extraordinária abundância, nas várzeas próximas de Cuiabá, empoleirados nos arbustos ressequidos, de parceria com *Fluvicola pica albiventer* (cf. OLIV. PINTO, Arquivos de Zool. do Est. de S. Paulo, II, p. 27).
(3) A distribuição de *P. r. rubinus* é dada de acordo com ZIMMER (op. cit., p. 24), o que elimina da sua área a Colômbia, o Equador e quase todo o Perú, onde ocorrem várias outras raças, algumas descritas como novas. A ocorrência de emigrantes da raça típica no Perú, ao lado das formas sedentárias, é todavia fora de dúvida.

maitá), rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba), rio Curuá, rio Xingú (Vitória) e rio Irirí, todo o estado de Mato Grosso (Vila Bela de Mato Grosso, Cuiabá, Santo Antônio, Poconé, Cáceres, Chapada, Coxim, Campanário, Amambarí, rio das Mortes, rio Cristalino, Corumbá, Urucúm, Carandàzinho, Porto Esperança, Salobra, Aquidauana, Campo Grande, Três Lagoas), Goiaz (rio Araguaia, rio Tesouras, cid. de Goiaz, Jaraguá, rio Claro), interior do Piauí (Parnaguá, Corrente, Gilboez), Baía (Santa Rita do Rio Preto, Camamú[1]), Minas Gerais (rio São Francisco, Pirapora, rio das Velhas, rio Jordão), São Paulo (Barretos, Franca, Cajurú, Bebedouro, Porto Cabral, Itapura, Valparaizo, Glicério, rio Feio, Vitória, Taubaté, Cachoeira, Iguape, ilha dos Alcatrazes), Paraná (Jaguaraíba, Salto de Guaira, Porto Mendes), Santa Catarina (Poço Preto), Rio Grande do Sul (lagoa dos Patos, foz do Camaquã, Pedras Brancas, Santa Izabel, Candiota, Palmares).

ARGENTINA

Tandil: ♀, perm. Mus. Nac. de Hist. Nat., janeiro 25 (1917).
Las Talas (prov. de Buenos Aires): ♂, perm. Mus. Nac. de Hist. Nat., dezembro 28 (1928).

BRASIL

Amazonas
Rio Juruá: ♂, GARBE, agosto (1902).

Pará
Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, abril 2 (1935).

Minas Gerais
Pirapora: ♂, GARBE, maio (1912).

São Paulo
Iguape: 1 ♂ juv. e 1 ♀, R. KRONE (1898).
Cachoeira: ♂, H. PINDER, agosto 11 (1898).
Franca: ♀, DREHER, julho 22 (1902).
Bebedouro: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, abril (1904).
Rio Grande (Barretos): ♂, GARBE, maio (1904).
Itapura: ♀, GARBE, agosto (1904).
Cancã (rio Feio): ♂, FRANZ GÜNTHER, agosto 17 (1905); ♂ juv., FRANZ GÜNTHER, agosto 13 (1905).
Ilha dos Alcatrazes: ♂, PINTO DA FONSECA, outubro 29 (1920).
Glicério: ♂ juv., LIMA, junho 18 (1928).
Lins: ♂, OLALLA, junho 6 (1941); ♀, OLALLA, maio 10 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, E. DENTE, outubro 22 (1941).
Cajurú: ♀, E. DENTE, maio 11 (1943).

---

(1) WIED (Beitr. Naturg. Bras., III, p. 900), descreveu com o nome de *Muscipeta strigilata* a espécie encontrada por ele em Camamú (leste da Baía). BRODKORB (Occas. Papers Mus. Zool. Univ. Michigan, N.º 349, março de 1937), propoz o aproveitamento do nome para as aves do centro e sul do Brasil, consideradas subespécie distinta da forma típica, que seria peculiar à Amazônia.

Rio Grande do Sul
 Itaquí: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1914).

Goiaz
 Faz. Bôa Vista (Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 20 (1934).
 Faz. Transwaal (rio Claro): 2 ♂♂, W. GARBE, maio 3 e junho 1 (1941).

Mato Grosso
 Chapada: ♂, H. H. SMITH, maio 8 (1885); ♀, H. H. SMITH, maio 22 (1883).
 Corumbá: ♂, GARBE, outubro (1917).
 Campo Grande: ♂, JOSÉ LIMA, julho 29 (1930); 2 ♂♂ juvs., JOSÉ LIMA, junho 12 e julho 23 (1930).
 Rio Piquirí (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, julho 8 (1930).
 Porto Esperança: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 12 (1930).
 Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA (1931).
 Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 3 (1931).
 Faz. Recreio (Coxim): ♂ juv., OLIV. PINTO, agosto 13 (1937).
 Rio Cristalino: 2 ♂♂, Bandeira Anhanguera, agosto 25 e 30 (1937).
 Lagoa da Serra Azul: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 3 (1937).
 Lagoa do Aldeamento: ♀, Bandeira Anhanguera, setembro 7 (1937).
 Usina Santo Antonio (rio Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 8 (1937).
 Pontal da Serra Azul: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 14 (1937).
 Rio das Mortes (marg. direita): ♂ juv., Bandeira Anhanguera, setembro 23 (1937).
 Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 19 (1937); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 24 (1937).
 Salobra: ♂, C. VIEIRA, julho 25 (1939); ♂ juv., JOSÉ LIMA, julho 24 (1939).
 Faz. Viramão (Campo Grande): ♂, MARIO LIMA, julho 27 (1939).

Pyrocephalus rubinus saturatus Berl. & Hartert [V, 91]

Pyrocephalus rubinus saturatus BERLEPSCH & HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 34: Altagracia (Venezuela, rio Orenoco).
Pyrocephalus rubineus SCLATER (*nec* BODDAERT), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 211, parte.

Distribuição. — Norte da Colômbia (Santa Marta, Valencia, Valle de Upar), norte e leste da Venezuela (rio Orenoco, Altagracia, Caicara, La Prición, rio Caura), Guiana Inglesa (Annai) e região adjacente do norte extremo do Brasil: alto rio Branco (Boa Vista, serra da Lua), rio Surumú (Frechal), rio Cotingo (Limão).

Gênero **OCHTHORNIS** Sclater

Ochthornis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 31. Tipo, por designação original, *Elainea littoralis* PELZELN.

Ochthornis littoralis (Pelzeln) [V, 94]

Elainea littoralis PELZELN, 1868, Orn. Bras., pags. 108 e 180: Cachoeira Guajará-guassú (rio Mamoré, estado do Amazonas).
Ochthornis littoralis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 31; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 257; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 380.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (vale do Caquetá), sul e leste da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura), Guiana Inglesa (Ourumee), Guiana Francesa (Oyapock), leste do Equador (Sarayacu), norte e leste do Perú (Iquitos, Yurimaguas, Yahuarmayo), Brasil amazônico, incluso o noroeste de Mato Grosso: rio Branco (Conceição), rio Amazonas (Óbidos), rio Javarí, rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Calama, Aliança) e rio Mamoré (Cachoeira de Guajará), rio Roosevelt, rio Tapajoz (Vila Braga), rio Jamauchim.

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, OLALLA, dezembro 29 (1936).

Gênero **SATRAPA** Strickland[1]

Satrapa STRICKLAND, 1844, Ann. Magaz. Nat. Hist., XIII, p. 414. Tipo, por designação original, *Muscicapa icterophrys* VIEILLOT.

Satrapa icterophrys icterophrys (Vieillot) [V, 96]

Suiriri

Muscicapa icterophrys VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., XXI, p. 458 (bas. em AZARA, N.º 183 "Suiriri obscuro y amarillo"): Paraguay.
Sisopygis icterophrys SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 41; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, pg. 260.

Distribuição.[2] — Norte e leste da Argentina (Tucumán, Corrientes, Entre Rios, Cordoba, Buenos Aires), Uruguay (Maldonado, Santa Elena, Montevideo), Paraguay (Puerto Bertoni, rio Pilcomayo, Colonia Risso, Sapucay), Bolívia (Chiquitos, Santa Cruz, Cochabamba), Brasil oriental e central:

(1) O nome proposto por STRICKLAND antecede a *Sisopygis* CABAN. & HEINE (Mus. Heineanum, II, p. 46, 1859), que tem por tipo a mesma espécie.

(2) Foram separadas, ultimamente, por TODD (Ann. Carnegie Museum, XXV, 1937, p. 253), as aves da Venezuela, sob *Satrapa icterophrys septentrionalis* (loc. típ. Trompillo).

Maranhão (São Bento), Piauí (rio Parnaíba), Baía (rio Preto, Belmonte), Espírito Santo (Porto Cachoeiro), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, lagoa Feia, Porto Real, Manguinhos), Minas Gerais (Lagoa Santa, Vargem Alegre, Maria da Fé, Mariana, São José da Lagoa), São Paulo (Piquete, Ipiranga, Juquiá, Itatiba, Cajurú, Ipanema, Piracicaba, Pirassununga, Bebedouro, Jaboticabal), Paraná (Curitiba), Rio Grande do Sul (Taquara, Itaquí), Mato Grosso (Cuiabá, Água Branca de Corumbá, rio São Lourenço)[1].

ARGENTINA
- Las Talas (prov. de Buenos Aires): ♂, C. BRUCH (1903).
- Tucumán: ♂, perm. Mus. Nac. de Hist. Nat. (1926).

BRASIL
- Espírito Santo
  - Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♀ ?, GARBE, janeiro (1906).
- Rio de Janeiro
  - Nova Friburgo: ♂, GARBE, outubro (1909).
  - Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♂, H. BERLA, setembro 7 (1941).
- Minas Gerais
  - Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
  - Mariana: sexo ?, J. B. GODOY (1905).
  - Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♀, OLIV. PINTO, janeiro 23 (1936).
  - Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de São José da Lagoa): ♂, OLALLA, setembro 28 (1940); ♂, W. GARBE, setembro 28 (1940); ♀, W. GARBE, setembro 27 (1940); sexo ?, OLALLA, outubro 3 (1940).
- São Paulo
  - Itatiba: sexo ?, TSCHEMPERLI, agosto 9 (1900).
  - Jaboticabal: ♂ ?, LIMA (1901).
  - Pirassununga: ♀, GARBE, março (1903).
  - Bebedouro: ♂, GARBE, março (1904).
  - Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, OLALLA, julho 6 (1939).
  - Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 14 (1940); sexo ?, OLALLA, maio 13 (1940).
  - Cajuru: ♂, E. DENTE, maio 13 (1943).
- Rio Grande do Sul
  - Itaquí: ♂, GARBE, agosto (1914).
- Mato Grosso
  - Cuiabá: ♀, OLIV. PINTO, setembro 18 (1937).

Gênero MACHETORNIS Gray

Machetornis GRAY, 1841, List. Gen. Birds, 2a. ed., p. 41 — nome novo para *Chrysolophus* SWAINSON, 1837 (*nec* GRAY, 1834), Classif. of Birds, II, p. 225. Tipo, por monotipia, *Tyrannus ambulans* SWAINSON[2] (= *Tyrannus rixosus* VIEILLOT).

---

(1) Cf. E. NAUMBURG, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 261 (1930).
(2) *Tyrannus ambulans* SWAINSON, 1826, Quart. Journ. Sci, Litt. and Arts Roy. Inst., XX, N.º 40, p. 279: Pernambuco.

Machetornis rixosa rixosa (Vieillot) [V; 98]

Bem-te-ví do gado (Ceará), *Bem-te-ví carrapateiro* (Baía), *Suiriri do Campo* (Rio Gr. do Sul).

Tyrannus rixosus VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXV, p. 85 (baseado em AZARA, N.º 197, "Suiriri"): Paraguay.

Machetornis rixosa SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 52, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 262.

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy, Corrientes, Entre Rios, Cordoba, Buenos Aires), Uruguay (Paysandú), Paraguay (Chaco, Colonia Risso, Lambaré), leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos), Brasil oriental e central: Maranhão (Boa Vista, Codó), Piauí (Ibiapaba), Ceará, Pernambuco (Cabo), Baía (Joazeiro, Santa Rita, Nazaré, Aratuípe, Madre de Deus, Curupeba), Minas Gerais, São Paulo (Iguape, Cananéia), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Uruguaiana), Mato Grosso (Campo Grande, Aquidauana, Coxim, Cuiabá, Mato Grosso).

ARGENTINA

San Pedro (Buenos Aires): ♀, AMBROSETTI, agosto 28 (1916).

BRASIL

Maranhão

Boa Vista: 2 ♂ ♂, SCHWANDA, fevereiro 3 e abril 3 (1907).

Baía

"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).
Joazeiro: ♀, GARBE, dezembro (1907).
Aratuípe: ♀, CAMARGO, novembro 10 (1932).
Curupeba: sexo ?, W. GARBE, fevereiro 1 (1933).
Madre de Deus: ♀ juv., OLIV. PINTO, janeiro 28 (1942); sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 21 (1942).

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE, junho 12 (1901); ♀, R. KRONE, junho 15 (1901).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 18 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 16 (1940).

Rio Grande do Sul

Uruguaiana: sexo ?, GARBE, julho (1914).

Mato Grosso

Coxim: ♂, JOSÉ LIMA, julho 1 (1930); ♀, JOSÉ LIMA, junho 30 (1930).
Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 5 (1931).
Santo Antonio (Cuiabá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 7 (1937).
Cuiabá: ♀, OLIV. PINTO, setembro 18 (1937).
Faz. Viramão (Campo Grande): ♀, MARIO LIMA, julho 27 (1939).

Subfamilia TYRANNINAE

Gênero **MUSCIVORA** Lacépède

Muscivora LACÉPÈDE, 1799, Tabl. d'Ois., p. 5. Tipo, por designação subsequente (FISCHER, 1813), *Muscicapa forficata* GMELIN.[1]

Muscivora tyrannus tyrannus (Linnaeus) [V, 101]
Tesoura, Piranha (Pará), *Tesoureiro* (São Paulo).

Muscicapa tyrannus LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 325 (com base em "*Muscicapa tyrannus* cauda bifurca" de BRISSON, Orn. II, p. 395): "Habitat in Canada, Surinamo (pátria típica Surinam, designada por ZIMMER)[2].
Milvulus[3] *tyrannus* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 277, parte.
Muscivora tyrannus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 296; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 380.

Distribuição. — América meridional temperada e quente (nas porções mais septentrionais só como emigrante de verão), desde o norte da Argentina (Tucumán, Jujuy, Buenos Aires) e o Uruguay (Montevideo, Paysandú, Maldonado, Treinta y Tres, Polanco), até o leste do Perú (Iquitos, Pebas, Sarayacu, Orosa), a Colômbia (Santa Marta), a Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, rio Cassiquiare, rio Guainia, Ciudád Bolivar, Mérida) e ilhas adjacentes (Trinidad, Tobago) e as Guianas (não confirmada ainda nas Guianas Inglesa e Holandesa), incluso o Paraguay (Colonia Risso, Villa Rica, Forte Wheeler, Concepción), a Bolívia (Todos os Santos, Sara, quedas do rio Madeira), o Brasil oeste-septentrional e centro-meridional: rio Solimões (Tefé, Manacapurú) e rio Amazonas (Itacoatiara, Parintins, Monte Alegre), rio Negro (Manaus, Campos Sales, Tabocal, Jucabí, monte Curicuriarí, Santa Maria, Camanaus, igarapé Ca-

---

(1) *Muscicapa forficata* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 931 (com base em "Moucherolle à queue fourchue du Mexique" de BUFFON, Pl. enlum. 677 de DAUBENTON): México.

(2) BRISSON dá, pelo contrário, Canadá e Cayenne. Não fosse esta divergência no tocante à distribuição, da qual todavia se deve, em qualquer hipótese, excluir o Canadá, localidade indubitavelmente errônea, dir-se-ia ter LINEU baseado a espécie exclusivamente na descrição do ornitologista francês. Em face dessa dificuldade, decidiu ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 962, p. 1), tendo em mãos exemplares da Guiana Holandesa, fixar definitivamente em Surinam a pátria da forma originariamente descrita de *Muscicapa tyrannus*, não obstante a sua ocorrência, mais que provável, como emigrante, nas três Guianas.

(3) *Milvulus* SWAINSON, 1827, Zool. Journ., III, p. 165. Tipo, por designação original, *Tyrannus savana* VIEILLOT (= *Muscicapa tyrannus* LINN.).

cau Pereira, São Gabriel, Muirapinima), rio Branco (Boa Vista, Caracaraí), rio Jamundá (Faro), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Calama, Humaitá, Santo Antônio de Guajará), rio Tapajoz (Santarem, Pinhel, Urucurituba, igarapé Brabo, igarapé Amorim, Piquiatuba, Caxiricatuba, Tauarí, Aramanaí), rio Curuá, ilha de Marajó[1], estado do Maranhão (São Bento), oeste da Baía (Remanso), Minas Gerais (Lagoa Santa, Água Suja, São José da Lagoa, Maria da Fé), Goiaz (Jaraguá, rio Claro), Mato Grosso (Chapada, rio das Mortes, Cáceres, Corumbá), São Paulo (Ipiranga, Jundiaí, Itatiba, Monte Alegre, Silvânia, Vanuire, Valparaizo, Porto Cabral), Paraná (Castro, Curitiba, Salto de Ubá. Tibagí), Rio Grande do Sul (Itaquí).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: sexo ?, GARBE, julho (1902).

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO. agosto 26 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, outubro 14 e 15 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA. novembro 13 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 17 (1937); 2 ♂♂ juvs., OLALLA, março 23 e 25 (1937); ♀, OLALLA, março 29 (1937); 2 ♀♀ juvs., OLALLA, março 5 e 29 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♀, OLALLA. dezembro 28 (1936).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀ juv., OLALLA, julho 9 (1936).

---

(1) Como concluira ZIMMER, cotejando as datas de colecionamento dos espécimes nas diferentes localidades, e pude tambem diretamente verificar (cf. Arch. de Zoologia de São Paulo, II, p. 28, 1940), *Muscivora t. tyrannus* é pássaro eminentemente migratório, cuja ocorrência nos estados do Sul do Brasil só se observa durante os meses mais quentes do ano. Daí a dificuldade de delimitar a área das diferentes raças, que já entre si se distinguem por leves caracteres e, não raro, em certas regiões, podem encontrar-se promiscuamente. Sem o exame direto dos exemplares, não é possivel dizer, com absoluta certeza, a que forma deverão referir-se as aves obtidas por vários colecionadores, em muitas localidades, como as ilhas do delta amazônico, nomeadamente Marajó (SNETHLAGE), Mexiana (diversos) e Caviana (BRODKORB). Enquanto não se possuirem, pelo exame das gônadas, dados sobre sua área de procriação, tenho como bastante problemática a validez de *Muscivora tyrannus circumdatus* ZIMMER, 1937 (Amer. Mus. Novit., N.º 962, p. 8: Tauarí, rio Tapajoz), cuja distribuição se circunscreveria à margem direita do Amazonas (zona do rio Tapajoz) e que autopticamente não conheço.

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♀ ?, OLIV. PINTO, dezembro 27 (1935).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, W. GARBE, outubro 3 e 4 (1940); ♀, OLIV. PINTO, outubro 2 (1940).

São Paulo

Jundiaí: ♂, SCHROTTKY, setembro 9 (1900).

Vanuire: 3 ♂ ♂, LIMA, agosto 19 e 26 (1928).

Silvânia: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, janeiro 8 (1931) e agosto 21 (1932); sexo? juv., OLIV. PINTO, dezembro (1930); sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 4 (1931).

Valparaizo: ♂ juv., HEITOR SERAPIÃO, dezembro 22 (1931).

Itatiba: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 29 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 21 (1933).

Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 19 (1941).

Monte Alegre: 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 16, 20 e 21 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 15 (1943).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, E. DENTE, setembro 16 (1943).

Rio Grande do Sul

Itaquí: ♂, GARBE, dezembro 1914).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♂, W. GARBE, setembro 5 (1934); ♀, W. GARBE, setembro 11 (1934).

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, setembro 16 (1941).

Mato-Grosso

Corumbá: ♀, GARBE, outubro (1917).

Rio das Mortes (marg. direita): ♀, Bandeira Anhanguera, setembro 21 (1937).

Chapada: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, setembro 27 e 30 (1937); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 6 (1937).

Muscivora tyrannus monachus (Hartlaub)

Tyrannus (Milvulus) monachus HARTLAUB, 1844, Rev. Zool., VII, p. 214: Guatemala (América Central).

Milvulus tyrannus SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 277, parte.

Muscivora tyrannus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 296, parte.

Distribuição. — México (Tlacotalpan, San Juan Baptista) e América Central (Guatemala, Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Panamá), Colômbia (Palmira, Chicoral, Barro Blanco), Venezuela (Orenoco, Altagracia, Suapure) e região adjacente do extremo noroeste do Brasil, até a margem esquerda do rio Amazonas: rio Solimões (Manacapurú)[1], rio Branco (Caracaraí), rio Cotingo (Limão), rio Surumú, rio Negro (Manaus).

---

(1) A diferença na conformação das rectrizes dos ♂ ♂, cuja extremidade é abruptamente entalhada nas três (*M. t. tyrannus*) ou apenas

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, outubro 12 (1936).

Gênero TYRANNUS Lacépède

Tyrannus LACÉPÈDE, 1799, Tabl. d'Ois., p. 5. Tipo, por tautonimia, "Le Tiran" de BUFFON (= *Lanius tyrannus* LINNAEUS).

Tyrannus albogularis Burmeister [V, 105]

Suirirí, Sirirí (S. Paulo).

Tyrannus albogularis BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Thiere Brasiliens, II, p. 465: "Bahia und Pernambuco" *errore* (como localidade típica sugiro Lagoa Santa, no Estado de Minas Gerais); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 276; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 295; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 382.

Distribuição. — Leste do Perú (baixo Ucayali, Sarayacu), Brasil oeste-septentrional (Amazônia) e central: rio Solimões (Tefé) e margens ambas do rio Amazonas (Itacoatiara, lago Canaçarí, Monte Alegre, Parintins, lago Grande), rio Negro (Manaus, Campos Sales, igarapé Cacau Pereira), rio Madeira (Rosarinho, Santo Antônio do Guajará), rio Tapajoz (Santarém, Prainha, Aveiro, Tauarí, Aramanaí), estado de Mato Grosso (rio Guaporé, cid. de Mato Grosso, São Vicente, rio Manso, Cuiabá, Chapada), Goiaz (cid. de Goiaz, Jaraguá, Inhumas), Minas Gerais (Lagoa Santa, São José da Lagoa), interior de São Paulo (Jaboticabal, Silvânia, Lins, Porto Tibiriçá).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 8 ♂♂, OLALLA, março 1, 3 e 4, abril 1 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, março 4 e 19 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 20 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, março 7 (1935).

---

nas duas (*M. t. monachus*) mais externas, é o melhor carater para distinguir as duas raças (cf. ZIMMER, op. cit., p. 9). Não tenho todavia hesitação em referir uma das ♀♀ de Manacapurú à forma septentrional, à vista do colorido muito mais claro do dorso, que um esboço de colar separa do negro da cabeça, e do branco puro das partes inferiores.

Aveiro (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, março 13 (1934).
Prainha (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, fevereiro 22 (1934).

Minas Gerais
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, W. GARBE, outubro 2 (1940); ♂, OLALLA, setembro 27 (1940); ♀, W. GARBE, setembro 28 (1940).

São Paulo
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 26 (1930).
Jaboticabal: ♀, LIMA, outubro 17 (1900).
Faz. Varjão (Lins): sexo?, juv., OLALLA, fevereiro 20 (1941).
Porto Tibiriçá (rio Paraná): ♂, LIMA, agosto 24 (1931).

Goiaz
Faz. Bôa Vista (Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 22 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂? juv., OLIV. PINTO, novembro 9 (1934).

Tyrannus melancholicus melancholicus Vieillot [V, 106]
Sirirí.

Tyrannus melancholicus VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXV, p. 48 (com base em AZARA, N.º 198, "Suiriri guazú"): Paraguay; SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 273, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 295, parte.

Distribuição. — República Argentina (Salta, Entre Rios, Tucumán, Cordoba, Buenos Aires, rio Negro), Uruguay (San Vicente, Lazcano), Paraguay (Puerto Pinasco), Bolívia (Santa Cruz, Tarija, rio Mamoré), leste do Perú (rio Ucayali, Sarayacu, foz do Urubamba, Puerto Indiana, rio Inambarí, rio Tavara) e do Equador (rio Suno, foz do Curaray), sul da Venezuela(alto Orenoco, rio Guiania, rio Cassiquiare, monte Duida) e da Guiana Inglesa (monte Roraima), Brasil oeste-septentrional e centro-meridional[1]: rio Solimões (Manacapurú, Tefé)

---

(1) J. T. ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 962, p. 11 e segs., 1937), com grande abundância de material, discute a fundo os caracteres e a distribuição das variedades geográficas de *T. melancholicus*, acentuando a dificuldade de traçar limites definidos às duas raças existentes no Brasil. É na determinação dos exemplares da Amazônia, onde, de par com intermediários, frequentemente ocorrem, na mesma localidade, talvez por efeito de migração ou de intergradacão, espécimes com os característicos ora duma, ora doutra raça, que aquela dificuldade particularmente se observa. Acho, apesar de tudo, que as populações amazônicas, encaradas em globo e abstração feita das da porção mais baixa do Amazonas, assemelham-se mais às do Brasil centro-meridional do que das do nordeste, pelo que prefiro referí-las à forma típica da espécie, admitindo todavia a possibilidade, aventada por ZIMMER (op. cit., p. 16), da "existência de uma forma separavel no vale Amazônico, com distribuição

e rio Amazonas (Itacoatiara, Faro, Óbidos, Parintins), rio Negro (Manaus, Campos Sales, igarapé Cacau Pereira, Javanarí, Sta. Maria, Tatú, Santa Isabel, São Gabriel, Jucabí, Tabocal, Muirapinima) e rio Uaupés (Tauapunto, Jauaretê), rio Branco (Boa Vista, Caracaraí, Castanhal)[1], igarapé Anibá, lago Canaçarí, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Borba, Rosarinho, Calama e igarapé Auará, Santo Antônio do Guajará), estado de Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Corumbá, Urucúm), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Araguaia, Jaraguá, Inhumas)[2], Minas Gerais (rio das Velhas, Vargem Alegre, Lagoa Santa, São José da Lagoa), sul da Baía (Belmonte, rio Gongogí, rio Jucurucú)[3], Espírito Santo (Porto Cachoeiro, Pau Gigante, rio S. José, Chaves, Guaraparí), Rio de Janeiro (Cantagalo, rio Muriaé, Sepitiba, Marambaia), São Paulo (São Sebastião, Ipiranga, Iguape, Cananéia, Juquiá, Itapetininga, Jundiaí, Itatiba, Jacareí, Ipanema, Monte Alegre, Cajurú, Rincão, Macaúbas, Lins), Paraná (Jacarèzinho, Curitiba, Cândido de Abreu), Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

ARGENTINA

La Plata ?: ♂, C. BRUCH (1903).
Tucumán: ♂, perm. Mus. Nac. de Hist. Nat. (1912).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♀, GARBE, fevereiro (1902).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLIV. PINTO, agosto 24 (1936); ♀, CAMARGO, outubro 22 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 1 ♂, 1 ♀ e 1 sexo ?, OLALLA, novembro 13 (1936).

---

possivel até o nordeste do Perú, leste extremo do Equador, sudoeste da Venezuela, Guiana Inglesa e rio Negro, inclusive a porção adjacente da margem direita do Amazonas (Parintins)". As populações do Perú e do Equador ocidentais, são por ZIMMER referidas a uma raça especial, *T. m. obscurus* (tipo de Palamba, dep. de Piura, Perú), ao passo que no norte e oeste da Venezuela vive a raça colombiana *T. m. chloronotos* BERLEPSCH, ambas sem demarcação geográfica muito precisa.

(1) Não possúo material para ajuizar sobre as populações das Guianas Holandesa e Francesa, ambas enfeixadas pela generalidade dos autores na área da *T. m. despotes*. As aves do rio Branco são, por HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., V, p. 108), referidas tambem a esta raça. ZIMMER, que, pelo contrário, as considera da forma típica, refere todavia as da margem septentrional do baixo Amazonas (Faro) à raça da Baía, no que é acompanhado por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 273).

(2) ZIMMER inclue Goiaz na área de *T. m. despotes*. Não conheço senão exemplares colecionados na parte meridional d'aquele estado, todos perfeitamente concordantes com os de S. Paulo (cf. Rev. Mus. Paul., XX, 1936, p. 121).

(3) Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 221 (1935).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 25 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 9 (1936).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, dezembro 28 (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 4 (1937).
Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 9 (1937).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, abril 17 (1937); 2 ♀♀, OLALLA, abril 24 (1937).

Pará
Bom Jardim (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, março 24 (1936).

Baía
Serra do Palhão (Jequié): ♂, CAMARGO, dezembro 3 (1932).
Belmonte: ♂, GARBE, agosto (1919).

Espírito Santo
Porto Cachoeiro (=Santa Leopoldina): ♂, GARBE, janeiro (1905).
Pau Gigante: ♀ juv., GENTIL DUTRA, agosto 20 (1940).
Rio São José: ♂, OLALLA, setembro 20 (1942)
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 30 (1942).
Guaraparí: ♂, OLIV. PINTO, outubro 12 (1942).

Rio de Janeiro
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 10 e 11 (1941).

Minas Gerais
Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLIV. PINTO, setembro 26 (1940); ♂, OLALLA, setembro 26 (1940); 2 ♀♀, OLALLA, setembro 28 (1940).

São Paulo
São Sebastião: ♂, BICEGO, setembro 22 (1896).
Iguape: sexo ?, R. KRONE, (1898 ?).
Jundiaí: sexo ?, SCHROTTKY, setembro (1899).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, dezembro 1 (1899).
Rincão: ♂, EHRHARDT, fevereiro 24 (1901).
Ourinhos: sexo ?, EHRHARDT, março 23 (1901).
Itatiba: ♂, LIMA, março 23 (1926); ♀, C. VIEIRA, novembro 16 (1932).
Itapetininga: ♂, LIMA, julho 24 (1926).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 18 (1934); sexo ?, CAMARGO, setembro 20 (1934).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, março 28 e abril 4 (1940).
Lins: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, janeiro 20 (1941).
Faz. Varjão (Lins): ♀, OLALLA, fevereiro 14 (1941).
Rio Juquiá (Juquiá): ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 17 (1941).
Cajurú: ♂ E. DENTE, maio 11 (1943).
Monte Alegre: 3 ♂♂, JOSÉ LIMA, janeiro 15 e 20, fevereiro 8 (1943); 2 ♀♀, JOSÉ LIMA, novembro 26 (1942) e fevereiro 7 (1943).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 4 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 5 (1934).

Mato Grosso

Chapada: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 28 (1937).

Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 18 (1937); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 19 (1937).

Tyrannus melancholicus despotes (Lichtenstein) [V, 107]

Muscicapa despotes LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 55: Baía.

Tyrannus melancholicus SCLATER (*nec* VIEILLOT), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 273, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 295, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 381.

Distribuição. — Brasil este-septentrional (do Recôncávo da Baía até a margem direita do baixo Amazonas): norte e oeste da Baía (ilha de Madre de Deus, Alagoinhas, Andaraí, Joazeiro, São Marcelo do Rio Preto), Pernambuco (Pau d'Alho, Tapera), Ceará (Juá, Quixadá), Piauí (Arara), Maranhão (S. Luiz, São Bento, ilha Mangunça, Boa Vista, Cururupú), distrito de leste do Pará (Prata, arred. de Belém, Utinga, Apeú, Peixe-Boi, Capanema, Benevides), rio Capim (Aproaga), ilha Mexiana, rio Tocantins (Arumateua, Baião), rio Xingú (Porto de Moz, Vitória), Cussarí, rio Jamauchim, rio Tapajoz (Santarém, igarapé Brabo, Aramanaí, Limoal).

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, abril 6 (1935).

Utinga (prox. de Belém): 1 ♂ e 1 ♀, F. LIMA, setembro 29 (1923).

Maranhão

Bôa Vista: ♂, SCHWANDA, fevereiro 13 (1907).

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 18 (1938).

Baía

Joazeiro: ♀, GARBE, novembro (1907).

Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 17 (1942); ♀, W. GARBE, janeiro 12 (1933); ♀, OLIV. PINTO, fevereiro 8 (1942).

Tyrannus apolites (Caban. & Heine). [V, 105]

Laphyctes apolites CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 77: nenhuma informação de localidade (Rio de Janeiro, pátria típica presumivel)[1].

(1) Tanto SCLATER, como HELLMAYR (Cat. Bds. Americas, pte. V, p. 105, nota *c*), são concordes em reconhecer no tipo (pert. ao Museu de Halberstadt), único exemplar até hoje conhecido, o estilo inconfundivel das preparações do "Rio".

Tyrannus apolites Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 276.

Distribuição. — Conhecido apenas pelo exemplar típico, oriundo presumivelmente do Rio de Janeiro.

Gênero EMPIDONOMUS Caban. & Heine

Empidonomus Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., II, p. 76. Tipo, por monotipia, *Muscicapa varia* Vieillot.

Empidonomus varius varius (Vieillot) [V, 113]
Bentivizinho (Rio Gr. do Sul).

Muscicapa varia Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXI, p. 458 (com base em Azara, N. 187, "Suiriri chorreado debaxo"): Paraguay.
Empidonomus varius Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 265, parte; Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 294, parte.

Distribuição[1]. — Norte da Argentina (Tucumán, Salta, Entre Rios), Paraguay (Bernalcué, Alto Paraná, Trinidad, Caaguassú, Sapucay), Bolívia (Santa Cruz, prov. de Sara), Brasil central e meridional: Mato Grosso (Cuiabá, Santo Antônio, Chapada, rio das Mortes, Urucúm, Miranda), Goiaz (rio das Almas, Jaraguá, rio Claro), Minas Gerais (rio Matipoó, São José da Lagoa, Barra do Sussuí), Rio de Janeiro (Porto Real, Itatiaia), São Paulo (São Sebastião, Cubatão, Embura, Iguape, Ipanema, Monte Alegre, São Carlos, Olímpia, Franca, Lins), Paraná (Curitiba, Salto de Ubá), Santa Catarina (Salto do Norte), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Mundo Novo, Pedras Brancas, São Pedro, São Francisco de Paula, Vacaria, Tamanduá).

Brasil
Minas Gerais
Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♀, Pinto da Fonseca, julho 17 (1919).

---

(1) Cf. Pinto, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 219 a 221 (1935). A distinção das duas raças de *E. varius* é assaz laboriosa, dificultando-a ao mesmo tempo a larga flutuação e a natureza leve dos caracteres em que se baseia. Nova complicação é introduzida pela grande probabilidade de movimentos migratórios, acarretando a eventual promiscuidade das duas formas, em certas zonas. Assim é que Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 962, pags. 22 e segs., 1937), último autor a discutir o assunto, arrola sob forma típica numerosos exemplares da Amazônia (Manaus, Tabocal, Jauaretê, Frechal, igarapé Brabo, Aramanaí, Rosarinho etc.), Venezuela (Cassiquiare, Ciudad Bolivar, Caicara), Colômbia ("Bogotá") e Guianas (Paramaribo, Cayenne), que não lhe foi possivel distinguir dos do Paraguay e sul do Brasil. Feita esta ressalva, a distribuição que aquí se adota concorda com a que propuz no trabalho supracitado.

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, setembro 19 (1940).
Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 3 ♂ ♂, OLALLA, setembro 29 e outubro 1 (1940); 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, setembro 27 e 30 (1940); ♂, W. GARBE, outubro 2 (1940); ♀, OLIV. PINTO, outubro 1 (1940); ♀, OLALLA, outubro 1 (1940).

São Paulo
Iguape: sexo ?, R. KRONE (1895).
São Carlos: sexo ?, J. ZECH, outubro 20 (1895).
Franca: ♂, GARBE, novembro (1910).
Olímpia: ♂, GARBE, novembro (1916).
Cubatão: ♂, JOSÉ LIMA, novembro 27 (1927).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 25 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂ juv., OLALLA, fevereiro 14 (1941); sexo?, juv., OLALLA, janeiro 23 (1941).
Monte Alegre: 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 20, fevereiro 7 e 8 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 11 (1943).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 20 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 10 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. GARBE, outubro 1 (1941)

Mato-Grosso
Miranda: ♂, LIMA, setembro 4 (1930); sexo ?, LIMA, setembro 3 (1930).
Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 20 (1937).
Chapada: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 27 (1937).
Rio das Mortes (marg. esquerda): ♀, Bandeira Anhanguera, outubro 22 (1937).

Empidonomus varius rufinus (Spix) [V, 113]

Maria-é-dia (Pará), *Peitica* (id.).

Muscicapa rufina SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 22, tab. 31, figs. 1 e 2: "in provincia fl. Amazonum".
Empidonomus varius SCLATER (*nec* VIEILLOT), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 265, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 295, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 382.

Distribuição. — Leste da Venezuela (baixo Orenoco, Ciudad Bolivar, Nericagua, Caicara), Guiana Inglesa (Annai, Bartica Grove, Roraima), leste do Perú (Pebas, alto Ucayali, Tarapoto), Brasil amazônico e este-septentrional: rio Negro (Manaus, Muirapinima, igarapé Cacau Pereira), rio Branco (Boa Vista), rio Anibá, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), rio Madeira (igarapé Auará, Porto Velho, Borba), Parintins, rio Tapajoz (Santarém, igarapé Brabo, Aramanaí, Itaituba, Caxiri-

catuba), rio Xingú (Ponte Nova, Forte Ambé), rio Jamauchim (Santa Helena), rio Tocantins (Baião, Arumateua, Mocajuba), leste do Pará (Belém, Utinga, Prata, Igarapé Assú, Peixe-Boi, Quatipurú, Flor do Prado), Maranhão (São Luiz, Miritiba, Anil, Patos, Codó, Grajaú), Piauí (Arara, Deserto), Ceará (serra de Baturité), Pernambuco (rio Branco, Belo Jardim), Baía (Joazeiro, cidade da Barra, Andaraí, rio Gongogí, Cajazeiras, Camamú[1], rio Jequiriçá), Espírito Santo (rio Doce).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 15 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, maio 26 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, abril 5, junho 1 e 4 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, abril 15 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903); sexo ?, OLALLA, maio 4 (1935).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, dezembro 10 (1936).

Baía

Joazeiro: ♂, GARBE, novembro (1907).

Cidade da Barra: ♀, GARBE, outubro (1913).

Cajazeiras (rio Gongogí): ♀, CAMARGO, dezembro 15 (1932).

Espírito Santo

Rio Doce: ♂, GARBE, março (1906).

Empidonomus aurantio-atro-cristatus aurantio-atro-cristatus (Lafresnaye & d'Orbigny) [V, 115]

Tyrannus aurantio-atro-cristatus LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 45: Valle Grande (Bolívia).

Empidonomus aurantio-atro-cristatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 266, parte.

Empidonomus aurantioatrocristatus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 295, parte.

Distribuição.[2] — Norte e leste da Argentina (Jujuy, Corrientes, Entre Rios, Formosa, Tucumán, Cordoba, Mendoza,

---

(1) Pátria de *Muscipeta ruficauda* WIED, 1831 (Beitrg. Naturges. Bras., III, p. 920), sinônimo de *Muscicapa varia* VIEILLOT.

(2) Observa-se aquí o mesmo que na espécie precedente. Aves com os caracteres de uma ou outra raça não raro se observam na mesma zona, fato decorrente talvez da emigração, cujos movimentos ZIMMER se esforçou por investigar (Amer. Mus. Novit., N.º 962, p. 21, 1937). Daí frequente embaraço na determinação dos espécimes. Mrs. NAUMBURG (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 296), prefere, por exemplo, referir à raça *pallidiventris* as aves do centro de Mato Grosso.

Santa Fé, Buenos Aires), Uruguay (rio Negro), Paraguay (Puerto Pinasco, Forte Wheeler, Colonia Risso), leste da Bolívia (Valle Grande, Santa Cruz, Sara) e do Perú (rio Ucayali, Yurimaguas, Rioja, Xeberos), leste da Venezuela (confl. do Ocamo e Orenoco), Brasil oeste-septentrional e central: alto rio Negro (São Gabriel, Jucabí), rio Uaupés (Tauapunto), Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Cáceres, Corumbá, Miranda), sul de Goiaz (cid. de Goiaz, rio das Almas, Jaraguá), Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas).

ARGENTINA
Tucumán: ♀ (Compr. de ROSENBERG, 1906).

BRASIL
Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 18 (1934); ♂, JOSÉ LIMA, agosto 24 (1934).

Mato-Grosso
Corumbá: ♂, GARBE, setembro (1917).
São Luiz de Cáceres: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1917).
Miranda: ♂, LIMA, setembro 8 (1930).
Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 29 (1937).
Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 23 (1937).

Empidonomus aurantio-atro-cristatus pallidiventris Hellmayr [V, 116]

Empidonomus aurantio-atro-cristatus pallidiventris HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 309 — nome novo para *Empidonomus aurantio-atro-cristatus minor* HELLMAYR, 1929 (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte V, pag. 116, nota *b*), invalidado por *Empidonomus minor* SZTOLCMAN, 1926: São Luiz do Maranhão)[1]
Empidonomus aurantio-atro-cristatus SNETHLAGE (*nec* LAFRESN. & d'ORBIGNY), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 382.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Pará (baixo Tapajoz, Santarém), Maranhão (São Luiz, Anil, São João dos Patos, Codó, rio Parnaíba, São Francisco), Piauí (rio Parnaíba, Belo Horizonte, cachoeira do Tronco), norte de Goiaz (rio Tocantins, Porto Nacional).

Gênero LEGATUS Sclater

Legatus SCLATER, 1859, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVII, p. 46. Tipo, por monotipia, *Tyrannus albicollis* VIEILLOT (= *Platyrhynchus leucophaius* VIEILLOT).

---

(1) *Empidonomus minor* SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 227: Cayenne.

Legatus leucophaius leucophaius (Vieillot) [V, 117]

Bem-te-ví pequeno.

Platyrhynchos leucophaius VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict.. d'Hist. Nat., XXII, p. 11: "l'Amérique méridionale" (= Cayenne)[1].
Legatus albicollis SCLATER[2], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 155, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 284; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 383.

Distribuição. — Sul da América Central (Nicaragua, Costa Rica, Panamá)[3], Colômbia (Bonda, Santa Marta, Los Cisneros, Las Lomitas), Venezuela (Cumanacoa, Sacupana, rio Orenoco), Guianas Inglesa (Camacusa, Bartica Grove), Holandesa (viz. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne), leste do Equador (Pallatanga, Sarayacu), Bolívia (Guarayos, Santa Cruz), Paraguay (Sapucay, Ibitimi, Alto Paraná), norte da Argentina (Tucumán, Jujuy, Buenos Aires) quase todo Brasil: rio Solimões (Manacapurú) e Amazonas (Itacoatiara, Óbidos), rio Negro (Manaus) e rio Branco (serra da Lua), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Monte Verde), rio Madeira (Calama) e rio Machados, rio Tapajoz (Santarém, Pinhel, Papagaio, Tauarí, Pinhí), ilha de Marajó, rio Mojú, rio Guamá (Ourém), distrito de leste do Pará (Belém, Bosque, Val de Cans, Murutucú, Benevides), Maranhão (Carolina), Baía (Nazaré das Farinhas), Rio de Janeiro (Cantagalo), Minas Gerais (Teófilo Otoni), Goiaz (Inhumas), Mato Grosso (rio Cuiabá, Chapada, Tapirapoã, Urucúm, Descalvados, Salobra), São Paulo (Jundiaí, Itatiba, Ipanema, Iguape), Paraná (Curitiba, Marechal Mallet, Salto de Guaíra).

COSTA RICA

"Costarica": sexo ? (compr. de SCHLÜTER, maio 1902).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, CAMARGO, outubro 20 e 21 (1936).

---

(1) Cf. PUCHERAN, Arch. Mus. Paris, VII, p. 358 (1855).

(2) *Tyrannus albicollis* VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXV, p. 89 (com base em AZARA, N.º 186, "Suiriri chorreado sin roxo"), do Paraguay, cai na sinonímia de *Plat. leucophaius*, a menos que o tamanho, um pouco maior em média, faça considerar raça aparte as populações mais meridionais da espécie. Na sinonímia de *L. l. leucophaius* inclúe-se, tambem *Muscicapa legatus* LICHTENSTEIN, 1823 (Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 56: Baía) e *Muscipeta citrina* WIED, 1831 (Beitr. Nat. Bras., III, p. 917: Nazaré das Farinhas, Baía).

(3) As populações do norte da América Central (Guatemala) e sul do México (Vera Cruz, Tabasco, Chiapas) são tidas como raça suficientemente caracterizada, *L. l. variegatus* (SCLATER, 1857).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 6 ♂ ♂, OLALLA, fevereiro 15, março 4, 6, 11 e 13 (1937); ♀, OLALLA, março 1 (1937); ♀ juv., OLALLA, março 17 (1937).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 5 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 7, 9, 11 e 22 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 9 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, novembro 8 (1936); ♀, OLALLA, novembro 30 (1936); sexo ?, OLALLA, novembro 16 (1936).

Minas Gerais
Teófilo Otoni: ♂, GARBE, outubro (1908).

São Paulo
Itatiba: ♂, LIMA, novembro 11 (1899).
Jundiaí: ♂, LIMA, setembro 17 (1900).
Iguape: sexo ?, R. KRONE, novembro (1902)

Goiaz
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba); ♂, W. GARBE, novembro 7 (1934).

Mato Grosso
Salobra: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 19 (1941).

Gênero SIRYSTES Caban. & Heine

Sirystes CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 75. Tipo, por monotipia, *Muscicapa sibilator* VIEILLOT.

Sirystes sibilator sibilator (Vieillot) [V, 111]

Muscicapa sibilator VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXI, p. 457 (com base em AZARA, N.º 191, "Pitador"): Paraguay.
Sirystes sibilator SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus.; XIV, p. 181
Cirystes sibilator IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Bras., Av. p. 287.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Sapucay, Tebicuari), Brasil este-meridional: sul de Goiaz (rio Uruú, Jaraguá, Inhumas, rio Claro), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio Doce, rio Piracicaba, rio Sussuí), sul da Baía[1], Espírito Santo (rio S. José), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo), São Paulo (Cajurú, Itapura, Valparaizo, Baurú, Avanhandava, Vitória, Salto Grande, Itararé, Iguape, Cananéia, Ubatuba), Paraná (Castro, serra do Mar, Salto de Ubá), Rio Grande do Sul (Mundo Novo, Arroio Grande).

Brasil

Espírito Santo
Rio São José: ♀, OLALLA, setembro 14 (1942).

---

(1) HELLMAYR (Novit. Zool., XV, 1908, p. 49) registou, pertencente ao museu de Berlepsch, um exemplar da Baía, preparação comercial, sem indicação precisa de procedência.

Minas Gerais
  Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀ juv., OLIV. PINTO, agosto 18 (1940).
  Rio Doce: 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 29 e setembro 4 (1940).
  Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♀, OLIV. PINTO, set. 14 (1940).

São Paulo
  Rio das Pedras: ♂, J. ZECH, julho 14 (1897).
  Iguape: sexo?, R. KRONE (1898 ?).
  Baurú: sexo ?, GARBE. (1901).
  Itararé: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1903).
  Avanhandava: ♂, GARBE, novembro (1903).
  Itapura: 2 ♀ ♀, GARBE, setembro (1904).
  Ubatuba: ♀, GARBE, abril (1905).
  Rio Feio: ♂, FRANZ GÜNTHER, setembro 16 (1905); ♀, FRANZ GÜNTHER, maio 7 (1905).
  Porto Epitácio (rio Paraná): ♂, LIMA, outubro (1926); ♀, LIMA, junho 3 (1926).
  Valparaizo: ♀, JOSÉ LIMA, junho 20 (1931).
  Ilha do Cardoso (Cananéia): sexo ?, WORONTZOW, agosto 24 (1934).
  Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 18 (1934).
  Faz. Varjão (Lins): ♀, OLALLA, janeiro 27 (1941).
  Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, outubro 20 e 23 (1941).
  Cajurú: ♂, E. DENTE, maio 13 (1943).

Paraná
  Faz. Monte Alegre (Castro): 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1907).
  Castro: ♂, GARBE, junho (1914).

Goiaz
  Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 10 (1934); ♂, W. GARBE, setembro 3 (1934).
  Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. GARBE, novembro 19 (1934).
  Faz. Transwaal (rio Claro): ♂ ?, W. GARBE, abril 28 (1940); 3 ♀ ♀. W. GARBE, abril 23. maio 16 e 17 (1941).

Sirystes sibilator altimastus Oberholser [V, 120]

Sirystes sibilator altimastus OBERHOLSER, 1902, Proc. Un. St. Nat Mus., XXV, p. 66: Chapada.

Distribuição[1]. — Brasil centro-ocidental, no estado de Mato Grosso (Chapada).

---

(1) Excetuando-se a forma típica, a que se deve referir toda a série à minha disposição, apesar da grande diferença que apresentam entre si, muito pouco se sabe sobre a distribuição das raças geográficas hoje admitidas em *Sirystes sibilator*. Sua raridade se depreende da escassez de exemplares existentes nas coleções e é realçada pelos autores. Cf. J. T. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.º 962, p. 25 (1937); GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 275 (1941).

Sirystes sibilator albocinereus Sclater & Salvin [V, 120]

Sirystes albocinereus SCLATER & SALVIN, 1880, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 156: Bogotá (Colômbia); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 181; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 384, parte.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Bogotá, Barrigon), do Equador (Sarayacu) e do Perú (Iquitos, rio Ucayali, Santa Cruz) e Brasil oeste-amazônico: rio Purús (Bom Lugar).

Sirystes sibilator subcanescens Todd [V, 121]

Sirystes sibilator subcanescens TODD, 1920, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIII, p. 72: alto Rocana (norte do baixo Amazonas).
Sirystes albocinereus SNETHLAGE (*nec* SCLAT. & SALV.), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 384, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas: rio Jamundá (Faro), Óbidos, rio Tapajoz (Limoal), rio Tocantins (Baião, Pedregal).

Gênero **MYIODYNASTES** Bonaparte

Myiodynastes BONAPARTE, 1857, Bull. Soc. Linn. Normandie, II, p. 35. Tipo, por monotipia, *Muscicapa audax* GMELIN (= *Muscicapa maculata* MÜLLER).

Myiodynastes maculatus maculatus (Müller) [V, 122]
Bem-te-ví escuro, Bem-te-ví cavaleiro (Amaz.), *Bem-te-ví rajado.*

Muscicapa maculata P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 169 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 453, fig. 2): Cayenne.
Myiodynastes audax[1] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 185; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 288.
Myiodynastes maculatus SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 283.

Distribuição.[2] — Guiana Holandesa (viz. de Paramaribo), Guiana Francesa (Cayenne), leste do Equador (foz do Curaray) e do Perú (Iquitos, rio Ucayali, Sarayacu, Amayacu,

(1) *Muscicapa audax* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 934 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 453): Cayenne.
(2) A área da forma típica de *Myiodynastes maculatus* foi consideravelmente reduzida por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 963, novembro de 1937), com a criação das novas raças *M. m. tobagensis* (ilha Tobago, costa sept. da Venezuela, Guiana Inglesa), *M. m. difficilis* (Colômbia, Panamá, Costa Rica) e *M. m. chapmani* (oeste do Equador). Sua distribuição na Amazônia brasileira posto

foz do Urubamba), Brasil amazônico: rio Solimões (Manacapurú), rio Negro (Manaus, igarapé Cacau Pereira, São Gabriel, Marabitanas), rio Branco (serra da Lua), igarapé Anibá, rio Madeira (Borba, igarapé Auará, Rosarinho, Sto. Antônio do Guajará), Parintins, rio Jamundá (Faro), óbidos, Monte Alegre, igarapé Boiussú, Patauá, igarapé Bravo, Cussarí, Amapá, rio Tapajoz (Santarém), rio Curuá do Sul, ilha Mexiana, ilha Caviana, rio Xingú (Tapará, Porto de Moz)[1], praia de Cajútuba, norte de Maranhão (Miritiba).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 20 (1936); ♀, CAMARGO, outubro 22 (1936).

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, novembro 19 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 1 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 9 ♂ ♂, OLALLA, março 1, 6, 16 e 19, abril 1, maio 31 e junho 4 (1937); 5 ♀ ♀, OLALLA, janeiro 4 e 12, março 1 e 16 (1937).

Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, junho 20 (1937).

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 2 (1935).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 9 (1935); sexo ?, OLALLA, abril 10 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 24 (1935).

---

que ainda mal conhecida, apresenta singularidades dignas de nota, nenhum exemplar tendo sido registrado na margem meridional do rio Solimões e respectivos afluentes. ZIMMER (op. cit., pags. 7 e 13) chama tambem a atenção para a falta de "records" dos rios Tapajoz, Xingú e Tocantins; sua ocorrência na margem direita do baixo Amazonas é todavia fora de dúvida à vista dos exemplares perfeitamente típicos do rio Curuá e Bom Jardim, acima registrados. GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 275) arrolam tambem dois ♂ ♂ e uma ♀ de Santarém (boca do rio Tapajoz).

(1) ZIMMER (op. cit., p. 14), em harmonia com a observação antiga de SCLATER (Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 186), reconheceu em vários exemplares do rio Xingú (Porto de Moz, Tapará) e numa fêmea de Parintins, caracteres intermediários entre *M. m. maculatus* e *M. solitarius*, que, por este motivo, considera coespecíficos. Todavia, à falta de maior número de provas, mantenho com HELLMAYR, a independência de ambos, considerando o pouco que ainda se sabe sobre as respectivas zonas de procriação, o rítmo e a importância dos movimentos migratórios da raça sulina. A concorrência das duas espécies na margem meridional do baixo Amazonas, de onde os exemplares que possuimos, quer de uma, quer de outra, apresentam caracteres perfeitamente típicos, não me parece excluir a hipótese de híbridos.

Bom Jardim (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, março 20 (1936); ♀, OLALLA, março 24 (1936).
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 3 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 11, 15 e 17 (1936); 4 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 5, 15 e 27 (1936).
Maranhão
Miritiba: ♂, SCHWANDA, novembro 17 (1907).

Myiodynastes solitarius (Vieillot) [V, 125]
Sirirí tinga, Bem-te-ví preto (Rio Gr. do Sul), *Bem-te-ví do mato* (Pará).

Tyrannus solitarius VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXV, p. 88 (com base em AZARA, N.º 196, "Suiriri chorreado todo"): Paraguay.
Myiodynastes solitarius SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 185; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 288; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 384.

Distribuição. — República Argentina (Jujuy, Salta, Corrientes, Entre Rios, Misiones, Tucumán, Cordoba, Buenos Aires), Chile (Vallenar)[1], Uruguay (Paysandú, rio Negro, Colonia, Quebrada de los Cuervos), Paraguay (Alto Paraná, Puerto Pinasco, Villa Rica, Colônia Risso), Bolívia (Chiquitos, Tatarenda, Monos, Buena-Vista), leste do Perú (rio Ucayali, Sarayacu, rio Tavara, rio Seco, Monterico, Chirimoto, Xeberos, Yurimaguas, Chyavetas, Tarapoto, Pozuzo, Tulumayo), do Equador (Sarayacu, rio Napo, rio Suno) e da Colômbia ("Bogotá"), sul da Venezuela (rio Cassiquiare, rio Guainia, Bermudez), Guiana Inglesa (Bartica Grove, Supenaam, alto Takutu, rio Arawai, rio Rupununi), Brasil em geral, inclusive, talvez como emigrante, o vale do Amazonas: rio Solimões (Tefé), rio Negro (Manaus, Tatú, Marabitanas) e rio Uaupés (Jauaretê, Tauapunto), rio Surumú (Frechal), rio Anibá, Itacoatiara, Óbidos, igarapé Boiussú, rio Madeira (igarapé Auará, Rosarinho), rio Tapajoz (Santarém, Aramanaí, igarapé Brabo, Caxiricatuba, Tauarí, igarapé Amorim), rio Tocantins (Baião, Arumateua), rio Guamá (Ourém), rio Acará (Ipitinga), distrito de leste do Pará (Utinga, Belém, Benevides), norte do Maranhão (ilha de São Luiz, Bôa Vista, São Bento, Flores, Mangueiras, Itapaca, Barra do Corda), Piauí (Parnaguá, Corrente, Ibiapaba), Ceará (serra de Baturité, Quixadá, Joazeiro), Pernambuco (rio Branco, Belo Jardim), Baía (Joazeiro, Carnaíba, Santa Rita do Rio Preto, São Mar-

(1) Cf. RUD. PHILIPPI, Bol. Mus. Nac. Hist. Natural Chile, XX, p. 86 (1942). Parece a única referência relativa ao Chile, onde o pássaro deve ser de ocorrência muito acidental.

celo, Bonfim, Orobó, Macaco Seco, cidade da Barra, ilha de Madre de Deus, Jequié, rio Gongogí, Cajazeiras), Espírito Santo (Muribeca, Pau Gigante, rio S. José), Rio de Janeiro (Cantagalo, rio Muriaé, Nova Friburgo, serra do Itatiaia), Minas Gerais (Paracatú, Curvelo, Pirapora, Vargem Alegre, Lagoa Santa, rio Matipoó, rio Piracicaba, rio Doce, rio Sussuí), São Paulo (Guaió, Ipanema, Cubatão, Embura, Alambarí, Cananéia, Salto Grande, Franca, Jaboticabal, Itapura), Paraná (Curitiba, Roça Nova, Tibagí, Corvo, Porto Almeida, Cândido de Abreu, Guarapuava), Santa Catarina (Blumenau, Palmitos), Rio Grande do Sul (Taquara, Nova Hamburgo, Arroio Grande, Canela, Poço das Antas, lagoa Vermelha, lagoa do Forno, Nonoaí, Sananduva, São Francisco de Paula), Goiaz (rio das Almas, Nova Roma, Inhumas), Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Corumbá, Urucúm).

Brasil

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♀♀, Olalla, março 25 e abril 6 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, abril 15 (1937); ♀, Olalla, abril 17 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, Garbe, agosto (1920).

Belém (cidade): ♂, F. Lima, agosto 22 (1925).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, abril 20 (1935).

Maranhão

Boa Vista: ♂, Schwanda, fevereiro 19 (1907).

Baía

Vila Nova (=Bonfim): ♀ ?, Garbe, março (1908).

Serra do Palhão (Jequié): 2 ♀♀, Camargo, dezembro 5 e 7 (1932).

Madre de Deus: ♂, W. Garbe, fevereiro 28 (1933).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, H. F. Berla, novembro 8 (1940).

Rio São José: 3 ♂♂, Olalla, setembro 15, 17 e 29 (1942).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, Olalla, setembro 10 (1941); ♂, E. Dente, setembro 13 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. Godoy, outubro (1900).

Pirapora: ♂, Garbe, setembro (1912).

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♂, PINTO DA FONSECA, junho 12 (1919); ♀, PINTO DA FONSECA, setembro 9 (1919).

Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 3 e 7 (1940); ♀, OLALLA, agosto 19 (1940).

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 18 e 20 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 3 ♂♂, OLALLA, setembro 28 e 29 (1940); ♀, W. GARBE, setembro 29 (1940); ♂, OLIV. PINTO, outubro 4 (1940); 2 ♀♀, OLALLA, setembro 27 e outubro 3 (1940).

São Paulo

Cubatão: ♂, H. PINDER, dezembro 10 (1897).

Jaboticabal: ♀, LIMA, outubro 6 (1900).

Franca: ♂, DREHER, setembro 8 (1902); ♂, GARBE, novembro (1910).

Itapura: 1 ♂ e 2 ♀♀, GARBE, setembro (1904).

Porto Epitácio (rio Paraná): ♂, LIMA, outubro (1926).

Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, outubro 10 (1934).

Embura: 3 ♂♂, OLALLA, dezembro 19, 24 e 25 (1940).

Lins: ♂, OLALLA, janeiro 21 (1941).

Faz. Varjão (Lins): ♀, OLALLA, janeiro 27 (1941); sexo ?, OLALLA, fevereiro 14 (1941).

Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 16 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 20 (1941).

Rio Grande Sul

Nova Hamburgo: ♀, A. SCHWARTZ, abril 8 (1898).

Nova Wurttemberg: 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, fevereiro (1915).

Goiaz

Nova Roma: ♂, JOSÉ BLASER, outubro 26 (1932).

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): 2 ♂♂, OLIV. PINTO, agosto 20 e setembro 3 (1934); ♂, W. GARBE, setembro 5 (1934).

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 9 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, OLIV. PINTO, outubro 20 (1934).

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, outubro 6 (1941).

Mato Grosso

Corumbá: 2 ♂♂, GARBE, setembro (1917).

Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 3 (1930).

Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 13 (1937).

Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, outubro 1 (1937).

Salobra: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 21 (1941).

Gênero MEGARYNCHUS Thunberg

Megarynchus THUNBERG, 1824, Dissert. de genere Megaryncho praes. Schaerström, p. 2. Tipo, por designação subsequente de SCLATER (1888), *Lanius pitangua* LINNAEUS.

Megarynchus pitangua pitangua (Linnaeus)[1] [V, 130]

Bem-te-ví do bico chato, Neí-neí (Minas), *Pitanguá.*

Lanius pitangua LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 136 (com base primordial em *Muscicapa tyrannus brasiliensis* de BRISSON, Orn., II, p. 401): "Brasilia" (para pátria típica sugiro o Rio de Janeiro).

Megarynchus pitangua SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 189, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 288; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 384.

Distribuição — Colômbia (Santa Marta, rio Magdalena, Carabobo, Chicoral, Atanques), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Ciudád Bolívar, Altagracia, Maipures, San Fernando de Atabapo), ilha Trinidad (Caparo, Laventille, Pointe Gourde, Aripo), Guianas Inglesa (montes Roraima, rio Ituribisci, Georgetown, Demerara, rio Mazaruni), Holandesa (viz. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne), leste do Equador (Zamora)[2], do Perú (Yurimaguas, Moyobamba, Tarapoto, rio Cadena, Rioja) e da Bolívia (Santa Cruz), Paraguay (Lambaré, Vila Pilar), nordeste extremo da Argentina (Misiones) e quase todo Brasil: rio Branco (serra Grande, Boa Vista), rio Amazonas (Itacoatiara, Óbidos, lago Cuipeva), rio Ja-

---

(1) Os autores modernos, com HELLMAYR (cf. Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, p. 311), são unânimes em reconhecer o neí-neí" ou "bem-te-ví de bico chato" em "Pitangua guacu" de MARCGRAVE. como alguns pontos de cuja descrição (..."rostrum habet crassum, latum, pyramidale"...) parecem efetivamente prová-lo. Entretanto, a voz atribuida por MARCGRAVE ao pássaro que descrevera ("Clamat alta voce Belga dicunt Grietjen-bupy"), como tambem os nomes, tanto o indígena ("pitanguá"), como o vulgar ("Bemteve" Lusitanis), em rigor só se aplicam ao "bem-te-ví" propriamente dito, *Pitangus sulphuratus* (LINN.) dos ornitologistas. Para o fato chamara a atenção com grande ênfase o príncipe de WIED (cf. Beitr. Naturges. Bras., III, pp. 842-3 e Quelques corrections indispens. a la trad. franç. de la Descr. d'un Voy. au Brésil, 1853). Acho muito provável que MARCGRAVE, pensando descrever o "bemtevi" comum, tivesse em mãos um exemplar do de "bico-chato", igualmente encontradiço. BRISSON viu tambem o "neí-neí" no "Pitangua guacu" de MARCGRAVE, que consequentemente incluiu na sinonímia de seu "*Tyrannus brasiliensis*". Admitindo que o aproveitamento do nome de MARCGRAVE por LINEU houvesse sido feito através de BRISSON, cuja descrição, inteiramente original e redigida com exemplar em mãos ("au Brésil, d'ou il été envoyé a M. de Réaumur") deve ser tomada como base exclusiva da espécie lineana, nenhuma alteração necessita introduzir-se na nomenclatura. Cf. OLIV. PINTO, em GEORGE MARCGRAVE, Hist. Nat. do Brasil, trad., São Paulo, 1942, Comentários, p. LXXVI.

(2) A este dos Andes, na zona tropical (Guayaquil, Chimbo, Esmeraldas), vive *M. pitangua chrysogaster* SCLATER, 1860, ao passo que outras raças representam a ave brasileira na América Central e México.

mundá (Faro), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba, Piquiatuba), rio Tocantins (Cametá, Arumateua), ilha Mexiana, Maranhão (Turiassú, Rosário, Primeira Cruz), Piauí (rio Parnaíba, lagoa Parnaguá, Piranha), Baía (rio Preto, Porto da Pedra, Ingazeira, ilha de Madre de Deus, Belmonte), Espírito Santo (Pau Gigante, rio S. José, Guaraparí), Rio de Janeiro (Registro do Saí, Sepitiba, Angra dos Reis, Cantagalo, rio Muriaé, Nova Friburgo, Porto Real, Sumidouro, serra do Itatiaia), Minas Gerais (Uberaba, Lagoa Santa, rio Piracicaba), São Paulo (Ipanema, Ipiranga, Jundiaí, ilha de São Sebastião, ilha dos Alcatrazes, Campinas, Itú, Itararé, Ituverava, Macaúbas, Icatú, Lins, Vanuire), Paraná (Fernandes Pinheiro), Mato Grosso (Cuiabá, Santo Antônio, Chapada, Cáceres, Descalvados, Urucúm, Rondonópolis, Coxim), Goiaz (rio Araguaia, rio Tesouras, rio das Almas[1], Inhumas, Filadélfia).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, novembro 5 e 8 (1936); ♀, OLALLA, novembro 16 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 7 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♀♀, OLALLA março 31 e abril 6 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 25 (1934).

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, fevereiro 4 (1935); ♀, OLALLA, fevereiro 23 (1935).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, julho 5 (1935).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, mar. direita): ♀, OLALLA, julho 1 (1936); sexo ?, OLALLA, julho 17 (1936).

Maranhao

Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, maio 10 (1906)

Baía

Belmonte: ♀, GARBE, agosto (1919).

Madre de Deus: 2 ♀♀, OLIV. PINTO, janeiro 28 (1933) e janeiro 18 (1942); sexo ?, OLIV. PINTO, fevereiro 5 (1942).

Espirito Santo

Pau Gigante: ♂, P. MELLO BRITTO, novembro 15 (1940).

Rio São José: ♂, OLALLA, setembro 17 (1942)

Guaraparí: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, outubro 10 (1942)

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂, JOSÉ LIMA, junho 27 (1941).

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♀, OLALLA, setembro 11 (1941).

---

(1) Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XX, p. 114 (1936).

Minas Gerais
Baixo Piracicaba (estação de Calado): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 19, 21 e setembro 2 (1940); ♂, W. GARBE, agosto 23 (1940) 5 ♀ ♀ OLALLA, agosto 18, 21 e 23, setembro 6 (1940).

São Paulo
Ilha de São Sebastião: ♀, H. PINDER, outubro 7 (1896).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, outubro 19 (1898).
Jundiaí: sexo ?, SCHROTTKY, setembro (1899).
Ituverava: ♀, GARBE, julho (1911).
Olimpia: ♀, GARBE, novembro (1916).
Ilha dos Alcatrazes: ♂, PINTO DA FONSECA, outubro 25 (1920).
Braunau: ♀, LIMA, julho 1 (1928).
Icatú: ♂, LIMA, julho 6 (1928).
Vanuire: ♂, LIMA, agosto 19 (1928).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): 1 ♂ e 4 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, abril 6 (1940).
Faz. Varjão (Lins): 3 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 31 e fevereiro 6 (1941); 2 sexos ?, OLALLA, fevereiro 9 e 13 (1941).
Silvânia: sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 4 (1943).

Goiaz
Nova Roma: ♂, JOSÉ BLASER, outubro 25 (1932).
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 11 (1934); ♀, OLIV. PINTO, setembro 3 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 10 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): sexo ?, OLIV. PINTO, novembro 3 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. GARBE, maio 15 (1940).

Mato Grosso
Rondonópolis: ♂, OLIV. PINTO, agosto 27 (1937).
Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, outubro 4 (1937).
Usina Santo Antonio (rio Cuiabá): ♀, OLIV. PINTO, setembro 9 (1937).

Gênero CONOPIAS Cabanis & Heine

Conopias CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 62. Tipo, por monotipia, *Tyrannula superciliosa* SWAINSON[1] (= *Muscicapa trivirgata* WIED).

Conopias trivirgata trivirgata (Wied) [V, 134]

Muscicapa trivirgata WIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III. p. 871: "Bahia" (subentende-se sul da Baía).
Conopias trivirgata SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV. p. 173; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 286.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), nordeste do Paraguay (Alto Paraná, Puerto Bertoni, Sa-

(1) *Tyrannula superciliosa* SWAINSON, 1836?, Orn. Draw., pte. 4, pl. 43: "Brazil" (como pátria sugiro a Baía).

pucay), sudeste do Brasil: São Paulo (Ipanema, Jaboticabal), Espírito Santo (Braço do Sul), sul da Baía (*ex* WIED).

BRASIL

São Paulo

Jaboticabal: ♂, LIMA, setembro 25 (1900).

Conopias trivirgata berlepschi Snethlage[1] [V, 135]

Conopias trivirgata berlepschi SNETHLAGE, 1914, Orn. Monatsber., XXII, p. 42: Faro (rio Jamundá, marg. septentr. do baixo Amazonas); idem, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 385.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Manacapurú, Tefé) e rio Amazonas (Itacoatiara, Parintins, Óbidos), rio Negro (Manaus, igarapé Cacau Pereira), rio Jamundá (Faro), rio Madeira (Borba, igarapé Auará, Rosarinho), rio Tapajoz (Santarém, igarapé Amorim, Caxiricatuba, Tauarí, Pinhí).

BRASIL

Amazonas

Manaus (boca do rio Negro): ♀, OLALLA, junho 12 (1935).

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 8 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, março 31, abril 6 e 8 (1937); 2 ♀♀, OLALLA, março 31 e abril 8 (1937); sexo ?, OLALLA, abril 6 (1937).

Gênero CORYPHOTRICCUS Ridgway

Coryphotriccus RIDGWAY, 1906, Proc. Biol. Soc. Wash., XIX, p. 115. Tipo *Pitangus albovittatus* LAWRENCE[2].

Coryphotriccus parvus parvus (Pelzeln) [V, 136]

Pitangus parvus PELZELN, 1868, Orn. Bras., p. 111 e 181: Marabitanas (alto rio Negro); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 179.

Conopias parva SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 385.

---

(1) Sobre os caracteres da raça, em confronto com a forma típica, cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XX, p. 236 (1936). Informes importantes sobre a sua distribuição encontram-se em ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 963, p. 18, 1937) e em GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 276, 1941). O exemplar de Manacapurú foi por mim divulgado na Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 584 (1937).

(2) *Pitangus albovittatus* LAWRENCE, 1862, Ibis, IV, p. 11: ístmo de Panamá.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Camacusa, Ourumee, montes Merumé, rio Carimang, rio Ituribisci, rio Supenaam), Holandesa e Francesa (Oyapock) e noroeste extremo do Brasil: alto rio Negro (Marabitanas).

Gênero **MYIOZETETES** Sclater

Myiozetetes Sclater, 1859, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVII, p. 46. Tipo, por designação original, "*Elainia cayennensis*" (= *Muscicapa cayanensis* (Linnaeus)).

Myiozetetes cayanensis cayanensis (Linnaeus) [V, 138]

Bentivizinho.

Muscicapa cayanensis Linnaeus, 1766, Syst. Nat., I, p. 327 (com base em *Muscicapa cayanensis* de Brisson, Orn., II, p. 404): Cayenne (Guiana Francesa).

Myiozetetes cayennensis Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 160, parte.

Myiozetetes cayanensis Iher. & Ihering, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 285; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 386.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Caquetá, La Morelia, Villavicencio), leste extremo da Venezuela (delta do Orenoco), Guianas Inglesa (Roraima, Bartica Grove, Georgetown), Holandesa (viz. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Mahury), Brasil septentrional e central: rio Branco (serra da Lua), Itacoatiara, Óbidos, igarapé Bravo, Arumanduba, rio Tapajoz (igarapé Brabo, Santarém), ilha Mexiana, distrito este-paraense (rio Mojú, rio Muriá, rio Irirí, Belém, Prata, Ipitinga, Santo Antônio, Providência, Quatipurú, igarapé Assú, Benevides), Maranhão (Turiassú, São Bento, Anil, Miritiba), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Araguaia, ilha do Bananal, rio das Almas, rio Uruú, Inhumas), Mato Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama, Tapirapoã, Cuiabá, Chapada, rio das Mortes, Descalvados), oeste de Minas Gerais (rio Jordão, perto de Araguarí).

Colômbia

Cauca: ♂, W. B. Richardson, abril 5 (1911).
Rio Magdalena: ♀, Chapman & Cherrie, fevereiro 4 (1913).

Brasil

Amazonas
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, Olalla, março 2 e 6 (1937); 3 ♀♀, Olalla, março 6 e 11, abril 29 (1937).

Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, abril 4 (1935).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, margem esquerda): ♀, OLALLA, abril 5 (1935).
Maranhão
Miritiba: ♂, SCHWANDA, abril 12 (1908).
Goiaz
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 10 (1934).
Mato Grosso
Santo Antônio (Cuiabá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 7 (1937).
Vale do Araguaia: sexo ?, Bandeira Anhanguera (1937).

Myiozetetes cayanensis erythropterus (Lafresnaye)[1] [V, 137]

Tyrannula erythroptera LAFRESNAYE, 1853, Rev. Magaz. Zool., V, p. 56: Brésil (para localidade típica sugiro o Rio de Janeiro).
Myiozetetes erythropterus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 159.
Myiozetetes cayanensis erythroptera IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 285.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Rio de Janeiro, leste de Minas Gerais (Santa Fé, baixo Piracicaba, São José da Lagoa).

BRASIL
Minas Gerais
Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♂♂, OLALLA, agosto 22 e setembro 7 (1940); ♀, OLALLA, setembro 7 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagôa): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 26 e 29 (1940); 2 ♀♀, OLALLA, setembro 26 e 29 (1940).

Myiozetetes similis similis (Spix) [V, 141]
Bem-te-ví pequeno, Bentevizinho.

Muscicapa similis SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 18, parte; "ad flumen Amazonum" (localidade típica, foz do rio Madeira, sugerida por ZIMMER)[2].

---

(1) Cf. HELLMAYR, Abhandl. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XX, p. 650, (1906); idem, Novit. Zool., XV, p. 49 (1908). A raça, à primeira vista, se distingue da forma típica de *M. cayanensis*, pelo maior tamanho e maior extensão da porção ferrugínea das rêmiges. Tem área muito circunscrita, mas existe em abundância no baixo rio Piracicaba, afluente da margem esquerda do rio Doce.
(2) Cf. J. T. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.º 963, p. 19 (1937). Nesse trabalho, com abundante e adequado material, concluiu o autor pela inseparabilidade das aves este-peruanas e amazônicas, reduzindo assim *Myiozetetes similis connivens* BERL. & STOLZMANN, 1906 (Ornis, XIII, p. 37: Santa Ana, Urubamba, Perú) à sinonímia de *M. s.*

Myiozetetes similis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 161; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 286, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 387.

Distribuição[1]. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Puerto Bertoni), leste da Bolívia (Santa Cruz), do Perú (vale do Urubamba, Moyobamba, rio Tavara, Pozuzo, Vista Alegre, Yurimaguas, rio Ucayali, Sarayacu, Nauta, Iquitos) e do Equador (Zamora, Mapoto, rio Suno, foz do Curaray), sudeste da Colômbia (rio Caquetá, Villavicencio, La Morelia, Buena Vista) sul e leste da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, base do monte Duida), Brasil amazônico: rio Solimões (Tefé, Manacapurú), rio Negro (Manaus, Avojutuba, igarapé Cacau Pereira, Muirapinima, Tauapeassú), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Cachoeira, Monte Verde), rio Madeira (Borba, Santo Antônio do Guajará), rio Tapajoz (igarapé Brabo), baixo Amazonas (Itacoatiara, Parintins, Faro, Monte Alegre, igarapé Boiussú, foz do Curuá do Sul).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esq.): ♂, Camargo, setembro 28 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 13 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda: ♂, OLALLA, janeiro 29 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, dezembro 9, 11 e 26 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, março 4 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, março 6 e 22, abril 8 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 27 (1937).

Pará

Porto Alegre: ♂, GARBE, julho (1920).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, abril 4 e 5 (1935).

---

similis (SPIX). Concorda todavia em separar as populações este-brasileiras da espécie. Como verificara HELLMAYR pelo estudo acurado dos tipos (cf. Abh. K. Bayr. Akad. Wissens., XXII, 1906, p. 650), sob *Muscicapa similis* confundira SPIX as duas espécies que hoje nomeamos *Myiozetetes cayanensis* e *Myiozetetes similis*, baseando porem sua descrição principalmente na última. As diferenças que entre ambas existem, nem sempre muito fáceis de apreciar, são analisadas pormenorizadamente pelo autor.

(1) Não se acham ainda satisfatoriamente conhecidos os limites da distribuição de *Myiozetetes similis similis*, tanto com relação a *M. s. pallidiventris* quanto a *M. s. columbianus* CABAN. & HEINE, raça peculiar à porção oeste-septentrional extrema da América do Sul (norte da Venezuela, norte e oeste da Colômbia) e sul da América Central (sudoeste de Costa Rica, Panamá). À forma típica concordam todavia os autores em referir as aves das repúblicas limítrofes do Brasil ocidental (cf. LAUBMANN, Wissens. Ergebn. Deuts Gran Chaco-Exped., 1930, p. 221).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♀♀, Olalla, abril 10 e 25 (1935).
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, Olalla, maio 4 (1935).
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 2 ♂♂, Olalla, dezembro 5 e 28 (1936); 3 ♀♀, Olalla, dezembro 4, 25 e 30 (1936).

Myiozetetes similis pallidiventris Pinto

Myiozetetes similis pallidiventris Pinto, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 212: ilha de Madre de Deus (no recôncavo da baía de Todos os Santos, Baía).
Myiozetetes similis Sclater (*nec* Spix), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 141, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 286, parte.

Distribuição. — Brasil oriental e meridional: leste do Pará (Belém)[1], Maranhão (Miritiba, Cadó, Rosário), Piauí (Arara), Ceará (serra de Baturité), Pernambuco (Tapera, Itamaracá), Baía (Recôncavo, ilha de Madre Deus, rio Gongogí, Bom Jesus da Lapa), Espírito Santo (Pau Gigante, lagoa Juparanã, Chaves, Guaraparí), Mínas Gerais (rio Doce, rio Piracicaba, São José da Lagoa, rio São Francisco, Pirapora, Brejo Januária, Santa Fé), leste de Goiaz (Barra do rio São Domingos)[2], Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Angra dos Reis, rio Muriaé), São Paulo (Piassaguera, Iguape, Juquiá, Monte Alegre, Piracicaba, Cajurú, Ituverava, Bebedouro, Baurú, Lins, Valparaizo), Paraná (Terezina, Cândido de Abreu)[3], Santa Catarina (*ubi?*).

Brasil

Pernambuco

Itamaracá: ♀, Oliv. Pinto, dezembro 31 (1938).

---

(1) Ainda não foi acertado sob que raça melhor convem arrolar as aves da região de Belém e leste do Pará, ordinariamente referidas hipotèticamente à forma típica. De resto, muito tênues são as diferenças entre as aves amazônico-peruanas e este-brasileiras, como frizara Zimmer (cf. Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XVII, 1930, p. 373), ao reconhecer apenas nas primeiras "rufecência um pouco menor da orla das rêmiges e, às vezes, tonalidade um pouco mais amarelada da garganta e dos supercílios, com um dorso em média um pouco mais verde".

(2) Por lamentavel inadvertência referí alhures (Rev. Mus. Paul., XX, 1936, p. 112) à presente forma exemplares de *M. c. cayanensis* colecionados no sul de Goiaz (Inhumas e rio das Almas). Todavia a ocorrência de *M. similis* nesse estado central é documentada agora por uma ♀ autêntica da Barra do rio São Domingos (perto de Nova Roma, a leste do estado), colecionada por J. Blaser em agosto de 1932.

(3) Cf. Sztolcman, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 174 (1926). O autor, não diz com que fundamento, dá a "Bahia" como "terra típica" da espécie.

Tapera: ♂, Oliv. Pinto, dezembro 20 (1938); 2 ♀ ♀, Oliv. Pinto, dezembro 18 e 20 (1938).

Baía

Cidade da Barra: ♀, Garbe, outubro (1913).

Madre de Deus: ♂, W. Garbe, janeiro 12 (1933); ♂, Camargo, janeiro 14 (1933); 2 ♀ ♀, Oliv. Pinto, fevereiro 5 (1933) e fevereiro 6 (1942).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♀, L. C. Ferreira, outubro 25 (1940).

Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, Oliv. Pinto, setembro 1 (1942); ♀, Olalla, agosto 23 (1942).

Guaraparí: ♂ ad., Olalla, outubro 16 (1942); ♀ ad., Olalla, outubro 15 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, José Lima, junho 27 (1941).

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, Olalla, setembro 10 (1941); sexo ?, Olalla, setembro 13 (1941).

Minas Gerais

Pirapora: ♀, Garbe, maio (1912).

Ipatinga (rio Doce): ♂, Olalla, agosto 31 (1940).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, Olalla, setembro 7 (1940); 2 ♀ ♀, Olalla, agosto 19 e 24 (1940).

Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♀ ♀, Olalla, setembro 27 e 29 (1940).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. Krone (1896).

Tietê: ♂, H. Pinder, abril 13 (1897).

Rio das Pedras: ♂, J. Zech, julho 10 (1897).

Cajurú: ♂, E. Dente, maio 14 (1943).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, Oliv. Pinto, maio 18 (1940); 2 ♀ ♀, Olalla, maio 13 e 15 (1940).

Faz. Varjão (Lins): ♂, Olalla, janeiro 28 (1941); sexo?, Olalla, fevereiro 13 (1941).

Monte Alegre: ♀, José Lima, agosto 1 (1942).

Bebedouro: ♂, Garbe, abril (1904).

Olímpia: ♂, Garbe, novembro (1916).

Rio Feio: ♀, Franz Günther, junho 25 (1905).

Ituverava: ♂, Garbe, abril (1911).

Piassaguera: ♀, C. Maass, abril 2 (1911).

Lins. ♂, Lima, maio 10 (1914).

Goiaz

Barra do rio São Domingos: ♀, José Blaser, agosto 15 (1932).

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. Garbe, setembro 28 (1941).

Myiozetetes granadensis obscurior Todd [V, 146]

Myiozetetes granadensis[1] *obscurior* Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 95: São Paulo de Olivença (rio Solimões, margem direita).

---

(1) *Myiozetetes granadensis* Lawrence, 1862, Ibis, IV, p. 11: Panama Railroad. A raça típica da espécie extende-se da América Central (Costa Rica, Panamá) até a porção transandina da Colômbia, Equador e norte do Perú.

Myiozetetes granadensis SCLATER (*nec* LAWRENCE), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 163, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 387.

Distribuição. — Sul da Venezuela (rio Caura, rio Cunucunumá), leste da Colômbia (Villavicencio), do Equador (rio Napo, rio Coca, rio Curaray) e do Perú (rio Ucayali, Sarayacu, foz do Urubamba, Moyobamba, Cosnipata, Yurimaguas, Yahuarmayo, Tarapoto, serra de Carabaya), norte da Bolívia (Todos os Santos) e Brasil oeste-septentrional: rio Solimões (Olivença), rio Purús (Bom Lugar).

Myiozetetes luteiventris (Sclater) [V, 146]

Elaenia luteiventris SCLATER, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVI, p. 71: rio Napo (Equador).
Myiozetetes luteiventris SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 164.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Putumayo), leste do Equador (rio Napo, rio Pastaza, Sarayacu), nordeste do Perú (Nauta) e Brasil amazônico: alto rio Negro (Marabitanas), rio Juruá, rio Madeira (Borba), rio Tapajoz (Vila Braga)[1].

BRASIL
Amazonas
Rio Juruá: ♂, GARBE, novembro (1902).

Gênero TYRANNOPSIS Ridgway

Tyrannopsis RIDGWAY, 1905, Proc. Biol. Soc. Wash., XVIII, p. 209. Tipo, por designação original, *Muscicapa sulphurea* SPIX.

Tyrannopsis sulphurea (Spix) [V, 147]

Muscicapa sulphurea SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 16, tab. XX: "in Brasilia" (como pátria típica sugiro Manaus).
Myiozetetes sulphureus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 164; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 286.
Tyrannopsis sulphureus SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 387.

Distribuição. — Leste do Perú (Chamicuros, Rioja, Yurimaguas) e do Equador (Sarayacu), Venezuela (rio Orenoco, Caicara), Trinidad, Guianas Inglesa (rio Demerara, Bartica Grove, rio Bonasika), Holandesa (Surinam) e Francesa

(1) Exemplares do Mus. Nac. do Rio de Janeiro, colecionados por E. SNETHLAGE, em 26 de junho de 1917 (exam. pelo autor).

(Cayenne, rio Approuague), Brasil amazônico: rio Solimões (Codajaz), rio Negro (Manaus), Itacoatiara, Amapá, Counaní, rio Juruá (João Pessoa), rio Tapajoz (Santarém, Diamantina), ilha de Marajó (Sant'Ana), distrito este-paraense (rio Acará, rio Inhangapí, rio Muriá), norte do Maranhão (São Luiz), este de Goiaz (nascentes do rio Araguaia)[1].

BRASIL

Amazonas

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 23 (1935).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 4 ♂ ♂, OLALLA, outubro 17, dezembro 5, 7 e 11 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 11 (1936) e janeiro 27 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, abril 2 (1937); ♀, OLALLA, abril 1 (1937); sexo ?, OLALLA, abril 2 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 25 (1934).

Gênero **PITANGUS** Swainson

Pitangus SWAINSON, 1826, Zool. Journ., III, p. 165. Tipo, por designação original, *Tyrannus sulphuratus* VIEILLOT (= *Lanius sulphuratus* LINNAEUS).

Pitangus sulphuratus sulphuratus (Linnaeus) [V, 151]

Bem-te-ví, Pituã, Triste vida.

Lanius sulphuratus LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I. p. 137 (com base em "Lanius cayanensis luteus" de BRISSON, Orn., II, p. 176, pl. 16): Caienne.

Pitangus sulphuratus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 176, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 286; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 385.

Distribuição. — Nordeste do Perú (Iquitos, rio Ucayali, Santa Rosa, Puerto Indiana, Nauta, Tarapoto, Moyobamba, Yurimaguas), leste do Equador (Sarayacu, rio Napo, foz do Curaray), Guianas Inglesa (Georgetown, rio Essequibo, Demerara, Bartica Grove), Holandesa (Surinam, Albina) e Francesa (Cayenne, Approuague, Mana, Ouanary), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Manacapurú), rio Negro (Manaus, igarapé Cacau Pereira, Muirapinima, Javanarí, Santa Maria, Tabocal, Jucabí,

---

(1) Cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Serv., XII, p. 312 (1929).

Santa Isabel, São Gabriel), rio Branco (Forte do Rio Branco, Boa Vista, serra da Lua)[1], Itacoatiara, rio Anibá, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, igarapé Boiussú, rio Juruá (João Pessoa), rio Madeira (Borba, Rosarinho, igarapé Auará, Santo Antônio do Guajará), Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Diamantina, Aramanaí, igarapé Brabo), rio Curuá, rio Xingú (Vitória, Porto de Moz, Tapará), rio Tocantins (Arumateua, Baião, Mocajuba), ilha de Marajó (Pacoval), ilha Mexiana, leste do Pará (Belém, Val-de-Cans, Peixe-Boi, Quatipurú, Capanema, Benevides).

GUIANA INGLESA

"Demerara": sexo? (compr. de v. BERLEPSCH, janeiro 1905).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, CAMARGO, setembro 22 e 24 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, novembro 5 (1936); sexo ?, OLALLA, novembro 7 (1936).

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, novembro 25 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, dezembro 7 e 19 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, dezembro 11 (1936), março 8, maio 26 e 31 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 9 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, junho 25 (1934) e maio 6 (1935); ♀, OLALLA, junho 22 (1934).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, abril 18 e 26 (1935); ♀, OLALLA, abril 23 (1935).

Bom Jardim (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, março 24 (1936).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♀, OLALLA, dezembro 28 (1936).

Pitangus sulphuratus trinitatis Hellmayr [V. 150]

Pitangus sulphuratus trinitatis HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 24: Caparo (Trinidad).

Pitangus derbianus[2] subsp. *rufipennis* SCLATER (*nec* LAFRESNAYE)[3], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 176, parte.

---

(1) Exemplares registrados por HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. 5, 1927, p. 152).

(2) *Saurophagus derbianus* KAUP, 1852, Proc. Zool. Soc. Lond., XIX, p. 44: Zacatecas (Mexico).

(3) *Saurophagus rufipennis* LAFRESNAYE, 1851, Rev. Magaz. Zool., 2a. Ser., III, p. 471: Caracas (Venezuela).

Distribuição. — Ilha de Trinidad (Caparo, Pointe Gourde, Princestown, Aripo), nordeste da Venezuela (delta do Orenoco, Las Barrancas, península de Paria, prov. Sucre, El Pilar), extremo norte do Brasil, na região dos formadores do rio Branco: rio Surumú (Frechal), rio Cotingo (Limão)[1].

Pitangus sulphuratus maximiliani (Cabanis & Heine) [V, 152]
Bem-te-ví, Bem-te-ví de corôa (Baía).
Pitanguá (Juquiá).

Saurophagus maximiliani CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 63: "Brasilien" (= Baía, *fide* HELLMAYR).
Pitangus sulphuratus SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 176, parte.
Pitangus sulphuratus maximiliani IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 287.

Distribuição. — Leste da Bolívia (rio Beni, rio Mamoré, Trinidad), Brasil central e oriental: Maranhão (Primeira Cruz, Rosário, ilha Mangunça)[2], Piauí (Ibiapaba, rio Parnaíba, União), Pernambuco (Recife, Pau d'Alho, Itamaracá), Baía (cid. do Salvador e todo Recôncavo, ilha de Madre de Deus, Curupeba, Aratuípe, rio Grande), Espírito Santo (Porto Cachoeiro, Pau Gigante, rio S. José, Chaves, Guaraparí), Minas Gerais (Congonhas, Vargem Alegre, Lagoa Santa, Maria da Fé, São José da Lagoa, rio Doce, barra do Sussuí), Rio de Janeiro (Cantagalo, rio Muriaé, lagoa Feia, Porto Real, Itatiaia), São Paulo (cid. de São Paulo, Ipiranga, Pilar, serra de Bananal, São Sebastião, Piquete, Juquiá, Cananéia, ilha do Cardoso, ilha dos Alcatrazes, Ipanema, Itatiba, Monte Alegre, São José do Rio Pardo, Cajurú, Franca, Bebedouro, Silvânia, Macaúbas, Icatú, Lins, Porto Cabral, Porto Epitácio), Paraná (Vera Guaraní, Marechal Mallet, Salto de Ubá,

(1) Estas ocorrências no alto rio Branco (confins com a Venezuela), até onde quase sobe a forma típica da espécie, baseiam-se no testemunho de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N° 963, pags. 24 e segs., 1937), quando estuda as relações geográficas das raças sul-americanas de *P. sulphuratus*.

(2) Aves da zona costeira do Maranhão, observa HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 312, 1929), poderão talvez com mais propriedade ser referidas à forma típica, a que muito caracterizadamente parecem filiar-se as da região de Belem do Pará (cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 277, 1941). Mais confusas e muitas vezes discutidas são ainda as relações entre *P. s. maximiliani* e *P. s. bolivianus*, cujas áreas geográficas só muito arbitrariamente podem ser delimitadas. Neste particular, as conclusões dos recentes estudos de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N° 963, p. 26) estão em perfeita harmonia com as de HELLMAYR (Cat. Bds. of the Americas, V, 1927, p. 153), conservando tambem atualidade as considerações por mim expendidas anos atraz (cf. Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. parte, 1932, p. 769).

Cara Pintada), Santa Catarina (Blumenau), Mato Grosso (rio Paraná, Paredão, Campo Grande, Aquidauana, Miranda, Corumbá, Cuiabá, Santo Antônio, Coxim, Abrilongo, rio Guaporé, Eng. do Gama), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Tesouras, Jaraguá, Inhumas).

BRASIL

Maranhão

Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, setembro 1 (1906).

Pernambuco

Itamaracá: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, janeiro 1 e 3 (1939).

Baía

Aratuípe: ♀ CAMARGO, novembro 11 (1932).
Curupeba: ♀, OLIV. PINTO, fevereiro 20 (1933).
Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, fevereiro 2 (1942).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (=Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, novembro (1905).
Pau Gigante: ♂, G. DUTRA, outubro 6 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLIV. PINTO, setembro 4 (1942).
Rio S. José: ♂, OLALLA, setembro 20 (1942).
Guarapari: ♂ im., OLALLA, outubro 14 (1942).

Rio de Janeiro

Lagoa Feia (Ponta Grossa): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 1 (1941); ♀, E. DENTE, setembro 7 (1941).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, E. DENTE, setembro 10 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
Rio Pandeiro: ♂, JOSÉ BLASER, janeiro 1 (1932).
Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): 1 ♂ juv. e 1 ♀, OLIV. PINTO, janeiro 8 (1936).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 18 (1940); ♀, OLALLA, setembro 3 (1940); ♀, W. GARBE, agosto 19 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♀, OLALLA, setembro 19 (1940).
Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, setembro 26 (1940); ♀, OLALLA, outubro 2 (1940).

São Paulo

Piquete: ♂, J. ZECH, setembro (1896).
São Sebastião: ♀, H. PINDER, setembro 21 (1896).
S. José do Rio Pardo: ♂, SCHROTTKY, maio 12 (1900).
Franca: ♂, DREHER, julho 16 (1902).
Bebedouro: ♀, GARBE, abril (1904).
Ilha dos Alcatrazes: ♂, PINTO DA FONSECA, outubro 14 (1920); [illegible], PINTO DA FONSECA, outubro 18 (1920)
Pilar: ♂, LIMA, agosto (1925).
Itatiba: ♂, LIMA, agosto 16 (1925).
Presidente Epitácio (rio Paraná): ♀, LIMA, junho 4 (1926).
Icatú: ♂, LIMA, julho 16 (1928).
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 10 (1931).
Ilha do Cardoso (Cananéia): sexo ?, WORONTZOW, agosto 25 (1934).
Morrete (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 13 (1934).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂ juv., C. VIEIRA, março 7 (1939).

Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂, JOSÉ LIMA, abril 6 (1940); ♀, JOSÉ LIMA, março 26 (1940).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, OLALLA, maio 12 (1940).
Faz. Varjão (Lins): 2 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 27 e fevereiro 13 (1941); 2 ♀ ♀, OLALLA, fevereiro 9 e 14 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, E. DENTE, agosto 25 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 8 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 20 (1943).
Cajurú: ♀, E. DENTE, maio 10 (1943).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, agosto 26 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂ juv. ?, JOSÉ LIMA, outubro 30 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, novembro 9 (1934).

Mato Grosso

Campo Grande: ♀, JOSÉ LIMA, julho 29 (1930).
Miranda: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 3 (1930).
Aquidauana: ♂. JOSÉ LIMA, agosto 6 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 16 (1937).
Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 6 (1937).
Barra do Paredão (rio Paraná): ♀, C. VIEIRA, novembro 9 (1939).

Pitangus sulphuratus bolivianus (Lafresnaye) [V, 153]

Bem-te-ví.

Saurophagus bolivianus LAFRESNAYE, 1852, Rev. Magaz. Zool., 2ª. Ser., IV, p. 463: Chuquisaca (Bolívia).
Pitangus bolivianus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 177.
Pitangus sulphuratus bolivianus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 287.

Distribuição. — Terras altas do sul e centro da Bolívia (Cochabamba, Tarija, rio Pilcomayo, Santa Cruz, Sucre), norte e leste da Argentina (Formosa, Salta, Tucumán, Santa Fé, Corrientes, Entre Rios, Buenos Aires, Mendoza, Cordoba), Paraguay (Trinidad, Villa Rica, Alto Paraná, Puerto Bertoni, San José, Villa Concepción, Bernalcué), Uruguay (Montevideo, Paysandú, Maldonado, San Carlos), sul extremo do Brasil: Rio Grande do Sul (Taquara, Porto Alegre, São José do Norte, Torres).

ARGENTINA

La Plata (Buenos Aires): ♀, perm. Mus. Nac. de Hist. Nat. (1899).
Escobar (Buenos Aires): ♂, perm. Mus. Nac. de Hist. Nat. (1924).

BRASIL

Rio Grande do Sul

Taquara: sexo ?, H. IHERING, dezembro 11 (1882).
Nova Hamburgo: 2 ♀ ♀, A. SCHWARTZ, abril 26 e junho 27 (1898).
Itaquí: ♂, GARBE, setembro (1914).

Pitangus lictor lictor (Lichtenstein) [V, 154]

Bem-te-ví pequeno, Bentevizinho.

Lanius lictor LICHTENSTEIN, 1823, Vez. Doub. Berl. Mus., p. 49: "Pará" (= Belém).

Pitangus lictor SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 178, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 287; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 386.

Distribuição. — Nordeste do Perú (Iquitos, rio Ucayali, San Enrique), leste do Equador (rio Santiago) e da Colômbia (Bogotá), Venezuela (rio Orenoco, Altagracia, Ciudad Bolívar, rio Caura, Suapure, La Prición), Guianas Inglesa (Bartica Grove, Georgetown, rio Aremu, montes do alto Takutu). Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne), Brasil oeste-septentrional (Amazônia), central e oriental[1]: rio Branco (Forte do Rio Branco), rio Amazonas (Itacoatiara, Silves, Óbidos, Arumanduba), rio Anibá, igarapé Piaba, rio Madeira (Humaitá, Jamarizinho), rio Tapajoz (Santarém, Pinhel, Miritituba), rio Curuá, rio Xingú (Vitória), rio Tocantins, ilha de Marajó (Pindobal, São Natal), ilha Mexiana, rio Guamá (São Miguel), rio Capim (Ressaca), rio Acará, Ipitinga) e todo o distrito este-paraense (Belém, Peixe-Boi, Quatipurú), Maranhão (São Luiz, Boa Vista), Baía (rio Mucurí, Belmonte), Espírito Santo (rio Doce, Porto Cachoeiro, rio S. José), Rio de Janeiro (Cabo Frio), Goiaz (rio Meia Ponte, Inhumas), Mato Grosso (rio Piquirí, rio Guaporé, Engenho do Gama).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 8 ♂ ♂, OLALLA, março 19, 22, 23, 29, 30 e 31 (1937); 8 ♀ ♀, OLALLA, março 19, 22, 23, 27 e 31, abril 3, 5 e 8 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 16 (1937).

Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 6 (1937); ♀, OLALLA, julho 4 (1937).

Pará

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 28 (1936).

Maranhão

Bôa Vista: ♂, SCHWANDA, dezembro 5 (1906).

Baía

"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).

---

(1) Nesta vasta área de dispersão, é impossivel dizer-se ainda as regiões em que a espécie procria e as em que apenas ocorre como visitante acidental ou transitório. Este parece ser o caso nas partes do Brasil mais distantes da Amazônia.

Espírito Santo
Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, fevereiro (1906).
Rio S. José: ♀, OLALLA, setembro 17 (1942).

Goiaz
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 10 (1934).

Mato Grosso
Rio Piquirí (Coxim): ♀, LIMA, julho 4 (1930).

Subfamília MYIARCHINAE

Gênero MYIARCHUS Cabanis

Myiarchus CABANIS, 1844, Arch. f. Naturges., X, (1), p. 272: Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Muscicapa ferox* GMELIN.

Myiarchus tyrannulus tyrannulus (Müller) [V, 163 e 164]

Muscicapa tyrannulus P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 169 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 571, fig. 1): Cayenne (Guiana Francesa).
Myiarchus tyrannulus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 251, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 293.
Myiarchus tyrannulus chlorepiscius[1] IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 293, parte.

Distribuição. — Norte da Colômbia (Santa Marta, baixo Magdalena), Venezuela (Cumaná, Caracas, Puerto Cabello, rio Aurare), ilhas Margarita e Trinidad, Guianas Inglesa, Holandesa e Francesa, leste do Perú (alto Marañon, rio Ucayali, vale do Urubamba) e da Bolívia (Santa Cruz, San Miguel, Tarija), Paraguay (Puerto Pinasco, rio Negro, Forte Wheeler, Puerto Asir), norte da Argentina (Formosa, Salta, Corrientes, Tucumán, Catamarca, Santa Fé, Cordoba), extremo norte e sudeste do Brasil: norte extremo do Amazonas (alto rio Branco, rio Surumú, rio Cotingo)[2], Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, rio Guaporé, Urucúm, Corumbá, Salobra, Miranda, Campo Grande, Coxim).

---

(1) *Myiarchus tyrannulus chlorepiscius* BERLEPSCH & LEVERKÜHN (Ornis, VI, p. 16, 1890), cuja pátria típica é Cuiabá, afigura-se-me, assim como a ZIMMER (op. cit., p. 2), inseparavel de *M. t. tyrannulus.*

(2) Divergem os autores com relação às aves desta zona, pois enquanto HELLMAYR (Cat. Birds of the Americas, V, p. 164) refere à forma típica exemplares da serra Grande (alto rio Branco), espécimes dos rios Surumú e Cotingo são por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 994, p. 2, 1938) considerados inseparáveis dos do baixo Amazonas, filiados unanimemente à *M. t. bahiae.*

BRASIL

Mato Grosso

Corumbá: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1917).
Campo Grande: ♂, LIMA, julho 26 (1930).
Miranda: ♂, LIMA, agosto 5 (1930).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, OLIV. PINTO, agosto 6 (1937).
Cuiabá: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 22 (1937).
Salobra: 2 ♂♂, Exp. a Mato Grosso, julho 21 e 23 (1939); ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 20 (1941); ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 21 (1939).

Myiarchus tyrannulus bahiae Berlepsch & Leverkühn [V, 165]
Maria cavaleira.

Myiarchus bahiae BERLEPSCH & LEVERKÜHN, 1890, Ornis, VI, p. 17, no texto: Baía (pátria típica) e Goiaz.
Myiarchus tyrannulus SCLATER (*nec* MÜLLER), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 251, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 388.
Myiarchus tyrannulus bahiae IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 294.

Distribuição. — Brasil septentrional e oriental: baixo Amazonas (Monte Alegre, Óbidos, lago Cuipeva, igarapé Bravo, igarapé Boiussú), rio Jamundá (Faro), rio Tapajoz (Santarém, Itaituba), rio Xingú, rio Tocantins (Cametá), Maranhão (Turiassú, São Luiz, ilha Mangunça), Piauí (Parnaguá, Arara), Ceará (Juá)[1], Baía (Joazeiro, Santo Amaro, Lamarão, Belmonte), Espírito Santo (Guaraparí), Rio de Janeiro (Campos, rio Muriaé, Cabo Frio), São Paulo (Campinas, Capivarí, Pirassununga, Itararé, Ipanema, Franca, Bebedouro, Rincão, Vitória, Glicério, Itapura), ? Paraná (Fazenda Concórdia)[2], Minas Gerais (Lagoa Santa), Goiaz (Inhumas, rio das Almas, cid. de Goiaz, rio Araguaia, Leopoldina), sudeste extremo de Mato Grosso (Três Lagoas)[3].

---

(1) A grande variabilidade de colorido da plumagem em *M. t. bahiae*, deixa pouca probabilidade de validez a *M. t. pallescens* CORY, 1916 (Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 343), com base em dois exemplares de Juá (perto de Igatú).

(2) A identidade do exemplar desta procedência registrado por SZTOLCMAN (Ann. Mus. Polon. Hist. Nat., V, 1926, p. 177) deixa margem a dúvida.

(3) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. parte, 1932, p. 85. Não são perfeitamente comparaveis entre si os exemplares colecionados em Três Lagoas. Às rectrizes externas da maioria deles falta quase inteiramente a margem côr de ferrugem, como nas aves de leste do Brasil e muito especialmente nas do baixo Amazonas; n'alguns, porem (no Nº 12.645, p. ex.), todas as rectrizes possuem a margem interna ferruginosa, à semelhança dos de oeste de Mato Grosso. *Myiarchus tyrannulus czakii* SZTOLCMAN (Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, 1926, p. 176), baseado em vários exemplares do Paraná (tipo de Salto de Guaira), parece, pela descrição, nada ter

BRASIL
Pará
Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀ OLALLA, fevereiro 6 (1935).
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, abril 5 (1935).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 12 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 11 (1935).
Baía
"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).
Belmonte: ♀, GARBE, agosto (1919).
Espírito Santo
Guaraparí: ♂ ad., OLALLA, outubro 17 (1942); ♀, OLALLA, outubro 19 (1942).
Rio de Janeiro
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 13 (1941); sexo?, OLIV. PINTO, setembro 13 (1941).
São Paulo
Rincão: ♀, EHRHARDT, fevereiro 26 (1901).
Pirassununga: ♂, GARBE, março (1903).
Itararé: 2 ♀ ♀, GARBE, agosto e setembro (1903).
Bebedouro: ♀, GARBE, março (1904).
Itapura: ♂, GARBE, agosto (1904).
Capivarí: ♀ ?, LIMA, maio 10 (1926).
Glicério: 1 ♂, 1 ♀ e 1 sexo?, LIMA, junho 18 (1928).
Icatú: ♂, LIMA, julho 4 (1928).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 27 (1941); 2 ♀ ♀, OLALLA, janeiro 27 e 29 (1941); sexo ?, OLALLA, janeiro 23 (1941).
Goiaz
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, W. GARBE, outubro 3 (1934); ♀, W. GARBE, outubro 16 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 20 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 4 (1934).
Mato Grosso
Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho 12 (1931); ♀, JOSÉ LIMA, julho 28 (1931).

Myiarchus swainsoni pelzelni Berlepsch [V, 171]

Myiarchus pelzelni BERLEPSCH, 1883, Ibis 4.ª Ser., I, p. 39: Baía; SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 255; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 294; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 589.

---

que vêr com as formas do grupo, mas tratar-se, pelo contrário, de jovens de uma das espécies brevicaudadas, *Myiarchus swainsoni* mais provavelmente. Convem assinalar que exemplares com margem interna ferrugínea em todas as rectrizes ocorrem mesmo em São Paulo (os de Pirassununga e Rincão estão neste caso).

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (Caquetá), leste do Perú (vale do Urubamba) e norte da Bolívia (rio Mamoré), Brasil este-septentrional e central: rio Xingú (Tapará), ilhas do delta (Marajó, Mexiana), Maranhão (São Bento, rio Parnaíba), Piauí, Ceará (Juá), Baía (rio Grande, Joazeiro, Bonfim, Itaparica, Madre de Deus), Minas Gerais (São José da Lagoa, baixo Piracicaba), norte de São Paulo (Campos do Jordão), Goiaz (rio das Almas, Inhumas), Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba, Aquidauana, Urucúm, Tapirapoã).

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, maio 6 (1935).

Baía

"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).

Joazeiro: ♂, GARBE, novembro (1907).

Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, junho (1908); 2 ♀ ♀, GARBE, março (1908).

Madre de Deus: sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 21 (1933); 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, janeiro 1 e fevereiro 20 (1942).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, OLALLA, setembro 7 (1940).

Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 4 ♂ ♂, OLALLA, setembro 27 e 28, outubro 3 e 4 (1940); ♀, OLALLA, setembro 28 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 27 (1940).

São Paulo

Campos do Jordão: ♂, H. LÜDERWALDT, dezembro 6 (1905); ♀, H. LÜDERWALDT, dezembro 2 (1905).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, OLIV. PINTO, setembro 19 (1934).

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 14 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 16 (1934); sexo ?, OLIV. PINTO, outubro 30 (1934).

Mato Grosso

Sant'Ana do Paranaíba: sexo ?, OLIV. PINTO, julho 24 (1931).

Aquidauana: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1931).

Myiarchus swainsoni swainsoni Cabanis & Heine[1] [V, 173]

Irré (Rio Gr. do Sul).

Myiarchus swainsoni CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 72: "Brasilien" (para localidade típica sugiro Ipanema, São Paulo).

---

(1) Conforme verificou o Dr. HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., V, 1927, p. 173, nota *a*) pelo exame dos tipos na Coleção de HEINE, *Myiarchus swainsoni* CABAN. & HEINE, que TODD (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXV, 1922, p. 200) supuzera relacionado com *Myiarchus ferox*

Myiarchus ferox IHER. & IHERING (*nec* GMEL.), 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 294, parte.

Distribuição. — Nordéste da Argentina (Misiones), Paraguay (Caaguassú, Villa Rica), Uruguay (San Vicente), Brasil meridional: sul de Minas Gerais (Maria da Fé), Rio de Janeiro (Itatiaia), São Paulo (Ipanema, Piassaguera, São Sebastião, Embura, Bebedouro, São Jerônimo, Baurú, Lins), Paraná (Curitiba, Tibagí, Corvo), Santa Catarina (Palmitos?), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Taquara, Santa Maria, São Francisco de Paula, Vacaria).

BRASIL

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): 1 ♂ e 1 ♂ juv., OLIV. PINTO, janeiro 9 (1936); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 27 (1936); sexo ?, OLIV. PINTO, dezembro 28 (1935).

São Paulo

São Sebastião: ♂, H. PINDER, setembro 26 (1896).

(GMELIN), muito ao contrário disso, corresponde precisamente a *Myiarchus sordidus* TODD, pelo que se aproxima de *Myiarchus pelzelni* BERLEPSCH, já pela conformação muito mais delgada do bico (embora mais escuro e ordinariamente mais largo do que neste último), já pela forma e proporção da asa, sempre mais longa do que a cauda e com a rêmige mais externa, ou decima, aproximadamente do comprimento da quarta. ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 994, 1938, p. 3), indo mais longe, reduz *M. pelzelni* a raça geográfica de *M. swainsoni*, sob o principal fundamento de que exemplos de transição entre ambos ocorrem no Paraguay, fato que verifico tambem em alguns exemplares de São Paulo (Baurú, Bebedouro). No que toca à distribuição geográfica da forma típica de *M. swainsoni*, concordam HELLMAYR e ZIMMER em incluir nela o extremo septentrião da America Meridional (Colômbia, Venezuela, Guiana Inglesa). No particular reluto em acompanhar essas autoridades, atenta a possibilidade de tratar-se de indivíduos emigrantes, e levando principalmente em consideração o reconhecimento de uma forma amazônica, cujos caracteres, ora são nitidamente intermediários entre as raças *swainsoni* e *pelzelni*, ora tendem para os de *M. phaeonotus*, que se passou a considerar coespecífico destes últimos. De tudo se conclue que, apezar de todos os esforços, é ainda muito cedo para ter-se como esclarecidas as relações entre as formas brasileiras do gênero *Myiarchus*, cuja sistemática se conta entre os problemas mais árduos para o ornitologista.

À vista das profundas divergências entre os autores, no que toca à nomenclatura, não será inutil resumir, nos seus pontos principais, a correspondência entre os nomes deste Catálogo e os encontrados nos autores que melhor estudaram o assunto:

Myiarchus swainsoni pelzelni = *M. pelzelni* TODD, *M. pelzelni pelzelni* HELLMAYR, *M. swainsoni pelzelni* ZIMMER.

Myiarchus swainsoni swainsoni = *M. sordidus* TODD. *M. swainsoni* HELLMAYR, *M. swainsoni swainsoni* ZIMMER.

Myiarchus ferox ferox = *M. ferox ferox* TODD, HELLMAYR, ZIMMER.

Myiarchus ferox australis = *M. ferox swainsoni* TODD, *M. ferox australis* HELLMAYR, ZIMMER.

Baurú: ♀, GARBE (1900).
S. Jerônimo (Avanhandava): ♀, GARBE, dezembro 12 (1903).
Bebedouro: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, março (1904).
Embura: 2 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 20 e 25 (1940); sexo ?, OLALLA, dezembro 24 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂ juv., OLALLA, fevereiro 9 (1941); 2 sexos ?, OLALLA, janeiro 27 e fevereiro 14 (1941).

Rio Grande do Sul

Nova Wurttemberg: 3 ♂ ♂, GARBE, abril (1915).

Myiarchus swainsoni amazonus Zimmer

Maria cavaleira.

Myiarchus swainsoni amazonus ZIMMER, 1938, Amer. Mus. Novit., N.º 994, p. 6: Faro (rio Jamundá, estado do Pará).

Distribuição. — Guiana Inglesa (Annai) e Francesa, Brasil oeste-septentrional, ao norte e sul do rio Amazonas: rio Negro (Manaus, igarapé Cacau Pereira), rio Branco (Boa Vista), rio Anibá, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), rio Madeira (Borba, Santo Antônio do Guajará), rio Tapajoz (Santarém, Boim, igarapé Brabo), ilha Mexiana, leste do Pará (Benevides).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 23 (1937).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 17 (1937).

Miyarchus swainsoni phaeonotus Salvin & Godman.

Myiarchus phaeonotus SALVIN & GODMAN, 1883, Ibis, 4a. Série, I, p. 207: montes Merumé (Guiana Inglesa); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 255.

Distribuição. — Montes da Guiana Inglesa (Roraima, Merumé, Takutu), do sul da Venezuela (Monte Duida, Arabupu) e da porção adjacente do extremo norte do Brasil: alto rio Negro (Cucuí, Ivanarí, Tabocal, Marabitanas).

Myiarchus ferox ferox (Gmelin) [V, 176]

Maria cavaleira (Pará).

Muscicapa ferox GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 934 (com base primordial em "Le Tyran de Cayenne" de BRISSON, Orn., II, p. 398: Cayenne (Guiana Francesa).

Myiarchus ferox SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 253, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Av., p. 294.

Distribuição. — Leste do Perú (Puerto Indiana, rio Ucayali, Santa Rosa, Sarayacu, foz do Urubamba, serra de Carabaya) e do Equador (Zamora, foz do Curaray), sudeste da Colômbia (La Morelia), sul da Venezuela (rio Cassiquiare, monte Duida, rio Cunucunumá)[1], Guianas Inglesa (Georgetown, rio Mazaruni, Bartica Grove, Rokstone), Holandesa (prox. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Roche-Marie, Approuague, Isle le Père), Brasil amazônico e este septentrional: rio Negro (monte Curicuriarí, Santa Maria, Santa Isabel, igarapé Cacau Pereira, Muirapinima, Manaus), rio Branco (Caracaraí), Tefé, Manacapurú, Itacoatiara, rio Anibá, rio Jamundá (Faro), Óbidos, igarapé Boiussú, lago Cuipeva, rio Juruá (João Pessoa), rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Borba, Calama, Guajará, Rosarinho), Parintins, rio Tapajoz (Aramaní), rio Curuá, rio Xingú (Tapará, Porto de Moz), rio Tocantins (Baião), ilha de Marajó, ilha Mexiana, leste do Pará (Benevides), Maranhão (São Luiz, São Bento, ilha Mangunça, Cururupú), Piauí (Patos, Gilboez), Pernambuco (Brejão, Palmares, ilha de Itamaracá), Baía (Santa Rita do Rio Preto, Cidade da Barra, Orobó, Macaco Seco, Santo Amaro, Madre de Deus, Jequié, Cajazeiras), Espírito Santo (Porto Cachoeiro, rio S. José, Pau Gigante, Vitória, Sta. Tereza, lagoa Juparanã, serra do Caparaó)[2], norte e oeste do Rio de Janeiro (rio Muriaé, lagoa Feia, serra do Itatiaia).

---

(1) As aves desta região apresentam, segundo ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 994, 1938, p. 12), caracteres intermediários entre *M. ferox ferox* e *M. ferox australis*, ao passo que no rio Orenoco a espécie é representada por uma raça de tal modo semelhante a esta última que ZIMMER (op. cit. pags. 14-15) não hesita em aceitar a sua identidade, enquanto que HELLMAYR (Cat. Bds. Americas, V, p. 177, nota *b*, 1927) preferira sobre ela não se pronunciar de modo definitivo.

(2) Não há concordância entre os autores com relação à distribuição de *Myiarchus ferox ferox* e *M. f. australis* no Brasil oriental, bastando lembrar que ZIMMER inclue na área do primeiro o Espírito Santo e o Rio de Janeiro, enquanto que HELLMAYR refere ao último as populações destes dois estados. O fato é que muito dificilmente poderão opinar de modo unívoco dois autores, em face do mesmo material; o mesmo observador não raro se sente pronto a reformar o seu juizo aquí e alí, cada vez que o submete a novo estudo, tão largas são as diferenças encontradas entre exemplares da mesma zona, já pela flutuação a que estão naturalmente sujeitos os seus caracteres, já por causa da rapidez com que a luz desbota e altera o colorido da plumagem, em vida do animal, ou na pele conservada. A julgar pelo material que tenho em mãos, as aves do vale mineiro do baixo

BRASIL

Amazonas

Membeca (rio Manacapurú): sexo ?, CAMARGO, setembro 17 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, outubro 12 (1936) e janeiro 31 (1937).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 28 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, novembro 13 (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 8 ♂ ♂, OLALLA, março 3, 11, 24, 25 e 27, abril 1 e 3 (1937); 7 ♀ ♀, OLALLA, março 8, 11, 13, 29 e 30, abril 3, maio 31 (1937).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 30 (1937).

Pará

Lago Grande: ♂, GARBE, agosto (1920).
Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 14 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 9 (1935); 2 ♀ ♀, OLALLA, abril 24 e 26 (1935); sexo ?, OLALLA, abril 25 (1935).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, abril 9 e 15 (1935).
Bom Jardim (baixo Amazonas, marg. direita): ♀, OLALLA, março 20 (1936).
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 2 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 11 e 20 (1936).

Pernambuco

Itamaracá: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 31 (1938).

Baía

Madre de Deus: ♂, CAMARGO, janeiro 22 (1933); ♂, OLIV. PINTO, janeiro 31 (1942).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♀, GARBE, novembro (1905).
Pau Gigante: sexo ?, E. G. HOLT, outubro 23 (1940).
Rio S. José: sexo ?, OLALLA, setembro 17 (1942).
Sta. Tereza: ♀, OLIV. PINTO, outubro 5 (1942).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, OLIV. PINTO, setembro 13 (1941); ♂, H. BERLA, setembro 11 (1941).
Lagoa Feia (Ponta Grossa): 1 ♀ e 1 sexo?, OLALLA, setembro 7 (1941).

---

rio Doce (abaixo da confluência do Piracicaba), pràticamente não se distinguem das do Espírito Santo, pelo que haveria boas razões para referí-los tambem à *M. ferox ferox*. Em São Paulo, as populações pertencem tìpicamente à *M. f. australis*, não obstante ocorrerem na zona da serra do Mar (Juquiá) exemplares de plumagem não menos escura do que os do Espírito Santo. Exemplares da Baía não raro se aproximam muito mais dos de São Paulo do que dos da Amazônia, o mesmo devendo ocorrer no sul do Piauí, cujas populações ZIMMER referira a *M. f. australis*.

Myiarchus ferox australis Hellmayr [V, 177]

Maria cavaleira (Amaz.), *Pai Agostinho* (Itatiaia), *Irré* (Rio G. do Sul).

Myiarchus ferox australis HELLMAYR, 1927, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, pte. V, p. 177: Água Suja (perto de Bagagem, oeste de Minas Gerais).
Myiarchus ferox IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 294.

Distribuição. — Leste da Bolívia (rio Chaparé, Três Arroyos, Todos os Santos), Paraguay (Puerto Pinasco, Villa-Rica, Sapucay), norte da Argentina (Chaco, Tucumán, Santa Fé, Buenos Aires), Brasil este-meridional e central: Rio de Janeiro (Ilha Grande), Minas Gerais (Água Suja, rio Doce, rio Sussuí, rio Piracicaba, rio Sacramento), São Paulo (São Sebastião, Cananéia, Juquiá, ilha dos Alcatrazes, serra da Cantareira, Itatiba, Cachoeira, Monte Alegre, Ituverava, Franca, Bebedouro, Itararé, Salto Grande, Silvânia, Rincão, Baurú, Vanuire, Porto Tibiriçá, Porto Epitácio), Paraná (Porto Britânia, Guaira), Rio Grande do Sul (Itaquí), Mato Grosso (Corumbá, Descalvados, rio São Lourenço, Tapirapoã, Chapada, Rondonópolis, Coxim), Goiaz (rio das Almas, Inhumas).

BRASIL

Rio de Janeiro

Ilha Grande: ♂, GARBE, agosto (1905) .

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): 5 ♂ ♂, OLALLA, agosto 18, 23, 26 e 30 (1940); ♀, W. GARBE, agosto 18 (1940); 2 sexos?, OLALLA, agosto 26 e 30 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLALLA, setembro 18 (1940); 2 ♂ ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, setembro 19 (1940).
Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 27 e outubro 1 (1940); ♀, OLALLA, setembro 27 (1940).

São Paulo

Cachoeira: ♂, H. PINDER, agosto 15 (1898).
Itatiba: sexo ?, LIMA, julho 12 (1900).
Rincão: sexo ?, EHRHARDT, fevereiro 27 (1901).
Itararé: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, maio (1903).
Bebedouro: ♂, GARBE, abril (1904).
Ituverava: ♂, GARBE, maio (1911).
Ilha dos Alcatrazes: sexo?, PINTO DA FONSECA, outubro 8 (1920).
Porto Epitácio (rio Paraná): ♂, LIMA, junho 4 (1926).
Vanuire: ♂, LIMA, agosto 23 (1928); sexo ?, LIMA, agosto 16 (1928).
Porto Tibiriçá (rio Paraná): ♂, LIMA, agosto 28 (1931).
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, agosto 28 (1932).

Ilha do Cardoso (Cananéia): ♀, CAMARGO, setembro 1 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 14 (1940).
Horto Florestal (serra da Cantareira): ♀, LIMA, dezembro 2 (1940).
Porto Cabral (rio Paraná): 3 ♀♀, JOSÉ LIMA, outubro 20 e 24 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 2 (1942).

Rio Grande do Sul
Itaquí: ♂, GARBE, agosto (1914).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): 2 ♂♂, OLIV. PINTO, agosto 27 e setembro 8 (1934); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 8 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 9 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, W. GARBE, outubro 16 (1934); ♀, W. GARBE, outubro 17 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 11 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀ ?, W. GARBE, maio 17 (1941).

Mato Grosso
Rio Piquirí (Coxim): ♂, LIMA, julho 4 (1930).
Miranda: ♀, LIMA, agosto 28 (1930).
Rondonópolis: ♂, OLIV. PINTO, agosto 26 (1937).
Córrego do Paredão (rio Paraná): ♂, OLIV. PINTO, novembro 11 (1939).

Myiarchus tuberculifer tuberculifer (Lafresnaye & d'Orbigny) [V, 180]

Tyrannus tuberculifer LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Guarayos (Bolívia).
Myiarchus nigriceps SCLATER, 1888 (*nec* SCLATER, 1860), Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 258.
Myiarchus tuberculifer IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 294, parte.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Santa Marta), Venezuela (Mérida, Encontrados, Escorial, Las Trincheras, El Guácharo, La Trigrera), ilha Trinidad, Guiana Inglesa (Carimang), leste do Equador (rio Suno, rio Curaray) e do Perú (rio Colorado, rio Ucayali, Iquitos, Lagarto, Puerto Indiana) e da Bolívia (Guarayos, Santa Cruz), norte do Paraguay, Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas até o oeste de Mato Grosso (alto rio Paraguai): rio Negro (Muirapinima), rio Branco (serra Grande), rio Solimões (Manacapurú), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Borba, Rosarinho, Marmelos), alto rio Paraguai (São Luiz de Cáceres).

VENEZUELA
Mérida: ♂, BRICEÑO & GABALDON, junho 5 (1897).

BRASIL
Amazonas
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, setembro 23 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, novembro 13 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 3 (1937).

Myiarchus tuberculifer clarus Zimmer

Myiarchus tuberculifer clarus ZIMMER, 1938, Amer. Mus. Novit., N.º 994, p. 20: Tapará (rio Xingú).

Distribuição. — Brasil septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas: rio Jamundá (Faro), Óbidos, rio Tapajoz (Boim, Vila Braga, Caxiricatuba, igarapé Brabo, igarapé Amorim), rio Xingú (Tapará)[1].

BRASIL
Pará
Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, GARBE, dezembro (1920).

Myiarchus tuberculifer tricolor Pelzeln[2] [V, 181]

Myiarchus tricolor PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, p. 117: Sepitiba (Rio de Janeiro); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 259.

Myiarchus tuberculifer IHER. & IHERING (*nec* LAFRESN. & D'ORB.), 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 294, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional e oriental: rio Tocantins, leste do Pará (Belém, Utinga, Marco da Légua, Igarapé Assú, Benevides), ao norte do Maranhão (Turiassú), sul da Baía (Belmonte, Boa Nova), Espírito Santo (lagoa Juparanã, rio Doce), leste de Minas Gerais (rio Doce, rio Piracicaba, rio Sacramento), Rio de Janeiro (Sepitiba).

BRASIL
Baía
Belmonte: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1919).
Espírito Santo
Rio Doce: ♀, GARBE, outubro (1906).
Minas Gerais
Rio Sacramento: ♀, PINTO DA FONSECA, julho 15 (1919).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, OLIV. PINTO, agosto 22 (1940); 2 ♀ ♀, W. GARBE, setembro 2 e 6 (1940); 2 sexos ?, OLALLA, agosto 22 (1940).
Rio Doce: ♀, OLALLA, setembro 6 (1940).

---

(1) As aves do baixo Tocantins, segundo HELLMAYR (Cat. Bds. Americas, V, p. 181), devem referir-se, com mais propriedade, a *Myiarchus tuberculifer tricolor*, como as da região de Belém e leste do Pará.

(2) As relações de *M. tricolor tricolor* com seus próximos afins foram recentemente discutidas por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 994, p. 21).

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♀, OLIV. PINTO, setembro 18 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 17 e 20 (1940).

Gênero **NUTTALLORNIS** Ridgway

Nuttallornis RIDGWAY, 1887, Man. North Amer. Birds, p. 337. Tipo, por designação original e monotipia, *Tyrannus borealis* SWAINSON.

Nuttallornis borealis (Swainson)[1] [V, 189]

Tyrannus borealis SWAINSON, 1832, em RICHARDSON, Fauna Bor.-Americ., II, p. 141, pl. 35: Cumberland House (margem do rio Saskatchewan, Canadá).

Contopus borealis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 234.

Distribuição. — Residente em toda América Septentrional fria e temperada, do território de Alaska à Califórnia e o Texas, de onde, pelo inverno, emigra para o México, América Central e porção mais septentrional da América do Sul, desde Colômbia (Santa Marta) e a Venezuela (Cerro del Avila, perto de Caracas) até o Perú (Yahuarmayo, rio Colorado) e, acidentalmente, o noroeste extremo do Brasil: rio Amazonas (Itacoatiara).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀. OLALLA, março 31 (1937).

Gênero **CONTOPUS** Cabanis[2]

Contopus CABANIS, 1855, Journ. f. Orn., III, p. 479. Tipo, por designação original, *Muscicapa virens* LINNAEUS.[3]

---

(1) Para HELLMAYR (Cat. Bds. of the Americas, pte. V, 1927, p. 189), como para a última edição (1931) da Check-List of American Birds, à presente espécie corresponde a *Muscicapa mesoleuca* LICHTENSTEIN, 1830 (Preis-Verz. Mexik. Vögel, p. 2: Oaxaca, México), com prioridade sobre o nome de SWAINSON. Não obstante, segundo me informa J. L. PETERS, a quem devo a determinação do exemplar de Itacoatiara, van ROSSEM (Trans. San Diego Soc. Nat. Hist., VII, 1934, p. 352) parece ter demonstrado que a denominação de LICHTENSTEIN se aplica, pelo contrário, à espécie homônima do gênero *Elaenia* (q. v.). Dos estudos recentes de J. T. ZIMMER (Amer. Mus. Novit., 1939, N.º 1.043, pags. 13-15), confirmados por WETMORE Proc. Un. St. Nat. Mus., LXXXVII, p. 229), conclue-se pela impossibilidade de distinguir raças geográficas em *N. borealis*, espécie cuja ocorrência em terras brasileiras, segundo penso, é notificada agora pela primeira vez.

(2) Perante o atual Código Internacional de Nomenclatura Zoológica *Contopus* CABANIS, 1855, não é invalidado por *Contipus* MARSEUL, 1853.

(3) *Muscicapa virens* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 327 (com base em *Muscicapa carolinensis cinerea* de BRISSON): Carolina (leste dos Estados Unidos).

Contopus cinereus cinereus (Spix) [V, 193]

Platyrhynchus cinereus SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 11, pl. 13, fig. 2: "in sylvis flum. Amazonum" (procedência reputada errônea por HELLMAYR, que a substituiu pelo "Rio de Janeiro")[1].

Myiochanes[2] *cinereus* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 245, parte.

Blacicus[3] *cinereus* IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 293.

Blacicus cinereus pileatus[4] IHER. & IHERING, 1907, op. cit., p. 293.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), Brasil este-meridional: Espírito Santo (Vitória, Chaves), Rio de Janeiro (Registro do Saí, Cantagalo, Angra dos Reis), leste de Minas Gerais (Lagoa Santa, rio Piracicaba, rio Matipoó, Mocambo, Água Suja), São Paulo (Ubatuba, São Sebastião, Piassaguera, Juquiá, Iporanga, Alto da Serra, serra de Bananal, Ipiranga, Icatú, Monte Alegre, Caconde, Ituverava, Barretos, Jaboticabal, Ipanema, Itararé, São Jerônimo, Baurú, Araçatuba, Valparaizo, Avanhandava, Porto Cabral), Paraná (Castro, Curitiba, Marechal Mallet, Cândido de Abreu, Salto de Guaira), Rio Grande do Sul (Nova Wurttemberg?).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 29 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂, JOSÉ LIMA, junho 19 (1941).

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♂, PINTO DA FONSECA, junho 20 (1919).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, W. GARBE, agosto 18 (1940); ♀, OLALLA, agosto 19 (1940).

São Paulo

Iporanga: sexo ?, R. KRONE, julho 10 (1897).

Caconde: ♂, LIMA, maio 12 (1900).

São Sebastião: ♂, H. PINDER, maio 22 (1900).

Rio Feio (Baurú): sexo ?, GARBE (1901); ♀, F. GÜNTHER, junho 20 (1905).

---

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, Abhandl. 2 Kl. Bayer. Ak. Wissens., XXII, p. 645 (1906); idem, idem, XXVI, N.º 2, p. 131 (1912).

(2) *Myiochanes* CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 71 — nome novo para *Syrichtha* BONAPARTE, 1857 (*nec* BOISDUVAL, 1833), Bull. Soc. Linn. Normandie, II, p. 36. Tipo, por monotipia, *Syrichtha curtipes* BONAP. (= *Tyrannula curtipes* SWAINSON).

(3) *Blacicus* CABANIS, 1855, Journ. f. Orn., III, p. 480 (tipo, por designação original, *Muscipeta caribea* D'ORBIGNY), extranho atualmente à fauna brasileira.

(4) *Contopus pileatus* RIDGWAY, 1885 (Proc. Un. St. Nat. Mus., VIII, p. 21: pátria desconhecida) é, segundo HELLMAYR, inseparavel de *Myiochanes cinereus cinereus* (SPIX).

Itararé: ♀, GARBE, abril (1903).
S. Jerônimo (Avanhandava): 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, fevereiro (1904).
Bebedouro: ♂, GARBE, abril (1904).
Rio Grande (Barretos): ♂, GARBE, maio 4 (1904).
Ubatuba: ♂, GARBE, abril (1905).
Alto da Serra: ♂, LIMA, julho 24 (1909).
Ituverava: 2 ♀ ♀, GARBE, abril (1911).
Piassaguera: sexo ?, GARBE, abril (1914).
Cubatão: ♂, LIMA, julho 20 (1923).
Icatú: ♂, LIMA, julho 5 (1928).
Valparaizo: ♂, JOSÉ LIMA, junho 14 (1931).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 12 (1939).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 13 (1940); ♀, OLALLA, maio 14 (1940); sexo ?, OLALLA, maio 13 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 24, 25 e 27 (1941); ♀, OLALLA, agosto 24 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, outubro 17 e 25 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, julho 28 (1942).

Paraná

Castro: ♂, GARBE, maio (1907).

Rio Grande do Sul

"Rio Grande do Sul": sexo ?, GARBE, maio (1915).

Contopus cinereus pallescens (Hellmayr) [V, 194]

Myiochanes cinereus pallescens HELLMAYR, 1927, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII (Cat. Bds. of the Americas), pte. V, p. 194: São Marcelo (rio Preto, Baía).

Myiochanes cinereus SCLATER (*nec* Spix), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 245, parte.

Distribuição. — Norte da Argentina (Tucumán, Jujuy, Salta), Paraguay (Colonia Risso), Brasil central e este-septentrional: Mato Grosso (Coxim, Piraputanga, rio das Mortes), Goiaz (Inhumas, rio Claro), Baía (rio Preto, São Marcelo, Bonfim), Pernambuco (Quipapá, Macuca), Piauí (rio Parnaíba), Maranhão (Ponto, Canela).

BRASIL

Baía

Vila Nova (= Bonfim): 2 ♂ ♂ juvs., GARBE, março e abril (1908).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, W. GARBE, novembro 22 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, maio 16 (1941).

Mato Grosso

Coxim: ♀, JOSÉ LIMA, junho 22 (1930).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, OLIV. PINTO, agosto 7 (1937).
Lagoa da Serra Azul: 1 ♂ e 1 ♀, Bandeira Anhanguera, setembro 6 (1937).

Contopus cinereus surinamensis Penard & Penard [V, 195]

Contopus brachytarsus surinamensis Penard & Penard, 1910, Vog. Guyana, II, p. 259, no texto: Surinam.
Blacicus brachytarsus Iher. & Ihering (*nec* Sclater)[1], 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 292, parte.

Distribuição. — Sul da Venezuela (Altagracia, rio Orenoco), Guianas Inglesa (rio Abary), Holandesa (próxim. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne), região adjacente do Brasil, até o estuário do rio Amazonas: ilha de Marajó (Cachoeira), ilha Mexiana.

Guiana Inglesa
Ilha Trinidad: ♂, E. André (1902).
"Demerara": sexo ?, Schlüter (1902).

Brasil
Amazonas
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, Olalla, novembro 4 (1936).

Gênero **EMPIDONAX** Cabanis

Empidonax Cabanis, 1855, Journ. f. Orn., III, p. 480. Tipo por monotipia, *Empidonax pusillus* (= *Platyrhynchos virescens* Vieillot)[2].

Empidonax euleri euleri (Cabanis) [V, 216]

Empidochanes euleri Cabanis, 1868, Journ. f. Orn., XVI, p. 195: Cantagalo (Rio de Janeiro).
Empidonax bimaculatus Sclater (*nec* Lafresnaye & d'Orbigny)[3], 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 224.
Empidonax euleri Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 292; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 389.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Sapucay, Alto Paraná, Puerto Pinasco), Uruguay (Lazcano, San Vicente, Quebrada de los Cuervos), Bolívia (Mission de San Antonio), norte do Perú (Yurimaguas, Pebas, Huambo), Brasil centro-meridional e oriental: Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, rio Piquirí, Urucúm), sul de Goiaz (Jara-

(1) *Empidonax brachytarsus* Sclater, 1859, Ibis, I, p. 441: Cordoba (México).
(2) *Platyrhynchos virescens* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVII, p. 22 (com base em *Muscicapa querula* de Wilson): próxim. de Philadelphia (Pennsylvania, Estados Unidos).
(3) *Muscipeta bimaculata* Lafresn. & d'Orbigny, 1837 (Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 48), de Yungas (Bolívia), conforme o testemunho de Berlepsch & Hellmayr (Journ. f. Orn., LIII, 1905, p. 21, nota), correspondem a uma raça de outra espécie, *Cnemotriccus fuscatus* Wied, bastante parecida.

guá, rio Claro), Minas Gerais (rio Caparaó, rio Doce, S. José da Lagoa), ? Baía (Bonfim, Iracema, Jequié, Orobó)[1], Piauí (Parnaguá), Maranhão (Flores), baixo Amazonas (rio Tocantins, rio Tapajoz), rio Madeira (Calama, Rosarinho), Espírito Santo (serra do Caparaó, Chaves), Rio de Janeiro (Terezópolis, Cantagalo, serra do Itatiaia), São Paulo (Iguape, São Sebastião, Ipiranga, Campinas, Monte Alegre, Bebedouro, Salto Grande, Avanhandava, Matão, Glicério), Paraná (rio Iguassú), Santa Catarina (Palmitos), Rio Grande do Sul (lagoa dos Patos, São Lourenço, Nova Wurttemberg).

BRASIL

Baía

Vila Nova (= Bonfim) : 1 ♂ e 1 sexo?, GARBE, junho (1908).
Serra Gongogí (Jequié) : ♂ ?, CAMARGO, dezembro 5 (1932).

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina) : sexo ?, OLALLA, agosto 29 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis) : ♀, JOSÉ LIMA, junho 22 (1941)

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce) : 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 19 e 21, setembro 3 (1940).
Rio Doce: ♂, W. GARBE, agosto 29 (1940); ♂, OLALLA, setembro 6 (1940); 4 ♀ ♀, OLALLA, setembro 5 e 6 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 7 ♂ ♂, OLALLA, setembro 28, outubro 1, 3 e 5 (1940); ♀, W. GARBE, setembro 27 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 26 (1940).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. KRONE (1898 ?).
Bebedouro: sexo ?, juv., GARBE, março (1900).
Campinas: sexo ?, P. LARSEN, setembro 27 (1900).
Faz. Caioá (Salto Grande) : 2 ♂ ♂, HEMPEL, outubro 19 e 20 (1903).
Avanhandava: ♀, GARBE, janeiro (1904).
Matão: sexo ?, GARBE, janeiro 4 (1905).
Ilha São Sebastião: ♂, F. GÜNTHER, janeiro 13 (1905).
Ipiranga (cid. de S. Paulo) : ♂, LIMA, outubro 11 (1907); ♀, SCHWEBER, dezembro (1912); ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 17 (1941).
Icatú: ♂, LIMA, julho 5 (1928).

---

(1) Revendo o intricado problema das raças geográficas de *Empidonax euleri*, refere ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.042, p. 4) os exemplares do sul do Piauí e interior da Baía à forma platina da espécie, *E. e. argentinus* CABANIS (Journ. f. Orn., XVI, 1868, p. 196: Buenos Aires), de que seriam indivíduos imigrantes. Em face porem das largas variações a que se mostra sujeito o colorido desses pássaros, já devido à idade do animal, já ao estado da plumagem, repugna-me admitir tal interpretação, antes de maior prova. O tratamento que aquí se adota na distribuição das raças da espécie, embora mera tentativa, é o único que permite, a meu ver, para o material que tenho em mãos, arranjo adequado e inteligível.

Glicério: ♂, LIMA, julho 20 (1928).
Lins: sexo ?, OLALLA, janeiro 22 (1941).
Serra de Caraguatatuba: 1 ♂ e 1 sexo ?, OLALLA, setembro 24 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 9 (1941).
Monte Alegre: 5 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 2 (1942) e janeiro 23, fevereiro 17 e 18 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 17 (1943).

Rio Grande do Sul
Nova Wurttemberg: 2 ♂ ♂, GARBE, março (1915).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 3 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 31 (1934); sexo ?, W. GARBE, setembro 13 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀ ?, W. GARBE, abril 23 (1941).

Empidonax lawrencei[1] bolivianus Allen[2] [V, 215]

Empidonax bolivianus ALLEN, 1889, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, p. 86; Yungas, Bolívia.
Empidonax oliva SCLATER,[3] 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 224.
Empidonax pileatus IHER. & IHERING (*nec* MÜLLER), 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 292.
Empidonax lawrencei SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 389.

Distribuição. — Leste do Equador (rio Suno) e do Perú (rio Marañon, Iquitos, Yurimaguas, rio Ucayali, Puerto Indiana, rio Tavara, Apayacu), Bolivia (Yungas), Brasil oeste-septentrional: rio Solimões, Manacapurú (Tefé), rio Negro (Manaus, igarapé Cacau Pereira), rio Juruá, rio Purús, rio Madeira (Humaitá, Calama, Rosarinho), Óbidos, rio Tapajoz (Santarém, Miritituba), rio Curuá do sul, rio Xingú (Tapará), rio Tocantins, ilha Mexiana, leste do Pará (Benevides).

BRASIL
Amazonas
Rio Juruá: ♀, GARBE, novembro (1902).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): sexo ?, CAMARGO, outubro 6 (1936).

---

(1) *Empidonax lawrencei* ALLEN, 1889 (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, p. 150), nome novo para *Octhoeca flaviventris* LAWRENCE, 1887 (Ann. New York Acad. Sci., IV, p. 67: "South America"). Em discordância com L. GRISCOM, cujas conclusões nos são transmitidas por HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser., XIII, pte. V, p. 209, nota *a*), afirma ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.042, p. 4) pertencer o tipo de *bolivianus* ao "greenish-hued group of birds formerly all included under the name *lawrencei*".

(2) Como GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 273), e em discordância com ZIMMER, acompanho HELLMAYR, que considera *E. bolivianus* especificamente diverso de *E. euleri*. A frequência, que a emigração nem sempre explica, com que ocorrem de modo promíscuo, parece abonar este modo de ver.

(3) *Empidonax oliva* SCLATER, 1887, Ibis, p. 65: "Guiana, Venezuela and Upper Amazonia".

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 4 (1937).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, junho 4 (1937).

Pará

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 17 (1935).
Foz do Rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 7 (1936).

Mato Grosso

Rio Piquirí (Coxim): sexo ?, LIMA, julho 7 (1930).
Cuiabá: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 9 (1937).

Gênero **CNEMOTRICCUS** Hellmayr

Cnemotriccus HELLMAYR, 1927, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII (Cat. Bds. Americas), pte. V, p. 221, — nome novo para *Empidochanes* SCLATER, 1888 (*nec* SCLATER, 1862)[1], Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 216. Tipo, por designação original, *Empidochanes fringillaris* PELZELN (= *Muscipeta fuscata* WIED).

Cnemotriccus fuscatus fuscatus (Wied) [V, 222]

Muscipeta fuscata WIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 902: nenhuma indicação expressa de localidade (pátria típica, Rio de Janeiro, sugerida por HELLMAYR).

Empidochanes fringillaris[2] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 216.

Empidochanes fuscatus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 291.

Distribuição — Sul da Baía[3], Espírito Santo (Guarapari), Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Sepitiba, Porto Real), leste de São Paulo (Ubatuba, São Sebastião, Piassaguera, Iguape, Cananéia, Ipiranga, Campinas, Ipanema), Santa Catarina (São Francisco), Rio Grande do Sul (lagoa do Forno).

---

(1) *Empidochanes* SCLATER, 1862 (Cat. Coll. Amer. Birds, p. 288), proposto para *Myiophobus* CABANIS & HEINE, 1859 (Mus. Hein., II, p. 69), tem por tipo, designado subsequentemente por HELLMAYR (op. cit., p. 246), *Muscicapa fasciata* MÜLLER, pelo que se tornou sinônimo absoluto de *Myiophobus* REICHENBACH, 1850 (q. v.).

(2) *Empidochanes fringilaris* ("LICHT.") PELZELN (*ex* NATTERER manuscr.), 1868, Orn. Bras., p. 116: Sepitiba (que reputo a local. típica), etc. Cf. HELLMAYR, op. cit., p. 222, nota *b*.

(3) Nenhuma localidade precisa aparece mencionada pelos autores. Parece, todavia, que pouca dúvida deve existir sobre a zona em que ocorre, uma vez que a raça *bimaculatus* está abundantemente representada por exemplares do norte e do oeste do estado. É ainda digna de reparo a falta de qualquer referência à espécie quer no Espírito Santo, quer no leste de Minas Gerais.

Brasil
Espírito Santo
Guaraparí: ♂, Olalla, outubro 17 (1942).
São Paulo
Campinas: ♀, P. Larsen, setembro 25 (1900).
Ubatuba: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, abril (1905).
Itatiba: ♀, Lima, setembro (1907).
Piassaguera: ♂, Garbe, abril (1914).
Tabatinguara (Cananéia): ♀, Camargo, setembro 24 (1934).
Santa Catarina
"Santa Catarina": ♀, Schlüter, maio (1902).

Cnemotriccus fuscatus bimaculatus (Lafresn. & d'Orbigny)
[V, 222]
Guracavuçú (S. Paulo).

Muscipeta bimaculata Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 48: Yungas (Bolívia)[1].
Empidochanes fuscatus bimaculatus Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 390, parte.
Empidochanes fuscatus brunneus Iher. & Ihering (*nec* Thunberg)[2], 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 291.

Distribuição. — Norte da Argentina (Santa Fé), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), Forte Wheeler, Colônia Independência, Belon), leste da Bolívia (Yungas, Santa Cruz, rio Surutú), Brasil este-septentrional e centro-ocidental até a margem direita do rio Solimões, com ocorrências, aparentemente, em pontos adjacentes da margem oposta: Maranhão (São Bento, Miritiba, Primeira Cruz, Flores, Codó, Barra do Corda, Grajaú, Tranqueira), Piauí (Arara, Gilboez, lagoa Missão), Ceará (Juá, Viçosa), Pernambuco (Garanhuns), norte e oeste da Baía (Jequí, Santa Rita do Rio Preto, rio Grande, Sincorá, Jaguaquara, Tamburí), oeste de Minas (Agua Suja), de São Paulo (Franca, Barretos, Rincão, Matão, Ituverava, rio Tietê, Salto Grande, Avanhandava, rio Feio, Macaúbas, Valparaizo, rio Paraná, Itapura, Porto Tibiriçá)[3] e Paraná (Salto

---

(1) Berlepsch e Hellmayr (Journ. f. Orn., LIII, 1905, pp. 21-22, nota margin.) revelaram a má aplicação dada ao nome de Lafresnaye & d'Orbigny por Sclater (Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 224) e outros, que o usaram para *Empidonax euleri* (Caban.), passarinho muito semelhante, mas ainda assim facil de distinguir. Cf. ainda Hellmayr, Novit. Zool., XXXII, p. 30 (1925).

(2) *Pipra brunnea* Thunberg, 1822 (Mém. Acad. Sci. St. Pétersb., VIII, p. 286: Brasil), em que Lönnberg (Ibis, 1902, p. 242) julgou reconhecer a presente espécie, deve, pelo contrário, segundo Hellmayr (Catal. Bds. Amers., V, 1927, p. 250, nota *a*), identificar-se a *Myiophobus fasciatus flammiceps* (Temm.).

(3) Já em outra oportunidade (Rev. Mus. Paul., XX, 1936, p. 115) coube-me apreciar a grande variabilidade de *C. fuscatus bimaculatus*, mormente no que diz respeito ao estado de São Paulo, onde a área

de Guaira), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Araguaia, rio das Almas), Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba, rio das Mortes, Salobra, Corumbá, Urucúm, Campanário, Descalvados, Cáceres, rio São Lourenço, rio Cuiabá, Chapada), rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Nova Olinda, Bom Lugar), rio Madeira (Humaitá, Calama, Borba, Rosarinho)[1], baixo Amazonas (Itacoatiara, igarapé Paituna).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, outubro 12 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, março 10 (1937).

Maranhão

Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, agosto 8 (1906).

Miritiba: ♂, SCHWANDA, junho 15 (1907); ♀, SCHWANDA, novembro 15 (1907).

São Paulo

São Sebastião: 1 ♂ e 2 ♀ ♀, H. PINDER, setembro 20 (1896).

Rincão: ♂, LIMA, fevereiro 23 (1901); ♂ juv., LIMA, fevereiro 19 (1901).

Avanhandava: 2 ♂ ♂, GARBE, dezembro (1903) e janeiro (1904).

Rio Grande (Barretos): 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, maio (1904).

Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904).

Matão: ♂ juv., GARBE, janeiro 4 (1905).

Rio Feio: ♀, F. GÜNTHER, junho 29 (1905).

Franca: 3 ♂ ♂, GARBE, setembro (1910).

Ituverava: ♂, GARBE, abril (1911).

Valparaizo: ♂, LIMA, junho 14 (1931).

Porto Tibiriçá (rio Paraná): ♀, LIMA, agosto 24 (1931).

Barra do Cascalho (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 15 (1935).

Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂ ?, JOSÉ LIMA, abril 6 (1940).

Goiaz

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, W. GARBE, outubro 5 (1934).

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, julho 10 (1941).

Mato Grosso

Sant'Ana do Paranaíba: ♂, JOSÉ LIMA, julho 22 (1931).

Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): sexo ?, OLIV. PINTO, setembro 4 (1937).

---

de sua distribuição só convencionalmente se pode delimitar da pertencente à raça típica. Como ali acentuei, no interior do estado ocorrem ameúde exemplares com o abdome quase tão amarelado como na média dos da faixa costeira. Fato muito semelhante verifica-se tambem nos espécimes do norte do Maranhão, cujas medidas são, todavia, um pouco inferiores. Tomados em conjunto, porém, os da faixa litorânea de São Paulo e convizinhanças, de onde não conheço exemplares de abdome descorado, destacam-se pela tinta mais viva das partes inferiores, o pardo do peito se extendendo mais largamente sobre o amarelo-claro do ventre.

(1) Exemplares de Rosarinho e Santo Antônio do Guajará são referidos por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 994, 1938, p. 30) a *C. fuscatus fuscatior* CHAPMAN, 1926 (Amer. Mus. Novit., N.º 231, p. 6), topotipicamente do leste do Equador (foz do Curaray).

Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 30 (1937).
Rio das Mortes: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 22 (1937); ♀, Bandeira Anhanguera, outubro 1 (1937).
Salobra: ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 23 (1939).

Cnemotriccus fuscatus fumosus (Berlepsch) [V. 223]

Empidochanes fuscatus fumosus BERLEPSCH, 1908, Novit. Zool., XV, p. 108: Cayenne (Guiana Francesa).
Empidochanes fuscatus bimaculatus SNETHLAGE (*nec* LAFRESN. & D'ORB.), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 390, parte.

Distribuição. — Guianas Inglesa (rio Abary, rio Makauria, rio Ituribisci, Bartica Grove, Supenaam), Holandesa (Paramaribo, Ryweg) e Francesa (Cayenne, rio Approuague), Brasil septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas[1]: rio Branco (Forte do Rio Branco), rio Jamundá (Faro), igarapé Boiussú, Arumanduba, ilha Mexiana, Parintins, rio Tapajoz (Tauarí), rio Xingú (Vilarinho do Monte), rio Tocantins (Baião).

BRASIL
Pará
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 20 (1935).

Cnemotriccus fuscatus duidae Zimmer

Cnemotriccus fuscatus duidae ZIMMER, 1938, Amer. Mus. Novit., N.º 994, p. 30: Playa del rio Base (monte Duida, sul da Venezuela).

Distribuição. — Venezuela (monte Duida, Savana Grande, rio Cassiquiare, Solano), noroeste extremo do Brasil: alto rio Negro (Javanarí).

Gênero **EUMYIOBIUS** Brodkorb

Eumyiobius BRODKORB, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 1. Tipo, por designação original, *Empidochanes poecilurus* SCLATER.

Eumyiobius poecilurus venezuelanus (Hellmayr) [V. 226]

Cnemotriccus poecilurus venezuelanus HELLMAYR, 1927, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. V, p. 226: El Escorial (Mérida, Venezuela).
Empidochanes salvini SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 218, parte.

---

(1) A despeito das diferenças apontadas por ZIMMER (op. cit.) nas aves da margem direita do baixo Amazonas, não me decido a acompanha-lo em filiá-las à raça *fuscatior*, cuja semelhança com *fumosus* é por ele próprio acentuada.

Empidochanes poecilurus IHER. & IHERING (*nec* SCLATER)[1], 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, 292, parte.

Distribuição. — Venezuela (Mérida, Sila de Caracas) e noroeste extremo do Brasil: Amazonas oeste-septentrional (rio Içana).

Gênero TERENOTRICCUS Ridgway

Terenotriccus RIDGWAY, 1905, Proc. Biol. Soc. Wash., XVIII, p. 207. Tipo, por designação original, *Myiobius fulvigularis* SALVIN & GODMAN.

Terenotriccus erythrurus erythrurus (Cabanis) [V, 230]

Myiobius erythrurus erythrurus CABANIS, 1847, Arch. Naturges., XIII, (1), p. 249, pl. 5, fig. 1: Cayenne.
Myiobius erythrurus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 203, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 290, parte.
Terenotriccus erythrurus SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 392, parte.

Distribuição. — Guianas e região adjacente ao Brasil até a margem esquerda do rio Amazonas: rio Negro (Marabitanas, Tatú, Tabocal, monte Curiarí, Santa Maria)[2], rio Içana, rio Branco (serra da Lua), rio Jamundá (Faro), rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), Itacoatiara, Óbidos.

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, junho 4 (1937).
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 22 (1937).

Terenotriccus erythrurus hellmayri (Snethlage) [V, 231]

Myiobius erythrurus hellmayri SNETHLAGE, 1907, Orn. Monatsb., XV, p. 195: "Pará" (= Belém, local. típica).
Myiobius erythrurus SCLATER (*nec* CABANIS), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 203, parte.
Terenotriccus erythrurus SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 392, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul e a leste do baixo Amazonas: rio Tocantins (Cametá, Baião, Boca do Ma-

---

(1) *Empidochanes poecilurus* SCLATER, 1862, Proc. Zool. Soc. London, p. 112: Bogotá.
(2) Segundo os estudos de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.042, p. 6) a forma típica de *erythrurus* ocorre no rio Negro até próximo à confluência do rio Uaupés (Tatú), a partir de onde é substituida pela raça *venezuelensis*.

napirí, Pirunum), rio Guamá, rio Irirí (Santa Júlia), distrito este-paraense (Belém, Mocajuba, Providência, Santa Isabel, Santo Antônio do Prata, Peixe-Boi), oeste do Maranhão (Turiassú).

Terenotriccus erythrurus amazonus Zimmer

Terenotriccus erythrurus amazonus ZIMMER, 1939, Novit., Zool., N. 1.042, p. 7: igarapé Amorim (rio Tapajoz, marg. esquerda).

Distribuição. — Margem direita do rio Amazonas e afluentes: rio Solimões (Tefé), rio Juruá, rio Madeira (Borba, Calama, Porto Velho) e rio Gi-Paraná (Maruins), rio Tapajoz (Boim, Itaituba, Vila Braga), norte de Mato Grosso, rio Guaporé (Engenho do Gama), rio Jaurú, rio Roosevelt[1].

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♂, GARBE, junho (1902).
Parintins (rio Amazonas, marg. direita): ♂, GARBE, maio (1921).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, novembro 20 (1936).
Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, janeiro 7 (1937).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 29 (1937).

Terenotriccus erythrurus venezuelensis Zimmer

Terenotriccus erythrurus venezuelensis ZIMMER, 1939, Amer. Mus. Novit., N.º 1.042, p. 6: Esmeralda (monte Duida, Venezuela).

Distribuição. — Sul da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura) e região confinante do Brasil, extrema oeste-septentrional do Amazonas: rio Uaupés (Tauapunto).

Gênero MYIOBIUS Darwin[2]

Myiobius DARWIN (*ex* GRAY manuscr.), 1839, Voy. Beagle, Zool., III, pte. 9, p. 46 — nome novo para *Tyrannula* SWAINSON, 1827 (Zool. Journ., III, p. 358), anteocupado por *Tyrannulus* VIEILLOT, 1816. Tipo, por monotipia, *Muscipeta barbata* SWAINSON (= *Muscicapa mastacalis* WIED).

---

(1) É com dúvidas que refiro aqui as aves do noroeste de Mato Grosso à forma descrita por ZIMMER. HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. 5a., p. 231, nota *a*), comparando exemplares do rio Guaporé com os do baixo Madeira e Tapajoz, observa que aqueles "divergem na direção de *T. e. brunneifrons* HELLM. (tipo de Tres Arroyos, Bolívia"). O fato parece-me tambem verificar-se com os do alto rio Juruá, mencionados acima.

(2) Cf. a monografia do gênero por W. E. CLYDE TODD, em Proc. Biol. Soc. Wash., XXXV, pags. 17-38 (1922).

Myiobius barbatus barbatus (Gmelin) [V, 234]

Muscicapa barbata GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 933 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 830, fig. 1: Cayenne (Guiana Francesa).

Myiobius barbatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 199, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 289, parte.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, Ipousin, Tamanoir, St. Jean du Maroni, St. Georges d'Oyapock), Holandesa (Paramaribo, Javaweg) e Inglesa (Bartica Grove, rio Mazaruni, rio Atapurow, Roraima, Tumatumari, Wismar, Minnehaha Creek), leste e sul da Venezuela (rio Caura, base do Duida, foz do Cassiquiare), sudeste da Colômbia (rio Caquetá, Florência, La Morelia), leste do Equador (rio Suno, Zamora, foz do Curaray), norte do Perú (Pomará, no médio Marañon)[1], Brasil oeste setentrional, ao norte do rio Amazonas: alto rio Negro (Marabitanas, Tatú, Javanarí, Tabocal, base do monte Curicuriarí), rio Uaupés (Jauaretê, Tauapunto), rio Jamundá (Faro), Óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

Myiobius barbatus amazonicus Todd [V, 235]

Myiobius barbatus amazonicus TODD, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 96: Hiutanaã (rio Purús).

Distribuição. — Leste do Perú (rio Ucayali, Sarayacu, Lagarto, Orosa, Puerto Bermudez) e Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões: Manacapurú, baixo rio Negro (Avojutuba), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Hiutanaã), rio Madeira (Humaitá).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, novembro 19 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, dezembro 7 e 30 (1936), fevereiro 1 e 4 (1937); ♀, OLALLA, dezembro 20 (1936).

Myiobius barbatus insignis Zimmer.

Myiobius barbatus insignis ZIMMER, 1939, Amer. Mus. Novit., N.º 1.042, p. 9: Piquiatuba (baixo Tapajoz).

Myiobius barbatus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 289, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 391, parte.

---

(1) Para esta e outras referências zoogeográficas v. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.º 1.042, p. 8 e segs. (1939).

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul do baixo Amazonas, até o norte de Mato Grosso: rio Tapajoz (Boim, Vila Braga, Piquiatuba, Caxiricatuba, Tauarí, igarapé Amorim), rio Jamauchim (Tucunaré), rio Xingú (Vitória), rio Tocantins (Cametá, Baião, Arumetaua), rio Guamá (Ourém) e leste do Pará (Benevides, Apeú, Santa Isabel, Peixe-Boi), noroeste de Mato Grosso (Barão de Melgaço, rio Roosevelt)[1].

Myiobius barbatus mastacalis (Wied) [V, 235]

Muscicapa mastacalis WIED, 1821, Reise Bras., II, p. 151: rio Catolé (margem esquerda do rio Pardo, sul da Baía).
Myiobius barbatus SCLATER (*nec* GMELIN), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 199, parte.
Myiobius barbatus mastacalis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 290, parte.

Distribuição. — Brasil oriental: sul da Baía (Ilheus, Itabuna, rio Gongogí, Cajazeiras, Jequié, Itirussú, rio Pardo), Espírito Santo (Pau Gigante, lagoa Juparanã, serra do Caparaó, rio S. José, Chaves), Rio de Janeiro[2] (Nova Friburgo, Cantagalo, Registro do Saí, Baixo Guandú), litoral de São Paulo (Iguape, Ubatuba, Juquiá), Santa Catarina (Joinvile), Minas Gerais (rio Doce, baixo Piracicaba), sul de Goiaz (rio Claro, rio Uruú).

BRASIL
Baía
Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, abril (1908).
Ilheus: sexo ?, GARBE, abril (1919).
Itabuna: ♂, GARBE, julho (1919).
Serra do Palhão (Jequié): ♀, OLIV. PINTO, novembro (1932).
Espírito Santo
Pau Gigante: ♂, E. G. HOLT, agosto 28 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 25 e 29 (1942).
Rio S. José: sexo ?, OLALLA, setembro 22 (1942).
Minas Gerais
Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 18 e 23 (1940).
Rio Doce: ♂, OLALLA, agosto 28 (1940); ♀, W. GARBE, agosto 29 (1940); 2 sexos ?, OLALLA, agosto 28 e 29 (1940).
São Paulo
Iguape: ♀, R. KRONE, outubro 12 (1900).
Ubatuba: ♂, GARBE, abril (1905); ♀, GARBE, março (1905).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): sexo ?, OLALLA, maio 16 (1940).
Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, abril 22 (1940).

(1) ZIMMER (op. cit., p. 10) prefere referir o exemplar do rio Roosevelt (corredeiras) à *M. barbatus mastacalis*, reconhecendo-o, embora, "not typical".
(2) Pátria de *Platyrhynchus xanthopygus* SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 9, tab. IX, fig. 1.

Myiobius atricaudus[1] ridgwayi Berlepsch [V, 241]

Myiobius ridgwayi BERLEPSCH, 1888, Auk, V, p. 457: Petrópolis (Rio de Janeiro); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 290.

Distribuição. — Sudeste do Brasil: Espírito Santo (Santa Bárbara do Caparaó, Chaves), Rio de Janeiro (Petrópolis, Terezópolis, Colônia Alpina, serra do Itatiaia), leste de Minas Gerais (São José da Lagoa), São Paulo (Ipanema, Salto Grande, Vitória, Valparaizo, serra de Bananal).

BRASIL
Espírito Santo
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 27 (1942).
Rio de Janeiro
Itatiaia: ♀ (of., agosto 4, 1922).
Minas Gerais
Fazenda Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 30 e outubro 5 (1940); sexo ?, W. GARBE, outubro 2 (1940).
São Paulo
Valparaizo: ♀, LIMA, junho 22 (1931).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e São Paulo): ♀, OLALLA, agosto 26 (1941).

Myiobius atricaudus snethlagei Hellmayr [V, 240]

Myiobius atricaudus snethlagei HELLMAYR, 1927, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. V, p. 240: Codó (Maranhão).

Distribuição. — Brasil este-septentrional: interior do Maranhão (Codó, Flores, Grajaú, Barra do Corda), Piauí (Santa Filomena, rio Parnaiba, Parnaguá), Ceará (Viçosa), Pernambuco (Brejão, Garanhuns), oeste da Baía (Santa Rita do Rio Preto).

Myiobius atricaudus connectens Zimmer

Myiobius atricaudus connectens ZIMMER, 1939, Amer. Mus. Novit., N.º 1.042, p. 12: Mocajuba (baixo rio Tocantins, estado do Pará).

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul do baixo Amazonas: rio Tapajoz (Caxiricatuba, Pinhí, Tauarí), rio Jamauchim (Tucunaré), rio Tocantins (Mocajuba, Baião), norte do Maranhão (Rosário).

---

(1) *Myiobius atricaudus* LAWRENCE, 1863, Ibis, V, p. 183: Istmo do Panamá. A forma típica extende-se do sul da América Central (Costa Rica, Panamá) ao norte da Colômbia. Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., p. 83 (1932).

Myiobius atricaudus adjacens Zimmer

Myiobius atricaudus adjacens Zimmer, 1939, Amer. Mus. Novit., N.º 1.042, p. 11: Puerto Indiana (baixo Marañon, norte do Perú).

Distribuição. — Leste do Equador (Zamora) e do Perú (rio Marañon, baixo rio Ucayali, Sarayacu, Moyobamba, rio Seco, rio Colorado), Brasil oeste-amazônico: rio Madeira (Rosarinho, Humaitá, Borba)[1].

Gênero MYIOPHOBUS Reichenbach

Myiophobus Reichenbach, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 67. Tipo, por designação subsequente de Gray (1855), *Muscicapa ferruginea* Swainson (= *Muscicapa fasciata* Müller).

Myiophobus fasciatus[2] flammiceps (Temminck) [V, 249]
Filipe (Espírito Santo).

Muscicapa flammiceps Temminck, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 144, fig. 3: "Brésil" (Rio de Janeiro, pátria típica sugerida por Hellmayr)[3].

Myiobius naevius Sclater (*nec* Boddaert), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 209, parte.

Myiobius fasciatus Iher. & Ihering (*nec* Müller), 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 290; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 392.

Distribuição. — Brasil oriental e central[4]: estuário amazônico (ilha Mexiana) e leste do Pará (região de Belém, Ma-

---

(1) Zimmer (op. cit., p. 12) tem dúvidas quanto à determinação dos exemplares de Rosarinho e Humaitá, reconhecendo, todavia, seu maior parentesco com as aves este-peruanas do que com as do baixo Amazonas. Tambem à presente forma deve referir-se o exemplar de Borba (col. Natterer), estudado por Hellmayr (cf. Catal. Birds Americas, V, 1927, p. 241, nota *a*).

(2) *Muscicapa fasciata* P. L. S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 172 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 574, fig. 3): Cayenne. A forma típica, que ocorre nas Guianas e norte da Venezuela (incl. a ilha de Trinidad), não consta ter sido verificada no Brasil.

(3) Cf. Novit. Zoologicae, XXXII, p. 176, nota 4 (1925).

(4) Já alhures (Rev. Mus. Paul., XIX, 1935, p. 216) detidamente me ocupei com as dificuldades oferecidas pela sistemática das populações brasileiras de *Myiophobus fasciatus*, espécie representada por numerosas raças geográficas extranhas ao nosso território. Zimmer, aparentemente o último revisor do grupo (cf. Amer. Mus. Novit., N.º 1.043, p. 4 e segs., 1939), conserva-as todas em *M. fasciatus flammiceps*, reconhecendo todavia como válida *Myiophobus fasciatus auriceps* (Gould, em Darwin, 1839), sob que separa as aves das Repúblicas platinas e leste da Bolívia, por terem as partes inferiores "mais esbranquiçadas e as faixas das asas de côr canela

guarí), Maranhão (São Bento, Tranqueira, rio Parnaíba), Piauí (Parnaguá, Gilboez, lagoa Missão, Timbó, Corrente, Arara), Ceará (serra de Baturité), Pernambuco (Macuca, Garanhuns, Palmares), Baía (Macaco Seco, Orobó, Itirussú, Baixão, Aratuípe, Santo Amaro, ilha de Madre de Deus, Curupeba), Espírito Santo (Santa Tereza, Chaves, Pau Gigante), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, Itatiaia, rio Muriaé, Angra dos Reis, Ilha Grande), São Paulo (Ipanema, Iguape, São Sebastião, Juquiá, Ipiranga, Itatiba, Piquete, rio Mogí-Guassú, Monte Alegre, Itararé, Vitória, São Jerônimo, Franca, Avanhandava, Lins, Valparaizo), Santa Catarina (Hansa), Rio Grande do Sul (Mundo Novo, São Lourenço, Itaquí), Minas Gerais (Vargem Alegre, Pirapora, Congonhas, rio das Velhas, São José da Lagoa, Maria da Fé), Goiaz (rio das Almas, Jaraguá, rio Tesouras, rio Claro), Mato Grosso (Urucúm, Coxim, Cuiabá, Chapada, Abrilongo, Poconé).

BRASIL

Baía

"Bahia": ♂, Mus. Berlepsch (1898).
Aratuípe: ♂ ?, OLIV. PINTO, novembro 10 (1932).
Madre de Deus: ♀, W. GARBE, janeiro 13 (1933); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 18 (1933).
Curupeba: 2 ♂ ♂, CAMARGO, fevereiro 22 (1933).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, H. F. BERLA, outubro 19 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 29 e setembro 3 (1942).
Santa Tereza: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, outubro 3 e 5 (1942).

Rio de Janeiro

Ilha Grande: ♂, GARBE, agosto (1905).
Nova Friburgo: ♂, GARBE, setembro (1909).
Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 27 (1941).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): sexo ?, OLALLA, setembro 13 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
Pirapora: ♂, GARBE, maio (1912).
Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♀, OLIV. PINTO, janeiro 10 (1936).
Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 30 e outubro 1 (1940); ♂, W. GARBE, outubro 1 (1940); 6 ♀ ♀, OLALLA, setembro 26, 27, 28 e 29, outubro 1 (1940); ♀, W. GARBE, setembro 30 (1940).

---

mais pálida, ou trigueira (buffy")". Estas diferenças, porém, afiguram-se-me bastante frágeis, tanto quanto pelo menos as que dizem respeito ao colorido geral das partes superiores (que varia entre o pardo-oliváceo ao ferrúgem, sem nenhuma relação com a idade, sexo ou localidade) e ao tamanho, que oscila entre limites excepcionais, não obstante a clara predominância dos valores máximos no Prata e mínimos no leste do Brasil (Baía).

São Paulo
São Sebastião: sexo ?, H. PINDER, setembro 27 (1896).
Iguape: ♂ juv., R. KRONE, janeiro 5 (1898).
Rio Mogí-Guassú: ♂, HEMPEL, dezembro 11 (1899).
Rincão: ♂, LIMA, fevereiro (1901).
Itararé: ♂, GARBE, maio (1903).
São Jerônimo (Avanhandava): 3 ♂ ♂, GARBE, janeiro e fevereiro (1904; 2 ♀ ♀, GARBE, janeiro e fevereiro (1904).
Franca: 1 ♂ e 1 sexo?, GARBE, setembro (1910); ♀, GARBE, agosto (1910).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, SCHWEBEL, outubro 21 (1913); 2 ♀ ♀ (compr. em novembro 1903).
Itatiba: ♂, LIMA, março 20 (1926).
Valparaizo: ♂, HEITOR SERAPIÃO, dezembro 23 (1931); sexo ?, LIMA, junho (1931).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): sexo ?, OLIV. PINTO, maio (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 23 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 7 (1943).

Rio Grande do Sul
Itaquí: ♀, GARBE, dezembro (1914).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, W. GARBE, setembro 1 (1934).
Faz. Bôa Vista (Jaraguá): ♂, W. GARBE, setembro 21 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀ ?, W. GARBE, maio 28 (1940).

Mato Grosso
Fazenda Recreio (Coxim): ♀, OLIV. PINTO, agosto 15 (1937).

Gênero **HIRUNDINEA** Lafresnaye & d'Orbigny

Hirundinea LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 46. Tipo, por monotipia, *Tyrannus bellicosus* VIEILLOT.

Hirundinea ferruginea ferruginea (Gmelin) [V, 255]

Turdus ferrugineus GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 446 (com base em "Ferrugineous — bellied Tody" de LATHAM): Cayenne (Guiana Francesa).

Hirundinea ferruginea SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 195.

Distribuição. — Guiana Inglesa (Roraima, monte Troekquay), Guiana Francesa (Cayenne) e extrema oeste-septentrional do Brasil: alto rio Negro (rio Içana, Cachoeira do Tunuí).

Hirundinea bellicosa bellicosa (Vieillot) [V, 256]

Gibão de couro (Baía), *Benteví de gamela* (Ceará), *Birro* (Rio Gr. do Sul).

Tyrannus bellicosus VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXV, p. 74 (com base em AZARA, N.º 189, "Suiriri roxo obscuro"): Paraguay.

Hirundinea bellicosa SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 196, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 289.

Distribuição. — Nordeste da Argentina[1] (Misiones), Paraguay (Alto Paraná, Colônia Risso, Puerto Francia), Brasil oriental e central: Maranhão (alto rio Parnaíba, Tranqueira), Piauí (Parnaguá, Burití), Ceará (Quixadá), Pernambuco (Quipapá, Macuca), Baía (cid. do Salvador, Catuní, Belmonte, Ilhéus), Espírito Santo (Pau Gigante, Chaves), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, Terezópolis, Taipú, Ilha Grande, Marambaia, Itatiaia), Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas, Santa Luzia, rio das Velhas, Vargem Alegre, São José da Lagoa, Barbacena, Ressaquinha, Água Suja), São Paulo (São Sebastião, Iguape, Itararé, Ipanema, Capivarí, rio Mogí-Guassú, Monte Alegre, Franca, Silvânia, Baurú, Itapura), Paraná (Jacarèzinho, rio da Areia), Rio Grande do Sul (Taquara, Torres), Mato Grosso (Urucúm, Chapada), Goiaz (cid. de Goiaz).

BRASIL

Espírito Santo
- Pau Gigante: ♂, GENTIL DUTRA, setembro 5 (1940).
- Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLIV. PINTO, agosto 30 (1942).

Minas Gerais
- Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
- Faz. Bôa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, outubro 5 (1940).

São Paulo
- São Sebastião: 1 ♂ e 1 ♀, H. PINDER, setembro 20 (1896).
- Iguape: ♂, R. KRONE, outubro 7 (1896).
- Baurú: ♂, GARBE (1901).
- Franca: ♂, DREHER, julho 28 (1902); ♀, DREHER, agosto 1 (1902).
- Itararé: 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, maio (1903).
- Itapura: sexo ?, GARBE (1904).
- Silvânia: ♀, OLIV. PINTO, agosto 28 (1932).
- Monte Alegre: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, julho 19 (1942).

Paraná
- Ribeirão do Bugre (Jacarèzinho): sexo?, LIMA, abril 2 (1901).

Gênero ONYCHORHYNCHUS Fischer

Onychorhynchus FISCHER, 1813, Zoognosia, I, pp. 1 e 42. Tipo, por subsequente designação (OBERHOLSER, 1901)[2], *Todus regius* GMELIN (= *Muscicapa coronata* MÜLLER).

---

(1) Na parte ocidental da Argentina (Salta, Tucumán, Cordoba, Catamarca) a forma paraguaio-brasileira é substituida por *Hirundinea bellicosa pallidior* HARTERT & GOODSON, 1917 (Novit. Zool., XXIV, p. 411: Cachi, prov. de Salta), cuja distribuição abrange grande parte da Bolívia (La Paz, Cochabamba, Santa Cruz, Chiquitos).

(2) Cf. Auk, XVIII, p. 193.

Onychorhynchus coronatus coronatus (Müller) [V, 258]
Leque[1], *Maria-leque.*

Muscicapa coronata MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 168 (com base em "Tyran huppé de Cayenne" de BUFFON e DAUBENTON, Pl. enlum. 289): Cayenne (Guiana Francesa).
Muscivora regia[2] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 192, parte.
Onychorhynchus coronatus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 289; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 393.

Distribuição. — Sul e leste da Venezuela (monte Duida, rio Orenoco, rio Caura), Guianas Inglesa (rio Mazaruni, Camacusa, rio Ituribisci, rio Cotingo, Tiger Creek, Tumatumari), Holandesa (prox. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Pied Saut, Saint Jean du Maroni), regiões adjacentes do Brasil, até o baixo Amazonas, em ambas as margens: rio Branco (Conceição), rio Jamundá (Faro), Óbidos, Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Diamantina, Urucurituba, Caxiricatuba, igarapé Brabo, Tauarí, Aramanaí, igarapé Amorim, Vila Braga), rio Xingú, rio Tocantins (Cametá, Arumateua), rio Mojú, rio Acará, região de Belém (Nazaré), e leste do Pará (Benevides), norte do Maranhão (Turiassú)[3].

Onychorhynchus coronatus castelnaui Deville [V, 259]

Onychorhynchus castelnaui DEVILLE, 1849, Rev. Magaz. Zool., (2), I, p. 56: Sarayacu e Pampas del Sacramento (nordeste do Perú).
Muscivora regia SCLATER (*nec* GMELIN), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 192, parte.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (Villavicencio)[4], leste do Equador (rio Napo, rio Suno) e do Perú (rio Marañon, Pebas, rio Ucayali, Sarayacu, Chamicuros), norte da Bolívia (Yuracares) e extremo noroeste do Brasil ao norte e ao sul do rio Solimões: rio Negro (monte Curicuriarí, Tatú), rio Solimões (Tefé), rio Juruá (João Pessoa), alto rio Madeira (Humaitá)[5].

BRASIL
Amazonas
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 3 ♀ ♀, OLALLA, outubro 13 e 16, dezembro 27 (1936).

---

(1) Plebeismo, por *leque*.
(2) *Todus regius* GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 445 (com base em BUFFON e DAUBENTON, Pl. enlum. 289).
(3) Cf. Mme. SNETHLAGE, Mus. Nac. do Rio de Janeiro, II, N.º 6, p. 62 (1926).
(4) ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.043, p. 6, 1939) inclúe na área da presente raça o sudoeste da Venezuela (rio Huaynía, junção com o Cassiquiare).
(5) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, p. 356 (1910).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 8 (1936).

Onychorhynchus swainsoni (Pelzeln) [V, 259]

Lecre (= *Leque*).

Muscivora swainsoni PELZELN, 1858, Sitzungsber. math. naturwiss. Kl. Akad. Wiss. Wien, XXXI, p. 326: "Island of Juan Fernandez", *errore* (pátria típica "Rio de Janeirõ", sugerida por HELLMAYR)[1]; SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 192; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 289.

Distribuição[2]. — Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (serra dos Orgãos, Nova Friburgo, Cantagalo, Macaé), leste de Minas Gerais (Teófilo Otoni, Mairinque), São Paulo (alto rio Paca, serra do Mar, Piedade, Baurú, rio Paraná), Paraná (serra da Graciosa, Corvo, Salto da Pindaíba)[3].

BRASIL

Minas Gerais

Teófilo Otoni: ♂, GARBE, outubro (1908).
Mairinque: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, dezembro (1908).

São Paulo

Una: ♂ ?, JOSÉ LIMA, fevereiro 28 (1937).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♀, OLIV. PINTO, agosto 28 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, TRAVASSOS FILHO, outubro 21 (1941); ♀, TRAVASSOS FILHO, outubro 16 (1941); ♀, E. DENTE, outubro 23 (1941).

Subfamilia PLATYRINCHINAE

Gênero PLATYRINCHUS Desmarest

Platyrinchus DESMAREST, 1805, Hist. Nat. Tang. Manakins et Todiers, livr. 4 (texto não paginado, antecedente à pl. 72). Tipo, por subsequente designação (GRAY, 1840, p. 31), *Todus platyrhynchos* GMELIN.

---

(1) Cf. HELLMAYR, Catal. Bds. of Americas (Field Mus. Nat. Hist., Publ. 242), pte. V, p. 260 (1927).

(2) A espécie tornou-se sobremodo rara no Rio de Janeiro, onde aliás fora outrora abundante, e especialmente em São Paulo. Não obstante, afora os exemplares referidos no texto, posso referir um das matas de Piedade (perto de Una e não longe da cidade de São Paulo), caçado em 1939 pelo sr. JOSÉ LEONARDO DE LIMA, mas que não pudera ser aproveitado. Baurú é localidade mencionada por H. e R. v. IHERING (Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 289). Conforme o primeiro destes autores (Rev. Mus. Paul., III, p. 200), o pássaro existira tambem nas vizinhanças de Piracicaba.

(3) Salto da Pindaíba fica no rio Ivaí (afl. do rio Paraná), onde CHROSTOWSKI colecionara um macho adulto e outro jovem (cf. SZTOLCMAN, Ann. Zool. Mus. Pol. Hist. Natur., V, p. 175, 1926). Os exemplares de Corvo (serra da Graciosa) foram colecionados por Mme. SNETHLAGE e existem no Museu Nacional.

Platyrinchus platyrhynchos (Gmelin) [V, 262]

Todus platyrhynchos GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 446 (com base em "Generis Todi species octava" de PALLAS, Spicil. Zool., I, fasc. 6, p. 19, pl. 3, fig. *c*): nenhuma indicação de localidade (Rio de Janeiro, pátria típica sugerida por HELLMAYR)[1].
Platyrhynchus rostratus[2] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 65.
Platyrhynchus platyrhynchos IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 263.

Distribuição. — Leste do Paraguay (Sapucay) e sudeste do Brasil: Espírito Santo (Itapemirim, WIED), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, DESCOURTILZ), São Paulo (rio Feio, Juquiá).

BRASIL
São Paulo
Rio Feio: sexo ?, GARBE (1901).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, maio 18 (1940).

Platyrinchus senex senex Sclater & Salvin [V, 262]

Platyrhynchus senex SCLATER & SALVIN, 1880, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 156: Sarayacu (Equador, rio Bobonasa); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 65.

Distribuição. — Leste do Equador (Sarayacu), norte do Perú (Chamicuros, Yurimaguas), noroeste extremo do Brasil: rio Uaupés (Taracuá)[3].

BRASIL
Amazonas
Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro): 1 ♂ e 1 sexo?, CAMARGO, dezembro (1936).

Platyrinchus senex griseiceps Salvin [V, 263]

Platyrhynchus griseiceps SALVIN, 1897, Bull. Brit. Orn. Cl., VII, pag. XV: "Annai" (= Ourumee, Guiana Inglesa, teste HELLMAYR); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 397.

---

(1) Catal. of Birds of Americas, parte V, p. 262 (1927).
(2) *Todus rostratus* LATHAM, 1790, Ind. Orn., I, p. 268, nome novo para *Todus platyrhynchos* GMELIN).
(3) Sobre as relações de *Platyrinchus senex senex* com suas correlatas cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, p. 285 (1910). Ao que já disse (cf. Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 521, 1937) para justificar a inclusão dos exemplares de Taracuá (rio Uaupés, afl. do alto rio Negro, marg. direita) na forma típica, pouco tenho a acrescentar. No espécime insexuado, a cuja garganta levemente amarelada fiz menção, o píleo é consideravelmente mais escuro do que no ♂. Exemplares das outras raças da espécie até agora me faltam, o que me priva de formar sobre os supramencionados juizo mais seguro. É de crêr que *Pl. senex senex* extenda sua área até a região do Caquetá, no sudeste da Colômbia.

Distribuição. — Leste da Venezuela (rio Caura), Guianas Inglesa (rio Abary, rio Ituribisci, rio Makauria, Ourumee, Bartica Grove, Supenaam) e Holandesa, regiões adjacentes do extremo norte do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas: rio Branco (serra Caraumã), margem esquerda do baixo Amazonas (óbidos).

Platyrinchus senex nattereri Hartert & Hellmayr [V, 263]

Platyrhynchus nattereri HARTERT & HELLMAYR, 1902, Bull. Brit. Orn. Cl., XII, p. 63: Salto do Girau (alto rio Madeira); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 363.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas: rio Madeira (Salto do Girau, Calama) e rio Gi-Paraná (Maruins).

Platyrinchus senex amazonicus Berlepsch [V, 263]

Platyrhynchus griseiceps amazonicus BERLEPSCH, 1912, Orn. Monatsber., XX, p. 20: Peixe-Boi (perto de Belém do Pará); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 397.

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita do baixo Amazonas: rio Tapajoz (Boim, Santarém, Caxiricatuba, Pinhí), rio Tocantins (Alcobaca), rio Irirí (boca do Curuá), rio Acará, região de Belém (Peixe-Boi, Mocajatuba, Maguarí, Santa Isabel, Benevides).

Platyrinchus saturatus Salvin & Godman [V, 264]

Platyrhynchus saturatus SALVIN & GODMAN, 1882, Ibis, 4.ª Série, VI, p. 78: montes Merumé (Guiana Inglesa); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 66; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 397.

Distribuição. — Sul e leste da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura), Guianas Inglesa (montes Merumé, Camacusa, rio Ituribisci, rio Abary, Bartica Grove, Bonasica, Makauria), Holandesa (interior de Paramaribo) e Francesa (rio Approuague, Ipousin, Saint Jean du Maroni), nordeste do Perú (Puerto Indiana)[1] e extremo norte do Brasil: alto rio Negro (monte Curicuriarí, Tatú) e rio Uaupés (Taracuá), rio Jamundá (Faro), óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio

(1) Localidade situada na foz do rio Napo (afl. da marg. esquerda do Marañon), a única, do Perú, em que já fora notificada a espécie (cf. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.º 1.043, p. 9, 1939). Sua ocorrência tambem no alto rio Negro fui o primeiro a registar (Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 522, 1937).

Tapajoz (Santarém, Vila Braga)[1], região de Belém do Pará (Peixe-Boi, Santa Isabel, Anindeua, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú).

BRASIL

Amazonas

Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro): ♂, CAMARGO, dezembro 6 (1936).

Platyrinchus mystaceus mystaceus Vieillot [V, 265]

Platyrhynchos mystaceus VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVII, p. 14 (com base em AZARA, N.º 173, "Bigotillo"): Paraguay.

Platyrhynchus mystaceus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 67, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Av., p. 263.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), leste do Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), Brasil oriental e meridional: interior do Maranhão (Rosário, Grajaú) e do Piauí (São Gonçalinho, riacho da Raiz), Baía (Bonfim), Espírito Santo (Chaves), Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas, São José da Lagoa, Maria da Fé), Goiaz (rio das Almas)[2], Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Terezópolis, Cantagalo, Itatiaia, Porto Real), São Paulo (serra de Bananal, Piquete, serra de Caraguatatuba, Ubatuba, Alto da Serra, Juquiá, Ipiranga, Osasco, Tietê, Monte Alegre, Salto Grande, Itararé, Ipanema, Vitória, Silvânia, Franca, Ituverava, Baurú, Avanhandava, rio Paraná), Paraná (Castro, Jacarèzinho, serra do Mar, Vera Guaraní), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Novo Hamburgo, São João do Monte Negro).

BRASIL

Baía

Vila Nova (= Bonfim): 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, abril (1908).

Espírito Santo

Chaves (Santa Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 23 (1942); ♀, OLALLA, agosto 24 (1942); sexo ?, OLALLA, agosto 21 (1942).

Rio de Janeiro

Nova Friburgo: ♂, GARBE, setembro (1909).

---

(1) Cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 283 (1941).

(2) O ♂ de rio das Almas (a duas léguas de Jaraguá), em que já se vêem, bem esboçadas, as orlas coradas das coberteiras, ocupa posição nitidamente intermediária entre a forma típica e *Pl. m. bifasciatus*. Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XX, p. 98 (1936).

Minas Gerais
Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, janeiro 7 (1936).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 5 (1940); ♀, OLIV. PINTO, setembro 27 (1940).
São Paulo
Tietê: ♀, H. PINDER, abril 14 (1897).
Rio Feio: ♂, GARBE (1901).
Ourinhos: ♀, LIMA, março 26 (1901).
Itararé: 2 ♂ ♂, GARBE, junho e agosto (1903); ♀, GARBE, maio (1903).
São Jerônimo (Avanhandava): ♀, GARBE, fevereiro (1904).
Alto da Serra: sexo ?, LIMA, agosto (1904).
Ubatuba: ♂, GARBE, maio (1905); 2 ♀ ♀, GARBE, abril e maio (1905).
Franca: ♀, GARBE, setembro (1910).
Ituverava: ♂, GARBE, maio (1911).
Silvânia: ♀, OLIV. PINTO, janeiro 13 (1931).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): ♀, JOSÉ LIMA, abril 16 (1940).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 13 (1940); sexo ?, OLIV. PINTO, maio 18 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 1 ♀ e 1 sexo ?, OLALLA, agosto 28 (1941).
Serra de Caraguatatuba: ♂, OLALLA, setembro 24 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 2 (1941); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, outubro 9 e 12 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, julho 20 (1942).
Paraná
Castro: 2 ♂ ♂, GARBE, maio e junho (1914).
Rio Grande do Sul
Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, maio 9 (1898).
Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, agosto 22 (1934).

Platyrinchus mystaceus bifasciatus Allen [V, 265]

Platyrhynchus bifasciatus ALLEN, 1889, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, p. 141: Chapada (Mato Grosso); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av. p. 263.

Distribuição. — Brasil centro-ocidental, no estado de Mato Grosso (Chapada, Aquidauana, Campanário, rio Amambaí).

BRASIL
Mato Grosso
Aquidauana: ♀, LIMA, agosto 5 (1931).
Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 27 (1937).

Platyrinchus coronatus coronatus Sclater [V, 270]

Platyrhynchus coronatus SCLATER, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVI, p. 71: rio Napo (leste do Equador); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 68.

Distribuição. — Sudoeste da Venezuela (marg. ocidental do Cassiquiare)[1], sudeste da Colômbia (rio Caquetá, La Morelia), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Sarayacu, foz do Curaray, Cerro Galeras) e do Perú (rio Marañon, Puerto Bermudez, rio Ucayali, rio Santiago), norte da Bolívia (corredeiras do alto rio Madeira) e noroeste do Brasil (Amazônia): rio Negro (Tatú), rio Juruá (igarapé Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Humaitá, Calama, Paraizo) e Gi-Paraná (Maruins), rio Tapajoz (Caxiricatuba, Miritituba), rio Curuá (Maloca do Manoelzinho), rio Jamauchim (Tucunaré, Salto Grande), rio Xingú (ubi?).

Brasil

Amazonas

Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, Olalla, janeiro 18 (1937).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, Olalla, novembro 30 (1936); sexo ?, Olalla, novembro 3 (1936).

Platyrinchus coronatus gumia (Bangs & Penard) [V, 270]

Placostomus coronatus gumia Bangs & Penard, 1918, Bull. Mus. Comp. Zool., LXII, p. 74: vizinhanças de Paramaribo (Guiana Holandesa).

Platyrhynchus superciliaris Sclater (*nec* Lawrence)[2], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 68, parte; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 398.

Distribuição. — Sudeste da Venezuela (Roraima), Guianas Inglesa (rio Ituribisci, Ourumee, Bartica Grove, Makauria Creek) e Holandesa (Albina), zonas adjacentes do norte extremo do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas: rio Jamundá (Faro), rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

Gênero **CNIPODECTES** Sclater & Salvin[3]

Cnipodectes Sclater & Salvin, 1873, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 281. Tipo, *Cyclorhynchus subbrunneus* Sclater.

---

(1) Cf. Zimmer, Amer. Mus. Novit., N.º 1.043, p. 9 (1939).
(2) *Platyrhynchus superciliaris* Lawrence, 1863, Ibis, V, p. 184: Istmo do Panamá.
(3) Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1.043, p. 10 e ss.) chama a atenção para a curiosa conformação das primárias externas dos machos adultos, que caracteriza este gênero. Essa disposição aparece eminentemente acentuada em vários de nossos exemplares (v. g. Nos. 23.109 e 23.105).

Cnipodectes subbrunneus[1] minor Sclater [V, *272*]

Cnipodectes minor SCLATER, 1883, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 654: Chamicurus (Perú); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 197, parte.

Cnipodectes subbrunneus SNETHLAGE (*nec* SCLATER), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 393.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (La Morelia), leste do Perú (Orosa, Chamicuros), noroeste extremo do Brasil: rio Solimões (Tefé), alto rio Negro (igarapé Cacau Pereira), rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús.

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 23 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 24 (1936); 2 ♀♀, OLALLA, dezembro 11 (1936) e fevereiro 4 (1937).

Igarapé Grande (alto Juruá): 3 ♂♂, OLALLA, janeiro 19, 21 e 24 (1937).

Gênero **TOLMOMYIAS** Hellmayr

Tolmomyias HELLMAYR, 1925, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII (Catal. of Birds of the Americas), pte. V, p. 273.[2] Tipo, por designação original, *Platyrhynchus sulphurescens* SPIX.

Tolmomyias sulphurescens sulphurescens (Spix) [V, *273*]

Platyrhynchus sulphurescens SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 10, tab. XII, fig. 1, parte (descr. do macho): "in sylvis Provinciae Rio de Janeiro, Piauhy" (pátria típica, Rio de Janeiro, sugerida por HELLMAYR)[3].

---

(1) *Cyclorhynchus subbrunneus* SCLATER, 1860, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVII, n. 282: Babahoyo (Equador). *Cnipodectes minor* foi criado por SCLATER com base exclusiva em suas dimensões muito mais exíguas do que as da forma primitiva; entretanto tão grandemente divergem neste particular os exemplares do rio Juruá (79 a 92 mils. de asa), que nenhum valor diagnóstico se pode atribuir a esse carater (cf. ZIMMER, op. cit., p. 11).

(2) O nome corresponde, como adverte o autor, a *Rhynchocyclus* de RIDGWAY, não de CABANIS & HEINE (q.v.).

(3) Cf. Catal. Bds. Amers., V, p. 273 (1927). O estudo dos tipos permitiu ao autor (cf. Abh. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 643, 1906) verificar a heterogeneidade dos exemplares em que SPIX baseara a sua descrição, restringindo, consequentemente, a distribuição originariamente atribuida à espécie.

Rhynchocyclus sulphurescens Sclater, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 168; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 264.

Distribuição[1]. — Nordeste da Argentina (Misiones), leste do Paraguay (Alto Paraná, Puerto Bertoni, Caaguazú)[2], Brasil este-meridional: Espírito Santo (rio Doce, baixo Guandú, Santa Bárbara do Caparaó, Chaves), Rio de Janeiro (Terezópolis, Cantagalo, serra do Itatiaia), leste de Minas Gerais (rio Doce, rio Sussuí, baixo Piracicaba, São José da Lagoa, Fazendinha, Lagoa Santa), São Paulo (Piquete, Ubatuba, Caraguatatuba, Alto da Serra, Juquiá, Iporanga, Jundiaí, Itatiba, Mogí das Cruzes, Campinas, Monte Alegre, Itú, Ipanema, Itararé, Salto Grande, Vitória, Baurú, Lins, Itapura)[3], Paraná (Castro, Jacarèzinho, Guarapuava, Terezina, rio Jordão, Vermelho, Cândido de Abreu, Salto de Guaira), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, São Francisco, Campo Bom, Sananduva, Sapirunga, lagoa Vermelha).

Paraguay

Puerto Bertoni: sexo ?, Bertoni (1904).

Brasil

Espírito Santo

Rio Doce: ♂, Garbe, março (1906).

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, Olalla, agosto 29 (1942).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): sexo ?, Olalla, agosto 22 (1940).

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, Olalla, setembro 13 e 18 (1940); sexo ?, Oliv. Pinto, setembro 17 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 3 ♂ ♂, Olalla, setembro 28 e 30, outubro 3 (1940); 2 ♀ ♀, Olalla, agosto 28 e outubro 3 (1940); 2 ♀ ♀, Oliv. Pinto, setembro 30 e outubro 5 (1940).

---

(1) O tratamento aqui adotado baseia-se precipuamente nas conclusões, embora necessariamente provisórias, de Zimmer, em cujo recente trabalho (cf. Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, pags. 1-16, 1939) vem amplamente discutido o árduo problema das espécies e variedades geográficas do gênero *Tolmomyias*, com a introdução de importantes modificações, oriundas, em grande parte, do reconhecimento de um novo grupo de formas subordinadas subespecificamente a *T. flavotectus* (Hartert), mas até então confundidas com os de *T. sulphurescens* (Spix).

(2) Zimmer (op. cit., pags. 2, 3, 17) reconhece, como raça válida, *Tolmomyias sulphurescens grisescens* (Chubb, 1910, Ibis, p. 588), proposta para as populações do centro e norte do Paraguay, com Sapucay por localidade típica. De qualquer modo é, por enquanto, impraticável a delimitação precisa de seu domínio geográfico.

(3) No extremo oeste de São Paulo, como o prova um ♂ de Itapura (N.º 5.144), há decidida transição para os caracteres de *T. s. pallescens*, do Brasil centro-ocidental.

São Paulo
Itatiba: ♂, LIMA, julho 12 (1900); ♀, LIMA, julho 13 (1900).
Jundiaí: ♀, LIMA, setembro 18 (1900).
Rio Feio: ♂, GARBE (1901).
Itapura: ♂, GARBE, agosto (1904).
Alto da Serra: 2 ♂ ♂, LIMA, agosto 24 (1904) e abril 22 (1906).
Ubatuba: ♂, GARBE, abril (1905).
Mogí das Cruzes: ♀, JOSÉ LIMA, março 17 (1933).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, OLALLA, maio 16 (1940).
Lins: ♀, OLALLA, janeiro 22 (1941).
Serra de Caraguatatuba: sexo ?, OLALLA, setembro 25 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, julho 20 (1942); ♀, JOSÉ LIMA, julho 20 (1942).

Paraná
Jacarèzinho: ♂, LIMA, março 28 (1901).
Castro: 3 ♂ ♂, GARBE, julho (1907) e maio (1914).

Rio Grande do Sul
Nova Wurttemberg: ♂, GARBE, março (1915).

Tolmomyias sulphurescens pallescens (Hartert & Goodson)

[V, 273, sin.]

Rhynchocyclus sulphurescens pallescens HARTERT & GOODSON, 1917, Novit. Zool., XXIV, p. 414: Santa Cruz (Bolívia).

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy, Salta, Tucumán), leste da Bolívia (Santa Cruz, Buena Vista, Vermejo, Três Arroyos, Todos os Santos, Mapiri) e Brasil central e ocidental: Mato Grosso (Urucúm, Salobra, Descalvados, Chapada, Santo Antônio do Rio Abaixo, Tapirapoã, Campanário, rio Guaporé), Goiaz (?), interior do Maranhão (Grajaú), do Piauí (Parnaguá, Pé do Morro, Baixão) e da Baía (Sincorá), oeste de Minas Gerais (Pirapora).[1]

BRASIL

Minas Gerais
Pirapora: ♂, GARBE, agosto (1912).

Mato Grosso
Miranda: ♂, LIMA, agosto 5 (1930).
Chapada: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, setembro 27 e outubro 3 (1937).
Santo Antônio (Cuiabá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 5 (1937).
Salobra: 2 ♀ ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 21 e 23 (1939); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 21 (1941).

---

(1) A despeito das considerações, não despidas de razão, feitas por HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., V, p. 274, nota *a*), a raça *pallescens* é tida por ZIMMER como boa. Com efeito, encarados em série, os exemplares de Mato Grosso, em fresca plumagem, diferem apreciavelmente dos de São Paulo e estados vizinhos pela tonalidade geral mais clara da plumagem. No mesmo caso está um ♂ de Pirapora (rio São Francisco, estado de Minas), o que extende consideravelmente para leste a área geográfica de *T. s. pallescens*, tornando muito provável devam pertencer tambem a esta raça as aves de oeste da Baía e sul do Piauí, cuja determinação ZIMMER (op. cit., p. 17) deixou em suspenso.

Tolmomyias sulphurescens mixtus Zimmer[1]

Tolmomyias sulphurescens mixtus Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 6: Baião (baixo Tocantins, margem direita).

Distribuição. — Brasil septentrional, da margem oriental (direita) do baixo Tocantins (Baião) ao norte do Maranhão (Alto da Alegria, pto. de Turiassú).

Tolmomyias sulphurescens insignis Zimmer

Tolmomyias sulphurescens insignis Zimmer, 1939, Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 5: Rosarinho (rio Madeira, margem esquerda).

Tolmomyias sulphurescens Sclater (*nec* Spix), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 168, parte.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Tefé), rio Negro (Muirapinima), rio Anibá, rio Atabaní, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), rio Juruá (lago Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Borba, Calama, Rosarinho, igarapé Auará, Santo Antônio do Guajará).

Brasil

Amazonas

Lago Grande (alto Juruá): 3 ♀ ♀, Olalla, outubro 17 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, Olalla, novembro 4 (1936); 2 ♀ ♀, Olalla, novembro 3 e 4 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, janeiro 25 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂ ♂, Olalla, fevereiro 27, março 5, abril 5, maio 31 (1937); 4 ♀ ♀, Olalla, março 11, abril 5 e junho 4 (1937).

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, junho 18 (1937); ♀, Olalla, junho 24 (1937).

---

(1) No Cat. of Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte V, pag. 275) esta e as três seguintes acham-se contidas em *Tolmomyias sulphurescens assimilis* (Pelzeln), cujo tipo, proveniente de Borba, pertenceria, contudo, segundo Zimmer, ao grupo *flavotectus*. De acordo com este agudo observador (op. cit., p. 1), "a feição mais característica talvez do grupo *flavotectus*, como diferentè do *sulphurescens* e suas conspécies, é a presença de um speculum nas barbas externas das primárias, logo abaixo das coberteiras". A dificuldade todavia de utilizar só esse carater como base na discriminação prática dos espécimes convem devidamente acentuar-se, visto ser quase sempre muito pouco aparente e ocorrer tambem às vezes nas aves do sul do Brasil, indiscutivelmente pertinentes ao grupo *sulphurescens*.

Tolmomyias flavotectus[1] examinatus (Chubb)

Rhynchocyclus sulphurescens examinatus CHUBB, 1920, Brit. Orn. Club, XL, p. 108: Bartica Grove (Guiana Inglesa).
Rhynchocyclus sulfurescens SCLATER (*nec* SPIX), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 168, parte.

Distribuição. — Sudeste da Venezuela (monte Ayuan-tepui), Guianas Inglesa (Roraima, Camacusa, Bartica Grove, rio Mazaruni, Ourumee, montes Merumé, Potaro, Minnehaha Creek, Tamatumari, Rockstone) e Holandesa (viz. de Paramaribo), região adjacente do extremo norte do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas: rio Jamundá (Faro, Castanhal), igarapé Anibá.

BRASIL
Amazonas
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 19 (1937).

Tolmomyias flavotectus neglectus Zimmer

Tolmomyias flavotectus neglectus ZIMMER, 1939, Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 12: São Gabriel (alto rio Negro, margem esquerda).

Distribuição. — Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, rio Cassiquiare, monte Duida)[2], sudeste da Colômbia (Florencia?) e noroeste extremo do Brasil: alto rio Negro (São Gabriel, Tabocal, Muirapinima, Javanarí, Jucabí, monte Curicuriarí), rio Uaupés (Jauaretê, Tauapunto).

Tolmomyias flavotectus assimilis (Pelzeln) [V, 275, parte]

Rhynchocyclus assimilis PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, p. 181, parte: Borba (baixo rio Madeira, margem direita).
Rhynchocyclus sulphurescens SCLATER (*nec* SPIX), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 168, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 394, parte.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas: margem direita do rio Solimões (Tefé), rio Ju-

---

(1) *Rhynchocyclus megacephala flavotectus* HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 608: San Javier (Equador, prov. Esmeraldas).

(2) A extensão da área geográfica da raça resta ser esclarecida. As aves do Orenoco, segundo informa ZIMMER (op. cit., p. 13), são intermediárias entre as duas Guianas (*examinatus*) e as do alto rio Negro (*neglectus*).

ruá e rio Eirú (Santa Cruz)[1], rio Madeira (Borba), rio Tapajoz (Patauá, igarapé Amorim, igarapé Brabo).

Brasil
Amazonas
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, Olalla, novembro 30 (1936).

Tolmomyias flavotectus calamae Zimmer

Tolmomyias flavotectus calamae Zimmer, 1939, Amer. Mus. Novit., N. 1.045, p. 12: Calama (alto rio Madeira, margem direita).

Distribuição. — Norte da Bolívia (Cochabamba, Todos os Santos) e região adjacente do Brasil ocidental: região do alto rio Madeira (Calama), inclusive o noroeste extremo de Mato Grosso (rio Roosevelt, Barão de Melgaço, Monte Cristo).

Tolmomyias flavotectus paraensis Zimmer

Tolmomyias flavotectus paraensis Zimmer, 1939, Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 13: Utinga (leste do Pará, não longe de Belém).
Rhynchocyclus sulphurescens Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 394, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, a leste do estuário amazônico: rio Tocantins (Cametá)[2], região de Belém (Utinga) e norte do Maranhão (Turiassú).

Tolmomyias megacephalus (Swainson)[3] [V, 281]

Tyrannula megacephala Swainson, 1836?, Orn. Draw., parte 4, pl. 47: "Brazil" (= S. Paulo?).
Rhynchocyclus megacephalus Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 264.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Puerto Bertoni) e sudeste do Brasil: São Paulo (Matodentro, perto de Taubaté).

(1) Por falta de material para comparação, não tenho grande segurança na determinação do exemplar de Santa Cruz (rio Eirú), cujas características apreciavelmente se acomodam tanto à descrição de *T. f. assimilis*, como às de *T. f. clarus* Zimmer (do Perú) e *T. f. calamae*.

(2) Outras localidades do baixo Amazonas, como as referidas por Snethlage (Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 394), deveriam talvez incluir-se na distribuição de *T. f. paraensis*, não fosse a confusão em que sempre estiveram as diferentes formas de *T. sulphurescens* e *T. flavotectus*. A esse respeito leiam-se as considerações de Griscom & Greenway em Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 284 (1941).

(3) Cf. Hellmayr, Verh. Zool. Bontan. Gesellsch. Wien, LIII, p. 206 (1903).

Tolmomyias poliocephalus poliocephalus (Taczanowski) [V, 282]

Rhynchocyclus poliocephalus TACZANOWSKI, 1884, Orn. Per., II, p. 285: Nauta (margem esquerda do Marañon, nordeste do Perú); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 171, parte.
Rhynchocyclus poliocephalus sclateri IHER. & IHERING (*nec* HELLMAYR), 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 264, parte.

Distribuição. — Venezuela[1] (rio Orenoco, rio Caura, rio Cassiquiare, monte Duida), sudeste da Colômbia (rio Caquetá, Florencia, La Morelia), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, foz do Curaray) e do Perú (Puerto Indiana, Nauta, Pebas, rio Ucayali, Xeberos, Cosnipata, Yurimaguas) e extremo noroeste do Brasil: rio Solimões (Tefé), alto rio Negro (igarapé Cacau Pereira, Muirapinima, Tabocal, Cumanaus, Jucabí, Tatú, Marabitanas) e rio Uaupés (Jauaretê, Tauapunto), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz).

BRASIL
Amazonas
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 4 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 18 (1936); ♀, OLALLA, outubro 15 (1936); sexo ?, OLALLA, janeiro 26 (1937).

Tolmomyias poliocephalus sclateri (Hellmayr) [V, 283]

Rhynchocyclus poliocephalus sclateri HELLMAYR, 1903, Verh. Zool. Bot. Ges. Wien, LIII, p. 207: Barra do rio Negro (= Manaus, estado do Amazonas); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 264, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 395.
Rhynchocyclus poliocephalus SCLATER (*nec* TACZANOWSKI), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 171, parte.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Demerara, Supenaam, Bartica Grove, Merumé), Holandesa (viz. Paramaribo) e Francesa (Cayenne), Brasil septentrional (do Amazonas médio ao norte do Maranhão) e médio-oriental: rio Amazonas (Manaus, Óbidos, Parintins, Santarém), rio Anibá, rio Jamundá (Faro), rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Madeira (Borba, Calama, Rosarinho, igarapé Auará), rio Tapajoz (Boim, igarapé Amorim, igarapé Brabo, Piquiatuba, Caxiricatuba, Aramanaí, Tauarí), rio Xingú (Tapará, Porto de Moz), rio Tocantins (Cametá, Baião, Mocajuba, ilha do Pai Louren-

(1) Há divergência entre HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, V, 1927, p. 282) e ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 14) no tocante às aves do rio Negro e da Venezuela, consideradas por este da forma típica e referidas por aquele a *T. p. sclateri.*

ço), rio Guamá (São Miguel), rio Acará (Ipitinga), Belém e distrito este-paraense (Prata, Providência, Quatipurú), norte do Maranhão (Turiassú), sul da Baía (Itabuna)[1], Espírito Santo (rio S. José, Guaraparí).

BRASIL
- Amazonas
  - Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀ ?, OLALLA, abril 19 (1937).
- Baía
  - Itabuna: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, julho (1919).
- Espírito Santo
  - Rio São José: ♀, OLALLA, setembro 20 (1942).
  - Guaraparí: ♂, OLIV. PINTO, outubro 17 (1942).

Tolmomyias flaviventris flaviventris (Wied) [V, 284]

Muscipeta flaviventris WIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 929: "in der Gegend der Flüsse Mucurí und Alcobaça" (sul da Baía).
Rhynchocyclus flaviventris SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 171, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 265, parte.
Rhynchocyclus flaviventer SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 395, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional e central: Maranhão (Turiassú, São Bento, Miritiba, Barra do Corda, Rosário), Piauí (Ibiapaba, Terezina, Parnaguá, Burití, Pedrinha), Ceará (Vargem Alegre, Quixadá, Juá, Várzea Formosa), Baía (Cidade da Barra, Bonfim, Verruga, Santo Amaro, Belmonte, Caravelas), Espírito Santo (Pau Gigante, Guaraparí), Rio de Janeiro (Petrópolis, rio Muriaé, Cardoso Moreira), Goiaz (rio Araguaia, Filadélfia), Mato Grosso (rio das Mortes, Tapirapoã).

BRASIL
- Baía
  - "Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).
  - Cidade da Barra: ♀, GARBE, fevereiro (1908).
  - Vila Nova (= Bonfim): 2 ♂ ♂, GARBE, abril e junho (1908); 2 ♀ ♀, GARBE, março (1908).
  - Caravelas: ♂, GARBE, agosto (1908).
  - Belmonte: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1919).

---

(1) Na literatura não há menção de outra localidade precisa na costa oriental do Brasil, onde é extremamente provável que a espécie, aparentemente circunscrita ao sul da Baía e adjacências, seja representada por uma raça particular. Comparado com o do igarapé Anibá, os dois de Itabuna afiguram-se-me um pouco mais claros de plumagem e um tanto avantajados em tamanho (asa 57 e 55, em vez de 53 mils.).

Espírito Santo
Pau' Gigante: ♀ juv., E. G. HOLT, outubro 21 (1940).
Guarapari: ♂, OLALLA, outubro 19 (1942); 2 ♀♀, OLALLA, outubro 12 e 19 (1942).
Rio de Janeiro
Petrópolis: sexo ?, GARBE, agosto (1901).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♀, E. DENTE, setembro 11 (1941); ♂, OLALLA, setembro 11 (1941).
Mato Grosso
Rio das Mortes: ♂, Bandeira Anhanguera, outubro 22 (1937).

Tolmomyias flaviventris dissors Zimmer

Tolmomyias flaviventris dissors ZIMMER, 1939, Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 16: Faro (baixo rio Jamundá, margem esquerda).
Rhynchocyclus flaviventer SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 395, parte.

Distribuição.[1] — Baixo Amazonas, ao norte, na região do Jamundá (Faro, boca do Paracatú, Maracanã) e, ao sul, desde a zona oposta da margem direita (Parintins) até o estuário: rio Tapajoz (Boim, Caxiricatuba, Santarém, igarapé Amorim, igarapé Brabo, Goiana, ilha Campinho), rio Xingú (Villarinho do Monte), rio Tocantins (Baião, Arumateua), ilha de Marajó (Sant'Ana, São Natal).

BRASIL
Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903).

Tolmomyias flaviventris collingwoodi (Chubb) [V, 285]

Rhynchocyclus flaviventris collingwoodi CHUBB, 1920, Bull. Brit. Orn. Cl., XL, p. 109: Macqueripe Valley (Trinidad).
Rhynchocyclus flaviventris SCLATER (*nec* WIED), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 171, parte.
Rhynchocyclus flaviventer SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 395, parte.

Distribuição. — Ilhas Trinidad (Caparo, Princestown) e Tobago (Costare, Mariah), Venezuela (rio Orenoco, rio Cau-

---

(1) A distribuição de *T. f. dissors*, segundo ZIMMER, é bastante singular, visto como, além de transpôr localmente o rio Amazonas, reapareceria ainda na região do monte Duida, ao sudoeste da Venezuela. É esse um ponto cuja confirmação acho prudente aguardar, antes de aceitá-lo como líquido, tanto mais quanto não me é dado apreciar pessoalmente, por falta de material, as diferenças apontadas entre *T. fl. dissors* e *T. fl. collingwoodi*. HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., V, p. 285) inclúe as populações a que ambas correspondem em *T. fl. aurulentus* (TODD), da Colômbia (tipo de Mamatoco, distr. de Santa Marta), que ZIMMER exclúe do Brasil.

ra, Ciudad Bolívar, Maipures, Altagracia), Guiana Inglesa (rio Rupununi, Annai), Guiana Holandesa (reg. de Paramaribo) e regiões adjacentes do norte extremo do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas: alto rio Branco (Boa Vista, serra da Lua, serra Grande, rio Cotingo, rio Surumú), Óbidos, Monte Alegre, Pataná, igarapé Bravo, igarapé Paituna, igarapé Boiussú, rio Maicurú.

BRASIL

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 8 (1935); sexo ?, OLALLA, janeiro 25 (1935).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 13 (1935); sexo ?, OLALLA, abril 15 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 25 (1935); 2 ♀ ♀, OLALLA, abril 6 e 10 (1935).

Tolmomyias flaviventris viridiceps (Sclater & Salvin) [V, 287]

Rhynchocyclus viridiceps SCLATER & SALVIN, 1873, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 280: Pebas (rio Marañon, marg. esquerda, Perú); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 171.

Rhynchocyclus flaviventris borbae[1] IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 265.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (Florencia), leste do Equador (rio Suno, foz do rio Curaray, Zamora), norte e leste do Perú (Puerto Indiana, Pebas, Yurimaguas, La Merced, rio Ucayali, foz do rio Santiago) e Brasil oeste-septentrional extremo: rio Solimões (Tefé), rio Negro (igarapé Cacau Pereira), rio Madeira (Borba, igarapé Auará, Rosarinho).

Tolmomyias flaviventris subsimilis Carriker

Tolmomyias flaviventris subsimilis CARRIKER, 1935, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVII, p. 334: Santa Ana (rio Coroico, Bolívia).

Distribuição. — Norte da Bolívia (Guanay), sudeste do Perú (La Pampa, Chanchamayo, La Merced) e zona adjacente do Brasil: alto rio Madeira (Marmelos).

Gênero **RHYNCHOCYCLUS** Cabanis & Heine

Rhynchocyclus CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 56, — nome novo para *Cyclorhynchus* SUNDEVALL, 1836 (*nec* KAUP, 1829), Vetensk. Akad. Handl., "1835", p. 83. Tipo, por subsequente designação (?), *Platyrhynchos olivaceus* TEMMINCK.

(1) *Rhynchocyclus flaviventris borbae* HELLMAYR, 1923 (Verh. Zool. — Botan. Gesellsch. Wien, LIII, p. 208), segundo os estudos de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 15, 1939), é inseparavel de *R. viridiceps* SCLAT. & SALVIN.

Rhynchocyclus olivaceus olivaceus (Temminck) [V, 288]

Platyrhynchos olivaceus TEMMINCK, 1820, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 12, fig. 1: "Brésil" (sugiro para localidade típica Rio de Janeiro)[1].
Rhynchocyclus olivaceus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 165.
Craspedoprion[2] *olivaceus* IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 265.

Distribuição. — Brasil oriental: Pernambuco (Palmares), Baía (Cajazeiras, rio Gongogí, Ilhéus, Itabuna, Belmonte, rio Jucurucú, Caravelas), Espírito Santo (rio Doce, rio S. José, lagoa Juparanã, baixo Guandú, Colatina), Rio de Janeiro (Registro do Saí), leste de Minas Gerais (rio Doce, rio Manhauassú, rio Sussuí, barra do Piracicaba, rio Matipoó).

BRASIL
Baía
Caravelas: ♂, GARBE, agosto (1908).
Ilheus: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, abril (1919).
Itabuna: ♂, GARBE, julho (1919).
Belmonte: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1919).
Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♂, W. GARBE, abril 2 (1933).
Espírito Santo
Rio Doce: 2 ♂ ♂, GARBE, março (1906).
Colatina: ♂ juv., E. G. HOLT, novembro 21 (1940); ♀ juv., E. G. HOLT, novembro 18 (1940).
Rio São José: ♂, OLIV. PINTO, setembro 22 (1942); ♂ g., OLALLA, setembro 22 (1942).
Minas Gerais
Rio Matipoó (alto rio Doce, mar. direita): ♂, PINTO DA FONSECA, julho 13 (1919).
Rio Doce: 8 ♂ ♂, OLALLA, agosto 28, setembro 2 e 14 (1940); 2 ♂ ♂, W. GARBE, agosto 29 e setembro 5 (1940); sexo ?, OLALLA, agosto 28 (1940).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 21 e 23 (1940); ♂, W. GARBE, agosto 22 (1940); ♂ ?, W. GARBE, agosto 26 (1940); ♀ juv., OLIV. PINTO, setembro 3 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 17 e 20 (1940).

Rhynchocyclus olivaceus guianensis Mc Connell [V, 288]

Rhynchocyclus olivaceus guianensis MC CONNELL, 1911, Bull. Brit. Orn. Cl., XXVII, p. 106: Guiana Inglesa.

---

(1) A aceitação do Rio de Janeiro como pátria típica da espécie torna-se muito plausível em face da verificação, feita por HELLMAYR, de incluir-se na sinonímia desta última *Cotinga virescens* THUNBERG, 1823 (Mém. Soc. Imper. Natur. Moscou, VI, p. 178), cujo tipo, segundo informa ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 23), é devido a WESTIN, consul da Suécia no Rio de Janeiro.
(2) *Craspedoprion* HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 609. Tipo, por designação original, *Cyclorhynchus aequinoctialis* SCLATER, 1858 (Proc. Zool. Soc. Lond., XXVI, p. 70: rio Napo).

Craspedoprion olivaceus Snethlage (*nec* Temminck), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 394.

Distribuição. — Guiana Francesa (Saint Laurent du Maroni, Tamanoir, Pied Saut), Guiana Inglesa (rio Abary, rio Ituribisci, Anarica, Makauria), leste e sul da Venezuela (rio Caura, Monte Duida), sudeste da Colômbia (La Morelia), leste do Equador (alto rio Suno, Cerro Galeras) e do Perú (Puerto Bermudez, foz do rio Santiago, Apayacu), norte da Bolívia (rio Chaparé) e Brasil amazônico: rio Amazonas (Itacoatiara, óbidos, Parintins, Santarém), rio Jamundá (Faro), rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Madeira (Marmelos, Barão de Melgaço), lago Andirá, rio Tapajoz (Boim, Vila Braga, Pimental, Piquiatuba, Caxiricatuba, igarapé Brabo, igarapé Amorim), rio Jamauchim (Santa Elena), rio Xingú, (Vitória), rio Irirí (foz do Curuá), rio Guamá (Ourém), região de Belém e distrito este-paraense (Prata, Providência, Mocajuba, Anindeua, Santa Isabel, Benevides) e norte do Maranhão (Turiassú)[1].

Brasil

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, abril 6 (1937).

Gênero **RAMPHOTRIGON** Gray

Ramphotrigon Gray, 1855, Cat. Gen and Subgen. Birds, p. 146 Tipo, por designação original, *Platyrhynchus ruficauda* Spix.

Ramphotrigon ruficauda (Spix) [V, 292]

Platyrhynchus ruficauda Spix, 1825, Av. Bras., II, p. 9, pl. XI, fig. 1: "in sylvis flum. Amazonum".
Rhynchocyclus ruficauda Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 172.
Ramphotrigon ruficauda Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 265; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 396.

---

(1) Ha grande obscuridade no tocante às relações entre *R. o. guianensis* e *R. o. aequinoctialis* (Sclater, 1858), do rio Napo (leste do Equador). Mais que isto, conforme conceitua Hellmayr (Catal. Bds. Americas, V, p. 288, nota *b*), *R. o. guianensis* é "raça muito pouco satisfatória, não havendo constância nos caracteres que se lhe atribúe". Daí a divergência tambem no que diz respeito à raça a que melhor convem referir as populações de leste do Pará (Prata etc.) e muito particularmente as do norte do Maranhão, que o mencionado ornitólogo inclúe em *guianensis* e Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 23) na forma típica.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa e Inglesa (Camacusa, Bartica Grove, montes Merumé), leste da Venezuela (rio Orenoco, Munduapo, rio Caura), leste do Perú (Chamicuros), Brasil oeste-septentrional (Amazônia) e centro-ocidental (alto rio Paraguai): rio Solimões (Tefé)[1], rio Anibá, rio Atabaní, rio Jamundá (Faro), Óbidos, rio Maicurú, rio Juruá (João Pessoa), rio Madeira (Calama, Humaitá) e rio Gi-Paraná, rio Tapajoz (Santarém), rio Curuá, leste do Pará (rio Capim, Belém, Benevides), oeste de Mato Grosso (São Luiz de Cáceres).

VENEZUELA

Caura: ♀, E. ANDRÉ, fevereiro 3 (1901).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂ ♂, OLALLA, junho 5, 17 e 20 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, junho 15 e 24 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 3 (1937).

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, junho 22 e julho 22 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, julho 22 (1937).

Pará

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 11 (1936).

Ramphotrigon megacephala megacephala (Swainson)[2] [V, 281]

Tyrannula megacephala SWAINSON, 1836, Orn. Draw., pte. 4, pl. 47: "Brazil" (= evidentemente sudeste do Brasil).

Rhynchocyclus megacephalus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 264.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Alto Paraná), leste do Paraguay (Puerto Bertoni) e sudeste do Brasil: leste

---

(1) GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 285) admitem que as aves do Solimões sejam raça diferente das de Caiena, cujas partes inferiores são mais amarelas e menos intensamente "flamuladas" de oliva. Entre os exemplares sob exame, o de João Pessoa, efetivamente, se destaca pelo abdome mais fortemente corado de amarelo e quase sem mancha; nos outros, as flamulações oliváceas do peito invadem sempre mais ou menos extensamente a região abdominal, chegando em alguns até o crisso. Em data recentíssima, H. PHELPS & GILLIARD (Amer. Mus. Novit., N.º 1.153, nov. de 1941, p. 5) descreveram na Venezuela ocidental (Barinas, no vale do Apure) uma nova raça, *R. m. venezuelensis*, de que apenas se conhecem os exemplares típicos.

(2) Sobre a identidade do pássaro descrito por SWAINSON, que só conheço atravez dos autores, cf. HELLMAYR, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 206 (1903). ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.045, p. 17), separou ultimamente uma raça, *R. m. boliviana*, demonstrando ao mesmo tempo a necessidade de transferir a espécie do gênero *Rhynchocyclus* (= *Tolmomyias*) para *Ramphotrigon*.

de Minas Gerais (Pico da Bandeira) e de São Paulo (Mato-dentro, pto. de Taubaté).

Subfamília EUSCARTHMINAE

Gênero TODIROSTRUM Lesson

Todirostrum Lesson, 1831, Traité d'Orn., p. 384. Tipo, por designação subsequente de Gray (1840), *Todus cinereus* Linnaeus.

Todirostrum chrysocrotaphum chrysocrotaphum Strickland
[V, 294]

Todirostrum chrysocrotaphum Strickland, 1850, Contrib. Ornith., p. 48, pl. XLIX (fig. de cima): "Perú"[1]; Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 71; Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 266, parte.

Distribuição. — Norte do Perú, ao norte e ao sul do rio Marañon (rio Seco, Cinipá) e região adjacente do Brasil, ao longo do rio Solimões (Tefé)[2].

Todirostrum chrysocrotaphum neglectum Carriker

Todirostrum (sic) *chysocrotaphum neglectum* Carriker, 1932, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXIII, p. 460: Huacamayo (Perú).

Distribuição. — Centro e leste do Perú (Huacamayo, Perené, rio Ucayali, Sarayacu), norte da Bolívia (quedas do rio Madeira, San Mateo) e Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas: rio Purús (Monte Verde), rio Madeira (Marmelos, Rosarinho)[3].

Todirostrum chrysocrotaphum similis Zimmer

Todirostrum chrysocrotaphum similis Zimmer, 1940, Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 3: igarapé Amorim (rio Tapajoz, margem esquerda).

---

(1) Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 1 e segs., 1940), discutindo o intricado problema das relações de *T. c. chrysocrotaphum* com as suas afins, admite que o tipo teria, provavelmente, provindo do norte do Perú, nas vizinhanças do rio Marañon.

(2) As aves de Tefé, de que uma fêmea foi referida por Hellmayr (Novit. Zool., XIV, 1907, p. 46; Catal. Bds. Amers., V, 1927, p. 295) a *T. guttatum*, apresentam, segundo Zimmer (op. cit., p. 2), caracteres intermediários entre os das aves do norte do Perú e os das do rio Negro, pelo que merecem ser consideradas variedades geográficas de uma mesma espécie.

(3) Hellmayr (Cat. Bds. Amers., V, p. 294, nota *a*) consigna nos exemplares do Ucayali e do Madeira a ausência da mácula loral branca, característica da forma típica de *T. chrysocrotaphum* e bem representada na estampa de Strickland.

Todirostrum chrysocrotaphum IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 266, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita do baixo Amazonas, a oeste do rio Tapajoz: rio Tapajoz (Vila Braga, Itaituba, igarapé Amorim, igarapé Brabo).

Todirostrum chrysocrotaphum illigeri (Caban. & Heine) [V. 294]
Ferreirinho, Papa-sebo.

Triccus illigeri CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 49: "Pará" (= Belém, estado do Pará)[1].
Todirostrum illigeri SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 399.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul e a leste da mais baixa porção do rio Amazonas: margem direita do rio Tapajoz (Santarém)[2], rio Tocantins (Baião, Arumateua), leste do Pará (Belém, Quatipurú) e noroeste do Maranhão (Turiassú).

Todirostrum chrysocrotaphum guttatum Pelzeln [V. 295]

Todirostrum guttatum PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, pgs. 101 e 172: Barcelos e Poiares (rio Negro, estado do Amazonas); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 73.

Distribuição. — Sudeste da Venezuela (rio Guainia), leste da Colômbia ("Bogotá"), nordeste do Perú (rio Marañon, Pebas), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões: rio Negro (Barcelos, Poiares, igarapé Cacau Pereira) e rio Uaupés (Jauaretê), rio Solimões (Codajaz, Manacapurú, Tefé)[3].

BRASIL

Amazonas

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 28 (1935).

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, outubro 11 (1936).

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♀, CAMARGO, dezembro 16 (1936).

---

(1) Cf. HELLMAYR, Abh. math. phys. Kl. Bayr. Akad. Wiss., XXVI, N.º 2, p. 89 (1912).
(2) Do que dizem GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 286), é lícito inferir-se que as aves de Santarém se filiam à raça de Belém, o que lhe dilata a área a oeste, até a margem direita do rio Tapajoz.
(3) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XIV, p. 46 (1907); O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, pgs. 522 e 581 (1937).

Todirostrum pictum Salvin [V, 295]

Todirostrum pictum Salvin, 1897, Bull. Brit. Orn. Cl., VII, p. XV: Annai (Guiana Inglesa).

Distribuição. — Guianas Inglesa (Annai, rio Makauria), Holandesa (vizinh. de Paramaribo) e Francesa (Saint Jean du Maroni), Brasil septentrional, ao norte do baixo Amazonas: Manaus (Bosque), Óbidos[1].

Brasil

Amazonas

Bosque (Manaus): ♂, Olalla, maio 12 (1935).

Todirostrum cinereum cinereum (Linnaeus) [V, 297]

Todus cinereus Linnaeus, 1766, Syst. Nat., I, p. 178 (com base em "The Grey and Yellow Flycatcher" de Edwards): Surinam (= Guiana Holandesa).

Todirostrum cinereum Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 69, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 265, parte; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 399.

Distribuição[2]. — Norte e leste da Colômbia (rio Magdalena, rio Cauca, Santa Marta, Carthagena, Antioquia, Bogotá, Bucaramanga, Remedios, Villavicencio), Venezuela (Zulia, Caracas, Cumaná, rio Orenoco, Ciudad Bolivar), Guianas Inglesa (Georgetown, Bartica Grove, Roraima, montes Merumé), Holandesa (vizinhanças de Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Approuague, Roche-Marie), regiões adjacentes do Brasil septentrional, até as margens esquerda e direita do do baixo Amazonas: rio Branco (Boa Vista, Forte do rio

---

(1) Griscom & Greenway (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 286) reconhecem nas aves do baixo Amazonas raça diferente das da Guiana Francesa, sem poder confrontá-las, todavia, com exemplares da pátria típica. Por outro lado, a coespecificidade de *T. pictum* e *T. guttatum*, já considerada provavel por Hellmayr (Cat. Bds. Amers., V, p. 295, nota *c*) e definitivamente aceita por Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, pgs. 2 e 4), é tida tambem quase como certa por aqueles autores. Não obstante, a despeito da extraordinária semelhança que existe entre ambos, um macho adulto de Codajaz e outro de Manaus, localidades da margem septentrional do rio Amazonas e bastante próximas, nenhum carater intermediário apresentam, conservando aquele os caracteres típicos de *guttatum* e este os de *pictum*. Tambem é tipicamente de *guttatum*, uma fêmea de Manacapurú. Cf. O. Pinto, Rev. Mus. Paul., XX, p. 235 (1936).

(2) As aves de leste do Equador (Zamora), como as do Perú central e oriental, que se consideravam pertencentes à *T. c. cinereum*, constituem hoje raça particular sob o nome de *T. c. peruanum* Zimmer (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XVII, 1930, p. 384: Vista Alegre, Perú).

Branco, serra da Lua), baixo Amazonas (Óbidos, Monte Alegre), baixo Tapajoz (Santarém), ilha de Marajó (Pindobal, rio Arari, São Natal, Cachoeira).[1]

COLOMBIA
Rio Magdalena: ♀, CHAPMAN & CHERRIE, fevereiro 2 (1913).
Antioquia: ♂, MILLER & BOYLE, fevereiro 12 (1915); ♀, MILLER & BOYLE, fevereiro 13 (1915).

BRASIL
Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903).

Todirostrum cinereum cearae Cory

Relógio (Pernambuco), *Tirrí* (Baía).

Todirostrum cinereum cearae CORY, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 342: Serra de Baturité (Ceará).
Todirostrum cinereum SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 69, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 265, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Maranhão (Turiassú, São Bento, Rosário, Codó), Piauí (Deserto, Ibiapaba), Ceará (serra de Baturité), Paraíba, Pernambuco (Garanhuns, Pau d'Alho, Tapera, ilha de Itamaracá), norte da Baía (Joazeiro, cidade da Barra, cid. do Salvador, Aratuípe, Curupeba, ilha Madre de Deus, ilha de Bom Jesus dos Passos).

BRASIL
Pernambuco
Tapera: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, dezembro 20 (1938); ♀, OLIV. PINTO, dezembro 21 (1938).
Itamaracá: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 31 (1938).
Baía
"Bahia": sexo?, perm. de v. BERLEPSCH (1896?).
Joazeiro: ♂, GARBE, novembro (1907).
Cidade da Barra: ♂, GARBE, outubro (1913).
Curupeba: ♀, W. GARBE, fevereiro 11 (1933).
Madre de Deus: ♂, W. GARBE, fevereiro 20 (1933); 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, janeiro 16 e 20 (1942); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 27 (1942).

Todirostrum cinereum coloreum Ridgway [V, 299]

Todirostrum cinereum coloreum RIDGWAY, 1906, Proc. Biol. Soc. Wash., XIX, p. 115: Corumbá (Mato Grosso).
Todirostrum cinereum IHER. & IHERING (*nec* LINNAEUS), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 265, parte.

---

(1) HELLMAYR (Abh. math. phys. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, p. 130, 1912) acentua a dificuldade em decidir sobre a raça das aves de Marajó, ao passo que ZIMMER (op. cit., p. 5) julga ser

Distribuição. — Sudeste da Bolívia (rio Paraguai, Mojos)[1], Brasil este-meridional e central: Espírito Santo (rio Doce?, Guaraparí)[2], Minas Gerais (Água Suja), Rio de Janeiro (rio Muriaé, lagoa Feia), São Paulo (Ipiranga, Franca, Silvânia, rio Grande), Paraná (rio Ivaí)[3], Mato Grosso (Coxim, Miranda, Corumbá, Descalvados, Cuiabá, Caiçara, São Vicente, Rabicho), Goiaz (Inhumas)[4].

BRASIL

Espírito Santo

Rio Doce: ♂, GARBE, outubro (1906).

Guaraparí: ♂, OLALLA, outubro 14 (1942); ♀, OLALLA, outubro 12 (1942).

Rio de Janeiro

Lagoa Feia (Ponta Grossa): 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 7 (1941).

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 13 (1941); ♀, OLALLA, setembro 10 (1941).

São Paulo

Franca: ♀, GARBE, setembro (1910).

Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, agosto 13 (1931).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, JOSÉ LIMA, maio 8 (1941).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 31 (1934); ♂, OLIV. PINTO, novembro 16 (1934); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, outubro 31 e novembro 3 (1934).

---

de *cearae* um exemplar dessa procedência. Tambem um macho de Santarém (marg. direita do baixo Amazonas), colecionado por GARBE, mostra evidente tendência aos caracteres desta raça.

(1) Tambem, com toda probabilidade, a região adjacente do norte do Paraguay (rio Paraguai, rio Apa), embora não ainda nela registado. Cf. A. LAUBMANN, Verh. Orn. Gesell., Bay., XX, p. 603 (1935).

(2) Um ♂ do Espírito Santo (provàvelmente, pela data de coleta, rio Doce) onde não consta que *T. cinereum* tenha sido jamais notificado, deve decididamente referir-se a esta espécie, já pelas rectrizes centrais denegridas e as laterais com a ponta e a barba externa brancas, já pelo comprimento maior do bico (12 milim., em vez de 10), pelo preto retinto da metade anterior do píleo e a restrição da mancha amarela loral a simples estria. Entretanto, nele se observam caracteres que fariam suspeitar uma possivel intergradação com *T. poliocephalum*, a saber, a restrição maior do branco nas rectrizes laterais e, especialmente, a tonalidade olivácea da ourela externa das centrais. Na região de Cardoso Moreira (baixo Muriaé, norte do Rio de Janeiro) as duas espécies existem, lado a lado, representadas por exemplares com caracteres perfeitamente típicos. Isso pelo menos prova que *T. poliocephalum*, conquanto caracteristico das regiões campestres do interior, extende todavia sua área até próximo do litoral.

(3) Um ♂ de Salto da Pindaíba, colecionado por CHROSTOWSKI (dezembro 1922) e estudado por SZTOLCMAN (Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, 1926, p. 160).

(4) As aves de Goiaz (Inhumas, rio Meia Ponte), pela tonalidade francamente cinzenta do dorso e côr esbranquiçada da orla das coberteiras e rêmiges, aproximam-se sensivelmente das do nordeste, que correspondem a *T. c. cearae*. Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XX, p. 99 (1936); idem, XIX, p. 204 (1935).

Mato Grosso
Miranda: ♂, LIMA, setembro 6 (1930).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 5 (1937); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1937).

Todirostrum poliocephalum (Wied)
Cagassebo, Teque-teque (Itatiaia).

Todus poliocephalus WIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 964: Rio de Janeiro.
Todirostrum poliocephalum SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 71; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 266.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Espírito Santo (Porto Cachoeiro, Engenheiro Reeve, Chaves), leste de Minas Gerais (rio Doce, Barra do Sussuí, São José da Lagoa), Rio de Janeiro (rio Muriaé, Angra dos Reis, Sepitiba, Cantagalo, Terezópolis, Nova Friburgo), São Paulo (São Sebastião, Ubatuba, Piassaguera, Juquiá, Iguape, Alto da Serra, Santo Amaro, Cachoeira, Piquete, Itatiba, Monte Alegre, Lins), Santa Catarina (Blumenau).

BRASIL
Espírito Santo
Porto Cachoeiro (= Santa Leopoldina): ♂, GARBE, janeiro (1906).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 29 (1942).
Rio de Janeiro
Nova Friburgo: ♀, GARBE, outubro (1909).
Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, junho 17 e 28 (1941).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, OLALLA, setembro 11 (1941); 3 ♀ ♀, OLALLA, setembro 11 e 13 (1941).
Minas Gerais
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLIV. PINTO, setembro 19 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 1 (1940); ♀, OLIV. PINTO, outubro 4 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 27 (1940); 1 ♂ e 1 ♀, W. GARBE, setembro 30 (1940).
São Paulo
São Sebastião: ♂, H. PINDER, setembro 28 (1896).
Cachoeira: ♀, LIMA, agosto 15 (1898).
Alto da Serra: sexo ?, LIMA, julho 7 (1900).
Ubatuba: 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, abril (1905).
Itatiba: ♂, LIMA, abril 21 (1927); sexo ?, LIMA, março 22 (1918).
Piassaguera: ♂, LIMA, outubro 14 (1923).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 16 e 19 (1940); 4 ♀ ♀, OLALLA, abril 6 e maio 16, 19 (1940); sexo ?, OLALLA, maio 21 (1940).
Lins: sexo?, OLALLA, janeiro 21 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 16 (1941).
Juquiá (rio Juquiá): ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 13 (1941).
Monte Alegre: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 28 e agosto 2 (1942); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 30 (1943).

Todirostrum maculatum maculatum (Desmarest) [V, 301]

Ferrerinho, Papa-sebo (Pará).

Todus maculatus Desmarest, 1806, Hist. Nat. Tangar., Manak. et Todiers, livr. 10, pl. 70: "Guiane" (= Cayenne, Guiana Francesa).

Todirostrum maculatum Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 73, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 266, parte; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 400, parte.

Distribuição[1]. — Nordeste da Venezuela (delta do Orénoco), Guianas Inglesa (Bartica Grove, rio Abary, rio Bonasika), Holandesa (viz. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Isle le Père, Saint Georges d'Oyapock), região adjacente do norte extremo do Brasil, até a porção mais baixa do rio Amazonas, leste do Pará e norte do Maranhão: Amapá, Maracá, Óbidos, Monte Alegre, Patauá, rio Jarí, rio Maicurú, Arumanduba, rio Xingú (Forte Ambé, Taparà), rio Tocantins (Baião, Alcobaça, Arumateua), ilha de Marajó (rio Arari, Pacoval, São Natal), ilha Mexiana, rio Capim, rio Mojú, distrito de Belém e região adjacente (Santa Isabel, Benevides), norte do Maranhão (São Luiz, Turiassú).

Brasil

Pará

Murutucú (próx. de Belém): ♂, F. Lima, outubro 21 (1923).

Belém (cidade): ♂, F. Lima, agosto 22 (1925); ♀, F. Lima, agosto 21 (1925).

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, janeiro 26 (1935).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, Olalla, abril 6 e 12 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, Olalla, abril 3 e 22 (1935); 2 sexos?, Olalla, abril 2 e 6 (1935).

---

(1) A distribuição aqui conferida à forma típica de *T. maculatum* está em harmonia com os estudos recentes de Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, 1940, p. 5 e segs.), que reconhece na espécie nada menos de quatro raças geográficas, tratando como tais as populações com características mais ou menos intermediárias entre as das Guianas e as do alto Amazonas, desde largo tempo separadas sob *T. m. maculatum* (Desm.) e *T. m. signatum* (Sclat. & Salv.). Infelizmente, a extrema pobresa de material (de *maculatum* um ♂ juv. e nenhum de *annectens*) impede-me de apreciar, por observação direta, o valor das diferenças apontadas entre as novas raças, sob cuja validez me permito ter sérias dúvidas, à vista da extraordinária amplitude das variações individuais existentes numa série numerosa de Itacoatiara. No que toca, pelo menos, à tonalidade do verde das partes superiores, é impossivel reconhecer-se qualquer diferença entre os espécimes desta zona e os do alto Juruá, cuja única divergência estará talvez no píleo um pouco menos manchado de preto, embora não menos salpicado de pintas brancas.

Todirostrum maculatum diversum Zimmer

Todirostrum maculatum diversum ZIMMER, 1940, Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 6: igarapé Brabo (marg. esquerda do rio Tapajoz).
Todirostrum maculatum signatum SNETHLAGE (*nec* SCLAT. & SALV.), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 400, parte.

Distribuição. — Margens direita e esquerda do médio Amazonas, ao sul "de Tefé ao rio Tapajoz e, ao norte, da margem esquerda do baixo rio Negro ao rio Jamundá": Manaus, Itacoatiara, rio Anibá, Silves, rio Jamundá (Faro), marg. direita do rio Solimões (Tefé), rio Purús (Monte Verde), rio Madeira (Borba, Calama, Marmelos, igarapé Auará, Rosarinho, Santo Antônio do Guarujá), Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Inajatuba, Itaituba, Goiana, Aramaní, Tauarí, igarapé Brabo), rio Jamauchim (Tucunaré, Conceição).

BRASIL
Amazonas
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, fevereiro 13 (1937).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂ ♂, OLALLA, março 17 e 24, abril 5, maio 26 e junho 16 (1937); 8 ♀ ♀, OLALLA, março 11 e 17, abril 5 e 29, julho 3 (1937); 4 sexos ?, OLALLA, março 5, 6 e 8, maio 28 (1937).
Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, junho 6 (1937).
Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 2 ♂ ♂, GARBE, janeiro e outubro (1903).
Monte Cristo (rio Tapajoz): ♀, GARBE, fevereiro (1921).

Todirostrum maculatum annectens Zimmer

Todirostrum maculatum annectens ZIMMER, 1940, Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 6: igarapé Cacau Pereira (baixo rio Negro, margem direita).
Todirostrum maculatum SCLATER (*nec* DESMAREST), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 73, parte.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, na "margem direita do baixo rio Negro cruzando para a esquerda acima da junção do rio Branco": baixo rio Negro (igarapé Cacau Pereira, Muirapinima, Tauapeassú, Carvoeiro, Santa Isabel, Santa Maria, Uacará, Barcelos), rio Branco (Caracaraí, Forte do Rio Branco).

Todirostrum maculatum signatum Sclater & Salvin [V, 302, pte.]

Todirostrum signatum SCLATER & SALVIN, 1881, Ibis, 4a. Ser., V, p. 267: Nauta, Pebas, Iquitos (rio Marañon, nordeste do Perú).

Todirostrum maculatum signatum IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 267.

Distribuição. — Leste do Equador (rio Napo, foz do Curaray), norte e leste do Perú (Nauta, Iquitos, Pebas, Puerto Indiana, rio Ucayali, Sarayacu, Santa Rosa) e extremo noroeste do Brasil, ao sul do rio Solimões: rio Juruá (João Pessoa).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♂, GARBE, novembro (1902).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, outubro 12 e dezembro 7 (1936); ♀, OLALLA, outubro 12 (1936).

Todirostrum fumifrons fumifrons Hartlaub [V. 303]

Todirostrum fumifrons HARTLAUB, 1853, Journ. f. Orn., I, p. 35: "Brazil" (Baía, pátria típica, sugerida por HELLMAYR).
Euscarthmus fumifrons SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 79, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Baía (ilha de Madre de Deus)[1], Pernambuco (Tapera)[2], Maranhão (Grajaú, Barra do Corda, alto Parnaíba, Tranqueira).

BRASIL

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 21 (1938).

Baía

Madre de Deus: ♂, W. GARBE, janeiro 29 (1933).

Todirostrum mirandae Snethlage [V. 305]

Todirostrum mirandae SNETHLAGE, 1925, Journ. f. Orn., LXXIII, p. 266: Serra de Ibiapaba (Ceará, nordeste do Brasil).

Distribuição[3]. — Referido apenas da localidade típica, serra de Ibiapaba (Ceará).

---

(1) A ilha de Madre de Deus, no Recôncavo da baía de Todos os Santos, onde W. GARBE conseguira um ♂ e uma ♀ (permutada esta última com o Mus. of Compar. Zool.), é ainda, tanto quanto sei, na Baía, a localidade precisa em que a espécie já fora registada (cf. Rev. Mus. Paul., XIX, p. 205, 1935). Em janeiro de 1942, visitando novamente a referida ilha, cacei um exemplar, que não poude ser aproveitado (cf. PINTO, Pap. Avulsos, Dept. Zool., III, p. 271).

(2) O macho de Tapera, por mim próprio colecinado em dezembro de 1938, embora muito exatamente concordante com o de Madre de Deus no tocante à plumagem, dele diverge à primeira vista pela forma do bico, que é muito mais estreito e proporcionalmente mais longo, como se lê na descrição de *T. mirandae* (q. v.). O exemplar de Garanhuns, colecionado por FORBES (cf. Ibis, 1881, p. 341) deve, provavelmente, corresponder à mesma forma do de Tapera.

(3) Como até hoje nenhum conhecimento direto tenho de *T. mirandae*, que HELLMAYR diz ser espécie muito distinta e de coloração peculiar (cf. Catal. Bds. Amers., V, p. 305, nota *b*), nada posso adiantar às considerações expendidas, faz poucos anos, noutro lugar (Arquivos de Zool. S. Paulo, I, p. 261-2, 1940).

Todirostrum latirostre latirostre (Pelzeln) [V, 304, ptc.]

Euscarthmus latirostris PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, pp. 101 e 173: Borba (baixo Madeira, margem direita).
Todirostrum latirostris IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Braz., Av., p. 266, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao norte e ao sul do médio Amazonas: Itacoatiara[1], rio Purús (Nova Olinda)[2], rio Madeira (Borba, igarapé Auará, Rosarinho), Parintins.

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 22 (1936); ♀, OLALLA, abril 30 (1937).

Todirostrum latirostre caniceps (Chapman) [V, 305]

Euscarthmus latirostris caniceps CHAPMAN, 1924, Amer. Mus. Novit., N.º 118, p. 7: Florencia (rio Caquetá, sudeste da Colombia).
Euscarthmus latirostris SCLATER (*nec* PELZELN), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 81, parte.
Todirostrum latirostris IHER. & IHERING, 1907. Catal. Faun. Brazil., Av., p. 266, parte.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (Florencia), leste do Equador (Zamora, rio Napo, foz do Curaray), norte e leste do Perú (rio Ucayali, Sarayacu, Puerto Indiana, Nauta, Chamicuros, Vista Alegre)[3], noroeste extremo do Brasil, ao sul do rio Solimões: Olivença, marg. oposta a Tonantins, Tefé, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, outubro 12, dezembro 11 e 18 (1936); ♀, OLALLA, outubro 12 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 3 (1936).

---

(1) Dous exemplares de Itacoatiara, quanto ao colorido do dorso e do alto da cabeça, ocupam posição intermédia entre o de Santarém e os do rio Juruá, pelo que me parece deverem ser referidos à forma do baixo Madeira, da qual, infelizmente, não possúo exemplares. No tocante às partes inferiores, ha entre ambos grande diferença, o ♂ apresentando o abdome quase branco, e a ♀ bastante tingido de amarelo.

(2) Pátria típica de *Todirostrum latirostre dificile* TODD, 1937, (Ann. Carnegie Mus., XXV, p. 254), que ZIMMER reconheceu ser sinónimo de *T. l. latirostre*.

(3) As populações do sudeste do Perú (dept. de Junin, Astillero) e do norte da Bolívia (Cochabamba) foram separadas como *T. l. mixtum* ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 8, 1940), tendo Candamo (sudeste do Perú) por localidade típica.

Todirostrum latirostre senectum Griscom & Greenway

Todirostrum latirostre senectum GRISCOM & GREENWAY, 1937, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXI, p. 434: Boca do igarapé Piaba. perto de Óbidos (margem esquerda do baixo Amazonas)[1].

Distribuição. — Brasil septentrional, nas margens esquerda e direita do baixo Amazonas: Óbidos e ilhas fronteiriças, baixo Tapajoz (Santarém).

BRASIL
Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903).

Todirostrum latirostre ochropterum (Allen) [V, 304]

Euscarthmus ochropterus ALLEN, 1889, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, p. 143: Chapada (Mato Grosso).
Todirostrum latirostris IHER. & IHERING (*nec* PELZELN), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 266, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos), Brasil central e meridional: Mato Grosso (Cuiabá, Santo Antônio, Chapada, Utiaritî, rio Roosevelt, rio São Lourenço, rio Piquirí, rio das Mortes, Coxim, Descalvados, Corumbá, Salobra, Aquidauana), Goiaz (Inhumas, rio Claro), oeste de São Paulo (Itapura, Lins, Avanhandava, ribeirão Mato Grosso, São Jerônimo).

BRASIL
São Paulo
Itapura: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1904).
São Jerônimo (Avanhandava): 2 ♂ ♂, GARBE, fevereiro (1904).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): ♂, JOSÉ LIMA, abril 14 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 31 (1941); ♀, OLALLA, fevereiro 11 (1941).
Goiaz
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 1 (1934); ♂, W. GARBE, novembro 13 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, maio 18 (1940).
Mato Grosso
Rio Piquirí (Coxim): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, julho 4 (1930).
Aquidauana: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1931).
Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 11 (1937).
Cuiabá: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 22 (1937); ♀, OLIV. PINTO, setembro 21 (1937).
Rio das Mortes: 3 [illegible], Bandeira Anhanguera, setembro 27 e 30, outubro 3 (1937).
Salobra: ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 23 (1939).

---

(1) Cf. notas críticas pelos mesmos autores em Bull. Mus. Comp. Zool. LXXXVIII, p. 287 (1941).

Todirostrum plumbeiceps plumbeiceps Lafresnaye [V, 316]

Todirostrum plumbeiceps LAFRESNAYE, 1846, Rev. Zool., IX, p. 361 (com base em AZARA, N.º 169, "Tachuri cabeza de plomo"): Paraguay.
Euscarthmus gularis[1] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 81, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 268, parte.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), sudeste do Brasil: Espírito Santo (Engenheiro Reeve, Chaves), leste de Minas Gerais (São José da Lagoa), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Terezópolis), São Paulo (Alto da Serra, altos do Ipiranga, Pilar, serra de Bananal, Mogí das Cruzes, Embura, Taipas, Ipanema, Itararé, Vitória, Silvânia), Paraná (rio da Areia, rio Claro, Putinga, rio Ubàzinho, Salto de Guaíra)[2].

BRASIL

Espírito Santo
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, setembro 3 (1942).

Rio de Janeiro
Nova Friburgo: ♂, GARBE, outubro (1909); ♀, GARBE, setembro (1909).

Minas Gerais
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♀, OLIV. PINTO, outubro 5 (1940).

São Paulo
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, LIMA, julho 27 (1898).
Alto da Serra: sexo ?, LIMA, julho 7 (1900).
Jundiaí: ♀, LIMA, julho 9 (1900).
Itararé: 3 ♂♂, GARBE, maio, junho e agosto (1903).
Pilar: 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, junho 6 (1920).
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, outubro 10 (1932).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, julho 24 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 3 (1933).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 20 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♀, OLALLA, agosto 24 (1941); sexo ?, OLALLA, agosto 27 (1941).

---

(1) *Muscicapa gularis* TEMMINCK, 1822 (Nouv. Rec. Pl. col., pl. 167, fig. 1: São Paulo, *ex* NATTERER), anterior em data, é antecedido por *Muscicapa gularis* STEPHENS, 1871 (em SHAW, Gen. Zool., X, p. 392). Concordo plenamente com ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 10) quando preconiza o retorno da espécie ao gênero *Todirostrum*, visto como, além de possuir a conformação do bico muito característica deste gênero, apresenta ainda traços tão notaveis de semelhança com *Todirostrum latirostre*, que é evidente o próximo parentesco entre ambos.

(2) Exemplares colecionados por CHROSTOWSKI e que serviram de base a *Euscarthmus gularis bertonii* SZTOLCMAN, 1926 (Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 162). A tonalidade rufecente das manchas das coberteiras alares não parece oferecer todavia a constância necessária para o reconhecimento da nova raça.

Rio Grande do Sul
Itaquí: ♀, GARBE, setembro (1914).
Porto Alegre: sexo ?, oferta de R. GLIESCH (1928).

Todirostrum nattereri (Hellmayr)[1] [V, 315]

Euscarthmus nattereri HELLMAYR, 1903, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 204: "Rio Paraná" (= Rio Grande, entre os estados de São Paulo e Minas Gerais); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 268.

Distribuição. — Interior do Brasil, nos estados de São Paulo (rio Paraná) e Mato Grosso (Cuiabá, Engenho do Gama).

Todirostrum sylvia sylvia (Desmarest) [V, 307]

Todus sylvia DESMAREST, 1806, Hist. Nat. Tang. Manak. et Todiers, liv. 10, pl. 71: localidade não indicada (Cayenne, pátria típica presumível).

Distribuição. — Guiana Francesa, Guiana Inglesa (Annai) e região adjacente do extremo norte do Brasil: alto rio Branco (base da serra da Lua, perto de Boa Vista).[2]

Todirostrum sylvia schulzi Berlepsch [V, 308]

Todirostrum schulzi BERLEPSCH, 1907, Ornis, XIV, p. 355: Ourém (rio Guamá, a leste do Pará); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 400.

Distribuição. — Brasil septentrional, da margem direita do estuário amazónico para leste: rio Guamá (Ourém), norte do Maranhão (São Luiz, São Bento, Rosário), Piauí (rio Parnaíba, Riacho da Raiz).

Género EUSCARTHMORNIS Oberholser

Euscarthmornis OBERHOLSER, 1923, Auk, XL, p. 327. Tipo, por designação original, *Euscarthmus nidipendulus* WIED[3].

---

(1) De par com a ausência de qualquer exemplar atribuivel a *E. nattereri* na coleção do "Museu Paulista", as relações estreitas de semelhança que, segundo HELLMAYR (Catal. Birds of Americas, V, p. 315, nota *b*), apresenta com *T. plumbeiceps* (de que possue a forma do bico) e *T. latirostre* (cuja coloração exatamente copia), suscitam-me grandes dúvidas sobre a validez da espécie, que até hoje só se conhece através dos espécimes colecionados por NATTERER em começos do século passado.

(2) Pátria de *Todirostrum beckeri* CORY, 1920 (Auk, XXXVII, p. 108), reconhecido por HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., V, p. 307, nota *b*) como sinônimo de *T. s. sylvia*.

(3) A designação de *E. nidipendulus* para genótipo de *Euscarthmus*, feita por SCLATER (Catal. Birds Brit. Mus., XIV, p. 78, 1888), é invalidada pela de GRAY (1840), que escolhera como tal *E. melorhyphus* WIED (q. v.).

Euscarthmornis nidipendulus nidipendulus (Wied) [V. 311]

Euscarthmus nidipendulus WIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 950: rio Mucurí (pátria típica) e interior da Baía; SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 78, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 267, parte.

Distribuição. — Brasil médio-oriental, no estado da Baía (rio Mucurí, Bonfim, Aratuípe, ilha de Madre de Deus).

BRASIL

Baía

Vila Nova (= Bonfim): 2 ♂♂, GARBE, abril (1908); ♀, GARBE, março (1908).
Aratuípe: ♀, OLIV. PINTO, novembro 12 (1932).
Madre de Deus: ♀, OLIV. PINTO, janeiro 16 (1942).

Euscarthmornis nidipendulus paulistus (Hellmayr) [V. 311]
Cagassebo, Sebinho.

Euscarthmus nidipendulus paulistus HELLMAYR, 1914, Novit. Zool., XXI, p. 170: Ipanema (São Paulo).
Euscarthmus nidipendulus IHER. & IHERING (*nec* WIED), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 267, parte.

Distribuição. — Brasil este-meridional, no estado de São Paulo (Ubatuba, Iguape, Cananéia, Mogí das Cruzes, Itatiba, Monte Alegre, Ipiranga, Santo Amaro, São Miguel Arcanjo, Ipanema, Itararé, Barretos).

BRASIL

São Paulo

Santo Amaro: ♂ juv., H. PINDER, maio 3 (1897).
Iguape: sexo ?, R. KRONE (1900).
Jaboticabal: ♀, LIMA, outubro 12 (1900).
Itatiba: ♂, LIMA, junho 15 (1902).
Itararé: ♀, GARBE, maio (1903).
Rio Grande (Barretos): ♂, GARBE, maio (1904).
Ubatuba: 2 ♂♂, GARBE, março e abril (1905).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, novembro 29 (1912); 2 ♀♀, LIMA, outubro 6 (1899) e agosto 5 (1923); sexo?, LIMA, maio 29 (1902).
São Miguel Arcanjo: ♀, LIMA, setembro 5 (1929).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, julho 23 (1933); sexo ?, JOSÉ LIMA, março 17 (1933).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 28 (1934).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 30 (1943).

Euscarthmornis orbitatus (Wied) [V. 312]

Euscarthmus orbitatus WIED, 1831, Beitr. Naturges. Brasilien, III, p. 558: "in den grossen brasilianischen Wäldern" (como pátria típica, sugiro rio Doce, estado do Espírito Santo); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 79; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 267.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Espírito Santo (rio Doce), leste de Minas Gerais (rio Doce, baixo Piracicaba), Rio de Janeiro (Sepitiba, Cantagalo), S. Paulo (Ubatuba, São Sebastião, Cubatão, Juquiá, Alto da Serra, serra da Cantareira, Jundiaí, Campinas, Monte Alegre, Salto Grande do Paranapanema, Jaboticabal, Baurú, Vitória, Itapura, Porto Cabral).[1]

Brasil

Espírito Santo

Rio Doce: ♀, Garbe, março (1906).

Minas Gerais

Rio Doce: ♀, Olalla, setembro 2 (1940).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 1 ♂ e 1 ♀, W. Garbe, setembro 6 (1940).

São Paulo

Jundiaí: ♂, Schrottky, setembro 8 (1900).
Jaboticabal: sexo?, juv., Lima, setembro 28 (1900).
Rio Feio: ♂ juv., Garbe (1901); ♀, Franz Günther, outubro 8 (1905).
Itapura: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, setembro (1904).
Ubatuba: ♂, Garbe, abril (1905).
Cubatão: ♂, Lima, junho 5 (1920).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, Lima, julho 5 (1899); ♀, Lima (1923); ♀, Lima, julho 25 (1920).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, Olalla, maio 18 (1940); sexo ?, Olalla, maio 20 (1940).
Horto Florestal (serra da Cantareira): ♂, José Lima, dezembro 6 (1940).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, José Lima, outubro 18 (1941).
Monte Alegre: ♂, José Lima, julho 20 (1942).

Euscarthmornis striaticollis striaticollis (Lafresnaye) [V, 312]

Todirostrum striaticolle Lafresnaye, 1853, Rev. Magaz. Zool., (2), V, p. 58: "Bahia" (como pátria típica sugiro o Recôncavo da baía de Todos os Santos).
Euscarthmus striaticollis Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 83, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 269, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Maranhão (São Bento, Miritiba, Flores, Boa Vista, Barra do Corda, Codó),

(1) A ocorrência da espécie no estado de Minas Gerais (rio Doce) parece ser agora registrada pela primeira vez. Do estado do Paraná, onde é muito provável que exista, não ha nenhuma notificação positiva, visto como o pássaro alí colecionado por Chrostowski em várias localidades (Banhado, Cara Pintada, Vermelho) e dubitativamente referido a *E. orbitatus* por Sztolcman (Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, 1926, p. 162), pertence evidentemente a outra espécie, talvez *E. margaritaceiventer*. Cf. Zimmer, Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 13 (1940).

Piauí (rio Parnaíba, Terezina, lagoa Parnaguá), Baía (rio Grande, rio Preto, São Marcelo, Santo Amaro, Curupeba), norte de Goiaz (Filadélfia).[1]

BRASIL

Maranhão

Boa Vista: ♂, SCHWANDA, abril 21 (1907).

Miritiba: ♂, SCHWANDA, abril 27 (1907).

Baía

"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).

Curupeba: 2 ♂ ♂, W. GARBE, janeiro 31 e fevereiro 6 (1933); ♀, OLIV. PINTO, fevereiro 13 (1942).

Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, fevereiro 3 (1942).

Euscarthmornis striaticollis obscuriceps Zimmer

Euscarthmornis striaticollis obscuriceps ZIMMER, 1940, Amer. Mus Novit., N.º 1.066, p. 12: Abrilongo (Mato Grosso, H. SMITH col.).

Euscarthmus striaticollis SCLATER (*nec* LAFRESNAYE), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 83, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 269, parte.

Distribuição.[2] — Brasil centro-ocidental: Mato Grosso (Vila Bela de Mato Grosso, Cáceres, Cuiabá, Chapada, Abrilongo, Rondonópolis, Descalvados), Goiaz (rio Araguaia, Jaraguá, Inhumas).

BRASIL

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 25 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, JOSÉ LIMA, novembro 4 (1934).

Mato Grosso

São Luiz de Cáceres: ♂, GARBE, novembro (1917).

Rondonópolis: ♂, OLIV. PINTO, agosto 23 (1937).

Cuiabá: ♀, OLIV. PINTO, setembro 24 (1937).

---

(1) Não ha notícia de que *E. striaticollis* ocorra em latitudes mais meridionais que as supracitadas. *Euscarthmus striaticollis griseostriatus* SZTOLCMAN, 1926 (Ann. Zool. Mus. Polon., V, p. 160), com base exclusiva em exemplares do Salto de Guaira (rio Paraná, estado do mesmo nome), relaciona-se com outra espécie, provavelmente *Euscarthmornis orbitatus* (cf. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N. 1.066, p. 12).

(2) As características sobre que se baseia a separação de *E. s. obscuriceps* afigura-se-me das mais fracas, visto como ha grande variação na tonalidade do dorso e, mesmo nos exemplares do Maranhão é frequente destacar-se o alto da cabeça pela tonalidade pardo-acinzentada. Daí a minha relutância em acompanhar ZIMMER, quando refere à nova raça as aves de Moyobamba (norte do Perú), onde, quase lado a lado, viveriam *T. s. iohannis* SNETHL. e *T. s. amazonicus* HELLM., de Pebas, no baixo Marañon.

Euscarthmornis striaticollis griseiceps (Todd) [V, 313]

Euscarthmus striaticollis griseiceps TODD, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 93: Santarém (marg. direita da embocadura do Tapajoz).
Euscarthmus striaticollis SNETHLAGE (*nec* LAFRESNAYE), 1914. Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 403.

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita do baixo Amazonas: rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba. Cussarí, Miritituba, Vila Braga, Boim)[1], margem direita do rio Madeira (Santa Isabel).

Euscarthmornis striaticollis iohannis (Snethlage) [V, 313]

Euscarthmus iohannis SNETHLAGE, 1907, Orn. Monatsber., XV, p. 193: Monte Verde (rio Purús); idem, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 402.

Distribuição. — Leste do Perú (rio Ucayali, Sarayacu) e extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Solimões: Olivença, rio Purús (Monte Verde, Hiutanaã).

Euscarthmornis zosterops zosterops (Pelzeln) [V, 314]

Euscarthmus zosterops PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, p. 173, parte: Marabitanas (pátria típica) e São Carlos (alto rio Negro).

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Caquetá, Florência), leste do Equador (rio Santiago), sul da Venezuela (rio Guainia, monte Duida, alto Orenoco), Guiana Francesa (Ipousin[2], Tamanoir), Brasil oeste-septentrional, até a margem esquerda do rio Amazonas: rio Negro (Marabitanas, monte Curicuriarí, Santa Maria, igarapé Cacau Pereira), rio Jamundá (Faro).

---

(1) Pairam dúvidas quanto à dispersão desta raça baixo-amazônica. GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool. LXXXVIII, 1941, p. 289) referem à *T. s. iohannis* um exemplar de Vila Braga (margem esquerda do Tapajoz), restringindo por conseguinte à margem direita do rio Tapajoz a área geográfica de *T. s. griseiceps*, que HELLMAYR e ZIMMER, pelo contrário, extendem para oeste até a margem direita do Madeira.

(2) Localidade típica de *Idioptilon rothschildi* BERLEPSCH, 1907 (Ornis, XIV, p. 356), cuja sinonímia com *E. z. zosterops*, suspeitada por HELLMAYR, foi confirmada por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 13). As particularidades de conformação da asa e da cauda utilizadas na caracterização de *Idioptilon* BERL., conforme o último autor, não parece oferecerem base suficiente para a separação genérica da espécie.

Euscarthmornis zosterops griseipectus (Snethlage) [V, 315]

Euscarthmus griseipectus SNETHLAGE, 1907, Orn. Monatsber., XV, p. 194: Alcobaça (baixo rio Tocantins, marg. esquerda); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 402.

Distribuição. — Sudeste do Perú (rio Comberciato, Yahuarmayo)[1], norte da Bolívia (Santa Ana)[2]. Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Tefé), rio Tocantins (Alcobaça).

Euscarthmornis aenigma Zimmer.

Euscarthmornis aenigma ZIMMER, 1940, Amer. Mus. Novit., N.º 1.066: Caxiricatuba (baixo Tapajoz, margem direita).

Distribuição. — Conhecido apenas da margem direita do baixo rio Tapajoz (Caxiricatuba, Aramaní).

Euscarthmornis margaritaceiventer margaritaceiventer (Lafresnaye & d'Orbigny) [V, 319]

Todirostrum margaritaceiventer LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 46: Chiquitos (sudeste da Bolívia).
Euscarthmus margaritaceiventer SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 80, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 268.

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy, Salta, Corrientes, Tucumán, Cordoba, Santa Fé), Paraguay (Chaco, Lambaré, Sapucay, baixo Pilcomayo, Puerto Pinasco, Villa Franca, Mondaih, Cabo Emma), leste da Bolívia (Chiquitos, Santa Cruz, Buenavista, Chilon)[3], Brasil central e meridional: Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Cáceres, rio São Lourenço, Coxim, Descalvados, Palmira, Corumbá, Urucum, Piraputanga, Salobra, Miranda, Aquidauana, Três Lagoas, Sant'Ana do

---

(1) Pátria de *Euscarthmus leucogaster* HELLMAYR, 1914 (Novit. Zool., XXI, p. 169), considerado pelo seu autor e por ZIMMER, sinônimo de *E. griseipectus*, em que pese ao tamanho, algo maior, e ao apartamento geográfico das aves brasileiras (cf. Catal. Bds. Amers., V, p. 315, nota *a*).
(2) Dessa localidade, situada no rio Coroico, procede o tipo de *Idioptilon rothschildi albopectus* CARRIKER, 1935 (Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVII, p. 335), cuja identidade com *E. griseipectus* é atestada por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.068, p. 14, 1940).
(3) As aves do norte da Bolívia (rio Mamoré) e sul do Perú (vale do Urubamba etc.) devem, segundo ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, 1940, p. 16), considerar-se raça particular, a que corresponderia *Euscarthmus rufipes* TSCHUDI, 1844 (Arch. f. Naturges., X, (1), p. 273).

Paranaíba), sul de Goiaz (rio Tesouras, rio das Almas, Jaraguá, rio Claro), oeste de Minas Gerais (rio São Francisco, Pirapora) e de São Paulo (Itapura, Lins, Avanhandava, Macaúbas, São Jerônimo, Baurú, rio das Pedras).

BRASIL

Minas Gerais

Pirapora: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1912).

São Paulo

São Jerônimo (Avanhandava): ♂, GARBE, fevereiro (1904); ♀, GARBE, janeiro (1904); 2 sexos ?, GARBE, janeiro e fevereiro (1904).

Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904).

Baurú: ♀, FRANZ GÜNTHER, maio 19 (1905).

Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂, JOSÉ LIMA, abril 3 (1940).

Faz. Varjão (Lins): 3 ♀ ♀, OLALLA, jan. 27, 28 e 29 (1941); sexo ?, OLALLA, janeiro 28 (1941).

Goiaz

Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♂, W. GARBE, setembro 22 (1934).

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, W. GARBE, setembro 9 (1934).

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, abril 28 (1940); ♀, GARBE, agosto 5 (1941).

Mato Grosso

Corumbá: ♂, GARBE, outubro (1917).

Coxim: ♀, LIMA, junho 21 (1930).

Miranda: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, agosto 9 (1930).

Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho (1931).

Sant'Ana do Paranaíba: sexo ?, OLIV. PINTO, julho 25 (1931).

Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 2 (1931).

Faz. Recreio (Coxim): 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, agosto 6 e 7 (1937).

Santo Antônio (Cuiabá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 11 (1937).

Salobra: ♂, JOSÉ LIMA, julho 21 (1939).

Euscarthmornis margaritaceiventer wuchereri (Sclater & Salvin) [V, 320]

Euscarthmus wuchereri SCLATER & SALVIN, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 158: "Bahia".

Euscarthmus margaritaceiventer SCLATER (*nec* LAFRESNAYE & D'ORB.), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 80, parte.

Euscarthmus margaritaceiventer wuchereri IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 268.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Maranhão (Miritiba, Barra do Corda, Grajaú, alto Parnaíba), Piauí (Parnaguá, Ibiapaba, Deserto, Arara), Ceará (Juá), Pernambuco (Pau d'Alho, Garanhuns), norte e oeste da Baía (Joazeiro, Bonfim, cidade da Barra).

BRASIL
Baía
Joazeiro: ♂, GARBE, novembro (1907); sexo ?, GARBE, dezembro (1907).
Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, maio (1908).
Cidade da Barra: 2 ♂ ♂, GARBE, setembro e outubro (1913).

Euscarthmornis inornatus (Pelzeln) [V. 322]

Euscarthmus inornatus PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, pp. 102 e 174: rio Içana (afl. da marg. direita do alto rio Negro); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 84; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 269.

Distribuição. — Extrema oeste-septentrional do Brasil, na região do alto rio Negro (rio Içana).

Gênero SNETHLAGEA Berlepsch

Snethlagea BERLEPSCH, 1909, Journ. f. Orn., LVII, p. 104. Tipo, por designação original, *Euscarthmus zosterops minor* SNETHLAGE.

Snethlagea minor (Snethlage) [V. 323]

Euscarthmus zosterops minor SNETHLAGE, 1907, Orn. Monatsber., XV, p. 193: Arumateua (marg. esquerda do baixo Tocantins).
Snethlagea minor SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 401, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita da mais baixa porção do rio Amazonas: rio Tocantins (Cametá. Baião), rio Tapajoz (Apací, Vila Braga, Boim, Itaituba).

Snethlagea minima minima Todd [V. 324]

Snethlagea minima TODD, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII p. 94: Itaituba (baixo Tapajoz, margem esquerda).
Snethlagea minor SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 401, parte.

Distribuição. — Margem direita do baixo rio Amazonas, da margem oriental do rio Madeira (incluso o norte extremo de Mato Grosso), ao rio Tocantins: rio Madeira (Borba, Calama, igarapé Auará, Porto Velho, Aliança), Parintins, rio Tapajoz (Vila Braga, Itaituba, Tauarí, Limoal, igarapé Brabo. igarapé Amorim), rio Tocantins (Arumateua)[1], noroeste de Mato Grosso (Utiarití).

---

(1) A ocorrência, assinalada por HELLMAYR (Catal. Birds Americas, V, p. 324), de *Snethlagea minima* TODD no rio Tocantins, de par com a presença, testemunhada por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 289), de *S. minor* no rio Tapa-

Snethlagea minima pallens Todd [V, 324]

Snethlagea minima pallens TODD, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 94: Nova Olinda (rio Purús, margem esquerda).

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões e porção adjacente do baixo Amazonas: rio Solimões (Manacapurú)[1], rio Negro (Muirapinima, igarapé Cacau Pereira), rio Purús (Nova Olinda), margem esquerda do rio Madeira (Rosarinho).

BRASIL

Amazonas

Membeca (rio Manacapurú): ♀, CAMARGO, setembro 12 (1936).

Gênero CERATOTRICCUS Cabanis

Ceratotriccus CABANIS, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 87. Tipo, por designação original, *Todirostrum furcatum* LAFRESNAYE.

Ceratotriccus furcatus (Lafresnaye) [V, 309]

Todirostrum furcatum LAFRESNAYE, 1846, Rev. Zool., IX, p. 362: "Brésil" (como pátria típica sugiro Rio de Janeiro).

Ceratotriccus furcatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 85; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 269.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, Paratí), leste de São Paulo (Ubatuba, Matodentro).

BRASIL

São Paulo

Ubatuba: 2 ♂♂, GARBE, março e abril (1905); 2 ♀♀, GARBE, abril (1905).

Gênero TAENIOTRICCUS Berlepsch & Hartert

Taeniotriccus BERLEPSCH & HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 38. Tipo, por designação original, *Taeniotriccus andrei* BERLEPSCH & HARTERT.[2]

---

joz, faz com que ambas devam ser tratadas, sem hesitação, como espécies independentes. *Snethlagea minor snethlageae* H. SNETHLAGE, 1937 (Orn. Monatsber., XLV, p. 174), do rio Tapajoz, é considerada sinônimo de *S. m. minima*, tanto por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 17, 1940), como por GRISCOM & GREENWAY (op. cit.).

(1) Sobre o nosso exemplar de Manacapurú (marg. esquerda do baixo Solimões), lugar de onde HELLMAYR registra um espécime colecionado por KLAGES, vejam-se as notas de PINTO na Rev. Mus. Paul. XXIII, p. 581 (1937).

(2) *Todirostrum andrei* BERL. & HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 38: La Pricion (rio Caura, Venezuela).

Taeniotriccus klagesi Todd[1] [V, 328]

Taeniotriccus klagesi TODD, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 94: Itaituba (rio Tapajoz, margem esquerda).

Distribuição. — Conhecido apenas da localidade típica. Itaituba, na margem esquerda do baixo Tapajoz.

Gênero **LOPHOTRICCUS** Berlepsch

Lophotriccus BERLEPSCH, 1883, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 533. Tipo, por designação subsequente de SHARPE (1884), *Todirostrum squamaecrista* LAFRESNAYE[2].

Lophotriccus pileatus[3] **hypochlorus** Berlepsch & Stolzmann [V, 331]

Lophotriccus squamaecristatus hypochlorus BERLEPSCH & STOLZMANN, 1906, Ornis, XIII, p. 85: Idma (acima de Santa Ana, prov. Convencion, dept. de Cuzco, Perú).

Distribuição. — Sudeste do Perú (vales do Urubamba e do Marcapta, Carabaya), região adjacente do noroeste extremo do Brasil: alto rio Juruá (rio Eirú, Santa Cruz)[4].

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, novembro 4 (1936).

Lophotriccus congener Todd [V, 331]

Lophotriccus congener TODD, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 92: São Paulo de Olivença (rio Solimões, margem direita).

---

(1) HELLMAYR (Catal. Birds of the Americas, V, p. 328, nota *a*) sugere a possibilidade de não ser *Taeniotriccus klagesi* outra cousa senão ♀ de *T. andrei*, visto que de ambos só se conhecem os exemplares típicos, respectivamente ♂ e ♀.

(2) *Todirostrum squamaecrista* LAFRESNAYE, 1846, Rev. Zool., IX, p. 363; Bogotá (Colômbia). Cf. BANGS & PENARD, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIV, p. 78 (1921).

(3) *Euscarthmus pileatus* TSCHUDI, 1844, Arch. Naturges., X, Heft 3, p. 273: Perú (loc. típica, suger. por HELLMAYR, vale de Vitoc, dep. de Junin).

(4) A literatura ornitológica é muda quanto à ocorrência no Brasil da forma típica de *Lophotriccus pileatus;* entretanto, um ♂ e uma ♀ de Santa Cruz (rio Eirú, afl. da marg. dir. do alto Juruá, acima de João Pessoa), de lado abdominal intensamente tingido de amarelo, concordam com a descrição da raça individuada por BERLEPSCH & STOLZMANN no sudeste do Perú. As penas da crista (que faltam no ♂) têm a ourela ocrácea, mais clara do que em *L. pileatus squamaecrista*, representado por um exemplar do Equador.

Distribuição. — Noroeste extremo do Brasil: margem direita do rio Solimões (São Paulo de Olivença), alto Juruá (João Pessoa).

Brasil

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, Olalla, outubro 14 (1936).

Lophotriccus vitiosus affinis Zimmer [V, 332]

Lophotriccus vitiosus[1] *affinis* Zimmer, 1940, Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 20: rio Suno, acima de Avila (leste do Equador).

Lophotriccus spicifer Sclater (*nec* Lafresnaye), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 87, parte; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 403, parte.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Caquetá), leste do Equador (rio Suno, Cerro Galeras), nordeste do Perú, ao norte do rio Marañon (Iquitos, Puerto Indiana, rio Mázan) e extrema oeste-septentrional do Brasil: alto rio Negro (Marabitanas), rio Uaupés (Jauaretê, Tauapunto).

Brasil

Amazonas

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, Camargo, dezembro 29 (1936).

Lophotriccus vitiosus eulophotes Todd [V, 332]

Lophotriccus eulophotes Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 93: Hiutanaã (rio Purús).

Distribuição. — Só conhecido da localidade típica, Hiutanaã, na margem esquerda do alto Purús (estado do Amazonas).

---

(1) *Cometornis vitiosus* Bangs & Penard, 1921, Bull. Mus. Comp. Zool., LXIV, p. 373: Perú.

Tornou-se duvidosa a ocorrência no Brasil da raça típica da espécie, depois que Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1.066, p. 19), ao mesmo tempo que lhe propoz para pátria típica Sarayacu (baixo Ucayali), limitou-lhe a área geográfica ao nordeste do Perú, da margem direita do Marañon para o sul. O mesmo pode dizer-se da nova raça *Lophotriccus vitiosus guianensis* Zimmer (op. cit., pag. 20: local. típica Ipousin, rio Approuague, Guiana Francesa), visto como, segundo o mesmo autor, os exemplares de Faro e Óbidos atribuidos por Snethlage a "*Lophotriccus spicifer*", pertenceriam não a *L. vitiosus*, mas a *Colopteryx galeatus*, de que um exemplar da primeira daquelas localidades verificou ser um "unusual example of *Colopteryx galeatus* with some suggestion of quite narrow, pale wing-bars". Sem embargo, Griscom & Greenway (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 290) registram exemplares de Óbidos, sem lhe determinar a raça. *Cometornis* Bangs & Penard, 1921 (Bull. Mus. Comp. Zool., LXIV, p. 373), tem como tipo, por designação original, *Todirostrum squamaecrista* Lafresnaye, pelo que reverte à sinonimia de *Lophotriccus* Berl.

Gênero COLOPTERYX Ridgway[1]

Colopteryx RIDGWAY, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 519 — nome novo para *Colopterus*, 1845 (Ber. und Verh. Akad. Wissens. Berlin, p. 216), anteocupado por *Colopterus* ERICHSON, 1842. Tipo, por designação original *Motacilla cristata* GMELIN (= *Motacilla galeata* BODDAERT).

Colopteryx galeatus (Boddaert) [V, 333]

Motacilla galeata BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 24 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 391, fig. 1): Cayenne.[2]
Colopterus[3] *galeatus* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 91.
Lophotriccus spicifer[4] SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 403, parte.

Distribuição. — Venezuela (rio Caura, rio Orenoco), Guianas Inglesa (Camacusa, Bartica Grove, rio Ituribisci), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Saint Jean du Maroni), norte extremo do Brasil: Manaus, Itacoatiara, rio Juruá, rio Jamundá (Faro), óbidos, igarapé Boiussú, rio Maicurú, Arumanduba, Amapá, Maracá, rio Tapajoz (Santarém, Diamantina, Pimental), rio Curuá, rio Xingú (Vitória), rio Tocantins (Baião), rio Guamá, rio Acará, distrito de Belém e adjacências (Sto. Antônio do Prata, Anindeua, Peixe-Boi, Santa Isabel, Benevides, Quatipurú), norte do Maranhão (São Luiz).

VENEZUELA

Maipures (rio Orenoco): ♂, CHERRIE, dezembro 10 (1898).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂♂, OLALLA, março 12 e 30, abril 5 e 6 (1937); sexo?, OLALLA, junho 3 (1937).

Pará

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 4 (1935).

---

(1) Talvez inseparavel de *Lophotriccus*, posto que a ♀ de *L. vitiosus eulophotes* só dificilmente se distingue da de *Colopteryx galeatus*. Cf. HELLMAYR Cat. Birds of Americas, V, p. 332 (1927).

(2) *Colopteryx inornatus* RIDGWAY, 1888 (Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 519), de Santarém, é, conforme verificou HELLMAYR (Novit. Zool., 1906, XII, p. 360), a ♀ da espécie nomeada por BODDAERT. Tambem *Todirostrum spiciferum* LAFRESNAYE, 1846 (Rev. Zool., IX, p. 363: "Brésil"), segundo BANGS & PENARD (Bull. Comp. Zool., LXIV, 1921, p. 371), entra na sinonímia de *C. galeatus*, cujos caracteres foram amplamente discutidos por HELLMAYR no vol. XXVI, p. 21 de Abh. K. Bayer. Akad. Wissens. math.-physikal. Klasse (1912).

(3) *Colopterus* CABANIS, 1845 (*nec* ERICHSON, 1842), Ber. und Verh. Akad. Wiss. Berlin, p. 216. Tipo, *Motacilla cristata* GMELIN (= *Motacilla galeata* BODDAERT).

(4) *Todirostrum spiciferum* LAFRESNAYE, 1846, Rev. Zool., IX, p. 363: "Brésil".

Gênero MYIORNIS Bertoni

Myiornis BERTONI, 1901, Av. Nuev. del Paraguay, p. 129. Tipo, por monotipia, *Euscarthmus minutus* BERTONI (= *Platyrhynchos auricularis* VIEILLOT).

Myiornis auricularis auricularis (Vieillot) [V, 337]

Cigarra (Itatiaia).

Platyrhynchos auricularis VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVII, p. 16: "Brésil" (= arredores da cidade do Rio de Janeiro, col. DELALANDE).

Orchilus[1] *auricularis* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 88.

Orchilus auricularis pyrrhotis[2] IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 269.

Distribuição[3]. — Sudeste do Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay), região adjacente do nordeste da Argentina (Misiones) e Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (rio Muriaé, Cantagalo, Sepitiba, Terezópolis, Colônia Alpina), São Paulo (serra de Bananal, Alto da Serra, Ubatuba, São Luiz do Paraìtinga, Ipiranga, Embura, Pilar, Ipanema, Itararé, Salto Grande, Vitória, Franca, Bebedouro, Baurú, Valparaizo), Paraná (Jacarèzinho, Cândido de Abreu, Terezina), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Linha Pirajá).

PARAGUAY

Puerto Bertoni (rio Paraguai): sexo?, BERTONI (1904).

BRASIL

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, OLALLA, setembro 10 (1941); ♀, OLIV. PINTO, setembro 10 (1941).

---

(1) *Orchilus* CABANIS, 1845 (em TSCHUDI, Fauna Peruana, Aves, pp. 24 e 164), sobre ser anteocupado por *Orchilus* MORRIS, 1837, tem como genótipo, por designação de GRAY (1855), *Euscarthmus pileatus* TSCHUDI pelo que entra na sinonímia de *Lophotriccus*.

(2) *Orchilus auricularis pyrrhotis* BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeitschr. gesam. Orn., II, p. 130: Linha Pirajá (Rio Grande do Sul). Sua separação de *M. auricularis* parece impraticável.

(3) A posse de maior material leva-me a modificar a opinião que a princípio (cf. Rev. Mus. Paul., XIX, 1935, p. 208) formei sobre a área geográfica da forma típica de *Myiornis auricularis*. Exemplares frescos dos rios Doce e Piracicaba (leste de Minas Gerais) não se podem, praticamente, diferenciar, no que toca à côr da metade anterior da região auricular, dos do sul da Baía; num ♂ da barra do Sussuí (afluente da marg. esquerda do Doce), a dita região é de um branco muito mais puro do que no ♂ de Caravelas, tipo de *M. auricularis berlepschi*. À vista disso, deve evidentemente referir-se tambem à forma septentrional as aves do Espírito Santo, mau grado a posição intermediária que ocupam do ponto de vista do carater em discussão. Uma ♀ de Cardoso Moreira (rio Muriaé), possue a mancha auricular acentuadamente rufecente, ligitimando portanto a inclusão de todo o estado do Rio de Janeiro na área da forma primeiramente descrita.

São Paulo
Alto da Serra: 2 ♂♂, LIMA, novembro (1899) e agosto (1904); ♀, LIMA, agosto (1904).
Rincão: ♀, LIMA, fevereiro 24 (1901); sexo ?, LIMA, fevereiro 26 (1901).
Itararé: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, maio (1903); ♂ ?, GARBE, junho 1903).
Bebedouro: sexo ?, GARBE, março (1904).
Rio Feio: ♂, FRANZ GÜNTHER, fevereiro 7 (1905); sexo ?, GARBE (1901).
Ubatuba: ♂, GARBE, abril (1905).
São Luiz do Paraitinga: ♂, GARBE, agosto 8 (1909).
Franca: ♂, GARBE, novembro (1910).
Pilar: ♀, LIMA, junho 6 (1920).
Braunau: ♂, LIMA, julho 10 (1928).
Valparaizo: sexo ?, JOSÉ LIMA, julho 7 (1931).
Embura: ♀, OLALLA, dezembro 24 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 24 (1941).

Paraná
Jacarèzinho: ♀, LIMA, março 28 (1901).

Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. GARBE, outubro 16 (1941).

Myiornis auricularis cinereicollis (Wied)

Euscarthmus cinereicollis WIED, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 955: nenhuma referência a localidade (sugiro o sul da Baía, para pátria típica).
Orchilus auricularis IHER. & IHERING (*nec* VIEILLOT), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av. p. 269.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: sudeste da Baía (Caravelas[1], rio Gongogí), Espírito Santo (rio Doce, Porto Cachoeiro, Pau Gigante, Chaves), leste de Minas Gerais (baixo Piracicaba, rio Sussuí).

BRASIL

Baía
Caravelas: ♂, GARBE, agosto (1908).

Espírito Santo
Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, novembro (1905).
Pau Gigante: ♂, GARBE, janeiro (1906); 2 ♀♀, GARBE, abril (1906); sexo ?, GARBE, janeiro (1906).
Chaves (Sta. Leopoldina): sexo ?, OLALLA, agosto 27 (1942).

Minas Gerais
Rio Doce: ♂, OLALLA, agosto 29 (1940).

---

(1) Pátria típica de *Myiornis auricularis berlepschi* PINTO, 1935 (Rev. Mus. Paul., XIX, p. 207), cuja sinonímia com *M. a. cinereicollis* parece-me hoje mais do que provável, já pelos traços encontrados na descrição do príncipe de WIED ("auf dem Ohre steht ein weisser Fleck"), já pela alteração agora introduzida no conceito zoogeográfico das duas raças afins.

Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 19 e 28 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 sexo?, OLIV. PINTO, setembro 20 (1940).

Gênero PERISSOTRICCUS Oberholser[1]

Perissotriccus OBERHOLSER, 1902, Proc. Un. St. Nat. Mus., XXV, p. 64. Tipo, por designação original, *Todirostrum ecaudatum* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY.

Perissotriccus ecaudatus ecaudatus (Lafresnaye & D'Orbigny) [V, 338]

Todirostrum ecaudatum LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 47: Yuracares (Bolívia).
Orchilus ecaudatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 89; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 270.
Perissotriccus ecaudatus SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 404.

Distribuição. — Leste e norte do Perú (Yahuarmayo, Urubamba, rio Huallaga), norte da Bolívia (Yuracares, rio San Mateo), noroeste do Brasil: rio Solimões (Tefé), rio Jamundá (Faro), óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Juruá, rio Madeira (Calama, Salto do Girau, Santa Isabel) e rio Guaporé (Engenho do Gama), Parintins, rio Tapajoz (Boim, Vila Braga, ilha do Papagaio, Tauarí, Itaituba, Caxiricatuba, igarapé Brabo), rio Jamauchim, rio Xingú (Vilarinho do Monte), rio Tocantins (Cametá), distrito de Belém (Prata, Peixe-Boi, Santa Isabel).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: sexo?, juv., GARBE, setembro (1902).

Pará

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 25 (1935).

Gênero HEMITRICCUS Cabanis & Heine

Hemitriccus CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 52. Tipo, por monotipia, *Muscicapa diops* TEMMINCK.

---

(1) Este gênero difere de *Myiornis* apenas pelo comprimento muito mais reduzido da cauda. ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 1.060, p. 22), ao mesmo tempo que os considera inseparaveis, reduz *P. atricapillus* (LAWRENCE, 1875), da Colômbia e Costa Rica a simples raça de *ecaudatus*, à semelhança de *P. e. miserabilis* CHUBB, 1919, da Venezuela e Guianas.

Hemitriccus diops diops (Temminck) [V. 343]

Muscicapa diops TEMMINCK, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 144, fig. I: "Brésil" (= Ipanema, sudeste de São Paulo, col. NATTERER.)[1].
Hemitriccus diops SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 91; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 270.

Distribuição. — Sudeste do Paraguay (Alto Paraná) e Brasil este-meridional: Espírito Santo (Braço do Sul, Chaves), Rio de Janeiro (serra dos Orgãos, Petrópolis, Terezópolis), Minas Gerais (serra da Cacunda), São Paulo (Alto da Serra, Ipiranga, Itararé, Iguape, Ipanema), Paraná (Curitiba, serra da Esperança, rio das Marrecas), Santa Catarina (São Bento)[2].

PARAGUAY
Puerto Bertoni (alto Paraná): sexo ?, BERTONI (1903).

BRASIL
Espírito Santo
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 26 (1942).
Minas Gerais
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 3 ♂ ♂, OLALLA, outubro 2 e 5 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, outubro 2 e 3 (1940).
São Paulo
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, H. PINDER, julho 27 (1898); sexo?, LIMA, julho 16 (1901).
Iguape: ♀, R. KRONE, outubro 24 (1899).
Itararé: ♂, GARBE, julho (1903).
Alto da Serra: 2 ♂ ♂, LIMA, junho (1909) e julho 28 (1923); ♂, H. PINDER, julho 21 (1898); sexo ?, LIMA, agosto 2 (1899).
Rio Claro (serra do Cubatão): ♀, OLIV. PINTO, maio 22 (1941).

Hemitriccus diops obsoletus (Miranda Ribeiro) [V, 344]

Musciphaga obsoleta MIRANDA RIBEIRO, 1906, Arch. Mus. Nac. do Rio de Janeiro: Caminho do Couto (serra do Itatiaia)[3].

---

(1) A identidade de *Muscicapa diops* TEMM. poude ser verificada pelo Dr. HELLMAYR (cf. Cat. Bds. of Amers., V, p. 343, nota b), que encontrou no Museu de Viena o exemplar utilizado na descrição original, conforme nota do próprio punho de TEMMINCK, lançada no rótulo. Todavia, o pássaro é muito difícil de reconhecer pela estampa de TEMMINCK, cuja infidelidade foi discutida por E. HOLT (cf. Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, 1928, p. 304). *Euscarthmus cilis* BURMEISTER, 1856 (Syst. Ubers. Th. Bras., II, p. 490) de acordo ainda com HELLMAYR, não passa de verdadeiro sinônimo de *M. diops* TEMM., devendo ter havido erro na pátria "Montevideo" atribuida ao respectivo tipo.

(2) Próximo à estação de Saraiva (exemplar do Museu Nacional examinado pelo autor).

(3) Já foi devidamente apontada (cf. HELLMAYR, Verh. Orn. Gesells. Bayern. XII, p. 133, 1915) a grande variabilidade do pássaro descrito por TEMMINCK, não sendo raro observarem-se ao lado de exem-

Distribuição. — Restrita à região do Itatiaia e serras vizinhas, no nordeste extremo de São Paulo (serra de Bananal, serra da Bocaina)[1].

BRASIL
Rio de Janeiro
Campos do Itatiaia: ♀, H. LÜDERWALDT, abril 13 (1906); ♀ juv., H. LÜDERWALDT, abril 25 (1906).
São Paulo
Serra da Bocâina (conf. de Rio e S. Paulo): sexo?, juv., H. LÜDERWALDT, abril (1924).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): sexo ?, OLALLA, agosto 27 (1941).

Gênero POGONOTRICCUS Cabanis & Heine

Pogonotriccus CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 54. Tipo, por monotipia, *Muscicapa eximia* TEMMINCK.

Pogonotriccus eximius (Temminck) [V. 345]

Muscicapa eximia TEMMINCK, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 144, fig. 2: "Brésil" (= Ipanema, col. NATTERER).
Pogonotriccus eximius SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV p. 98; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 274.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Puerto Bertoni, Iguazú, Sapucay), Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo), Minas Gerais (São José da Lagoa), São Paulo (Piquete, Alto da Serra, serra da Cantareira, Campinas, Ipanema, rio Feio, São Jerônimo, Avanhandava, Lins, Valparaizo), Paraná (Jacarèzinho, Guarapuava, Salto de Guaira).

PARAGUAY
Puerto Bertoni (rio Paraguai): sexo ?, BERTONI (1904).
BRASIL
Minas Gerais
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 30 (1940).
São Paulo
Piquete: sexo ?, J. ZECH, dezembro 30 (1896).

---

plares perfeitamente típicos, outros com os caracteres francamente tendentes aos dos de Itatiaia. Tal flutuação não parece observar-se nestes últimos, o que se me afigura suficiente para tratá-los como raça aparte, sob a denominação proposta por MIRANDA RIBEIRO.

(1) Um exemplar "juv." sem sexo determinado (N.º 12.017), colecionado por LÜDERWALDT na serra da Bocâina, possue a plumagem ainda mais pardacenta do que os de Itatiaia por mim examinados. Outro, das cabeceiras do rio Paca (serra de Bananal), confins de São Paulo e Rio de Janeiro, apresenta caracteres menos típicos, concordando ainda assim com os de Itatiaia. Vê-se assim que devemos extender o domínio geográfico de *H. d. obsoletus* às serras confinantes com o macisso do Itatiaia.

São Jerônimo (Avanhandava): ♂, GARBE, fevereiro (1904); sexo ?, GARBE, fevereiro (1903).
Rio Feio: ♂, FRANZ GÜNTHER, outubro 6 (1905).
Lins: ♂, LIMA, maio 13 (1919); ♂, OLALLA, maio 10 (1941).
Valparaizo: ♀, JOSÉ LIMA, junho 7 (1931).
Horto Florestal (serra da Cantareira): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, abril 30 (1941).

Paraná

Jacarèzinho: 3 ♂ ♂, LIMA, março 23, 26 e 28 (1900).

Gênero LEPTOTRICCUS Cabanis & Heine

Leptotriccus CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 54. Tipo, por designação original, *Leptotriccus sylviolus* CABANIS & HEINE.

Leptotriccus sylviolus Cabanis & Heine [V, 349]

Leptotriccus sylviolus CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 54: "Brasilien" (para pátria típica sugiro o Rio de Janeiro); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 275.
Leptotriccus sylviola SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 99.

Distribuição. — Sudeste do Paraguay (Puerto Bertoni) e do Brasil: Espírito Santo (rio S. José), Rio de Janeiro, Minas Gerais (barra do Piracicaba), Santa Catarina (Joinvile)[1].

PARAGUAY

Puerto Bertoni: sexo ?, BERTONI, janeiro (1903).

BRASIL

Espírito Santo

Rio S. José: ♂ ad., OLALLA, setembro 14 (1942).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, setembro 2 (1940).

Gênero PHYLLOSCARTES Cabanis & Heine

Phylloscartes CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 52. Tipo, por monotipia, *Muscicapa ventralis* TEMMINCK.

Phylloscartes ventralis ventralis (Temminck) [V, 350]

Muscicapa ventralis TEMMINCK, 1824 (*ex* NATTERER manuscr.), Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 275: "Brésil" (=Ipanema, estado de São Paulo, col. NATTERER).
Phylloscartes ventralis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 92; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 272.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones, Entre Rios), Uruguay (Quebrada de los Cuervos), Paraguay (Sapucay, Mondaih), sudeste do Brasil: sul de Minas Gerais (Ma-

(1) Cf. UNDERDOWN, Auk, L, p. 323.

ria da Fé), Rio de Janeiro (Terezópolis, Nova Friburgo, Itatiaia), São Paulo (serra de Bananal, Alto da Serra, Itatiba, Jundiaí, altos do Ipiranga, Embura, São Miguel Arcanjo, Pilar, Juquiá, Itararé, Iguape, Cananéia, Lins, rio Paraná), sudeste de Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba), Paraná (Castro, Curitiba, rio Claro, Cândido de Abreu, Invernadinha), Santa Catarina, Rio Grande do Sul (Taquara, São Lourenço)[1].

Brasil

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia: ♀, H. Lüderwaldt, abril 14 (1906).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♀, Oliv. Pinto, janeiro 13 (1936).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. Krone (1898).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): 3 ♂ ♂, Lima, outubro 19 (1898), outubro 11 (1904) e novembro (1912).

Itatiba: ♂, Lima, julho 12 (1900).

Jundiaí: ♀, Lima, setembro 8 (1900).

Itararé: ♂, Garbe, julho (1903); 1 ♀ e 1 sexo ?, Garbe, maio (1903).

Alto da Serra: sexo ?, Lima, junho (1909).

Lins: ♂, Lima, maio 25 (1914).

Pilar: ♂, Lima, junho 6 (1920).

São Miguel Arcanjo: ♂, Lima, setembro 8 (1929).

Tabatinguara (Cananéia): ♂, Camargo, setembro (1934).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, Oliv. Pinto, maio 18 (1940); 1 ♂ e 2 ♀ ♀, Olalla, maio 21 (1940).

Embura: ♂, Olalla, dezembro 24 (1940).

Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 3 ♂ ♂, Olalla, agosto 25 e 26 (1941); 2 ♀ ♀, Olalla, agosto 24 e 26 (1941).

Porto Cabral (rio Paraná): ♂ juv., José Lima, outubro 22 (1941).

Paraná

Castro: 2 ♂ ♂, Garbe, maio (1907) e (1914); 2 ♀ ♀, Garbe, maio (1907 e 1914); sexo ?, Garbe, junho (1914).

Rio Grande do Sul

Nova Wurttemberg: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, março (1915).

Phylloscartes virescens Todd [V. 352]

Phylloscartes virescens Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 95: Pied Saut (Oyapock, Guiana Francesa).

Distribuição. — Guiana Francesa (Oyapock), Guiana In-

---

(1) *Phylloscartes ventralis longicaudus* Sztolcman (Ann. Zool. Mus. Polon., V, 1926, p. 225) descrito com base única num ♂ adulto de Vera Guaraní (rio Iguassú, entre as embocaduras dos rios Claro e Sant'Ana), parece incluir-se na sinonímia de *Phylloscartes oustaleti* (Sclater).

glesa (rio Essequibo) e, aparentemente, norte extremo do Brasil, até a margem esquerda do Amazonas (Manacapurú)[1].

BRASIL
Amazonas
Membeca (rio Manacapurú): ♂ ?, CAMARGO, setembro 12 (1936).

Phylloscartes paulistus Ihering & Ihering [V, 352]

Phylloscartes paulista IHERING & IHERING, 1907, Catal. Fauna Braz., Aves, p. 272: Fazenda Cayoá (Salto Grande do Paranapanema, estado de São Paulo).

Distribuição. — Sudeste do Paraguay (Puerto Bertoni) e do Brasil: Espírito Santo (Chaves), São Paulo (Salto Grande, Vitória, Juquiá)[2].

BRASIL
Espírito Santo
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 22 (1942).
São Paulo
Vitória: ♀, HEMPEL, julho 28 (1902).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, OLALLA, maio 18 (1940).

Phylloscartes pammictus (Oberholser) [V, 353]

Hemitriccus pammictus OBERHOLSER, 1902, Proc. Un. St. Nat. Mus., XXV, p. 64: "South America" (= Rio de Janeiro, teste HELLMAYR).

Distribuição. — Só conhecido através do tipo que se presume (pelo estilo da preparação), oriundo do Rio de Janeiro.

Phylloscartes oustaleti (Sclater) [V, 353]

Leptopogon oustaleti SCLATER, 1887, Proc. Zool. Soc. London, p. 47, pl. 9, fig. 2: "Bogotá", *errore* (= Corcovado, prox. à cidade do Rio de Janeiro)[3]; idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 118; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 277 (nom. corrig. à pag. 419).

Distribuição. — Brasil este-meridional: Espírito Santo (Chaves), Rio de Janeiro (Corcovado, Pedra Branca[4]), São Paulo (Alto da Serra, Iguape), ? Paraná (Vera Guaraní)[5].

(1) Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 582 (1937). A despeito das más condições do exemplar, julgo acertada a determinação que primitivamente lhe foi por mim atribuida.
(2) SZTOLCMAN refere dubitativamente a *Ph. paulistus* um ♂ e uma ♀ de Salto de Guiara, obtidos por CHROSTOWSKI (cf. Ann. Zool. Mus. Polon., V, p. 166, 1926).
(3) Cf. C. E. HELLMAYR, Catal. Birds of the Americas, V, p. 353, nota 2.
(4) Localidade de Paratí, na costa meridional do Rio de Janeiro (exemplar no Museu Nacional determinado pelo autor).
(5) À vista da descrição original, *Phylloscartes ventralis longicaudus* SZTOLCMAN, 1926 (Ann. Zool. Mus. Polon., V, p. 225), com base num ♂ de Vera Guaraní (rio Iguassú), afigura-se-me inequivocamente sinônimo de *Ph. oustaleti*.

BRASIL
Espírito Santo
Chaves (Sta. Leopoldina): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 22 e 29, setembro 5 (1942); ♀, OLALLA, setembro 5 (1942).
São Paulo
Iguape: sexo ?, R. KRONE (1898 ?).
Alto da Serra: ♂, LIMA, agosto (1899).

Phylloscartes difficilis (Ihering & Ihering) [V, 354]

Guracava[1] *difficilis* IHERING & IHERING, 1907, Catal. Fauna Braz., Aves, p. 271: Campos do Itatiaia (estado do Rio de Janeiro).

Distribuição. — Serra marítima do Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (serra do Itatiaia)[2], São Paulo (Alto da Serra, serra de Bananal), Paraná (?)[3].

BRASIL
São Paulo
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): sexo ?, OLALLA, agosto 28 (1941).

Phylloscartes roquettei Snethlage

Phylloscartes roquettei SNETHLAGE, 1928, Bol. Mus. Nacional do Rio de Janeiro, IV, Nº 2, p. 2: Brejo Januária (rio São Francisco, estado de Minas Gerais).

Distribuição. — Conhecido apenas da localidade típica, Brejo Januária, junto ao rio São Francisco (estado de Minas Gerais).

Gênero **CAPSIEMPIS** Cabanis & Heine

Capsiempis CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 56. Tipo, por designação original, *Muscicapa flaveola* LICHTENSTEIN.

---

(1) *Guracava* IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Braz., Aves, p. 271. Tipo, por monotipia, *Guracava difficilis* IHER. & IHERING.

(2) Cf. E. G. HOLT, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pp. 304 e 305 (1928). O autor, que em sua expedição ao Itatiaia colecionara vários exemplares desta rara espécie, discute longamente suas relações com *Hemitriccus diops obsoletus* RIBEIRO, corroborando as conclusões já expendidas por HELLMAYR (cf. Verh. Orn. Gesells. Bayer., XV, 1915, p. 133). O exemplar tipo, que IHERING determinara a princípio como *Hemitriccus vilis* (BURM.) (= *H. diops diops*) não mais se encontra nas coleções do "Museu Paulista".

(3) SZTOLCMAN (Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, 1926, p. 163) relaciona longa série de exemplares colecionados por CHROSTOWSKI em vários pontos do interior e oeste do estado do Paraná (rio Ivaí, Porto Mendes, rio das Marrecas etc.). É, todavia, lícito pôr em dúvida a ocorrência, nas terras baixas do interior, de um pássaro, cujos exemplares autênticos procedem todos da serra marítima.

Capsiempis flaveola flaveola (Lichtenstein) [V, 355]

Muscicapa flaveola LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 56: Baía.
Capsiempis flaveola SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 120, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 405.
Campsiempis flaveola IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 277.

Distribuição. — Guiana Francesa (rio Approuague), Guiana Inglesa (montes Takutu), ? Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Carabobo)[1], leste da Bolívia (Guarayos), Paraguay (Sapucay, Puerto Bertoni), Brasil oeste-septentrional e este-meridional: rio Branco (serra da Lua, perto de Boa Vista), rio Amazonas (Itacoatiara, Silves, Óbidos, igarapé Boiussú, igarapé Bravo), rio Jamundá (Faro), rio Maicurú, rio Tapajoz (Goiana), rio Irirí (Santa Júlia), rio Tocantins (Arumateua), Baía, Espírito Santo (Pau Gigante, Chaves), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo, Sepitiba, rio Muriaé), Minas Gerais (Lapa Vermelha, Pirapora, barra do Sussuí), Goiaz (Goiaz), São Paulo (Ipanema, Franca, Bebedouro, Jaboticabal, Ituverava, Rincão, Valparaizo), Paraná (Cândido de Abreu, Salto de Guaíra).

PARAGUAY
Puerto Bertoni: sexo ?, BERTONI (1904).

BRASIL
Amazonas
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 10 ♂♂, OLALLA, dezembro 28 (1936), março 8, 12 e 17, abril 5 e 6, junho 2 (1937); 11 ♀♀, março 9, 11, 16, 17 e 31, abril 1 e 7, maio 31 e junho 18 (1937); 2 sexos ?, OLALLA, março e abril 5 (1937).
Pará
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 3 (1935).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, abril 13 e 14 (1935).
Baía
"Bahia": sexo?, SCHLÜTER (1898).
Espírito Santo
Rio Doce: ♂, GARBE, janeiro (1906).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 24 (1942); ♀, OLALLA, setembro 7 (1942).
Rio de Janeiro
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 1 ♂ e 1 sexo ?, OLALLA, setembro 10 (1941).

---

(1) HELLMAYR (Catal. Birds Amers., V, p. 356, nota *a*) tem dúvidas quanto aos exemplares da Venezuela, que discordam em vários pontos dos do Brasil e Guianas.

Minas Gerais
Pirapora: ♂, GARBE, agosto (1912).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 3 ♂♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 19 (1940).

São Paulo
Jaboticabal: 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, setembro 25 (1900).
Rincão: ♂, LIMA, fevereiro 18 (1901).
Bebedouro: ♂, GARBE, abril (1904).
Franca: ♀, GARBE, novembro (1910).
Ituverava: ♂, GARBE, março (1911).
Valparaizo: ♀, JOSÉ LIMA, junho 22 (1931).

Gênero EUSCARTHMUS Wied

Euscarthmus WIED, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 945. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Euscarthmus meloryphus* WIED.

Euscarthmus meloryphus meloryphus Wied [V, 358]

Euscarthmus meloryphus WIED, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 947: "nur auf der Gränze der Provinzen Minas und Bahia".

Hapalocercus[1] *meloryphus* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 93; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 273.

Distribuição. — Colômbia (rio Magdalena, Região de Santa Marta), Venezuela (Caracas, Orenoco, Ciudad Bolivar, Cumaná), leste da Bolívia, Paraguay (Encarnación), norte da Argentina (Chaco, Entre Rios, Jujuy, Salta, Tucumán, Cordoba), Brasil centro-ocidental e oriental: Mato Grosso (rio Guaporé, Chapada, Descalvados, Aquidauana, Campo Grande), Maranhão (Tranqueira), Piauí (Ibiapaba, Arara), Ceará, Pernambuco, Baía (Cidade da Barra, Bonfim, Macaco Seco)[2],

---

(1) *Hapalocercus* CABANIS, 1847 (Arch. Naturges., XIII, p. 254) prova ser sinônimo absoluto de *Euscarthmus* WIED. Foi proposto em substituição a *Leptocercus* CABANIS, 1846 (em TSCHUDI, Fauna Peruana, Aves, p. 164), substituto, por sua vez, de *Lepturus* SWAINSON, 1839 (Nat. Libr. Orn., X, p. 179), cuja única espécie originariamente descrita é *Lepturus ruficeps* SWAINS. (= *Euscarthmus meloryphus* WIED).

(2) Três exemplares da Baía (cidade da Barra, Bonfim) diferem, à primeira vista, pela falta quase completa de amarelo no abdome, do restante da nossa série; ocorrendo o mesmo fato nas aves do Ceará e Pernambuco, como nô-lo informa ZIMMER, fica a possibilidade de constituirem raça especial, peculiar aos campos sêcos e caatingas do Nordeste brasileiro. Não obstante, um espécime de São Jerônimo (São Paulo, baixo Teitê) mostra particularidade semelhante, tal como no ♂ de Vitória noticiado tambem por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 1.095, p. 3, 1940).

Minas Gerais (Água Suja, Lagoa Santa, Vargem Alegre, Pirapora), Rio de Janeiro (rio Muriaé), São Paulo (Ipanema, Salto Grande, Vitória, Bebedouro, São José do Rio Pardo, São Jerônimo, Avanhandava, rio Feio), Paraná (Cândido de Abreu)[1].

BRASIL
  Baía
    Vila Nova (= Bonfim): ♀, GARBE, dezembro (1906).
    Cidade da Barra: 2 ♂ ♂, GARBE, outubro (1913).
  Rio de Janeiro
    Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, OLALLA, setembro 11 (1941); 3 ♀ ♀, OLALLA, setembro 10, 11 e 13 (1941).
  Minas Gerais
    Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
  São Paulo
    S. José do Rio Pardo: ♀, LIMA, janeiro 12 (1900).
    Faz. Caioá (Salto Grande): ♂, HEMPEL, setembro 11 (1903); ♀, HEMPEL, setembro 14 (1903).
    São Jerônimo (Avanhandava): 3 ♂ ♂, GARBE, dezembro (1903) e fevereiro (1904).
    Bebedouro: ♂, GARBE, abril (1904); sexo ?, GARBE, março (1904).
    Cancã (rio Feio): ♂, FRANZ GUNTHER, agosto 27 (1905).
  Goiaz
    Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, outubro 6 (1941).
  Mato Grosso
    Campo Grande: ♀, LIMA, julho 19 (1930).
    Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 5 (1931).

Euscarthmus rufomarginatus (Pelzeln) [V, 360]

Hapalocercus rufomarginatus PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, p. 103: Calção de Couro e rio das Pedras (norte do estado de São Paulo, próximo ao rio Grande).
Euscarthmus rufomarginatus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 274.

Distribuição. — Brasil central e centro-oriental: Mato Grosso (Campo Grande, serra do Norte[2]), Maranhão (Ponto), Piauí (Correntes, alto Parnaíba), norte de São Paulo (rio das Pedras, Calção de Couro)[3].

BRASIL
  Mato Grosso
    Campo Grande: 2 ♂ ♂, LIMA, junho 15 e julho 19 (1930).

(1) Até ulteriores esclarecimentos, tenho como problemática a validez de *Hapalocercus meloryphus fulvicepsoides* SZTOLCMAN, 1926 (Ann. Zool. Mus. Polon., V, p. 166), baseado em exemplares de Cândido de Abreu, colecionados por CHROSTOWSKI.
(2) Exemplar do Museu Nacional do Rio de Janeiro (coleção Rondon), examinado pelo autor.
(3) Cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 324 (1929).

Gênero PSEUDOCOLOPTERYX Lillo

Pseudocolopteryx Lillo, 1905, Rev. letr. cienc. soc., III, p. 48. Tipo, por monotipia, *Pseudocolopteryx dinellianus* Lillo[1].

Pseudocolopteryx sclateri (Oustalet) [V, 361]

Anaeretes[2] *sclateri* Oustalet, 1892, Nouv. Arch. Mus. Hist. Nat. Paris, 3a. ser., IV, p. 217: "Chile", *errore* (Hellmayr sugere Buenos Aires como pátria típica)[3].
Hapalocercus sclateri Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 273.

Distribuição. — Guiana Inglesa (rio Abary, Annai), ilha de Trinidad. Colómbia (Salento), Equador (Huigra, pto. de Quito), Perú (San Miguel, Huánuco), Bolívia (Parotani), Paraguay (Assunción, Puerto Pinasco, Villa Rica). República Argentina (Chaco, Formosa, Jujuy, Salta, Entre Rios, Buenos Aires, Santa Fé, Tucumán), Brasil centro-ocidental e este-meridional: Mato Grosso (Pau Sêco), sul da Baía (Caravelas), Rio de Janeiro (lagoa Feia), Rio Grande do Sul (Itaquí).

Argentina
Ocampo: 2 ♂ ♂, perm. Mus. Rothschild (1907).

Brasil
Baía
Caravelas: ♀, Garbe, agosto (1908).
Rio de Janeiro
Lagoa Feia (Ponta Grossa): 1 ♂ e 1 ♀, Olalla, setembro 8 (1941).
Rio Grande do Sul
Itaquí: 1 ♀ e 1 sexo ?, Garbe, dezembro (1914).

Pseudocolopteryx flaviventris (Lafresnaye & d'Orbigny) [V, 363]

Alectrurus flaviventris Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 55: Corrientes (República Argentina).
Hapalocercus flaviventris Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 94.

Distribuição. — Chile central (de Santiago a Valdivia), norte e leste da República Argentina (Chaco, Corrientes, En-

---

(1) *Pseudocolopteryx dinellianus* Lillo, 1905, Rev. letr. cienc. soc., III, p. 48: arredores de Tucumán (República Argentina).
(2) *Anairetes* Reichenbach, 1850 (não *Anaeretes* Dejean, 1837), Av. Syst. Nat., p. 66 (tipo, por designação subsequente de Sclater, *Muscicapa parulus* Kittlitz). Mudado em *Spizitornis* Oberholser, 1920 (Auk, XXXVII, p. 453), não conta no conceito atual representantes no Brasil.
(3) Cf. Catal. Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte V, p. 3 (1927).

tre Rios, Buenos Aires, Tucumán, Cordoba, Mendoza, Neuquen, rio Negro, Chubut), Uruguay (Montevideo, San Vicente) e, talvez como imigrante acidental, sul do Brasil: São Paulo (Iguape)[1].

CHILE
"Chile": sexo ?, perm. Mus. Nac. do Chile (1903).

ARGENTINA
Buenos Aires: ♂, VENTURI, setembro 18 (1899).

BRASIL
São Paulo
Iguape: ♀ ?, R. KRONE, junho (1922).

Gênero HABRURA Cabanis & Heine

Habrura CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 53, em nota. — nome novo, em substituição a *Polystictus* REICHENBACH, 1850 (Av. Syst. Nat., p. 67), prejudicado por *Polysticte* SMITH, 1835[2].

Habrura pectoralis pectoralis (Vieillot) [V, 364]

Sylvia pectoralis VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., XI, p. 210 (com base em AZARA, Nº 165, "Tachuri pecho amarillo"): Paraguay.

Habrura pectoralis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 96, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 274.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Entre Rios, Mendoza, Cordoba, Buenos Aires), Uruguay (Montevideo, Paysandú, Santa Elena), Paraguay (Sapucay, Bernalcué, Puerto Pinasco), leste da Bolívia (Santa Cruz), Brasil central e meridional: Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Campo Grande), São Paulo (Calção de Couro, porto do rio Grande), Rio Grande do Sul (Itaquí, Porto Alegre)[3].

---

(1) O exemplar dessa procedência chama a atenção por certas diferenças de colorido, entre as quais a côr mais arruivada (menos esverdeada) do dorso e asas; colecionado por RIC. KRONE, parece o único até hoje conhecido no Brasil.

(2) Só a relutância em introduzir modificações novas na nomenclatura leva-me a manter o gênero *Habrura* CABAN. & HEINE, visto que, de acordo com as regras atualmente seguidas (Código Intern. Nomencl., Art. 36), *Polystictus* REICHENB., 1850, não deve ser considerado homônimo de *Polysticte* SMITH, 1835, nem mesmo de *Polysticta* EYTON, 1836. Veja-se a edição do Código Int. Nomencl. feita por A. AMARAL, em Memórias do Instituto de Butantan, XI, p. 255 (1937).

(3) Segundo HELLMAYR (Novit. Zool., 1925, XXXII, p. 185), *Pachyrhamphus minimus* GOULD, 1839 (em DARWIN, Voy. Beagle, Zool., Birds, pp. 51, pl. XV) corresponde meramente ao ♂ adulto de *H. pectoralis*.

BRASIL

Rio Grande do Sul

Itaquí: ♂ ?, GARBE, novembro (1914).

Mato Grosso

Campo Grande: ♂, LIMA, julho 29 (1930); 1 ♂ e 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, julho 29 (1930).

Faz. Curralinho (Campo Grande): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 1 (1938).

Habrura superciliaris (Wied) [V, 366]

Euscarthmus superciliaris WIED, 1831, Beitr. Naturges. Brasil., III, p. 953: "in den inneren Campos Geraës an den Gränzen der Provinzen Minas und Bahia".

Habrura superciliaris IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 274.

Distribuição. — Conhecido apenas pelos exemplares típicos (confins de Baía e Minas)[1].

Gênero CULICIVORA Swainson

Culicivora SWAINSON, 1827, Zool. Journ., III, p. 359. Tipo, por designação original, *Muscicapa stenura* TEMMINCK (= *Muscicapa caudacuta* VIEILLOT).

Culicivora caudacuta (Vieillot) [V, 367]

Muscicapa caudacuta VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., XXI, p. 455 (com base em AZARA, Nº 227, "Cola de agujas"): Paraguay.

Culicivora stenura[2] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 97; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 274.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Santa Cruz), Paraguay, norte da Argentina (Misiones, Santa Fé), Brasil central e meridional: Mato Grosso (Chapada, Coxim), São Paulo (Batatais, Ipanema, Escaramuça, Itararé, rio das Pedras), Paraná (Curitiba).

---

(1) ALLEN (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, 1890, p. 145) deu-nos pormenorizada notícia dos exemplares colecionados por WIED (um ♂ e uma ♀ ?) deste raro passarinho, talvez pertencente, segundo sugere HELLMAYR (Catal. Birds Americas, V, p. 266, nota *b*), a gênero particular.

(2) *Muscicapa stenura* TEMMINCK, 1822, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 167, fig. 3: "Brésil" (= São Paulo). A espécie foi baseada nos exemplares de NATTERER, provenientes quase todos de São Paulo (Ipanema, Itararé etc.). O texto correspondente à estampa não existe na obra de TEMMINCK, pelo menos no exemplar sob consulta.

BRASIL

São Paulo

Batatais: ♀, LIMA, dezembro 12 (1900).
Franca: ♂. GARBE, setembro (1910).

Mato Grosso

Faz. Monte Verde (Coxim): ♀, LIMA, junho 29 (1930); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 8 (1937).
Faz. Recreio (Coxim): ♂. JOSÉ LIMA, agôsto 9 (1937).

Subfamilia SERPOPHAGINAE

Gênero TACHURIS Lafresnaye

Tachuris LAFRESNAYE, 1836, Écho du Monde Savant, III, 2a. divis., Nº 24, p. 107. Tipo, por designação original, *Regulus omnicolor* VIEILLOT[1] (= *Sylvia rubrigaster* VIEILLOT).

Tachuris rubrigastra rubrigastra (Vieillot) [V, 368]

Papa-piri.

Sylvia rubigastra (erro tipogr.) VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., XI, p. 217 (com base em AZARA, N.º 161, "Tachuri rey"): Paraguay (localidade típica) e Buenos Aires.
Cyanotis azarae[2] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 110.
Cyanotis rubrigaster IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 276.

Distribuição. — Chile (Coquimbo, Concepcion, Santiago, Valdivia, Valparaizo, Concon), República Argentina (Jujuy, Entre Rios, Buenos Aires, Mendoza, Cordoba, Tucumán, Neuquen, Chubut), Uruguay (Montevideo, Canelones, Florida), Paraguay (rio Paraná), faixa litorânea de sudeste do Brasil: sul de São Paulo (Iguape), Rio Grande do Sul (lagoa dos Patos, lagoa da Mangueira, Arroio del Rei)[3].

BRASIL

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE, junho 6 (1893); ♀, R. KRONE, dezembro 12 (1898); ♂. BORODINE, agosto 26 (1936).

---

(1) *Regulus omnicolor* VIEILLOT & OUDART, 1824, Galerie d'Oiseaux, I, p. 271: Rio Grande do Sul (col. AUGUSTE DE SAINT HILAIRE).

(2) *Cyanotis* SWAINSON, 1837 (Classif. of Birds, II, p. 243) é sinônimo de *Tachuris* LAFRESN., por homotipia, *Regulus azarae* NEUMANN, 1823 (Vög. Deutschl., III, tab. para a pag. 966: Paraguay), cede tambem o lugar ao nome de VIEILLOT, anterior em data.

(3) Cf. J. T. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., Nº 1.095, p. 5 (1940). Foi H. VON IHERING (Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, 1899, XVI, p. 126) o primeiro a registar a ave no Rio Grande do Sul e provavelmente no Brasil.

Gênero **STIGMATURA** Sclater & Salvin

Stigmatura SCLATER & SALVIN, 1866, Proc. Zool. Soc. London, p. 188. Tipo, por designação original, *Stigmatura budytoides* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY.

Stigmatura budytoides bahiae Chapman [V, 379, pte.]

Stigmatura budytoides bahiae CHAPMAN, 1926, Amer. Mus. Novit., N° 231, p. 4: Joazeiro (rio São Francisco, norte da Baía).
Stigmatura budytoides SCLATER (*nec* LAFRESN. & D'ORBIGNY)[1], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 100, parte.

Distribuição. — Nordeste do Brasil: sul do Piauí (Parnaguá), Pernambuco (Petrolina), norte da Baía (Joazeiro, Cidade da Barra, Queimadas, Remanso)[2].

BRASIL

Baía

Joazeiro: 2 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀, GARBE, dezembro (1907).
Cidade da Barra: 2 ♂ ♂, GARBE, setembro e outubro (1913).

Stigmatura budytoides napensis Chapman [V, 379, pte.]

Stigmatura budytoides napensis CHAPMAN, 1926, Amer. Mus. Novit., N° 231, p. 3: rio Napo, junto à foz do Curaray (Equador).

---

(1) *Culicivora budytoides* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 56: Valle Grande (Bolívia).

(2) Todos os nossos exemplares da Baía parecem-me indubitàvelmente de uma mesma unidade taxinômica, mau grado notáveis diferenças no porte e na tonalidade da plumagem, sempre muito desbotada quando antiga.

Quanto ao tratamento aquí dispensado às raças de *S. budytoides*, é ele estritamente conservador, si confrontado com as opiniões de J. T. ZIMMER (cf. Amer. Mus. Novit., N.° 1.095, pp. 11 e segs., 1940). Estudando uma dezena de exemplares do norte da Baía e porção adjacente de Pernambuco (Petrolina), concluira este ornitologista pela sua filiação a duas formas, divergentes uma da outra em numerosos pontos, mas muito estreita e respectivamente aproximadas de *S. b. budytoides* e *S. b. napensis*, que por isso passam a ser tratadas como representativas de duas espécies autônomas. Os exemplares baianos que tenho sob exame não me habilitam a confirmar as conclusões de ZIMMER, talvez porque neles só esteja efetivamente representada uma das raças que procurou discriminar. Em todos, à semelhança de *S. b. budytoides*, observam-se, mais ou menos distintamente, a lista superciliar amarela e a mácula escura postocular, de que carecem as aves da Amazônia, aliás fáceis de reconhecer, à primeira vista, pela côr amarelada das faixas brancas da cauda. Apesar da multiplicidade de traços diferenciais, apontados enfàticamente por ZIMMER entre *S. budytoides* e *S. napensis*, todos muito tênues e de difícil apreciação, são tão grandes as variações observáveis em nossos exemplares da Baía, alguns em fresca plumagem, que tenho grande relutância em admitir, com base naquelas diferenças, a possibilidade de conviverem naquela região, lado a lado, raças de duas espécies extensamente distribuidas.

Stigmatura budytoides SCLATER (*nec* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 100, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 275; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 275.

Distribuição. — Leste do Equador (rio Napo, foz do Curaray) e do Perú (rio Ucayali), noroeste do Brasil (Amazônia): rio Negro (igarapé Cacau Pereira), rio Jamundá (Faro), rio Juruá (João Pessoa), rio Madeira (barra do rio Jamarí, Rosarinho, Santo Antônio do Guajará), rio Tapajoz (Santarém, Pinhel, Urucurituba, Pinhí, Tauarí).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, julho (1902).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 28 (1937)

Gênero SERPOPHAGA Gould

Serpophaga GOULD, 1839, em DARWIN, Zool. Beagle, III, pte. IX, p. 49. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Serpophaga albocoronata* GOULD (= *Sylvia subcristata* VIEILLOT).

Serpophaga subcristata (Vieillot) [V, 382]

Alegrinho, Cagasebito.

Sylvia subcristata VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., II, p. 229 (com base em AZARA, Nº 160, "Contramaestre copetillo ordinario"): Paraguay.

Serpophaga subcristata SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 102, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 275.

Distribuição. — Norte e leste da Argentina (Chaco, Formosa, Tucumán, Corrientes, Entre Rios[1], Misiones, Buenos Aires, rio Negro), Uruguay (Montevideo, Canelones, Flores, San Jose, rio Negro, Maldonado), Paraguay (Villa Rica, Sapucay, Assunción, Bernalcué, Puerto Pagani), leste da Bolívia (Santa Cruz, Buena Vista), Brasil oriental e meridional: sul do Piauí (Parnaguá, lagoa Missão), Pernambuco, Espírito Santo (Chaves), Rio de Janeiro (serra dos Orgãos, Terezópolis, Porto Real, Angra dos Reis, Itatiaia), Minas Gerais (Furnas, serra da Cacunda), São Paulo (São Sebastião, Ipiranga, Itatiba, Mogí das Cruzes, Cachoeira, serra de Bananal, Ipanema, São

---

(1) Pátria de *Serpophaga verticata* BURMEISTER, 1860 (Journ. Orn., VIII, p. 246), sinônimo de *S. subcristata*.

Miguel Arcanjo, Itararé, Vitória, Monte Alegre, São José do Rio Pardo, Jaboticabal), Paraná (Castro, Guarapuava, Marechal Mallet, Terezina, Cara Pintada), Rio Grande do Sul (Taquara, Itaquí, Uruguaiana), sudeste extremo de Mato Grosso (Jupiá, rio Paraná, Campo Grande[1]).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 3 (1942).

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia: 2 sexos ?, H. LÜDERWALDT, abril 23 (1906).
Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂, JOSÉ LIMA, junho 26 (1941).

Minas Gerais

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, W. GARBE, setembro 27 e 28 (1940); ♀, OLIV. PINTO, setembro 26 (1940); ♀, W. GARBE, setembro 28 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♀, H. PINDER, outubro 9 (1896).
Cachoeira: ♂, H. PINDER, agosto 11 (1898).
S. José do Rio Pardo: ♂, LIMA, maio 11 (1900).
Jaboticabal: ♂, LIMA, setembro 23 (1900).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂ ♂, LIMA, maio 29 (1901) e maio (1920); ♂ juv., JOSÉ LIMA, janeiro 20 (1937); 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, junho 30 (1939) e fevereiro 17 (1941); ♀, H. PINDER, agosto 3 (1898).
Itararé: 3 ♂ ♂, GARBE, maio e agosto (1903); sexo ?, GARBE, agosto (1903).
São Miguel Arcanjo: ♀, LIMA, agosto 31 (1929).
Jupiá (rio Paraná): sexo ?, JOSÉ LIMA, julho 15 (1931).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, março 18 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, março 12 (1933).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 24 e 26 (1941); ♀, OLALLA, agosto 24 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, julho 24 (1942); 3 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, julho 21 e 25 (1942) e fevereiro 6 (1943).

Paraná

Faz. Monte Alegre (Castro): ♀, GARBE, agosto (1907).
Castro: ♂, GARBE, junho (1914).

Rio Grande do Sul

Uruguaiana: 2 ♂ ♂, GARBE, julho (1914).
Itaquí: ♂, GARBE, setembro (1914).

Mato Grosso

Campo Grande: ♀, JOSÉ LIMA, julho 29 (1930).

---

(1) A ♀ de Campo Grande exibe caracteres nítidamente intermediários entre *S. subcristata* e *S. munda*, que só conheço pela descrição dos autores. No dorso o cinzento predomina, mas no lado ventral tem pouco menos amarelo do que a generalidade das aves de S. Paulo, das quais, por outro lado, não se pode distinguir um exemplar de Jupiá (marg. direita do rio Paraná).

Serpophaga munda Berlepsch[1] [V, 384]

Serpophaga munda BERLEPSCH, 1893, Orn. Monatsber., I, p. 12: Samaipata, Valle Grande e Olgin (localidade do Depart. de Santa Cruz, no leste da Bolívia).
Serpophaga subcristata SCLATER (*nec* VIEILLOT), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 102, parte.

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy, Salta, Mendoza, Cordoba, Tucumán, Santa Fé), Paraguay (Puerto Pinasco), leste da Bolívia (Santa Cruz) e zona adjacente do Brasil centro-ocidental: Mato Grosso (Urucúm de Corumbá, Estiva).

Serpophaga inornata Salvadori [V, 384]

Serpophaga inornata SALVADORI, 1897, Bol. Mus. Zool. Torino, XII, p. 13: San Francisco (depart. de Tarija, Bolívia)[2].

Distribuição. — Leste da Bolívia (Tarija, San Francisco, Santa Cruz), oeste do Paraguay (a oeste de Puerto Pinasco) e região adjacente do Brasil: sudeste de Mato Grosso (Miranda, Salobra).

BRASIL

Matto Grosso

Miranda: ♀, LIMA, agosto 5 (1930).
Salobra: sexo ?, Exp. a Mato Grosso, julho 25 (1939).

Serpophaga araguayae Snethlage[3].

Serpophaga araguayae SNETHLAGE, 1928, Bolet. Mus. Nacional do Rio de Janeiro, IV, nº 2, p. 3: Ilha do Bananal (rio Araguaia, estado de Goiaz).

Distribuição. — Só conhecida da localidade típica (ilha do Bananal).

---

(1) Todos os autores são hoje concordes em aceitar *Serpophaga munda* como boa espécie (cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XXXII, p. 183; WETMORE, Bull. Un. St. Nat. Mus., N.º 133, p. 320). Suas semelhanças com *S. subcristata* todavia são tais que se chega a perguntar se não seria mais acertado tratá-las como raças de uma mesma espécie. Nesta hipótese, a superposição parcial de suas áreas geográficas existiria apenas em função da variabilidade e flutuação da forma mais largamente distribuida, em cuja rica sinonímia se inclúem *Muscicapa straminea* TEMMINCK, 1822 (local. típica Ipanema), *M. elegans* LESSON, 1831 ("Brésil", col. AUG. ST. HILAIRE) e *Serpophaga verticata* BURMEISTER, 1860 (Entre Rios, Rep. Argentina).
De qualquer modo, na discussão destes fatos, é impossivel deixar de pensar no que se passa com outra espécie, *Elaenia caniceps*, de cuja forma típica, não sem analogia, esteve durante algum tempo afastada *E. tackzanowskii*.

(2) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XXXII, p. 184 (1925).

(3) Mme. SNETHLAGE reconhece nesta nova espécie mais afinidades com *Serpophaga munda* do que com qualquer outra congênere.

Serpophaga hypoleuca hypoleuca Sclater & Salvin[1] [V, 387]

Serpophaga hypoleuca SCLATER & SALVIN, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 188: baixo Ucayali (nordeste do Perú); SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 104.

Distribuição. — Leste do Equador (foz do Curaray) e do Perú (baixo Ucayali, Puerto Indiana, foz do Urubamba) e do Brasil oeste-septentrional: rio Amazonas (Parintins), rio Madeira (Santo Antônio do Guajará).

Serpophaga hypoleuca pallida Snethlage [V, 387]

Serpophaga pallida SNETHLAGE, 1907, Orn. Monatsber., XV, p. 194: Alcobaça (rio Tocantins, margem esquerda); idem, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 406.

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita do baixo Amazonas: baixo Tapajoz (Santarém, lago Grande)[2], rio Tocantins (Alcobaça).

Serpophaga nigricans (Vieillot)[3] [V, 387]

João-pobre.

Sylvia nigricans VIEILLOT, 1817, Nov. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 204 (com base em AZARA, Nº 167, "Tachuri obscurito menor"): Paraguay (localidade típica) e rio La Plata.
Serpophaga nigricans SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 104; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Av., p. 276.

Distribuição. — República Argentina (Corrientes, Salta, Entre Rios, Misiones, Buenos Aires, Tucumán, Cordoba, rio Negro), Uruguay (Montevideo, Maldonado, Canelones), Paraguay (Villa Rica, Mondaih), Brasil este-meridional: Espírito Santo (Sta. Tereza), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nov. Friburgo), Minas Gerais (Lagoa Santa, Congonhas), leste de São Paulo (Bananal, serra de Bananal, Cubatão, Jacareí, rio Mogí-Guassú, Cachoeira, Tietê, Ipanema), Paraná (rio Ivaí, Salto de Ubá, Cândido de Abreu, rio Putinga).

BRASIL
Espírito Santo
Sta. Tereza: ♂, OLIV. PINTO, outubro 5 (1942).

---

(1) Cf. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., Nº 1.095, p. 14 (1940).
(2) Cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 291 (1941).
(3) Tipo do gênero *Taczanowskia* SZTOLCMAN, 1926 (*nec* KEYSERLING, 1879), Annales Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 169, mudado posteriormente em *Phrenotriccus* SZTOLCMAN, 1927, em RICHMOND, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 97).

São Paulo

Tietê: ♂, H. PINDER, abril 13 (1897).
Cachoeira: ♀, H. PINDER, agosto 15 (1898).
Rio Mogí-Guassú: ♂, HEMPEL, setembro 9 (1899).
Cubatão: ♀, JOSÉ LIMA, julho 23 (1927).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 24 e 26 (1941); sexo ?, OLALLA, agosto 25 (1941).

Paraná

Castro: ♂, GARBE, junho (1914); sexo ?, GARBE, maio (1914).

Gênero **INEZIA** Cherrie

Inezia CHERRIE, 1909, Mus. Brookl. Inst., Sci. Bull., I, p. 390. Tipo, por designação original, *Capsiempis caudata* SALVIN.

Inezia subflava subflava (Sclat. & Salvin) [V, 389]

Serpophaga subflava SCLATER & SALVIN, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., pags. 47 e 158: "Pará" (= Belém?); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 105; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 276; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 405.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas: baixo rio Negro (Muirapinima, igarapé Cacau Pereira), rio Madeira (Borba), igarapé Anibá, Parintins, rio Jamundá (Faro), rio Tapajoz (Tauarí, Braga, igarapé Brabo, Goiana, Caxiricatuba) e rio Jamauchim (Tucunaré, Santa Helena), rio Curuá (Maloca do Manoelzinho), rio Xingú (Porto de Moz) e rio Irirí (Santa Júlia), rio Tocantins (Alcobaça, Arumateua, ilha das Pacas).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, abril 16 (1937).

Inezia subflava caudata (Salvin) [V, 389]

Capsiempis caudata SALVIN, 1897, Bull. Brit. Orn. Club, VII, p. 16: Ourumee (Guiana Inglesa).

Distribuição. — Venezuela (baixo e médio Orenoco, Altagracia, Caicara, Ciudad Bolivar), Guiana Holandesa (Paramaribo), Guiana Inglesa (Ourumee, Bartica Grove) e região adjacente do Brasil (extremo norte do Amazonas): rio Surumú (Frechal).

Inezia subflava obscura Zimmer[1]

Inezia subflava obscura Zimmer, 1939, Proc. Biol. Soc. Wash., LII, p. 168: Esmeraldas (monte Duida, sul extremo da Venezuela).

Distribuição. — Sul da Venezuela (alto Orenoco, Munduapo, monte Duida, Cassiquiare) e porção adjacente do Brasil (extremo noroeste do Amazonas): alto rio Negro (Tatú, São Gabriel, Camanaus).

Gênero XENOPSARIS Ridgway[2]

Xenopsaris Ridgway, 1891, Proc. Un. St. Nat. Mus., XIV, p. 479. Tipo, por designação original, *Pachyrhamphus albinucha* Burmeister.

Xenopsaris albinucha albinucha (Burmeister) [V, 391]

Pachyrhamphus albinucha Burmeister, 1869, Proc. Zool. Soc. Lond., "1868", p. 635: margens do rio da Prata, perto de Buenos Aires.

Distribuição. — Norte e leste da Argentina (Buenos Aires, Tucumán, Santa Fé, Cordoba), Paraguay (Chaco), nordeste do Brasil: Piauí (rio Parnaíba), Ceará (Juá, pto. de Igatú), oeste da Baía, no vale do rio São Francisco (Joazeiro, Carnaíba, Cidade da Barra).

Brasil

Baía

Joazeiro: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, dezembro (1907).
Cidade da Barra: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, outubro (1913).

---

(1) Passa Zimmer em revista, no trabalho citado, as relações da nova raça com as suas afins, discriminando-lhes a área geográfica conforme se faz no presente catálogo. À forma típica, que se supunha restringida à margem direita do baixo Amazonas, deve referir-se, consoante as conclusões do mencionado ornitologista, nossos dois exemplares do rio Anibá (margem esquerda do Amazonas, a leste do rio Negro), os únicos que possuimos da espécie em estudo.

(2) Baseando-se na escutelação dos tarsos, propugna Ridgway (Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. IV, p. 776) a inclusão deste gênero entre os *Cotingidae*, a exemplo do que fizera Burmeister. Não obstante, os ornitologistas são hoje aparentemente unânimes em alistá-lo na família dos *Tyrannidae*, atento o valor relativo do revestimento tarsal, em face de outros caracteres estruturais. Cf. Hellmayr, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII (Cat. Bds. Amers.), pte. V, p. 391, nota *a* e 401, nota *b* (1927).

Subfamilia ELAENIINAE

Gênero **ELAENIA** Sundevall

Elaenia SUNDEVALL, 1836, Vetenskaps Akad. Handl. para 1835, p 89. Tipo, por designação subsequente de SCLATER (1861, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 406), *Muscicapa pagana* LICHTENSTEIN (= *Pipra flavogaster* THUNBERG).

Elaenia flavogaster flavogaster (Thunberg) [V, 402]

Marid'-é-dia (Baía), *Maria-já-é-dia*, *Guracava* (S. Paulo), *Cucurutado* (Esp. Santo).

Pipra flavogaster THUNBERG, 1822, Mém. Acad. Sci. St. Pétersb., VIII, p. 286: "Brésil" (Rio de Janeiro)[1].
Elainea[2] *pagana* SCLATER[3], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 137, parte.
Elaenea flavogastra IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 281, parte.
Elaenia flavogastra SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 408.

Distribuição. — Norte e leste da Colômbia (rio Magdalena, Antioquia, Andalucia, Honda, Medelin), ilhas de Tobago. Granada e Trinidad (Caparo, Princestown), Venezuela (Cumaná, rio Orenoco, Altagracia, Ciudad Bolívar, Caracas, Zulia, Mérida), Guianas Inglesa (Annai, Georgetown, rio Demerara, monte Roraima), Holandesa (Paramaribo, Surinam, Javaweg) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Approuague, St. Georges d'Oyapock), sudeste do Perú (Cosnipata, Urubamba), leste da Bolívia (Santa Cruz), Paraguay (Caaguassú, Paraguarí, Escobar), norte da Argentina (Santa Fé) e quase todo o Brasil oeste-septentrional, central e oriental: rio Branco (Boa Vista, Caracaraí, serra da Lua), rio Cotingo (Limão), rio Madeira (Calama), rio Amazonas (Parintins, Monte Alegre), rio Jamundá (Faro), rio Maicurú, rio Tapajoz (Santarém, Tauarí, Aramanaí), rio Xingú (Baião, Porto de Moz), ilha de Marajó (São Natal), rio Guamá (Ourém), região de leste do Pará (Belém, Pinheiro, Utinga), Maranhão (São Luiz, São Bento, Anil), Piauí (Corrente, Terezina, Parnaguá), Ceará, Pernambuco (Itamaracá, Pau d'Alho, Beberibe, Tapera, Garanhuns, São Lourenço), Baía (subúrbios da cidade da Baía, Cabula,

(1) Cf. E. LÖNNBERG, The Ibis, 1903, p. 241.
(2) A grafia original *Elaenia*, única aceitável pela nomenclatura, aparece frequentemente modificada em *Elaenea*, *Elainea* etc.
(3) *Muscicapa pagana* LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 54: Baía.

Santo Amaro, ilha de Madre de Deus, São Marcelo do Rio Preto, Belmonte, Cajazeiras, Andaraí), Espírito Santo (rio Doce, Pau Gigante, rio S. José, lagoa Juparanã, Sta. Tereza, Chaves, serra do Caparaó, Guaraparí), Rio de Janeiro (rio Muriaé, lagoa Feia, Angra dos Reis, Raiz da Serra, Cantagalo), São Paulo (Piquete, ilha dos Alcatrazes, São Sebastião, Ipiranga, Itatiba, Jundiaí, Monte Alegre, Ipanema, Juquiá, Itapetininga, Itararé, rio das Pedras, rio Mogí-Guassú, Cajurú, Franca, Bebedouro, Baurú, Vitória, Avanhandava, ribeirão Mato Grosso, Lins), Minas Gerais (Congonhas, rio das Velhas, rio Piracicaba, São José da Lagoa, Maria da Fé), Goiaz (Jaraguá, rio das Almas, Inhumas), Mato Grosso (Campo Grande, Miranda, Piraputanga, Poconé, Cáceres, Coxim, Chapada, Tapirapoã, Juruena).

BRASIL

Pará

Utinga (prox. de Belém): ♀, F. LIMA, setembro 25 (1924).

Pernambuco

Tapera: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 19 (1938).
Itamaracá: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 31 (1938).

Baía

Belmonte: 2 ♂ ♂, GARBE, agosto (1919).
Aratuípe: ♀, CAMARGO, novembro 12 (1932).
Madre de Deus: ♂, CAMARGO, janeiro 13 (1933).

Espírito Santo

Rio Doce: 1 ♀ ? e 1 sexo ?, juv., GARBE, janeiro (1906).
Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 24 e setembro 5 (1942).
Rio São José: ♀, OLIV. PINTO, setembro 21 (1942).
Sta. Tereza: ♂, OLIV. PINTO, outubro 5 (1942); sexo ?, OLALLA, outubro 3 (1942).
Pau Gigante: ♂, GENTIL DUTRA, outubro 10 (1940).
Guaraparí: ♀, OLIV. PINTO, outubro 14 (1942); sexo ?, OLALLA, outubro 15 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 28 (1941).
Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♀, OLALLA, setembro 7 (1941).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 4 ♂ ♂, OLALLA, setembro 11 e 13 (1941); 4 ♀ ♀, OLALLA, setembro 10, 11 e 13 (1941); 2 sexos ?, OLALLA, setembro 11 e 13 (1941).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): 1 ♂ ?, juv. e 1 ♀, OLIV. PINTO, dezembro 30 (1935).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, OLALLA, agosto 18 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 7 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, W. GARBE, setembro 28 e outubro 4 (1940); 6 ♂ ♂, OLALLA, setembro 27 e 28, outubro 1 e 2 (1940); 2 ♀ ♀, W. GARBE, setembro 27 e 28 (1940); 4 ♀ ♀, OLIV. PINTO, setem-

bro 29 e outubro 1 (1940); 3 ♀ ♀, OLALLA, setembro 28 e outubro 1 (1940); 2 sexos ?, OLALLA, outubro 1 e 2 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♀, H. PINDER, fevereiro 22 (1896).
Rio Mogí-Guassú: ♂, HEMPEL, setembro 11 (1899).
Jundiaí: ♀, SCHROTTKY, outubro 7 (1900).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, LIMA, agosto 8 (1902).
Itararé: ♂, GARBE, maio (1903).
Bebedouro: 2 ♂ ♂, GARBE, abril (1904).
Avanhandava: ♀, GARBE, novembro (1904).
Franca: ♂, GARBE, julho (1910); sexo ?, GARBE, fevereiro (1911).
Itatiba: ♀, LIMA, julho 24 (1911); ♀, C. VIEIRA, novembro 13 (1932).
Ilha dos Alcatrazes: ♀, PINTO DA FONSECA, outubro 17 (1920).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 4 (1933).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): ♂, JOSÉ LIMA, abril 10 (1940); 3 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, abril 10, 13 e 16 (1940).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, OLALLA, maio 15 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 14 (1941); 2 ♀ ♀, OLALLA, janeiro 28 (1941).
Cajurú: ♂, E. DENTE, maio 11 (1943).
Monte Alegre: 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 31 (1942), janeiro 18 e fevereiro 6 (1943); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, agosto 1 e novembro 26 (1942).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, W. GARBE, setembro 11 (1934).
Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♀, OLIV. PINTO, setembro 22 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♀, W. GARBE, outubro 16 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 30 (1934).

Mato Grosso

Chapada: ♂, H. H. SMITH, agosto 21 (1883); ♀, H. H. SMITH, setembro 8 (1883).
Miranda: ♀, LIMA, agosto 28 (1930).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1937); ♀, OLIV. PINTO, agosto 17 (1937).
Faz. Viramão (Campo Grande): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, julho 27 (1939).

Elaenia spectabilis spectabilis Pelzeln[1] [V, 406]

Elainea spectabilis PELZELN, 1868, Orn. Bras., p. 107: cidade de Goiaz (no estado do mesmo nome).
Elainea pagana SCLATER (*nec* LICHTENSTEIN), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 137, parte.

---

(1) BERLEPSCH & LEVERKÜHN (Ornis, VI, 1890, p. 13) evidenciaram as diferenças entre esta espécie e *E. flavogaster*, com que muito se assemelha, a ponto de a princípio suporem-se simples raças de uma mesma espécie (cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, 1910, p. 293). O assunto, tratado depois por NAUMBURG (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 278) e outros, é de novo a fundo discutido por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 1.108, p. 2), cujas principais conclusões

Elaenea flavogastra IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 281, parte.
Elaenea spectabilis IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 282.

Distribuição. — Nordeste do Perú (Pebas, Nauta, Sarayacu, Xeberos, Chamicuros, Yurimaguas), sudeste da Bolívia (rio Paraguai, Puerto Suarez), norte da Argentina (Tucumán, Corrientes, Santa Fé, Jujuy, Salta) e, irregularmente, quase todo Brasil: rio Solimões (Tefé, Manacapurú)[1], rio Negro (Barcelos, Campos Sales), rio Madeira (Calama, Porto Velho, Santo Antônio do Guajará), Parintins, rio Tapajoz (Inajatuba), estado de Mato Grosso (Corumbá, Chapada), Goiaz (cidade de Goiaz, Leopoldina, Jaraguá, Inhumas), Ceará (Viçosa), Pernambuco (rio Branco, Belo Jardim), Baía (Bonfim, Cajazeiras), São Paulo (Itapura), Rio Grande do Sul (Itaquí).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 20 (1936); 2 ♀ ♀, CAMARGO, setembro 25 e outubro 8 (1936).

Baía

Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, dezembro (1907).

São Paulo

Itapura: 2 ♂ ♂, GARBE, agosto e setembro (1904).

Rio Grande do Sul

Itaquí: ♀, GARBE, dezembro (1914).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, W. GARBE, setembro 8 (1934); ♀, W. GARBE, setembro 7 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. GARBE, novembro 15 (1934).

Mato Grosso

Corumbá: ♂, GARBE, outubro (1917).

Elaenia spectabilis ridleyana Sharpe[2] [V, 423]

Elainea ridleyana SHARPE, 1888, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 107: ilha de Fernando de Noronha (oceano Atlântico, ao largo da costa este-septentrional extrema do Brasil); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 139.

se harmonizam com aquilo que pude observar (cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XX, 1936, p. 108).

(1) Reformando juizo anterior (cf. Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 583, 1937), tenho agora os exemplares de Manacapurú colecionados por CAMARGO, como de *E. spectabilis* e não de *E. fl. flavogaster.*

(2) *Elainea ridleyana* SHARPE, considerada por HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., V, 1927, p. 423) raça de *E. chiriquensis*, parece antes ter, segundo os estudos de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 1.108, p. 4), afinidades mais estreitas com *E. spectabilis* PELZELN.

Distribuição. — Ilha Fernando de Noronha[1] (Pico, Vila, Brodó, Quixaba).

Elaenia chiriquensis[2] albivertex Pelzeln [V, 421]

Elainea albivertex Pelzeln, 1868, Orn. Bras., pp. 107 e 177: localidade típica Ipanema (estado de São Paulo, Brasil).
Elainea albiceps Sclater (*nec* Lafresnaye & d'Orbigny)[3], 1888 Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 141, parte.
Elaenia albivertex Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Aves, p. 283.
Elaenia chiriquensis Snethlage (*nec* Lawrence), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 409.

Distribuição. — Norte e leste da Colômbia (Santa Marta, Bucaramanga, La Florida, Andalucia), Venezuela (rio Orenoco, Caicara, Bermudez, Mérida, rio Chama), ilha Trinidad, Guiana Inglesa (Bartica Grove, rio Carimang, Roraima, montes Merumé), Guiana Francesa (Cayenne), leste do Perú (baixo Ucayali, Chirimoto, Urubamba, Huánuco) e da Bolívia (Santa Cruz, Buena Vista), Paraguay (Curuzú Chica) e quase todo Brasil: rio Solimões (Manacapurú), rio Amazonas (Itacoatiara), rio Negro (São Gabriel), rio Branco (Forte do Rio Branco), rio Tapajoz (Boim), rio Tocantins (Arumateua), ilha de Marajó (Teso São José), Maranhão (Barra do Corda, Grajaú, Tranqueira, alto Parnaíba), Baía (Recôncavo, ilha de Itaparica, ilha de Madre de Deus), Minas Gerais (Lagoa Santa[4]), São Paulo (Ipiranga, Ipanema, Itararé, Itatiba, Mogi das Cruzes, Franca, Rincão, São Carlos, Paraúna), Goiaz

---

(1) Todas as notificações se referem à ilha Fernando de Noronha pròpriamente dita, a maior das do arquipélago do mesmo nome. E, todavia, mais que provável ocorra tambem a ave, pelo menos, nas outras ilhas principais.

(2) *Elainea chiriquensis* Lawrence, 1867, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. York, VIII, p. 176: David (Panamá). A forma típica da espécie se restringe ao sudoeste de Costa Rica e ao Panamá. No sudoeste da Colômbia e região adjacente do Equador vive *E. chiriquensis brachyptera* Berlepsch, raça fracamente diferenciada.

(3) No difícil gênero *Elaenia*, conta-se *E. c. albivertex* entre aquelas formas cuja determinação mais frequentes embaraços acarreta ao sistematista. Muito parecida com *E. fl. flavogaster*, porém menor, assemelha-se tambem bastante a *E. albiceps*, mormente em se tratando de exemplares desbotados, embora naturalmente, por uma longa exposição à luz. Natterer nos forneceu sobre os seus caracteres preciosas informações, reproduzidas no livro de Pelzeln (Orn. Bras., p. 178). Na série em estudo, entre todos, se destaca um exemplar do rio das Almas (Nº 15.461), cuja plumagem muito fresca apresenta vivos tons de oliva no dorso e de amarelo no abdome, copiando o que é regra em *E. pallatangae* Scl., do Equador.

(4) Pátria típica de *Elainea lundii* Reinhardt, 1870 (Vidensk. Medd. naturhist. Foren, 1870, p. 344, pl. 8, fig. 1).

(Goiaz, rio das Almas, rio Claro), Mato Grosso (Chapada, Santo Antônio).

Colômbia

"Bogotá": sexo ?, perm. com v. Berlepsch, janeiro (1905).

Brasil

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, Camargo, outubro 21 (1936); 4 ♀♀, Camargo, outubro 3, 9, 19 e 20 (1936).

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, Camargo, dezembro 28 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♀♀, Olalla, março 1 e junho 17 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, Garbe, janeiro (1903).

Baía

Madre de Deus: 3 ♂♂, Oliv. Pinto, janeiro 12 e 19, fevereiro 20 (1942); 2 ♀♀, Oliv. Pinto, janeiro 16 e 19 (1942).

São Paulo

Rincão: ♀, Lima, fevereiro 26 (1901).
Itararé: ♂, Garbe, abril (1903).
Avanhandava: ♂, Garbe, fevereiro (1904).
Franca: ♂, Garbe, setembro (1910); 1 ♀ e 1 sexo ?, Garbe, janeiro (1911).
Mogí das Cruzes: ♂, José Lima, março 21 (1933).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): ♀, José Lima, abril 14 (1940).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, José Lima, fevereiro 17 (1941); 2 ♀♀, Lima, novembro (1903) e novembro 26 (1912).

Goiaz

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, José Lima, outubro 6 (1934); ♀ ?, José Lima, outubro 9 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. Garbe, junho 2 (1940).

Mato Grosso

Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): ♀, Oliv. Pinto, setembro 13 (1937).

Elaenia albiceps chilensis Hellmayr [V, 413]

Elaenia albiceps chilensis Hellmayr, 1927, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII (Cat. Bds. of Americas), pte. V, p. 413, nota *b*: Curacautin (Chile, prov. Malleco).

Elainea albiceps Sclater (*nec* Lafresn. & d'Orbigny)[1], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 141, parte.

Elaenea albiceps Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 283, parte.

---

(1) *Muscipeta albiceps* Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 47 (em parte): Yungas (Bolívia).

Distribuição[1]. — Chile (Tofo, Punta Arenas, ilhas Chilloe, Santiago, Valdívia, Coquimbo, Terra do Fogo), República Argentina (Patagônia, Chubut, rio Negro, Buenos Aires, Santa Fé, Mendoza, Cordoba, Tucumán), Paraguay (Villa Rica), Bolívia (La Paz, Sara), Perú (Pozuzo, Huachipa, Perico, Moyobamba)[2], Brasil centro-ocidental e este-meridional: Mato Grosso (Chapada, Urucúm), Pará, nos rios Tapajoz (igarapé Brabo) e Tocantins (Arumateua), Baía (cidade da Baía, Bonfim cid.), Rio de Janeiro (Itatiaia). São Paulo (Ipiranga), Rio Grande do Sul (Nonoaí).

ARGENTINA
La Plata: sexo ?, C. BRUCH (1898).
Las Talas: ♀, C. BRUCH, janeiro (1899).

BRASIL
Baía
Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, maio (1908).
São Paulo
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, JOSÉ LIMA, abril 4 (1941).
Mato Grosso
Chapada: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, outubro 3 e 6 (1937); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 28 (1937).

Elaenia parvirostris Pelzeln [V, 414]

Elainea parvirostris PELZELN, 1868, Orn. Bras., p. 107: Curitiba (estado do Paraná).
Elainea albiceps SCLATER (*nec* LAFRESN. & d'ORBIGNY), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 141, parte.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Bogotá, Florencia, rio Caquetá), Venezuela (rio Orenoco, Caicara, Valencia[3], Ber-

---

(1) Nada posso dizer sobre as numerosas raças geográficas recentemente criadas em *Elaenia albiceps* por ZIMMER (cf. Amer. Mus. Novit., N.º 1.108, pags. 6 e ss., 1941), cujos estudos, estribados em número excepcionalmente avultado de exemplares e, por isso mesmo, difíceis de discutir, tendem a restringir a forma típica da espécie à região andina da Bolívia e porção adjacente do Perú. Todavia, no tocante a *E. albiceps chilensis*, as conclusões daquele ornitologista se harmonizam perfeitamente com a pequena série de que disponho, tanto no que diz respeito à configuração da asa (a primária externa, ou décima, mais longa do que a quinta), como no tocante aos meses em que ocorreria no Brasil (março a outubro), como emigrante. Cf. tambem HELLMAYR, Cat. Bds. of the Americas, V, p. 413, nota *a* (1927).

(2) Estas localidades peruanas são registradas por ZIMMER, segundo quem no território do Perú verificar-se-iam nada menos de cinco variedades geográficas, eventualmente encontráveis nos mesmos lugares, por efeito das migrações periódicas. Uma localidade da Colômbia (Tenasuca) é referida pelo mesmo autor.

(3) Na sinonímia desta espécie inclue HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., V. p. 415) *Elainea hypospodia* SCLATER, 1887 (Proc. Zool. Soc. Lond., 1887, p. 49: Valencia, Venezuela), cujo tipo examinara no Museu Britâ-

mudez, Mérida, rio Guainia, rio Cassiquiare), Guiana Inglesa (rio Abary, monte Roraima, alto Takutu), ilha Aruba e provavelmente outras pequenas Antilhas, leste do Equador (rio Illiniza), do Perú (Xeberos, Chyavetas, Pebas), da Bolívia (Santa Cruz, Tarija) e do Paraguay (Alto Paraná, Lambaré, Sapucay, Villa Rica), norte e leste da Argentina (Tucumán, Salta, Santa Fé, Cordoba, Entre Rios, Buenos Aires), Uruguay (Montevideo, Santa Elena, rio Cebollati, Canelones, los Cuervos, Polanco), Brasil oeste-septentrional, central e meridional: rio Solimões (Tefé), rio Negro (Barcelos, Santa Maria, São Gabriel, Javanarí, Tatú, monte Curicuriarí), Itacoatiara, rio Madeira (Borba, Rosarinho, Santo Antônio do Guajará), rio Gi-Paraná (Maruins), rio Tapajoz (Santarém, Piquiatuba, Caxiricatuba), Mato Grosso (rio Roosevelt, Chapada), Goiaz (Jaraguá), Paraná (Curitiba), Santa Catarina (Florianópolis), Rio Grande do Sul (Taquara, Camaquã, Palmares, Vacaria, São Lourenço, Santa Isabel, lagoa dos Patos, São Francisco de Paula, Itaquí).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 3 (1937); ♀, OLALLA, junho 1 (1937).

Rio Grande do Sul

Itaquí: ♂, GARBE, novembro (1914); ♀, GARBE, dezembro (1914).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, W. GARBE, setembro 6 (1934).

Elaenia mesoleuca Cabanis & Heine [V, 416]

Tucão (Rio Gr. do Sul).

Elainea mesoleuca CABAN. & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 60: Rio Grande do Sul (Brasil); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 153.

Elaenea mesoleuca IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 284.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones, Chaco, Santa Fé), Paraguay (Sapucay, San Rafael, Alto Paraná), Brasil este-meridional: sul da Baía, leste de Minas Gerais

---

nico. Não deixa de ser todavia curioso que, enquanto PELZELN atribúe a *E. parvirostris* tons oliváceos ("corpore supra magis in olivaceum vergente"), nega SCLATER (Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 144) a *E. hypospodia* "any trace of yellow of olive on its plumage". Os caracteres de *E. parvirostris*, fácil de confundir com *E. albiceps*, são tambem estudados por WETMORE (Bull. 133, Un. St. Nat. Mus., p. 328) e ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.108, p. 11).

(baixo rio Piracicaba), sul de Goiaz (Inhumas)[1], São Paulo (Campos do Jordão, Piquete, Mogí das Cruzes, Ipiranga, serra da Cantareira, Embura, Ipanema, Salto Grande, Itararé, Vitória), Paraná (Curitiba, Castro, Vera Guaraní, Guarapuava, rio Claro, rio da Areia, Marechal Mallet), Rio Grande do Sul (Taquara, Nova Hamburgo, Porto Alegre).

BRASIL

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, OLALLA, agosto 24 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): sexo ?, OLALLA, outubro 3 (1940).

São Paulo

Piquete: sexo ?, J. ZECH, dezembro 17 (1896).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, H. PINDER, outubro 14 (1897); ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 18 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, maio 4 (1941).

Itararé: ♂, GARBE, maio (1903); sexo ?, GARBE, junho (1903).

Faz. Caioá (Salto Grande): sexo ?, HEMPEL, setembro 26 (1903).

Campos do Jordão: 2 ♂ ♂, H. LÜDERWALDT, dezembro 2 (1905) e fevereiro 23 (1906).

Ilha dos Alcatrazes: ♀, PINTO DA FONSECA, outubro 26 (1920).

Horto Florestal (serra da Cantareira): ♂, J. KÖNIG, dezembro 6 (1940); 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 9 (1940).

Embura: ♂, OLALLA, dezembro 19 (1940); ♀, OLALLA, dezembro 24 (1940).

Paraná

Castro: 2 ♀ ♀, GARBE, abril e maio (1907).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♀, A. SCHWARTZ, novembro 22 (1898).

Nova Wurttemberg: ♀, GARBE, março (1915).

Porto Alegre: sexo?, oferta do sr. R. GLIESCH (1925).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, W. GARBE, novembro 1 (1934).

---

(1) Apezar dos reiterados esforços de abalisados ornitólogos, tais como PELZELN, SCLATER, BERLEPSCH, HELLMAYR, ZIMMER e tantos outros, as espécies do gênero *Elaenia* continuam ainda envolvidas na mesma grande confusão de que nos falava RIDGWAY (Bull. Un. St. Nat Mus., L, pte. 4, p. 424). Ainda que se disponham de amostras autênticas para confronto, a determinação exata dos exemplares de certas formas, extraordinariamente semelhantes e sujeitas a variações, é verdadeiro quebra-cabeças até para os mais experientes, que nunca poderão gabar-se de chegar sempre a conclusões plenamente satisfatórias. A ♀ de Inhumas foi determinada alhures (PINTO, Rev. Mus. Paul., XX, 1936, p. 111) como *E. parvirostris*. Não obstante, a falta, já assinalada (op. cit., p. 111, nota 4), de qualquer vestígio de penas brancas no vértice, e bem assim da terceira faixa que orna de regra as asas desta espécie (cf. HELLMAYR, Cat. Bds. Amers., V, p. 414, nota *a*), além de outros característicos, leva-me hoje a referí-la a *E. mesoleuca*, mau grado a procedência excepcional do espécime.

Elaenia cristata Pelzeln [V, 419]

Elainea cristata Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pags. 107 e 177: cidade de Goiaz (no estado do mesmo nome).
Elainea pagana Sclater (*nec* Lichtenstein), 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 137, parte.
Elaenea cristata Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 281.
Elaenia cristata Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 408.

Distribuição. — Venezuela (rio Orenoco, Ciudad Bolívar, Caicara, monte Duida), Guianas Inglesa (Annai, montes Merumé, Roraima), Holandesa (proxim. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne), leste do Perú (vale do Urubamba, Santa Ana), Brasil septentrional e central: rio Amazonas (Itacoatiara, Monte Alegre, Santarém), rio Branco (Boa Vista), rio Jamundá (Faro), rio Tapajoz (igarapé Brabo, Boim), Maranhão (Codó, Primeira Cruz), Piauí (Gilboez, Terezina), Ceará, Baía (Santo Amaro), São Paulo (Franca), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Esperança, Filadelfia), Mato Grosso (Lavrinhas, Juruena, Primavera).

Brasil

Amazonas
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀ juv., Olalla, março 3 (1937).

Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, Garbe, janeiro (1903); 5 ♂ ♂, Olalla, junho 14 (1934), maio 4, 5 e 6 (1935); 2 ♀ ♀, Olalla, junho 14 e 15 (1934).

Baía
"Bahia": sexo ?, Schlüter (1898).

São Paulo
Franca: ♀, Dreher, julho 19 (1902); ♀, Garbe, setembro (1910); sexo ?, Garbe, janeiro (1911).

Elaenia ruficeps Pelzeln[1] [V, 424]

Elainea ruficeps Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pags. 108 e 178: Borba (baixo rio Madeira, marg. direita); Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 152.

Distribuição. — Sul da Venezuela (rio Guainia, rio Cassiquiare, monte Duida), Guianas Inglesa (Roraima, montes Merumé), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Oyapock), noroeste do Brasil (Amazônia): rio Negro (Javanarí), rio Jamundá (Faro), rio Madeira (Borba).

(1) Chama Zimmer (Amer. Mus. Novit., Nº 1.108, p. 14) a atenção para a estreita semelhança desta espécie, que autopticamente não conheço, com *E. cristata*, ambas de habitat campestre.

Elaenia pelzelni Berlepsch [V, 418]

Elaenia pelzelni BERLEPSCH, 1907, Ornis, XIV, p. 397: Lamalonga (rio Negro, Brasil); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 408.

Distribuição. — Leste do Equador (foz do Curaray) e Brasil amazônico: rio Solimões (Manacapurú), rio Negro (Lamalonga, igarapé Cacau Pereira), Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, rio Maicurú, Monte Alegre, igarapé Bravo, igarapé Boiussú, Patauá, rio Juruá (João Pessoa), rio Madeira (Rosarinho, igarapé Auará, Santo Antônio do Guajará), lago do Batista, Parintins, foz do Curuá do Sul.

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, CAMARGO, outubro 6 e 20 (1936); ♀, CAMARGO, outubro 6 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 11 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 30 (1936), março 16, 19, 23, 24, 25, 27, 29 e 30, junho 1 (1937); 7 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 30 (1936), março 5, 11 e 25, abril 5 e 29, junho 5 (1937).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 29 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♀, OLALLA, maio 30 (1937).

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 3 (1935).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, abril 8 e 14 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 24 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 5 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 12, 22, 23, 27 e 28 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 7 (1936).

Elaenia obscura[1] **sordida** Zimmer [V, 424, parte]

Guracava, Guaracava, Tucão (Rio Gr. do Sul).

Elaenia obscura sordida ZIMMER, 1941, Amer. Mus. Novit., Nº 1.108, p. 16: Franca (norte de São Paulo, Brasil).

Elainia obscura SCLATER (*nec* LAFRESN. & D'ORBIGNY), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 152, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 283, parte.

---

(1) *Muscipeta obscura* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 48: Yungas, Bolívia.

Distribuição.[1] — Perú (departs. de Cuzco, Junin, Huánuco, Urubamba), Bolívia (Yungas, Sara, Chaco), Paraguay (Alto Paraná), norte da Argentina (Tucumán, Santa Fé, Misiones), sudeste do Brasil: Rio de Janeiro (Manguinhos, Terezópolis, Colônia Alpina, Itatiaia), Minas Gerais (Vargem Alegre, Monte Alegre, Lagoa Santa, rio Piracicaba, São José da Lagoa, Varzea de Congonhas, Maria da Fé), São Paulo (Campos do Jordão, Mogí das Cruzes, Itatiba, rio Mogí-Guassú, cid. de São Paulo, Ipiranga, Embura, Cubatão, Juquiá, São Miguel Arcanjo, Iguape, Cananéia[2], Itararé, Faxina, Ipanema, rio das Pedras, Vitória, Baurú, Franca, Lins, Glicério), Paraná (Curitiba, Castro, rio Ivaí, Salto de Ubá, Salto da Pindaíba), Santa Catarina (Poço Preto), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Taquara, Hamburgo Velha, Santa Cruz, Sapiranga), sul de Mato Grosso (Campanário).

BRASIL

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia: 1 ♂ e 1 ♀, H. LÜDERWALDT, maio 8 (1906).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂ juv., OLIV. PINTO, janeiro 29 (1936); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 9 (1936).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, OLALLA, agosto 23 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 26 e 28 (1940); ♂, W. GARBE, outubro 4 (1940).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. KRONE (1896).
Rio Mogí-Guassú: ♀, HEMPEL, setembro 14 (1899).
Itararé: ♂, GARBE, junho (1903); 2 ♀ ♀, GARBE, maio (1903).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, novembro (1903); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 4 (1941); ♀, LIMA, outubro 9 (1906).
Campos do Jordão: ♂, H. LÜDERWALDT, novembro 6 (1905).
Franca: ♂, GARBE, setembro (1910).
Cubatão: ♀, LIMA, junho 6 (1920).
Itatiba: 2 ♀ ♀, LIMA, setembro 8 (1925) e dezembro 12 (1927); ♀, JOSÉ LIMA, novembro 13 (1933); sexo ?, LIMA, dezembro 12 (1927).
Glicério: ♀, LIMA, julho 20 (1928).
São Miguel Arcanjo: ♂, LIMA, setembro 1 (1929).

---

(1) Todas as populações brasileiras de *Elaenia obscura* LAFRESN. & D'ORB., inclusive as de Mato Grosso, são referidas por ZIMMER à nova raça por ele separada, com base em diferenças leves no colorido da plumagem.

(2) Nas aves da faixa costeira de São Paulo é frequente a presença, no alto da cabeça, de penas com a base mais ou menos branca. Essa nódoa branca vertical, representada ordinariamente por simples esboço, é todavia perfeitamente nítida nos exemplares de Cananéia, acima arrolados.

Mogí das Cruzes: ♂, José Lima, novembro 2 (1933); ♀ ?, José Lima, fevereiro 3 (1933).
Tabatinguara (Cananéia): ♀, Camargo, setembro 28 (1934).
Cananéia: ♂, Camargo, outubro (1934).
Embura: 2 ♂ ♂, Olalla, dezembro 24 e 25 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♀, Olalla, fevereiro 11 (1941).
Juquiá (rio Juquiá): 1 ♂ e 1 ♀, José Lima, dezembro 17 (1941).

Paraná

Castro: ♂, Garbe, maio (1907).

Rio Grande do Sul

Itaquí: ♂, Garbe, setembro (1914).

Gênero MYIOPAGIS Salvin & Godman

Myiopagis Salvin & Godman, 1888, Biol. Centr.-Amer., Aves, II, p. 26. Tipo, por designação original, *Elainia placens* Sclater[1].

Myiopagis gaimardii gaimardii (d'Orbigny) [V, 431]

Muscicapara gaimardii d'Orbigny, 1839, Voy. Amer. Mérid., Ois., p. 326: Yuracares (Bolívia).
Elainea gaimardi Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 150, parte.
Elaenea gaimardi Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 283, parte.

Distribuição. — Leste do Equador (Zamora), norte e leste do Perú (rio Marañon, Pebas, rio Negro, rio Tavara, Junin, Moyobamba, Yahuarmayo), Bolívia (Yuracares, Tres Arroyos, Mission San Antonio, Todos Santos) e Brasil ocidental (provavelmente da margem esquerda do Solimões ao rio Paraná): alto rio Juruá (João Pessoa), oeste de Mato Grosso (rio Guaporé, Salobra), extremo oeste de São Paulo (Ituverava)[2].

Brasil

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, Olalla, dezembro 30 (1936).

São Paulo

Ituverava: ♂, Garbe, agosto (1911).

Mato Grosso

Salobra: ♀, C. Vieira, julho 24 (1939).

---

(1) *Elainea placens* Sclater, 1859, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVII, p. 46: Cordoba (Vera Cruz, Mexico). Hoje ordinàriamente considerada raça de *M. viridicata*. Sobre as diferenças entre *Myiopagis* e *Elaenia* cf. Ridgway, 1907 (Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. 4, p. 399) e Zimmer, 1941 (Amer. Mus. Novit., Nº 1.108, p. 20).

(2) Comparado com as aves de Goiaz (rio das Almas) e leste de Mato Grosso, o exemplar de Ituverava decididamente delas difere, copiando os caracteres da forma típica, como fora reconhecido por Hellmayr, que teve ocasião de examiná-lo. O de Salobra, nos limites quase de Mato Grosso com o sudeste extremo da Bolívia, tambem está no mesmo caso, diferençando dos do rio das Mortes e rio Vermelho (Rondonópolis). Cf. Hellmayr, Arch. f. Naturges., LXXXV, A, Heft 10, p. 54 (1920).

Myiopagis gaimardii guianensis (Berlepsch) [V. 430]

Elaenia gaimardi guianensis BERLEPSCH, 1907, Ornis, XIV, p. 421: Camacusa (Guiana Inglesa).

Elainea gaimardi SCLATER (*nec* D'ORBIGNY), 1888, Cat. Bds. Brit Mus., XIV, p. 150, parte.

Elaenia gaimardi SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 410.

Distribuição[1]. — Sul da Venezuela (alto Orenoco, rio Caura, rio Cassiquiare, monte Duida), Guianas Inglesa (Camacusa, Bartica Grove, rio Carimang, montes Merumé, Roraima, Quonga), Holandesa (Surinam, Paramaribo, Lelydorp) e Francesa (Cayenne, St. Jean du Maroni, Oyapock), noroeste extremo do Brasil: rio Negro (Manaus, Tatú, Tabocal, Santa Isabel, Marabitanas) e Uaupés (Tauapunto, Jauaretê), rio Branco (Boa Vista, serra da Lua), igarapé Anibá, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, igarapé Boiussú, rio Madeira (Borba, Rosarinho, Santo Antônio do Guajará), Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Vila Braga, Boim, Goiana, Piquiatuba, Tauarí, Caxiricatuba, igarapé Brabo, igarapé Amorim), rio Jamauchim (Conceição).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 6 ♂ ♂, OLALLA, março 3 e 31, abril 2 e 6, maio 31 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, março 12 e maio 26 (1937); sexo ?, OLALLA, junho 3 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, OLALLA, abril 14, 16 e 19 (1937).

Pará

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 8 (1935).

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, maio 1 (1935).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, julho 1 (1936).

Myiopagis gaimardii subcinereus (Zimmer)

Elaenia gaimardii subcinereus ZIMMER, 1941, Amer. Mus. Novit., Nº 1.108, p. 19: Prata (perto de Belém, estado do Pará).

---

(1) A distribuição atribuida aquí à forma amazônico-guianense baseia-se no estudo do material acima arrolado e difere em mais de um ponto da apresentada por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 1.108, pgs. 18-21, 1941). As aves do Tapajoz, que este ornitólogo prefere referir à *E. g. subcinereus*, parecem-me, pelo contrário, inseparáveis das da margem septentrional do baixo Amazonas, como deve acontecer com as do rio Madeira, de que infelizmente não possuo representantes. Faltam-me tambem exemplares do rio Xingú, mas tenho poucas dúvidas em que devam concordar com os do rio Tocantins e leste do Pará. As opiniões sobre assuntos como esse só podem todavia ser por enquanto provisórias, variando ao sabor do material em estudo e dependendo largamente do coeficiente pessoal.

Elaenia gaimardi guianensis SNETHLAGE (*nec* BERLEPSCH), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 410, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional e central (da margem direita do baixo Amazonas para o sul): rio Xingú, rio Irirí, rio Tocantins (Baião, Cametá, Alcobaça, Mocajuba, Arumateua), rio Guamá, distrito de Belém (Prata, Peixe-Boi, Quatipurú), estado do Maranhão (São Luiz, Rosário, Mangueiras), Goiaz (rio Araguaia, rio Tesouras, Santo Antônio, rio das Almas), Mato Grosso (rio das Mortes, Rondonópolis, Chapada, Utiarití).

BRASIL

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, setembro 9 e 11 (1934).

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 19 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 20 (1934).

Mato Grosso

Rondonópolis: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 26 (1937).

Rio das Mortes: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 28 (1937).

Myiopagis flavivertex (Sclater) [V, 433]

Elainea flavivertex SCLATER, 1887, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 49: "Upper Ucayali" (= prox. de Cashiboya, leste do Perú); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 151.

Elaenia flavivertex SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 410.

Distribuição. — Nordeste do Perú (baixo Ucayali, Sarayacu, Lagarto, Puerto Indiana, Elvira, Nauta), sul da Venezuela (alto Orenoco, Munduapo, Lalaja, monte Duida), Guiana Holandesa (proxim. de Paramaribo, Ryweg, Kwata), Guiana Francesa (Roche-Marie), Brasil oeste-septentrional (Amazônia): rio Solimões (Tefé), rio Jamundá (Faro), Óbidos, igarapé Bravo, Monte Alegre, rio Madeira (Borba, Rosarinho, igarapé Auará), Parintins, rio Tapajoz (Santarém), rio Xingú, ilha Mexiana.

BRASIL

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, GARBE, dezembro (1920).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, abril 13 (1935).

Myiopagis viridicata viridicata (Vieillot) [V, 434]

Sylvia viridicata VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 171 (com base em AZARA, N.º 156, "Contramaestre pardo verdoso corona amarilla"): Paraguay.

Elainea placens Sclater, 1888 (*nec* Sclater, 1859), Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 148, parte.
Elaenea viridicata Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 282.
Elaenia viridicata Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 410.

Distribuição. — Sudeste do Perú (vale do Urubamba, Santa Ana, Maranura), leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, rio Negro), norte da Argentina (Tucumán), Brasil centro-ocidental e oriental: Mato Grosso (Chapada, Urucúm, Salobra), Pará (rio Tapajoz, Boim, Santarém, rio Curuá do Sul),[1] Piauí (Deserto, Parnaguá, Arara, Ibiapaba), Baía (rio Preto, Bonfim), Goiaz (rio das Almas, rio Meia Ponte), Minas Gerais (rio das Velhas), São Paulo (rio Paraná, Porto Cabral, Lins, Avanhandava, Bebedouro, Rio Preto, cabeceiras do Mboi-Guassú).

Brasil
Pará
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, Olalla, dezembro 14 (1936).
Baía
Vila Nova (= Bonfim): ♂, Garbe, junho (1908).
São Paulo
Bebedouro: 2 ♂ ♂, Garbe, março (1904).
São Jerônimo (Avanhandava): 2 ♀ ♀, Garbe, março (1904).
Faz. Santa Maria (Rio Preto): ♀, José Lima, fevereiro 12 (1940).
Cabeceiras do Mboi-Guassú: ♂, Olalla, novembro 11 (1940).
Faz. Varjão (Lins): 2 ♂ ♂, Olalla, janeiro 29 e fevereiro 9 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, José Lima, outubro 26 (1941).
Goiaz
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, José Lima, outubro 17 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 2 ♂ ♂, W. Garbe, novembro 12 e 22 (1934); ♀, W. Garbe, novembro 19 (1934).
Mato Grosso
Salobra: ♀, José Lima, janeiro 21 (1941).

Myiopagis caniceps caniceps (Swainson) [V, 439]

Tyrannula caniceps Swainson, 1837, Orn. Draw., pte. 5, pl. 49: "Brasil" (como pátria típica sugiro a região de Santo Amaro, no Recôncavo da Baía).

---

(1) Chama Hellmayr (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. V, p. 453, nota *a*) a atenção para a extraordinária latitude das variações a que está sujeita *Elaenia v. viridicata*, o que é corroborado pela minha própria observação. Um ♂ da foz do rio Curuá (margem direita do baixo Amazonas), singulariza-se pela exiguidade de suas dimensões (asa 58 mil., cauda 53 mil., culmen 10 mil.). No mais, concorda com os do Brasil central.

Elainea caniceps SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 151.
Elaenea caniceps IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 282.
Elainea taczanowskii[1] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 144.

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy), Paraguay (alto Paraná, Sapucay), Brasil central e oriental: Mato Grosso (Chapada, Abrilongo, Rondonópolis, rio Araguaia), Goiaz (cid. de Goiaz, rio das Almas), Maranhão (Codó), Piauí (rio Parnaíba), Baía (Santo Amaro), Minas Gerais (rio das Velhas, rio Piracicaba), Rio de Janeiro (Cantagalo), São Paulo (Ubatuba, Juquiá, Itararé, Vitória, Lins, rio Dourado, Bebedouro, Valparaizo, Porto Cabral).

BRASIL

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, agosto 31 (1940); sexo ?, OLALLA, agosto 22 (1940).

São Paulo

Vitória (Botucatú): 2 ♂ ♂, HEMPEL, abril 23 e junho 16 (1902); ♀ juv., HEMPEL, julho 2 (1902).
Itararé: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1903).
Bebedouro: ♂, GARBE, maio (1904).
Ubatuba: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, abril (1905).
Braunau: ♂, LIMA, junho 27 (1928).
Valparaizo: ♀, LIMA, junho (1931).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, OLALLA, maio 18 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 28 (1941).
Barra do rio Dourado (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 11 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, outubro 18 e 30 (1941).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 19 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. GARBE, julho 10 (1941).

Mato Grosso

Rondonópolis: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, agosto 26 (1937).
Faz. Angelo Severo (rio Araguaia): ♂, Bandeira Anhanguera, novembro 12 (1937).

---

(1) A plumagem de *Elaenia caniceps caniceps* apresenta-se sob duas modalidades, ou "fases", que HELLMAYR (Novit. Zool., V, 1908, p. 45-6) verificou estarem dependentes da idade do pássaro. Na maioria dos exemplares, fêmeas ou machos imaturos, o dorso é verde-oliváceo e a mancha do vértice amarelo-creme; nos machos idosos, porém, o verde do dorso passa a cinzento e o amarelo do vértice a branco, como tambem o abdome. N'um exemplo do último caso, representando machos de Rondonópolis, de Porto Cabral etc., das coleções do Museu Paulista, baseára-se *Elainea tackzanowskii* BERLEPSCH (Ibis, 1883, p. 137), descrita de um exemplar da Baía, o que a torna sinônimo perfeito de *E. c. caniceps*.

Myiopagis caniceps cinerea (Pelzeln) [V, 440]

Elainea cinerea PELZELN, 1868, Orn., II, p. 108: Marabitanas (alto rio Negro).
Serpophaga albogrisea[1] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 103; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 275.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá"), sul da Venezuela (rio Caura, rio Cassiquiare, rio Guainia), nordeste do Perú (Chamicurus, Puerto Bermudez, Apayacu) e noroeste extremo do Brasil: rio Solimões (Tonantins), alto rio Negro (Marabitanas, Tatú, São Gabriel) e rio Uaupés (Tauapunto, Jauaretê).

Gênero SUIRIRI d'Orbigny

Suiriri D'ORBIGNY, 1839, Voy. Amérique méridion., Ois., p. 336. Tipo, por tautonimia, *Muscicapa suiriri* VIEILLOT.

Suiriri suiriri (Vieillot) [V, 442]

Muscicapa suiriri VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXI, p. 487 (com base em AZARA, Nº 179, "Suiriri ordinario"): Paraguay.
Empidagra[2] *suiriri* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 154.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Tarija, Santa Cruz), Paraguay (Bernalcué, Villa Rica, Sapucay, Santa Rosa), Uruguay (rio Negro, Montevideo), norte da Argentina (Pampa, Santa Fé, Tucumán, Buenos Aires, Cordoba), Brasil oeste-meridional e central: Mato Grosso (Urucúm de Corumbá), Minas Gerais (Pirapora), Rio Grande do Sul (rio Uruguai, Itaquí, Uruguaiana).

ARGENTINA
Tucumán: ♂, SILLO, abril 17 (1901).
Rosario: ♀, perm. Mus. La Plata (1903).

BRASIL
Minas Gerais
Pirapora: ♂, GARBE, agosto (1912).
Rio Grande do Sul
Uruguaiana: 2 ♀ ♀ e 2 sexos ?, GARBE, julho (1914).
Itaquí: ♀, GARBE, agosto (1914).

---

(1) *Serpophaga albogrisea* SCLATER & SALVIN, 1880, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 156: Sarayacu (leste do Equador).
(2) *Empidagra* CABAN. & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 59 — nome novo, em substituição a *Suiriri* D'ORBIGNY.

Suiriri affinis affinis (Burmeister) [V, 444]

Elaenea affinis BURMEISTER, 1856, Syst. Uebersicht Th. Brasiliens, II, p. 477: Lagoa Santa (Minas Gerais).
Elainea affinis SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 154.
Empidagra affinis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 284.
Suiriri affinis SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 406.

Distribuição. — Brasil central e oriental, inclusive ambas as margens do baixo Amazonas: Mato Grosso (Chapada, Coxim, Salobra, Miranda, Piraputanga, Campo Grande, Três Lagoas), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Tesouras), Minas Gerais (Lagoa Santa, Paracatú, Curvelo, Agua Suja), São Paulo (rio das Pedras, Lages, Itapetininga, Franca), Paraná (Lambarí, Capivarí), oeste da Baía (rio Grande, Santa Rita do Rio Preto), Piauí (Parnaguá, Gilboez), Maranhão (Codó, Tranqueira), Pará (Santarém, Monte Alegre).

BRASIL
Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 29 (1934); 3 ♀ ♀, OLALLA, junho 22 (1934).
Minas Gerais
Pirapora: ♀, GARBE, agosto (1912).
São Paulo
Franca: 3 ♀ ♀ e 1 sexo ?, GARBE, janeiro (1911).
Itapetininga: 2 ♂ ♂, LIMA, julho 24 e 27 (1926); ♀, LIMA, julho 24 (1926).
Goiaz
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): 2 ♂ ♂, W. GARBE, outubro 3 (1934).
Mato Grosso
Campo Grande: 3 ♂ ♂, LIMA, julho 22 e 24 (1930); 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 19, 24 e 26 (1930); 3 ♀ ♀, LIMA, julho 22, 24 e 28 (1930); ♀, JOSÉ LIMA, julho 26 (1930).
Miranda: ♂, LIMA, agosto 5 (1930).
Três Lagoas: sexo ?, LIMA, julho 11 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 8 (1937).
Chapada: ♀, JOSÉ LIMA, outubro 3 (1937).
Salobra: ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 23 (1939); ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 23 (1939).

Suiriri affinis bahiae (Berlepsch) [V, 444]

Empidagra bahiae BERLEPSCH, 1893, Orn. Monatsber., I, p. 12;, Baía.

Distribuição. — Circunscrito, ao que parece, às caatingas do norte da Baía: rio São Francisco (Joazeiro), rio do Peixe (perto de Queimadas).

BRASIL
Baía
Joazeiro: 2 ♀ ♀, GARBE, novembro (1907).

Gênero **SUBLEGATUS** Sclater & Salvin

Sublegatus SCLATER & SALVIN, 1868, Proc. Zool. Soc. London, p. 172. Tipo, por monotipia, *Sublegatus glaber* SCLATER & SALVIN.

Sublegatus modestus modestus (Wied)[1] [V, 445]

Muscipeta modesta WIED, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 923: "durch Freireiss aus der Gegend von Camamú und Bahia gebracht".
Sublegatus griseocularis[2] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 158.
Empidagra[3] *brevirostris*[4] SCLATER, op. cit., XIV, p. 155, parte.
Sublegatus platyrhynchus[5] SCLATER, op. cit., XIV, p. 158, parte.
Sublegatus fasciatus IHER. & IHERING, 1907 (não *Pipra fasciata* THUNBERG)[6], Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 285.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Tucumán, Santa Fé, Corrientes, Mendoza, Buenos Aires), Paraguay (Assunción, Puerto Pinasco, Las Palmas), Bolívia (rio Mamoré, Trinidad, rio Surutú, Santa Cruz, Buenavista, Tarija, Cochabamba), leste do Perú (vale do Urubamba, Santa Ana,

---

(1) A sinonímia desta espécie é das mais complicadas e confusas. Acompanho HELLMAYR (cf. Novit. Zool., XXXII, 1925, p. 175) e a generalidade dos modernos ornitologistas reconhecendo nela o passarinho nomeado pelo príncipe de WIED, que outros, como SCLATER (Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 153), admitiram corresponder a *Elaenia mesoleuca* CAB. & HEINE. A procedência litorânea do tipo de *M. modesta*, infelizmente perdido, não pode ser invocada contra isso; a presença da ave, por mim verificada (cf. Arch. de Zool. S. Paulo, I, 1940, p. 263), no litoral de Pernambuco, demonstra ainda uma vez que não raro chegam até a costa marítima elementos eminentemente característicos das caatingas áridas do interior (cf. tambem PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, 1935, p. 27).

(2) *Sublegatus griseocularis* SCLATER & SALVIN, 1876, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 17: Maranura (Perú, vale do Urubamba).

(3) *Empidagra* CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 59 — nome novo para *Suiriri* D'ORBIGNY (considerado bárbaro).

(4) *Muscipeta brevirostris* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 49: Corrientes (norte da Argentina). Em que pese a opinião recente de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 1.109, p. 2, 1941), parece-me demasiado difícil reconhecer a independência de *E. brevirostris*, mesmo como raça geográfica de *M. modesta*. Nada vejo que distinga os exemplares da Argentina dos do Brasil central e meridional, assim na forma do bico como no colorido da plumagem, bastante variável conforme a estação do ano e a idade do exemplar.

(5) *Phyllomyias platyrhyncha* SCLATER & SALVIN, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 159: Goiaz (cidade de).

(6) A HELLMAYR (Catal. Bds. of the Americas, parte V, 1927, p. 465, nota *c*) coube desfazer o longo equívoco existente sobre a identidade de *Pipra fasciata* THUNBERG, em cujo tipo CHUBB julgára reconhecer o pássaro descrito por WIED (cf. LÖNNBERG, Ibis, 1903, p. 241).

Chuchurras)[1] e quase todo Brasil central e oriental, inclusive, provavelmente como emigrante, as duas margens do baixo Amazonas:[2] Mato Grosso (Cuiabá, Jatobá, Chapada, Rondonópolis, Cáceres, Miranda, Aquidauana, Piraputanga, Campo Grande, Três Lagoas), rio Purús (Bom Lugar), margem direita (Parintins) e esquerda (Manaus, lago Cuipeva) do baixo Amazonas, rio Tapajoz (Santarém, Tauarí), Goiaz (cid. de Goiaz, Fazenda Esperança), interior do Maranhão (alto Parnaíba) e do Piauí (Parnaguá, Santa Filomena), Pernambuco (ilha de Itamaracá), Baía (rio Preto, Santa Rita, São Marcelo, rio Grande, Boa Vista, Camamú), Minas Gerais (Lagoa Santa, Paracatú), interior e oeste de São Paulo (Franca, Itapura) e do Paraná (serra da Esperança, rio Putinga, rio da Areia).

ARGENTINA

San Vicente: ♂, Venturi, setembro 17 (1905).
Ocampo: ♂, G. A. BAER, outubro 28 (1905).

BRASIL

Pará

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, fevereiro 18 (1935).

Pernambuco

Itamaracá: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 29 (1938).

São Paulo

Itapura: ♀, GARBE, agosto (1904).
Franca: ♂, GARBE, fevereiro (1911); ♀, GARBE, fevereiro (1911); sexo ?, GARBE, janeiro (1911).

---

(1) Localidades peruanas outras (depts. de Junin, Huánuco) relacionar-se-ão provàvelmente com a nova forma *S. glaber peruvianus* ZIMMER, 1941 (Am. Mus. Nov. Nº 1.109, p. 3), do rio Tavara, que visualmente não conheço.

(2) Na coleção em estudo, a ocorrência de *S. modestus modestus* na margem septentrional do rio Amazonas é documentada por um exemplar do lago Cuipeva (região de Monte Alegre), em fresca plumagem, que em nada difere dos de Mato Grosso e São Paulo. Tambem ZIMMER, em sua recente revisão (cf. Amer. Mus. Novit., Nº 1.109, p. 2) refere a "*S. m. brevirostris*" uma fêmea de Manaus, aventando a possibilidade de que a presença desta forma nas margens do baixo Amazonas tenha sua explicação em possíveis movimentos migratórios, hipótese perfeitamente admissível, que afasta as objeções contra a coespecificidade, aquí defendida, das formas centro brasileiras e amazônica. À vista destes fatos, compreende-se a impossibilidade de ajuizar-se seguramente sobre a divergência em que estão os autores no tocante às aves de localidades amazônicas; basta lembrar que, enquanto GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 294) inclúem as do baixo Tapajoz na forma típica de *S. modestus*, ZIMMER as refere à nova forma *S. glaber sordidus*, representativa, a seu vêr, de outro grupo, especificamente distinto.

Mato Grosso
Campo Grande: sexo ?, JOSÉ LIMA, junho 15 (1930).
Miranda: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, agosto 5 (1930); ♂, LIMA, setembro 8 (1930).
Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho 14 (1931).
Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 3 (1931).
Rondonópolis: ♀, OLIV. PINTO, agosto 21 (1937).
Cuiabá: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 19 (1937).

Sublegatus modestus sordidus Zimmer[1]

Sublegatus glaber[2] *sordidus* ZIMMER, 1941, Amer. Mus. Novit., N.º 1.109, p. 4: Utinga (leste do Pará, não longe de Belém).
Sublegatus platyrhynchus SCLATER (*nec* SCLATER & SALVIN), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 158, parte.
Sublegatus fasciatus SNETHLAGE (*nec* THUNBERG), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 411, parte.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Manacapurú), rio Negro (Manaus, Jucabí), rio Uaupés (Tauapunto), rio Branco (Boa Vista, serra da Lua), Cajutuba, Óbidos, Monte Alegre, Parintins, rio Tapajoz (Tauarí, Santarém), rio Tocantins (Mocajuba), ilha Mexiana, distrito de leste do Pará (Utinga).

BRASIL
Amazonas
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, setembro 26 (1936).

Gênero PHAEOMYIAS Berlepsch

Phaeomyias BERLEPSCH, 1902, Novit. Zool., IX, p. 41. Tipo, por designação subsequente de CHUBB (1921), *Elainea incomta* CABANIS & HEINE.

Phaeomyias murina murina (Spix) [V, 449]

Platyrhynchus murinus SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 14, pl. 16, fig. 2: nenhuma indicação de localidade (sugiro como pátria Joazeiro, no rio São Francisco, ao norte da Baía)[3].

---

(1) As populações enfeixadas sob esta nova raça eram referidas anteriormente a *S. modestus obscurior* TODD, 1920 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIII, p. 72), de Cayenne; as diferenças entre elas e as da Guiana, já notadas por HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., pte. V, p. 447, nota *b*), fazem, segundo ZIMMER (op. cit., p. 4), das aves amazônicas "a very well-marked form".

(2) *Sublegatus glaber* SCLATER & SALVIN, 1868, Proc. Zool. Soc. Lond., pp. 168 e 172, pl. 13, fig. 2: Caracas (Venezuela).

(3) O tipo, infelizmente perdido, deveria pertencer, segundo HELLMAYR (Abh. 2 Kl. Bayr. Akad. Wiss., XXII, 1906, p. 646) à forma este-brasileira, a cujos caracteres se ajusta a descrição original.

Myiopatis semifusca[1] SCLATER, 1888 (*nec* SCLATER, 1862), Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 123, parte.
Phaeomyias murina IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 279.

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy, Tucumán), Paraguay (Sapucay, Puerto Bertoni, rio Negro), sudeste da Bolívia (Tarija), Brasil central e oriental: Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Cáceres, Poconé, Corumbá), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Araguaia, Jaraguá, rio Tocantins, Filadélfia), leste do Pará (Belém, Quatipurú), Maranhão (Flores, Codó, Grajaú, Manga), Piauí (Ibiapaba, Veados, Gilboez, Parnaguá, rio Parnaíba, Santa Filomena), Ceará (Viçosa, Juá), Pernambuco (Tapera, Recife, Pau d'Alho, rio Branco, Garanhuns, Palmares), Baía (Joazeiro, rio Grande, Santa Rita do Rio Preto, Curupeba, cid. do Salvador, cid. da Barra, Boa Nova, Jaguaquara), Minas Gerais (Belo Horizonte, Lagoa Santa), São Paulo (Ipanema, Rincão, Franca).

BRASIL

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 19 (1938); ♀, OLIV. PINTO, dezembro 15 (1938).

Baía

"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).
Joazeiro: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1907).
Madre de Deus: ♀, W. GARBE, janeiro 13 (1933).

São Paulo

Rincão: ♀, LIMA, fevereiro 24 (1901); sexo ?, LIMA, fevereiro 23 (1901).
Franca: ♂, GARBE, janeiro (1911).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, W. GARBE, setembro 11 (1934).

Mato Grosso

Cuiabá: ♀ ?, JOSÉ LIMA, setembro 23 (1937).

Phaeomyias murina wagae (Taczanowski) [V, 451]

Bagageiro (Pará).

Myiopatis wagae TACZANOWSKI, 1884, Orn. Perú, II, p. 253: Chirimoto (leste do Perú).
Myiopatis semifusca SCLATER (*nec* SCLATER & SALVIN), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 123, parte.

---

(1) *Phaeomyias semifusca* SCLATER & SALVIN, 1862, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 383, pl. 36, fig. 1: Santa Marta (Colômbia).

Phaeomyias murina incomta SNETHLAGE (*nec* CABANIS & HEINE)[1], 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 411, parte.

Distribuição. — Leste do Perú (Chirimotó, Moyobamba, rio Colorado, Chanchamayo, La Merced), Guianas Inglesa (Georgetown, rio Bonasika, Bartica Grove, rio Abary, montes Takutu), Holandesa (Paramaribo, Kwata) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Ile le Père, Mahury, Oyapock), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Tefé), rio Negro (Manaus, Campos Sales, Muirapinima, igarapé Cacau Pereira, Carvoeiro, Tauapeassú), rio Branco (Boa Vista, serra da Lua), rio Surumú (Frechal), rio Cotingo, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, rio Madeira (Borba, Santo Antônio do Guajará), Parintins, rio Tapajoz (Tauarí, Santarém, Urucurituba), rio Xingú (Porto de Moz), rio Tocantins (Baião), ilha de Marajó, ilha Mexiana.

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 6 ♂♂, OLALLA, março 6, 16, 29 e 31, abril 2 e maio 31 (1937); 4 ♀♀, OLALLA, março 16 e 31 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 4 (1935).

Gênero CAMPTOSTOMA Sclater

Camptostoma SCLATER, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 203. Tipo, por monotipia, *Camptostoma imberbe* SCLATER[2].

---

(1) *Elainea incomta* CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 59: Carthagena (Colômbia). Bem pouco satisfatório é ainda o nosso conhecimento das relações de *Phaeomyias murina murina* com suas próximas afins. ZIMMER, com abundante material de comparação, estudando as populações amazônicas, referidas até então à forma colombiana descrita por CABANIS & HEINE, concluiu pelo seu maior parentesco com *P. m. wagae* TACZANOWSKI (não representada infelizmente na coleção em estudo), cuja área se estenderia do leste do Perú às Guianas, através da Amazônia brasileira. De qualquer modo, a plumagem dos nossos exemplares da Colômbia, verdade é que bastante antigos, pela sua tonalidade sombria, pardo-acinzentada, sem tons distintos de oliváceo, concorda muito mais com a dos do Brasil meridional do que com a dos da margem septentrional do Amazonas.

(2) *Camptostoma imberbe* SCLATER, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 203: San Andres Tuxtla (Mexico).

Camptostoma obsoletum obsoletum (Temminck) [V, 454 e 455]

Muscicapa obsoleta TEMMINCK (*ex* NATTERER manuscr.), 1824, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 275, fig. 1: "Brésil" (≐ Curitiba)[1].
Ornithion obsoletum SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 127; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 280.
Ornithion cinerascens[2] IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 280.

Distribuição. — Norte da Argentina (Tucumán, Cordoba, Santa Fé, Misiones), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, Ybitimi, Cerro Lorito, Puerto Pinasco, Chaco, Forte Wheeler, rio Iguassú), leste da Bolívia (Chiquitos), Brasil centro-meridional e oriental: Mato Grosso (Urucúm, Cáceres, Poconé, Chapada, Tapirapoã, Campanário, Salobra, Campo Grande, Três Lagoas), Goiaz (cid. de Goiaz, rio Tesouras, rio das Almas, Inhumas), Maranhão (Miritiba, Anil, Flores, Grajaú), Piauí (Parnaguá, Correntes, Olho d'Agua, Apertada Hora, Arara), Ceará (Juá, São Pedro), Baía (Santa Rita do Rio Preto, Morro do Chapéu, Orobó, Tamburí, ilha de Madre de Deus, Boa Nova), Espírito Santo (Barra do Jucú, Chaves, Guaraparí), Rio de Janeiro (Terezópolis, rio Muriaé, serra do Itatiaia), Minas Gerais (Lagoa Santa, Congonhas, Paracatú, Andrequecé, rio Piracicaba, barra do Sussuí), São Paulo (Ipiranga, Ipanema, Campinas, Itatiba, Monte Alegre, Juquiá, Iguape, Cananéia, Salto Grande, Itararé, Vitória, Bebedouro, Avanhandava, Itapura, Porto Cabral), Paraná (Curitiba, Castro, Vermelho, Terezina, Roça Nova, Salto de Guaira, serra da Esperança, Cândido de Abreu, Marechal Mallet, rio da Areia), Santa Catarina (Colônia Hansa, Laguna), Rio Grande do Sul (Taquara, lagoa dos Patos, Vacaria, Sinimbú, Santa Cruz, Francisco de Paula).

---

(1) Sobre a procedência do tipo, colecionado por NATTERER, cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XV, p. 43 (1908).

(2) *Hylophilus cinerascens* WIED, 1831, Beitr. Naturges. Brasil., III, p. 723: Barra do Jucú (Espírito Santo).

Como já me foi dado pormenorizadamente discutir (cf. Rev. Mus. Paul., XIX, 1935, pp. 209 a 211; XX, 1936, pp. 103 a 105) e a despeito das opiniões em contrário de autoridades como HELLMAYR (cf. Novit. Zool., XV, 1908, p. 43; Catal. Bds. Amers., pte. V, 1927, p. 455) e NAUMBURG (cf. Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, 1930, p. 277), recentemente corroborada pelos estudos de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 1.109, pags. 13 e ss., 1941), continúo convencido da impossibilidade de reconhecer qualquer diferença verdadeiramente capaz de separar racialmente as aves do Brasil este-septentrional (Baía, Espírito Santo etc.), assim no que toca ao colorido da plumagem, como às dimensões, extremamente variáveis, como se depreende da tabela de medidas que incluí no referido trabalho.

BRASIL

Baía

"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).

Madre de Deus: ♀ juv., CAMARGO, janeiro 22 (1933).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, GARBE, março (1906); ♀, GARBE, janeiro (1906).

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, setembro 3 (1942); ♀, OLALLA, agosto 23 (1942).

Guaraparí: ♂, OLALLA, outubro 15 (1942); ♂, OLIV. PINTO, outubro 17 (1942).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 3 ♀ ♀, OLALLA, setembro 10 e 11 (1941).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 18 (1940); ♀, OLALLA, agosto 30 (1940).

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): sexo ?, OLIV. PINTO, setembro 14 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, W. GARBE, setembro 28 (1940); ♀, OLALLA, outubro 5 (1940).

São Paulo

Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, outubro 19 (1898); ♂, JOSÉ LIMA, maio 20 (1941); 1 ♀ e 1 sexo?, juv., LIMA, novembro 5 (1912).

Iguape: sexo ?, R. KRONE (1900).

Salto Grande: ♀, HEMPEL, junho 9 (1903).

Itararé: ♂, GARBE, maio (1903); sexo ?, GARBE, agosto (1903).

Bebedouro: 2 ♂ ♂, GARBE, março (1904).

Itapura: ♀, GARBE, agosto (1904).

Franca: ♀, GARBE, setembro (1910).

Itatiba: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 27 (1933); sexo ?, LIMA agosto 9 (1900).

Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 20 (1934).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, OLALLA, maio 17 (1940); sexo ?, OLALLA, maio 19 (1940).

Porto Cabral (rio Paraná): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 11 (1941).

Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 29 (1942).

Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 30 (1943).

Paraná

Castro: ♂, GARBE, maio (1914).

Rio Grande do Sul

"Rio Grande do Sul": ♂ juv., H. v. IHERING, dezembro 11 (1882).

Goiaz

Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♀, W. GARBE, setembro 21 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, JOSÉ LIMA, novembro 22 (1934).

Mato Grosso

Campo Grande: sexo ?, LIMA, julho 22 (1930).

Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho 29 (1931); ♀, JOSÉ LIMA, julho 28 (1931).

Salobra: ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 25 (1939); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 19 e 20 (1941).

Camptostoma obsoletum olivaceum (Berlepsch) [V, 457]

Ornithion pusillum olivaceum BERLEPSCH, 1889, Journ. f. Orn., XXXVII, p. 301: Iquitos (local. típica), Tarapoto (rio Huallaga, Perú).
Ornithion pusillum SCLATER (*nec* CABANIS & HEINE)[1], 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 126, parte.

Distribuição. — Nordeste do Perú (Iquitos, rio Huallaga, Puerto Indiana) e região adjacente do Brasil oeste-septentrional ao sul do alto rio Solimões: alto rio Juruá[2], rio Eirú (Santa Cruz).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♂, GARBE, outubro (1902).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, novembro 4 (1936).

Camptostoma obsoletum napaeum (Ridgway) [V, 458]

Ornithion napaeum RIDGWAY, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 520: Diamantina (margem direita do baixo Tapajoz, perto de Santarém).
Ornithion pusillum SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 126, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 413.
Ornithion pusillum napaeum IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 280.

Distribuição. — Sul da Venezuela (alto Orenoco, Esmeralda, monte Duida)[3], Guianas Inglesa (Bartica Grove, rio Arawai, Rockstone, Potaro Landing), Holandesa (Paramaribo, Kwata) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Oyapock). Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: baixo Solimões (Tefé, Codajaz), rio Negro (Manaus, igarapé Cacau Pereira, Jucabí, Santa Isabel), Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, rio Maicurú, rio Madeira (Borba, Rosarinho, lago Tapaiuna, igarapé Auará), Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba, Boim, Itaituba, Coatá, Iroçanga, Itapoama, igarapé Amorim, Aramanaí, igarapé Brabo), rio Xingú (Tapará, Vitória, Forte Ambé), rio Tocantins (Baião, Mocajuba, Arumateua), ilha de Marajó (Tuiuiú, São Natal), ilha Mexiana, distrito de Belém do Pará (Belém, Utinga, Prata, Benevides).

---

(1) *Myiopatis pusilla* CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Heineanum, II, p. 58: Carthagena (Colômbia).
(2) Pátria de *Ornithion pusillum juruanum* IHERING, 1905, Rev. Mus. Paul., VI, p. 434.
(3) A área de *C. o. napaeum* na Venezuela ficou enormemente restringida com a criação de *C. obsoletum venezuelae* ZIMMER, 1941 (Amer. Mus. Novit., Nº 1.109, p. 12: tipo de La Cascabel, no rio San Feliz).

COLÔMBIA
Bogotá: sexo ? (compr. de v. BERLEPSCH, 1903).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO. outubro 5 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, março 11 e 29, abril 2 e junho 3 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, dezembro 11 (1936), março 12 e abril 2 (1937); 2 sexos ?, OLALLA, dezembro (1936) e março 10 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 16 (1937): sexo ?, OLALLA (1937).

Pará

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 2 (1935).

Gênero XANTHOMYIAS Berlepsch

Xanthomyias BERLEPSCH, 1907, Ornis, XIV, p. 490. Tipo, por designação original, *Muscicapa virescens* TEMMINCK.

Xanthomyias virescens virescens (Temminck) [V, 461]

Muscicapa virescens TEMMINCK (*ex* NATTERER manuscr.), 1824, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 275, fig. 3: "Brésil" (= Curitiba, estado do Paraná)[1].

Phyllomyias virescens IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 278.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Puerto Bertoni, Bernalcué, Sapucay), Brasil este-meridional: Espírito Santo (Braço do Sul), Rio de Janeiro (Terezópolis, Nova Friburgo), Minas Gerais (Agua Suja, rio Jordão), sul de Goiaz (Jaraguá), sudeste de Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba)[2], São Paulo (Ipanema, Salto Grande, Itararé, Baurú,[3] Itapura), Paraná (Curitiba, Castro, Roça Nova, Antônio Olinto), Santa Catarina (Joinvile)[4].

PARAGUAY
Puerto Bertoni (rio Paraguai): sexo ?, BERTONI (1904).

---

(1) Cf. BERLEPSCH & HELLMAYR, Journ. f. Orn., LIII, p. 25 (1905); HELLMAYR, Verh. Orn. Gesells. Bay., XII, p. 136 (1915).

(2) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª parte, p. 764 (1932), onde um exemplar foi determinado erroneamente como *Phylloscartes ventralis ventralis*.

(3) Pátria de *Tyranniscus bolivianus paulistus* IHERING, 1902 (Rev. Mus. Paul., V, p. 272), reconhecido por BERLEPSCH como sinônimo de *X. virescens*.

(4) Cf. UNDERDOWN, Auk, L, p. 323 (1933).

BRASIL
São Paulo
Faz. Caioá (Salto Grande): ♂, HEMPEL, julho 10 (1903).
Itararé: 2 ♂ ♂, GARBE, julho e agosto (1903); ♀, GARBE, maio (1903).
Itapura: ♀, GARBE, agosto (1904).
Paraná
Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, GARBE, agosto (1907).
Castro: 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, maio (1914).
Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 11 (1934).
Mato Grosso
Sant'Ana do Paranaíba: ♂, LIMA, julho 25 (1931).

Xanthomyias virescens reiseri (Hellmayr) [V, 462]

Phyllomyias reiseri HELLMAYR, 1905, Bull. Brit. Orn. Club, XV, p. 73: Grotão (sul do Piauí, na estrada de Santo Antônio a Santa Filomena).

Distribuição. — Nordeste do Brasil, onde é apenas conhecido através do tipo, procedente de Grotão (sul do Piauí).

Gênero PHYLLOMYIAS Cabanis & Heine

Phyllomyias CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Heineanum, II, p. 57. Tipo, por designação subsequente de SCLATER (1888), *Platyrhynchus brevirostris* SPIX.

Phyllomyias fasciatus fasciatus (Thunberg) [V, 465]

Pipra fasciata THUNBERG, 1822, Mém. Acad. Imper. Sci. St. Petersb., VIII, p. 285: Brazil.
Phyllomyias berlepschi SCLATER[1], 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 123.
Phyllomyias incanescens[2] IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 279.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: oeste da Baía (rio Preto, Pau de Canoa, Bonfim), sul do Piauí (Parnaguá) e do Maranhão (alto Parnaíba, Codó).

BRASIL
Baía
"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).
Vila Nova (= Bonfim): sexo ?, GARBE, março (1908).

---

(1) *Phyllomyias berlepschi* SCLATER, 1887, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 49: Baía.
(2) *Muscipeta incanescens* WIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 898: Baía.

Phyllomyias fasciatus cearae Hellmayr [V, 466]

Phyllomyias fasciatus cearae Hellmayr, 1927, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, parte 5.ª, p. 466: Serra de Baturité (Ceará).

Distribuição. — Conhecido, até aquí, apenas da serra de Baturité, no norte do Ceará.[1]

Phyllomyias fasciatus brevirostris (Spix) [V, 464]

Cagassebinho.

Platyrhynchus brevirostris Spix, 1825, Av. Bras., II, p. 13, pl. 15, fig. 2: Rio de Janeiro.
Phyllomyias brevirostris Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 121.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil: Espírito Santo (Vitória, Sta. Tereza), Rio de Janeiro (Cabo Frio,[2] Sepitiba, Registro do Saí, Angra dos Reis, ilha Grande, Terezópolis, Nova Friburgo, Cantagalo, Porto Real, Itatiaia), leste de Minas Gerais (rio Doce, rio Piracicaba, córrego do Pissarrão, Mariana, Lagoa Santa), São Paulo (serra de Bananal, Piquete, Alto da Serra, serra da Cantareira, Ubatuba, São Sebastião, Iguape, Juquiá, Mogí das Cruzes, Jundiaí, Monte Alegre, Ipanema, Tietê, Bebedouro, Baurú), Paraná (Morretes), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara).

Brasil
- Espírito Santo
  - Sta. Tereza: ♂, Olalla, outubro 5 (1942).
- Rio de Janeiro
  - Ilha Grande: ♀, Garbe, agosto (1905).
  - Campos do Itatiaia: 2 ♂ ♂, H. Lüderwaldt, maio 3 e 4 (1906); sexo?, juv., H. Lüderwaldt, abril 18 (1906).
  - Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 2 ♂ ♂, José Lima, junho 20 e 27 (1941); 4 ♀ ♀, José Lima, junho 20, 25 e 27 (1941).
- Minas Gerais
  - Mariana: sexo ?, J. B. Godoy (1906).
  - Barra do Piracicaba (rio Doce): 5 ♂ ♂, Olalla, agosto 18, 19 e 22 (1940); ♂, Oliv. Pinto, agosto 20 (1940); ♂ juv., Oliv. Pinto, agosto 21 (1940); ♀, Olalla, setembro 7 (1940); 2 sexos ?, Olalla, agosto 22 e 26 (1940).
  - Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, W. Garbe, outubro 4 (1940).
- São Paulo
  - Tietê: ♂, H. Pinder, abril 14 (1897).

---

(1) Cf. Hellmayr, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 332 (1929).
(2) Pátria de *Muscipeta asilus* Wied, 1831 (Beitr. Naturges. Bras., III, p. 894), nome que prevaleceria para a espécie, em lugar do de Spix, cuja descrição e figura muito deixam a desejar.

Iguape: sexo ?, R. KRONE, (1898?).
Jundiaí: sexo ?, SCHROTTKY (1900).
Rio Grande (Barretos): ♀, GARBE, maio (1904).
Ubatuba: ♂, GARBE, abril (1905).
Alto da Serra: ♀, LIMA, julho 15 (1906).
Carandirú (cid. de S. Paulo): ♂, P. FREDEREICH, agosto 26 (1906).
Valparaizo: ♀, OLIV. PINTO, junho 16 (1931).
Mogí das Cruzes: sexo ?, JOSÉ LIMA, março 14 (1933).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 16 (1940); 3 ♀ ♀, OLALLA, maio 14 e 19 (1940).
Embura: ♀, OLALLA, dezembro 24 (1940).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, julho 24 (1942); ♀, JOSÉ LIMA, julho 21 (1942).

Phyllomyias fasciatus virescens (Allen) [V, 465]

Sublegatus virescens ALLEN, 1889, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, p. 149: Chapada (Mato Grosso).

Distribuição. — Brasil centro-meridional: Mato Grosso (Chapada), sul de Goiaz (cid. de Goiaz,[1] rio das Almas, Jaraguá), oeste de São Paulo (Jaboticabal)[2].

BRASIL

São Paulo
Jaboticabal: 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, outubro 10 (1900).

Goiaz
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 6 (1934); ♀, W. GARBE, outubro 7 (1934).

Phyllomyias griseocapilla Sclater [V, 466]

Phyllomyias griseocapilla SCLATER (*ex* LAFRESNAYE manuscr.), 1861, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 382, pl. 36, fig. 2: Rio de Janeiro (provavelmente arredores da própria cidade); idem, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 122.

Distribuição. — Faixa costeira do Brasil este-meridional: Espírito Santo (Vitória), leste de Minas Gerais (baixo Piracicaba), Rio de Janeiro (Colônia Alpina, Cantagalo), leste de São Paulo (Ubatuba, Iguape, Juquiá).

BRASIL

Minas Gerais
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 19 (1940).

São Paulo
Iguape: sexo ?, R. KRONE, dezembro 12 (1900).
Ubatuba: ♀, GARBE, março (1905).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 13 e 17 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, maio 13 e 17 (1940).

---

(1) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XV, p. 42 (1908).
(2) Sobre os exemplares de Jaboticabal cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2ª parte, p. 766 (1932) e XX, p. 102 (1936).

Phyllomyias griseiceps pallidiceps[1] Zimmer [V, 466, ptc.]

Phyllomyias griseiceps pallidiceps Zimmer, 1941, Amer. Mus. Novit., N° 1.109, p. 16: Fazenda Rio Negro, perto de Manaus (margem esquerda do rio Negro, junto à sua confluência com o Amazonas).

Distribuição. — Leste do Perú (Perené, rio Colorado, Chanchamayo), sul da Venezuela (monte Auyan-tepui) e Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas: rio Negro (Manaus), baixo Amazonas (Óbidos)[2].

Gênero TYRANNISCUS Cabanis & Heine

Tyranniscus Cabanis & Heine, 1859, Mus. Heineanum, II, p. 57. Tipo, por designação subsequente (Sclater, 1888), *Tyrannulus nigricapillus* (sic) Lafresnaye[3].

Tyranniscus gracilipes gracilipes Sclater & Salvin [V, 475]

Tyranniscus gracilipes Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 981: Pebas (margem esquerda do baixo Marañon, no nordeste extremo do Perú); Sclater, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 133, pl. 11, fig. 2, parte.

Distribuição. — Leste do Perú (Pebas, Chamicuros) e do Equador (foz do Curaray), sul da Venezuela (rio Cassiquiare, Buena Vista, monte Duida, rio Orenoco, Maipures), sudoeste da Guiana Inglesa (Roraima), noroeste extremo do Brasil, ao norte do rio Solimões: rio Solimões (Codajaz), alto rio Negro (Barcelos, Marabitanas, Jucabí, Camanaus, Cucuí), rio Içana, rio Uaupés (Jauaretê, Tauapunto).

Tyranniscus gracilipes gilvus Zimmer

Tyranniscus gracilipes gilvus Zimmer, 1941, Amer. Mus. Novit., N° 1.109, p. 23: La Pampa (sudeste do Perú).

Distribuição. — Norte da Bolívia (rio Beni, Salinas, rio Chaparé, Todos os Santos, rio Mapiri), sudeste do Perú (La Pampa, rio Tavara, Huacamayo, Candamo) e Brasil oeste-

---

(1) *Tyranniscus griseiceps* Sclater & Salvin, 1871, Proc. Zool. Soc. Lond., "1870", pags. 841 e 843, parte: Babahoyo (loc. típica) e Pallatanga (Equador). Zimmer (op. cit., p. 18) reconhece nada menos de quatro raças geográficas nesta espécie, uma única das quais verificada no Brasil.

(2) Cf. Griscom & Greenway, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 295 (1941).

(3) *Tyrannulus nigrocapillus* Lafresnaye, 1845, Rev. Zool., VIII, p. 341: Bogotá.

septentrional, ao sul do rio Solimões: rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santo Antônio), alto Madeira (rio Preto, Santa Isabel), rio Gi-Paraná (Maruins).

Tyranniscus gracilipes pallidior Gyldenstolpe

> *Tyranniscus gracilipes pallidior* GYLDENSTOLPE, 1941, Ark. för Zoologi, XXXIII, Nº 12, p. 5: Santarém (margem direita da boca do rio Tapajoz).

Distribuição. — Margem direita do baixo Amazonas, a leste e oeste do rio Tapajoz (Santarém, Iroçanga).

Tyranniscus acer Salvin & Godman[1] [V. 470]

> *Tyranniscus acer* SALVIN & GODMAN, 1883, Ibis, 5ª Ser., I, p. 206: Bartica Grove e Camacusa (Guiana Inglesa); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 133.
>
> *Tyranniscus gracilipes* SNETHLAGE (nec SCLATER & SALVIN), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 412.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Bartica Grove, Camacusa, rio Carimang, Ourumee, Potaro Landing, rio Anarica), Holandesa (prox. de Paramaribo) e Francesa (Oyapock, Mahuri). Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: baixo rio Negro (Manaus, igarapé Cacau Pereira), rio Jamundá (Faro), Óbidos, rio Tapajoz (Santarém, Aramanaí, Piquiatuba, igarapé Brabo, igarapé Amorim), rio Xingú (Tapará), rio Tocantins (Cametá, Baião, Arumateua, Mocajuba), ilha de Marajó (Sant'Ana), distrito de leste do Pará (Belém, Val de Cans, Providência, Mosqueiro, Peixe-Boi, Benevides),[2] norte do Maranhão (Miritiba, Turiassú).

BRASIL

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): [illegible], GARBE, dezembro (1920); ♀, GARBE, novembro (1920).

Maranhão

Miritiba: ♀, SCHWANDA, outubro 5 (1907).

---

(1) Para ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 1.160, pp. [illegible] e 24), não passa *T. acer* de raça geográfica de *T. gracilipes*; entretanto, a ocorrência presumida de ambos em mais de uma localidade, parece harmonizar-se dificilmente com este modo de ver. Haja vista do proceder de GYLDENSTOLPE (Ark. f. Zool., XXXIII, N.º 12, p. 5), que entre cinco exemplares de Santarém, reconhece apenas em um *T. acer*, ao passo que os restantes são atribuídos a uma raça de *T. gracilipes*, não descrita até então. Parece portanto prematuro reduzir *T. acer* à simples raça de *T. gracilipes*, a despeito das sugestões que muitos exemplares parecem oferecer neste sentido.

(2) Cf. HELLMAYR, Abh. math.-physikal. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, Abh. 2, pag. 23 (1912).

Gênero TYRANNULUS Vieillot

Tyrannulus VIEILLOT, 1816, Analyse d'une Nouv. Orn. Elément., p. 31. Tipo, por monotipia, "Roitelet-Mésange" de BUFFON (= *Sylvia elata* LATHAM).

Tyrannulus elatus (Latham) [V, 477]

Sylvia elata LATHAM, 1790, Ind. Orn., II, p. 708 (com base em DAUBENTON, Pl. Enlum. 708, fig. 2: Cayenne (Guiana Francesa).

Tyrannulus elatus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 128, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 281; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 412.

Distribuição. — Sul da América Central (Panamá)[1], Colômbia (Santa Marta, rio Caura, rio Magdalena, rio Caquetá, La Morelia, Barbacoas, Bonda), Venezuela (rio Orenoco, Maipures, Altagracia, Nericagua, rio Caura, lago Maracaibo, Zulia, rio Catatumbo, Trujillo), Guianas Inglesa (Camacusa, monte Roraima, Bartica, rio Anarica), Holandesa (Paramaribo, Little Wanica) e Francesa (Cayenne, Oyapock), leste e oeste do Equador (Esmeraldas, foz do Curaray, Balzar), nordeste do Perú (rio Marañon, Iquitos, Puerto Indiana, Yurimaguas, Moyobamba, rio Seco, Candamo, Orosa, Santa Rosa), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Tefé, Manacapurú), rio Negro (Manaus, Muirapinima, igarapé Cacau Pereira, Jucabí, Santa Isabel, Camanaus, Barcelos, Carvoeiro, Tatú, Tabocal, Cucuí) e rio Xié, rio Jamundá (Faro), Itacoatiara, Óbidos, Monte Alegre, igarapé Boiussú, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Madeira (Borba, Rosarinho, Santo Antônio do Guajará), Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Diamantina,[2] Goiana, Pimental, Tauarí, Aramanaí, igarapé Brabo), rio Xingú (Tapará, Porto de Moz), rio Tocantins (Alcobaça, Arumateua, Baião, Mocajuba), rio Guamá (São Miguel) e todo distrito de

---

(1) Com farto material, chegou ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.126, p. 2) à conclusão de que "as variações entre indivíduos das mesmas localidades são de tal modo grandes que é impossível reconhecer subespécies" em *T. elatus*. Reverteu assim à sinonímia da espécie *T. reguloides panamensis* THAYER & BANGS, 1906 (Bull. Mus. Comp. Zool., XLVI, p. 218. Savanna do Panamá) e *Tyrannulus elatus* [illegible] CARRIKER, 1935 (Proc. Acad. Nat. Sc. Phila., LXXXVII, p. 336: Chatarona, perto de Reyes, Bolívia).

(2) Pátria de *Tyrannulus reguloides* RIDGWAY, 1888 (Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 521), que se tem querido, às vezes, tomar como tipo de raça particular.

leste do Pará (Belém, Pinheiro, Utinga, Providência, Benevides), norte do Maranhão (Rosário).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, CAMARGO, outubro 12 e 20 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 4 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, dezembro 23 e 26 (1936), janeiro 26 e 31 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, outubro 14 (1936), janeiro 30 e fevereiro 6 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, março 19, abril 3 e junho 22 (1937); ♀, OLALLA, março 9 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, GARBE, janeiro (1903).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 2 (1935).

Gênero ACROCHORDOPUS Berlepsch & Hellmayr

Acrochordopus BERLEPSCH & HELLMAYR, 1905, Journ. f. Orn., LIII, p. 26. Tipo, por designação original, *Phyllomyias subviridis* PELZELN (= *Phyllomyias burmeisteri* CABANIS & HEINE).

Acrochordopus burmeisteri (Cabanis & Heine) [V, 480]

Phyllomyias burmeisteri CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Heineanum, II, p. 57: "Brasilien" (como pátria típica sugiro o Rio de Janeiro); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 122.

Acrochordopus subviridis[1] IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Aves, p. 279.

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy, Salta, Tucumán), Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay), leste da Bolívia (Santa Cruz, rio Surutu), Brasil este-meridional: Espírito Santo (Chaves), Rio de Janeiro, São Paulo (serra de Bananal, serra de Caraguatatuba, Iporanga, Ipanema, Rincão), Paraná (Curitiba).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 27 (1942).

---

(1) *Phyllomyias subviridis* PELZELN, 1868, Orn. Bras., pags. 105 e 175: Ipanema (São Paulo).

Deve-se a HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. V, 1927, p. 480, nota *b*) o haver, mediante a comparação dos tipos, esclarecido em definitivo a identidade de *Ph. burmeisteri*, que BERLEPSCH (Journ. f. Orn., LIII, 1905, p. 25) supuzera sinônimo de *Xanthomyias virescens* (TEMMINCK), mas, que é, na realidade, o nome mais antigo para a espécie descrita por PELZELN.

São Paulo
Iporanga: ♀, R. KRONE (1897).
Rincão: ♂, LIMA, outubro 20 (1900).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 24 (1941); ♀, OLALLA, agosto 25 (1941).
Serra de Caraguatatuba: ♀, OLALLA, setembro 24 (1941).

Gênero ORNITHION Hartlaub

Ornithion HARTLAUB, 1853, Journ. f. Orn. I, p. 35. Tipo, por monotipia, *Ornithion inerme* HARTLAUB.

Ornithion inerme Hartlaub [V, 484]

Ornithion inerme HARTLAUB, 1853, Journ. f. Orn., I, p. 35: nenhuma localidade indicada (Baía, pátria típica sugerida por BERLEPSCH & HARTERT)[1]; SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 125; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 412.

Distribuição. — Leste do Perú (Lagarto, Santa Rosa, rio Negro) e do Equador (Sarayacu), sul da Venezuela (rio Caura, Suapure, alto Orenoco, Maipures), Guiana Inglesa (Bartica Grove, rio Carimang, Kamakabra Creek), Guiana Francesa (Saint Jean du Maroni, rio Oyapock, Pied Saut), Brasil oeste-septentrional (ao norte e ao sul do rio Amazonas) e médio oriental: rio Negro (Tatú, Marabitanas), rio Tapajoz (Santarém, Tauarí, Aramanaí, Pinhí, Caxiricatuba, Piquiatuba, Apací, Vila Braga, Miritituba), rio Tocantins (Arumateua), rio Guamá (Santa Maria do São Miguel), distrito este-paraense (Belém, Utinga, Benevides), Baía (ubi?).

Gênero LEPTOPOGON Cabanis

Leptopogon CABANIS, 1844, Arch. f. Naturges., X, pte. 1ª, p. 275. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Leptopogon superciliaris* TSCHUDI[2].

Leptopogon amaurocephalus amaurocephalus Tschudi [V, 487]

Leptopogon amaurocephalus TSCHUDI (*ex* CABANIS manuscr.), 1846, Fauna Peruana, Aves, p. 162, em nota margin.: São Paulo (sudeste do Brasil); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 117, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 277.

---

(1) Cf. Novit. Zool., IX, p. 42 (1902). Três exemplares da "Bahia" são registrados por HELLMAYR no Cat. of the Bds. of the Americas (pte. 5.ª, p. 484, nota *a*). A espécie não figura, todavia, entre as obtidas na Baía pelos modernos colecionadores, nem se têm, no que respeita aos exemplares atribuidos a esse estado, indicações precisas de localidades. Daí as dúvidas formuladas por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., Nº 1.126, p. 3) quanto à sua verdadeira pátria típica.

(2) *Leptopogon superciliaris* TSCHUDI, 1844, Arch. f. Naturges., X, pte. I, p. 275: Perú.

Distribuição. — Norte da República Argentina (Jujuy, Chaco, Misiones), Paraguay (Assunción, Alto Paraná, Puerto Bertoni, Sapucay), leste da Bolívia (dept. de Santa Cruz e Sara, Vermejo), Brasil centro-meridional e oriental: Mato Grosso (Chapada, Barão de Melgaço, Corumbá, Urucúm, Salobra), Goiaz (rio das Almas, Santo Antônio), sul do Maranhão (Tranqueira), Pernambuco, Baía (Bonfim), Minas Gerais (Sete Lagoas, Agua Suja, rio Doce, rio Piracicaba, São José da Lagoa), Espírito Santo (Porto Cachoeiro, Pau Gigante, Chaves, Santa Maria, Santa Cruz), Rio de Janeiro (Angra dos Reis, ilha Grande), S. Paulo (Piquete, Itatiba, Ubatuba, S. Sebastião, Cubatão, Alto da Serra, Iguape, Itararé, Salto Grande, Vitória, Avanhandava, Ituverava, Macaúbas, Valparaizo, Itapura, Porto Cabral), Paraná (Jacarèzinho, rio Ivaí, Invernadinha, Vermelho, Salto de Guaira, Terezina, Cândido de Abreu). Santa Catarina (Blumenau).

PARAGUAY

Puerto Bertoni: sexo ?, BERTONI (1904).

BRASIL

Baía

Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, maio (1908).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): 2 ♂♂, GARBE, novembro (1905).

Pau Gigante: ♂ juv., GENTIL DUTRA, outubro 25 (1940).

Santa Cruz: ♂, GENTIL DUTRA, outubro 19 (1940).

Chaves (Sta. Leopoldina): sexo ?, OLALLA, agosto 28 (1942).

Rio de Janeiro

Ilha Grande: ♂, GARBE, setembro (1905); ♀, GARBE, agosto (1905).

Faz. Japuiba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 20 (1941).

Minas Gerais

Rio Doce: 2 ♂♂, OLALLA, agosto 28 e 29 (1940); ♂, W. GARBE, setembro 4 (1940); 4 ♀♀, OLALLA, agosto 28, setembro 5 e 6 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 6 (1940).

Barra do Piracicaba (rio Doce): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, agosto 28 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, outubro 1 e 5 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♂, HEMPEL (1898).

Iguape: sexo ?, R. KRONE (1898 ?)

Alto da Serra: ♀, HEMPEL, agosto 11 (1899).

Itatiba: 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, junho 17 (1902).

Itararé: 2 ♀♀, GARBE, julho e agosto (1903).

Avanhandava: [illegible], GARBE, novembro (1903).

Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904); 2 ♀♀, GARBE, agosto e setembro (1904).

Ubatuba: ♂, GARBE, junho (1905).

Ituverava: ♂, GARBE, maio (1911).

Cubatão: ♀, LIMA, julho 19 (1923).
Valparaizo: ♂, JOSÉ LIMA, junho 19 (1931).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♀ ?, JOSÉ LIMA, abril 6 (1940).
Serra de Caraguatatuba: ♀, OLALLA, setembro 25 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♀, E. DENTE, outubro 14 (1941).

Paraná
Jacarèzinho: sexo ?, LIMA, março 24 (1901).

Goiaz
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 19 (1934).

Mato Grosso
Salobra: ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 24 (1939).

Leptopogon amaurocephalus peruvianus Sclater & Salvin [V, 488]

Leptopogon peruvianus SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 757: Chyavetas (leste do Perú).
Leptopogon amaurocephalus subsp. *peruviana* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 117.

Distribuição. — Norte da Bolívia (Todos os Santos, boca do rio San Antonio), leste do Perú (Nauta, Samiria, Chyavetas, Santa Rosa, La Merced, foz do Urubamba), sudeste da Colômbia (Villavicencio, El Guayabal), sul da Venezuela (monte Duida) e da Guiana Inglesa (monte Roraima, montes Merumé), Brasil oeste septentrional, ao sul do rio Solimões: alto rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz)[1].

BRASIL

Amazonas
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 30 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, novembro 4 (1936).

Gênero PIPROMORPHA Gray

Pipromorpha GRAY, 1855, Catal. Gen. and. Subgen. of Birds, p. 146. Tipo, por designação original, *Muscicapa oleaginea* LICHTENSTEIN.

Pipromorpha oleaginea oleaginea (Lichtenstein) [V, 497, pte.]

Muscicapa oleaginea LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 55: Baía.

(1) Dous exemplares do alto Juruá diferem à primeira vista dos de São Paulo e resto do Brasil; afora o verde mais carregado do dorso, a côr do píleo é neles muito mais escura, tal como descreve SCLATER no tipo da forma peruviana, e largamente o confirmam os modernos estudos de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.126, p. 6).

Mionectes[1] *oleagineus* SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 113, parte.
Mionectes oleaginus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 276, parte.

Distribuição. — Faixa costeira do Brasil oriental intermédio: Baía (Santo Amaro)[2], Espírito Santo (lagoa Juparanã, rio S. José, Pau Gigante).

BRASIL

Espírito Santo
Pau Gigante: ♂, GENTIL DUTRA, setembro 20 (1940).
Rio São José: ♀, OLALLA, setembro 22 (1942).

Pipromorpha oleaginea chloronota (Lafresnaye & d'Orbigny)

Muscicapa chloronotus LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, p. 51: Yuracares (Bolívia).
Mionectes oleaginus SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 112, parte.

Distribuição. — Norte da Bolívia (Yuracares, foz do rio San Antonio, Mission San Antonio, rio Espirito Santo), nordeste do Perú (baixo Marañon, Iquitos, Pebas[3], baixo Ucayali, Puerto Indiana), leste extremo do Equador (rio Suno, foz do Curaray e de Lagarto Cocha, San José), sudeste da Colômbia (rio Caquetá, rio Putumayo, Villavicencio, Florencia), Venezuela (rio Orenoco, Suapure, Nericagua, rio Cassiquiare, rio Base, rio Guainia, monte Duida, foz do rio Ocamo, rio Caura, La Prición, Nicare), Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões, até o noroeste de Mato Grosso: alto rio Negro (Barcelos, Tatú, monte Curicuriarí, Tabocal, Jucabí, Muirapinima, Santa Isabel, igarapé Cacau Pereira, São Gabriel, Ca-

---

(1) *Mionectes* CABANIS, 1844, Arch. f. Naturges., X, pte. 1a., p. 275. Tipo, por designação original, *Mionectes poliocephalus* TSCHUDI (Perú). O gênero é presentemente considerado extranho à ornitologia brasileira.

(2) Santo Amaro, cidade do Recôncavo da baía de Todos os Santos (proximo à foz do rio Sergi-Mirim), de onde o Field Museum de Chicago possúe dous exemplares referidos por HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., pte. V, p. 428), parece a única localidade precisa que a literatura registra no estado da Baía, onde a espécie todavia não deve ser rara, a julgar pelos numerosos espécimes de preparação comercial com o rotulo de "Bahia". Na coleção em estudo, a forma típica de *P. oleaginea*, é representada ùnicamente por uma ♀ de Pau Gigante (Espírito Santo), que me persuade das boas razões de ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.126, pags. 11-12) em separar racialmente as populações do Brasil oriental das da Amazônia.

(3) Pátria de *Pipromorpha oleaginea hauxwelli* CHUBB, 1919 (Ann. Magaz. Nat. Hist., Ser. 9.ª, IV, p. 302), que ZIMMER (op. cit., p. 12) considera boa raça, de par com *P. o. maynana* STOLZMANN, 1926, do baixo Huallaga (Yurimaguas).

manaus, Marabitanas), rio Branco (serra da Lua)[1], rio Solimões (Tefé, Manacapurú), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), alto rio Madeira (Calama, Humaitá), rio Gi-Paraná (Jamarizinho), rio Guaporé (Engenho do Gama), rio Roosevelt.

Brasil

Amazonas

Rio Juruá: ♀, Garbe, novembro (1902).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, Olalla, novembro 4 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, Olalla, janeiro 26 (1937); ♀, Olalla, fevereiro 4 (1937).

Pipromorpha oleaginea wallacei Chubb[2]

Supí.

Pipromorpha oleaginea wallacei Chubb, 1919, Ann. Magaz. Nat. Hist., 9ª Ser., IV, p. 301: "Pará" (= Belém do Pará).

Mionectes oleagineus Sclater (*nec* Lichtenstein), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 112, parte; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 413, parte.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Camacusa, Potaro Landing, Tumatumari, Rockstone, Wismar), Holandesa (Paramaribo, Lelydorp, Wanica) e Francesa (Cayenne, Mana, Pied Saut, Roche Marie), Brasil septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas: baixo rio Negro (Manaus, Campos Sales), Silves, rio Anibá, rio Jamundá (Faro), Óbidos, rio Jarí, baixo Madeira (igarapé Auará, Rosarinho, lago do Miguel), Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Diamantina, Aramanaí, igarapé Brabo, igarapé Amorim, Boim, Caxiricatuba), rio Xingú (Porto de Moz, Tapará), rio Tocantins (Arumateua, Mocajuba), ilha Mexiana, rio Guamá (Ourém), rio Capim (Resaca) e todo distrito de leste do Pará (Belém, Santo Antonio do Prata, Utinga, Providência, Mocajatuba, Benevides), norte do Maranhão (São Luiz).

Brasil

Amazonas

Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, Olalla, junho 27 e 29 (1937).

---

(1) É possível que as aves do rio Branco, bem como o exemplar de Manacapurú citado por Todd (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIV, 1921, p. 85) pertençam à raça baixo-amazônica, como definida por Zimmer.

(2) Na coleção em estudo evidenciam-se as diferenças apontadas por Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1.126, p. 12) nas aves do baixo Amazonas, justificando satisfatoriamente a sua separação em raça particular, sob a denominação proposta por Chubb.

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂♂, OLALLA, abril 15 (1937); ♀, OLALLA, abril 20 (1937); sexo ?, OLALLA, abril 16 (1937).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, GARBE, dezembro (1920)

Pipromorpha macconnelli[1] macconnelli Chubb [V, 500]

Pipromorpha oleaginea macconnelli CHUBB, 1919, Ann. Magaz. Nat. Hist., 9ª Ser., IV, p. 303; Camacabra Creek (Guiana Inglesa).

Mionectes oleagineus b. Subsp. *typica* SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 112, parte.

Distribuição. — Guiana Inglesa (rio Demerara, rio Essequibo, Camacusa, Kamacabra Creek, Potaro Landing, Tumatumari, Rockstone)[2], Guiana Francesa (rio Approuague, Ipousin, Tamanoir, Mana, Pied Saut) e região adjacente do extremo norte do Brasil (alto Rocana).

Pipromorpha macconnelli amazona Todd [V, 501]

Pipromorpha macconnelli amazona TODD, 1921, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIV, p. 179: Buenavista (perto de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia).

Mionectes oleagineus SNETHLAGE (nec LICHTENSTEIN), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 413, parte.

Distribuição. — Norte e centro da Bolívia (Buenavista, rio Surutu, Cerro Hosane), Brasil oeste septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: Itacoatiara, rio Anibá, rio Jamundá (Faro), Óbidos[3], baixo rio Madeira (Borba)[4], Parintins, rio

---

(1) A W. E. CLYDE TODD, em sua magistral monografia do gênero *Pipromorpha* (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIV, 1921, p. 173), coube caracterizar de modo preciso as formas do grupo *macconnelli*, até então frequentemente confundidas com as do *oleaginea*, extremamente semelhantes, e de análoga distribuição geográfica.

(2) Na região montanhosa do sul da Venezuela (monte Duida) e nos extremos confins com a Guiana Inglesa (Roraima, montes Merumé), vive *P. macconnelli roraimae* CHUBB, reconhecida como boa raça.

(3) Exemplares de Óbidos são arrolados como *P. m. macconnelli* por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 196); entretanto, como espécimes de Faro levaram recentemente ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.126, p. 15-16) a estender a área geográfica de *P. m. amazona* à margem septentrional do Amazonas, à forma boliviana são aqui referidos os exemplares daquela localidade, bem como os de Itacoatiara e igarapé Anibá, existentes em nossa coleção. De modo geral, as localidades mencionadas na distribuição baseiam-se na autoridade deste autor e no trabalho clássico de TODD.

(4) Exemplar de NATTERER arrolado por PELZELN (Orn. Bras., I, 104) sob *Mionectes oleagineus*, mas que HELLMAYR (Catal. Birds Amer., V, p. 501) verificou pertencer a *P. macconnelli amazona*, de que autopticamente não conheço exemplos topotípicos.

Tapajoz (Santarém, Colônia do Mojuí, Vila Braga, Limoal, Miritituba, Aveiro, igarapé Brabo, Caxiricatuba), rio Jamauchim (Santa Helena), rio Xingú (Porto de Moz, Vilarinho do Monte), rio Tocantins (Cametá, Arumateua, Mocajuba), rio Guamá (Ourém), e todo distrito este-paraense (Belém, Val de Cans, Anindeua, Providência, Prata, Benevides, Peixe-Boi).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 6 (1937); ♀, OLALLA, abril 1 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, abril 20 e 26 (1937); ♀, OLALLA, abril 18 (1937).

Pipromorpha rufiventris (Cabanis) [V, 502]

Mionectes rufiventris CABANIS, 1846, em TSCHUDI, Fauna Peruana, Aves, p. 148: "Brasilien" (como pátria típica sugiro o Rio de Janeiro); SCLATER, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 114; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 277.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Sapucay, Puerto Bertoni), Brasil este meridional: Espírito Santo (Braço do Sul, serra do Caparaó), Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Nova Friburgo, Cantagalo, Angra dos Reis, Registro do Saí), leste de Minas Gerais (rio Doce, rio Piracicaba, córrego do Pissarrão), São Paulo (serra de Bananal, Ubatuba, São Sebastião, Piassaguera, Juquiá, Iguape, Cananéia, altos do Ipiranga, Santo Amaro, Osasco, Mogí das Cruzes, rio Claro, Itatiba, Tietê, Salto Grande do Paranapanema, rio Paraná, Porto Cabral), Paraná (Curitiba, Castro, Vermelho, rio Ivaí, barra do rio do Peixe, Terezina), Santa Catarina, Rio Grande do Sul (Taquara, Pelotas).

BRASIL

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, junho 26 (1941); 5 ♀♀, JOSÉ LIMA, junho 17, 18, 21, 22 e 25 (1941).

Minas Gerais

Rio Doce: ♂, OLALLA, setembro 6 (1940).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, setembro 7 (1940); ♀, W. GARBE, setembro 6 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂♂, W. GARBE, setembro 27 e outubro 2 (1940); ♂, OLIV. PINTO, outubro 3 (1940); ♀, OLIV. PINTO, outubro 5 (1940).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. KRONE, outubro 8 (1896).

Tietê: ♀, H. PINDER, abril 17 (1897).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, agosto 3 (1898).
Osasco: ♀, LIMA, julho 12 (1899).
Itatiba: 3 ♂ ♂, LIMA, julho 14 (1900), junho 19 e 20 (1902).
Ubatuba: 3 ♂ ♂, GARBE, março e maio (1905).
Piassaguera: sexo ?, GARBE, abril (1914).
Santo Amaro: ♀, JOSÉ LIMA, junho 12 (1932).
Mogí das Cruzes: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, março 19 (1933).
Tabatinguara (Cananéia): ♀, CAMARGO, setembro 28 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 13 e 17 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, maio 21 (1940); 5 sexos ?, OLALLA, maio 14, 15, 16 e 18 (1940).
Rio Claro (serra de Cubatão): ♀, OLIV. PINTO, maio 22 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♀, OLALLA, agosto 26 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, outubro 7 e 22, novembro 3 (1941).

Paraná
Castro: 2 ♂ ♂, GARBE, maio (1907 e 1914).

Família OXYRUNCIDAE

Gênero OXYRUNCUS Temminck

Oxyruncus TEMMINCK, 1820, Anal. Syst. Géner. d'Orn., em Man. d'Ornithol., 2ª ed., I, p. LXXX. Tipo, por virtual monotipia, *Oxyrhynchus cristatus* SWAINSON[1].

Oxyruncus cristatus cristatus (Swainson) [VI, 1]

Oxyrhynchus cristatus SWAINSON, 1821, Zool. Illustr., I, Nº 9, pl. 49: "Brazil" (para pátria típica sugiro o Rio de Janeiro).
Oxyrhamphus[2] *flammiceps*[3] SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 281; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 296.

Distribuição. — Sudeste do Paraguay (Sapucay) e Brasil este-meridional: Espírito Santo (Pau Gigante), Rio de Janeiro (Nova Friburgo), sul de Minas Gerais (Mariana), São Paulo (Ubatuba, serra de Bananal, Iguape, Juquiá, Embura, serra do Cubatão, Vitória, Lins, Valparaizo, rio Paraná, Itapura), Santa Catarina (Blumenau).

---

(1) Ao definir o gênero, absteve-se TEMMINCK de dar nome à espécie única de que se compõe; fê-lo todavia pouco depois SWAINSON (Zool. Illustr., I, N.º 9, pl. 49, 1921), emendando para *Oxyrhynchus* a primitiva grafia, que ulteriormente experimentara ainda novas alterações, inaceitáveis às regras da nomenclatura.

(2) *Oxyrhamphus* STRICKLAND, 1841, Ann. Magaz. Nat. Hist., VI, p. 420 — nome novo para *Oxyrhynchus* TEMMINCK (= *Oxyrhynchus* SWAINSON), anteocupado por *Oxyrhynchus* LEACH, 1816, gênero de Crustáceos.

(3) *Oxyrhynchus flammiceps* TEMMINCK, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 125: "Brésil".

BRASIL

Espírito Santo

Pau Gigante: ♀, GARBE, fevereiro (1906).

Minas Gerais

Mariana: sexo ?, J. B. GODOY (1906).

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE, abril 2 (1898); ♀, R. KRONE (1898?).
Rio Grande (serra do Cubatão): ♂, LIMA, fevereiro 8 (1900).
Itapura: ♂, GARBE, agosto (1904).
Valparaizo: ♂, LIMA, julho 2 (1931).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 16 (1940); ♀, OLALLA, maio 20 (1940).
Embura: ♀, OLALLA, dezembro 19 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 27 (1941).
Lins: ♂, OLALLA, maio 26 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): [illegible], OLALLA, agosto 30 (1941).

Oxyruncus cristatus hypoglaucus (Salvin & Godman)

Oxyrhamphus hypoglaucus SALVIN & GODMAN, 1883, Ibis, 5.ª Ser., I, p. 266: Roraima e monte Merumé (sul da Guiana Inglesa); SCLATER, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XIV, p. 282.

Distribuição. — Sul da Guiana Inglesa (montes Merumé, monte Roraima) e, provàvelmente, região adjacente do extremo norte do Brasil, até a margem direita do estuário do Amazonas: região de Belém do Pará (Val de Cans)[1].

Subordem PASSERES

Família HIRUNDINIDAE[2]

Gênero PROGNE Boie

Progne BOIE, 1826, Isis, col. 971. Tipo, por monotipia virtual, *Hirundo purpurea* LINNAEUS (= *Hirundo subis* LINNAEUS).

Progne subis subis (Linnaeus) [VIII, 11]

Hirundo subis LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., ed. 10a., I, p. 192, com base em "The Great American Martin" de EDWARDS): Baia de Hudson (Canadá).

---

(1) Um ♂ e uma ♀ registrados por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 296).

(2) Cf. E. MAYR & J. BOND em seu recente estudo sobre a sistemática da família (Ibis, 1943, pp. 334-341).

Progne purpurea SHARPE[1], 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 173 e 632, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 340.
Progne subis SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 471.

Distribuição. — América Septentrional, desde o Canadá (Alaska, Colômbia, Alberta, Saskatchewan, Manitoba, noroeste de Ontario, New Brunswick) e os Estados Unidos (Illinois, Massachusetts, Wisconsin, California, Texas, Florida) até o norte do México (Chihuahua, Yucatan), de onde, durante o inverno boreal, emigra através do golfo do México e Antilhas (raramente América Central), para o norte da América Septentrional (vale do rio Caura, montes Takutu), até o norte e o leste do Brasil: rio Amazonas (Manaquerí, Itacoatiara, Manaus), rio Jamundá (Faro, Cussarí), rio Tapajoz (ilha Goiana), Baía (Joazeiro), Espírito Santo (Guaraparí), São Paulo (Iguape)[2].

BRASIL

Amazonas
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, março 10 (1937).
Baía
"Bahia": ♂ (compr. de SCHLÜTER, 1895?).
Espírito Santo
Guaraparí: ♂, OLALLA, outubro 19 (1942).

Progne chalybea chalybea (Gmelin) [VIII, 16]

Andorinha grande

Hirundo chalybea GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 1026 (com base em "L'Hirondelle de Cayenne" de BRISSON e em DAUBENTON, Pl. enlum. 545, fig. 2): Cayenne (Guiana Francesa).
Progne chalybea SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 178 e 633; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 340, pte.; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 471, pte.

Distribuição. — América Septentrional e Meridional, desde o sul dos Estados Unidos (Texas) e o México (Tamaulipas, Vera Cruz, Oaxaca, Chiapas, Yucatan), através da América Central (Guatemala, Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Panamá), até a Colômbia (rio Magdalena, Santa Marta, Caquetá), a Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, ilha Margarita), as Guianas (Bartica, Paramaribo, Cayenne), Equador (Bucay, Santa Elena), leste do Perú (Xeberos, Chamicuros, Chyavetas, Yuri-

(1) *Hirundo purpurea* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12a., p. 344 (com base em "Purple Martin" de CATESBY): Virginia e Carolina.
(2) IHERING (Rev. Mus. Paul., V, 1902, p. 264) refere um exemplar no museu do Conde BERLEPSCH, colecionado por R. KRONE.

maguas, Moyobamba) e Brasil oeste-septentrional: rio Negro (Taracuá), rio Branco (Boa Vista, serra da Lua), Manacapurú, igarapé Anibá, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, Amapá, rio Juruá (João Pessoa, Santa Cruz), rio Purús (Cachoeira), rio Madeira (Calama), rio Tapajoz (ilha Goiana, Santarém, Piquiatuba), ilhas do delta Amazônico (Marajó, Mexiana), leste do Pará (Belém, rio Acará, Prata, rio Inhangapí, Utinga, Ourém), norte do Maranhão e norte extremo de Mato Grosso (Utiaritî)[1].

Brasil

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, Camargo, agosto 26 (1936).

Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♀, Camargo, dezembro 1 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, Olalla, abril 22 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, Olalla, março 8 e maio 31 (1937); 3 ♀ ♀, Olalla, março 8 e 12, abril 5 (1937).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, Olalla, novembro 14 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, Olalla, janeiro 31 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 2 ♂ ♂, Olalla, maio 25 e 28 (1937); 3 ♀ ♀, Olalla, maio 26, 27 e 28 (1937).

Pará

Belém (Capital): 2 ♂ ♂, F. Q. Lima, abril 26 (1923) e março 21 (1924); ♀, F. Q. Lima, abril 25 (1923); ♀ ?, F. Q. Lima, março 21 (1924).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, Olalla, julho 5 (1936).

Progne chalybea domestica (Vieillot) [VIII. 19]

Andorinha grande

Hirundo domestica Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 520 (com base em Azara, N.º 300, "Golondrina domestica"): Paraguay.

Progne domestica Sharpe, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 177 e 633.

---

(1) Os exemplares caçados em Utiariti (rio Papagaio, afl. do Juruena), segundo o testemunho de E. Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 316) pertencem à forma típica, o mesmo asseverando Hellmayr (Cat. Bds. Amers., parte VIII, p. 19), com respeito aos do norte do Maranhão (ubi?). Não obstante, como advertem Griscom & Greenway (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 297), que referem a *P. c. domestica* um ♂ do rio Acará, as aves do este paraense (e conseguintemente, tambem as do Maranhão), ocupam, de ordinário, posição nitidamente intermediária.

Progne chalybea domestica IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 340.

Distribuição. — América Meridional, desde o norte da Argentina (Entre Ríos, Formosa, Corrientes, Buenos Aires, Tucumán, Cordoba, Mendoza), o Uruguay (Montevideo, Paysandú, Maldonado, rio Negro) e o Paraguay (Alto Paraná, rio Pilcomayo, Puerto Pinasco, Colonia Risso, Lambaré), até o leste da Bolívia (Guarayos, Santa Cruz, Chiquitos) e todo Brasil meridional e oriental: Piauí (Parnaguá), Pernambuco (Pau d'Alho), Baía (Joazeiro), Espírito Santo (Pau Gigante, rio S. José, Chaves), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, Marambaia), São Paulo (Iguape, Cananéia, Poço Grande, São Sebastião, Jundiaí, Una, Ipanema, Monte Alegre, Piracicaba, Salto Grande, Jaboticabal, Vanuire, Icatú), Paraná (Jacarèzinho, Vera Guaraní), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Pedras Brancas, Porto Alegre, Poço das Antas), Mato Grosso (Paredão, Corumbá, Chapada, Poconé, Piraputanga), Goiaz (rio Araguaia, Inhumas), Minas Gerais (Vargem Alegre, baixo Piracicaba).

BRASIL

Baía

"Bahia": sexo ?, G. SCHNEIDER (1876).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♀, L. C. FERREIRA, agosto 14 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 28 (1942).
Rio São José: 2 ♂♂, OLALLA, setembro 20 e 22 (1942).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo?, J. B. GODOY (1900).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 3 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♂, H. PINDER, outubro 4 (1896).
Jundiaí: sexo ?, SCHROTTKY, setembro 16 (1899).
Jaboticabal: 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, setembro 24 (1900).
Icatú: 2 ♂♂, LIMA, julho 13 e agosto 23 (1928).
Vanuire: ♂, LIMA, agosto 23 (1928).
Tabatinguara (Cananéia): 2 ♂♂, CAMARGO, setembro 29 e 30 (1934); ♂ juv., CAMARGO, setembro 26 (1934).
Una: ♀, JOSÉ LIMA, março 11 (1937).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, maio 13 (1940).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, E. DENTE, outubro 6 (1941); ♀, E. DENTE, outubro 25 (1941).
Monte Alegre: 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 12 (1943).

Paraná

Jacarèzinho: ♂, EHRHARDT, março 20 (1901).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, OLIV. PINTO, outubro 28 (1934).

Faz. Transwaal (rio Claro): 3 ♀ ♀, W. GARBE, setembro 16 (1941).

Mato Grosso

Córrego do Paredão (rio Paraná): ♀, OLIV. PINTO, novembro 8 (1939).

Gênero **PHAEOPROGNE** Baird

Phaeoprogne BAIRD, 1865, Rev. Amer. Bds., I, p. 283. Tipo, por designação subsequente de SHARPE (1885)[1], *Hirundo tapera* LINNAEUS.

Phaeoprogne tapera tapera (Linnaeus) [VIII, 25]

Andorinha, Uirirí (Amaz.).

Hirundo tapera LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 345 (baseada essencialmente em "Tapera brasiliensibus" de MARCGRAVE)[2]: nordeste do Brasil (pátria típica restr. Pernambuco).

Progne tapera SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, págs. 180 e 633, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 340, pte.; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 471, pte.

Distribuição. — Colômbia (Bogotá, vale do Magdalena), Venezuela (Mérida, Puerto Cabello, rio Orenoco, rio Caura), Guiana Inglesa (Georgetown, rio Essequibo, rio Ituribisci), Guiana Francesa (Oyapock, Cayenne), Equador (Chimbo, Duran), Perú (Iquitos, rio Ucayali, Xeberos), Brasil ocidental e septentrional: rio Negro (Manaus), rio Juruá (João Pessoa, Santa Cruz), rio Purús (Cachoeira), rio Madeira (Aliança), Monte Alegre, Cunaní, rio Maicurú, rio Tapajoz (Santarém, Vila Braga, Caxiricatuba, Miritituba), ilha de Marajó (Pindobal), rio Capim, Belém, Quatipurú, Pernambuco (Recife, Pau d'Alho), Baía[3] (Joazeiro, cidade da Barra).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 7 ♂ ♂, OLALLA, outubro 23 e 29, novembro 19, 25 e 30 (1936); 6 ♀ ♀, OLALLA, novembro 5, 14, 28 e 30 (1936); sexo ?, OLALLA, outubro 24 (1936).

---

(1) Cf. BOWDLER SHARPE, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 172 (1885).

(2) Com BERLEPSCH & HARTERT (Novit. Zool., IX, p. 14, 1902) os autores são pràticamente unânimes em reconhecer em *Tapera* de MARCGRAVE a base principal da espécie lineana. V. sobre o assunto J. Cl. TODD, Auk, XLVI, p. 188 (1929) e HELLMAYR, Catal. Bds. Amers., VIII, p. 25, nota 1 (1935).

(3) Pátria de *Hirundo pascuum* WIED, 1830 (Beitr. Naturges. Brasil., III, (1), p. 360), cujo tipo não mais existe.

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, Olalla, dezembro 31 (1936).

Pará

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 1 ♀ e 1 sexo?, Olalla, dezembro 18 (1936).

Baia

Cidade da Barra: ♂, Garbe, fevereiro (1908); ♀, Garbe, janeiro (1908).

Phaeoprogne tapera fusca (Vieillot) [VIII, 27]

Taperá, Andorinha do campo, Chabó (Araraquara).

Hirundo fusca Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 510 (com base em Azara, N.º 301, "Golondrina parda"): Paraguay.

Progne tapera Sharpe, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 180 e 633, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 340, parte.

Distribuição[1]. — Como ave de imigração ocorre ao lado da precedente na Colômbia (Turbaco, perto de Cartagena), na Venezuela (El Trompillo, Guachi), nas Guianas (Georgetown), na Amazônia (alto rio Negro, Marabitanas) e norte do Brasil (São Bento, no norte do Maranhão),[2] nidificando porem só a partir de latitude mais meridional, no leste da Bolívia (Chiquitos), Paraguay (Forte Wheeler), Uruguay (Paysandú), República Argentina (Formosa, Corrientes, Buenos Aires, Tucumán, Salta, Cordoba), sul e centro do Brasil: Espírito Santo (Guaraparí), Rio de Janeiro, Minas Gerais (baixo Piracicaba, São José da Lagoa, Vargem Alegre), Goiaz (Jaraguá, Porto do Araguaia), Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, São Lourenço, Uacurizal, Corumbá, Urucúm, Descalvados), São Paulo (Santa

---

(1) Sobre os caracteres das raças de *Progne tapera* cf. C. E. Hellmayr, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 265 (1929).

A discriminação do domínio geográfico das duas raças hoje admitidas em *Progne tapera* é sobremodo dificultada pelas diferenças muito tênues que caracterizam as duas formas (o tamanho maior, em média, parece ser a melhor característica da raça sulina), sujeitas a variações individuais bastante acentuadas e frequentes, e muito particularmente pelos movimentos migratórios, em que ambas transpõem os limites da área em que residem e nidificam, espalhando-se mais ou menos extensamente pela de sua similar. As notificações da forma típica no Equador (excetuada talvez a porção oeste meridional) e no leste do Perú devem ser atribuidas a esse fenômeno, que explica, por sua vez, a frequente ocorrência da raça meridional na Amazônia e nos paises que ao norte lhe ficam adjacentes.

(2) O exemplar de S. Bento, uma ♀ ad. col. em 28 de agosto por H. Snethlage, com 127 mils. de asa, depois de ter sido pelo Dr. Hellmayr (op. cit.) referida à forma típica, passou ulteriormente a ser arrolada pelo mesmo autor (Cat. Bds. Americ., VIII, p. 29, 1935) sob a raça *P. t. fusca*.

Rita do Passa Quatro, Piracicaba, Caconde, Araraquara), Paraná (Curitiba), Rio Grande do Sul (Taquara).

ARGENTINA
Punta de Lara (Prov. de Buenos Aires): ♀, C. BRUCH, novembro 16 (1895).

BRASIL
Espírito Santo
Guaraparí: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, outubro 15 (1942).
Rio de Janeiro
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, setembro 11 e 13 (1941).
Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♂, OLALLA, setembro 7 (1941).
Minas Gerais
Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, OLIV. PINTO, agosto 21 (1940); ♀, OLALLA, agosto 17 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, OLALLA, outubro 5 (1940).
São Paulo
Caconde: ♂, SCHROTTKY, maio 15 (1900).
Santa Rita do Passa Quatro: ♂ ?, JOSÉ LIMA, julho (1937).
Sacomã (cid. de S. Paulo): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 25 (1940).
Goiaz
Tomé Pintò (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, W. GARBE, agosto 28 (1934).

Gênero STELGIDOPTERYX Baird

Stelgidopteryx BAIRD, 1858, em BAIRD, CASSIN & LAWRENCE, Rep. Expl. Surv. Rail-Road Pacific, IX, p. 312. Tipo, por monotipia, *Hirundo serripennis* AUDUBON[1].

Stelgidopteryx ruficollis ruficollis (Vieillot) [VIII, 38]

Andorinha, Uirirí (Amaz.).

Hirundo ruficollis VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 523: Brésil (=cidade do Rio de Janeiro, ou circunjacências, col. DELALANDE).
Stelgidopteryx ruficollis SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 208 e 636, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 342, pte.; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 472.

Distribuição. — Norte da Argentina (Formosa, Jujuí, Salta, Corrientes, Entre Rios, Misiones), Paraguay (Apa, Puerto Sastre), leste da Bolívia (Yuyo), do Perú (Iquitos, rio Ucayali, Yurimaguas, Carabaya, Chanchamayo, Urubamba, Cosnipata, Monterico) e do Equador (rio Zamora, rio Napo, rio Suno), sudeste da Colômbia (Caquetá) e, aparentemente, todo

(1) *Hirundo serripennis* (AUDUBON, 1838, Orn. Biog., IV, p. 593): Charleston (Carolina do Sul, Estados Unidos). Considerada hoje forma de *Stelg. ruficollis* (VIEILL.).

Brasil[1]: rio Amazonas (Manacapurú, Itacoatiara), rio Juruá (João Pessoa, Santa Cruz), rio Madeira (Calama), rio Tapajoz (Boim, Santarém), rio Jamauchim (Conceição), rio Xingú (Vitória), leste do Pará (rio Capim, Val de Cans, Utinga, Peixe-Boi, Benevides, Maguarí, Apeú), Maranhão (Turiassú, Tranqueira), Piauí (Gilboez), Paraíba, Pernambuco (Macuca, Recife, Beberibe, Itamaracá), Baía (São Marcelo, lagoa do Boqueirão, Boa Vista, ilha de Madre Deus, Curupeba, ilha Cachoeirinha[2], cachoeira Grande do Jucurucú), Espírito Santo (Pau Gigante, rio S. José, Chaves), Rio de Janeiro (Cantagalo, Itatiaia), Minas Gerais (São José da Lagoa, baixo Piracicaba, Vargem Alegre, Lagoa Santa), São Paulo (Iguape, Cananéia, São Sebastião, Embura, Cachoeira, Piquete, Jundiaí, Monte Alegre, Itú, Ipanema, Casa Pintada), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Linha Pirajá, Pedras Brancas), Mato Grosso (Cuiabá, Caiçara, Tapirapoã, Coxim, Piraputanga, Descalvados), Goiaz (cid. de Goiaz, Jaraguá, córrego da Formiga).

---

(1) Distribuidas pela porção mais septentrional da América são reconhecidas várias raças, cuja ocorrencia no Brasil, pelo menos acidentalmente é assaz provável, como emigrantes.

Stelgidopteryx ruficollis uropygialis (LAWRENCE, 1863): Panamá (loc. típica), oeste da Colômbia, do Equador e do Perú.

Stelgidopteryx ruficollis aequalis BANGS, 1901: Santa Marta (loc. típica), leste da Colômbia, norte da Venezuela.

Stelgidopteryx ruficollis cacabatus BANGS & PENARD, 1918: Paramaribo (loc. típica), Surinam, Guiana Francesa.

É dos mais confusos e intricados o problema das raças geograficas de *Stelgidopteryx ruficollis*, a cuja forma típica, à falta de material extra brasileiro, refiro todos os exemplares em estudo. Os do Brasil meridional e oriental, desde São Paulo ao baixo Amazonas (Santarém), concordam satisfatòriamente de modo geral com os caracteres atribuidos à dita raça. Os de Itacoatiara, na margem septentrional do Amazonas, à semelhança de um ♂ de Manacapurú (N.º 16.749), têm quase todos a garganta ruivo-clara e o uropigio francamente mais descorado do que o dorso, concordando deste modo com o que se descreve em *Stelgidopteryx ruficollis aequalis* BANGS, da Colômbia e paises adjacentes. Tais diferenças todavia às vezes se observam nas populações do Brasil oriental e central, como apreciàvelmente o atestam um ♂ de Itamaracá (N.º 18.226), outro do rio das Almas (15.355) e uma ♀ de Rondonópolis (17.418), enquanto, por outro lado, dois dos exemplares de Itacoatiara (N.ºs. 18.833 e 18.884), divergem dos da mesma procedência pela côr ferrugínea da garganta, sugerindo tratar-se de *St. ruf. uropygialis* (LAWRENCE), cuja ocorrência no Brasil é todavia impugnada por HELLMAYR (Novit. Zool., XIII, 1906, p. 13; Catal. Bds. Americas, VIII, 1935, p. 40, nota 1). A série de João Pessoa (alto Juruá), destaca-se pelo colorido escuro do dorso, lembrando os caracteristicos de *Stelgidopteryx ruficollis cacabatus* BANGS & PENARD, raça a que HELLMAYR dubitativamente refere um exemplar do rio Maicurú (margem esquerda do baixo Amazonas), mencionado por SNETHLAGE (Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 472).

(2) Pequena ilha do rio Belmonte e pátria típica de *Hirundo jugularis* WIED, 1820 (Reise nach Brasilien, I, p. 345, ed. in-8 vo.).

Brasil

Amazonas

Membeca (rio Manacapurú): ♂, Camargo, setembro 10 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂ ♂, Olalla, fevereiro 12, março 8 e abril 6 (1937); 4 ♀ ♀, Olalla, março 1, 5 e 11 (1937); sexo ?, Olalla, março 8 (1937).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, Olalla, outubro 16 (1936), fevereiro 1 e 6 (1937); 2 ♀ ♀, Olalla, dezembro 21 e 26 (1936); 2 sexos ?, Olalla, dezembro 9 (1936) e janeiro 26 (1937).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, Olalla, novembro 3 (1936).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, Olalla, junho 21 (1934).

Pernambuco

Itamaracá: ♂, Oliv. Pinto, janeiro 4 (1939).

Baía

Ilha de Madre de Deus (Recôncavo): ♂, W. Garbe, janeiro 28 (1933).

Curupeba: sexo ?, W. Garbe, fevereiro 23 (1933).

Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♀, W. Garbe, março 29 (1933).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂ juv., E. G. Holt, agosto 26 (1940).

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, Olalla, agosto 26 e 31 (1942); ♀, Oliv. Pinto, agosto 26 (1942).

Rio São José: ♀, Olalla, setembro 15 (1942).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♀, Olalla, setembro 11 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. Godoy (1900).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, Olalla, agosto 20 (1940); ♀, W. Garbe, setembro 2 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e 1 ♀, Oliv. Pinto, outubro 1 (1940).

São Paulo

Piquete: ♂ juv., J. Zech, janeiro 7 (1897).

Iguape: sexo ?, R. Krone (1898 ?).

Cachoeira: ♂, H. Pinder, agosto 11 (1898).

Jundiaí: 1 ♂ e 1 ♀, Schrottky, setembro 18 (1900).

Itatiba: ♀, José Lima, setembro 22 (1933).

Tabatinguara (Cananéia): ♀, Camargo, setembro 26 (1934).

Embura: ♂, Olalla, dezembro 20 (1940).

Monte Alegre: 2 ♂ ♂, José Lima, novembro 26 (1942) e janeiro 27 (1943).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂ ?, Oliv. Pinto, setembro 12 (1934); ♀, W. Garbe, setembro 10 (1934).

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, Oliv. Pinto, outubro 5 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaiba): ♂, José Lima, novembro 19 (1934); ♀, W. Garbe, novembro 15 (1934).

Mato Grosso
Aquidauana: ♂, LIMA, agosto 2 (1931).
Sant'Ana do Paranaíba: ♀ ?, OLIV. PINTO, agosto 25 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): sexo ?, OLIV. PINTO, agosto 15 (1937).
Rondonópolis: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 26 (1937).

Gênero ALOPOCHELIDON Ridgway

Alopochelidon RIDGWAY, 1903, Proc. Biol. Soc. Wash., XVI, p. 106. Tipo, por designação original, *Hirundo fucata* TEMMINCK.

Alopochelidon fucata (Temminck) [VIII, 48]

Hirundo fucata TEMMINCK, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 161, fig. 1: "Brésil" (como pátria típica sugiro os arredores da cid. de São Paulo).
Atticora fucata SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 188 e 635.
Alopochelidon fucatus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 342.

Distribuição. — República Argentina (Formosa, Corrientes, Salta, Tucumán, Cordoba, Mendoza), Uruguay, Paraguay (Bernalcué, Mortero, Chaco), Bolívia (Caiza), Perú (Urubamba), Venezuela (Cumaná), Guiana Inglesa (montes Roraima)[1], Brasil meridional: Minas Gerais (Paracatú, Lagoa Santa, Maria da Fé), São Paulo (Ipiranga, São Bernardo, Itatiba, Mogí das Cruzes, Piracicaba, Franca, Una, Ipanema, Itapetininga), Rio Grande do Sul (Taquara).

ARGENTINA
Concepcion (Tucumán): ♀, perm. Mus. Nac. Hist. Nat., outubro 16 (1926).

BRASIL
Minas Gerais
Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): ♀, OLIV. PINTO, janeiro 8 (1936).
São Paulo
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂ juv., TSCHEMPERLI, maio 1 (1900).
São Bernardo: ♂, LIMA, julho 13 (1902).
Franca: ♂, DREHER, julho 16 (1902).
Serra da Bocaina: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto 8 (1909).
Itapetininga: ♂, LIMA, julho 27 (1926); ♀, LIMA, agosto 1 (1926); ♀, BICEGO, janeiro (1897).
Itatiba: ♂, LIMA, abril 20 (1927).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, março 24 (1933).
Una: 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, março 10 e 14 (1937).
Mato Grosso
Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho 14 (1931).

(1) É muito provável que na Guiana e mais paises do norte da América Meridional só ocorra como emigrante do sul.

Gênero NEOCHELIDON Sclater

Neochelidon SCLATER, 1862, Cat. Coll. Amer. Birds, p. XVI, nome novo, em lugar de *Microchelidon* SCLATER, 1862 (*nec* REICHENBACH, 1853), op. cit., p. 39. Tipo, por monotipia, *Petrochelidon tibialis* CASSIN.

Neochelidon tibialis tibialis (Cassin) [VIII, 50]

Petrochelidon (?) *tibialis* CASSIN, 1853, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., VI, p. 370: local. ignorada (arredores do Rio de Janeiro, pátria típica, por sugestão de HELLMAYR)[1].

Atticora tibialis SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pag. 185, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 341, pte.

Distribuição. — Sudeste do Brasil: Espírito Santo (Santa Leopoldina), Rio de Janeiro (Cantagalo)[2].

BRASIL

Espírito Santo

Chaves(Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 26 (1942).

Neochelidon tibialis griseiventris Chapman [VIII, 51]

Neochelidon griseiventris CHAPMAN, 1924, Amer. Mus. Novit., N.º 138, p. 9: Candamo (sudeste do Perú).

Atticora tibialis SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 185, parte.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá"), do Equador (Zamora) e do Perú (Cosnipata, La Gloria, Marcapata), Brasil oeste-amazônico (alto rio Juruá)[3].

Gênero PYGOCHELIDON Baird

Pygochelidon BAIRD, 1865, Rev. Amer. Birds, I, p. 308. Tipo, por designação original, *Hirundo cyanoleuca* VIEILLOT.

---

(1) Catal. Bds. Americas, pte. VIII, p. 50 (1935), texto e nota 2.

(2) A forma típica de *N. tibialis* parece ave singularmente rara, em confronto com as duas raças que a representam no extremo noroeste da América Meridional. EULER, a quem se deve a sua notificação em Cantagalo, aduz observações extremamente interessantes sobre a sua biologia (cf. H. IHERING, Rev. Mus. Paul., IV, 1900, p. 152). De outros exemplares referidos pela literatura e, — ao que parece — oriundos tambem do Rio de Janeiro, não se conhece a localidade precisa. Entretanto, em época absolutamente recente, foi por mim observada em abundância no lugar chamado Chaves, estado do Espírito Santo, a meia distância entre Santa Leopoldina e Santa Teresa.

(3) Cf. NILS GYLDENSTOLPE, Arkiv för Zoologi, XXXIII, N.º 12, pág. 2 (1941).

Pygochelidon cyanoleuca cyanoleuca (Vieillot) [VIII, 52]
Andorinha

Hirundo cyanoleuca VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 509 (com base em AZARA, N.º 303, "Golondrina timoneles negros"): Paraguay.

Atticora cyanoleuca SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 186 e 634, parte; SNETHLAGE, 1914, Bolet. Mus. Goeldi, VIII, p. 470.

Diplochelidon[1] *cyanoleucus* IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 341.

Distribuição. — Sul da América Central (Costa Rica, Panamá) e quase toda América Meridional cisandina, desde a Colômbia (Antioquia, vale do Cauca, "Bogotá"), ilha Trinidad, Venezuela (Sucre, Caracas, Puerto Cabello, Cumaná, La Guaira, Mérida, Monte Duida), Guiana Inglesa (Camacusa, Roraima), Equador (Quito, Guallaquiza, Chimbo, Pallatanga) e Perú (Amable Maria, Maranura, Huambo, La Merced, Chanchamayo, Huachipa, Huánuco), até a Bolívia (Cochabamba, Tilotillo, Yungas, Riobamba), Paraguay (alto Paraguai), Uruguay (Maldonado, Lazcano) e o extremo noroeste da Argentina (Tucumán), inclusive quase todo Brasil oriental e meridional: leste do Pará (Benevides), Piauí (rio Parnaíba, Parnaguá, Xingú), Paraíba, Pernambuco, Baía[2], Espírito Santo (Vitória, Chaves), Rio de Janeiro (cid. do Rio de Janeiro, ilha Grande, Petrópolis, Terezópolis, Nova Friburgo, Cantagalo, Itatiaia), São Paulo (Iguape, São Sebastião, Ipiranga, Una, Cachoeira, Ipanema, Monte Alegre), Paraná (Cândido de Abreu, Faz. Ferreira, serra do Mar), Rio Grande do Sul (Taquara, Torres), Minas Gerais (Vargem Alegre, Maria da Fé, São José da Lagoa, rio das Velhas, Lagoa Santa, Congonhas), Mato Grosso (Chapada).

COLOMBIA

Cauca: ♀, W. B. RICHARDSON, março 30 (1911).
Antioquia: ♂, MILLER & BOYLE, novembro 27 (1914).

BRASIL

Espírito Santo
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, setembro 5 (1942).

Rio de Janeiro
Ilha Grande: sexo ?, GARBE, agosto (1905).

Minas Gerais
Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).

---

(1) *Diplochelidon* RIDGWAY, 1903 (Proc. Biol. Soc. Wash., XVI, p. 106), tem como tipo, por designação original, *Hirundo melanoleuca* WIED, donde dever incluir-se na sinonímia de *Atticora* BOIE.

(2) Pátria típica de *Hirundo melampyga* LICHTENSTEIN, 1823 (Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 57), única referência com respeito ao estado.

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 16 (1936).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, setembro 28 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♂, H. PINDER, outubro 1 (1896); ♀, H. PINDER, setembro 20 (1896).
Cachoeira: ♀, LIMA, agosto 17 (1898).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 20 (1930); ♀, LIMA, julho 30 (1899); sexo ?, LIMA, agosto (1902).
Una: 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, março 10 e 11 (1937).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♀, OLALLA, agosto 25 (1941).
Monte Alegre: 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 31 (1942), janeiro 23 e fevereiro 7 (1943); ♀ juv., JOSÉ LIMA, janeiro 30 (1943).

Gênero ATTICORA Boie

Atticora BOIE, 1844, Isis, p. 172. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Hirundo fasciata* GMELIN.

Atticora fasciata (Gmelin) [VIII, 60]

Hirundo fasciata GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 1022 (base em "Hirondelle à ceinture blanche" de BUFFON e DAUBENTON, Pl. enlum. 724, fig. 2): Cayenne.
Atticora fasciata SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 183 e 634; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 340; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 470.

Distribuição. — Guiana Francesa (Cayenne), Guiana Inglesa (montes Merumé, rio Atapuraw, rio Caramang, Roraima), sul da Venezuela (vale do Caura[1], sudeste da Colômbia (Caquetá), leste do Equador (rio Napo, Sarayacu) e do Perú (rio Ucayali, Yurimaguas, Chachamayo, Urubamba), nordeste da Bolívia (dep. de La Paz), noroeste do Brasil: rio Negro (Lamalonga), norte do Pará (Cunaní), rio Branco (serra da Lua), rio Juruá (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), rio Gi-Paraná (Maruins), rio Guaporé (Três Barras), rio Roosevelt, distrito este-paraense (rio Capim).

VENEZUELA

Caura: ♂, perm. Mus. Rothschild (1907)

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 5 ♂ ♂, OLALLA, outubro 23 e 29, novembro 9 (1936); 4 ♀ ♀, OLALLA, outubro 22 e 29, novembro 23 e 25 (1936); sexo ?, OLALLA, novembro 28 (1936).

(1) A comparação de um ♂ da Venezuela (Caura), com a série de Santa Cruz (no rio Eirú, afluente da margem direita do alto Juruá) parece justificar a hipótese, aventada por HELLMAYR (Catal. Bds Amers., parte VIII, p. 61, nota 1), de constituirem as populações sul-amazônicas raça particular.

Atticora melanoleuca (Wied) [VIII, 61]

Hirundo melanoleuca WIED, 1820, Reise Bras., I, ed. in-8vo., p. 345: rio Belmonte (Baía).
Atticora melanoleuca SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 185; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 470.
Diplochelidon melanoleucus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Aves, p. 341.

Distribuição. — Sul e leste da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura), Guiana Inglesa (rio Mazaruni, rio Ireng, Ituribiscí, Arawaí), Brasil septentrional e central: rio Negro (Marabitanas, prox. de Tomar), rio Madeira (Salto Teotônio), rio Guaporé (Forte do Príncipe), rio Mamoré (cachoeira da Bananeira), rio Xingú, rio Jamauchim (Caí, Recreio), rio Tocantins (Arumateua), norte de Mato Grosso (rio Branco)[1], Goiaz (Borda do Mato do Paranaíba), Baía (rio Belmonte).

VENEZUELA

La Unión (rio Caura): ♂, E. ANDRÉ, dezembro 18 (1900).
La Prición (rio Caura): ♂, E. ANDRÉ, fevereiro 2 (1901).

Gênero RIPARIA Forster

Riparia FORSTER, 1817, Syn. Cat. Brit. Birds, p. 17. Tipo, por monotipia, *Riparia europaea* FORSTER (= *Hirundo riparia* LINNAEUS).

Riparia riparia riparia (Linnaeus) [VIII, 63]

Hirundo riparia LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 192: "*in Europae collibus arenosis abruptis*"... (pátria típica restr. a Suécia).
Cotyle[2] *riparia* SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 96
Riparia riparia IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 339.
Cotile riparia SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 469.

Distribuição. — Área de procriação nas regiões temperadas e frias septentrionais do Velho e do Novo Continente, neste último desde o Território de Alaska até o sul dos Estados Unidos (Texas, Arizona, Califórnia), de onde no inverno emigra para o sul, através do México, América Central e Antilhas (Cuba, Jamaica, Haití, Porto Rico), até a Colômbia (Cali), Venezuela. (Zulia), Guiana Inglesa (Bartica Grove), Perú (Nauta), República Argentina (Tucumán) e Brasil: rio Negro

(1) Afluente da margem esquerda do alto rio Roosevelt.
(2) *Cotile* BOIE, 1822, Isis, p. 550. Tipo, por monotipia, *C. riparia* (= *Hirundo riparia* LINN.). *Cotyle* BOIE, 1826 (Isis, p. 971), é simples emenda.

(Marabitanas), baixo Amazonas (Óbidos, lago Jauarí), Mato Grosso (Tapirapoã, Caiçara), Baía (Joazeiro)[1].

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
California: sexo ? (compr. de ROSENBERG, 1905).

BRASIL
Baía
Joazeiro: 4 ♂ ♂, GARBE, dezembro (1907).

Gênero HIRUNDO Linnaeus

Hirundo LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 191. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Hirundo rustica* LINNAEUS.

Hirundo rustica[2] erythrogaster Boddaert [VIII, 65]

Hirundo erythrogaster BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 45 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 724): Cayenne.
Hirundo erythrogastra SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 137, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 340; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 469.
Hirundo tytleri SHARPE (*nec* JERDON)[3], 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 138, parte.

Distribuição. — Área de procriação na América Septentrional, desde o Território de Alaska, o Canadá (Mackenzie, Manitoba, Quebec) e os Estados Unidos (Maine, New York, New Jersey, North Carolina, Wisconsin, Indiana, Illinois, Texas, Califórnia) até o México (Jalisco, Nayarit), de onde pelo inverno emigra para o sul, através das Antilhas (Bahamas) e da América Central (Guatemala, Costa Rica), visitando quase todos os paizes da América Meridional, desde a Colômbia (Quibdó, La Olanda, Juntas de Tamaná), a Venezuela (Mérida, Encontrados), as Guianas, o Equador (Bucay) o Perú (Lima, Pacasmayo, Callao, Inca), até o Paraguay, o Chile (Ramadilla) e a República Argentina (Chaco, Tucumán, Buenos Aires, Terra do Fogo), inclusive, mais ou menos acidentalmente, quase todo o Brasil: rio Negro (Marabitanas), rio Branco

---

(1) Marabitanas (col. NATTERER), Caiçara (id.), Tapirapoã (Exped Rondon-Roosevelt) e Joazeiro (REISER) eram as únicas ocorrências da espécie no Brasil registradas pela literatura; recentemente, GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 298) divulgaram numerosos exemplares do baixo Amazonas (Óbidos).

(2) *Hirundo rustica* LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 191: "in Europa" (local. típica restrita Suécia). Paises frios e temperados do Velho Mundo.

(3) *Hirundo tytleri* JERDON, 1867, Birds of India, III, App., p. 870: Indostão. Como adverte HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., VIII, p. 67, nota 2), a côr excepcionalmente escura do abdome tem permitido confundir a espécie americana com a sua similar asiática.

(serra da Lua), rio Solimões (Tefé) e rio Amazonas (Itacoatiara, Óbidos), rio Jamundá (Faro), rio Juruá (João Pessoa), rio Tapajoz (Santarém, Itaituba), ilha de Marajó, ilha Mexiana, leste do Pará (Belém, Santo Antonio do Prata), norte de Mato-Grosso (Engenho do Gama), Baía (Joazeiro), Espírito Santo (Guaraparí), Rio de Janeiro[1], Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Torres).

VENEZUELA

Mérida: sexo ?, BRICEÑO GABALDÓN, setembro 20 (1897).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 27 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 7 ♂♂, OLALLA, março 9 e 10 (1937); 5 ♀♀, OLALLA, março 9 e 10 (1937); 4 sexos ?, OLALLA, fevereiro 9, março 9 e 10 (1937).

Baía

Joazeiro: 1 ♂, 1 ♀ e 2 sexos?, GARBE, dezembro (1907).

Espírito Santo

Guaraparí: ♀, OLALLA, outubro 15 (1942).

São Paulo

Porto Cabral (rio Paraná): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 27 (1941).

Rio Grande do Sul

Porto Alegre: sexo ?, Instituto Borges de Medeiros (1926).

Gênero PETROCHELIDON Cabanis

Petrochelidon CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 47. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Hirundo melanogaster* SWAINSON.

Petrochelidon pyrrhonota pyrrhonota (Vieillot) [VIII, 29]

Hirundo pyrrhonota VIEILLOT[2], 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 519 (com base em AZARA, N.° 305, "Golondrina rabadilla acanelada"): Paraguay.

Petrochelidon pyrrhonota SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 193 e 635; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 342.

Distribuição. — Reside e nidifica nas regiões frias e temperadas da América Septentrional, desde o território de Alaska e o Canadá (Mackenzie, Ontario, Quebec, ilha do Cabo Bretão)

(1) Exemplar colecionado por NATTERER, *fide* HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., VIII, p. 67, nota *1*).

(2) *Hirundo lunifrons* SAY, 1823 (em LONG, Exped. Rocky Mts., II, p. 47: Montanhas Rochosas) é nome que se aplica tambem a esta andorinha. RIDGWAY (Bull. Un. St. Nat. Mus., L, parte 3.ª, p. 47) e alguns seguidores, reputando a espécie de VIEILLOT de duvidosa identidade, preferem-no a *Hirundo pyrrhonota*.

e quase todos os Estados Unidos (excetuado o sudeste), até à costa Pacífica do México (Tepic, Mazatlan), de onde emigra para o sul, através do sudeste dos Estados Unidos (Flórida), Antilhas (Cuba) e América Central (Costa Rica), até o Paraguay, o nordeste da Argentina (Entre Rios, Buenos Aires) e o Brasil ocidental e meridional: São Paulo (Itararé, Irisanga, Parnapitanga, São Carlos, Una)[1], Mato Grosso (Engenho do Gama), Rio Grande do Sul.

BRASIL

São Paulo

São Carlos do Pinhal: sexo ?, F. J. CIVATTI (1908).

Una: 8 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 21, março 10, 11, 12, 13 e 14 (1937); 3 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, março 10 e 14 (1937); sexo ?, JOSÉ LIMA, março 12 ((1937).

Gênero IRIDOPROCNE Coues

Iridoprocne COUES, 1878, Birds of Colorado Valley, I, p. 412. Tipo, por designação original, *Hirundo bicolor* VIEILLOT[2].

Iridoprocne albiventer (Boddaert) [VIII, 71]

Hirundo albiventer BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 32 (com base em "Hirondelle à ventre blanc de Cayenne" de DAUBENTON, Pl. enlum. 456, fig. 2): Cayenne.

Tachycineta[3] *albiventris* SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pgs. 113 e 630.

Tachycineta albiventer IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 239; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 469.

Distribuição. — América Meridional, da Colômbia (rio Caquetá, rio Magdalena, Cienaga Grande, Fundación), ilha de Trinidad, Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, rio Mato, Guanoco), Guianas Inglesa (Demerara, Camacusa, Bartica Grove), Holandesa e Francesa (Cayenne, Sinnamarie, Oyapock), ao Equador (rio Napo, rio Copataza), Perú (rio Huallaga, rio Ucayali, Yahuarmayo, Pebas), Bolívia (Moxos), Paraguay

---

(1) A côr da mancha frontal é variável nos exemplares de Una, porém nunca francamente castanha; em alguns, entretanto (p. ex. Ns. 16.351 e 16.359), o castanho dos lados da cabeça faz a volta sob a nuca, em colar ininterrupto, tal como vejo escrito na raça *P. pyrrhonota melanogaster* (SWAINSON), já verificada como emigrante na Argentina.

(2) *Hirundo bicolor* VIEILLOT, 1808, Hist. Nat. Ois., Amér. Sept., I, p. 61, pl. 31: "au centre des Etats Unis" (local. típica escolhida New York).

(3) *Tachycineta* CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 48. Tipo (e única espécie hoje admitida no gênero), por designação original, *Hirundo thalassina* SWAINSON, 1827 (Phil. Magaz., nov. ser., I, p. 366: Real del Monte, México).

(Alto Paraná), nordeste extremo da Argentina (Misiones)[1] e quase todo Brasil: rio Negro, rio Branco (serra da Lua), Manacapurú, igarapé Anibá, rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Cachoeira, Monte Verde), rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, rio Maicurú, Cunaní, Amapá, rio Tapajoz (Santarém, Itaituba, Urucurituba, Vila Braga), rio Jamauchim, rio Tocantins (Alcobaça), ilha de Marajó (Pindobal, rio Ararí, S. Natal, Livramento), rio Guamá (Ourém), rio Capim, rio Mojú, rio Acará (Ipitinga), Belém, Maranhão (Turiassú, Primeira Cruz), Piauí (Parnaguá, Amarração), Ceará, Pernambuco (Recife, Itamaracá), Baía (Joazeiro, ilha de Madre de Deus, Ilhéus, rio Mucurí), Rio de Janeiro (rio Paraíba, Cantagalo, Piraí, Nova Friburgo), São Paulo (rio Ribeira, Iporanga, Poço Grande, Salto Grande, Ipanema, rio Mogí-Guassú, Presidente Epitácio), Paraná (Terezina, Salto de Ubá), Minas Gerais (baixo Piracicaba), Goiaz (rio Araguaia, rio das Almas), Mato Grosso (Descalvados, Carandàzinho, rio Roosevelt).

COLÔMBIA

La Morelia (Caquetá): ♂, LEO E. MILLER, julho 10 (1912).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 15 (1936); 2 ♀ ♀, CAMARGO, agosto 29 e outubro 17 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 22 (1936); 9 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 27, 28 e 29 (1936), janeiro 27, 28, 29 e 30, fevereiro 2 e 5 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA abril 22 (1937).

Pará

Monte Alegre (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, F. Q. LIMA, dezembro 6 (1917).

Maranhão

Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, setembro 9 (1906).

Baía

Joazeiro: sexo ?, GARBE, dezembro (1907).

Ilha Madre de Deus (Recôncavo): ♀, OLIV. PINTO, janeiro 24 (1933).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, OLALLA, setembro 7 (1940).

São Paulo

Rio Ribeira (Iguape): ♀, R. KRONE (1898).

Rio Mogí-Guassú: ♀ (ninho com 5 ovos), HEMPEL, setembro 13 (1899).

---

(1) HELLMAYR (cf. Catal. Birds of Americas, VIII, p. 73, nota 1) acha, não obstante, em extremo duvidosa a ocorrência da espécie não só em outros pontos da Argentina, como no Uruguay.

Presidente Epitácio (rio Paraná): 1 ♂ e 1 sexo ?, LIMA, junho 3 (1926).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLIV. PINTO, maio 15 (1940).
Goiaz
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, W. GARBE, outubro 4 (1934).

Iridoprocne leucorrhoa (Vieillot) [VIII, 73]

Hirundo leucorrhoa VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 519 (com base em AZARA, N.º 304, "Golondrina rabadilla blanca"): Paraguay (localidade típica) e Rio da Prata.
Tachycineta leucorrhoa SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, pags. 114 e 631; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 339.

Distribuição. — Sudeste do Perú (Cosnipata), leste da Bolívia (Buenavista), Paraguay (Sapucay, Villa Rica, baixo Pilcomayo), Uruguay (Montevidéo, Santa Elena, Flores, Tala, Lazcano), norte da Argentina (Formosa, Jujuy, Salta, Corrientes, Entre Rios, Tucumán, Santa Fé, Cordoba), Brasil meridional: Mato Grosso (Vila Bela), Minas Gerais (Lagoa Santa, Mariana), São Paulo (Iguape, serra da Bocaina, Ipiranga, Ipanema, Cachoeira, Taubaté), Rio Grande do Sul (Taquara, Pedras Brancas, Pelotas, São José do Norte, Uruguaiana).

ARGENTINA
Concepcion: ♀, perm. Mus. Buenos Aires, novembro 13 (1926).
BRASIL
Minas Gerais
Mariana: ♀ ?, J. B. GODOY (1905).
São Paulo
Iguape: 1 ♂ ? e 1 ♀ ?, R. KRONE (1898 ?).
Cachoeira: ♂, LIMA, agosto 17 (1898).
Serra da Bocâina: ♂, GARBE, agosto 8 (1909).
Rio Grande do Sul
Uruguaiana: 2 ♂ ♂, GARBE, julho (1914).

Familia CORVIDAE

Subfamilia GARRULINAE

Gênero CYANOCORAX Boie

Cyanocorax BOIE, 1826, Isis, p 975. Tipo, por monotipia, *Corvus pileatus* TEMMINCK (= *Pica chrysops* VIEILLOT).

Cyanocorax chrysops chrysops (Vieillot) [VII, 17]

Gralha.

Pica chrysops VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 124 (com base em AZARA, N.º 53, "Acahé"): Paraguay.

Cyanocorax chrysops SHARPE, 1877, Catal. Bds. Brit. Mus., III, p. 120; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 404.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Formosa, Corrientes, Entre Rios, Misiones), Uruguay (rio Negro, Arroyo Grande, Mercedes), Paraguay (Villa Rica, Villa Concepción, Bernalcué, Puerto Pinasco), leste da Bolívia (Chiquitos, Santa Cruz de la Sierra, Tarija, Chaco Boliviano, Chuquisaca) e sul do Brasil: São Paulo (Campos do Jordão, Mogí-Guassú, Itú, Sorocaba, Itararé, Salto Grande, Vitória de Botucatú, Araraquara, Rincão, Barretos, Baurú, Lins, Vanuire, Valparaizo, ilha Sêca, Porto Epitácio), Paraná (Castro, Jacarèzinho, Cândido de Abreu, Vera Guaraní), Rio Grande do Sul (Santo Angelo, Poço das Antas, Nova Wurttemberg), sul de Mato Grosso (Três Lagoas, Miranda, Salobra, Piraputanga, Urucúm).[1]

BRASIL

São Paulo

Mogí-Guassú: ♀, HEMPEL, setembro 14 (1899).
Rincão: ♂, EHRHARDT, fevereiro 24 (1901).
Itararé: ♀, GARBE, maio (1903).
Baurú: sexo ?, F. GÜNTHER, maio (1905).
Campos do Jordão: ♀ ?, H. LÜDERWALDT, janeiro 14 (1906); 3 sexos ?, H. LÜDERWALDT, janeiro 8, 15 e 17 (1906).
Presidente Epitácio (rio Paraná): ♀, LIMA, junho 10 (1926).
Vanuire: 1 ♂ e 1 sexo ?, LIMA, agosto 20 (1928).
Valparaizo: sexo ?, LIMA, junho (1931).
Ilha Seca (rio Paraná): ♀, MARIO LIMA, fevereiro 24 (1940); 2 sexos ?, MARIO LIMA, fevereiro 25 (1940).
Faz. Sta. Rosa (Paraúna): ♂, JOSÉ LIMA, abril 11 (1940).
Faz. Varjão (Lins): 2 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 28 e fevereiro 20 (1941); ♀, OLALLA, janeiro 28 (1941).

Paraná

Jacarèzinho: ♂, EHRHARDT, março 19 (1901).
Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, GARBE, agosto (1907).

Rio Grande do Sul

Nova Wurttemberg: ♂, GARBE, março (1915).

Mato Grosso

Miranda: ♀, LIMA, setembro 3 (1930).
Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho 14 (1931).
Salobra: ♀, C. VIEIRA, julho 25 (1939).

Cyanocorax chrysops diesingii Pelzeln [VII, 20]

Cyanocorax diesingii PELZELN, 1856, Akad. Wiessens. Wien, mathem. naturwiss. Kl., XX, p. 164: Borba (baixo Madeira, marg. direita).

---

(1) A snra. E. NAUMBURG, no seu estudo da coleção Rondon-Roosevelt (Bull. Am. Mus. Nat. Hist., LX, p. 19), referiu exemplares de Urucúm a *Cyanocorax chrysops tucumanus* CABANIS, 1883 (Journ. f. Orn., XXXI, p. 216), raça peculiar ao noroeste da Argentina. Com

Cyanocorax diesingi SHARPE, 1877, Catal. Bds. Brit. Mus., III, p. 121; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 404; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 414.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul do baixo Amazonas: rio Madeira (Borba), rio Tapajoz (rio Arapiuns)[1].

BRASIL

Pará

Casa Nova (rio Arapiuns): ♂, OLALLA, julho 6 (1934).

Cyanocorax cyanopogon (Wied) [VII, 23]

Cã-cã, Quem-quem.

Corvus cyanopogon WIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 137: rio Cachoeira (leste da Baía, perto de Ilhéos).

Cyanocorax cyanopogon SHARPE, 1877, Catal. Bds. Brit. Mus., III, p. 123; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 404.

Distribuição. — Brasil este-septentrional e centro-oriental: Maranhão (Miritiba, Primeira Cruz, Boa Vista, Rosario, Codó), Piauí (Ibiapaba), Ceará (Quixadá, Juá), Baía (Joazeiro, Soledade, rio Grande, rio Preto, ilha da Bimbarra,[2] rio Cachoeira), Minas Gerais (Lagoa Santa, lagoa dos Pitos, Furnas, rio das Velhas, rio São Francisco, Araguarí), Goiaz (Nova Roma, rio São Miguel, Volta da Serra, Jaraguá, rio das Almas, rio Uruú, cid. de Goiaz, rio Claro, Catalão), leste extremo de Mato Grosso (rio das Mortes, Sant'Ana do Paranaíba).

BRASIL

Maranhão

Primeira Cruz: ♀, SCHWANDA, maio 13 (1906).

Boa Vista: ♂, SCHWANDA, dezembro 21 (1906).

Baía

"Bahia": sexo ? (compr. de SCHLÜTER, 1898).

Joazeiro: ♂, GARBE, dezembro (1907).

---

boa série de várias localidades do sul de Mato Grosso, não lhes descubro nenhuma diferença em confronto com os exemplares de São Paulo, o que está de perfeito acordo com as conclusões de HELLMAYR sobre o assunto (cf. Catal. Bds. Amers., VII, p. 19 nota 1).

(1) As localidades mencionadas são aparentemente as únicas onde até aquí se tenha registrado a raça amazônica de *C. chrysops*. A sua ocorrência no baixo Tapajoz prova ser sua distribuição muito mais larga do que a princípio se supunha (cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, 1910, p. 283).

(2) A gralha é abundante nesta ilha do Recôncavo (cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 32), onde não posso dizer se foi introduzida, ou se alí naturalmente existe, como é muito provável. Os poucos exemplares que tenho da caatinga baiana, como o de Boa Vista, além de muito desbotados, destacam-se à primeira vista pelo seu tamanho consideravelmente menor, fato sobre cuja significação a insuficiência de material não me permite emitir opinião.

Minas Gerais
Rio São Francisco: ♂, GARBE, julho (1913); ♀, GARBE, julho (1911).
Goiaz
Catalão: ♀, DREHER, março 5 (1904).
Nova Roma: ♀, JOSÉ BLASER, novembro 4 (1932).
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, W. GARBE, agosto 20 (1934); ♀, W. GARBE, agosto 27 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, setembro 30 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, abril 2 (1940); sexo ?, W. GARBE, maio 4 (1941).
Mato Grosso
Sant'Ana do Paranaíba: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, julho 19 (1931); ♀, JOSÉ LIMA, julho 19 (1931).
Rio das Mortes: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 28 (1937).
Faz. Angelo Severo (vale do Araguaia): ♂, Bandeira Anhanguera, novembro 20 (1937).

Cyanocorax cayanus (Linnaeus) [VII, 24]
Gralha azul.

Corvus cayanus LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 157 (com base em "Le Geay de Cayenne" de BRISSON, Orn., II, p. 52, pl. 4, fig. 1): Cayenne (Guiana Francesa).
Cyanocorax cayanus SHARPE, 1877, Catal. Bds. Brit. Mus., III, p. 122; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 404.

Distribuição. — Leste da Venezuela (rio Caura), Guianas Inglesa (Bartica Grove, Camacusa, rio Essequibo, rio Mazaruni, montes Canuku, Potaro), Holandesa e Francesa ("Cayenne") e Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas: rio Negro (Manaus), rio Branco (serra Caraumã).

GUIANA INGLEZA
"B. Guiana": ♂ ? (compr. de ROSENBERG, 1908).

Cyanocorax heilprini Gentry [VII, 25]

Cyanocorax heilprini GENTRY, 1885, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., p. 90: rio Negro (norte do Amazonas); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 405.

Distribuição. — Sudeste da Venezuela (confl. do Guainia com o Cassiquiare)[1] e zona adjacente da extrema oeste-septentrional do Brasil: alto rio Negro, rio Uaupés (Jauaretê)[2].

BRASIL
Amazonas
Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, CAMARGO, dezembro (1936).

---

(1) Exemplares do American Museum de Nova York, noticiados por HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, VII, p. 25, nota).
(2) Cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 540 (1937).

Uroleuca cristatella ♂ n. 1433
Cyanocorax cyanopogon ♂ n. 6457

Cyanocorax cyanomelas (Vieillot) [VII, 25]
Gralha.

Pica cyanomelas VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 127 (com base em AZARA, n.º 54, "Urraca morada"): Paraguay.
Cyanocorax cyanomelas SHARPE, 1877, Catal. Bds. Brit. Mus., III, p. 124; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 404.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Formosa, Corrientes, Santa Fé), Paraguay (Bernalcué, Puerto Pinasco, Forte Wheeler, Villa Concepción, rio Negro, Trinidad, Cerro Lorito), leste da Bolivia (Santa Cruz, San José, San Mateo, Tilotillo, Yungas), sudoeste do Brasil, no estado de Mato Grosso (Corumbá, Urucúm, Salobra, Aquidauana, Piraputanga, Coxim, Chapada, Cuiabá. Eng. do Parí, Caiçara, Jacobina, São Luiz de Cáceres).

BOLÍVIA

San Mateo: ♀, GUSTAV GARLEPP, setembro 18 (1891).

BRASIL

Mato Grosso

"Mato Grosso": ♂, perm. Mus. de La Plata (1903).
Corumbá: ♀, GARBE, setembro (1917).
São Luiz de Cáceres: ♀, GARBE, novembro (1917).
Aquidauana: ♀, LIMA, agosto 5 (1931).
Faz. São Bento (Coxim): 2 ♀ ♀, LIMA, junho 30 (1930).
Usina Sto. Antônio (Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 8 (1937).
Chapada: ♂, OLIV. PINTO, outubro 4 (1937).
Salobra: 2 ♂ ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 21 e 23 (1939); ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 23 (1939).

Cyanocorax violaceus Du Bus [VII, 27]
Gralha.

Cyanocorax violaceus DU BUS, 1847, Bull. Acad. Roy. Sci. Lettr. et Beaux-Arts Belgique, XIV, p. 103: Perú; SHARPE, 1877, Catal. Bds. Brit. Mus., III, p. 125; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 405; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 414.

Distribuição. — Sul da Guiana Inglesa (montes Cuano), sul e leste da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Ciudad Bolivar, Angostura), leste da Colombia (rio Caquetá, La Morelia, Villavicencio) e do Equador (rio Napo, Zamora, Gualaquiza), Perú (rio Marañon, Pebas, rio Ucayali, Chyavetas, Yurimaguas, Puerto Bermudez, Santa Cruz) e extremo noroeste do Brasil (oeste do Amazonas): alto rio Negro (Marabitanas, São Carlos), rio Javarí, rio Juruá e rio Eirú (Santa Cruz).

BRASIL

Amazonas

"Amazônia": sexo ?, compr. de SCHLÜTER, maio (1902).
Rio Juruá: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1902).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, outubro 23 e novembro 5 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, outubro 27 e 28 (1936).

Cyanocorax caeruleus (Vieillot) [VII, 28]

Gralha azul.

Pica caerulea VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 126 (com base em AZARA, n.º 55, "Urraca celeste": Paraguay).
Cyanocorax caeruleus SHARPE, 1877, Catal. Bds. Brit. Mus., III, p. 126; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 405.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Corrientes, Chaco, Misiones), Paraguay (baixo Pilcomayo, Sapucay, Villa Concepción), sul do Brasil: sul de São Paulo (Juquiá, Alecrim. Iguape, Cananéia, Itararé, Ipanema), Paraná (Curitiba, Castro, serra do Mar, rio Borrachudo, Jaguaraíba, Escaramuça, Invernadinha, Vera Guaraní), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Santo Angelo, Poço das Antas, Taquara, barra do Camaquã, Arroio Grande, Pedras Brancas, Novo Hamburgo, Nova Wurttemberg) [1].

BRASIL

São Paulo

Cachoerinha (Cananéia): ♂, C. VIEIRA, agosto 24 (1934); ♀, CAMARGO, agosto 25 (1934).
Morrete (Cananéia): ♂, CAMARGO, agosto 29 (1934); 2 ♀ ♀, CAMARGO, agosto 29 e 31 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): 2 ♂ ♂, CAMARGO, setembro 28 (1934); ♀, CAMARGO, setembro 20 (1934).
Alecrim (Iguape): ♂, ofta. da Sra. Sara Otobrini Costa, janeiro 4 (1937).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 15 (1940); ♀, OLALLA, maio 21 (1940); 3 sexos ?, OLALLA, abril 9, maio 19 e 21 (1940).

---

(1) Os dois exemplares do Rio Grande do Sul (Nova Wurttemberg, ou cercanias), o de N.º 9.070 com especialidade, destacam-se nìtidamente de todo o resto da série pela tonalidade esverdeada da plumagem, correspondente à descrita em *Cyanocorax inexpectatus* ELLIOT, 1878 (Ibis, p. 55: "south of São Paulo"). O caráter acidental desta variação foi de há muito apontado por HELLMAYR (Novit. Zool., XIII, 1906, p. 305), que provou estar no mesmo caso do que deu lugar à criação de *Cyanocorax heckelii* PELZELN, 1856 (Sitzungsber. Akad. Wien, XX, p. 163: rio Borrachudo, perto de Paranaguá), com fundamento na tinta mais purpúrea do azul, frequente em muitos exemplares.

Rio Juquiá: ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 17 (1941).
Paraná
Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, GARBE, março (1907).
Rio Grande do Sul
"Rio Grande do Sul": 2 sexos ?, VON IHERING (1897); 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, fevereiro (1915).
Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, outubro 10 (1898).

Gênero **UROLEUCA** Bonaparte

Uroleuca BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 379. Tipo, por designação subsequente de CABANIS (Mus. Hein., I, 1851, p. 225), *Corvus cyanoleucus* WIED.

Uroleuca cristatella (Temminck) [VII, 29]

Pêga (Piauí), *Gralha do campo, Gralha do peito branco.*

Corvus cristatellus TEMMINCK, 1823, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 193: "Brésil" (como pátria típica sugiro Ipanema, São Paulo).
Uroleuca cyanoleuca[1] SHARPE, 1877, Catal. Bds. Brit. Mus., III, p. 137; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 405.

Distribuição. — Brasil central e interior do Brasil oriental: sul extremo do Maranhão (alto rio Parnaíba) e do Piauí (Gilboez, Santa Filomena, Riacho da Várzea Grande), Baía (São Marcelo, Valo), Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas), São Paulo (Ipanema, Cemiterio do Lambarí, Orissanga, rio Verde, Rincão, Baurú), ? Paraná (Curitiba)[2], Goiaz (rio das Almas, rio São Miguel, Veadeiros, Catalão, rio Uruú), Mato Grosso (Campo Grande, Coxim, Chapada).

BRASIL
São Paulo
Rincão: ♂, EHRHARDT, fevereiro 22 (1901)
Goiaz
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, W. GARBE, outubro 14 (1934).
Mato Grosso
Faz. São Bento (Coxim): ♂, LIMA, junho 30 (1930).
Campo Grande: 2 ♀ ♀, LIMA, julho 24 e 26 (1930).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, OLIV. PINTO, agosto 19 (1937).

---

(1) *Corvus cyanoleucus* WIED, 1821 (*nec* LATHAM, 1801), Reise nach Brasilien, II, p. 190: Fazenda do Valo (confins de Baía e Minas Gerais).
(2) Curitiba, registrada por MIKAN (Del. Fl. Faun. Bras., pte. 2, pl. 10, 1822), é localidade duvidosa, no que toca à distribuição da espécie.

Familia TROGLODYTIDAE

Gênero **CISTOTHORUS** Cabanis

Cistothorus CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 77, nota margin. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Troglodytes stellaris* NAUMANN[1].

Cistothorus platensis[2] polyglottus (Vieillot) [VII, 117]
Corruira, Cambaxirra

Thryothorus polyglottus VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 59 (com base em AZARA, n.º 151, "Todo voz"): Paraguay (pátria típica escolhida)[3]
Cistothorus polyglottus SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 245, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 324.

Distribuição. — Paraguay e Brasil este-meridional: sul de Goiaz (Jaraguá), Minas Gerais (Lagoa Santa, Curvêlo), São Paulo (Ipanema, Itararé, Borda do Mato, Vendinha, Paciência, Itatinga, Iguape, Franca, Batatais), Paraná (Castro, Curitiba), Santa Catarina, Rio Grande do Sul (Pedras Brancas).

BRASIL
São Paulo
Batatais: ♂, LIMA, dezembro 11 (1900).
Franca: 5 ♂ ♂, GARBE, setembro e outubro (1910); 2 ♀ ♀, GARBE, setembro (1910).
Goiaz
Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 22 (1934)

Gênero **HELEODYTES** Cabanis

Heleodytes CABANIS, 1851, Mus. Heineanum, I, p. 80. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Furnarius griseus* SWAINSON.

Heleodytes griseus (Swainson) [VII, 128]

Furnarius griseus SWAINSON, 1837, Anim. in Menager., I. 325: "savanas of Guiana" (= Guiana Inglesa).

---

(1) *Troglodytes stellaris* NAUMANN (*ex* LICHTENSTEIN manuscr.), 1823, Naturg. Vögels Deutschl., III, pl. vis-a-vis, pag. 724: Carolina (Estados Unidos).
(2) *Sylvia platensis* LATHAM, 1790, Index Ornith., II, p. 548 (com base em "Le Roitelet de Buenos Ayres" de DAUBENTON, Pl. enlum. 730, fig. 2): Buenos Ayres. Sobre as raças incluidas na espécie cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XXVIII, p. 250 e segs. (1921).
(3) Cf. HELLMAYR, op. cit., p. 255, texto e nota 1.

Campylorhynchus[1] *bicolor* SHARPE (*nec* PELZELN)[2], 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 187.
Heleodytes griseus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 322.

Distribuição. — Venezuela (Sucre, rio Orenoco, rio Caura), Guiana Inglesa (Quonga, rio Takutu) e região adjacente do Brasil (norte extremo do Amazonas) : rio Branco (Boa Vista, serra da Lua, Forte de São Joaquim).

VENEZUELA
Caicara: ♂ (compr. de BERLEPSCH, 1903).

Heleodytes turdinus turdinus (Wied) [VII, 132]
Garrinchão (Baía).

Opetiorhynchos turdinus WIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 148: rio Catolé (afluente da marg. esquerda do rio Pardo, no sul da Baia, perto de Conquista).
Campylorhynchus variegatus CABANIS (*nec* GMELIN)[3], 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 188.
Heleodytes turdinus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 321, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: interior do Maranhão (Barra do Corda), norte de Goiaz (Santo Antônio), Baia (rio Gongogí, rio Belmonte, rio Pardo)[4], Espírito Santo (rio Doce, Pau Gigante, rio S. José).

BRASIL
Baía
"Bahia": sexo ? (compr. de SCHLÜTER, 1898 ?).
Rio Gongogí: ♂, W. GARBE, dezembro 15 (1932); sexo ?, CAMARGO, dezembro 15 (1932).
Espírito Santo
Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♀, GARBE, dezembro (1905)
Pau Gigante: ♂, GARBE, março (1906); ♂, H. F. BERLA, outubro 31 (1940); 1 ♀ e 1 ♀ ?, GARBE, janeiro (1906).
Rio São José: ♀, OLALLA, setembro 26 (1942).

Heleodytes turdinus hypostictus (Gould) [VII, 133]

Campylorhynchus hypostictus GOULD, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., XXIII, p. 68: rio Ucayali (nordeste do Perú); SHARPE, 1881, Catal. Bds. Brit. Mus., VI, p. 189.

---

(1) *Campylorhynchus* SPIX, 1824 (Av. Bras., I, p. 77), com *C. scolopaceus* SPIX (= *Opetiorhynchos turdinus* WIED) por tipo, considera-se prejudicado por *Campylirhynchus* "MEGERLE", 1821 (Coleopt.). V. PALMER, Auk, X, p. 86 (1898).
(2) *Heleodytes bicolor* PELZELN, 1875, Ibis, 3a. Ser., V, p. 330: "Spanish Guiana" (= Colombia).
(3) Não se conhece a identidade de *Turdus variegatus* GMELIN, 1789 (Syst. Nat., I, p. 817: Surinam), que, em qualquer hipótese, nada terá que vêr com *Campylorhynchus variegatus* CABANIS, 1850 (Mus. Hein., I, p. 80: "Brasilien").
(4) Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 237 (1935).

Heleodytes turdinus IHER. & IHERING (*nec* WIED), 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 321, parte.
Heleodytes hypostictus SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 486.

Distribuição[1]. — Leste da Colombia (Florência, La Morelia, rio Caquetá, Bogotá), do Equador (rio Napo, rio Suno, Zamora) e do Perú (rio Ucayali, rio Huallaga, Nauta, Yahuarmayo), norte da Bolivia (baixo Beni, quedas do alto Madeira) e noroeste do Brasil, ao sul do rio Amazonas: alto Juruá (Matupirí), rio Purús (Ponto Alegre, Monte Verde), rio Acre (Antimarí), rio Madeira (Calama, Manicoré, Humaitá, Borba), rio Tapajoz (Pimental, Santarém), rio Xingú (Forte Ambé), rio Tocantins (Arumateua).

BRASIL:

Amazonas
Rio Juruá: ♂, GARBE, março (1902).
Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, GARBE, janeiro 1903.

Heleodytes unicolor (Lafresnaye) [VII, 134]

Campylorhynchus unicolor LAFRESNAYE, 1846, Rev. Zoolog., IX, p. 93: Guarayos (Bolívia); SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 190.
Heleodytes unicolor IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 322.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos, San José, Guarayos) e zona adjacente do Brasil: oeste de Mato Grosso (Tapirapoã, Cuiabá, Santo Antônio, Cáceres, rio São Lourenço, Corumbá, Urucúm, Descalvados, Salobra, Miranda, Aquidauana).

BRASIL

Mato Grosso
Corumbá: 2 ♂♂, GARBE, setembro (1917); sexo ?, GARBE, novembro (1917).
São Luiz de Cáceres: ♂, GARBE, novembro (1917).
Miranda: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 23 (1930).
Aquidauana: ♀, LIMA, agosto 7 (1931).
Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 9 (1937).

---

(1) Pouco ainda se sabe sobre as variações geográficas de *Heleodytes turdinus* na bacia amazônica, onde, segundo GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVII, 1941, p. 300), poder-se-ão talvez reconhecer, várias subespécies. As populações do baixo Amazonas (Óbidos, rio Tapajoz) segundo estes autores, destacam-se pelo tamanho mais consideravel das aves.

Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 18 (1937); ♀, OLIV. PINTO, setembro 21 (1937); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 12 (1937).
Salobra: 2 ♂ ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 24 (1939).

Gênero **ODONTORCHILUS** Richmond

Odontorchilus RICHMOND, 1915, Proc. Biol. Soc. Wash., XXVIII, p. 180 — nome novo, em lugar de *Odontorhynchus* PELZELN, 1868 (*nec* LEACH, 1830), Orn. Bras., I, p. 67. Tipo, por monotipia, *Odontorhynchus cinereus* PELZELN.

Odontorchilus cinereus (Pelzeln)[1] [VII, 151]

Odontorhynchus cinereus PELZELN, 1868, Orn. Bras., I, p. 67: Salto do Girau (alto rio Madeira); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 151; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 486.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas: alto rio Madeira (Salto do Girau), rio Tapajoz (Miritituba, Colônia Mojuí, perto de Santarém), rio Xingú **(rio Irirí).**

Gênero **THRYOTHORUS** Vieillot

Thryothorus VIEILLOT, 1816, Analyse Nouv. Orn. Élément., pags. 45 e 70[2]. Tipo, por monotipia, "Troglodyte des roseaux, VIEILL." (= *Sylvia ludoviciana* LATHAM)[3].

Thryothorus longirostris longirostris Vieillot [VII, 155]

Curruirussú, Cambaxirra grande

Thryothorus longirostris VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXIV, p. 56: "Brésil".
Thryophilus[4] *longirostris* SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 206; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 322.

---

(1) Sobre este raro pássaro, de que até aquí não se conhecem mais do que quatro exemplares obtidos por vários colecionadores (NATTERER, KLAGES, SNETHLAGE) e muito fácil de confundir com *Thryophilus griseus* (TODD), vejam-se os estudos de HELLMAYR em Novit. Zool., XVII, p. 264 (1910) e Catal. Bds. of Americas, parte VII, p. 152, nota 1 (1934).
(2) À página 70, na tabela etimológica, VIEILLOT retifica a grafia do nome novilatino, duplamente estropiada à pág. 45, onde se lê *Thirothorus*, em seguida à denominação vernacular "Thriothore".
(3) *Sylvia ludoviciana* LATHAM, 1790, Ind. Orn., II, p. 548 (com base em DAUBENTON, Pl. Enlum. 730, fig. 1): Louisiana (Estados Unidos).
(4) Em face das considerações de ROSSEM (Trans. San Diego Soc. Nat. Hist., VI, p. 208) e a exemplo do que faz HELLMAYR no magistral "Catalogue of the Americas and the adjacent Islands" (parte VII,

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil meridional: Rio de Janeiro (ilha Grande, Sepitiba, Cantagalo, Nova Friburgo, Porto Real), São Paulo (Iguape, Cananéia, Juquiá, Alecrim, Santos, Piassaguera, São Sebastião, Ubatuba), Santa Catarina (Joinvile).

BRASIL

Rio de Janeiro

Ilha Grande: ♂, GARBE, agosto (1905).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, OLALLA, setembro 10 (1941).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. KRONE, setembro 27 (1893).
Ubatuba: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, abril (1905).
Piassaguera: ♀, GARBE, abril (1914)
Alecrim (Iguape): ♂, LIMA, julho 25 (1927).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♂, CAMARGO, agosto 24 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 14 (1940); 4 ♀ ♀, OLALLA, maio 14, 16, 17 e 19 (1940); 2 sexos ?, OLALLA, maio 17 e 21 (1940).

Thryothorus longirostris bahiae (Hellmayr) [VII, 156]

Rouxinol.

Thryophilus longirostris bahiae HELLMAYR, 1903, Journ. f. Orn., p. 535, — nome novo, em lugar de *Thryophilus longirostris striolatus* HELLMAYR, 1901 (*nec* SPIX, 1824)[1], Verh. Zool.-Bot. Gesells. Wien, LI, p. 776 — Baía (tipo na col. de BERLEPSCH); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 322.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: interior do Piauí (Ibiapaba, Arara, Parnaguá), Ceará (serra de Baturité, Várzea Formosa), Pernambuco (Tapera), norte e oeste da Baía (Joazeiro, cidade da Barra, Bonfim).

BRASIL

Pernambuco

Tapera: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, dezembro 16 e 20 (1938).

---

p. 153, texto e nota 2) editado pelo Field Museum de Chicago (Zool. Ser., vol. XIII), arrolam-se aquí sob *Thryothorus* VIEILLOT tambem as espécies anteriormente repartidas em *Thryophilus* BAIRD, 1864 (Rev. Amer. Bds., I, p. 127: tipo, *Thryothorus rufalbus* LAFRESNAYE) e *Pheugopedius* CABANIS, 1851 (Mus. Hein., I, p. 79: tipo *Thryothorus genibarbis* SWAINSON).

(1) *Campylorhynchus striolatus* SPIX, 1824 (Av. Bras., I, p. 77, tab. 79, fig. 2), de procedência presumivel Rio de Janeiro, entra na sinonímia de *Thryothorus long. longirostris* VIEILLOT. Pelo exame direto do tipo de SPIX, verificou HELLMAYR pertencer ele à raça típica de *T. longirostris*; deve, portanto, ter havido engano na primitiva indicação de sua procedência ("in provincia Bahia"). Cf. tambem HELLMAYR, Abh. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 627 (1906).

Baía
"Bahia": sexo (compr. de SCHLÜTER, 1898).
Joazeiro: ♀, GARBE, novembro (1907).
Vila Nova (= Bonfim): 2 ♂♂, GARBE, maio e junho (1908); 2 ♀♀, GARBE, junho (1908).
Cidade da Barra: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, outubro (1913).

Thryothorus griseus (Todd) [VII, 157]

Thryophilus griseus TODD, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 91: Hiutanaã (rio Purús).

Distribuição. — Extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Amazonas: rio Javarí, alto Juruá (lago Grande)[1], rio Eirú (Santa Cruz), alto Purús (Hiutanaã).

BRASIL
Amazonas
Lago Grande (alto Juruá): 4 ♂♂, OLALLA, outubro 17 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 6 ♂♂, OLALLA, outubro 31 e novembro 7, 11 e 17 (1936); 3 ♀♀, OLALLA, outubro 31 e novembro 17 (1936).

Thryothorus guarayanus (Lafresnaye & d'Orbigny)[2] [VII, 158]

Troglodytes guarayana LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 26: Guarayos (Bolívia).
Thryophilus minor[3] SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 207; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 323.

Distribuição. — Paraguay (?), leste da Bolivia (Guarayos, Santa Cruz de la Sierra, Buena Vista, San José, Chiquitos) e região adjacente do Brasil: oeste de Mato Grosso (Vila Bela de Mato Grosso, rio Guaporé, Corumbá, Urucúm).

BRASIL
Mato Grosso
Corumbá: 1 ♂ e 2 ♀♀, GARBE, setembro (1917).

Thryothorus leucotis albipectus Cabanis [VII, 161]

Thryothorus albipectus CABANIS, 1849, em SCHOMBURGK, Reis. Brit. Guiana, III, p. 673: Cayenne (Guiana Francesa).

---

(1) Pátria típica de *Odontorchilus olallae* OLIV. PINTO, 1937 (Boletim Biológico, Nov. Ser., III, n.º 5, p. 5). É extraordinária a semelhança de *Thryothorus griseus* com *Odontorchilus cinereus* (PELZELN); um exemplar do rio Javarí, a princípio referido por HELLMAYR (Novit. Zool., XVII, 1910, p. 224) a este último, provou depois pertencer ao primeiro (cf. Catal. Bds. Americas, parte VII, 1934, pág. 157, nota 1).
(2) Cf. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XXVIII, p. 272 (1921); ALFR. LAUBMANN, Wissens. Ergebn. Gran Chaco Exped., p. 315 (1930).
(3) *Thryothorus minor* PELZELN, 1868, Orn. Birds, I, págs. 47 e 66: Vila Bela de Mato Grosso.

Thryophilus leucotis SHARPE (*nec* LAFRESNAYE)[1], 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 207, parte.

Thryophilus albipectus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 322; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 492.

Thryophilus albipectus taenioptera[2] IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 323, parte.

Distribuição. — Leste da Venezuela (vale do Caura, delta do Orenoco), Guianas Inglesa (rio Demerara, Quonga, rio Abary, rio Bonasika, Ituribisci, Bartica, montes Takutu), Holandesa (Surinam, Paramaribo, Kwata) e Francesa (Cayenne, Roche Marie), Brasil oeste-septentrional, até a margem esquerda do rio Solimões e ambas as margens do baixo Amazonas (do rio Madeira até o estuario) : margem esquerda do Solimões (Manacapurú)[3], rio Negro (Manaus) e rio Branco (Forte de São Joaquim, Boa Vista, serra da Lua), rio Anibá, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, ilha Grande, Monte Alegre, igarapé Bravo, igarapé Boiussú, Arumanduba, Amapá, rio Madeira (Calama, Marmelos, Humaitá), rio Preto (Santa Isabel), Parintins, rio Tapajoz (Diamantina, Aveiro, Iroçanga, Tauarí, Pinhí, Boim, Goiana, Itaituba), rio Jamauchim (Tucunaré), rio Curuá do Sul, rio Xingú (Vitória), rio Tocantins (Arumateua), ilha de Marajó (Chaves, rio Ararí, São Natal), rio Guamá (Ourém), Belém, norte do Maranhão (Turiassú[4], Anil) e norte de Mato Grosso (rio Guaporé, rio Roosevelt).

---

(1) *Thryothorus leucotis* LAFRESNAYE, 1845, Rev. Zool., VIII, p. 338: "in Colombia aut Mexico" (pátria típica, designada por HELLMAYR, Honda, rio Magdalena). Sobre os caracteres e relações recíprocas das numerosas raças geográficas desta espécie há abundante literatura, em que se destacam estudos numerosos de HELLMAYR (cf. Novit. Zool., XIV, 1907, p. 2; Catal. Bds. Americas, VII, p. 159 e ss., 1934).

(2) *Thryophilus taenioptera* RIDGWAY, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 518: Diamantina (pto. de Santarém). O nome caberia às populações baixo-amazônicas da espécie, si consideradas racialmente distintas das da Guiana, conforme sustentam, entre outros, GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 301).

(3) Pátria típica de *Thryothorus leucotis affinis* O. PINTO, 1937 (Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 592). A comparação com exemplares de Óbidos, de dorso uniformemente acanelado (em vez de pardo-acinzentado na metade anterior) e partes inferiores muito mais claras, fez-me propôr a separação das aves de Manacapurú. Hoje, dispondo de material mais abundante, verifico a impraticabilidade de, pelo menos, separar as últimas das do Tapajoz e outros pontos do baixo Amazonas.

(4) Cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 255 (1929).

Brasil

Amazonas

Parintins (rio Amazonas, marg. direita): ♂, Garbe, abril (1921).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, Camargo, setembro 24 (1936); ♀, Camargo, setembro 22 (1936); sexo ?, Camargo, setembro 30 (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 13 ♂ ♂, Olalla, março 9, 16 e 31, abril 6 e 8, maio 31 e junho 2 (1937); 4 ♀ ♀, Olalla, março 9, 13 e 31, junho 2 (1937); 3 sexos ?, Olalla, abril 6 e maio 31 (1937).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, Olalla, abril 14 (1937).

Pará

Ilha Grande: sexo ?, Garbe, julho (1920).
Óbidos (rio Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 sexo ?, Garbe, dezembro (1920).
Aveiro (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, Olalla, março 2 (1934).
Iroçanga (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, Olalla, abril 9 (1934).
Casa Nova (rio Arapiuns): ♂, Olalla, julho 22 (1934).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, Olalla, abril 5 e 23 (1935).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, Olalla, abril 3 (1935); sexo ?, Olalla, abril 13 (1935).
Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg, direita): ♀, Olalla, setembro 20 (1935).
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 4 ♂ ♂, Olalla, dezembro 7 e 28 (1936).

Thryothorus leucotis peruanus (Hellmayr) [VII, 160]

Thryophilus leucotis peruanus Hellmayr, 1921, Anzeiger Orn. Gesells. Bay., I, n.º 5, p. 41: Nauta (rio Marañon, marg. esquerda, Perú).
Thryophilus leucotis Sharpe (*nec* Lafresnaye), 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 207, parte.
Thryophilus albipectus taenioptera Iher. & Ihering (*nec* Ridgway), 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 323, parte.
Thryophilus rufiventris Snethlage (*nec* Sclater), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 492.

Distribuição. — Leste do Equador (e sudeste da Colômbia?), norte, centro e leste do Perú (rio Marañon, rio Ucayali, rio Huallaga, depts. Junin e Huánuco), extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Amazonas: rio Juruá (João Pessoa, lago Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Monte Verde, Bom Lugar).

Brasil

Amazonas

Rio Juruá: 2 ♂ ♂, Garbe, julho e outubro (1902).

Thryothorus leucotis rufiventris Sclater[1] [VII, 159]

Marido-é-dia (Mato Grosso)

Thryothorus rufiventris SCLATER, 1870, Proc. Zool. Soc. London, p. 328: "Goiaz and Matto Grosso" (para localidade típica proponho Cuiabá, estado de Mato Grosso); SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 209, em nota margin.
Thryophilus albipectus rufiventris IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Aves, p. 323, parte.

Distribuição. — Brasil central e centro-oriental: sul do Maranhão (Grajaú, alto Parnaíba, São Francisco), Piauí (rio Taquarussú[2], Santa Filomena), Goiaz (rio Araguaia, rio Tesouras, cid. de Goiaz, Inhumas, rio Claro), oeste de Minas Gerais (Pirapora, Agua Suja) e São Paulo (rio Grande, rio Paraná, Porto Tibiriçá), Mato Grosso (rio das Mortes, Coxim, Rondonópolis, rio São Lourenço, Chapada, Cuiabá, Santo Antônio, Cáceres, Descalvados).

BRASIL

Minas Gerais

Pirapora: 2 ♂ ♂, GARBE, maio (1912).

São Paulo

Rio Grande (Barretos): 2 ♀ ♀, GARBE, maio (1904).
Ilha Taquarussú (alto rio Paraná): 2 ♂ ♂, LIMA, agosto e setembro (1931).
Porto Tibiriçá (rio Paraná): ♀, LIMA, agosto 23 (1931).
Rio Paraná: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 14 (1935).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 30 (1934); 2 ♂ ♂, W. GARBE, novembro 5 e 7 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, novembro 3 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, junho 9 (1940).

Mato Grosso

Faz. Recreio (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 18 (1937); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1937).
Rondonópolis: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, agosto 24 e 26 (1937).
Faz. Maravilha (rio Cuiabá, marg. dir., frente a Sto. Antônio): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 10 (1937).
Rio das Mortes (marg. direita): 2 ♂ ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 22 e 26 (1937); 2 ♀ ♀, Bandeira Anhanguera, setembro 22 e outubro 2 (1937).

---

(1) Cf. HELLMAYR, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien., LI, p. 775 (1901); idem, Novit. XIV, p. 3 (1907).
(2) Pátria de *Thryophilus albipectus piauhyensis* HELLMAYR, 1921 (Anzeiger Orn. Gesells. Bayer., IV, p. 26), que novos estudos provaram entrar na sinonímia de *Thr. rufiventris*. Cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 254 (1929).

Thryothorus genibarbis genibarbis Swainson [VII, 186]
Vô-vô (Pará)

Thryothorus genibarbis Swainson, 1837, Anim. in Menager, p. 322: "Brazil" (pátria típica Baía, por designação de Hellmayr)[1]; Sharpe, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 33. parte.
Thriothorus genibarbis Iher. & Ihering, 1907, Cat. Fauna Braz., Aves, d. 323.

Distribuição. — Brasil septentrional (ao sul do rio Amazonas e a leste do rio Madeira) e oriental: margem direita do rio Madeira (Borba, Calama, Santa Isabel do Rio Preto), lago do Batista, rio Tapajoz (Boim, Vila Braga, Itaituba), rio Tocatins (Baião, Bôca do Manapirí), rio Capim (Aproaga), Belém e todo distrito este-paraense (Val de Cans, Bosque, Murutucú, Quatipurú, Prata, Providência, Santa Isabel, Benevides, Igarapé Assú), Maranhão (São Luiz, Miritiba, Primeira Cruz, Boa Vista, Turiassú, Anil, São Bento, Tranqueira, Côcos, rio Parnaíba), Ceará (serra de Ibiapaba)[2], Pernambuco (Tapera), Baía (Bonfim, cidade do Salvador, Caravelas), Espírito Santo (Santa Leopoldina, Pau Gigante, rio São José, Guaraparí), leste de Minas Gerais (rio Piracicaba, rio Doce, rio Sussuí), norte do Rio de Janeiro (rio Muriaé).

Brasil
Amazonas
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, Olalla, junho 3 (1937).
Pará
Murutucú (próx. de Belém): ♀, F. Q. Lima, junho 6 (1926).
Maranhão
Boa Vista: ♂, Schwanda, fevereiro 5 (1907).
Miritiba: ♂, Schwanda, janeiro 3 (1908).
Pernambuco
Tapera: 3 ♂ ♂, Oliv. Pinto, dezembro 22 e 23 (1938); ♀, Oliv Pinto, dezembro 15 (1938).
Baía
"Bahia": sexo ? (compr. de Schlüter, 1898 ?).
Vila Nova (= Bonfim): ♂, Garbe, março (1908).
Caravelas: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, Garbe, agosto (1908).
Espírito Santo
Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♂, Garbe, outubro (1905).
Santa Leopoldina: ♂, Garbe, outubro (1905).
Pau Gigante: ♂, Garbe, janeiro (1906); ♂, E. G. Holt, agosto 16 (1940); ♀, Garbe, janeiro (1906).

---

(1) Cf. Novit. Zool., XII, p. 271 (1905).
(2) Pátria típica de *Thryothorus genibarbis harterti* Snethlage, 1925 (Journ. f. Orn., LXXIII, p. 264), de validez em extremo problemática.

Rio São José: sexo ?, OLALLA, setembro 14 (1942).
Guaraparí: 2 ♂ ♂, OLALLA, outubro 12 e 16 (1942); 2 ♀ ♀, OLALLA, outubro 12 e 17 (1942).

Rio de Janeiro
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, OLALLA, setembro 11 (1941); 3 ♀ ♀, OLALLA, setembro 10 e 11 (1941).

Minas Gerais
Barra do Piracicaba (rio Doce): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 27 e 28, setembro 3 (1940); ♂, W. GARBE, agosto 22 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 27 e setembro 3 (1940).
Rio Doce: 2 ♂ ♂, W. GARBE, agosto 29 e 31 (1940); sexo ?, OLALLA, agosto 28 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, W. GARBE, setembro 14 (1940); ♂, OLIV. PINTO, setembro 17 (1940); ♀, OLIV. PINTO, setembro 19 (1940).

Thryothorus genibarbis intercedens Hellmayr [VII, 188]

Thryothorus genibarbis intercedens HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 17: Rio Tesouras (subafluente do Araguaia, ao norte da cidade de Goiaz, no estado do mesmo nome).
Thriothorus genibarbis IHER. & IHERING (*nec* SWAINSON), 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 323, parte.

Distribuição[1]. — Brasil central: Goiaz (cid. de Goiaz, rio Tesouras, rio Uruú, rio das Almas, rio Claro, Inhumas), Mato Grosso (Engenho do Gama, Vila Bela de Mato Grosso, Tapirapoã, Barão de Melgaço, Cuiabá, Usina Santo Antônio, Chapada, Cáceres, Descalvados).

BRASIL
Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 12 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, maio 21 (1940).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, novembro 5 (1934).

Mato Grosso
São Luiz de Cáceres: 2 ♂ ♂, GARBE, novembro (1917).
Rio das Mortes (marg. direita): ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 26 (1937).
Usina Santo Antônio (rio Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO (1937).
Chapada: ♀, JOSÉ LIMA, outubro 5 (1937).

---

(1) Não são ainda satisfatórios nossos conhecimentos sobre a distribuição de *T. g. intercedens*, raça muito mal diferenciada da forma típica da espécie. As aves do oeste de Mato Grosso (rio Guaporé), segundo HELLMAYR (Catal. Bds. of Americas, parte VII, p. 188, nota 1) fazem transição com *Thryothorus genibarbis bolivianus* (TODD), ao passo que os nossos exemplares de Bonfim (norte da Baía), referidos à raça típica por considerações de ordem zoogeográfica, assemelham-se, todavia, estreitamente aos de Goiaz. Tambem *T. g. juruanus* não é melhor caracterizada do que *T. g. intercedens*.

Thryothorus genibarbis juruanus Ihering [VII, 187]

Thryothorus genibarbis juruanus Ihering, 1905, Rev. Mus. Paul., VI, p. 431: rio Juruá (= seringais de Matupirí, não longe de João Pessoa, antiga São Felipe).
Thriothorus genibarbis juruanus Iher. & Ihering, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 323.

Distribuição. — Norte da Bolívia (rio Beni, quedas do Madeira), extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Solimões: rio Juruá (João Pessoa, lago Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Arimã, Nova Olinda, Hiutanaã), margem esquerda do rio Madeira (Humaitá).

Brasil

Amazonas

Rio Juruá: ♀, Garbe, dezembro (1902).
Lago Grande (alto Juruá): sexo ?, Olalla, outubro 17 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂ ♂, Olalla, novembro 7 e 29 (1936); 3 ♀ ♀, Olalla, novembro 5 e 7 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 6 ♂ ♂, Olalla, dezembro 8 e 9 (1936), janeiro 29, fevereiro 3 e 4 (1937); 3 ♀ ♀, Olalla, outubro 15, dezembro 12 e 19 (1936).

Thryothorus coraya coraya (Gmelin) [VII, 190]

Turdus coraya Gmelin, 1789, Syst. Naturae, I, p. 825 (com base em "Le Coraya" de Buffon e Daubenton, Pl. Enlum. 701, fig. 1): Cayenne.
Thryothorus coraya Sharpe, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 234, parte.
Thriothorus coraya Iher. & Ihering, 1907, Cat. Fauna Brazil., Av., p. 324; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 491.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, Ipousin, rio Approuague, rio Oyapock, Mahury, Saint Jean du Maroni) e Holandesa (Paramaribo), leste da Guiana Inglesa (rio Essequibo), norte extremo do Brasil, até a margem esquerda do rio Amazonas: baixo rio Negro (Manaus), rio Anibá, rio Atabaní, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), óbidos, igarapé Boiussú, lago Cuipeva, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

Brasil

Amazonas

Manaus (boca do rio Negro, marg. esquerda): [illegible], Olalla, maio 21 (1935).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): [illegible], Olalla, junho 17 (1936); ♀, Olalla, fevereiro 3 (1937).
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, Olalla, julho 14 (1937).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, 1 ♀ e 1 sexo ?, GARBE, dezembro (1920).

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 6 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 7 (1935).

Thryothorus coraya griseipectus Sharpe[1] [VII, 193]

Thryothorus griseipectus SHARPE, 1881, Catal. Bds. Brit. Mus., VI, p. 236, pl. 15, fig. 2: Nauta (local, típica, na marg. esquerda do Marañon, norte do Perú), Pebas e Loretoyacu (Perú), Sarayacu (Equador).

Distribuição. — Nordeste do Perú (Nauta, Pebas, Loretoyacu, rio Tigre), leste do Equador (Sarayacu, rio Suno, Archidona, boca do Curaray), sudeste da Colômbia (?), extremo noroeste do Brasil, ao norte do rio Solimões: alto rio Negro (entre Isabel e Castanheiro, Marabitanas), rio Içana, rio Uaupés (Jauaretê)[2].

BRASIL

Amazonas

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): 2 ♂♂, CAMARGO, dezembro 14 e 15 (1936).

Thryothorus coraya herberti Ridgway [VII, 191]

Thryothorus herberti RIDGWAY (*ex* RIKER manuscr.), 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 516: Diamantina (perto de Santarém, a leste da barra do Tapajoz); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 490.

Distribuição. — Norte do Brasil ao sul do baixo Amazonas (ilha Tupinambarana), rio Tapajoz (Santarém, Diamantina, Pimental, Aveiro, Prainha), rio Jamauchim (Tucunaré), rio Xingú (Vitória), rio Tocantins (Cametá, Arumateua).

BRASIL

Pará

Prainha (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, fevereiro 24 (1934).

Aveiro (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, março 9 (1934).

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, maio 6 (1935); ♀, GARBE, setembro (1920).

---

(1) V. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XX, p. 232 (1913).

(2) A julgar pelos exemplares de Jauaretê, são bastante fracas e inconsistentes as diferenças entre a raça *griseipectus* e a forma típica, muitos de cujos exemplares em nada se distinguem dos da primeira.

Gênero TROGLODYTES Vieillot

Troglodytes VIEILLOT, 1807, Hist. Nat. Ois. Amér. Sept., II, p. 52. Tipo, por designação subsequente de BAIRD (1858), *Troglodytes aedon* VIEILLOT[1].

Troglodytes musculus musculus Naumann [VII. 230]

Rouxinol (Nordeste), *Garriça* (Baía), *Curuira* (Espírito Santo), *Cambaxirra* (Rio), *Curruíra* (S. Paulo).

Troglodytes musculus NAUMANN, 1823, Naturges. Vög. Deutschl., III, estampa em face à página 724: Baía; SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 255, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 325, parte.

Troglodytes musculus wiedi[2] IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 325, parte.

Troglodytes musculus rex IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 326, parte.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, Puerto Pinasco, Forte Wheeler, Trinidad), Brasil oriental e central: Piauí (Arara, Colônia Floriano, Caitetú, Parnaguá), Ceará (serra de Baturité)[3], Pernambuco (Beberibe, Itamaracá), Baía (cidade da Barra, rio Grande, Bonfim, ilha Madre Deus, Macaco Seco, rio Gongogí, Caravelas), Espírito Santo (Porto Cachoeiro, Pau Gigante, Chaves, Vitória, Guaraparí), Rio de Janeiro (cid. do Rio de Janeiro, Catumbí Grande, Terezópolis, Nova Friburgo, Cantagalo, serra do Itatiaia), São Paulo (cid. de São Paulo, Ipiranga, Embura, São Sebastião, serra de Bananal, Piquete, ilha dos Alcatrazes, Poço Grande, Mogí das Cruzes, Jundiaí,

---

(1) *Troglodytes aedon* VIEILLOT, 1807, Hist. Nat. Ois. Amér. Sept., II, p. 52, pl. 107: América do Norte (= leste dos Estados Unidos).

(2) *Thryothorus wiedi* BERLEPSCH, 1873, Journ. f. Orn., XXI, p. 231 nome novo para *Thryothorus platensis* WIED, 1831 (não *Sylvia platensis* LATHAM, 1790), Beitr. Naturg. Bras., III, p. 742: "Rio de Janeiro, Caravelas, Belmonte" (pátria típica Nova Friburgo, designada por HELLMAYR, 1919, Verh. Orn. Gesells. Bay., XIV, p 129, nota 1). Na sinonímia de *T. musculus musculus* entram ainda: *Troglodytes guarixa* PUCHERAN, 1855 (ex LESSON, 1831, nom. nud.), Arch. Mus. Hist. Nat. Paris, VII, p. 338: "Brésil" (= Rio de Janeiro, col. DELALANDE, e Minas ?, col. AUG. SAINT HILAIRE) e *Troglodytes furvus* BURMEISTER, 1853 (não *Motacilla furva* GMELIN), Reise nach Brasilien, pags. 164 e 455: Nova Friburgo (Rio) e Congonhas (Minas). Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XXVIII, p. 275 (1921).

(3) Pátria de *Troglodytes musculus beckeri* CORY, 1916 (Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 344), indistinguivel da forma típica. (Cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 256 (1929).

Itatiba. Monte Alegre, Ipanema, Itararé, Vitória, Silvânia, Franca, Lins), Paraná (Castro, rio Claro, Vermelho, Fazenda Durski, Salto de Guaira), Minas Gerais (Congonhas, Curvelo, Lagôa Santa, rio Jordão, Agua Suja, barra do Piracicaba, São José da Lagoa, barra do Sussuí, Maria da Fé), Goiaz (Jaraguá, Faz. Esperança), Mato Grosso (rio Araguaia, Urucúm, Coxim, Cuiabá, Chapada, Poconé, Tapirapoã)[1].

BRASIL

Pernambuco

Itamaracá: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 29 (1938); ♀, OLIV. PINTO, dezembro 31 (1938).

Baía

Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, maio (1908); ♀, GARBE, junho (1908).

Caravelas: ♂, GARBE, agosto (1908).

Rio Gongogí: sexo ?, CAMARGO, dezembro 25 (1932).

Ilha de Madre de Deus (Recôncavo): 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, janeiro 12 (1933) e janeiro 21 (1942).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♀, GARBE, janeiro (1906).

Pau Gigante: ♀ juv., L. C. FERREIRA, novembro 10 (1940).

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLIV. PINTO, outubro 28 (1942).

Guaraparí: 2 ♂ ♂, OLALLA, outubro 15 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂, JOSÉ LIMA, junho 28 (1941).

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 10 (1941).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂ ?, OLIV. PINTO, janeiro 11 (1936).

Barra do Piracicaba (rio Doce): 4 ♂ ♂, OLALLA, agosto 18 e setembro 3 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♀ ♀, OLALLA, outubro 1 e 4 (1940); sexo ?, OLALLA, outubro 4 (1940).

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, OLALLA, setembro 14, 16 e 19 (1940).

São Paulo

São Sebastião: 2 ♀ ♀, H. PINDER, setembro 19 e 20 (1896).

Jundiaí: ♀, LIMA, setembro 19 (1900).

Itararé: ♀, GARBE, maio (1903).

Franca: ♀, GARBE, janeiro (1911); ♂ juv. ?, GARBE, agosto (1910).

Ilha dos Alcatrazes: ♂, PINTO DA FONSECA, outubro 20 (1920).

Itatiba: 2 ♂ ♂, LIMA, abril 11 (1931); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 23 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 21 (1933).

Silvânia: ♀, OLIV. PINTO, agosto 16 (1931).

---

(1) As aves da região Chapada fazem perfeita transição com as do este Boliviano, que se está ordinariamente de acordo em considerar uma raça particular, inicialmente descrita sob o nome *Troglodytes furvus* subsp. *rex* BERLEPSCH & LEVERKÜHN, 1890 (Ornis, VI, p. 6), com base em exemplares de Samaipata.

Mogí das Cruzes: sexo ?, JOSÉ LIMA, abril 2 (1933).
Faz. Sta. Rosa (Paraúna): ♂, JOSÉ LIMA, abril 12 (1940); ♀ ?, JOSÉ LIMA, abril 15 (1940).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 12 (1940); ♀, OLALLA, maio 15 (1940).
Embura: ♀, OLALLA, dezembro 25 (1940).
Lins: ♂, OLALLA, janeiro 21 (1941).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 17 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 23 (1941).
Monte Alegre: 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 22 e 26 (1942) e fevereiro 7 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, julho 22 (1942).

Paraná

Castro: sexo ?, GARBE, junho (1914).

Goiaz

Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♀, OLIV. PINTO, setembro 20 (1934).

Mato Grosso

Ribeirão Preto (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 6 (1937).
Travessão (rio Araguaia): ♂, Bandeira Anhanguera, novembro 23 (1937).

Troglodytes musculus clarus Berlepsch & Hartert [VII, *227*]

Cuti-purú-í, Curuira, Cambaxirra.

Troglodytes musculus clarus BERLEPSCH & HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 8: Bartica Grove (local típica, na Guiana Inglesa); Altagracia, Ciudad Bolivar, Suapure, La Pricion (vales do Orenoco e de Caura, Venezuela); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Braz., Av., p. 326; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 492.
Troglodytes musculus SHARPE (*nec* NAUMANN), 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 255, parte.
Troglodytes rufulus SHARPE (*nec* CABANIS)[1], 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 258, parte.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Buena Vista)[2], leste e sul da Venezuela (Caracas, Sucre, rio Orenoco, rio Caura), Trinidad, Guianas Inglesa (Bartica Grove, zona tropical do Roraima, montes Takutu, Georgetown), Holandesa (Paramaribo, Albina) e Francesa (Cayenne, Oyapock, Mahury), norte e leste do Perú (baixo Ucayali, Xeberos, rio Huallaga,

(1) *Troglodytes rufulus* CABANIS, 1849, em SCHOMBURGK, Reis. Brit. Guiana, III, p. 672: monte Roraima (parte subtropical). Espécie particular, privativa da região montanhosa do sul da Venezuela e da Guiana Inglesa.

(2) Localidade da falda dos Andes Orientais da Colômbia e pátria de *Troglodytes musculus neglectus* CHAPMAN, 1917 (*nec* BROOKS, 1872), nome substituido por *Tr. musculus chapmani* STONE, 1918 (Auk, p. 244). HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., VII, p. 227) reputa a nova raça indistinguível de *T. m. clarus*.

dept. Huánuco). Brasil amazônico: rio Solimões (Tefé), rio Branco (Forte de São Joaquim, serra da Lua, Boa Vista), rio Negro (Manaus), Itacoatiara, Silves, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, igarapé Boiussú, rio Madeira (Calama), rio Tapajoz (lago Grande, Boim, Vila Braga, Apací, Urucurituba), rio Xingú (Vitória), rio Tocantins (Alcobaça), ilha de Marajó (São Natal, Pindobal), ilha Mexiana, rio Capim (Aproaga) e todo leste do Pará (Belém, Bosque, Murutucú, Apeú, Igarapé-Assú, Benevides, Peixe-Boi, Quatipurú), norte do Maranhão (São Luiz, Miritiba, Anil, Boa Vista, Codó), noroeste de Mato Grosso (Vila Bela de Mato Grosso).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂ juvs., OLALLA, janeiro 14 (1936) e março 20 (1937); 12 ♂ ♂, OLALLA, março 6, 8, 9, 10, 17, 23, 24 e 29, junho 1 e 24 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, março 9 e 24 (1937); ♀ juv., OLALLA, março 23 (1937).

Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 25 (1937).

Pará

Murutucú (prox. de Belém): ♀, F. Q. LIMA, fevereiro 6 (1926).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 25 (1935).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 3 (1936).

Maranhão

Boa Vista: [illegible], SCHWANDA, abril 9 (1906).

Troglodytes musculus bonariae Hellmayr [VII, 240]

Curruira.

Troglodytes musculus bonariae HELLMAYR, 1919, Anz. Orn. Gesells. Bay., I, p. 2: La Plata (República Argentina).

Distribuição. — Leste da República Argentina (Buenos Aires, Corrientes, Entre Rios, Santa Fé), Uruguay (rio Uruguai, Treinta y Tres, Concepción, Maldonado) e extremo sul do Brasil: Santa Catarina (Joinvile, Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Pedras Brancas, barra do Camaquã, Porto Alegre, Torres, Uruguaiana).

ARGENTINA

Barracas al Sul (Buenos Aires): [illegible] juv., RODRIGUEZ, setembro (1904).

BRASIL

Rio Grande do Sul

Uruguaiana: sexo ?, GARBE, julho (1914).

Gênero **HENICORHINA** Sclater & Salvin

Henicorhina SCLATER & SALVIN, 1868, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 170, — nome novo, em lugar de *Heterorhina* BAIRD, 1864 (anteocupado por *Heterorhina* WESTWOOD, 1845), Rev. Amer. Birds, I, p. 115. Tipo, por designação original *Scytalopus prostheleucus* SCLATER[1].

Henicorhina leucosticta leucosticta (Cabanis) [VII, 255]

Cyphorhinus[2] *leucostictus* CABANIS, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, parte 1a., p. 206: Guiana (= Guiana Inglesa, escolhida por SCLATER, como pátria típica)[3].
Henicorhina leucosticta SHARPE, 1881, Catal. Bds. Brit. Mus., VI, p. 287, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 326, parte.

Distribuição. — Guiana Inglesa (Bartica, montes Merumé, Camacusa), sul da Venezuela (rio Caura) e extrema oeste septentrional do Brasil: alto rio Negro (São Gabriel, Cucuí), rio Uaupés.

BRASIL

Amazonas

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, novembro 25 (1936).

Gênero **MICROCERCULUS** Sclater

Microcerculus SCLATER, 1862, Catal. Coll. Amer. Bds., p. 19. Tipo, por designação subsequente de BAIRD (1864, Rev. Amer. Bds., I, p. 113), *Formicarius bambla* BODDAERT[4].

Microcerculus marginatus marginatus (Sclater) [VII, 281]

Heterocnemis marginata SCLATER, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., XXIII, p. 145: "Bogotá".
Microcerculus marginatus SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 299; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 324.

---

(1) *Scytalopus prostheleucus* SCLATER, 1857, Proc. Zool. Soc. London, XXIV, p. 290: Cordoba (Vera Cruz, México). Considerado atualmente raça geográfica de *Henicorhina leucosticta* CABAN.
(2) *Cyphorhinus* CABANIS, 1844 (não *Cyphorhina* LESSON, 1843), Archiv. f. Naturges., X, parte I, p. 282. Tipo, por monotipia, *Cyphorhinus thoracicus* TSCHUDI, 1844, espécie hoje do gênero *Leucolepis* REICHENBACH (q. v.).
(3) Cf. Proc. Zool. Soc. London, XXVI, p. 64 (1858).
(4) *Formicarius bambla* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 44 (com base em "Le Bambla" de BUFFON e DAUBENTON, Pl. enlum. 703, fig. 2): Cayenne.

Microcerculus bicolor[1] SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 487.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Florência, La Morelia), do Equador (rio Santiago, rio Suno) e do Perú (Pebas, Chamicuros, Yurimaguas, rio Perené), norte da Bolívia (Yungas), Brasil amazônico (excetuada a margem esquerda do baixo Amazonas, a leste do rio Negro): alto rio Negro (Marabitanas), rio Purús (Cachoeira), rio Tapajoz (Santarém, Tauarí, Vila Braga, Miritituba), rio Guamá (Ourém), leste do Pará (Belém, Prata, Peixe-Boi, Providência, Anindeua, Santa Isabel, Benevides).

BRASIL

Pará

Utinga (prox. de Belém): ♀, F. Q. LIMA, fevereiro 25 (1926).

Microcerculus bambla bambla (Boddaert) [VII, 279]

Formicarius bambla BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44 (com base em "Le Bambla" de BUFFON e DAUBENTON, Pl. enlum. 703, fig. 2): Cayenne.

Microcerculus bambla SHARPE, 1881, Catal. Bds. Brit. Mus., VI, p. 296.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa e Inglesa (rio Mazaruni, Bartica Grove, Camacusa, montes Merumé) e zonas adjacentes do extremo norte do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas (Óbidos)[2].

Microcerculus bambla albigularis (Sclater) [VII, 280]

Heterocnemis albigularis SCLATER, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVI, p. 67: rio Napo (leste do Equador).

Microcerculus albigularis SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 296.

Distribuição. — Leste do Equador (rio Napo, Sarayacu, rio Suno) e região adjacente do extremo noroeste do Brasil: rio Solimões (Manacapurú)[3].

---

(1) *Heterocnemis bicolor* DES MURS, 1856, em CASTELNAU, Expéd. Amér. Sud., Zool., VII, Ois., p. 51, pl. 16, fig. 3 (local. não indicada).

(2) Dois ♂♂ adultos do Mus. Carnegie publicados por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 302). "not separable from Cayenne topotypes".

(3) Cf. E. SNETHLAGE, Bol. Mus. Nacional do Rio de Janeiro, II, n.º 6, p. 50 (1926). — Resta ainda confirmar a determinação do exemplar de SNETHLAGE, possivelmente pertencente a *M. b. caurensis* BERL. & HARTERT, da Venezuela, senão a forma típica.

Gênero **LEUCOLEPIS** Reichenbach

Leucolepis REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 57. Tipo, por designação subsequente de RIDGWAY, 1904 (Bull. Un. St. Nat. Mus., L, parte 3, p. 670), *Formicarius musicus* BODDAERT (= *Myrmornis arada* HERMANN).

Leucolepis arada arada (Hermann) [VII, 288]

Uirá-purú, Irapurú.

Myrmornis arada HERMANN, 1783, Tabl. Affin. Anim., p. 211, nota *r* (com base em "L'Arada" de BUFFON): Cayenne.
Cyphorhinus musicus[1] SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 290.
Leucolepia[2] *musica* IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 325.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, Saint Laurent du Maroni), Holandesa (Surinam) e Inglesa (rio Essequibo, rio Caramang, rio Pomoroon, Camacusa, montes Merumé) e região adjacente do Brasil, até o baixo rio Negro e a margem esquerda do rio Amazonas: rio Negro (Manaus), rio Atabaní, rio Anibá, Óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

GUIANA INGLEZA
Ourumee: ♂ (compr. de BERLEPSCH, janeiro 1905).

BRASIL
Amazonas
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, junho 24 (1937).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 26 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, junho 20 (1936) e abril 26 (1937).

Leucolepis modulator[3] **rufogularis** (Des Murs) [VII, 290]

Irapurú.

Sarochalinus rufogularis DES MURS, 1856, em CASTELNAU, Expéd. Amér. du Sud, VIII, p. 49, pl. 17, fig. 1: Sarayacu (Perú, baixo Ucayali).
Cyphorhinus modulator SHARPE (*nec* D'ORBIGNY), 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 291, pl. XVIII, fig. 2.

---

(1) *Formicarius musicus* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44 (com base em "L'Arada" de BUFFON): Cayenne.
(2) *Leucolepia* RICHMOND, 1902, Auk, XIX, p. 62 (lapso por *Leucolepis*).
(3) *Thryothorus modulator* D'ORBIGNY, 1838, Voyage a l'Amérique Méridionale, Oiseaux, p. 230: Yuracares (Bolívia). HELLMAYR (Catal. Birds of Americas, parte VII, p. 288 e segs.), divergindo de TODD, trata todas as formas brasileiras de *Leucolepis* como simples raças geográficas de *L. arada*, no que é acompanhado por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 302) e reduz ao mesmo tempo *rufogularis* à sinonímia da forma típica de

Leucolepia modulator IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 325.
Leucolepia modulatrix rufogularis SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 488.

Distribuição. — Leste do Perú (Sarayacu, Chamicuros, Chyavetas, Loretoyacu, Moyobamba) e extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Amazonas, até a margem ocidental do rio Madeira: margem direita do rio Solimões (São Paulo de Olivença[1], Tefé), rio Juruá (São Felipe), rio Purús (Cachoeira), margem esquerda do rio Madeira (Humaitá).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 1 ♂ e 1 ♀ juvs., GARBE, junho (1902); sexo ?, GARBE, out. (1902).

Leucolepis modulator transfluvialis Todd

Irapurú

Leucolepis modulator transfluvialis TODD, 1932, Proc. Biol. Soc. Wash., XLV, p. 13: Manacapurú (margem esquerda do rio Solimões).

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (Florencia) e extremo noroeste do Brasil, ao norte do rio Amazonas (até ao rio Negro?)[2]: margem esquerda do rio Solimões (Tonantins, Manacapurú).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 1 (1936); 2 ♀ ♀, CAMARGO, agosto 28 e setembro 30 (1936).

L. modulator (op. cit., p. 291, nota 1), em discordância tambem assim com sua opinião anterior (Novit. Zool., XVII, 1910, p. 261). No arranjo aquí adotado seguem-se, de modo geral, as conclusões de TODD, a quem se deve, com a criação de novas raças, uma boa revisão das formas anteriormente conhecidas (cf. Proc. Biol. Soc. Wash., XLV, 1932, p. 12).

(1) Pátria de *Leucolepis modulator rutilans* TODD, 1932 (Proc. Biol. Soc. Wash., XLV, p. 12), raça baseada apenas em exemplares de Olivença (coligidos por S. KLAGES, fevereiro 1923), localidade da margem direita do alto Solimões. Tenho como bastante problemática sua validez, visto como as aves de Tefé, situada mais a leste, segundo a opinião coincidente de TODD e de HELLMAYR, copiam os caracteres das do leste do Perú.

(2) Não há prova bastante da ocorrência no Brasil de *Leucolepis modulator salvini* SHARPE (Catal. Birds Brit. Mus., VI, 1881, p. 292: rio Napo, leste do Equador), peculiar ao Equador e sudeste da Colômbia (rio Caquetá, rio Putumayo). Os exemplares do baixo rio Negro, referidos por SNETHLAGE (Boletim Mus. Nac., II, n.º 6, p. 50, 1926) pertencerão com toda probabilidade à mesma forma dos de Tonantins e Manacapurú.

Leucolepis modulator interpositus Todd

Leucolepis modulator interpositus TODD, 1932, Proc. Biol. Soc. Wash., XLV, p. 13, Vila Braga (rio Tapajoz, marg. esquerda).

Distribuição. — Margem direita do baixo Amazonas, da margem direita do rio Madeira à esquerda do rio Tapajoz: margem direita do rio Madeira (Calama), rio Gi-Paraná (Maruins), rio Roosevelt, margem esquerda do rio Tapajoz (Vila Braga, Apací).

Leucolepis modulator griseolateralis (Ridgway)

Cyphorhinus griseolateralis RIDGWAY, 1888, Proc. Un. St. Nat Mus., X, p. 518: Diamantina (baixo Tapajoz, marg. direita. perto de Santarém).
Leucolepia griseolateralis IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 324; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 489.

Distribuição. — Margem direita do baixo Amazonas, a leste do rio Tapajoz: margem direita do Tapajoz (Santarém), rio Jamauchim.

Familia MIMIDAE

Gênero **MIMUS** Boie

Mimus BOIE, 1826, Isis, p. 972. Tipo, por monotipia, *Turdus polyglottos* LINNAEUS[1].

Mimus gilvus[2] **antelius** Oberholser [VII, 312]

Sabiá da praia.

Mimus antelius OBERHOLSER, 1819, Proc. Biol. Soc. Was., XXII, — nome novo para *Turdus lividus* LICHTENSTEIN, 1823 (*nec* WILSON, 1810), Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 39: Baía.
Mimus lividus SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 346; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 326.

Distribuição. — Litoral atlantico do Brasil septentrional e oriental: Pará (Cajutuba), norte do Maranhão (Miritiba, Boa Vista, ilha Mangunça), Ceará, Pernambuco (ilha de Itamaracá), Baía (Ilheus), Espírito Santo (Guaraparí), Rio de Janeiro (restinga de Marambaia, lagoa Feia).

---

(1) *Turdus polyglottos* LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 169 (com base principalmente em "The Mockingbird" de CATESBY): Virginia (nordeste dos Estados Unidos).
(2) *Turdus gilvus* VIEILLOT, 1807, Hist. Nat. Ois. Amér. Sept., II, p. 15, pl. 68 bis: "La Guiane et les contrées les plus chaudes de l'Amérique septentrionale".

BRASIL
Maranhão
Miritiba: ♀, SCHWANDA, março 6 (1907).
Boa Vista: ♂, SCHWANDA, abril 7 (1907); ♀, SCHWANDA, novembro 10 (1906).
Pernambuco
Itamaracá: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 31 (1938).
Baía
Ilhéus: ♂, GARBE, abril (1919).
Espírito Santo
Guarapari: ♂, OLALLA, outubro 14 (1942); 2 ♀♀, OLALLA, outubro 12 (1942).

Mimus gilvus melanopterus Lawrence [VII, 316]

Mimus melanopterus LAWRENCE, 1849, Ann. Lyc. Nat. Hist. New York, V, p. 35, pl. 2: Venezuela.
Mimus gilvus SHARPE (*nec* VIEILLOT), 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 350, parte.

Distribuição. — Norte da Colômbia (Santa Marta, rio Magdalena), Venezuela (Maracaibo, baixo Orenoco, Ciudad Bolivar, Cumaná, ilha Margarita, ilhas Testigos, Mérida), Guiana Inglesa (Roraima, rio Mazaruni, rio Abary, alto Takutu, Quonga, Annai) e região adjacente do Brasil: alto rio Branco (Boa Vista, Forte de São Joaquim)[1].

Mimus saturninus saturninus (Lichtenstein) [VII, 327]

Turdus saturninus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 39: Pará (= rio Tapajoz, *teste* HELLMAYR)[2].
Mimus saturninus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 327; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 493.

Distribuição. — Baixo rio Amazonas: Monte Alegre, rio Tapajoz (Santarém).

---

(1) As referências contidas em HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, VII, 1934, p. 317-8), acrescente-se A. DE MIRANDA RIBEIRO, Bol. Mus. Nacional, V, n.º 1, p. 40 (1929).

(2) A fixação da pátria típica precisa não implica em erro na procedência informada por LICHTENSTEIN, como às vezes se tem querido concluir (cf. A. LAUBMANN, Wissens. Ergebn. Deuts. Gran Chaco-Exped., Stuttgart, 1930, p. 319). Na literatura ornitológica estrangeira o nome Pará, que cabe a todo o estado (antiga província do Grão Pará), é sempre tomado na acepção imprópria de Belém, sua capital.

Mimus saturninus frater Hellmayr[1] [VII, 327]

Sabiá-poca (São Paulo), *Sabiá do campo, Calandra.*

Mimus saturninus frater HELLMAYR, 1903, Verh. Zool. Bot. Gesells., Wien, LIII, p. 220: Ipanema (São Paulo); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 327.

Mimus modulator SHARPE (*nec* GOULD), 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 347, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (rio Beni, rio Mamoré), Brasil centro-meridional e este-septentrional: Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Tapirapoã, Vila Bela de Mato Grosso, Miranda, Aquidauana, Campo Grande, Coxim), Goiaz (Catalão, Fazenda Esperança, Jaraguá, Inhumas), Maranhão (Grajaú, Carolina, rio Parnaíba, Boa Vista)[2], Piauí (Gilboez), noroeste da Baía (rio Preto), Minas Gerais (rio Jordão, Agua Suja, Lagoa Santa, rio Piracicaba), Rio de Janeiro (Campo Belo, rio Muriaé, serra de Itatiaia), São Paulo (Ipiranga, Ipanema, Jundiaí, Itatiba, Monte Alegre, Pirassununga, Cajurú, Itapetininga, Cachoeira, Franca, Silvânia, Braunau, Vitória).

BRASIL

Maranhão

Boa Vista: ♂, SCHWANDA, novembro 7 (1906); ♀, SCHWANDA, fevereiro 3 (1907).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, OLIV. PINTO, setembro 13 (1941); ♀, OLIV. PINTO, setembro 11 (1941).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, setembro 7 (1940); ♀, OLIV. PINTO, agosto 20 (1940).

São Paulo

Cachoeira: ♀, H. PINDER, agosto 13 (1898).
Franca: ♂, DREHER, julho 18 (1902).
Pirassununga: sexo?, GARBE, março (1903).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂ juv., LIMA, janeiro 18 (1915).
Itapetininga: ♂, LIMA, julho 24 (1926).
Braunau: ♂, LIMA, junho 29 (1928); 4 ♀♀, LIMA, junho 29 (1928).
Silvânia: ♀, OLIV. PINTO, janeiro 1 (1931).

---

(1) Faltam-me exemplares da área atribuida à forma típica de *Mimus saturninus*, motivo pelo qual não me posso pronunciar sobre os caracteres diferenciais desta raça, cuja validez GRISCOM & GREENWAY acham discutível (cf. Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 303).

(2) O exemplar de Boa Vista, que embora intensamente sujo de terra é bem caracterizadamente de *Mimus saturninus*, documenta a ocorrência da raça centro-brasileira desta espécie até quase no litoral do Maranhão, onde predomina *Mimus g. antelius*.

Jundiaí: sexo ?, SANTO VENDRAMINI, agosto (1933).
Itatiba: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 20 (1933); ♀, LIMA, agosto 16 (1925).
Santa Rita do Passa Quarto: sexo ?, JOSÉ LIMA, julho (1937).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 26 (1940).
Faz. Santa Maria (Rio Preto): ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 14 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 3 (1941); ♂ juv., OLALLA, fevereiro 9 (1941); ♀, OLALLA, janeiro 26 (1941).
Promissão: ♂, OLALLA, agosto 6 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): sexo ?, OLALLA, agosto (1941).
Monte Alegre: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ DE LIMA, janeiro 15 e fevereiro 13 (1943).
Cajurú: ♂, E. DENTE, maio 15 (1943).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, agosto 25 (1934).
Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 21 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, OLIV. PINTO, novembro 6 (1934); ♂ juv., JOSÉ LIMA, novembro 1 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): 2 ♀ ♀, W. GARBE, maio 5 e outubro 17 (1941).

Mato Grosso

Campo Grande: ♂, LIMA, junho 12 (1930).
Coxim: ♂, JOSÉ LIMA, junho 22 (1930).
Aquidauana: ♂, OLIV. PINTO, agosto 4 (1931).
Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, outubro 5 (1937).
Faz. Viramão (Campo Grande): sexo ?, MARIO SENES (1939).

Mimus saturninus arenaceus Chapman[1] [VII, 328]

Mimus arenaceus CHAPMAN, 1890, Auk, VII, p. 135: Baía.
Mimus saturninus SHARPE (*nec* LICHTENSTEIN), 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 348.
Mimus saturninus arenaceus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 327.

Distribuição. — Brasil medio-oriental: leste da Baía, até o rio São Francisco (Joazeiro, rio do Peixe, Mata de São João, Santo Amaro, ilha de Madre de Deus, Curupeba).

BRASIL

Baía

Ilha Madre de Deus (Recôncavo): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 16 (1933).
Curupeba: 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, fevereiro 25 (1933) e fevereiro 17 (1942).

---

(1) Sobre as relações de *Mimus saturninus arenaceus* com *M. s. frater* cf. C. E. HELLMAYR, em Novit. Zool., XV, 1908, p. 15 e, principalmente, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 251-3 (1929). V. tambem NAUMBURG, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 327 (1930); PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 240 (1935).

Mimus saturninus modulator (Gould)[1] [VII, 329]

Orpheus modulator GOULD, 1836, Proc. Zool. Soc. Lond., IV, p. 6: "in Fretu Magellanico", *errore* (= pátria típica, designada por HELLMAYR, Rio La Plata, Uruguay).
Mimus modulator SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 347, parte.
Mimus saturninus modulator IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 327.

Distribuição. — Sudeste da Bolívia (Tarija, Chuquisaca meridional, rio Pilcomayo), Paraguay (Paraguarí, Puerto Pinasco), República Argentina (Formosa, Entre Rios, Salta, Corrientes, Cordoba, Catamarca, Santa Fé, Buenos Aires), Uruguay (Montevideo, Maldonado, Paysandú, Tala) e extremo sul do Brasil: Santa Catarina (?), Rio Grande do Sul (Taquara, Porto Alegre, Torres, Poço das Antas, Jaguarão, Uruguaiana).

ARGENTINA
Tucumán: ♂. P. GIRARD, maio 4 (1918).
URUGUAY
San Vicente: ♀. ALEX WETMORE, janeiro 25 (1921).
BRASIL
Rio Grande do Sul
Uruguaiana: ♀. GARBE, julho (1914).

Mimus triurus (Vieillot) [VII, 331]

Turdus triurus VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XX, p. 275 (com base em AZARA, n. 275): Paraguay.
Mimus triurus SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 342; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 326.

Distribuição. — Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos, Chaco, Tarija, Piedra Blanca), Paraguay (Puerto Bertoni, Puerto Pinasco, Sapucay, Colonia Risso, Bahia Negra), República Argentina (Formosa, Jujuy, Salta, Corrientes, Entre Rios, Buenos Aires, Catamarca, Tucumán, Cordoba, Santa Fé, rio Negro, norte da Patagonia) e, acidentalmente tambem o Chile (Santiago, Valdivia), Uruguay (Canelones, Flores), faixa limítrofe do Brasil oeste-meridional: oeste de Mato Grosso (Caité, Cuiabá, Corumbá, Porto Esperança)[2] e do Rio Grande do Sul (Uruguaiana, Itaquí).

COLÔMBIA
La Mercha (R. B[illegible]quera): ♀. LEO E. MILLER, julho 9 (1912).

---

(1) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XXI, p. 159 (1914).
(2) Cf. OLIV. PINTO, Arquivos de Zool. do Est. de São Paulo, II, p. 39 (1941); HELLMAYR, Novit. Zool., XXVIII, p. 241 (1921); WETMORE, Bull. Un. St. Nat. Mus., n.º 133, p. 350 (1926).

Pinasco, Chaco, Colonia Risso, Salto Guaira), nordeste da Argentina (Misiones, Corrientes), Brasil, provavelmente em todos os estados[1]: rio Solimões (Codajaz, Tefé, Manacapurú), rio Branco (Forte do Rio Branco, serra da Lua), rio Anibá, Itacoatiara, Óbidos, rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Bom Lugar, Monte Verde), rio Madeira (Borba, Calama), Monte Alegre, igarapé Bravo, Arumanduba, rio Tapajoz (Santarém), rio Curuá, Cussarí, ilha Mexiana, rio Acará, Belém e distrito circunjacente (Peixe-Boi), Maranhão (Primeira Cruz, Turiassú, Ponto), Ceará, Pernambuco (Cabo), Baía (Aratuípe, rio Itaípe, rio Catolé), Espírito Santo (rio S. José), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, rio Muriaé, lagoa Feia, Cantagalo), São Paulo (Jaboticabal, Ituverava, Monte Alegre, Cajurú, Olímpia, Barretos, Silvânia, Araçatuba, Itapura), Minas Gerais (Teófilo Otoni, rio Sacramento, rio Matipoó, rio Piracicaba), Goiaz (rio das Almas, Jaraguá, Inhumas, Nova Roma, rio Araguaia, Filadélfia), Mato Grosso (Jupiá, Miranda, Corumbá, Descalvados, rio Taquarí, Cuiabá, Santo Antônio, Vila Bela)[2].

VENEZUELA

Puerto Cabello: ♀, H. B. [illegible], agosto (1882).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♀, GARBE, julho (1902).

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, OLALLA, junho 29 (1935).

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 3 ♂♂, CAMARGO, outubro 8 (1936); 2 ♀♀, CAMARGO, outubro 7 e 8 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, outubro 12 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, março 13 e 24, junho 3 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, março 17 e 25, junho 3 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 11 (1937).

Pará

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 14 (1935); ♀, OLALLA, abril 10 (1935).

---

(1) É muito de notar, todavia, a falta de qualquer testemunho da ocorrência da espécie nos três estados meridionais extremos, a saber, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

(2) Nos exemplares de Cuiabá vêem-se vestígios de penas brancas na porção posterior dos supercílios, sugerindo transição com *[illegible]* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY (Syn. Av., I, em Magas. Zool., VII, 1837, cl. 2, p. [illegible]; Chiquitos e Guarayos) da Bolívia. O mesmo fato também se verifica, porém, acidentalmente, em exemplares adultos da baixa Amazônia. A coloração mais clara das partes inferiores é praticamente constante nas aves da bacia amazônica, em que convirá reconhecer talvez uma raça geográfica, distinta da que ocupa o resto do Brasil.

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, abril 17 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 6 ♂♂, OLALLA, dezembro 2, 18, 25, 27, 29 e 30 (1936); 6 ♀♀, OLALLA, dezembro 12, 15, 27 e 30 (1936).

Maranhão

Primeira Cruz: ♀, SCHWANDA, setembro 30 (1926).

Baía

Aratuípe: ♀, CAMARGO, novembro 10 (1932).

Espírito Santo

Córrego do Sabiá: ♂, OLALLA, outubro 1 (1942).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 11 (1941).

Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♀, OLALLA, setembro 7 (1941).

Minas Gerais

Teófilo Otoni: ♀, GARBE, setembro (1908).

Rio Sacramento (alto rio Doce, marg. direita): ♀, PINTO DA FONSECA, julho 28 (1919).

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♀, PINTO DA FONSECA, julho 26 (1919).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, W. GARBE, agosto 28 (1940).

São Paulo

Jaboticabal: ♀, LIMA, setembro 24 (1900).

Rio Grande (Barretos): ♀, GARBE, maio 2 (1904).

Itapura: ♀, GARBE, agosto (1904).

Ituverava: 2 ♂♂, GARBE, abril e agosto (1911); ♀, GARBE, agosto (1911).

Olímpia: 2 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1916).

Lins: ♀, OLALLA, maio 22 (1941); sexo ?, OLALLA, maio 14 (1941).

Monte Alegre: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 26 (1945).

Cajurú: ♀, E. DENTE, maio 12 (1943).

Goiaz

Nova Roma: ♀, JOSÉ BLASER, novembro 4 (1922).

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pé de Jaraguá): ♀, OLIV. PINTO, agosto 24 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 24 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 31 (1934).

Mato Grosso

Miranda: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 11 (1930).

Jupiá (rio Paraná): ♀, OLIV. PINTO, julho 15 (1931).

Cuiabá: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 22 (1937).

Faz. Maravilha (Vila Santo Antônio, Cuiabá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 12 (1937).

Familia PLOCEIDAE

Subfamília PASSERINAE

Gênero PASSER Brisson

Passer BRISSON, 1760, Orn., I, p. 36; III, p. 71. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1841), *Fringilla domestica* LINNAEUS.

Passer domesticus domesticus (Linnaeus) [XI, 1]
Pardal

Fringilla domestica LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., p. 183: "in Europa" (a Suécia é considerada pátria típica).
Passer domesticus SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 315.

Distribuição. — Ilhas Britânicas e Europa continental, com exceção da Itália, extendendo-se através da Rússia até a Sibéria. Hoje espontânea ou artificialmente aclimatado tanto na América Septentrional, desde o Canadá e todos os Estados Unidos até o México, como em muitas Antilhas (Cuba, Bahamas, Bermudas) e nos paises temperados da América do Sul, nomeadamente a Republica Argentina (do Chaco ao rio Negro), o Chile, o Uruguay, o Paraguay e os estados este-meridionais do Brasil[1]: Espírito Santo (Vitória), Rio de Janeiro (Capital Federal), São Paulo (cid. de São Paulo, Santos, Campinas, Monte Alegre, Araraquara), Minas Gerais (Belo Horizonte, Juiz de Fora), Paraná (Curitiba), Rio Grande do Sul (Santa Maria, Uruguaiana, Livramento, São Luiz, São Gabriel, São Leopoldo, Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Jaguarão, Santa Vitória).

BRASIL
São Paulo
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, C. VIEIRA, agosto 9 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, junho 26 (1939).
Monte Alegre: ♀, JOSÉ LIMA, julho 22 (1942).
Rio Grande do Sul
Uruguaiana: ♂, GARBE, julho (1914).

---

(1) A introdução do Pardal europeu, cuja extraordinária multiplicação o torna verdadeira praga, foi feita no começo deste século e de modo independente em muitas cidades do Brasil, de onde foi dilatando gradativamente sua dispersão à outras localidades. Desse modo hoje existe ele em quase todas as cidades importantes do sul do país, até Vitória do Espirito Santo, onde há pouco pude observá-lo, pouco abundante embora. Sobre esse assunto, que já conta farta literatura, aquí vão algumas referências: R. VON IHERING, "O Estado de São Paulo", n. de 4 de abril de 1914 e ss.; idem, artigos reproduzidos em Contos de um naturalista (São Paulo, 1924, pgs. 93-114); RUD. GLIESCH, Egatea, vol. IX, n. 1, 1924, p. 1 e ss.; PINTO, Bol. Biológico, 2.ª ser., I, p. 15 (1933).

Subfamilia ESTRILDINAE

Gênero **ESTRILDA** Swainson

Estrilda Swainson, 1827, Zool. Journ., III, p. 349. Tipo, por designação original, *Loxia astrild* Linnaeus[1].

Estrilda cinerea (Vieillot)

Bico-de-lacre

Fringilla cinerea Vieillot, 18[illegible], Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XII, p. 176: "Afrique" (pátria típica Senegal, sugerida por Hartert)[2].
Estrilda cinerea Sharpe, 1890, Catal. Bds. Brit. Mus., XIII, p. 394.

Distribuição. — África ocidental e centro-septentrional, do Senegal e do rio Niger ao alto rio Nilo e região do lago Tanganika. Introduzida e aclimada em vários paises tropicais, incluso o sudeste do Brasil: nos subúrbios e várzeas da cidade do Rio de Janeiro (Manguinhos) e da capital de São Paulo (baixadas do Cambucí e do Ipiranga, Invernada dos Bombeiros, Vila Clementino).

Brasil
São Paulo
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, C. Vieira, fevereiro (19[illegible]); ♀, José Lima, abril 1 (19[illegible]).

Familia TURDIDAE

Gênero **TURDUS** Linnaeus

Turdus Linnaeus, 1758, Syst. Nat., I, p. 168. Tipo, por designação de Gray (1840), *Turdus viscivorus* Linnaeus[3].

Turdus albicollis albicollis Vieillot [VII, 360]

Sabiá coleira

Turdus albicollis Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XX, p. 227: "Brésil" (= arredores do Rio de Janeiro, col. Delalande); Seebohm, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. [illegible], parte; Ihering & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., Aves, p. 317, parte.

---

(1) *Loxia astrild* Linnaeus, 1758, Syst. Nat., I, p. 173 (com base em "Waxbill" de Edwards): "In Canariis, America, Africa."
(2) Cf. Novit. Zool., XXVIII, p. 1[illegible] (1921).
(3) *Turdus viscivorus* Linnaeus, 1758, Syst. Nat., I, p. 168: "in Europa". A exemplo de Ridgway (Bull. U. S. Nat. Mus., L, pt. 4, 1907, p. 125), contemplava nestes últimos tempos a maioria dos autores em separar dos do Velho Mundo as formas da América, classificando-as no gênero *Planesticus* Bonaparte, 1854 (Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XXXVIII, p. 3) de que é tipo, por designação

Distribuição. — Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Itatiaia, Registro do Saí, Cantagalo), sul de Minas Gerais (Lagoa Santa, São José da Lagoa)[1], São Paulo (serra da Bocaina, Alto da Serra, Alecrim, São Sebastião, Ipanema, Juquiá, Iguape, Cananéia, Vitória, Baurú, Valparaiso), Paraná (Vera Guaraní, Invernadinha, Marechal Mallet), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Taquara, Novo Hamburgo).

BRASIL

Minas Gerais

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♀, OLALLA, setembro 28 (1940).

São Paulo

Baurú: ♀, GARBE (1900).
Vitória (Botucatú): ♂, HEMPEL, julho 17 (1900).
Alto da Serra: ♂, LIMA, julho (1904).
Alecrim (Iguape): ♀, LIMA, agosto 10 (1925).
Valparaizo: ♀, LIMA, junho 22 (1931).
Cachoeirinha (Cananéia): ♀, CAMARGO, agosto 21 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 24 (1934); ♀ ?, CAMARGO, setembro 26 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLIV. PINTO, maio 21 (1940).
Serra de Caraguatatuba: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 25 (1941).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♂, SCHWARTZ, agosto 5 (1898).

Turdus albicollis paraguayensis (Chubb) [VII, 366]

Merula albicollis paraguayensis CHUBB, 1910, Ibis, 9.a Ser., IV, p. 608: Sapucay (Paraguay).
Turdus albicollis IHER. & IHERING (nec VIEILLOT), 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 317, parte.

---

de BAIRD (1864, Rev. Amer. Birds, I, p. 12), *Turdus lereboulleti* BONAP. (= *T. jamaicensis* GMELIN). Tal proceder se acha hoje abandonado, à falta de caracteres estruturais em que se apoie, como já-lo adverte HELLMAYR (Cat. Bds. of the Americas, parte VII, p. 350, nota 2), a quem tambem acompanho quando impugna a aceitação, defendida entre outros por OBERHOLSER (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIV, 1921, p. 105), de *Turdus merula* LINNAEUS para genótipo de *Turdus*, com base em SELBY (Illustr. Brit. Orn., I, p. XXIX, 1825).

(1) A ocorrência deste sabiá em Lagoa Santa, registrada por BURMEISTER, não pode ter-se mais por duvidosa. Convem todavia assinalar que uma ♀ de São José da Lagoa (caçada na serra da Carrada, não longe de Itabira), diverge sensivelmente da generalidade das aves de São Paulo, ostentando os caracteres de *Turdus r. crotopezus*. Isso, porem, se verifica tambem numa de Valparaizo (oeste de São Paulo).

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay, Villa Rica) e Brasil oeste-meridional: Mato Grosso (Chapada).

ARGENTINA
Misiones: ♂, perm. Mus. Nac. Buenos Aires, junho 14 (1917).
PARAGUAY
Puerto Bertoni: sexo ?, BERTONI (1904).

Turdus albicollis crotopezus Lichtenstein [VII, 368]
Sabiá.

Turdus crotopezus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 38: Baía; SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 210, parte.
Turdus crotopeza IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 317.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: Baía (*ubi?*), Espírito Santo (Santa Teresa, Pau Gigante, rio São José)[1]

Espírito Santo
Rio São José: 2 ♂♂, OLALLA, setembro 22 e 25 (1942).

Turdus phaeopygus phaeopygus Cabanis [VII, 371, pte.]

Turdus phaeopygus CABANIS, 1848, Reise Brit. Guiana, III, p. 666: Guiana Inglesa; SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 208, parte.
Turdus phaeopyga IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 317, parte.

Distribuição. — Guiana Inglesa (Demerara, montes Merumé e Roraima, Camacusa, Bartica Grove), leste da Venezuela (vale do Caura), região adjacente do extremo norte do Brasil: norte do Amazonas (rio Branco, serra Grande)[2].

---

(1) Das localidades citadas foram vistos pelo autor exemplares no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Apresentam caracteres intermediários entre *T. a. albicollis* e *T. a. crotopezus*, porém muito mais aproximados dos do último. Em data ulterior, tive notícia (cf. H. FRIEDMANN, Auk, LIX, 1942, p. 316) de que também em Pau Gigante foram colecionados exemplares, por E. HOLT. Os do rio São José entraram ainda posteriormente para a nossa coleção, estando já em provas o presente Catálogo.

(2) As aves da região do rio Branco, que não conheço todavia visualmente, deverão com todas as probabilidades pertencer à forma típica de *Turdus phaeopygus*, que HELLMAYR, no Catal. of Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte VII, p. 371), considera, com suas correlativas, raças geográficas de *Turdus albicollis*. Sôbre seus caracteres e recíprocas relações, consulte-se TODD, Proc. Biol. Soc. Wash., XLIV, p. 48 e segs. (1931).

Turdus phaeopygus poiteaui Bonaparte[1] [VII. 371 (sin.)]

Carachué.

Turdus poiteaui BONAPARTE, 1854 (*ex* LESSON, 1831)[2], Compt. Rend. Acad. Sci. París, XXXVIII, p. 4, parte: Cayenne (Guiana Francesa).

Turdus phaeopygus SEEBOHM (*nec* CABANIS), 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 208, parte.

Distribuição. — Guiana Francesa (Cayenne, rio Approuague, Ipousin, Pied Saut, Ouanary, Saint Laurent du Maroni), Guiana Holandesa (rio Maroni, Surinam?), zonas adjacentes do norte do Brasil, até a margem esquerda do rio Amazonas: Óbidos, rio Atabaní, rio Solimões (Manacapurú).

BRASIL.

Amazonas

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 17 (1937); 2 ♀♀, OLALLA, julho 13 (1937).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, GARBE, dezembro (1920).

Turdus phaeopygus coloratus Todd

Carachué

Turdus phaeopygus coloratus TODD, 1931, Proc. Biol. Soc. Wash., XLIV, p. 51: Colônia do Mojuí, perto de Santarém (marg. direita da boca do Tapajoz).

Turdus phaeopygus SEEBOHM (*nec* CABANIS), 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 208, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 495.

Distribuição. — Margem direita do baixo Amazonas: rio Madeira (lago do Batista, Borba, Calama, Humaitá?)[3], rio Tapajoz (Santarém), rio Tocantins (Cametá), rio Guamá (Ourém), rio Acará (Ipitinga), região de Belém e distrito este-paraense (Providência, Prata, Apeú, Peixe-Boi)[4], norte do Maranhão (Turiassú).

---

(1) *Turdus phaeopygus cayennensis* TODD, 1931 (op. cit., pag. 50), como verificou HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, VII, p. 371, nota 2 e p. 402, nota 1) reduz-se a sinônimo de *T. poiteaui* BONAPARTE.

(2) *Turdus poiteaui* LESSON, 1831 (Traité d'Orn., p. 409) é *nomen nudum*, consoante o Código Intern. de Nomenclatura.

(3) A área da raça *coloratus* dever-se-á estender, para oeste, até a margem direita do baixo Madeira; pelo menos, o exemplar do lago do Batista, a leste da margem direita do mencionado rio, concorda com os caracteres da raça e difere, à primeira vista, dos do rio Juruá.

(4) TODD (op. cit.) inclina-se a ver nas aves do este-paraense (Benevides) raça particular, enquanto GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 384) reconhecem-lhes caracteres intermediários entre as raças *poiteaui* e *coloratus*.

BRASIL

Amazonas

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 23 (1937); 2 ♀♀, OLALLA, maio 10 e 29 (1937).

Turdus phaeopygus berlepschi Todd [VII, 369]

Carachué.

Turdus phaeopygus berlepschi TODD, 1931, Proc. Biol. Soc. Wash., XLIV, p. 51: Arimã (rio Purús).
Turdus phaeopygus SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, pp. 268 e 404, parte.
Turdus phaeopyga IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 317, parte.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Caquetá, rio Putumayo), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Sarayacu, Zamora, rio Santiago), norte e leste do Perú (Iquitos, Chyavetas, Chamicuros, Huambo, Chirimoto), norte da Bolívia (rio Beni) e extremo noroeste do Brasil: alto rio Negro (Castanheiro, Marabitanas, Cobatí), rio Juruá (igarapé Grande, Santa Cruz do Eirú), rio Purús (Arimã).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, outubro 26 (1936).
Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, janeiro 24 (1937).

Turdus nudigenis[1] gymnophthalmus Cabanis [VII, 379 (sin.)]

Carachué.

Turdus gymnophthalmus CABANIS, 1849, em SCHOMBURGK, Reis. Brit. Guiana, III, p. 665, parte: Cayenne (localid. típica designada por BERLEPSCH)[2]; SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 212, parte.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Roraima, Quonga), Holandesa e Francesa (Cayenne, Approuague), norte extremo do

---

(1) *Turdus nudigenis* LAFRESNAYE, 1848, Rev. Zool., XI, p. 4: Caracas. À falta de material, o arranjo proposto aqui para as formas deste grupo é mera tentativa, baseada, até certo ponto, em argumentos de probabilidade. Em seu catálogo, tantas vezes mencionado (pág. 381, nota 2), reluta HELLMAYR em aceitar a raça *gymnophthalmus*, referindo todas as populações norte-amazônicas à forma típica da espécie. Em face, porém, do que informa GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. [illegible]) ao examinar o material do Carnegie Museum estudado anteriormente por TODD, a forma típica é aqui provisòriamente, a exemplo do que fizeram esses autores, considerada privativa à costa septentrional da Venezuela e adjacências.

(2) Cf. Novit. Zool., XV, p. 104 (1908).

Brasil, até a margem septentrional do rio Amazonas: rio Branco (Forte de São Joaquim), rio Jamundá (Faro), igarapé Boiussú, Amapá.

GUIANA HOLANDESA

Surinam: ♂ ?, compr. de SCHLÜTER, maio (1902).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 19 (1935).

Turdus nudigenis extimus Todd [VII, 381]

Carachué.

Turdus nudigenis extimus TODD, 1931, Proc. Biol. Soc. Wash., XLIV, p. 54: Santarém (marg. direita do baixo Amazonas, a leste da boca do rio Tapajoz).

Distribuição. — Margem direita do baixo Amazonas (Santarém, Cussarí)

Turdus fumigatus fumigatus Lichtenstein [VII, 385]

Carachué da capoeira (Pará), *Sabiá da mata, Sabiá verdadeiro* (Baía).

Turdus fumigatus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 38: "Brasilia" (para localidade típica sugeriu HELLMAYR o rio Espirito Santo, no estado do mesmo nome)[1]; SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 216, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 319, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 497, parte.

Distribuição. — Leste da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura), Guianas Inglesa (rio Essequibo, rio Mazaruni, Bartica Grove, Camacusa, Supenaam, Ituribisci), Holandesa e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Saint George d'Oyapock), Brasil septentrional (baixo e médio Amazonas) e oriental: porção extrema do rio Solimões (Manacapurú)[2], rio Urubú, Silves, Óbidos, igarapé Boiussú, Patauá, baixo Madeira (Borba), lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém, Itaituba, Pinhí), rio Tocantins (Cametá, Baião), ilha Mexiana, rio Guamá, rio Acará (Ipitinga) e região de Belém (Utinga, Prata, Apeú), norte de Mato Grosso (rio Guaporé, Engenho do Gama, São Vicen-

---

(1) O tipo, examinado por HELLMAYR no Museu de Berlim, foi colecionado por SELLOW.

(2) O ♂ de Manacapurú, na margem esquerda do rio Solimões, não longe da foz do rio Negro, concorda muito exatamente com o de lago do Batista (leste do baixo Madeira), destacando-se, pelo contrário, decididamente do de Codajaz.

te), Maranhão (Turiassú), Pernambuco (Cabo), Baía (Ilheus, rio Gongogí, Belmonte), Espírito Santo (Pau Gigante, rio Espírito Santo, Santa Cruz), Rio de Janeiro (rio Paraíba).

TRINIDAD
"Trinidad": sexo ?, compr. de v. BERLEPSCH (1905).

BRASIL
Amazonas
Membeca (rio Manacapurú): ♂, CAMARGO, setembro 9 (1936).
Rio Urubú (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, maio 14 (1937).
Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 25 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, junho 19 e julho 6 (1937).
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, maio 30 (1937).
Pará
Utinga (próx. de Belém): ♂, F. Q. LIMA, novembro 23 (1923).
Murutucú (próx. de Belém): ♀, F. Q. LIMA, janeiro 21 (1926).
Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 24 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 21 (1935).
Baía
Ilhéus: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, maio (1915).
Belmonte: ♂, GARBE, agosto (1919).
Rio Gongogí: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 15 (1932).
Espírito Santo
Pau Gigante: ♂, L. C. FERREIRA, setembro 17 (1940).
Santa Cruz: ♂, GENTIL DUTRA, outubro 18 (1940).

Turdus fumigatus hauxwelli Lawrence[1] [VII, 387]

Carachué.

Turdus hauxwelli LAWRENCE, 1869, Ann. Lyc. Nat. Hist. New York, IX, p. 265: Pebas (Perú); SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 216; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 317; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 497.

Distribuição. — Norte do Perú (Pebas, Iquitos, Nauta, Chamicuros, Saimiria, rio Ucayali, Sarayacu) e da Bolívia (rio Beni), Brasil oeste septentrional (alto Amazonas): rio Solimões (Olivença, Tefé, Codajaz), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Ponto Alegre, Cachoeira, Bom Lugar), alto Madeira (Humaitá, Calama, Santa Isabel do Rio Preto).

BRASIL
Amazonas
Rio Juruá: ♀, GARBE, novembro (1902).
Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLALLA, agosto 16 (1935).

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, p. 259 (1910).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 4 ♂♂, OLALLA, outubro 25, 26 e 28, novembro 5 (1936); 5 ♀♀, OLALLA, outubro 25, 26 e 30 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 3 ♀♀, OLALLA, dezembro 18 (1936), janeiro 26 e fevereiro 6 (1937).

Turdus lawrencii Coues [VII, 389]

Turdus lawrencii COUES, 1880, Bull. Un. St. Geol. Surv. Territ., V, N.º 4, p. 570, — nome novo para *Turdus brunneus* LAWRENCE, 1878 (*nec* BODDAERT, 1783), Ibis, 4.ª Ser., II, p. 57, pl. 1: alto Amazonas (localidade típica Pebas, na margem esquerda do baixo Marañon).
Merula[1] *leucops* SEEBOHM, 1881 (*nec* TACZANOWSKI, 1877), Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 241, parte.

Distribuição. — Guiana Inglesa, leste do Equador (Sarayacu, El Loreto, Orillas del Mirahuali), norte do Perú (Pebas, Chamicuros), Brasil oeste-septentrional: rio Solimões (Olivença, Tonantins, Caviana), rio Atabaní, rio Purús (Arimã)[2], norte de Mato Grosso (Barão de Melgaço, próximo às nascentes do rio Gi-Paraná).

BRASIL.

Amazonas

Rio Atabani (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, julho 11 (1937).

Turdus ignobilis debilis Hellmayr[3] [VII, 393]

Carachué.

Turdus ignobilis debilis HELLMAYR, 1902, Journ. f. Orn., L, p. 56: rio Madeira (= Salto Teotônio, NATTERER col.); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 320, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 496.
Turdus leucomelas SEEBOHM (*nec* VIEILLOT), 1881, Catal. Bds. Brit. Mus., V, p. 213, parte.

---

(1) *Merula* LEACH, 1816 (antecedido por *Merula* KOCH, 1816), Syst. Cat. Spec. Mamm. Bds., p. 20. Tipo, por monotipia, *Merula nigra* LEACH (= *Turdus merula* LINNAEUS). Frequentemente usado no mesmo sentido de *Planesticus*.

(2) Localidade típica de *Turdus altiloquus* TODD, 1925 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 92), que, segundo Mrs. NAUMBURG (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 332) e HELLMAYR, prova ser sinônimo de *T. lawrencii*.

(3) Esta forma, cujos caracteres foram por HELLMAYR postos em paralelo com os de *T. amaurochalinus* (Novit. Zool., XVII, 1910, p. 259), oferece grandes dificuldades de caracterização, dados os traços de semelhança que tem com outras congêneres. A ela pertencem, segundo o mesmo autor, alguns exemplares (baixo Ucayali, Xeberos) referidos por SEEBOHM no Catal. of Birds of Brit. Mus. (vol. V, p. 213) a *T. leucomelas*. Tambem, por vezes tem sido confundida com as do grupo *nudigenis*, como o demonstrara o mesmo autor (cf. Novit. Zool., XIII, 1906, p. 5).

Distribuição. — Oeste da Venezuela (Zulia, Tachira), leste da Colômbia (Caquetá), do Equador (rio Napo, rio Coca, Archidona, Gualaquiza, Zamora) e do Perú (Iquitos, rio Ucayali, rio Huallaga, Xeberos, Chirimoto, Yurimaguas, Huanuco), norte da Bolívia e Brasil oeste-septentrional (Amazonas e noroeste extremo de Mato Grosso): rio Solimões (Tefé, Manacapurú)[1], rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), alto rio Madeira (Porto Velho, Salto Teotônio, Santa Isabel do Rio Preto).

COLÔMBIA

Bogotá: 2 ♂♂ ?, compr. de BERLEPSCH, janeiro (1905).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 8 (1936); 2 ♀♀, CAMARGO, setembro 29 e outubro 8 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, outubro 23 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 7 ♂♂, OLALLA, dezembro 18, 20, 26 e 31 (1936), janeiro 28 e fevereiro 2 e 3 (1937); ♀, OLALLA, dezembro 18 (1936).

Porto Velho (rio Madeira): ♀, OLALLA, fevereiro 20 (1939).

Turdus ignobilis arthuri (Chubb) [VII, 396]

Planesticus arthuri CHUBB, 1914, Bull. Brit. Orn. Cl., XXXIII, p. 131: rio Abary (Guiana Inglesa).

Distribuição. — Zona tropical (baixa) da Guiana Inglesa (rio Abary, rio Makauria) e do sul da Venezuela (base do monte Duida), norte extremo do Brasil, até a margem esquerda do rio Amazonas (Itacoatiara)[2].

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, março 29 (1937).

Turdus amaurochalinus Cabanis [VII, 396]

Sabiá, Sabiá branco, Sabiá pardo.

Turdus amaurochalinus CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 5: "Brasilien" (como pátria típica proponho o Rio Grande do

---

(1) A ocorrência da raça ao norte do rio Solimões é atestada por exemplares de Manacapurú, em tudo semelhantes aos do rio Juruá (cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, 1937, p. 591).

(2) Uma ♀ de Itacoatiara, diferente das de Manacapurú e rio Juruá, concorda com os caracteres assinalados à raça guianense. À mesma raça, com toda probabilidade, deverá referir-se também a de Monte Alegre, localidade registrada por SNETHLAGE (Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 480), mas posta em dúvida por HELLMAYR (Catal. Birds Amer., VII, p. 394, nota 1).

Sul); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 319; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 496.
Turdus leucomelas SEEBOHM[1], 1881 (= *Turdus leucomelas* VIEILLOT, parte), Catal. Bds. Brit. Mus., V, p. 213, pte.

Distribuição. — República Argentina (Jujuy, Corrientes, Entre Rios, Misiones, Chaco, Formosa, Tucumán, Cordoba, Mendoza, Buenos Aires, rio Negro), Uruguay (Maldonado, San José, Paysandú, Treinta y Tres), Paraguay (Puerto Bertoni, baixo Pilcomayo, Paso do Yvay, Villa Rica, Forte Wheeler), Bolívia (Santa Cruz, Yungas, San Francisco, Tarija, Cochabamba), Brasil central e oriental: Mato Grosso (Porto Esperança, Urucúm, Miranda, Coxim, Cuiabá), Goiaz (rio Meia Ponte, Jaraguá, Inhumas), leste do Pará (Belém)[2], Maranhão (São Luiz, Anil, Turiassú, Primeira Cruz), Piauí (lagoa Parnaguá), Ceará (serra de Baturité, Várzea Formosa), Baía (Santo Amaro), Rio de Janeiro (Cantagalo, Porto Real, Sepitiba, serra do Itatiaia), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio das Velhas, Vargem Alegre, Mariana, barra do rio Piracicaba, São José da Lagoa, Maria da Fé), São Paulo (São Sebastião, Alecrim, Ipiranga, Itatiba, Piquete, Campos do Jordão, Cachoeira, Matodentro, Goiaba, Monte Alegre, Cajurú, Ipanema, São Miguel Arcanjo, Salto Grande, Silvânia, Glicério, Porto Tibiriçá), Paraná (Curitiba, Vera Guaraní, Vermelho, Cara Pintada, Marechal Mallet), Santa Catarina (Joinvile, Araranguá), Rio Grande do Sul (Taquara, Porto Alegre, Pedras Brancas, Camaquã, Itaquí).

ARGENTINA
Las Talas: ♂, ofta. de C. BRUCH, janeiro (1899).
PARAGUAY
Puerto Bertoni: 1 ♂ juv. ? e 1 ♀, BERTONI (1904).
BRASIL
Maranhão
Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, setembro 10 (1906).

---

(1) Com HELLMAYR (cf. Journ. f. Orn., 19[illegible], p. 58), a generalidade dos ornitologistas reconhece *Turdus amaurochalinus* na descrição do que AZARA (N.º 80) supôs ser a fêmea de seu "Zorzal obscuro y blanco", nome mudado por VIEILLOT em *Turdus leucomelas*, de conformidade com a nomenclatura lineana. Na descrição do célebre naturalista espanhol, muito breve, falta todavia referência a um dos caracteres mais salientes da espécie supracitada, a saber, a côr amarelo-clara do bico, que, pelo contrário, é dado como negro em toda extensão.

(2) Do Pará não se conhecem exemplares afora os de SNETHLAGE (Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 496). GRISCOM & GREENWAY chegam a ter dúvidas sôbre a autenticidade daquela procedência (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 305).

Espírito Santo
Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂♂, OLALLA, agosto 23 (1942); ♀, OLALLA, agosto 25 (1942).

Minas Gerais
Vargem Alegre: ♂ ?, J. B. GODOY, outubro (1900).
Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): ♀, OLIV. PINTO, janeiro 23 (1936).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 21 (1940); ♀, OLALLA, agosto 23 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 5 ♂♂, OLALLA, setembro 29 e outubro 1, 2, 3 e 4 (1940); ♀, OLALLA, outubro 1 (1940).

São Paulo
Piquete: ♂ ?, J. ZECH, setembro (1896).
Cachoeira: ♂, H. PINDER, agosto 18 (1898).
Faz. Caioá (Salto Grande do Paranapanema): 2 ♀♀, HEMPEL, setembro 5 e 16 (1903).
Campos do Jordão: ♂, H. LÜDERWALDT, fevereiro 22 (1906).
Itatiba: 2 ♂♂, LIMA, setembro (1907) e outubro (1911); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 23 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 19 (1933).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂♂, LIMA, setembro (1910) e julho 15 (1926); ♂, SCHROTER, julho 22 (1902); ♀, LIMA, dezembro (1912); ♀, JOSÉ LIMA, junho 13 (1932).
Ilha dos Alcatrazes: ♂, PINTO DA FONSECA, outubro 17 (1920).
Alecrim (Iguape): ♀, LIMA, agosto 10 (1925).
Braunau: ♂ ?, LIMA, junho 25 (1928).
Glicério: ♂, LIMA, julho 20 (1928).
São Miguel Arcanjo: ♂, LIMA, setembro 5 (1929); ♀, LIMA, agosto 31 (1929).
Silvânia: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 31 (1930).
Porto Tibiriçá (rio Paraná): ♀, LIMA, agosto 25 (1931).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♂, CAMARGO, agosto 19 (1934).
Monte Alegre: 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, julho 23 e 25 (1942); ♀, JOSÉ LIMA, julho 25 (1942).
Cajurú: sexo ?, E. DENTE, maio 10 (1943).

Rio Grande do Sul
Itaqui: ♂, GARBE, agosto (1914).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♀, OLIV. PINTO, setembro 1 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaiba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 7 (1934).
Faz. Transvaal (rio Claro): 4 ♂♂, W. GARBE, junho 2, setembro 20 e outubro 9 (1941); 3 ♀♀, W. GARBE, junho 18, setembro 20 e 28 (1941); 2 sexo ?, W. GARBE, setembro 30 (1941).

Mato Grosso
Miranda: ♂, LIMA, setembro 8 (1930).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 19 (1937).
Cuiabá: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 19 (1937).

Turdus leucomelas leucomelas Vieillot[1] [VII, 399]

Sabiá branco.

Turdus leucomelas VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict d'Hist. Nat., XX, p. 238 (com base em AZARA, N.º 80 "Zorzal obscuro y blanco", excl. a descrição da ♀): Paraguay; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 318, parte.

Distribuição. — Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay, Bernalcué, Ybitimi),? leste do Perú (Moyobamba), Brasil centro meridional: Mato Grosso (Chapada, Cuiabá, Vila Bela de Mato Grosso, Juruena, Tapirapoã, Coxim, Campo Grande, Salobra, rio das Mortes, Sant'Ana do Paranaíba), Goiaz (Jaraguá, rio Claro, Veadeiros, Fazenda Esperança), Minas Gerais (Água Suja, São José da Lagoa), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Itatiaia), São Paulo (Itararé, Ipanema, Cemitério do Alambarí, rio Paraná, Lins, Baurú, Rincão, Cajurú, Salto Grande, Silvânia).

BRASIL

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, OLALLA, agosto 26 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLIV. PINTO, outubro 4 (1940).

São Paulo

Rincão: ♂, LIMA, outubro 20 (1940).
Silvânia: ♂ ?, OLIV. PINTO, janeiro 10 (1931).
Alto rio Paraná: ♂, LIMA, setembro (1931).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂, JOSÉ LIMA, abril 3 (1940); ♀, JOSÉ LIMA, março 25 (1940).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, abril 11 e 16 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 9 (1941); ♀, OLALLA, janeiro 31 (1941); sexo ?, OLALLA, fevereiro 1 (1941).
Barra do rio Dourado: ♀, OLALLA, janeiro 30 (1941).
Cajurú: ♂, E. DENTE, maio 15 (1943).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 4 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♀, OLIV. PINTO, outubro 16 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): 2 ♂ ♂, W. GARBE, junho 5 e setembro 27 (1941); 5 ♀ ♀, W. GARBE, maio 15 (1940), abril 18, maio 25, junho 1 e setembro 27 (1941); sexo ?, W. GARBE, setembro 30 (1941).

Mato Grosso

Campo Grande: ♀, JOSÉ LIMA, julho 23 (1930).

---

(1) Deve-se a H. VON IHERING (Catal. Fauna Braz., Aves, 1907, p. 318) o haver primeiramente esclarecido a nomenclatura de *Turdus leucomelas*, cujos caracteres foram por ele plenamente definidos, em confronto com *T. amaurochalinus*.

Rio Piquirí (Coxim): ♂, LIMA, julho 8 (1930); ♀, LIMA, junho 20 (1930).
Sant'Ana do Paranaíba: ♂, JOSÉ LIMA, julho 24 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 5 (1937).
Chapada: ♂, OLIV. PINTO, setembro 30 (1937).
Faz. Ângelo Severo (rio Araguaia): ♀, Bandeira Anhanguera, novembro 7 (1937).

Turdus leucomelas albiventer Spix [VII. 400]

Sabiá branco.

Turdus albiventer SPIX, 1824, Av. Bras. Sp. Nov., I, p. 70, pl. 69, fig. 2, parte (♂): Pará (local. restr. por HELLMAYR)[1]: SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 216, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 496, parte.
Turdus leucomelas IHER. & IHERING (*nec* VIEILLOT), 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 318, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional (da margem direita do baixo Amazonas e as ilhas do estuário) ao Recôncavo da Baía: rio Tapajoz (Boim, Santarém, Goiána), ilhas de Marajó (Pindobal, São Natal), Mexiana e Caviana, Belém e distrito este-paraense (Benevides, rio Muriá, Apeú, Providência, Santa Isabel, Quatipurú, Tamucurí), Maranhão (São Luiz, São Bento, Anil, Miritiba, Turiassú, Codó, Grajaú), Piauí (Pedrinha, rio Parnaíba, Piranha, lago Parnaguá), Ceará (serra de Baturité), Baía (Curupeba, ilha da Bimbarra)[2].

BRASIL
Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1921); 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, junho 18 (1934).
Maranhão
Miritiba: ♂, SCHWANDA, abril 3 (1907).
Baía
"Bahia": ♂ ?, compr. de SCHLÜTER (1898 ?)
Ilha das Vacas (Recôncavo): ♀, OLIV. PINTO, fevereiro 16 (1942).
Curupeba: ♀, OLIV. PINTO, fevereiro 13 (1933).
Ilha da Bimbarra: ♂, OLIV. PINTO, fevereiro 21 (1933).

---

(1) Cf. Abhandl. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 618 (1906). SPIX dá como pátria da espécie "*Minas Geraës et Parae*"; todavia, segundo HELLMAYR, só a última merece ser tomada em consideração, certo que a "fêmea" descrita pelo zoologista bávaro corresponde a *Turdus amaurochalinus* CABAN. A raça a que propôs o mesmo autor dar o nome de SPIX aproxima-se muito estreitamente da forma típica, a ponto de nem sempre ser possível, como é ele o primeiro a reconhecer (cf. Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, 1929, p. 249), a exata determinação de exemplares isolados.
(2) Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 234 (1935).

Turdus leucomelas ephippialis Sclater [VII, 401]

Carachué.

Turdus ephippialis SCLATER, 1862, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 109: Bogotá (Colômbia).

Turdus albiventer SEEBOHM (*nec* SPIX), 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 216, parte.

Turdus albiventris SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 490, parte.

Distribuição. — Leste da Colômbia (vale do Magdalena, região de Santa Marta), Venezuela (Caracas, Cumaná, Ciudad Bolivar, vale do Orenoco), Guianas Inglesa (Roraima, Georgetown, Quonga, alto Takutu, rio Abary, rio Ituribisci, Demerara, Bartica), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Isle Le Père, Roche Marie), extremo norte do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas: rio Branco (Boa Vista, Forte de São Joaquim), rio Jamundá (Faro), Monte Alegre, Amapá.

Turdus rufiventris rufiventris Vieillot [VII, 403]

Sabiá de barriga vermelha, Sabiá piranga, Sabiá coca (Baía), *Sabiá laranjeira* (São Paulo), *Sabiá laranja* (Rio Gr. do Sul).

Turdus rufiventris VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XX, p. 226: "Brésil" (Rio de Janeiro, pátria típica sugerida por BRABOURNE & CHUBB)[1]; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 319.

Turdus rufiventer SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 222.

Distribuição. — República Argentina (Chaco, Formosa, Misiones, Jujuy, Salta, Corrientes, Entre Rios, Buenos Aires, Cordoba, Tucumán), Uruguay (Maldonado, Paysandú, rio Uruguay, rio Negro, rio Cebollati, Arroio Grande, San Vicente de Castillos), Paraguay (Alto Paraná, baixo Pilcomayo, Villa Concepción, Villa Franca, Sapucay, rio Negro, Forte Wheeler), leste da Bolívia (Chiquitos, Vale Grande, Samaipata), Brasil central e este-meridional: Mato Grosso (Cuiabá, Urucúm, Salobra, Miranda, Piraputanga, Aquidauana), Goiaz (Jaraguá, Inhumas), sul da Baía (Andaraí, rio Gongogí, rio Jucurucú), Minas Gerais (Juiz de Fora, Vargem Alegre, rio das Velhas, São José da Lagoa, barra do Piracicaba, Ipatinga, Água Suja, Maria da Fé), Espírito Santo (Vitória, serra do Caparaó),

(1) Cf. Catal. Bds. South. America, I, p. 244 (1912).

Rio de Janeiro (lagoa Saquarema, Sepitiba, Registro do Saí, Cantagalo, Nova Friburgo, Porto Real, Terezópolis, rio Muriaé, Itatiaia), São Paulo (Cubatão, Juquiá, Cananéia, ilha do Cardoso, cidade de São Paulo, Ipiranga, Mboi, Guarulhos, Ipanema, Itatiba, Matodentro, Mogí das Cruzes, Cachoeira, serra de Bananal, Cajurú, Franca, São José do Rio Pardo, Baurú, Rio Preto), Paraná (Curitiba, Castro, Vera Guaraní, Guarapuava), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile, Araranguá), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Santo Angelo, São Lourenço, Taquara, Pedras Brancas).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 22 (1942).

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia: ♀, H. LÜDERWALDT, abril 16 (1906).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♀, OLALLA, setembro 12 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: ♂ ?, J. B. GODOY (1900).
Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 8 (1936); sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 13 (1936).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 21, 26 e 31 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 21 e 24 (1940).
Ipatinga: ♀, OLIV. PINTO, agosto 31 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, OLALLA, outubro 1 e 2 (1940); 3 ♀ ♀, OLALLA, setembro 27 e 30, outubro 5 (1940).

São Paulo

Itatiba: 2 ♂ ♂ ?, LIMA, junho (1898) e março (1926); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 31 (1933); sexo ?, juv., JOSÉ LIMA, novembro 16 (1932).
Cachoeira: ♂, LIMA, agosto 13 (1898).
Baurú: ♂, GARBE (1899).
São José do Rio Pardo: ♂, SCHROTTKY, maio 11 (1900).
Franca: ♂, DREHER, julho 22 (1902).
Guarulhos: ♂, adq. por compra (julho 28, 1902).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, adq. por compra (julho 22, 1902); sexo ?, juv., LIMA, novembro 13 (1913); ♂, OLALLA, julho 2 (1939); ♀, JOSÉ LIMA, maio 8 (1941).
Cubatão: 2 ♂ ♂, LIMA, julho 22 (1923).
Mogí das Cruzes: ♀, JOSÉ LIMA, março 29 (1933).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♀, CAMARGO, agosto 20 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): 2 ♂ ♂, CAMARGO, setembro 24 e outubro (1934).
Faz. Ponte Nova (Macadúbas): ♂, LIMA, março 24 (1940).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 3 ♂ ♂, OLALLA, abril 9, maio 13 e 14 (1940); ♀, OLALLA, maio 21 (1940).
Rio Juquiá: ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 13 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, E. DENTE, agosto 24 (1941); ♂, OLALLA, agosto 30 (1941); ♀, OLALLA, agosto 27 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 11 (1943).
Cajurú: ♀, E. DENTE, maio 11 (1943).

Goiaz
Jaraguá (rio das Almas): ♂, W. GARBE, setembro 8 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. GARBE, novembro 16 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, junho 5 (1941); ♀, W. GARBE, junho 4 (1941).
Mato Grosso
Miranda: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 11 (1930).
Salobra: ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 26 (1939).
Aquidauana: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1931).

Turdus rufiventris juensis (Cory) [VII, 405]

Planesticus rufiventris juensis CORY, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 344: Juá, perto de Igatú (Ceará).

Distribuição[1]. — Nordeste do Brasil: Maranhão (Codó), Piauí (Ibiapaba, rio Parnaíba), Ceará (Juá, Várzea Formosa, Quixadá), Pernambuco (Itamaracá), norte da Baía (São Marcelo, Santa Rita do Rio Preto, Alagoinhas, Aratuípe, ilha de Madre de Deus, Curupeba).

BRASIL
Pernambuco
Itamaracá: ♀, OLIV. PINTO, janeiro 3 (19[illegible]).
Baía
Belmonte: ♀ ?, GARBE, agosto (1919).
Aratuípe: ♂, CAMARGO, novembro 13 (1932).
Rio Gongogi: ♂, OLIV PINTO, dezembro 16 (1932).
Ilha de Madre de Deus: ♂, CAMARGO, janeiro 24 (1933).
Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♂, OLIV. PINTO, março 27 (1933).

Turdus subalaris (Seebohm) [VII, 411]
Sabiá ferreiro.

Merula subalaris SEEBOHM (*ex* LEVERKÜHN manuscr.), 1887, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 557 "Jatubá" (= Jatobá, no sudoeste de Goiaz, *fide* HELLMAYR)[2].

---

(1) Só muito convencionais podem ser os limites geográficos entre *T. r. rufiventris* e *T. r. juensis*, dada a insensível transição que existe entre as duas formas e grande largueza das variações individuais de cada qual. A exemplo de HELLMAYR (cf. Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, 1929, p. 248) refiro à raça nordestina as populações do norte da Baía, inclusive as do Recôncavo, para cujo caráter intermediário tive também ensêjo de chamar a atenção, anos atrás (cf. Rev. Mus. Paul., XIX, 1935, p. 235-237).

(2) Não há informes mais precisos sôbre a origem do exemplar típico, de que se ignora o coletor e a data da captura. A localidade Jatubá, que SEEBOHM presumia situar-se no "valley of Rio Grande, Province of S. Paulo, Brazil", fica em verdade, segundo HELLMAYR (Catal. Birds of Americas, VII, p. 411), no oeste de Goiaz. Deve ser, ao que parece, a mesma "Jatubá (Pouso no Sertão)" visitada por NATTERER, em 27 de novembro de 1823 (cf. PELZELN, Orn. Bras., Itiner., pág. VIII).

Turdus subalaris Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 320.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (rio Iguassú, Misiones), Paraguay (Puerto Bertoni) e Brasil meridional[1]; Mato Grosso (Chapada), Goiaz (Jatobá), Paraná (Castro, Invernadinha, Vermelho, Cara Pintada)[2], Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

Paraguay
Puerto Bertoni: ♂, Bertoni, setembro 15 (19[illegible]).

Brasil
Paraná
Castro: 1 ♂, 1 ♂ juv. e 1 ♀, oferta do sr. A. C. Salley, janeiro (1924).
Rio Grande do Sul
Porto Alegre: ♂ ?, R. C. Gliesch, novembro 26 (1924).

Género PLATYCICHLA Baird

Platycichla Baird, 1864, Rev. Amer. Birds, I, p. 32. Tipo, por designação original, *Platycichla brevipes* Baird (= *Turdus flavipes* Vieillot).

Platycichla flavipes flavipes (Vieillot) [VII, 425]

Sabiá-una, Sabiá preto.

Turdus flavipes Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XX, p. 277: "au Brésil" (= Rio de Janeiro, col. Delalande).
Merula flavipes Seebohm, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 253.
Platycichla flavipes Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 321.

Distribuição.[3] — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), leste do Paraguay (Puerto Bertoni), Brasil este-meridional: sul extremo da Baía (*ubi?*), Espírito Santo (Vitória, Pau Gigante), leste de Minas Gerais (rio Doce, rio Piracicaba, rio Matipoó, São José da Lagoa, Lagoa Santa), Rio de Janeiro

(1) O exato conhecimento da área de dispersão de *Turdus subalaris* é embaraçado pelas sérias dificuldades que até aqui oferece a determinação de certos exemplares, dada a extraordinária largueza das variações individuais a que espécie está sujeita. Na coleção em estudo só dois exemplares têm a plumagem cinzenta ardosiada característica da espécie; nos outros, em que predomina a cor olivaceo-pardacenta, tão grande é a semelhança com certos exemplares de *Turdus amaurochalinus*, que é impossível não hesitar ao determiná-los.
(2) Cf. Sztolcman, Ann. Zool. Mus. Polon., V, p. [illegible] (1926).
(3) No Brasil ocorre apenas a forma típica da espécie, confinada aos estados este-meridionais; outras raças se distribuem nos países da América do Sul norte-septentrional, do Perú à Colombia e à Venezuela.

(cid. do Rio de Janeiro, Nova Friburgo, Cantagalo, Porto Real, Cabo Frio, Angra dos Reis, Itatiaia), São Paulo (serra do Mar, Embura, Juquiá, Cananéia, São Sebastião, Cubatão, serra de Bananal, Ipiranga, cid. de São Paulo, serra da Cantareira, Monte Alegre, Guarulhos), Paraná (Curitiba, Terezina, Cara Pintada), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Taquara, Porto Alegre, Viamão).

BRASIL

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, E. G. HOLT, agosto 23 (1940); ♀, GENTIL DUTRA, setembro 13 (1940).

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♀, PINTO DA FONSECA (1919).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLIV. PINTO, agosto 22 (1940); 2 ♂♂, W. GARBE, agosto 23 e setembro 3 (1940); 2 ♂♂, OLALLA, agosto 24 e 26 (1940); 3 ♀♀, OLALLA, agosto 23, 24 e 26 (1940).

Rio Doce (marg. direita): ♀, OLALLA, agosto 28 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 2 (1940).

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia: 3 ♂♂, H. LUEDERWALDT, abril 26 e 29, maio 2 (1906); ♀, H. LUEDERWALDT, maio 4 (1906).

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂, JOSÉ LIMA, junho 21 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, junho 18 (1941).

São Paulo

Alto da Serra: ♂, LIMA, agosto 9 (1899).

Rio Grande (serra do Cubatão): 2 ♂♂, LIMA, fevereiro 8 (1900) e (1905).

São Sebastião: ♀, HEMPEL (1901).

Guarulhos: ♀, adq. por compra (julho 28, 1902).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂♂, LIMA, agosto 4 (1909) e setembro (1910); ♂, LIMA, fevereiro 4 (1906); ♀ juv., LIMA, abril 3 (1910)

Cubatão: ♂, LIMA, julho 23 (1923).

Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, outubro 2 (1934).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 14 (1940).

Embura: 2 ♂♂, OLALLA, dezembro 20 (1940); 2 ♀♀, OLALLA, dezembro 20 e 24 (1940).

Serra da Cantareira: ♂, J. KONIG, dezembro 8 (1940); ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 9 (1940); 2 ♀♀, JOSÉ LIMA, dezembro 8 e 9 (1940).

Serra de Bananal (alto rio Pará, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 27 (1941).

Monte Alegre: 2 ♂♂ e 2 ♀♀, JOSÉ LIMA, julho 28 (1942).

Gênero CICHLOPSIS Cabanis

Cichlopsis CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 54. Tipo, por designação original, *Cichlopsis leucogenys* CABANIS.

Cichlopsis leucogenys leucogenys Cabanis [VII, 432]

Cichlopsis leucogenys CABANIS, 1851 (*ex* LICHTENSTEIN manuscr.), Mus. Hein., I, p. 54, em nota infrapágina: "Brasilien" (como pátria típica sugiro o sul da Baía); SHARPE, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., VI, p. 378.

Turdampelis[1] *leucogenys* IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 320.

Distribuição. — Região litorânea do Brasil médio-oriental: sudeste da Baía (Itabuna), Espírito Santo (Braço do Sul, Chaves, Santa Tereza)[2].

BRASIL

Baía

Itabuna: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, julho (1919).

Espírito Santo

Chaves (na serra, acima de Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 27 (1942).

Gênero **HYLOCICHLA** Baird

Hylocichla BAIRD, 1864, Rev. Amer. Bds., I, p. 12. Tipo, por designação original, *Turdus mustelinus* GMELIN[3].

Hylocichla ustulata[4] **swainsoni** (Tschudi) [VII, 457]

Turdus swainsoni TSCHUDI (*ex* CABANIS manuscr.), 1845, Fauna Peruana, — novo nome para *Merula wilsonii* SWAINSON, 1832 (não *Turdus wilsonii* BONAPARTE, 1824), em SWAINSON & RICHARDSON, Faun. Bor.-Amer., II, p. 182: Carlton House (margens do rio Saskatchewan, Canadá); SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 201.

---

(1) IHERING & IHERING, acompanhando STEJNEGER (Proc. Un. St. Nat. Mus., V, 1882, p. 482), usam para este gênero o nome *Turdampelis* LESSON, 1844 (Echo du Monde Savant, XI, p. 156, 1844) que, segundo demonstrou HELLMAYR, pertence a *Cotingidae* (cf. Verh. Orn. Gesells. Bay., XII, 1915, p. 138).

(2) *Cichlopsis leucogenys leucogenys* é raça isolada de uma espécie ricamente representada nos países do oeste-septentrião da América do Sul (Guiana Inglêza, Peru, oeste do Equador). Os dois exemplares colecionados por F. B. MULLER no Braço do Sul, localidade distante de Vitória cerca de um dia de viagem, foram os primeiros de cuja procedência se teve conhecimento preciso. Ao estudá-los, deu-nos HELLMAYR (Verh. Orn. Gesells. Bay., XII, 1915, p. 127) o histórico da espécie, conhecida até então através de raros espécimes de vaga procedência. Depois daí, a ave foi verificada na Baía (Itabuna) por E. GARBE, a serviço do Museu Paulista; ela parece relativamente comum no baixo rio Doce, vários exemplares de Santa Tereza existindo no Museu Nacional, colecionados por H. BERLA.

(3) *Turdus mustelinus* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 817 (com base em "Tawny Thrush" de LATHAM): New York, Estados Unidos.

(4) *Turdus ustulatus* NUTTALL, 1840, Man. Orn. Un. St. and Canada Land Birds, 2.ª ed., págs. VI, 400 e 830: "forests of the Oregon" (= Forte Vancouver, Washington).

Distribuição. — Reside e procria na América Septentrional, desde o Território de Alaska e o Canadá (Mackenzie, Quebec, Manitoba) até o norte e o leste dos Estados Unidos (Maine, Massachussetts, New York, Illinois, Wisconsin, Arkansas, Tenessee, Mississipi, Pennsylvania), de onde emigra pelo inverno para os estados do sul, México, América Central (Nicaragua, Costa Rica) e norte da América Meridional, visitando a Colômbia ("Bogotá"), o Perú (Chinchao), a Bolívia (Buenavista) e a própria República Argentina (Tucumán), com ocorrências no norte extremo do Brasil: alto rio Negro (Marabitanas, Cucuí, NATTERER col.).

PERÚ
Pozugo: ♂, adq. de ROSENBERG (19[illegible]).

Hylocichla fuscescens fuscescens (Stephens) [V II, 459]

Turdus fuscescens STEPHENS, 1817, em SHAW, General Zoology, X, p. 182 — com base em *Turdus mustelinus* WILSON, 1812 (não de GMELIN, 1789), Amer. Orn., V, p. 98, pl. 43, fig. 3: Pennsylvania; SEEBOHM, 1881, Cat. Bds. Brit. Mus., V, p. 203.

Hylocichla fuscescens IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 320; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 498.

Distribuição. — Procria na zona fria e temperada da América do Norte, do Canadá (Michigan, Ontario, Quebec) aos Estados Unidos (New York, Illinois, Massachussetts, Ohio, New Jersey, Florida), de onde emigra através do México (Yucatan) e da América Central, para o norte da América do Sul, nomeadamente a Guiana Inglesa (Camacusa), Venezuela (Culata), a Colômbia (Bonda, Santa Marta) e o Brasil septentrional e ocidental: Pará (Santarém), Mato Grosso (São Vicente, Chapada).

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
Laurel (Maryland): ♂, W. RICHMOND, abril 29 (1890).
Falls Church (Virginia): ♂, J. H. RILEY, abril 30 (1899).

Hylocichla fuscescens salicicola Ridgway [V II, 460]

Hylocichla fuscescens salicicola RIDGWAY, 1882, Proc. Un. St. Nat. Mus., IV, p. 374: Fort Garland (Colorado, oeste dos Estados Unidos).

Distribuição. — Nidifica no sul e oeste do Canadá (Saskatchewan, Colômbia, Alberta, Manitoba), norte e oeste dos Estados Unidos (Wisconsin, Yowa, Utah, Nevada, Oregon), de onde emigra para o norte da América Meridional, com

ocorrências acidentais no oeste do Brasil: Mato Grosso (Chapada)[1].

Familia SYLVIIDAE

Subfamilia POLIOPTILINAE

Gênero **POLIOPTILA** Sclater

Polioptila SCLATER, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., XXIII, p. 11. Tipo, por designação subsequente de BAIRD (1864, Rev. Amer. Bds., I, p. 67), *Motacilla caerulea* LINNAEUS.

Polioptila dumicola dumicola (Vieillot) [VII, p. 488]

Sylvia dumicola VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 170 (com base em AZARA, N.º 158, "Contramaestre azulejillo"): Paraguay.
Polioptila dumicola SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 444, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 329.

Distribuição. — Norte da Argentina (Tucumán, Cordoba, Buenos Aires, Corrientes, Entre Rios, Salta, Formosa), Uruguay (Montevidéu, Polanco, Arazati), Paraguay (Chaco, Puerto Pinasco, Forte Wheeler, Assunción, Villa Franca), Bolívia central e meridional (prov. Santa Cruz, Tarija, Cochabamba), sudoeste e sul extremo do Brasil: região oeste-meridional de Mato Grosso (Corumbá, Urucúm, Salobra, Miranda, Aquidauana)[2], Rio Grande do Sul (Uruguaiana, São Lourenço).

ARGENTINA
Barracas al Sud: ♀, VENTURI, setembro 8 ([illegible]).

BRASIL
Rio Grande do Sul
Uruguaiana: 2 ♂♂ e 2 ♀♀, GARBE, julho (1914).
Mato Grosso
Miranda: 3 ♂♂, LIMA, agosto 4, 5 e 22 (1930); ♀, LIMA, agosto 5 (1930).
Aquidauana: ♂, LIMA, agosto 2 (1931).
Salobra: ♂, Exp. a Mato-Grosso, julho 21 (1939); ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 23 (1939); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 27 (1941).

---

(1) Os exemplares desta e da precedente raça colecionados em Chapada por H. SMITH, foram examinados por J. A. ALLEN (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., III, p. 349).

(2) As aves do sul de Mato Grosso apresentam amiude caracteres intermediários entre *P. dumicola dumicola* e *P. d. berlepschi*, que passa a substituir a forma típica no centro e norte do estado. Particularmente ilustrativos são os nossos exemplares de Miranda, entre os quais uns são tipicamente da primeira (N.os 12.288, 12.414) e outros mais semelhantes à segunda (N.º 12.321).

Polioptila dumicola berlepschi Hellmayr [VII. 490]

Polioptila berlepschi HELLMAYR, 1901, Novit. Zool., VIII, p. 351: rio das Pedras e rio Paraná (= rio Grande, na fronteira norte do estado de São Paulo, col. NATTERER)[1]; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 328.
Polioptila dumicola SHARPE (nec VIEILLOT), 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 444, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos), Brasil central: quase todo o Mato Grosso, a região oeste-meridional excetuada (Engenho do Capitão Gama, Cuiabá, Santo Antônio, Tapirapoã, Chapada, Cáceres, rio São Lourenço, Rondonópolis, Coxim, serra Azul, Porto Faia), Goiaz (Filadélfia, Leopoldina, cid. Goiaz, Inhumas), oeste de Minas Gerais (Água Suja) e de São Paulo (rio Grande, rio das Pedras, Itapura).

BRASIL
São Paulo
Itapura: 2 ♂♂, GARBE, agosto e setembro (1904).
Goiaz
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, novembro 10 (1934).
Mato Grosso
Porto Faia: ♂, GARBE, outubro (1904).
Faz. São Bento (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, junho 29 (1930).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, OLIV. PINTO, agosto 18 (1937).
Rondonópolis: ♀, OLIV. PINTO, agosto 26 (1937).
Usina Santo Antônio (Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 11 (1937).
Pontal da serra Azul: 1 ♂ e 1 ♀, Bandeira Anhanguera, setembro 15 (1937).

Polioptila guianensis[2] facilis Zimmer [VII. 492, pt.]

Polioptila guianensis facilis ZIMMER, 1942, Amer. Mus. Novit., N.º 1.168, p. 6: Solano (rio Cassiquiare, sudoeste da Venezuela).

Distribuição. — Sul da Venezuela (rio Cassiquiare, monte Duida, rio Pescada) e região adjacente da extrema oeste-septentrional do Brasil: alto rio Negro (monte Curicuriari).

---

(1) PELZELN (Orn. Bras., p. 70) referiu erroneamente um dos exemplares do rio das Pedras a *Polioptila leucogastra* (WIED).
(2) *Polioptila guianensis* TODD, 1920, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIII, p. 72: Tamanoir (rio Mana, Guiana Francesa). De acordo com o estudo de ZIMMER a forma típica da espécie parece restringir-se às Guianas.

Polioptila guianensis paraënsis Todd

Polioptila paraënsis TODD, 1937, Annals of the Carnegie Museum, XXV, p. 255: Benevides (leste do Pará).

Distribuição. — Brasil septentrional, a leste e ao sul do baixo Amazonas: leste do Pará (Benevides), rio Tapajoz (Caxiricatuba)[1].

Polioptila lactea Sharpe [VII, 494]

Polioptila lactea SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 453: "South America" (segundo HELLMAYR, pátria típica Rio de Janeiro, de acordo com o estilo da preparação)[2]; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 329.

Distribuição. — Leste do Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay), Brasil este-meridional: Rio de Janeiro, São Paulo (rio Feio, rio Ribeira), Paraná (Terezina).

BRASIL

São Paulo

Rio Feio: ♂, F. GUNTHER, outubro 5 (1905); ♀, F. GUNTHER, setembro 20 (1905).

Polioptila plumbea plumbea (Gmelin)[3] [VII, 496]

Todus plumbeus GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 444 (com base em "Todi species tertia" de Pallas, Spic. Zool., I, Fasc. 6, p. 17): Surinam.

Polioptila buffoni SHARPE[4], 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 449.

Polioptila livida[5] IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 329; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 484.

---

(1) TODD, discutindo os caracteres do exemplar típico, rotulado como ♂ e único até então, aponta a sua semelhança com as ♀♀ de *P. guianensis*, espécie da qual ZIMMER considera *P. paraënsis* simples variedade geográfica, posto que a esta forma deva referir-se um casal de Caxiricatuba, por ele examinado.

(2) Cf. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XIII, p. 316 (1906).

(3) Sobre a nomenclatura desta espécie cf. PENARD, Auk, XL, p. 335 (1923). A prioridade de *Todus plumbeus* GMEL. é reivindicada sobre *Motacilla livida* GMELIN, 1789 (Syst. Nat., I, p. 981), baseada em DAUBENTON, Pl. enlum. 705, fig. 3 e erroneamente atribuída a Madagascar (= Cayenne).

(4) *Polioptila buffoni* SCLATER, 1861, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 127, parte (Cayenne), do mesmo modo de que *P. livida* (GMEL.), inclue-se na sinonimia de *P. plumbea plumbea* (GMEL.). Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., VIII, p. 360 (1901).

(5) *Motacilla livida* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 981 (com base em "Figuier de Madagascar" de DAUBENTON, Pl. enlum. 705, fig. 3): Madagascar, *errore* (Cayenne, localidade suposta). *Cf.* HELLMAYR, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 223 (1903).

Distribuição. — Guianas Holandesa (Paramaribo, Kwata) e Francesa (Cayenne, Approuague, Roche Marie), Brasil amazônico: rio Amazonas (Manacapurú, Itacoatiara, Monte Alegre), igarapé Boiussú, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Amapá, Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Pinhí, Urucurituba), rio Curuá, rio Xingú (Porto de Moz), rio Tocantins (Arumateua, Baião, Mocajuba), ilha de Marajó (São Natal, Pindobal, Chaves), rio Guamá (Santa Maria de São Miguel), rio Mojú, Belém e cercanias (Val de Cans, Quatipurú, Benevides, Flor do Prado), norte do Maranhão (Turiassú).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, CAMARGO, outubro 22 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, março 24 e 29 (1937); ♀, OLALLA, abril 3 (1937).

Pará

Santarém (foz do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, abril 2 e 5 (1935); 2 ♀ ♀, OLALLA, abril 9 (1935).

Bom Jardim (baixo Amazonas, marg. direita): sexo ?, OLALLA, março 20 (1936).

Foz do Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 13 e 18 (1936); 3 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 5 e 10 (1936).

Polioptila plumbea innotata Hellmayr [VII, 408]

Polioptila buffoni innotata HELLMAYR, 1901, Novit. Zool., p. 359: Forte de São Joaquim (local. típica), no alto rio Branco (Brasil) e Guiana Inglesa (Quonga, Annai).

Polioptila innotata IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 329.

Distribuição.[1] — Guiana Inglesa (rio Rupununi, rio Abary, rio Takutu, Quonga, Annai) e região adjacente do norte extremo do Brasil (norte do Amazonas): rio Branco (Boa Vista, Caracaraí, Forte de São Joaquim, serra da Lua), rio Surumú (Frechal).

---

(1) ZIMMER, em sua recente revisão (Amer. Mus. Novit., N.º 1.168), inclue em *P. plumbea innotata* as aves de leste e sul da Venezuela (rio Orenoco, monte Duida), referidas por HELLMAYR a *P. plumbea plumbiceps*, cujo tipo, de procedência imprecisa, concorda todavia com os exemplares da região mais septentrional daquele país.

Polioptila plumbea atricapilla (Swainson) [VII, 495]

Culicivora[1] *atricapilla* SWAINSON, 1823, Zool. Illustr., II, pl. 57: nenhuma localidade é indicada (Baía, pátria típica adotada)[2].

Polioptila leucogastra[3] SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 446, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 329.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: interior do Maranhão (Barra do Corda, Côcos, Grajaú) e do Piauí (Ibiapaba, Arara, Parnaguá), Ceará (Juá[4], Várzea Formosa), Pernambuco (Pau d'Alho, Tapera, Quipapá, Garanhuns), Baía (Joazeiro, serra da Soledade, cidade da Barra, rio Grande, rio Preto, Bonfim, Santo Amaro, Curupeba, ilha de Madre de Deus).

BRASIL

Pernambuco

Tapera: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, dezembro 15 e 18 (1938).

Baía

"Bahia": ♂, SCHLÜTER (1898).

Joazeiro: 3 ♂♂, GARBE, novembro e dezembro (1907); 2 ♀♀, GARBE, novembro e dezembro (1907).

Vila Nova (= Bonfim): ♂ juv., GARBE, junho (1908).

Cidade da Barra: 1 ♂ e 2 ♀♀, GARBE, outubro (1913).

Ilha de Madre de Deus (Recôncavo): 2 ♂♂, OLIV. PINTO, janeiro 18 (1933) e fevereiro 22 (1942); ♂?, OLIV. PINTO, janeiro 16 (1933); ♀?, OLIV. PINTO, janeiro 20 (1942).

Curupeba: ♂, W. GARBE, fevereiro 18 (1933).

Família MOTACILLIDAE

Gênero ANTHUS Bechstein[5]

Anthus BECHSTEIN, 1805, Gemein. Naturgesch. Deutschl., 2.ª ed., II, p. 302, nota margin. Tipo, por designação subsequente de SHARPE (1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 534), *Alauda trivialis* LINNAEUS[6].

---

(1) *Culicivora* SWAINSON, 1837 (nec SWAINSON, 1827), Classif. of Birds, II, p. 243. Tipo, por monotipia, *Culicivora atricapilla* SWAINSON.

(2) Cf. C. E. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Publ. 330, Zool. Ser., XIII, parte VII, p. 495 (1934).

(3) *Sylvia leucogastra* WIED, 1831 (Beitr. Naturges. Bras., III, p. 710: sertão da Baía) é antedatada por *Motacilla leucogastra* LEDRU, 1810 (Voy. Ténériffe, I, p. 182: Teneriffe), hoje colocada no gênero *Sylvia*.

(4) Juá (perto de Iguatú) é a pátria típica de *Polioptila livida cearensis* CORY, 1916 (Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 343), sinônimo de *Culicivora atricapilla* SWAINSON. Cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 241 (1935).

(5) Sobre as espécies sul-americanas deste gênero cf. HELLMAYR, [illegible], II, págs. 180-192 (1921).

(6) *Alauda trivialis* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 288: ... "in Suecia".

Anthus furcatus furcatus Lafresnaye & d'Orbigny [VIII, 87]

Anthus furcatus LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 27: Patagônia (= Carmen, no baixo rio Negro, *teste* HELLMAYR); SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 605, parte.

Distribuição. — Paraguay (Puerto Bertoni), República Argentina (Buenos Aires, Cordoba, Santa Fé, Mendoza) e norte da Patagônia (rio Negro), Uruguay (rio Negro, San Vicente, Lazcano, Santa Elena) e região adjacente do extremo sul do Brasil (rio Uruguai): oeste do Rio Grande do Sul (Itaquí, Uruguaiana).

ARGENTINA

Buenos Aires: ♂, perm. Mus. Nac. Hist. Natural, setembro 8 (1904); ♂, F. M. RODRIGUEZ, setembro 16 e dezembro 8 (1904); ♂, VENTURI, setembro 27 (1899).

Avellaneda: 2 sexos ?, F. M. RODRIGUEZ, setembro 16 e dezembro 8 (1904).

BRASIL

Rio Grande do Sul

Uruguaiana: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, julho (1915).

Itaquí: ♂, GARBE, agosto (1914).

Anthus lutescens lutescens Pucheran [VIII, 89]

Peruinho ou *Peruzinho do campo*, *Caminheiro* (São Paulo), *Sombrio*.

Anthus lutescens PUCHERAN (ex CUVIER manuscr.), 1855, Arch. Mus. Hist. Nat. Paris, VII, p. 343: "Brésil" (= arredores da cid. do Rio de Janeiro, col. DELALANDE)[1]; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 330; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 473.

Anthus rufus SHARPE (nec GMELIN)[2], 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 606, parte.

Distribuição. — Norte e leste da Argentina (Corrientes, Entre Rios, Chaco, Formosa, Tucumán, Buenos Aires, Santa Fé, Mendoza), Uruguay (Montevideo, Maldonado), Paraguay (Puerto Bertoni, Puerto Pinasco, Sapucay, Villa Rica), leste da Bolívia (Santa Cruz de la Sierra) e da Colômbia ("Bogotá"), Venezuela (rio Orenoco, Angostura, Delta Amacuro),

---

(1) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XIII, p. 307 (1906).

(2) *Alauda rufa* GMELIN, 1788 (Syst. Nat., I, p. 798), com base exclusiva em "Petite Alouette de Buenos Ayres" de BUFFON e DAUBENTON (Pl. enlum. 738, fig. 1), de duvidosa identidade, é, como advertiu HELLMAYR (Novit. Zool., XXX, p. 222, nota) nome anteocupado por *Alauda rufa* GMELIN (op. cit., p. 792). Por dupla razão é que todos os ornitologistas atualmente o rejeitam, a exemplo de BERLEPSCH (Zeitschr. Gesam. Orn., II, 1885, p. 114). Sobre as relações da forma típica com as suas afins cf. também HELLMAYR, Abhandl. mathem.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXV, p. 99 (1912).

Guianas Inglesa (Roraima, montes Merumé, rio Abary, rio Rupununi, Annai), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), quase todo o Brasil: norte extremo do Amazonas (Boa Vista do Rio Branco, serra da Lua), baixo Amazonas (rio Maicurú, Cussarí, Diamantina, Santarém, lago Grande), ilha de Marajó (Chaves, Pacoval, Pindobal), ilha Mexiana, distrito este-paraense (Belem, Quatipurú, Benevides), Maranhão (ilha Mangunça, São Bento, Boa Vista), Piauí (Amarração, rio Parnaíba), Pernambuco (Itamaracá), Baía (Curupeba, rio São Francisco, Joazeiro, Queimadas, cidade da Barra, rio Preto, São Marcelo), Espírito Santo (rio Doce, Pau Gigante), Rio de Janeiro (Nova Friburgo), São Paulo (Iguape, Cachoeira, Monte Alegre, Bebedouro, Barretos, Lins), Rio Grande do Sul (Taquara, Pelotas), Minas Gerais (Sete Lagoas, Paracatú) Mato Grosso (rio Paraná, Porto Faia, Três Lagoas, Corumbá).

ARGENTINA

Buenos Aires: ♂, VENTURI, outubro 14 (1898).

BRASIL

Maranhão

Boa Vista: ♂, SCHWANDA, abril 10 (1907).

Pernambuco

Itamaracá: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 2 ([illegible]).

Baía

Joazeiro: ♂, GARBE, dezembro (1907).

Cidade da Barra: ♂, GARBE, janeiro (1908).

Curupeba: ♀, W. GARBE, janeiro 29 (1933).

Espírito Santo

Rio Doce: 2 ♂♂, GARBE, abril e outubro (1906); 4 ♀♀, GARBE, abril e outubro (1906).

Pau Gigante: ♂, E. G. HOLT, outubro 23 (1940).

Guarapari: ♂, OLIV. PINTO, outubro 14 (1942); ♂, OLALLA, outubro 14 (1942).

Rio de Janeiro

Lagoa Feia (Ponta Grossa): 1 ♂ e 2 ♀♀, OLALLA, setembro 7 (1941).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. KRONE (1898 ?)

Cachoeira: ♂, LIMA, agosto 11 (1898); ♀, H. PINDER, agosto 11 (1898); ♀, LIMA, agosto 10 (1898); sexo ?, LIMA, agosto 17 (1898).

Bebedouro: ♂, GARBE, março (1904).

Rio Grande (Barretos): 2 ♂♂, GARBE, maio (1904).

Lins: sexo ?, OLALLA, fevereiro 13 (1941).

Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, novembro 7 (1941).

Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, maio 10 (1943).

Mato Grosso

Porto Faia: 2 ♂♂, GARBE, outubro (1904).

Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho 11 (1931).

Anthus correndera correndera Vieillot [VIII, 96]

Anthus correndera VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 491 (com base em AZARA, N.º 145, "La Correndera"): "Paraguay, até o Rio da Prata"; SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 610, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 330.

Distribuição. — República Argentina (Buenos Aires, Corrientes, Entre Rios, Mendoza, Tucumán, Cordoba, Neuquen) e norte da Patagônia (rio Negro, Chubut), Uruguay (Montevideo, Maldonado, Paysandú, Canelones, San José, Florida), ? Paraguay, sul do Brasil: litoral de São Paulo (Iguape, São Sebastião), Rio Grande do Sul (São Lourenço, Nova Hamburgo).

ARGENTINA

Quilmes (Buenos Aires): [illegible], perm. Mus. Nac. Hist. Natural, setembro 11 (1917).

Buenos Aires: sexo ?, F. M. RODRIGUEZ (1904).

Avellaneda: [illegible], F. M. RODRIGUEZ, setembro 15 (1904); 2 [illegible], F. M. RODRIGUEZ, setembro 15 e 18 (1904).

BRASIL

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. KRONE, junho 18 (1901).

São Sebastião: 2 sexos ?, H. PINDER, maio 21 e 24 (1901).

Anthus nattereri Sclater [VIII, 98]

Caminheiro.

Anthus nattereri SCLATER, 1878, Ibis, 4.ª Ser., II, p. 366, pl. 10: rio Verde (pátria típica, *teste* HELLMAYR), Pescaria e Itararé (localidades todas do estado de São Paulo, col. NATTERER); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 331.

Xanthocorys[1] *nattereri* SHARPE, 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 619.

Distribuição. — Paraguay (Paraguarí) e Brasil meridional: São Paulo (Itararé, rio Verde, Pescaria, Ipiranga, Ipanema, Itapetininga), Paraná (Castro, Invernadinha), Rio Grande do Sul (São Lourenço).

BRASIL

São Paulo

Ipiranga (cid. de S. Paulo): [illegible], H. PINDER, dezembro 21 (1896).

Itararé: sexo ?, GARBE, maio (1905).

Itapetininga: [illegible], LIMA, julho 27 (1926).

Paraná

Faz. Monte Alegre (Castro): [illegible], GARBE, agosto (1907).

---

(1) *Xanthocorys* SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 619: rio Verde (São Paulo).

Anthus hellmayri[1] brasilianus Hellmayr [VIII, 101]

Anthus hellmayri brasilianus HELLMAYR, 1921, El Hornero, II, p. 190: Campos do Itatiaia (Rio de Janeiro).
Anthus chii SHARPE (nec VIEILLOT)[2], 1885, Cat. Bds. Brit. Mus., X, p. 116; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 330.

Distribuição. — Uruguay (Maldonado), ? leste da Argentina (Barracas al Sud, prov. Buenos Aires), Brasil este-meridional: Espírito Santo (Santa Leopoldina), Rio de Janeiro (serra do Itatiaia), São Paulo (Ipiranga, cabeceiras do rio Mboi-Guassú, Itararé), Paraná (Castro, Curitiba, Lança, Cara Pintada, Campo Largo), Rio Grande do Sul (São Lourenço, Camaquã).

BRASIL

Rio de Janeiro
Campos do Itatiaia: ♂, H. LÜDERWALDT, abril 14 (1906); ♀ ?, H. LÜDERWALDT, abril 19 (1906).

São Paulo
Ipiranga (cid. de São Paulo): ♀, H. PINDER, outubro 13 (1897).
Itararé: ♂, GARBE, maio (1903).
Cabeceiras do rio Mboi-Guassú: 3 ♂♂ e 2 ♀♀, OLALLA, novembro 11 (1940).

Paraná
Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, GARBE, agosto (1907).

Familia CYCLARHIDAE

Gênero CYCLARHIS Swainson[3]

Cyclarhis SWAINSON, 1826, Zool. Journ., I, p. 294. Tipo, por monotipia, *Tanagra gujanensis* GMELIN.

Cyclarhis gujanensis gujanensis (Gmelin) [VIII, 200]

Tanagra gujanensis GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 893 (com base em "Verde-roux" de BUFFON): Guiana (= Guiana Francesa).

---

(1) *Anthus hellmayri* HARTERT, 1909, Novit. Zool., XVI, p. 165: Tucumán (= rio Sali, prov. de Tucumán, Rep. Argentina).
(2) *Anthus chii* VIEILLOT, 1818 (Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 490) merece rejeitado, como preconiza HELLMAYR (Novit. Zool., XXX, 1923, p. 223, nota 2), visto que o "Chii" de AZARA (N.º 146), pela descrição, tanto pode ser *A. lutescens* como *A. hellmayri*.
(3) *Cyclarhis* é a grafia usada originariamente por SWAINSON que, anos depois (Zool. Journ., III, 1827, p. 162), a emendou para *Cyclorhis*, mais de acordo com a etimologia provavel (narinas redondas). Não obstante, segundo informa HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., VIII, p. 193, n. 3), essa emenda, já de si inaceitavel às regras da nomenclatura, foi ulteriormente (Orn. Draw., pte. 5, pl. 58, 1837) abandonada pelo próprio SWAINSON.

Cyclorhis guianensis GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 319.
Cyclorhis gujanensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves. p. 338.
Cyclarhis gujanensis SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 479.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, Saint Jean du Maroni, Oyapock), Holandesa (Paramaribo) e Inglesa (montes Takutu, Roraima, Yuruani), leste do Perú (rio Ucayali, rio Huallaga, Tarapoto, La Gloria), Brasil amazônico, incluso o oeste do Maranhão e norte extremo de Mato Grosso: rio Negro (Marabitanas, Manáus), rio Branco (Forte de S. Joaquim), rio Anibá, rio Juruá (lago Grande), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Borba, Humaitá), rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, rio Tapajoz (Boim, Santarém, Aveiro, Piquiatuba, Caxiricatuba, Pinhí, Miritituba), rio Jamauchim (Santa Elena), rio Xingú (Forte Ambé), rio Tocantins (ilha Pirunum), rio Guamá (Ourém, Sta. Maria do São Miguel), Belém e distrito circunjacente (Utinga, Prata, Benevides, Maguarí, Providência, Igarapé Assú, Apeú, Bragança), noroeste do Maranhão (Turiassú)[1], norte extremo de Mato Grosso (rio Juruena).

BRASIL

Amazonas
Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, outubro 17 (1936).
Igarapé Aniba (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 30 (1937).

Pará
Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, julho 9 (1936.)

Cyclarhis gujanensis cearensis Baird [VIII, 202]

Pitiguarí (Pernambuco), *Gente-de-fora-vem* (Baía).

Cyclarhis cearensis BAIRD, 1866, Rev. Amer. Birds, I, p. 391: Ceará (nordeste do Brasil).
Cyclorhis albiventris[2] GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 319.
Cyclorhis cearensis IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 338.

---

(1) HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, 1929, p. 263) refere à raça típica um ♂ de Turiassú, arrolando, pelo contrário sob a forma seguinte os de São Luiz, Barra do Corda, etc. A verdade é que as duas formas experimentam no Maranhão, entre si, transição gradual e insensivel, do que é prova um ♂ de Boa Vista, capaz de referir-se a uma ou outra, com iguais fundamentos.
(2) *Cyclorhis albiventris* SCLATER & SALVIN, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 17[illegible]: Baía.

Cyclorhis viridis IHER. & IHERING (*nec* VIEILLOT), op. cit., p. 337, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos). Brasil este-septentrional e central: Maranhão (São Luiz, São Bento, Boa Vista, Codó, Barra do Corda, Tranqueira, rio Parnaíba), Piauí (Arara), Ceará (Várzea Formosa, Quixadá, serra de Baturité, Juá), Pernambuco (ilha de Itamaracá, Recife, Pau d'Alho), Baía (Salvador, Santo Amaro, ilha de Madre de Deus, ilha da Bimbarra, Bonfim, Queimadas, Andaraí, Santa Rita do Rio Preto), oeste de Minas Gerais (Pirapora) e de São Paulo (Barretos, Lins, Macaúbas, Itapura), Goiaz (Inhumas, Jaraguá, Goiaz, rio Tesouras, rio Araguaia, Filadélfia), Mato Grosso (Três Lagoas, Campo Grande, Coxim, Aquidauana, Miranda, Salobra, Corumbá, Urucúm, Descalvados, Cuiabá, Chapada, rio Guaporé).

BRASIL

Maranhão

Boa Vista: ♂, SCHWANDA, abril 19 (1907).

Pernambuco

Itamaracá: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 29 (1938).

Baía

"Bahia": sexo ?, adq. por compra (1898).

Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, abril (1908); ♀, GARBE, junho (1908).

Ilha da Bimbarra: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 24 (1933).

Ilha de Madre de Deus (Recôncavo): ♂, OLIV. PINTO, fevereiro 7 (1942); ♂ juv., OLIV. PINTO, janeiro 20 (1942); 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, janeiro 17 e 21 (1943).

Minas Gerais

Pirapora: ♂, GARBE, maio (1912).

São Paulo

Rio Grande (Barretos): ♂, GARBE, maio (1904).

Itapura: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1904).

Faz. Ponte Nova (Macaúbas): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, março 27 e abril 6 (1940).

Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 29 (1941); ♀, OLALLA, fevereiro 3 (1941).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 28 (1934).

Rio das Almas (Jaraguá): ♀, OLIV. PINTO, setembro 13 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 2 ♂ ♂, W. GARBE, novembro 10 e 24 (1934); 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, setembro 15 e outubro 31 (1934); ♂, OLIV. PINTO, novembro 8 (1934).

Mato Grosso

Chapada: ♂, H. H. SMITH, janeiro 29 (1883); ♂, OLIV. PINTO, setembro 29 (1937).

Campo Grande: ♂, LIMA, julho 22 (1930); ♀, LIMA, julho 26 (1930).

Miranda: 2 ♂♂, LIMA, agosto 28 e setembro 8 (1930).
Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho 12 (1931).
Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 4 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, JOSÉ DE LIMA, agosto 7 (1937).
Faz. Viramão (Campo Grande): ♂, JOSÉ LIMA, julho 27 (1939).
Salobra: ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 19 (1941).

Cyclarhis ochrocephala Tschudi[1] [VIII, 205]

Cyclarhis ochrocephala TSCHUDI, 1845, Arch. f. Naturges., XI, p. 362: sul do Brasil (pátria típica) e Buenos Aires.
Cyclorhis wiedii IHER. & IHERING (*nec* PELZELN)[2], Catal. Fauna Brazil., Av., p. 338, parte.
Cyclorhis ochrocephala GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 318; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 205.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Buenos Aires, Entre Rios, Corrientes, Misiones), Uruguay (Maldonado, rio Negro, rio Uruguai, Trienta y Tres, San José, Flores, Canelones), sul e leste do Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay, Iguassú, Alto Paraná, Assunción), sudeste do Brasil: Espírito Santo (serra do Caparaó, Vitória), Rio de Janeiro (Terezópolis, Nova Friburgo, Cantagalo, Itatiaia), Minas Gerais (Lagoa Santa, São José da Lagoa, Paracatú, Mocambo, Vargem Alegre, Maria da Fé), São Paulo (Piquete, serra da Bocaina, Alto da Serra, São Luiz do Paraitinga, Campos do Jordão, serra de Paranapiacaba, Caraguatatuba, ilha dos Alcatrazes, ilha de São Sebastião, Juquiá, Embura, suburbios de São Paulo, Ipiranga, serra da Cantareira, Itatiba, São Miguel Arcanjo, Ipanema, Itararé, Vitória de Botucatú, Baurú, rio Feio), Paraná

---

(1) Para oeste do domínio geográfico de *C. ochrocephala* estende-se a área de *Cyclarhis gujanensis viridis* (VIEILLOT, 1822), baseado sobre o "Habia verde", N.º 89 de AZARA. O Dr. HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, VII, 1935, p. 205), por considerações zoogeográficas desta ordem, enfeixou esta espécie entre as raças de *C. gujanensis*. Todavia, a inexistência de exemplares de transição, mesmo no oeste de São Paulo (onde tangenciam as áreas de *C. g. cearensis* e *C. ochrocephala*), parece aconselhar sejam mantidas como "boas espécies". Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª pte., pp. 93-5 (1932).

(2) *Cyclorhis wiedii* PELZELN, 1868, Orn. Brasil., pp. 74 e 137: Baía, rio Paraná, Goiaz, Engenho do Gama, Cuiabá (local. típica, *fide* HELLMAYR). Esta suposta espécie, como ALLEN (Bull. Amér. Mus. Nat. Hist., II, 1889, pgs. 123-125) foi o primeiro a verificar, é hoje unanimemente considerada a fase juvenil de *C. gujanensis cearensis*. Não obstante, o exemplar de Alto da Serra registrado por IHER. & IHERING (Catal. Faun. Brazil., Av., p. 338), pertence claramente a *C. ochrocephala*. Cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 264 (1929); E. NAUMBURG, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 367 (1930).

(Curitiba, Castro, Terezina, Cara Pintada, Marechal Mallet[1], Invernadinha, Vera Guaraní), Santa Catarina (Joinvile), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Camaquã, São Lourenço, Pedras Brancas, Taquara, Itaquí).

ARGENTINA

Tigre: ♀, P. SERIÉ, novembro 24 (1901).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 23 e 24 (1942); ♀, OLALLA, agosto 28 (1942).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♀, OLIV. PINTO, janeiro 29 (1936).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 27 e outubro 5 (1940); ♀, W. GARBE, outubro 1 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 27 (1940).

São Paulo

Tietê: ♀, H. PINDER, abril 15 (1897).

Baurú: [illegible], GARBE (1901).

Itararé: 6 [illegible], GARBE, junho, julho e agosto (1903).

Rio Feio: ♀, F. GUNTHER, agosto 1 (1905).

Campos do Jordão: 4 [illegible] juvs. ?, H. LÜDERWALDT, janeiro 21 e 29, fevereiro 20 e abril 23 (1906).

Alto da Serra: 2 [illegible], LIMA, agosto 10 (1899) e março (1909)

São Luiz do Paraitinga: [illegible], GARBE, agosto (1909).

São Miguel Arcanjo: ♀ ?, LIMA, setembro 3 (1929).

Ilha dos Alcatrazes: [illegible], PINTO DA FONSECA, outubro 31 (1920).

Itatiba: [illegible] ?, LIMA, março 23 (1926); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 26 (1933).

Ipiranga (cid. de São Paulo): [illegible], JOSÉ LIMA, setembro 5 (1933).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): [illegible], OLALLA, maio 21 (1940).

Embura: 2 [illegible], OLALLA, dezembro 19 (1940).

Serra da Cantareira: [illegible], J. KÖNIG, dezembro 9 (1940); ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 9 (1940).

Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 2 [illegible], OLALLA, agosto 25 e 26 (1941); [illegible], E. DENTE, agosto 24 (1941); 3 ♀ ♀, OLALLA, agosto 24, 26 e 27 (1941).

Serra de Caraguatatuba: 1 [illegible] e 1 sexo ?, OLALLA, setembro 25 (1941).

Paraná

Castro: ♂, GARBE, maio (1914); 3 ♀ ♀, GARBE, maio (1907) e maio (1914).

Rio Grande do Sul

Itaqui: ♀, GARBE, setembro (1914).

Nova Wurttemberg: sexo ?, GARBE, fevereiro (1915).

---

(1) Localidade típica de *Cyclarhis jaczewskii* SZTOLCMAN, 1926 (Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 184), evidentemente sinônimo de *C. ochrocephala*.

Familia VIREOLANIIDAE[1]

Gênero **SMARAGDOLANIUS** Griscom

Smaragdolanius GRISCOM, 1930, Amer. Mus. Novit., n. 438, p. 3. Tipo, por designação original, *Vireolanius pulchellus* SCLATER & SALVIN.

Smaragdolanius leucotis leucotis (Swainson) [VIII, 190]

Malaconotus leucotis SWAINSON, 1837, Anim. in Menager., p. 341: "Africa (?)", *errore* (proponho Cayenne para pátria típica).
Vireolanius leucotis, GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 315, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 190; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 478.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa e Inglesa (rio Essequibo, rio Mazaruni, Ituribisci, montes Merumé, Bartica Grove), leste e sul da Venezuela (rio Caura), leste do Equador (Sarayacu, San José), Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas: rio Negro[2], rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

Smaragdolanius pulchellus[3] simplex (Berlepsch) [VIII, 192]

Vireolanius[4] *leucotis simplex* BERLEPSCH, 1912, Orn. Monatsber., XX, p. 18: Santa Elena (rio Jamauchim, afl. do rio Tapajoz); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 479.

Distribuição. — Brasil septentrional, da margem direita do rio Amazonas ao noroeste de Mato Grosso: rio Gi-Paraná (Barão de Melgaço), rio Tapajoz (Boim, Santarém, Miritituba,

---

(1) Cf. PYCRAFT, Proc. Zool. Soc. Lond., 1907, p. 352. A separação de *Vireolaniidae* e *Cyclarhidae* em famílias independentes, defendida por GRISCOM (Bull. Am. Mus. Nat. Hist., LXIV, p. 320, 1932) e hoje correntemente aceita, é regeitada todavia por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N. 1.160, p. 10, 1942). Este autor, cujo recente estudo sobre o assunto só me veio ter às mãos após a redação do texto do presente trabalho, interpreta de modo muito diverso de HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., pte. VIII, p. 192) os caracteres e as relações geográficas das diferentes raças de *S. leucotis*, todas ainda muito escassamente representadas nas coleções. Permanecem todavia obscuridades que me fazem deixar inalterado o que inicialmente escrevi, à espera de novos esclarecimentos.

(2) Pátria típica de *Vireolanius icterophrys* BONAPARTE, 1854 (Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XXXVIII, p. 380), sinônimo de *V. l. leucotis* (Sw.).

(3) *Vireolanius pulchellus* SCLATER & SALVIN, 1859, Ibis, I, pl. 12: Guatemala.

(4) *Vireolanius* BONAPARTE (ex DU BUS manuscr.), 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 330: tipo, por monotipia, *Vireolanius melitophrys* BONAPARTE, op. cit. p. 330 (México).

Caxiricatuba, Bela Vista) e rio Jamauchim (Santa Elena), rio Tocantins (Arumateua).

BRASIL

Pará

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): [illegible], OLALLA, março 19 (1937).

Smaragdolanius pulchellus bolivianus (Berlepsch) [VIII, 192]

Vireolanius bolivianus BERLEPSCH, 1901, Journ. f. Orn., XLIV, p. 82: Quebrada Onda (Yungas de Cochabamba, Bolívia).

Distribuição. — Sul do Perú (rio Perené, Carabaya, Monterico, Huachipa), norte da Bolívia (Cochabamba, Santa Cruz) e extremo noroeste do Brasil, ao sul do rio Solimões: rio Purús (Nova Olinda, Hiutanaã).

Familia VIREONIDAE

Gênero VIREO Vieillot[1]

Vireo VIEILLOT, 1808, Hist. Nat. Ois. Amér. Septentr., I, p. 83. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Vireo musicus* VIEILLOT (= *Tanagra grisea* BODDAERT)[2].

Vireo virescens virescens Vieillot [VIII, 130]

Vireo virescens VIEILLOT, 1808, Hist. Nat. Ois. Amér. Sept., I, p. 84, pl. 53: localidade não indicada (= New Jersey, Estados Unidos)[3].

Vireo olivaceus GADOW[4], 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 294; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 335.

---

(1) Inclúe *Vireosylva* BONAPARTE, 1838, Geogr. Comp. List. Bds. Eur. North Amer., p. 26. Tipo, por designação de GRAY (1841), *Vireo olivaceus* Auctorum (= *Vireo virescens* VIEILLOT). São atualmente unânimes os ornitologistas em incluir *Vireosylva* na sinonímia de *Vireo*, em que pese o exemplo de RIDGWAY (Bull. Un. St. Nat. Mus., L, parte III, 1904, p. 129 e segs.), seguido durante algum tempo.

(2) *Tanagra grisea* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 45 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 714, fig. 1): Louisiana (Estados Unidos).

(3) Conforme informação dada ulteriormente (Nouv. Dict. d'Hist. Nat. XXXVI, 1819, p. 104) pelo próprio autor, que diz taxativamente (teste HELLMAYR, op. cit., p. 131, nota 1) só haver encontrado um indivíduo da espécie "dans un bosquet de New Jersey".

(4) Foi uso aceitar-se *Motacilla olivacea* LINNAEUS, 1766 (Syst. Nat., I, p. 327) como o primeiro nome da espécie descrita por VIEILLOT. A impossibilidade, porem, de precisar o pássaro que LINEU tivera principalmente em vista, fez com que HELLMAYR (Catal. Bds. Amer., VIII, p. 130, nota 3) opinasse pela sua rejeição pura e simples, sendo nisso acompanhado pelos autores contemporâneos.

Distribuição. — Reside e procria nas regiões temperadas e frias da América Septentrional, norte do Canadá (Columbia, Mackenzie, Saskatchewan, Manitoba, Ontario) aos Estados Unidos (Washington, Montana, Idaho, Wisconsin, Michigan, New York, Pennsylvania, Maine, Carolina, Georgia, Mississippi, Flórida, norte do Texas), emigrando para o sul durante o inverno, atravez do México (Yucatan), da América Central (Guatemala, Honduras, Costa Rica, Panamá) e, acidentalmente, das Antilhas (Cuba, Bahamas), até os paizes oeste-septentrionais da América do Sul, nomeadamente Colômbia (Bogotá, Bucaramanga, Santa Marta, Remédios), Venezuela (Mérida), Guiana Inglesa (rio Ituribisci), leste do Equador (rio Suno) e provavelmente norte do Perú (Pebas, baixo Ucayali, Chamicurus, Chyavetas)[1], incluso o Brasil oeste-septentrional (estados do Amazonas, Mato Grosso e talvez o Pará): rio Negro (Marabitanas), rio Uaupés (Jauaretê), rio Solimões (Manacapurú)[2], Mato Grosso (Chapada).

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
Falls Church: ♂, J. H. RILEY, setembro 22 (1897).

BRASIL

Amazonas
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, outubro 8 (1936).
Jauaretê (rio Uaupés (alto rio Negro, marg. direita): ♂, CAMARGO, dezembro 14 (1936).

Vireo chivi chivi (Vieillot)[3] [VIII, 136]

Juruviara.

Sylvia chivi VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 174 (com base em AZARA, N.º 152): Paraguay.
Vireo chivi GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 295, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 335, parte.

Distribuição. — Zonas temperadas e quentes da América do Sul, do norte e leste da Argentina (Buenos Aires, Tucumán,

(1) Há grande incerteza no que se refere às localidades do Perú registradas por SCLATER e TACZANOWSKI, dada a possivel confusão de *V. virescens* com *V. chivi*, que alí sabidamente ocorre.

(2) Melhor estudando, modifico o juizo que primeiramente formei sobre os exemplares de Jauaretê e Manacapurú, referidos então a *V. chivi griseolus* TODD (cf. Rev. Mus. Paul., XXIII, 1937, pp. 528 e 594).

(3) ZIMMER (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XVII, p. 414, 1930) e HELLMAYR (id. id., XIII, pte. VIII, p. 136, 1935) consideram *Vireo chivi* e seus correlatos subespécies de *V. virescens*, sobre a base de que geograficamente se substituem. Entretanto a notavel diferença na conformação das asas parece carater suficiente para tratar a ambos como boas espécies.

Cordoba, Corrientes, Entre Rios, Formosa), Uruguay (San Vicente, rio Cebollati) e Paraguay (Alto Paraná, baixo Pilcomayo, rio Vermejo, Lambaré, Sapucay, Colonia Risso, Puerto Pinasco, Villa Franca) à Bolívia (Chiquitos, Moxos, Santa Cruz, Tarija, Yungas, Yuracares, San Francisco), o Perú (Huanuco, Vista Alegre, Urubamba, Yurimaguas), o leste do Equador (San José) e quase todo Brasil oriental, meridional e central, até, como emigrante, o rio Amazonas: rio Solimões (Tonantins), rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba, Miritituba, Pinhí), Maranhão (São Luiz, Anil, Turiassú, Rosario, Tranqueira, Barra do Corda, Codó), Piauí (Arara, Parnaguá, Olho d'Água), Ceará (Juá), Baía[1] (rio Preto, Bonfim, cidade do Salvador, Curupeba, Santo Amaro, Macaco Seco, rio Gongogí), Espírito Santo (rio Doce, Santa Cruz, Santa Leopoldina), Rio de Janeiro (Registro do Saí, Angra dos Reis, Cantagalo, Itatiaia), Minas Gerais (rio Doce, barra do Sussuí, rio Piracicaba, Lagoa Santa), São Paulo (Cubatão, Ubatuba, Iguape, Juquiá, Embura, cid. de S. Paulo, serra da Cantareira, Mogí das Cruzes, Piquete, Ipanema, Piracicaba, Itararé, Itatiba, Franca, Bebedouro, São Jerônimo, Silvânia, Rincão, rio Feio, Valparaizo, Itapura), Paraná (Curitiba, serra do Mar, rio Claro, Marechal Mallet, rio Putinga), Santa Catarina (ilha de Santa Catarina, Blumenau, Araranguá), Rio Grande do Sul (Taquara, Nova Wurttemberg), Mato Grosso (Porto Faia, Miranda, Salobra, Urucúm, Poconé, Cáceres, Chapada, rio das Mortes, Utiarití, Tapirapoã), Goiaz (rio Araguaia, Jaraguá).

ARGENTINA

La Plata: sexo?, C. BRUCH (1903).

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1921).

Baía

Vila Nova (= Bonfim): ♂ ?, GARBE, março (1908).
Serra do Palhão (Jequié): ♂, GARBE, dezembro 7 (1932).
Curupeba: ♂, OLIV. PINTO, fevereiro 26 (1933).

Espírito Santo

Santa Leopoldina: ♂, GARBE, outubro (1905).
Rio Doce: ♂, GARBE, março (1906); 2 ♀ ♀, GARBE, janeiro e março (1906).
Santa Cruz: ♂ juv., E. G. HOLT, outubro 11 (1940).
Rio São José: ♂, OLALLA, setembro 21 (1942).
Guarapari: ♂, OLALLA, outubro 13 (1942); 2 ♀ ♀, OLALLA, outubro 17 e 19 (1942).

---

(1) *Lanius agilis* LICHTENSTEIN, 1823 (Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 49), cuja pátria típica é Baía, entra na sinonímia de *V. c. chivi*, visto não ser possível discriminar como raça as aves do norte do Brasil.

Rio de Janeiro
Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 23 (1941).

Minas Gerais
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLIV. PINTO, agosto 20 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, OLALLA, setembro 18 e 20 (1940); ♀, OLALLA, setembro 18 (1940).

São Paulo
Iguape: sexo ?, R. KRONE (1899).
Rincão: ♀, LIMA, fevereiro 23 (1901).
Bebedouro: ♂, GARBE, março (1904).
São Jerônimo (Avanhandava): 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, fevereiro (1904).
Itapura: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1904).
Ubatuba: ♂, GARBE, fevereiro (1905); ♀, GARBE, março (1905).
Rio Feio: ♂, F. GÜNTHER, setembro 16 (1905).
Franca: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1910).
Cubatão: ♂, LIMA, setembro 23 (1923).
Silvânia: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 13 (1930).
Valparaizo: ♂, HEITOR SERAPIÃO, dezembro 18 (1931).
Itatiba: sexo ?, JOSÉ LIMA, novembro 15 (1932); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 14 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 17 (1933).
Mogí das Cruzes: ♀, JOSÉ LIMA, novembro 3 (1933).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 21 (1940).
Embura: 5 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 19 e 25 (1940).
Serra da Cantareira: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 6 e 7 (1940); ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 9 (1940).
Lins: 2 ♀ ♀, OLALLA, janeiro 19 e 21 (1941); sexo ?, OLALLA, janeiro 20 (1941).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 9 (1941); ♀, OLALLA, janeiro 29 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 4 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, outubro 7, 15, 21 e 22 (1941); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, outubro 21 e 26 (1941).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 3 (1942).

Rio Grande do Sul
Nova Wurttemberg: ♂, GARBE, março (1915).

Goiaz
Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 19 (1934).

Mato Grosso
Porto Faia: ♀, GARBE, outubro (1904).
Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 29 (1930).
Cuiabá: ♀, OLIV. PINTO, setembro 23 (1937).
Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 28 (1937).
Faz. Angelo Severo (rio Araguaia): ♂, BANDEIRA ANHANGUERA, novembro 12 (1937).
Salobra: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 30 (1941); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 21 e 28 (1941).

Vireo chivi solimoënsis Todd [VIII, 140]

Vireo caucae[1] *solimoënsis* Todd, 1931, Auk XLVIII, p. 412: São Paulo de Olivença (rio Solimões), margem direita.
Vireo chivi Gadow (*nec* Vieillot), 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 295, parte.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas, até o extremo norte de Mato Grosso: rio Solimões (Olivença, Tonantins, Tefé, Manacapurú), baixo Amazonas (Manaus, Itacoatiara, Monte Alegre), rio Jamundá (Faro), rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Juruá, rio Purús (Bom Lugar), rio Tapajoz (Santarém, Vila Braga, Monte Cristo, Itaituba, Caxiricatuba, Boim, Goiana), rio Xingú (Vitória), rio Tocantins (Cametá, Baião, Arumateua), ilha Mexiana, distrito de leste do Pará (Belém, Utinga), noroeste de Mato Grosso (rio Gi-Paraná, Jamarizinho, Barão de Melgaço).

Brasil

Amazonas

Rio Juruá: ♂, Garbe, dezembro 7 (1902).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, Camargo, outubro 5 e 17 (1936); 2 ♀ ♀, Camargo, setembro 25 e outubro 5 (1936).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, abril 18 (1937); 3 sexos ?, Olalla, janeiro 16, abril 16 e 17 (1937).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂ ♂, Olalla, março 5, 11 e 17, junho 2 (1937); 10 ♀ ♀, Olalla, março 11, 16, 17 e 31, abril 2 e 8, junho 5, 10 e 17 (1937); sexo ?, Olalla, março 31 (1937).
Silves (rio Amazonas, marg. esq.): ♂, Olalla, junho 3 (1937).
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esq.): sexo ?, Olalla, julho 10 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, Garbe, janeiro (1903); 2 ♂ ♂, Olalla, maio 31 e junho 14 (1934); 2 ♀ ♀, Garbe, janeiro (1903).
Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, Garbe, dezembro (1920).
Monte Cristo (rio Tapajoz): ♀, Garbe, março (1921).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, Olalla, abril 5 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♀ ♀, Olalla, abril 24 e 30 (1935).

---

(1) *Vireosylva chivi caucae* Chapman, 1912, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXI, p. 159: Cali (Cauca, Colômbia). Erigida por Todd (Auk, XLVIII, 1931, p. 411) à categoria de espécie, sob que foram agrupadas as raças *viridior* e *griseolus*. Como a Griscom & Greenway (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 398), parece-me, todavia, pouco justificado este proceder.

Vireo chivi vividior Hellmayr & Seilern [VIII, 142]

Vireo chivi vividior HELLMAYR & SEILERN, 1913, Verh. Orn. Gesells. Bay., XII, p. 315: Caparo (ilha de Trinidad).
Vireo chivi GADOW (*nec* VIEILLOT), 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 295, parte.

Distribuição. — Norte da Colômbia (Santa Marta, Bonda, Valência), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, ciudad Bolívar, Altagracia, ilha Margarita), ilha de Trinidad (Princestown, Caparo), Guiana Inglesa (Camacusa, Bartica Grove, rio Caramang, Roraima, montes Takutu) e noroeste extremo do Brasil: alto rio Negro (Marabitanas)[1].

Vireo chivi griseolus (Todd) [VIII, 142]

Vireosylva chivi griseola TODD, 1924, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVII, p. 124: Pied Saut (Guiana Francesa).

Distribuição. — Guiana Francesa (Cayenne, Pied Saut, Tamanoir, Saint-Jean-du-Maroni) e região adjacente do Brasil, inclusive talvez o alto rio Branco (serra Grande)[2].

Vireo gracilirostris Sharpe [VIII, 144]

Vireo gracilirostris SHARPE, 1890, Journ. Linn. Soc. (Zool.), XX, p. 478: ilha de Fernando de Noronha (oceano Atlântico, Brasil); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 335.

Distribuição. — Peculiar às ilhas de Fernando de Noronha (oceano Atlântico, ao largo da costa este-septentrional do Rio Grande do Norte).

Vireo altiloquus altiloquus (Vieillot) [VIII, 146]

Muscicapa altiloqua VIEILLOT, 1808, Hist. Nat. Amér. Sept., I, p. 67, pl. 38: Jamaica (Antilhas).

---

(1) Não conheço exemplares da raça *vividior*, cuja distribuição no Brasil não se limitará provavelmente ao alto rio Negro, pelo menos como emigrantes. Como tais referem GRISCOM & GREENWAY (op. cit., p. 308) um ♂ de Pinhí e uma ♀ de Tauarí, localidades ambas do rio Tapajoz.

(2) A validez da raça caienense, a mim visualmente estranha, é tida em séria dúvida, tanto por HELLMAYR (Cat. Bds. Americas, VIII, p. 142, nota 1), que a ela referiu dubitativamente exemplares do rio Branco, como por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 309). Pelo menos, os exemplares de Óbidos referidos por TODD, são tidos pelos mencionados autores como de *V. c. solimoënsis*.

Vireo calidris[1] GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 293, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 335, parte.

Distribuição. — Ilhas de Jamaica, Haiti e São Domingos, Porto Rico e outras Antilhas vizinhas (Santa Cruz, São Tomaz, Tortuga, Sombrero, Culebrita), das quais emigra em direção ao sul, até a Colômbia (Santa Marta, Bucaramanga, Bonda), a Venezuela (Mérida), a ilha Trinidad, a Guiana Inglesa (rio Ituribisci, Bartica Grove, Camacusa) e o Brasil Amazônico: rio Negro (Manaus), rio Madeira (Borba)[2].

Vireo altiloquus barbatulus (Cabanis) [VIII, 149]

Phyllomanes barbatulus CABANIS, 1855, Journ. f. Orn., III, p. 467: Cuba.

Distribuição. — Costa ocidental e meridional da Flórida, ilhas Bahama, Cuba e outras Antilhas próximas (Isle of Pines), de onde emigra para o sul, até o Panamá (Obaldia) e principalmente a Colômbia (Bonda, Mamatoco, Tucurinca), com ocorrências no Brasil amazônico: baixo Amazonas (Óbidos), rio Tapajoz (Vila Braga, Caxiricatuba)[3].

Gênero **HYLOPHILUS** Temminck[4]

Hylophilus TEMMINCK, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., texto correspondente à pl. 173. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Hylophilus poicilotis* TEMMINCK.

---

(1) *Motacilla calidris* LINNAEUS, 1758 (Syst. Nat., I, p. 184) foi até ha pouco tempo considerado o primeiro nome para o passarinho descrito por VIEILLOT. Todavia, conforme demonstrou HELLMAYR (op. cit., p. 146, nota 3), depois de BANGS & PENARD (Bull. Mus. Comp. Zool., LXVII, 1925, p. 206), a espécie lineana é um complexo heterogêneo, que vale a pena rejeitar, como indeterminavel.

(2) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, p. 268 (1910).

(3) Localidades registradas por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 309), aparentemente as únicas em que a raça *barbatulus* tem sido verificada no Brasil. A possibilidade de confusão com *V. a. barbadensis*, das pequenas Antilhas, é afastada pelos referidos autores.

(4) Não obstante o exemplo em contrário de autoridades como TODD (Proc. Biol. Soc. Wash., XLII, p. 182, 1929), *Hylophilus* TEMMINCK (1822) prevalece, como nome para o gênero, sobre *Pachysylvia* BONAPARTE, 1851 (Consp. Gen. Av., I, p. 309: tipo, por monotipia, *Sylvicola decurtata*), usado durante algum tempo, na errônea suposição de que o primeiro fosse prejudicado por *Hylophila* HUEBNER (Lepidop.), que, de fato, só em 1827 foi publicado. Cf. SHERBORN, Ann. Magaz. Nat. Hist., 10a. Ser., III, p. 568, 1929.

Hylophilus poicilotis poicilotis Temminck. [VIII, 158]

> *Hylophilus poicilotis* TEMMINCK, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 173, fig. 2 e texto correspondente: "Brésil" (pátria do tipo Ipanema, estado de São Paulo).
> *Hylophilus poecilotis* GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 308.
> *Pachysylvia poecilotis* IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, I, p. 336.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, Puerto Bertoni) e sudeste do Brasil: Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Macaé, Itatiaia), leste e centro de São Paulo (Alto da Serra, serra da Bocâina, Mogí das Cruzes, Itatiba, Monte Alegre, arredores da cid. de São Paulo, Ipiranga, serra da Cantareira, Leme, Cananéia, Itararé, Ipanema, Botucatú, rio Tietê, rio Feio, Rincão, Rio Preto)[1], Paraná (Curitiba, Castro, Banhados, Terezina, Porto Mendes, barra do rio Bom), Santa Catarina (Joinvile, Araranguá) e, ao que parece, sudoeste de Mato Grosso (viz. de Corumbá).

BRASIL

Espírito Santo

Santa Tereza: ♀, OLALLA, outubro 3 (1942).

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia: ♀, H. LÜDERWALDT, abril 13 (1906); sexo ?, H. LÜDERWALDT, maio 7 (1906).

São Paulo

Tietê: ♀, H. PINDER, abril 17 (1897).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂♂, LIMA, agosto 5 (1898) e julho 25 (1920).
Alto da Serra: ♀, LIMA, agosto 12 (1899).
Vila Ema (cid. de S. Paulo): ♀ juv., LIMA, janeiro 31 (1900).
Baurú: sexo ?, GARBE (1901).
Rincão: ♀, LIMA, fevereiro 19 (1901).
Leme: ♂, GARBE, março (1903).
Itararé: ♂, GARBE, julho (1903).
Rio Feio: ♂, F. GÜNTHER, setembro 24 (1905).
Mogí das Cruzes: 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, março 14 e 24 (1933).
Itatiba: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 28 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 23 (1933).
Tabatinguara (Cananéia): ♀, CAMARGO, setembro 25 (1934).
Faz. Santa Maria (Rio Preto): ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 12 (1940).
Serra da Cantareira: ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 8 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♀, OLALLA, fevereiro 14 (1941).

---

(1) No interior de São Paulo, abundam os exemplares portadores de caracteres nitidamente intermediários entre a forma típica de *H. poicilotis* e sua similar. Isso acontece não raro em indivíduos da mesma localidade, como verificou HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., VIII, p. 159, nota 2) com os exemplares de Ipanema caçados por NATTERER e também o confirma a nossa série de Itatiba.

Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e São Paulo): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 26 e 27 (1941); ♀, OLALLA, agosto 30 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, outubro 11 e 20 (1941).

Paraná
Castro: 2 ♂ ♂. GARBE, julho (1907) e maio (1914); ♀, GARBE, maio (1914).

Hylophilus poicilotis amaurocephalus (Nordmann) [VIII, 158]

Sylvia amaurocephala NORDMANN, 1835, em ERMAN, Reise Naturhist. Atlas, p. 14: "Brasilien" (= confins de Baía e Minas Gerais, WIED col.)[1]
Hylophilus amaurocephalus GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 308.
Pachysylvia amaurocephala IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, I, p. 336.

Distribuição. — Brasil este-septentrional e oriental: Piauí (Arara), Ceará (Várzea Formosa, serra do Ibiapaba), Baía (Joazeiro, Bonfim, Lamarão, Santo Amaro, Curupeba, ilha de Madre de Deus), Minas Gerais (Água Suja), norte extremo de São Paulo (rio Grande, Franca)[2].

BRASIL
Baía
"Bahia": sexo ?, adq. por compra (1898).
Joazeiro: ♂, GARBE, dezembro (1907).
Vila Nova (=Bonfim): 2 ♂ ♂, GARBE, março e abril (1908).
Ilha de Madre de Deus (Recôncavo): ♀, W. GARBE, janeiro 23 (1933).
Curupeba: ♂, W. GARBE, fevereiro 20 (1933).

São Paulo
Franca: ♂, GARBE, setembro 17 (1910).

Hylophilus thoracicus thoracicus Temminck [VIII, 160]

Hylophilus thoracicus TEMMINCK, 1822, Nouv. Réc. Pl. Col., pl. 173, fig. 1: "Brésil" (= Rio de Janeiro, NATTERER col.)[3].

---

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, p. 262 (1929).

(2) Um ♂ de Vitória (perto de Botucatú), localidade do sudoeste de São Paulo, que HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., VIII, p. 160, nota 1) considera, com outro do "Rio Paraná (= Rio Grande, NATTERER col.), "typical of the present form", representaria mais provavelmente, a meu vêr, o extremo das variações a que se acha sujeita a forma típica. Em sua preciosa revisão do gênero *Pachysylvia* (Proc. Biol. Soc. Wash., XLII, p. 186, 1929) contesta TODD a coespecificidade de *H. poicilotis* e *H. amaurocephala*, que todavia parece satisfatoriamente defendida pelos intermediários, já referidos em nota anterior, q. v.

(3) Cf. HELLMAYR, Cat. Bds. Amers., VIII, p. 160, nota 2 (1935). Os caracteres desta raça, em confronto com as formas mais afins, são discutidos pelo mesmo autor, em Novit. Zool., XV, pags. 20-21 (1908).

Distribuição. — Brasil oriental e este-meridional: Espírito Santo (Guaraparí), leste de Minas Gerais (baixo rio Piracicaba, rio Matipoó), Rio de Janeiro (rio Paraíba, rio Muriaé, Sepitiba, Angra dos Reis, Raiz da Serra, Manguinhos) e, provavelmente, região adjacente de São Paulo).

BRASIL

Espírito Santo

Guaraparí: ♀, OLIV. PINTO, outubro 19 (1942).

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♂, PINTO DA FONSECA (1919).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 22 (1940).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, junho 26 (1941).

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 11 e 13 (1941); ♀, OLALLA, setembro 10 (1941).

Hylophilus thoracicus griseiventris Berlepsch & Hartert

[VIII, 162]

Hylophilus thoracicus griseiventris BERLEPSCH & HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 11: Suapure (rio Caura, Venezuela).
Hylophilus thoracicus GADOW (*nec* TEMMINCK), 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 307, parte.
Pachysylvia thoracica griseiventris IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 336.

Distribuição. — Leste da Venezuela (vale do Caura) Guianas Inglesa (rio Caramang, Bartica Grove, Camacusa), Holandesa e Francesa (Cayenne, Tamanoir, Pied Saut), Brasil amazônico: rio Solimões (Olivença), rio Purús (Hiutanaã, Nova Olinda, Arimã), baixo Amazonas (Óbidos).

Hylophilus semicinereus semicinereus Sclater & Salvin

[VIII, 163]

Hylophilus semicinereus SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 570, pl. 30, fig. 2: Pará (= Belém, estado do Pará); GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 312.
Pachysylvia thoracica semicinerea IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 336.
Pachysylvia semicinerea SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 476, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional ao sul e leste do baixo Amazonas, incluso o norte de Mato Grosso: rio Madeira (Borba, Santa Isabel do Rio Preto, lago Tapaiuna, Salto do Girau), rio Gi-Paraná (Barão de Melgaço, rio Jamarí), rio

Tapajoz (Itaituba, Boim, Iroçanga, Itapoama), rio Xingú e rio Irirí (Santa Júlia), rio Tocantins (Cametá, Baião, Arumateua), rio Guamá (Ourém, Santa Maria), Belém do Pará e distrito circunjacente (Prata, Utinga, Mocajatuba, Providência, Benevides, Anindeua, Maguarí), Maranhão (Turiassú).

Hylophilus semicinereus juruanus Gyldenstolpe

Hylophilus semicinereus juruanus GYLDENSTOLPE, 1941, Ark. Zool., XXXIII, N.º 12, p. 3: Santo Antônio (rio Eirú, afl. do alto Juruá).

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Solimões (até a margem esquerda do Madeira?): rio Juruá (João Pessoa, lago Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Labrea).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá): 2 ♂♂, OLALLA, outubro 12 (1936) e fevereiro 4 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, outubro 12 e 17 (1936).

Igarapé Grande (alto Juruá): ♀, OLALLA, outubro 17 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): sexo ?, OLALLA, outubro 25 (1936).

Hylophilus semicinereus viridiceps (Todd)[1] [VIII, 164]

Pachysylvia cinerea viridiceps TODD, 1929, Proc. Biol. Soc. Wash., XLII, p. 191: Pied Saut (Guiana Francesa).

Pachysylvia semicinerea SNETHLAGE (*nec* SCLATER & SALVIN), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 476, parte.

Distribuição. — Guiana Francesa (Oyapock, Pied Saut), sul da Venezuela (falda do monte Duida) e extremo norte do Brasil, até a margem esquerda do rio Amazonas: Manacapurú, Manaus, igarapé Anibá, rio Jamundá (Faro), igarapé Boiussú, Óbidos, rio Jarí.

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 3 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, novembro 15 (1936) e abril 16 (1937).

Pará

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 9 (1935).

---

(1) Como ao Dr. HELLMAYR, bastante discutivel me parece a validez desta raça; como a precedente, se baseia em caracteres muito imprecisos e frágeis, pelo que a identificação dos exemplares se torna frequentemente impossivel, si se lhes ignora a procedência.

Hylophilus pectoralis Sclater [VIII, 165]

Hylophilus pectoralis SCLATER, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 321, parte: "in Brazil merid. prov. Mattogrosso" (= Vila Bela de Mato Grosso, no rio Guaporé, NATTERER col.)[1].
Pachysylvia pectoralis IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 336.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, Roche Marie), Holandesa (Paramaribo, Kwata) e Inglesa (Georgetown, rio Abary, Bonasica, Quonga, Annai), Brasil septentrional e centro-ocidental: rio Branco (Forte de São Joaquim, Boa Vista), rio Amazonas (Itacoatiara, Monte Alegre, igarapé Boiussú, Arumanduba), rio Tapajoz (Santarém), rio Tocantins (ilha do Pai Lourenço), leste do Pará (Quatipurú), Maranhão (Turiassú, Anil, Rosario, Codó), Mato Grosso (Vila Bela de Mato Grosso, São Luiz de Cáceres, Santo Antônio do Rio Abaixo), Goiaz (rio Araguaia, Leopoldina[2], rio das Almas, rio Meia Ponte).

Hylophilus muscicapinus muscicapinus Sclater & Salvin [VIII, 167]

Hylophilus muscicapinus SCLATER & SALVIN, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 156: Saint Louis d'Oyapock (Guiana Francesa); GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 268.
Pachysylvia muscicapina SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 476.

Distribuição — Guianas Francesa (Cayenne, St. Louis d'Oyapock), Holandesa (Paramaribo) e Inglesa (Bartica Grove, Supenaam, Ituribisci), sul e leste da Venezuela (rio Caura, faldas do monte Duida), região adjacente do extremo norte do Brasil, até a margem septentrional do rio Amazonas: rio Anibá, Óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

Guiana Holandeza
Paramaribo: sexo ?, perm. Museu Rothschild, março 9 (1902).

BRASIL

Amazonas
Itacoatiara: 5 ♂♂, OLALLA, março 11 e 17, abril 1 e 8, junho 1 (1937); 5 ♀♀, OLALLA, março 9, abril 2, junho 1 e 26 (1937).

Pará
Santarém (baía do Tapajoz, marg. direita): ♀ juv., GARBE, janeiro (1903).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 4 (1935).

---

(1) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XV, p. 20 (1908).
(2) Pátria típica de *Pachysylvia araguayae* REICHENOW, 1920 (Journ. f. Orn., LXVIII, p. 88).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, José Lima, agosto 25 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, José Lima, novembro 5 (1934).

Mato Grosso

Usina Sto. Antônio (Cuiabá): ♂, Oliv. Pinto, setembro 1º (1937).

Hylophilus muscicapinus griseifrons (Snethlage)

Pachysylvia muscicapina griseifrons Snethlage, 1907, Orn. Monatsb., XV, p. 160: Vila Braga (rio Tapajoz, marg. esquerda); idem, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 476.

Distribuição. — Brasil septentrional, da margem esquerda do baixo rio Amazonas ao noroeste de Mato Grosso: rio Madeira, rio Gi-Paraná (Maruins)[1] e rio Roosevelt (Corredeiras), Monte Cristo, rio Tapajoz (Vila Braga, Apací).

Brasil

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, Olalla, janeiro 30 (1937).

Hylophilus brunneiceps brunneiceps Sclater [VIII, 168]

Hylophilus brunneiceps Sclater, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 322: "in Brazil merid., Ipanema (Natterer)", *errore* (pátria do tipo rio Uaupés, afl. do alto rio Negro)[2].

Distribuição. — Sul da Venezuela (alto Orenoco, Atabapo) e extremo oeste-septentrional do Brasil: rio Negro (Barcelos), rio Uaupés.

Hylophilus brunneiceps inornatus (Snethlage) [VIII, 169]

Pachysylvia inornata Snethlage, 1914, Orn. Monatsb., XXII, p. 43: Cametá (baixo Tocantins, marg. esquerda); idem, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, pp. 478 e 499.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul do baixo Amazonas: rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba, Miritituba), rio Jamauchim (Santa Elena), rio Tocantins (Cametá).

Brasil

Pará

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, Olalla, março 24 (1937).

---

(1) Cf. Hellmayr, Novit. Zool., XVII, p. 268 (1910).
(2) Cf. Hellmayr, Cat. Bds. Amers., VIII, p. 168, nota 3 (1935).

Hylophilus hypoxanthus hypoxanthus Pelzeln [VIII, 172]

Hylophilus hypoxanthus PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, p. 71: rio Içana e rio Uaupés (alto rio Negro).
Hylophilus fuscicapillus[1] GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 309.
Pachysylvia hypoxantha IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 337; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 477.

Distribuição. — Leste do Equador (rio Suno, Sarayacu), norte e centro do Perú (Pebas, La Merced), noroeste extremo do Brasil: rio Solimões (Tonantins, Manacapurú), alto rio Negro e afluentes (rio Içana, rio Uaupés), rio Juruá e rio Eirú (Santa Cruz)[2].

BRASIL.
Amazonas
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 29 (1936); ♀, OLALLA, novembro 9 (1936).

Hylophilus hypoxanthus albigula (Chapman) [VIII, 173]

Pachysylvia fuscicapilla albigula CHAPMAN, 1921, Amer. Mus. Novit., XVIII, p. 11: Santa Julia (rio Irirí, afl. do Xingú).

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Caviana), rio Purús (Hiutanaã, Nova Olinda, Arimã), rio Xingú e rio Irirí (Santa Júlia).

Hylophilus ochraceiceps[3] ferrugineifrons Sclater [VIII, 179]

Hylophilus ferrugineifrons SCLATER, 1862, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 110: "Bogotá" (Colômbia); GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 311.
Pachysylvia ferrugineifrons IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 337; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 478.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Bogotá) e do Equador (Sarayacu), sul da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, rio Yuruan) e extremo noroeste do Brasil: alto rio Negro (Santa

(1) *Hylophilus fuscicapillus* SCLATER & SALVIN, 1880, Proc. Zool. Soc. London, p. 155: Sarayacu (leste do Equador).
(2) Sem exemplares para confronto é-me impossível assegurar a raça a que devem referir-se os do alto rio Juruá, de que temos um ♂ e uma ♀, colecionados por OLALLA em novembro de 1936. Pelas descrições dos autores eles parecem, todavia, se aproximar mais da forma ocidental.
(3) *Hylophilus ochraceiceps* SCLATER, 1859, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVII, p. 375: Playa Vicente (Oaxaca, México).

Bárbara), rio Solimões (Caviana, Manacapurú), rio Juruá[1], rio Purús.

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♀. GARBE, junho 1 (1902).

Hylophilus ochraceiceps luteifrons Sclater[2] [VIII, 181]

Hylophilus luteifrons SCLATER, 1881, Ibis, Serie 4.ª, V, p. 308: Bartica Grove (Guiana Inglesa); GADOW, 1883, Cat. Bds. Brit. Mus., VIII, p. 311.

Pachysylvia luteifrons SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 477.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Camacusa, montes Merumé, Ituribisci, Supenaam, rio Makauria), Holandesa e Francesa (rio Approuague), regiões adjacentes do extremo norte do Brasil, até a margem esquerda do rio Amazonas: rio Branco (Conceição), Óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

Hylophilus ochraceiceps rubrifrons Sclater & Salvin [VIII, 181]

Hylophilus rubrifrons SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 569, pl. 30, fig. 1: "River Amazons" (pátria típica "Pará", isto é, Belém, sugerida por HELLMAYR)[3]

Pachysylvia luteifrons SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 477.

Distribuição. — Brasil septentrional, a leste do estuario do rio Amazonas (Belém, Utinga, Providência, Mocajatuba, Santa Isabel, Peixe-Boi , Anindeua, Benevides).

Hylophilus ochraceiceps lutescens (Snethlage) [VIII, 182]

Pachysylvia rubrifrons lutescens SNETHLAGE, 1914, Orn. Monatsb., XXII, p. 43: Boim (rio Tapajoz, marg. esquerda).

Pachysylvia rubrifrons conspec. nov. SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 477.

---

(1) Segundo o Dr. HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., VIII, p. 180, nota 1), que vira a ♀ de nossa coleção, ela se aproxima, por mais de um carater (fronte mais pálida e dorso verde mais brilhante) da de *H. o. viridior* (TODD, 1929), raça da Bolívia e Perú.

(2) GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 311), acorde com TODD (Proc. Biol. Soc. Wash., XLII, pp. 192-3, 1929) admitem a autonomia específica de *H. luteifrons* e *H. rubrifrons*, que HELLMAYR (op. cit.) trata como simples raças geográficas de *H. ochraceiceps*. É assunto que não posso discutir, por carência absoluta de material.

(3) Cf. HELLMAYR, op. cit., p. 182, nota 1.

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul do baixo Amazonas: rio Madeira (Calama) e Gi-Paraná (Maruins)[1], rio Tapajoz (Boim, Vila Braga, Miritituba, Apací, Santarém, Colonia do Mojuí, Patauá, Tauarí), rio Xingú (Vitória).

Família COEREBIDAE

Gênero CHLOROPHANES Reichenbach

Chlorophanes REICHENBACH, 1853, Handb. Spez. Orn., livr. 3, p. 233. Tipo, por monotipia, *Coereba atricapilla* VIEILLOT[2] (=*Motacilla spiza* LINNAEUS).

Chlorophanes spiza spiza (Linnaeus) [VIII, 243]

Saí, Tem-tem.

Motacilla spiza LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 188 (com base em "The Green Black-cap Flycatcher" de EDWARDS, Nat. Hist. Birds, 1, p. 25, pl. 25, fig. à esquerda): Surinam.
Chlorophanes spiza SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 29, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 344, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 465.

Distribuição. — Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Carabobo, Cumaná), ilha de Trinidad, Guianas Inglesa (Bartica Grove, Roraima, montes Merumé), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne, Saint Jean du Maroni) e regiões adjacentes do Brasil, até a margem esquerda do rio Amazonas: baixo rio Negro (Manaus), rio Atabaní, rio Anibá, Óbidos, rio Tapajoz (Vila Braga), rio Jamauchim (Santa Helena), rio Tocantins (Arumateua), leste do Pará (Belém, Peixe-Boi, Anindeua, Utinga, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú).

BRASIL
Amazonas
Manaus (boca do rio Negro, marg. esquerda): ♂, OLALLA, maio 25 (1935).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 17 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, abril 15 e 19 (1937).
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 26 (1937).

Chlorophanes spiza caerulescens Cassin [VIII, 245]

Chlorophanes caerulescens CASSIN, 1864, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., p. 268: Yuracares (Bolivia).

---

(1) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, p. 287 (1910).
(2) *Coereba atricapilla* VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 50: "au Brésil et à Cayenne".

Chlorophanes spiza SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 29, parte.

Distribuição. — Leste da Colômbia (rio Putumayo, rio Caquetá, Bogotá), do Equador (rio Napo, Quijos, Zamora) e do Perú (Iquitos, rio Ucayali, Xeberos, Yahuarmayo, Chaquimayo, Carabaya), norte da Bolívia (Buena Vista, Yuracares, Simacu), Brasil oeste-septentrional extremo: alto rio Negro (rio Uaupés, rio Içana, rio Xié, Guia)[1], rio Juruá (rio Eirú, Santa Cruz), alto rio Madeira (Salto do Girau), rio Guaporé (Engenho do Cap. Gama), rio Roosevelt.

BRASIL

Amazonas

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro): 3 ♂♂, CAMARGO, dezembro (1936) e janeiro (1937); ♀, CAMARGO, dezembro (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, novembro 19 (1936).

Chlorophanes spiza axillaris Zimmer [VIII, 242]

Chlorophanes spiza axillaris ZIMMER, 1929, Proc. Biol. Soc. Wash., XLII, p. 90: Baia.

Chlorophanes spiza SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 29, parte.

Distribuição. — Brasil oriental: Pernambuco (*teste* SCLATER), Baia (Vila Viçosa, Itabuna), Espírito Santo (Braço do Sul, Chaves, Vitória), leste de Minas Gerais (barra do Piracicaba, São José da Lagôa), Rio de Janeiro (Cantagalo, Angra dos Reis), São Paulo (São Sebastião, Ubatuba, Poço Grande), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile).

BRASIL

Baia

Itabuna: 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, julho (1919).

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): 5 ♂♂, OLALLA, agosto 24, 25, 27 e 31 (1942); 2 ♀♀, OLALLA, agosto 25 e setembro 7 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 28 (1941).

---

(1) *Chlorophanes melanops* CASSIN, 1864 (Proc. Acad. Nat. Sci. Philad., p. 268), do "Rio Negro", não passa provavelmente de sinónimo de *Chl. spiza caerulescens*. Verdade é que HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., VIII, p. 245 e 244, nota 1) refere as aves do alto rio Negro à forma típica da espécie; nesse ponto ouso todavia divergir, em face do material em estudo. Os ♂♂ de Jauaretê, que hoje posso comparar com vários do baixo Amazonas, contrastam vivamente pela intensa tonalidade azul da plumagem, especialmente a do abdome. O de Manaus, conquanto algo intermediário, aproxima-se mais dos do baixo Amazonas.

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 26 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 30 e outubro 3 (1940); ♀, OLALLA, setembro 30 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♀, H. PINDER, julho 28 (1900).
Ubatuba: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, novembro (1943); ♀, GARBE, maio (1905).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 18 (1940).

Gênero CYANERPES Oberholser

Cyanerpes OBERHOLSER, 1899, Auk, XVI, p. 32. Tipo, por designação original, *Certhia cyanea* LINNAEUS.

Cyanerpes cyaneus cyaneus (Linnaeus) [VIII, 252]

Saí (Amazônia), *Sapitica* (Baía).

Certhia cyanea LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 188 (baseado primordialmente em "The Black and Blue Creeper" de EDWARDS, Glean. Nat. Hist., II, p. 114, pl. 264): Surinam (local. típica expressamente designada por HELLMAYR)[1].
Coereba cyanea SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 32, parte.
Cyanerpes cyaneus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 344, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 466.

Distribuição.[2] — Venezuela (Guanoco), Trinidad, Guianas Inglesa (Roraima, Camacusa, rio Demerara, rio Mazaruni, montes Merumé, Bartica Grove), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne, Saint Jean du Maroni), leste do Perú (Sarayacu, Yurimaguas, Xeberos, Chamicuros) e da Bolívia (Guarayos), Brasil septentrional e central: rio Solimões (Mana-

---

(1) Cf. Novit. Zool., XIII, p. 9 (1906).
(2) Às expensas de *C. cyaneus cyaneus* acaba ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.203, págs. 7 e segs., out. de 1942) de criar as novas raças *C. c. violaceus* (op. cit., p. 8: tipo de Chapada) e *C. c. dispar* (p. 10: tipo de Buena Vista, rio Cassiquiare), privativa a primeira das altiplanuras de Mato Grosso e distribuida a segunda pela região oeste-septentrional extrema do Brasil (alto rio Negro), e zonas adjacentes dos países limitrofes, desde o norte do Peru e o leste do Equador, até o sul extremo da Venezuela. No entanto, acho muita dificuldade em aceitar tão de pronto a inovação proposta, à vista da impossibilidade de reconhecer as novas raças no material que tenho em mãos, com base apenas nas alegadas diferenças na tonalidade da plumagem e no valor médio das medidas. Note-se ainda que em Mato Grosso a distribuição do pássaro está longe de confinar-se às terras altas, visto como a sua ocorrência na baixada está documentada por um exemplar por mim próprio colecionado, na várzea adjacente a Cuiabá.

capurú, Tefé), rio Negro (Manaus, São Gabriel, Tatú, Taracuá, Guia, igarapé Cacau Pereira), Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Patauá, Monte Alegre, rio Tapajoz (Santarém), rio Tocantins, rio Capim, Belém do Pará e região circunjacente (Prata, Utinga, Benfica, Mocajatuba, Quatipurú, Anindeua, Igarapé Assú, Benevides), Maranhão (São Luiz, Miritiba, Tranqueira, Anil, Rosário), Pernambuco (Estância, Itamaracá), Baía (ilha Madre de Deus, Itabuna), Espírito Santo (Barra do Jucú, Porto Cachoeiro, lagoa Juparanã, Pau Gigante, Guaraparí), Goiaz (Goiaz, rio Uruú), Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Utiarití, Abrilongo, Tapirapoã).

BRASIL

Amazonas

Alto rio Negro: 2 ♂♂, oft.ª, março (1936).
Manacapuru (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, outubro 16 (1936).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): 7 ♂♂, CAMARGO, novembro 26, 29 e 30 (1936); 2 ♀♀, CAMARGO, dezembro 18 (1936).
Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro): 2 ♂♂, CAMARGO, dezembro (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 7 (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 30 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz): ♂, GARBE, janeiro (1933); ♂, OLALLA, março 5 (1935).
Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, GARBE, dezembro (1920).
Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, janeiro 25 (1935).

Baía

"Bahia": 1 ♂ e 1 ♀ juv., SCHLUTER (1898).
Itabuna: ♀, GARBE, julho (1909).
Madre de Deus: 1 ♂ e ♀ jav., W. GARBE, janeiro 11 e 12 (1933); ♂, OLIV. PINTO, janeiro 14 (1933).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♀, GARBE, novembro (1905).
Pau Gigante: ♂, L. C. FERREIRA, novembro 11 (1940); ♀, L. C. FERREIRA, novembro 6 (1940).
Guarapari: 3 ♂♂, OLALLA, outubro 17 e 19 (1942); 2 ♂♂, OLIV. PINTO, outubro 16 e 17 (1942); 3 ♀♀, OLALLA, outubro 17 e 19 (1942).

Goiaz

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, setembro 17 (1941).

Mato Grosso

Chapada: ♂, H. H. SMITH, setembro (1882); ♀, H. H. SMITH, outubro 5 (1882); ♂, OLIV. PINTO, outubro 2 (1937).
Cuiabá: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 24 (1937).

Cyanerpes caeruleus caeruleus (Linnaeus) [VIII, 260]

Saí, Tem-tem do Espírito Santo

Certhia caerulea LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 118 (com base em "Blue Creeper" de EDWARDS, Nat. Hist. Bds., I, p. 21, pl. 21, = ♂): Surinam.

Coereba caerulea SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 33, parte.

Cyanerpes caeruleus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 344, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 466.

Distribuição. — Norte da Colômbia (região de Santa Marta) e da Venezuela (Sucre, Carabobo, Guanoco), Guianas Inglesa (Camacusa, Roraima, montes Merumé, Bartica Grove, rio Mazaruni, rio Berbice), Holandesa (Paramaribo, Surinam) e Francesa (Cayenne, Saint Jean du Maroni, Kourou, Mahury, rio Approuague), baixa bacia Amazônica: rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Tapajoz (Santarém, Tauarí, Piquiatuba, Aramanaí, Caxiricatuba, Boim, Vila Braga), rio Tocantins (Arumateua, Mocajuba), rio Mojú, Belém e região circunjacente (Bosque, Val de Cans, Utinga, Murutucú, Prata, Benfica, Igarapé Assú, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú).

BRASIL

Pará

Murutucú (prox. de Belém): ♀, F. Q. LIMA, junho 8 (1926). Santarém (boca do Tapajoz): ♂, OLALLA, abril 14 (1935); 2 ♂♂ juvs., OLALLA, maio 4 (1935); ♀, OLALLA, maio 5 (1935).

Cyanerpes caeruleus cherriei Berlepsch & Hartert [VIII, 261-2]

Cyanerpes caerulea caerulea BERLEPSCH & HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 16: Munduapo (pátria típica) e Nericagua (localidade do baixo Orenoco, Venezuela).

Coereba caerulea SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 33, parte.

Cyanerpes caeruleus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 344, parte.

Cyanerpes caerulea cherriei SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 467.

Distribuição[1]. — Sul da Venezuela (alto Orenoco), Brasil oeste-amazônico: rio Solimões (Tefé), rio Negro (Manaus, Marabitanas, Tatú, Jucabí, Guia), rio Uaupés (Jauaretê,

---

(1) Bem fracas, quiçá às vezes imperceptíveis, são as diferenças entre *Cyanerpes caeruleus cherriei* e a raça mais ocidental (leste da Colômbia, extr. oeste da Venezuela, leste do Equador e do Perú, norte da Bolívia), conhecida pelo nome de *Cyanerpes caeruleus micro-*

Tauapunto), rio Içana, rio Juruá (João Pessoa), rio Madeira (Humaitá, Borba, Sto. Antônio de Guajará, igarapé Auará, Salto do Girau, Santa Isabel do Rio Preto), rio Gi-Paraná (Jamarizinho), noroeste extremo de Mato Grosso (Morrinho Lira).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 12 (1936).

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Nergo): ♂, CAMARGO, dezembro 16 (1936); ♀, CAMARGO, dezembro 14 (1936).

Cyanerpes nitidus (Hartlaub) [VIII, 265]

Coereba nitida HARTLAUB, 1847, Rev. Zool., X, p. 84: "nord du Perou"; SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 35.

Cyanerpes nitidus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Aves, p. 344.

Cyanerpes nitida SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 467.

Distribuição. — Alta bacia Amazônica, da porção cisandina da Colômbia (Bogotá) à Venezuela (rio Caura), leste do Equador e do Perú (Iquitos, rio Ucayali, Xeberos, Chamicuros), noroeste do Brasil: rio Solimões (Tefé), rio Negro (Manaus, Taracuá, São Gabriel, Marabitanas), rio Xié, rio Içana, rio Javarí, rio Roosevelt.

VENEZUELA

Rio Caura: [illegible], E. ANDRÉ, janeiro 22 (1901).

BRASIL

Amazonas

Manaus (boca do rio Negro): ♂, OLALLA, maio 12 (1935); ♀, OLALLA, maio 19 (1935).

Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro): ♀, CAMARGO, dezembro (1936).

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, dez. (1936).

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro): [illegible], CAMARGO, dezembro 16 (1936).

Gênero DACNIS Cuvier

Dacnis CUVIER, 1816, Règne Animal, I, p. 395. Tipo, por monotipia, *Motacilla cayana* LINNAEUS.

---

rhynchus BERLEPSCH (Journ. f. Orn., XXXII, p. 287, 1884: Bogotá e Bucaramanga), pelo que é bastante incerto delimitar-se-lhes domínios geográficos bem precisos. Às mesmas conclusões chegara ZIMMER, que em trabalho apenas recebido (Amer. Mus. Novit., N.º 1.203, p. 12, 1.942) não hesita em riscar *chapmani* do número das raças válidas, fundindo-a definitivamente a *microrhynchus*.

Dacnis cayana cayana (Linnaeus) [VIII, 267]

Motacilla cayana LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 336 (com base em "Sylvia cayanensis coerulea" de BRISSON, Orn., III, p. 534, pl. 28, fig. 1)[1]: Cayenne (Guiana Francesa).

Dacnis cayana subsp. típica SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 20, parte.

Dacnis cayana IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 343, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 463.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá", La Morelia, Villavicencio, Florencia), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Guanoco, Tachira, Carabobo, San Esteban), Trinidad, Guianas Inglesa (Roraima, montes Merumé, Camacusa, rio Mazaruni, Bartica Grove), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Saint Jean du Maroni), Brasil amazônico: rio Solimões (Codajaz, Manacapurú, Tefé), rio Negro (Manaus, Barcelos, Marabitanas), rio Uaupés (Jauaretê), rio Içana, rio Branco (Forte do Rio Branco, serra da Lua), rio Anibá, Silves, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, lago Pataua, rio Maicurú, rio Madeira (Borba, Humaitá, Santa Isabel), rio Tapajoz (Santarém, Boim, Pimental, Piquiatuba, Caxiricatuba), rio Tocantins (Cametá, Baião, Arumateua), ilha de Marajó (Santana), rio Mojú, distrito de leste do Pará (Belém, Utinga, Providência, Anindeua, Santa Isabel, Maguarí, Prata, Benevides, Igarapé Assú), norte de Mato Grosso (rio Guaporé, rio Roosevelt), norte do Maranhão (São Luiz, Turiassú).

BRASIL

Amazonas

Manaus (boca do rio Negro): 4 ♂♂, OLALLA, maio 17, junho 10, 14 e 17 (1935).

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 1 (1935).

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, CAMARGO, outubro 10 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, junho 28 (1936) e janeiro 6, abril 14 e 15 (1937); 2 ♀♀, OLALLA, abril 17 (1937); 2 sexos ?, OLALLA, abril 15 e 17 (1937).

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro): 2 ♀♀, CAMARGO, dezembro (1936).

Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 25 (1937); ♀, OLALLA, junho 18 (1937).

---

(1) A-pesar-dos defeitos da descrição e da figura de BRISSON, em que nada se encontra relativamente à nódoa preta gutural, tão característica dos ♂♂ da espécie, é opinião unânime que ambas só podem dizer respeito ao pássaro em estudo.

Pará
Santarém (boca do Tapajoz): ♂ juv., GARBE, janeiro (1903).
Utinga (prox. de Belem): ♀ ?, F. Q. LIMA, janeiro 4 (1921).
"Pará": ♂, F. Q. LIMA (1927).
Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 14, 22 e 24 (1935); ♀, OLALLA, jan. 24 (1935).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 15 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, abril 27 (1935); ♀ OLALLA, abril 21 (1935).
Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, junho 25 (1935).
Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, julho 8 e 14 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, julho 10 e 15 (1936).

Dacnis cayana paraguayensis (Chubb) [VIII, 270]

Saí azul, Saí bicudo.

Dacnis cayana paraguayensis CHUBB, 1910, Ibis, 9.ª ser., IV, p. 619: "Paraguay, Matto Grosso, and southeastern Brazil" (pátria típica designada por HELLMAYR[1] Sapucay, no Paraguay).

Dacnis cayana IHER. & IHERING (*nec* LINNAEUS), 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 343, parte.

Distribuição[2]. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Paraguay (Sapucay), Brasil oriental e centro-meridional: interior do Maranhão (Tranqueira, Barra do Corda, Ponto), Piauí (Ouro), Ceará (serra de Baturité), Pernambuco (Pau d'Alho, Recife, Caxangá, Barra do Galiota), Baía (Belmonte, Santo Amaro, Curupeba), Espírito Santo (Pau Gigante, Porto Cachoeiro), Rio de Janeiro (Sepitiba, ilha Grande, Nova Friburgo, Cantagalo, Porto Real), São Paulo (Piassaguera, São Sebastião, Ubatuba, Alecrim, Poço Grande, Iguape, Cananéia, serra da Cantareira, Mogí das Cruzes, Piquete, Taubaté, Itatiba, Ipanema, Itú, Araras, Cajurú, Cachoeira, Itararé, Vanuire, Olímpia, Baurú, Valparaizo), Paraná (Jacarèzinho), Santa Catarina (Joinvile, Blumenau), Rio Grande do Sul (Nova Hamburgo, Poço das Antas), Minas Gerais (Lagôa Santa, Sete Lagôas, Barbacena, Nascimento, Uberaba, Água Suja, Vargem Alegre, São José da Lagoa, barra do Piracicaba, barra do Sussuí), Goiaz (cid. de Goiaz, Inhumas, rio das Almas), Mato Grosso (Chapada, Tapirapoã, Utiaritì, Campo Grande, Sant'Ana do Paranaíba).

---

(1) Cf. Novit. Zool., XXVIII, p. 247, nota 5 (1921).
(2) O tamanho um pouco maior, única diferença em que se baseia a separação da raça *paraguayensis*, não é carater que permita satisfatória delimitação entre as áreas de distribuição das duas formas.

BRASIL

Baía

Belmonte: ♂, GARBE, agosto (1919).

Curupeba: ♂, W. GARBE, fevereiro 3 (1933).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, novembro (1905).

Pau Gigante: ♀, E. G. HOLT, agosto 17 (1940).

Chaves (Sta. Leopoldina): 4 ♂♂, OLALLA, agosto 20, 27 e setembro 7 (1942); ♂, OLIV. PINTO, agosto 31 (1942); ♂ juv., OLALLA, agosto 31 (1942); ♀, OLALLA, agosto 24 (1942).

Rio São José: ♀, OLALLA, setembro 23 (1942).

Guaraparí: 2 ♀♀, OLALLA, outubro 16 (1942).

Rio de Janeiro

Ilha Grande: ♂, GARBE, setembro (1905).

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, junho 21 e 23 (1941); 7 ♀♀, JOSÉ LIMA, junho 17, 18, 21, 22 e 23 (1941).

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 11 e 12 (1941); sexo ?, OLALLA, setembro 11 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: 1 ♂ e 1 ♀. J. B. GODOY (1900).

Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♂♂, OLALLA, agosto 18 e 30 (1940): 3 ♂♂ juvs., OLALLA, agosto 27, setembro 5 e 7 (1940); 2 ♀♀, OLALLA, agosto 27 e setembro 7 (1940); ♀, W. GARBE, setembro 2 (1940).

Rio Doce: [illegible] juv., W. GARBE, setembro 6 (1940).

Barra do Sussuí (rio Doce): ♂, OLALLA, setembro 16 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): [illegible], W. GARBE, outubro 1 (1940): 4 ♂♂, OLALLA, setembro 27 e 28, outubro 3 (1940): ♂, OLIV. PINTO, outubro 1 (1940); [illegible] juv., W. GARBE, setembro 29 (1940); 4 ♀♀, OLALLA, setembro 27 e 28, outubro 3 (1940).

São Paulo

São Sebastião: [illegible], H. PINDER, setembro 26 (1896); ♂ juv., H. PINDER, junho 31 (1900).

Piquete: ♀, J. ZECH, dezembro 18 (1896).

Itatiba: 2 ♀♀, LIMA, junho (1898) e março 22 (1915); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 21 (1933).

Cachoeira: [illegible], LIMA, agosto 17 (1898).

Ourinhos: ♀, LIMA, março 27 (1901).

Itararé: [illegible], GARBE (1903); ♀, GARBE, maio (1903).

São Jerônimo (Avanhandava): ♀, GARBE, fevereiro (1904).

Ubatuba: [illegible], GARBE, abril (1905).

Franca: [illegible], GARBE (1910).

Piassaguera: ♀, GARBE, abril (1914).

Olímpia: 1 [illegible] e 1 ♀, GARBE, novembro (1916).

Alecrim: 1 [illegible] e 1 ♀, JOSÉ LIMA, julho 25 (1927).

Vanuire: [illegible], LIMA, agosto 27 (1928).

Valparaizo: [illegible] juv., JOSÉ LIMA, julho 7 (1931): ♂, HEITOR SERAPIÃO, dezembro 22 (1931).

Mogí das Cruzes: [illegible] juv., JOSÉ LIMA, março 17 (1933); 2 ♀♀, JOSÉ LIMA, março 14 e 17 (1933).

Ilha do Cardoso (Cananéia): [illegible], CAMARGO, setembro 1 (1934).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 [illegible] e 2 ♀♀, OLALLA, maio 17 (1940): [illegible] juv., OLALLA, abril 8 (1940).

Serra da Cantareira: ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 2 (1940); ♂, J. KÖNIG, dezembro 6 (1940); ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 7 (1940); ♀, J. KÖNIG, dezembro 9 (1940).
Embura: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, dezembro 20 (1940).
Lins: ♂, OLALLA, janeiro 20 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 3 (1941); 2 ♂ ♂ juvs., JOSÉ LIMA, outubro 20 (1941); 3 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, outubro 20 e 27, novembro 3 (1941).
Monte Alegre: 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 25, 28 e 31 (1942), ♂ juv., JOSÉ LIMA, julho 28 (1942); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, julho 25 e 28 (1942).
Cajurú: ♂, E. DENTE, maio 15 (1943).

Paraná
Castro: ♀, GARBE, setembro (1907).

Rio Grande do Sul
Nova Hamburgo: ♂, SCHWARTZ, maio 3 (1898).

Goiaz
Nova Roma: ♂, JOSÉ BLASER, outubro 15 (1932)
Rio Pari (Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 20 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. GARBE, outubro 31 (1934).

Mato Grosso
Chapada: ♂, H. H. SMITH, agosto 25 (1885); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 3 (1937); ♂ juv., H. H. SMITH, agosto 15 (1883); 2 ♀ ♀, H. H. SMITH, maio 5 (1885).
Campo Grande: ♂ juv., JOSÉ LIMA, julho 24 (1930).
Sant'Ana do Paranaíba: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 11 (1937).
Faz. Recrelo (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 11 (1937).
Lagoa do Aldeiamento: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 7 (1937).

Dacnis lineata lineata (Gmelin)[1] [VIII, 275]

Motacilla lineata GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 990 (com base exclusivamente em "Le Pitpit à coiffe bleue" de BUFFON): Cayenne.

Dacnis angelica SCLATER[2], 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 22.

---

(1) Sôbre a nomenclatura deste pássaro, de que já alhures (Rev. Mus. Paul., XX, 1936, p. 238) me ocupei, consultem-se os trabalhos: BANGS & PENARD, Bull. Mus. Comp. Zool., LXII, p. 84 (1918); ZIMMER, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XVII, p. 422 (1930); C. E. HELLMAYR, Catal. Bds. Americas, VIII, p. 275, nota 1 (1935).

Por direito de prioridade, é com efeito *Dacnis lineata* o nome que cabe à espécie, na sinonimia de cuja raça tipica é hoje incluida *D. angelica arcangelica* BONAPARTE, de Bogotá. Sobre esse ponto cessa toda controvérsia, posto que se tome a descrição de BUFFON como base exclusiva da espécie batizada por GMELIN, procedimento que me parece perfeitamente defensável, sem embargo da impropriedade da diagnose fornecida pelo ultimo na 12.ª edição de Systema Naturae, em que dá ao abdome côr amarelada ("lutescens"), em vez de branca. Na coleção que possuo das obras de BUFFON, editada sob os cuidados de M. A. RICHARD (Dufour Mulat et Boulanger, Paris, 1856), *Motacilla lineata* GMEL. é já o nome latino sotoposto a "Le Pitpit à coiffe bleue" (vol. V, pág. 21).

(2) *Dacnis angelica* BONAPARTE (*ex* FILIPPI manuscr.), 1845, Atti Sesta Riun. Sci. Ital. Milano, p. 404, nota: "Brazil".

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Caquetá, rio Putumayo), Guianas Inglesa (Bartica Grove, Bonasika, Arawai), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne, Oyapock, Tamanoir), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Zamora, Sarayacu, Gualaquiza, Quijos), leste e centro do Perú (rio Marañon, Pebas, rio Ucayali, Xeberos, Chamicuros, Cosnipata, Tarapoto, La Merced, Vista Alegre), leste da Bolívia (Yuracares) e Brasil amazônico incluso o norte de Mato-Grosso: rio Solimões (Tonantins, Caviana), rio Negro (Manaus), rio Anibá, rio Juruá (Santa Cruz), rio Purús (Nova Olinda), rio Acre (Antimarí), rio Madeira (Calama), rio Guaporé (Salto do Girau, Engenho do Gama), Utiariti, baixo Amazonas (Óbidos), leste do Pará (Belém, Utinga, Igarapé Assú, Benevides, rio Acará).

EQUADOR

"Equador": ♂, SCHLÜTER, maio (1902).

BRASIL

Amazonas

Manaus (boca do rio Negro, marg. esquerda): 5 ♂♂, OLALLA, maio 15 e 17, junho 10 (1935); ♀, OLALLA, maio 13 (1935).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, out. 31 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂♂, OLALLA, abril 19, 20, 22 e 26 (1937); 5 ♀♀, OLALLA, abril 17, 19, 22 e 26 (1937).

Dacnis nigripes Pelzeln[1] [VIII, 280]

Dacnis nigripes PELZELN, 1856, Sitzungsber, Akad. Wiss. mathem.-naturw. Kl., XX, p. 154, pl. 1, figs. 1 e 2 (♂ e ♀): Nova Friburgo (Rio de Janeiro); SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 21.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Minas Gerais (Lagoa Santa), Rio de Janeiro (Nova Friburgo), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile).

Dacnis flaviventer Lafresnaye & d'Orbigny [VIII, 279]

Dacnis flaviventer LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 21: Yuracares (Bolívia).

Dacnis flaviventris SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 23.

Distribuição. — Alto Amazonas, no leste do Equador (Zamora, Sarayacu) e do Perú (Iquitos, Pebas, Nauta, rio Uca-

(1) É notavel que não se tenha verificado ainda em São Paulo esta espécie cuja raridade contrapõe-se à frequência de *Dacnis cayana paraguayensis*, que ocupa área em parte comum e cujos machos enormemente aos daquela se assemelham.

yali, Yurimaguas, Cosnipata), noroeste do Brasil: rio Solimões (Tefé), Manaus, Itacoatiara, rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa, Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar, Ponto Alegre), rio Madeira (Calama, Santa Isabel, Marmelos, lago do Batista), rio Tapajoz (Santarém, ilha Goiana, Apací), rio Jamauchim (Santa Elena), rio Curuá, rio Xingú (rio Irirí, Santa Julia).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♀, GARBE, novembro (1902).

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro): ♀, CAMARGO, dezembro 16 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, outubro 15, dezembro 13 e 30 (1936); ♀, OLALLA, fevereiro 2 (1937).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, nov. 9 e 16 (1936); 4 ♀♀, OLALLA, out. 25, nov. 9, 11 e 16 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, março 8 e 31, abril 2 (1937); ♂ juv., OLALLA, abril 2 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, março 3, 8 e 31 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 2 (1937).

Pará

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 26 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 23 (1936).

Gênero COEREBA Vieillot

Coereba VIEILLOT, 1808 (ou 1809?), Hist. Nat. Ois. Amér. Sept., II, p. 70. Tipo, por monotipia, *Certhia flaveola* LINNAEUS.

Coereba flaveola[1] chloropyga (Cabanis) [VIII, 284]

Tem-tem coroado (Pará), *Guaratã* (id.), *Cambacica* (São Paulo), *Mariquita*, *Sebinho*.

Certhiola chloropyga CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 97: Baia; SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 44, parte.

Coereba chloropyga IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 345, parte.

---

(1) *Certhia flaveola* LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 187 (baseada essencialmente em "Luscinia s. Philomela e fusco & luteo varia" de SLOAN, Nat. Hist. Jamaica, II, p. 307, pl. 259, fig. à esquerda): Jamaica.

Por muito chocante que pareça à velha praxe, bons fundamentos sustentam a opinião de HELLMAYR (Catal. Birds of Americas, pte. VIII, p. 284 e seg.), quando ao passar em revista todas as espécies classicamente admitidas no gênero, acaba por enfeixá-las

Distribuição. — Leste e centro do Perú (depts. de Huánuco, Junin)[1], leste da Bolívia (Buenavista, Guarayos, Mapirí), Paraguay (Alto Paraná), nordeste extremo da Argentina (Misiones), Brasil septentrional (ao sul do baixo Amazonas), oriental e central: rio Tapajoz (Santarém, Tauarí, Limoal, Urucurituba, Boim, Goiana, igarapé Amorim, Caxiricatuba), rio Jamauchim (Conceição), rio Curuá, rio Xingú (Forte Ambé, Porto de Moz, Tapará), rio Tocantins (Cametá, Arumateua, Mocajuba, Baião), rio Guamá (Ourém), rio Acará (Ipitinga), Belém e distrito este-paraense (Bosque, Val de Cans, Utinga, Benfica, Capoeira, Castanhal, Quatipurú, Prata, Maguarí, Peixe Boi, Igarapé Assú, Anindeua), Maranhão (São Luiz, Miritiba, Anil, Turiassú, Barra do Corda), Piauí (lagoa Missão, Parnaguá), Ceará (serra de Baturité, Várzea Formosa), Pernambuco (Recife, Tapera), Baía (rio Preto, cidade da Barra, Joazeiro, rio do Peixe, Lamarão, ilha de Madre de Deus, Curupeba), Espírito Santo (Braço do Sul, Pau Gigante), Rio de Janeiro (Macaé, Manguinhos, Cantagalo, Nova Friburgo), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio das Velhas, Uberaba, Água Suja, Vargem Alegre, São José da Lagoa), Goiaz (cid. Goiaz, rio das Almas, Inhumas, Catalão), São Paulo (Cananéia, Iguape, ilha dos Alcatrazes, Poço Grande, São Sebastião, Ubatuba, Alto da Serra, Ipiranga, Itú, Ipanema, Mogí das Cruzes, Taubaté, Guaratinguetá[2], Piquete, Itatiba, Franca, Bebedouro, Baurú, Avanhandava, Vitória, Faxina), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Taquara, Porto Alegre, Arroio Grande, Camaquã, Nova Hamburgo).

---

todas, como simples raças geográficas, debaixo do nome mais antigo. Sobre possuirem independentes areas de distribuição, existem entre as formas mais distanciadas todos os termos de uma transição gradual, sem exetuar as das Antilhas, com relação as do continente.

(1) ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.193, p. 4, 1942) acaba de excluir de *C. flaveola chloropyga* as populações peruanas da especie, criando para elas a nova raça *Coereba flaveola dispar* (tipo, um ♂ de Candamo, sudeste do Perú), com base no tamanho médio do bico, um pouco mais consideravel do que nas aves do Brasil central (16 milíms., em vez de 14,4).

(2) Pátria típica de *Certhiola majuscula* CABANIS, 1865 (Journ. f. Orn., XIII, p. 413), cujo tipo foi examinado por HELLMAYR (cf. Catal. Bds. Americas, VIII, p. 285, texto e nota 2). Sob o nome de CABANIS, as populações do Brasil meridional foram por LOWE (Ibis, 1912, p. 505, pl. 8, fig. 1) tratadas como raça à parte. Todavia, sobre o tamanho maior dos exemplares sulinos, carater cuja extrema fragilidade no caso atual tive ocasião de documentar (Rev. Mus. Paul., XIX, 1935, p. 253), parecem-me satisfatoriamente concludentes os resultados a que, independentemente, chegara HELLMAYR (op. cit., p. 287, nota 1), mais ou menos pela mesma época.

Brasil

Pará

Santarém (boca do Tapajoz): 2 ♂ ♂, Garbe, janeiro (1903).
Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, Olalla, julho 11 (1935).
Foz do Curuá (rio Amazonas, marg. direita): ♀, Olalla, dezembro 23 (1936)

Baía

Joazeiro: ♂, Garbe, novembro (1907).
Madre de Deus: ♂, Oliv. Pinto, janeiro 16 (1933); ♀, Oliv. Pinto, janeiro 14 (1933); sexo ?, Camargo, fevereiro 2 (1933).
Curupeba: ♀, W. Garbe, fevereiro 26 (1933).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, L. C. Ferreira, novembro 4 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, Olalla, agosto 24 (1942).
Guaraparí: 2 ♂ ♂, Olalla, outubro 17 e 19 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuiba (Angra dos Reis): 4 ♂ ♂, José Lima, junho 23, 25 e 27 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. Godoy (1900).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♂ ♂, Olalla, agosto 21 e setembro 3 (1940); ♀, Olalla, agosto 22 (1940).
Rio Doce: ♂ ?, W. Garbe, setembro 2 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, W. Garbe, setembro 27 (1940); ♂ ?, Oliv. Pinto, setembro 29 (1940); ♀, Olalla, outubro 2 (1940); ♀, Oliv. Pinto, outubro 2 (1940).

São Paulo

Tietê: ♀, H. Pinder, abril 15 (1897).
Iguape: sexo ?, R. Krone (1895 ?).
Cachoeira: ♂, Lima, agosto 16 (1898).
Ipiranga (cid. de São Paulo): ♂, Lima, setembro 1 (1898); ♂, José Lima, abril 3 (1941).
São Jerônimo (Avanhandava): ♂, Garbe, dezembro (1903).
Bebedouro: ♂, Garbe, março (1904).
Alto da Serra: ♀, Lima, agosto 27 (1904).
Ubatuba: ♂, Garbe, abril (1905); ♀, Garbe, março (1905).
Franca: ♂, Garbe, setembro (1910).
Ilha dos Alcatrazes: ♂, Pinto da Fonseca, outubro 18 (1920).
Itatiba: ♀ juv., Lima, dezembro 12 (1927); ♂, José Lima, outubro 24 (1933); ♀, José Lima, setembro 22 (1933).
Taubaté: sexo ?, oft.ª do sr. Cunha Barbosa, janeiro 10 (1928).
Mogí das Cruzes: ♀, José Lima, março 21 (1933).
Tabatinguara (Cananéia): sexo ?, Camargo, setembro 28 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 4 ♂ ♂, Olalla, maio 14, 15 e 17 (1940); ♀, Olalla, maio 15 (1940).
Barra do rio Dourado: ♂, Olalla, fevereiro 4 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, E. Dente, agosto 25 (1941).
Serra de Caraguatatuba: ♀, Olalla, setembro 25 (1941).
Monte Alegre: 2 ♂ ♂, José Lima, julho 27 (1942) e janeiro 23 (1943); ♀, José Lima, julho 24 (1942).

Rio Grande do Sul
Nova Hamburgo: ♂, SCHWARTZ, março 24 (1898).
Goiaz
• Faz. Formiga (rio das Almas): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 9 (1934); ♀ ?, OLIV. PINTO, outubro 11 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 2 ♂♂, W. GARBE, novembro 13 e 24 (1934); ♀, W. GARBE, novembro 22 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, setembro 27 (1941).

Coereba flaveola minima (Bonaparte) [VIII, 288]

Certhiola minima BONAPARTE, 1854, Comptes Rendues de l'Acad. de Sci. de Paris, XXXVIII, p. 259: Cayenne.
Coereba chloropyga SCLATER (*nec* CABANIS), 1886, Cat. Bds. Brit Mus., XI, p. 44, parte.

Distribuição. — Guiana Holandesa (Paramaribo), Guiana Francesa (Cayenne, Isle Le Père, rio Approuague, Saint Jean du Maroni) e noroeste extremo do Brasil, até a margem esquerda do rio Amazonas[1]: rio Negro (Cucuí, Javanarí, Marabitanas, Lamalonga, Cobatí, Muirapinima, igarapé Cacau Pereira), rio Branco (rio Cotingo, rio Couananí, Boa Vista), rio Anibá, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, igarapé Boiussú, rio Maicurú, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), Maracá, ilha de Marajó (Pindobal, rio Ararí, São Natal), ilha Mexiana.

BRASIL
Amazonas
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): [illegible], OLALLA, abril 16 (1937).
Pará
Pataua (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, janeiro 19 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 9 (1935); 3 ♀♀, OLALLA, abril 5 e 6 (1935).

Coereba flaveola alleni Lowe [VIII, 288]

Coereba chloropyga alleni LOWE, 1912, Bull. Brit. Orn. Club, XXIX, p. 86: Chapada (Mato-Grosso).

---

(1) Dada sua posição nitidamente intermediária, a raça *minima* não pode ser geograficamente delimitada senão de modo muito relativo e em grande parte convencional. Exemplares isolados nem sempre poderão distinguir-se, quer dos do Tapajoz e leste do Pará, que referí à forma *chloropyga*, quer dos das outras raças mais afins, como *C. fl. guianensis* (CABANIS), da Venezuela, Guiana Inglesa, ou *C. fl. intermedia* (SALVADORI & FESTA), do alto Amazonas (sudeste da Colômbia, leste do Equador e nordeste extremo do Perú), raça à qual talvez fosse mais certo referir as aves do alto rio Negro. Cf. C. E. HELLMAYR, Catal. Birds of Americas, parte VIII, p. 288, nota 2 (1935).

Distribuição. — Brasil centro-ocidental: Mato Grosso (Utiarití, Campos Novos[1], Chapada, Cuiabá, Poconé, Cáceres, Coxim, Aquidauana, rio das Mortes).

BRASIL

Mato Grosso

Chapada: ♂ ?, H. H. SMITH, abril 13 (1883); ♀ ?, H. H. SMITH, julho (1883).

Faz. São Bento (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, junho 29 (1930).

Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 5 (1931).

Faz. Recreio (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 15 (1937).

Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 22 (1937).

Lagoa do Aldeiamento: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 7 (1937).

Faz. Angelo Severo (rio Araguaia): ♂, Bandeira Anhanguera, novembro 14 (1937).

Gênero CONIROSTRUM Lafresnaye & d'Orbigny

Conirostrum LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1838, Syn. Av., 2, Magaz. Zool., VIII, cl. 2, p. 25. Tipo, por monotipia, *Conirostrum cinereum* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY.

Conirostrum speciosum speciosum (Temminck) [VIII, 314]

Sylvia speciosa TEMMINCK (*ex* WIED manuscr.), 1824, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 293, fig. 2: Rio de Janeiro.

Dacnis speciosa SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 26; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 465.

Atelodacnis[2] *speciosa* IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 334.

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy, Chaco, Misiones), Paraguay (Assunción, Alto Paraná, Trinidad, Puerto Pinasco, Forte Wheeler), leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos, rio Cachimayo, Quebrada Onda), sudeste do Perú (Candamo), Brasil oriental e central: estuário do rio Amazonas

(1) A Snra. E. NAUMBURG (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, 1930, p. 362) referiu à forma típica os exemplares destas duas localidades do extremo norte de Mato Grosso. Não obstante, ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.193, pág. 5 a 9, 1942) pensa ser mais acertado referi-los à raça *alleni*, reconhecendo-lhes embora caracteres intermediários. Também, como posso verificar, as aves de Goiaz, adscritas sempre à forma *chloropyga*, aproximam-se decididamente das de Mato-Grosso, pelo que seria talvez mais de acordo com os fatos estender a área de *alleni* pelo menos até a porção ocidental daquele estado.

(2) *Atelodacnis* CASSIN, 1864, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., p. 270. Tipo, por designação subsequente de SCLATER (1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 18): *Dacnis leucogenys* LAFRESNAYE (Rev. Magaz. Zool., (2), IV, p. 470: "Colombia").

Examinando detidamente os caracteres das espécies classicamente reunidas sob a denominação genérica de *Atelodacnis*, nenhum encontrou ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1.193, p. 11, outubro 1943) capaz de justificar sua separação das do gênero *Conirostrum*, nome mais antigo.

(ilha de Marajó), interior do Maranhão (Barra do Corda, Côcos), Piauí (rio Parnaíba, Burití, Pedrinha, Parnaguá, Deserto, Ibiapaba), Ceará (Juá), Baía (Joazeiro, Carnaíba, cidade da Barra, rio Preto, Angicos), Rio de Janeiro (Sepitiba, Nova Friburgo), São Paulo (Salto Grande, Franca, rio Feio, Valparaizo), Paraná (Salto de Guaíra, Cândido de Abreu, Marechal Mallet), Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Cáceres, Corumbá, Salobra, Aquidauana, Carandázinho, rio São Lourenço), Goiaz (rio das Almas, Inhumas), Minas Gerais (Água Suja).

Brasil

Baía

Cidade da Barra: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, fevereiro (1908).

Rio de Janeiro

Cardoso Moreira (rio Muriaé): 3 ♂ ♂, Olalla, setembro 10, 11 e 12 (1941); ♂ ?, Olalla, setembro 11 (1941); ♀, Olalla, setembro 11 (1941); ♀ ?, Olalla, setembro 10 (1941).

Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♂, Olalla, setembro 7 (1941).

Minas Gerais

Rio Doce: 2 ♂ ♂, Olalla, setembro 2 e 6 (1940); 1 ♀ e 1 sexo ?, setembro 2 (1940).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, W. Garbe, setembro 2 (1940).

São Paulo

Faz. Caioá (Salto Grande): ♂ juv., Hempel, junho 16 (1903).

Rio Feio: ♂, Franz Günther, setembro 18 (1905).

Franca: ♀, Garbe, novembro (1910).

Valparaizo: ♂, Oliv. Pinto, junho 28 (1931).

Faz. Varjão (Lins): ♂, Olalla ,fevereiro 9 (1941).

Porto Cabral (rio Paraná): ♂, José Lima, outubro 20 (1941).

Goiaz

Faz. Formiga (rio das Almas): ♀, José Lima, outubro 14 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. Garbe, novembro 22 (1934).

Mato Grosso

São Luiz de Cáceres: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, dezembro (1917).

Aquidauana: ♂, José Lima, agosto 5 (1931).

Lagoa da Serra Azul: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 6 (1937).

Salobra: ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 21 (1939); ♂, José Lima, janeiro 28 (1941); ♂ ?, José Lima, janeiro 25 (1941).

Conirostrum speciosum amazonum (Hellmayr) [VIII, 316]

Ateleodacnis speciosa amazonum Hellmayr, 1917, Verh. Orn. Ges. Bay., XIII, p. 106: Tarapoto (vale do Huallaga, Perú).

Dacnis analis Sclater (*nec* Lafresn. & d'Orbigny)[1], 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 25; Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 335, parte; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 464.

---

(1) *Dacnis analis* Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Avium, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 21: Chiquitos (Bolívia). Sinônimo de *Conirostrum speciosum speciosum* (Temm.).

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá"), do Equador (rio Suno) e do Perú[1] (rio Ucayali, Tarapoto, Huambo, Pintobamba,? Maranura), Guiana Francesa (Cayenne), Guiana Inglesa (Berbice), Brasil amazônico (excetuada Marajó e, provavelmente, as outras grandes ilhas do estuário): rio Branco (Forte do Rio Branco), rio Surumú (Frechal), rio Jamundá (Faro), igarapé e serra de Paituna (Ereré), Óbidos, rio Madeira (Rosarinho), Parintins, rio Tapajoz (ilha Goiana), rio Tocantins (Arumateua).

Conirostrum bicolor bicolor (Vieillot) [VIII, 318]

Sylvia bicolor VIEILLOT, 1807, Hist. Nat. Ois. Amér. Sept., II, p. 32, pl. 90 bis: "très rarement sous la zône boreale et plus communément entre les tropiques" (pátria típica aceita Cayenne, sugerida por C. E. HELLMAYR)[2].
Dacnis plumbea SCLATER (nec LATHAM)[3], 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 26, parte.
Daenis bicolor SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 465.
Atelcodacnis bicolor IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Aves, p. 334.

Distribuição. — Manguesais da costa atlântica da América Meridional, desde a Colômbia (Magdalena, Santa Marta), a Venezuela (Cumaná, delta do Orenoco), a ilha Trinidad e as Guianas (Bartica, rio Abary, Surinam, Cayenne), até o sul do Brasil: Pará (Óbidos, Arumanduba, ilhas de Marajó e Mexiana, ilha Aquiqui, praia do Cajutuba, ilha das Onças), Maranhão (ilha Magunça), Piauí (Amarração), Ceará, Pernambuco (Recife, ilha de Itamaracá), Baía (Curupeba, Santo Estêvam, rio Mucurí), Rio de Janeiro (Manguinhos), São Paulo (Iguape, Piassaguera).

BRASIL

Pernambuco
Itamaracá: ♀, OLIV. PINTO, janeiro 3 (1939).
Baía
"Bahia": ♂ (comp.º de SCHLÜTER, 1898).
Santo Estêvam: ♂, W. GARBE, fevereiro 2 (1933).
Curupeba: ♀, W. GARBE, fevereiro 3 (1933).

---

(1) No sudoeste do Perú as populações da espécie apresentam feições intermediárias, reconhecidas por CHAPMAN (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LV, 1926, p. 645) num ♂ de Candamo, que, de acordo com ZIMMER (op. cit., p. 10), vem aqui arrolado sob a forma típica. A este propósito, discute o último ornitologista as diferenças que melhor separam as duas raças afins.
(2) Cf. Novit. Zool., XIII, p. 11 (1906).
(3) *Sylvia plumbea* LATHAM, 1801 (Index Ornith., II, p. 253), sem nenhuma indicação de localidade, tem-se como indeterminavel, à vista da impropriedade da descrição e da perda do exemplar tipo. Cf. CASSIN, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., 1864, p. 270; BERLEPSCH, Ibis, 1881, p. 242.

São Paulo

Iguape: ♂ ?, R. KRONE (1898 ?).
Piassaguera: ♂, GARBE, abril (1914); ♀, GARBE (1912).

Conirostrum bicolor minor (Hellmayr) [VIII, 320]

Ateleodacnis bicolor minor HELLMAYR, 1935, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII (Catal. Bds. Américas), parte VIII, p. 320, texto e nota 2: Rio Madeira (margem direita, abaixo da foz dc rio Maicí, col. NATTERER).

Distribuição. — Rios da bacia amazônica, do Equador (rio Napo, foz do Curaraí) ao baixo amazonas: rio Madeira (foz do Maicí), Itacoatiara, Parintins, rio Tapajoz (Santarém).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, março 16 e 24, junho 1 (1937); ♀, OLALLA, março 27 (1937).

Conirostrum margaritae (Holt) [VIII, 321]

Ateleodacnis margaritae HOLT, 1931, Auk, XLVIII, p. 570: Céu de Ararí (margem esquerda do rio Amazonas, pouco acima de Parintins).

Distribuição. — Nordeste do Perú (Pebas), noroeste do Brasil (Amazônia): rio Madeira (igarapé Auará, pouco acima de Borba), rio Amazonas (Ceu de Ararí).

Familia COMPSOTHLYPIDAE

Gênero **COMPSOTHLYPIS** Cabanis

Compsothlypis CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 20. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Parus americanus* LINNAEUS [1].

Compsothlypis pitiayumi pitiayumi (Vieillot)[2] [VIII, 357]
Mariquita.

Sylvia pitiayumi VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat, XI, p. 276 (com base em AZARA, n. 109, "Pico de punzón celeste pecho de oro"): Paraguay.

---

(1) *Parus americanus* LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 190 (baseado em "The Finch Creeper" de CATESBY): South Carolina (Estados Unidos).

(2) V. CHAPMAN, Auk, XLII, pp. 193-208 (1925).

Parula[1] *pitiayumi* SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, págs. 259 e 643, parte, pl. 11, fig. 1.
Compsothlypis pitiayumi IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 331.

Distribuição. — Bolivia (distrito de Santa Cruz, Chiquitos, Cochabamba, Tarija, Chuquisaca), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, baixo Pilcomayo, Colônia Risso), Uruguay (San José, Cerro Largo, rio Negro, Lazcano, Flores, Paysandú), República Argentina (Misiones, Entre Rios, Buenos Aires, Formosa, Chaco, Corrientes, Jujuy, Santa Fé, Catamarca, Cordoba, Tucumán), Brasil oriental e central: sul do Maranhão (Tranqueira), Piauí (Riacho Fresco), Ceará (serra de Baturité), Baía (rio Grande, São Marcelo, Macaco Seco, rio do Peixe, Belmonte, Caravelas), Espírito Santo (rio Doce), Rio de Janeiro (Cantagalo, lagoa Feia, rio Muriaé, Petrópolis), São Paulo (Cubatão, Juquiá, Ipiranga, Itatiba, Ipanema, Mogí das Cruzes, São Miguel Arcanjo, Itararé, Franca, Rincão, Baurú, rio Feio), Paraná (Curitiba, Castro, rio Claro), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Taquara, Pedras Brancas, Arroio Grande, Uruguaiana), Mato Grosso (Três Lagoas, Sant'Ana do Paranaíba, Aquidauana, Miranda, Salobra, Chapada, Cáceres, Abrilongo, Utiarití), Goiaz (rio Claro), Minas Gerais (Uberaba, barra do Sussuí).

BRASIL

Baía
"Bahia": ♀ (comp.º de von BERLEPSCH, 1898 ?)..
Caravelas: ♂, GARBE, agosto (1908).
Belmonte: ♂, GARBE, agosto (1919).

Espírito Santo
Rio São José: ♂, OLALLA, setembro, 20 (1942).
Guaraparí: ♂, OLIV. PINTO, outubro 16 (1942).

Rio de Janeiro
Petrópolis: sexo ?, GARBE, agosto (1901).
Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♂, OLALLA, setembro 7 (1941).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 10 e 11 (1941); sexo ?. OLALLA, setembro 13 (1941).

Minas Gerais
Barra do Sussuí (rio Doce): 1 ♂ e 1 sexo ?, OLALLA, setembro 14 (1940).

São Paulo
Ipiranga (cid. de São Paulo): ♂, LIMA, fevereiro 13 (1900); ♀, C. VIEIRA, maio 27 (1939).
Rincão: ♀, LIMA, fevereiro 19 (1901).
Itararé: ♂, GARBE, abril (1903); ♀, GARBE, julho (1903); 3 sexos ?. GARBE, abril (1903).

---

(1) *Parula* BONAPARTE, 1838 (Geog. Comp. List. Birds Eur. & N. Amer., p. 20), rejeitado por homonímia com *Parulus* SPIX, 1824.

Rio Feio: ♂, FRANZ GÜNTHER, setembro 18 (1905).
Franca: 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, janeiro (1911).
Cubatão: ♂, LIMA, junho 6 (1920).
Itatiba: ♂, LIMA, março (1926).
São Miguel Arcanjo: ♂, LIMA, agosto 31 (1929).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, março 24 (1933).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 5 ♀ ♀, OLALLA, maio 16, 17, 18 e 21 (1940); sexo ?, OLALLA, maio 14 (1940).
Serra de Caraguatatuba: sexo ?, OLALLA, setembro 25 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 29 (1941).

Paraná
Castro: 2 ♂ ♂, GARBE, setembro (1907) e junho (1914); sexo ?, GARBE, julho (1907).

Rio Grande do Sul
Uruguaiana: ♀, GARBE, julho (1914).
Nova Wurttemberg: sexo ?, GARBE, fevereiro (1915).

Goiaz
"Sul do Estado": ♀, JOSÉ LIMA (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. GARBE, maio 14 (1941); ♀ ?, W. GARBE, abril 21 (1941).

Mato Grosso
Miranda: ♀, LIMA, agosto 25 (1930).
Três Lagoas: ♀ ?, JOSÉ LIMA, julho 12 (1931).
Sant'Ana do Paranaíba: ♀, LIMA, julho 25 (1931).
Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 2 (1931).
Salobra: ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 24 (1939).

Compsothlypis pitiayumi elegans Todd

Compsothlypis pitiayumi elegans TODD, 1912, Ann. Carnegie Mus., VIII, p. 204: Anzoategui (Venezuela, Lara).
Parula pitiayumi SHARPE (nec VIEILLOT), 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, pp. 259 e 643, parte.
Compsothlypis pitiayumi IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 331, parte.

Distribuição. — Colômbia (Magdalena, Santa Marta, Cundinamarca, Cauca), Venezuela (rio Orenoco, Mérida, Caracas), ilha Trinidad (Caparo), ilha Margarita, norte extremo do Brasil (norte do Amazonas): rio Branco (Forte de São Joaquim).

COLÔMBIA
Cauca: sexo ?, W. B. RICHARDSON, abril 30 (1911).

Gênero DENDROICA Gray

Dendroica G. R. GRAY, 1842, Append. List. Gen. Bds., p. 8. Tipo, por designação original, *Motacilla coronata* LINNAEUS[1].

---

(1) *Motacilla coronata* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 333 (com base em "The Golden-crowned Fly-catcher" de EDWARDS): Pennsylvania.

Dendroica aestiva aestiva (Gmelin) [VIII, 363]

Motacilla aestiva Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 996 (com base em Brisson, "Le Figuier du Canada" e Daubenton, Pl. enlum. 58, figs. 1 e 2): Canadá (pátria típica escolhida).
Dendroeca aestiva Sharpe, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 273; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 481.
Dendroica aestiva Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 331.

Distribuição. — América Septentrional, do norte do Canadá (Saskatchewan, Alberta, baía de Hudson) aos Estados Unidos (Massachussetts, Illinois, New York, Connecticut, Carolina do Norte e do Sul, Missouri, Alabama, Georgia, Florida) e o México (Yucatan), de onde emigra para a América Central (Guatemala, Honduras, Costa Rica, Nicaragua, Panamá) e porção oeste-septentrional da América do Sul, a saber, Colômbia (Barbacoas, Honda, Bogotá, rio Frio, rio Hacha), Venezuela (Orenoco, Caracas, Zulia), Trinidad, Guianas Inglesa (montes Takutu) e Francesa (Cayenne, Approuague, Roche-Marie), Equador (Archidona, Esmeraldas), Perú (La Merced), com ocorrências no Brasil amazônico: rio Branco (Forte de São Joaquim, Boa Vista), rio Tacutú, rio Purús (Monte Verde), ilha do Marajó (Chaves).

Venezuela
Mérida: ♀, Briceño & Gabaldon (1898).

Dendroica breviunguis (Spix) [VIII, 403]

Alauda (Anthus) breviunguis Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 75, pls. 76-77, fig. 1: "in provincia Parae".
Dendroeca striata Sharpe (*nec* Pallas),[1] 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, pp. 325 e 650.
Dendroica striata Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 331.

Distribuição. — America Septentrional, do Território de Alaska e o Canadá (Mackenzie, Manitoba, Quebec) aos Estados Unidos (Maine, Illinois, Massachussetts, New York, New Jersey, Wisconsin, Missouri, Colorado, Florida), emigrando para o sul, através das Antilhas, até a Colômbia (Magdalena, rio Frio, Villavicencio), a Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Carabobo, monte Duida), a Guiana Inglesa (Roraima, rio Caramang) e o Equador (rio Suno, Archidona), com ocorrências no Chile (Valdivia) e no Brasil oeste-septen-

---

(1) *Muscicapa striata* Forster, 1772 (Philos. Trans., LXII, pp. 406 e 428), é prejudicado por *Motacilla striata* Pallas, 1764 (em Vroeg, Catal. Rais. d'Ois., Adumbr., p. 3), visto que esta espécie foi transferida para o gênero *Muscicapa* Linn.

trional: alto rio Negro (Marabitanas), rio Branco (Forte do Rio Branco).

Gênero OPORORNIS Baird

Oporornis Baird, 1858, em Baird, Cassin & Lawrence, Rep. Expl. Surv. Rail-Road Pacif., IX, p. 246. Tipo, por designação original, *Sylvia agilis* Wilson.

Oporornis agilis (Wilson) [VIII, 420]

Sylvia agilis Wilson, 1812, Amer. Orn., V, p. 64, pl. 39, fig. 4: Connecticut e cercanias de Philadelphia (Pennsylvania, Estados Unidos).

Oporornis agilis Sharpe, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, pp. 347 e 653; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 332.

Distribuição. — Norte da America Septentrional, do Canadá (Alberta, Ontario, Manitoba) ao norte dos Estados Unidos (Michigan), emigrando para o sul (Carolina do Sul, Florida, ilhas Bahamas), até a Colômbia (Bonda, rio Magdalena, rio Frio), a Venezuela (rio Orenoco, Maipures, Carabobo) e o Brasil oeste-septentrional, desde a Amazonia até o alto rio Paraguay: rio Solimões (Tonantins), rio Madeira (Aliança), centro de Mato Grosso (rio São Lourenço).

Gênero GEOTHLYPIS Cabanis

Geothlypis Cabanis, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, Abt. 1, p. 316, — nome novo, em lugar de *Trichas* Swainson, 1827, junho (*nec* Gloger, 1827, março), Philosoph. Magaz. Nov. Ser., I, p. 433. Tipo, por monotipia, *Trichas personatus* Swainson (= *Turdus trichas* Linnaeus).

Geothlypis aequinoctialis aequinoctialis (Gmelin) [VIII, 438]

Motacilla aequinoctialis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 972 (com base em "Figuier olive de Cayenne" de Buffon & Daubenton, Pl. Enlum. 685, fig. 1): Cayenne.

Geothlypis aequinoctialis Sharpe, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 360, pl. 9, fig. 7; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 332.

Distribuição. — Colômbia (vale do Magdalena, Villavicêncio, "Bogotá"), Venezuela (Zulia, Tachira, rio Orenoco, Caracas, rio Manino), ilha Trinidad, Guianas Inglesa (Demerara, rio Yuruani), Holandesa (?) e Francesa (Cayenne, Roche-Marie, Approuague), Brasil amazônico: rio Branco (Forte de São Joaquim), Itacoatiara, igarapé Boiussú, rio Xingú (Vitória), ilha Mexiana, leste do Pará (Belém, Prata).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, março 22, 23 e 29 (1937).

Pará

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 11 (1935).

Geothlypis aequinoctialis velata (Vieillot) [VIII, 436]

Sylvia velata VIEILLOT, "1807", Hist. Nat. Ois. Amer. Septentr., II, p. 22, pl. 74: nenhuma indicação de localidade (pátria típica Rio de Janeiro, sugerida por NAUMBURG).[1]

Geothlypis velata SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 363, pl. 9, fig. 5.

Geothlypis aequinoctialis cucullata IHER. & IHERING (nec LATHAM)[2], 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 392.

Distribuição. — Leste do Perú (vale do Urubamba, Chirimoto, Santa Ana) e da Bolívia (Tarija, Chiquitos, Caiza, Chaco boliviano), Paraguay (baixo Pilcomayo, Sapucay, Puerto Pinasco), República Argentina (Chaco, Formosa, Misiones, Entre Rios, Buenos Aires, Corrientes, Santa Fé, Córdoba, Tucumán), Uruguay (Montevideo, Flores, Canelones, rio Negro, Lazcano, San José), Brasil este-meridional e central: Baía (São Marcelo, Belmonte, Caravelas), Espírito Santo (Vitória), Rio de Janeiro (Terezópolis, Nova Friburgo, Cantagalo, serra do Itatiaia), São Paulo (Iguape, ilha dos Alcatrazes, São Sebastião, Ubatuba, Juquiá, Ipiranga, Vila Ema, Itatiba, Mogí das Cruzes, Ipanema, Itararé, Franca, Baurú, rio Feio, Lins, Avanhandava), Paraná (Curitiba, Cândido de Abreu, rio da Areia), Santa Catarina (Joinvile), Rio Grande do Sul (Mundo Novo, São Lourenço, Itaquí), Minas Gerais (Uberaba, Congonhas, Sete Lagoas, Lagoa Santa, rio das Velhas, Água Suja, Pirapora, Mariana, São José da Lagoa, Maria da Fé), Goiaz (Veadeiros), Mato Grosso (Campo Grande, Corumbá, Descalvados, Chapada, Rondonópolis).

ARGENTINA

Las Talas: [illegible], oft.ª de C. BRUCH, setembro (189[illegible]).

BRASIL

Espirito Santo

Santa Tereza: [illegible], OLALLA, outubro 3 (1942).

Guarapari: 2 ♀♀, OLALLA, outubro 12 e 19 (1942).

---

(1) Cf. Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 339 (1930).

(2) *Sylvia cucullata* LATHAM, 1790 (Index Ornithol., II, p. 525: nenhuma indic. de localidade), em que, a exemplo de RICHMOND (Auk, XVII, 1900, p. 179), se tem querido reconhecer a espécie nomeada por VIEILLOT, é de identidade muito duvidosa.

Rio de Janeiro
Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂, JOSÉ LIMA, junho 26 (1941).
Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♂, OLALLA, setembro 7 (1941).

Minas Gerais
Pirapora: ♂, GARBE, maio (1912).
Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): ♀, OLIV. PINTO, dezembro 30 (1935).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 31 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 4 ♂♂, OLALLA, setembro 27 e 28, outubro 4 (1940); 2 ♂♂, OLIV. PINTO, outubro 1 e 4 (1940); ♂, W. GARBE, setembro 30 (1940); ♀, OLIV. PINTO, setembro 27 (1940).

São Paulo
Iguape: ♂, R. KRONE, setembro 27 (1893).
São Sebastião: ♂, H. PINDER, setembro 29 (1896); ♀, H. PINDER, setembro 19 (1896).
Itararé: 2 ♂♂, GARBE, maio (1903); ♂?, GARBE, maio (1903).
Avanhandava: ♀, GARBE, novembro (1903).
Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904).
Ubatuba: 2 ♂♂, GARBE, março e abril (1905); ♀, GARBE, março (1905).
Cancã (rio Feio): ♂, FRANZ GÜNTHER, agosto 13 (1905); ♀, FRANZ GUNTHER, agosto 11 (1905).
Franca: ♂, GARBE, setembro (1910).
Ipiranga (cid. de São Paulo): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA (1923) e abril 4 (1941); 2 ♀♀, LIMA, março (1915) e outubro 15 (1899).
Itatiba: 2 ♂♂, LIMA, março (1926) e dezembro 12 (1927); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 1 (1933).
Mogi das Cruzes: 1 ♂ e 2 ♀♀, JOSÉ LIMA, março 18 (1933).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 4 ♂♂, OLALLA, maio 14 e 16 (1940); ♀, OLALLA, maio 16 (1940); 3 sexos ?, OLALLA, maio 16, 19 e 21 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 25 (1941); ♀, OLIV. PINTO, agosto 29 (1941); ♀, E. DENTE, agosto 25 (1941).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 11 (1941); ♀, OLALLA, fevereiro 20 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 7 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 20 (1943); 2 ♀♀, JOSÉ LIMA, agosto 1 (1942).

Rio Grande do Sul
Itaqui: ♂, GARBE, dezembro (1914).

Mato Grosso
Corumbá: ♂, GARBE, outubro (1917).
Rondonópolis: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 26 (1937).
Faz. Viramão (Campo Grande): ♂ ?, JOSÉ LIMA, julho 27 (1939).

Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, julho 10 (1941).

Gênero **GRANATELLUS** Bonaparte

Granatellus Bonaparte (*ex* Du Bus manuscr.), 1850, Consp. Gen. Av., I, (2), p. 312. Tipo, por monotipia, *Granatellus venustus* Bonaparte.[1]

Granatellus pelzelni pelzelni Sclater [VIII, 450]

Granatellus pelzelni Sclater, 1864, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 606, pl. 27, fig. de cima: Destacamento do Ribeirão (rio Madeira); Sharpe, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 370; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 332; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 482.

Distribuição. — Sul e leste da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura). Guiana Inglesa (Supenaam, rio Ituribisci, rio Mazaruni, Camacusa) e Holandesa, norte da Bolívia (quedas do alto rio Madeira), Brasil amazônico: rio Branco (Conceição), rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Madeira (Borba, Calama, Salto do Girau), rio Gi-Paraná (Jamarizinho), rio Tapajoz (Boim, Pinhel, Itaituba Vila Braga), rio Tocantins (Baião, Arumateua).

Granatellus pelzelni paraensis Rothschild [VIII, 450]

Granatellus pelzelni paraensis Rothschild, 1906, Bull. Brit. Orn. Club, XVI, p. 81: Prata (Pará, perto de Belém); Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 332; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 482.

Distribuição. — Brasil septentrional a leste do Pará: Belém, Prata, rio Guamá (Santa Maria do São Miguel).

Gênero **BASILEUTERUS** Cabanis[2]

Basileuterus Cabanis, em 1849, em Schomburgk, Reis. Brit. Guiana, III, p. 666. Tipo, por monotipia, *Basileuterus vermivorus* Cabanis (= *Setophaga auricapilla* Swainson)[3].

---

(1) *Granatellus venustus* Bonaparte, 1850, Consp. Gen. Av., I, (2), p. 312: México.

(2) Ver sobre os caracteres e as formas deste gênero importante a magistral monografia de W. E. Todd, em Proceed. Un. St. Nat. Mus., LXXIV, pgs. 1-95 (1929).

(3) *Basileuterus vermivorus* Cabanis, descrito pouco depois (Mus. Hein., I, 1851, p. 17) por este autor, repousa sobre *Sylvia vermivora* Vieillot, 1817 (Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 278). Sobre o genótipo de *Basileuterus* ocupou-se primeiro o conde Berlepsch (Ibis, 1881, p. 240); modernamente discutiram tambem o assunto, firmando-lhe o conceito atual, Todd (op. cit., pp. 3 e 19) e Hellmayr (Cat. Bds. Amers., VIII, 1935, p. 476).

Basileuterus flaveolus (Baird) [VIII, 483]

Myiothlypis[1] *flaveolus* BAIRD, 1865, Rev. Amer. Bds., I, p. 252, nota margin.: Paraguay (rio Paraguay?).
Basileuterus flaveolus SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X. p. 380; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 333.

Distribuição. — Região litorânea da Venezuela (serra de Carabobo, Caracas, La Guaira), leste da Bolívia (dept. de Santa Cruz, Chiquitos), Paraguay (Puerto Pinasco, Sapatero Cué), Brasil este-septentrional e central: interior do Maranhão (Barra do Corda, Tranqueira, alto Parnaíba), Piauí (Parnaguá, lagoa Missão, Ibiapaba, Arara), Ceará (Juá, perto de Igatú), Pernambuco (Tapera), Baía (Joazeiro, Santa Rita do Rio Preto, Bonfim, Santo Amaro, ilha dos Frades), oeste de Minas Gerais (Água Suja) e de São Paulo (rio das Pedras, Silvânia, Rincão, São Jerônimo, Avanhandava, Rio Preto), Goiaz (rio Araguaia, cid. de Goiaz, Jaraguá, rio Claro), Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba, Aquidauana, Urucum, Coxim Chapada, Cuiabá, Cáceres, Vila Bela, Utiarití).

BRASIL

Pernambuco
Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 21 (1938).

Baía
"Bahia": sexo ? (comp.º de SCHLÜTER, 1898).
Joazeiro: ♂, GARBE, dezembro (1907).
Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, março (1908).
Ilha dos Frades: ♂, CAMARGO, fevereiro 13 (1933).

São Paulo
Rincão: ♂, LIMA, fevereiro 23 (1901).
São Jerônimo (Avanhandava): ♂, GARBE, dezembro (1903); sexo ?, GARBE, fevereiro (1904).
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 21 (1937); ♀, OLIV. PINTO, dezembro 28 (1942).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, março 28 (1940).
Faz. Sta. Rosa (Paraúna): ♀, JOSÉ LIMA, abril 15 (1940).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, perto de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 3 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): 1 ♂ e 1 ♀, W. GARBE, maio 1 (1940).

Mato Grosso
Chapada: ♂, H. H. SMITH, agosto (1883); ♂, OLIV. PINTO, setembro 29 (1937).
Coxim: ♂, LIMA, junho 22 (1930).

---

(1) *Myiothlypis* BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I, (2), p. 311. Tipo, por designação subsequente de CABANIS, *Trichas nigrocristatus* LAFRESNAYE (de Bogotá).

Sant'Ana do Paranaíba: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, julho 19 (1931).
Aquidauana: ♀, LIMA, agosto 5 (1931);
Faz. Recreio (Coxim): ♀, OLIV. PINTO, agosto 13 (1937).
Cuiabá: ♀, OLIV. PINTO, setembro 24 (1937).
Faz. Ângelo Spinelo (rio Araguaia): ♂, Bandeira Anhanguera, novembro 7 (1937): 2 ♀ ♀, Bandeira Anhanguera, novembro 10 e 15 (1937).

Basileuterus leucophrys Pelzeln[1] [VIII, 484]

Basileuterus leucophrys PELZELN (*ex* NATTERER manuscr.), 1868, Orn. Bras., II, pags. 72 e 137: Porto do rio Paraná (= rio Grande, entre os estados de São Paulo e Minas Gerais); SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X., p. 400; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 333.

Distribuição. — Brasil central: oeste de São Paulo (porto do rio Grande), Mato Grosso (rio Manso, Chapada, Aldeia Queimada).

Basileuterus leucoblepharus (Vieillot)[2] [VIII, 485]

Sylvia leucoblephara VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 206.
Basileuterus leucoblepharus SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X., p. 400; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 333.

Distribuição. — Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay, Villa Rica), nordeste da República Argentina (Chaco, Formosa, Misiones, Corrientes, Santa Fé), Uruguay (San Vicente, Lazcano, Quebrada de los Cuervos), sudeste do Brasil[3]: Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Terezópolis, serra do Itatiaia), São Paulo (Ipiranga, Itatiba, Mogí das Cruzes, Campos do Jordão, serra de Bananal, Campinas, Ipanema, Itapetininga, Itararé, Salto Grande, Icatú, Valparaizo), Paraná (Curitiba,

---

(1) Não tenho conhecimento com esta espécie, singularmente rara e excelentemente representada pela sra. NAUMBURG (Bull. Amer Mus. Nat. Hist., LX, pl. XVII). Depois de NATTERER, colecionaram-na apenas, ao que parece, H. SMITH (Chapada) e G. K. CHERRIE (Aldeia Queimada, próx. das cabeceiras do Sepotuba). Exped. Rondon-Roosevelt.

(2) WETMORE (Bull. Un. St. Nat. Mus., n.º 133, p. 369) escreve *Sylvia leucoblepharides*, conforme aparece grafado no exemplar do Nouv. Dict. que tinha em mãos. Não obstante, seis exemplares da dita obra examinados por HELLMAYR (cf. Catal. Bds. Amers., VIII, p. 485, nota 1) consignam *Sylvia leucoblephara*.

(3) HELLMAYR, no Catal. of Birds of Americas (parte VIII, p. 486, 1937), anuindo ao modo de ver de TODD, reduz à sinonímia da forma típica *Basileuterus leucoblepharus superciliosus* (SWAINSON, 1837), sob que preconizara antes (Novit. Zool., XXVIII, p. 244, 1921) separar as aves do sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro ao Paraná. Está tambem no mesmo caso *B. l. calus* OBERHOLSER (Proc. Biol. Soc. Wash., XIV, p. 188), de Sapucay (Paraguay).

Castro, serra do Mar, Cândido de Abreu, Porto Mendes, Vermelho), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Taquara, Arroio Grande, Nova Wurttemberg).

Argentina

Ancones: ♀, Venturi, setembro 25 (1905).

Brasil

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia: sexo ?, juv., H. Lüderwaldt, abril 20 (1906).

São Paulo

Ipiranga (cid. de São Paulo): ♀, Lima, agosto 3 (1895); ♀, Lima, julho 5 (1899).
Campinas: sexo ?, P. Larsen, setembro 26 (1900).
Itararé: 2 ♂♂, Garbe, maio (1903).
Campos do Jordão: ♂, H. Lüderwaldt, fevereiro 22 (1906).
Itapetininga: ♂, Lima, julho 24 (1926).
Icatú: ♀, Lima, julho 22 (1926).
Valparaizo: ♂, Oliv. Pinto, junho (1931); ♀, Lima, julho 26 (1931).
Mogí das Cruzes: ♂, José Lima, março 16 (1933).
Serra da Cantareira: ♂, José Lima, abril 30 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e São Paulo): ♂, Olalla, agosto 25 (1941); 2 ♀♀, Olalla, agosto 24 (1941); 4 sexos?, Olalla, agosto 24 e 26 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♂♂, José Lima, outubro 15 e 22 (1941).

Paraná

Castro: ♂, Garbe, maio (1907); sexo ?, Garbe, maio (1914).

Rio Grande do Sul

Nova Wurttemberg: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, março (1915).

Basileuterus hypoleucus Bonaparte [VIII, 497]

Basileuterus hypoleucus Bonaparte (*ex* Cabanis manuscr.), 1850 Consp. Gen. Av., I, (2), p. 313: Brasil (local. típica provavel São Paulo, *apud* Hellmayr); Sharpe, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 388; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 333.

Distribuição. — Paraguay (Puerto Pinasco), Brasil centro-meridional: Mato-Grosso (Urucúm, Salobra, Aquidauana, Campo Grande, Sant'Ana do Paranaíba, Coxim, Chapada), Goiaz (cid. de Goiaz, Jaraguá, rio Tesouras, Inhumas), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio Jordão, Água Suja), São Paulo (Ituverava, Rio Preto, Franca, Avanhandava, Vanuire, Icatú, Itapura, Vitória, Itapetininga, Ipanema, Jundiaí, Itatiba, São José do Rio Pardo)[1].

---

(1) Um dos nossos exemplares de Itatiba destaca-se entre todos pela abundante sufusão amarela das partes inferiores, fato apontado por Wetmore (Bull. 133, Un. St. Nat. Mus., p. 368) e que Allen (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., III, 1891, p. 344) e Todd (op. cit., p. [illegible]) procuraram explicar pela idade da plumagem.

BRASIL

São Paulo

São José do Rio Pardo: sexo ?, SCHROTTKY, maio 11 (1900).
Jundiaí: sexo ?, LIMA, julho 9 (1900).
Cristais (perto de Franca): sexo ?, OTTO DREHER, abril 4 (1903).
Avanhandava: sexo ?, GARBE, novembro (1903).
Itapura: ♂, GARBE, agosto (1904).
Franca: ♂, GARBE, janeiro (1911).
Ituverava: ♂, GARBE, abril (1911).
Itatiba: ♂, LIMA, março (1926); 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, outubro 17 e 26 (1933); ♀, LIMA, junho 18 (1902); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 14 (1933); sexo ?, LIMA, julho 12 (1900).
Itapetininga: ♂, LIMA, julho 24 (1926).
Icatú: ♂, LIMA, agosto 25 (1928).
Vanuire: ♂, LIMA, agosto 25 (1928).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 23 (1943); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 21 e fevereiro 15 (1943).

Goiaz

Rio das Almas (Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 8 (1934); ♀, W. GARBE, agosto 24 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. GARBE, outubro 31 (1934).

Mato Grosso

Campo Grande: ♀, JOSÉ LIMA, julho 21 (1930).
Sant'Ana do Paranaíba: ♀. JOSÉ LIMA, julho 21 (1930); sexo ?, LIMA, julho 21 (1931).
Aquidauana: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 5 (1937).
Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 29 (1937); ♀, H. H. SMITH, julho 19 (1885); sexo ?, H. H. SMITH, agosto 18 (1885)
Salobra: ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 24 (1939); ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 23 (1939).
Faz. Viramão (Campo Grande): ♀, JOSÉ LIMA, julho 27 (1939).

Basileuterus auricapillus auricapillus (Swainson)[1] [VIII, 498]

Setophaga auricapilla SWAINSON, 1837, Anim. in Menager., p. 293: "Mexico (*errore*) and Brazil" (pátria típica Rio de Janeiro, sugerida por TODD)[2].

---

(1) Descrito primeiramente, no Paraguay, por AZARA (N.º 154), com o nome de "Contramaestre coronado", base principal de *Sylvia vermivora* VIEILLOT, 1817 (Nouv Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 278), assim denominado por confusão com *Motacilla vermivora* GMELIN, 1789 (Syst. Nat., I, p. 951, *ex* "The Worm-eater" de EDWARDS), da Pennsylvania.

O dr. HELLMAYR passou ultimamente (Catal. Birds of Americas, VIII, 1935, p. 498) a incluir *Basileuterus auricapillus* entre as raças geográficas de *Basileuterus culicivorus* (LICHTENSTEIN, 1830), cuja forma típica é peculiar ao oriente do México e à América Central.

(2) TODD, Proc. Un. St. Nat. Mus., LXXIV, 1929, art. 7, p. 68. Conforme poude verificar o dr. HELLMAYR (op. cit., p. 498, nota 1), pelo exame do tipo no museu de Cambridge (Inglaterra), o "Brazil" é a localidade registrada no rótulo original de SWAINSON.

Basileuterus auricapillus SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 393, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 333.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Misiones, Corrientes, Santa Fé, Buenos Aires, Tucumán, Cordoba), Uruguay (rio Cebollati, Quebrada de los Cuervos), Brasil oriental e centro-meridional: sul do Maranhão (Grajaú, Tranqueira, São Francisco), Piauí (rio Parnaíba, Ibiapaba, Gilboez), Ceará (serra de Baturité), Rio Grande do Norte (Natal)[1], Pernambuco (Quipapá, Tapera), Baía (?)[2], Espírito Santo (Engenheiro Reeve), Rio de Janeiro (Terezópolis, Nova Friburgo, Cantagalo, serra do Itatiaia), Minas Gerais (Maria da Fé, São José da Lagoa, Uberaba), São Paulo (Iguape, Cananéia, Juquiá, Alto da Serra, Embura, Ipiranga, serra da Cantareira, Mogí das Cruzes, Campos do Jordão, Mato-Dentro, Piquete, Ipanema, Pilar, São Miguel Arcanjo, Salto Grande, Itararé Itapura, Presidente Epitácio), Paraná (Castro, Jacarèzinho, Terezina, rio da Areia), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Camaquã, São Lourenço, Nova Wurttemberg), Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba, Campo Grande, São Vicente, Utiariti), Goiaz (Santo Antônio, ao norte de Boa Vista).

BRASIL

Pernambuco

Tapera: 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, dezembro 15 (1938).

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂♂, OLALLA, agosto 25 (1942); ♀, OLIV. PINTO, agosto 29 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): sexo ?, JOSÉ LIMA, junho 21 (1941).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): ♀, OLIV. PINTO, janeiro 9 (1936); sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 8 (1936).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 30 e outubro 3 (1940); 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, setembro 30 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 28 (1940).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. KRONE, outubro 2 (1893).

Alto da Serra: 2 ♂♂, LIMA, julho (1904) e junho (1909); sexo ?, LIMA, julho 7 (1900).

Itararé: ♂, GARBE, abril (1903); 3 ♀♀, GARBE, maio (1903).

---

(1) Tenho nota de havê-lo observado nos subúrbios da cidade, em janeiro de 1939.

(2) E notável a falta de qualquer observação com respeito à ocorrência do pássaro na Baía, onde sem dúvida deve existir.

Itapura: ♂, Garbe, setembro (1904); ♀, Garbe, agosto (1904).
Campos do Jordão: sexo ?, juv., H. Lüderwaldt, fevereiro (1906).
Pilar: ♂, Lima, agosto (1925); sexo ?, Lima, junho 6 (1929).
Presidente Epitácio (rio Paraná): ♂, Lima, junho 17 (1926); ♂, José Lima, agosto 14 (1935).
São Miguel Arcanjo: ♀, Lima, setembro 4 (1929).
Mogí das Cruzes: ♂, José Lima, março 17 (1933).
Tabatinguara (Cananéia): ♀, Camargo, setembro 28 (1934).
Ipiranga (cid. de São Paulo): ♀, Olalla, junho 27 (1939).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♂ ♂, Olalla, maio 13 e 20 (1940).
Serra da Cantareira: ♂, José Lima, dezembro 7 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e São Paulo): 2 ♂ ♂, Olalla, agosto 25 (1941); 2 sexos ?, Olalla, agosto 24 (1941); sexo ?, E. Dente, agosto 28 (1941).
Serra de Caraguatatuba: 1 ♀ e 1 sexo ?, Olalla, setembro 24 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♀, José Lima, outubro 18 (1941); sexo ?, E. Dente, outubro 15 (1941).

Paraná

Jacarézinho: sexo ?, Ehrhardt, março 20 (1901).
Castro: ♂, Garbe, maio (1914).

Rio Grande do Sul

Nova Wurttemberg: 3 ♂ ♂, Garbe, março e abril (1915); 2 sexos ?, Garbe, fevereiro e março (1915).

Mato Grosso

Campo Grande: ♀, José Lima, julho 21 (1930).
Sant'Ana do Paranaíba: ♂?, José Lima, julho 21 (1931).

Basileuterus rivularis rivularis (Wied) [VIII, 520]

Muscicapa rivularis Wied, 1821, Reis. Bras., II, p. 103: "Vila de Ilhéos" (litoral da Baía).

Basileuterus stragulatus[1] Sharpe, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 401; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 384.

Distribuição. — Leste do Paraguay (Puerto Bertoni), nordeste extremo da Argentina (Misiones) e Brasil este-meridional: Baía (Ilheus, rio Belmonte), leste de Minas (rio Doce, baixo Piracicaba), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo, Registro do Saí), São Paulo (Iguape, Cananéia, Ubatuba, Juquiá, Alto da Serra, Taipas, Ipanema, Itararé, Salto

---

(1) *Muscicapa stragulata* Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 55: São Paulo.

(2) Pátria de *Basileuterus mesoleucus paraguae* Sztolcman, 1926 (Ann. Zool. Mus. Pol. Hist. Nat., V, p. 180), sinônimo estrito de *B. r. rivularis* (Wied).

Grande, Botucatú, Baurú, Valparaizo), Paraná (Curitiba, Jacarèzinho, Paranaguá, Salto de Guaira[2], Salto de Ubá, Salto das Bananeiras, Porto Mendes), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (lagoa dos Patos).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 27 (1942).
Rio S. José: 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 17 e 22 (1942).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLIV. PINTO, agosto 23 (1940); ♀, OLALLA, agosto 20 (1940).
Rio Doce: ♂, OLALLA, setembro 6 (1940); ♀, OLALLA, agosto 28 (1940); 2 sexos ?, OLALLA, setembro 5 (1940).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. KRONE, setembro 30 (1893).
Baurú: ♂, GARBE (1901).
Itararé: ♂, GARBE, junho (1903).
Alto da Serra: sexo ?, LIMA, agosto 25 (19[illegible]).
Ubatuba: ♀, GARBE, abril (1905).
Valparaizo: ♂, LIMA, junho 20 (1931).
Tabatinguara (Cananéia): ♀, CAMARGO, setembro 24 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): [illegible], OLALLA, abril 6 (1940); ♂, OLIV. PINTO, maio 18 (1940); sexo ?, OLALLA, maio 16 (1940).
Porto Cabral (rio Paraná): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 23 (1941).

Paraná

Jacarèzinho: [illegible], LIMA, março 28 (1901).

Basileuterus rivularis mesoleucus Sclater [VIII, 519]

Basileuterus mesoleucus SCLATER, 1865, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 286, pl. 9, fig. 1: Demerara (Guiana Inglesa); SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 402; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 483.

Distribuição. — Nordeste da Venezuela (baixo Orenoco, rio Caura), Guiana Ingleza (Demerara, Camacusa, rio Caramang, rio Ituribisci, Supenaam), Guiana Francesa (Approuague, St. Jean du Maroni, Ipousin), Brasil amazônico: rio Branco (Conceição, serra Grande, serra da Lua), rio Atabaní, rio Tapajoz (Vila Braga), região de Belém (Belém, Prata, Utinga, rio Muraiteua, Peixe-Boi), norte do Maranhão (Turiassú).

BRASIL

Amazonas

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, julho 10 (1937).

Pará

Utinga (prox. de Belém): ♀, F. Q. LIMA, março 4 (1926).

Basileuterus fulvicauda fulvicauda (Spix) [VIII, 522]

Muscicapa fulvicauda SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 20, pl. 28, fig. 2: nenhuma localidade indicada (pátria típica provavel, São Paulo de Olivença, sugerida por TODD)[1].
Basileuterus uropygialis[2] SHARPE, 1885, Catal. Bds. Brit. Mus., X, p. 405.

Distribuição. — Leste do Equador (Sarayacu, rio Suno, rio Zamora), centro-leste do Perú (Santa Cruz, Chanchamayo, Huambo, Yahuarmayo, Chyavetas) e Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas: rio Juruá (igarapé Grande)[3], rio Solimões (Olivença), rio Madeira (Calama)[4], rio Purús (Hiutanaã).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Grande (alto Juruá): ♀, OLALLA, janeiro 18 (1937).

Familia TERSINIDAE

Genero TERSINA Vieillot

Tersina VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIII, p. 401. Tipo, por monotipia, *Tersina coerulea* VIEILLOT[5] (=*Hirundo viridis* ILLIGER).

Tersina viridis viridis (Illiger) [IX, 1]

Saí andorinha, Saíra buraqueira, Saí arara

Hirundo viridis ILLIGER, 1811, Prodr. Syst. Mamm. Av., p. 229 (com base em "L'Hirondelle verte" de TEMMINCK, 1807, Cat. Syst. Cabin. d'Orn. Quadr., p. 245): "Sandwich Islands", *errore* (= leste do Brasil, *apud* HELLMAYR)[6].

---

(1) Proc. Un. St. Nat. Mus., LXXIV, parte 7, p. 18 (1929).
(2) *Basileuterus uropygialis* SCLATER, 1861, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 128, "Brazil".
(3) Nosso exemplar do alto Juruá (igarapé Grande) não se pode distinguir dos amazônicos de diversa procedência, a não ser pelo tom mais claro, menos ceráceo, dos supercílios.
(4) *Basileuterus fulvicauda semicervinus* SCLATER, 1860 (Proc. Zool. Soc. Lond., XXVIII, p. 84: Nanegal, oeste do Equador), a que HELLMAYR referira a princípio (Novit. Zool., XVII, 1910, p. 265) um ♂ de Calama, passou depois a ser tido por este ornitólogo como extranho ao Brasil.
(5) *Tersina coerulea* VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., XXXIII, p. 401: "Brésil".
(6) C. E. HELLMAYR, Catal. Birds of Americas, IX, p. I (1936). Para pátria típica da espécie, proponho restritivamente o Rio de Janeiro.

Procnias[1] *tersa*[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 50, parte.
Procnias coerulea IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 345, parte.

Distribuição — Nordeste da Argentina (Misiones, Buenos Aires), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), leste da Bolívia (Santa Cruz de la Sierra), Brasil oriental e centro-meridional: Pernambuco, Baía, Espírito Santo (Barra do Jacú[3], rio Doce), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo, Itatiaia, Porto Real, rio Paraíba), São Paulo (Cananéia, Iguape, Itararé, serra da Cantareira, Itatiba, Piquete, rio Mogí-Guassú, Monte Alegre, Araras, São Carlos do Pinhal, Jaboticabal, Olímpia, Franca, São Jerônimo, rio Tietê, rio Dourado), Paraná (Castro, rio Claro, Cândido de Abreu, Salto de Ubá), Santa Catarina (Joinvile), Rio Grande do Sul (Nova Wurttemberg, Porto Alegre), Minas Gerais (Teófilo Otoni, rio Piracicaba, córrego do Pissarrão), Goiaz (rio das Almas, Inhumas, Veadeiros).

BRASIL
Espírito Santo
Rio Doce: 1 ♂ e 1 ♂ juv., GARBE, março e abril (1906); ♀, GARBE, março (1906).
Minas Gerais
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 24 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 4 ♂♂, OLALLA, agosto 24, setembro 27, 28 e 29 (1940); ♂, W. GARBE, outubro 3 (1940); 2 ♀♀, W. GARBE, outubro 3 (1940); ♀, OLIV. PINTO, outubro 1 (1940); 3 ♀♀, OLALLA, setembro 27, 28 e outubro 5 (1940).
São Paulo
São Carlos do Pinhal: ♂, J. ZECH, setembro (1895).
Piquete: ♂, J. ZECH, outubro (1896).
Rio Mogi-Guassú: 1 ♂ e 1 ♀, HEMPEL, dezembro 27 (1899).
Jaboticabal: ♂, LIMA, setembro 27 (1900).
Itararé: ♂, GARBE, abril (1903).
São Jerônimo (Avanhandava): ♀, GARBE, agosto (1903).
Franca: ♀, GARBE, setembro (1910).
Olímpia: 2 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1916).
Itatiba: 6 ♂♂, JOSÉ LIMA, abril 20 (1926), novembro 16 (1932), setembro 22 e 29, outubro 6 (1933); ♂, juv., JOSÉ LIMA, outubro 6 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, novembro 16 (1932).
Serra da Cantareira: ♀, OLIV. PINTO, maio 21 (1934).

---

(1) *Ampelis tersa* LINNAEUS, 1766 (Syst. Nat., ed. 12.ª, I, p. 298), a que corresponde "La Tersine" de BUFFON, é inidentificavel, além de não trazer indicação alguma de localidade ou procedência.
(2) *Procnias* TEMMINCK, 1820 (*nec* ILLIGER, 1811), Man. d'Orn., 2.ª ed., I, p. LXIII. Tipo, por designação de RIDGWAY (Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. 4.ª, 1907, p. 245), *Hirundo viridis* ILLIGER.
(3) Pátria de *Procnias cyanotropus* WIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 187 (p. 184 da ed. in-8vo).

Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, outubro 7 (1934).
Faz. Varjão (Lins): 2 ♀♀, OLALLA, janeiro 23 e fevereiro 1 (1941).

Paraná

Castro: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1907).

Rio Grande do Sul

Nova Wurttemberg: 2 ♂♂ juvs., GARBE, março (1915).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 4 (1934); 1 ♂ e 1 ♂ juv., W. GARBE, setembro 8 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, OLIV. PINTO, outubro 3 (1934); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 10 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 12 (1934); 2 ♀♀, W. GARBE, novembro 4 e 15 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, novembro 19 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): 2 ♂♂, W. GARBE, agosto 25 e setembro 19 (1941).

Tersina viridis occidentalis (Sclater) [IX, 3]

Procnias occidentalis SCLATER, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., XXII ("1854"), p. 249: Nova Granada.
Procnias tersa subsp. *occidentalis* SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 50, parte.
Procnias caerulea IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 345, parte.

Distribuição. — Leste do Panamá (Darien), região cis e transandina da Colômbia (exceptuada a região da Santa Marta) e do Equador (rio Napo, Santo Domingo, Zamora), Venezuela (Cumaná, Caripé, Sucre), Guiana Inglesa (Roraima, montes Canuku), Guiana Francesa (Caiena), leste do Perú (Nauta, Pebas, Moyobamba, Xeberos, Monterico, Cosnipata, Yurimaguas, Vista Alegre, Chaquimayo, Marcapta, rio Cadena, rio Ucayali) e norte da Bolívia (Yungas de La Paz, San Antonio), Brasil ocidental e oeste-septentrional: rio Negro (Jauaretê, Barcelos), rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande), rio Madeira (Santa Isabel), rio Gi-Paraná (Maruins), rio Guaporé (Vila Bela) e, provavelmente, todo o oeste e centro de Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Coxim)[1].

Colombia

Bogotá: ♂ (compr. de v. BERLEPSCH, 1903).

---

(1) No que respeita às dimensões, em média maiores na raça este-brasileira do que na colombiana, as aves de Mato Grosso e leste da Bolívia ocupam posição intermédia; não obstante, em seu recente estudo (Amer. Mus. Novit., N.° 1225, p. 1), opina ZIMMER pela sua filiação mais conveniente a *T. v. occidentalis*.

Brasil
Amazonas
Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, Camargo, dezembro (1936).
João Pessoa (alto rio Juruá, marg. esquerda): ♂, Olalla, dezembro 8 (1936).
Igarapé Grande (alto Juruá): ♀, Olalla, jan. 19 (1937).
Mato Grosso
Chapada: ♂, H. H. Smith, setembro 11 (1883); ♂, José Lima, outubro 6 (1937); ♀, José Lima, setembro 27 (1937).
Faz. Recreio (Coxim): 1 ♂ e 1 ♀, Oliv. Pinto, agosto 17 (1937); ♂, José Lima, agosto 19 (1937); ♀, José Lima, agosto 12 (1937).

Familia THRAUPIDAE

Gênero CHLOROPHONIA Bonaparte

Chlorophonia Bonaparte, 1851, Rev. Magaz. Zool., 2.ª sec., III, p. 137. Tipo, por subsequente designação de Gray (1855), *Tanagra viridis* Vieillot.

Chlorophonia cyanea cyanea (Thunberg) [IX. 6]
Bonito do campo, Gaturamo

Pipra cyanea Thunberg, 1822, Mém. Acad. Sci. St. Pétersb., VIII, p. 284, pl. 8, fig. 1: Rio de Janeiro[1].
Chlorophonia viridis[2] Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 54.
Chlorophonia chlorocapilla[3] Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 346.

Distribuição: Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay) e sudeste do Brasil: sul da Baía, Espírito Santo (Santa Tereza), sudeste de Minas Gerais (São João del Rei), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo), leste e sul de São Paulo (Santos, Iguape, Ipanema), Paraná (Castro, Salto do Cobre), Rio Grande do Sul (São Sebastião do Caí).

Espírito Santo
Chaves (Sta. Leopoldina): 1 ♂ e 1 ♀, Olalla, setembro 7 (1942).

---

(1) Cf. Lönnberg, The Ibis, 1903, p. 241.
(2) *Tanagra viridis* Vieillot, 1819 (nec P. L. S. Müller, 1776), Nouv. Dict. d'Hist. Natur., XXXII, p. 426: "l'Amérique méridionale".
(3) *Pipra chlorocapilla* Stephens, 1826, em Shaw, Gen. Zool., XIII, (2), p. 255 (com base em Latham, Gen. Hist. Bds., VII, p. 228, pl. 108): "South America".

São Paulo
Iguape: ♀, R. KRONE (1898).
Santos: ♂, J. CONCEIÇÃO, agosto 10 (1902).
Paraná
Castro: ♀, GARBE, maio (1914).

Gênero **TANAGRA** Linnaeus

Tanagra LINNAEUS, 1764, Mus. Adolph. Frid., II, Prodr., p. 30. Tipo, por designação subsequente de RICHMOND (1908)[1], *Fringilla violacea* LINNAEUS.

Tanagra musica[2] intermedia (Chubb)[3] [IX, 17]

Euphonia[4] *nigricollis intermedia* CHUBB, 1910, Ibis, 9.ª ser., IV, p. 624. Guiana (= Roraima, Guiana Inglesa, *teste* HELLMAYR).

Euphonia nigricollis SCLATER (*nec* VIEILLOT), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 61, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 346, parte.

Euphonia cyanocephala[5] SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus Goeldi, VIII, p. 438.

Distribuição — Colômbia (Antioquia, Medellin), Venezuela (Mérida, Caracas, Caripé), ilha de Trinidad, Guiana Inglesa (Roraima), Guiana Holandesa (Surinam) e região adjacente do Brasil septentrional, até a margem esquerda do baixo Amazonas (Monte Alegre).

VENEZUELA
Mérida: ♀, S. B. GABALDÓN, novembro 14 (1896).

Tanagra musica aureata Vieillot [IX, 17]

Gaturamo rei, Tereno.

Tanagra aureata VIEILLOT, 1822, Tabl. Enc. Méth., Orn., livr. 91, p. 782 (com base em AZARA, N.º 98). "Lindo azul y oro cabeza celeste": Paraguay.

---

(1) Cf. Proc. Un. St. Nat. Mus., XXXV, p. 644, nota.
(2) *Pipra musica* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 1004 (com base em "L'Organiste" de BUFFON e DAUBENTON, Pl. enlum. 809, fig. 1): Santo Domingo (=Haiti).
(3) Talvez inseparável de *T. m. aureata*, como aventa ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 5) ao discutir detidamente os caracteres e as relações geográficas entre ambas.
(4) *Euphonia* DESMAREST, 1806, Hist. Nat. Tangaras, livr. 10, pl. 27. Tipo, por monotipia, *Euphonia violacea* DESMAREST.
(5) *Pipra cyanocephala* VIEILLOT, 1818 (não *Tanagra cyanocephala* MULLER, 1776), Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIX, p. 165: Trinidad.

Euphonia nigricollis[1] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 61, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 346.

Distribuição — Leste do Equador (Ambato), do Perú (Ucayali, Tambillo, Callacate) e da Bolivia (Quebrada Onda, Yungas, Chaco, Omeja), Paraguay (Sapucay, Puerto Bertoni), norte da Argentina (Misiones, Corrientes, Tucumán), Uruguay. Brasil ocidental e este-meridional: Baía, Rio de Janeiro (Cantagalo, Cabo Frio), São Paulo (Iguape, Ipanema, Monte Alegre, Baurú), Rio Grande do Sul (Nova Hamburgo, Arroio Grande), Minas Gerais (Paracatú), sul de Mato Grosso (Urucúm).

BRASIL

São Paulo

Iguape: ♂ juv., R. KRONE (1893).
"São Paulo": ♂, A. FERRAGNI, outubro (1902).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 27 (1942).
Ubatuba: ♂, JOSÉ LIMA, novembro (1943).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, maio 30 (1899).

Tanagra xanthogaster xanthogaster (Sundevall) [IX, 22, pt.]

Gaturamo

Euphone xanthogaster SUNDEVALL, 1834, Vetensk. Akad. Handl., "1833", p. 310, pl. 10, fig. 1: Brasil[2] (local. típica Rio de Janeiro, por designação de BERLEPSCH)[3].

Euphonia xanthogastra SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 67, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 347, parte.

Distribuição — Brasil este-meridional: Baía (Ilhéus, Itabuna, Cajazeiras), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Registro do Saí), Espírito Santo (rio Doce, rio S. José, lagoa Juparanã), leste de Minas Gerais (rio Matipoó, rio Piracicaba), São Paulo[4].

BRASIL

Baía

Ilheus: ♂, GARBE, abril (1919).
Itabuna: ♀, GARBE, julho (1919).

---

(1) *Tanagra nigricollis* VIEILLOT, 1819 (Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXII, p. 412: "Brésil" = Rio de Janeiro, col. DELALANDE) é antecedido por *Tanagra nigricollis* GMELIN, 1789 (=*Tanagra nigrigula* BODDAERT, 1783).

(2) Cf. GYLDENSTOLPE, Ark. Zool., XIX, A, N.º 1, p. 14 (1926).

(3) Cf. Verh. 5to. Intern. Orn. Kongress, Berlin, pp. 1016 e 1126 (1912). V. tambem C. E. HELLMAYR, Arch. f. Naturges., LXXXV, Abt. A, Heft 10, p. 15 (1920).

(4) Cf. CABANIS, Journ. Orn., XIII, p. 409, no texto (1865). Faltam registros mais recentes da ocorrência do pássaro em São Paulo.

Espírito Santo

Rio São José: ♂, OLIV. PINTO, setembro 19 (1942); ♀, OLIV. PINTO, setembro 24 (1942)

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): sexo ?, PINTO DA FONSECA, junho 19 (1919).

Rio Doce: ♂, OLALLA, agosto 29 (1940); ♀ ?, W. GARBE, setembro 5 (1940).

Barra do Piracicaba (rio Doce): 4 ♂♂, OLALLA, agosto 20, 23 e 24 (1940); ♀, OLALLA, agosto 24 (1940).

Tanagra xanthogaster brevirostris (Bonaparte) [IX, 24]

Euphonia brevirostris BONAPARTE, 1851, Rev. Magaz. Zool., (2), III, p. 136: Colômbia (= Bogotá).

Euphonia xanthogastra SCLATER (nec SUNDEVALL), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 67, parte.

Distribuição — Leste da Colombia (La Morelia, Florencia, Caquetá, Andalucia) e do Equador (rio Zamora, rio Napo, rio Suno, Sarayacu), norte e centro do Perú (foz do Curaray, Pomará, Chyavetas, Nuevo Loreto, Vista Alegre, Moyobamba, Huambo), sul da Venezuela (monte Duida), Guiana Inglesa (Camacusa) e noroeste extremo do Brasil: rio Uaupés (Tauapunto)[1].

Tanagra xanthogaster dilutior Zimmer[2] [IX, 24, pte.]

Tanagra xanthogaster dilutior ZIMMER, 1943, Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 6: Orosa (margem direita do alto Amazonas, no nordeste do Perú.

Euphonia xanthogastra IHER. & IHERING (nec LINNAEUS), 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 347, parte.

Distribuição — Sudeste da Colombia (Loretoyacu), nordeste do Perú (rio Ucayali, Sarayacu, baixo Marañon, Iquitos, Orosa, Puerto Indiana, Lagarto) e Brasil oeste-septen-

(1) ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 6, 1943) registra um casal desta localidade, a primeira em que se verifica a ocorrência no Brasil de *T. x. brevirostris*.

(2) Como o Conde BERLEPSCH foi o primeiro a notar (cf. IHER. & IHERING, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 347), impõe-se a separação das populações amazônicas da espécie em raça aparte. Os ♂♂ do Amazonas, representados por dois exemplares adultos do rio Juruá, diferem à primeira vista dos de Minas e Baía, tanto pelas suas proporções sensivelmente menores (asa 57-58 mil., cauda 31-31 1/2 mil.), como ainda pelo colorido da plumagem, que nas partes superiores apresenta lustro menos violáceo (mais azul-ferrete) e nas inferiores é de um amarelo mais claro, muito menos tingido de ocráceo. No que toca à cor da plumagem, e a julgar pelos exemplares sob exame, os ♂♂ do sudeste do Brasil (rio Piracicaba, rio Matipoó) assemelham-se muito mais às aves do Equador oriental, adscritas à raça *T. xanthogaster brevirostris*

trional, ao sul do rio Amazonas: rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), alto rio Madeira (Calama), rio Gi-Paraná (Maruins), rio Roosevelt, ? rio Jamauchim (Tucunaré, Conceição).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 2 ♂♂, GARBE, novembro e dezembro (1902).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, outubro 28 (1936).

Tanagra minuta minuta (Cabanis) [IX, 31]

Euphonia minuta CABANIS, 1849, em SCHOMBURGK, Reis. Brit. Guiana, III, p. 671: Guiana Inglesa; SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 71, parte.

Euphonia olivacea IHER. & IHERING (*nec* DESMAREST)[1], 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 347, parte.

Distribuição. — Leste da Colombia ("Bogotá"), sul da Venezuela (rio Caura), Guianas Inglesa (Bartica Grove, Camacusa, rio Ituribisci, Demerara), Holandesa (Surinam, Paramaribo) e Francesa (Caiena). Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas: rio Solimões (Codajaz), baixo rio Negro (Manaus), igarapé Anibá.

BRASIL

Amazonas

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 29 (1935).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 18 (1937).

Tanagra minuta mellea Bangs & Penard [IX, 32]

Tanagra olivacea mellea BANGS & PENARD, 1918, Bull. Mus. Compar. Zool., LXII, p. 87: Iquitos (nordeste do Perú, à marg. esquerda do Marañon).

BONAPARTE, do que às suas vizinhas da Amazônia brasileira. Estavam redigidas estas notas quando às minhas mãos veio ter o trabalho em que ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 6, abr. de 1943), baseando-se em diferenças que são muito exatamente as mesmas que apontei nas aves da Amazônia ocidental, erige em nova raça as populações do vale do Ucayali e adjacências. O limite oriental da área de distribuição de *T. r. dilutior*, a que evidentemente devem referir-se as aves do alto Juruá, continuam todavia muito imprecisos, faltando-me inteiramente material para ajuizar sobre as populações do vale do rio Madeira (Calama) e noroeste de Mato Grosso, que ZIMMER atribue à forma este-brasileira.

(1) *Euphonia olivacea* DESMAREST, 1806, Hist. Nat. Tangar., livr. 10, p. 27 (Cayenne), primeiro nome, em data, conferido à espécie em apreço, é precedido por *Tanagra olivacea* GMELIN, 1789 (Syst. Nat., I, p. 889), pertinente a pássaro norte-americano. Cf. OBERHOLSER, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXI, p. 125 (1918).

Euphonia minuta SCLATER (*nec* CABANIS), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 71, parte.

Euphonia olivacea SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 489.

Distribuição — Nordeste do Perú (Iquitos, Orosa, Puerto Indiana, Nauta, Ucayali, Xeberos, Chyavetas, Moyobamba), norte da Bolivia (San Mateo) e Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas, até, provavelmente, o este do Pará: marg. direita do rio Solimões (Tefé), rio Juruá (João Pessoa)[1], rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Borba), rio Guaporé (Engenho do Gama), Parintins, rio Tapajoz (Boim, Pinhel, Caxiricatuba, Tauarí), rio Tocantins (Baião, Mocajuba), leste do Pará (Providência, Souza)[2].

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, outubro 15 (1936).

Tanagra chlorotica chlorotica Linnaeus[3] [IX, 39]

Vem-vem.

Tanagra chlorotica LINNAEUS, 1776, Syst. Nat., I, p. 317 (com base em "Le Tangara noir et jaune de Cayenne" de BRISSON): Cayenne (Guiana Francesa).

Euphonia chlorotica SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 64, parte.

---

(1) Em nosso exemplar de João Pessoa (♂ ad. n.º 19172), posto em confronto com o de Codajaz (♂ ad. n. 15.938), observa-se de modo bem apreciavel o principal carater em que assenta a distinção da raça sul-amazônica, a saber, maior quota de violáceo (menos verde) no colorido das partes superiores.

(2) Abstraindo uma ♀ de Souza, registrada por HELLMAYR (Abh. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wiss., XXVI, p. 8), SNETHLAGE (Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 489) é o único autor que refere exemplares de leste do estuário do Amazônas, pelo que pairam dúvidas quanto a sua raça. Acresce que, para ZIMMER (Am. Mus. Novit., N.º 1225, p. 8) a raça *wallacei* seria inseparavel da forma típica de *T. minuta*.

(3) Todo o material de *T. chlorotica* alistado no presente Catálogo foi submetido a meticulosa revisão, em face das profundas modificações que ZIMMER, em trabalho muito recente (Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 9 e ss., 1943), introduziu no conceito das raças representadas no Brasil. A julgar, pelo menos, através dos exemplares que tenho sob exame, parece-me de todo impossivel reconhecer mais do que duas raças da espécie em território brasileiro, diferenciadas quase que tão somente pela diversidade de tamanho, que na subespécie amazônica é em média sempre menor (52 a 54 mils. de asa, em vez de 58 ou 60 mils.) do que na forma centro-meridional. Dois ♂♂ de Chapada, colecionados por H. SMITH e dois de Coxim, não se distinguem, seja quanto ao tamanho, seja quanto a tonalidade do amarelo do abdome e da testa, dos de São

Euphonia aurea[1] Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 346; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 438.

Distribuição — Guianas Inglesa (Demerara), Holandesa (Surinam) e Francesa (Caiena), Brasil amazônico: rio Solimões (Manacapurú, Tefé), baixo Amazonas (Itacoatiara, Parintins, Monte Alegre), ilha de Marajó (Cachoeira), rio Tapajoz (Santarém, Pinhel, Tauarí, Caxiricatuba, Itaituba), rio Xingú, rio Irirí (Santa Julia), rio Guamá (Itaçuão), norte e oeste de Maranhão (Miritiba, Boa Vista, Turiassú, ilha Mangunça, Codó, Mangueiras, Tabocas, Flores, ilha São Luiz, São João dos Patos), Piauí (Ibiapaba, Parnaguá, Terezina, Correntes, Frecheiras), Ceará (serra de Baturité, Juá, Varzea Formosa, Joazeiro, Viçosa, Lavras, Quixadá), Pernambuco (Garanhuns), norte da Baía (Santa Rita do Rio Preto, rio Grande, Joazeiro, cidade da Barra, rio do Peixe, ilha de Madre de Deus), norte extremo de Mato Grosso (Tapirapoã, Juruena).

Brasil

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, Camargo, outubro (1936); ♀, Camargo, outubro 15 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, Olalla, dezembro 21 (1936), janeiro 4 e março 11 (1937); ♂ juv., Olalla, março 6 (1937); ♀, Olalla, março 11 (1937).

Maranhão

Boa Vista: ♂, Schwanda, abril 6 (1907).

Miritiba: 2 ♂♂, Schwanda, abril 17 e novembro 17 (1907); ♂ juv., Schwanda, abril 24 (1907).

Baía

Joazeiro: ♂, Garbe, novembro (1907).

Cidade da Barra: ♀, Garbe, setembro (1913).

Madre de Deus: ♀, Oliv. Pinto, fevereiro 14 (1942).

Paulo e Goiaz; não vejo, pois, como acompanhar Zimmer, quando refere as populações da margem direita do Amazonas e norte de Mato Grosso (inclusive Chapada) a *Tanagra chlorotica taczanowskii* Sclater, 1886 (Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 65: Callacate), raça este-peruana, cuja própria validez seria licito discutir, à vista da grande divergência em que estão as autoridades no tocante aos seus caracteres próprios. Em compensação, estou disposto a dar razão a Zimmer, quando estende a area de *T. c. chlorotica* por todo o nordeste Brasileiro, aí compreendido o norte da Baía, até o Recôncavo.

(1) *Euphonia aurea* Richmond, 1905, Smiths. Miscell. Coll., XLVII, p. 345 (com base em *Parus aureus* Vroeg, 1764, Catal., p. 18: Surinam). Cf. W. Stone, Auk, XXIX, p. 208 (1912).

Tanagra chlorotica serrirostris (Lafresn. & d'Orbigny) [IX, 40]
Viví, Puví, Gaturamo miudinho.

Euphonia serrirostris LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 30: Guarayos (Bolívia, Santa Cruz)[1].
Euphonia chlorotica SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 64, parte.
Euphonia aurea serrirostris IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 346.

Distribuição — Norte da Argentina (Misiones, Formosa, Chaco, Entre Rios, Tucumán, Catamarca, Cordoba), Paraguay (Villa Rica, Puerto Bertoni, Chaco paraguaio, rio Pilcomayo, Lambaré), leste da Bolivia (Santa Cruz, rio Pilcomayo), Brasil central e este-meridional: Rio de Janeiro (Cantagalo, Sepitiba), São Paulo (Ipanema, Monte Alegre, rio Paraná, Avanhandava, Lins), Paraná (foz do Iguassú), Rio Grande do Sul (Sapiranga), Minas Gerais (Lagoa Santa), Goiaz (cid. de Goiaz, rio das Almas), Mato Grosso (Chapada, Poconé, Coxim, Descalvados, Agua Branca de Corumbá).

BRASIL
São Paulo
Faz. Varjão (Lins): 3 ♂♂, OLALLA, janeiro 29 e 31, fevereiro 14 (1941); 2 ♀♀, OLALLA, janeiro 27 e 31 (1941).
Monte Alegre: ♀, JOSÉ LIMA, julho 22 (1942).
Goiaz
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, OLIV. PINTO, out. 3 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, out. 9 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. GARBE, setembro 17 (1941).
Mato Grosso
Chapada: 2 ♂♂, H. H. SMITH, maio 21 (1883) e julho 8 (1885); ♂ ?, H. H. SMITH, setembro (1882).

Tanagra concinna[2] finschi (Sclater & Salvin) [IX, 44]

Euphonia finschi SCLATER & SALVIN, 1877, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 19: Demerara (Guiana Inglesa); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 70, pl. 8, fig. 1.

(1) *Acrolepites violaceicollis* CABANIS, 1865 (Journ. f. Ornithol., XIII, p. 409: Rio de Janeiro) é nome que talvez conviesse usar-se de preferência ao de LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, cuja aplicabilidade a presente raça, segundo adverte HELLMAYR (Catal. Bds. of the Americas, IX, p. 41, nota margin.), abre margem a dúvida. Nesse caso poder-se-ia fixar a localidade típica da forma boliviano-brasileira em Cantagalo, onde EULER colecionou os exemplares de que CABANIS veio a dar notícia anos depois (Journ. f. Orn., XXII, 1874, p. 83). Sobre o assunto consulte-se ainda HELLMAYR, Novit. Zool., XXX, p. 232 (1923) e Field Mus. Nat. Hist., Zool Ser. XII, p. 278 (1929).
(2) *Euphonia concinna* SCLATER, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., XXII, "1854", p. 98, pl. 65, fig. 2: Nova Granada) (= "Bogotá"). ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 12), discute em pormenor as relações da forma típica com suas afins.

Euphonia coccinea Sclater (*nec* Sclater, 1855), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 69, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 347, parte.

Distribuição. — Sul da Venezuela (Roraima). Guianas Inglesa (montes Takutu, Roraima, Demerara, rio Rupununi), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne), zona adjacente do extremo norte do Brasil: rio Branco (Forte de São Joaquim, serra da Lua), rio Surumú (Frechal).

Tanagra laniirostris laniirostris (Lafresnaye & d'Orbigny) [IX, 47]

Euphonia laniirostris Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 30: Yuracares (Bolívia); Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 76, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 348, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Yuracares, Guarayos, Santa Cruz, Omeja) e Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Manacapurú), alto rio Madeira (Humaitá, Calama, Jamarizinho), rio Gi-Paraná (Maruins), norte e centro de Mato Grosso (rio Sepotuba, Tapirapoã, Chapada, Abrilongo).

Brasil

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): J. Camargo, outubro 17 (1936).

Tanagra laniirostris melanura (Sclater)[1] [IX, 46]

Euphonia melanura Sclater, 1851, Contrib. Orn., p. 86: Barra do rio Negro (= Manaus)[2]; Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 78, pl. 9, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 348; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 440.

Distribuição — Leste da Colombia (Florencia, Caquetá, "Bogotá"), oeste da Venezuela (Maipures, no alto Orenoco), nordeste do Perú (Puerto Indiana, Nauta, Iquitos, Pebas, rio Ucayali, Orosa, rio Huallaga, Moyobamba, Tarapoto), Brasil oeste-septentrional: rio Amazonas (Manaus, Itacoatiara, Pa-

(1) Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 15), acaba de concluir pela coespecificidade de *T. melanura* e *T. laniirostris*.

(2) A dúvida aventada por Hellmayr (Catal. Birds of the Americas, IX, p. 46, nota 1), quanto a essa localidade, até então a única referida ao norte do rio Amazonas, não tem mais razão de existir, em face de nosso exemplar de Itacoatiara.

rintins), rio Juruá (João Pessoa, Santa Cruz do Eirú, lago Grande), rio Purús (Monte Verde), rio Madeira (Borba, Rosarinho, Santo Antônio do Guajará, igarapé Auará).

COLOMBIA

Bogotá: ♂, BERLEPSCH, janeiro (1905).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, outubro 17 (1936)
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂ juv., OLALLA, novembro 14 (1936); ♀, OLALLA, novembro 30 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 11 (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 11 (1936).

Tanagra violacea violacea (Linnaeus) [IX, 53]

Tem-tem verdadeiro, Tem-tem de estrela, Vem-vem

Fringilla violacea LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 182: "in calidis regionibus" (pátria típica Surinam, por designação de BERLEPSCH & HARTERT)[1].

Euphonia violacea SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 74, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 347, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 439.

Distribuição — Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, La Prición), ilha de Trinidad, Guianas Inglesa (Demerara, Roraima, Bartica Grove, rio Mazaruni), Holandesa (Paramaribo, Surinam) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Approuague), Brasil amazônico: igarapé Anibá, rio Jamundá (Faro), lago Cuipeva, igarapé Bravo, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Madeira (Borba), rio Tapajoz (Itaituba, Boim, Santarém, Caxiricatuba, Goiana), Cussarí, rio Irirí, rio Tocantins (Arumateua), ilha de Marajó (Pindobal), rio Guamá (Castanhal), rio Capim, rio Mojú, leste do Pará (Belém, Prata, Peixe Boi, Utinga, Providência, Benevides), norte e oeste do Maranhão (São Luiz, Miritiba, Turiassú, Anil, Rosário, Tranqueira), norte de Goiaz (Boa Vista, Santo Antônio).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂ juv., OLALLA, maio 7 (1937.)

---

(1) Cf. Novit. Zool., IX, p. 18 (1902). V. também BERLEPSCH, Verh. 5te. Inter. Orn. Kongress Berlin, p. 1.127 (1912).

Pará
Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fev. 8 (1935).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 2 (1935); "♀" err. (=♂ juv.), OLALLA, abril 4 (1935).
Caxaricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, junho 24, julho 3 e 5 (1935).
Maranhão
Miritiba: ♂ juv., SCHWANDA, maio 6 (1907).

Tanagra violacea aurantiicollis (Bertoni) [IX, 55]

Gurinhatá, Guriatã, Gaturamo, Gaturamo verdadeiro.

Euphonia aurantiicollis BERTONI, 1901, Anal. Cient. Parag., I, p. 94: Puerto Bertoni (Paraguay).
Euphonia violacea SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 74, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 347, parte.

Distribuição — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay), Brasil oriental: Pernambuco (Recife), Baía (ilha da Bimbarra, Belmonte, rio Gongogí, rio Jucurucú), Espírito Santo (Pau Gigante, rio S. José, Chaves), Rio de Janeiro (Sepitiba, Cantagalo, Nova Friburgo), São Paulo (Iguape, rio Juquiá, Poço Grande, Piassaguera, Santos, Alto da Serra, Ipiranga, Penha, Itatiba, rio dos Dourados), Santa Catarina (Blumenau[1], Joinvile), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Mundo Novo, Taquara), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio Piracicaba, barra do Sussuí), sul de Goiaz (rio das Almas).

BRASIL
Baía
"Bahia": ♂, SCHLÜTER (1898).
Belmonte: 2 ♂♂ e ♀, GARBE, agosto (1919).
Faz. Santa Maria (rio Gongogí): ♂, OLIV. PINTO, dezembro 17 (1932).
Ilha Bimbarra: ♂, W. GARBE, fevereiro 21 (1933).
Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♀, OLIV. PINTO, março 24 (1933).
Espírito Santo
Rio Doce: ♂ juv., GARBE, março (1906).
Pau Gigante: ♂, GARBE, janeiro (1906); ♂, E. G. HOLT, setembro 14 (1940); 2 ♀♀, GARBE, fevereiro (1906); ♀, L. C. FERREIRA, outubro 16 (1940).

(1) Pátria típica de *Euphonia violacea magna* BERLEPSCH, 1912 (Verh. 5.° Orn. Kongr. Berlin, pp. 1018 e 1127), tornado homônimo de *Tanagra magna* GMELIN, em consequência da preterição de *Euphonia* como nome genérico. *Tanagra violacea pampolla* OBERHOLSER, 1918 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXI, p. 126), proposto em lugar daquele, cai em sinonímia, visto o nome dado por BERTONI ter sobre ele precedência.

Rio São José: 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 5 (1942).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂ ad., OLIV. PINTO, agosto 30 (1942); 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, agosto 23 (1942).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): 4 ♂ ♂, OLALLA, agosto 18, 20 e 31, setembro 3 (1940).
Ipatinga (rio Doce): ♀, W. GARBE, agosto 31 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 16 e 17 (1940).

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE, abril 20 (1898).
Penha (cid. de S. Paulo): ♀, LIMA, julho 22 (1898).
Santos: 2 ♀ ♀, ofta. pelo Dr. J. CONCEIÇÃO (agosto 1902).
Alto da Serra: ♂, LIMA, abril 22 (1906).
Piassaguera: ♂, LIMA, outubro 14 (1923).
Ipiranga (cid. de São Paulo): ♂, H. BACKKENIST, junho 12 (1925).
Itatiba: ♂, LIMA, agosto 16 (1925).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 12 e 14 (1940); ♂, OLIV. PINTO, maio 17 (1940); ♀, OLLALA, maio 16 (1940).
Lins: ♂, OLALLA, janeiro 22 (1941).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 23 (1941).
Barra do rio Dourado (Lins): ♂ OLALLA, janeiro 25 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, outubro 21 e 29 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 11 (1941).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, maio 13 (18[illegible]).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): 2 ♂ ♂, W. GARBE, setembro 3 e 6 (1934); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 7 (1934); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, setembro 7 (1934).
Faz. Boa Vista (rio das Almas, pto. de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 20 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, outubro 10 e 17 (1934).

Tanagra catasticta Oberholser [IX, 56]

Tanagra catasticta OBERHOLSER, 1918, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXI, p. 125, nome novo em lugar de *Euphonia vittata* SCLATER, 1851 (Proc. Zool. Soc. Lond., p. 129), tornado homônimo de *Tanagra vittata* TEMMINCK, 1821: localid. não indicada (=presumivelmente Rio de Janeiro).
Euphonia vittata SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 69, pl. 10.

Distribuição. — Conhecida apenas pelo exemplar típico[1], que se presume oriundo do Rio de Janeiro.

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, Catal. Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Serv., XIII), parte IX, p. 56, nota 1 (1936). Segundo esse competente ornitólogo, todas as probabilidades existem de não ser *Tanagra catasticta* outra cousa mais que um hibrido de *T. pectoralis* e *T. xanthogaster*.

Tanagra rufiventris Vieillot[1] [IX, 57]

Tanagra rufiventris VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., XXXII, p. 426: nenhuma localidade indicada (Iquitos, pátria típica proposta por HELLMAYR)[2].
Euphonia rufiventris SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 79; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 348; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 440.

Distribuição — Sudeste da Colômbia (rio Putumayo), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura)[3], leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Sarayacu), leste e centro do Perú (Iquitos, Pebas, rio Ucayali, Xeberos, Huanuco), Brasil oeste-amazônico: rio Negro (Marabitanas, São Gabriel, Tatú, monte Curicuriarí, São Carlos, Lamalonga, Barcelos), rio Içana, rio Uaupés (Jauaretê, Tauapunto), rio Juruá (João Pessoa), rio Madeira (Calama), rio Roosevelt (rio Cherrie), rio Gi-Paraná (Monte Cristo), rio Xingú (Boa Vista)[4].

VENEZUELA
Caura: 1 ♂ e 1 ♀, perm. Mus. Rothschild (1907).
PERÚ
"Perú": [illegible] (compr. de ROSENBERG, julho 1906).
BRASIL
Amazonas
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, OLALLA, outubro 17 (1936).
Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, CAMARGO, dezembro (1936).

Tanagra cayennensis Gmelin [IX, 50]

Tem-tem curicaca

Tanagra cayennensis GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 894 (com base primeira em "Le Tangara noir de Cayenne" de BRISSON: Caienne (Guiana Francesa).
Euphonia cayana[5] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 81.

---

(1) Parece assentada a inseparabilidade de *Tanagra rufiventris colorata* TODD, 1913 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXVI, p. 169: rio Surutú, Bolívia), cujos tipos HELLMAYR considerou aberrantes. Cf. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 17).
(2) Cf. Arch. Naturg., LXXXV, Abt. A. Heft 10, p. 18, nota 1 (1920); tambem Catal. Birds of the Americas, IX, p. 57, nota 1.
(3) A ocorrência da espécie na Guiana Francesa ("Oyapock, Cayenne") parece em extremo duvidosa.
(4) Não há registro de *Tanagra rufiventris* no rio Tapajoz; sua ocorrência alí está fora de dúvidas, visto sua presença no baixo Xingú (Boa Vista), testemunhada por SNETHLAGE (Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 440, 1914) e HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., IX, p. 58).
(5) *Tanagra cayana* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 316 (com base igualmente em "Le Tangara noir de Cayenne" de BRISSON) inaproveitavel para nome da espécie, por homônimo de *Tanagra cayana* LINN., op. cit., p. 315.

Euphonia cayennensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 348; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 440.

Distribuição — Guianas Inglesa (rio Demerara, rio Ituribisci, rio Essequibo, Camacusa, Bartica Grove), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne), Brasil este-amazônico: baixo rio Negro (Manaus), rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Guamá (Santa Maria do São Miguel), rio Acará (Ipitinga), distrito de Belém (Belém, Prata, Benfica, Providência), norte do Maranhão (Turiassú).

GUIANA INGLESA

E. Guiana: 2 [illegible], perm. Mus. Rothschild (1907 e 1908).

Tanagra pectoralis (Latham) [IX, 60]

Tietê, *Alcaide* (São Paulo), *Gaita* (Juquiá), *Gaturamo*, *Serrador*.

Pipra pectoralis LATHAM, 1801, Index Orn., Suppl., p. 57 (com base em "Goldbreasted Manakin" de LATHAM, Gen. Syn. Birds, Suppl., II, Add., p. 374): "Brazil" (para pátria típica proponho Rio de Janeiro).

Euphonia pectoralis SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 80; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 349.

Distribuição — Nordeste da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Puerto Bertoni, Iguassú, Sapucay), sudeste do Brasil: Baía (Itabuna), Espírito Santo (Taveira, Chaves), Minas Gerais (Água Suja, Lagoa Santa, Sete Lagoas, rio Matipoó, rio Piracicaba), sul de Goiaz (rio das Almas), Rio de Janeiro (praia do Saí, lagoa Maricá, Cantagalo, Nova Friburgo, serra do Itatiaia), São Paulo (Iguape, Ubatuba, São Sebastião, Poço Grande, Ipiranga, serra da Cantareira, Valparaizo, Vanuire, Itapura, Presidente Epitácio), Paraná (Jacarèzinho, Salto do Cobre), Santa Catarina (Joinvile), Rio Grande do sul (?).

BRASIL

Baía

Itabuna: 2 [illegible], GARBE, junho e julho (1919).

Espírito Santo

Chaves (Santa Leopoldina): [illegible], OLALLA, setembro 5 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 2 [illegible], JOSÉ LIMA, junho 20 e 26 (1941); [illegible], JOSÉ LIMA, junho 28 (1941).

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): 2 [illegible], PINTO DA FONSECA, julho 1 (1919).

Barra de Piracicaba (rio Doce): 2 ♂♂, OLALLA, agosto 20 e 21 (1940); 2 ♀♀, OLALLA, agosto 21 e 24 (1940).

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE, outubro 3 (1893).
São Sebastião: ♀, H. PINDER, setembro 24 (1896).
Alto da Serra: ♀, LIMA, agosto 9 (1899).
Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904).
Ubatuba: 3 ♂♂, GARBE, março e abril (1905); 2 ♀♀, GARBE, março e abril (1905).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, JOSÉ LIMA, julho 4 (1920).
Presidente Epitacio: ♂, LIMA, junho 4 (1926).
Vanuire: 2 ♂♂, LIMA, agosto 28 (1928).
Valparaizo: ♂, OLIV. PINTO, junho 20 (1931).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♂♂, OLALLA, maio 17 e 18, 1940; 3 ♀♀, OLALLA, maic 15, 16 e 18 (1940); ♂, OLALLA, maio 12 (1940); ♀ ?, OLLALA, maio (1940).
Serra da Cantareira: ♂, JOSÉ LIMA, dez. 7 (1940).
Getulina: ♀, OLALLA, julho 13 (1941).
Serra de Caraguatatuba: 4 ♂♂, OLALLA, setembro 25 e 26, (1941); ♀, OLALLA, setembro 25 (1941).
Porto Cabral (rio (Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 26 (1941)

Paraná

Jacarezinho: ♂, LIMA, março 22 (1901).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 4 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, maio 18 (1941).

Tanagra chrysopasta chrysopasta (Sclater & Salvin) [IX, 65]

Euphonia chrysopasta SCLATER & SALVIN, 1869, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 438, pl. 30, figs. 1 e 2: rio Ucayali (pátria típica) e rio Napo (respectivamente, nordeste do Perú e do Equador); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 82, parte.

Distribuição. — Porção cisandina da Colômbia (Villavicencio, Buena Vista), do Equador (rio Napo, rio Suno) e do Perú (rio Ucayali, rio Colorado, La Merced, Yahuarmayo), leste da Bolívia (Santa Cruz) e região adjacente do Brasil ocidental: rio Solimões (Tefé), alto Juruá (João Pessoa), rio Madeira (Borba, Salto do Girau), rio Roosevelt.

COLÔMBIA

Bogotá: ♂, compr. de v. BERLEPSCH (1905).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, outubro 16 e 17, dezembro 14 (1936); 2 ♀♀, OLALLA, outubro 16 e dezembro 9 (1936).

Tanagra chrysopasta nitida Penard [IX, 66]

Tanagra chrysopasta nitida PENARD, 1923, Occas. Papers of Boston Society Nat. Hist., V, p. 63: Lelydorp (Surinam).
Euphonia chrysopasta SCLATER (*nec* SCLATER & SALVIN), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 82, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 441.

Distribuição. — Sul da Venezuela (alto Orenoco, rio Caura), Guiana Inglesa?, Guiana Holandesa (Surinam), Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas[1]: rio Negro (S. Gabriel, Jucabí, igarapé Cacau Pereira, Manaus), rio Anibá, rio Jamundá (Faro), rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

VENEZUELA

Maipures (rio Orenoco): ♂, perm. Mus. Rothschild (1907).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, novembro 5 (1936) e janeiro 30 (1937).

Tanagra plumbea (Du Bus) [IX, 67]

Euphonia plumbea DU BUS, 1855, Bull. Acad. Roy. Sci., Lèttr. et Beaux-Arts Belgique, XXII, p. 156: "la Nouvelle Grenade", *errore* (pátria típica adotada, Guiana Inglesa); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 83.

Distribuição. — Guiana Inglesa (rio Demerara, baixo Mazaruni, montes Merumé, Roraima, Bartica) e região adjacente do extremo norte do Brasil, até a margem esquerda do Amazonas: rio Negro (Marabitanas, Barra do rio Negro).

GUIANA INGLESA

"B Guiana": ♀ (compr. de ROSENBERG, julho 1906).

Tanagra chalybea Mikan [IX, 68]

Gaturamo

Tanagra chalybea MIKAN, 1825, Del. Faun. Flor. Brds., livr. 4, pl. 21.ª — figs. 1 e 2: Ipanema (São Paulo).

---

(1) Abrem margem a grande dúvida os exemplares da margem septentrional do Amazonas, dos quais o ♂ de Maipures (Venezuela) se destaca ao primeiro relance. HELLMAYR (Catal. Bds. Amer., p. 66, nota 2) diz que os de Manáus "are unquestionably the same as a single male from Surinam"; entretanto, nossos ♂ ♂ do igarapé Anibá, na mesma zona, praticamente em nada diferem do de João Pessoa, tanto nas dimensões (comprim. da asa 54 e 55 mil., nos dois primeiros e 56 no último), como no colorido. O de Maipures mede apenas 52 mil..

Hypophaea[1] *chalybea* SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 84; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 349.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), sul do Paraguay (Alto Paraná), sudeste do Brasil: Rio de Janeiro (Petrópolis, Nova Friburgo), São Paulo (Iguape, Ipiranga, Mogí das Cruzes, Ipanema), Paraná (Cândido de Abreu), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Nova Hamburgo, Nova Wurttemberg).

BRASIL
Rio de Janeiro
Nova Friburgo: ♂, GARBE, setembro (1909).
São Paulo
Iguape: ♂, R. KRONE (1898 ?).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, agosto 5 (1923); ♀, LIMA, julho 4 (1920).
Mogí das Cruzes: ♀, JOSÉ LIMA, julho 4 (1933).
Rio Grande do Sul
Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, maio 26 (1898); ♀, A. SCHWARTZ, setembro 5 (1898).
Nova Wurttemberg: 1 ♂, 1 ♂ juv., 2 ♀ ♀ e 1 sexo ?, GARBE, fevereiro (1915).

Gênero TANAGRELLA Swainson

Tanagrella SWAINSON, 1837, Anim. Menag., p. 313. Tipo, por monotipia, *Tanagrella multicolor* SWAINSON[2] (= *Tanagra cyanomelas* WIED).

Tanagrella velia[3] iridina (Hartlaub) [IX, 71]

Tanagra iridina HARTLAUB, 1841, Rev. Zool., IV, p. 305: Moyobamba (norte do Perú).

Tanagrella iridina SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 88.
Tanagrella velia iridina IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 350.

Distribuição. — Porção cisandina da Colômbia ("Bogotá", rio Putumayo) e do Equador (rio Suno, Sarayacu), norte do Perú (Yahuarmayo, Iquitos, rio Ucayali, rio Javarí), sul da Venezuela (rio Caura) e Brasil oeste-septentrional, ao norte e

---

(1) No Catal. of Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, parte IX, p. 68) HELLMAYR, a exemplo de RIDGWAY (Bull. Un. St. Nat. Mus., L, parte II, p. 8, 1902), reduz *Hypophaea* a sinônimo de *Tanagra*.

(2) *Tanagrella multicolor* SWAINSON, 1837, Anim. in Menager., p. 313: matas de Urupé (Baía).

(3) *Motacilla velia* LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., X, p. 188 (com base em "The Red-bellied Blue Bird" de EDWARDS): Surinam.

ao sul do rio Amazonas: rio Negro (rio Xié, Jucabí, Camanaus, São Gabriel, Tatú, Javanarí, monte Curiarí, igarapé Cacau Pereira, Manaus)[1], baixo Amazonas (Parintins), rio Tapajoz (Caxiricatuba).

COLOMBIA

"Nova Granada": sexo ? (compr. de UMLAUFF, 1901).

BRASIL

Amazonas

Manaus (barra do rio Negro, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, junho 2 (1935).

Tanagrella velia signata Hellmayr [IX, 72]

Tanagrella velia signata HELLMAYR, 1905, Bull. Brit. Orn. Cl. XV, p. 90: Pará (=Belém); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 350; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 442.

Distribuição. — Brasil septentrional, a leste do Pará: ilha de Marajó (rio Macujubim), distrito este-paraense (Belém, Souza, Utinga, Providência, Peixe Boi).

Tanagrella velia cyanomelaena (Wied) [IX, 72]

Tanagra cyanomelas WIED[2], 1830, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 453: rio Ilhéus (Baía).

Tanagrella cyanomelaena SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 88; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 350.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Pernambuco (São Lourenço), Baía (Urupé, rio Ilheus, Belmonte, Itabuna), Espírito Santo (Pau Gigante, rio S. José), Rio de Janeiro.

BRASIL

Baía

"Bahia": sexo ? (compr. de SCHLÜTER, 1898).
Itabuna: 2 ♂♂, GARBE, junho e julho (1919); 2 ♀♀, GARBE, junho (1919).
Belmonte: ♂, GARBE, agosto (1919).

Espírito Santo

Pau Gigante: 2 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, janeiro (1906); ♂, L. C. FERREIRA, setembro 7 (1940).
Rio São José: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 29 (1942).

---

(1) Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XX, p. 241 (1936). ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 22) refere à forma típica um ♂ de Manaus, o que me parece difícil de aceitar sem discussão em vista da leveza das diferenças que há entre as duas raças afins.

(2) Mudado em *T. cyanomelaena*, por necessidade da concordância. (Art. 14 do Código de Regras Intern. de Nomencl. Zoológica).

Tanagrella callophrys (Cabanis) [IX, 73]

Hypothlypis[1] *callophrys* CABANIS, 1849, em SCHOMBURGK, Reisen Brit. Guiana, III, "1848", p. 668, nota: "Brasilien" (para pátria típica sugiro o rio Solimões).
Tanagrella calophrys SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 89; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 350.
Tanagrella callophrys SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 442.

Distribuição. — Leste do Equador (rio Pastaza, Sarayacu, rio Napo), leste do Perú (Iquitos, rio Ucayali, Sarayacu) e Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas:[2] rio Solimões (Santa Rita), rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Ponto Alegre).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, OLALLA, fevereiro 5 (1937).

Gênero PIPRAEIDEA Swainson

Pipraeidea SWAINSON, 1827, Zool. Journ., III, p. 173. Tipo, por monotipia, *Pipraeidea cyanea* SWAINSON (= *Tanagra melanonota* VIEILLOT).

Pipraeidea melanonota melanonota (Vieillot) [IX, 77]
Viuva

Tanagra melanonota VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXII, p. 407: "Brésil" (=vizinhanças da cidade de Rio de Janeiro, col. DELALANDE).
Piprídea[3] *melanonota* SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 92, parte.
Pipraeidea melanonota IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 350.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones, Buenos Aires), Uruguay (Maldonado, Florida, Canelones), Paraguay (Sapucay, Alto Paraná), sudeste do Brasil: Baía, Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Terezópolis, Porto Real, Canta-

---

(1) *Hypothlypis* CABANIS, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 316, nome novo para *Tanagrella* SWAINSON.
(2) Concordo com ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 21), quando acha duvidosa a ocorrência da espécie no rio Negro, localidade que SCLATER (Catal. Coll. Amer. Birds, 1862, p. 61), foi o único a incluir na sua área geográfica.
(3) *Pipridea* SCLATER, 1856, Proc. Zool. Soc. London, XXIV, p. 265 (emenda de *Pipraeidea*).

galo, serra do Itatiaia), leste de Minas Gerais (Maria da Fé, baixo rio Piracicaba), São Paulo (Iguape, Iporanga, Alto da Serra, Embura, Ipiranga, Ipanema, Campos do Jordão, S. José do Rio Pardo, Itararé, Valparaizo), Paraná (Castro, Curitiba, serra do Mar, rio Claro, Vera Guaraní), Santa Catarina (Joinvile), Rio Grande do Sul (Taquara), sudeste de Mato Grosso (Urucum).

BRASIL

Rio de Janeiro

Nova Friburgo: 3 ♂♂, GARBE, outubro (1909).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 8 (1936).

Barra do Piracicaba (rio Doce): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, agosto 22 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 7 (1940).

São Paulo

Monjolinho (Iporanga): ♂, R. KRONE, julho 27 (1897).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, LIMA, outubro 1 (1899).
São José do Rio Pardo: ♀, SCHROTTKY, maio 15 (1900).
Itararé: ♂, GARBE, junho (1903); ♀, GARBE, julho (1903).
Campos do Jordão: ♂, H. LUDERWALDT, dezembro 5 (1905).
Alto da Serra: 2 ♂♂, LIMA, julho (1904) e junho (1909).
Valparaizo: ♂, LIMA, junho 20 (1931).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 25 (1940).
Serra do Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 2 sexo ?, OLALLA, agosto 28 e 30 (1941).
Sacomã (cid. de S. Paulo): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 19 (1942).

Paraná

Castro: 3 ♂♂, GARBE, setembro (1907) e maio (1914).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, maio 24 (1898).

Gênero TANGARA Brisson

Tangara BRISSON, 1760, Orn., III, p. 3. Tipo, por tautonimia, *Tangara* BRISSON (= *Aglaia paradisea* SWAINSON).

Tangara chilensis chilensis (Vigors) [IX, 84]

Sete-cores

Agláia[1] *chilensis* VIGORS, 1832, Proc. Comm. Sci. Corr. Zool. Soc. Lond., II, p. 3: "Chile", localidade errônea, hipotèticamente referida (Bolivia, indicada em substituição, por HELLMAYR)[2].

---

(1) *Aglaia* SWAINSON, 1827 (*nec* RENIER, 1804), *Zool.* Journ., III, p. 347. Tipo *Tanagra tatao* Auct. (= *Aglaia paradisea* SWAINSON).
(2) Cf. Novit. Zool. XVII, p. 273 (1910).

Calliste[1] *yeni*[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 97.
Calospiza chilensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 351; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 443.

Distribuição. — Sul da Colômbia (rio Putumayo, rio Caquetá, Cabeceiras do Magdalena), leste do Equador (Sarayacu, rio Coca, Gualaquiza, rio Napo, rio Suno), leste do Perú (Iquitos, Pebas, rio Ucayali, Xeberos, Cosnipata, Yurimaguas, Carabaya, Urubamba), norte da Bolívia (Yuracares, Yungas, San Mateo), extrema ocidental do Brasil (sul do Amazonas e norte de Mato-Grosso): rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Cachoeira, Bom Lugar), rio Madeira (Calama), rio Guaporé (Engenho do Gama), rio Roosevelt.

BRASIL

Amazonas
Rio Juruá: ♂, GARBE, outubro (1902).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, OLALLA, outubro 13 (1936).

Tangara chilensis coelicolor (Sclater) [IX. 83]

Calliste coelicolor SCLATER, 1851, Contrib. Orn., p. 51: "Anolaima" (Colômbia).
Calliste tatao SCLATER (*nec* LINNAEUS)[3], 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 96, parte.
Calospiza tatao IHER. & IHERING (*nec* LINNAEUS), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 351, parte.
Calospiza paradisea coelicolor SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 443.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá"), Venezuela (rio Caura, rio Cassiquiare), Guiana Inglesa (Roraima,

---

(1) *Calliste* BOIE, 1826, Isis, p. 974. Tipo, por virtual monotipia, *Tanagra tricolor* GMELIN (= *Tanagra seledon* P. L. S. MÜLLER). Tem havido debate em torno da validez deste nome (Cf. BERLEPSCH, Verh. V Kongr. Orn. Berlin, p. 1130). Entretanto, em harmonia com a opinião defendida por SCLATER, parece-me que à luz das Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica (Art. 35), não é este invalidado por *Callista* POLI, 1791, devendo assim, por direito de prioridade, ser o adotado para o gênero, caso se torne efetiva a rejeição dos nomes de BRISSON. Cf. Mem. Inst. Butantan, XI, p. 254 (1937).

(2) *Aglaia yeni* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 31: Yuracares (Bolívia).

(3) A exemplo de BERLEPSCH & HARTERT (Novit. Zool., IX, p. 18, 1902) e de HELLMAYR (Catal. Birds of the Americas, IX, p. 82, nota 1, 1936), considero indeterminavel *Tanagra tatao* LINNAEUS, 1766 (Syst. Nat., 12.ª ed., I, p. 315), mixto de varias especies, entre as quais é impossível, pela sumária diagnose, estabelecer a que lhe teria servido principalmente por base. O nome *tatao* é tomado a SEBA e a maioria das citações refere-se à raça caienense.

montes Merumé) e noroeste extremo do Brasil: alto rio Negro (Marabitanas), rio Uaupés (Jauaretê, Taracuá), rio Içana, rio Xié.

COLOMBIA

Bogotá: ♂ (compr. de v. BERLEPSCH, 1903); sexo ? (compr. de ROSENBERG, 1906).

VENEZUELA

Caura: ♂, perm. Mus. Rothschild (1907).

BRASIL

Amazonas

Alto Rio Negro: 2 sexos ?, ofer. ao Museu (1936).
Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): 2 ♂♂ e 1 ♀, CAMARGO, dezembro (1936).
Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): 2 ♂♂, CAMARGO, janeiro 7 (1937).

Tangara chilensis paradisea (Swainson) [IX, 81]

Aglaia paradisea SWAINSON 1837, Nat. Hist. Classif. Birds, II. p. 286 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 127, fig. 1): "Brazil" (localidade tida como errônea e consuetudinàriamente substituida por Cayenne).
Calliste tatao SCLATER (*nec* LINNAEUS?), 1886. Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 96; IHER. & IHERING. 1907. Catal. Faun. Brazil., Av. p. 351, parte.

Distribuição. — Guiana Francesa (Cayenne, Saint Jean du Maroni), Guiana Holandesa (Surinam) e região adjacente do Brasil, até a margem direita do Amazonas (Manaus)[1].

BRASIL

Amazonas

Manaus (barra do rio Negro, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 11 (1935).

Tangara fastuosa (Lesson) [IX, 86]

Pintor verdadeiro

Tanagra fastuosa LESSON, 1831 (?), Cent. Zool., p. 184, pl. 58: "Brésil" (pátria típica presumível, Pernambuco).
Calliste fastuosa SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 98.
Calospiza fastuosa IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 351.

---

(1) A falta de exemplares de Caiena priva-me de formar melhor juizo sobre as aves de Manaus, que segundo pensa HELLMAYR devem filiar-se à raça de Caiena. De qualquer modo, muito grande é a semelhança de nosso exemplar de Manaus com os do alto rio Negro; no colorido da plumagem não se lhe observa nenhuma diferença (a não ser talvez a menor extensão do verde no alto da cabeça) e suas proporções são apenas menores (69 ½, em vez de 72 a 80 mil.). Cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XX, p. 242 (1936).

Distribuição. — Nordeste do Brasil: Pernambuco (Macuca, Quipapá, Cabo)[1].

BRASIL

"Brasil": sexo ? (compr. de ROSENBERG, 1906).

Tangara seledon (P. L. S. Müller) [IX, 87]

Saíra, Saí de sete cores, Sete cores.

Tanagra seledon, P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Suppl., p. 158 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 33, fig. 1): Caiena (Guiana Francesa).

Calliste tricolor[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 99.

Calospiza tricolor IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 351.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Alto Paraná, Cambyretá), sudeste do Brasil: sul da Baía[3], Espírito Santo (Vitória, Porto Cachoeiro, Pau Gigante, rio S. José, Chaves, Irara), Rio de Janeiro (Registro do Saí, Corcovado, Cabo Frio, Guarapina, Cantagalo, Nova Friburgo, Porto Real), leste de Minas Gerais (rio Doce, rio Piracicaba, rio Matipoó) e de São Paulo (Iguape, Cananéia, Alecrim, rio Juquiá, Cubatão, Santos, Ubatuba, Alto da Serra, Ipanema), Santa Catarina (Joinvile).

BRASIL

Espírito Santo

Irara (Vitória): ♂, C. BACH, fevereiro (1900).

Porto Cachoeiro (=Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, novembro (1905).

Pau Gigante: ♂, L. C. FERREIRA, agosto 31 (1940).

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 24 (1942).

Rio São José: ♀, OLALLA, setembro 23 (1942).

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♂, PINTO DA FONSECA, julho 9 (1919).

Barra do Piracicaba (rio Doce): 9 ♂♂, OLALLA, agosto 20, 21, 22, 23 e 27, setembro 7 (1940); 2 ♂♂, W. GARBE, agosto 21 e 31 (1940); ♂, OLIV. PINTO, agosto 26 (1940); 3 ♀♀, OLALLA, agosto 20, 21 e 22 (1940).

---

(1) Essas localidades são as em que FORBES colecionou a espécie, em sua viagem a Pernambuco (cf. The Ibis, 1881, p. 331), e as únicas indicações geográficas precisas encontradas na literatura.

(2) *Tanagra tricolor* GMELIN, 1788, Syst. Nat. I, p. 891 (com base em "Tanagra varié à tete verte de Cayenne" de BRISSON e em DAUBENTON, Pl. enlum. 33, fig. 1): Caiena.

(3) Faltam indicações geográficas precisas sobre os exemplares procedentes da Baía, que têm os museus; tudo nos faz crer que a espécie ali esteja confinada às matas da porção este-meridional do estado, onde todavia não consegui avistá-la em minha viagem àquela zona.

Rio Doce: 5 ♂ ♂, OLALLA, agosto 29 e setembro 2, 4, 6 (1940); ♂, W. GARBE, agosto 31 (1940); ♂, OLIV. PINTO, setembro 2 (1940).

São Paulo

Iguape: 1 ♂ e 1 ♀, R. KRONE (1898?).
Santos: ♂, ofer. pelo snr. J. CONCEIÇÃO (1902).
Ubatuba: 1 ♂ e 1 ♂ juv., GARBE, abr. (1905).
Alto da Serra: ♂, H. LÜDERWALDT, jul. 15 (1906).
Cubatão: ♂ juv., LIMA, jul. 21 (1923); ♀, LIMA, jul. 20 (1923).
Alecrim (Iguape): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, jul. 25 (1927).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♂, CAMARGO, ag. 20 (1941).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, out. (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 5 ♂ ♂, OLALLA, maio 14, 16, 17, 18 e 19 (1940); 4 ♀ ♀, OLALLA, maio 15, 16 e 21 (1940); 2 sexos?, OLALLA, maio 16 e 19 (1940).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 19 (1940).
Serra de Caraguatatuba: 3 ♂ ♂, OLALLA, set. 24 e 25 (1941).

Tangara cyanocephala cyanocephala (P. L. S. Müller) [IX, 88]

Saí militar, Saí de bando (Espírito Santo).

Tanagra cyanocephala P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 159 (com base em DAUBENTON, pl. enlum. 33, fig. 2): "Cayenne", *errore* (substituida pelo Rio de Janeiro, per BERLEPSCH)[1].
Calliste festiva[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 100, parte.
Calospiza festiva IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 351.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones) e faixa litorânea do Brasil meridional: Espírito Santo (Vitória, Santa Leopoldina), Rio de Janeiro (Corcovado, Rio de Janeiro, Registro do Saí, Guarapina, Nova Friburgo, Cantagalo), leste de São Paulo (Iguape, Cananéia, Alecrim, rio Juquiá, Ubatuba), Paraná (Curitiba), Santa Catarina (Joinvile), Rio Grande do Sul (Taquara).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 20 e 30 (1942); ♀, OLALLA, agosto 20 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂, JOSÉ LIMA, junho 20 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, junho 19 (1941).

São Paulo

Iguape: 1 ♂ e 1 ♀, R. KRONE (1898).

---

(1) Cf. Verh. V. Intern. Orn. Kongr. Berlin, p. 1027.
(2) *Tanagra festiva* SHAW & NODDER, 1802, Natur. Misc., XIII, pl. 537: "Cayenne".

Rio Grande (serra do Cubatão): ♀, LIMA, maio 26 (1900).
Alto da Serra: ♀, LIMA, agosto 25 (1904).
Ubatuba: ♀. GARBE, abril (1905).
Alecrim (Iguape): ♂, JOSÉ LIMA, julho 25 (1927).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♀, CAMARGO, agosto 19 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, outubro 3 (1934).
Fazenda Poço Grande (rio Juquiá): 8 ♂♂, OLALLA, maio 12, 16, 26 e 21 (1940); ♂, OLIV. PINTO, maio 20 (1940); 2 ♀♀, OLIV. PINTO, maio 13 e 17 (1940); 3 ♀♀. OLALLA, maio 16, 20 e 21 (1940).
Serra de Caraguatatuba: 6 ♂♂ e 4 ♀♀, OLALLA, setembro 25 (1941); [illegible], OLIV. PINTO, setembro 24 (1941).

Tangara cyanocephala corallina (Berlepsch) [IX, 89]

Saíra

Calospiza[1] *cyanocephala corallina* BERLEPSCH, 1903, Orn. Monatsber., XI, p. 18: Baía.
Calliste festiva SCLATER (*nec* SHAW & NODDER), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 100, parte.

Distribuição. — Brasil medio-oriental: Pernambuco (Quipapá), Baía (ubi?).

BRASIL
Baía
"Bahia": [illegible] juv. ?. SCHLUTER (1898).

Tangara cyanocephala cearensis Cory [IX, 90]

Soldadinho

Tangara cyanocephala cearensis CORY, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 345: serra de Baturité (Ceará).

Distribuição. — Nordeste extremo do Brasil: Ceará (serra de Baturité)[2].

Tangara cyanoventris (Vieillot) [IX, 90]

Tanagra cyanoventris VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXII, p. 426: "Brésil".
Calliste cyaneiventris SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 100.
Calospiza cyaneiventris IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 552.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Baía (Bonfim), Espírito Santo (barra do Jucú, Sta. Tereza, Chaves), Rio de

---

(1) *Calospiza* G. R. GRAY, 1840, List of Genera of Birds, p. 44. Tipo, por designação original, *Tanagra tricolor* GMELIN (= *Tanagra seledon* P. L. S. MÜLLER).

(2) Cf. SNETHLAGE, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, II, N.º 6, p. 41 (1926).

Janeiro (Itatiaia, Cantagalo), São Paulo (Ipanema, Piquete, Taubaté, Monte Alegre, São Carlos do Pinhal), Minas Gerais (Vargem Alegre, Mariana, São José da Lagoa).

BRASIL
- Baía
  - Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, março (1908)
- Espírito Santo
  - Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, ag. 23 (1942).
- Minas Gerais
  - Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
  - Mariana: sexo ?, J. B. GODOY (1906).
  - Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂ ♂, OLALLA, set. 27, 28 e 30 (1940); ♀, OLALLA, out. 3 (1940); 2 sexos ?, OLALLA, out. 3 e 5 (1940).
- São Paulo
  - São Carlos: ♂, J. ZECH, set. 20 (1893).
  - Serra da Mantiqueira: sexo ?, S. CUNHA BARBOSA, jan. 10 (1928).
  - Monte Alegre: ♂ juv., JOSÉ LIMA, fevereiro 23 (1943).

Tangara desmaresti (Vieillot) [IX, 91]

Saí verde

Tanagra desmaresti VIEILLOT, 1819, Nouv. Dist. d'Hist. Nat. XXXII, p. 410: "Brésil" (= Rio de Janeiro, col. DELALANDE).

Calliste thoracica[1] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 101.

Calospiza thoracica IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., pte. I, p. 352.

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Terezópolis, Cantagalo, Colônia Alpina, serra de Macaé, serra do Itatiaia), leste de S. Paulo (Ubatuba, Alto da Serra, Campos do Jordão, Ipiranga, serra da Cantareira, Casa Pintada, Mogí das Cruzes, Itararé), Paraná (Jaguaraíba, Curitiba, Campo Comprido).

BRASIL
- Rio de Janeiro
  - Campos do Itatiaia (conf. de Rio e Minas): sexo ?, H. LÜDERWALDT, maio 9 (1906).
  - Nova Friburgo: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, GARBE, set (1909).
  - Serra de Macaé: ♂, GARBE, nov. (1909).
- São Paulo
  - São Paulo: ♀, adquirida no mercado da Capital, em julho 26 (1895).

(1) *Tanagra thoracica* TEMMINCK, 1821, Nouv. Réc. Pl. Color., Pl. 42, fig. 1: "Brésil" (= vizinhanças da cidade do Rio de Janeiro, col. DELALANDE). Sobre a procedência do tipo, vejam-se as provas aduzidas por HELLMAYR, no Catal. of Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., vol. XIII, parte IX, p. 91, nota 2 (1936).

Alto da Serra: 3 ♂ ♂, LIMA, ag. 1 (1899), jul. 6 (1900) e jul. (1904); ♀, LIMA, junho (1909): 1 ♂ e 1 sexo ?, H. SCHWEBEL, abril 9 (1911).
Itararé: ♂, GARBE, jul. (1903).
Ubatuba: 2 ♀ ♀, GARBE, abr. (1905).
Campos do Jordão: 3 ♂ ♂, H. LÜDERWALDT, dez. 4 e 12 (1905), fevereiro 21 (1906): ♀, H. LÜDERWALDT, dezembro 13 (1905); sexo?, juv., H. LÜDERWALDT, dezembro 13 (1905).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, LIMA, ag. 5 (1923).
São Miguel Arcanjo: ♂, JOSÉ LIMA, ag. 30 (1929).
Mogi das Cruzes: ♀, JOSÉ LIMA, jul. 24 (1923).
Serra da Cantareira: ♀, OLIV. PINTO, jun. 10 (1934).
Horto Florestal (serra da Cantareira): 2 ♂ ♂, J. KÖNIG, dez. 6 e 7 (1940); ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 8 (1940): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 7 e 8 (1940).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 19 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 4 ♂ ♂, OLALLA, agosto 24, 27 e 28 (1941); 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, agosto 26 (1941); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 26 e 30 (1941).

Tangara gouldi (Sclater) [IX. 92]

Calliste gouldi SCLATER, 1886, Proc. Zool. Soc. London, "1885", p. 849: "Brasilia Merid. Or."[1]; idem, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 102.
Calospiza gouldi IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 352.

Distribuição. — Ignorada, visto não se conhecer até hoje senão o exemplar típico.

Tangara schrankii (Spix) [IX. 93]

Tanagra schrankii SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 38, tab. 51, fig. 1 (♂) e 2 (♀): sem indicação de localidade (Tabatinga, na margem esquerda do alto Solimões, pátria típica sugerida por HELLMAYR)[2].
Calliste schrankii SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 102
Calospiza schrankii IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 352; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 444.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Putumayo, rio Caquetá), leste do Equador (Sarayacu, rio Napo, rio Suno, Zamora, Gualaquiza, Canelos, Quijos), norte e leste do Perú (Pebas, rio Ucayali, Yurimaguas, Xeberos, Chyavetas, Mar-

(1) Segundo HELLMAYR (Catal. Bds. of the Americas, IX, p. 92, nota 2) o Rio de Janeiro seria a pátria presumível, em face do estilo característico da preparação do tipo.
(2) Catal. Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., vol. XIII, parte IX, pág. 93 (1936).

capata, Junin, Ayacucho, Chanchamayo), norte e centro da Bolívia (Cochabamba, San Mateo, Yuracares), extremo noroeste do Brasil: rio Solimões (Tabatinga, Tefé), rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande, lago Grande, rio Eirú), rio Purús (Ponto Alegre), rio Acre.

PERÚ

Rio Ucayali: sexo ? (compr. de v. BERLEPSCH, 1898).

BOLÍVIA

San Mateo: ♀ (comp. de v. BERLEPSCH, 1903).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 3 ♀♀, OLALLA, out. 16, dez. 11 e 24 (1936).

Igarapé Grande (alto Juruá): 2 ♂♂, OLALLA, out. 17 (1936) e jan. 17 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, out. 17 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, nov. 3 e 14 (1936); 9 ♀♀, OLALLA, out. 23, nov. 3, 7, 11, 14, 20 e 25 (1936).

Tangara punctata punctata (Linnaeus) [IN. 96]

Negaça

Tanagra punctata LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 316 (com base em *Tangara viridis indica punctata* de BRISSON e "The spotted Green Tit-mouse" de EDWARDS: "in Indiis orientali", *errore* (pátria típica aceita, Surinam, ex EDWARDS)

Calliste punctata SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 104.

Calospiza punctata IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 353; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII p. 444.

Distribuição. — Sul da Venezuela (monte Duida), Guianas Ingleza (Roraima, montes Merumé, Demerara, Bartica Grove), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne, Ovapock), norte extremo do Brasil, até a margem septentrional do baixo Amazonas e a oriental do estuário: alto rio Negro (rio Içana, Manaus), rio Jamundá (Faro), distrito esteparaense (Belém, Utinga, Marco da Legua, Peixe Boi, Providência, Igarapé-Assú, Anindeua).

GUIANA INGLESA

Demerara: ♂ (compr. de ROSENBERG, julho 1906).

BRASIL

Amazonas

Bosque (Manaus, barra do rio Negro, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, maio 25, jun. 4 e 10 (1935); 3 ♀♀, OLALLA, maio 14 e 16, jun. 10 (1935).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂ juv., OLALLA, abr. 19 (1937).

Tangara varia (P. L. S. Müller) [IX, 103]

Tanagra varia P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 158 (com base em "Tanagra tacheté, de Cayenne" Guiana Francesa).

Calliste gramineu SCLATER (*nec* SPIX)[1], 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 106.

Calospiza virescens[2] SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 445.

Distribuição. — Guiana Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), baixo Amazonas: baixo rio Negro (Manaus), rio Tapajoz (Vila Braga, Miritituba).

BRASIL

Amazonas

Bosque (Manaus, barra do rio Negro, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, jun. 1 (1935).

Tangara xanthogastra xanthogastra (Sclater) [X, 104]

Calliste xanthogastra SCLATER, 1851, Contrib. Orn., pte. 1, p. 23: Rio Negro (Amazonas); idem, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 106.

Calospiza xanthogastra IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 353

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Putumayo, rio Caquetá), sul da Venezuela (rio Caura)[3], Guiana Ingleza (Roraima), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, rio Zamora, Quijos, Canelos, Sarayacu) e do Perú (Pebas, Nuevo Loreto, La Merced, norte da Bolívia (Mapiri), Brasil oeste-amazônico: rio Solimões (Codajaz), rio Negro, alto rio Juruá (Santa Cruz do Eirú), rio Acre (Antimari).

COLOMBIA

Bogotá: sexo? (compr. de v. BERLEPSCH, 1905).

BRASIL

Amazonas

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, OLALLA, jul. 3 (1935).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, nov. 14 (1936).

---

(1) A identidade de *Tanagra graminea* SPIX, 1825 (Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 40, tab. 53, fig. 2), cujo tipo se perdeu, é mais que duvidosa. HELLMAYR suspeita corresponder à fase juvenil de *Tangara schrankii* (cf. Abh. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, 1906, p. 675; Cat. Bds. Amers., IX, 1936, p. 94, nota 1).

(2) *Calospiza virescens* BERLEPSCH, 1908, Nov. Zool., XV, p. 114: Cayenne.

(3) Sob *Tangara xanthogastra phelpsi* ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1245, de 17 de dez. de 1943) foram separadas últimamente as aves da Venezuela sul-meridional (tipo do monte Auyan-tepui).

Tangara cyanicollis[1] melanogaster Cherrie & Reichenberger [IX, 123]

Tangara cyanicollis melanogaster CHERRIE & REICHENBERGER, 1923, Amer. Mus. Novit., N.º 58, p. 1: Utiarity (Rio Papagaio, perto de Salto Belo, no norte de Mato Grosso).
Calospiza cyanicollis IHER. & IHERING (*nec* LAFRESN. & D'ORB.), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 355.

Distribuição. — Brasil centro-ocidental (oeste de Mato Grosso): rio Papagaio, na vertente septentrional da serra dos Parecis (Utiaritì), rio Sepotuba (Tapirapoa).

Tangara nigro-cincta nigro-cincta (Bonaparte) [IX, 126]

Aglaia nigro-cincta BONAPARTE, 1838, Proc. Zool. Soc. Lond., V. "1837", p. 121: "that portion of Brazil bordering on Perú".
Calliste nigricincta SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 126.
Calospiza nigricincta IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 355; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII p. 445.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá"), sul da Venezuela (vale do Caura), Guiana Inglesa (Roraima, rio Bonasika), leste do Equador (Gualaquiza, rio Suno, Sarayacu Canelos) e do Perú (rio Ucayali, Iquitos, Huayabamba), norte da Bolívia (Mapirí), Brasil oeste-amazônico: alto rio Negro (Marabitanas), alto rio Madeira (Humaitá).

COLOMBIA

Bogotá: ♂ (compr. de SCHLÜTER, maio 1902); ♀ (compr. de v. BERLEPSCH, 1903).

BRASIL

Amazonas

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): 2 ♂♂ J. CAMARGO, dez. (1936).

Tangara mexicana mexicana (Linnaeus) [IX, 133]

Tanagra mexicana LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 315 (com base primordial em *Tangara cayanensis caerulea* de BRISSON): "in Cayana, Mexico"[2] (pátria típica, Cayenne).
Calliste flaviventris[3] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 129.

(1) *Aglaia cyanicollis* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 23: Yuracares (Bolivia).
(2) LINNAEUS, além de BRISSON e de EDWARDS (Glean. Nat. Hist., III, p. 292, pl. 350), que aproveitou apenas a descrição do ornitólogo francez, cita tambem HERNANDEZ, cuja espécie, mexicana, nada tem que vêr com a descrita pelo último.
(3) *Tanagra flaviventris* VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXII, p. 410, parte: Cayenne.

Calospiza mexicana SNETHLAGE. 1914. Bol. Mus. Goeldi. VIII, p. 445.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa (Surinam, Paramaribo) e Inglesa (Georgetown, rio Essequibo, rio Mazaruni, rio Abary, rio Ituribisci, Takutu, Bonasika) e região adjacente do Brasil, até a margem septentrional do baixo rio Amazonas: igarapé Anibá, Itacoatiara, Óbidos, Monte Alegre, Maracá.

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, março 12, 17 e 31, abr. 7 (1937); ♀, OLALLA, março 11 (1937); 2 sexos?, OLALLA, jun. 2 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, abr. 17 e maio 9 (1937); ♀, OLALLA, abr. 14 (1937).

Tangara mexicana media (Berlepsch & Hartert) [IX, 135]

Calliste mexicana media BERLEPSCH & HARTERT, 1902, Novit. Zool., IX, p. 19: Maipures (local. típica, sit. no rio Orenoco), La Pricion (rio Caura).

Distribuição. — Sul da Venezuela (alto Orenoco, rio Caura) e zona adjacente do extremo noroeste do Brasil: alto rio Negro (São Gabriel)[1].

VENEZUELA

Maturín: ♀ (compr. de SCHLUTER, maio 1902).

BRASIL

Amazonas

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, dez. 13 (1936).

Tangara mexicana boliviana (Bonaparte) [IX, 136, pte.]

Coleiro de bando

Callospiza boliviana BONAPARTE, 1851, Comptes Rendus de l'Acad. Sci. Paris, XXXII, n.º 3, pág. 80: Guarayos (Bolivia, Chiquitos).

Calliste boliviana SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 121, parte

Calospiza mexicana boliviana IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 355, parte.

---

(1) O material, relativamente abundante, de que hoje disponho, reforça-me a opinião anteriormente emitida sobre o exemplar de São Gabriel (cf. Rev. Mus. Paul., XXIII, 1937, p. 532). À falta de espécimes topotípicos da raça venezuelense, posso compará-lo com um de Trinidad, adscrito à *Tangara mexicana vieilloti*; sua semelhança com este último é decididamente muito maior do que com os de Manacapuru e rio Juruá, tanto na tonalidade mais carregada do azul da cabeça e garganta, como na do amarelo do abdome.

Calospiza boliviana SNETHLAGE. 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 445, parte.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (rio Caquetá, rio Putumayo), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Sarayacu), do Perú (Iquitos, Pebas, rio Ucayali) e da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos, San Mateo), Brasil oeste-amazônico: rio Solimões (Manacapurú, Tefé), baixo rio Negro (Manaus)[1], rio Javarí, rio Juruá, rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Borba, Calama, Santa Izabel, Marmelos), rio Guaporé (ponte do rio Guaporé), lago do Batista[2].

COLOMBIA

"Colombia": sexo ?, jav. (compr. de SCHLÜTER, 1902).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: sexo ?, GARBE, nov. (1902).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, out. 20 (1936); sexo ?, CAMARGO, out. 17 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, nov. 25 (1936).
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 6 ♂♂, OLALLA, março 18 e 29, maio 25 e 28, jun. 3 (1937).

Tangara mexicana lateralis Todd [IX, 136, pte.]

Coleiro de bando

Tangara mexicana lateralis TODD, 1922, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXV, p. 91: Apací (Rio Tapajoz).
Calliste flaviventris SCLATER (*nec* VIEILLOT), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 120, parte
Calospiza flaviventris IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 354, parte.
Calospiza boliviana SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 445, parte.

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita do baixo Amazonas: rio Tapajoz (Boim, Itaituba, Santarém, Diamantina), rio Jamauchim (Conceição, Santa Helena), Cus-

(1) HELLMAYR (Catal. Birds of the Americas, IX, 1936, p. 135, em nota) acentua, com acerto, caracteres de transição nas aves desse trecho intermédio da margem septentrional do Amazonas; dos dois exemplares de Manacapurú, um (n.º 16.977) se assemelha fielmente aos da margem oposta, ao passo que o outro (n.º 16.978), com ter as humerais fortemente tingidas de turqueza, aproxima-se decididamente da fórma típica.

(2) A julgar pelos exemplares presentes, a cor amarelo-desmaiada do abdome nas aves do Tapajoz é por demais evidente para que se não reconheça validez à raça proposta por TODD. Já nas aves do lago do Batista (à direita do baixo Madeira), observa-se tendência para os caracteres da forma este-paraense.

sarí, rio Tocantins (Baião, Alcobaça, Arumateua), rio Capim, rio Mojú, Belém e cercanias (Utinga, Providência).

BRASIL
  Pará
    Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 2 ♀♀, GARBE (1903).

Tangara mexicana brasiliensis (Linnaeus) [IX, 138]

Cambada de chaves (Rio).

Tanagra brasiliensis LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I. p. 316 (com base em "*Tangara brasiliensis caerulea*" de BRISSON): "*in* Brasilia" (pátria típica Rio de Janeiro, por designação de BERLEPSCH).[1]

Calliste brasiliensis SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI. p. 119.

Calospiza brasiliensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 354.

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil medio-oriental: sul da Baía (Caravelas), Espírito Santo (Santa Leopoldina, Pau Gigante, Guaraparí), Rio de Janeiro (Sepitiba, Nova Friburgo).

BRASIL
  Baía
    "Bahia": sexo ? (compr. de SCHLÜTER, 1898).
    Caravelas: ♂, GARBE, ag. (19[illegible]).
  Espírito Santo
    Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, nov. (1905).
    Pau Gigante: ♂, L. C. FERREIRA, set. 30 (1940).
    Guaraparí: ♂, OLIV. PINTO, outubro 16 (1942); ♀, OLIV. PINTO, outubro 19 (1942).

Tangara gyrola[2] albertinae (Pelzeln) [IX, 141]

Calliste albertinae PELZELN, 1877, Ibis, serie 4.a, I, p. 337: Salto do Girau (alto rio Madeira); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 118.

Calospiza albertinae IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 354; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 446.

Distribuição. — Brasil amazónico: alto Madeira (Salto do Girau), rio Gi-Paraná (Maruins, Barão de Melgaço), rio Jamauchim (Tucunaré, Santa Elena), rio Tocantins (Alcobaça),

---

(1) Cf. Verh. V. Intern. Orn. Kongr. Berlin, p. 137 (1912). O parentesco racial de *T. brasiliensis* com *T. mexicana* vem defendido por ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1246, dezembro 1943, p. 4).

(2) *Fringilla gyrola* LINNAEUS, 1758, Syst. Natur., I, p. 181 (com base em "The Red-headed Finch" de EDWARDS): Surinam.

região de Belém (Utinga, Igarapé Assú, Peixe Boi, Prata, Benevides)[1].

BRASIL

"Brasil" ?: sexo ?, perm. Mus. Dresden (1901).

Pará

Utinga (próx. de Belém): 2 ♂♂, F. Q. LIMA, janeiro 4 (1921) e fev. 21 (1923); ♀, F. Q. LIMA, jan. 20 (1926).

Murutucú (próx. de Belém): ♀, F. Q. LIMA, jun. 21 (1923).

Tangara gyrola catharinae (Hellmayr) [IX, 143]

Calospiza gyrola catharinae HELLMAYR, 1911, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 1106: Chaquimayo (Carabaya, sudeste do Perú).

Calliste gyroloides SCLATER (*nec* LAFRESNAYE)[2], 1881, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 117, parte.

Distribuição — Sudeste da Colombia (rio Putumayo, Buena Vista), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Zamora, Quixos, Canelos) e do Perú (Cosnipata, Vista Alegre, Yahuarmayo, La Merced, Vista Alegre, Huachipa), norte da Bolívia (Mapirí, Yuracares, San Mateo) e extrema oeste-septentrional do Brasil:[3] alto rio Negro (Marabitanas), rio Xié, rio Javarí, rio Solimões (Tefé).

Tangara peruviana (Desmarest) [IX, 156]

Saira, Saí-guassú, Saí-sapucaia.

Tanagra peruviana DESMAREST, 1806, Hist. Nat. Tangaras, livrais. 9, pl. 11 e texto respect.: "rapporté du Pérou par Dombey", *errore* (= Rio de Janeiro)[4]

Calliste melanonota[5] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 115.

---

(1) Cf. C. HELLMAYR, Novit. Zool., XII, p. 273 (1905); idem, idem, XVII, 273 (1910).

(2) *Aglaia gyroloides* LAFRESNAYE, 1847, Rev. Zool., X, p. 277 — nome novo em substituição a *Aglaia peruviana* SWAINSON, 1837 (antecedido por *Tanagra peruviana* DESMAREST, 1805), cuja identidade embora duvidosa, não pode recair na ave descrita por HELLMAYR.

(3) Segundo ZIMMER (Amer. Mus. Novit., N.º 1246, dez. de 1943) as populações do noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro) e adjacencias pertenceriam a uma nova raça, que denominou *Tangara gyrola parva* (tipo de monte Curicuriari).

(4) C. HELLMAYR, op. cit., p. 156, nota 2 (1936). Tenho como perfeitamente confirmada a suposição formulada por esse eminente ornitólogo, com base em nota informativa de AUG. ST. HILAIRE (Voyage dans le district des Diamans, I, 1833, p. 255, nota 1). Pela noticia historica de J. P. F. DELEUZE (Ann. Mus. Hist. de Paris, IV, 1804, pp. 136-137), ficamos sabendo que o infeliz DOMBEY, durante sua viagem de retorno do Perú, em consequência de grande tempestade sobrevinda nas alturas do Cabo Horn, arribara no Rio de Janeiro a 10 de Agosto de 1784. Aí fora acolhido muito bem pelo vice-rei, D. Luiz de Vasconcellos e Souza, que "o conduziu a uma casa de campo onde lhe mostrou uma bella coleção de aves empalhadas, de insetos e de borboletas e o fez escolher o com que encher uma caixa". (op. cit., p. 155).

(5) *Aglaia melanonota* SWAINSON, 1836, Drawings, 3.ª parte, pl. 31 (= ♂ adulto).

Calospiza melanonota IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 354.

Distribuição. — Sudeste do Brasil[1]: Rio de Janeiro (Sepitiba), São Paulo (Iguape, Cananéia, Santos, Ipiranga, Itatiba, Mato Dentro, Itararé), Santa Catarina (Joinvile, Blumenau, Araranguá).

BRASIL

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE, jan. 30 (1898); ♀, R. KRONE, fev. 5 (1898).
Santos: ♂, J. CONCEIÇÃO, agosto 10 (1902).
Itararé: ♀, GARBE, jun. (1903).
Itatiba: ♀, LIMA, set. (1907).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, set. 28 (1934).

Tangara castanonota (Sclater) [IX, 155]

Calliste castanonota SCLATER, 1851, Contrib. Orn., 2.ª pte., p. 63 parte (descrição do ♂ adulto): "Brasil" (para localidade típica sugiro Porto Alegre, no Rio Grande do Sul).
Calliste pretiosa[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 114.
Calospiza melanonota IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 353.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones, Entre Rios, Corrientes), Uruguay (Rocha, Cerro Largo, Montevideo), Paraguay (Alto Paraná, Villa Rica, Tremoleras), sudeste extremo do Brasil: São Paulo (Capivarí, Parnapitanga)[3], Paraná (Curitiba, Castro, Jaguaraíba, Invernadinha, Guarapuava, Cara Pintada, Vermelho), Santa Catarina (Joinvile),

---

(1) Segundo o testemunho de DABENNE (Bol. Soc. Physis. I, p. 362, 1914), ocorreria tambem, de modo acidental, no extremo nordeste da Argentina (Misiones).

(2) *Callispiza preciosa* CABANIS, 1851, Mus. Heineanum, I, p. 27 (1851): "Rio Grande" (do Sul).

(3) Estas localidades, de onde NATTERER conseguira exemplares cuja identidade foi confirmada por PELZELN (Orn. Bras., p. 207) e HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., IX, p. 155), parecem as únicas em que *T. castanonota* (= *Tanagra ochronota* NATTERER, em manuscr.) já fora registrada em São Paulo.

Tangara peruviana e *T. castanonota*, cujas ♀♀ pràticamente nada diferem entre si, são raro e singular exemplo de duas evidentes mutações, que geogràficamente não se excluem, a não ser nas porções extremas das respectivas áreas de distribuição. Não fosse esta superposição, quase completa, do domínio geográfico de ambas, mereciam ser antes tratadas como raças ou variedades (no sentido ornitológico do termo) de uma mesma unidade específica. Sobre este assunto cf. C. E. HELLMAYR, op. cit., p. 157, nota 1.

Rio Grande do Sul (Taquara, Porto Alegre, Poço das Antas, Itaquí, São João do Monte Negro).

BRASIL

Paraná

Faz. Monte Alegre (Castro): 5 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀, GARBE, agosto (1907).

Castro: 1 ♂ e 1 ♀ ?, GARBE, maio (1914.)

Rio Grande do Sul

São João do Monte Negro: ♂, maio 19 de 1882 (permutado do Museu Nacional.

Itaquí: ♂, GARBE, agosto (1914).

Tangara cayana cayana (Linnaeus) [IX, 157]

Tanagra cayana LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 315 (com base em "Tangara cayanensis viridis" de BRISSON, Orn. III, p. 21): Cayenne (Guiana Francesa).

Calliste cayana SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 111.

Calospiza cayana IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 353; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 146.

Distribuição. — Sul da Venezuela (vales do Orenoco e do Caura), Guianas Inglesa (Georgetown, Annai, Roraima, montes Merumé, Takutu, Abary), Holandesa (Paramaribo)[1] e Francesa (Cayenne, Ile le Père), leste do Perú (Moyobamba). Brasil amazônico (excl. a ilha de Marajó): rio Negro, rio Branco (Forte de São Joaquim, Boa Vista, serra da Lua), Monte Alegre, rio Madeira (Humaitá), rio Tapajoz (Santarém, Diamantina).

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 3 ♂ ♂, GARBE, jan. (1903) e jan. (1921); 5 ♂ ♂, OLALLA, jun. 14 (1934), março 6, 20 e 21 (1935); 3 ♀ ♀, OLALLA, maio 2, 3 e 5 (1935).

Tangara cayana huberi (Hellmayr) [IX, 160]

Calospiza huberi HELLMAYR, 1910, Bull. Brit. Orn. Cl., XXVII, p. 34: Cachoeira (Rio Ararí, ilha de Marajó).

Distribuição. — Ilha de Marajó, no estuário do Amazonas (Cachoeira, rio Ararí)[2].

---

(1) As aves de Surinam, formariam raça aparte, descrita, por GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXI, 1937, p. 436) sob o nome de *Tangara cayana littoralis*.

(2) Cf. C. E. HELLMAYR, Abh. Kön. Bayer. Akad. Wissens., math.-physik. Kl., XXVI, p. 125 (1912).

Tangara cayana flava (Gmelin) [IX, 161]

Saíra, Sanhaçuíra, Frei Vicente (Pernambuco), *Sirico melado* (Madre-Deus).

Tanagra flava Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 896 (com base em "Guira-perea" de Marcgrave, através de Brisson, "Tangara brasiliensis flava", Orn. III, p. 39): nordeste do Brasil (pátria típica Ceará, por designação de Hellmayr)[1].

Calliste flava Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 113, parte.

Calospiza flava Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 53, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Maranhão (Grajaú, Barra do Corda, Côcos, alto Parnaíba, Tranqueira, São Francisco), norte de Goiaz (Filadelfia), Ceará (serra de Baturité, Várzea Formosa), Pernambuco (Recife, Tapera), Baía (Salvador, Aratuípe, ilha de Madre de Deus, Curupeba, Santo Amaro, Bonfim, São Marcelo).

Brasil
- Pernambuco
  - Tapera: ♂, Oliv. Pinto, dez. 18 (1938).
- Baía
  - "Bahia": ♂ (compr. de Schlüter, 1898).
  - Vila Nova (= Bonfim): 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, março (1908).
  - Ilheus: ♂, Garbe, maio (1919).
  - Aratuípe: ♂, Camargo, nov. 13 (1932).
  - Madre de Deus: ♂, Camargo, jan. 16 (1933); ♀, W. Garbe, janeiro 27 (1933); ♂, Oliv. Pinto, jan. 16 (1942); 2 ♀ ♀, Oliv. Pinto, janeiro 14 (1933) e fevereiro 8 (1942).
  - Curupeba: ♀, W. Garbe, fev. 11 (1933).

Tangara cayana chloroptera (Vieillot) [IX, 162]

Saí amarelo, Saíra

Tanagra chloroptera Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat. XXXII, p. 407: "Brésil" (para local. típica sugiro Castro, no Paraná)[2].

Calospiza formosa Iher. & Ihering (*nec* Vieillot)[3], 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 355, parte.

Calliste flava Sclater (*nec* Gmelin), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 113, parte.

Calospiza flava Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Av., p. 53, parte.

---

(1) Cf. Field Mus. Nat. Hist. Publi., Zool. Ser., XII, p. 279 (1929).

(2) Segundo Hellmayr, o tipo, colecionado por A. St. Hilaire, proveio de São Paulo ou Paraná. Cf. Catal. Bds. Amers., IX, p. 162 (1936).

(3) *Tanagra formosa* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXII, p. 407 (com base em Azara, N.º 96, "Lindo bello"): Paraguay.

Distribuição. — Paraguay (Sapucay) e Brasil meridional[1]: São Paulo (Ipanema, Itatiba, Jundiaí, Campinas, Monte Alegre, Franca, Itapetininga, Itararé, Silvânia, Jaboticabal), Paraná (Castro), sul de Mato Grosso (Três Lagoas, Coxim), sul de Goiaz (Jaraguá, Inhumas, Goiaz, Leopoldina[2], Veadeiros), Minas Gerais (Baependí, Maria da Fé, Agua Suja, Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvêlo, Uberaba, S. José da Lagoa).

BRASIL

Minas Gerais

Irara: ♀, J. BACH, set. 22 (1898).
Baependí: ♂, FAUSTO LEX (1906).
Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, jan. 25 (1936).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, W. GARBE, set. 28 (1940); 3 ♂ ♂, OLALLA, set. 28, out. 1 e 2 (1940); 2 ♀ ♀, W. GARBE, out. 2 e 4 (1940); ♂, OLALLA, out. 1 (1940).

São Paulo

Jundiaí: ♂ juv., LIMA, set. 19 (1900).
Jaboticabal: ♀, LIMA, set. 27 (1900).
Franca: ♂, GARBE, jan. (1911).
Itapetininga: ♂ juv., LIMA, jul. 25 (1926).
Faz. Boa Vista (Silvânia): ♂, OLIV. PINTO, dez. 30 (1930).
Itatiba: 4 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, set. 27, out. 6, 23 e 26 (1933); ♀, LIMA, jul. 12 (1900); ♀, C. VIEIRA, nov. 16 (1932); ♀, JOSÉ LIMA, set. 24 (1933).
Faz. Santa Maria (Rio Preto): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, fev. 14 (1940).
Faz. Sta. Rosa (Paraúna): ♀, JOSÉ LIMA, abr. 14 (1940).
Serra da Cantareira: ♀, JOSÉ LIMA, dez. 9 (1940).
Monte Alegre: 8 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, jul. 25, 26, 28 e 30, dez. 2 (1942) e fevereiro 11 e 12 (1943); ♂ juv., JOSÉ LIMA, janeiro 21 (1943); 4 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, julho 28, agosto 2 (1942) e janeiro 21 (1943).

Paraná

Castro: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, set. (1907).

Mato Grosso

Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, jul. 12 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, ag. 7 e 16 (1937).

---

(1) Não ha registro seguro da espécie no Espírito Santo, nem tampouco no Rio de Janeiro, onde a raça *chloroptera* deve ser representada, com todas as probabilidades.

(2) Pátria típica de *Calospiza formosa sincipitalis* BERLEPSCH, 1907 (Ornis, XIV, p. 348). Tenho como pràticamente impossivel apontar carater constante para distinguir as aves do sul e centro de Goiaz das do Brasil meridional (São Paulo e Paraná); em toda a parte anterior do píleo se apresenta, em extensão muito variavel, muito mais ocrácea que a posterior, não se verificando tambem qualquer limite distinto entre as duas porções. O colorido verde-prateado das penas do baixo dorso, particularmente atribuido ás aves de Goiaz é inconstante e não parece persistir nos machos completamente desenvolvidos.

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 7 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 23 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): 2 ♂♂, W. GARBE, maio 18 e set. 30 (1941); ♀, W. GARBE, set. 17 (1941).

Tangara cayana margaritae (Allen) [IX, 163]

Calliste margaritae ALLEN, 1891, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., III, p. 351: Chapada (Mato Grosso).
Calospiza formosa IHER. & IHERING (*nec* VIEILLOT), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 355.

Distribuição. — Brasil centro-ocidental: centro e norte de Mato Grosso (Chapada, Utiariti).

BRASIL
Mato Grosso
Chapada: ♂, H. H. SMITH, novembro 23 (1882); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 29 (1937); ♀, OLIV. PINTO, outubro 4 (1937).

Gênero STEPHANOPHORUS Strickland

Stephanophorus STRICKLAND, 1841, Proc. Zool. Soc. Lond., IX, p. 30. Tipo, por monotipia, *Pyrrhula caerulea* VIEILLOT[1] (= *Tanagra diademata* TEMMINCK).

Stephanophorus diadematus (Temminck) [IX, 181]

Sanhaçú frade, Sairuçú, Azulão da serra (São Paulo), *Azulão do campo, Lindo azul* (Itatiaia).

Tanagra diademata TEMMINCK (*ex* NATTERER manuscr.), 1823, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 243: "Brésil" (como pátria típica, proponho Curitiba, no estado do Paraná).
Stephanophorus leucocephalus[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 143; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 55.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones, Tucuman, Chaco, Entre Ríos, Buenos Aires), Uruguay (rio Uru-

---

(1) *Pyrrhula caerulea* VIEILLOT, 1822 (Galer. d'Ois., I, (2), livr. 20, p. 61, pl. 54: Brasil) é invalidado por *Pyrrhula caerulea* DAUDIN, 1799.

(2) *Tanagra leucocephala* VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., p. 408 (com base em AZARA, N.º 93: Caiho, Paraguay) e invalidado por *Tanagra leucocephala* GMELIN, 1788, Syst. Nat., p. 889 (com base em BUFFON e PENNANT), cuja identidade todavia se ignora. Cf. BERLEPSCH, Verh. V, Intern. Orn. Kongr. Berlin, p. 1147 (1912).

guay, La Paloma, San Vicente, Lazcano, Rocha, Cerro Largo, rio Negro, Maldonado, Arazatí), Paraguay (Alto Paraná), faixa litorânea do Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Colônia Alpina, Nova Friburgo, Cantagalo, serra do Itatiaia), sudeste de Minas Gerais (Maria da Fé), leste de São Paulo (Santo Amaro, Mogí das Cruzes, Campos do Jordão, Piquete São Miguel Arcanjo, Itararé), Paraná (Castro, Curitiba, Lança, São Luiz, Vera Guaraní), Rio Grande do Sul (Mundo Novo, Taquara, Pedras Brancas, Arroio Grande).

BRASIL.

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia (conf. de Rio e Minas): ♂, H. LÜDERWALDT, abr. 21 (1906).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, dez. 27 (1935); ♂ juv., OLIV. PINTO, jan. 14 (1936).

São Paulo

Piquete: ♂, J. ZECH, dez. 21 (1896).
Santo Amaro: ♂, H. PINDER, agosto 1 (1898).
Itararé: ♂, GARBE, jun. (1903); 3 ♀♀, GARBE, jun. e jul (1903).
Campos do Jordão: 3 ♂♂, H. LÜDERWALDT, dez. 1 (1905), jan. 6 e 7 (1906); 3 ♀♀, H. LÜDERWALDT, nov. 3 (1905), jan. 7 e fev. 18 (1906); 2 sexos?, juvs., H. LÜDERWALDT, jan. 7 e 11 (1906).
São Luiz do Paraitinga: ♂, GARBE, ag. 8 (1909).
Pilar: 2 sexos?, LIMA, jun. 6 (1920).
São Miguel Arcanjo: ♂, LIMA, ag. 30 (1929); 2 ♀♀, LIMA, ag. 30 e set. 5 (1929).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 3 ♂♂, OLALLA, ag. 24 e 25 (1941); 2 ♀♀, OLALLA ag. 25 (1941); 2 sexos ?, OLALLA, ag. 25 e 26 (1941).

Paraná

Castro: 2 ♂♂, GARBE, ag. (1907) e maio (1914); 2 ♀♀, GARBE, maio (1907).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, agosto 29 (1898)
Nova Wurttemberg: 2 sexos ?, GARBE (1914).

Gênero THRAUPIS Boie

Thraupis BOIE, 1826, Isis, p. 974. Tipo, por monotipia, *Tanagra archiepiscopus* DESMAREST[1] (= *Tanagra ornata* SPARRMAN).

---

(1) *Tanagra archiepiscopus* DESMAREST, 1806, Hist. Nat. Tangaras, livr. 7, pls. 17, 18: "Perou", *errore* (= Rio de Janeiro, col. DOMBEY).

Thraupis episcopus episcopus (Linnaeus) [IX, 205]

Saí-assú azul, Sanhaçú

Tanagra episcopus LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 316 (com base em "Episcopus avis" de BRISSON, Orn., III, p. 40) · "*in* Brasilia" (patria típica "Pará", isto é, Belém, sugerida por E. NAUMBURG)[1]; SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 154, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 356, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 447.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Georgetown, Roraima, montes Merumé, Camacusa, Bartica Grove), Holandesa (Surinam, Paramaribo) e Francesa (Cayenne, St. Laurent du Maroni), regiões adjacentes do Brasil, desde o alto rio Negro até as margens norte e sul do baixo Amazonas: rio Negro (Marabitanas, Barcelos, Manaus), rio Branco (Boa Vista), Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), igarapé Bravo, igarapé Boiussú, Amapá, rio Tapajoz (Santarém, Itaituba, Piquiatuba, Coatá), rio Jamauchim (Tucunaré), rio Tocantins (Arumateua), ilha de Marajó (Cachoeira, São Natal), ilha Mexiana, rio Capim, rio Mojú, Belém e todo nordeste do Pará (Utinga, Igarapé Assú, Prata), norte e oeste do Maranhão (Codó, São Bento, Barra do Corda, São Luiz, Miritiba, Tapera).

BRASIL

Amazonas

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, CAMARGO, dez. 14 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, março 4 e junho 4 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, dezembro 11 (1936) e março 4 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, GARBE, jan. (1921).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abr. 7 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abr. 29 (1935; 2 ♀♀, OLALLA, abr. 11 e 28 (1935).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, maio 14 (1936); ♀, OLALLA, jul. 4 (1936).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, jun. 30 (1935).

Rio Tocantins: ♂, F. Q. LIMA, jan. 9 (1918).

Maranhão

Primeira Cruz: 2 ♂♂, SCHWANDA, jul. 8 e ag. 10 (1906).

---

(1) Cf. E. NAUMBURG, Auk, p. 11[illegible] (1924). BERLEPSCH (Nov. Zool., XV, 1908, p. 115) indicara antes Caiena (Guiana Francesa); todavia parece-me desaconselhável, sem motivos decisivos, impugnar a localidade apontada na descrição original.

Thraupis episcopus coelestis (Spix)[1] [IX, p. 207]
Saí-assú

Tanagra coelestis SPIX, 1825, Av. Nov. Spec. Bras., II, p. 42, tab. 55, fig. 2, parte (descr. do ♂): Fonte Boa (margem direita do Rio Solimões); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 155, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 447.
Tanagra episcopus coelestis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun Brazil., Av., p. 56.

Distribuição. — Sudeste da Colombia (rio Caquetá), leste do Equador (Sarayacu, Zamora, Gualaquiza, El Loreto, rio Napo), nordeste do Perú (Iquitos, Pebas, Nauta) e Brasil oeste-amazônico: rio Solimões (Olivença, Tonantins, Fonte Boa, ilha Caviana, Manacapurú), rio Juruá (João Pessôa, Santa Cruz do Eirú), rio Purús (Cachoeira, Bom Lugar, Hiutanaã), rio Madeira (Porto Velho, Calama, Borba), Parintins[2].

PERÚ

Iquitos: ♂, SCHLÜTER, maio (1902).

BRASIL

Amazonas

Parintins: ♂, GARBE, abr. (1921)
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♀, CAMARGO, ag. 26 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 9 ♂♂, OLALLA, out. 13, dez. 7, 21 e 25 (1936), jan. 27 e 29 (1937); 4 ♀♀, OLALLA, dez. 23, 27 e 28 (1936) e fev. 5 (1937).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, nov. 14 (1936); 2 ♀♀, OLALLA, nov. 5 e 14 (1936).

---

(1) A menor extensão e a tonalidade anilada da mancha branca humeral permitem na generalidade dos casos, distinguir a raça típica de *Thraupis episcopus* de sua similar oeste-amazônica. Esse carater é, entretanto, bastante variável para que, além de nem sempre permitir que se determine, sem hesitação, exemplares isolados, ainda embarace seriamente a discriminação rigorosa das respectivas áreas geográficas daquelas subespécies. Num ♂ adulto de Piquiatuba (n.º 19.220), na margem direita do Tapajoz, as grandes coberteiras superiores das asas são abundantemente manchadas de branco, de modo a formarem verdadeira faixa transversal abaixo da nódoa humeral, à exata semelhança do que acontece nos do alto Amazonas. Ha tambem exemplos que sugerem transição entre os caracteres de *T. episcopus* e *T. sayaca*; HELLMAYR acentuou-o em relação às aves do Maranhão (cf. Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, 1929, p. 281) e fato análogo se observa numa ♀ de João Pessoa (N.º 19.206). Sobre as relações entre *T. e. episcopus* e *T. e. coelestis* cf. ainda HELLMAYR, Abh. K. Bayer Akad. Wiss., II Kl., XXII, p. 676 (1906).

(2) O ♂ adulto de Parintins (n.º 10.564) é tipicamente de *T. episcopus coelestis*.

Thraupis cyanoptera (Vieillot) [IX, 216]

Sanhaçú, Sanhaço

Saltator cyanopterus VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 104: "Brésil" (pátria típica Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, sugerida por E. NAUMBURG).[1]

Tanagra cyanoptera SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 157, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 357.

Distribuição. — Leste do Paraguay (Alto Paraná), faixa literânea do Brasil este-meridional: Espírito Santo (Vitória, Braço do Sul, Chaves), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Terezópolis, Itatiaia), São Paulo (Iguape, Cananéia, Pilar, Poço Grande, Cubatão. Ubatuba, Alto da Serra, Embura, São Miguel Arcanjo), Paraná (Fernandes Pinheiro), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Taquara, Nova Hamburgo).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 31 (1942); ♀, OLALLA, setembro 3 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 26 (1941).

São Paulo

Alto da Serra: ♀, LIMA, agosto 8 (1899).

Santos: ♀, J. CONCEIÇÃO, setembro (1902).

Pilar: 3 sexos ?, LIMA (1918) e junho 6 (1920).

Cubatão: ♀, LIMA, julho 20 (1923).

Serra da Bocaina: sexo ?, H. LÜDERWALDT, maio (1924).

São Miguel Arcanjo: 2 ♂ ♂, LIMA, agosto 29 (1929).

Ilha do Cardoso (Cananéia): 1 ♂ e 1 sexo ?, CAMARGO, agosto 30 (1934).

Tabatinguara (Cananéia): sexo ?, CAMARGO, outubro 3 (1934).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♀ ♀, OLALLA, maio 12 e 15 (1940).

Embura: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, dezembro 19 (1940).

Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, agosto 24 e 25 (1941); ♂, E. DENTE, agosto 24 (1941); ♂, OLALLA, agosto 28 (1941); ♀, OLALLA, agosto 24 (1941).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♀, A. SCHWARTZ, agosto 20 (1898).

---

(1) Cf. Auk, XLI, p. 112 (1924).

Thraupis sayaca sayaca (Linnaeus) [IX, 218]

Sanhaçú, Sanhaço, Sanhaço de mamoeiro.

Tanagra sayaca LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 316 (com base principal em "Sayacu" de MARCGRAVE): "in Brasilia" (Pernambuco, patria típica sugerida por E. NAUMBURG)[1]; SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 158; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 357.

Distribuição. — Norte e leste da Argentina (Chaco[2], Misiones, Entre Ríos, Jujuy, Corrientes, Buenos Aires), Uruguay, Paraguay (Villa Rica, Sapucay, Bernalcué, Forte Wheeler, Ajos, Villa Concepción), Brasil oriental e central: Maranhão (Barra do Corda, São Francisco)[3], Piauí (Arara, Ibiapaba), Ceará (Várzea Formosa, serra de Baturité), Pernambuco (Recife, Estância, Garanhuns, Itamaracá), Baía (Santo Amaro, Madre de Deus, Belmonte, rio Gongogí, Macaco Seco, Queimadas, rio Grande, rio Preto), Espírito Santo (Pau Gigante, rio S. José, Guaraparí), Rio de Janeiro (Sepitiba, Cantagalo, Terezópolis, serra do Itatiaia), São Paulo (ilha dos Alcatrazes, São Sebastião, Santos, Campos do Jordão, São Miguel Arcanjo, Ipanema, Itapetininga, Itararé, Monte Alegre, Silvânia, Jaboticabal, Bebedouro, Baurú, Botucatú), Paraná (Curitiba, Fazenda Ferreira), Santa Catarina (Joinvile, Blumenau), Rio Grande do Sul (Itaquí, Mundo Novo, Taquara, Pedras Brancas), Minas Gerais (Vargem Alegre, Mariana, Maria da Fé, Lagoa Santa, Água Suja, rio Piracicaba, rio Sussuí), Goiaz (Jaraguá, Inhumas, Leopoldina, Veadeiros), Mato Grosso (Três Lagoas, Sant'Ana do Paranaíba, Campo Grande, Aquidauana, Miranda, Salobra, Corumbá, Urucum, Piraputanga, Chapada, Cuiabá, Engenho do Gama).

BRASIL

Pernambuco

Itamaracá: 2 [illegible], OLIV. PINTO, janeiro 1 e 3 (1939).

Baía

Belmonte: [illegible], GARBE, agosto (1919).

Rio Gongogi: [illegible], CAMARGO, dezembro 15 (1932).

---

(1) Cf. loc. cit., p. 111.

(2) Há divergência quanto à raça das aves do Chaco; enquanto HELLMAYR (Catal. Birds Amers., IX, p. 220, nota 1) considera-as da forma típica, refere-as WETMORE (Bull. 133, Un. St. Nat. Mus., p. 3?3, 1926) a *Thraupis sayaca obscura* NAUMBURG, raça da Bolívia e oeste da Argentina.

(3) Cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 281 (1929).

Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, novembro 15 (1933); 2 ♀♀, OLIV. PINTO, fevereiro 9 (1933) e janeiro 27 (1942).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, GENTIL DUTRA, outubro 19 (1940); 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, janeiro (1906).
Rio São José: ♀, OLALLA, setembro 20 (1942).
Guaraparí: ♂, OLALLA, outubro 12 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂, JOSÉ LIMA, junho 28 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, junho 27 (1941).
Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♀, E. DENTE, setembro 7 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
Mariana: sexo ?, J. B. GODOY (1905).
Rio Pandeiro (rio S. Francisco, marg. esquerda): ♀, JOSÉ BLASER, janeiro 8 (1932).
Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 9 (1936); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 26 (1936).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 23 (1940); 3 ♀♀, OLALLA, agosto 31 e setembro 3 e 7 (1940).
Rio Doce: ♂, W. GARBE, setembro 6 (1940).
Barra do Suassui (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLALLA, setembro 16 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 4 ♂♂, OLALLA, setembro 26 e 28, outubro 2 (1940); 1 ♂ juv. e 1 ♀, W. GARBE, outubro 4 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♂, H. PINDER, setembro 27 (1896).
Piquete: ♀, J. ZECH, janeiro 2 (1897).
Vitória (Botucatú): ♀, HEMPEL (1900).
Jaboticabal: 2 ♀♀, LIMA, setembro 26 e outubro 12 (1900).
Santos: ♂, J. CONCEIÇÃO, setembro (1902).
Itararé: ♀, GARBE, abril (1903).
Bebedouro: ♂, GARBE, abril (1904).
Campos do Jordão: ♀, H. LÜDERWALDT, dezembro 16 (1905).
Ilha dos Alcatrazes: ♀, PINTO DA FONSECA, outubro 19 (1920).
Itapetininga: ♀, LIMA, julho 25 (1926).
São Miguel Arcanjo: sexo ?, LIMA, agosto 31 (1929)
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 9 (1931).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, C. VIEIRA, março 9 (1939); ♀, JOSÉ LIMA, abril 3 (1941).
Faz. Santa Maria (Rio Preto): ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 12 (1940).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, março 25 e 28 (1940); 3 ♀♀, JOSÉ LIMA, março 25, 26 e 28 (1940).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, abril 13 e 16 (1940); ♀, JOSÉ LIMA, abril 13 (1940).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 14 (1940).
Faz. Varjão (Lins): 2 ♀♀, OLALLA, janeiro 23 e fevereiro 9 (1941); sexo ?, OLALLA, fevereiro 3 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, outubro 12 (1941); ♂, E. DENTE, outubro 26 (1941).

Monte Alegre: 7 ♂ ♂, José Lima, julho 21, 22, 23, 25 (1942), janeiro 19 e maio (1943); 3 ♀ ♀, José Lima, julho 21 e 22 (1942).

Rio Grande do Sul

Itaquí: 2 ♂ ♂, Garbe, setembro e dezembro (1914).
Nova Hamburgo: sexo ?, Garbe, fevereiro (1915).

Goiaz

Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♂, Oliv. Pinto, setembro 21 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♀, José Lima, outubro 20 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, José Lima, outubro 30 (1934); ♀, José Lima, novembro 5 (1934).

Mato Grosso

Chapada: 2 ♂ ♂, H. H. Smith. agosto e setembro (1882); ♀. H. H. Smith, abril 16 (1885); 2 ♀ ♀, José Lima, outubro 2 (1937).
Corumbá: ♂, Garbe, setembro (1917).
Miranda: ♂, Lima, agosto 18 (1930); ♀, Lima, setembro 8 (1930).
Três Lagoas: ♀, José Lima, julho 14 (1931).
Sant'Ana do Paranaíba: ♂, José Lima, julho 25 (1931).
Aquidauana: ♂, Oliv. Pinto, agosto 5 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, José Lima, agosto 5 (1937).
Rondonópolis: sexo ?, Oliv. Pinto, agosto 26 (1937).
Cuiabá: ♂, Oliv. Pinto, setembro 20 (1937).
Salobra: ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 21 (1939); 2 ♀ ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 21 (1939); ♀, José Lima, janeiro 20 (1941); ♀ ?, José Lima, janeiro 20 (1941).
Faz. Viramão (Campo Grande): 2 ♂ ♂, José Lima, julho 27 (1939).

Thraupis ornata (Sparrman) [IX, 222]

Sanhaçú, Sanhaçú de encontros.

Tanagra ornata Sparrman, 1789, Mus. Carls., fasc. 4, pl. 95: "in India Orientali", *errore* (substituida pelo Rio de Janeiro, por Berlepsch)[1]; Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 161; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves., p. 358.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Baía (rio Jaguaripe, Nazaré, rio Jucurucú)[2], Espírito Santo (Pau Gigante, Chaves), leste de Minas Gerais (São José da Lagoa, barra do Piracicaba, Vargem Alegre), Rio de Janeiro (Corcovado,[3]

---

(1) Verh. V Intern. Orn. Kongr. Berlin, p. 1054 (1912).
(2) Rio Jaguaripe e Nazaré das Farinhas, localidades do Recôncavo onde o príncipe de Wied (Beitr. Naturges. Bras., III, p. 481) colecionou exemplares, são as mais septentrionais em que a espécie já fora registrada. Cf. Pinto, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 264 (1935).
(3) Levado por Dombey, deve proceder dos subúrbios do Rio de Janeiro o tipo de *Tanagra archiepiscopus* Desmarest, 1806 (Hist. Nat. Tangaras, livr. 7, pls. 17 e 18), sinônimo único mencionado para a espécie.

Araras, Cantagalo, Nova Friburgo, Porto Real, serra do Itatiaía). leste de São Paulo (Cananéia, Iguape, São Sebastião, Pilar, Santos, Cubatão, Ipiranga, Alto da Serra, Campos do Jordão, São Miguel Arcanjo, Ipanema), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile).

BRASIL
- Baía
  - Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♂, OLIV. PINTO, abril 5 (1933).
- Espírito Santo
  - Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, dezembro (1905); ♀, GARBE, dezembro (1905).
  - Pau Gigante: ♂, L. C. FERREIRA, novembro 21 (1940); ♀, GARBE, janeiro (1906).
  - Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, setembro 5 (1942); ♀, OLIV. PINTO, setembro 4 (1942); ♀, OLALLA, agosto 23 (1942).
- Rio de Janeiro
  - Nova Friburgo: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1909).
- Minas Gerais
  - Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
  - Barra do Piracicaba (rio Doce): 4 ♂ ♂, OLALLA, agosto 19, 21, 26 e 31 (1940); 3 ♀ ♀, OLALLA, agosto 20, 22 e 31 (1940); 2 sexos ?, OLLALA, agosto 20 e 24 (1940).
  - Rio Doce: ♂ ?, W. GARBE, setembro 6 (1940).
  - Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 1 ♂ e ♀, W. GARBE, setembro 28 (1940); 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 26 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 27 (1940).
- São Paulo
  - São Sebastião: ♀, H. PINDER, setembro 29 (1896).
  - Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♀, LIMA, outubro 19 (1898).
  - Santos: ♀, J. CONCEIÇÃO, setembro 2 (1902).
  - Alto da Serra: ♂, LIMA, agosto 24 (1904).
  - Campos do Jordão: ♂, H. LÜDERWALDT, dezembro 1 (1905); ♀, H. LÜDERWALDT, dezembro 14 (1905).
  - Cubatão: 2 ♂ ♂, LIMA, julho 5 (1923) e julho 20 (1925); ♀, LIMA, julho 20 (1923).
  - Pilar: 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, agosto (1925).
  - São Miguel Arcanjo: 1 ♂, 1 ♀ e 1 sexo ?, LIMA, agosto 30 (1929).
  - Tabatinguara (Cananéia): [illegible], CAMARGO, setembro 29 (1934).
  - Serra de Caraguatatuba: 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 24 (1941).

Thraupis palmarum palmarum (Wied) [IX, 224]

Saí-assú pardo (Pará), *Sanhaçú, Sanhaço do coqueiro.*

Tanagra palmarum WIED, 1821, Reis. Bras., II, p. 76: Canavieiras (Baia); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 357, parte.

Tanagra palmarum subsp. *typica* SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 160.

Tanagra palmarum melanoptera SNETHLAGE (*nec* SCLATER), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 448, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Santa Cruz, Guarayos) e do Paraguay (Puerto Bertoni), Brasil oriental e centro-ocidental: ilhas do estuário do Amazonas (Mexiana, Caviana), rio Tocantins (Arumateua), leste do Pará (Belém, Utinga, Peixe Boi, Prata, Igarapé Assú, Maguarí, rio Capim, rio Muriá)[1], Maranhão (Primeira Cruz, Anil, Turiassú, São Bento, Barra do Corda, Codó), Piauí (Parnaguá, ilha São Martim), Ceará (serra de Baturité), Pernambuco (Recife, Tapera), Baía (Santo Amaro, ilha Madre de Deus, Curupeba, Belmonte, Canavieiras, Caravelas, Alagoinhas, Vila Nova, São Marcelo, rio Preto), Espírito Santo (Pau Gigante, Chaves), Rio de Janeiro (Sepitiba, Terezópolis, Cantagalo, Porto Real), São Paulo (São Sebastião, Juquiá, rio das Pedras, Olímpia, Itapura), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Hamburg Berg)[2], Mato Grosso (Jupiá, Campo Grande, Urucúm, Coxim, Cuiabá, Chapada, Cáceres, Engenho do Gama), Goiaz (rio Araguaia, rio das Almas, Jaraguá, Veadeiros), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio das Velhas, rio Jordão).

BRASIL

Pará

Rio Tocantins: ♀, F. Q. LIMA, janeiro 9 (1918).
Belém: ♂, F. Q. LIMA (1923); ♀, F. Q. LIMA, agosto 28 (1923).

Maranhão

Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, agosto 10 (1906).

Pernambuco

Faz. São Bento (Tapera): ♀, OLIV. PINTO, dezembro 13 (1938).

Baía

"Bahia": sexo ? (compr. de v. BERLEPSCH, 1896).
Vila Nova (= Bonfim): 2 ♂♂, GARBE, abril (1908).
Caravelas: ♂, GARBE, agosto (1908).
Belmonte: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1919).
Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 16 (1933); ♀, W. GARBE fevereiro 4 (1933).
Curupeba: ♂, W. GARBE, fevereiro 1 (1933).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, dezembro (1905).
Pau Gigante: ♂, GARBE, janeiro (1906); ♂, L. C. FERREIRA, novembro 4 (1940); ♀ juv., L. C. FERREIRA, setembro 30 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, setembro 2 (1942): ♀, OLALLA, agosto 20 (1942).

---

(1) As aves do leste do Pará e do norte do Maranhão, fazem transição com *T. palmarum melanoptera*, que começa a substituir a forma típica em quase toda bacia amazônica. Cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 262 (1935).

(2) O exemplar de Hamburg Berg, povoado não distante de São Leopoldo, é, ao que parece, no estado do Rio Grande do Sul, o único lugar em que já se registrara a espécie.

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂, JOSÉ LIMA, junho 22 (1941).

São Paulo

São Sebastião: ♀, H. PINDER, setembro 21 (1896); sexo ?, H. PINDER, julho 6 (1900).
Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904); 2 ♀ ♀, GARBE, agosto e setembro (1904).
Olímpia: ♂, GARBE, novembro (1916).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 14 (1940).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 12 (1941).
Serra de Caraguatatuba: ♀, OLALLA, setembro 24 (1941).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ (1908).

Goiaz

Cana Brava (pto. de Nova Roma): ♀, JOSÉ BLASER, setembro 26 (1932).
Faz. Boa Vista (Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 22 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, W. GARBE, outubro 17 (1934); ♀, OLIV. PINTO, outubro 14 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. GARBE, setembro 17 (1941).

Mato Grosso

Chapada: ♂ ?, H. H. SMITH, abril 18 (1885); ♀, H. H. SMITH, julho 15 (1885).
São Luiz de Cáceres: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, dezembro (1917).
Coxim: ♀, JOSÉ LIMA, junho 25 (1930).
Jupiá (barranca do rio Paraná): sexo ?, OLIV. PINTO, julho 15 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1937).
Faz. Viramão (Campo Grande): 2 ♂ ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, julho 27 (1939).

Thraupis palmarum melanoptera (Sclater) [IX, 226]

Saí-assú pardo.

Tanagra melanoptera SCLATER (*ex* HARTLAUB manuscr.), 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., "1856", p. 235: leste do Perú (tipo) e "Bogotá".
Tanagra palmarus subsp. *melanoptera* SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 159, parte
Tanagra palmarum IHER. & IHERING (*nec* WIED), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 357, parte.
Tanagra palmarum melanoptera SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 448, parte.

Distribuição. — Centro e leste da Colômbia (Villavicencio, Caquetá, "Bogotá"), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Catatumbo, rio Chamá, ilha Margarita), Trinidad, Guianas Inglesa (Georgetown, Roraima, rio Maroni, Bartica Grove), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, St. George d'Oyapock, Ouanary, Approuague), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Zamora, Sarayacu, Archidona) e do Perú (Iquitos, rio Uca-

yali, Xeberos, Chamicuros, Cosnipata, Yurimaguas), norte da Bolívia (rio Espírito Santo, Yungas de La Paz, Mapirí), Brasil amazônico, incluso o norte de Mato Grosso (e excetuando a porção mais oriental do Pará): rio Solimões (Manacapurú), rio Branco (Forte do Rio Branco, serra da Lua), rio Negro (Manaus), Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, igarapé Boiussú, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Cachoeira), rio Madeira (Calama), lago do Batista, Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Piquiatuba), rio Roosevelt (Carapanã)[1], rio Sepotuba (Tapirapoã).

BRASIL

Amazonas

Parintins (rio Amazonas, marg. direita): ♀, GARBE, abril (1921).

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, CAMARGO, setembro 22 e outubro 7 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 14 (1936); ♀, OLALLA, novembro 16 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 9 ♂♂, OLALLA, dezembro 7, 16, 20, 25, 27 e 28 (1936); 4 ♀♀, OLALLA, dezembro 16 (1936), janeiro 29 e fevereiro 3 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, março 9 e 29 (1937); ♀, OLALLA, março 4 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♀, OLALLA, maio 31 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903); ♀, OLALLA, abril 3 (1935).

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, GARBE, novembro (1920).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, abril 25 (1935).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 26 (1936); ♀, OLALLA, julho 1 (1936).

Thraupis bonariensis bonariensis (Gmelin) [IX, 235]

Sanhaço, Papa-laranja.

Loxia bonariensis GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 850 (com base em "Le noir Souci" de BUFFON): Buenos Aires (*ex* COMMERSON).

Tanagra bonariensis SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 164; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 258.

---

(1) No trabalho da Snra. E. NAUMBURG (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, 1930) lê-se "Carupanan" às pags. 42 e 49; mas à pag. 374, ao inventariar o pássaro, está "Carapanha". O engano é todavia facil de retificar, consultando as publicações do General Rondon (Conferências, Rio de Janeiro, 1916, p. 104).

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy, Salta, Corrientes, Entre Rios, Formosa, Tucumán, Cordoba, Buenos Aires), Uruguay (Montevideo, Flores, Cerro Largo, Maldonado, rio Negro), Paraguay (Puerto Bertoni, Fortin Page), sul da Bolívia (Chuquisaca, Camargo, Valle Grande, Cochabamba), sul extremo do Brasil: Rio Grande do Sul (Mundo Novo, Taquara, Porto Alegre, São José do Norte, Uruguaiana, Itaquí).

ARGENTINA

San Luiz: ♂, perm. do Mus. de La Plata (1899).

BRASIL

Rio Grande do Sul

Taquara do Mundo Novo: ♂ juv. (compr. de v. BERLEPSCH, 1903).
Uruguaiana: 2 ♂ ♂, GARBE, julho (1914).
Itaquí: 3 ♀ ♀, GARBE, agosto (1914).

Gênero **RAMPHOCELUS** Desmarest

Ramphocelus DESMAREST, 1805, Hist. Nat. Tangaras, livr. 1, pl. 28 e texto correspondente. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Tanagra bresilia* LINNAEUS.

Ramphocelus bresilius bresilius (Linnaeus) [IX, 244]

Sangue-de-boi, Tié-piranga, Tapiranga (Baía), *Tié-fogo.*

Tanagra bresilia LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 314 (com base precipuamente em "Tijepiranga" de MARCGRAVE): "*in* India Occidentali & Orientali" *errore* (pátria típica aceita Pernambuco).[1]

Rhamphocoelus brasilius SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 170.

Rhamphocoelus brasilius IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 358, parte.

Distribuição. — Faixa costeira do Brasil médio-oriental: Paraíba, Pernambuco (Recife, Olinda, Catende, São Lourenço, Itamaracá), Baía (Santo Amaro, Aratuípe, Madre de Deus, Belmonte, rio Gongogí).

BRASIL

Pernambuco

Itamaracá: ♀, OLIV. PINTO, janeiro 5 (1939).

Baía

Belmonte: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1919).
Aratuípe: ♂, OLIV. PINTO, novembro 10 (1932); ♀, W. GARBE, novembro 11 (1932).
Rio Gongogí: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 22 (1932).
Madre de Deus: ♂ juv., CAMARGO, janeiro 18 (1933); 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, fevereiro 13 (1942).

(1) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 264 (1935).

Ramphocelus bresilius dorsalis Sclater [IX, 245]

Sangue-de-boi, Tié-sangue, Tié-fogo (São Paulo).

Ramphocelus dorsalis SCLATER, 1855, Proc. Zool. Soc. London, XXII, "1854", p. 97: "in imp. Brasiliensi" (como pátria típica sugiro o Rio de Janeiro).

Rhamphocoelus brasilius SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 170.

Rhamphocoelus brasilius dorsalis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 358.

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil este-meridional: sul extremo da Baía (Caravelas)[1], Espírito Santo (Pau Gigante, Vitória, Santa Isabel, Chaves, Guaraparí, Braço do Sul), Rio de Janeiro (Piraí, Cabo Frio, Sepitiba, rio Macacú, Cantagalo, Petrópolis, Nova Friburgo, Porto Real), leste de São Paulo (Ubatuba, São Sebastião e ilha do mesmo nome, Santos, Cubatão, Itutinga, Casqueirinho, Alecrim, Poço Grande, Raiz da Serra, Iguape, Cananéia, ilha do Cardoso), Paraná (rio do Borrachudo), Santa Catarina (Joinvile).

BRASIL

Baía

Caravelas: ♂, GARBE (1908).

Espirito Santo

Vitória: ♂, Dr. C. BACH, fevereiro (1900).

Pau Gigante: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, GARBE, janeiro (1906); ♂, L. C. FERREIRA, agosto 20 (1940).

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 25 e setembro 5 (1942); ♀, OLALLA, agosto 25 (1942).

Guaraparí: ♂, OLALLA, outubro 17 (1942); ♀, OLALLA, outubro 12 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 1 ♂ e 1 ♂ juv., JOSÉ LIMA, junho 18 (1941).

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 4 ♂ ♂, OLALLA, setembro 11 e 12 (1941); sexo?, OLALLA, setembro 11 (1941).

São Paulo

São Sebastião: ♂, H. PINDER, outubro 14 (1896); 2 ♀ ♀, H. PINDER, setembro 26 e outubro 14 (1896).

Cachoeira: ♀, H. PINDER, agosto 11 (1898).

Santos: sexo ?, J. CONCEIÇÃO, setembro (1902).

Casqueirinho (Cubatão): ♂, F. GUNTHER, outubro 22 (1905).

Raiz da Serra: ♂, C. MAASS, fevereiro (1911).

Alecrim (Iguape): ♀, LIMA, agosto 10 (1925).

---

(1) As duas raças de *Ramphocelus bresilius* fazem-se transição na costa meridional da Baía, devendo referir-se à forma sulina os da porção mais extrema. Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 265 (1935).

Itutinga (Cubatão): 2 ♂ ♂, LIMA, abril 25 (1921) e julho 22 (1923); ♀, LIMA (1923); sexo ?, LIMA, julho 22 (1923).
Cachoeirinha (Cananéia): ♂, CAMARGO, agosto 20 (1934).
Ilha do Cardoso (Cananéia): 1 ♂ e 1 ♀, CAMARGO, agosto 20 (1934); ♂, C. WORONTZOW, agosto 21 (1934); ♀, C. WORONTZOW, agosto 24 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): ♀, CAMARGO, setembro 26 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 10 ♂ ♂, OLALLA, abril 7 e 9, maio 13, 15, 17, 18 e 21 (1940); 6 ♀ ♀, OLALLA, maio 12, 13, 14 e 15 (1940); 3 sexos ?, OLALLA, maio 13, 15 e 17 (1940).
Rio Juquiá: ♂, Barroso Filho, dezembro 16 (1941).

Santa Catarina

S. Francisco do Sul: sexo ?, Dr. GUALBERTO (1899).

Ramphocelus nigrogularis (Spix) [IX, 246]

Tanagra nigrogularis SPIX, 1825, Av. Bras. Spec. Nov., II, p. 35, pl. 47 (= ♂): "ad flumen Solimöens in sylvis pagi St. Pauli" (= São Paulo de Olivença, margem direita do alto Solimões)
Rhamphocoelus nigrogularis SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 171.
Rhamphocelus nigrogularis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Av., p. 359.
Rhamphocoelus nigrigularis SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 449.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (La Morelia), leste do Equador (Sarayacu, rio Napo, rio Suno) e do Perú (Iquitos, Pebas, Sarayacu, rio Ucayali, Moyobamba), Brasil amazônico: rio Solimões (Olivença, Tefé, lago Manaquerí), rio Negro (Manaus), Monte Alegre, Patauá, rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa), rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar, Monte Verde, Ponto Alegre, Hiutanaã), rio Madeira (Borba, Aliança), Cussarí, rio Curuá.

EQUADOR

"Equador": ♂ (compr. de ROLLE, maio 1902).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, outubro 16 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 16 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, novembro 8 e 17 (1936).

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 25 (1935).
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 14 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 10 e 14 (1936).

Ramphocelus carbo carbo (Pallas) [IX, 250]

Pipira de papo vermelho.

Lanius carbo PALLAS, 1764, em VROEG, Catal. Rats. d'Ois., Adumbr., p. 2: Surinam.
Rhamphocoelus jacapa[1] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 174, parte.
Rhamphocelus carbo IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 359.
Rhamphocoelus carbo SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi. VIII, p. 448.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (Florencia, La Morelia), sul da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura), Guiana Inglesa (Roraima, montes Merume, rio Demerara, rio Ituribisci), Guiana Holandesa (prox. de Paramaribo, Albina) e Francesa (Cayenne, St. Jean du Maroni, Oyapock, Approuague, Roche Marie), Brasil oeste-septentrional: rio Solimões (Fonte Boa, Manacapurú), rio Branco (Boa Vista), rio Negro (Marabitanas, Manaus), igarapé Anibá, Itacoatiara, Óbidos, Monte Alegre, igarapé Bravo, igarapé Boiussú, Pataná, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), Amapá, Cunaní, rio Juruá (João Pessoa), rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Calama, Ribeirão, Santa Isabel), rio Tapajoz (Goiana, Arumateua, Boim, Santarem), rio Xingú (Vitória, Forte Ambé), rio Tocantins (Cametá), ilha de Marajó (São Natal), ilha Mexiana, rio Capim, rio Mojú, Belém e região circunjacente (Prata, Providência, Utinga, Peixe Boi, Mocajatuba, Igarapé Assú, Anindeua, Benevides), Maranhão (Turiassú, Miritiba, São Bento, Anil, Barra do Corda, Cocos, São Francisco), Piauí (Brejão, Boa Vista, Santa Filomena, rio Taquarussú), norte de Mato Grosso (rio Roosevelt).

BRASIL

AMAZONAS

Rio Juruá: ♀, GARBE, julho (1902).
Parintins (rio Amazonas, marg. direita): 2 ♂♂, GARBE, abril e junho (1921).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 3 ♂♂, CAMARGO, setembro 24, outubro 4 e 5 (1936); ♀, CAMARGO (1936); sexo?, CAMARGO, setembro 28 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, novembro 11 e 19 (1936); 2 ♀♀, OLALLA, novembro 11 e 30 (1936).

---

(1) *Tanagra jacapa* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12a., I, 313 (com base principal em "Jacapu" de MARCGRAVE, através de BRISSON): nordeste do Brasil.

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda) : sexo ?, juv., CAMARGO, novembro 20 (1936).
Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita) : ♀, CAMARGO, dezembro (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda) : 7 ♂♂, OLALLA, dezembro 8, 16 e 19 (1936), fevereiro 1 e 3 (1937); 6 ♀♀, OLALLA, dezembro 10, 17, 19, 20 e 25 (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda) : 3 ♂♂, OLALLA, dezembro 15 (1936), março 4 e junho 17 (1937); 2 ♀♀, OLALLA, março 11 e junho 5 (1937).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda) : ♂, OLALLA, fevereiro 1 (1937).

Pará

Rio Tocantins: ♂, F. Q. LIMA, janeiro 9 (1918).
Utinga (próx. de Belém) : 2 ♂♂, F. Q. LIMA, janeiro 4 (1921) e janeiro 4 (1926).
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita) : 2 ♂♂, OLALLA, junho 15 (1934) e maio 7 (1935); ♀, OLALLA, junho 15 (1934).
Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda) : ♂, OLALLA, janeiro 23 (1935); ♀, OLALLA, janeiro 2 (1935).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda) : 2 ♂♂, OLALLA, abril 4 e 12 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda) : 2 ♂♂, OLALLA, abril 10 e 21 (1935); ♀ juv., OLALLA, abril 22 (1935).

Maranhão

Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, julho 17 (1906).
Boa Vista: ♀, SCHWANDA, abril 3 (1907).
Miritiba: ♂, SCHWANDA, setembro 16 (1907); ♀, SCHWANDA, novembro 13 (1907).

Ramphocelus carbo centralis Hellmayr [IX, 248]

Ramphocelus carbo centralis HELLMAYR, 1920, Arch. f. Naturges., LXXXV, Abt. A, Heft. 10, p. 26: Água Suja (perto de Bagagem, Minas Gerais).
Rhamphocoelus jacapa SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 174, parte.
Rhamphocelus carbo connectens[1] IHER. & IHERING (*nec* BERLEPSCH & STOLZMANN), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 359, parte.

Distribuição. — Leste do Paraguay (Puerto Bertoni), Brasil este-meridional e central: Baía (São Marcelo, cid. do Salvador, Alagoinhas)[2], Minas Gerais (rio Piracicaba, rio

(1) *Rhamphocelus jacapa connectens* BERLEPSCH & STOLZMANN, 1896, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 344: La Merced (Perú, Chanchamayo).
(2) Não há referência na literatura a outras localidades do estado da Baía, afora as supramencionadas. REISER (cf. Denks. mathem. naturw. Akad. Wissens. Wien, LXXVI), pp. 85 (1910) e 185 (1925), que assinala a ocorrência da espécie num subúrbio de Salvador (Barra), capital do estado, nada informa quanto a *R. bresilius bresilius*, pássaro que é todavia alí muito comum.

Sussuí, Sete Lagoas, rio Jordão, Água Suja), oeste de São Paulo (Salto Grande, rio das Pedras, Batatais, Baurú, Jaboticabal, Olímpia, Barretos, Ituverava, Vanuire, Lins), Paraná (Jacarèzinho), Mato Grosso (Engenho do Gama, Vila Maria, Tapirapoã, Juruena, Melgaço, Chapada, Cuiabá, rio São Lourenço, Rondonópolis, Coxim, Cáceres, Corumbá, Urucum, Descalvados, Piraputanga, Salobra, Miranda, Aquidauana, Campo Grande), Goiaz (Leopoldina[1], Jaraguá, Veadeiros, Inhumas).

BRASIL

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): 4 ♂♂, OLALLA, agosto 19, 20, 23 e 31 (1940).

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♀, OLALLA, setembro 16 (1940).

São Paulo

Jaboticabal: ♂, LIMA, outubro 17 (1900); ♀, LIMA, setembro 26 (1900).

Baurú: ♂, GARBE (1901).

Rio Grande (Barretos): ♂, GARBE, maio (1904).

Lontra (rio Feio): ♂, F. GÜNTHER, setembro 8 (1905).

Ituverava: ♂ juv., LIMA, maio (1911).

Lins: sexo ?, LIMA, maio 25 (1914).

Olímpia: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1916).

Vanuire: 1 ♂ juv. e 1 ♀, LIMA, agosto 16 (1928); ♀, LIMA, agosto 27 (1928).

Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂, JOSÉ LIMA, março 27 (1940)

Barra do Rio Dourados (Lins): 2 ♂♂, OLALLA, janeiro 25 e fevereiro 4 (1941)

Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 28 (1941).

Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 12 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 16 (1941).

Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 28 (1942)..

Paraná

Jacarèzinho: ♂, EHRHARDT (1901).

Mato Grosso

Chapada: ♂, perm. Mus. Nacional (1900); ♂, OLIV. PINTO, setembro 30 (1937).

Corumbá: ♂, GARBE, setembro (1917).

São Luiz de Cáceres: ♀, GARBE, novembro (1917)

Faz. Monte Verde (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 26 (1930).

Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 3 (1930); ♂ juv., LIMA, setembro 15 (1930).

---

(1) Dous ♂♂ de Leopoldina (margem direita do alto Araguaia), estudados por HELLMAYR (Cat. Birds of Americas, IX, p. 253, nota 1), divergem inteiramente, visto que "one is an ultratypical *carbo* while the other might just as well be refered to *centralis*". Referi-los à última raca parece o mais razoavel, uma vez que, como reconhece aquele mesmo ornitologista, "individual specimens may occur that are not certainly distinguishable from *R. c. carbo*" (op. cit. p. 248, nota 3).

Aquidauana: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1931).
Rondonópolis: ♂, JOSÉ LIMA (1937).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 12 (1937); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 10 (1937).
Salobra: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, julho 21 (1939); ♂, C. VIEIRA, julho 25 (1939); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 19 (1941).
Faz. Viramão (Campo Grande): ♂, MARIO LIMA, julho 27 (1939); 2 ♀ ♀, MARIO LIMA, julho 27 (1939); ♀, JOSÉ LIMA, julho 28 (1939).
Córrego do Paredão (rio Paraná): ♀, OLIV. PINTO, novembro 11 (1939).

Goiaz

Ponte Ipê Arcado: ♂, DREHER, abril 12 (1904).
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 4 (1934); ♂, OLIV. PINTO, setembro 12 (1934); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, agosto 27 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. GARBE, novembro 11 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, novembro 17 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): 3 ♂ ♂, W. GARBE, maio 2 (1940), maio 22 e junho 1 (1941); 2 ♀ ♀, W. GARBE, maio 27 (1940) e maio 18 (1941); sexo ?, juv., W. GARBE, maio 18 (1941).

Gênero PIRANGA Vieillot

Piranga VIEILLOT, 1807, Hist. Nat. Ois. Amér. Sept., I, p. IV. Tipo por monotipia, *Muscicapa rubra* LINNAEUS, 1766 (= *Fringilla rubra* LINN., 1758).

Piranga rubra rubra (Linnaeus) [IX, 271]

Fringilla rubra LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 181 (com base em "The Summer Red-Bird" de CATESBY): "Carolina and Virginia" (=Carolina do Sul).

Pyranga aestiva[1] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 182.

Distribuição. — Centro e sul dos Estados Unidos (Nebraska, Iowa, Wisconsin, Indiana, Ohio, Maryland, Illinois, Tenessee, Carolina, Florida, baixa California), México (México, Yucatan, Vera Cruz, Tampico) e, como imigrante, América Central (Guatemala, Costarica, Nicaragua, Panamá), Colômbia (Alto Bonito, Puerto Valdivia, Honda, Buena Vista, El Consuelo, Boqueron), Venezuela (Caracas, Colon, Loma Redonda), Trinidad, Guiana Inglesa (Roraima), Equador (Zamora, Esmeraldas, Sabanilla, rio Suno, San José, Baeza, Oyacachi), Perú (Chanchamayo, Huachipa, Chinchao, Tambillo, Urubamba), com ocorrências acidentais na Bolívia (San An-

---

(1) *Tanagra aestiva* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 889 (com base em "The Summer Red-Bird" de CATESBY).

tonio, Yungas) e na Amazônia brasileira: rio Uaupés (Jauaretê)[1], rio Madeira (Aliança)[2].

ESTADOS UNIDOS

Parkersburg (Illinois): ♂, perm. do United States National Museum (1903).

HONDURAS

"Honduras": ♂ (compr. de SCHLÜTER, maio 1902).

COLÔMBIA

"Colombia": ♀ (compr. de SCHLÜTER, maio 1902).

VENEZUELA

Mérida: ♂ juv., S. B. GABALDÓN, nov. 11 (1897).

BRASIL

Amazonas

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂ CAMARGO. dezembro (1936).

Piranga flava[3] saira (Spix) [IX, 276]

Sanhaço de fogo, Canário do mato.

Tanagra saira SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 35, pl. 48, fig. 1 (descr. da ♀ tomada por ♂): nenhuma indicação de localidade (Caxias, no Piauí, pátria típica proposta por HELLMAYR)[4].

Pyranga saira SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 185; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 449.

Piranga saira IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 359.

Distribuição. — Brasil septentrional e central: Pará (Monte Alegre, serra de Ereré, Santarém), Maranhão (Tranqueira, Cocos, Alto Parnaíba), Piauí (Gilboez, Santa Maria, Santa Filomena, Bandeira), oeste da Baía (São Marcelo), Minas Gerais (Pirapora, Barbacena, Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo, Água Suja, Maria da Fé) e região adjacente do Rio de Janeiro (serra do Itatiaia), São Paulo (Campos do Jordão, Ipanema, Campinas, Franca, Batatais, Itararé), Paraná (Castro, Curitiba, Porcos de Riva, Jaguaraíba, Pitanguí, Vera Gua-

BRASIL

Minas Gerais

Pirapora: 2 ♂♂, GARBE, abril e maio (1912): ♀, GARBE, maio (1912).

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 18 (1936); ♂ juv., OLIV. PINTO, janeiro 20 (1936).

---

(1) Cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 534 (1937).
(2) Cf. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, p. 274 (1910).
(3) *Saltator flavus* VIEILLOT, 1822, Tabl. Encycl. Méth., Orn., II, livr. 91., p. 790 (com base em AZARA, N. 87): Paraguay.
(4) Cf. Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 282, nota 2 (1929).

raní), Rio Grande do Sul (Pelotas, linha Pirajá), Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Campo Grande, Aquidauana, Urucum, Porto Faia), Goiaz (cid. de Goiaz, Filadelfia, rio das Almas)[1]

BRASIL

São Paulo

Batatais: ♀, LIMA, dezembro 9 (1900).
Cristais (Franca): ♂, OTTO DREHER, abril 9 (1903).
Itararé: 2 ♂♂, GARBE, maio e junho (1903); 2 ♀♀, GARBE, maio e junho (1903).
Campos do Jordão: ♂, H. LÜDERWALDT, janeiro 11 (1906).

Paraná

Faz. Monte Alegre (Castro): 3 ♂♂, GARBE, agosto (1907) e junho (1914); 2 ♀♀, GARBE, agosto (1907) e junho (1914).

Mato Grosso

Porto Faia: ♀, GARBE, outubro (1904).
Campo Grande: 3 ♂♂, JOSÉ LIMA, julho 19, 22 e 26 (1930); ♀, JOSÉ LIMA, julho 26 (1930); ♀, LIMA, julho 26 (1930).
Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 4 (1931).
Rio Cristalino: ♂, Bandeira Anhanguera, agosto 25 (1937).

Piranga flava macconnelli Chubb [IX, 277]

Piranga saira macconnelli CHUBB, 1921, Ann. Magaz. Nat. Hist., 9a. ser., VIII, p. 446: montes do alto Takutu (Guiana Inglesa).

Distribuição. — Sul da Guiana Inglesa (Quonga, Annai, montes Takutu) e região adjacente do extremo norte do Brasil: rio Branco (Boa Vista, serra da Lua).

Gênero CYANICTERUS Bonaparte

Cyanicterus BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I, (1), p. 240. Tipo, por monotipia *Pyranga cyanictera* VIEILLOT.

Cyanicterus cyanicterus (Vieillot) [IX, 295]

Pyranga cyanictera VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVIII, p. 290: "l'Amérique méridionale" (= Cayenne, pátria típica sugerida por BERLEPSCH).[2]
Cyanicterus venustus[3] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 193.
Cyanicterus cyanicterus SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 449.

---

(1) São escassas as referências sobre a espécie no estado de Goiaz, onde deveria ser, todavia, bastante difundida. Pela minha excursão ao rio das Almas, vi-a apenas uma vez nos campos da Fazenda Formiga, situada próximo à confluência do córrego do mesmo nome, afluente do rio das Almas.

(2) Cf. Novit. Zool., XV, p. 116 (1908).

(3) *Cyanicterus venustus* BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I (1), p. 240 (nome novo para *Pyranga cyanictera* VIEILLOT).

Distribuição. — Guianas Inglesa (montes Merumé, rio Mazaruni, rio Bonasika), Holandesa e Francesa (Cayenne), Brasil norte-amazônico: rio Negro ("Casuaria Grande")[1].

Gênero **ORTHOGONYS** Strickland

Orthogonys STRICKLAND, 1844, Ann. Magaz. Nat. Hist., XIII, p. 421. Tipo, por designação original, *Tanagra viridis* SPIX (= *Tachyphonus chloricterus* VIEILLOT).

Orthogonys chloricterus (Vieillot) [IX, 296]

Catirumbava (Juquiá).

Tachyphonus chloricterus VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXII, p. 360: "Brésil" (= arredores da cidade do Rio de Janeiro, col. DELALANDE).

Orthogonys viridis[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 194.

Orthogonys chloricterus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 360.

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil este-meridional: Espírito Santo (Braço do Sul, Chaves), Rio de Janeiro (serra do Itatiaia, Nova Friburgo), leste de São Paulo (Iguape, São Sebastião, Ubatuba, Juquiá, Alto da Serra), Paraná, Santa Catarina (Joinvile, Blumenau), ? Rio Grande do Sul ("Pelotas").

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 23 e 26 (1942); ♀, OLALLA, setembro 1 (1942).

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE, julho 22 (1897).

São Sebastião: ♂, H. PINDER, agosto 1 (1900); ♀, F. GÜNTHER, dezembro 5 (1905).

Ubatuba: 2 ♂ ♂, GARBE, abril e maio (1905); ♀, GARBE, março (1905); sexo ?, GARBE, abril (1905).

Alto da Serra: ♂, LIMA, agosto 26 (1904); ♀, LIMA, julho 15 (1906).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 15 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, maio 15 e 17 (1940); sexo ?, OLALLA, maio 20 (1940); sexo?, OLIV. PINTO, maio (1940).

Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 25 e 28 (1941); sexo ?, OLALLA, agosto 28 (1941).

Serra de Caraguatatuba: 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 24 e 25 (1941).

---

(1) Localidade (?) próxima de Manaus, referida por SCLATER (cf. Bull. Brit. Orn. Cl., XIV, p. 31, 1903).

(2) *Tanagra viridis* SPIX, 1825, Av. Bras. Spec. Nov., II, p. 36, pl. 48, fig. 2: "in provincia Rio de Janeiro."

Gênero HABIA Blyth

Habia BLYTH, 1840, em Animal Kingdom de CUVIER, p. 184. Tipo, por designação subsequente de OBERHOLSER (1922)[1], *Tanagra flammiceps* TEMM.[2] (= *Saltator rubicus* VIEILL.).

Habia rubica rubica (Vieillot) [IX. 300]

Tié da mata, Tié do mato grosso

Saltator rubicus VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 107 (com base em AZARA, n. 85 "Había roxiza"): Paraguay.
Phoenicothraupis[3] *rubica* SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 196, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 360, parte.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Sapucay, Alto Paraná), Brasil este-meridional: Espírito Santo (rio Doce, rio S. José, Pau Gigante, Chaves), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, Sepitiba, Registro do Saí), leste de Minas (Ressaquinha, Teófilo Otoni, rio Doce, rio Sussuí, rio Piracicaba, São José da Lagoa), São Paulo (Cananéia, Iguape, Juquiá, serra da Cantareira, Ipanema, Itú, Piracicaba, São Bento de Araraquara, rio Mogí-Guassú, rio Feio, Jaboticabal, Baurú, Ituverava, Valparaiso), Paraná (Cândido de Abreu, Salto de Ubá, Salto do Cobre, Porto Mendes), Santa Catarina (Joinvile, Laguna), Rio Grande do Sul (Taquara, Arroio Grande), sudeste de Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba).

BRASIL

Espírito Santo

Rio Doce: ♂, GARBE, abril (1906).
Pau Gigante: ♂, E. G. HOLT, agosto 16 (1940); ♀, GARBE, janeiro (1906).
Rio São José: ♂, OLIV. PINTO, setembro 20 (1942); ♀, OLALLA, setembro 22 (1942).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLIV. PINTO, agosto 21 (1942); ♀, OLIV. PINTO, agosto 24 (1942); ♀, OLALLA, agosto 21 (1942); sexo ?, OLALLA, setembro 1 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 28 (1941).

Minas Gerais

Teófilo Otoni: ♀, GARBE (1908).
Barra do Piracicaba (rio Doce): sexo ?, OLALLA, agosto 19 (1940).

---

(1) Cf. Proc. Biol. Soc. Wash., XXXV, p. 80.
(2) *Tanagra flammiceps* TEMMINCK (*ex* WIED manuscr.), 1823, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 177: "Brésil" (= vizinhança da cidade do Rio de Janeiro, *teste* HELLMAYR).
(3) *Phoenicothraupis* CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 24. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Saltator rubicus* VIEILLOT.

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 3 ♂♂, 2 ♂♂ jvs. e 2 ♀♀, OLALLA, setembro 20 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 18 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, setembro 30 (1940).

São Paulo

Rio das Pedras: ♂, J. ZECH, agosto 10 (1897).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, julho 5 (1899).
Rio Mogí-Guassú: ♀, HEMPEL, setembro 20 (1899).
Jaboticabal: ♀, LIMA, outubro 8 (1900).
Baurú (rio Feio): ♀, GARBE (1901).
Rio Feio: ♂, F. GÜNTHER, outubro 8 (1905).
Ituverava: ♂, GARBE, junho (1911).
Vanuire (pto. de Glicério): ♂, LIMA, agosto 21 (1928).
Valparaizo: ♀, LIMA, junho 15 (1931).
Serra da Cantareira: ♀, OLIV. PINTO, junho 10 (1934).
Tabatinguera (Cananéia): ♂, CAMARGO, outubro 6 (1934); ♀, CAMARGO, setembro 21 (1934).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 3 ♂♂, OLALLA, maio 13 e 20 (1940); ♀, OLALLA, maio 13 (1940); ♀, OLIV. PINTO, maio 14 (1940).
Serra de Caraguatatuba: sexo ?, OLIV. PINTO, setembro 24 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♀, E. DENTE, outubro 22 (1941).

Mato Grosso

Sant'Ana do Paranaíba: ♂, LIMA, julho 21 (1931).

Habia rubica bahiae Hellmayr[1] [IX, 301]

Habia rubica bahiae HELLMAYR, 1936, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., vol. XIII (Catal. Birds of the Americas), parte IX, p. 300: "Bahia".

Phoenicothraupis rubica SCLATER (*nec* VIEILLOT), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 196, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 360, parte.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: sul da Baía (rio Jucurucú).

BRASIL

Baía

Cachoeira Grande (rio Jucurucú): ♂, OLIV. PINTO, março 20 (1933).

---

(1) Bem fracamente caracterizada se me afigura esta raça geográfica, a julgar pelo único exemplar que possuo a ela atribuível, um ♂ adulto, por mim próprio colecionado na Cachoeira Grande do rio Jucurucú. Pelo colorido é difícil distinguí-lo de alguns do leste de Minas (rio Doce): mede, porém, 100 mil. de asa, 92 de cauda e 16 1/2 de culmen, de acordo com o que informa HELLMAYR, sobre as dimensões levemente avantajadas da nova raça. O exemplar de Teófilo Otoni talvez devesse ser referido à raça baiana; sendo porem ♀, é impossível decidí-lo.

Habia rubica peruviana (Taczanowski) [IX 303]

Phoenicothraupis peruvianus Taczanowski, 1884, Orn. Pérou, II, p. 498: Chyavetas, Chamicuros, Yurimaguas (localidade típica) e Monterico.
Phoenicothraupis rhodinolaema Sclater (*nec* Salvin & Godman)[1], 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 199, parte.
Phoenicothraupis rubra Iher. & Ihering (*nec* Vieillot)[2], 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 360.
Phoenicothraupis rubra peruviana Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 361; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 450.

Distribuição. — Leste do Perú (Chamicuros, Yurimaguas, Xeberos, Chyavetas, Puerto Bermudez) e Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas até a marg. esquerda do rio Tapajoz: rio Solimões (Tefé), rio Juruá (São Felipe) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Cachoeira), rio Madeira (Borba, Calama, Humaitá), rio Guaporé (Engenho do Gama), rio Tapajoz (Boim, Vila Braga).

Brasil

Amazonas

Rio Juruá: ♀, Garbe, junho (1902).
Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, Olalla, agosto 27 (1935).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂♂, Olalla, novembro 14 e 19 (1936); ♂ juv., Olalla, novembro 1 (1936).

Pará

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, Olalla, março 20 (1937).

Habia rubica hesterna Griscom & Greenway

Habia rubica hesterna Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXI, p. 437: Patauá (baixo Tapajoz, margem direita).

Distribuição. — Brasil septentrional, ao sul da porção mais baixa do rio Amazonas: margem direita do rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba), rio Jamauchim (Santa Helena, Tucunaré).

---

(1) *Phoenicothraupis rhodinolaema* Salvin & Godman, 1883, Biol. Centr.-Amer., Aves, I, p. 300: Sarayacu (leste do Equador). Cf. C. E. Hellmayr, Novit. Zool., XIV, p. 44 (1907), onde foram apontadas as diferenças entre *H. rubica peruviana* e *H. r. rhodinolaema*.

(2) *Tachyphonus ruber* Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXII, p. 352: Trinidad.

Gênero LANIO Vieillot

Lanio VIEILLOT, 1816, Analyse Nouv. Orn. Élément., p. 40. Tipo, por designação original, "Tangara mordoré, BUFFON" (= *Tangara fulva* BODDAERT).

Lanio fulvus (Boddaert) [IX, 316]

Tangara fulva BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 50 (com base em DAUBENTON, "Tangara jaune à tête noire de Cayenne", Pl. enlum. 809, fig. 2): Cayenne (Guiana Francesa).

Lanio atricapillus[1] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 204; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 451.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá") e do Equador (rio Napo, rio Suno, Zamora, Sarayacu), Guianas Inglesa (rios Mazaruni, Atapuraw, Supenaam, Ituribisci, Carimang, montes Merumé, Bartica Grove), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas: rio Solimões (Codajaz), igarapé Anibá rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira).

BRASIL

Amazonas

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, agosto 16 e 20 (1935).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 28 (1936); ♀, OLALLA, junho 26 (1936).

Lanio versicolor versicolor (Lafresnaye & d'Orbigny) [XI, 317]

Tachyphonus versicolor LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 28: Yuracares (Bolívia).

Lanio versicolor SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 204; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 450.

Distribuição. — Sudeste do Perú (alto Ucayali, Monterico, Cosnipata, Marcapata, Huachipa, Carabaya), norte da Bolívia (Yuracares, San Mateo), Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas: rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande), rio Madeira (Humaitá, Aliança), noroeste de Mato Grosso (rio Jamarí)[2].

---

(1) *Tanagra atricapilla* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 899 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 809, fig. 2). Veja-se sôbre a nomenclatura da espécie MATHEWS & IREDALE, Austr. Av. Rec., III, p. 47 (1915).

(2) Exemplar do Mus. Nacional do Rio de Janeiro (exped. Rondon), examinado pelo autor.

Brasil

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂♂, Olalla, dezembro 8 (1936) e janeiro 28 (1937).

Igarapé Grande (alto Juruá): 2 ♂♂, Olalla, janeiro 6 e 10 (1937); ♀, Olalla, janeiro 14 (1937).

Lanio versicolor parvus Berlepsch [IX, 318]

Lanio versicolor parvus Berlepsch, 1912, Verh. V. Intern. Orn. Kongr. Berlin, pp. 1073 e 1140: Santa Elena (rio Jamauchim); Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 451.

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita do baixo Amazonas: rio Tapajoz (Santarém, Taperinha[1], Caxiricatuba), rio Jamauchim (Santa Helena), rio Tocantins (Arumateua).

Brasil

Pará

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, Olalla, janeiro 15 (1937).

Gênero TACHYPHONUS Vieillot

Tachyphonus Vieillot, 1816, Analyse d'une Nouvelle Ornith. Élément., p. 33. Tipo, por monotipia, "Tangara noir" de Buffon (= *Tangara rufa* Boddaert).

Tachyphonus rufus (Boddaert) [IX, 322]

Pipira preta (Pará).

Tangara rufa Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44 (com base em "Le Tangaroux de Cayenne" de Daubenton, Pl. enlum. 711): Cayenne (Guiana Francesa).

Tachyphonus melaleucus[2] Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 296.

Tachyphonus rufus Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil.. Av., p. 361; Snethlage, 1914, Bol Mus. Goeldi, VIII, p. 452.

Distribuição. — Sul da América Central (leste de Costa Rica, Panamá), norte e oeste da Colômbia (Santa Marta, rio Cauca, rio Sucio, Bucaramanga, Andalucia), Venezuela (Cara-

---

(1) Pátria típica de *Lanio versicolor fimbriatus* Miranda Ribeiro, 1927 (Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, III, N.º 2, p. 11). É uma fazenda, muito próxima de Santarém.

(2) *Oriolus melaleucus* Sparrman, 1787, Mus. Carlson., fasc. 2, pl. 31: Surinam. Sparrman descreve pela primeira vez o ♂ da espécie, já denominada por Boddaert, com base na descrição e estampa da ♀, fornecidas por Daubenton.

cas, rio Orenoco, ria Caura, rio Chama), ilhas Trinidad e Tobago, Guianas Inglesa, Holandesa e Francesa (Cayenne, Roche Marie), centro e sudeste do Perú (alto Marañon, Urubamba, Huayabamba), norte da Argentina (Chaco, Formosa, Corrientes, Misiones), Paraguay (Lambaré, Puerto Pinasco, rio Pilcomayo), Brasil este-septentrional e central: baixo Tapajoz, rio Tocantins (Arumateua), rio Guamá (Ourém), rio Capim, rio Mojú, distrito este-paraense (Belém, Castanhal, Peixe-Boi, Benevides), Maranhão (Miritiba, São Bento, Turiassú, Tranqueira), Piauí (Apertada Hora, Santa Filomena, Terezina, União, São Gonçalino), Ceará (Várzea Formosa), Paraíba, Pernambuco (Recife, Caxangá, Garanhuns, Tapera, Itamaracá), Baía (Salvador, Curupeba, Bonfim,[1] Macaco Seco), Minas Gerais (São Domingos), oeste de São Paulo (Lins, rio Dourado, Araçatuba, Valparaizo, Itapura), Goiaz (cidade de Goiaz, rio dos Pilões, rio Uruú, rio Araguaia, rio São Miguel, rio das Almas, rio Meia Ponte), Mato Grosso (Engenho do Gama, Tapirapoã, Cuiabá, Chapada, Coxim, Piraputanga, Salobra).

COLÔMBIA

Cauca: ♂, RICHARDSON, janeiro 18 (1911); ♀, RICHARDSON, março 30 (1911).
Huila: ♂, LEO E. MILLER, maio 11 (1912).

BRASIL

Pará

"Para": ♂, F. Q. LIMA, fevereiro (1927).

Pernambuco

Tapera: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 23 (1938).
Itamaracá: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, dezembro 29 (1938) e janeiro 2 (1939); 2 ♀♀, OLIV. PINTO, dezembro 29 (1938) e janeiro 4 (1939).

Baía

"Bahia": 1 ♂ juv. e 1 ♀ (compr. de SCHLÜTER, 1898).
Vila Nova (= Bonfim): 2 ♂♂, GARBE, maio e junho (1908); 2 ♀♀, GARBE, junho (1908).
Curupeba: ♂, W. GARBE, fevereiro 22 (1933).
Madre de Deus: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, janeiro 22 (1942).

São Paulo

Itapura: 2 ♂♂, GARBE, setembro (1904).
Valparaizo: ♀, HEITOR SERAPIÃO, dezembro 19 (1931).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂, JOSÉ LIMA, março 26 (1940).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): 2 ♂♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, abril 13 (1940).

---

(1) Bonfim, antiga Vila Nova da Rainha. Pátria típica de *Tachyphonus rufus subulirostris* PINTO, 1935 (Rev. Mus. Paul., XIX, p. 268), de que não consegui mais exemplares para confirmar a validez da raça.

Barra do rio Dourado: sexo ?, OLALLA, fevereiro 4 (1941).
Faz. Varjão (Lins): sexo ?, OLALLA, fevereiro 9 (1941).
Lins: sexo ?, OLALLA, junho 6 (1941).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 9 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, OLIV. PINTO, outubro 16 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, OLIV. PINTO, novembro 12 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, abril 18 (1940); ♀, W. GARBE, junho 10 (1941).

Mato Grosso

Chapada: 2 ♂♂, H. H. SMITH, maio 17 e setembro 5 (1883); ♀, H. H. SMITH, julho 3 (1883).
São Luiz de Cáceres: ♂, GARBE, novembro (1917).
Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 9 (1930).
Três Lagoas: ♀, JOSÉ LIMA, julho 14 (1931).
Sant'Ana do Paranaíba: ♂, LIMA, julho 19 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 18 (1937).
Rondonópolis: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 27 (1937).
Faz. Maravilha (Cuiabá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 13 (1937).

Tachyphonus coronatus (Vieillot) [IX, 326]

Tié preto, Azulão, Gurundí (S. Paulo).

Aglaius coronatus VIEILLOT, 1822, Tabl. Encycl. Méthod., Orn. II, p. 711 (com base em AZARA, n.º 77, "Tordo de bosque coronado y negro"): Paraguay.
Tachyphonus coronatus SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 213; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 363.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), sudeste do Brasil: Espírito Santo (Braço do Sul, Chaves), leste de Minas Gerais (baixo Piracicaba, São José da Lagoa, Vargem Alegre, Santa Fé, Lagoa Santa, Sete Lagoas), Rio de Janeiro (Corcovado, Cantagalo, Nova Friburgo, Terezópolis, serra do Itatiaia, Registro do Saí, Porto Real), São Paulo (Iguape, Cananéia, ilha dos Alcatrazes, Cubatão, Juquiá, serra do Mar, Ipiranga, Mogí das Cruzes, Ipanema, São Miguel Arcanjo, Monte Alegre, Piracicaba, Itararé, Franca, Valparaizo, Glicério, Araçatuba), Paraná (Terezina, Guarapuava, Cândido de Abreu, Marechal Mallet, São Domingos, Vermelho, rio Iguassú, Vera Guaraní), Santa Catarina (Joinvile, Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Arroio Grande, Linha Pirajá), sul de Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba, Urucúm).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLIV. PINTO, agosto 29 (1942); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 31 e setembro 2 (1942); sexo ?, OLALLA, agosto 26 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, junho 24 e 26 (1941); ♂ juv., JOSÉ LIMA, junho 28 (1941); 3 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, junho 18, 20 e 28 (1941).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 22 (1940); ♂, W. GARBE, agosto 27 (1940); ♀, OLALLA, agosto 30 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 1 (1940).

São Paulo

Piquete: ♂, J. ZECH, setembro (1896); ♀, J. ZECH, outubro (1896).

Rio das Pedras: ♂, J. ZECH, agosto 11 (1897).

Iguape: ♀, R. KRONE (1898).

Franca: ♂, DREHER, agosto 6 (1902).

Itararé: 2 ♂ ♂, GARBE, julho (1903); ♀, GARBE, maio (1903).

Alto da Serra: ♂, LIMA, agosto 12 (1899); ♀, LIMA, julho (1904).

Raiz da Serra: ♂, C. MAASS, fevereiro (1911).

Ilha dos Alcatrazes: 2 ♂ ♂, PINTO DA FONSECA, outubro 9 e 14 (1920); ♀, PINTO DA FONSECA, outubro 16 (1920).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, agosto 5 (1923) e maio 30 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, abril 3 (1941).

Itutinga (Cubatão): ♂, LIMA, julho 23 (1925).

Alecrim (Iguape): ♂, LIMA, agosto 10 (1925).

Cubatão: ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 27 (1927).

Glicério: 2 ♂ ♂, LIMA, julho 29 (1928).

Vanuire: 4 ♂ ♂, LIMA, agosto 16, 25 e 29 (1928).

São Miguel Arcanjo: ♂, LIMA, setembro 5 (1929).

Valparaizo: 2 ♂ ♂, LIMA, junho 19 e julho 5 (1931).

Mogi das Cruzes: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, março 20 (1933); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 31 e março 13 (1933).

Tabatinguara (Cananéia): 4 ♂ ♂, CAMARGO, setembro 22, 25 e 26, outubro 1 (1934).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 18 (1940); ♂, OLIV. PINTO, maio 21 (1940).

Embura: 2 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 20 e 24 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 16 e 25 (1940).

Serra da Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): sexo ?, OLALLA, agosto 23 (1941).

Serra de Caraguatatuba: 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 25 (1941); ♂, OLIV. PINTO, setembro 24 (1941).

Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 9 (1941); ♂, E. DENTE, outubro 22 (1941).

Rio Juquiá: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 14 e 16 (1941).

Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, julho 23 (1942); ♀, JOSÉ LIMA, julho 30 (1942).

Paraná

Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, GARBE, agosto (1907).

Rio Grande do Sul
  Nova Wurttemberg: ♂, Garbe, fevereiro (1915).
Mato Grosso
  Sant'Ana do Paranaíba: ♀, Lima, julho 19 (1931).
  Faz. Viramãe (Campo Grande): ♂ ♀, José Lima, julho 27 (1939).

Tachyphonus cristatus cristatus (Linnaeus) [IX, 327]
Tié-galo.

Tanagra cristata Linnaeus, 1766, Syst. Nat., I, p. 317 (com base em "Le Tangara noir huppé de Cayenne" de Brisson, Orn. VI, Suplem., p. 65): Cayenne (Guiana Francesa).
Tachyphonus cristatus Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 210, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 362.
Tachyphonus cristatus cristatellus [1] Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 453.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá"), sul da Venezuela (rio Orenoco, rio Caura), Guiana Francesa (Cayenne, Saint Laurent du Maroni), leste do Equador (Sarayacu, rio Suno, rio Zamora), nordeste do Perú (Iquitos, rio Tigre, Loretoyacu, Pebas), Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas: rio Uaupés (Taracuá, Jauaretê), rio Negro (Marabitanas, Barcelos, Guia), rio Atabaní, igarapé Anibá, rio Jamundá (Faro). Óbidos.

Brasil
 Amazonas
  Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, junho 24 (1936); 2 ♀ ♀, Olalla, abril 23 e 24 (1937).
  Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): 1 ♂ e 1 ♀, Camargo, dezembro (1936).
  Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): 2 ♂ ♂, Camargo, dezembro 16 (1936).
  Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♀ ♀, Olalla, julho 14 e 18 (1937).

Tachyphonus cristatus madeirae Hellmayr [IX, 330]

Tachyphonus cristatus madeirae Hellmayr, 1910, Novit. Zool. XVII, p. 277: Calama (rio Madeira, margem. direita).
?*Tachyphonus cristatus* Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 210, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 362, parte.

Distribuição. — Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas, até o norte de Mato Grosso: ? rio Solimões (Ega), rio Madeira (Borba, Calama, Humaitá), rio Guaporé (Engenho do Gama), rio Roosevelt (Barão de Melgaço), rio Ta-

---

(1) *Tachyphonus cristatellus* Sclater, 1862, Cat. Coll. Amer. Bds., p. 86: "New Grenada" (= Bogotá).

pajoz (Santarém. Iroçanga, Boim, Vila Braga, Coatá. Caxiricatuba. Piquiatuba. Maraí, Santarém)[1].

BRASIL

Pará

Maraí (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, fevereiro 9 (1934).

Prainha (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLLALA, fevereiro 23 (1934).

Iroçanga (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, abril 9 (1934).

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 15 (1934).

Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, julho 4 (1936).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, março 19 (1937).

Tachyphonus cristatus brunneus (Spix) [IX. 331]

Tié-galo.

Tanagra brunnea SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 37, pl. 43, fig. 2: "in provincia Rio de Janeiro".

Tachyphonus cristatus subsp. *brasiliensis* SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 211.

Tachyphonus cristatus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 362, parte.

Tachyphonus cristatus brunneus IHER. & IHERING, op. cit., p. 362; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 453.

(1) Não disponho de exemplares topotípicos de *Tachyphonus cristatus madeirae*; mas a descrição e os apontamentos críticos de HELLMAYR nenhuma dúvida deixam quanto a que devam referir-se àquela raça as aves de ambas as margens do rio Tapajoz. Cinco exemplares adultos, de Iroçanga (margem esquerda), Maraí, Piquiatuba e Santarém (marg. direita), perfeitamente semelhantes entre si, distinguem-se ao primeiro relance da numerosa série do Brasil oriental (Baía a São Paulo) pelo colorido vermelho sanguíneo do topete, que só na parte frontal é orlado de amarelo creme. No que respeita porém ao comprimento das penas do topete, eles se aproximam decididamente de *T. c. brunneus*. Todavia, os ♂♂ do Tapajoz têm o topete bem mais desenvolvido do que os da forma típica (representada por espécimes do alto rio Negro e margem esquerda do baixo Amazonas), ocupando neste particular posição intermédia entre estes últimos e os de leste do Brasil, não obstante se aproximarem muito mais destes do que daqueles. A nódoa da garganta é grande e decididamente ocrácea, como descreve HELLMAYR. Não será pois grande surpresa que estudos ulteriores conduzam a admitir na margem direita do baixo Amazonas uma raça particular, concordante com *T. c. madeirae* na coloração e com *T. c. brunneus* no desenvolvimento do topete. Assim provavelmente poderia explicar-se que GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 329), utilizando material semelhante ao que possuo, chegassem, todavia, a conclusões divergentes das minhas. As aves "from the left bank of the rio Tapajoz are indistinguishable from Santarem and Pará series", sentenciam aqueles autores, referindo-as por conseguinte todas a *T. c. brunneus*.

Distribuição. — Brasil septentrional (ao sul do baixo Amazonas) e oriental: rio Jamauchim (Santa Helena), rio Tocantins (Cametá, Baião), ilhas do delta (Marajó), leste do Pará (Belém, Providência, Val de Cans, Peixe-Boi, Ipitinga, Utinga, Igarapé Assú, Benevides, rio Acará), Maranhão (Turiassú, Jutaí), Pernambuco (São Lourenço), Baía (rio Gongogí), Espírito Santo (Pau Gigante, rio Doce, rio S. José, Porto Cachoeiro, Guaraparí), leste de Minas (rio Doce, barra do Sussuí, rio Matipoó, baixo Piracicaba), Rio de Janeiro (Sepitiba, praia do Saí, Porto Real, serra dos Orgãos, Cantagalo, Nova Friburgo), litoral de São Paulo (Iguape, Cananéia, Cubatão, Ubatuba, rio Juquiá).

Brasil

Baía

"Bahia": ♂ juv., compr. de Sclüter (1898).
Rio Gongogí: ♂, W. Garbe, dezembro 15 (1932).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, novembro (1905).
Rio Doce: ♂, Garbe, julho (1906); ♀, Garbe, março (1906).
Pau Gigante: ♂, E. G. Holt, setembro 7 (1940); ♀, Gentil Dutra, setembro 27 (1940).
Rio São José: ♀, Olalla, setembro 15 (1942).
Guaraparí: ♂, Olalla, outubro 17 (1942); ♂, Oliv. Pinto, outubro 16 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): 3 ♀♀, José Lima, junho 21 e 28 (1941).

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♂, Pinto da Fonseca, junho 20 (1919).
Rio Sacramento (alto rio Doce, marg. direita): ♀, Pinto da Fonseca, julho 17 (1919).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, Oliv. Pinto, agosto 22 (1940); ♂ juv., Oliv. Pinto, agosto 21 (1940); 2 ♂♂, Olalla, agosto 19 e 22 (1940); ♀, W. Garbe, agosto 26 (1940); sexo ?, Olalla, agosto 21 (1940).
Rio Doce: 2 ♂♂, Olalla, setembro 2 e 6 (1940); ♀, W. Garbe, setembro 6 (1940); sexo ?, Olalla, setembro 4 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 4 ♂♂, Olalla, setembro 14 e 17 (1940); ♀, W. Garbe, setembro 11 (1940); 2 ♀♀, Olalla, agosto 17 e 20 (1940); ♀, Oliv. Pinto, setembro 17 (1940).

São Paulo

Iguape: 1 ♂ e 1 ♀, R. Krone, março 3 (1898).
Ubatuba: 2 ♂♂, Garbe, março e abril (1905); ♂ juv., Garbe, março (1905); ♀, Garbe, abril (1905).
Itutinga (Cubatão): ♂, Lima, julho 21 (1923).
Tabatinguara (Cananéia): 2 ♂♂, Camargo, outubro (1934); ♀, Camargo, outubro 10 (1934).
Rio Juquiá: ♂, Olalla, maio 18 (1940).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 16 (1940); ♀, OLALLA, maio 17 (1940); 2 sexos ?, OLALLA, maio 16 e 19 (1940).
Serra de Caraguatatuba: ♂, OLALLA, setembro 24 (1941).

Tachyphonus nattereri Pelzeln [IX. 332]

Tachyphonus nattereri PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, pp. 214 e 328: "Villa Maria" (local. típica), hoje São Luiz de Cáceres (margem esquerda do alto Paraguai, estado de Mato Grosso) e Salto do Girau (rio Guaporé); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 213.

Distribuição. — Brasil centro-ocidental: rio Guaporé (Salto do Girau), alto rio Paraguai (São Luiz de Cáceres).

Tachyphonus surinamus surinamus (Linnaeus) [IX. 333]

Turdus surinamus LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 297 (com base em "Le Merle de Surinam" de BRISSON, Orn., VI, Supl., p. 46): Surinam.

Tachyphonus surinamus SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 211, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 362, pte.; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 454.

Distribuição. — Venezuela (rio Caura, delta do Orenoco), Guianas Inglesa (Bartica Grove, montes Merumé, Camacusa, rio Caramang, rio Atapuraw, rio Tiger, rio Ituribisci), Holandesa (Surinam, Paramaribo, Lelydorp, Javaweg) e Francesa (Cayenne, Ipousin, St. Jean du Maroni), regiões adjacentes do Brasil septentrional, até a margem esquerda do baixo Amazonas (Manaus, igarapé Anibá, rio Atabaní, Óbidos).

BRASIL
Amazonas
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, junho 24 (1936).
Rio Atabani (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, junho 16 e julho 14 (1937).

Tachyphonus surinamus insignis Hellmayr[1] [IX. 334]

Tem-tem. Pipira.

Tachyphonus surinamus insignis HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 257: Benfica (perto de Belém do Pará); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 363; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 211.
Tachyphonus surinamus SCLATER (nec LINNAEUS), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 211, parte.

---

(1) Bem tênues são os caracteres desta raça; os pássaros a ela atribuídos, mormente os da região de Belém, assemelham-se excessivamente aos da margem septentrional do baixo Amazonas, filiados à forma típica.

Distribuição. — Margem direita do baixo Amazonas e distrito este-paraense: porção baixa do Madeira (Borba), do Tapajoz (Caxiricatuba, Santarém) e do Tocantins (Cametá), rio Macujubim, rio Acará (Ipitinga) e todo distrito este-paraense (Belém, Utinga, Peixe-Boi, Prata, Igarapé Assú, Anindeua, Santa Isabel, Apeú, Benevides).

BRASIL

Pará

Utinga (próx. de Belém): ♂, F. Q. LIMA, janeiro 4 (1921).

"Pará": sexo ?, perm. United States National Museum, dezembro (1928).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, março 24 (1937).

Tachyphonus surinamus brevipes Lafresnaye [IX, 334]

Tachyphonus brevipes LAFRESNAYE, 1846, Rev. Zool., IX, p. 206: "Bogotá" (Colômbia)[1].

Tachyphonus surinamus subsp. *napensis*[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 212.

Tachyphonus surinamus IHER. & IHERING (*nec* LINNAEUS), 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 362, parte.

Distribuição. — Leste da Colômbia (La Morelia, Villavicencio) e do Equador (rio Napo, rio Sant'ago, rio Suno, Sarayacu, rio Coca), norte e leste do Perú (Iquitos, Xeberos, Chyavetas, Moyobamba, Puerto Bermudez), Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Solimões: alto rio Negro (Marabitanas, São Gabriel, Guia), rio Içana, rio Uaupés (Jauaretê), margem esquerda do Solimões (Codajaz).

COLÔMBIA

"Bogotá": ♂ (compr. de v. BERLEPSCH, janeiro 1905).

BRASIL

Amazonas

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, julho 25 (1935); ♀, OLALLA, junho 28 (1935).

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): 3 ♂♂, CAMARGO, novembro 25 e 26 (1936).

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): 2 ♂♂, CAMARGO, dezembro 14 (1936); sexo ?, CAMARGO, dezembro (1936).

---

(1) "Bogotá" significa indicação vaga e imprecisa, outrora habitualmente lançada nos rótulos dos exemplares procedentes do leste da Colômbia e exportados por aquela cidade.

(2) *Tachyphonus napensis* LAWRENCE, 1864, Ann. Lyc. Nat. Hist. New York, VIII, p. 42: rio Napo (leste do Equador).

Tachyphonus surinamus saturatus Pinto[1]

Tachyphonus surinamus saturatus PINTO, 1941, Papéis Avulsos do Depart. de Zool., I, pp. 209-212: João Pessoa (rio Juruá, estado do Amazonas).

Tachyphonus surinamus subsp. *napensis* SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 312, parte.

Distribuição. — Extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Solimões: Tefé, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, novembro 3, 9 e 11 (1936); 2 ♀♀, OLALLA, novembro 4 e 11 (1936).

Tachyphonus metallactus Oberholser [IX, 336]

Tachyphonus metallactus OBERHOLSER, 1919, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXII, p. 240 — nome novo, em lugar de *Tanagra rufiventer* SPIX, 1825 (não *Tanagra rufiventris* VIEILLOT, 1819), Av. Bras. Spec. Nov., II, p. 37, pl. 50, fig. 1: "in sylvis Parae" (localidade típica, escolhida por HELLMAYR, São Paulo de Olivença, na margem direita do alto Solimões)[2].

Tachyphonus rufiventris SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 218.

Tachyphonus rufiventer IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 363.

Distribuição. — Leste do Perú (rio Ucayali, Sarayacu, rio Javarí, Chamicuros, Poyugo, La Merced, Cosnipata, Yahuarmayo, Chyavetas, Yurimaguas, Carabaya, Urubamba), norte da

---

(1) Os exemplares do rio Juruá (João Pessoa) e seu afluente Eirú (Santa Cruz), pelo colorido intenso, antes ferruginoso que ocráceo, da crista e do uropígio, diferem ao primeiro lance de olhos dos da margem septentrional do Solimões e alto rio Negro, provando tratar-se de raça geográfica perfeitamente caracterizada. Segundo se depreende de uma nota de HELLMAYR (Novit. Zool., XIV, 1907, p. 15), as aves de Tefé devem arrolar-se sob a nova forma, cuja área geográfica seria ao norte naturalmente separada da de *T. s. brevipes* pelo rio Solimões. Na sinonímia de *Tachyphonus surinamus saturatus* deve incluir-se *T. surinamus* [illegible] GYLDENSTOLPE (Ark. f. Zool., XXXIII, n.º 12, p. 2) cuja data não pode ser anterior a 28 de maio de 1941, ao passo que o fascículo em que aparece o primeiro, datado de 9, começou a distribuir-se dentro da primeira quinzena do referido mês.

(2) HELLMAYR (Catal. Birds Americas, IX, p. 336), tomando certamente "Pará" por Belém do Pará, como fazem de hábito os autores europeus, supôs errônea a indicação de procedência, evidentemente vaga, fornecida por SPIX. Convém todavia lembrar que o viajante deveria ter-se referido não à cidade, mas à província do mesmo nome, da qual só em 1852 se desmembrara a do Amazonas.

Bolívia (Nairapi), extremo noroeste do Brasil, ao sul do rio Solimões (Olivença).

Perú

"Perú": sexo ? (compr. de Rosenberg, 1905).
Poyugo: [illegible] (compr. de Rosenberg, 1909).

Tachyphonus phoenicius Swainson [IX, 335]

Tachyphonus phoenicius Swainson, 1837, Anim. in Menager., p. 311: "Fernando Pó"[1] *errore* (Cayenne, localidade típica aceita por Berlepsch e Hellmayr).

Tachyphonus phoenicius Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 208; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 361; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 452.

Distribuição. — Sul da Venezuela (rio Guainia, monte Duida), Guianas Inglesa (monte Roraima, montes Merumé, rio Abary), Holandesa e Francesa (Cayenne), leste do Perú (Xeberos) e Brasil Amazônico: rio Madeira (Borba), rio Tapajoz (Boim), norte de Mato Grosso (Vilhena, nas cabeceiras do Gi-Paraná).

Guiana Inglesa

"Guiana Inglesa": [illegible] (compr. de Rosenberg, 1906).

Tachyphonus luctuosus luctuosus Lafresnaye & d'Orbigny [IX, 337]

Tachyphonus luctuosus Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 29: Guarayos (Bolivia); Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 208, parte; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 361, pte.; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 452.

Distribuição. — Leste da Colômbia (La Morelia), Venezuela (Cumaná, rio Orenoco, rio Caura), Trinidad, Guiana Inglesa (rio Ituribisci, Bartica Grove, Supenaam), Guiana Holandesa (Surinam), leste do Equador (Quijos, rio Napo, rio Suno) e do Perú (rio Ucayali), norte e leste da Bolívia (Guarayos, Yuracares, rio San Mateo), Brasil amazônico (incluso o norte de Mato Grosso e o oeste de Goiaz) e alto rio Paraguai: rio Solimões (Codajaz), rio Branco (serra da Lua, Conceição), rio Atabaní, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, igarapé Boiussú, lago Cuipeva, Patauá, rio Maicurú, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Juruá e rio Eirú (Santa

---

(1) Ilha do Golfo de Guiné, na costa ocidental da África.

Cruz), rio Purús (Bom Lugar, Monte Verde), rio Madeira (Borba, Humaitá, Calama, Aliança, Salto do Girau), rio Gi-Paraná (Maruins), rio Guaporé (Engenho do Gama), rio Roosevelt (zonas das Corredeiras), alto rio Paraguai (Vila Maria), Parintins, rio Tapajoz (Vila Braga, Itaituba, Santarém, Diamantina), rio Jamauchim (Santa Helena), rio Tocantins (Arumateua), rio Guamá (São Miguel), sudoeste de Goiaz (Portão de Pilatos)[1].

EQUADOR

"Equador": ♂ (compr. de SCHLÜTER, maio 1902).

BRASIL

Amazonas

Parintins (rio Amazonas, marg. direita): 2 ♂♂, GARBE, abril e maio (1921).

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLALLA, agosto 28 (1935).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, outubro 28 e 29 (1936); ♀, OLALLA, outubro 25 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 12 ♂♂, OLALLA, fevereiro 15, marco 11 e 16, abril 5, 7 e 30, maio 31 e junho 3 (1937); 9 ♀♀, OLALLA, marco 3, 5, 11, 17 e 31, maio 26 e 31, junho 3 e 5 (1937); sexo ?, OLALLA, marco 31 (1937).

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, junho 21 (1937).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, GARBE, dezembro (1920).

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, janeiro 18, 19 e 25 (1935); ♀, OLALLA, janeiro 3 (1935).

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 10 (1935).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, abril 12 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 23 (1935).

Gênero EUCOMETIS Sclater

Eucometis SCLATER, Proc. Zool. Soc. Lond., XXIV, p. 117, — nome novo para *Comarophagus* BONAPARTE, 1851 (antecrupado por *Comarophagus* BOIE, 1826), Comptes Rendus Acad. Sci. Paris, XXXII, p. 81. Tipo por designação subsequente de GRAY (1855), *Tanagra penicillata* SPIX.

---

(1) Localidade ("pouso no sertão") visitada por NATTERER (novembro 26, 1823) no seu trajeto de Goiaz a Cuiabá, pouco além do rio Araguaia. Nenhuma referência há da espécie em latitude tão meridional.

(2) *Comarophagus* BOIE, 1826, Isis, p. 974. Tipo, *Oriolus leucopterus* "LATHAM", isto é, GMELIN (= *Tangara rufa* BODDAERT).

Eucometis penicillata penicillata (Spix) [IX, 347]

Tanagra penicillata SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 36, pl. 49, fig. 1: nenhuma localidade indicada (pátria típica Fonte Boa, na margem direita do rio Solimões, sugerida por BERLEPSCH)[1].

Eucometis penicillata SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 217; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 363; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 455.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia ("Bogotá), Guianas Inglesa (rio Abary), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), leste do Equador (rio Napo, rio Suno) e do Perú (alto Ucayali, Santa Cruz do Huallaga, Pebas, Iquitos), Brasil amazônico: rio Solimões (Codajaz, rio Branco, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Patauá, rio Juruá (João Pessoa, Santa Cruz), rio Purús (lago Mberuri), rio Madeira (Borba, Calama, Humaitá), Parintins, Cussarí, rio Curuá, rio Tocantins (Cametá, boca do Manapirí), ilha Mexiana (Fazenda Nazaré), rio Guamá (Sta. Maria do São Miguel), rio Acará (Ipitinga), Belém, Quatipurú, norte do Maranhão (Turiassú).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 2 ♂♂, GARBE, março e dezembro (1902); ♀, GARBE, dezembro 13 (1902).

Parintins (rio Amazonas, marg. direita): sexo ?, GARBE, abril (1921).

Lago Mberuri (rio Purús): ♂, OLALLA, setembro 15 (1935).

Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, julho 11 e agosto 29 (1935).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 6 ♂♂, OLALLA, outubro 25 e 29, novembro 9, 11, 19 e 25 (1936); 9 ♀♀, OLALLA, outubro 22, 26, 29 e 30, novembro 11, 14, 19 e 29 (1936); 3 sexo ?, OLALLA, outubro 27, novembro 16 e 30 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 8 ♂♂, OLALLA, dezembro 8, 16 e 19 (1936), janeiro 26, 28 e 31, fevereiro 2 e 3 (1937); 4 ♀♀, OLALLA, outubro 13, dezembro 28 (1936), janeiro 26 e fevereiro 5 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, março 8 (1937).

Rio Urubú (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, maio 13 (1937).

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, janeiro 25 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 4 ♂♂, OLALLA, dezembro 17 e 22 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 22 (1936).

---

(1) Cf. H. BERLEPSCH, Novit. Zool., XV, p. 117 (1908).

Eucometis penicillata albicollis (Lafresnaye & d'Orbigny)
[IX, 348]

Pyranga albicollis LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syst. Av., I in Mag. Zool., VII, cl. 2, p. 33: Chiquitos (Bolívia).
Eucometis albicollis SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 217.
Eucometis penicillata albicollis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 364.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos, Guarayos, Santa Cruz de la Sierra), extremo norte do Paraguay (rio Apa) e Brasil centro-ocidental: Mato Grosso (Engenho do Gama, Vila Maria, Cuiabá, Chapada, Lavrinhas, Sangrador, Salobra), Goiaz (cidade de Goiaz, Jaraguá, Inhumas), extremo oeste de São Paulo (Itapura).

BRASIL
São Paulo
Itapura: ♂, GARBE, agosto (1904); ♀, GARBE, setembro (1904).
Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 28 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 23 (1934); ♂, OLIV. PINTO, novembro 8 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, novembro 6 (1934).
Mato Grosso
São Luiz de Cáceres: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1917).
Cuiabá: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 9 (1937).
Salobra: 1 ♂ e 1 sexo ?, JOSÉ LIMA, julho 23 (1939).

Gênero TRICHOTHRAUPIS Cabanis

Trichothraupis CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 23. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Tachyphonus quadricolor* VIEILLOT, 1819 (= *Muscicapa melanops* VIEILLOT, 1818).

Trichothraupis melanops (Vieillot) [IX, 362]
Tié-de-topete (São Paulo).

Muscicapa melanops VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXI, p. 452 (com base em AZARA, n.º 101, "Lindo pardo corpete amarillo"): Paraguay.
Trichothraupis quadricolor[1] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 220.
Trichothraupis melanops IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 364.

(1) *Tachyphonus quadricolor* VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXII, p. 352: "Brésil". Sobre o pássaro e sua nomenclatura, vejam-se BERLEPSCH (Zeitschr. Gesam. Orn., II, 1885, p. 120; Journ. f. Orn., XXXV, p. 1136) e HELLMAYR (Abh. K. Bayer. Akad. Wiss., II Kl., XXII, 1906, p. 673).

Distribuição. — Sudeste do Perú (depart. de Junin e San Martin), leste da Bolívia (Santa Cruz, Buena Vista), Paraguay (Sapucay, Alto Paraná, Bernalcué, Pirapó, Tebicuarí), norte da Argentina (Misiones), Brasil meridional e este-meridional: sul da Baía (Conquista, Giboia, Barra da Vereda), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio das Velhas, São José da Lagoa), Espírito Santo (Vitória, Engenheiro Reeve, Chaves, serra do Caparaó), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo, Macaé, Petrópolis, Colônia Alpina, serra do Itatiaia, Registro do Saí), São Paulo (Cananéia, Poço Grande, ilha São Sebastião, Alto da Serra, serra de Bananal, serra de Caraguatatuba, Ipiranga, serra da Cantareira, Ipanema, Cemitério, Monte Alegre, Piracicaba, Campinas, São Bento de Araraquara, Silvânia, Itararé, Bebedouro, rio Tietê, rio Feio Baurú, Glicério, Valparaizo, Porto Cabral, Presidente Epitácio), Paraná (Castro, Jacarèzinho, Cândido de Abreu, Terezina, Cara Pintada, Salto de Ubá, Vermelho), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Taquara, Nova Wurttemberg), sul de Mato Grosso (Piraputanga, Coxim).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂♂, OLIV. PINTO, agosto 28 e setembro 3 (1942): ♀, OLALLA, agosto 22 (1942).

Minas Gerais

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 5 (1940); 4 ♀♀, OLALLA, setembro 30 e outubro 3 (1940); ♀, OLIV. PINTO, outubro 2 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 27 (1940).

São Paulo

Tietê: ♀, H. PINDER, abril 15 (1897).
Rio das Pedras (Piracicaba): 2 sexos ?, J. ZECH, agosto 12 (1897).
Itatiba: ♂, LIMA, junhc (1898).
São Sebastião: ♀, H. PINDER, julho 13 (1900); ♀, F. GÜN-
Baurú: ♂, GARBE (1901); ♀ ?, F. GÜNTHER, junho 7 (1905).
Itararé: 2 ♂♂, GARBE, maio (1903); ♀, GARBE, abril (1903).
Bebedouro: ♂, GARBE, abril (1904).
Alto da Serra: ♂, LIMA, agosto (1904); 3 ♀♀, LIMA, julho (1904), agosto 25 (1904), abril 22 (1906); sexo ?, LIMA, agosto (1904).
Rio Feio: ♀, F. GÜNTHER, junho 30 (1905).
Caneã (rio Feio): 2 ♂♂, F. GÜNTHER, agosto 14 e 26 (1905).
THER, janeiro 5 (1906).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): sexo ?, JOSÉ LIMA (1925 ?).
Presidente Epitácio: ♀, LIMA, julho (1926).
Vanuire: ♂, LIMA, agosto 16 (1928); ♀, LIMA, agosto 25 (1928).
Valparaizo: 2 ♂♂, OLIV. PINTC, junho 20 e 26 (1931); ♀ ?, LIMA, julho 2 (1931).

Serra da Cantareira: ♂, PINTO DA FONSECA, junho 1 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): 2 ♂♂, CAMARGO, outubro 1 e 10 (1934); sexo ?, CAMARGO, outubro 10 (1934).
Cananéia: ♂, CAMARGO, outubro 10 (1934).
Silvânia: 2 ♀♀, OLIV. PINTO, janeiro (1931) e dezembro 21 (1937).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, abril 7 (1940); ♂, OLIV. PINTO, maio 18 (1940); 2 ♀♀, OLALLA, maio 13 e 15 (1940); 2 sexos ?, OLALLA, maio 15 (1940); ♀, OLIV. PINTO, maio 17 (1940).
Lins: ♂, OLALLA, maio 15 (1941); ♀, OLALLA, maio 14 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 25 (1941); 2 ♀♀, OLALLA, agosto 24 e 26 (1941).
Serra de Caraguatatuba: sexo ?, OLALLA, setembro 25 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, E. DENTE, outubro 26 (1941); 3 ♂♂, JOSÉ LIMA, outubro 17, 21 e 27 (1941).
Boracéia: ♀, E. DENTE, setembro 7 (1942).
Monte Alegre: ♂ juv., JOSÉ LIMA, janeiro 19 (1943); ♂ ?, JOSÉ LIMA, fevereiro 15 (1943); 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, maio 13 (1943).

Paraná
Jacarèzinho: ♀, W. EHRHARDT, março 27 (1901).
Castro: ♂, GARBE, setembro (1907); ♀, GARBE, maio (1914).

Rio Grande do Sul
Nova Wurttemberg: ♂, GARBE, março (1915); ♀, GARBE, janeiro (1915).

Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, junho 25 (1941).

Mato Grosso
Faz. Recreio (Coxim): ♀, OLIV. PINTO, agosto 5 (1937).

Gênero CYPSNAGRA Lesson

Cypsnagra LESSON, 1831, Traité d'Ornithol., p. 460. Tipo, por monotípia, *Tanagra hirundinacea* LESSON.

Cypsnagra hirundinacea hirundinacea (Lesson) [IX, 365]

Tanagra hirundinacea LESSON, 1831, Traité d'Orn., p. 460: "Brésil" (para pátria típica proponho Franca, no norte de São Paulo)[1].
Cypsnagra ruficollis[2] SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 221, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 364.

---

(1) O tipo, existente no Museu de Paris, foi colecionado por AUGUSTE SAINT HILAIRE, em virtude do que se propôs para pátria da espécie "São Paulo", que por demasiado extensiva, sugiro restringir-se, aceitando como tal Franca, localidade em que estacionara o viajante naturalista francês em fins de setembro de 1819, e onde a ocorrência da ave é documentada pela coleção do "Museu Paulista".
(2) *Tanagra ruficollis* LICHTENSTEIN, 1823 (*nec* GMELIN, 1789), Verz. Doubl. Berliner Mus., p. 30: São Paulo.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos), norte extremo do Paraguay (rio Apa), Brasil centro-ocidental e meridional: Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Três Lagoas, Porto Faia), Goiaz (cidade de Goiaz, faz. Esperança, rio das Almas, Veadeiros), Minas Gerais (Água Suja, Monte Alegre, Lagoa Santa, Sete Lagoas, Paracatú), Baía (Caravelas)[1], São Paulo (Orissanga, Cemitério, Itararé, Itú, Sorocaba, Retiro, São Bento de Araraquara, Franca, Piracicaba, Itapetininga, rio Feio, Itapura).

BRASIL

São Paulo

Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904).
Franca: ♂, GARBE, setembro (1910).
Itapetininga: sexo ?, LIMA (1926-?)

Goiaz

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, outubro 3 (1934); ♀ ?, W. GARBE, outubro 4 (1934).

Mato Grosso

Porto Faia: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1904).
Três Lagoas: ♀, JOSÉ LIMA, julho 17 (1931); sexo ?, LIMA, julho (1931).
Chapada: ♂, OLIV. PINTO, outubro 3 (1937); ♀, OLIV. PINTO, setembro 27 (1937).

Cypsnagra hirundinacea pallidigula Hellmayr [IX, 366]

Cypsnagra hirundinacea pallidigula HELLMAYR, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 350: Humaitá (margem esquerda do alto Madeira).

Cypsnagra ruficollis SCLATER (*nec* LICHTENSTEIN), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 221, parte.

Distribuição. — Brasil centro-septentrional: sul do Maranhão (Codó, Canela, Barra do Corda, alto Parnaíba) e do Piauí (Gilboez), Ceará, norte da Baía[2], norte de Goiaz (Filadélfia), norte de Mato Grosso (Campos Novos)[3].

---

(1) Caravelas, no extremo sul da Baía, de cujas vizinhanças remeteu WUCHERER um exemplar, é nesse estado a única localidade precisamente conhecida.

(2) Não se conhecem exemplares da Baía, com indicação exata de procedência. Entretanto, assevera o Dr. HELLMAYR ter examinado dois da col. do Conde BERLEPSCH, com as características inconfundíveis das preparações da Baía. Cf. Catal. Bds. Amers., IX, p. 367, nota 1.

(3) Há transição entre as duas raças em larga faixa do norte de Mato Grosso. Na coleção sob exame, os exemplares de Chapada têm a garganta decididamente mais descorada que quaisquer outros.

Gênero PYRRHOCOMA Cabanis

Pyrrhocoma CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 138. Tipo, por designação subseqüente (GRAY, 1855), *Tachyphonus ruficeps* STRICKLAND.

Pyrrhocoma ruficeps (Strickland) [IX, 367]

Pioró (São Paulo), *Cabecinha castanha* (Rio G. do Sul).

Tachyphonus ruficeps STRICKLAND, 1844, Ann. Magaz. Nat. Hist., XIII, p. 419: procedência ignorada (como pátria típica provável, sugiro Rio de Janeiro).

Pyrrhocoma ruficeps SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 222; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 379.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), leste do Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay), Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Terezópolis, Nova Friburgo, serra do Itatiaia), São Paulo (Ipanema, Itararé, Salto Grande, Piquete, Piracicaba, rio Feio), Paraná (Jacarèzinho, Vera Guaraní, Cândido de Abreu, Banhados), Rio Grande do Sul (Santo Ângelo, Taquara).

BRASIL

São Paulo

Piquete: ♂, J. ZECH, dezembro (1896).
Itararé: ♂ juv., GARBE, julho (1903).
Salto Grande do Paranapanema: ♂ juv., HEMPEL, agosto (1903).
Rio Feio: ♀, F. GÜNTHER, junho 24 (1905).

Paraná

Jacarezinho: ♂, EHRHARDT, março (1901).
Castro: ♂, GARBE, junho (1914).

Gênero NEMOSIA Vieillot

Nemosia VIEILLOT, 1816, Analyse d'une Nouv. Orn. Élément., p. 32. Tipo, por monotipia, "Tangara à coiffe noire, de Cayenne" de BUFFON (= *Tanagra pileata* BODDAERT).

Nemosia pileata pileata (Boddaert) [IX, 368]

Tanagra pileata BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 45 (com base em BUFFON e DAUBENTON, Pl. enlum. 720, fig. 2): Cayenne.

Nemosia pileata SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 223, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 364, pte.; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 456.

Distribuição. — Venezuela (Caracas, Carabobo), Guianas Inglesa (rio Abary, rio Ituribisci, montes Takutu), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne). Brasil amazônico e este-septentrional: rio Branco (Forte do Rio Branco), Manacapurú, Itacoatiara, Ereré, Monte Alegre, Arumanduba, rio Juruá (Santa Cruz do Eirú), rio Purús (Bom Lugar, Monte Verde), rio Madeira (Marmelos), rio Tapajoz (Santarém), rio Curuá do Sul, rio Tocantins (Arumateua), ilha de Marajó (São Natal, rio Ararí, Livramento), ilha Mexiana, Cajutuba, Maranhão (Miritiba, ilha Mangunça, Côcos), Piauí (Burití, Bandeira, Casteliano, Ibiapaba), Ceará (Juá), Pernambuco (Estância, Cabo, Tapera, Itamaracá), Baía (rio Preto, rio Grande, Carnaíba, Soledade, Joazeiro, Vila Nova, rio do Peixe, Santo Amaro, Madre de Deus, Curupeba).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, CAMARGO, setembro 28 e outubro 3 (1936); ♀, CAMARGO, setembro 28 (1936); ♀ ?, CAMARGO, outubro 22 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): sexo ?, OLALLA, novembro 23 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂♂, OLALLA, março 16, 24 e 30, abril 8 (1937); ♀, OLALLA, março 16 (1937); sexo ?, OLALLA, novembro 23 (1936).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♀, OLALLA, dezembro 15 (1936).

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 23 (1938).

Itamaracá: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 4 (1939); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 5 (1939).

Baía

"Bahia": 1 ♂ e 1 ♀ (compr. de SCHLÜTER, 1898).

Vila Nova (Bomfim): ♀, GARBE, junho (1908).

Joazeiro: 2 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1907).

Curupeba: ♀, OLIV. PINTO, fevereiro 24 (1933).

Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 15 (1942); ♀, W. GARBE, janeiro 11 (1933); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 17 (1933).

Nemosia pileata paraguayensis Chubb[1] [IX, 370]

Nemosia pileata paraguayensis CHUBB, 1910, Ibis, 9.ª ser., IV, p. 623: Sapucay.

---

(1) São assaz precárias as bases desta raça, cuja principal, senão única característica está no maior tamanho, em média. É inegavel que, de modo geral as medidas acusadas pelos ♂♂ das diferentes populações brasileiras da espécie diminuem do norte para o sul, osci-

Nemosia pileata SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 223, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brasil., Av., p. 364, pte.

Distribuição. — Norte da Argentina (Salta), Paraguay (Sapucay, Lambaré, Bernalcué, Assunción, Trinidad), leste da Bolívia (Chiquitos, Santa Cruz, Cochabamba), Brasil centro-ocidental e meridional: Mato Grosso (Cáceres, Cuiabá, Chapada, Coxim, Corumbá, Urucúm, Salobra), Goiaz (rio Araguaia, Inhumas), Minas Gerais (Pirapora, Paracatú, Mocambo, rio Matipoó, rio Piracicaba, São José da Lagoa), Espírito Santo (rio Doce, Pau Gigante, Guaraparí), oeste de São Paulo (Franca, Itapura).

BRASIL

Espírito Santo

Rio Doce: ♂, GARBE, março (1906); ♀, GARBE, outubro (1906).

Pau Gigante: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, janeiro (1906); ♀, E. G. HOLT, setembro 4 (1940).

Guaraparí: ♂, OLIV PINTO, outubro 19 (1942).

Minas Gerais

Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita); ♂, PINTO DA FONSECA (1920).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, W. GARBE, agosto 19 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, setembro 27 (1940).

São Paulo

Itapura: 1 ♂ e 2 ♀ ♀, GARBE, setembro (1904).

Franca: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, janeiro (1911).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, W. GARBE, novembro 12 (1934).

Mato Grosso

São Luiz de Cáceres: 2 ♂ ♂, GARBE, novembro e dezembro (1917); ♀, GARBE, novembro (1917).

Faz. Recreio (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 10 (1937).

Cuiabá: ♀, OLIV. PINTO, setembro 22 (1937).

Chapada: ♀, JOSÉ LIMA, outubro 1 (1937).

Salobra: 4 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 20, 21, 25 e 27 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 27 (1941).

---

lando de ordinário abaixo de 70 mils. nas aves da Amazônia e acima deste número nas do Brasil este-meridional e central. O discrime das áreas das duas raças geográficas é, todavia, tanto mais arbitrário quanto nas zonas intermédias, como a Baía, encontram-se quase lado a lado os valores extremos. Veja-se a propósito a tabela que incluí em meu relatório de excursão àquele estado (cf. Rev. Mus. Paul., XIX, p. 267-71, 1935) em aditamento às fornecidas por HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, 1929, p. 286) e NAUMBURG (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, 1930, p. 381).

Gênero HEMITHRAUPIS Cabanis

Hemithraupis CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 21. Tipo, por designação original, *Hylophilus ruficeps* WIED.

Hemithraupis ruficapilla ruficapilla (Vieillot) [IX, 372]

Nemosia ruficapilla VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXII, p. 493: "apporté du Brésil par M. DE LALANDE fils" (= arredores da cidade do Rio de Janeiro); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 225; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 365, parte.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Espírito Santo (Vitória, Chaves), Rio de Janeiro (Cabo Frio, Cantagalo, Nova Friburgo, Sepitiba), Minas Gerais (barra do Sussuí, baixo Piracicaba, Lagoa Santa), São Paulo (Iguape, São Sebastião, Ubatuba, São Miguel Arcanjo, Ipanema, Franca), Paraná (Roça Nova), Santa Catarina (Joinvile, Colônia Hansa).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 26 (1942).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): 1 ♂ e 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 22 (1940).

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLALLA, setembro 20 (1940); ♀, OLALLA, setembro 19 (1940).

São Paulo

Iguape: ♂, R. KRONE (1898 ?); ♀, R. KRONE, abril 1 (1898).

Franca: ♂, DREHER, agosto 2 (1902).

Cidade de São Paulo: ♀, A. FERRAGINI, novembro (1902).

Ubatuba: ♂ juv., GARBE, maio (1905).

São Miguel Arcanjo: ♀, LIMA, setembro 5 (1929).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): 2 sexos ?, OLALLA, maio 19 e 21 (1940).

Hemithraupis ruficapilla ruficeps (Wied) [IX, 373]

Hylophilus ruficeps WIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 725, parte: "in Sertong der Provinz Bahia".

Nemosia ruficapilla IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 365, parte.

Distribuição. — Brasil médio-oriental (interior da Baía)[1].

---

(1) Não há indicações precisas de procedência para os exemplares desta raça, referidos pela literatura. Os do príncipe de WIED, devem provir, com toda probabilidade, da região interior da Baía, não distante de Conquista.

Hemithraupis guira guira (Linnaeus) [IX, 374]

Motacilla guira LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 335 (com base em "Guiraguacuberaba" de MARCGRAVE): nordeste do Brasil (pátria típica Pernambuco, escolhida por BERLEPSCH).

Nemosia guira SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 224, parte; IHERING & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 365, pte.

Distribuição. — Norte extremo da Argentina (Jujuy, Tucumán), Paraguay (Puerto Pinasco), leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos, San Mateo, Todos os Santos), Brasil septentrional e central: rio Tocantins (Cametá, Baião, Arumateua, ilha Pirunúm), rio Mojú, Utinga, rio Capím, Maranhão (Côcos, Turiassú), Piauí (Terezina, Ibiapaba, Casteliano, Burití), oeste e norte da Baía (rio Preto, Santa Rita, Vila Nova), Espírito Santo (Chaves), oeste de Minas Gerais (Água Suja) e São Paulo (Avanhandava, São Jerônimo, rio Feio, Lins, Valparaizo, Salto Grande, Itararé, rio Paraná), Goiaz (rio das Almas, Inhumas, Filadélfia), Mato Grosso (serra Azul, Campo Grande, Miranda, Salobra, Urucúm, Coxim, Rondonópolis, Chapada).

BRASIL

Baía

Vila Nova (= Bonfim): 2 ♂♂, GARBE, maio e junho (1908); ♀, GARBE, abril (1908).

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 26 (1942).

São Paulo

Itararé: ♂ juv., GARBE, julho (1903).
São Jerônimo (Avanhandava): ♂ juv., GARBE, novembro (1903); 3 ♀♀, GARBE, novembro (1903) e fevereiro (1904).
Rio Feio: ♂ juv., F. GÜNTHER, junho 29 (1905); ♂ juv., GARBE, setembro 20 (1905).
Presidente Epitácio: 2 ♀♀, LIMA, junho 7 e 15 (1926).
Valparaizo: ♂, LIMA, julho 7 (1931); ♀, LIMA, junho 17 (1931).
Lins: ♀, OLALLA, janeiro 22 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 3 (1941).

Goiaz

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 20 (1934); ♀, OLIV. PINTO, outubro 14 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. GARBE, outubro 31 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, maio 14 (1941).

Mato Grosso

Campo Grande: ♂, LIMA, junho 13 (1930).
Coxim: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, junho 22 (1930).
Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 21, 25 e 28 (1941).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 6 (1937).
Rondonópolis: ♂, OLIV. PINTO, agosto 26 (1937).

Lagoa da serra Azul: ♀ ?, Bandeira Anhanguera, setembro 6 (1937).
Chapada: ♂, OLIV. PINTO, outubro 6 (1937).
Salobra: 4 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 21, 25 e 28 (1941).

Hemithraupis guira fosteri (Sharpe)[1] [IX, 373]

Nemosia fosteri SHARPE, 1905, Bull. Brit. Orn. Cl., XV, p. 96: Sapucay (Paraguay).

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Sapucay, Puerto Bertoni), sul extremo do Brasil: Rio Grande do Sul (Nova Wurttemberg).

BRASIL
Rio Grande do Sul
Nova Wurttemberg: ♂, GARBE, março (1915).

Hemithraupis guira nigrigula (Boddaert) [IX, 376]
Pintasilgo (Pará).

Tanagra nigrigula BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 45 (com base em "Tangara olive à gorge noire, de Cayenne" de BUFFON e DAUBENTON, pl. enlum. 720, fig. 1): Cayenne.
Nemosia guira SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 224, parte; IHERING & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 365, parte.
Hemithraupis guira nigrigula SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 456, parte.

Distribuição. — Costa septentrional da Venezuela (Caracas, Colon), Guiana Holandesa (Paramaribo, Surinam), Guiana Francesa (Cayenne, Saint Laurent du Maroni), Brasil oeste amazônico: Manaus, rio Jamundá (Faro), rio Maicurú (Cachoeira Muira), Arumanduba, ilha Mexiana, rio Juruá e rio Eirú (Santa Cruz).

GUIANA HOLANDESA
Surinam: ♂, SCHLÜTER (1902).

BRASIL
Amazonas
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 3 ♂ ♂, OLALLA, outubro 30, novembro 5 e 13 (1936).

---

(1) Sobre as relações da forma típica com as suas correlatas e as grandes variações a que todas estão sujeitas cf. HELLMAYR, Catal. of Birds of the Americas, IX parte, p. 375, nota 3 (1936); PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª pte., p. 100 (1932).

Hemithraupis flavicollis[1] insignis (Sclater) [IX, 379]

Nemosia insignis SCLATER, 1856, Proc. Zool. Soc. London, XXIV, p. 110: "South Brazil" (= Rio de Janeiro, *apud* HELLMAYR).
Nemosia flavicollis subsp. *insignis* SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 225.
Nemosia flavicollis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Av., p. 365, parte.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Espírito Santo (rio São José), leste de Minas Gerais (rio Doce, rio Sussuí, rio Piracicaba), Rio de Janeiro (Corcovado, Sepitiba, Cabo Frio, Cantagalo, Nova Friburgo, Porto Real).

BRASIL
Baía
"Bahia": 1 ♂ e 1 ♀. SCHLÜTER (1898).
Espírito Santo
Pau Gigante: 2 ♀ ♀, GARBE, janeiro e fevereiro (1906).
Rio Doce: 2 ♀ ♀, OLALLA, setembro 2 (1940).
Rio São José: ♂, OLALLA, setembro 20 (1942).
Minas Gerais
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 22 (1940); ♀, W. GARBE, agosto 22 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLALLA, setembro 17 (1940).

Hemithraupis flavicollis melanoxantha (Lichtenstein) [IX, 380]

Sylvia melanoxantha LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 34: Baía.
Nemosia flavicollis SCLATER (*nec* VIEILLOT), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 225, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 365, parte.

Distribuição. — Faixa litorânea do Brasil este-septentrional: Pernambuco, Baía[2].

Hemithraupis flavicollis centralis (Hellmayr) [IX, 380]

Nemosia flavicollis centralis HELLMAYR, 1907, Nov. Zool., XIV, p. 350: Humaitá (alto rio Madeira, marg. esquerda).
Nemosia flavicollis SCLATER (*nec* VIEILLOT), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 225, parte; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Av., p. 365, pt.

---

(1) *Nemosia flavicollis* VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXII, p. 491: "l'Amérique méridionale" (= Cayenne). É provável que a raça típica da espécie se estenda até o extremo norte do Brasil, nos limites com as Guianas Francesa e Holandesa.
(2) Apesar dos numerosos exemplares referidos pela literatura, quase todos oriundos da Baía, não se encontram indicações mais precisas de localidade.

Distribuição. — Norte da Bolívia (Yungas de La Paz, Simacu), sudeste extremo do Perú (rio Cosireni, Urubamba) e região adjacente do Brasil oeste-septentrional: alto rio Madeira (Calama, Humaitá), rio Guaporé (Engenho do Gama), rio Roosevelt (Utiarití).

Hemithraupis flavicollis aurigularis Cherrie [IX, 382]

Hemithraupis flavicollis aurigularis Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXV, p. 389: Suapure (rio Caura, Venezuela).
Nemosia flavicollis Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 225, parte.

Distribuição. — Leste do Perú (rio Ucayali, Xeberos, Chyavetas, Chamicuros), sul da Venezuela (rio Caura, Nicare, Suapure) e extremo noroeste do Brasil: rio Javarí, alto rio Negro (Marabitanas).

Gênero THLYPOPSIS Cabanis

Thlypopsis Cabanis, 1851, Mus. Hein. I, p. 138. Tipo, por designação subseqüente de Gray (1825), *Nemosia fulvescens* Strickland (= *Nemosia sordida* Lafresnaye & d'Orbigny).

Thlypopsis sordida sordida (Lafresnaye & d'Orbigny) [IX, 387]

Nemosia sordida Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 28: Yuracares (Bolívia).
Thlypopsis sordida Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 228; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 366.

Distribuição[1]. — Leste da Bolívia (Santa Cruz, Yuracares, Cochabamba), norte da Argentina (Chaco, Tucumán, Misiones), Brasil centro-ocidental e oriental: leste do Pará (rio Tocantins), Maranhão (São Bento), Piauí (Nova York, Caetetú, São Gonçalinho, Bonfim, rio Parnaíba), Ceará (Juá), Pernambuco (Quipapá, Garanhuns), Baía (Vila Nova, ilha Madre de Deus), Rio de Janeiro (Cantagalo), São Paulo (ilha dos Alcatrazes[2], Itatiba, Monte Alegre), Minas Gerais (Lagoa Santa,

(1) Sob a denominação de *Thlypopsis sordida orenocensis* Friedmann (Proc. Biol. Soc. Wash., LV, 1942, p. 85: tipo de Isla Oroscopiche, pto. de Soledad), acabam de ser separadas as populações do sul da Venezuela (médio Orenoco), incluídas até então na forma típica.

(2) Ocorrência excepcional num pássaro peculiar aos campos do interior. O exemplar único é uma ♀ jovem, com o ventre tinto de amarelo, e muito semelhante ao ♂ de Sant'Ana do Paranaíba tambem imaturo (cf. Pinto, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª pte., p. 101 (1932).

Sete Lagoas, Água Suja, Mariana, São José da Lagoa), Goiaz (rio das Almas, rio Verde), Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba, Água Branca de Corumbá, Poconé, Cuiabá. Chapada).

BRASIL

Baía

"Bahia": ♂. SCLHÜTER (1898).
Vila Nova (= Bonfim): ♂ juv., GARBE, abril (1908).
Cidade da Barra: ♂, GARBE, outubro (1913).
Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 12 (1942); sexo ?. OLIV. PINTO, janeiro 18 (1933).

Rio de Janeiro

Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♂. OLALLA, setembro 7 (1941).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 1 ♂ e 1 sexo ?, OLALLA, setembro 13 (1941); ♀. OLIV. PINTO, setembro 13 (1941).

Minas Gerais

Mariana: sexo ?, J. B. GODOY (1906).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂♂, OLALLA, outubro 1 e 4 (1940); ♀, OLALLA, outubro 4 (1940); ♂ ?, W. GARBE, outubro 3 (1940).

São Paulo

Ilha dos Alcatrazes: ♀, PINTO DA FONSECA, outubro 11 (1920).
Itatiba: sexo ?, JOSÉ LIMA, dezembro 12 (1927); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 31 (1933); ♀. JOSÉ LIMA, outubro 30 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): sexo ?, OLALLA, agosto 25 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 30 (1941).
Monte Alegre: 3 ♂♂, JOSÉ LIMA, julho 25, 28 (1942) e fevereiro 8 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, julho 28 (1942).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂. JOSÉ LIMA, setembro 6 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂ ?. W. GARBE, maio 19 (1940).

Mato Grosso

Sant'Ana do Paranaíba: ♂, JOSÉ LIMA, julho 26 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1937); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 5 (1937).

Thlypopsis sordida chrysopis (Sclater & Salvin) [IX, 388]

Nemosia chrysopis SCLATER & SALVIN, 1880, Proc. Zool. Soc. London, p. 155: Sarayacu (leste do Equador).
Thlypopsis chrysopis SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 229.
Thlypopsis amazonum SCLATER,[1] 1886, op. cit., XI, p. 229, parte

Distribuição. — Leste do Equador (Sarayacu, foz do Curaray) e do Perú (Nauta, Pebas, La Merced, rio Perené, Santa Cruz do Huallaga), Brasil oeste-amazônico: alto Madeira (São João do Crato, Calama), rio Gi-Paraná (Maruins).

---

(1) *Thlypopsis amazonum* SCLATER, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI. p. 229, parte, excl. Cuiabá): baixo Ucayali (local. típica), Nauta e Pebas, no norte do Perú.

Gênero **COMPSOTHRAUPIS** Richmond

Compsothraupis RICHMOND, 1815, Proc. Biol. Soc. Wash., XXVIII, p. 180 — nome novo para *Lamprotes* SWAINSON, 1877 (*nec* "R. L.", 1817)[1], Nat. Hist. Classif. Birds, II, p. 283. Tipo, por monotipia, *Tanagra rubrigularis* SPIX (= *Tanagra loricata* LICHTENSTEIN).

Compsothraupis loricata (Lichtenstein) [IX. 394]

Tanagra loricata LICHTENSTEIN, 1819, Abh. Akad. Wissens. Berlin, Phys. Kl., anos 1816-17, p. 159 (com base em "Jacapú" de MARCGRAVE): nordeste do Brasil (pátria típica Ceará, por sugestão de HELLMAYR)[2].

Lamprotes loricatus SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 231; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 366.

Distribuição. — Interior do Brasil este-septentrional: leste do Maranhão (São Francisco), Piauí (Parnaguá, Buriti, União), Ceará (Juá, serra de Baturité), Baía (Joazeiro, Sambaíba, cidade da Barra, rio do Peixe, Macaco Sêco, rio Gongogí, Ressaca)[3], Goiaz (Leopoldina, Nova Roma).

BRASIL

Piauí

Parnaguá: ♂, adq. por compra (1904).

Baía

"Bahia": ♂ juv., SCHLÜTER (1898).
Joazeiro: 3 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1907).
Cidade da Barra: 1 ♂ e 1 ♀, fevereiro (1908); 2 ♂♂, GARBE, setembro e outubro (1913); ♀, GARBE, setembro (1913).
Rio Gongogí: ♀, CAMARGO, dezembro 20 (1932).

Goiaz

Nova Roma: ♂, JOSÉ BLASER, novembro 16 (1932).

Gênero **NEOTHRAUPIS** Hellmayr

Neothraupis HELLMAYR, 1936, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, parte IX, p. 432 — nome novo para *Diucopis* BONAPARTE[4], considerado mero substituto de *Schistochlamys* REICHENBACH. Tipo, por designação original, *Tanagra fasciata* LICHTENSTEIN.

---

(1) *Lamprotes* R. L., 1817, Allgem. Lit. Zeilt., (1), p. 287 (gênero de Lepidópteros).
(2) Cf. Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, 288 (1929).
(3) É incerta a pátria típica de *Tanagra rubricollis* SPIX, 1825 (Av. Bras., II, p. 43), encontrado "in sylvis campestribus Bahia inter et Rio de Janeiro"). De Minas Gerais não se possue registro autêntico, desde que Ressaca, onde o pássaro foi notificado por WIED, está ainda na Baía, posto que próximo à fronteira d'aquele estado.
(4) *Diucopis* BONAPARTE, 1850, Consp. Av., I, p. 491.

Neothraupis fasciata (Lichtenstein) [IX, 432]

Tanagra fasciata LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 32: São Paulo.

Diucopis fasciata SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 279; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 387.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos), Brasil ocidental e central: sul do Maranhão (Barra do Corda, alto Parnaíba), Piauí (Barroca do Maranhão. Correntes. Santa Maria, Gilboez), Goiaz (rio das Almas, Veadeiros), Minas Gerais (Água Suja, Lagoa Santa), São Paulo (Itararé, Orissanga, Cemitério, Retiro, Franca, Rincão, Baurú), Mato Grosso (rio das Mortes, Porto Faia, Três Lagoas, Campo Grande, Chapada).

BRASIL

São Paulo

Rincão: ♂, LIMA, fevereiro 19 (1901).
Itararé: ♀, GARBE, maio (1903).
Baurú: sexo ?, F. GÜNTHER, maio (1905).

Goiaz

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 3 (1934).

Mato Grosso

Porto Faia: 2 ♂♂, GARBE, outubro (1904).
Campo Grande: 2 ♂♂, LIMA, julho 24 e 26 (1930).
Três Lagoas: ♀, LIMA, julho 15 (1931).
Chapada: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, outubro 3 (1937); ♀, OLIV. PINTO, setembro 3 (1937).
Rio das Mortes: ♀, W. GARBE (Bandeira Anhanguera), outubro 18 (1937).

Gênero ORCHESTICUS Cabanis

Orchesticus CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 143. Tipo, por monotipia, *Orchesticus occipitalis* CABANIS (= *Pyrrhula abeillei* LESSON).

Orchesticus abeillei (Lesson) [IX, 436]

Pyrrhula abeillei LESSON, 1839, Rev. Zool., II, p. 40: "Brésil" (como pátria típica proponho Rio de Janeiro).

Orchesticus abeillii SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 297.

Orchesticus abeillei IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil. Aves, p. 366.

Distribuição. — Baía (ilha de Itaparica), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Macaé, Petrópolis, Terezópolis, Colônia Alpina), Minas Gerais (Sete Lagoas), São Paulo (serra de Ba-

nanal, Marmeleiro, São Miguel Arcanjo, Itararé), Paraná (Castro, Curitiba, Pederneiras, Campo Comprido).

BRASIL

São Paulo

Itararé: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, junho (1903).
São Miguel Arcanjo: ♂, LIMA, setembro 3 (1929).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLIV. PINTO, agosto 27 (1941).

Paraná

Castro: 2 ♀ ♀, GARBE, maio (1914).

Gênero LAMPROSPIZA Cabanis

Lamprospiza CABANIS, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 246. Tipo, por designação original, *Psaris habia* LESSON (= *Saltator melanoleucus* VIEILLOT).

Lamprospiza melanoleuca (Vieillot) [IX, 437]

Saltator melanoleucos VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 105: "l'Amerique méridionale".
Lamprospiza melanoleuca SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 296; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 366; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 458.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, Saint Laurent du Maroni), Holandesa (Paramaribo) e Inglesa (Bartica Grove), sudeste do Perú (Yahuarmayo) e Brasil amazônico: rio Anibá, rio Atabaní, rio Jamundá (Faro), óbidos, rio Tapajoz (Vila Braga, Diamantina), rio Guamá (Sta. Maria do São Miguel), rio Acará (Ipitinga), Belém e distrito este-paraense (Utinga, Benevides, Igarapé Assú), norte de Mato Grosso (rio Roosevelt, boca do rio Cherrie).

BRASIL

Amazonas

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA abril 14 (1937).
Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 15 (1937); ♀, OLALLA, julho 13 (1937).

Gênero CISSOPIS Vieillot

Cissopis VIEILLOT, 1816, Anal. d'une Nouv. Orn. Élement., p. 40. Tipo, por monotipia, *Lanius leverianus* GMELIN.

Cissopis leveriana leveriana (Gmelin) [IX, 438]

Tié-tinga, Sanhaço-tinga (Juquiá).

Lanius leverianus GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 302 (com base em "Magpie-Shrike" de LATHAM, Gen. Syn. Bds.,

I, p. 192: nenhuma indicação de localidade (pátria típica adotada Cayenne, conforme a sugestão de BERLEPSCH & HARTERT)[1].

Cissopis leveriana SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 299; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 459.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá", Florencia), sudeste da Venezuela (vale do rio Caura), Guianas Inglesa (Bartica Grove, rio Demerara, rio Mazaruni, rio Ituribisci, rio Parima), Holandesa e Francesa (Cayenne), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Zamora, Sarayacu, Gualaquiza, rio Coca) e do Perú (Pebas, Yurimaguas, Chamicuros, Xeberos, Puerto Bermudez, Vista Alegre, Monterico, Moyobamba), norte da Bolívia (Yuracares) e Brasil oeste-septentrional, da margem direita do Solimões às cabeceiras do rio Paraguai: rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Cachoeira, Monte Verde, Bom Lugar), rio Madeira (Porto Velho), rio Tapajoz (Itaituba), rio Sepotuba (Tapirapoã).

VENEZUELA

Mérida: ♂, BRICEÑO & GABALDÓN, dezembro 15 (1897).

BRASIL

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♀, OLALLA, dezembro 7 (1936).

Cissopis leveriana major Cabanis [IX, 441]

Pintasilgo, Pintasilva, Sabiá-tinga (Juquiá), *Pêga* (Pernambuco).

Cissopis major CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 144 (com base em *Bethylus picatus* BONAPARTE, 1850, não *Lanius picatus* LATHAM, 1790): "Brasilien" (para pátria típica sugiro Rio de Janeiro); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 300; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 367.

Distribuição. — Extremo nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), sudeste do Brasil: Pernambuco, Baía (Giboia, perto de Conquista), Espírito Santo (Santa Tereza), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo, serra do Itatiaia, Piraí), Minas Gerais (São José da Lagoa, rio Piracicaba, Uberaba, Ressaquinha, Borda da Mata, rio Jordão, Água Suja), Goiaz (Goiaz, Faz. Esperança, Jaraguá, Inhumas, rio Claro), São Paulo (Cananéia, Poço Grande, Cubatão, Piquete, Jacareí, Caconde, Ituverava, Franca, Olímpia, Itararé, Ipanema, Mato Dentro, Silvânia, Baurú, Icatu, Lins, Valpa-

(1) Cf. Novit. Zool., IX, p. 24 (1902).

raizo, rio Paraná, Rio Preto), Paraná (Pederneiras, Cândido de Abreu), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile).

BRASIL

Espírito Santo

Rio São José: ♀, OLALLA, setembro 14 (1942).

Minas Gerais

Borda da Mata: ♂, OTTO DREHER, agosto 30 (1912).

Barra do Piracicaba (rio Doce): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 19, 21 e 30 (1940); 4 ♀ ♀, OLALLA, agosto 19, 21 e 30 (1940)

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♀, OLALLA, setembro 18 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♀, OLALLA, setembro 30 (1940); 2 ♀ ♀. OLALLA. setembro 30 e outubro 4 (1940).

São Paulo

Piquete: ♀, J. ZECH, outubro (1896).

Baurú: sexo ?, GARBE (1900).

Caconde: 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, maio 15 (1900).

Franca: ♀, OTTO DREHER, agosto 19 (1902)

Itararé: ♂, GARBE, julho (1903).

Ituverava: ♂, GARBE, agosto (1911).

Olímpia: ♀, GARBE, novembro (1916).

Itutinga (Cubatão): ♂. LIMA, julho 24 (1923).

Braunau: 3 ♀ ♀, LIMA, junho 25, 26 e 27 (1928).

Icatú: ♂, LIMA, julho 17 (1928).

Silvânia: sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 5 (1931); ♀, OLIV. PINTO, dezembro 28 (1942).

Valparaizo: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, junho 30 (1931).

Tabatinguara (Cananéia): 1 ♂ e 1 ♀, CAMARGO, setembro 29 (1934).

Faz. Santa Maria (Rio Preto): ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 14 (1940).

Faz. Ponte Nova (Macaúbas): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, março 24 (1940).

Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♀, OLIV. PINTO, maio 16 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, abril 9 e maio 20 (1940); sexo ?, OLALLA, maio 20 (1940).

Faz. Varjão (Lins): 2 ♀ ♀, OLALLA, fevereiro 18 (1941).

Rio Tietê (Lins): 2 ♂ ♂, OLALLA, fevereiro 18 (1941).

Goiaz

Jaraguá: ♀, W. GARBE, setembro 11 (1934).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, W. GARBE, novembro 5 (1934): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 12 (1934).

Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. GARBE, abril 17 (1940).

Gênero SCHISTOCHLAMYS Reichenbach

Schistochlamys REICHENBACH, 1850, Av. Systema Naturale, pl. 57. Tipo, por designação subsequente de SCLATER (1886), *Tanagra capistrata* WIED.

---

(1) Cf. SCLATER, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 301 (1886)

Schistochlamys ruficapillus ruficapillus (Vieillot)[1] [IX, 442]

Sanhaçú pardo, Sanhaçú do campo, Bico de veludo.

Saltator ruficapillus VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 108: "l'Amerique méridionale" (localidade típica Rio de Janeiro, designada por HELLMAYR)[2].
Schistochlamys capistratus SCLATER (*nec* WIED), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 301, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves. p. 367, pte.

Distribuição. — Brasil meridional: sul de Goiaz (rio Claro), Minas Gerais (Lagoa Santa, Água Suja, São José da Lagoa, Campanha, Vargem Alegre, Mariana, Santa Luzia do Rio das Velhas, Divinópolis, Maria da Fé), Espírito Santo (Chaves), Rio de Janeiro (Terezópolis, Itatiaia), São Paulo (São Bernardo, Ipiranga, serra da Cantareira, Itatiba, Jundiaí, Mogí das Cruzes, Piracicaba, Ipanema, Itapetininga, Itararé, Batatais, Franca, Vitória, Rio Preto), Paraná (Castro, rio Sapucaí).

BRASIL

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 27 (1942).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
Faz. do Patrimônio (Divinópolis): ♀, oferta, abril (1916).
Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♀, OLIV. PINTO, janeiro 4 (1936).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLIV. PINTO, setembro 27 (1940); ♂, W. GARBE, setembro 28 (1940); 3 ♀ ♀, OLALLA, setembro 27 e 30, outubro 4 (1940).

São Paulo

Rio das Pedras: ♂, J. ZECH, julho 7 (1897).
Jundiaí: ♀, LIMA, julho 9 (1900).
Batatais: ♀, LIMA, dezembro 11 (1900).
Itararé: ♂, GARBE, agosto (1903); 1 ♂ e 2 ♀ ♀, GARBE, maio (1903); 2 ♀ ♀, GARBE, abril e setembro (1903).
São Jerônimo (Avanhandava): ♂ juv., GARBE, fevereiro (1904).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, julho 28 (1905); ♀, H. PINDER, outubro 12 (1897).
Franca: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1910).
Itatiba: ♂, LIMA, março 22 (1915); sexo ?, LIMA, junho (1898); ♂, JOSÉ LIMA, outubro 27 (1933).
Itapetininga: 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, julho 27 (1926).
Mogí das Cruzes: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, março 13 (1933).

---

(1) Quanto à prioridade de *Saltator ruficapillus* VIEILLOT sobre *Tanagra capistrata* WIED, cf. HELLMAYR, Verhandl. Orn. Gesells. Bayer., XIV, p. 282 (1920).
(2) Cf. HELLMAYR, op. cit., pp. 281-2.

Faz. Santa Rosa (Paraúna): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, abril 13 e 17 (1940); ♀, JOSÉ LIMA, abril 17 (1940).
Horto Florestal (serra da Cantareira): ♀, JOSÉ LIMA, dezembro 9 (1940).
Paraná
Castro: ♂, GARBE, junho (1907).
Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, abril 13 (1940).

Schistochlamys ruficapillus capistratus (Wied) [IX, 443]

Tanagra capistrata WIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p 179: Fazenda da Ilha, perto de Ressaca, nos confins de Baía e Minas Gerais.
Schistochlamys capistratus SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 301, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 367 pte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Maranhão (Barra do Corda, Fazenda Inhuma), Piauí (serra de Santa Filomena, Correntes), Pernambuco (Vista Alegre, Garanhuns), Baía (Santo Amaro, Madre de Deus).

BRASIL
Baía
Madre de Deus: ♂, W. GARBE, fevereiro 1 (1933); ♀, CAMARGO, janeiro 16 (1933); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 17 (1942); sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 20 (1942).

Schistochlamys melanopis melanopis (Latham) [IX, 444]

Tanagra melanopis LATHAM, 1790, Index Orn., I, p. 422 (com base em DAUBENTON, Pl. Enlum. 714, fig. 2): Cayenne.
Schistochlamys atra[1] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 301, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 458.
Schistochlamys ater IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 367.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Bucaramanga, Santa Marta, Villavicencio, "Bogotá"), Venezuela (Caracas, Colón, Ciudad Bolivar, rio Orenoco), Guianas Inglesa (Roraima, montes Merumé, Bartica, rio Abary, rio Ituribisci, Berbice), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), Brasil septentrional: rio Tapajoz (Santarém), leste do Pará (Castanhal), norte do Maranhão (Miritiba).

COLÔMBIA
"Nova Granada": sexo ?, SCHLÜTER, maio (1902).

---

(1) *Tanagra atra* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 898 (com base em DAUBENTON, Pl. Enlum. 714, fig. 2: Cayenne), anteocupado por *Tanagra atra* MEUSCHEN, 1787, Mus. Gevers., p. 64), espécie indeterminavel. Cf. MATHEWS, Austr. Av. Record, V, p. 92 (1926).

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, janeiro (1903); 6 ♂♂, OLALLA, maio 31 e junho 14 (1934), abril 22 e maio 3 (1935); 2 ♂♂ juvs., OLALLA, junho 15 (1934) e abril 1 (1935); ♀, OLALLA, abril 20 (1935); sexo ?, juv., OLALLA, junho 14 (1934).

Castanhal (rio Tapajoz): sexo ?, F. Q. LIMA, dezembro 5 (1923).

Schistochlamys melanopis olivina (Sclater) [IX, 446]

Tanagra olivina SCLATER (*ex* NATTERER manuscr.), 1864, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 607: Cuiabá (Mato Grosso).

Schistochlamys atra SCLATER (*nec* GMELIN), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 301, parte.

Schistochlamys ater IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 367, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos, Santa Cruz, rio Surutú, Buena Vista), Brasil centro-ocidental e oriental: Pernambuco (Vista Alegre, Itamaracá), Baía (Caravelas), Espírito Santo, Rio de Janeiro (rio Paraíba, Cabo Frio), São Paulo (Olímpia, Itapura), Minas Gerais (Paracatú, José Dias, Pissarrão, Água Suja), Goiaz (rio Claro, Inhumas, Fazenda Esperança, rio das Almas, rio São Miguel), Mato Grosso (Pontal da Serra Azul, Coxim, Cuiabá, São Vicente, Chapada, Tapirapoã, Albuquerque)[1].

BRASIL

Pernambuco

Itamaracá: 1 ♂ e 1 ♀ ?, OLIV. PINTO, janeiro 5 (1939).

Baía

Caravelas: 3 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1908).

São Paulo

Itapura: 2 ♂♂, GARBE, agosto e setembro (1904).

Olímpia: 2 ♂♂, GARBE, novembro (1916).

Goiaz

Faz. Transwaal (rio Claro): 1 ♂ e 1 ♀, W. GARBE, abril 12 e 14 (1940).

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. GARBE, outubro 29 (1934).

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♀, JOSÉ LIMA, outubro 16 (1934).

Mato Grosso

Faz. Recreio (Coxim): 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, agosto 11 (1937).

Pontal da Serra Azul: ♂, Bandeira Anhanguera, setembro 14 (1937).

Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 27 (1937); sexo ?, H. H. SMITH, agosto 9 (1885).

---

(1) A ocorrência da espécie em Santa Catarina, referida por BURMEISTER (Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 209), parece sujeita a dúvida.

Família ICTERIDAE

Gênero OCYALUS Waterhouse

Ocyalus WATERHOUSE, 1841, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 183. Tipo, por monotipia, *Cassicus (Ocyalus) popayanus* WATERHOUSE (= *Cassicus latirostris* SWAINSON).

Ocyalus latirostris (Swainson) [X, 1]

Cassicus latirostris SWAINSON, 1837, Anim. in Menager., p. 358: "Perú".
Ocyalus latirostris SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 311.

Distribuição. — Leste do Equador (Sarayacu, Archidona), nordeste do Perú (Iquitos, Nauta, Santa Cruz, Chamicuros, rio Ucayali, Sarayacu) e região adjacente do extremo oeste do Brasil (alto rio Juruá)[1].

Gênero GYMNOSTINOPS Sclater

Gymnostinops SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 312. Tipo, por designação subsequente de RIDGWAY (1902, Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. 2, p. 178), *Cacicus montezuma* LESSON[2].

Gymnostinops bifasciatus (Spix)[3] [X, 8]

Japú-assú, Japú-preto.

Cassicus bifasciatus SPIX, 1824, Av. Sps. Nov. Bras., I, p. 65, tab. LXI: "in sylvis prope Maranhão et Param" (= cercanias de Belém, estado do Pará).
Gymnostinops bifasciatus SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 313; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 393.

Distribuição. — Margem direita da mais baixa porção da bacia Amazônica, do rio Tocantins, até, provavelmente os confins do Pará e Maranhão: rio Tocantins (Arumateua), distrito este-paraense (Belém, Peixe-Boi).

(1) Notificando pela primeira vez a ocorrência de *Ocyalus latirostris* em terras do Brasil, refere o conde GYLDENSTOLPE (Ark. för Zoologi, XXXIII B, 1941, N.º 12, pág. 2) sua presença na coleção feita no alto Juruá (João Pessoa e adjacências) pelo sr. A. OLALLA e auxiliares.
(2) *Cacicus montezuma* LESSON, 1830, Cent. Zool., livr. 2, p. 33, pl. 7: México.
(3) Sobre esta espécie, rara nas coleções, cf. HELLMAYR, Abhandl. d. Bayer. Akad. Wissens., II Kl., XXII, p. 612 (1906); idem, id. XXVI, p. 18 (1912).

Gymnostinops yuracares yuracares (Lafresnaye & d'Orbigny) [X, 9]

Japú, Japú do bico encarnado, Jabó.

Cassicus yuracares LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1838, Syn. Av., em Magaz. Zool., VIII, cl. 2, p. 2: Yuracares (Bolívia).
Gymnostinops yuracarium SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 314; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p.417.
Gymnostinops yuracares IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Av., p. 393.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Florencia, La Morelia), sul da Venezuela (rio Caura), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, rio Santiago, Sarayacu) e do Perú (rio Marañon, Pebas, rio Ucayali, Sarayacu, Chamicuros, Santa Cruz, Huánuco), Bolívia (Yuracares, Buenavista, Santa Cruz, Cochabamba) e Brasil oeste-septentrional (Amazonas e norte de Mato Grosso): baixo rio Negro (Manaus, WALLACE col.), rio Urubú, rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús, rio Madeira, lago do Batista, rio Gi-Paraná (Maruins), rio Guaporé (Engenho do Gama, Vila Bela) e cabeceiras do Tapajoz (Utiariti).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♂, GARBE, maio (1902).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♀♀ OLALLA, outubro 30 e novembro 4 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, janeiro 28 (1937).
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 5 ♂♂, OLALLA, fevereiro 13, 20 e 25, abril 15, junho 3 e 6, julho 17 (1937); 8 ♀♀, OLALLA, janeiro 23 e 28, fevereiro 13 e 17, março 23, maio 12 e junho 3 (1937).

Gymnostinops yuracares neivae Snethlage [X, 8]

Gymnostinops neivae SNETHLAGE, 1925, Journ. f. Orn., LXXIII, p. 265: rio Irirí (afl. do baixo Xingú, margem esquerda)

Distribuição. — Brasil septentrional, na margem direita do baixo Amazonas: rio Tapajoz (Santarém)[1], rio Xingú (rio Irirí).

---

(1) Cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 316 (1941). A despeito dos pontos de semelhança com *G. yuracares*, já apontados por HELLMAYR, reconhecem estes autores a independência específica da forma baixo-amazônica.

Gênero OSTINOPS Cabanis[1]

Ostinops CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 187. Tipo, por designação subsequente de SCLATER (1883, Ibis, p. 148), *Xanthornus decumanus* PALLAS.

Ostinops decumanus decumanus (Pallas) [X, 12]

Japú.

Xanthornus decumanus PALLAS, 1769, Spic. Zool., fasc. 6, p. 1: Surinam; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 418, parte.
Ostinops decumanus SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 315, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 393, pte.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Florencia, La Morelia), Venezuela oeste-meridional e centro-oriental (médio e alto Orenoco, Maipures, Munduapo, Cucurití, San Julian), Guiana Inglesa (Bartica Grove, rio Ituribisci, Demerara, Georgetown), Holandesa (Surinam, prox. de Paramaribo) e Francesa Cayenne), leste do Equador (Sarayacu, rio Napo, rio Suno, Gualaquiza, Zamora) e Brasil oeste-septentrional, ao norte do rio Amazonas: rio Solimões (Manacapurú), rio Negro (Manaus), Itacoatiara, Óbidos, Cunaní, Amapá.

BRASIL
Amazonas
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, CAMARGO, setembro 28 e outubro 3 (1936); ♂ ?, CAMARGO, outubro 4 (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 30 (1935), fevereiro 6 e abril 5 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, março 4 (1937).

Ostinops decumanus maculosus Chapman [X, 13]

Japú, Japú preto, Japú-Guassú, Guaxe (Mato Grosso), *Rei-congo* (Nordeste), *Japão* (Maranhão), *Japú-gamela* (Baía), *João-congo* (Brasil central).

Ostinops decumanus maculosus CHAPMAN, 1920, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIII, p. 26: Yungas (Bolívia, prov. de Cochabamba).

---

(1) Rejeitando os nomes genéricos de BRISSON, veio HELLMAYR a usar para este grupo (cf. Catal. Bds. of the Americas, X, p. 10) o nome *Xanthornus* PALLAS, 1769 (Spic. Zool., fasc. 6, p. 1), não obstante ser ele mero sinônimo de *Icterus* BRISSON, que, com a generalidade dos autores, se mantém no presente Catálogo, pelas razões já expostas (cf. PINTO, Cat. Av. Bras., 1.ª parte, Prefácio, pág. V, 1938).

Ostinops decumanus SCLATER, 1886 (*nec* PALLAS), Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 315, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 393, pt.
Xanthornus decumanus SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 418, parte.

Distribuição. — Leste do Perú (rio Ucayali, Chamicuros, Chyavetas. Yurimaguas, Monterico) e da Bolívia (Cochabamba, Yungas, Buena Vista, San José), Paraguay (Puerto Bertoni, rio Pilcomayo, Lambaré), extremo nordeste da Argentina (Misiones), Brasil, da margem direita do rio Amazonas para o sul: rio Solimões (Tefé), rio Juruá (Santa Cruz do rio Eirú), rio Purús (Cachoeira), lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba), rio Tocantins (Arumateua), ilha de Marajó (Sant'Ana, Soure) e leste do Pará (rio Capim, rio Muriá), Maranhão (Guimarães, Primeira Cruz, Boa Vista), Piauí (rio Parnaíba), Baía (rio Ilhéus, rio Belmonte, rio Gongogí)[1], Espírito Santo (Vitória, rio Doce, Porto Cachoeiro, Pau Gigante, rio S. José), Rio de Janeiro (serra dos Órgãos, serra do Itatiaia, Cantagalo, Sepitiba, restinga de Marambaia), São Paulo (Ipanema, Mato Dentro, Capivarí, Piquete, Barretos, Ubatuba), Paraná (Salto de Ubá, Cândido de Abreu), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Mato Grosso (Miranda, Salobra, Corumbá, Urucúm, Cuiabá, Chapada), Goiaz (rio Paranaíba, rio das Almas[2], Inhumas), Minas Gerais (Lagoa Santa, Paracatú, Pirapora, rio Doce, rio Piracicaba).

BRASIL
Amazonas
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 5 (1936).
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, março 1 (1937).
Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 1 ♂ e 3 ♀ ♀, GARBE, agosto (1920).
Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 16 e 26 (1935); ♀, OLALLA, maio 16 (1935).
Maranhão
Primeira Cruz: ♀, SCHWANDA, agosto 30 (1906).
Boa Vista: ♂, SCHWANDA, novembro 13 (1906).
Baía
Serra do Gongogí (Jequié): ♂. W. GARBE, dezembro 5 (1932).
Espírito Santo
Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, outubro (1905).

---

(1) Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 290 (1935).
(2) Localidade típica de *Ostinops decumanus australis* OLIV. PINTO, 1936 (Rev. Mus. Paul., XX, p. 149), antedatado por *Ostinops sincipitalis australis* TODD, 1917 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXX, p. 3: Buenavista, leste da Bolívia).

Rio Doce: ♂, GARBE, setembro (1908).
Pau Gigante: ♂, H. F. BERLA, outubro 31 (1940).
Rio São José: ♂, OLALLA, setembro 14 (1942).

Minas Gerais
Pirapora: 2 ♀♀, GARBE, julho (1912).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♂♂ e 1 ♀, OLALLA, agosto 22 (1940).
Rio Doce: ♂, OLALLA, agosto 28 (1940); sexo ?, OLIV. PINTO, agosto 31 (1940).

São Paulo
Piquete: 1 ♂ e 1 ♀, J. ZECH, outubro 20 (1896); sexo ?, J. ZECH, outubro (1896).
Ubatuba: ♂, GARBE, abril (1905).

Goiaz
Ponte do Ipê Arcado (rio Paranaíba): ♀, DREHER, maio 22 (1904).
Jaraguá (rio das Almas): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 21 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, OLIV. PINTO, novembro 5 (1934); ♀, W. GARBE, novembro 20 (1934).

Mato Grosso
Chapada: ♂, H. H. SMITH, novembro 10 (1883).
Corumbá: 1 ♂ e 2 ♀♀, GARBE, setembro (1917).
São Luiz de Cáceres: ♂, GARBE, novembro (1917).
Miranda: ♂, LIMA, agosto 23 (1930); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 23 (1930).
Salobra: ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 21 (1939); ♂, JOSÉ LIMA, julho 21 (1939).

Ostinops viridis (Müller) [X, 16]

Japú verde.

Oriolus viridis P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 87 (com base em "Cassique vert de Cayenne" de DAUBENTON, Pl. enlum. 328): Cayenne (Guiana Francesa).
Ostinops viridis SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 316; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 394.
Xanthornus viridis SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 418.

Distribuição. — Sul e leste da Venezuela (rio Caura, rio Nicare, rio Mato, Guanoco), Guianas Inglesa (Bartica Grove, Roraima, montes Merumé, Camacusa), Holandesa (Surinam, viz. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne, rio Approuague, Saint Georges d'Oyapok, Camopi) leste do Equador (rio Napo, Sarayacu), nordeste do Perú (rio Marañon, Iquitos, Xeberos,[1] Chyavetas, Yurimaguas), Brasil oeste-septentrional, ao

(1) Pátria de *Ostinops viridis flavescens* BANGS & PENARD, 1918 (Bull. Mus. Compar. Zool., LXII, p. 85), que GRISCOM & GREENWAY (idem, LXXXVIII, 1941, p. 317) consideram "very distinct" da forma típica da espécie, sem fornecerem todavia elementos para uma tentativa de discriminação geográfica das duas formas correlatas. Segundo ZIMMER, citado por HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., X, p. 18, nota 2), a raça norte-peruana estenderia sua distribuição muito para leste, ao longo da margem direita do rio Amazonas, até o rio Tapajoz.

norte e ao sul do rio Amazonas: rio Negro (Manaus, São Gabriel, Marabitanas), rio Uaupés (Jauaretê), rio Branco (Conceição, São Joaquim, rio Cauamé), rio Anibá, Óbidos, rio Juruá, rio Madeira (Borba, Calama, Jamarizinho), lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba, Vila Braga, Boim), rio Tocantins (Arumateua), ilha Caviana, rio Guamá (Ourém), rio Capim e todo distrito este-paraense (Belém, Utinga, Murutucú, Pinheiro, Peixe-Boi, Capanema).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♀, GARBE (1902).

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, novembro 2 (1936); ♀ ?, CAMARGO, novembro 26 (1936).

Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂ ?, CAMARGO, janeiro 2 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, junho 5 e 8 (1937); 8 ♀♀, OLALLA, abril 21 (1936) abril 21, junho 4 e 8, julho 15 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♀, OLALLA julho 17 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, maio 3 (1935); 1 ♂, 1 ♀ e 1 sexo ?, GARBE, agosto (1920); 2 ♀♀, GARBE, junho (1920).

Murutucú (próx. de Belém): ♀, F. Q. LIMA, dezembro 5 (1923).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA. maio 20 e 27 (1935); ♀, OLALLA, maio 27 (1935).

Ostinops angustifrons angustifrons (Spix) [X, 19]

Cassicus angustifrons SPIX, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 66, tab. LXII: "in confinibus fl. Amazonum" (por pátria típica proponho São Paulo de Olivença, na margem direita do alto Solimões).

Ostinops angustifrons SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 319; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves. p. 394; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 418.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Villavicencio, La Morelia, Florencia) e do Equador (rio Napo, rio Suno, Baeza, rio Coca), nordeste do Perú (Iquitos, Nauta, rio Ucayali, Sarayacu, rio Huallaga, Loretoyacu), Brasil oeste-amazônico: rio Solimões (Manacapurú, Matarí)[1], rio Juruá (João Pessoa).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 2 ♂♂, GARBE, agosto (1902); 2 ♀♀, GARBE, janeiro 27 (1902).

(1) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 602 (1937). Tambem HELLMAYR, Abh. Bayr. Akad., Wissens., 2 Kl. XXII, p. 612 (1906).

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 4 (1936); ♀, CAMARGO, outubro 8 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 13 (1936).

Gênero **CACICUS** Lacépède[1]

Cacicus LACÉPÈDE, 1799, Tabl. Méth. Mamm. et Oiseaux, p. 6. Tipo, por designação ulterior de ZIMMER (1930, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XVII, p. 434), *Oriolus haemorrhous* LINNAEUS.

Cacicus cela cela (Linnaeus) [X, 24]

Japí-im (Amazônia), *Japim*, *Bom-é* (Ceará), *Xexéu* (Pernambuco), *João-conginho* (Goiaz).

Parus cela LINNAEUS, 1758, Syst. Naturae, I, p. 191: "*in* Indiis" (pátria típica Surinam, por designação de HELLMAYR, 1906)[2].
Cassicus persicus SCLATER[3], 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 321.
Cassicus albirostris IHERING[4], 1905, Rev. Mus. Paul., VI, p. 433.
Cacicus cela IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 394; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 419.

Distribuição. — Leste da Colômbia (rio Caquetá, Florencia, La Morelia, Santa Marta), Venezuela (Zulia, Angostura, Caracas, Sucre, rio Orenoco, rio Caura, rio Apure, Puerto Cabello), Trinidad (Caparo, Palo Seco), Guianas Inglesa (rio Mazaruni, rio Rupununi, Bartica Grove). Holandesa (Paramaribo, Surinam) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, Saint Georges d'Oyapock, Ouanary, Sinnamary, rio Approuague), leste do Equador (rio Napo, rio Suno, Sarayacu, Gualaquiza) e do Perú (Iquitos, Nauta, rio Ucayali, rio Huallaga, Yurimaguas, Moyobamba, Santa Cruz, rio Colorado), norte e leste da Bolívia (rio Beni, Santa Cruz, Chiquitos, Mapiri), Brasil septentrional e central: rio Solimões (Tonantins, Fonte Boa, Manacapurú), rio Negro (São Gabriel, Taracuá, Manaus), rio Branco (Forte do rio Branco, serra da Lua, serra Grande). rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande) e rio Eirú (Santa

(1) Cf. MILLER, Auk, XLI, pags. 463-467 (1924).
(2) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XIII, p. 20 (1906). V. tambem E. NAUMBURG, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 390 (1930).
(3) *Oriolus persicus* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.ª, I, p. 161 (com base em *Cassicus luteus* de BRISSON, "Jupujuba" de MARCGRAVE, etc.): "*in* America meridionali".
(4) *Tanagra albirostris* LINNAEUS, 1764, Mus. Ad. Frid., II, Prodr., p. 31: Surinam.

Cruz), rio Madeira (Borba, Calama, Marmelos, Porto Velho), Itacoatiara, Óbidos, Monte Alegre, igarapé Boiussú, Amapá, Cunaní, rio Tapajoz (Santarém, Apací, Itaituba), rio Xingú (Tapará, Porto de Moz), rio Tocantins (Cametá), ilha de Marajó (Soure, Pindobal, São Natal), ilha Mexiana, rio Capim, rio Acará (Ipitinga), Belém e circunjacências (Bosque, Val de Cans, ilha das Onças, Prata, Utinga, Providência, Capanema), Maranhão (Turiassú, Miritiba, Boa Vista, São Bento, rio Parnaíba, Nova York), Piauí (Terezina), Pernambuco (prox. de Recife, Itamaracá), sul da Baía (Ilhéus, rio Belmonte), Goiaz (Inhumas, rio das Almas, Jaraguá, Pilar, Goiaz, Boa Vista, Nova Roma, barra do rio São Domingos, rio Araguaia, Filadélfia), Mato Grosso (Cuiabá, Santo Antônio, Corumbá, Chapada, Cáceres, rio São Lourenço, rio dos Pilões, Estrela, Abrilongo, Descalvados).

BRASIL
Amazonas
Rio Juruá: 2 ♂♂, GARBE, março e agosto (1902); 2 ♀♀, GARBE, março e julho (1902).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, dezembro 12 e 21 (1936), janeiro 31 e fevereiro 6 (1937); ♀, OLALLA, dezembro 12 (1936).
Igarapé Grande (alto Juruá): ♀, OLALLA, janeiro 13 (1937).
Manaus (boca do rio Negro, marg. esquerda): ♀, OLALLA, junho 10 (1935).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 9 (1936); ♂ ?, CAMARGO, outubro 12 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂, OLALLA, novembro 3 (1936).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, novembro 18 (1936).
Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): sexo ?, CAMARGO, dezembro (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 9 ♂♂, OLALLA, fevereiro 5 e 6, março 2, 3, 6, 12 e 24, junho 1 e 4 (1937); 2 ♀♀, OLALLA, dezembro 16 (1936) e março 11 (1937).
Pará
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, agosto (1920).
Amapá: ♂, F. Q. LIMA, julho 20 (1925).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀ juv., OLALLA, abril 26 (1935).
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, dezembro 27 e 30 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 27 (1936); sexo ?, OLALLA, dezembro 22 (1936).
Maranhão
Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, julho 4 (1906).
Pernambuco
Itamaracá: 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, janeiro 1 (1939).
Baía
Ilhéus: 2 ♂♂, GARBE, abril e maio (1919).
Belmonte: 2 ♂♂ e 1 ♀ juv., GARBE, agosto (1919).

Goiaz
Pilar: sexo ?, P. SESTER, abril (1932).
Barra do rio São Domingos: ♂, JOSÉ BLASER, agosto 2 (1932).
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 4 (1934); ♂, W. GARBE, abril 27 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 4 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, OLIV. PINTO, outubro 17 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, OLIV. PINTO, novembro 1 (1934).

Mato Grosso
Corumbá: ♂, GARBE, setembro (1917).
São Luiz de Cáceres: 3 ♂♂, GARBE, novembro (1917); 1 ♀ e 1 sexo ?, GARBE, novembro (1917).

Cacicus haemorrhous haemorrhous (Linnaeus) [X. 30]

Japí-im do mato, Japí-im da mata encarnado, Japí-im de costa vermelha, Guaxe.

Oriolus haemorrhous LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 161 (com base em "Oriolus niger, uropygio coccineo" de BRISSON, Orn., II, p. 98): "*in* Brasilia, Cayana" (localidade típica Cayenne, exempl. na col. RÉAUMUR).
Cassicus affinis SCLATER (*nec* SWAINSON), 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 325.
Cacicus haemorrhous IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 395; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 419.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (Florencia, la Morelia), sul da Venezuela (rio Orenoco, Nericagua, Suapure)[1], Guianas Inglesa (rio Rupununi, rio Mazaruni, rio Abary, Demerara, Bartica Grove, Camacusa), Holandesa (proxim. de Paramaribo, Javaweg) e Francesa (Cayenne), leste do Equador (Sarayacu), Brasil amazônico (distrib. irregular): alto rio Negro, rio Uaupés (Taracuá), rio Juruá (igarapé Grande), rio Madeira (Humaitá), rio Tapajoz (Santarém, Vila Braga, Tauarí, Boim), rio Guamá (Ourém), rio Capim, zona de Belém (Pinheiro, Utinga, Benevides).

BRASIL
Amazonas
Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): 3 ♂♂, CAMARGO, dezembro 6 (1936).
Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, janeiro 9 (1937); 5 ♀♀, OLALLA, janeiro 3, 7, 9, 11 e 18 (1937).

---

(1) A ocorrência de *Cacicus haemorrhous* no litoral norte da Venezuela não conta em seu apoio nenhum testemunho insuspeito. Muito problemática é portanto a procedência do exemplar rotulado como da ilha Trinidad, existente na coleção em estudo.

Cacicus haemorrhous affinis Swainson [X, 29]

Japuira, Japira (Baía), *Guaxe* (São Paulo).

Cassicus affinis SWAINSON, 1834, Orn. Draw., parte 1, pl. 2: "Brazil" (por pátria típica proponho o leste da Baía)[1].
Cassicus haemorrhous SCLATER (*nec* LINNAEUS), 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 324.
Cacicus haemorrhous aphanes IHER. & IHERING[2], 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 395.

Distribuição. — Paraguay (Mondaih, Alto Paraná, Itapemini), nordeste extremo da Argentina (Misiones), Brasil oriental e centro-meridional: Pernambuco[3], Baía (rio Belmonte, Ilheus, Itabuna, rio Gongogí, Macaco Sêco), Espírito Santo (Pau Gigante, rio São José, Guaraparí), Rio de Janeiro (Sepitiba, Cantagalo, rio Muriaé, serra do Itatiaia), S. Paulo (Cubatão, rio Atibaia, Piracicaba, rio Mogí-Guassú, Salto Grande, Itararé, Cananéia, rio Juquiá, Alto da Serra, Ituverava, Franca, Caconde, Vitória, Botucatú, Itutinga, rio do Dourado, Valparaizo, Itapura, Porto Epitácio, Porto Tibiriçá), Paraná (Cândido de Abreu, rio Ivaí), Sta. Catarina (Joinvile, Blumenau)[4], Minas Gerais (Mariana, Santa Fé, Andradas, rio Matipoó, rio Piracicaba, rio Pissarrão, barra do Sussuí), Goiaz (rio das Almas, Inhumas), sul de Mato Grosso (Campo Grande).

BRASIL

Baía
"Bahia": 1 ♂ e 1 ♀ (comp. de SCHLÜTER, 1898).
Ilhéus: ♂, GARBE, maio (1919).
Itabuna: ♂, GARBE, junho (1919)
Serra do Palhão (Jequié): sexo ?, CAMARGO, dezembro 6 (1932).
Rio Gongogí: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 14 (1932).

Espírito Santo
Pau Gigante: ♂, L. C. FERREIRA, agosto 14 (1940).
Rio São José: ♂, OLALLA, setembro 14 (1942).
Guaraparí: ♂, OLALLA, outubro 12 (1942).

---

(1) Parece bem assentado que *Cassicus affinis* SWAINSON, mau grado a perda do tipo (cf. HELLMAYR, Cat. Bds. Amers., X, p. 29, nota 1), é o primeiro nome a aplicar-se restritivamente à raça este-brasileira da espécie, de plumagem sem brilho, a que tambem corresponde *C. aphanes* [illegible] posterior em data.
(2) *Cassicus aphanes* BERLEPSCH, 1889, Journ. f. Orn., XXXVII, p. 300 (no texto): Santa Catarina.
(3) Segundo SCLATER (Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 324), um ♂ e uma ♀ colecionados por FORBES, que não menciona todavia a ave em seu conhecido trabalho (The Ibis, 4.ª Ser., XIX, 1881, págs 312-362).
(4) A localidade "Pelotas", no Rio Grande do Sul, a que SCLATER, na obra supranomeada, atribue exemplares devidos a JOYNER, parece muito duvidosa.

Rio de Janeiro
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 2 ♂ ♂, OLALLA, setembro 11 (1941).
Minas Gerais
Mariana: sexo ?, J. B. GODOY (1905).
Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♀, PINTO DA FONSECA, junho 22 (1919).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 4 ♂ ♂, OLALLA, agosto 18 e 20, setembro 13 (1940); ♀, W. GARBE, agosto 31 (1940): 3 ♀ ♀, OLALLA, agosto 17 e 21 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLALLA, setembro 13 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 4 (1940).
São Paulo
Rio Mogí-Guassú: ♂, HEMPEL, setembro 12 (1899); ♂, C. VIEIRA, setembro 23 (1933).
Caconde: ♂, LIMA, maio 13 (1900).
Vitória (Botucatú): ♂, HEMPEL, julho 6 (1900).
Franca: ♂, DREHER, agosto 18 (1902).
Itararé: ♂, GARBE, julho (1903).
Itapura: ♂, GARBE, agosto (1904).
Alto da Serra: ♂, HAMADOLFF, julho 15 (1906).
Ituverava: 1 ♂ e 2 ♀ ♀, GARBE, agosto (1911).
Cubatão: ♂, LIMA, julho 5 (1925); sexo ?, LIMA, julho (1923).
Braunau: ♂, LIMA, julho 16 (1928).
Icatú: 2 ♀ ♀, LIMA, julho 25 (1928).
Valparaizo: ♂, HEITOR SERAPIÃO, julho 16 (1931).
Porto Tibiriçá (rio Paraná): ♂, LIMA, agosto 20 (1931); ♀, LIMA, agosto 25 (1931).
Morrête (Cananéia): sexo ?, CAMARGO, setembro 4 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 29 (1934).
Porto do Cascalho (rio Paraná): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 15 (1935).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂, JOSÉ LIMA, março 25 (1940).
Faz. Poço Grande (rio Juquiá): ♂, OLALLA, maio 16 (1940); ♀, OLALLA, maio 14 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 20 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 2 ♂ ♂, E. DENTE, out. 11 e 18 (1941); 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, out. 18 e nov. 10 (1941); ♀, E. DENTE, nov. 10 (1941); ♀, JOSÉ LIMA, novembro 10 (1941).
Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 11 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, OLIV. PINTO, novembro 10 (1934).
Mato Grosso
Faz. Carrapatos (Campo Grande): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 1 (1938).
Faz. Viramão (Campo Grande): 3 ♂ ♂, 4 ♀ ♀ e 1 sexo ?, JOSÉ LIMA, julho 28 (1939); ♀, MARIO LIMA, julho 28 (1939).

Gênero **ARCHIPLANUS** Cabanis

Archiplanus CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 186. Tipo, por monotipia, *Cassicus albirostris* VIEILLOT.

Archiplanus albirostris (Vieillot) [X, 35]

Soldado, Melrò, Nhapim.

Cassicus albirostris VIEILLOT, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., V, p. 364 (com base em AZARA, n.º 59, "Yapú negro y amarillo"): nenhuma indicação de localidade (Paraguay, local. subentendida); SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 323.
Cacicus chrysopterus IHER. & IHERING[1], 1907. Cat. Faun. Braz., Av., p. 394.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Holguin), Paraguay (Gran Chaco, baixo Pilcomayo, Alto Paraná, Villa Concepcion, Villa Franca, Villa Oliva, Puerto Pinasco), norte da Argentina (Formosa, Chaco, Misiones, Jujuy, Salta, Corrientes, Entre Rios, Tucumán, Buenos Aires), Uruguay (Flores, Soriano, rio Negro), Brasil meridional e oeste-meridional: sul do Rio de Janeiro (serra do Itatiaia), São Paulo (Iguape, serra de Bananal, Ubatuba, Alto da Serra, Ponte Alta, Butujurú, Piracicaba, Campos do Jordão, São Miguel Arcanjo, Itararé), Paraná (Curitiba, Lança, São Luiz, Campo Comprido, Castro, rio Claro, Salto de Guaíra), Santa Catarina, Rio Grande do Sul (Taquara, São Lourenço, Poço das Antas, São José do Norte, Itaquí, Nova Wurttemberg), sudoeste de Mato Grosso (Miranda, Salobra).

ARGENTINA
Tucumán: ♀, VENTURE, agosto 9 (1898).
BRASIL
São Paulo
Iguape: ♂, R. KRONE, novembro 3 (1899)
Itararé: ♀, GARBE, julho (1903).
Alto da Serra: ♀, LIMA, julho (1904).
Ubatuba: 1 ♂ e 2 ♀ ♀, GARBE, junho (1905).
Campos do Jordão: ♀, H. LÜDERWALDT, fevereiro 17 (1906): sexo ?, juv., H. LÜDERWALDT, fevereiro 20 (1906).
São Miguel Arcanjo: ♂, LIMA, setembro 7 (1929); ♀, LIMA, setembro 3 (1929).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 28 e 30 (1941); 5 ♀ ♀, OLALLA, agosto 24, 25 e 30 (1941).
Parana
Castro: 3 ♂ ♂, GARBE, julho (1907) e maio (1914); ♀, GARBE, junho (1907).

---

(1) Até o momento em que MILLER (Auk, 1924, p. 463) retirou a espécie do gênero *Cacicus*, o nome de VIEILLOT estivera rejeitado, por homoninia com *Tanagra albirostris* LINNAEUS, 1764 (Mus. Ad. Frid., II, Prodr., p. 31: "America" = Surinam), sinônimo de *Cacicus cela* LINNAEUS, 1758), adotando-se em seu lugar *Xanthornus chrysopterus* VIGORS, 1825 (Zool. Journ., II, p. 190, Supplem., pl. 9: "Brazil"). Cf. ALEX. WETMORE, Bull. 133, Un. St. Nat. Mus., p. 358 (1926).

Rio Grande do Sul
Nova Wurttemberg: ♂, GARBE, fevereiro (1915).
Itaquí: 2 ♂ ♂, GARBE, novembro (1914) e novembro (1915).
Mato Grosso
Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 3 (1930).
Salobra: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 24 (1939) e julho 24 (1941); ♀, CAMARGO, setembro (1940).

Archiplanus solitarius (Vieillot)[1] [X, 39]

Irá-una do bico branco (Amazônia), *Bom-é* (Ceará).

Cassicus solitarius VIEILLOT, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., V, p. 364 (com base em AZARA, n.º 58): Paraguay.
Amblycercus[2] *solitarius* SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, 326; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 395; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 419.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Villavicencio), leste do Equador (rio Suno), nordeste do Perú (rio Marañon, Pebas, Iquitos, Nauta, rio Ucayali, rio Huállaga, La Merced), leste da Bolívia (Guarayos, Yuracares, Trinidad, Santa Cruz, Chiquitos, Tarija), Paraguay (Chaco, baixo Pilcomayo, Puerto Pinasco, Colonia Risso, Lambaré, Villa Pilar), norte da Argentina (Formosa, Corrientes, Entre Ríos, Buenos Aires, Santa Fé, ? Mendoza), Uruguay (rio Negro, Soriano), Brasil septentrional e central: rio Solimões (Tefé, Codajaz)[3], Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, ilha Grande, Arumanduba, lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém), rio Curuá, ilha de Marajó (Pindobal, São Natal), ilha Caviana, Maranhão (São Bento), Piauí (Terezina), Ceará (Juá), oeste da Baía (cidade da Barra) e de Minas Gerais (Pirapora), Goiaz (Nova Roma, rio Araguaia), Mato Grosso (Vila Bela, Cuiabá, Coxim, Descalvados, Corumbá, Urucúm, Salobra, Miranda), até os limites com São Paulo (ilhas do rio Paraná).

BRASIL
Amazonas
Codajaz (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, OLALLA, julho 9 (1935).

---

(1) Cf., além de WETMORE (loc. cit.), J. C. TODD, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVII, p. 114 (1924).
(2) *Amblycercus* CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 190, nota margin.. Tipo, por designação original, *Amblyramphus prevostii* LESSON (= *Sturnus holosericeus* LICHT., México).
(3) *Cassicus nigerrimus* SPIX, 1824 (Av. Sp. Nov. Bras., I, p. 66, tab. LXIII, fig. 1: "ad ripam fl. Amazonum") é tido como inseparável de *C. solitarius* VIEILLOT. Noto, todavia, que os nossos exemplares amazônicos têm todos côr negra muito carregada, enquanto que muita variação existe nos de outra procedência.

Itacoatiara: (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, março 5 e 31 (1937).
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, julho 2, 13 e 16 (1937).

Pará
Ilha Grande: ♂, GARBE, julho (1920).
Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, dezembro 5, 25 e 27 (1936).

Baía
Cidade da Barra: 4 ♂♂, GARBE, janeiro (1908) e outubro (1913); ♀, GARBE, outubro (1913).

Minas Gerais
Pirapora: 2 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, maio (1912).

São Paulo
Ilha do alto rio Paraná: ♂, LIMA, setembro (1931).

Goiaz
Nova Roma: ♂, JOSÉ BLASER, novembro 8 (1932); ♀, JOSÉ BLASER, dezembro 12 (1932).

Mato Grosso
Corumbá: 2 ♂♂, GARBE, setembro e outubro (1917).
Rio Piquirí (Coxim): ♀, LIMA, julho 5 (1930).
Miranda: ♂, LIMA, agosto 11 (1930).
Cuiabá: ♀, OLIV. PINTO, setembro 22 (1937).
Salobra: ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 23 (1939).

Gênero **PSOMOCOLAX** Peters

Psomocolax PETERS, 1929, Proc. Biol. Soc. Wash., XLII, p. 123. Tipo, por designação original, *Oriolus oryzivorus* GMELIN.

Psomocolax oryzivorus oryzivorus (Gmelin) [X, 47]

Ira-una, *Ara-una* (Amazônia), *Graúna*, *Chico-preto*, *Melro*, *Rexenxão*, *Vira-bosta grande*.

Oriolus oryzivorus GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 386 (com base em "Rice Oriole" de LATHAM, Gen. Syn. Bds., 1, p. 423): Cayenne.
Cassidix[1] *oryzivora* SCLATER, 1886. Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 329, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 396, pt.; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 420, pt.

Distribuição.[2] — Panamá (Istmo, lago Gatún), região cisandina e costa Pacífica da Colômbia (Florencia, Buena Vista,

---

(1) *Cassidix* LESSON, 1831, Traité d'Orn., p. 433. A espécie típica desse gênero é, por monotipia, *Corvus mexicanus* (GMELIN), incluída até pouco tempo atraz no gênero *Megaquiscalus* CASSIN, 1886. Em vista disso, e a despeito da diagnose genérica de LESSON, os ornitologistas são unânimes em reconhecer, a exemplo de PETERS (Proc. Biol. Soc. Wash., XLII, 1929, p. 122), a inaplicabilidade para a ave descrita por GMELIN, do nome genérico cunhado pelo ornitologista francês.
(2) Segundo HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., parte X, p. 50, nota 1),

rio Magdalena, Miraflores, Antioquia, Remedios, Concordia, rio Cauca, Nóvita), idem do Equador (rio Napo, Zamora, rio Peripa, rio Blanco, Paramba, rio Chimbo, Pallatanga), Venezuela (Zulia, Sucre, rio Orenoco, Caicara, rio Caura), Guianas Inglesa (rio Demerara, rio Mazaruni, rio Abary, rio Ituribisci, Bartica Grove, montes Takutu), Holandesa (Surinam, proxim. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne), leste e extremo noroeste do Perú (Pebas, alto Ucayali, Santa Cruz, Cosnipata, Tumbez), leste da Bolívia (Santa Cruz, Buena Vista), Paraguay (alto Iguazú, Caaguazú), extremo nordeste da Argentina (Misiones), Brasil oeste-septentrional e centro-meridional: alto Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Branco (serra Grande), rio Anibá, rio Urubú, lago Canaçarí, Monte Alegre, igarapé Boiussú, lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba), rio Guamá (Ourém), rio Capim, rio Acará (Ipitinga), região de Belém do Pará (Santo Antônio do Prata); Mato Grosso (Engenho do Gama, Vila Bela, Caiçara, Cuiabá, Santo Antônio, Corumbá), Goiaz (rio Araguaia, rio Claro), Baía (Belmonte, WIED), Espírito Santo (Pau Gigante), Rio de Janeiro (Sepitiba, Monjolinho), São Paulo (Ipanema, Baurú, Ituverava, rio Paraná, Itapura), Paraná (rio Ivaí, Cândido de Abreu), Santa Catarina (Blumenau).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♂, GARBE, setembro 30 (1902).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 1 (1936).

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, outubro 24 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 30 e 31 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, fevereiro 10 (1937).

Rio Urubú (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, maio 15 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, maio 16 (1937).

Pará

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 13 (1935).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 18 (1936).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 2 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 27 (1936) e (1937).

é impraticável a subdivisão da forma sul-americana da espécie, donde passarem à sua sinonímia as diferentes raças propostas, sob os nomes de *Cassidix oryzivora violea* BANGS & PENARD, 1900 (La Concepción, Colômbia), *C. o. limitis* SZTOLCMAN, 1926 (Tumbez, Perú) e *C. o. garleppi* SZTOLCMAN, 1926 (Santa Cruz, Bolívia).

Espírito Santo
Pau Gigante: ♂, L. C. FERREIRA, novembro 18 (1940).

São Paulo
Itapura: 3 ♂♂ e 2 ♀♀, GARBE, agosto (1904).
Ituverava: ♂, GARBE, maio (1911).

Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): 4 ♂♂, W. GARBE, agosto 2, 3 e 5 (1941); ♂ juv., W. GARBE, agosto 2 (1941).

Mato Grosso
Cuiabá: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 6 (1937).

Gênero **MOLOTHRUS** Swainson

Molothrus SWAINSON, 1832, em SWAINSON & RICHARDSON, Fauna Bor.-Amer., II, págs. 277 e 494. Tipo, por designação original, *Fringilla pecoris* GMELIN (= *Oriolus ater* BODDAERT).

Molothrus bonariensis bonariensis (Gmelin) [X, 59]

Irá-una (Amaz.), *Gaudério* (Pernambuco), *Grumará* (Espírito Santo), *Vira-bosta, Vira, Azulão, Chopim* (São Paulo), *Caricho, Coricho* (Minas), *Papa-arroz, Parasita.*

Tanagra bonariensis GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 898 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 710): Buenos Aires.
Molothrus bonariensis SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 335; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 396; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 420.

Distribuição.[1] — Bolívia (Santa Cruz, Cochabamba, Tarija), Paraguay (baixo Pilcomayo, Puerto Bertoni, Puerto Pinasco, Sapucay, Villa Rica), República Argentina (Chaco, Formosa, Jujuy, Salta, Corrientes, Entre Ríos, Buenos Aires, Santa Fé, Cordoba, Mendoza), até o norte da Patagônia (Chubut), Chile[2] (Valparaizo, Santiago, Coquimbo), Uruguay (Montevidéo, Maldonado, Soriano, Rocha, Paysandú, Flores, San Vicente, Lazcano, rio Negro) e Brasil, do Amazonas (margem di-

(1) Os espécimes de La Morelia (Colômbia) e rio Suno (Equador), registrados por CHAPMAN (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., vols. XXXVI, p. 631 e LV, p. 697, respect.), são por HELLMAYR (Catal. Bds. Amer., parte X, p. 63) atribuídos interrogativamente à raça típica de *M. bonariensis.*

(2) No Chile a espécie foi introduzida pela mão do homem, em época que não pude averiguar.

reita e esquerda) ao Rio Grande do Sul[1]: rio Anibá, Itacoatiara, rio Purús (Monte Verde), rio Madeira (Borba), lago do Batista, Maranhão (São Bento, Miritiba), Piauí (Ibiapaba), Ceará (Quixadá, Juá), Baía (Joazeiro, cidade da Barra, rio do Peixe, Aratuípe, Curupeba), Espírito Santo (Porto Cachoeiro, rio S. José, Pau Gigante, Chaves, Guaraparí), Minas Gerais (rio das Velhas, Vargem Alegre, Mariana, Maria da Fé), Rio de Janeiro (rio Paraíba, Cabo Frio, Raiz da Serra, serra dos Orgãos, Nova Friburgo, Cantagalo, São Cristóvam, Porto Real, serra do Itatiaia), São Paulo (Iguape, São Sebastião, serra de Bananal, Ipiranga e subúrbios outros da capital, Embura, Itatiba, Campinas, Rebouças, Monte Alegre, Ipanema, São Miguel Arcanjo, Itararé, Silvânia, Jaboticabal, Cajurú, Olímpia, Lins, Vanuire, Itapura, Presidente Epitácio), Paraná (Curitiba. Invernadinha), Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Torres, Viamão, Taquara, São Lourenço, Santo Angelo, São José do Norte, Pedras Brancas, Uruguaiana), Mato Grosso (Aquidauana, Corumbá, Urucúm, Descalvados, Cuiabá), Goiaz (Jaraguá, rio das Almas, rio Araguaia).

BRASIL

Amazonas

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, março 29 (1937); 2 ♀♀, OLALLA, março 27 e junho 1 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 29 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, jul. 9 e 11 (1937).

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, janeiro 20 e 22 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 6 ♂♂, OLALLA, dezembro 5, 11, 25 e 26 (1936); 2 ♀♀, OLALLA, dezembro 11 e 23 (1936).

---

(1) Afiguram-se-me bastante concludentes os últimos estudos de HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., X, p. 63, nota 1) sobre a insustentabilidade das raças propostas com base na diferença de colorido das fêmeas, cuja plumagem, independentemente de zona ou localidade, ora é pardo-acinzentada, com pintas de brilho metálico, ora muito mais escura, quase preta, com lustro sedoso. *Icterus sericeus* LICHTENSTEIN (Verz. Doubl. Berl. Mus., 1823, p. 19: "Brasilien"), *Molothrus brevirostris* SWAINSON (Anim. in Menager.. 1837, p. 305: "Brazil") e *Molothrus bonariensis milleri* NAUMBURG & FRIEDMANN (Auk ,1927. p. 494: Urucúm) correspondem ao primeiro caso deste curioso dimorfismo, verificado sobretudo no norte do Brasil; ao segundo, encontradiço nos estados do sul, reverte *M. bonariensis melanogyna* SZTOLCMAN (Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, 1926, p. 194: Invernadinha).

Entretanto, tomando principalmente como base não só o tamanho, como o colorido das fêmeas, em que não ocorre o dimorfis-

Maranhão
Miritiba: ♂, SCHWANDA, abril 27 (1907).
Baía
Joazeiro: 1 ♂ juv. e 1 ♀, GARBE, dezembro (1907).
Cidade da Barra: ♂, GARBE, setembro (1913).
Aratuípe: ♂, OLIV. PINTO, novembro 11 (1932).
Curupeba: ♀, CAMARGO, fevereiro 6 (1933)
Espírito Santo
Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♂ juv., GARBE, novembro (1905).
Pau Gigante: ♂, GENTIL DUTRA, agosto 19 (1940); ♀, L. C. FERREIRA, outubro 15 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 22 (1942).
Guaraparí: ♀, OLALLA. outubro 15 (1942).
Rio de Janeiro
Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂ JOSÉ LIMA, junho 24 (1941).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, OLALLA, setembro 11 (1941).
Minas Gerais
Vargem Alegre: ♂, J. B. GODOY (1900).
Mariana: sexo ?, J. B. GODOY (1905).
Maria da Fé (na serra próx. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, dezembro 25 (1935).
São Paulo
São Sebastião: ♂. H. PINDER, outubro 8 (1896)
Tietê: ♂, H. PINDER, abril 16 (1897).
Iguape: ♂, R. KRONE, março 10 (1898); ♀, R. KRONE (1898).
Itatiba: 2 sexos ?, LIMA, junho (1898); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 20 (1933).
Rebouças: ♀ (compr. em setembro 26, 1900).
Jaboticabal: ♀, LIMA, setembro 27 (1900).
Itapura: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1904).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂ juv., LIMA, agosto (1913).
Olímpia: ♂, GARBE, novembro (1916).
Sabaúna (Iguape): sexo ?, LIMA, agosto 25 (1924).
Presidente Epitácio: ♀, LIMA, junho 17 (1926).
Vanuire: ♂, LIMA, agosto 21 (1928).

---

mo verificado nas aves do Brasil meridional, GRISCOM & GREENWAY, em data ulterior (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, 1937, p. 434), reconheceram no baixo Amazonas uma nova raça, igualmente distinta pelo tamanho dos machos adultos, cuja asa mediria em média 107 milim., em vez de 114,5 mil. e 100 mil., respectivamente.

O arranjo adotado neste Catálogo procura harmonizar-se com as conclusões destes ornitologistas, as quais, por insuficiência de material, não posso discutir, apesar das dúvidas que me sugere o estudo da série que tenho em mãos. Minha observação não revela nenhuma diferença constante de tamanho entre os ♂ ♂ de uma e outra margem do rio Amazonas. Nos da margem septentrional a medida da asa varia entre 106 e 115 milíms. (exceção apenas de um de Itacoatiara, cuja asa mede 100 milíms.), valores equivalentes, pelo menos, aos encontrados nos da margem meridional. Na série de ♂ ♂ do Brasil meridional, tambem 115 milíms. é o maior comprimento de asa, e verificado apenas num exemplar de Vanuire (São Paulo). As aves da porção mais alta do Amazonas, bem como as dos Maranhão, referem-se tentativamente à forma típica.

São Miguel Arcanjo: ♂, LIMA, setembro 5 (1929).
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 29 (1930).
Embura: ♀, OLALLA, dezembro 20 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 29 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLIV. PINTO, agosto 31 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, E. DENTE, outubro 11 (1941).
Butantã (cid. de S. Paulo): ♂ juv., ofta. do Instituto Butantã, janeiro 2 (1943).
Cajurú: ♀, E. DENTE, maio 11 (1943).

Rio Grande do Sul
"Rio Grande do Sul": ♀, GARBE, julho (1914).
Uruguaiana: ♂, GARBE, julho (1914).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 5 (1934).
Rio Parí (afl. do rio das Almas, marg. esquerda): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 21 (1934).

Mato Grosso
Corumbá: ♂, GARBE, setembro (1917); ♀, GARBE, outubro (1917).
Aquidauana: ♂, LIMA, agosto 4 (1931).
Cuiabá: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 23 (1937); ♀, OLIV. PINTO, setembro 21 (1937).

Molothrus bonariensis riparius Griscom & Greenway

Irá-una.

Molothrus bonariensis riparius GRISCOM & GREENWAY, 1937, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXI, p. 434: Pinhí (rio Tapajoz, marg. direita).
Molothrus bonariensis atronitens IHER. & IHERING (nec CABANIS), 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 397, parte.
Molothrus atronitens SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 421.

Distribuição. — Brasil septentrional, nas margens direita e esquerda do baixo Amazonas: Amapá, Óbidos, lago Grande, Monte Alegre, igarapé Boiussú, rio Tapajoz (Santarém, Caxiricatuba, ilha Goiana, Pinhí), rio Curuá, Cussarí, ilha de Marajó (Cachoeira), ilha Mexiana, região de Belem do Pará e adjacências (Cajutuba, Quatipurú).

Molothrus bonariensis minimus Dalmas [X, 57]

Molothrus minimus DALMAS, 1900, Mém. Soc. Zool. France, XIII, p. 138: ilha Tobago (ao norte de Trinidad).
Molothrus atronitens[1] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 337; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 421, parte.

(1) *Molothrus atronitens* CABANIS, 1849 (em SCHOMBURGK, Reis. Brit. Guiana, III, p. 682: costa da Guiana Inglesa) é nome antedatado por *Cassicus b. atronitens* MERREM, 1826. Cf. HELLMAYR, Verh. Orn. Gesells. Bay., XIV, p. 281 (1920).

Molothrus bonariensis atronitens IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 397.

Distribuição[1]. — Norte extremo da Venezuela (Laguna del Obispo, peninsula Cariaco), ilhas Trinidad, Tobago e outras pequenas Antilhas (Barbados, San Vicente, Santa Lucia), Guianas Inglesa (Demerara, Georgetown, rio Abary, Bartica), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Oyapock), zonas adjacentes do extremo norte do Brasil: rio Branco (rio Cauamé).

Molothrus rufo-axillaris Cassin [X, 67]

Molothrus rufo-axillaris CASSIN, 1886, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., p. 23: Buenos Aires (República Argentina); SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 338.
Molothrus brevirostris[2] IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 397.

Distribuição. — República Argentina (Formosa, Salta, Tucuman, Catamarca, Cordoba, Corrientes, Buenos Aires), Uruguay (Maldonado, Lazcano, rio Negro, Flores, Canelones, Santa Helena, San Vicente), Paraguay (Chaco, Bernalcué) e zona adjacente da Bolívia (Chaco), sul extremo e sudeste do Brasil: Rio Grande do Sul (São Lourenço)[3].

Molothrus badius badius (Vieillot) [X, 68]

Asa de telha.

Agelaius badius VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 535 (com base em AZARA, N.º 63, "Tordo pardo-roxizo"): Paraguay (local. típica) e Rio La Plata.
Molothrus badius SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 338, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 397.

Distribuição. — República Argentina (Chaco, Formosa, Corrientes, Entre Ríos, Jujuy, Tucuman, Catamarca, Cordoba, Buenos Aires, Mendoza) e (introduzido pelo homem) Chile

(1) A distribuição da *M. b. minimus* no Brasil é encarada pelos autores de modo bastante divergente, o que é facil de compreender à vista das considerações já feitas a proposito da forma típica da espécie.

(2) *Icterus brevirostris* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1838 (não *Molothrus brevirostris* SWAINSON, 1837), Syn. Av., 2, em Magaz. Zool., VIII, cl. 2, p. 7: Maldonado (Uruguay).

(3) Afora os de São Lourenço, registrados por HELLMAYR (Cat. Bds. Amers., X, p. 68, nota 2), os únicos exemplares do Rio Grande do Sul mencionados pela literatura são os que H. IHERING a princípio referira (Annuário do Rio Gr. do Sul para 1900, p. 122) e tambem depois fizera examinar por HELLMAYR.

(Curicó), Uruguay (Montevideo, Maldonado, Paysandú, rio Negro, Canelones, Florida), Paraguay (Lambaré, San Rafael), sudeste e sul extremo do Brasil: oeste de Mato Grosso (Descalvados, Salobra, São João do Rio Cuiabá) e Rio Grande do Sul (Jaguarão, Itaquí, Nova Hamburgo, Porto Alegre).

Argentina
- La Plata: ♂, Carlos Bruch, outubro (1893)
- Buenos Aires: ♂, perm. Mus. Nacional, maio 18 (1926).

Brasil
- Rio Grande do Sul
  - Nova Hamburgo: sexo ?, A. Schwartz (1898?).
  - Itaquí: 1 ♂ e 1 sexo ?, Garbe, agosto (1914).
- Mato Grosso
  - Salobra: ♀, José Lima, janeiro 24 (1941); sexo ?, Camargo, setembro (1940).

Molothrus badius fringillarius (Spix) [X, 71]

Icterus fringillarius Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 68, tab. LXV: "in campis Minas Geraes"[1].
Molothrus fringillarius Sclater, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 339; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 397.

Distribuição. — Interior do Brasil oriental e este-septentrional: Minas Gerais (rio São Francisco), Baía (Joazeiro, Carnaíba), Piauí (Oeiras, Ibiapaba), Ceará (Quixadá).

Brasil
- Baía
  - Joazeiro: ♂, Garbe, dezembro (1907); ♀ ?, Garbe, novembro (1907).
- Minas Gerais
  - Rio São Francisco: 2 ♂♂ e 1 ♀, Garbe, agosto (1913).

Gênero LAMPROPSAR Cabanis

Lampropsar Cabanis, 1847, Arch. Naturges., XIII, p. 333. Tipo, por monotipia, *Lampropsar guianensis* Cabanis[2].

Lampropsar tanagrinus tanagrinus (Spix) [X, 101]

Icterus tanagrinus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 67, tab. LXIV, fig. 1: "In locis sylvaticis Parae" (para localidade típica proponho Itacoatiara, na margem esquerda do Amazonas).

---

(1) Em face da ocorrência comprovada da espécie em Minas Gerais, de onde as coleções do "Museu Paulista" possuem dois ♂♂ e uma ♀ do rio São Francisco (não longe de Pirapora), coligidos por E. Garbe, deve ficar sem efeito a corrigenda da localidade típica para Oeiras (Piauí), proposta por Hellmayr (cf. Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 273).

(2) *Lampropsar guianensis* Cabanis, 1849, em Schomburgk, Reisen Brit. Guiana, III, p. 682: Guiana Inglesa. É considerado por Hellmayr (Cat. Bds. Amers., X, p. 100) coespecífico de *L. tanagrinus* e não consta ter sido ainda registrado no Brasil.

Lampropsar tanagrinus SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 388, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 403; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 424, prte.

Distribuição. — Leste do Equador (rio Napo, rio Curaray) e do Perú (rio Ucayali, rio Samiría, Sarayacu, Santa Cruz), noroeste do Brasil, ao norte e ao sul do rio Amazonas: rio Solimões (Tefé), baixo rio Negro (Manaus), rio Urubú, Itacoatiara, rio Javarí, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Sta. Cruz), rio Purús (Cachoeira, Bom Lugar, Ponto Alegre), rio Madeira (Borba, Humaitá, Manicoré), lago do Batista.

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 11 ♂♂, OLALLA, outubro 23, 24 e 28, novembro 1, 3 e 20 (1936); 8 ♀♀, OLALLA, outubro 24, 28 e 31, novembro 3 e 5 (1936); sexo ?, OLALLA, outubro 24 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 10 ♂♂, OLALLA, dezembro 5, 8, 16, 24 e 29 (1936), fevereiro 1 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♀♀, OLALLA, março 8 (1937)

Lago Batista (baixo Madeira, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, abril 17 e maio 30)1937); ♀, OLALLA, março 29 (1937).

Rio Urubú (rio Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ e 2 ♀♀, OLALLA, março (1937)

Lampropsar tanagrinus violaceus Hellmayr [X, 102]

Lampropsar tanagrinus violaceus HELLMAYR, 1906, Abhandl. Bayr Akad. Wissens., 2 kl., XX, p. 616: Rio Guaporé (noroeste de Mato Grosso)[1]; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 403.

Distribuição. — Brasil ocidental, na porção oeste-septentrional do estado de Mato Grosso: rio Guaporé (Braço do Jaracatiá).

Gênero **ICTERUS** Brisson

Icterus BRISSON, 1760, Ornith., II, p. 85. Tipo, por tautonímia, "Icterus" de BRISSON (= *Oriolus icterus* LINNAEUS)[2].

---

(1) Na Bolívia a espécie aparece representada pela nova raça *Lampropsar tanagrinus boliviensis* GYLDENSTOLPE, 1841 (Ark. f. Zoolog., XXXIII, n.º 12, p. 4: Consuelo, Dept. de Beni).

(2) *Oriolus icterus* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 161, — com base primordialmente em "Icterus" ("Le Troupiale") de BRISSON, Orn., II, p. 86: "*in* America *calidiore*" (Cayenne). A espécie é peculiar ao extremo norte da América Meridional (Venezuela) e parece extranha ao Brasil, não obstante a menção do rio Negro por CASSIN (Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., 1867, p. 46).

Icterus cayanensis cayanensis (Linnaeus) [X, 108]

Rouxinol de encontro amarelo.

Oriolus cayanensis LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 163 (com base em "Pica alis flavis" de EDWARDS e "Xanthornus cayanensis" de BRISSON): "in Insula S. Thomae *(errore!)*, Caiana" (= Cayenne, loc. típica).
Icterus cayanensis SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 369; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 423.
Xanthornus cayanensis IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 401.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne) e Holandesa (Surinam), leste do Perú (rio Ucayali, Yahuarmayo, La Merced, Carabaya) e Brasil amazônico: rio Anibá, Óbidos, rio Juruá (lago Grande), rio Eirú (Santa Cruz), rio Tapajoz (Piquiatuba, Boim, Miritituba), rio Tocantins (Cametá, Arumateua, ilha Araramanha), ilha de Marajó, rio Acará (Ipitinga), região de Belém (Benfica, Prata, Castanhal).

BRASIL
Amazonas
Rio Juruá: ♂, GARBE, junho (1902).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, outubro 28 (1936).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, novembro 8 (1936).
Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, janeiro 9 (1937).
Pará
Rio Tocantins: ♂, F. Q. LIMA, janeiro 30 (1920).
Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂. OLALLA, julho 4 (1936).

Icterus cayanensis tibialis Swainson [X, 109]

Xexéu de bananeira (Pernambuco), *Pêga, Soldado, Encontro.*

Icterus tibialis SWAINSON, 1837, Anim. Menager., p. 302: "Brazil"; SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 370.
Xanthornus tibialis IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 370.

Distribuição. — Brasil este-septentrional e oriental: Maranhão (Miritiba, Boa Vista, Primeira Cruz, Rosário, rio Parnaíba), Piauí (Ibiapaba, Arara), Ceará (Várzea Formosa, Juá, Quixadá, serra de Baturité), Pernambuco (Quipapá, Macuca, Garanhuns, ilha de Itamaracá), Baía (Joazeiro, Sambaíba, cidade da Barra, rio Grande, São Marcelo, Santa Rita do Rio Preto, Macaco Sêco, rio Gongogí, rio Belmonte), Espírito Santo (rio S. José, rio Itapemirim), Rio de Janeiro (Nova Friburgo).

Brasil
Maranhão
Primeira Cruz: ♂, Schwanda, dezembro 30 (1905).
Boa Vista: ♂, Schwanda, novembro 19 (1906).
Miritiba: ♀, Schwanda, outubro 6 (1907).
Pernambuco
Itamaracá: ♂, Oliv. Pinto, janeiro 4 (1939); ♀, Oliv. Pinto, janeiro 1 (1939); 1 ♂ e 1 ♀ ?, Oliv. Pinto, janeiro 2 (1939).
Baía
"Bahia": 2 sexos ?, Schlüter (1898).
Joazeiro: ♂, Garbe, dezembro (1907); ♀, Garbe, julho (1907).
Cidade da Barra: ♀, Garbe, outubro (1913).
Rio Gongogí: ♀, Oliv. Pinto, dezembro 21 (1932).
Madre de Deus: ♀ juv., Oliv. Pinto, janeiro 20 (1942).
Espírito Santo
Rio São José: ♂, Olalla, setembro 18 (1942).

Icterus cayanensis valencio-buenoi Ihering [X, 111]

Pêga, Soldado.

Icterus cayanensis valencio-buenoi H. v. Ihering, 1902, Rev. Mus. Paul., V, p. 268: Piracicaba (pátria típica) e Jaboticabal (localidades ambas do estado de São Paulo).
Xanthornus cayanensis valencio-buenoi Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 402.
Xanthornus pyrrhopterus Iher. & Ihering (*nec* Vieillot), 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 401, parte.

Distribuição. — Brasil este-meridional e centro-oriental: São Paulo (Piracicaba, Itararé, Salto Grande, Botucatú, Jaboticabal, Bebedouro, Olímpia, Monte Aprazível, Lins, rio Dourado, Presid. Epitácio), Minas Gerais (Sete Lagoas, Paracatú, Uberaba), sul de Goiaz (rio das Almas, Inhumas, rio Claro, fazenda Esperança, barra do rio São Domingos, rio Araguaia), sudeste extremo de Mato Grosso (Jupiá, Sant'Ana do Paranaíba).

Brasil
São Paulo
Itararé: ♀, Garbe, julho (1903).
Bebedouro: ♂, Garbe, abril (1904).
Olímpia: ♂, Garbe, novembro (1916).
Presidente Epitácio (rio Paraná): ♀, Lima, julho 5 (1926).
Faz. Ponte Nova (Macaubas): ♂, José Lima, março 26 (1940).
Faz. Varjão (Lins): 2 ♂♂, Olalla, janeiro 31 e fevereiro 5 (1941); ♀, Olalla, janeiro 31 (1941).
Barra do rio Dourado (Lins): ♂, Olalla, fevereiro 4 (1941); ♀, Olalla, janeiro 25 (1941).
Lins: ♂, Olalla, junho 19 (1941); ♀, Olalla, maio 19 (1941).
Goiaz
Barra do rio São Domingos: ♂, José Blaser, agosto 20 (1932).

Cacicus cela cela ♂ n. 29.935
Leistes m. militaris ♂ n. 14.621

Gnorimopsar chopi chopi ♂ n. 26.581
Icterus jamacaii jamacaii ♂ n. 18.637

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♀, Oliv. Pinto, outubro 16 (1934); ♀, W. Garbe, outubro 10 (1934).
Rio das Almas: ♀, W. Garbe, outubro 17 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. Garbe, novembro 7 (1934); ♀, W. Garbe, novembro 13 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): 2 ♂ ♂, W. Garbe, abril 20 (1940) e junho 1 (1941).

Mato Grosso
Sant'Ana do Paranaíba: ♂, Oliv. Pinto, julho 23 (1931).
Jupiá (rio Paraná): ♀, Lima, agosto 14 (1931).
Vale do Araguaia: sexo ?, Bandeira Anhanguera (1937).

Icterus cayanensis periporphyrus (Bonaparte)[1] [X, 112]

Pendulinus periporphyrus Bonaparte, 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 432: Bolívia (= Chiquitos, leste da Bolívia).
Icterus pyrrhopterus Sclater (*nec* Vieillot), 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 368, parte.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos) e região adjacente do Brasil ocidental: centro-oeste de Mato-Grosso (Cuiabá[2], Santo Antônio, Chapada, Abrilongo, rio das Flechas, Cáceres, Poconé, Coxim).

Brasil

Mato Grosso
São Luiz de Cáceres: ♂, Garbe, dezembro (1917).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, Oliv. Pinto, agosto 7 (1937).
Usina Santo Antônio (Cuiabá): ♀, Oliv. Pinto setembro 6 (1937).

Icterus cayanensis pyrrhopterus (Vieillot) [X, 112]

Agelaius pyrrhopterus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 543 (com base em Azara, n.º 74, "Tordo negro cobijas de canela"): Paraguay.
Icterus pyrrhopterus Sclater, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 368, parte.
Xanthornus pyrrhopterus Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 401, parte.

---

(1) *Icterus cayanensis periporphyrus* Bonap. ocupa, no tangente ao colorido das coberteiras superiores das asas, posição nitidamente intermediária entre *I. c. valencio-buenoi* Iher. e *I. c. pyrrhopterus*, o que justifica o procedimento de Hellmayr (Catal. Bds. Amers., X, p. 112), considerando-os todos formas coespecíficas. Cf. Oliv. Pinto, Revista do Mus. Paulista, XVII, 2.ª parte, p. 798 (1932).

(2) Pátria de *Icterus pyrrhopterus compsus* Oberholser, 1902 (Proc. Un. St. Nat. Mus., XXV, p. 68). Hellmayr (op. cit., p. 112, nota 1), completando os estudos de A. Laubmann (Wissens. Deuts. Gran Chaco Exped., 1930, p. 295-6), verificou que as aves da região de Cuiabá concordam com as de leste da Bolívia, umas e outras diferindo das do Paraguay e sul de Mato Grosso.

Distribuição. — Sul extremo da Bolívia (Chaco, Tarija Caíza, Villa Montes, Piedra Blanca), Paraguay (Lambaré, Puerto Pinasco, Sapucay, Puerto Bertoni, Villa Franca, Carpeguá, Trinidad), República Argentina (Formosa, Corrientes, Entre Ríos, Jujuy, Salta, Tucumán, Cordoba, Buenos Aires, Santa Fé, Barracas al Sud), Uruguay (Paysandú, Canelones, rio Uruguay), sul extremo e sudeste do Brasil: oeste do Rio Grande do Sul (rio Uruguai, Itaquí) e sudoeste de Mato Grosso (Corumbá, Urucúm, Descalvados, Porto Esperança, Salobra, Miranda, Aquidauana).

ARGENTINA
Las Talas: sexo ?, C. BRUCH, março (1897).

BRASIL
Rio Grande do Sul
Itaquí: 1 ♂ e 2 sexos ?, GARBE, agosto (1914).
Mato Grosso
Corumbá: ♀, GARBE, setembro (1917).
Porto Esperança: ♂, LIMA, setembro 12 (1930).
Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 15 (1930); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 6 (1930).
Aquidauana: sexo ?, JOSÉ LIMA, agosto 4 (1931).
Salobra: 2 ♀ ♀, Exp. a Mato Grosso, agosto 23 e 24 (1939); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 21 (1941).

Icterus chrysocephalus (Linnaeus) [X, 114]
Rouxinol.

Oriolus chrysocephalus LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 164 (com base em *Xanthornus icterocephalus americanus* de BRISSON): "*in* America" (Cayenne, pátria típica, sugerida por BERLEPSCH & HARTERT)[1].
Icterus chrysocephalus SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 369; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 423.
Xanthornus chrysocephalus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 401.

Distribuição — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa (Surinam, proxim. de Paramaribo) e Inglesa (Demerara, montes Takutu, Roraima, Bartica Grove, rio Ituribisci, rio Bonasika, rio Mazaruni), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura), sudeste da Colômbia ("Bogotá"), leste do Equador (rio Suno), nordeste do Perú (baixo Ucayali, Sarayacu, baixo Huallaga, Yurimaguas) e extrema oeste-septentrional do Brasil: alto rio Negro (Marabitanas, São Gabriel), rio Uaupés (Taracuá), alto rio Branco (Boa Vista, Forte São Joaquim).

(1) Novit. Zool., IX, p. 31 (1902).

BRASIL
Amazonas
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, novembro 26 (1936).
Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, CAMARGO, dezembro (1936)

Icterus nigrogularis nigrogularis (Hahn) [X, 132]

Xanthornus nigrogularis HAHN, 1819, Vögel aus Asien, África, etc., livr. 5, pl. 1: "Jamaica, México, and Cayenne" (localidade típica "Brazil", *teste* HELLMAYR)[1].
Icterus xanthornus SCLATER[2], 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 380, parte.
Xanthornus xanthornus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 402.

Distribuição. — Colômbia (Santa Marta, rio Magdalena, Bolivar), Venezuela (prov. de Zulia, Carabobo, Caracas, Sucre, rio Orenoco), Guianas Inglesa (Georgetown, Demerara, montes Takutu, Bartica Grove, rio Ituribisci, rio Abary, Supenaam), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne) e região adjacente do Brasil, no extremo norte do Amazonas: rio Branco (Forte de São Joaquim, Boa Vista, serra da Lua), rio Maú.

Icterus jamacaii (Gmelin) [X, 139]

Concriz (Pernambuco), *Sofrê* (Baía), *Currupião.*

Oriolus jamacaii GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 391 (com base, em última análise, através de BRISSON e de outros, em "Jamacaii" de MARCGRAVE): nordeste do Brasil (pátria típica Ceará, sugerida por HELLMAYR)[3].
Icterus jamacaii SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 383.
Xanthornus jamacaii IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 402.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: interior do Maranhão (Côcos, Barra do Corda) e do Piauí (Ibiapaba, Par-

(1) O exemplar tipo, existente no museu de Munich, foi examinado por HELLMAYR (Cf. Catal. Bds. Americas, X, p. 132).
(2) *Oriolus xanthornus* GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 391 (com base em BRISSON, etc.), embora identificado com a presente espécie, é nome prejudicado por *Coracias xanthornus* LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 108 (baseado em "The Black-headed Indian Oriole" de EDWARDS), que a atual nomenclatura coloca no gênero *Oriolus*. Cf. HELLMAYR, Verh. Orn. Gesells. Bay., XIV, pp. 131-132 (1919).
(3) Cf. Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 276 (1929).

naguá), Ceará (Juá, Quixadá, serra de Baturité), Pernambuco (ilha de Itamaracá), Baía (Joazeiro, Barrinha, cidade da Barra, rio Grande, lagoa do Boqueirão, Macaco Sêco, rio do Peixe, Curupeba, ilha Madre de Deus, rio Pardo), Minas Gerais (Lagoa Santa, rio Pandeiro, rio São Francisco, Abaeté).

BRASIL
Pernambuco
Itamaracá: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 3 (1939).
Baía
"Bahia": ♀ ? juv., SCHLÜTER (1898).
Joazeiro: ♂, GARBE, novembro (1907).
Cidade da Barra: 1 ♂ e 2 ♀ ♀, GARBE, fevereiro (1908).
Madre de Deus: ♀, OLIV. PINTO, janeiro 30 (1933); 1 ♀ ? e 1 ♀ juv., OLIV. PINTO, janeiro 22 (1942).
Curupeba: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, janeiro 20 e fevereiro 26 (1933).
Minas Gerais
Rio Pandeiro (afl. do rio S. Francisco, marg. esquerda): ♀, JOSÉ BLASER, janeiro 10 (1930).

Icterus croconotus (Wagler) [X, 140]

Rouxinol (Amazônia), *João Pinto* (Mato Grosso).

Psarocolius croconotus WAGLER, 1829, Isis, XXII, Heft 7, col. 757: México, *errore* (pátria típica, rio Tapajoz, designada por HELLMAYR)[1].
Icterus croconotus SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 382; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 424.
Xanthornus croconotus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 402.

Distribuição. — Sul da Guiana Inglesa (montes Takutu, rio Mahú), leste do Perú (Nauta, rio Huallaga, Chamicuros, Carabaya, Moyobamba, Loreto) e do Equador (rio Napo, rio Suno, Sarayacu), norte e leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos)[2], Brasil amazônico e centro-ocidental (Amazonas, Pará e oeste de Mato Grosso): rio Solimões (Manacapurú), rio Negro, rio Branco (Forte de São Joaquim), rio Maú, rio Uru-

---

(1) Cf. HELLMAYR, Catal. Bds. Americas, parte X, p. 141, nota 1. Segundo LICHTENSTEIN (Nomencl. Av. Mus. Zool. Berol. 1854, p. 51), os cótipos, por aquele ornitologista examinados no Museu de Berlim, procedem do "Pará" (certamente a província, e não a cidade de Belém) e da Guiana.

(2) *Icterus croconotus strictifrons* TODD, 1924 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXVII, p. 122: tipo de Palmaritos, Bolívia, Chiquitos) parece-me insustentável, visto como as aves de Mato Grosso, que, segundo HELLMAYR, "são absolutamente idênticas às da Bolívia", não se podem distinguir das da Amazônia por nenhuma diferença constante (cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 603). Afigura-se-me tambem preferível manter a distinção específica

bú, rio Anibá, lago Canaçarí, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, igarapé Bravo, Patauá, rio Maicurú (igarapé de Paituna), rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Bom Lugar), lago do Batista, rio Tapajoz (Santarém), rio Curuá e, no estado de Mato Grosso, rio Cuiabá (Cuiabá, Santo Antônio), rio das Flechas, rio Paraguai (Corumbá, Descalvados), rio Piquirí (Coxim).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, outubro 16 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, dezembro 22 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 27 (1937).

Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, março 23 (1937); ♀, OLALLA, maio 31 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 12 (1937); ♀, OLALLA, maio 23 (1937).

Rio Urubú (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, maio 16 (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, junho 10 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, junho 5 e 10 (1937).

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂, 2 ♀ ♀ e 1 sexo ?, OLALLA, janeiro 22 (1935).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 14 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 3 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 17, 27 e 29 (1936).

Mato Grosso

Corumbá: ♂, GARBE, outubro (1917).

Rio Piquirí (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, julho 3 (1930); ♂ ?, LIMA, julho 9 (1930).

Usina Santo Antônio (Cuiabá): 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, setembro 4 e 13 (1937).

Gênero GYMNOMYSTAX Reichenbach

Gymnomystax REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 73. Tipo, por designação de CABANIS (1851, Mus. Hein., I, p. 189), *Agelaius melanicterus* VIEILLOT (= *Oriolus mexicanus* LINNAEUS).

---

entre *I. jamacaii* e *I. croconotus*, dada a ausência de transição entre ambos na época atual. Cf. tambem A. LAUBMANN, Wissens. Ergebn. Gran-Chaco Exped., 1930, p. 294. Não disponho de material para ajuizar sobre *Icterus croconotus paraguayae* BRODKORB, 1937 (Occas. Papers Univ. Michigan, n.º 345) do Chaco, a oeste de Puerto Casado (Paraguay), raça a que poderão porventura pertencer as aves do sudeste da Bolívia, hipótese que reduziria *paraguayae* à sinonímia de *strictifrons*.

Gymnomystax mexicanus (Linnaeus) [X, 157]

Ira-tauá.

Oriolus mexicanus LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 162, sob o número 8 (com base em "Icterus fuscus novae hispaniae" de BRISSON, Orn. II, p. 5): "*in* Mexico", *errore* (pátria típica Cayenne, por designação de BERLEPSCH & HARTERT)[1].

Gymnomystax melanicterus SCLATER[2], 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 362.

Gymnomystax mexicanus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 401; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 422.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa (Surinam) e Inglesa (Demerara), norte e leste da Venezuela (Sucre, cid. Bolivar, rio Orenoco), leste do Equador (rio Napo, Quijos), nordeste do Perú (rio Marañon, Pebas, Iquitos, Nauta, rio Ucayali, Sarayacu, rio Huallaga, Santa Cruz), Brasil amazônico: rio Solimões[3], rio Anibá, lago Canaçarí, lago Grande, Monte Alegre, lago Cuipeva, rio Tapajoz (Pinhel, Aveiro, Santarém), rio Curuá, rio Tocantins (Alcobaça, Mazagão). ilha de Marajó (Ararí. Pacoval, Cachoeira, São Natal), ilha Mexiana.

VENEZUELA

"Venezuela": sexo ?, compr. de SCHLÜTER, maio (1902)

BRASIL

Amazonas

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♀♀, OLALLA, abril 9, maio 12 e 19 (1937).

Pará

Lago Grande (rio Amazonas): 4 ♂♂, GARBE, julho e agosto (1920); sexo ?, GARBE, agosto (1920).

Marajó: ♂ juv, F. Q. LIMA, outubro 20 (1921).

Aveiro (baixo Tapajoz marg. direita): ♂, OLALLA, março 9 (1934).

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, junho 22 (1934).

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 1 (1935).

Foz do rio Curuá (rio Amazonas, marg. direita): 2 ♀♀, OLALLA, dezembro 11 e 29 (1936).

---

(1) Cf. Novit. Zool., IX, p. 32 (1902).

(2) *Agelaius melanicterus* VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXXIV, p. 556 (com base em "Troupiale jaune à calotte noire, de Cayenne" de DAUBENTON, Pl. enlum. 533.

(3) Pátria típica de *Icterus citrinus* SPIX, 1824 (Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 69, tab. LXVI). O autor não precisa o lugar ("ad ripam flum. Solimoëns") em que obtivera o seu exemplar, o que seria importante conhecer visto como a moderna literatura ornitológica não registra a ocorrência da ave a oeste do rio Negro.

Gênero **AGELAIUS** Vieillot

Agelaius Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élément., p. 33. Tipo, por subsequente designação de Gray (1840, List. Gen. Bds., p. 42), "Troupiale commandeur" de Buffon (= *Oriolus phoeniceus* Linnaeus).

Agelaius thilius[1] petersii Laubmann [X, 175]

Agelaius thilius petersii Laubmann, 1934, Verh. Orn. Gesells. Bay., XX, p. 331: Saladillo (República Argentina, fronteira de Santa Fé e Santiago del Estero).
Agelaeus[2] *thilius* Sclater, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 343, parte.
Agelaius thilius Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 398, parte.

Distribuição. — República Argentina (Jujuy, Tucumán, Catamarca, Santa Fé, Corrientes, Entre Rios, Buenos Aires, Cordoba, Mendoza) e norte da Patagonia (Neuquen, rio Negro, Chubut), Uruguay (Montevideo, Maldonado, Canelones, Flores), Paraguay (?) e sul extremo do Brasil: Rio Grande do Sul (São Lourenço. Pedras Brancas. São José do Norte, Itaquí).

Argentina
Barracas al Sud: ♂, Venturi, agosto 15 (1898).

Brasil
Rio Grande do Sul
Itaquí: 3 ♂♂, Garbe, agosto (1914); ♀, Garbe, outubro (1914).

Agelaius icterocephalus icterocephalus (Linnaeus) [X, 177]

Ira-tauá.

Oriolus icterocephalus Linnaeus, 1766, Syst. Nat., I, p. 163 (com base em "Le Carouge à teste jaune de Cayenne" de Brisson, Orn., II, p. 124): Cayenne.
Agelaeus icterocephalus Sclater, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 345; Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 421.
Agelaius icterocephalus Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 398.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa (Paramaribo) e Inglesa (Georgetown, rio Abary, montes Takutu), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Carabobo, Zulia),

(1) *Turdus thilius* Molina, 1782, Saggio Stor. Nat. Chile, págs. 250 e 345: Chile. Na literatura antiga a espécie, cuja raça típica não atinge as latitudes do Brasil, foi freqüentemente identificada a *Oriolus cayanensis* Linn. e *Xanthornus chrysopterus* Vigors (= *Cassicus albirostris* Vieillot).
(2) *Agelaeus* Cabanis, 1851, Mus. Hein., I, p. 188 (emenda, por *Agelaius* Vieillot).

norte e leste da Colômbia (rio Magdalena, rio Cauca, "Bogotá"), nordeste do Perú (rio Ucayali, Pebas, Chamicuros), Brasil amazônico: rio Juruá, baixo rio Negro (Manaus), Itacoatiara, Monte Alegre, lago Cuipeva, Arumanduba, lago Grande do Amapá, rio Tapajoz (Santarém), foz do rio Curuá do Sul, ilha Urucurituba, ilha de Marajó (Livramento, Dunas, São Natal), leste do Pará (Belém).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: 2 ♂♂ e 2 ♀♀, GARBE, julho (1902).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 1 ♂ juv. e 2 ♀♀, OLALLA, março 27 (1937).

Pará

Ilha Urucurituba (rio Amazonas): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 3 e 25 (1934).

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, fevereiro 1, 2 e 12 (1935); ♀, OLALLA, fevereiro 6 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita); 14 ♂♂, dezembro 4, 6, 10 e 12 (1936); ♀, OLALLA, dezembro 4 (1936).

Agelaius cyanopus Vieillot [X, 179]

Agelaius cyanopus VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 552 (com base em AZARA, n. 71, "Tordo negro y vario): Paraguay; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Braz., Aves, p. 398.

Agelaeus cyanopus SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 344.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos, Guarayos), Paraguay (Assuncion, Puerto Pinasco, Lambaré, Forte Wheeler, baixo Pilcomayo), norte da Argentina (Chaco, Formosa, Corrientes, Misiones, Santa Fé), Brasil centro-meridional e septentrional: Mato Grosso (Corumbá, Descalvados, Palmiras, Cuiabá, Coxim), Goiaz (rio Araguaia), São Paulo (Itapura, rio Grande, Olímpia Lins), Paraná (rio Paraná). Rio de Janeiro (lagoa Feia)[1], Maranhão (São Bento), baixo Amazonas (Arumanduba)[2].

BRASIL

Rio de Janeiro

Lagoa Feia (Ponta Grossa): ♂, OLALLA, setembro 7 (1941)

São Paulo

Itapura: ♂, GARBE, agosto (1904).

(1) Pátria de *Icterus atro-violaceus* WIED, 1831 (Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1216: Coral (= Curral) de Batuba, perto da lagoa Feia), cuja descrição se ajusta aos caracteres da espécie em estudo (cf. HELLMAYR, Catal. Bds. Amers., X, p. 180, nota 1).

(2) As localidades do Maranhão (São Bento) e Pará (Arumanduba) baseiam-se no testemunho de SNETHLAGE (Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 421, 1914).

Olímpia: ♂ ?, Garbe, novembro (1916).
Faz. Varjão (Lins): ♂, Olalla, fevereiro 13 (1941).
Lins: sexo ?, Olalla, junho 6 (1941).

Paraná
Rio Paraná: sexo ? juv., perm. Mus. Paranaense (1940).

Mato Grosso
Corumbá: 2 ♂♂ e 3 ♀♀, Garbe, outubro (1917).
Rio Piquirí (Coxim): ♀, Lima, julho 4 (1930).
Cuiabá: ♀, José Lima, setembro 20 (1937).

Agelaius forbesi Sclater [X, 181]

Agelaeus forbesi Sclater, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 345: Pernambuco (local. típica Macuca)[1].
Agelaius forbesi Iher. & Ihering, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 398.

Distribuição. — Apenas conhecido da zona típica: interior de Pernambuco (Macuca, Vista Alegre).

Agelaius ruficapillus ruficapillus Vieillot [X. 181]

Agelaius ruficapillus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 536 (com base em Azara, n.º 72, "Tordo corona de canela"): Paraguay; Iher. & Ihering, 1907, Cat. Fauna Braz., Aves, 398.
Agelaeus ruficapillus Sclater, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 347.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija), Paraguay (Gran Chaco, baixo Pilcomayo, Alto Paraná, Sapucay, Villa Rica, Forte Wheeler, Puerto Pinasco), Uruguay (Montevideo, Canelones), norte da Argentina (Chaco, Formosa, Corrientes, Salta, Tucumán, Catamarca, Santa Fé, Cordoba, Buenos Aires), Brasil oeste-meridional e extremo sul: sudoeste de Mato Grosso (Palmiras), oeste do Rio Grande do Sul (rio Uruguai, Itaquí).

Argentina
La Plata: ♂, C. Bruch, fevereiro (1897).
Barracas al Sud: ♂, Venturi, setembro 1 (1899).

Brasil
Rio Grande do Sul
Itaquí: 1 ♂ e 1 ♀, Garbe, novembro (1914)

(1) Os exemplares típicos, colecionados em Macuca e Vista Alegre por Forbes, foram por este autor determinados como *Aphobus chopi* (Vieillot). Sclater (op. cit.) e, muito recentemente, Hellmayr (Catal. Bds. Americas, X, p. 181, nota 1, 1937), impugnaram categòricamente esta opinião, atribuindo os ditos espécimes à forma particular, de que até o presente são os únicos conhecidos.

Agelaius ruficapillus frontalis Vieillot [X, 182]

Agelaius frontalis VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 545: Cayenne.
Agelaeus frontalis SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 347; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 422.
Agelaius ruficapillus frontalis IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 399.

Distribuição. — Guiana Francesa (Cayenne), Guiana Holandesa (Surinam), Brasil septentrional e centro-oriental: baixo Amazonas (foz do rio Curuá), leste do Pará (rio Guamá, Ourém), Maranhão (São Bento), Piauí (Ibiapaba), Ceará, Pernambuco, Baía (rio São Francisco, Joazeiro, cidade da Barra), sul de Goiaz (Jaraguá), oeste de São Paulo (rio Grande).

BRASIL

Pará

Foz do rio Curuá (rio Amazonas, marg. direita): sexo ?, OLALLA, dezembro 25 (1936).

Baía

"Bahia": 1 ♂ e 1 ♀ (compr. de BERLEPSCH, janeiro 1905).
Cidade da Barra: 6 ♂♂, GARBE, janeiro e fevereiro (1908) e outubro (1913).

Gênero **XANTHOPSAR** Ridgway

Xanthopsar RIDGWAY, 1901, Proc. Wash. Acad. Sci., III, p. 155. Tipo, por designação original, *Oriolus flavus* GMELIN.

Xanthopsar flavus (Gmelin) [X, 184]

Oriolus flavus GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 389 (com base em "Le Troupiale jaune d'Antigue" de SONNERAT)[1]: "*in* Antigua insulae Penay" (*errore!*) "*et* America *australi*" (rio da Prata, pátria típica sugerida por HELLMAYR).
Agelaeus flavus SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 346.
Agelaius flavus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 398.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Entre Rios, Buenos Aires), Uruguay (Montevidéo, Cerro Largo, Rocha, Maldonado, Paysandú, Dolores), Paraguay (Itapé) e sul extremo do Brasil: Rio Grande do Sul (Pelotas, Nova Hamburgo).

BRASIL

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: 1 ♂ e 1 ♀ ?, A. SCHWARTZ, julho 18 (1896).

---

(1) SONNERAT, Voy. Nouv. Guinée, p. 113, pl. 69 (1776). A descrição e desenho do pássaro parece serem inconfundíveis. Nada de certo porém se sabe sobre a origem dos tipos.

Gênero AMBLYRAMPHUS Leach

Amblyramphus LEACH, 1814, Zool. Misc., I, p. 81. Tipo, por monotipia, *Amblyramphus bicolor* LEACH (= *Xanthornus holosericeus* SCOPOLI).

Amblyramphus holosericeus (Scopoli) [X, 187]

Soldado, Capitão.

Xanthornus holosericeus SCOPOLI, 1786, Del. Flor. et Faun. Insub., II, p. 88 (com base em "Le Troupiale rouge d'Antigue" de SONNERAT)[1]: ilha Antigua e Philipinas, *errore!* (pátria típica, delta do rio Paraná, sugerida por DABBENE)[2].

Amblyrhamphus holosericeus SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 351.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Mojos), Paraguay (Chaco, baixo Pilcomayo, Colonia Risso, Barranquera la Novia, Villa Rica, Puerto Pinasco), nordeste da Argentina (Formosa, Corrientes, Santa Fé, Entre Rios, Buenos Aires), Uruguay (Montevideo. Maldonado, Rocha, Cerro Largo, Sta. Elena, Arroyo Grande), sul extremo e sudoeste do Brasil: Rio Grande do Sul (Rio Grande, Porto Alegre, Torres, Viamão)[3], Mato Grosso (Cuiabá. Pau Sêco, barra do Jaurú. Corumbá. Carandàzinho, Palmiras).

ARGENTINA

Barracas al Sud: ♂, VENTURI, junho 4 (1899).
Avellaneda: ♂, F. M. RODRIGUEZ, novembro 28 (1904).
Buenos Aires: ♀, G. BAER (1908).

BRASIL

Mato Grosso

Corumbá: 2 ♂♂, GARBE, setembro (1917); 2 ♀♀, GARBE, outubro (1917).

Gênero GNORIMOPSAR Richmond

Gnorimopsar RICHMOND, 1908, Proc. Un. St. Nat. Mus., XXXV, p. 584, — nome novo, em lugar de *Aaptus* RICHMOND, 1902 (Proc. Biol. Soc. Wash., XV, p. 85), nome por sua vez proposto em lugar de *Aphobus* CABANIS, 1851 (Mus. Hein., I, p. 194), ambos rejeitados por homonimia com, respectivamente, *Aaptus* J. E. GRAY, 1867 e *Aphobus* GISTEL, 1848. Tipo, por monotipia, *Agelaius chopi* VIEILLOT.

---

(1) SONNERAT, Voy. Nouv. Guinée, p. 113, pl. 68
(2) Cf. Anal. Mus. Nac. Hist. Nat. Buenos Aires, XXIII, p. 372 (1912).
(3) Cf. RUD. GLIESCH, Egatea, 1930, p. 290.

Gnorimopsar chopi chopi (Vieillot) [X, 189]

Pássaro preto, Chopim.

Agelaius chopi VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 537 (com base em AZARA, n.º 62, "Chopi"): Paraguay a Buenos Aires.

Aphobus chopi SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 405, parte.

Aaptus chopi IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 403, parte.

Distribuição. — Sudeste extremo da Bolívia (Alto Paraguay, Cabo Emma), Paraguay (Assuncion, Villa Rica, Sapucay, Alto Paraná, baixo Pilcomayo, Puerto Pínasco), norte da Argentina (Chaco, Formosa, Corrientes, Entre Rios, Santa Fé, Buenos Aires), Uruguay (rio Negro, Paysandú, San Vicente), Brasil central e este-meridional: Mato Grosso (rio Guaporé, Vila Bela de Mato Grosso, Chapada, Coxim, rio Manso, Salobra, Palmiras, Piraputanga), Goiaz (rio Araguaia, Leopoldina, rio das Almas, Jaraguá, rio Paranaíba, Veadeiros), centro e sul da Baía (Macaco Sêco, rio Gongogí, Angicos, Vareda), Minas Gerais (rio Jordão, Água Suja, Lagoa Santa, São João del Rei, Vargem Alegre, barra do Piracicaba, Maria da Fé), Rio de Janeiro (Marambaia, Cantagalo, Porto Real), São Paulo (ilha de São Sebastião, Ipiranga, Itatiba, Ipanema, rio Mogí-Guassú, Cajurú, Mato-Dentro, rio Grande, Itapetininga, São Miguel Arcanjo, Itararé, Botucatú, Silvânia, Icatú, Lins, Valparaiso, ilha Seca, Porto Epitácio), Paraná (Vera Guaraní, Cândido de Abreu, rio Putinga), Rio Grande do Sul (São Lourenço, Jaguarão).

BRASIL

Baía

Rio Gongogí: ♂, W. GARBE, dezembro 24 (1932).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).

Maria da Fé (na serra, próx. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 16 (1936).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLIV. PINTO, agosto 18 (1940); ♀, W. GARBE, agosto 19 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♀, H. PINDER, outubro 7 (1896).

Vitória (Botucatú): 1 ♂ e 1 ♀, HEMPEL, julho 17 (1900).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂ ♂, ofta. de O. M. FERRAZ, julho 11 e agosto 6 (1906).

Itapetininga: ♂, LIMA, agosto 4 (1926).

Presidente Epitácio: 3 ♂ ♂, LIMA, junho 3 e 17 (1926).

Braunau: ♂, LIMA, junho 27 (1928).

Icatú: ♂, LIMA, julho 16 (1928).

São Miguel Arcanjo): 2 ♀ ♀, LIMA, agosto 28 (1929).

Rio Mogí-Guassú: ♂, C. VIEIRA, setembro 23 (1933).

Itatiba: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 24 (1933).
Ilha Seca (rio Paraná): ♀, MARIO LIMA, fevereiro 23 (1940).
Faz. Varjão (Lins): 3 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 23 e fevereiro 1 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, E. DENTE, outubro 21 (1941);
Cajurú: ♂, E. DENTE, maio 12 (1943).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 10 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, OLIV. PINTO, outubro 17 (1934); ♂, W. GARBE, outubro 10 (1934): ♀, OLIV. PINTO, outubro 13 (1934).

Mato Grosso

Faz. Recreio (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 16 (1937).
Salobra: 3 ♂ ♂. JOSÉ LIMA, julho 23 (1939) e janeiro 23 (1941).

Gnorimopsar chopi sulcirostris (Spix). [X, 191]

Gra-una

Icterus sulcirostris SPIX, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 67, tab. LXIV, fig. 2: "in campis Minas Geraes"[1].
Aphobus chopi SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 405 parte.
Aaptus sulcirostris IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 403.

(1) A graúna do Nordeste, tão comum na literatura leiga, e sempre exaltada pelos seus finos dotes vocais, é sobremodo rara nas coleções e parece tornar-se cada dia mais escassa nos lugares em que existia, provàvelmente em conseqüência da ativa procura de que sempre fôra objeto. Não estranha pois que os conhecimentos da sistemática a seu respeito não sejam ainda satisfatórios. HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, 1929, p. 276; op. cit., XIII, parte X, p. 191, nota 1), ao mesmo tempo que reduz *G. sulcirostris* a simples raça geográfica de *G. chopi*, impugna a procedência "Minas Gerais", dada por SPIX ao exemplar que lhe servira de base à descrição e à estampa, substituindo-a por Oeiras, no interior do Piauí. Entretanto, há razões para que se pudesse pensar em restituir às duas formas a categoria de boas espécies, embora muito aparentadas, como tambem em manter a pátria típica registrada por SPIX. Esse modo de ver é tanto mais plausível quanto temos em *Molothrus fringillarius* caso perfeitamente análogo. As diferenças entre *G. chopi* e *G. sulcirostris*, embora da natureza das que de ordinário separam raças de uma mesma espécie, são bastante acentuadas para permitirem aos próprios leigos distinguí-los quase sempre sem hesitação. Mais importante, talvez, como carater diferencial, é a proverbial maviosidade e pujança do canto da "graúna", com que o do "vira" está longe de poder rivalizar. A interferência das áreas geográficas de ambas é sugerida por certos fatos, entre os quais merece menção o testemunho do Prof. PIRAJÁ DA SILVA, que teve em cativeiro graúnas *(sulcirostris)* da zona de Maracás, a meia distância entre Andaraí e rio Gongogí, localidades de que se conhecem exemplares de *chopi*, em tudo semelhantes dos de Minas e São Paulo (cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, 1935, p. 298). Não parece, pois, improvável que SPIX houvesse conseguido nos campos do norte de Minas um exemplar perfeitamente semelhante aos do norte da Baía e Piauí.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Santa Cruz)[1] e nordeste do Brasil: Maranhão (Côcos, perto de Codó), Piauí (Ibiapaba, Amarração), Ceará, norte da Baía (Boa Vista, perto de Chique-Chique).

Gênero **PSEUDOLEISTES** Sclater

Pseudoleistes SCLATER, 1862, Catal. Col. Amer. Birds, p. 137. Tipo, por designação de SCLATER (1884, Ibis, p. 19), "*Pseudoleistes viridis*" (= *Agelaius guirahuro* VIEILLOT).

Pseudoleistes guirahuro (Vieillot) [X, 194]

Chopim do brejo, Chopim do charco, Chopim do banhado, Pintassilgo do brejo.

Agelaius guirahuro VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 545 (com base em AZARA, n.º 64, "Guirahuro"): Paraguay (pátria típica) e Rio da Prata.

Pseudoleistes guirahuro SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 352.

Distribuição. — Paraguay (Bernalcué, Encarnación, Sapucay), norte da Argentina (Corrientes, Santa Fé, Entre Rios, ? Buenos Aires[2]), Uruguay (Lazcano, rio Negro, Quebrada de los Cuervos, Treinta y Tres, Canelones), Brasil este-meridional: Rio de Janeiro?[3], Minas Gerais (Cascata, Lagoa Santa, Sete Lagoas), Goiaz (cabeceiras do Araguaia, rio Bonito[4]), São Paulo (Franca, rio Grande, Itararé, Itapetininga), Paraná (Curitiba, Castro, Murungaba, Escaramuça), Rio Grande do Sul (Taquara, Pedras Brancas).

---

(1) Ao nordeste do Brasil dever-se-á acrescentar o leste da Bolívia (departs. de Beni, Santa Cruz e Tarija), si, como faz HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, X, p. 191), na sinonímia de *G. chopi sulcirostris* incluirmos *Aphobus megistus* LEVERKÜHN, 1889 (Journ. f. Orn., XXXVII, p. 104: Santa Cruz de la Sierra e San Miguel), que todavia não conheço. Cf. tambem A. LAUBMANN, Wissen. Ergebn. Deuts. Gran-Chaco Exped., Vögel, p. 297 (1930).

(2) Nenhuma referência autêntica a Buenos Aires, onde, segundo AZARA, a única espécie existente seria *L. virescens*.

(3) SCLATER (Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 352) identifica à presente espécie *Icterus atro-olivaceus* WIED, 1831 (Beitr., III, p. 1216) de Curral de Batuba perto da Lagoa Feia. A descrição do príncipe acomoda-se porém dificilmente ao pássaro descrito por AZARA.

(4) Cf. HELLMAYR, Catal. Bds. Americas, X, p. 195, nota *a* (1937).

BRASIL
São Paulo
Itapetininga: sexo ?, VIEIRA DE CAMARGO (1898 ?).
Itararé: 2 ♀♀, GARBE, abril e agosto (1903); sexo ?, GARBE, maio (1903).
Franca: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1910).
Barra do rio Dourado (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 8 (1941).
Paraná
Castro: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, abril (1907).
Rio Grande do Sul
Itaquí: ♀, GARBE, agosto (1914).
Mato Grosso
Faz. Alegre (rio Cachoeira): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, agosto 29 (1938).

Pseudoleistes virescens (Vieillot) [X, 195]

Dragão.

Agelaius virescens VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 543 (com base em AZARA, n.º 65, "Dragon"): "fronteiras do Brasil" (=Uruguay ?) e Buenos Aires (que sugiro como pátria típica).

Pseudoleistes virescens SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 352.

Distribuição. — Norte e leste da Argentina (Chaco, Corrientes, Entre Rios, Buenos Aires, Santa Fé, Córdoba), Uruguay (Montevideo, Maldonado, Paysandú, Quebrada de los Cuervos, Treinta y Tres, San Vicente, Lazcano, Rocha, rio Negro) e sul extremo do Brasil: Rio Grande do Sul (lagoa dos Patos, Pedras Brancas, Viamão, São José do Norte).

ARGENTINA
Punta de Lara (Buenos Aires): ♂, C. BRUCH, outubro 26 (1895).

Gênero LEISTES Vigors

Leistes VIGORS, 1825, Zool. Journ., II, p. 191. Tipo, por designação original, *Oriolus americanus* GMELIN (= *Emberiza militaris* LINNAEUS).

Leistes militaris militaris (Linnaeus) [X, 197]

Polícia inglesa, Puxa verão, Tem-tem do Espírito Santo.

Emberiza militaris LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 178 (com base em "Turdus ater, pectore coccineo" de LINNAEUS, 1754 (Mus. Adolph. Frid., I, p. 18): "*in* America, Asia" (pátria típica Surinam, sugerida por BERLEPSCH & HARTERT)[1].

(1) Cf. Novit. Zool., IX, p. 33 (1902). A identidade do tipo, graças à sua conservação no Museu de Upsala, foi comprovada por LÖNNBERG (Bih. Vitensk-Akad. Handl., XXII, Afd. 4, n.º 1, p. 29, 1896).

Leistes guianensis[1] SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit Mus., XI, p. 348.
Leistes militaris IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 399: SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 422.

Distribuição. — Panamá (Mina de Corcha, Tucumay), norte da Colômbia (Magdalena, Bolivar), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, planices de Valencia). ilhas Trinidad e Tobago, Guianas Inglesa (Demerara, Georgetown, rio Juruani, rio Abary, Bartica Grove, Roraima, montes Takutu), Holandesa (prox. de Paramaribo) e Francesa (Cayenne, rio Mahury), nordeste do Perú (Xeberos), Brasil amazônico, inclusive o norte de Mato Grosso (rio Gi-Paraná) e do Maranhão: rio Solimões (Manacapurú), rio Branco (Forte de São Joaquim), rio Anibá, lago Canaçarí, Itacoatiara, Cussarí, Monte Alegre, Patauá, Ereré, Amapá, rio Madeira (Borba, Marmelos, Santa Isabel do Rio Preto) e rio Gi-Paraná (Maruins), Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Itaituba, Aveiro, Urucurituba), rio Xingú (Santa Julia, no rio Irirí), ilha de Marajó (Cachoeira, Pacoval, São Natal. rio Ararí, Cambú), ilha Mexiana, ilha Caviana, leste do Pará (Belém, Peixe-Boi, Cajutuba), norte do Maranhão (São Bento, ilha Mangunça, Primeira Cruz, Turiassú, Miritiba, Jutaizal)[2].

GUIANA INGLESA
"Surinam": ♂ (compr. de SCHLÜTER, maio 1902).

BRASIL
Amazonas
Parintins (rio Amazonas, marg. direita): 1 ♂ e 2 ♀♀, GARBE junho (1921).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 4 ♂♂, CAMARGO, agosto 26 e outubro 21 e 22 (1936): ♀, CAMARGO, outubro 22 (1936).
Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂♂, OLALLA, janeiro 29, junho 5 e 13, julho 19 (1936); ♂, OLALLA, janeiro 20 (1937).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, janeiro 26 (1937).
Lago do Batista (baixo Madeira, marg. direita): ♂, OLALLA, fevereiro 23 (1937).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 19 ♂♂, OLALLA, março 9, 10 e 19, abril 3, 6 e 29, maio 27 e 29, junho 1, 5 e 17 (1937); 11 ♀♀, OLALLA, março 4 e 19, abril 3, maio 26, 27 e 29, junho 17 (1937).
Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): 7 ♂♂, OLALLA, abril 23, maio 9, 11, 12, 20 e 23 (1937); ♀, OLALLA, maio 23 (1937).

---

(1) *Oriolus guianensis* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 162 (com base em "Icterus guianensis" de BRISSON, Orn. II, p. 105): Guiana.
(2) Nas aves do Maranhão frequentemente se verifica, com persistência nos machos adultos, nítido esboço da lista superciliar característica da raça afim.

Pará
Aveiro (baixo Tapajoz, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, março 1, 2 e 10 (1934); ♀, OLALLA, março 4 (1934).
Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, janeiro 4 e 24 (1935).
Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, fevereiro 20 e 22 (1935).
Maranhão
Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, setembro 13 (1906).

Leistes militaris superciliaris (Bonaparte) [X, 200]

Polícia inglesa.

Trupialis superciliaris BONAPARTE (*ex* NATTERER manuscr.), 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 430: "Mexico" (pátria típica "Mato Grosso", sugerida por BERLEPSCH)[1].
Leistes superciliaris SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 349.

Distribuição. — Sudeste do Perú (Yahuarmayo, Carabaya)[2], leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos, Tarija), Paraguay (Gran Chaco, baixo Pilcomayo, Villa Rica, Puerto Pinasco, Colonia Risso), República Argentina (Chaco, Formosa, Salta, Corrientes, Entre Rios, Misiones, Buenos Aires, Tucumán, Santa Fé, Córdoba), Uruguay (Moldonado, San José, Flores, Canelones), Brasil centro-meridional e este-septentrional: Mato Grosso (rio Guaporé, Caiçara, Pau Sêco, São Xavier, Descalvados, Campo Grande?), oeste extremo de São Paulo (Itapura). Rio Grande do Sul (Itaquí, São Lourenço, Nova Hamburgo, Viamão). Ceará (Quixadá), Pernambuco (Cabo, Petrolina, Tapera). Baía (Joazeiro, Curupeba, rio Gongogí)[3].

ARGENTINA
Barracas al Sud: ♂, VENTURI, outubro 24 (1898)

BRASIL
Pernambuco
Tapera: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, dezembro 18 e 22 (1938); ♀, OLIV. PINTO, dezembro 19 (1938).
Baía
Joazeiro: 3 ♂♂ e 2 ♀♀, GARBE, dezembro (1907).
Curupeba: ♀, W. GARBE, fevereiro 14 (1933).
Rio Grande do Sul
Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, outubro 31 (1898).
Itaquí: 2 ♂♂, GARBE, outubro (1914) e setembro (1915).

---

(1) Novit. Zool., XV, p. 123 (1908). Há boas razões para supor-se que BONAPARTE cujas indicações geográficas nem sempre foram fiéis, tenha descrito a espécie por exemplares de Mato Grosso, colecionados por NATTERER. Cf. HELLMAYR, Catal. Birds Americas, X, p. 200, nota 2 (1937).
(2) Cf. HELLMAYR, Arch. Naturges., LXXXV, Abt. A., Heft 10, p. 34 (1920).
(3) Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 294 (1935).

Mato Grosso
Faz. Curralinho (Campo Grande): 5 ♂♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, setembro 1 (1938).

Gênero PEZITES Cabanis

Pezites CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 191. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1885), *Sturnus loyca* MOLINA (=*Sturnus militaris* LINNAEUS)[1].

Pezites defilippii (Bonaparte) [X, 207]

Trupialis[2] *defilippii* BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av, I (2), p. 429: "*ex* Bras., Parag., Montevideo" (pátria típica Montevidéu, *teste* HELLMAYR); SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 357.

Distribuição. — Norte da Argentina (Corrientes, Entre Rios, Buenos Aires, Tucumán, Córdoba, Mendoza), Uruguay (Montevideo, Canelones, Santa Elena, Soriano, Flores), sul extremo do Brasil: Paraná (Pinheirinhos)[3], Rio Grande do Sul (São Lourenço, Jaguarão).

Gênero STURNELLA Vieillot

Sturnella VIEILLOT, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élément., p. 34. Tipo, por monotipia, "Stourne, ou Merle à fer-à cheval" de BUFFON (=*Alauda magna* LINNAEUS)[4].

Sturnella magna praticola Chubb [X, 217]

Sturnella magna praticola CHUBB, 1921, Ann. Magaz. Nat. Hist., 9.ª Ser., VIII, p. 445: rio Abary (Guiana Inglesa).
Sturnella magna subsp. *meridionalis* SCLATER, 1886 (*nec* SCLATER, 1861)[5], Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 630, parte.
Sturnella magna meridionalis IHER. & IHERING (*nec* SCLATER), 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 400.

---

(1) *Sturnus militaris* LINNAEUS, 1771, Mantissa Plant. altera, p. 527 (com base em "L'Etourneau des Terres Magellaniques", de DAUBENTON, Pl. enlum. 113): Estreito de Magalhães.
(2) *Trupialis* BONAPARTE, 1850 (*nec* MERREM, 1826), Consp. Gen. Av., I, (2), p. 429. Tipo, designado por SCLATER (1884, Ibis, p. 23), *Sturnus militaris* LINNAEUS.
(3) Cf. SZTOLCMAN, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V. p. 196 (1926).
(4) *Alauda magna* LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 167 (com base em "Alauda magna" (="The Large Lark") de CATESBY (Nat. Hit. Carol.. I, pag. e pl. 33: "*in* America, Africa" (=Carolina do Sul, *ex* CATESBY).
(5) *Sturnella meridionalis* SCLATER, 1861, Ibis, III, p. 179: "New Granada & Venezuela" (localidade típica "Bogotá", *teste* HELLMAYR).

Distribuição — Nordeste e sul da Venezuela (baixo Orenoco, rio Caura), Guiana Inglesa (rio Abary, rio Rupununi), região adjacente do extremo norte do Brasil e baixo Amazonas: alto rio Branco (Forte do Rio Branco), rio Tocantins[1].

Gênero **DOLICHONYX** Swainson

Dolichonyx SWAINSON, 1827, Phil. Magaz., no. ser., I, p. 435. Tipo, por monotipia, *Fringilla oryzivora* LINNAEUS.

Dolichonyx oryzivora (Linnaeus) [X, 220]

Triste-pia.

Fringilla oryzivora LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 179 (com base em "Hortulanus carolinensis" de CATESBY, Nat. Hist. Carol., I, p. e pl. 14): Cuba e Carolina (do Sul).
Dolichonyx oryzivorus SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 331.

Distribuição. — América septentrional, do norte do Canadá (Colômbia, Alberta, Saskatchewan, Manitoba, Ontario, Quebec) aos Estados Unidos (Pennsylvania, Virginia, Ohio, Illinois, Colorado, Utah, Nevada, norte da California, Florida), de onde emigra para a América Meridional, através das Antilhas (Cuba, ilhas Bahamas, Aruba) e da costa oriental da América Central, desde a Colômbia (Santa Marta), o Equador (rio Napo), a Venezuela (Mérida) e as Guianas (Camacusa), até o Perú (Paucartambo), o Paraguay e a República Argentina (Tucumán, Santa Fé, Buenos Aires), com ocorrências nas partes extremas do Brasil ocidental (Amazonas e Mato Grosso) e meridional: rio Negro (Marabitanas), rio Madeira, alto rio Juruá (Santa Cruz do rio Eirú), rio Paraguai (Água Branca de Corumbá), Rio Grande do Sul (Itaquí).

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
"Estados Unidos": ♀, compr. de v. BERLEPSCH (1903).
Washington: ♂, H. GLAZE, maio 18 (1902).

BRASIL
Amazonas
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♂ ?, OLALLA, outubro 27 (1936); ♀, OLALLA, outubro 22 (1936).
Rio Grande do Sul
Itaquí: 1 ♂, 1 ♂ juv. e 2 sexos ?, GARBE, dezembro (1914).

---

(1) Cf. SNETHLAGE, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, II, n. 6, pgs. 49 e 51 (1926); GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 319 (1941).

Família FRINGILLIDAE

Subfamília RICHMONDENINAE [1]

Gênero SALTATOR Vieillot

Saltator VIEILLOT, 1816, Analyse d'une Nouv. Ornith. Element., p. 32. Tipo, por monotipia, "Grand Tangara, BUFF.". (=*Tanagra maxima* P. L. S. MÜLLER).

Saltator maximus maximus (P. L. S. Müller) [XI, 11]

Sabiá-gongá (Pernambuco), *Vaqueiro, Estevam* (Baía), *Papa-pimenta* (Recôncavo), *Tempera viola* (Espírito Santo), *Trinca-ferro* (Rio de Janeiro).

Tanagra maxima P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Suplem., p. 159 (com base em DAUBENTON, Pl. Enlum. 205): Caiena (Guiana Francesa).
Saltator magnus[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 285
Saltator maximus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 370; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 459.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa e Inglesa (rio Demerara, Roraima, Bartica Grove), Venezuela (rio Orenoco, Maipures, rio Caura, Zulia, Maracay), Colômbia (rio Magdalena, Florencia, Villavicencio, Barbacoas, Puerto Valdivia, Buena Vista, Santa Marta). Equador (Santa Rita, Sarayacu, Puente de Chimbo), Perú (Chamicuros, Vista Alegre, Moyobamba, Xeberos, Yurimaguas, Cosnipata, Huambo, Chirimoto), nordeste da Bolívia (rio Beni, Yuracares, Tilotillo), Paraguay (Puerto Bertoni), Brasil septentrional e central: rios Solimões e Amazonas (Tefé, Manaus, Óbidos, Monte Alegre), rio Negro, rio Uaupés (Jauâretê), rio Içana, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira[3], rio Tapajoz (Santarém, Piquiatuba, Goiana, Coatá), rio Tocantins (Arumateua, Baião), rio Gua-

(1) De *Richmondena* MATH. & IREDALE, 1918, nome novo de *Cardinalis* BONAPARTE, tipificado por *Loxia cardinalis* LINN., espécie norte-americana.
(2) *Tanagra magna* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 890 (baseada tambem na Pl. enlum. 205 de DAUBENTON).
(3) Uma ♀ de Santa Isabel (no Rio Preto, afl. do Gi-Paraná) col. por HOFFMANNS em 1907 e referida por HELLMAYR (Novit. Zool., XVII, 1910, p. 279).

má (Ourem, Santa Maria do São Miguel) e todo distrito este-paraense (Belém, Prata, Peixe-Boi, Apeú, Benevides, Murutucú), Maranhão (Turiassú, Miritiba, Rosário. rio Parnaíba. Inhuma), Pernambuco, Baía (Recôncavo, Aratuípe, Santo Amaro, Curupeba, Ilheus, Belmonte, rio Gongogí), Espírito Santo (Pau Gigante, Porto Cachoeiro, rio Doce, rio S. José, Chaves), Rio de Janeiro (Nova Friburgo. rio Muriaé, Sepitiba), Minas Gerais (rio Doce, rio Sussuí, rio Piracicaba), Goiaz (Jaraguá, Inhumas, rio Uruú, Faz. Esperança, rio Claro, cid. de Goiaz, Santo Antônio), Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba, Chapada[1], Utiarití).

COLOMBIA

La Frijolera (Antioquia): ♀, MILLER & BOILE, janeiro 3 (1915).
Puerto Berrio (rio Magdalena): ♂, CHAPMAN & CHERRIE, janeiro 30 (1913).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): ♀, OLALLA, novembro 25 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 10 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 7, 11, 28 (1936) e janeiro 27, 28, 30 (1937); 5 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 7, 22, 25 e 28 (1936).
Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. esquerda): 2 sexos?, CAMARGO, dezembro 14 (1936).

Pará

Murutucú (prox. de Belem): ♀, F. Q. LIMA, dezembro 15 (1923).
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 15 (1934); ♀, OLALLA, junho 5 (1934).
Piquiatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): sexo?, OLALLA, maio 11 (1936).

Maranhão

Miritiba: ♂, SCHWANDA, novembro 18 (1907); ♀, SCHWANDA, novembro 14 (1907).

Baía

"Bahia": sexo ? (perm. do museu BERLEPSCH).
Caravelas: ♂, GARBE, agosto (1908).
Ilheus: ♂, GARBE, maio (1919).
Belmonte: ♂, GARBE, agosto (1919).
Aratuípe: ♀, CAMARGO, novembro 13 (1932).
Rio Gongogí: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 24 (1932).
Curupeba: ♂, OLIV. PINTO, fevereiro 25 (1933).

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (= Sta. Leopoldina): ♂, GARBE, dezembro (1905).
Rio Doce: ♂, GARBE, julho (1906).
Pau Gigante: ♂, GARBE, fevereiro (1906); ♀, GARBE, janeiro (1906); ♂. GENTIL DUTRA, agosto 15 (1940).

---

(1) Pátria típica de *Saltator cayanus interjector* CHUBB, 1921 (Ann. Magaz. Nat. Hist., 9.ª ser., VIII, p. 445), um sinônimo de *S. m. maximus*.

Rio São José: ♂, OLALLA, setembro 14 (1942); ♀, OLALLA, setembro 20 (1942)
Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, OLALLA, agosto 24 (1942).
Guaraparí: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, outubro 16 (1942).

Rio de Janeiro
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♀, OLALLA, setembro 12 (1941).

Minas Gerais
Barra do Piracicaba (rio Doce): 4 ♂♂, OLALLA, agosto 19, 20, 21 e 24 (1940); 4 ♀♀, OLALLA, agosto 20 e 23, setembro 7 (1940); ♀, W. GARBE, agosto 18 (1940); sexo ?, OLIV. PINTO, agosto 25 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLIV. PINTO, setembro 18 (1940); ♀, OLALLA, setembro 17 (1940).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 13 (1934); ♀, OLIV. PINTO, setembro 10 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 9 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, OLIV. PINTO, novembro 8 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂ ?, W. GARBE, maio 7 (1940); 2 ♀♀, W. GARBE, maio 22 e agosto 22 (1941)

Mato Grosso
Sant'Ana do Paranaíba: ♂, JOSÉ LIMA, julho 24 (1931).
Chapada: ♂, OLIV. PINTO, setembro 29 (1937); ♀, H. H. SMITH, janeiro 18 (1883).

Saltator similis similis Lafresnaye & d'Orbigny [XI, 14]

Tico-tico guloso, Pixarro, Tico-tico do mato (São Paulo), *Bico de ferro, Pixororém, Matia* (Itatiaia).

Saltator similis LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 36: Corrientes (República Argentina); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 287, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 370.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Chaco, Formosa, Santa Fé, Corrientes, Entre Ríos, Misiones), Paraguay (Encarnacion, Arroyo Verde, Puerto Pinasco, rio Pilcomayo), leste da Bolívia (Chiquitos, San José), Brasil central e este-meridional: Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Urucúm, Coxim, Sant'Ana do Paranaíba), Goiaz (rio Araguaia, São Miguel, Veadeiros), Minas Gerais (Vargem Alegre, Lagoa Santa, Sete Lagoas, Campanha, Pirapora, rio Piracicaba, córrego do Pissarrão, rio Doce, rio Sussuí, Maria da Fé), norte e oeste de São Paulo (serra de Caraguatatuba, serra de Bananal, Mogí das Cruzes, Itatiba, Ipiranga, Cachoeira, Monte Alegre, Bebedouro, Avanhandava, Icatú, Vanuire, Araçatuba, Valparaizo), Rio de Janeiro (Nova

Friburgo, Cantagalo, Itatiaia, Petrópolis, Porto Real, Sepitiba), Espírito Santo (Vitória, serra do Caparaó, Chaves)[1], Baía (Macaco Sêco)[2].

BRASIL

Baía

"Bahia": sexo ?, SCHLÜTER (1898).

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLIV. PINTO, agosto 26 (1942); ♀, OLIV. PINTO, setembro 3 (1942); ♀, OLALLA, agosto 30 (1942).

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).
Pirapora: ♀, GARBE, maio (1912).
Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 13 (1936); ♂ juv., OLIV. PINTO, janeiro 4 (1936).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 27 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 19 e 27 (1940).
Rio Doce: ♀, W. GARBE, agosto 29 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♀, OLALLA, setembro 16 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLIV. PINTO, setembro 27 (1940); ♂, W. GARBE, outubro 4 (1940); 5 ♂ ♂, OLALLA, setembro 28 e 30, outubro 3 e 5 (1940); ♀, OLALLA, outubro 3 (1940); ♀, OLIV. PINTO, outubro 3 (1940).

São Paulo

Iguape: ♀, R. KRONE, julho 23 (1897).
Cachoeira: ♂. LIMA, agosto 16 (1898).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂ ♂, LIMA, outubro 19 (1898) e setembro (1910); ♂, JOSÉ LIMA, maio 16 (1941); ♀, LIMA, outubro 18 (1899); ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 19 (1941); sexo ?, JOSÉ LIMA, agosto (1923).
Itararé: ♂, GARBE, agosto 21 (1903); ♀, GARBE, julho (1903).
São Jeronimo (Avanhandava): ♂, GARBE, fevereiro (1904).
Bebedouro: 4 ♂ ♂, GARBE, março e abril (1904).
Itatiba: ♂, LIMA, novembro 3 (1925); ♀, C. VIEIRA, novembro 13 (1932); sexo ?, LIMA, setembro (1907); sexo ?, DREHER, junho 16 (1902).
Icatú: ♂, LIMA, julho 6 (1928); ♀, LIMA, julho 13 (1928).
Vanuire: ♂, LIMA, agosto 16 (1928).
Valparaizo: ♂, JOSÉ LIMA, julho 7 (1931).
Mogí das Cruzes: ♀ juv., JOSÉ LIMA, março 13 (1933).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♀, CAMARGO, agosto 21 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): sexo ?, CAMARGO, outubro 7 (1934).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): 3 ♂ ♂, OLALLA, agosto 25, 27 e 30 (1941); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 26 (1941).

---

(1) Cf. HELLMAYR, Verh. Orn. Gesells. Bayern., XII, p. 133 (1915).
(2) "Bahia" é a localidade típica de *Saltator similis pallidiventris* BERLEPSCH, 1885 (Zeitschr. Ges. Orn., II, p. 121), considerado sinônimo.

Serra de Caraguatatuba: ♂, OLALLA, setembro 24 (1941); sexo ?, OLIV. PINTO, setembro 24 (1941).
Monte Alegre: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 18 e maio 12 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 15 (1943).

Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, julho 10 (1941).

Mato Grosso
Coxim: ♀, LIMA, junho 22 (1930).
Sant'Ana do Paranaíba: ♀, LIMA, julho 19 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 15 (1937).

Saltator similis ochraceiventris Berlepsch [XI, 16]

Saltator similis ochraceiventris BERLEPSCH, 1912, Verh. 5 th. Intern. Orn. Kongr. Berlin, p. 1.114: Taquara do Mundo Novo (Rio Grande do Sul).
Saltator similis SCLATER (*nec* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 287, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 370, parte.

Distribuição. — Brasil meridional: sudeste de São Paulo (Iguape, Cananéia, Itararé)[1], Paraná (Curitiba), Santa Catarina (Laguna), Rio Grande do Sul (Taquara, Arroio Grande).

Saltator coerulescens coerulescens Vieillot [XI, 26]

Saltator coerulescens VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 105 (com base em AZARA, N.º 81, "Habia ceja blanca"): Paraguay; SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 290.
Saltator caerulescens IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 371.

Distribuição. — Norte da Argentina (Jujuy, Salta, Tucumán, Santa Fé, Entre Rios, Formosa), Paraguay (Bernalcué, Puerto Pinasco, Las Palmas), leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija), Brasil oeste-meridional: Mato Grosso (Corumbá, Descalvados, Salobra, Miranda, rio São Lourenço, Cuiabá, Cáceres, Vila Bela de Mato Grosso, Coxim, Rondonópolis).

BRASIL

Mato Grosso
Corumbá: 1 ♂ e ♀, GARBE, outubro (1917).
Rio Piquirí (Coxim): ♂, LIMA, julho 7 (1930).
Miranda: ♂, LIMA, agosto 28 (1930); ♀, LIMA, agosto 9 (1930); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 11 (1930).
Rondonópolis: ♀, OLIV. PINTO, agosto 27 (1937).
Usina Santo Antonio (Cuiabá): ♀, OLIV. PINTO, setembro 8 (1937).
Cuiabá: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 21 (1937).
Salobra: 2 ♂ ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 21 (1939); ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 30 (1941).

---

(1) O colorido ocráceo das partes inferiores é particularmente intenso no exemplar de Iguape.

Saltator coerulescens superciliaris (Spix) [XI, 25]

Tanagra superciliaris SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 44, tab. LVII: "in campis fl. St. Francisci prope pagum Joazeiro" (norte da Baía).
Saltator caerulescens IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 371, parte.

Distribuição. — Nordeste do Brasil: norte e oeste da Baía (rio São Francisco, Joazeiro, cidade da Barra, rio Preto, Faz. Pedregulho), sul do Piauí (Parnaguá, lagoa Missão).

BRASIL
Baía
Cidade da Barra: ♀, GARBE, outubro (1913).

Saltator coerulescens azarae d'Orbigny[1] [XI, 24]

Saltator azarae D'ORBIGNY, 1839, Voyage Amérique Mérid., Ois., p. 287, parte: Moxos (Bolívia).
Saltator superciliaris SCLATER (*nec* SPIX), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 291, parte.
Saltator caerulescens azarae IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 371.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Florencia, Villavicencio, Buena Vista), do Equador (Gualaquiza, rio Napo, Sarayacu) e do Perú (rio Ucayali, rio Huallaga, rio Colorado, Moyobamba, Iquitos, Pebas, Cosnipata), nordeste da Bolívia (Moxos, rio Beni) e Brasil oeste-septentrional, ao sul do rio Amazonas: rio Juruá (João Pessoa), rio Purús, rio Madeira (Calama, Borba).

BRASIL
Amazonas
Rio Juruá: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1902).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, dezembro 28 (1936) e janeiro 28 (1937); 2 ♀♀, OLALLA, dezembro 7 e 31 (1936).

Saltator coerulescens mutus Sclater [XI, 23]
Sabiá-gongá.

Saltator mutus SCLATER, 1856, Proc. Zool. Soc. Lond., XXIV, p. 72: ilha Mexiana (Pará, estuário amazônico).
Saltator superciliaris SCLATER (*nec* SPIX), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 291.
Saltator caerulescens mutus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 371.

---

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XXXII, pp. 5, 6 (1925).

Distribuição[1]. — Brasil septentrional, da bacia amazônica ao norte do Maranhão: baixo Solimões (Manacapurú) e margens ambas do rio Amazonas (Itacoatiara, lago do Serpa, Patauá, lago Cuipeva), rio Anibá, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Arumanduba, Amapá, rio Tapajoz (Santarém, lago Grande, Itaituba), Jamauchim, rio Curuá, rio Tocantins (Arumateua), ilha de Marajó (Pindobal, São Natal, Tuiuiú), ilha Mexiana, rio Mojú, distrito de Belém, norte do Maranhão (São Bento).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, CAMARGO, setembro 26, 29 e 30 (1936); ♀, CAMARGO, setembro 28 (1936); sexo ?, CAMARGO, outubro 3 (1936).

Lago do Serpa (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 6 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 4 ♂ ♂, OLALLA, março 25 e 31, abril 3, maio 27 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, março 31 e abril 3 (1937); sexo ?, OLALLA (1937).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, abril 15 (1937).

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): sexo ?, juv., GARBE, jan. (1903).

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, OLALLA, jan. 2 (1935).

Lago Cuipeva (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fev. 20 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 3 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 6, 12 e 20 (1936); 2 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 4 e 23 (1936).

Saltator coerulescens olivascens Cabanis [XI, 22]

Saltator olivascens CABANIS, 1849, em SCHOMBURGK, Reis. Brit. Guiana, III, p. 676: Guiana Inglesa; SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 289, parte.

Saltator olivaceus (sic) IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 371, parte.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa (prox. de Paramaribo, Lelydorp) e Inglesa (Georgetown, mon-

---

(1) São bastante arbitrários os limites entre as raças *mutus* e *azarae;* na prática é por vezes impossivel, pela coloração da plumagem, distinguir exemplares baixo-amazônicos dos da parte mais alta da bacia. Um ♂ (n. 15.668) de lago Cuipeva e uma ♀ (n. 15.669) de Patauá, localidades situadas ao norte do baixo Amazonas (Pará), pela côr intensamente ocrácea do crisso não se diferenciam de muitos exemplares de João Pessoa (rio Juruá). Nos indivíduos jovens, à semelhança da ♀ (n. 22.983) da foz do Curuá (baixo Amazonas, margem direita), a plumagem é francamente tingida de verde-oliva, carater persistente na raça *olivacens,* de distribuição mais septentrional.

tes Takatu, rio Ituribisci, rio Bonasika, rio Abary, Supenaam), porção adjacente do extremo norte do Brasil: alto rio Branco (Forte de São Joaquim)[1].

Saltator maxillosus Cabanis [XI, 29]

Saltator maxillosus Cabanis, 1851, Mus. Hein., I, p. 142 (nota): "Montevideo", *errore* (como localidade típica aceito Santo Angelo, Rio Grande do Sul)[2]; Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 287.
Stelgidostomus[3] *maxillosus* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 372.

Distribuição. — Norte da Argentina (Misiones), leste do Paraguay (Alto Paraná), sudeste do Brasil: Rio de Janeiro (serra do Itatiaia, Colônia Alpina), São Paulo (serra da Bocâina, Campos do Jordão, Itararé), Paraná (Castro, serra do Mar, serra da Esperança, Vera Guaraní, rio Iguassú, rio Putinga, rio da Areia), Rio Grande do Sul (Santo Ângelo).

Brasil
Rio de Janeiro
Campos do Itatiaia: ♂, H. Lüderwaldt, abril 22 (1906); sexo ?, H. Lüderwaldt, abril 15 (1906).
São Paulo
Campos do Jordão: ♂, H. Lüderwaldt, janeiro 10 (1906); sexo ?, juv., H. Lüderwaldt, janeiro 15 (1906).
Serra da Bocaina: sexo ?, H. Lüderwaldt, maio (1924).
Paraná
Castro: ♂, Garbe, maio (1907).
Rio Grande do Sul
Nova Wurttemburg: ♀, Garbe, fevereiro (1915).

Saltator aurantiirostris aurantiirostris Vieillot [XI, 30]

Saltator aurantiirostris Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 103 (com base em Azara, n. 83, "Habia pico naranjado"): "Paraguay" (Corrientes, pátria presumida); Sclater, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 292, parte.

---

(1) A raça *olivascens* devem referir-se os exmplares registados por A. Miranda Ribeiro (Bol. Museu Nacional, V, p. 40, 1923) como *S. c. mutus*.

(2) A verificação. feita por Hellmayr (cf. Catal. Birds of the Americas, Field Mus. edit., XI, 1938, p. 29, nota 1), de que um dos exemplares originais traz como procedência Santo Angelo, é, ao meu ver, prova suficiente de que o tipo deve tambem provir dessa localidade.

(3) *Stelgidostomus* Ridgway. 1898, Auk, p. 226: tipo, por designação original, *Saltator maxillosus* Cabanis. O estreito parentesco e semelhança entre *Saltator maxillosus* e *S. aurantiirostris* Vieillot, da Argentina, desaconselham sua separação em gêneros distintos.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Entre Rios, Formosa, Corrientes, Cordoba, Santa Fé, Tucumán), Uruguay (Paysandú), Paraguay (Villa Rica, rio Picolmayo, rio Mondahí), sudeste da Bolívia (Tarija), Brasil oeste-meridional: sudoeste de Mato Grosso (Corumbá), Rio Grande do Sul (São Lourenço)[1].

Saltator atricollis Vieillot [XI, 36]

Batuqueiro (São Paulo).

Saltator atricollis VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., XIV (com base em AZARA, n.º 82, "Habia cola negra"); Paraguay; SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 293; IHER. & IHERING, 1907, Catal Faun. Brazil., Aves, p. 371.

Distribuição. — Leste do Paraguay (Bernalcué) e da Bolívia (Sant'Ana, Chiquitos), Brasil este-septentrional e central: Maranhão (Codó, Inhuma, Barra do Galiota), Piauí (Santa Filomena, Arara, Gilboez), Ceará (Várzea Formosa), oeste da Baía (São Marcelo), Minas Gerais (Lagoa Sarta, Sete Lagoas), norte de São Paulo (Orissanga, Batatais, Franca, Cajurú, São Jerônimo, Monte Aprazivel, Baurú, Glicério), Goiaz (rio São Miguel, rio das Almas, Faz. Esperança, Faz. Transwaal, Filadelfia), Mato Grosso (Cuiabá, Chapada, Coxim, Piraputanga, Campo Grande, Três Lagoas).

BRASIL

São Paulo

Faz. Vista Alegre (Batatais): 1 ♀ e 1 sexo ?, LIMA, dezembro 10 1900).
São Jerônimo (Avanhandava): ♂, GARBE, janeiro (1904); 2 ♀ ♀, GARBE, fevereiro (1904).
Baurú: ♂, F. GÜNTHER, maio 19 (1905).
Franca: 2 ♀ ♀, GARBE, fevereiro (1911).
Glicerio: sexo ?, LIMA, junho 18 (1928).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, abril 15 (1940).
Cajurú: ♂, E. DENTE, maio 14 (1943); ♀, E. DENTE, maio 13 (1943).

Goiaz

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, W. GARBE, outubro 12 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 3 (1934).

---

(1) A primeira notificação da ocorrência de *Saltator aurantiirostris* no Brasil deve-se a SALVADORI (Bol. Mus. Torino, XV, N.º 378, p. 4, 1900), que teve em mãos exemplares de Corumbá. O exemplar de São Lourenço, colecionado em 1886 por H. IHERING, segundo o apurado exame de HELLMAYR (Catal. Bds. Amers., XI, p. 31, nota 1) deve pertencer tambem à mesma espécie, a despeito da grande semelhança que ela tem com *S. maxillosus*. Consulte-se ainda, sobre o assunto, HELLMAYR (Novit. Zool. XXXII, 1923, p. 7) e FR. CHAPMAN (Amer. Mus. Novit., N.º 216, 1927, pp. 1-9).

Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, outubro 17 (1941) ♀, W. GARBE, abril 21 (1940).

Mato Grosso

Chapada: ♀, H. H. SMITH, fevereiro 1 (1883); sexo ?, H. H. SMITH, março 26 (1883); 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, setembro 27 e 29 (1937).

Campo Grande: ♀, JOSÉ LIMA, julho 19 (1930).

Três Lagoas: ♂, LIMA, julho 13 (1931).

Faz. Recreio (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 13 (1937).

Gênero **CARYOTHRAUSTES** Reichenbach

Caryothraustes REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 78. Tipo, por designação subsequente de SCLATER & SALVIN (1869), "*Pitylus*" (= *Coccothraustes*) *viridis* VIEILLOT (= *Loxia canadensis* LINNAEUS).

Caryothraustes canadensis canadensis (Linnaeus) [XI, 46]

Furriel.

Loxia canadensis LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.ª, I, p. 304 (com base em "Le Gros-bec de Cayenne" de BRISSON): "Canadá", por lapso evidente em lugar de Cayenne, na Guiana Francesa (col. de REAUMUR).

Pitylus viridis[1] SCLATER, 1886, Cat. Bds. Brit. Mus., XI, p. 306, parte.

Caryothraustes canadensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 373.

Pitylus canadensis SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 461.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, Oyapock, rio Maroni), Holandesa (Surinam) e Inglesa (Bartica Grove, Camacusa, montes Merumé, rio Cataniang), Brasil amazônico: rio Negro (Marabitanas), rio Madeira (Borba), rio Tocantins (Baião), rio Guamá (Ourém), rio Acará (Ipitinga), rio Inhangapí, rio Mojú e todo distrito este-paraense (Belém, Benfica, Providência, Prata, Igarapé-Assú, Peixe-Boi, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú, Jutaizal).

GUIANA INGLESA

"Guiana Ingleza": ♂, perm. Museu Rothschild (1907).

BRASIL

Pará

Igarapé Assú: ♂, perm. Museu Rothschild, fevereiro 5 (1904).

Caryothraustes canadensis frontalis (Hellmayr) [XI, 47]

Pitylus canadensis frontalis HELLMAYR, 1905, Novit. Zool., XII, p. 277: São Lourenço (Pernambuco).

---

(1) *Coccothraustes viridis* VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., XIII, p. 547: "a la Guyane et au Brésil".

Pitylus brasiliensis SCLATER (*nec* CABANIS), 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 306, parte.
Caryothraustes canadensis frontalis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 373.

Distribuição. — Nordeste do Brasil: Ceará, Pernambuco (São Lourenço).

Caryothraustes canadensis brasiliensis Cabanis [XI, 47]

Canário do mato.

Caryothraustes brasiliensis CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 144: "Baía".
Pitylus brasiliensis SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 306, parte.
Caryothraustes canadensis brasiliensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av. p. 373.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: leste da Baía (Santo Amaro, rio Ilhéus, serra do Palhão), Espírito Santo (Porto Cachoeiro, Pau Gigante, rio S. José), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, rio Muriaé), leste de Minas Gerais (rio Piracicaba, rio Sussuí).

BRASIL
Baía
"Bahia": ♂ (compr. de SCHLÜTER, junho 1902).
Serra do Palhão (Jequié): ♂, W. GARBE, dezembro 7 (1932).
Espírito Santo
Porto Cachoeiro (=Sta. Leopoldina): ♀, GARBE, outubro (1905); sexo ?, GARBE, novembro (1905); ♀, GARBE, dezembro (1905).
Pau Gigante: ♂, L. C. FERREIRA, agosto 26 (1940).
Rio São José: sexo ?, OLALLA, setembro 14 (1942).
Rio de Janeiro
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): ♂, E. DENTE, setembro 13 (1941).
Minas Gerais
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, W. GARBE, agosto 27 (1940); ♂, OLALLA, setembro 2 (1940); 2 ♀♀, OLALLA, agosto 23 e setembro 2 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 18 (1940); ♂, OLIV. PINTO, setembro 18 (1940); 4 ♀♀, OLALLA, setembro 18 (1940).

Caryothraustes humeralis (Lawrence) [XI, 50]

Pitylus (Caryothraustes) humeralis LAWRENCE, 1867, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. York, VIII, p. 467: "New Granada, Santa Fé de Bogotá".
Pitylus humeralis SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 307; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 461.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá") e do Equador (Sarayacu, rio Napo), Brasil oeste-amazônico: rio Purús (Bom Lugar)[1].

Género PERIPORPHYRUS Reichenbach

Periporphyrus REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 77. Tipo, por subsequente designação de GRAY (1855), *Loxia erythromelas* GMELIN.

Periporphyrus erythromelas (Gmelin) [XI, 51]

Loxia erythromelas GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 859 (com basse em "Black-headed Grosbeak" de LATHAM): Cayenne.
Pitylus erythromelas SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 305; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 461.
Periporphyrus erythromelas IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 372.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Bartica, Demerara, rio Mazaruni, Camacusa, Roraima), Holandesa (Surinam) e Francesa (Caiena) e, provavelmente, a região adjacente do Brasil, até o leste do Pará: rio Tapajoz (Caxiricatuba), rio Capim e todo o distrito este-paraense (Belém, Prata, Igarapé-Assú, Peixe-Boi, Ananindeua, Castanhal, Benevides).

Gênero PITYLUS Cuvier

Pitylus CUVIER, 1829, Règne Animal, nouv. édit., I, p. 413. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Loxia grossa* LINNAEUS.

Pitylus grossus grossus (Linnaeus) [XI, 53]

Loxia grossa LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.ª, I, p. 307 (com base em "Le Gros-bec bleu d'Amerique" de BRISSON): "America" (Cayenne, pátria típica, sugerida por BERLEPSCH & HARTERT)[2].
Pitylus grossus SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 303, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 372, parte: SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 460.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, Ipousin), Holandesa (Altonaweg) e Inglesa (rio Demerara, rio Ituribisci, rio Abary, rio Mazaruni, Bartica, Camacusa), sul da Vene-

(1) Cf. SNETHLAGE, Journ. Orn., LVI, p. 11 (1908) e Bol. Museu Goeldi, VIII, p. 461, 1914).
(2) Cf. BERL. & HARTERT, Novit. Zool., IX, p. 24 (1902).

zuela (vale do Caura), leste do Equador (rio Zamora, rio Napo, Sarayacu) e do Perú (Yurimaguas, rio Javarí, Pebas), norte da Bolívia (Mapirí), Brasil oeste-septentrional: rio Negro (São Gabriel, Marabitanas), rio Juruá (João Pessoa, igarapé Grande) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Borba, Calama, Salto Teutônio), Óbidos, rio Jarí (Santo Antônio da Cachoeira), rio Tapajoz (Santarém, Itaituba, Caxiricatuba, Vila Braga), rio Jamauchim (Santa Helena), rio Curuá, rio Xingú, rio Tocantins (Arumateua), rio Guamá (Ourém), rio Acará, distrito de Belém (Val de Cans, Prata, Ipitinga, Peixe-Boi, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, outubro 22, novembro 1 e 14 (1936); ♀, OLALLA, novembro 23 (1936).

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, novembro 19 (1936).

Igarapé Grande (alto Juruá): ♂, OLALLA, janeiro 15 (1937).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂, OLALLA, fevereiro 3 (1937).

Pará

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♀, OLALLA, dez. 5 (1936).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, março 23 (1937).

Pitylus fuliginosus (Daudin) [XI, 55]

Bicudo, Bico-pimenta, Pimentão, Guaranisinga (S. Paulo), *Puchicaraim* (Minas).

Loxia fuliginosa DAUDIN, 1800, Traité Elém. Orn., II, p. 372. "en Amerique" (Rio de Janeiro, pátria típica sugerida por BERLEPSCH)[1].

Pitylus fuliginosus SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 304; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 372.

Distribuição. — Leste do Paraguay (Alto Paraná), Brasil este-meridional: Baía[2] (rio Catolé, rio Gongogí), Espírito Santo (rio S. José, Chaves), Rio de Janeiro (Cantagalo, Nova Friburgo, serra do Itatiaia), São Paulo (Iguape, Juquiá, Cananéia, Alto da Serra, Sto. Amaro, Butujurú, Ipanema, rio Mogí-Guassú, rio das Pedras, Piracicaba, São Miguel Arcanjo, Be-

(1) Cf. Verh. V Intern. Orn. Kongr. Berlin, p. 1119 (1912).
(2) Pátria de *Fringilla gnatho* LICHTENSTEIN, 1823 (Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 22), sinônimo de *L. fuliginosa*.

bedouro, Vitória, Silvânia), Paraná (Terezina), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara).

Brasil

Baía

Rio Gongogí: ♂, W. Garbe, dezembro 23 (1932).

Espírito Santo

Chaves (Sta. Leopoldina): ♀, Olalla, agosto 22 (1942).
Rio São José: ♂, Olalla, setembro 27 (1942).

São Paulo

Iguape: sexo ?, R. Krone, junho 5 (1893).
Santo Amaro: ♂, H. Pinder, agosto 1 (1896).
Rio das Pedras: ♂, J. Zech, agosto 3 (1897)
Alto da Serra: 2 ♂ ♂, Lima, agosto 9 (1899) e julho (1904); ♀, R. v. Ihering, agosto 24 (1904).
Rio Mogí-Guassú: ♂, Hempel, setembro 26 (1899).
Ribeirão do Bugre (pto. de Salto Grande do Paranapanema): ♀, Ehrhardt, abril 3 (1901).
Bebedouro: ♂, Garbe, março (1904).
Alecrim (Iguape): 1 ♂ e 2 sexos ?, Lima, agosto 10 (1925).
São Miguel Arcanjo: ♂, Lima, agosto 28 (1929).
Faz. Boa Vista (Silvânia): ♂, Oliv. Pinto, janeiro 13 (1931); ♀, Oliv. Pinto, outubro 11 (1932).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♀, Camargo, agosto 25 (1934); sexo ?, Camargo, setembro 26 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): 1 ♂ e sexo?, Camargo, setembro 29 (1934).
Faz. Poço Grande (Juquiá): 2 ♂ ♂, Olalla, maio 12 e 18, (1940); 2 ♀ ♀, Olalla, maio 18 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♂, Olalla, janeiro 31 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): sexo ?, Olalla, agosto 27 (1941).

Gênero **GUBERNATRIX** Lesson

Gubernatrix Lesson, 1837, Compl. Oeuvr., VIII, p. 295. Tipo, por monotipia, *Emberiza gubernatrix* Temminck[1].

Gubernatrix cristata (Vieillot) [XI, 56]

Cardial amarelo.

Coccothraustes cristata Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIII, p. 421 (com base em Azara, n.° 129, "Crestudo amarillo"): República Argentina, aos 29° de Lat. merid. (patria típica aceita, Corrientes)[2].

Gubernatrix cristata Sharpe, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 815; Ihering & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 393.

---

(1) *Emberiza gubernatrix* Temminck, 1821, Nouv. Rec. Pl. Color., livr. 11, pls. 63 (♂) e 64 (♀): Buenos Aires.

(2) Cf. Hellmayr, Catal. Bds. Americas, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., p. 56 (1938).

Distribuição. — Norte da Argentina (Entre Ríos, Corrientes, Santa Fé, Buenos Aires, Tucumán, Cordoba), Uruguay (Arroyo Grande, Concepcion, San Vicente, Lazcano), extremo sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Jaguarão, São Lourenço).

ARGENTINA
"Argentina": sexo ? (compr. de SCHLÜTER, maio 1902).

Gênero PAROARIA Bonaparte

Paroaria BONAPARTE, 1831, Giorn. Arcad., LII, p. 206. Tipo, por designação original, *Fringilla cucullata* VIEILLOT.

Paroaria coronata (Miller)[1] [XI, 58]

Cardial, Galo de campina.

Loxia coronata MILLER, 1776, Var. Subj. Nat. Hist., 1.ª parte, pl. 2: sem indicação de localidade (pátria típica adotada: Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil)[2].

Paroaria cucullata[3] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 809, pl. 16, fig. 1; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 392.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Mojos, rio Mamoré, El Beni, Santa Cruz, Tarija), Paraguay (Puerto Pinasco, baixo Pilcomayo, Villa Rica, Sapucay), Uruguay (La Paloma, Santa Helena, San Vicente, Lazcano), norte da Argentina (Chaco, Formosa, Entre Ríos, Corrientes, Tucumán, Salta, Buenos Aires, Cordoba), extremo sul e sudeste do Brasil: Rio Grande do Sul (Uruguaiana, Jaguarão, São José do Norte, Viamão), sudoeste de Mato Grosso (Corumbá, Descalvados).

BRASIL
Rio Grande do Sul
Uruguaiana: ♀, GARBE, julho (1914).
"Rio Grande do Sul": 2 sexos ?, L. TRAVASSOS (1932).
Mato Grosso
Corumbá: 2 ♂♂, GARBE, outubro (1917).

---

(1) A ave brasileira receberá denominação trinominal se adotarmos *Paroaria cristata schultzei* BRODKORB, 1937 (Occas. Papers Mus. Zool. Univ. Michigan, n. 345, p. 2: Puerto Casado, no Chaco paraguaio), cujas relações com a primeira resta ainda esclarecer suficientemente.

(2) *Loxia coronata* var. *L. Dominicanae* SHAW, 1796 em MILLER & SHAW, Cim. Physic., p 4, pl. 2A: "a native of South America, and particulary of Brazil". Esta citação permite fixar a pátria da espécie, cuja identificação é garantida pela descrição e estampa.

(3) *Loxia cucullata* LATHAM, 1790 (não de BODDAERT, 1783), Ind. Orn., I, 378 (com base em *Loxia coronata* MILLER e em "Le Cardinal Dominiquain hupé, de la Louisiane" de DAUBENTON, pl. enlum. 103).

Paroaria dominicana (Linnaeus)[1] [XI, 60]
Cardial.

Loxia dominicana LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 172: "Brasilia" (para pátria típica o Recôncavo da Baía).
Paroaria larvata[2] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 811, pl. 16, fig. 2; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 392.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: sul do Maranhão (São Francisco), Piauí (Ibiapaba, Deserto, Arara, rio Parnaíba), Ceará, Pernambuco (Pau d'Alho, Tapera, Itamaracá, Garanhuns, São Lourenço), Baía (Queimadas, Joazeiro, Soledade, cidade da Barra, ilha de Madre Deus), norte de Minas Gerais (São Romão, Salgado, rio São Francisco).

BRASIL
Pernambuco
Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 21 (1938); sexo ?, juv., OLIV. PINTO, dezembro 22 (1938).
Itamaracá: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, dezembro 31 (1938).
Baía
"Bahia": ♂ (compr. de SCHLÜTER, 1898).
Joazeiro: ♀, GARBE, novembro (1907).
Madre de Deus: ♂, W. GARBE, janeiro 27 (1933); ♂, OLIV. PINTO, janeiro 27 (1942).
Curupeba: ♀, W. GARBE, fevereiro 25 (1933).

Paroaria gularis gularis (Linnaeus) [XI, 62]
Tangará, Galo de campina, Cardial.

Tanagra gularis LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.ª, I, p. 316 (com base em "Le Cardinal d'Amérique" de BRISSON): "Amérique" (pátria típica Caiena, por sugestão de BERLEPSCH)[3].
Paroaria gularis SHARPE, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XII, p. 813, pl. 16, fig. 4; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 392; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 435.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa e Inglesa (rio Essequibo, montes Takutu, Camacusa), sudeste da Colômbia (Caquetá), leste do Equador (rio Napo), nordeste do Perú (baixo Ucayali, Yurimaguas, Laguna, Iquitos) e Brasil amazônico: nos estados de Amazonas, Pará e Goiaz: rio Branco (serra da Lua), rio Manacapurú, rio Ani-

(1) A identidade da espécie lineana foi verificada por LÖNNBERG (Bihang Sv. Vetensk. Akad. Handl., XXII, Afd. 4, n.º 1, p. 29, 1896), pelo exame do tipo, ainda existente no Museu de Upsala.
(2) *Fringilla larvata* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 4 (com base em DAUBENTON, pl. enlum. 55, fig. 2): "Brésil".
(3) Cf. Novit. Zool., XV, p. 122 (1908).

bá, Itacoatiara, lago Canaçarí, rio Juruá (João Pessoa), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Borba), rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, Arumanduba, rio Tapajoz (Santarém, Itapuama, Goiana, Caxiricatuba, Itaituba), rio Curuá, rio Jamauchim (Santa Helena), rio Xingú (Forte Ambé), baixo Tocantins (Arumateua, Santo Antônio, Filadélfia), baixo Araguaia (Conceição), ilha de Marajó (Pindobal, Pacoval, rio Ararí), ilha Mexiana, Maracá.

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♂, GARBE, abril (1902); 2 ♀♀, GARBE, dezembro 29 (1901) e março (1902).

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, agosto 26 (1936); ♀, CAMARGO, outubro 6 (1936).

Membeca (rio Manacapurú): 2 ♂♂, CAMARGO, setembro 17 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, novembro 14 (1936) e abril 16 (1937); sexo ?, OLALLA, janeiro 31 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 9 ♂♂, OLALLA, dez. 11 (1936), janeiro 12, 21, março 6, 17 e 27, junho 1 e 4 (1937); 8 ♀♀, OLALLA, abril 5, junho 1 e 4 (1937).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, dezembro 23 (1936) e janeiro 26 (1937); 8 ♀♀, OLALLA, dezembro 19, 20, 21, 25 e 30 (1936) e janeiro 28 e 29 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, abril 17 e 30 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, abril 11 e 20, maio 9 (1937).

Pará

Itapuama (baixo Tapajoz): 2 ♂♂, OLALLA, março 23 e 27 (1934).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, abril 23 e 24 (1935).

Caxiricatuba (baixo Tapajoz, marg. direita): 5 ♂♂, OLALLA, junho 5, 24 e 30, julho 5 (1935); 2 ♀♀, OLALLA, junho 24 e 28 (1935); sexo ?, OLALLA, junho 30 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): ♂, OLALLA, dezembro 22 (1936).

Paroaria gularis cervicalis Sclater [XI, 64]

Paroaria cervicalis SCLATER, 1862, Catal. Coll. Amer. Birds, pág 108: Bolívia; SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 814, pl. 16, fig. 6

Distribuição. — Leste da Bolívia (quedas do rio Madeira, Iquitos, Mojos, Santa Cruz) e região adjacente do Brasil: rio Guaporé (Vila Bela de Mato-Grosso).

Paroaria baeri Hellmayr [XI, 65]

Paroaria baeri HELLMAYR, 1907, Bull. Brit. Orn. Cl., XIX, p. 43: Rio Araguaia (próximo a Leopoldina).

Distribuição. — Brasil central, na porção intermédia da bacia do Araguaia: oeste de Goiaz (rio Araguaia) e zona adjacente de Mato Grosso (rio Cristalino).

BRASIL

Mato Grosso

Rio Cristalino: 1 ♂ e 1 ♀, Bandeira Anhanguera, agosto 30 (1937).

Paroaria capitata (Lafresnaye & d'Orbigny) [XI, 65]

Tachyphonus capitatus LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 29: Corrientes (Argentina).

Paroaria capitata SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 812. pl. 16, fig. 5; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 392.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Formosa, Santa Fé, Entre Rios, Corrientes), Paraguay (rio Apa, Gran Chaco, Puerto Pinasco), oeste de Mato Grosso (Cuiabá, São Luiz de Cáceres, rio São Lourenço, Rondonópolis, Descalvados, Conceição, Corumbá, Porto Esperança, Salobra, Miranda).

BRASIL

Mato Grosso

"Mato Grosso": ♂, perm. Museu de La Plata (1903).
Corumbá: ♀, GARBE, outubro (1917).
Miranda: 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, agosto 4 e 7 (1930).
Porto Esperança: ♂, LIMA, setembro 10 (1930).
Rondonopolis: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 27 (1937).
Cuiabá: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, setembro 18 e 24 (1937); ♀, OLIV. PINTO, setembro 20 (1937).
Salobra: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 4 e 7 (1939).

Gênero PHEUCTICUS Reichenbach

Pheucticus REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., pl. LXXVIII. Tipo, por subsequente designação de GRAY (1855), *Pitylus aureo-ventris* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY.

Pheucticus aureo-ventris aureo-ventris (Lafres. & d'Orbigny) [XI, 82]

Pitylus aureo-ventris LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av. 1, em Magaz. Zool, VII, cl. 2, p. 84: Sicasica (tipo) e Yungas (Bolivia).

Pheucticus aureiventris SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 54; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 368.

Distribuição. — Noroeste da Argentina (Cordoba, Tucumán, Jujuy, Salta, Entre Ríos), Bolívia (Santa Cruz, Tarija, Cochabamba, Beni) e região adjacente do Brasil ocidental: oes-

te de Mato Grosso (Urucúm, Descalvados, Miranda, São Luiz de Cáceres, Engenho do Gama).

ARGENTINA
Catamarca: ♂, perm. Mus de La Plata (1899).

BRASIL
Mato Grosso
Miranda: ♂, LIMA, agosto 5 (1930); ♂, JOSÉ LIMA, agosto 4 (1930).

Gênero CYANOCOMPSA Cabanis

Cyanocompsa CABANIS, 1861, Journ. f. Ornit., IX, p. 4. Tipo, por designação original, *Fringilla parellina* BONAPARTE[1].

Cyanocompsa cyanoides[2] rothschildii (Bartlett) [XI, 97]
Azulão.

Guiraca rothschildii BARTLETT, 1890, Ann. Magaz. Nat. Hist., 6.ª ser., VI, p. 168: rio Caramang (Guiana Ingleza); SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 426.
Guiraca[3] cyanea SHARPE (*nec* LINNAEUS), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 71.
Cyanocompsa rothschildi IHER. & IHERING. 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 368.

Distribuição[4]. — Guianas Francesa (Caiena, rio Approuague, Ipousin), Holandesa (Surinam) e Inglesa (rio Caramang, Camacusa, Bartica Grove, rio Demerara), sul da Venezuela (rio Caura, rio Orenoco), leste da Colômbia ("Bogotá"), do Equador (Sarayacu, rio Napo) e do Perú (rio Ucayali, rio Samiría), leste da Bolívia (baixo Beni), Brasil amazônico: rio Solimões (Tefé), rio Negro (Manaus, Marabitanas), rio Jarí (Sto. Antônio da Cachoeira), óbidos, Monte Alegre, rio Juruá (João Pessoa), rio Madeira (Borba, Salto do Girau, Engenho do Gama), rio Tapajoz (Santarém), leste do Pará (rio Acará, Belém, Prata, Igarapé-Assú, Peixe-Boi, Utinga, Benevides), norte do Maranhão (Turiassú).

BRASIL
Amazonas
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, outubro 15 e dezembro 24 (1936) e fevereiro 6 (1937).

---

(1) *Fringilla parellina* BONAPARTE (*ex* LICHTENSTEIN manuscr.), 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 502: Alvarado (Vera Cruz, México).
(2) *Coccoborus cyanoides* LAFRESNAYE, 1847, Rev. Zool., X, p. 74: Panamá.
(3) *Guiraca* SWAINSON, 1827, Philos. Magaz., I, p. 438. Tipo, por designação subsequente de SWAINSON (Zool. Journ., III, p. 350, 1927). *Loxia caerulea* LINNAEUS, South Carolina (Estados Unidos). Estranho hoje à fauna brasileira.
(4) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XII, p. 277 (1905).

Pará
"Pará": ♂, F. Q. LIMA, fevereiro 1 (1927).

Cyanocompsa cyanea cyanea (Linnaeus) [XI, 103]
Azulão, Azulão bicudo, Gurundí azul, Tiatã (Juquiá).

Loxia cyanea LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 174 (com base em *Coccothraustes caeruleus* de EDWARDS): Angola, *errore* (pátria típica provável Baía, sugerida por TODD)[1].
Guiraca cyanea SHARPE. 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 71, parte.
Cyanocompsa cyanea IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 368, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Piauí (Arara, Ibiapaba), Ceará (Várzea Formosa), Paraíba, Pernambuco (São Lourenço, Garanhuns, Tapera, ilha de Itamaracá), Baía[2] (Salvador, Santo Amaro, Curupeba, ilha dos Frades, Macaco Sêco, cidade da Barra, Joazeiro).

BRASIL
Pernambuco
Tapera: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, dezembro 21 e 23 (1938); ♀ juv.?, OLIV. PINTO, dezembro 15 (1938).
Itamaracá: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 3 (1939).
Baía
"Bahia": ♂ (compr. de SCHLÜTER, 1898).
Joazeiro: ♂, GARBE, dezembro (1907).
Cidade da Barra: ♂, GARBE, outubro (1913).
Ilha dos Frades: ♂, W. GARBE, fevereiro 13 (1933).
Curupeba: ♀, W. GARBE, fevereiro 25 (1933).
Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 13 (1942); ♀, CAMARGO, janeiro 15 (1933); ♀, OLIV. PINTO, fevereiro 6 (1942).

Cyanocompsa cyanea sterea Oberholser [XI, 99]
Azulão.

Cyanocompsa sterea OBERHOLSER, 1901, Proc. Biol. Soc. Wash., XIV, p. 188: Sapucay (Paraguay).
Guiraca cyanea SHARPE (*nec* LINNAEUS), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 71.
Cyanocompsa cyanea IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 368.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones, Corrientes), Paraguay (Sapucay, Villa Rica), Brasil este-meridional e central: Espírito Santo (Pau Gigante, rio Doce, Porto Cachoeiro, Guaraparí), Rio de Janeiro (Cantagalo, Itatiaia,

(1) J. C. TODD, Auk, XL, p. 65 (1923). Vide tambem as judiciosas considerações de HELLMAYR em Novit. Zool., XV, p. 32, nota (1908), reiteradas em Catal. Birds of Americas, XI, p. 103, nota (1938).
(2) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 274 (1935).

Petrópolis, Nova Friburgo), São Paulo (São Sebastião, ilha dos Alcatrazes, Cananéia, Itararé, São Miguel Arcanjo, Mogí das Cruzes, Ipanema, Itatiba, rio Mogí-Guassú, Rincão, rio Feio, Lins, Vitória, Monte Aprazível), Paraná (Cândido de Abreu, Terezina, Salto de Guaira), Rio Grande do Sul (Taquara), Minas Gerais (Lagoa Santa, Vargem Alegre, rio Matipoó, rio Doce, rio Sussuí, São José da Lagoa, rio das Velhas), Goiaz (Inhumas, Veadeiros, cidade de Goiaz, rio Araguaia).

BRASIL

Espírito Santo

Porto Cachoeiro (=Sta. Leopoldina): ♀, GARBE, novembro (1905).
Pau Gigante: ♂ juv., ROBIN C. DONALD, novembro 1 (1940).
Guaraparí: ♂, OLALLA, outubro 17 (1942).

Minas Gerais

Vargem Alegre: ♂, J. B. GODOY (1900).
Rio Matipoó (alto rio Doce, marg. direita): ♀, PINTO DA FONSECA, julho 20 (1919).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 14 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 16 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de São José da Lagoa): ♂, OLIV. PINTO, setembro 28 (1940).

São Paulo

São Sebastião: ♂ juv., H. PINDER, outubro 1 (1896).
Rio Mogí-Guassú: 1 ♂ e 1 ♀, HEMPEL, novembro 19 (1899).
Rincão: ♂, W. EHRHARDT, fevereiro 27 (1901).
Itatiba: ♂, LIMA, junho 17 (1902); ♀, LIMA, março 23 (1926); sexo ?, JOSÉ LIMA, setembro 25 (1933).
Itararé: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, maio (1903).
Cancã (rio Feio): 2 ♂♂, F. GÜNTHER, agosto 13 e 17 (1905); 2 ♀♀, F. GÜNTHER, agosto 17 e 22 (1905).
Ilha dos Alcatrazes: 2 ♂♂, PINTO DA FONSECA, outubro 8 e 11 (1920); ♀, PINTO DA FONSECA, outubro 7 (1920).
São Miguel Arcanjo: ♀, LIMA, agosto 28 (1929).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, março 18 (1933).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♂ juv., CAMARGO, setembro 1 (1934).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): ♂, JOSÉ LIMA, abril 17 (1940).
Faz. Poço Grande (Juquiá): ♂ juv., OLIV. PINTO, maio 16 (1940).
Faz. Varjão (Lins): ♀, OLALLA, janeiro 29 (1941).
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 30 (1942).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, JOSÉ LIMA, novembro 13 (1934); ♀, OLIV. PINTO, novembro 6 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, setembro 23 (1941).

Cyanocompsa cyanea argentina (Sharpe) [XI, 101]

Guiraca argentina SHARPE, 1888, Catal. Birds Brit. Mus., XII, p. 73: tipo de Fuerte de Andalgalá (República Argentina, Catamarca).

Cyanocompsa cyanea IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 368, parte.

Distribuição. — Oeste da Argentina (Santa Fé, Cordoba, Catamarca, Santiago del Estero, Tucumán, Salta, Jujuí), centro e leste da Bolívia (Tarija, Santa Cruz), Brasil oeste-meridional: Mato Grosso (Urucúm, Descalvados, Miranda, Aquidauana, Cuiabá, Chapada).

BRASIL
Mato Grosso
Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 8 (1930).
Aquidauana: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 6 (1931).

Gênero CYANOLOXIA Bonaparte

Cyanoloxia BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 502. Tipo, escolhido por RIDGWAY (1901)[1] e designado expressamente por HELLMAYR (1938)[2], *Pyrrhula glauco-caerulea* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY.

Cyanoloxia glauco-caerulea (Lafresnaye & d'Orbigny) [XI, 105]
Azulão, Azulinho (Rio Gr. do Sul).

Pyrrhula glauco-caerulea LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 35: Maldonado (Uruguay).
Guiraca glauco-caerulea SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 75.
Cyanoloxias glaucocaerulea IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 368.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones, Entre Ríos, Buenos Aires), Uruguay (Maldonado, rio Uruguay, rio Negro), Paraguay (Sapucay), Brasil ocidental e este-meridional: sul de Mato Grosso (Campo Grande, Engenho do Gama), Rio Grande do Sul (Taquara, São Lourenço, Porto Alegre), Paraná (Terezina), oeste de São Paulo (Cananéia, rio Feio, rio Paranapanema, Botucatú, Vanuire, Braunau, Valparaizo).

ARGENTINA
Las Tallas: ♂, C. BRUCH (1903).

BRASIL
São Paulo
Vitória (Botucatú): ♂, HEMPEL, junho 12 (1902).
Corredeira do rio Feio: 2 ♂ ♂, F. GÜNTHER, julho 19 (1905); ♂ juv.?, F. GÜNTHER, julho 21 (1905).
Braunau: ♂, LIMA, junho 27 (1928).
Vanuire: ♂, LIMA, agosto 20 (1928).

---

(1) R. RIDGWAY, Bull. Un. St. Nation. Mus., L, parte 1, em nota margin.
(2) C. E. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, parte XI, p. 105, nota 1 (1938).

Valparaizo: ♀, LIMA, julho (1931).
Tabatinguara (Cananéia): ♀, CAMARGO, outubro 7 (1934).
Mato Grosso
Faz. Viramão (Campo Grande): ♀, MARIO LIMA, julho 27 (1939).

Gênero PORPHYROSPIZA Sclater & Salvin

Porphyrospiza SCLATER & SALVIN, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., pp. 30 e 155. Tipo, por designação original, *Cyanospiza cyanella* PELZELN (=*Tanagra caerulescens* WIED).[1].

Porphyrospiza caerulescens (Wied) [XI, 114]

Tanagra caerulescens WIED, 1830, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 541: "lebt in den weiten *Campos Geraës* des inneren Brasiliens" (= confins de Baía e Minas).
Porphyrospiza pulchra SHARPE,[2] 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 625.
Porphyrospiza caerulescens IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 114.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Cuevo). Brasil central e este-septentrional: Mato Grosso (rio Bandeira, Chapada, Urucúm), Goiaz (cid. de Goiaz, Aldeia Maria), Minas Gerais (Furnas), Baía, Piauí (Parnaguá, Floresta, Gilboez), Maranhão (Tranqueira).

Gênero TIARIS Swainson

Tiaris SWAINSON, 1827, Philos. Magaz., I, p. 438. Tipo, por monotipia, *Tiaris pusillus* SWAINSON.[3]

Tiaris fuliginosa fuliginosa (Wied) [XI, 127]

Fringilla fuliginosa WIED, 1831, Beiträge Naturges. Bras., III, p. 628: Camamú (leste da Baía).
Tiaris fuliginosa IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 378.
Phonipara fuliginosa SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 151, parte.

---

(1) HELLMAYR (Catal. Birds of Americas, XI, p. 113, nota 2), de pleno acordo com SHARPE (Catal. Birds Brit. Mus., XII, p. 625, nota), acha que *Emberiza cyanella* SPARRMAN, 1787 (Mus. Carls., fac. 2, pls. 42 e 43), em que PELZELN e outros julgaram reconhecer o pássaro brasileiro, aplica-se, pelo contrário, a *Tanagra cyanea* LINNAEUS, espécie norte-americana.
(2) *Porphyrospiza pulchra* SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 625: nas Furnas, Minas Gerais e Baía.
(3) *Tiaris pusillus* SWAINSON, 1827, Philos. Magaz., I, N.º 6, p. 438· Temascaltepec e Real del Monte (México).

Distribuição. — Brasil este-meridional e centro-ocidental: Pernambuco (Quipapá), Baía (Camamú), Espírito Santo (rio São José), Rio de Janeiro (Cantagalo), S. Paulo (Monte Alegre), Mato Grosso (Chapada).

BRASIL
Espírito Santo
Rio São José: ♂ ?, OLIV. PINTO, setembro 29 (1942).
São Paulo
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 24 (1943).

Subfamília CARDUELINAE

Gênero **SPOROPHILA** Cabanis

Sporophila CABANIS, 1844, Arch f. Naturges., X, p. 291 — nome novo para *Spermophila* SWAINSON, 1827 (*nec* RICHARDSON, 1825), Zool. Journ., III, p. 348. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1841), *Pyrrhula falcirostris* TEMMINCK.

Sporophila falcirostris (Temminck) [XI, 171]
Papa-capim.

Pyrrhula falcirostris TEMMINCK, 1820, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 11, fig. 2 (= ♀): "Brésil" (proponho Baía por pátria típica).

Distribuição. — Faixa costeira do Brasil este-meridional: Baía, Espírito Santo (Pau Gigante)[1], Rio de Janeiro (Nova Friburgo), São Paulo (Alto da Serra[2], Ribeirão Pires, Juquiá, Ubatuba).

---

(1) Vi um ♂ de Pau Gigante, colecionado por E. G. HOLT, 12 de outubro de 1940. Não apresentava espéculo alar distinto e pelo colorido da plumagem, olivácea no dorso e oliváceo-amarelada no ventre, devia ser jovem, ou pelos menos imaturo.

(2) Localidade típica de *Sporophila sertanicola* LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.ª parte, p. 105, com pl. color., fig. 3. LIMA, em seu artigo, informa haver remetido em agosto de 1906, por intermédio do Dr. H. VON IHERING, um cotipo ao Dr. C. E. HELLMAYR, então no Tring Museum; entretanto, pela nota aposta por este douto ornitólogo ao Catal. Birds of the Americas (vol. XI, p. 171. nota 2), verifica-se que o exemplar fora ter às mãos do Conde BERLEPSCH, que o identificara com a espécie descrita por TEMMINCK. Mais tarde vieram ter às coleções do "Museu Paulista" mais dois exemplares, ambos ♀ ♀ e da região da serra do Mar. A ♀ de Ribeirão Pires esteve em gaiola três anos e apresenta fenômenos de albinismo (todo o uropígio é branco, como tambem a segunda primária da asa direita, a contar de fora); tem a plumagem francamente olivácea, tal como acontece tambem na ♀ de Juquiá, colecionada recentemente, nas melhores condições.
Em data ainda mais próxima, estando já no prelo os originais deste Catálogo, foi colecionado por JOSÉ DE LIMA, a meia distância, entre Ubatuba e o sopé da serra do Cubatão, poucos metros, portanto, acima do nível do mar.

Brasil

São Paulo

Alto da Serra: ♂, Lima, julho 5 (1906).
Ribeirão Pires: ♀, Lima, dezembro 2 (1921).
Faz. Poço Grande (Juquiá): ♀, Olalla maio 18 (1940).
Ubatuba: ♀, José Lima, novembro 15 (1943).

Sporophila frontalis (Verreaux) [XI, 172]

Pichochó, Papa-arroz.

Callirhynchus frontalis Verreaux, 1869, Nouv. Arch. Mus. Hist. Nat., V., Bull., p. 15, pl. 1, fig. 1: "Cayenne", *errore* (Rio de Janeiro, pátria típica provável)[1].
Spermophila superciliaris[2] Sharpe, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 99.
Sporophila superciliaris Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 374.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay (Alto Paraná) e Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo), São Paulo (Mato Dentro, Alto da Serra, Mogí das Cruzes, Iporanga rio Grande), Rio Grande do Sul (Arroio Grande, Taquara do Mundo Novo).

Brasil

São Paulo

"São Paulo": ♂ (adq. por compra, setembro 8, 1899).
Alto da Serra: ♂. Lima, agosto 5 (1906).
Mogí das Cruzes: ♂, José Lima, março 12 (1933).
Iporanga: 3 ♂♂, José Lima, janeiro 29 (1944).

Sporophila schistacea[3] longipennis Chubb [XI, 175]

Sporophila longipennis Chubb, 1921, Ann. Magaz. Nat. Hist., 9.ª ser., VII, p. 193: monte Roraima (Guiana Inglesa).
Spermophila grisea Sharpe (*nec* Gmelin)[4], 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 96, parte.
Sporophila grisea Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 428.

---

(1) Cf. C. E. Hellmayr, Catal. Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser., XIII), parte XI, p. 173, nota (1938).
(2) *Spermophila superciliaris* Pelzeln (*ex* Natterer), 1870, Orn. Bras., pp. 223-330: Mato Dentro (nordeste de São Paulo) e porto do rio Paraná (= rio Grande, estado de São Paulo).
(3) *Spermophila schistacea* Lawrence, 1862, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. York, VII, p. 474 e VIII (1863), p. 10: Lion Hill (Panama Railroad).
(4) *Loxia grisea* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 857 (com base em Daubenton, pl. enlum. 393, fig. 1, de duvidosa identidade), cuja validez é impugnada por Chubb (Bull. Brit. Orn. Cl., XLI, p. 35) e Hellmayr (op. cit., p. 176, nota 2), segundo muitos autores. Iher. & Ihering (Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 374) entre eles.

Distribuição. — Guianas Francesa (Caiena), Holandesa (Surinam) e Inglesa (Roraima), sul da Venezuela e Brasil septentrional: norte do Amazonas (serra da Lua), leste do Pará (Peixe-Boi).

Sporophila plumbea plumbea (Wied) [XI, 177]

Patativa.

Fringilla plumbea Wied, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 579: "in Campo Geral des inneren Brasiliens" (= confins de Baía e Minas Gerais).

Spermophila plumbea Sharpe, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 97.

Sporophila plumbea Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 374.

Distribuição. — Leste da Argentina (Zelaia, prov. de Buenos Aires), do Paraguay (Alto Paraná) e da Bolívia (Chiquitos), Brasil centro-ocidental e oriental: Piauí (Sta. Filomena, Chapada da Varzea Grande, Apertada Hora), Mato Grosso (Vila Bela de Mato Grosso, Coxim, Três Lagoas, rio das Mortes), Minas Gerais (Lagoa Santa, Congonhas), São Paulo (Orissanga, Mogí das Cruzes, Itararé, Franca, Batatais), Paraná (Curitiba).

Brasil

São Paulo

Batatais: 1 ♂ e 1 ♀ juv., Lima, dezembro 11 (1900).

Mato Grosso

Faz. Monte Verde (Coxim): ♂, Lima, junho 29 (1930).
Tres Lagoas: ♂, José Lima, julho 28 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, José Lima, agosto 18 (1937).

Sporophila plumbea whiteleyana (Sharpe) [XI, 179]

Spermophila plumbea subsp. a *Spermophila whiteleyana* Sharpe, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 98: Roraima (Guiana Inglesa).

Sporophila plumbea whiteleyana Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 428.

Distribuição. — Leste da Colômbia ("Bogotá"), sul da Venezuela (alto Orenoco, Altagracia), Guianas Francesa, Holandesa e Inglesa (Roraima, rio Abary, Annai) e Brasil septen-

---

corresponde à espécie descrita por Cabanis com o nome de *Sporophila intermedia*. Não consta ocorra no Brasil esta espécie, cuja área geográfica abrange todo o extremo septentrião da América Meridional, da Colômbia à Guiana Inglesa.

trional, no norte extremo do Amazonas e nas ilhas do estuário: rio Branco, ilha de Marajó (Espírito Santo), ilha Mexiana.

Sporophila albogularis (Spix) [XI, 180]

Loxia albogularis SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 46, pl. 60, figs. 1 (♂) e 2 (♀): nenhuma localidade é indicada (Baía, pátria típica sugerida por HELLMAYR)[1].
Spermophila albigularis SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 93.
Sporophila albogularis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 373.

Distribuição. — Nordeste do Brasil: Piauí (Arara, Ibiapaba), Ceará (Quixadá, Várzea Formosa), Pernambuco (Pau d'Alho, Tapera, Itamaracá), Baía (cidade da Barra, Santo Amaro).

BRASIL
Pernambuco
Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 17 (1938).
Itamaracá: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 4 (1939).
Baía
"Bahia": sexo ? (compr. de SCHLÜTER, 1898).
Cidade da Barra: ♂, GARBE, janeiro (1908).

Sporophila leucoptera leucoptera (Vieillot) [XI 182]

Coccothraustes leucoptera VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIII, p. 521 (com base em AZARA, n.º 123, "Pico trigueño"): Paraguay.
Sporophila leucoptera hypoleuca IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 373, parte.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Formosa, Santa Fé), Paraguay (Lambaré), Brasil central: Mato Grosso (Urucúm, Corumbá, Porto Esperança, Miranda, Aquidauana, Cuiabá, Cáceres, rio São Lourenço), Goiaz (cid. de Goiaz, rio dos Pilões, rio Araguaia, NATTERER), Minas Gerais (Lagoa Santa).

BRASIL
Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂ ?, W. GARBE, junho 9 (1940).
Mato Grosso
Miranda: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 9 (1930).
Porto Esperança: ♂, LIMA, setembro 11 (1930).
Aquidauana: ♂, LIMA, agosto 5 (1931).
Cuiabá: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 8 (1937).

---

(1) C. E. HELLMAYR, Abh. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 679 (1906).

Sporophila leucoptera cinereola (Temminck)[1] [XI, 181]
Bico vermelho.

Pyrrhula cinereola Temminck, 1820, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 11, fig. 1: "Brésil" (pátria típica Baía, por designação de Hellmayr).
Spermophila hypoleuca[2] Sharpe, 1888, Cat .Bds. Brit. Mus., XII, p. 94.
Sporophila leucoptera hypoleuca Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 373, parte.

Distribuição. — Brasil este-septentrional: Maranhão (Grajaú), Piauí (Santa Filomena), Pernambuco (Beberibe, Pau d'Alho, Tapera, Itamaracá)[3], Baía (Santo Amaro, Madre de Deus, Curupeba, Camamú), Espírito Santo (Pau Gigante), Rio de Janeiro (Sepitiba, rio Paraíba).

Brasil

Pernambuco
Itamaracá: ♂, Oliv. Pinto, janeiro 4 (1939); ♀, Oliv. Pinto, janeiro 4 (1939).

Baía
"Bahia": ♂ (adq. por compra, 1896); ♀ (compr. de Schluter, maio 1902).
Curupeba: ♂, Camargo, fevereiro 11 (1933).
Madre de Deus: ♂, Oliv. Pinto, janeiro 30 (1942).

Espírito Santo
Pau Gigante: 3 ♂ ♂, L. C. Ferreira, novembro 5 e 14 (1940); ♂ imat., L. C. Ferreira, outubro 15 (1940); 2 ♀ ♀, L. C. Ferreira, outubro 4 e novembro 4 (1940).

Rio de Janeiro
Lagoa Feia (Ponta Grossa): 1 ♂ e 1 sexo ?, Olalla, setembro 7 (1941).
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 2 sexos ?, Olalla, setembro 12 e 13 (1941).

Sporophila leucoptera mexianae Hellmayr [XI, 180]
Cigarra, Papa-capim.

Sporophila leucoptera mexianae Hellmayr, 1912, Abh. math.-physik. Kl. Bayr. Ak. Wiss., XXVI, N.º 2, p. 119 — nome novo, em substituição a *Sporophila leucoptera aequatorialis* Snethlage, 1907 (não *Spermophila aequatorialis*

(1) Sobre os caracteres desta raça e suas relações com as formas vizinhas cf. Hellmayr, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 294 (1929).
(2) *Sporophila hypleuca* Bonaparte, 1850, Consp. Gen. Av., I, (2), p. 497: Paraguay e Brasil. Segundo Hellmayr a indicação Brasil refere-se à raça nordestina.
(3) Estudando, anos atraz (Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, I, 1940, I, p. 277), a ♀ de Itamaracá, determinei-a como *Sporophila americana americana* Gmelin), à vista da sua extraordinária semelhança com as de Manacapurú. Hoje reputo errônea

SALVALORI & FESTA, 1899), Orn. Monatsber., XV, p. 193: Santa Maria (ilha Mexiana, no delta amazônico).

Sporophila leucoptera aequatorialis SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 428.

Distribuição. — Conhecida apenas da ilha Mexiana estuário amazônico, ao norte da ilha de Marajó).

Sporophila americana americana (Gmelin) [XI, 194]

Gola (Amazônia), *Coleira, Papa-capim.*

Loxia americana GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 863 (com base em "Blacà breasted Grosbeak" de LATHAM: "some part of America" (pátria típica Cayenne, Guiana Francesa, escolhida por HELLMAYR)[1].

Sermophila lineata SHARPE (*nec* GMELIN)[2], 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 121.

Sporophila americana IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p . 376; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 429.

Distribuição. — Ilhas de Trinidad e Tobago, nordeste da Venezuela (deltas do Orenoco), Brasil amazônico e este septentrional: rio Solimões (Manacapurú), rio Atabaní, Itacoatiara, rio Jamundá (Faro), Óbidos, Monte Alegre, Patauá, igarapé Boiussú, Amapá, rio Juruá (João Pessoa, Santa Cruz), rio Tapajóz (Santarém)[3], rio Tocantins, ilhas do delta amazônico (Mexiana, Marajó), região este-paraense (rio Guamá, rio Maicurú, rio Capim, Peixe-Boi, Quatipurú, Benevides).

GUIANA HOLANDEZA

Surinam: ♂, perm. Mus. Rothschild (1907); 2 sexos ? (compr. de SCHLÜTER, janeiro 1906).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 3 ♂♂, CAMARGO, agosto 26, setembro 24 e 28 (1936); 3 ♀♀, CAMARGO, setembro 28, outubro 6 e 7 (1936).

---

aquela determinação, a que fui levado pela deficiência de material pertencente àquela forma e à ausência completa de ♀♀ da raça típica de *Sporophila collaris* (BODD.).

(1) Cf. Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIV, p. 532 (1904).

(2) *Loxia lineata* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 858 (com base em "Radiated Grosbeak" de LATHAM), como adverte HELLMAYR (Verh. Zool. Bot Gessells. Wien, LIV, p. 531), não pode corresponder à presente espécie.

(3) Localidade típica de *Sporophila americana dispar* TODD, 1922 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXV, p. 90). Não me parece possível manter nas bases propostas, esta suposta raça; consideraveis são as variações individuais a que a espécie está sujeita em sua vasta área de distribuição na amazônia brasileira. Sobre o particular, vejo que GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 334) chegaram a conclusões inteiramente concordantes.

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): ♂ Olalla, outubro 17 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 13 ♂♂, Olalla, dezembro 11 (1936) e fevereiro 15, 27, março 2, 3, 9, 11, 17 e 24, maio 26 (1937); 7 ♀♀, Olalla, março 4, 11, 16, 19 e 29, abril 3 (1937).

Rio Atabaní (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, julho 13 (1937).

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♀, Olalla, janeiro 3 (1935).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, Olalla, abril 3 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, Olalla, abril 6, 19 e 26 (1935); ♀, Olalla, abril 7 (1935).

Sporophila collaris collaris (Boddaert) [XI. 196]

Coleira.

Loxia collaris, Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 40 (com base em Daubenton, pl. enlum. 659, fig. 2: "Angola" *errore* (Rio de Janeiro, pátria típica sugerida por Hellmayr)[1].

Spermophila cucullata[2] subsp. a *Spermophila polionota* Sharpe, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 118.

Sporophila collaria Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 376.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: Espírito Santo (Guaraparí), Rio de Janeiro (Atafona, lagoa Feia), Minas Gerais (Lagoa Santa) sul de Goiaz (rio Araguaia, Inhumas)[3].

Brasil

Espírito Santo.

Guarapari: ♂, Oliv. Pinto, outubro 13 (1942).

Rio de Janeiro

Atafona: ♂, Garbe, novembro (1911).

Lagoa Feia (Ponta Grossa): 2 ♂♂ e 2 ♀♀, Olalla, setembro 7 (1941).

Goiaz

Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 2 ♂♂, José Lima, novembro 13 e 16 (1934); 3 ♂♂, W. Garbe, novembro 13, 16 e 20 (1934); ♀, José Lima, novembro 13 (1934).

---

(1) Cf. Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIV, p. 534 (1904).

(2) *Loxia cucullata* Boddaert, 1783 (com base em Daubenton, pl. enlum. 393, fig. 3) é tida como indeterminavel.

(3) Os exemplares de Inhumas foram por mim referidos antes (Rev. Mus. Paul., XX, p. 144, 1936) à forma *ochrascens*, em face das dferenças com os de São Paulo, que indevidamente admití pertencerem à raça *melanocephala*. As relações entre as duas raças não se acham ainda devidamente esclarecidas, abrindo margem a discussão. Cf. Laubmann, Verh. Orn. Gesells. Bay., p. 604 (1935).

Sporophila collaris ochrascens Hellmayr [XI, 197]
Coleira do brejo, Coleirinha.

Sporophila melanocephala ochrascens HELLMAYR, 1904, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIV, p. 543: rio Paraná (= rio Grande, norte de São Paulo, col. NATTERER); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 376.

Spermophila cucullata SHARPE (*nec* BODDAERT), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 116.

Distribuição. — Leste da Bolívia (El Beni, Chiquitos, Mojos), Brasil centro-ocidental: norte e centro de Mato Grosso (Cáceres, Cuiabá, Descalvados, Palmiras), norte e oeste de São Paulo (Jaboticabal, Barretos, Avanhandava, Lins, Itapura).

BRASIL

São Paulo

Jaboticabal: ♂, LIMA, setembro 27 (1900); ♀, LIMA, setembro 24 (1900).
Avanhandava: ♂, GARBE, novembro (1903).
Rio Grande (Barretos): ♂, GARBE, maio (1904).
Itapura: 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, agosto (1904).
Olímpia: ♂, GARBE, novembro (1916).
Faz. Varjão (Lins): 4 ♂♂, OLALLA, fevereiro 1 (1941); 3 ♀♀, OLALLA, fevereiro 1 e 13 (1941); sexo ?, OLALLA, fevereiro 13 (1941).

Sporophila collaris melanocephala (Vieillot) [XI, 198]

Coccothraustes melanocephala VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIII, p. 542 (com base em AZARA, N.º 124, "Pico grueso cejita banca"): Paraguay.

Spermophila melanocephala SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 118.

Sporophila melanocephala IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 375.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Formosa, Santa Fé, Corrientes, Buenos Aires), Paraguay (Sapucay, Paraguary, Colonia Risso, Las Palmas, Bernalcué, Puerto Pinasco) e região adjacente do Brasil: sudoeste de Mato Grosso (Corumbá, Carandàzinho, Urucúm).

ARGENTINA

Chaco: ♀, VENTURI, janeiro (1904).
Ocampo: ♂, G. A. BAER, novembro 13 (1905).

BRASIL

Mato Grosso

Corumbá: [illegible], GARBE, outubro (1917).

Sporophila caerulescens caerulescens (Vieillot) [XI, 201]
Papa-capim, Coleira, Coleirinha, Tia-tã (Itatiaia).

Pyrrhula caerulescens VIEILLOT, 1817, Tabl. Enc. Méth., Orn., p. 1023: "Brésil" (= arredores da cidade do Rio de Janeiro, col. DELALANDE).
Spermophila caerulescens SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 126, parte.
Sporophila caerulescens IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 376; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 430.

Distribuição. — Norte da Argentina (Formosa, Entre Ríos, Santa Fé, Cordoba, Tucumán, Mendoza, Buenos Aires), Uruguay (Montevidéo, Soriano, rio Napo), Paraguay (Sapucay, Alto Paraná), leste da Bolívia (Cochabamba, Chaco, La Paz)[1], Brasil centro-ocidental, meridional e (localmente?), na margem direita do baixo Amazonas: rio Tapajoz (Pinhí), rio Irirí (Santa Júlia) estado de Mato Grosso (rio Paraguai[2], Urucúm, Descalvados, Corumbá, Campo Grande, Vila Bela de Mato Grosso), Goiaz (rio das Almas), Minas Gerais (São Domingos, Congonhas, Maria da Fé), Espírito Santo (Pau Gigante, rio S. José, Chaves), Rio de Janeiro (Niterói, rio Macacú, rio Muriaé, Cantagalo), São Paulo (Cananéia, Iguape, ilha dos Alcatrazes, São Sebastião, Ipiranga, Piquete, serra de Bananal, Mogí das Cruzes, Itatiba, Monte Alegre, Ipanema, Itú, Cajurú, Campinas, Araraquara, Silvânia, Salto Grande, Itararé, Lins, Macaúbas, Vila Prudente), Paraná (Curitiba, rio Claro, Invernadinha, Marechal Mallet, Terezina, Salto de Guaira), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Pedras Brancas).

BRASIL

Espírito Santo

Pau Gigante: 3 ♂♂, L. C. FERREIRA, novembro 6, 10 e 17 (1940)

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂♂, OLALLA, agosto 31 (1942): ♂, OLIV. PINTO, agosto 29 (1942); sexo ? OLALLA, agosto 21 (1942).

---

(1) HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, XI, 1938, p. 203, nota infra pág.) chama a atenção para certos caracteres divergentes verificados nas aves da Bolívia. Posteriormente, com base nessas diferenças, foram elas separadas racialmente por GYLDENSTOLPE (Ark. Zool., XXXIII, 1941, N.º 13, p. 3, sob o nome de *Sporophila caerulescens yungae* (tipo de Chulumani, Dep. de La Paz).

(2) Cf. SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 430 (1914). O exemplar único desta procedência imprevista, foi examinado pelo Dr. HELLMAYR, que confirma exata sua determinação. Cf. Cat. Bds. Americas, XI, p. 203, nota.

Rio São José: ♀, OLIV. PINTO, setembro 19 (1942).
Guaraparí: ♂, OLALLA, outubro 14 (1942); ♀, OLALLA, outubro 15 (1942).

Rio de Janeiro
Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 1 ♂ e 3 sexos ?, OLALLA, setembro 10 (1941).

Minas Gerais
Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): 2 ♂♂, OLIV. PINTO, janeiro 3 e 16 (1936); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 23 (1936).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, agosto 26 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 4 (1940); ♀ ?, W. GARBE, outubro 2 (1940).

São Paulo
Iguape: ♂, R. KRONE, novembro 2 (1893).
São Sebastião: ♂, H. PINDER, setembro 22 (1896).
Cachoeira: ♂, H. PINDER, agosto 11 (1898).
Vila Prudente (cid. de S. Paulo): ♀ (compr. em janeiro 2, 1900).
Itararé: ♀, GARBE, agosto (1903).
Faz. Caioá (Salto Grande do Paranapanema): ♂ juv., HEMPEL, agosto 21 (1903).
Itapura: ♀, GARBE, setembro (1904).
Ipiranga (cid. de S Paulo): 1 ♂, 1 ♂ juv. e 1 sexo ?, LIMA, agosto 29 (1906); 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, novembro 18 (1924) e abril 16 (1941); ♀, EUGENIO DE LIMA, setembro 14 (1931).
Ilha dos Alcatrazes: ♂, PINTO DA FONSECA, outubro 2 (1920).
Itatiba: ♂, LIMA, março (1926); ♂, C. VIEIRA, novembro 15 (1932); 3 ♂♂, JOSÉ LIMA, outubro 4 e 18 (1933); 4 ♀♀, LIMA, março 22 (1915), março (1926) e dezembro 12 (1927).
Silvânia: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, janeiro 8 (1931) e dezembro 18 (1937); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 2 (1931).
Mogí das Cruzes: 3 ♂♂, JOSÉ LIMA, janeiro 31, fevereiro 2 e março 19 (1933); sexo ?, JOSÉ LIMA, março 18 (1933).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 26 (1934).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas), 3 ♂♂, JOSÉ LIMA, março 25 e 26 (1940).
Faz. Santa Rosa (Paraúna): ♂ juv., JOSÉ LIMA, abril 11 (1940).
Cabeceiras de Mboi-Guassú: sexo ?, OLALLA, novembro 11 (1940).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 25 (1940); 2 sexos ?, OLALLA, dez. 19 e 20 (1940).
Lins: ♂, OLALLA, janeiro 19 (1941); sexo ?, OLALLA, janeiro 20 (1941).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 9 (1941); ♂ ?, OLALLA, fevereiro 13 (1941).
Santo Amaro: ♂, JOSÉ LIMA, março 4 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 29 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): 4 ♂♂, JOSÉ LIMA, outubro 21, novembro 9 e 10 (1941); 3 ♂♂ juvs., JOSÉ LIMA, outubro 14 e 30 (1941); 3 ♀♀, JOSÉ LIMA, outubro 7 e 30 (1941).
Rio Juquiá: ♂, JOSÉ BARROSO, dezembro 13 (1941).
Monte Alegre: 17 ♂♂, JOSÉ LIMA, julho 21, 30 e 31, novembro 26 (1942) e janeiro 16, 21, 22, 23, 24, 27 28 e 30 (1943);

8 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 21, 22, 23, 27, 28 e 29, fevereiro. (1943).
Cajurú: ♂, E. DENTE, maio 13 (1943).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂. W. GARBE, setembro 14 (1934); ♂, JOSÉ LIMA, setembro 12 (1934); 1 ♂ e 1 ♀, OLIV. PINTO, setembro 5 (1934); ♀ ?, W. GARBE, agosto 26 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, maio 4 (1941).

Mato Grosso

Campo Grande: ♀, JOSÉ LIMA, julho 18 (1930).
Rondonópolis: ♀, OLIV. PINTO, agosto 26 (1937).
Faz. Maravilha (Vila Sto. Antonio, pto. de Cuiabá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 8 (1937).
Chapada: ♂, JOSÉ LIMA, outubro 4 (1937); ♀, OLIV. PINTO, outubro 2 (1937).

Sporophila caerulescens hellmayri Wolters[1] [XI, 204]

Sporophila caerulescens hellmayri H. C. WOLTERS, 1939, Ornith. Monatsber., XLVII, p. 152 — nome novo para *Sporophila caerulescens ornata* guct., ou seja *Fringilla ornata* LICHTENSTEIN, 1823 (anteocupado por *F. ornata* VIEILLOT, 1817 e *F. ornata* WIED, 1821), Verz. Doubl. Berliner Museum, p. 26: Baía.
Spermophila caerulescens SHARPE (*nec* VIEILLOT), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XII, p. 127, parte.
Sporophila caerulescens IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 376.

Distribuição. — Conhecido apenas do estado da Baía (leste do Brasil), ignorando-se todavia qualquer localidade precisa.

Sporophila melanops (Pelzeln) [XI, 204]

Spermophila melanops PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, pp. 224 e 331: Porto do rio Araguaia (Goiaz); SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 140.
Sporophila melanops IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 378; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 430.

Distribuição. — Conhecido só pelo exemplar tipo, de porto do rio Araguaia (estado de Goiaz, col. NATTERER).

Sporophila nigricollis nigricollis (Vieillot) [XI, 205]

Papa-arroz.

Pyrrhula nigricollis VIEILLOT, 1823, Tabl. Enc. Méth., Orn., p. 1027: "Brésil".

---

(1) Devo à amabilidade dos srs. L. GRISCOM e J. T. ZIMMER os dados bibliográficos indispensaveis ao aproveitamento deste nome, vindo a lume em publicação cuja remessa regular à nossa biblioteca a guerra veio interromper.

Spermophila gutturalis[1] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 128.
Sporophila gututralis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 377.

Distribuição. — Sul da América Central (Costa Rica, Panamá), Colômbia (rio Magdalena, Bogotá, Santa Marta), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Mérida, Sucre), ilha Trinidad (Princestown), Pequenas Antilhas (Granada, Tobago), Guiana Inglesa (Roraima), leste da Bolívia (Santa Cruz), Brasil septentrional, oriental e central: norte extremo e sudoeste do Amazonas: rio Negro (Marabitanas), rio Branco (Boa Vista), rio Juruá (João Pessoa), rio Tocantins (Cametá, Arumateua), norte e leste do Pará (Monte Alegre, ilha Mexiana, ilha das Onças, Belém, Igarapé-Assú, Prata, Murutucú), Maranhão (Miritiba, Anil, São Bento), Piauí (rio Parnaíba), Ceará (Várzea Formosa, Quixadá), Pernambuco (Tapera, Estância, Quipapá, Garanhuns), Baía (rio Preto, cidade da Barra, Macaco Sêco, Santo Amaro, Aratuípe, Curupeba, rio Belmonte, serra do Palhão), Espírito Santo (rio S. José), Rio de Janeiro (Terezópolis), São Paulo (Itapura), Minas Gerais (Mariana, Lagoa Santa, Curvelo, rio Doce), Goiaz (rio Araguaia, cidade de Goiaz, rio das Almas, Inhumas, Veadeiros), Mato Grosso (Urucúm, Cuiabá, Chapada).

COLOMBIA
- Cauca: ♂, WM. B. RICHARDSON, novembro 18 (1910).
- Buenavista: ♀, WM. B. RICHARDSON, setembro 24 (1912).

VENEZUELA
- Mérida: ♀ ?, B. GABALDÓN, outubro 1 (1896).

BRASIL
- Pará
  - Murutucú (prox. de Belém): ♂, F. Q. LIMA, setembro 21 (1923); 2 sexos ?, F. Q. LIMA, setembro 21 (1923).
- Maranhão
  - Miritiba: ♂, SCHWANDA, agosto 13 (1907).
- Pernambuco
  - Tapera: ♂ juv, OLIV. PINTO, dezembro 12 (1938).
- Baía
  - "Bahia": ♂, SCHLÜTER (1898).
  - Cidade da Barra: ♂, GARBE, janeiro (1908).
  - Serra do Palhão (Jequié): ♂, CAMARGO, dezembro 6 (1932).

---

(1) *Fringilla gutturalis* LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 26: São Paulo. Sobre a prioridade do nome de LICHTENSTEIN, com relação a *Pyrrhula nigricollis* VIEILLOT, cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 296, nota 1 (1929). À sinonimia de *Sporophila n. nigricollis* parece igualmente pertencer *Spermophila ardesiaca* DUBOIS (Mem. Soc. Zool. de França, VII, 1894, p. 399, pl. 10, fig. 1), cujo tipo, único exemplar conhecido, dá-se vagamente como oriundo do Brasil.

Curupeba: ♂, W GARBE, fevereiro 12 (1933); ♂, CAMARGO, fevereiro 24 (1933); ♀, OLIV. PINTO, fevereiro 17 (1933); ♀, W. GARBE, fevereiro 24 (1933).
Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 18 (1942).

Espírito Santo
Rio São José: 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, novembro 15 e 20 (1942).

Minas Gerais
Mariana: 1 ♂ e 1 ♂ juv., J. B. GODOY, fevereiro (1905); ♀ (compr. em 1914).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 5 ♂ ♂, OLALLA, agosto 23, 30 e 31, setembro 3 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 31 (1940).
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLALLA, setembro 16 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 3 ♂ ♂, OLALLA, setembro 27, outubro 3 (1940); ♂, W. GARBE, setembro 30 (1940); ♂, OLIV. PINTO, outubro 4 (1940); 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, outubro 3 e 4 (1940); sexo ?, OLALLA, setembro 27 (1940).

São Paulo
Itapura: ♀, GARBE, setembro (1904).

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, agosto 25 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂, W. GARBE, nov. 22 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, novembro 15 (1934).

Sporophila lineola (Linnaeus) [XI, 209]

Papa capim, Coleira, Bigodinho.

Loxia lineola LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 174: "Asia", *errore* (pátria típica Surinam, por designação de BERLEPSCH & HARTERT)[1].
Spermophila lineola SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 131, parte.
Sporophila lineola IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 377; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 431.
Spermophila ocellata[2] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 130.
Sporophila bouvronides[3] IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 377; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 430; HELLMAYR, 1938, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte XI, p. 211.

---

(1) BERLEPSCH & HARTERT, Novit. Zool., IX, p. 26 (1902).
(2) *Spermophila ocellata* SCLATER & SALVIN, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 181: Nauta (Perú).
(3) *Pyrrhula bouvronides* LESSON, 1831, Traité d'Orn., p. 450; local. ignor. (Trinidad, loc. sug. por HELLMAYR).
Sporophila lineola é raro exemplo do quanto pode ser variavel uma espécie, definida pelos caracteres clássicos; a distribuição que aquí se lhe confere engloba a área, aliás em grande parte coincidente, atribuida pelos autores a *Sporophila bouvronides* (LESSON, 1831, Traité d'Orn., p. 450: Trinidad, local. suposta), cuja coespecificidade, pelo menos, com aquela, não duvido que

Distribuição. — Venezuela (lago Valência, Orenoco, Ciudad Bolivar), Trinidad, Guiana Inglesa (Georgetown, montes Merumé, montes Takutu, rio Abary, rio Caramang), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Roche-Marie), Colômbia (Bogotá, vale do Magdalena), nordeste do Perú (Nauta, Iquitos), leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos, Guarayos), Paraguay (rio Bermejo), norte da Argentina (Chaco, Tucuman, Santa Fé), Brasil septentrional e central: rio Solimões (Tonantins), rio Negro (Manaus, Lamalonga, Marabitanas), rio Xié, rio Juruá (João Pessoa) e rio Eirú (Santa Cruz), rio Purus (Bom Lugar, Sepatiní), rio Madeira (Calama), baixo Amazonas (Óbidos), rio Tapajoz (Santarém, Vila Braga, Urucurituba, Goiana), rio Xingú (Vitória, Forte Ambé), rio Jamauchim (Tucunaré), rio Irirí (Santa Júlia), leste do Pará (Belém, Maguarí), sul do Piauí (Parnaguá), interior de Pernambuco e Baía (Joazeiro, cidade da Barra), Goiaz (Inhumas), Mato Grosso (Vila Bela de Mato Grosso, Urucúm), interior de São Paulo (Monte Alegre, Piracicaba, Silvânia, rio Tietê, barra do rio Dourado, Avanhandava).

BRASIL

Amazonas

Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, novembro 19 e 25 (1936).

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, dezembro 10 e 17 (1936); 2 ♀♀, OLALLA, dezembro 5 e 10 (1936).

Baía

"Bahia": ♂ (compr. de SCHLÜTER, 1898).

Cidade da Barra: ♂, GARBE, janeiro (1908).

São Paulo

Monte Alegre: 5 ♂♂, JOSÉ LIMA, janeiro 26, 27 e 30, fevereiro 24 (1943); 4 ♂♂ juvs, janeiro 22 e fevereiro 24 (1943); 3 ♀♀, JOSÉ LIMA, janeiro 22, 24 e 27 (1943).

---

o futuro virá a confirmar. Fica porém a possibilidade de ser *bouvronides* uma boa raça, ainda instável em suas características zoogeográficas. Os ♂♂ adultos do alto Juruá, cuja situação ocidental faria supor de *bouvronides*, são tìpicamente de *lineola*, com apresentarem na linha média do vértice a larga faixa branca característica; só no ♂ imaturo o branco do vértice aparece apenas sob a forma de pequenas manchas esparsas. Seja como for, a mutação *bouvronides* não aparece nas populações meridionais de *Sp. lineola*. Por maioria de razão, são tratadas como sinônimas *Spermophila ocellata* SCLAT. & SALVIN, 1866 (Nauta, Perú), *S. trinitatis* SHARPE, 1888 (Trinidad) e *S. amazonica* SHARPE (norte do Amazonas). Sobre o assunto veja-se C. E. HELLMAYR, Catal. Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Serv., vol. XIII, parte XI, 1938).

Sporophila minuta minuta (Linnaeus) [XI, 215]

Loxia minuta LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., I, p. 176: Surinam (Guiana Holandesa).
Spermophila minuta SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, pgs. 109 e 820.
Sporophila minuta IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 374; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 429.

Distribuição. — Noroeste do Equador (rio Frio, Paramba, La Concepción), Colômbia (rio Magdalena, ria Caura, rio Negro, Bogotá), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Mérida, ilhas Trinidad e Tobago), Guianas Inglesa (Georgetown, rio Abary, Supenaam, monte Roraima), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne, Roche Marie, rio Mahury) e região adjacente do Brasil até o baixo Amazonas: Monte Alegre. rio Tapajoz (Santarém, Tauarí), rio Tocantins (Alcobaça), ilha de Marajó (Pacoval Tuiuiú, São Natal), Mexiana, Maracá. distrito este-paraense (Belém, Nazaré, Quatipurú).

COLOMBIA
Calamar (rio Magdalena): ♂, CHAPMAN, CHERRIE et alt., janeiro 21 (1913).

VENEZUELA
Mérida: ♂, BRICEÑO GABALDÓN, outubro 20 (1897).

Sporophila minuta hypoxantha Cabanis [XI, 217]

Sporophila hypoxantha CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 150: "Montevideo" (Uruguay)[1]; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Braz., Aves, p. 374.
Spermophila hypoxantha SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 111.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Formosa. Entre Ríos, Misiones, Santa Fé, Buenos Aires), Uruguay (Paysandú), Paraguay (Puerto Pinasco, Lambaré), leste da Bolívia (Chiquitos, Santa Cruz) e Brasil meridional: sul de Mato Grosso (Corumbá, Urucúm, Porutí, Carandàzinho) e de Goiaz (rio das Almas), São Paulo (Batatais, Itararé), Paraná (Curitiba).

BRASIL
São Paulo
Batatais: ♀, LIMA, dezembro 10 (1900).
Itararé: ♂ juv., GARBE, maio (1903).

(1) C. E. HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Serv., XIII, pte. XI, pgs. 217 e 218 em nota), sem dizer, todavia, porque motivo, considera errônea a indicação de Montevideo como pátria do exemplar descrito por CABANIS, que acha mais provavel provir do sul do Brasil.

Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 12 (1934).

Sporophila ruficollis Cabanis [XI, 219]

Sporophila ruficollis CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 150: "Montevideo" local, tida como duvidosa)[1]; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 378.
Spermophila ruficollis SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 140.

Distribuição. — Norte da Argentina (Entre Ríos, Tucumán, Santa Fé, Santiago del Estero), Uruguay ("Montevideo"), Paraguay (Sapucay, Puerto Bertoni), leste da Bolívia (Chiquitos), Brasil central e meridional: Mato Grosso (rio Guaporé), sul de Goiaz (rio Araguaia), São Paulo (Ipiranga).[2]

BRASIL
São Paulo
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, outubro (1921).

Sporophila palustris (Barrows)[3] [XI, 220]

Spermophila palustris BARROWS, 1883, Bull. Nutt. Orn. Cl., VIII, p. 92: Concepción del Uruguay (Republica Argentina, prov. Entre Rios); SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 112, pl. 2.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Entre Ríos), Paraguay (Villa Concepción)[4], sul extremo do Brasil: oeste do Rio Grande do Sul (rio Uruguai, Itaquí).

Sporophila bouvreuil bouvreuil (P. L. S. Müller) [XI, 221]
Caboclinho, Caboclo (Pernambuco).

Loxia bouvreuil P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supl., p. 154 (com base em DAUBENTON, pl. enlum., 204, fig. 1, = ♂);

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, op. cit., p. 219, nota (1938).
(2) O exemplar único desta procedência, pertencente às coleções do "Museu Paulista", traz a indicação manuscrita de JOÃO L. DE LIMA, de ter vivido anos em cativeiro.
(3) Com os caracteres muito aproximados desta espécie foi descrita *Sporophila lorenzi* HELLMAYR, 1904 (Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIV, p. 522), vagamente atribuida à América do Sul. Segundo a moderna opinião de seu descritor, há razões para que se suponha ser fruto de um artifício doloso.
(4) Deve-se a KERR (Ibis, 1901, p. 223) a notificação referente a Villa Concepción, logarejo situado próximo à margem esquerda do rio Paraguai e não muito ao sul da foz Aquidabã, seu afluente. Posta em dúvida por HELLMAYR (op. cit., p. 220, nota 2), julgo merecedora de crédito uma vez verificada pelos exemplares de Itaquí a extensão que tem para o norte a área do pássaro.

"l'île de Bourbon", *errore* (Baía, pátria típica, por designação de HELLMAYR)[1].

Sporophila bouvreuil SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 429.

Spermophila nigro-aurantia[2] SHARPE, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XII, p. 113.

Sporophila nigrourantia (sic) IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 375.

Distribuição. — Brasil septentrional e oriental: ilha de Marajó (rio Arari, Faz. Teso de São José), Mexiana, norte do Maranhão (São Bento, Boa Vista), Pernambuco (Recife, Itamaracá), Baía (ilha da Bimbarra, Curupeba,) Espírito Santo (Guaraparí), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Cantagalo), nordeste de São Paulo (Mato-Dentro), Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas), Goiaz (rio Araguaia, rio das Almas).

BRASIL

Maranhão

Boa Vista: ♂, SCHWANDA, fevereiro 8 (1907).

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 13 (1938).

Itamaracá: 2 ♂♂, OLIV. PINTO, dezembro 31 (1938) e janeiro (1939); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 3 (1939).

Baía

Ilha da Bimbarra: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 24 (1933).

Curupeba: 1 ♂ e 1 ♀, W. GARBE, fevereiro 13 (1933).

Espírito Santo

Guaraparí: 2 ♀♀, OLALLA, outubro 14 (1942).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, setembro 12 (1934).

Mato Grosso

Pontal da Serra Azul: 2 ♂♂, Bandeira Anhanguera, setembro 5 e 12 (1937).

Sporophila bouvreuil pileata (Sclater) [XI, 222]

Coleira do brejo.

Spermophila pileata SCLATER, 1864, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 607: "San Paulo" (=Borda do Mato, a leste da prov. de São Paulo, NATTERER col.); SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 115.

Sporophila pileata IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 375.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), leste do Paraguay (Puerto Bertoni, Sapucay, Encarnación) e sul do Brasil: São Paulo (Itatiba, Batatais, Una, Lins) e sul de Mato Grosso (Porto Esperança).

---

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, op. cit., p. 520 (1904).

(2) *Loxia nigro aurantia* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 12 (com base em DAUBENTON, pl. elum. 204, fig. 1).

BRASIL
São Paulo
Batatais: ♂, LIMA, dezembro 10 (1900).
Itatiba: ♂ juv., LIMA, março 19 (1926).
Una: 1 ♂ e 1 sexo ?, JOSÉ LIMA, março 14 (1937).
Faz. Varjão (Lins): 3 ♂♂, OLALLA, janeiro 24 e fevereiro 1 (1941); ♀, OLALLA, fevereiro 13 (1941).
Barra do rio Dourado (Lins): 2 ♂♂, OLALLA, janeiro 25 e fevereiro 15 (1941).
Mato Grosso
Porto Esperança: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 11 (1930).

Sporophila bouvreuil saturata Hellmayr [XI, 223]

Sporophila saturata HELLMAYR, 1904, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIV, p. 520: estado de São Paulo[1]; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av. p. 375.

Distribuição. — Só conhecida da porção oriental do estado de São Paulo, não longe da capital (Goaió[2], Ipiranga, Vila Ema).

BRASIL
São Paulo
Ipiranga (cid. de São Paulo): ♂, juv. ?, H. PINDER, dezembro 28 (1896); ♂, LIMA, janeiro 31 (1900).

Sporophila cinnamomea (Lafresnaye) [XI, 224]

Pyrrhula cinnamomea LAFRESNAYE, 1839, Rev. Zool., II, p. 99: Rio Araguaia (que teve outrora tambem localmente o nome de Rio Grande)[3].
Spermophila cinnamomea SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 138.
Sporophila cinnamomea IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av. p. 377.

Distribuição. — Brasil central: Goiaz (rio Araguaia).

Sporophila nigro-rufa (Lafresnaye & d'Orbigny) [XI, 224]

Pyrrhula nigro-rufa LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 87: Chiquitos (Bolívia).

---

(1) Tipo da coleção do Conde BERLEPSCH, sem indicação exata de procedência, mas provavelmente das proximidades desta Capital. O ♂ de Vila Ema (subúrbio da cidade de São Paulo), provando pertencer, pelo seu colorido acastanhado intenso, a *S. saturata*, parece confirmar a suposição, emitida por HELLMAYR (Catal. Birds Americas, XI, p. 223, nota 1), de ser esta uma raça local de *S. bouvreuil*.

(2) Goaió, localidade ao norte de São Paulo, pouco ao sul de Mogí das Cruzes (NATTERER, 1819).

(3) E o que parece, em face do que diz NATTERER, com respeito aos três exemplares que colecionou em "Porto do Rio Araguay", em pequenas moitas, três milhas ao norte do porto, que, segundo as indicações do roteiro daquele insigne colecionador, chamava-se ainda "Registo do Rio Grande". Cf. PELZELN, Zur Orn. Bras., pág. 226 do texto e VIII do "Itinerarium" anexo.

Spermophila nigro-rufa SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 114.
Sporophila nigrorufa IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 375.

Distribuição. — Leste da Bolívia (Chiquitos) e região adjacente do Brasil: oeste de Mato Grosso (Vila Bela de Mato Grosso, Porutí).

Sporophila castaneiventris Cabanis [XI, 225]

Sporophila castaneiventris CABANIS, 1849, em SCHOMBURGK, Reisen Brit. Guiana, III, p. 679: Cumaka (costa da Guiana Inglesa); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fau. Brazil., Av. p. 374.
Spermophila castaneiventris SHARPE, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XII, p. 108.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne, Saint Jean du Maroni), Holandesa (Surinam, Paramaribo) e Inglesa (Georgetown, Bartica Grove), leste da Colômbia (Caquetá), leste do Equador (Zamora, Gualaquiza), do Perú (Iquitos, baixo Ucayali, Cosnipata, Yurimaguas, Pebas, Nauta) e da Bolívia (Cosnipata, rio Espírito Santo), Brasil amazônico: rio Solimões (Olivença, Tefé, Manacapurú), rio Negro (Marabitanas, São Gabriel), Itacoatiara, Óbidos, Monte Alegre, rio Juruá (São Felipe, Santa Cruz), rio Purús (Bom Lugar), rio Madeira (Borba, Calama, Humaitá, Marmelos), rio Tapajoz (Santarém[1], ilha Goiana, Pinhí, Caxiricatuba Urucurituba).

BRASIL

Amazonas

Rio Juruá: ♂, GARBE, julho (1902).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂♂, CAMARGO, setembro 28 e outubro 20 (1936).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 18 ♂♂, OLALLA, outubro 16, dezembro 9, 12, 13, 14, 15 e 17 (1936), janeiro 26, 27, 28, 29 e 31, fevereiro 1, 2 e 4 (1937); 3 ♀♀, OLALLA, dezembro 10, 13 e 29 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 3 ♂♂, OLALLA, outubro 26 e 28 (1936); ♀, OLALLA, outubro 29 (1936).
Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, CAMARGO, dezembro (1936).
Taracuá (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂ CAMARGO, dezembro (1936).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): 2 ♀♀, CAMARGO, dezembro 28 (1936).

---

(1) Pátria típica de *Sporophila castaneiventris rostrata* TODD, 1922 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXV, p. 91). Com abundante material agora para estudo, penso estar a razão com o DR. HELLMAYR, que acha prematuro reconhecer raças geográficas na espécie. Cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, pp. 535 e 539 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 12 ♂♂, OLALLA, dezembro 16 (1936), março 4, 6, 24, 30 e 31, junho 1 e 5 (1937); ♀, OLALLA, março 31 (1937); sexo ?, OLALLA, março 6 (1937).

Sporophila melanogaster (Pelzeln) [XI, 227]

Spermophila melanogaster PELZELN (*ex* NATTERER, manuscr.), 1870, Orn. Bras., III, pp. 225 e 332: Itararé (tipo) e Borda do Mato (localidades situadas respectivamente a sul e nordeste de São Paulo); SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 140.
Sporophila melanogaster IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 378.

Distribuição. — Brasil este-meridional: estado de São Paulo (Itararé, Borda do Mato).

Gênero **AMAUROSPIZA** Cabanis

Amaurospiza CABANIS, 1861, Journ. f. Ornith., IX, p. 3. Tipo, por designação original, *Amaurospiza concolor* CABANIS.

Amaurospiza moesta (Hartlaub) [XI, 239]

Sporophila moesta HARTLAUB 1853, Journ. f. Orn., I, p. 36: "Brasilien" (pátria típica plausível, Rio de Janeiro).
Amaurospiza axillaris SHARPE[1], 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 157.
Amaurospiza moesta IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 379.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Brasil oriental e meridional: Maranhão (Tranqueira), Rio de Janeiro (Terezópolis), São Paulo (Tijuco[2], Campinas, NATTERER col.), Paraná (Cândido de Abreu, São Domingos, Banhados, Salto de Guaíra).

Gênero **DOLOSPINGUS** Elliot

Dolospingus ELLIOT, 1871, Ibis, 3.ª ser., I, p. 402. Tipo, por monotipia, *Dolospingus nuchalis* ELLIOT (= *Oryzoborus fringilloides* PELZELN).

---

(1) *Amaurospiza axillaris* SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 157: Brazil. O tipo estudado por HELLMAYR (Cf. Verh. Orn. Gesells. Wien, LIV, p. 516, 1904) no British Museum tem os característicos das preparações do Rio de Janeiro e prova pertencer à espécie anteriormente descrita por HARTLAUB.
(2) Local. típica de *Haplospiza crassirostris* PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, págs. 227 e 332.

Dolospingus fringilloides (Pelzeln) [XI, 240]

Oryzoborus fringilloides PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, pgs. 223 e 329: Rio Xié (afluente da margem direita do alto Rio Negro, estado do Amazonas).

Dolospingus nuchalis[1] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 141.

Dolospingus fringilloides IHER. & IHERING,[2] 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 369.

Distribuição. — Sul da Venezuela (Montes Duida) e zona adjacente do extremo norte do Brasil: alto rio Negro (rio Xié, Javanarí).

Gênero **ORYZOBORUS** Cabanis

Oryzoborus CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 151. Tipo, por subsequente designação de GRAY (1855), *Loxia torrida* "GMELIN" (= *Loxia angolensis* LINNAEUS.).

Oryzoborus crassirostris crassirostris (Gmelin) [XI, 241]
Bicudo.

Loxia crassirostris GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 862 (com base em "Thick billed Grosbeak" de LATHAM): localidade ignorada (Cayenne, pátria típica sugerida por BERLEPSCH & HARTERT)[3].

Oryzoborus crassirostris SHARPE, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XII, p. 79; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 369; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 427.

Distribuição. — Nordeste do Perú (Nauta, Chyavetas, Pebas), leste da Colômbia (Villavicencio), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, Caicara), Trinidad, Guianas Inglesa (Georgetown, rio Demerara, Bartica Grove), Holandesa (Surinam, Paramaribo) e Francesa (Cayenne), região adjacente do Brasil, até a margem esquerda do Amazonas: alto rio Negro (Marabitanas, Lamalonga), estuário amazônico (ilha Mexiana).

COLOMBIA

Bogotá: ♂ ? (compr. de W. ROSENBERG, 1905).

---

(1) *Dolospingus nuchalis* ELLIOT, 1871, Ibis, 3a. ser., I, p. 402, pl. 11: Orenoco nos limites da Guiana Inglesa. O nome de ELLIOT, conforme verificaram BERLEPSCH & HELLMAYR (Journ. f. Orn., LIII, p. 23, 1905) corresponde ao macho da mesma espécie cuja fêmea fora anteriormente descrita por PELZELN.

(2) No Catálogo de IHER. & IHERING a espécie reaparece à pág. 380, sob *Amaurospiza*.

(3) Novit. Zool., IX, p. 25. 25 (1902).

Oryzoborus crassirostris maximiliani Cabanis[1] [XI, 240]
Bicudo, Bicudo preto.

Oryzoborus maximiliani CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 154, nota marginal — nome novo em substituição a *Fringilla crassirostris* WIED (não *Loxia crassirostris* GMELIN), 1830, Beitr. Naturges Bras., III, p. 564: Rio Espírito Santo (tipo) e Caravelas (estados de Espírito Santo e Baía); SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 78; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 369.

Distribuição. — Brasil central e oriental: Mato Grosso (Chapada, Cuiabá), Goiaz (rio Claro, rio Uruú, Veadeiros), Minas Gerais (Figueira)[2], sul do Baía (Caravelas), Espírito Santo (Vitória), Rio de Janeiro, São Paulo (Franca).

BRASIL
São Paulo
"São Paulo": ♀, (compr. em 1907).
Franca: ♂, ofta. do DR. H. v. IHERING, março 5 (1908).
Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, junho 9 (1940).

Oryzoborus angolensis angolensis (Linnaeus) [XI, 244]
Curió (Baía), *Avinhado* (São Paulo).

Loxia angolensis LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12a., I, p. 303 com base em "Coccothraustes niger" de EDWARDS": Angola, *errore* HELLMAYR substituiu-a pelo leste do Brasil)[3].
Oryzoborus torridus SHARPE (*nec* SCOPOLI), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 77, parte.
Oryzoburos angolensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 369, parte.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Alto Paraná, Villa Rica, Lambaré), leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos), Brasil oriental e meridional: Piauí (Santa Filomena), Pernambuco (Beberibe, Cabo), Baía (rio Gongogí, Recôncavo), Espírito Santo (Pau Gigante, Chaves, Guraparí), Rio de Janeiro (Cantagalo, Itatiaia), São Paulo Iguape, Cananéia, São Sebastião, Juquiá, Piquete, Olímpia),

---

(1) Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XV, p. 32 (1908).
(2) Exemplares vistos por mim em gaiola (setembro (1940), nessa cidade do rio Doce e provenientes das cercanias.
(3) Cf. Novit. Zool., 1906, XIII, p. 19. A localidade típica Ceará, escolhida por BERLEPSCH (Novit. Zool., XV, 1908, p. 119), parece ter fracos argumentos em seu favor. Todavia, como haja vantagem em restringir a vasta área indicada por HELLMAYR, eu proporia considerar-se a Baía como pátria típica da espécie, já pela abundância do passarinho naquele estado, já pelo intensivo tráfico que existira entre ela e a costa africana.

Paraná (Salto de Guaíra), Santa Catarina (Joinvile), Rio Grande do Sul (Mundo Novo), Minas Gerais (Lagoa Santa, Água Suja, rio Piracicaba, rio das Velhas), Goiaz (rio das Almas, Inhumas, rio Uruú), Mato Grosso (Cuiabá, rio Guaporé).

BRASIL

Baía

Rio Gongogí: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 26 (1932).

Espírito Santo

Rio Doce: ♂, E. HOLT, setembro 4 (1940); ♀, juv., E. HOLT, setembro 7 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): ♂ juv., OLALLA, agosto 24 (1942).
Guaraparí: sexo ?, OLIV. PINTO, outubro 17 (1942).

Rio de Janeiro

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♂ juv., JOSÉ LIMA, junho 25 (1941).

Minas Gerais

Barra do Piracicaba (rio Doce): 6 ♂♂, OLALLA, agosto 21, 22 e 24, setembro 2, 7 (1940); ♂, W. GARBE, agosto 22 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, setembro 30 (4910).

São Paulo

Iguape: 1 ♂ e 1 ♀, R. KRONE (1896).
São Sebastião: ♂, H. PINDER, setembro 27 (1896).
Piquete: ♂, J. ZECH, dezembro 12 (1896).
Olímpia: ♂, GARBE, novembro (1916).
Mogí das Cruzes: ♀, JOSÉ LIMA, março 20 (1933).
Tabatinguara (Cananéia): ♂, CAMARGO, setembro 18 (1934).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂ juv., JOSÉ LIMA, abril 5 (1940).
Faz. Sta. Rosa (Paraúna): ♀, JOSÉ LIMA, abril 13 (1940).
Faz. Poço Grande (Juquiá): ♂, OLALLA, maio 16 (1940); sexo ?, OLIV. PINTO, maio 17 (1940).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 19 (1940).
Barra do rio Dourado (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 25 (1941).
Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, janeiro 28 (1941).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 24 (1941).
Serra de Caraguatatuba: ♀, OLALLA, setembro 24 (1941).

Goiaz

Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): 1 ♂ e 1 ♂ juv., OLIV. PINTO, outubro 14 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, outubro 30 e novembro 6 (1934); ♀, JOSÉ LIMA, outubro 29 (1934).
Faz. Transwaal (rio Claro): ♀, W. GARBE, abril 30 (1940).

Mato Grosso

Três Lagoas: ♂ juv., JOSÉ LIMA, julho 17 (1931).
Faz. Maravilha (Sto. Antonio, pto. de Cuiabá): ♀, JOSÉ LIMA, setembro 6 (1937).

Oryzoborus angolensis torridus (Scopoli) [XI, 246]

Peito rôxo, Curió, Papa-arroz.

Loxia torrida Scopoli, 1769, Ann. I, Hist. Nat., p. 140: localidade ignorada (costa septentrional da Venezuela, patria sugerida por Hellmayr)[1].

Oryzoborus torridus Sharpe, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XII, p. 77, parte.

Oryzoborus angolensis Iher. & Ihering (*nec* Linnaeus). 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 369, parte.

Oryzoborus angolensis brevirostris[2] Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 426.

Distribuição. — Leste da Colômbia (Andalucia, Villavicencio), Venezuela (rio Orenoco, rio Caura, rio Catatumbo, Puerto Cabello), Guianas Inglesa (montes Merumé, Roraima, rio Demerara), Holandesa (Paramaribo, Surinam) e Francesa (Cayenne, Roche Marie), leste do Equador (Gualaquiza, Zamora), nordeste do Perú (Iquitos, Pebas, Nauta, Xeberos, Yurimaguas) e Brasil amazônico: rio Solimões (Manacapurú), rio Branco (Boa Vista), rio Juruá (São Felipe), rio Madeira (Santa Isabel do Rio Preto), Itacoatiara, óbidos, rio Jamundá (Faro), rio Tapajoz (Santarém, Boim, Goiana, Mirititúba, Bela Vista), Cussarí, rio Tocantins (Cametá), distrito este-paraense (Belém, Benevides), ilhas do estuário (Mexiana), norte do Maranhão (Turiassú).

Brasil

Amazonas

João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 5 ♂ ♂, Olalla, outubro 12 e 14, dezembro 12 e 31 (1936) e janeiro 28 (1937); ♀, Olalla, fevereiro 3 (1937).

Manacapurú (baixo Solimões, mag. esquerda): ♂, Camargo, outubro 19 (1936).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂ juv., Olalla, março 1 e 5 (1937).

Gênero **VOLATINIA** Reichenbach

Volatinia Reichenbach, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 79. Tipo, por designação subsequente de Gray (1855), *Tanagra jacarina* Linnaeus.

---

(1) Muito procedentes me parecem as razões expendidas por Hellmayr (Catal. Bds. Americas, IX, p. 246, nota), em justificativa de sua opinião, sabendo-se que o exemplar descrito por Scopoli fôra levado por Jacquin para o Jardim Zoológico de Viena, e que esse viajante visitára na América do Sul apenas as costas septentrionais da Venezuela e da Colômbia (Cartagena). Isso reduz a sinônimo *O. angolensis brevirostris* Berlepsch (Novit. Zool., XV, p. 119: Caiena), já aliás precedido por *Loxia nasuta* Spix (Av. Bras., II, p. 45, pl. 58, fig. 1 e 2: arredores de Pará, isto é, Belem).

(2) *Oryzoborus angolensis brevirostris* Berlepsch, 1908, Novit. Zool., XV, p. 119: Cayenne.

Volatinia jacarina jacarina (Linnaeus) [XI, 249]

Veludinho (Ceará), *Saltador* (Pernambuco), *Pinéu* (Baía), *Serrador, Papa-arroz preto, Tsiu* (S. Paulo).

Tanagra jacarina LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12a., I, p. 314 (com base primordial em "Jacarini" de MARCGRAVE): nordeste do Brasil.

Volatinia jacarini SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 152, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 379.

Distribuição. — Norte da Argentina (Tucumán, Sta. Fé, Corrientes, Buenos Aires), leste do Paraguay (Alto Paraná, Lambaré) e da Bolívia (Santa Cruz), sudeste do Perú (Urubamba), Brasil oriental e central: sul e leste do Maranhão (Grajaú, Tranqueira), Piauí (Terezina, rio Parnaíba), Ceará (Juá, Quixadá, Santa Filomena), Pernambùco (Beberibe, Tapera), Baía (rio Grande, rio do Peixe, Macaco Sêco, S. Salvador, Curupeba, Madre de Deus, serra do Palhão, rio Gongogí), Espírito Santo (Araçatiba, Pau Gigante, rio S. José), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, rio Muriaé), São Paulo (cidade de São Paulo, ilha dos Alcatrazes, São Sebastião, Itatiba, Mogí das Cruzes, Monte Alegre, Itararé, Franca, Vila Prudente), Minas Gerais (Maria da Fé, rio Doce, Lagoa Santa), Goiaz (Jaraguá, Inhumas, cidade de Goiaz), Mato Grosso (Campo Grande, Salobra, Urucúm, Descalvados, Tapirapoã), sul do Amazonas (Calama).

BRASIL

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 22 (1938).

Baía

Rio Gongogí: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 24 (1932).
Curupeba: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 23 (1933); ♂ juv., CAMARGO, fevereiro 25 (1933); ♀, CAMARGO, fevereiro 24 (1933).
Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, janeiro 3 (1942); ♀ juv., OLIV. PINTO, fevereiro 8 (1942).

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, GARBE, janeiro (1906).
Rio São José: ♀, OLIV. PINTO, setembro 22 (1942).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, setembro 10 (1941).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 25 (1936).
Barra do Piracicaba (rio Doce): ♀, OLALLA, agosto 31 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 2 ♂♂, OLALLA, setembro 27 e outubro 4 (1940).

São Paulo
São Sebastião: ♂, H. PINDER, outubro 11 (1896); ♀, H. PINDER, setembro 30 (1896).
Piquete: 2 ♂ ♂, J. ZECH, janeiro 1 e 14 (1897).
Cachoeira: ♂ juv., H. PINDER, agosto 11 (1898).
Vila Prudente (cid. de S. Paulo): ♀ ? (ninho e 3 ovos), LIMA dezembro 18 (1899).
Franca: ♂ juv., DREHER, agosto 7 (1902); ♂, GABRE, setembro (1910).
Itararé: 1 ♂ e 1 ♂ juv., GARBE, maio (1903).
Ilha Vitoria: ♂ juv., F. GÜNTHER, setembro 22 (1907).
Itatiba: 5 ♂ ♂, LIMA, março 22 (1915), março 27 (1926) e abril 11 (1931); ♂, C. VIEIRA, setembro 15 (1932); ♂ juv., JOSÉ LIMA, novembro 16 (1932); ♀, LIMA, março 22 (1915).
Ilha dos Alcatrazes: ♂, PINTO DA FONSECA, outubro 18 (1920).
Mogí das Cruzes: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, março 18 e 19 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, março 17 (1933).
Embura: sexo ?, OLALLA, dezembro 26 (1940).
Lins: ♂, OLALLA, janeiro, 22 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂ juv., JOSÉ LIMA, outubro 30 (1941); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, outubro 7 e 29 (1941).
Monte Alegre: 6 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 31 (1942) e jan. 22, 25 e 27 (1943); 2 ♀ ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 24 e 25 (1943).
Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, OLIV. PINTO, agosto 24 (1934); ♂, W. GARBE, agosto 26 (1934); ♀ ?, OLIV. PINTO, agosto 20 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): 2 ♂ ♂, W. GARBE, outubro 30 e novembro 21 (1934); ♂, JOSÉ LIMA, novembro 3 (1934); ♀, W. GARBE, outubro 30 (1934).
Mato Grosso
Campo Grande: ♂ ?, JOSÉ LIMA, julho 23 (1930).
Rondonópolis: ♀, OLIV. PINTO, agosto 26 (1937).
Salobra: ♂ juv., Exp. a Mato Grosso, julho 23 (1939)

Volatinia jacarina splendens (Vieillot) [XI, 251]

Chico preto, Serra-serra, Papa arroz.

Fringilla splendens VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XII, p. 173 (com base em DAUBENTON, pl. enlum. 224, fig. 3): Cayenne (Guiana Francesa).
Volatinia iacarina splendens SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 431.

---

(1) Aos domínios geográficos das duas raças de *Volatinia jacarina* que ocorrem no Brasil, dadas as flutuações a que a espécie está sujeita na vasta zona em que aqueles interferem, só se podem assinar limites convencionais, para não dizer arbitrários. Si, nos ♂ ♂ adultos do Brasil oriental e meridional, a grande quantidade de branco nas coberteiras inferiores das asas e sua extensão à porção basal das primárias constitue carater absolutamente constante, é tambem muito comum ocorrerem na Amazônia, promiscuamente, exemplos que, sob aquele particular se aproximam decididamente dos primeiros. Fato semelhante ocorrendo com as aves da Guiana, admití certa vez, com TODD e CHAPMAN (cf. OLIV. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 536), pertencerem à forma típica da espécie.

Volatinia jacarini SHARPE (*nec* LINNAEUS), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 152, parte.
Volatinia jacarini splendens IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 379.

Distribuição. — América tropical, desde o México (Vera Cruz, Sinaloa, Morelos) e a América Central (Guatemala, Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Panamá) e as Pequenas Antilhas (Tobago, Granada), até a Colômbia (Bogotá, Santa Martha, rio Cauca, rio Caquetá), a Venezuela (rio Orenoco, Mérida, Caracas, ilha Trinidad), as Guianas (Georgetown, Roraima, Paramaribo, Cayenne), o leste do Perú (Xeberos, Sarayacu) e o noroeste do Brasil: rio Negro (Marabitanas, São Gabriel, Manaus), Manacapurú, Itacoatiara, rio Tapajoz (Goiana), rio Xingú (Vitória), rio Irirí (Santa Júlia), rio Tocantins (Baião), ilhas do estuário amazônico (Marajó, Mexiana), leste do Pará (Belém, Prata, Peixe-Boi, Providência, rio Capim), norte do Maranhão (São Bento, Turiassú).

COLOMBIA
Cauca: ♂. W. RICHARDSON. abril 12 (1911).

VENEZUELA
"Venezuela": ♂. B. GABALDON. agosto 26 (1903).

BRASIL
Amazonas
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 4 ♂ ♂, CAMARGO, setembro 25 e 29, outubro 7 (1936); 2 ♀ ♀, CAMARGO, setembro 25 e outubro 7 (1936).
São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, dezembro 28 (1936)
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 11 ♂ ♂, OLALLA, fevereiro 5, março 9, 10, 12, 24 e 31, abril 1, 5 e 6, junho 3 (1937); 4 ♀ ♀, OLALLA, março 1, 5 e 10, junho 2 (1937); sexo ?, OLALLA, junho 2 (1937).

Pará
Murutucú (prox. de Belém): ♂ ?, F. Q. LIMA. setembro 21 (1923).
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, maio 4 (1935).

Hoje, em face do exame aprofundado do assunto pelo Dr. HELLMAYR (cf. Catal. Birds of the Americas, XI, p. 254, nota 1) e dispondo de muito mais material, penso que nas aves amazônicas, aí inclusas as da hiléa maranhense, a regra entre os ♂ ♂, adultos é o desaparecimento quase completo das axilares e coberteiras subalares brancas, o que justifica sua referência com as da Guiana, à raça septentrional da espécie, em cuja sinonímia cairá consequentemente *Volatinia jacarina atronitens* TODD, 1920 (Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIII, p. 72: Campeche, México). Diante deste critério, tenho como assaz problemática a ocorrência da forma este-meridional a leste do Pará, o que poderia ter todavia explicação em possivel movimento migratório.

Gênero **SPINUS** Koch

Spinus KOCH, 1816, Syst. Baier. Zool., I, p. 232. Tipo, por tautonimia, *Fringilla spinus* LINNAEUS.

Spinus yarrellii (Audubon) [XI, 273]

Carduelis yarrellii AUDUBON, 1839, Syn. Birds North Amer., p. 117, parte (♂): "Upper California", *errore* (pátria típica. Baía, substituída por TODD)[1].

Chrysomitris[2] *yarrelli* SHARPE, 1888. Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 198.

Spinus yarelli IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Braz., Av., p. 380.

Distribuição. — Norte da Venezuela (El Trompillo)[3], nordeste do Brasil: Ceará (Juá), Paraíba, Pernambuco (Quipapá, Garanhuns, Tapera), norte da Baía (rio Grande).

BRASIL
Pernambuco
Faz. São Bento (Tapera): ♂, OLIV. PINTO, dezembro 14 (1938).
Baía
"Bahia": ♂ (compr. de SCHLÜTER, 1898).

Spinus magellanicus[4] alleni Ridgway [XI, 282]

Spinus alleni RIDGWAY, 1899, Auk, XVI, p. 37: Chapada (Mato Grosso).

Chrysomitris icterica SHARPE (*nec* LICHTENSTEIN), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 217, parte.

Spinus ictericus alleni IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 380.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Formosa, Chaco), oeste e norte do Paraguay (rio Pilcomayo, Chaco paraguaio), leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos), Brasil centro-ocidental: Mato Grosso ocidental e central (Salobra, Chapada, Rondonópolis, Coxim), Goiaz (rio Tesouras, Leopoldina, Catalão)[5], sul do Piauí (Parnaguá), sul da Baía (Ressaca, WIED).

---

(1) Cf. Ann. Carnegie Museum, XVII, p. 32 (1926). O tipo obtido de W. SWAINSON, teria provindo da viagem realizada por este naturalista ao nordeste do Brasil. Afigura-se-me que deveria ter procedido antes de Pernambuco, que da Baía, onde SWAINSON não se distanciara muito do Recôncavo.

(2) *Chrysomitris* BOIE, 1828, Isis, p. 322. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Fringilla spinus* LINNAEUS.

(3) Este caso, análogo ao de *Basileuterus flaveolus*, é contado entre os raros de distribuição discontínua.

(4) *Fringilla magellanica* VIEILLOT, 1805, Hist. Nat. Ois. Chant. Zône Torr., pl. 30: "la partie méridionale de l'Amérique... et encore aux environs du détroit de Magellan", *errore* (pátria típica, desig. por TODD, Buenos Aires).

(5) Julgo incerta a raça dos exemplares de Catalão, coligidos por REINHARDT (cf. Vidensk. Medd. Naturisth. Foren., 1870, p. 403), visto que em Minas só comparece a raça *ictericus*.

BRASIL

Mato Grosso

Faz. Recreio (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 9 (1937).
Rondonópolis: ♂, OLIV. PINTO, agosto 26 (1937).
Salobra: 1 ♂ e 1 ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 21 (1939).

Spinus magellanicus ictericus (Lichtenstein) [XI, 283]

Pintasilgo, Pintasilva, Pintasilva do campo.

Fringilla icterica LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 26: São Paulo.
Chrysomitris icterica SHARPE, 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XII, p. 217, parte.

Distribuição. — Nordeste extremo da Argentina (Corrientes, Misiones), leste do Paraguay (Villa Rica, Sapucay, Colonia Risso), Brasil este-meridional: Minas Gerais (Lagoa Santa, Congonhas, Maria da Fé), Rio de Janeiro (serra do Itatiaia), São Paulo (Iguape, Itararé, Ipiranga, Jundiaí, Campos do Jordão, Itatiba, Monte Alegre), Paraná (Castro), Rio Grande do Sul (Taquara, Porto Algre, São José do Norte), sudeste de Mato Grosso (Três Lagoas, Aquidauana)[1].

BRASIL

Rio de Janeiro

Campos de Itatiaia: ♂, H. LÜDERWALDT, maio 7 (1906).
Faz. Japuiba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 26 (1941).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): 2 ♂♂, OLIV. PINTO, janeiro 8 e 15 (1936); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 23 (1936).

São Paulo

Jundiaí: ♀, SCHROTTKY, setembro 18 (1900).
Itararé: ♂, GARBE, agosto (1903).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂♂, LIMA, janeiro (1923); ♂, E. DENTE, outubro 29 (1942); ♀, E. DENTE, setembro 19 (1942).
Mogí das Cruzes: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, março 13 (1933); 2 ♂♂ juvs., JOSÉ LIMA, março 2 e 18 (1933).
Itatiba: 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, outubro 23 e 24 (1933); 3 ♀♀, LIMA, julho 9 (1900), março 19 (1926) e dezembro 12 (1927).
Serra de Bananal: ♂, OLALLA, agosto 24 (1941); 3 ♀♀, OLALLA, agosto 24 e 25 (1941); sexo ?, OLALLA, agosto 26 (1941).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, janeiro 24 (1943).

Paraná

Castro: ♂, GARBE, maio (1914).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: sexo ?, A. SCHWARTZ (1898).

---

(1) Aves destas localidades foram alhures (cf. Rev. Mus. Paul., vol. XVII, 1932, 2.ª parte, p. 792) por mim referidas a *S. ictericus alleni*. Contando hoje com exemplares autênticos desta raça, verifico que elas são decididamente mais parecidas com as de São Paulo e Minas Gerais.

Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂, W. GARBE, agosto 5 (1941).
Mato Grosso
Tres Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho 28 (1931).
Aquidauana: ♀, JOSÉ LIMA, agosto 3 (1931).

Gênero SICALIS Boie

Sicalis BOIE, 1828, Isis, p. 324. Tipo, por designação subsequente de CABANIS (em TSCHUDI, 1846), *Emberiza brasiliensis* GMELIN (= *Fringilla flaveola* LINNAEUS).

Sicalis citrina citrina Pelzeln [XI, 307]

Sycalis[1] *citrina* PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, pags. 232 e 333: Jaguaraíba (tipo), Murungaba (localidades do Paraná) e Itararé (São Paulo)
Pseudochloris[2] *pratensis*[3] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 779.
Pseudochloris citrina SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 778; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 390.
Pseudochloris lutea IHER. & IHERING (*nec* LAFRESN. & D'ORBIGNY)[4], 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 391.

Distribuição. — Norte da Argentina (Tucumán), Brasil central e oriental: Mato Grosso (Chapada)[5], sul do Piauí (Gilboez), Goiaz (rio São Miguel), Minas Gerais (Mariana), sul de São Paulo (Itararé), Paraná (Jaguaraíba, Murungaba).

BRASIL
Minas Gerais
Mariana: sexo ?. J. B. GODOY (1905).
Mato Grosso
Chapada: 1 ♂ e 1 ♂ ?. JOSÉ LIMA, setembro 30 (1937).

Sicalis columbiana goeldii Berlepsch [XI, 319]

Sicalis goeldii BERLEPSCH, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XVI, p. 97: "Santarém" (= Paricatuba, na margem esquerda do Rio

(1) *Sycalis* CABANIS, 1844, Arch. f. Naturges., X, (1), p. 291 — emenda de *Sicalis* BOIE.
(2) *Pseudochloris* SHARPE, 1888, Catal. Birds Brit. Mus., XII, p. 774 — nome novo, em substituição a *Orospina* CABANIS, 1883 (*nec* KAUP, 1829), Journ. f. Orn., XXXI, p. 108. Tipo, por monotipia, *Orospina pratensis* CABANIS. Os fundamentos do gênero *Pseudochloris*, foram contestados ultimamente, por C. E. HELLMAYR, com abundância de argumentos. Cf. Field Mus. Nat. Hist. Publ.. Zool. Ser., XIII, pte. XI, p. 306, nota.
(3) *Orospina pratensis* CABANIS, 1883, Journ. f. Orn., XXXI, p. 108, pl. 1, fig. 1: Cordilheira de Tucumán (Argentina).
(4) *Sicalis lutea* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 74: Andes da Bolívia. O exemplar de Mariana, atribuido por IHERING à espécie boliviana, em verdade pertence, segundo HELLMAYR (cf. Field Mus. Nat. Hist. Publi., Zool. Ser., XII, 1929, p. 300) a *S. c. citrina*.
(5) Cf. PINTO, Arch. Zool., São Paulo, II, p. 35 (1941).

Amazonas, pouco acima da foz do Rio Tapajoz)[1]; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 381; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 432.

Sycalis columbiana[2] SHARPE (*nec* CABANIS), 1888, Cat. Bds. Brit. Mus., XII, p. 379, parte.

Sicalis columbiana IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 381.

Distribuição. — Nordeste do Perú (rio Yana-yaco, afluente do Ucayali), Brasil amazônico: rio Negro (Manaus), rio Anibá, Itacoatiara, Faro, óbidos, Monte Alegre, Maracá, rio Madeira (Calama), rio Tapajoz (Santarém, Urucurituba, Itaituba).

BRASIL

Amazonas

Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): ♂, CAMARGO, agosto 26 (1936).

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, novembro 5 (1936); ♀, OLALLA, janeiro 25 (1937).

Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 14 (1936), março 29, abril 29, maio 24 e junho 1 (1937); 2 ♀ ♀ OLALLA, abril 29 e maio 24 (1937); 2 sexos ?, OLALLA, maio 24 e junho 1 (1937).

Lago Canaçarí (rio Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, OLALLA, abril 9, maio 16 e 24 (1937); ♀, OLALLA, maio 16 (1937).

Pará

Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂ ♂, OLALLA, janeiro 3, 17 e 25 (1935); ♀, OLALLA, janeiro 3 (1935).

Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, OLALLA, abril 7 e 10 (1935).

Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂ ?, OLALLA, abril 13 (1935); ♀, OLALLA, abril 6 (1935).

Santarem (boca do Tapajoz, marg. direita): ♀, OLALLA, maio 4 (1935).

Foz do rio Curuá (baixo Amazonas, marg. direita): 5 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 4, 6, 22, 25 e 27 (1936); 3 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 6, 19 e 22 (1936).

Sicalis columbiana leopoldinae Hellmayr [XI, 318]

Sicalis columbiana leopoldinae HELLMAYR, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XVI, p. 85: Leopoldina (Rio Araguaia, estado de Goiaz).

Distribuição. — Brasil centro-oriental: Piauí (Cachoeira do Tronco, no rio Parnaíba), Goiaz (Leopoldina), norte e oeste da Baía (Joazeiro, São Marcelo).

---

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, Catal. Birds of the Americas (vol. XIII da Zool. Ser. do Field Museum), parte XI, p. 319 (1938).

(2) *Sycalis columbiana* CABANIS, 1851, Mus. Heineanum, I, p. 147: "Porto Cabello" *errore* (pátria típica Ciudad Bolivar, no Orenoco, por sugestão de HELLMAYR, 1938, op. cit., p. 318).

Sicalis flaveola brasiliensis (Gmelin) [XI, 322,323]

Canário, Canário da terra.

Emberiza brasiliensis GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 872 (com base essencialmente em "Guiranheemgatu" de MARCGRAVE): nordeste do Brasil[1].
Sycalis flaveola SHARPE (*nec* LINNAEUS)[2], 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 377, parte.
Sicalis flaveola IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Braz., Av., p. 381, parte.

Distribuição.[3] — Brasil este-septentrional: Maranhão (Miritiba, Codó), Piauí (Ibiapaba, Parnaguá, Arara), Ceará (serra de Baturité, Quixadá, Juá), Pernambuco (Pau d'Alho, Tapera), Baía (São Marcelo, Santo Amaro, ilha de Madre Deus, Curupeba), Espírito Santo (Pau Gigante, Chaves), Rio de Janeiro (Terezópolis, Cantagalo, Nova Friburgo, Sepitiba, Itatiaia), Minas Gerais (Lagoa Santa, Santa Fé, Curvelo, rio Matipoó, Maria da Fé), São Paulo (São Sebastião, ilha dos Alcatrazes, Ipiranga, Itatiba, Monte Alegre, São Miguel Arcanjo).

BRASIL

Maranhão
Miritiba: ♂, SCHWANDA, agosto 7 (1907).

Pernambuco
Faz. São Bento (Tapera): ♀, OLIV. PINTO, dezembro 14 (1938).
Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 20 (1938); 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, dezembro 14 e 15 (1938).

Baía
Curupeba: ♂, W. GARBE, fevereiro 9 (1933).
Madre de Deus: 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, janeiro 18 e 21 (1942); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 19 (1933).

---

(1) *Fringilla flava* P. L. S. MÜLLER, 1776 (Natursyst., Supplem., p. 164), com base em estampa de DAUBENTON (Pl. enlum, 321, fig. 1), em que a princípio (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, 1929, p. 298, nota 2) julgara o Dr. HELLMAYR reconhecer um nome mais antigo para o passarinho descrito por MARCGRAVE é tido hoje por esse ornitologo como inidentificavel (cf. publ. cit., XIII, parte 11, p. 323, nota 1, 1938).

(2) *Fringilla flaveola* LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., I, p. 321: localidade não indicada (como pátria típica aceita-se Surinam, sugerida por BERLEPSCH & HARTERT, 1902 (Novit. Zool., IX, p. 37).

(3) Nesta distribuição está englobada a área geográfica atribuida a *Sicalis flaveola holti* MILLER (Auk, XLII, p. 254, 1925), da serra do Itatiaia (Monte Serrat), que se me afigura de todo impossivel separar da raça nordestina. A delimitação dos domínios geográficos de *S. fl. brasiliensis* e *S. fl. pelzelni*, já por si bastante delicada e sujeita a opinião (alguns exemplares do sul de São Paulo apresentam semelhança desconcertante com os do Rio Grande do Sul) para que se queira agravar o problema com a interposição de uma outra raça, cujos caracteres a observação demonstra serem por demais imprecisos.

Espírito Santo
Pau Gigante: ♂ juv., L. C. FERREIRA, setembro 9 (1940); ♂, GENTIL DUTRA, outubro 2 (1940).
Chaves (Sta. Leopoldina): 1 ♂ e 1 ♂ juv., OLALLA, agosto 24 e 27 (1942).

Minas Gerais
Rio Matipoó (alto rio Doce, marg direita): ♀, PINTO DA FONSECA, julho 18 (1919).
Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): 2 ♂ ♂, OLIV. PINTO, dez. 24 (1935) e janeiro 24 (1936); 2 ♀ ♀, OLIV. PINTO, janeiro 11 e 24 (1936); sexo ?, OLIV. PINTO, janeiro 22 (1936).
Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 27 e 30 (1940); ♂, W. GARBE, agosto 19 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 18 e setembro 3 (1940); ♀, W. GARBE, agosto 19 (1940); sexo ?, OLALLA, agosto 18 (1940).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLIV. PINTO, outubro 2 (1940); ♀, OLIV. PINTO, setembro 26 (1940).

São Paulo
São Sebastião: ♂, H. PINDER, setembro 21 (1896); ♀, PINDER, outubro 2 (1899).
Piquete: ♂, J. ZECH, janeiro 12 (1897).
Cachoeira: ♂, H. PINDER, agosto 11 (1898).
Caconde: ♂ juv., LIMA, maio 12 (1900).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): 2 ♂ ♂ (compr. em agosto 10, 1905 e 1906).
Itatiba: ♀, LIMA, setembro (1907); sexo ?, JOSÉ LIMA, outubro 18 (1933).
Ilha dos Alcatrazes: ♀, PINTO DA FONSECA, outubro 19 (1920).
São Miguel Arcanjo: 1 ♂ e 2 ♀ ♀, LIMA, agosto 28 (1929); 1 ♂ e 1 ♀, LIMA, agosto 29 (1929).
Faz. Poço Grande (Juquiá): 2 ♂ ♂, OLALLA, maio 12 e 16 (1940); 4 ♀ ♀, OLALLA, maio 13, 14, 16 e 21 (1940).
Santa Cruz dos Parelheiros (pto. de Santo Amaro): 1 ♂ e 1 ♀, OLALLA, novembro 11 (1940).
Embura: ♂, OLALLA, dezembro 26 (1940).
Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♀, OLALLA, agosto 23 (1941).
Serra de Caraguatatuba: ♂, OLALLA, setembro 25 (1941).
Juquiá: ♂, BARROSO FILHO, dezembro 17 (1941).
Monte Alegre: 6 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 29 e 30, agosto 1 (1942); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 25 (1943).

Sicalis flaveola pelzelni Sclater [XI, 324]

Canário da terra.

Sycalis pelzelni SCLATER, 1872, The Ibis, 3a. ser., II, p. 42: Buenos Aires (tipo, *apud* HELLMAYR), Paraguay, Cuiabá (Mato Grosso); SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 380, parte.

Sicalis pelzelni IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Av., p. 381.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Misiones, Tucumán, Jujuy, Cordoba, Corrientes, Buenos Aires), Uru-

guay (Montevideo, sierra Polanco, Lazcano, rio Negro, Paysandú, Villa Rica, Maldonado, rio Cebollati), Paraguay (Villa Rica, Puerto Pinasco, Bernalcué), leste da Bolívia (Santa Cruz, Cochabamba, Mamoré). Brasil meridional e ocidental: Santa Catarina (Blumenau, Joinvile), Rio Grande do Sul (Uruguaiana, Nova Hamburgo, Taquara), Mato Grosso (Urucúm, Descalvados, Palmiras, Miranda, Aquidauana, Cuiabá, Poconé, Cáceres).

ARGENTINA
- Barracas al Sud: ♂, VENTURI, agosto 25 (1899).
- Bahia Blanca: ♀, VENTURI, outubro 13 (1899).
- La Plata: ♂ juv., perm. Museu Santiago (1903).

BRASIL
- Rio Grande do Sul
  - Nova Hamburgo: ♀, A. SCHWARTZ, outubro 19 (1898).
  - Uruguaiana: 1 ♂ juv. e 1 ♀. GARBE, julho (1914).
- Mato Grosso
  - Miranda: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 4 (1930); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 28 (1930).
  - Aquidauana: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, agosto 3 (1931).
  - Cuiabá: ♂, OLIV. PINTO, setembro 18 (1937).

Sicalis luteola luteola (Sparrman) [XI, 327]

Emberiza luteola SPARRMAN, 1789, Mus. Carls., fasc. 4, pl. 93: localidade não especificada (pátria típica adotada, Surinam)[1].

Sycalis arvensis subs. ♀ *Sycalis minor* SHARPE[2], 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 384, parte.

Distribuição. — Colômbia (vale do Magdalena, rio Cauca), Venezuela (Caracas, rio Orenoco), Guianas Inglesa (Roraima, Georgetown, rio Rupununi), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), norte extremo do Brasil: rio Branco (Boa Vista, Forte de São Joaquim).

Sicalis luteola flavissima Todd[3] [XI, 328]

Sicalis luteiventris flavissima TODD, 1922, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXV, p. 90: Rocana (Pará).

Sicalis arvensis, subsp. *minor* SHARPE (*nec* CABANIS), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 384, parte.

---

(1) Cf. Cte. GYLDENSTOLPE. Ark. Zool., XIX, A. N.º 1, p. 20 (1926).
(2) *Sycalis minor* CABANIS, em SCHOMBURGK, 1849, Reis. Brit. Guiana, III, "1848", p. 679: Guiana Inglesa.
(3) No Catal. Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. XI, 1938, p. 328) esta raça está alistada com o nome de *Sicalis luteola laetissima* "TODD".

Serinops[1] *arvensis chapmani* SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 432.

Distribuição — Brasil septentrional, ao norte do baixo Amazonas e nas ilhas do estuário: ilha de Marajó (Cachoeira), ilha Mexiana, confins da Guiana Francesa (Rocana).

Sicalis luteola chapmani Ridgway [XI, 329]

Sicalis chapmani RIDGWAY, 1899, Auk, XVI, p. 37: Diamantina (Rio Tapajoz, perto de Santarém); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 381.

Distribuição. — Margem direita do baixo Amazonas: baixo rio Tapajoz (Santarém).

Sicalis luteola luteiventris (Meyen) [XI, 329]

Tipío.

Fringilla luteiventris MEYEN, 1834, Nov. Act. Acad. Leopold-Carol., XVI, Supplem., p. 87, pl. 12, fig. 3: prox. de Api (Altos de Toledo, no sudeste do Perú).
Sycalis arvensis[2] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 382.
Sicalis arvensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 382.

Distribuição. — Chile (Atacama, Aconcagua, Valdivia, ilhas Chiloé, ilha Guaiteca), República Argentina (Tucumán, Cordoba, Chubut, rio Negro, Mendoza, Buenos Aires, Entre Ríos, Formosa), Uruguay (Paysandú, Concepción), Paraguay (Puerto Bertoni), Bolívia (Tilotilo, Cochabamba, Tarija), sul do Perú (Puno, Cuzco, Moquegua), Brasil meridional e ocidental: Rio Grande do Sul (Taquara, Pedras Brancas), Paraná (Pinheiros, Marechal Mallet[3]), São Paulo (Ipiranga), Minas Gerais (Lagoa Santa), Goiaz (Abrantes, José Dias), Mato Grosso (Chapada).

CHILE
"Chile": ♂, perm. Museu Nacional do Chile (1903).

---

(1) *Serinopsis* RIDGWAY, 1898, Auk, p. 225. Tipo, por designação original, *Fringilla arvensis* KITTLITZ (= *Fringilla luteiventris* MEYEN).
(2) *Fringilla arvenis* KITTLITZ, 1835, Mem. Acad. Sci. St. Pétersb., sav. étr., II, p. 470: pl. 4, vale de Quillota (Valparaizo, Chile). Tambem na sinonimia de *Fr. luteiventris* MEYEN entra *Sycalis hilarii* CABANIS, 1851 (*ex* BONAPARTE), Mus. Hein., I, p. 147 ("Brasilien").
(3) Pátria de *Sicalis paraensis* SZTOLCMAN, 1926 (Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur., V, p. 188), inseparavel de *S. l. luteiventris*. Cf. HELLMAYR, Catal. Bds. Amer., XI, p. 333, nota 1 (1938).

ARGENTINA
Barracas al Sud: ♂, VENTURI, setembro 7 (1899).
PARAGUAY
Puerto Bertoni: ♀ juv., BERTONI (1906).
BRASIL
São Paulo
Ipiranga (cid. de S. Paulo): 1 ♂ e 1 ♂ juv., LIMA, julho 29 (1906); ♀, H. PINDER, dezembro 30 (1896).
Mato Grosso
Chapada: ♂, H. H. SMITH, agosto 24 (1885); ♀, H. H. SMITH, junho 25 (1885).

Subfamília EMBERIZINAE

Gênero **DIUCA** Reichenbach

Diuca REICHENBACH, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 78. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Emberiza speculifera* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY.

Diuca diuca [1] minor Bonaparte [XI, 339]

Diuca minor BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 476: Patagônia (= Rio Negro, *teste* HELLMAYR); SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 56, parte.

Distribuição. — República Argentina (Entre Rios, Buenos Aires, Tucumán, Cordoba, Santa Cruz, Patagônia), Uruguay (Paysandú) e região confinante do Brasil: extremo oeste do Rio Grande do Sul (Uruguaiana).

ARGENTINA
Patagonia: ♂, perm. Museo Santiago (1903).
BRASIL
Rio Grande do Sul
Uruguaiana: 4 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, junho (1914).

Gênero **HAPLOSPIZA** Cabanis

Haplospiza CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 147. Tipo, por monotipia, *Haplospiza unicolor* CABANIS.

Haplospiza unicolor Cabanis [XI, 372]

Pichochó, Cigarra

Haplospiza unicolor CABANIS 1851, Mus. Hein., I, p. 147: Rio Grande (= Rio Grande do Sul); SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 626; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 383.

---

(1) *Fringilla diuca* MOLINA, 1782, Saggio Stor. Nat. Chile, p. 249: Chile.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones, Buenos Aires), leste do Paraguay (Alto Paraná, Sapucay), sudeste do Brasil: Rio de Janeiro (Colônia Alpina, Itatiaia), leste de Minas Gerais (São José da Lagoa), São Paulo (serra do Cubatão, serra da Cantareira, Ipanema, Monte Alegre, Itararé, Mato-Dentro, Baurú, Salto Grande, Cananéia, ilha do Cardozo), Paraná (Cândido de Abreu, rio da Areia, Marechal Mallet), Rio Grande do Sul (Taquara).

BRASIL
Minas Gerais
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): 3 ♂♂. OLALLA, setembro 27 (1940).
São Paulo
Baurú: ♀, GARBE (1900).
Rio Grande (serra do Cubatão): ♂, LIMA, março 26 (1900).
Faz. Caioá (salto Grande do Paranapanema): 2 ♂♂ juvs., HEMPEL, setembro 3 e 28 (1903); ♀, HEMPEL, setembro 10 (1903).
Ilha do Cardoso (Cananéia): ♂. CAMARGO, setembro 10 (1934).
Tabatinguara (Cananéia): 2 ♂♂. CAMARGO, outubro 2 e 10 (1934).
Mogí das Cruzes: ♀, JOSÉ LIMA, fevereiro 3 (1933).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, JOSÉ LIMA, agosto 29 (1935); ♀, JOSÉ LIMA, agosto 7 (1927).
Serra da Cantareira: ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 6 (1940).
Monte Alegre: ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 13 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 24 (1943).

Gênero **CHARITOSPIZA** Oberholser

Charitospiza OBERHOLSER, 1905, Smiths. Miscell. Coll., XLVIII, pte. 1a. p. 67. Tipo, por designação original, *Fringilla ornata* WIED (= *Charitospiza eucosma* OBERHOLSER).

Charitospiza eucosma Oberholser [XI, 374]

Charitospiza eucosma OBERHOLSER, 1905, Smiths. Misc. Coll., XLVIII, p. 67, — nome novo para *Fringilla ornata* WIED, 1821 (*nec* VIEILLOT, 1817), Reise nach Brasilien, II, p. 191: Geral do Valo (Confins da Baía e Minas); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av. p. 391.
Tiaris ornata SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 807.

Distribuição. — Brasil central e oriental: sul do Maranhão (Codó, Tranqueira, Alto Parnaíba) e do Piauí (Gilboez, Chapada da Várzea Grande), Baía (Barra da Vareda, Valo), Minas Gerais (Congonhas, Furnas, Sant'Ana dos Alegres, Andrequecé, Lagoa Santa, Curvelo), São Paulo (Lages), Mato

Grosso (Cuiabá, Chapada, rio do Color, Três Lagoas)[1], Goiaz (rio São Miguel, rio das Almas, rio Araguaia).

BRASIL
Minas Gerais
Pirapora: 2 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, julho (1912).
Goiaz
Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda pto. de Jaraguá): ♂, W. GARBE, setembro 9 (1934).
Mato Grosso
Tres Lagoas: 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, julho 14 e 29 (1931); 2 ♂♂, LIMA, julho 15 (1931); 2 ♀♀, LIMA, julho 14 e 17 (1931).

Gênero **CORYPHOSPINGUS** Cabanis

Coryphospingus CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 145. Tipo, por subsequente designação de GRAY (1855), *Fringilla cristata* GMELIN (= *Fringilla cucullata* P. L. S. MÜLLER).

Coryphospingus cucullatus cucullatus (Müller) [XI, 375]

Vinte-um pintado, Galo do mato.

Fringilla cucullata P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 166 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 181, fig. 1): Caiena.
Coryphospingus cristatus[2] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 803, parte.
Coryphospingus cucullatus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brazil., Aves, p. 391, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 434.

Distribuição. — Guianas Inglesa (Bartica Grove, rios Mazaruni, Bonasika e Ituribisci, Takuto), Holandesa (Surinam) e Francesa (Caiena), norte do Brasil: leste do Pará (Belém, Peixe-Boi, Igarapé-Assú, Prata, Benevides).

Coryphospingus cucullatus rubescens (Swainson) [XI, 376]

Tico-tico rei.

Tachyphonus rubescens SWAINSON, 1825, Quart. Journ. Sci. Litt. & Arts Roy. Inst., XX, p. 64: "sent of Rio de Janeiro".
Coryphospingus cristatus SHARPE (*nec* GMELIN), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 803, parte.
Coryphospingus cucullatus IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 391, parte.

Distribuição. — Nordeste e leste da Argentina (Misiones,

---

(1) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª parte, p. 109 (1932).
(2) *Fringilla cristata* GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 926, parte (♂, com base na mesma estampa de DAUBENTON, Pl. enlum. 181, fig 1).

Entre Rios, Buenos Aires)[1], leste do Paraguay (Sapucay, Bernalcué, Villa Rica, Concepción, Puerto Bertoni, Colonia Risso), Brasil central e meridional: Mato Grosso (Urucúm, Aquidauana, Campo Grande, Cáceres, Cuiabá, Chapada), Goiaz (cid. de Goiaz, Jaraguá), Minas Gerais (Água Suja, rio Jordão, Uberaba), Rio de Janeiro[2], São Paulo (Itararé, Monte Alegre, Itatiba, Piracicaba, Campinas, Ipanema, Orissanga, Franca, Araraquara, Silvânia, Baurú, Icatú, Lins, Valparaizo, Cajurú), Paraná (Terezina, Cândido de Abreu, rio Ubàzinho, Salto de Guaíra), Santa Catarina, Rio Grande do Sul (Santo Ângelo).

ARGENTINA

Oran (Salta): ♂, perm. Museo de La Plata (1903).

BRASIL

São Paulo

Rio das Pedras: ♂, J. ZECH, julho 11 (1897).

Itatiba: 3 ♂ ♂, LIMA, junho 16 (1902), julho 17 (1911) e agosto 16 (1925); ♂, C. VIEIRA, novembro 15 (1932); 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, setembro 24 e 25 (1933); ♂ ?, LIMA, março (1926); ♀, LIMA, abril 20 (1927); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 22 (1933).

Baurú: 2 ♂ ♂, F. GÜNTHER, maio e junho (1905).

Franca: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, janeiro (1911).

Capivarí: ♂, LIMA, março 10 (1926).

Icatú: ♂, LIMA, julho 5 (1928).

Silvânia: 3 ♂ ♂, OLIV. PINTO, dezembro 26 (1930), janeiro 9 (1931) e janeiro 3 (1943); ♀, OLIV. PINTO, dezembro 18 (1937).

Valparaizo: ♂, OLIV. PINTO, junho 23 (1931).

Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♀, JOSÉ LIMA, março 25 (1940).

Faz. Santa Rosa (Paraúna): 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA, abril 13 (1940).

Lins: ♂, OLALLA, janeiro 22 (1941).

Faz. Varjão (Lins): ♂, OLALLA, fevereiro 9 (1941); ♀, OLALLA, janeiro 29 (1941).

Monte Alegre: 3 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, julho 23 e agosto 3 (1942) e janeiro 19 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, janeiro 24 (1943).

Cajurú: 2 ♂ ♂, E. DENTE, maio 10 e 12 (1943).

Coryphospingus pileatus pileatus (Wied) [XI, 379]

Cravina (Pernambuco), *Tico-tico rei.*

Fringilla pileata WIED, 1821, Reise Bras., II, p. 160: Barra da Vareda (Rio Pardo, sul da Baía).

---

(1) Nas províncias do norte e oeste (Formosa, Chaco, Tucumán, Cordoba), vive *C. cucullatus fagoi* BRODKORB (Occas. Paper Univ. Mus. Zool., N. 357, abril 1938, p. 4: Puerto Casado), do Chaco paraguaio, cuja area abrange tambem a Bolívia (Cochabamba, Tarija, Chiquitos) e o leste do Perú (alto Marañon, vale do Urubamba). Não tenho conhecimento com esta raça.

(2) Embora não conste nenhum moderno testemunho a respeito, é de toda probabilidade a ocorrência da espécie no Rio de Janeiro, de onde teria provindo o exemplar tipo da raça sul-brasileira.

Coryphospingus pileatus SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 804, parte; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 391, pt..

Distribuição. — Brasil centro-oriental: sul do Maranhão (Grajaú, Barra do Corda, São Francisco), Piauí (Arara, Ibiapaba), Ceará (serra de Baturité, Quixadá, Juá, Várzea Formosa), Baía (Santa Rita, cidade da Barra, Remanso, Joazeiro, Soledade, Alagoinhas, Macaco Seco, Santo Amaro), Espírito Santo (Pau Gigante, Chaves, Guaraparí), Rio de Janeiro (Cantagalo, São João da Barra), Minas Gerais (rio Sacramento, rio Piracicaba, rio Doce, Barra do Sussuí, Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo, Pompeu, Maria da Fé), Goiaz (rio Araguaia, Leopoldina, Cana Brava).

BRASIL

Baía

"Bahia": sexo (compr. 1898).

Joazeiro: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1907).

Cidade da Barra: ♂, GARBE, outubro (1913).

Espírito Santo

Pau Gigante: 1 ♂ e 1 sexo ?, GARBE, janeiro (1906); ♂ juv., E. HOLT, outubro 26 (1940).

Chaves (Sta. Leopoldina): ♂, OLALLA, agosto 24 (1942); ♀, OLALLA, setembro 5 (1942).

Guaraparí: ♂, OLALLA, outubro 15 (1942).

Rio de Janeiro

São João da Barra: ♂, GARBE, novembro (1911).

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 1 ♂, 1 ♀ e 1 sexo?, OLALLA, setembro 10 (1941).

Minas Gerais

Rio Sacramento (alto rio Doce, marg. direita): ♂, PINTO DA FONSECA, julho 16 (1919).

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 21 (1936).

Barra do Piracicaba (rio Doce): 2 ♂ ♂, OLALLA, agosto 26 e 30 (1940); 2 ♀ ♀, OLALLA, agosto 18 e 26 (1940).

Rio Doce: ♀, OLALLA, setembro 2 (1940).

Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): 1 ♂ e 1 ♀, W. GARBE, setembro 14 (1940); ♂, OLALLA, setembro 16 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, W. GARBE, outubro 3 (1940).

Goiaz

Nova Roma: 2 ♂ ♂, JOSÉ BLASER, outubro 5 e 16 (1932).

Gênero **ARREMON** Vieillot

Arremon VIEILLOT, 1916, Analyse d'une Nouv. Orn. Elément., p. 32. Tipo, por monotipia, "Oiseau silencieux" de BUFFON (= *Tanagra taciturna* HERMANN).

Arremon taciturnus taciturnus (Hermann) [XI, 424]

Pai-Pêdro (Amazônia), *Coroado* (id.), *Salta caminho* (Ceará), *Jesus-meu-Deus* (Baía), *Tico-tico do mato.*

Tanagra taciturna HERMANN, 1783, Tabl. Affin. Anim., p. 214 nota (com base em DAUBENTON, Pl. Enlum., pl. 742): Caiena[1].

Arremon silens[2] SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 273; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 386; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 458.

Distribuição. — Leste e sul da Venezuela (baixo Orenoco, vale do Caura), Guianas Inglesa (montes Merumé, Roraima, Bartica Grove, Camacusa), Holandesa (rio Maroni)e Francesa (Cayenne, St. Georges d'Oyapock), Brasil septentrional, central e oriental: rio Branco (serra de Caraumán), rio Negro (São Gabriel, Manáus), Óbidos, igarapé Boiussú, igarapé Bravo, rio Madeira (Aliança, Jamarizinho), rio Tapajoz (Boim, Vila Braga, Campinho, Santarém, Itapoama, Maraí), rio Jamauchim (Tucunaré), Cussarí, igarapé Bravo, rio Tocantins (Cametá, Baião, Arumateua), rio Capim, rio Acará (Ipitinga) e todo distrito este-paraense (Belém, Peixe-Boi, Utinga, Quatipurú, Santo Antônio do Prata, Peixe-Boi, Providência, Santa Isabel), Maranhão (Miritiba, Turiassú, São Bento, Primeira Cruz, Grajaú), Piauí (Santa Maria, Matinha), Ceará (serra de Baturité, Várzea Formosa), Pernambuco (Tapera), Baía (Vila Nova, Itabuna, rio Catolé), Espírito Santo (rio Doce, rio S. José), leste de Minas Gerais (barra do Sussuí), Goiaz (cidade de Goiaz, rio Tesouras, rio das Almas, Inhumas), Mato Grosso (Chapada, Utiarití, Campos Novos, Engenho do Cap. Gama).

BRASIL

Amazonas

Manaus (boca do rio Negro, marg. esquerda): ♀, OLALLA, maio 21 (1935).

São Gabriel (alto rio Negro, marg. esquerda): ♂ ?, CAMARGO, novembro 18 (1936); ♀, CAMARGO, novembro 25 (1936).

"Amazonas": sexo ?. OLALLA (1937 ?).

Pará

Óbidos (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, GARBE, dezembro (1920).

---

(1) Cf. STRESEMANN, Novit. Zool., XXVII, p. 328 (1920).

(2) *Tanagra silens* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 46 (com base em DAUBENTON. Pl. enlum. 742): Cayenne

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, GARBE, agosto (1920); ♂, OLALLA, junho 18 (1934); ♀, OLALLA, junho 18 (1934).
Maraí (baixo Tapajoz, mar. direita): ♀, OLALLA, fevereiro 11 (1934).
Itapoama (baixo Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, março 26 (1934).
Patauá (baixo Amazonas, marg. esquerda): 2 ♂♂, OLALLA, janeiro 23 e 26 (1935).
Igarapé Bravo (baixo Amazonas, marg. esquerda): 3 ♂♂, OLALLA, abril 11 e 13 (1935); 2 ♀♀, OLALLA, abril 2 e 6 (1935); sexo ?, OLALLA, abril 13 (1935).
Igarapé Boiussú (baixo Amazonas, marg. esquerda): ♂, OLALLA, abril 29 (1935).

Maranhão
Primeira Cruz: ♂, SCHWANDA, agosto 8 (1906).
Miritiba: ♂, SCHWANDA, agosto 6 (1907); ♂ juv., SCHWANDA, abril 15 (1907); ♀ juv., SCHWANDA, setembro 5 (1907).

Pernambuco
Tapera: ♀, OLIV.ª PINTO, dezembro 20 (1938).

Baía
"Bahia": sexo ? (compr. de SCHLÜTER, 1898).
Vila Nova (= Bonfim): ♂, GARBE, março (1908).
Itabuna: ♂. GARBE, julho (1919).

Espírito Santo
Pau Gigante: ♂, GARBE, janeiro (1906).
Rio São José: ♂, OLALLA, setembro 14 (1942); ♀, OLALLA, setembro 18 (1942): sexo ?, OLIV. PINTO, setembro 29 (1942).

Minas Gerais
Barra do Sussuí (rio Doce, marg. esquerda): ♂, OLIV. PINTO, setembro 17 (1940); ♂, OLALLA, setembro 17 (1940); ♀, OLALLA, setembro 20 (1940).

Goiaz
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 4 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♂ JOSÉ LIMA, outubro 29 (1934).

Mato Grosso
Chapada: 2 ♀♀, JOSÉ LIMA, setembro 30 e outubro 4 (1937).

Arremon taciturnus semitorquatu[illegible] [illegible] [XI, 427]

Arremon semitorquat[illegible] . Anim. in Menager., p. 357: "Brazil" [illegible] . pátria típica sugerida por BERLEPSCH)[1]; [illegible] Bds. Brit. Mus., XI, p. 277; IHER. [illegible] tal. Faun. Brazil., Av., p. 386.

Distribuição. — Faixa litorânea e serra marítima do Brasil este-meridional: Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Can-

---

(1) Cf. Verh. 5 Intern. Orn. Kongr. Berlin, p. 1106 (1912). A coespecificidade de *A. semitorquatus* com *A. taciturnus* é afiançada por HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, XI, p. 427, nota 2), que verificou a posição intermédia dos pássaros do norte do Rio de Janeiro.

tagalo, Colônia Alpina, Petrópolis), São Paulo (Ipanema, Piquete, Mogí das Cruzes, serra do Cubatão, Poço Grande).

BRASIL
São Paulo
Rio Grande (serra do Cubatão): ♂, J. ZECH, agosto 30 (1895).
Piquete: sexo?, J. ZECH, dezembro 19 (1896).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, fevereiro 3 (1933).
Faz. Poço Grande (Juquiá): ♀, OLALLA, maio 14 (1940).

Arremon flavirostris flavirostris Swainson [XI, 428]

Arremon flavirostris SWAINSON, 1837, Anim. in Menager., p. 347: "Brazil" (interior da Baía, pátria típica sugerida por HELLMAYR)[1]; SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 274; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 386.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: Baía[2], oeste de Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas, rio Jordão, Santa Maria, Água Suja), norte e centro de São Paulo (Barretos, Bebedouro, Jaboticabal, Silvânia), sul de Goiaz (rio Claro), sudeste de Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba)[3].

BRASIL
São Paulo
Jaboticabal: ♂, LIMA, outubro (1900).
Rio Grande (Barretos): ♀, GARBE, maio (1904).
Silvânia: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 28 (1942); ♀, OLIV. PINTO, dez. 21 (1937).
Goiaz
Faz. Transwaal (rio Claro): ♂?, W. GARBE, abril 12 (1940); ♂, W. GARBE, maio 1 (1940).
Mato Grosso
Sant'Ana do Paranaíba: ♀, LIMA, julho 21 (1931).

Arremon flavirostris devillii Des Murs [XI, 430]

Arremon devillii DES MURS (*ex* BONAPARTE manuscr.), 1856, em CASTELNAU, Exped. Amér. Sud., Oiseaux, p. 69, pl. 20, fig. 2: sem indicação de localidade (pátria típica Goiaz, *teste*

---

(1) Cf. HELLMAYR, op. cit., p. 429 (1938).
(2) Pátria de *Arremon wuchereri* SCLATER & SALVIN, 1873 (Nomencl. Av. Neotrop., pp. 25 e 157), cuja sinonímia com *A. flav. flavirostris* é testemunhada por HELLMAYR (cf. Novit. Zool., XIII, 1906, p. 313). Não é conhecida a procedência exata do tipo, que parece ser ainda o único exemplar da espécie assinalado no estado da Baía.
(3) Cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. prte, p. 107 (1932). O exemplar de Sant'Ana do Paranaíba tem o dorso francamente verde oliváceo, não se distinguindo, no particular do de Jaboticabal.

HELLMAYR)[1]; SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus., XI, p. 278.

Arremon polionotus devillei IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 387.

Distribuição. — Brasil centro-meridional: Goiaz (ubí?), oeste de São Paulo (Avanhandava, rio Feio, Araçatuba, Icatú, Valparaizo, Itapura, Porto Tibiriçá)[2].

BRASIL

São Paulo

Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904).
S. Jerônimo (Avanhandava): ♂, GARBE, dezembro (1903); sexo ? GARBE, fevereiro (1904).
Cancã (rio Feio): 2 ♂ ♂, F. GÜNTHER, agosto 13 e 14 (1905).
Icatú: ♂, LIMA, julho 13 (1928).
Valparaizo: ♀, OLIV. PINTO, junho 14 (1931).
Porto Tibiriçá: ♂, LIMA, agosto 22 (1931).
Faz. Ponte Nova (Macaúbas): ♂, JOSÉ LIMA, março 28 (1940); ♀, JOSÉ LIMA, março 26 (1940).
Barra do rio Dourado (Lins): 1 ♂ ? e 1 ♀, OLALLA, fevereiro 4 (1941).
Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 10 (1941).

Arremon flavirostris polionotus Bonaparte [XI, 431]

Arremon polionotus BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I, (2), p. 488: Corrientes (República Argentina); SCLATER, 1886, Catal. Bds. Brit. Mus, XI, p. 278.

Distribuição. — Norte da Argentina (Chaco, Formosa, Corrientes, Misiones), Paraguay (Alto Paraná, rio Apa, Concepción, Sapucay), leste do Bolívia (Chiquitos), Brasil oeste-meridional: Mato Grosso[3] (rio Apa, Corumbá, Urucúm, Cuia-

---

(1) V. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XIII, p. 312 (1906). É muito para lamentar que não seja precisamente conhecida a pátria de *Arremon devillii* DES MURS. Se procedente de Goiaz, o tipo será provavelmente oriundo de região diversa daquela em que foram obtidos os nossos dois exemplares, pois neste o dorso é tão fortemente tingido de verde como nos de Barretos e Jaboticabal.

(2) Os exemplares do rio Paraná, no extremo oeste de São Paulo, fazem decididamente transição para *A. fl. polionotus*. No ♂ de Itapura (N.º 4.905), como no de Porto Tibiriçá (N.º 12.780), o dorso é cinzento, sem tons oliváceos, todavia presentes nas terciárias; mas, enquanto o primeiro tem a faixa peitoral estreita, o último tem-na larga, como nos indivíduos típicos de *polionotus*, a que talvez melhor conviesse referí-lo.

(3) Em que pese o modo de vêr de HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, IX, 1938, p. 430) e de LAUBMANN (Verh. Orn. Gesells. Bay., XX, 1935, p. 606), boa série de exemplares de diferentes pontos de Mato-Grosso demonstra, à evidencia, que a raça encontrada no estado é, como opinara SCLATER (Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 278), *A. fl polionotus*. Três ♂ ♂ adultos, respectivamente de Chapada (N.º

bá, Chapada, Cáceres), oeste do Paraná (Salto de Guaíra)[1].

ARGENTINA

Ocampo: ♂, G. A. BAER, novembro 13 (1905).

PARAGUAY

Puerto Bertoni: ♀, BERTONI (1904).

BRASIL

Mato Grosso

Miranda: 2 ♂ ♂, JOSÉ LIMA, agosto 6 e setembro 8 (1930).
Faz. Recreio (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 6 (1937).
Usina Sto. Antonio (Cuiabá): ♂, OLIV. PINTO, setembro 12 (1937).
Cuiabá: ♀, OLIV. PINTO, setembro 21 (1937).
Chapada: ♂, OLIV. PINTO, setembro 29 (1937).
Salobra: ♂, Exp. a Mato Grosso, julho 13 (1939); ♀, Exp. a Mato Grosso, julho 24 (1939).

Gênero **MYOSPIZA** Ridgway

Myospiza RIDGWAY, 1898, Auk, XV, p. 224. Tipo por designação original, *Fringilla manimbe* LICHTENSTEIN (=*Tanagra humeralis* BOSC).

Myospiza humeralis humeralis (Bosc) [XI, 477]

Tico-tico do campo.

Tanagra humeralis BOSC, 1792, Journ. d'Hist. Natur., II, p. 179, pl. 34, fig. 4: Cayenne (Guiana Francesa).
Ammodromus[2] *manimbe*[3] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 691, parte.
Myospiza manimbe IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 385, parte; SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 433.

17.294), Sto. Antônio do Rio Abaixo (N.º 17.293) e Salobra (N.º 18.363), tanto pela faixa peitoral, bastante larga, quanto pela ausência absoluta de tons oliváceos no dorso, concordam exatamente com um ♂ de Ocampo (Argentina). A presença de verde no cinzento do dorso, significa seguramente, nas aves de Mato-Grosso maturidade incompleta ou flutuação acidental. Segundo informa este autor, junto ao exemplar tipo, existente no Museu de París, lê-se: "Province de Goyaz, Brésil, par MM. Castelnau et Deville". No final, é ainda extremamente pouco satisfatório o nosso conhecimento das variedades geográficas de *A. flavirostris*.

(1) Tanto SZTOLCMAN (Annales Zol. Mus. Polon., V, 1926, p. 190), como HELLMAYR (op. cit., p. 432), referem a *A. fl. polionotus* os exemplares de Salto de Guaira colecionados por CHROSTOWSKI.

(2) *Ammodromus* SHARPE, 1888 (Catal. Bds Brit. Mus., XII, p. 683), emenda de *Ammodramus* SWAINSON, 1827 (Phil. Magaz., I, p. 435). Tipo por monotipia, *Amm. bimaculatus* SWAINSON, do México. O gênero hoje é considerado estranho ao Brasil.

(3) *Fringilla manimbe* LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 25: Baía. Não se observando diferenças entre os exemplares da Guiana e os do norte do Brasil, o nome de LICHTENSTEIN cai na sinonímia de *Tanagra humeralis* BOSC, conforme CHUBB (Bull. Brit. Orn. Club, XXXI, 1913, p. 39) foi o primeiro a advertir.

Distribuição. — Leste e sul da Venezuela (Orenoco), Guianas Inglesa (montes Takutu, Roraima, rio Abary), Holandesa (Surinam, Paramaribo) e Francesa (Cayenne), leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija, Chiquitos), Brasil septentrional, oriental e central: rio Branco (Forte de São Joaquim), rio Madeira (Humaitá), rio Jamundá (Faro), Monte Alegre, rio Tapajoz (Santarém), ilha Caviana, ilha de Marajó, ilha Mexiana, Maranhão (Miritiba, São Bento, Boa Vista, Tranqueira, Codó), Piauí (Apertada Hora, Amarração), Pernambuco (Caxangá, Itamaracá), Baía (Alagoinhas, Joazeiro, Bonfim, cidade da Barra, Santo Amaro, Curupeba, Caravelas), Espírito Santo (Itabapuana, rio Doce), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Muribeca, Porto Real, rio Muriaé, lagoa Feia), São Paulo (Itatiba, Ipiranga, Mogí das Cruzes, Taubaté, São José do Rio Pardo, Jundiaí, Ipanema, Itapetininga, Itararé, Franca, Bebedouro, Araraquara, Lins, Itapura), Paraná (Curitiba, Cemitério, Invernadinha), Minas Gerais (Uberaba, Lagoa Santa, Sete Lagoas, Água Suja, Curvelo), Goiaz (Jaraguá, rio das Almas, Inhumas, Veadeiros, cid. de Goiaz), Mato Grosso (Três Lagoas, Campo Grande, Coxim, Urucúm, Chapada, Vila Bela, Tapirapoã, Juruena, rio Roosevelt).

BRASIL

Pará

Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): ♂, OLALLA, junho 16 (1934); ♀, OLALLA, junho 6 (1934).

Maranhão

Boa Vista: ♂. SCHWANDA, abril 27 (1907).

Pernambuco

Itamaracá: ♀, OLIV. PINTO, janeiro 4 (1939).

Baía

Joazeiro: ♂. GARBE, dezembro (1907).
Vila Nova (= Bonfim): ♂. GARBE, dezembro (1907).
Caravelas: ♂. GARBE, agosto (1908).
Cidade da Barra: ♂. GARBE, outubro (1913).
Curupeba: ♂, CAMARGO, fevereiro 23 (1933).
Madre de Deus: ♀?, OLIV. PINTO, fevereiro 7 (1942).

Espírito Santo

Rio Doce: ♂. GARBE, outubro (1906).

Rio de Janeiro

Rio Muriaé (Cardoso Moreira): 1 ♀ e 1 sexo?, OLALLA, setembro 11 (1941).
Lagoa Feia (Ponto Grossa): ♂, OLALLA, setembro 7 (1941).

São Paulo

Cachoeira: ♂, LIMA, agosto 20 (1898).
São José do Rio Pardo: ♂, LIMA, janeiro 11 (1900).
Jundiaí: ♀, SCHROTTKY, setembro 7 (1900).
Ipiranga (cid. de S. Paulo): 1 ♂ e 1 sexo?, LIMA, maio 29 (1902); ♀, PINTO DA FONSECA, março 17 (1920).

Itararé: 3 ♂♂. GARBE, maio e agosto (1903); 1 ♀ e 1 sexo?, GARBE, maio (1903).
Bebedouro: ♂, GARBE, abril (1904); ♂ juv., GARBE, março (1904).
Itapura: ♂, GARBE, agosto (1904).
Franca: ♂, GARBE, setembro (1910).
Itapetininga: ♀, LIMA, julho 27 (1926).
Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, março 18 (1933); sexo ?, JOSÉ LIMA, março 26 (1933).
Faz. Sta. Rosa (Paraúna): ♂, JOSÉ LIMA, abril 14 (1940).
Cumbica (Guarulhos): ♂, OLALLA, dezembro 9 (1940).
Faz. Varjão (Lins): 2 ♀♀, OLALLA, fevereiro 1 e 13 (1941).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pt. de Jaraguá): 2 ♂♂, JOSÉ LIMA, setembro 7 (1934); 1 ♀ e 1 sexo ?, W. GARBE, agosto 22 (1934).
Faz. Formiga (rio das Almas, marg. direita): ♂, OLIV. PINTO, outubro 17 (1934).
Inhumas (rio Meia Ponte, afl. do Paranaíba): ♀, OLIV. PINTO, novembro 4 (1934).

Mato Grosso

Porto Faia: ♂, GARBE, novembro (1904).
Coxim: ♂, JOSÉ LIMA, julho 1 (1930).
Campo Grande: ♀, JOSÉ LIMA, julho 29 (1930).
Três Lagoas: ♂, JOSÉ LIMA, julho 13 (1931).
Chapada: ♀, OLIV. PINTO, setembro 27 (1937).

Myospiza humeralis xanthornus (Darwin) [XI, 480]

Ammodramus xanthornus DARWIN (*ex* GOULD manuscr.), 1839, Zool. Beagle, III, Birds, pl. 30: Maldonado (Uruguay)[1].
Ammodromus manimbe SHARPE (*nec* LICHTENSTEIN), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 691, parte.
Myospiza manimbe IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 385.

Distribuição. — República Argentina (Formosa, Corrientes, Entre Ríos, Buenos Aires, Sta. Fé, Cordoba, Tucumán, rio Negro, Patagonia), Uruguay (Montevideo, Lazcano), Paraguay (Assuncion, Puerto Pinasco, Villa Rica) e extremo sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Pedras Brancas, Itaquí, Nova Hamburgo, Santa Maria).

---

(1) Admitida a validez da raça platina, já tantas vezes discutida (cf. O. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. parte, p. 107), o nome de DARWIN cabe-lhe preferentemente a *Coturniculus manimbe dorsalis* RIDGWAY, 1874), (em BAIRD, BREWER & RIDGWAY, Hist. N. Amer. Birds, I, p. 549: Buenos Aires e Uruguay). Cf. C. E. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 302, nota 4 (1929); idem, op. cit., XIII, pte. XI, p. 480 (1938); A. WETMORE, Bull. Un. St. Nat. Mus., N.o 133, p. 427; A. LAUBMANN, Wissens. Ergebn. Deuts. Gran Chaco Exped., p. 254 (1930); E. NAUMBURG, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 353 (1930).

BRASIL
Rio Grande do Sul
Nova Hamburgo: ♀, A. SCHWARTZ, novembro 6 (1898).
Itaquí: ♂, GARBE, dezembro (1914).

Myospiza aurifrons aurifrons (Spix) [XI, 482]

Tanagra aurifrons SPIX, 1825, Av. Bras. Spec. Nov., II, p. 38, pl. 50, fig. 2: "in provincia Bahia", *errore* (localidade típica Fonte Boa, na margem direita do Solimões, sugerida por HELLMAYR)[1].
Ammodromus peruanus SHARPE (*nec* BONAPARTE)[2], 1886. Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 693.

Distribuição. — Sudeste da Colômbia (Caquetá), leste do Equador (rio Curaray, Zamora, Gualaquiza, Sarayacu), norte e centro do Perú (Moyobamba, Huanuco, Yurimaguas), Bolívia (Cochabamba), Brasil amazônico: rio Solimões (Tefé), rio Juruá (João Pessoa, Santa Cruz), rio Purús (Cachoeira, Bom Lugar), rio Madeira (Borba, Porto Velho), rio Mamoré (Guajará-Guassú), Manaus, Itacoatiara, Faro, Óbidos, Parintins, rio Tapajoz (Santarém, Goiana, Itaituba), rio Jamauchim (Santa Helena), rio Irirí (Cachoeira Grande), rio Tocantins (Baião, Arumateua), este do Pará (rio Guamá, rio Capim, Prata, Utinga, Peixe-Boi, Castanhal, Benevides).

BRASIL
Amazonas
Rio Juruá: ♂, GARBE, agosto (1902); ♀, GARBE, junho (1902).
Parintins (rio Amazonas, marg. direita): ♂, GABRE, junho (1921).
Manacapurú (baixo Solimões, marg. esquerda): 2 ♂ ♂, CAMARGO, setembro e outubro 3 (1936); ♀, CAMARGO, outubro 3 (1936).
Santa Cruz (rio Eirú, alto Juruá, marg. direita): 3 ♂ ♂, OLALLA, outubro 22 e 23, novembro 16 (1936).
Jauaretê (rio Uaupés, alto rio Negro, marg. direita): ♂, CAMARGO, dezembro (1936).
Itacoatiara (rio Amazonas, marg. esquerda): 5 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 11 (1936), março 2, 4 e 31 (1937); 2 ♀ ♀, OLALLA, março 29 (1937); sexo ?, OLALLA, março 4 (1937).
João Pessoa (alto Juruá, marg. esquerda): 7 ♂ ♂, OLALLA, dezembro 15, 17 e 20 (1936), janeiro 30 e 31, fevereiro 2 e 6 (1937); 5 ♀ ♀, OLALLA, dezembro 6, 13, 17 e 23 (1936) e fevereiro 1 (1937); sexo ?, OLALLA, fevereiro 1 (1937).
São Gabriel (rio Negro, marg. esquerda): 2 ♂ ♂ e 1 ♀, CAMARGO, dezembro (1936).

---

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, p. 281 (1910).
(2) *Coturniculus peruanus* BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 481; "Amer. m. occid.". Examinando o exemplar típico no Museu de Paris, de longa data verificara HELLMAYR (Abhandl. 2, Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 673, 1906) ter sido colecionado em Goiaz por CASTELNAU & DEVILLE, pelo que deve o nome de BONAPARTE incluir-se na sinonimia de *Myospiza humeralis humeralis*.

Igarapé Anibá (rio Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, abril 16 (1937).
Silves (rio Amazonas, marg. esquerda): sexo ?, OLALLA, junho 16 (1937).

Pará

Utinga (prox. de Belém): ♂, F. Q. LIMA, outubro 25 (1923).
Santarém (boca do Tapajoz, marg. direita): 2 ♂♂, OLALLA, maio 3 e 6 (1935).

Gênero **ZONOTRICHIA** Swainson

Zonotrichia SWAINSON, 1832, em SWAINSON & RICHARDSON, Fauna Bor.-Amer., II, "1831", p. 493. Tipo, por designação subsequente de BONAPARTE (Giorn. Arcadico, LII, p. 206, 1831), *Fringilla pensylvanica* LATHAM (= *Fringilla albicollis* GMELIN).

Zonotrichia capensis[1] matutina (Lichtenstein) [XI, 582 (pte.)]

Fringilla matutina LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 25: Baía (Brasil).
Zonotrichia pileata SHARPE (nec BODDAERT)[2] Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 610.
Brachyspiza[3] *capensis* IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves., p. 382, parte.

Distribuição[4]. — Leste da Bolívia (Chiquitos), Brasil centro-ocidental e este septentrional: norte e centro de Mato-Grosso (Tapirapoã, Juruena, Chapada, Coxim, rio das Mortes), Goiaz (rio São Miguel, Veadeiros, Goiaz)[5], Maranhão (Grajaú,

(1) *Fringilla capensis* P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst., Supplem., p. 165 (com base em DAUBENTON, Pl. enlum. 386, fig. 2): Cabo da Boa Esperança, *errore* (= Cayenne, apud BUFFON, Histoire Nat. Ois., IV, "Le Bonjour-commandeur").
(2) *Emberiza pileata* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 23 (com base na Pl. enlum. 386, fig. 2 de DAUBENTON).
(3) *Brachyspiza* RIDGWAY, 1898, Auk, XV, p. 224: tipo, por designação original, *Fringilla capensis* MÜLLER. VAN ROSSEM (Auk., XLVI, 1929, pags. 548-9) concluiu pela inseparabilidade de *Brachyspiza*, no que vem sendo acompanhado pelos autores modernos.
(4) A raça matutina, representada em nossas coleções por exemplares do norte de Mato-Grosso (Chapada), parece distinguir-se da do Brasil meridional principalmente pela coloração mais clara do colar ferrugíneo. A ela eram habitualmente referidas todas as populações brasileiras da espécie. A recente e exhaustiva monografia de CHAPMAN (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXXVII, 1940, p. 381-438), restringe-lhe todavia consideravelmente a área geográfica, desdobrando-a em várias novas formas, a respeito das quais faltam-me inteiramente elementos para formar opinião. O tempo dirá se o sistema trinominal é adequado à tradição das levíssimas particularidades em que se baseiam.
(5) Não disponho de exemplares de Goiaz, motivo pelo qual, só presumptivamente inclui todo o estado na área de *matutina*.

Cocos, Manga), Piauí (Arara, Ibiapaba, Corrente, Floriano, Gilboez), Ceará (Lavras), interior de Pernambuco (Garanhuns, Palmares) e da Baía (Santa Rita, São Marcelo, Queimadas, rio do Peixe, Macaco Seco).

BRASIL

Mato Grosso

Faz. Recreio (Coxim): ♀, OLIV. PINTO, agosto 13 (1937).
Chapada: ♀, JOSÉ LIMA, setembro 30 (1937).
Faz. Angelo Severo (vale do Araguaia): ♂, Bandeira Anhanguera, novembro 13 (1937).
Travessão (rio Araguaia): ♂, Bandeira Anhanguera, novembro 23 (1937).

Zonotrichia capensis subtorquata Swainson [XI, 582 (pte.)]

Tico-tico, Maria-é-dia.

Zonotrichia subtorquata SWAINSON, 1837, Nat. Hist. Class. Birds, XI, p. 288 — nome novo, em lugar de *Tanagra ruficollis* SPIX, 1825 (*nec* GMELIN, 1789), Av. Spec. Nov. Bras., II. p. 39, tab. 53, fig. 3): "in confinibus urbis *Rio de Janeiro*".
Zonotrichia pileata SHARPE (*nec* BODDAERT), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 610, parte.
Brachyspiza capensis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 382.

Distribuição. — Uruguay (Montevideo, rio Negro, Rocha), Paraguay (Assuncion, Sapucay, Colonia Risso, Concepción, Caaguazú), Brasil este-meridional: Espírito Santo (Vitória, Pau Gigante, lagoa Juparanã, serra do Caparaó, pico da Bandeira, Chaves), Minas Gerais (rio Piracicaba, rio das Velhas, São José da Lagoa, Maria da Fé, Agua Suja, Lagoa Santa), Rio de Janeiro (cid. do Rio de Janeiro, Manguinhos, Sepitiba, Petrópolis, Terezópolis, Cantagalo, Nova Friburgo), S. Paulo (São Sebastião, serra de Caraguatatuba, Cananéia, cid. de São Paulo, Ipiranga, Alto da Serra, Itatiba, Mogí das Cruzes, Monte Alegre, Faxina, Araraquara, Lins, Itapura), Paraná (Vera Guaraní, Corvo, rio Guaíra, Iguassú), Santa Catarina (Joinvile, salto do Piraí, Ouro Verde, Poço Preto, Palmitos), Rio Grande do Sul (Taquara, Porto Alegre, Torres, Viamão, Canela, Sapiranga, São Francisco de Paula, Campo Bom, Vacaria, Sananduva, Nanoaí, Santa Cruz, São Lourenço, Candiota, Quinta, Jaguarão), sul de Mato Grosso (rio Paraná, Perdões, Três Lagoas, Salobra, Urucúm, rio Amambaí, Campanário)[1].

(1) Nossos exemplares de Três Lagoas e mais localidades do sul de Mato-Grosso são indiferençaveis dos de São Paulo, divergindo, pelo contrário, dos de Chapada e Coxim.

BRASIL

Espírito Santo

Pau Gigante: ♂, Gentil Dutra, setembro 12 (1940).

Chaves (Sta. Leopoldina): 2 ♂♂, OLALLA, agosto 21 e setembro 2 (1942).

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia: ♂, H. LUDERWALDT, abril 22 (1906).

Faz. Japuíba (Angra dos Reis): ♀, JOSÉ LIMA, junho 26 (1941).

Manguinhos: 2 ♂♂, L. FERREIRA, maio 16 e junho 11 (1941); ♂ juv., L. FERREIRA, junho 19 (1941); 2 ♂♂, P. BRITO, setembro 22 (1941) e fevereiro 13 (1942); 3 ♀♀, P. BRITO, outubro 10 e dezembro 4 (1941) e janeiro 8 (1942).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♀, OLIV. PINTO, janeiro 2 (1936).

Barra do Piracicaba (rio Doce): ♂, OLALLA, setembro 7 (1940); sexo ?, OLALLA, agosto 18 (1940).

Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, W. GARBE, outubro 2 (1940); ♀, OLIV. PINTO, setembro 26 (1940).

São Paulo

Rio Grande (serra do Cubatão): ♀ juv., LIMA, fevereiro 8 (1900).

Ipiranga (cid. de S. Paulo): 3 ♂♂, LIMA, setembro 12 (1900), agosto 15 (1901) e março (1915); ♂ juv., LIMA, julho 23 (1913); ♂, H. SCHWEBEL, março 7 (1911).

Alto da Serra: ♀, LIMA, agosto 24 (1904).

Itapura: ♂, GARBE, setembro (1904).

Mogí das Cruzes: ♀ ?, JOSÉ LIMA, janeiro 31 (1933); sexo?, JOSÉ LIMA, março 18 (1933).

Itatiba: ♂, JOSÉ LIMA, setembro 25 (1933); ♀, JOSÉ LIMA, setembro 23 (1933).

Ilha do Cardoso (Cananéia): 1 ♂ e 1 ♀, CAMARGO, setembro 8 (1934).

Tabatinguara (Cananéia): 2 ♀♀, CAMARGO, setembro 19 e 29 (1934)

Faz. Ponte Nova (Macaúbas): 3 ♂♂, JOSÉ LIMA, janeiro 18 (1939) e março 25 (1940).

Faz. Sta. Rosa (Paraúna): ♂, JOSÉ LIMA, abril 14 (1940).

Faz. Poço Grande (Juquiá): ♀, OLALLA, maio 17 (1940).

Serra da Cantareira: ♂, JOSÉ LIMA, dezembro 6 (1940).

Lins: ♂, OLALLA, janeiro 19 (1941).

Barra do rio Dourado (Lins): sexo?, OLALLA, janeiro 30 (1941).

Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, E. DENTE, agosto 27 (1941); ♀, OLALLA, agosto 24 (1941).

Serra de Caraguatatuba: ♂, OLALLA, setembro 25 (1941).

Porto Cabral (rio Paraná): ♂, JOSÉ LIMA, outubro 16 (1941).

Monte Alegre: 4 ♂♂, JOSÉ LIMA, julho 21 e 22 (1942), janeiro 23 (1943); ♀, JOSÉ LIMA, julho 21 (1942).

Mato Grosso

Três Lagoas: ♂, LIMA, julho 12 (1931).

Córrego do Paredão (rio Paraná): ♂, OLIV. PINTO, novembro 11 (1939); ♀, C. VIEIRA, novembro 11 (1939).

Zonotrichia capensis tocantinsi Chapman [XI, 584]

Zonotrichia capensis tocantinsi CHAPMAN, 1940, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXVII, p. 399: Baião (baixo rio Tocantins, margem direita).
Brachyspiza capensis SNETHLAGE (*nec* BODDAERT), 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 433.

Distribuição. — Baixo Tocantins (Baião) e, provavelmente toda porção baixa do rio Amazonas (Belém, rio Acará, ilha de Marajó, Monte Alegre)[1].

Zonotrichia capensis roraimae Chapman [XI, 584]

Zonotrichia capensis roraimae CHAPMAN, 1940, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXVII, p. 398: Philipp Camp (monte Roraima, sul da Venezuela).
Zonotrichia pileata SHARPE (*nec* BODDAERT), 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 610, parte.

Distribuição. — Sul da Venezuela (montes Roraima, Auyan-tepui), Guiana Inglesa (rio Carimang) e (?) extrema oeste-septentrional do Brasil (Uacará, no alto rio Negro)[2].

Gênero EMBERIZOIDES Temminck

Emberizoides TEMMINCK, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 114 e texto respectivo. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1840), *Emberizoides marginalis* TEMMINCK (= *Sylvia herbicola* VIEILLOT).

Emberizoides herbicola herbicola (Vieillot) [XI, 608]
Canário do campo.

Sylvia herbicola VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 192 (com base em AZARA, N.º 230): Paraguay.
Emberizoides macrurus[3] subsp. α *Emberizoides herbicola* SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 769, parte.
Emberizoides macrourus herbicola IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 388.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Formosa, Misiones, Santa Fé), Paraguay (Sapucay, Colonia Risso, Mon-

---

(1) As populações do baixo Amazonas, bem como as da parte mais septentrional de Mato-Grosso (Tapirapoã, Juruena, etc.), foram por HELLMAYR (Catal. Bds. Americas, XI, p. 585) referidas a *Z. capensis capensis* LINN., a cujo domínio geográfico, na opinião de CHAPMAN, o Brasil seria estranho.

(2) Cf. CHAPMAN, op. cit., p. 399. Desta raça, como da anterior, não tenho nenhum conhecimento pessoal.

(3) *Fringilla macroura* GMELIN, 1789 (*nec* PALLAS, 1764), Syst. Nat., I, p. 918 (com base em "Long-tailed Finch" de LATHAM): Caiena.

daíh, Encarnación), leste da Bolívia (Santa Cruz, Yungas de La Paz), Brasil este-meridional e centro-ocidental: Pernambuco (Pau d'Alho, Tapera, ilha de Itamaracá), Baía (ilha de Itaparica, Curupeba, Caravelas), Minas Gerais (Lagoa Santa, Água Suja, Curvelo), Rio de Janeiro (Itatiaia, Taipú), São Paulo (Ipiranga[1], Ipanema, Campos do Jordão, Cachoeira, Franca, Batatais, Taubaté, Sorocaba, Itapetininga, Itararé[2], Silvânia, Baurú), Paraná (Castro), Rio Grande do Sul (São Lourenço, Pedras Brancas), Mato Grosso (Três Lagoas, Coxim, Chapada, Cáceres), Goiaz (Jaraguá, Faz. Esperança, rio São Miguel).

ARGENTINA

Ocampo: ♂, G. A. BAER, outubro 2 (1905).

BRASIL

Pernambuco

Tapera: ♂, OLIV. PINTO, dezembro 19 (1938).
Itamaracá: ♀, OLIV. PINTO, dezembro 29 (1938).

Baía

"Bahia": sexo ?, compr. de SCHLÜTER (1898).
Caravelas: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, agosto (1908).
Curupeba: ♂, W, GARBE, fevereiro 6 (1933); 2 ♀ ♀, W. GARBE, janeiro 31 e fevereiro 14 (1933).
Madre de Deus: ♂, OLIV. PINTO, fevereiro 4 (1942).

São Paulo

Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, fevereiro 1 (1898); ♂, TCHEMPERLI, julho 25 (1900); ♀, LIMA, maio 20 (1906).
Cachoeira: ♂, LIMA, agosto 17 (1898); séxo ?, H. PINDER, agosto 10 (1898).
Batatais: ♂, LIMA, dezembro 9 (1900).
Franca: 4 ♂ ♂, GARBE, setembro (1900), novembro (1910) e janeiro (1911).
Itararé: 2 ♂ ♂, GARBE, maio (1903).
Baurú: sexo ?, F. GÜNTHER, maio (1905).
Campos do Jordão: ♂, H. LÜDERWALDT, novembro 15 (1905).
Capivarí: sexo ? ,LIMA, maio 9 (1926).
Itapetininga: ♂, LIMA, agosto 4 (1926).
Silvânia: ♀, OLIV. PINTO, agosto 27 (1932).
Cumbica (Guarulhos): ♂, OLALLA, dezembro 9 (1940).

(1) Pátria típica de *Emberizoides macrourus ypiranganus* IHER. & IHERING, 1907 (Catal. Fauna do Brazil., I, Aves, p. 390). Apezar da grande variabilidade verificada no aspecto e colorido da plumagem dos exemplares das diversas procedências, os de Ipiranga singularizam-se pela abundância muito maior de preto nas partes superiores. Esse fato dir-se-ia relacionar-se com a humidade maior peculiar ao clima da serra, visto como se verifica tambem, embora menos acentuadamente nos Campos do Jordão; parece, entretanto comprometer esta interpretação, o ♂ adulto de Ocampo (Argentina) cujas estrias negras do dorso são talvez ainda mais largas e denegridas do que nos de Ipiranga.

(2) Pátria de *Emberizoides macrourus itarareus* IHER. & IHERING, 1907 (op. cit., p. 389), considerado sinônimo. Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. parte, pag. 108 (1932).

Faz. Varjão (Lins): 3 ♂♂, OLALLA, janeiro 27, fevereiro 1 e 13 (1941); ♀, OLALLA, fevereiro 10 (1941).

Paraná

Faz. Monte Alegre (Castro): ♀, GARBE. agosto (1906).

Goiaz

Tomé Pinto (rio das Almas, marg. esquerda, pto. de Jaraguá): ♂, JOSÉ LIMA, setembro 8 (1934); ♀, OLIV. PINTO, agosto 24 (1934).

Mato Grosso

São Luiz de Cáceres: 3 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, novembro (1917).
Coxim: ♂, JOSÉ LIMA, junho 22 (1930).
Três Lagoas: sexo ?, LIMA, julho 29 (1931).
Faz. Recreio (Coxim): ♂, OLIV. PINTO, agosto 13 (1937).
Chapada: ♂, OLIV. PINTO, outubro 3 (1937).

Emberizoides herbicola sphenurus (Vieillot) [XI, 611]

Passerina sphenura VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXV, p. 25: Cayenne.
Emberizoides macrurus SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 768.

Distribuição. — Guianas Francesa (Cayenne), Holandesa (Paramaribo, Surinam) e Inglesa (Roraima, montes Takutu e Merumé, rio Abary, Bartica Grove), Venezuela (Cumaná, Orenoco), Colômbia (Santa Marta, Antioquia, rio Cauca), norte do Brasil: estuário do Amazonas (ilha Mexiana), norte do Maranhão (São Bento)[1].

COLÔMBIA

"Nova Granada": ♂ (compr. de SCHLÜTER, maio 1902).

VENEZUELA

Mérida: ♂ juv., S. B. GABALDÓN, agosto 24 (1897).

Gênero CORYPHASPIZA G. R. Gray

Coryphaspiza GRAY, 1840, List. Gen. of Birds, p. 47 — nome novo, em substituição a *Leptonyx* SWAINSON, 1837 (anteocupado por *Leptonyx* SWAINSON, 1833). Tipo, por monotipia, *Leptonyx melanotis* SWAINSON (= *Emberizoides melanotis* TEMMINCK).

Coryphaspiza melanotis (Temminck) [XI, 614]

Emberizoides melanotis TEMMINCK, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color. pl. 114, fig. 1: "Brésil" (= Ipanema, Estado de São Paulo, col. NATTERER)[2].

---

(1) Não tenho conhecimento com as aves do baixo Amazonas nem do Maranhão. Segundo o DR. HELLMAYR (Catal. Birds of Americas, XI, 1938, p. 611). pertencerão possivelmente a raça nova, que todavia não nomeia.

(2) Cf. C. E. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool.. Ser.. XIII, Catal. Bds. Amer., Parte XI, p. 614 (1938).

Coryphospiza[1] *melanotis* SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 767; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 388.

Distribuição. — Norte da Argentina (Santa Fé), Paraguay (Alto Paraná, Encarnacion), Brasil central e este-meridional: Mato Grosso (Chapada), Minas Gerais (Sete Lagoas, Taboleiro Grande), São Paulo (Ipanema, Escaramuça, Itapetininga, Itararé, Franca, Batatais).

BRASIL

São Paulo

Batatais: ♂, LIMA, dezembro 10 (1900); ♀, LIMA, dezembro 9 (1900).
Itararé: ♂ juv., GARBE, maio (1903).
Franca: 3 ♂♂ e 1 ♀, GARBE, setembro (1910).
Itapetininga: 2 ♂♂, LIMA, julho 24 e agosto 5 (1926).

Gênero **DONACOSPIZA** Cabanis

Donacospiza CABANIS, 1851, Mus. Heineanum, I, p. 136. Tipo, por designação original, *Sylvia albifrons* VIEILLOT.

Donacospiza albifrons (Vieillot) [XI, 616]

Sylvia albifrons VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 276 (com base em Azara, n. 234): Paraguay.
Coryphospiza albifrons SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 766; IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 388.

Distribuição. — Norte da Argentina (Misiones, Entre Rios, Chaco, Santa Fé, Cordoba, Buenos Aires), Uruguay (Paysandú, Maldonado, Montevideo), Brasil este-meridional: sudeste de Minas Gerais (Maria da Fé) e região adjacente do Rio de Janeiro (Itatiaia), São Paulo (Ipiranga, Mogí das Cruzes, Monte Alegre, Piracicaba), Paraná (Castro, Curitiba), Rio Grande do Sul (Pedras Brancas, São Lourenço).

BRASIL

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂ ?, OLIV. PINTO, janeiro 10 (1936).

São Paulo

Ipiranga (cid. de S. Paulo): ♂, LIMA, agosto 9 (1902); ♂ juv., LIMA, maio 29 (1902); sexo?, juv., LIMA, novembro 7 (1898).

---

(1) *Coryphospiza* SHARPE, 1888, Catal. Birds. Brit. Mus., XII, p. 765 (emenda).

Mogí das Cruzes: ♂, JOSÉ LIMA, agosto 21 (1933); sexo ?, JOSÉ LIMA (1933); 1 ♂ e 1 ♀, MARIO LIMA, setembro 28 (1939).
Monte Alegre: 1 ♂ e 1 ♀, JOSÉ LIMA ,julho 25 (1942).

Paraná

Castro: ♀, GARBE, julho (1907).

Gênero **POOSPIZA** Cabanis

Poospiza CABANIS, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, p. 349. Tipo, por designação subsequente de GRAY (1855), *Emberiza nigrorufa* LAFRESNAYE & D'ORBIGNY.

Poospiza thoracica (Nordmann) [XI, 617]

Fringilla thoracica NORDMANN, 1835, em ERMAN, Reise um die Erde, Naturhist. Atlas, p. 10, pl. 4, fig. 1: "Bresilien".
Poospiza thoracica SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 634; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 383.

Distribuição. — Brasil este-meridional: Espírito Santo (serra do Caparaó), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Colonia Alpina, serra do Itatiaia), São Paulo (Campos do Jordão), Paraná (São Domingos, Cara Pintada).

BRASIL

Rio de Janeiro

Campos do Itatiaia: 3 ♀ ♀, H. LÜDERWALDT, abril 29, maio 3 e 5 (1906); 3 sexos ?, H. LÜDERWALDT, abril 29 e maio 7 (1906).

São Paulo

Campos do Jordão: sexo ?, H. LÜDERWALDT, janeiro 10 (1906).

Poospiza melanoleuca (Lafresnaye & d'Orbigny)

Emberiza melanoleuca LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 82: Chiquitos (leste da Bolívia).
Poospiza melanoleuca SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 638.

Distribuição. — Norte da Argentina (Tucumán, Santa Fé, Corrientes, Salta, Jujuy, Córdoba, Chaco, Formosa, Buenos Aires), Uruguay (rio Uruguay, Soriano), Paraguay (Bernalcué, Chaco paraguaio, Bahia Negra, Ybitimy, Puerto Pinasco), leste da Bolívia (Chiquitos, Caiza, Tarija, Santa Cruz, Cochabamba) e região adjacente do extremo sudoeste do Brasil: Mato Grosso (Pão de Assucar).

Poospiza cinerea Bonaparte [XI, 523]

Andorinha do ôco do pau

Poospiza cinerea BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 473: "Brazil" (= Minas Gerais, *teste* HELLMAYR); SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 639; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 383.

Distribuição. — Brasil central: Mato Grosso (Cuiabá. Chapada, Porto Faia), Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas, Vargem Alegre), Goiaz (cidade de Goiaz, rio Tezouras), norte de São Paulo (Rincão, rio Sapucaí, rio das Pedras).

BRASIL

Minas Gerais

Vargem Alegre: sexo ?, J. B. GODOY (1900).

São Paulo

Rincão: 2 ♂♂, LIMA, fevereiro 27 (1901).

Mato Grosso

Porto Faia: ♀, GARBE, novembro (1904).

Faz. Recreio (Coxim): ♀, JOSÉ LIMA, agosto 8 (1937).

Poospiza nigro-rufa nigro-rufa (Lafresnaye & d'Orbigny) [XI, 624]

Quem-te-vestiu

Emberiza nigro-rufa LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., 1, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 81 (com base em AZARA, n. 142): Paraguay (tipo), La Plata e Santa Fé (Argentina).
Poospiza personata[1] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 640; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 383.

Distribuição. — República Argentina (Buenos Aires, Entre Ríos, Tucumán, Córdoba, Santa Fé), Uruguay (Montevideo, Paysandú, Flores, San Vicente, Lazcano, rio Negro), Paraguay (Sapucay, Puerto Bertoni) e extremo sul do Brasil: Rio Grande do Sul (São Lourenço, Taquara, Uruguaiana).

ARGENTINA

Barracas al Sud (B Aires): 2 ♂♂, VENTURI, setembro 10 e 21 (1899); ♀, VENTURI, setembro 8 (1899).

BRASIL

Rio Grande do Sul

Uruguaiana: 1 ♂ e 1 ♀, GARBE, julho (1914).

---

(1) *Pipillo personata* SWAINSON, 1837 (dezembro), Anim. in Menager., p. 311: "Brazil".

Poospiza lateralis lateralis (Nordmann) [XI 629]

Fringilla lateralis NORDMANN (*ex* NATTERER manuscr.), em ERMAN, Reise um die Erde Naturhist. Atlas, p. 10: "Brazil" (pátria típica Rio de Janeiro, sugerida por HELLMAYR)[1].
Poospiza lateralis SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 643; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av. p. 384.

Distribuição. — Brasil médio-oriental: Espírito Santo (serra do Caparaó)[2], Rio de Janeiro (serra de Itatiaia), leste e norte de São Paulo (Campos do Jordão, serra da Bocâina), sudeste de Minas Gerais (Maria da Fé).

BRASIL

Rio de Janeiro.

Campos do Itatiaia: ♂, H. LÜDERWALDT, abril 15 (1906).

Minas Gerais

Maria da Fé (na serra, prox. de Itajubá): ♂, OLIV. PINTO, janeiro 15 (1936); ♀, OLIV. PINTO, janeiro 11 (1936).

São Paulo.

Campos do Jordão: 2 ♂ ♂, H. LÜDERWALDT, janeiro 8 e 21 (1906); 3 ♂ ♂ juvs., H. LÜDERWALDT, novembro 3 (1905) e fevereiro 10 e 23 (1906); ♂ ?, H. LÜDERWALDT, novembro 3 (1905); 5 ♀ ♀, H. LÜDERWALDT, janeiro 16, 21, 25, 26 e 27 (1906); 5 sexos ?, H. LÜDERWALDT, janeiro 24, fevereiro 23 e 24 (1906).

Serra da Bocâina: sexo ?, H. LÜDERWALDT, abril (1924).

Serra de Bananal (alto rio Paca, conf. de Rio e S. Paulo): ♂, OLALLA, agosto 29 (1941); 4 ♀ ♀, OLALLA, agosto 25 e 26 (1941); 3 sexos ?, OLALLA, agosto 26, 28 e 29 (1941); ♀, E. DENTE, agosto 24 (1941).

Poospiza lateralis cabanisi Bonaparte [XI 629]

Poospiza cabanisi BONAPARTE, 1850, Consp. Gen. Av., I, p. 473: "Paraguay" (= Misiones, *teste* HELLMAYR)[3]; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 384.
Poospiza assimilis[4] SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 644.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Misiones, Entre Rios, Buenos Aires), Uruguay (Concepción, San Vicente, Laz-

(1) Cf. Catal. Birds of Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII), parte XI, p. 629 (1938).

(2) Cf. PEDRO P. PEIXOTO VELHO, Bol. Mus. Nacional do Rio de Janeiro, I, p. 25 (1923).

(3) Cf. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XX, p. 238 (1913) e Cat. Bds. Amers., XI, p. 629, nota 4. O tipo foi colecionado em Misiones por AIMÉ BOMPLAND, conhecido botânico, companheiro de A. HUMBOLDT.

(4) *Poospiza assimilis* CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 137: "Südliches Brasilien. Paraguay".

cano, rio Negro), Paraguay (Villa Rica), sudeste do Brasil: sul de São Paulo (Itararé), Paraná (Castro, Fazenda Firmiano, Vera Guaraní, Curitiba, serra do Mar, Roça Nova), Santa Catarina, Rio Grande do Sul (São Lourenço, Nova Hamburgo, Taquara, Pedras Brancas).

BRASIL

São Paulo

Itararé: 2 ♂♂, GARBE, junho e agosto (1903); 2 ♀♀, GARBE, junho (1903).

Paraná

Castro: 3 ♂♂, GARBE, maio (1907) e maio (1914).

Rio Grande do Sul

Nova Hamburgo: ♂, A. SCHWARTZ, maio 30 (1898); ♀, A. SCHWARTZ, junho 1 (1898).

Nova Wurttemberg: ♀, GARBE, fevereiro (1915).

Gênero EMBERNAGRA Lesson

Embernagra LESSON, 1831, Traité d'Orn., p. 465. Tipo, por monotipia, *Tanagra dumetorum* LESSON (= *Emberiza platensis* GMELIN).

Embernagra platensis platensis (Gmelin) [XI, 633]

Perdizinha do campo (Itatiaia), *Sabiá do banhado* (Rio Grande do Sul).

Emberiza platensis GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 886 (com base em "L'Embérize à cinq couleurs" MONTBEILLARD, em BUFFON Hist. Nat. Ois., IV, p. 364): Buenos Aires.

Embernagra platensis SHARPE, 1888, Catal. Bds. Brit. Mus., XII, p. 758; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Av., p. 385.

Distribuição. — República Argentina (Chaco, Formosa, Entre Rios, Corrientes, Buenos Aires, Santa Fé, Patagônia), Uruguay (Montevideo, Paysandú, Maldonado, Flores, San José, Lazcano, rio Negro, Santa Elena), Paraguay (Sapucay, Villa Rica, Bernalcué, Encarnacion, Mondaĩn), Brasil este-meridional: Minas Gerais (Campanha, Vargem Alegre, São José da Lagoa)[1], Rio de Janeiro (serra do Itatiaia), Paraná (Curiti-

(1) Em Minas Gerais presume-se ficar a pátria de *Tanagra dumetorum* LESSON (Traité d'Orn, 1831, p. 465), cujos tipos, ao que se pensa, colecionados e remetidos ao Museu de Paris por AUGUSTE DE ST. HILAIRE (1818), algo diferem dos exemplares topotípicos de *E. platensis*. Veja-se a este respeito C. E. HELLMAYR, Catal. Birds of the Americas, XI, p. 636, nota 2 (1938).

ba, São Luiz, Postinho). Santa Catarina (Porto União), Rio Grande do Sul (Mundo Novo, Taquara, São Lourenço, Camaquam).

ARGENTINA
Salta: ♀, perm. Museo de La Plata, agosto 9 (1896).
Buenos Aires: ♀, VENTURI, julho 29 (1898).
Barracas al Sud: ♀, VENTURI, setembro 5 (1899).
Esperanza: ♀ (compr. de ROLLE, 1900).
Sta. Ana (Misiones): ♂, F. M. RODRIGUEZ, maio 6 (1918).

BRASIL
Minas Gerais
Vargem Alegre: sexo ?. J. B. GODOY (1900).
Faz. Boa Esperança (na serra, ao norte de S. José da Lagoa): ♂, OLALLA, outubro 4 (1940); ♀, OLALLA, setembro 29 (1940).
Paraná
Castro: 2 ♂ ♂. GARBE, maio (1907).
Rio Grande do Sul
Itaquí: 3 ♂ ♂ e 1 ♂, GARBE, agosto (1914).

CATÁLOGO DAS AVES DO BRASIL

POR

OLIVÉRIO M. O. PINTO

2.ª PARTE

ÍNDICES

ÍNDICE[1]

A

(1) Aparecem em grifo todos os números correspondentes a nomes não alistados no Catálogo.

I

M

N

Q

R

V

W

X

Y

Z

ÍNDICE

DOS

NOME VULGARES

G

I

J

L

M